

**O CONTO
TRADICIONAL
PORTUGUÊS
NO SÉC. XXI:**

**VERSÕES RECOLHIDAS
POR ESTUDANTES DA
UNIVERSIDADE DO ALGARVE**



O CONTO TRADICIONAL PORTUGUÊS NO SÉC. XXI:

VERSÕES RECOLHIDAS POR ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Esta obra foi submetida a um processo de avaliação por pares.

© 2019, IELT – NOVA FCSH

IELT – Instituto de Estudos de Literatura e Tradição

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade NOVA de Lisboa

Diretora da
Coleção Editar a Memória Teresa Araújo

Título **O Conto Tradicional Português no Séc. XXI:
versões recolhidas por estudantes da Universidade do Algarve**

© Autores J. J. Dias Marques, coordenação da recolha e prefácio
Paulo Jorge Correia, introdução e edição

I.S.B.N.: 978-989-8968-01-2

Paginação ACDPRINT
Design da capa ACDPRINT
Edição outubro de 2019

Coordenação da recolha e prefácio

J. J. Dias Marques

Introdução e edição

Paulo Jorge Correia



IELT

Coleção Editar a Memória

Lisboa

2019

O IELT é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UID/ELT/00657/2013.

Aos contadores de contos tradicionais
e aos coletores que os fizeram sair do anonimato.

Índice geral

PREFÁCIO	15
INTRODUÇÃO	19
Estudo da presente coleção	19
Critérios de edição	30
Catálogos usados na classificação	31
CONTOS DE ANIMAIS	35
1 – A raposa e o sardineiro	35
2 – [O lobo e a raposa]	36
3 – História da zorra matreira	38
4 – A raposa e o mocho	41
5 – A zorra e o cão	42
6 – A raposa e o sapo quando fez sementeira	44
7 – A zorra e o lobo	46
8 – A raposa e o lobo	47
9 – O lobo, a raposa e o carneiro	49
10 – A zorra e a cotovia	50
11 – A raposa e o cão	52
12 – O cão e o osso	53
13 – Conto do cão guloso	53
14 – A raposa, o lobo e o queijo	54
15 – Conto do leão e do cavalo	54
16 – A cegonha, a zorra e o mocho	55
17 – [O corvo e o queijo]	56
18 – O corvo e a raposa	57
19 – [A zorra e o lobo]	58
20 – O conto da raposa e as uvas	59
21 – A história do grou e da raposa	60
22 – A raposa e o grou	60
23 – A cegonha e a raposa	62
24 – A raposa e a cegonha	63
25 – A garça e a raposa	63
26 – Conto do grou e da comadre zorra	64
27 – A cegonha e a raposa	65
28 – A zorra e o grou	66
29 – A comadre pega	67
30 – A cegonha e a raposa	67
31 – A raposa e o galo	68
32 – A raposa Folhasrasquinha e o lobo	69
33 – Conto do leão e do rato	70
34 – História do lobo e da cegonha	70
35 – [O lobo, o corvo e a raposa]	71
36 – Conto da lebre e do lobo	72
37 – O leão e o burro	73
38 – Os dois ratinhos manos	75
39 – Os dois ratos	75
40 – O lobo das três fortunas	76
41 – O lobo mau	78
42 – Cabacinha, cabação	79
43 – A cabacinha	80
44 – Corre, corre, cabacinha	81
45 – A velha e a cabaça	82
46 – História da velhinha e da cabacinha	83
47 – Conto da velhota e da cabacinha	84
48 – A cabacinha	86
49 – A cabacinha	87
50 – Corre, corre cabacinha	88
51 – [A velhinha que vai ao casamento da filha]	89
52 – A velha e o lobo	90
53 – Conto da cabaça	91
54 – A velha da cabaça	92
55 – Conto do lobo e da cabacinha	93
56 – A velha da cabaça	94
57 – O conto da raposa e do lobo	95
58 – O lobo e a velhota	96
59 – A velha na cabaça	97
60 – A cabacinha	98
61 – A ovelha ruça	99
62 – A cabra e os sete cabritinhos	100
63 – Os sete cabritinhos	102
64 – O lobo e a cabrinha	103
65 – Os três porquinhos	105
66 – [Os animais em viagem e os lobos]	105
67 – O burro	108
68 – O lenhador e o lobo	109
69 – O menino, o lobo, a jaula e a raposa	110
70 – [O homem, o sapo e a raposa]	112
71 – A história da cobrinha	113
72 – Porque é que a cobra não tem patas	116
73 – [O texugo, a zorra e o lobo]	116
74 – [A velha do moinho e os animais]	117
75 – Macacos de imitação	118
76 – O lobo e o cão	119
77 – O cão rico e o cão pobre	121
78 – A galinha dos ovos de ouro	123
79 – A galinha dos ovos de ouro	124
80 – A zorra e o grou	125
81 – A tartaruga e a águia	126
82 – A melra e o cartaxo	127
83 – A coruja e a águia	128
84 – O mocho e a coruja	129

85 – A lenda do linguado	130
86 – [O charroco]	130
87 – A história do linguado	131
88 – A lebre e a tartaruga	131
89 – A tartaruga e a lebre	132
90 – A lebre e a tartaruga	133
91 – A lebre e a tartaruga	134
92 – Conto da cigarra e da formiga	134
93 – A cigarra e a formiga	135
94 – A história da cigarra e da formiga	136
95 – O sol, o vento e o velho	137
96 – O vento e o sol	138

CONTOS MARAVILHOSOS

97 – O bicho	141
98 – Os três caçadores	142
99 – Arrasa Montanhas, Mama na Burra e Arranca Pinheiros	144
100 – Os três valentes	149
101 – [O castelo das Pedras Negras]	151
102 – A velha do dente e os dois irmãos	154
103 – A casinha da má hora	156
104 – A Torre da Má Hora	160
105 – Os gémeos, a bruxa, a bicha e a princesa	161
106 – Canta surrão	167
107 – O Barba Azul	169
108 – O Barba Azul	170
109 – A velha e os meninos	171
110 – A velhinha que morreu queimada	173
111 – Os meninos da floresta	174
112 – O conto das filhós	179
113 – O Polegarzinho	180
114 – [Os quatro irmãos e o gigante]	183
115 – [Os três irmãos e o gigante]	190
116 – [João e o gigante]	193
117 – A velhinha e o São Pedro	196
118 – A fava tão grande que chega ao Céu	201
119 – O João e o pé de feijão	202
120 – Vaca, mesa e garrocho	203
121 – São Pedro, Deus e o soldado	207
122 – Como é que uma velha conseguiu prender a Morte	209
123 – [História da tia Miséria]	211
124 – Às portas do Céu	212
125 – Lenda da comadre Morte	213
126 – [O Capuchinho Vermelho]	215
127 – [Os três mensageiros]	216
128 – A curiosidade	217
129 – O príncipe bezerro	218
130 – O príncipe lagarto	221
131 – Os sapatinhos de ferro	227
132 – O príncipe macho	231
133 – O urso enfeitado	235
134 – O homem bêbado que ia ao cemitério falar com os mortos	236
135 – Os três anõesinhos	237
136 – [As irmãs que vão à fonte]	239
137 – O conto da menina que tinha uma vaquinha	241
138 – A Maria Marafada e a Maria Contenta	242
139 – Os dois corcundas de Almodôvar	245
140 – Os três cães	246
141 – História da Gata Borracheira	249
142 – A Gata Borracheira	250
143 – A Gata Borracheira	253
144 – A Gata Borracheira	255
145 – A Boneca de Pau	258
146 – A princesa Pele de Burro	260
147 – A Boneca de Pau	261
148 – O Touro Azul	263
149 – O Toiro Azul	267
150 – Tourinho Azul	272
151 – O Touro Azul	274
152 – Conto da Princesa e do Touro Azul	277
153 – O Touro Azul	279
154 – O Touro Azul	286
155 – O Touro Azul	290
156 – O Verde Ramos	294
157 – “O rapaz”, o rei e São João	299
158 – Os três irmãos	301
159 – O Gato das Botas	304
160 – As três irmãs desaparecidas	306
161 – Sacode-te, borreguinho!	311
162 – A mesa, o burro e o cacete	317
163 – O sol, a lua e o vento	321
164 – [O homem dos coelhos]	323
165 – O irmão com a pila de três palmos e meio	326
166 – A história dos peidos	329
167 – A história do rei	331
168 – O conto da vela	332
169 – O Grão de Milho	333
170 – O Bago de Milho	335
171 – O Bago de Milho	336
172 – O Baguinho de Milho	338
173 – O Bago de Milho	341
174 – O Baguinho de Milho	342
175 – O Bago de Milho	343
176 – O Bago de Milho	344
177 – [As crianças com uma estrela de ouro na testa]	347
178 – A história dos três meninos com estrelinha de ouro na testa	349
179 – História da Branca de Neve	356
180 – Conto do galarinho	359
181 – Anedota de pescadores	360
182 – [A promessa do pescador]	361
183 – A história dos dois irmãos	362
184 – O conto das laranjas	362
185 – O ramo de laranjas	364
186 – A mãe má	365
187 – A madrasta	367
188 – [Os filhos que vão buscar petróleo e azeite]	368
189 – As laranjinhas	370
190 – As três laranjas	371
191 – Os três machados	373
192 – Os três machados	373
193 – [O chão que me confunda!]	375
194 – As bruxas que iam ao Brasil	376

CONTOS RELIGIOSOS

195 – [Nossa Senhora pedindo agasalho]	379
196 – Lenda do linguado	380
197 – A maldição dos tremoços	381
198 – Lenda dos tremoços e das arvelas	381
199 – Porque é que as mulas não têm filhos	382
200 – O homem na Lua	382
201 – Lenda das manchas da Lua	383
202 – A lenda da Lua	384
203 – Porque não se deve trabalhar ao Domingo	385
204 – O sapateiro pobre	385
205 – Conto do rico e do pobre	387
206 – [Deus e São Pedro]	388
207 – Nosso Senhor	388
208 – Alma boa e alma má	389
209 – O roubo do borrego	390
210 – Jesus e a vaca	391
211 – Conto dos três irmãos	392
212 – Nosso Senhor e São Pedro	393
213 – O rapaz e a árvore	393
214 – O Divino Mestre, São Pedro e a fonte	394
215 – O Divino Mestre e o São Pedro	395
216 – A procissão das almas	396
217 – Conto do rei cego	396

CONTOS REALISTAS (NOVELESCOS)

240 – O esperto e o parvo	431
241 – História do homem poderoso e do maluco	432
242 – [Os três irmãos e a princesa]	433
243 – [Os três pretendentes e a princesa]	435
244 – [Os dois irmãos]	437
245 – “Não senhor!”	439
246 – [O cabreiro e a princesa]	440
247 – “Ais” e “Uis”	441
248 – O rei	442
249 – [A aposta desonesta]	444
250 – A menina das laranjas	446
251 – A menina que queria ser capitão	449
252 – A fava e o gorgulho	451
253 – [O bago de romã]	454
254 – [“Mandas tu ou mando eu?”]	456
255 – A filha boa e a filha má	457
256 – Quem manda é o homem	459
257 – Os três conselhos	461
258 – [O lavrador moribundo]	463
259 – O artesão Manuel	464
260 – A parábola dos sete vimes	464
261 – [A madrasta]	466
262 – A enteada, a madrasta e a filha da madrasta	468
263 – [As duas irmãs]	469
264 – [A criança e a panela]	470
265 – O trabalhador que punha o dinheiro a juros	471
266 – A história do Pedro	471
267 – O rei e os três conselheiros	474
268 – [Os conselheiros do rei]	475

218 – Conto da gaita	403
219 – O figo da figueira	404
220 – O príncipe com orelhas de burro	406
221 – Milagres	408
222 – [São Pedro e São Salvador]	409
223 – [À porta do Céu]	411
224 – [O alentejano que rezava à noite]	412
225 – [Os dois compadres e o juiz]	413
226 – [O rei dos Orientes e sua mãe]	413
227 – A lenda do vinho	416
228 – Deus e os animais	416
229 – Os três filhos: o bom, o mau e o ruim	418
230 – Deus também andou pedindo	420
231 – Se Deus quisesse	421
232 – Lenda de Monte de Trigo	422
233 – O Pedro Cem	423
234 – O pão envenenado	424
235 – “Quem mal faz para si o faz, quem bem faz para si o faz”	424
236 – [Aqui pico, nesta pedra, pico]	426
237 – Proibição de beber vinho	427
238 – [A carta para Deus]	428
239 – O rei infeliz	429

269 – O rei e a brasa	477
270 – Frei João sem Cuidados	478
271 – Frei João sem Cuidados	479
272 – Frei João	480
273 – Carne de cabra salgada	481
274 – A comida e o sal	482
275 – A menina do vestido azul	484
276 – A pateira	486
277 – Conto do sabor a sal	488
278 – [O rei e as duas filhas]	490
279 – O pai que queria saber como é que as filhas gostavam dele	492
280 – A Maria dos patos	494
281 – As mulheres que queriam cortar o bebé ao meio	496
282 – O rei Salomão	497
283 – [Os dois alentejanos e a herança]	497
284 – O filho pródigo	498
285 – O Filho Pródigo	500
286 – O pai que mata o filho por ambição	501
287 – A mão de finados	502
288 – [A mulher e o ladrão]	504
289 – A esperteza da velha	504
290 – A esperteza de uma velha	505
291 – João, o rachador de lenha	506
292 – O cão Piloto	509
293 – Filho és, pai serás	511
294 – Lenda dos idosos	512
295 – Levar o pai ao monte	513

CONTOS DO GIGANTE (DIABO) ESTÚPIDO

296 – O amo e os criados	515
297 – Os porcos	517
298 – O empregado e os porcos	518
299 – [Os porcos enterrados]	519
300 – Os dois pastores	521

CONTOS JOCOSOS

305 – [O banho do gatinho]	529
306 – As papas	529
307 – O velho, o menino e o burro	531
308 – A estória do velho do rapaz e do burro	532
309 – O rapaz, o velho e o burro	533
310 – O rapaz, o velho e o burro	533
311 – O velho, o rapaz e o burro	534
312 – Pai, filho e burro	535
313 – O velhinho, o burrinho e o moço pequeno	536
314 – Contentar o mundo	537
315 – [A promessa da mãe do pescador]	538
316 – Um casal de velhotes	538
317 – [A torre de Corte Gafo]	539
318 – O velho que atira figos ao cu do burro	540
319 – O algarvio	540
320 – Deus e o São Pedro	541
321 – Pau no cu do burro	542
322 – O homem e o burro	543
323 – [Um algarvio de passagem pelo Alentejo]	543
324 – [O pastor das ovelhas]	544
325 – [O lisboeta e o alentejano]	545
326 – O alentejano e o algarvio	546
327 – [O lisboeta que vinha para o Algarve]	547
328 – Os lisboetas e o pastor	547
329 – A igreja	548
330 – O homem que mentia	550
331 – O Pedro e o lobo	550
332 – O menino mentiroso	551
333 – O Pedro e o lobo	552
334 – O menino mentiroso	552
335 – O rapaz e o lobo	553
336 – [Os dois bêbados e a lua]	554
337 – [Os alentejanos e o poço]	554
338 – [O espelho]	555
339 – O tio Romanito	556
340 – Marcelo Caetano	557
341 – O velório	557
342 – O bêbado	558
343 – [O bêbado vê passar um funeral]	559
344 – [O pescador e Santo António]	559
345 – [A aposta do criado]	560
346 – [O pescador finge-se morto]	562
347 – Os dois velhotes	562
348 – A galinha depenada	564
349 – [O emigrante e sua mulher]	564
350 – [A mulher e o amigo]	565
351 – [O pescador, sua mulher e o amante dela]	566
352 – [O compadre escondido]	566
353 – O enganado	567
354 – [As chilras-bilras]	568
355 – [A gravidez]	570

301 – O gigante e o anão	522
302 – O cigano e o burro	524
303 – O cu do burro	525
304 – O senhor da carroça e a gasolina	526

356 – Março, Mamarço, mês de Março	571
357 – A mulher teimosa	571
358 – A mulher teimosa	572
359 – A história da açorda	574
360 – Os velhotes e os ovos	575
361 – O rapaz, a rapariga e o gatinho do lacinho vermelho	575
362 – O casal pobre	576
363 – [As quatro bonecas]	577
364 – O homem <i>escarafunçado</i>	579
365 – Os enganos do padre	580
366 – História das filhoses	581
367 – [O casal]	584
368 – A história do frade	585
369 – O gorro	586
370 – [A mulher, o corno e o amante]	587
371 – [O corno no buraco]	588
372 – Almas do outro mundo	589
373 – [O homem da concertina]	590
374 – [O casamento]	591
375 – A passarinha desarranjada	592
376 – Nosso Senhor e São Pedro	593
377 – Anedota da mulher e do padre	594
378 – Domingos e o compadre prior	595
379 – O pastor Domingos Ovelha	596
380 – Anedota do Manelito	597
381 – A quatela	598
382 – [O porquinho]	599
383 – [O relógio de Aguiar]	599
384 – Lenda do relógio	600
385 – História de Olhão	601
386 – A história do Padre Cruz	602
387 – [A maldição do pedinte]	603
388 – [O gato preto na barriga]	604
389 – História da gatinha preta	605
390 – [O travesseiro]	606
391 – As três loucas	607
392 – [Golo]	608
393 – Da bolota até à castanha	608
394 – A mulher que dá traques	609
395 – [As três raparigas gagas]	610
396 – As irmãs bitatas	610
397 – [O padre e a “sobrinha”]	611
398 – [A mulher e o pedido a Santo António]	612
399 – [Santo António com o Menino Jesus]	613
400 – São feijões!	613
401 – [O rapaz duvidoso e a lua-de-mel]	614
402 – A tampa da menina	615
403 – A menina do figo	616
404 – A rapariga do baile e o figo	617
405 – A velhinha	618

406 – O aprendiz de malandro	619
407 – Anedota do pai e filho médicos	620
408 – [Bocage, os miúdos e o pássaro]	621
409 – O Bocage e o canário	622
410 – Bocage e o canário	623
411 – Três rapazes estudantes	624
412 – [Os ladrões e o porco roubado]	625
413 – O moço dos frangos	627
414 – O segredo dito ao burro	628
415 – O popular e o burro	629
416 – O alentejano e o lisboeta	630
417 – A porca	631
418 – A história da marrã	632
419 – [O porco para o Sr. Maio]	636
420 – O Pedro e o gigante	636
421 – O criado Pedro	639
422 – A história do Pedro	642
423 – [O soldado e a "honra" da rapariga]	645
424 – Sopa de pedra	646
425 – Lenda do caldo de pedra	648
426 – Lenda sobre a sopa de pedra	649
427 – Sopa de pedra	650
428 – [A aposta do Bocage]	651
429 – Histórias do Bocage	652
430 – [O Bocage no casamento]	652
431 – O Descalço de Ferreira do Alentejo	653
432 – Bocage e a sopa de feijão	654
433 – O cego e o moço	655
434 – Pão com linguça	656
435 – O barril	656
436 – [Os soldados]	657
437 – [Os rapazes e a velha]	658
438 – [Os engenheiros com fome]	659
439 – Conto das batatas burrifó	661
440 – O caçador e a velha	662
441 – O soldado e a caneca partida	664
442 – O fidalgo e a caneca	664
443 – O homem que pensava	665
444 – O rapaz das vinte ovelhas	666
445 – Quantas ovelhas guardava o pastor?	666
446 – O sábio e o barqueiro	667
447 – O sábio e o barqueiro	668
448 – A roupa nova do rei	669
449 – O rei vai nu	671
450 – [Os dois pedintes]	671
451 – Os estudantes e o velho	672
452 – [Os três caçadores e o juiz]	674
453 – O estudante cábula	674
454 – O adivinhão	675
455 – Na ponte de Santarém está o teu bem	677
456 – [O tesouro debaixo da pedra do chibato preto]	678
457 – Lenda da Cabeça de Cabra	680
458 – A Laje da Fidalga	681
459 – Os três irmãos e os ladrões	682
460 – [O tolo e os ladrões]	683
461 – Os três irmãos	686
462 – O galo, o porco e a vaca	688
463 – Pedro malas-artes	690
464 – História dos três irmãos	691

465 – Anedota das ceroulas	692
466 – O casamento da merda	693
467 – A noite de núpcias	695
468 – [O miúdo vai ao talho]	696
469 – [Os dois ladrões]	697
470 – [Os ciganos, as azeitonas e as melancias]	698
471 – O compadre rico e o compadre pobre	699
472 – O João Pateta	700
473 – [O rapaz tonto]	702
474 – A história do Joãozinho	705
475 – O caçador de Lisboa e o pastor alentejano	708
476 – [O caçador e a lebre]	709
477 – O velhote alentejano que andava a lavar	710
478 – [O bêbado e os carapaus]	711
479 – [O peixeiro bêbado]	712
480 – [Os olhos do carapau]	712
481 – Anedota do Bocage	713
482 – [O rapaz que estudava em Lisboa]	713
483 – [A doença da mulher]	714
484 – Como é que se chama o cu do teu pai?	715
485 – [O pai, o filho e a avó]	716
486 – [Os pretendentes da menina Maria]	717
487 – Anedota do preto	719
488 – A cardadeira portuguesa	721
489 – [O padre e a sua comadre]	722
490 – [O sapateiro, a mulher e o padre]	722
491 – [O padre serrazola]	723
492 – [A gravidez do padre]	724
493 – Os fantasmas da horta	725
494 – As perdizes	726
495 – A velha e a panela das papas	727
496 – A história das papas	728
497 – O conto das papas	730
498 – [Os dois soldados]	731
499 – [O padre que queria fazer serão]	732
500 – [Aqui não se ouve nada!]	735
501 – O padre e o sacristão	735
502 – [O padre malandreco]	736
503 – O padre e o sacristão	737
504 – [A disputa entre o padre e o sacristão]	738
505 – [Confessando os pecados a um anjo]	739
506 – [Os dois garotos no cemitério]	740
507 – Santinho di pau	741
508 – O padre e o aldeão	742
509 – A comediante no confessionário	743
510 – [Escorregar a caminho da fonte]	744
511 – [As escorregadelas a caminho da fonte]	745
512 – [As escorregadelas das paroquianas]	746
513 – [Cristo, São Pedro e São João]	747
514 – [As três freiras]	748
515 – [O santo feito de pau de laranjeira]	749
516 – O pastor pateta	750
517 – [Os ciganos e o padre]	750
518 – A aposta	751
519 – [O guarda e o polícia]	752
520 – [O miúdo que brincava]	752
521 – Bocage em Lisboa	753
522 – O garoto a fazer um polícia	754
523 – [Meus irmãos!]	755
524 – História da avó e da neta	756

525 – O padre e o doido	757
526 – [O amarelejense e a bicicleta]	757
527 – A velhinha	758
528 – História do calceteiro e do doutor	759
529 – [O veterinário e a vaca]	760
530 – [Dois malucos no Júlio de Matos]	760
531 – O avô e as perdizes	761
532 – "Mentiras"	762

533 – Os pescadores aldrabões	764
534 – "Ai, Morte, Mortel!"	765
535 – "Já morreste, Ainda Bem!"	766
536 – Os dois cabreiros no Alentejo	766
537 – [Os três alentejanos]	767
538 – [O maior pai do mundo]	767
539 – O cogumelo	768
540 – A couve e a panela	769

CONTOS FORMULÍSTICOS

541 – [À uma eu nasci]	771
542 – À uma eu nasci	772
543 – À uma eu nasci	772
544 – As horas	773
545 – À uma eu nasci	774
546 – À uma eu nasci	774
547 – À uma eu nasci	775
548 – Da uma às doze	775
549 – À uma eu nasci	776
550 – Era uma vez um gato maltês	777
551 – Era uma vez uma galinha perchês e um galo francês	777
552 – O homem que não era	777
553 – [Era um homem que não era]	778
554 – Era e não era	779
555 – Era não era	780
556 – Era uma vez o que não era	781
557 – História ao contrário	782
558 – O coelhinho branco	783
559 – História de um coelhinho branco	784
560 – Conto da velhota e da cabra cabriola	785
561 – O coelhinho branco	787
562 – As bodas na capoeira	790
563 – História da Carochinha	791
564 – História da carochinha	792
565 – A carochinha	794
566 – [A carochinha]	795
567 – A carochinha	796
568 – História da carochinha e do João Ratão	798
569 – [A carochinha]	799
570 – [O cuco e as couves]	800
571 – [O cuco que não gostava de couves]	803
572 – O cuco que não gostava de couves	804
573 – O cuco	806
574 – A canção do cuco	808

ÍNDICE DE TIPOS

861

ÍNDICE DE VERSÕES POR LOCALIDADE

871

ÍNDICE DE INFORMANTES POR LOCAL DE RECOLHA

875



Prefácio

J. J. Dias Marques

Esta obra é constituída pelos contos que fazem parte da coleção de textos orais provenientes dos trabalhos de campo realizados por alunos meus na disciplina de Literatura Oral,¹ que, desde 2003, tenho lecionado na Universidade do Algarve.

Tal coleção continua a que, a partir de 1995, foi sendo formada por alunos de Isabel Cardigos, docente que me antecedeu na leção daquela disciplina. O conjunto das duas coleções compreende cerca de 50.000 versões, dos contos aos provérbios, passando pelas lendas, o cancionero, as rimas infantis, as adivinhas, etc. A maior parte das recolhas procede do distrito de Faro, mas existem textos de quase todo o território nacional e mesmo de alguns países estrangeiros.²

¹ Esta disciplina tem tido vários nomes, consoante os cursos a que pertence(u): Literatura Oral, Cultura de Tradição Oral I e II, Literatura Oral e Tradicional, Cultura Tradicional e Ciclo das Artes – Literatura. No entanto, o seu objeto tem sido sempre o mesmo: estudar os diferentes géneros de textos literários transmitidos oralmente. Fez parte dos cursos de licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas, Ciências da Educação e da Formação, Enfermagem e Ciências do Desporto e dos cursos de mestrado em Promoção e Mediação da Leitura e em Patrimónios Oraís. Atualmente, existe no curso de licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas, onde tem o nome de Literatura Oral.

² Entre estes, temos o Brasil e, com números menores, Espanha, Polónia, Moldávia, Ucrânia, Guiné Bissau e República Dominicana.

Este acervo está depositado no Centro de Estudos Ataíde Oliveira (Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade do Algarve) e de todos os seus textos existem gravações áudio (em cassetes, e, mais tarde, em CDs e *pens*) e as respetivas transcrições (em papel e, a partir de 2003, também em suporte informático). Na sua imensa maioria, estas recolhas estão inéditas.

Nas minhas aulas, tento fazer uma panorâmica de todos os géneros da literatura oral, e, portanto, nunca me centrei apenas, nem sobretudo, nos contos. Mas sempre lhes dediquei uma unidade didática e incentivei os alunos a que, no trabalho de recolha que deveriam efetuar para a disciplina, tentassem gravar versões de contos.

O meu interesse pessoal de estudioso e de coletor de literatura oral foi, durante mais de 20 anos, apenas o romanceiro, a que, há uns 15, se veio juntar também o interesse pelas lendas. Mas foi pelo conto que começou a minha história de amor com a literatura oral.

Na verdade, durante a infância, gostava muito de ouvir alguns contos que a minha mãe me contava e que ela, embora lisboeta, tinha aprendido com a avó, natural de uma aldeia do concelho de Alvaiázere (distrito de Leiria), que tinha ido para a capital em finais do séc. XIX. Seduziam-me aqueles contos, que eu próprio, na época, já sabia quase de cor, mas que (como costuma acontecer com as crianças) repetidamente pedia à minha mãe para me contar, pelo prazer de os ouvir.

Mais tarde, teria eu uns 12 anos, recebi como presente dos meus padrinhos uma antologia de contos tradicionais portugueses, e foi com alguma surpresa que, nalguns deles, reconheci versões daqueles que a minha mãe me contara.

Mas foi por volta dos 16 anos que fiquei definitivamente fascinado pelos contos. Na época (1972), só existiam dois canais de televisão e, na RTP 1, num dia da semana (apenas num) o serão, depois do Telejornal, era dedicado à transmissão de um filme. Por vezes, antes do filme, um comentador vinha dizer algumas palavras sobre ele. Um dia, passaram *A Bela e o Monstro*, de Cocteau, e o comentador explicou que aquele filme era feito com base num conto tradicional francês. Ao ver o filme, percebi que determinadas partes da história eram idênticas a um conto que eu tinha lido na antologia que acima referi, conto que, até aí, estava convencido

de ser exclusivo da tradição oral portuguesa. Aquele momento foi uma janela que se abriu, mostrando-me um horizonte que nunca antes tinha imaginado: a universalidade da tradição oral. E, em última análise, talvez tenha sido aí que começou a germinar a decisão, que mais tarde tomei, de me dedicar ao estudo e ao ensino da literatura oral.

Fechando o círculo, voltemos às versões de contos recolhidas por alunos meus que se reúnem nesta obra. Tais versões, assim como as anteriormente gravadas por alunos de Isabel Cardigos, embora inéditas, tinham sido integradas (ao lado das numerosas versões impressas desde o séc. XIX) no Arquivo de Contos da Tradição Oral Portuguesa (existente no Centro de Estudos Ataíde Oliveira), que serviu de base ao *Catalogue of Portuguese Folktales*³ e, depois, à sua versão muito aumentada, o monumental *Catálogo dos Contos Tradicionais Portugueses*.⁴

No vol. 2 desta última obra, publicaram-se algumas das versões inéditas recolhidas por alunos da Universidade do Algarve existentes no Arquivo, mas a grande maioria de tal acervo continuava inédita, nomeadamente todas as recolhidas depois de 2003.

É, pois, de saudar com alegria a publicação da presente obra, organizada por Paulo Jorge Correia, em que se reúnem 608 das versões recolhidas desde 2003, que ele diligentemente classificou e para que escreveu um muito útil estudo preliminar, tendo também revisto, com base nas gravações, a transcrição dos textos anteriormente feita pelos alunos coletores.

Trata-se, sem dúvida, de uma importante coletânea, que muito vem contribuir para o conhecimento da tradição oral portuguesa e deverá ser necessariamente tomada em conta no estudo dos contos tradicionais, a nível nacional e internacional.

³ Isabel Cardigos, com a colaboração de Paulo Correia e J. J. Dias Marques, *Catalogue of Portuguese Folktales*, "Folklore Fellows Communications", n.º 291, Helsínquia, Suomalainen Tiedeakatemia – Academia Scientiarum Fennica, 2006.

⁴ Isabel David Cardigos e Paulo Jorge Correia, *Catálogo dos Contos Tradicionais Portugueses (com as versões análogas dos países lusófonos)*, Faro / Porto, Centro de Estudos Ataíde Oliveira / Edições Afrontamento, 2 vols., 2015.



Introdução

Paulo Jorge Correia

Estudo da presente coleção

Esta obra é uma coleção de contos inéditos, transcritos a partir de recolhas gravadas em formato áudio ou vídeo. Estas recolhas, depositadas no Centro de Estudos Ataíde Oliveira (CEAO) da Universidade do Algarve, foram feitas em contexto letivo pelos alunos desta Universidade entre 2003 e 2017. Os textos aqui presentes foram selecionados, classificados, transcritos e formatados com vista a formarem um *corpus* relevante como património imaterial no campo da narrativa tradicional em prosa, dentro da categoria Conto. Critérios cientificamente válidos foram usados na triagem⁵ dos materiais até chegarmos ao presente corpus, composto por 608 versões⁶. Destas, 462 são narrativas contadas por mulheres, ou seja, 76% do total. Uma outra característica que salta à vista é a proveniência dos textos: 82% das versões provêm do Algarve e Baixo Alentejo. Tal facto deriva de este acervo ter sido construído a partir da Universidade do Algarve, o que explica o raio de ação das recolhas. No entanto, com a exceção dos distritos de Viana do Castelo, Vila Real, Guarda e Aveiro, todo o país está representado (ver gráfico 1).

⁵ Ficaram de fora versões consideradas não tradicionais, incipientes, confusas e /ou não classificáveis.

⁶ Entende-se por **versão** uma narrativa individualizada, contada por uma pessoa, mas pertencente a um determinado conto-tipo.



GRÁFICO 1

Estas versões agrupam-se pelos sete subgéneros do conto tradicional⁷, de acordo com as suas características temáticas, estilísticas e formais (ver gráfico 2).

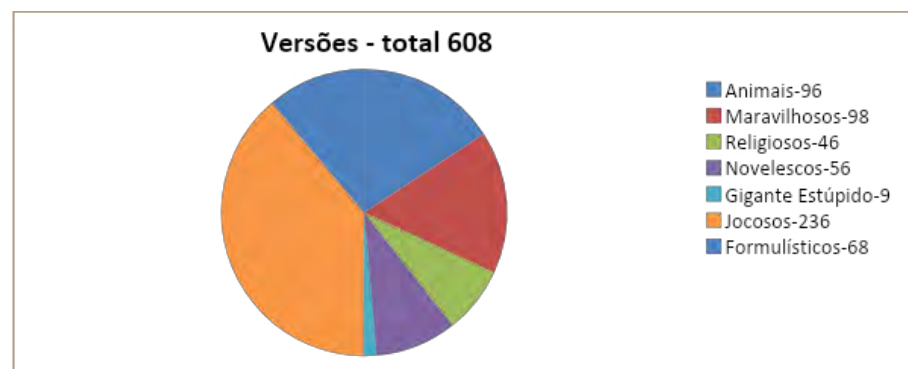


GRÁFICO 2

⁷ Entende-se por **género** etnopoético uma categoria tipificada com características estilísticas e morfológicas próprias que se diferenciam de outros géneros dentro do sistema taxonómico folclórico. Assim o género conto diferencia-se do género lenda e também do género romanceiro, isto para mencionar só os géneros etnopoéticos narrativos. Assim sendo, os **subgéneros** são subdivisões de cada um dos géneros em categorias mais específicas. Dentro do género conto, temos os contos de animais, contos maravilhosos, contos religiosos, etc.

Para além desta primeira separação por subgéneros, utilizou-se uma classificação mais precisa, que identifica as narrativas tradicionais por contos-tipo⁸. Esta tipologia provém do sistema conhecido como ATU (Aarne-Thompson-Uther), criado em 1910, na Finlândia por Antti Aarne, desenvolvido pelo americano Stith Thompson e mais recentemente revisto e expandido pelo alemão Hans-Jörg Uther⁹. Este sistema é unanimemente usado pelos especialistas do conto tradicional ao nível internacional e permite fazer pontes entre narrativas providas de diversas áreas etnolinguísticas e culturais, permitindo comparar facilmente as versões classificadas com o mesmo tipo. Esta classificação é alfanumérica e abrange todos os subgéneros numa numeração que vai do 1 ao 2400. No presente *corpus* de versões encontramos 327 tipos diferentes. O gráfico 3 dá-nos uma noção da proporção e quantidade de tipos que cada subgénero tem.

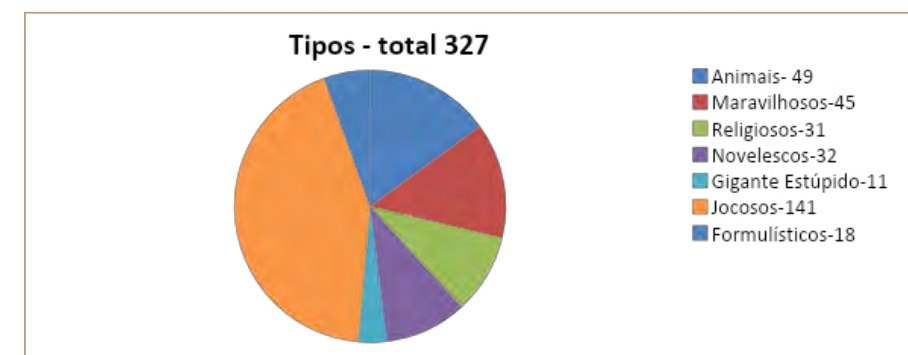


GRÁFICO 3

⁸ Entende-se por **conto-tipo** uma narrativa abstrata identificada num conjunto de versões semelhantes entre si.

⁹ A criação deste sistema de classificação do conto de tradição oral europeu, que, entretanto, foi progressivamente sendo expandido à escala universal, é considerado hoje o *vade mecum* deste género etnopoético, permitindo aos especialistas – independentemente da língua ou cultura em que mergulham as várias versões de contos ao longo do globo – identificar estruturas narrativas estáveis que são comuns. Este sistema de classificação foi criado como uma ferramenta ao serviço da Escola Histórico-Geográfica, uma corrente teórica desenvolvida por académicos nórdicos na Finlândia dos princípios do século XX (baseada nas correntes da antropologia difusionista alemã) e que pretendiam como fim último estabelecer a origem e difusão de cada um dos contos de tradição oral. Foram assim feitas muitas monografias dedicadas a contos específicos.

Muito embora aceite universalmente pelos especialistas como uma ferramenta imprescindível, o sistema ATU não é perfeito nem tampouco completo, antes sendo um *work in progress*. O antigo catálogo internacional AT, de 1961, é um instrumento em sintonia com as coleções de contos do norte da Europa e mostra um grande desconhecimento da tradição oral do sul europeu. Por exemplo, o nosso país só tinha 2 tipos identificados¹⁰. Com a revisão levada a cabo por Uther e sua equipa da *Enzyklopaedie des Märchens*, em Göttingen, o panorama mudou. O gráfico 4 dá-nos uma imagem clara da adequação deste catálogo à realidade portuguesa: 82% dos tipos identificados no presente *corpus* narrativo são classificáveis com tipos provenientes do catálogo ATU. Mas tal não implica que não continuem a subsistir lacunas tipológicas no catálogo internacional, que incidem de forma muito mais aguda nas áreas culturais ditas “laterais”, como é o caso de Portugal. De forma a remediar este problema, vimo-nos forçados a utilizar outros catálogos¹¹, regionais, bem como resgatar alguns tipos do antigo catálogo AT que foram descontinuados em ATU. O gráfico 4 dá-nos conta da proporção e do volume dos tipos provenientes de todos os catálogos por nós utilizados. É preciso notar que os catálogos *não* ATU representam 18% dos tipos, não sendo por isso despiciendo. Um olhar mais atento nota que a maioria provém da área cultural hispânica (6 catálogos), sendo que o resto pertence ao mundo judeu (2 catálogos), francês (1 catálogo) e persiano-iraniano (1 catálogo). Analisemos as proveniências dos tipos começando pelo mundo hispânico. Quatro deles (Boggs, Ca-Ch, Noia e González) são catálogos feitos para identificar os tipos do país vizinho, a Espanha, sendo uns mais gerais, outros mais regionais. Dois deles (Hansen e Robe) foram feitos para identificar os tipos existentes na tradição espanhola presente na América do Sul, Central e na parte da América do Norte de tradição hispânica (México e Novo México). Já os catálogos dedicados à tradição narrativa judaica provêm essencialmente da diáspora sefardita, sendo um deles (Haboucha) específico para este ramo do judaísmo proveniente da Península Ibérica. O facto de termos encontrado nestes catálogos regionais hispânicos tipos adequados para catalogar certos contos portugueses mostra bem a que ponto a nossa tradição oral está integrada naquela área cultural.

¹⁰ AT 471, Pedroso, *Revue Hispanique* XVI, 148; AT 884A, F.C. Pires de Lima, *A mulher vestida de homem*.

¹¹ Todos os catálogos utilizados são listados bibliograficamente abaixo.

Também adotamos classificações extraídas do catálogo Car-Co¹², obra que propõe alguns tipos até então só identificados em Portugal, sendo por isso considerados ecotipos. Desse catálogo utilizámos 17 ecotipos.

Por último, extraímos do catálogo dos contos persas (Marzolph) a classificação para um conto da presente coleção, conto esse que é por ventura o mais popular da nossa tradição oral: *A velha e a cabaça*. O insólito é que a popularidade deste conto (que se conta em centenas de versões conhecidas) é diretamente proporcional ao seu desconhecimento fora do mundo lusófono. Com uma exceção: o Irão de língua persa, o que adensa ainda mais o mistério. Que estranhas circunstâncias permitiram a difusão e aclimação desta história entre nós?

¹² Este catálogo é o produto de uma longa caminhada começada em 1997 na Universidade do Algarve. Inicialmente, foi criado um arquivo em papel e uma base de dados informática que deram origem a um primeiro esboço do catálogo português. Esta primeira fase, enquadrada por dois projetos de três anos financiados pela JNICT/FCT e, em menor parte, pela Fundação Gulbenkian, desembocou na edição inglesa da obra, o *Catalogue of Portuguese Folktales*, editado em 2006. Esta fase foi protagonizada por uma equipa-base constituída por Isabel Cardigos, como coordenadora dos projetos, e Paulo Correia, como bolsista de investigação. Esta dupla foi auxiliada pontualmente em tarefas morosas, como as de transcrição de versões, por alunos da Universidade do Algarve. Contámos também com colegas na descoberta de bibliografia (por exemplo J. J. Dias Marques) ou na cedência de gravações de terreno inéditas (por exemplo António Fontinha).

A segunda fase, cujo resultado são os dois volumes do *Catálogo dos Contos Tradicionais Portugueses* (2015), foi feita praticamente sem financiamento. Neste período de cerca de dez anos (2005-2015) o trabalho feito para a versão inglesa foi vertido em português, corrigido e expandido em duas vertentes: a dos contos portugueses e a dos seus análogos provenientes dos países lusófonos. Esta tarefa foi maioritariamente feita por Paulo Correia, na pesquisa de fontes, classificação e construção do catálogo, com o apoio de Isabel Cardigos, que nomeadamente introduziu bibliografia auxiliar (estudos) em várias entradas dos tipos, de modo a dar pistas complementares de leitura aos utilizadores da obra.

Na reta final, antes de a obra ir para a gráfica, contámos ainda com a ajuda de Susana Mendonça, que se encarregou de rever a fixação dos textos que integram o 2.º volume do catálogo e que constituem uma antologia representativa da tradição portuguesa.

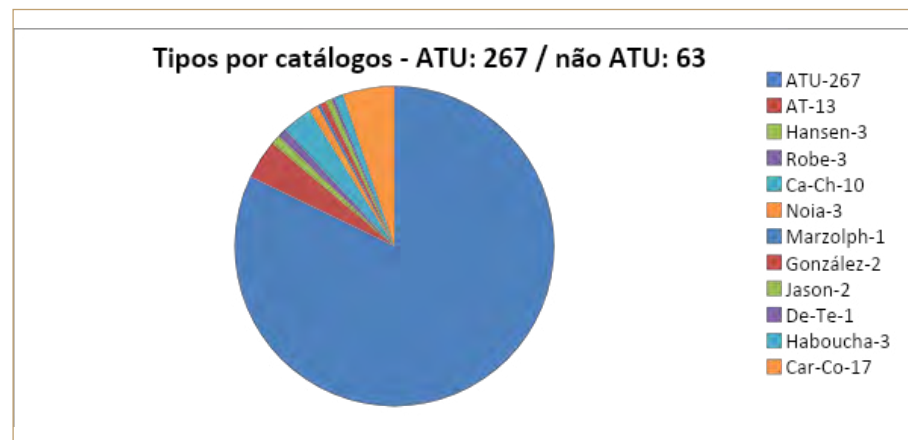


GRÁFICO 4

Portanto, em termos de “popularidade”, o tipo que sobressai no nosso corpus com mais versões é, de longe, Marzolph *122F *A cabacinha* (com 21 versões), seguido por ATU 60 *A raposa e a cegonha convidam-se* (10 versões) e por AT 2012B *As horas da vida* (9 versões). São tipos que pertencem aos contos de animais e aos contos formulísticos, que têm em comum o facto de serem muito conhecidos e apreciados pelas crianças: uns ligados a fábulas clássicas, outros associados a jogos, como é o caso de AT 2012B.

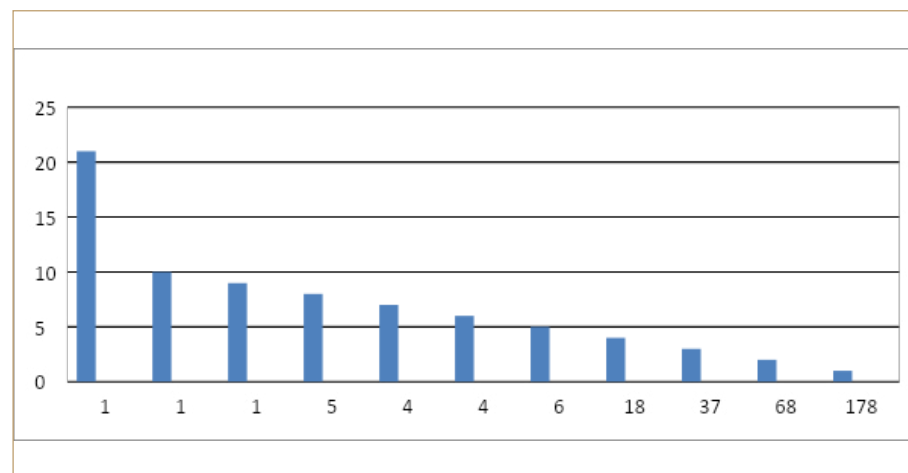


GRÁFICO 5

O gráfico 5 ilustra a dispersão ou a concentração dos tipos. Na vertical indica-se o número de versões (em intervalos de 5) e na horizontal temos o número de tipos. Assim, por exemplo, do primeiro tipo temos 21 versões, do segundo, 10 e do terceiro 9.

Através deste gráfico, vemos que na presente obra, depois da atrás citada *Cabacinha* (com 21 versões), existem 21 tipos (6,5%) que possuem entre 5 e 10 versões. De entre estes, destacarei (todos com 8 versões) AT 511A *O Touro Azul*, ATU 720 *O meu pai matou-me, minha mãe comeu-me*, ATU 1215 *O velho, o rapaz e o burro*, e ATU 1578A* *A caneca de água*. Se o *Touro Azul* se popularizou graças a uma fonte escrita, um livro de cordel, nos dois últimos contos referidos o exemplo sapiencial e o riso galhofeiro são mais do que razões para a sua popularidade, embora de *O Velho, o Rapaz e o Burro* também exista uma adaptação em verso que circulou muito em livros escolares e influenciou a oralidade.

Vem depois um outro grupo, com 123 tipos (38%) que possuem entre 2 e 4 versões. Finalmente temos 178 tipos (55%) atestados com uma só versão cada.

Somando estes dois últimos grupos, chegamos à conclusão de que 93% do corpus, apesar de só ter até 4 versões por tipo, possui uma enorme diversidade (300 tipos), o que é um sinal de vitalidade na nossa tradição oral contemporânea. Mas também nos indica que é necessário fazer ainda muitas recolhas para conhecermos verdadeiramente o nosso património contístico tradicional. Uma outra constatação é a de que existem ainda contos por descobrir no nosso país, como demonstram os 25 tipos deste corpus que pela primeira vez são atestados em Portugal.

Os informantes são os verdadeiros guardiões da memória popular, pois são eles que asseguram, geração após geração, a transmissão da tradição oral. Vejamos sobre eles alguns dados extraídos deste corpus. Começemos por dizer que, no total, são 334 pessoas (89 homens e 245 mulheres) que narraram as histórias que mais abaixo podemos apreciar. No entanto, a quantidade de textos que cada uma narra é muito diversa. A tendência geral é para que cada pessoa conte até quatro narrativas (94% do total) enquanto apenas 20 informantes (6%) narraram entre 5 e 16 histórias. O gráfico 6 sistematiza estes resultados.

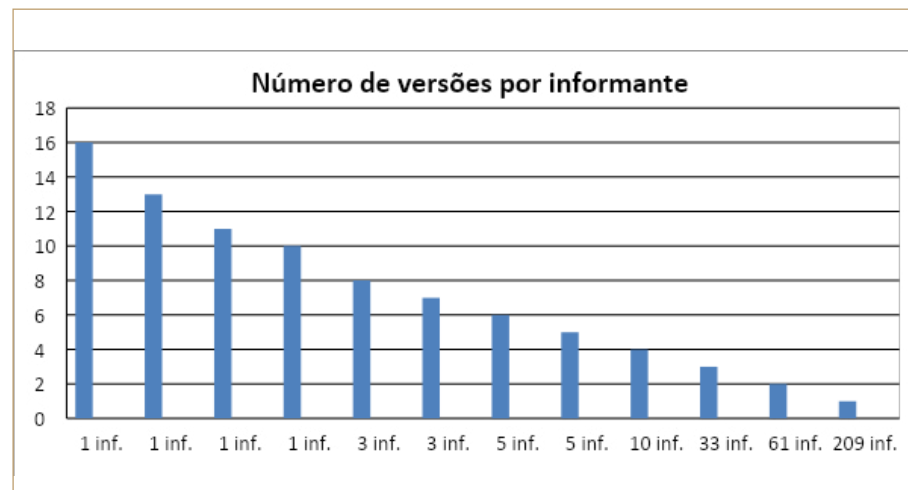


GRÁFICO 6

É também de referir que, entre os 334 informantes, 16 são analfabetos. Este grupo conta um total de 34 narrativas. Como um deles conta 10 narrativas, os outros 15 narram apenas uma ou duas, o que – pelo menos neste corpus – parece apontar um caminho que diverge da opinião comumente aceite de que os analfabetos são os grandes portadores da tradição memorial.

A idade dos informantes vai dos 8 aos 93 anos, quase sem hiatos (ver gráfico7).

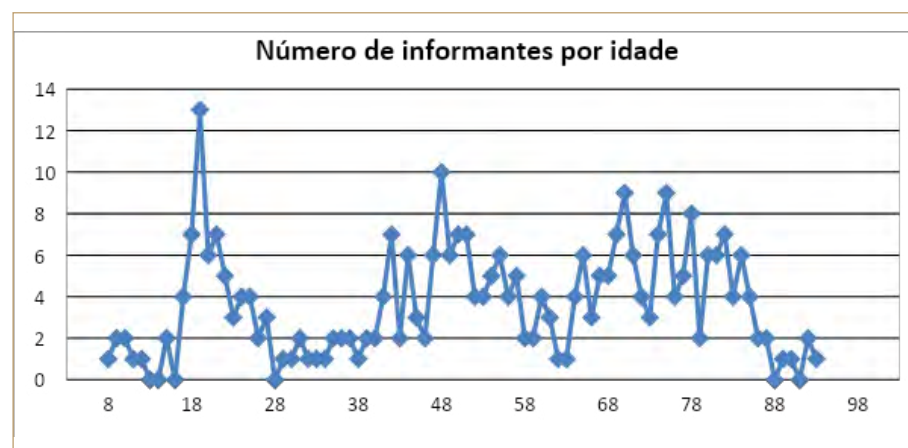


GRÁFICO 7

Notamos de imediato três picos: um por volta dos 19 anos, um segundo por volta dos 48 anos e outro ainda por volta dos 70-75 anos. Tal tendência estatística pode resultar do facto de os coletores deste corpus, todos estudantes universitários, fazerem recolhas junto dos colegas (ou serem eles próprios os narradores), o que justifica o primeiro pico. O segundo pico situa-se na geração dos pais, tios, vizinhos ou amigos destes. Por fim, o terceiro pico situa-se na faixa etária dos avós. Os informantes de idade mais tenra são muitas vezes irmãos dos coletores. Tais constatações mostram, de certa forma, que muitas vezes as melhores recolhas fazem-se em família ou junto de pessoas conhecidas, pois existe já uma confiança instalada que favorece e recria um certo ambiente “ancestral” de transmissão da tradição oral.

Quanto à naturalidade dos informantes – que indica habitualmente onde estes aprenderam a sua versão – a informação é muito incompleta, pelo que prescindimos de fazer uma análise da proveniência dos informantes nascidos em Portugal. No entanto é importante assinalar aqueles que nasceram no estrangeiro: Suíça, Canadá, Brasil, Moçambique e Angola, ou seja, países com emigração portuguesa ou países africanos de língua oficial portuguesa (um informante por país, com exceção de Angola com dois).

Como atrás dissemos, 20 informantes narraram entre 5 e 16 histórias, sendo no corpus os mais significativos portadores do conto de tradição oral. Estes 20 informantes têm entre os 48 e os 86 anos e possuem entre 4 e 8 anos de escolaridade. Desconhece-se a escolaridade de 7, um é analfabeto e outro é licenciado.

Neste grupo de contadores mais prolíficos, 18 são mulheres e apenas dois são homens. Em relação à sua ocupação, a maioria diz apenas ser reformada, e os que especificam a profissão referem ser (ou ter sido) pastor, agricultora, doméstica, cabeleireiro, cozinheira ou costureira, tudo trabalhos próprios de pessoas de baixos rendimentos.

Deixemos agora este tipo de considerações de índole quantitativa, para nos debruçarmos sobre alguns aspetos de natureza mais qualitativa, pois talvez sejam esses os indicadores que melhor nos fornecem pistas para tomar, de certa maneira, o pulso à nossa narrativa tradicional no início do séc. XXI.

Esta coleção foi integralmente transcrita a partir de gravações da oralidade e tal facto nota-se bastante, principalmente se compararmos o texto das versões deste

corpus com outras publicadas em livros cujos textos não espelham a verdadeira voz dos informantes. Entre as marcas de oralidade presentes nas nossas versões, podemos encontrar regionalismos (sintáticos e morfológicos), arcaísmos, idiossincrasias, plebeísmos, etc. O facto de este género de narrativas ser memorial leva também a recriações ou esquecimentos motivados quer pelo hábito de contar (ou a sua falta) quer pela urgência do momento, com o que daí resulta, na pressão de elaborar um texto mais ou menos de improvisado.

E é neste ponto que divergem os estilos de narração presentes nestes contos. Por um lado, encontramos um grupo de pessoas mais velhas (com mais de 50 anos de idade) possuidoras de um baixo grau de literacia (analfabetos ou escolarizados até à antiga 4.ª classe) mas que ainda tiveram contacto com a cadeia de transmissão oral entre gerações a que chamamos tradição. Por outro, temos pessoas mais novas com uma escolaridade mais elevada, mas com tendência para terem aprendido os contos que sabem por via livresca, direta ou indiretamente. Por último podemos distinguir ainda um grupo à parte – as crianças – que, naturalmente, se enquadrarão futuramente no segundo grupo apontado.

Poderemos talvez afirmar que as versões dos informantes que se enquadram no primeiro grupo são as mais importantes e valiosas. Aliás, verifica-se que os narradores de fôlego, aqueles cujas transcrições cobrem para cima de cinco páginas de texto, pertencem a este grupo. Se tivermos o cuidado de cruzar informação diversa, dispersa pelos comentários dos informantes fora da performance narrativa, verificamos que estes contadores ouviram as versões que contam da boca de familiares (pais, avós, tios), vizinhos ou colegas de profissão (pastores, estudantes, camaradas da tropa). Estes dados fazem-nos crer que os nossos contos de tradição oral se transmitiam em ambientes coletivos e com fortes laços de proximidade entre os indivíduos, como no caso dos serões nas longas noites de inverno ou as narrativas das “velhinhas” para a “criança” da aldeia nos momentos de lazer.

A arte de contar contos depende fundamentalmente da memória e do dom de transformar imagens em palavras e de dar vida a personagens através de uma narrativa entrecortada por falas em discurso direto, eivadas de ritmo e vivacidade. Tudo isso encontramos nas histórias contadas pelos narradores mais velhos.

Os mais novos e mais escolarizados têm tendência para resumir a ação (evitar as triplicações¹³, por exemplo) e tendencialmente substituir o discurso direto pelo indireto. Por vezes encontramos marcas estilísticas “de autor”, muitas das vezes respigadas de recontos para a infância lembrados (ou decorados) de fontes escritas. Estes processos levam a um outro: hoje em dia a maioria das crianças começa a ouvir contos tradicionais lidos pelos pais e depois versões da mesma índole decoradas ou recriadas por educadores de infância, professores do 1.º ciclo ou contadores de histórias que circulam pelas muitas bibliotecas públicas na chamada “hora do conto”. O resultado está bem à vista nas versões contadas por crianças no nosso *corpus*: há uma infantilização dos personagens e situações, a formação de “vulgatas” de acordo com as respetivas fontes escritas utilizadas e também – sem a censura positiva da tradição¹⁴ – há também alteração do enredo de certas versões.

Vivemos um tempo no qual a regra é a mudança rápida de paradigmas, ajudada por uma revolução digital capaz de produzir fenómenos virais na transmissão das narrativas. Uma inevitável transformação das tradições orais está pois em marcha, adaptando a transmissão a um mundo em mutação acelerada, diferente daquele em que viviam os nossos antepassados. Este *corpus* mostra que, por enquanto, no Portugal do início do séc. XXI ainda se pode escutar a tradição oral provinda da memória, manifestada na voz daqueles que ainda contactaram com essa tradição aquando crianças. Quando esta última geração morrer, que acontecerá à literatura oral? Transformar-se-á num registo arqueológico mantido pelas gravações áudio/vídeo e respetivas transcrições escritas? Ou surgirão novas tradições orais, narrativas com características formais e temáticas diferentes, como se verifica de certa maneira nas chamadas “lendas urbanas” ou no movimento dos contadores profissionais?

¹³ Triplicações são a presença de três elementos nas narrativas, quer no número de personagens, quer nas ações que elas praticam. O que pode parecer uma repetição desnecessária é, afinal, um elemento estilístico essencial na poética do conto de tradição oral.

¹⁴ A tradição, como fenómeno humano, é de cariz grupal, e a comunidade possui uma cultura própria, que é o resultado da transmissão oral entre gerações. Esta cultura tradicional tende a ser conservadora, mantendo determinados traços culturais estáveis ao longo do tempo. Neste processo, certos indivíduos dentro de cada comunidade são considerados portadores privilegiados dessa tradição, nomeadamente os mais idosos. Não só esses, mas principalmente esses, podem exercer uma certa “censura” perante narrativas que violem de forma notória essa estabilidade nos vários géneros etnopoéticos. Essa “censura” é positiva porque ajuda a preservar a tradição. Por outro lado, a própria memória do informante tradicional não fixa as variantes diferenciadas que são contadas, preferindo, inconscientemente, conservar a estabilidade.

Critérios de edição

Porque a totalidade dos textos desta antologia provém de fontes sonoras, i.e. gravações áudio dos informantes, tentámos ser, tanto quanto possível, fiéis a esse discurso oral. No entanto, para criar uma unidade no conjunto das versões e permitir uma leitura fluida, foram eliminadas marcas de falares regionais, apesar de, excecionalmente, poderem subsistir algumas delas nos diálogos, quando tal faz parte da própria característica das personagens. Assim, na sua quase totalidade, os textos expelham a fonética normalizada do português, muito embora se respeitem sempre as especificidades lexicais próprias de cada indivíduo.

Na edição de texto, tentámos seguir com a pontuação a oralidade do informante, desde que isso não prejudicasse a leitura. Os diálogos foram formatados na forma de dois pontos – parágrafo – travessão. Quando se trata de pensamentos das personagens, estes são inseridos entre aspas. As aspas são usadas também para destacar palavras especiais, como por exemplo interjeições. Os apartes extradiegéticos do narrador são colocados dentro de parêntesis curvos e os acrescentos do editor aparecem entre parêntesis retos. Os itálicos foram usados para destacar línguas estrangeiras como o castelhano – que por vezes irrompe do texto português como fala de um personagem estrangeiro – ou para marcar certas palavras usadas pelo narrador que não são ortograficamente (ou sintaticamente) corretas. Algumas destas palavras surgem para assegurar a rima e, neste caso, também não as corrigimos. Assinalámos também graficamente as formas poéticas (quadras ou fórmulas rimadas) existentes no interior do texto em prosa.

Muito embora procurássemos ser fiéis às narrações dos informantes, por vezes optámos por cortar repetições e erros, fruto da sua insegurança ou esquecimento, em prol de uma perceção mais clara dos textos. Porém, tal só foi feito em casos estritamente necessários. Globalmente, pois, o texto apresentado é fiel às palavras do informante.

Porque se trata de uma coleção de contos da tradição oral classificada segundo o sistema ATU, a organização das versões do *corpus* segue a ordem alfanumérica deste sistema e a sua divisão por subgéneros: dos contos de animais aos contos formulísticos. Assim, na presente obra, no início de cada “bloco temático” de versões, indica-se o subgénero a que pertencem e, no final de cada texto, indica-se a sua classificação por

tipo. No caso de esta ser composta por vários tipos (por exemplo em certas versões de contos de animais), estes são indicados em sequência, separados pelo sinal +. Esta sequência é também assinalada no interior do texto da versão, com recurso ao sinal //, que marca a fronteira entre tipos dentro da narrativa. Os textos compostos por vários tipos foram colocados, nesta obra, segundo a ordem do primeiro tipo da sequência.

Todos os textos são compostos de três partes: 1. O título, que, no caso de omissão, é dado entre parêntesis retos pelo editor. 2. O texto. 3. Os metadados, que são compostos por: a) Dados sobre o **Informante**: nome, idade, naturalidade, profissão e escolaridade. b) Dados sobre a **Recolha**: local (lugar, freguesia, concelho, distrito) e data de gravação. c) Dados sobre o **Coletor** e a gravação: Nome e fonte sonora da versão (de forma a facilitar futuras audições). d) **Classificação**. e) Por fim, em **Nota**, podem aparecer dados relevantes para a compreensão ou contextualização da narrativa, como por exemplo indicar que determinada versão de um conto formulístico é cantada ou que acompanha um jogo.

A obra é acompanhada por três índices – de tipos, de versões por localidade e de informantes por local de recolha, através dos quais se pode chegar rapidamente a determinado texto ou aceder a questões ligadas, por exemplo, à geografia folclórica¹⁵, como encontrar bons narradores em determinadas localidades, etc.

Catálogos usados na classificação

AT = AARNE, Antti; THOMPSON Stith (1961) – *The Types of the Folktale. A Classification and Bibliography*. 2.^a ed. rev. FFCommunications, n.º 184. Helsinki: Academia Scientiarum Fennica.

ATU = UThER, Hans Jörg (2004) – *The Types of International Folktales. A Classification and Bibliography*. FFCommunications, n.º 284-286. Helsinki: Academia Scientiarum Fennica. 3 vols.

¹⁵ Entende-se por geografia folclórica a distribuição dos géneros etnopoéticos (neste caso os contos) através de um território.

BOGGS, Ralph S. (1930) – *Index of Spanish Folktales*. FFCommunications, n.º 90. Helsinki: Academia Scientiarum Fennica.

Ca-Ch = CAMARENA, Julio / CHEVALIER, Maxime (1995) – *Catálogo Tipológico del Cuento Folklórico Español. Cuentos Maravillosos*. Biblioteca Románica Hispánica IV, Textos 24. Madrid: Gredos.

Ca-Ch = CAMARENA, Julio / CHEVALIER, Maxime (1997) – *Catálogo Tipológico del Cuento Folklórico Español. Cuentos de Animales*. Biblioteca Románica Hispánica IV, Textos 2. Madrid: Gredos.

Ca-Ch = CAMARENA, Julio / CHEVALIER, Maxime (2003a) – *Catálogo Tipológico del Cuento Folklórico Español. Cuentos Religiosos*. Madrid: Centro de Estudios Cervantinos.

Ca-Ch = CAMARENA, Julio / CHEVALIER, Maxime (2003b) – *Catálogo Tipológico del Cuento Folklórico Español. Cuentos-Novela*. Madrid: Centro de Estudios Cervantinos.

Car-Co = CARDIGOS, Isabel; CORREIA, Paulo (2015) – *Catálogo dos Contos Tradicionais Portugueses (com as versões análogas dos países lusófonos)*. Porto: Edições Afrontamento. 2 vols.

De-Te = DELARUE, Paul / TENEZE, Marie-Louise (1997) – *Le Conte Populaire Français. Catalogue Raisonné des Versions de France et des Pays de Langue Française d'outre-mer*. Paris: Maisonnneuve et Larose.

GONZÁLEZ SANZ, Carlos (1996) – *Catálogo Tipológico de Cuentos Folklóricos Aragoneses*. Zaragoza: Instituto Aragonés de Antropología.

GONZÁLEZ SANZ, Carlos (1998) – “Revisión del Catálogo Tipológico de Cuentos Folklóricos Aragoneses: Correcciones y Ampliación”. *Temas de Antropología Aragonesa*, n.º 8, pp. 7-60.

HABOUCHA, Reginetta (1992) – *Types and Motifs of the Judeo-Spanish Folktales*. New York & London: Garland.

HANSEN, Terence Leslie (1957) – *The Types of the Folktale in Cuba, Puerto Rico, the Dominican Republic and Spanish South America*. Folklore Studies, n.º 8. Berkeley and Los Angeles: University of California Press.

JASON, Heda (1975) – *Types of Oral Tales in Israel. Part 2*. Jerusalem: Israel Ethnographic Society.

NOIA CAMPOS, Camiño (2010) – *Catálogo tipolóxico do conto galego de tradición oral*. Vigo: Servizo de Publicacións da Universidade.

ROBE, Stanley L. (1973) – *Index of Mexican Folktales*. Folklore Studies, n.º 26. Berkeley, Los Angeles and London: University of California Press.



Agradecemos ao IELT na pessoa da sua diretora, prof. Doutora Ana Paiva Morais, a atribuição da bolsa de investigação que permitiu a realização deste trabalho, bem como à prof. Doutora Teresa Araújo que coordenou o projeto de seis meses que incluiu este trabalho no âmbito dos contos tradicionais e um outro no âmbito do romanceiro.

Por último, mas não menos importante, agradecemos ao prof. Doutor J.J. Dias Marques a disponibilização das recolhas efetuadas pelos seus alunos da Universidade do Algarve, das quais foi selecionado o presente *corpus* de versões.



Contos de Animais

1

A RAPOSA E O SARDINHEIRO

A raposa andava com muita fome, não tinha nada para comer. Já há uns poucos de dias que não comia nada e viu vir um sardineiro. Os sardineiros andavam com um burro e com umas caixas de sardinhas de um monte para o outro. Ela avisou o sardineiro, estava lá no cabecinho, e pensou assim: “Vou além para o pé da estrada e deito-me na estrada a fazer que estou morta, que ele põe-me lá em cima dos caixotes das sardinhas. Vê-me ali, pensa que eu apanhei algum tiro de algum caçador. Põe-me lá em cima dos caixotes das sardinhas e eu vou atirando sardinhas para o chão. Depois dou um salto do burro abaixo e apanho as sardinhas e arranjo para eu comer.”

Assim foi: foi para a estrada, deitou-se ali à beira da estrada a fazer que estava morta. O sardineiro vinha pela estrada fora com o burrinho à arreata. Chegou ali, viu a raposa, diz:

– Olha, coitadinha! Algum caçador que lhe deu um tiro!

Agarrou na raposa, pô-la lá em cima dos caixotes e abalou com o burrinho à arreata, outra vez por aí pela estrada fora.

A raposa foi atirando as sardinhas para o chão, atirando, atirando... Quando ele ia a chegar lá a um monte, preparado para vender as sardinhas, a raposa, antes, pulou para o chão, agarrou as sardinhas todas e foi-se embora. //

Estava a comê-las ao rés de um rio, estava a comer, a comer, a comer, apareceu um lobo, todo esfomeado também. Diz assim:

- Eh, comadre! Tens aí uma grande pescaria!
- Pois tenho!
- Então, aonde é que tu apanhaste esse peixe todo?
- Olha, foi ali naquele pego.
- Então como é que tu fizeste isso?
- Olha, atei uma pedra ao pescoço...

A raposa começou com medo, ainda assim o lobo não lhe mordesse e não comesse ele as sardinhas... Pensou logo em matar o lobo. E então:

- Atei uma pedra ao pescoço, uma pedra grande: “cada mergulhinho, cada peixinho; cada mergulhão, cada peixão”, fiz esta pescaria toda!
- Ehhhh! E então eu também posso fazer isso?
- Podes!
- Então, ata-me lá a pedra a mim, ao pescoço!

A raposa atou a pedra ao pescoço do lobo, manda com o lobo lá para dentro do pego.

O lobo morreu lá afogado. Pronto, e a raposa ficou a comer as sardinhas todas.

Informante: Germano, 65 anos, natural de Avis, Portalegre, motorista.

Recolha: em Alverca, Vila Franca de Xira, Lisboa, a 14/10/2007.

Coletor: Andreia Cabecinhas (faixa n.º 15)

Classificação: ATU 1 + ATU 2B

2

[O LOBO E A RAPOSA]

Uma vez era um lobo. E foi roubar um moiral, que vivia uma cabanita onde dormia ao pé do gado. E ele foi-lhe roubar as migas e comeu-as. Mas depois, a raposa... Ele roubou-lhe as migas mas deixou depois o tachinho atrás, para fugir, e vinha cá comê-las. E então o que é que ela fez? Foi-se caminho do tacho e comeu as migas e besuntou por a cabeça, para dizer que era os miolos da cabeça. //

Mas o lobo era mais parvo que a raposa. E então, a raposa deitou-se ali numa ladinha, ali, ao pé de uma ribeira, toda muito gaiteira. (A raposa foi sempre assim muito maluca.) E então o lobo viu-a ali, pegou-lhe para a passar na ribeira. Mas quando ia a meio da ribeira, ela disse-lhe:

- Zorrinha cagaiteira, às costas do compadre lobo passando a ribeira.

E ele disse:

- O que é que você diz?

E ela depois disse:

- Zorrinha cagaiteira, às costas do compadre lobo passando a ribeira.

Ele prantou com ela para o chão, bateu com o cu dentro de água. //

Veio-se deitar onde estava, deitadinha ao sol. Passa um homem com um peixe dentro de umas canastras em cima de um burro. (Que no outro tempo carregava-se o peixe num burro.) Chegou ali:

- Ai, olha a raposinha...

Mas trazia ali muito peixe, e então, a puta de merda o que é que fez? Deitava o peixe para o chão. (Pois ela não tinha nada, não estava doente...) Tanto peixe deitou para o chão que se deitou também para o chão. Ele vinha entretido puxando o burro, e ela... Ajuntou o peixe todo, comeu e foi vender a um monte.

Chegou lá, diz-lhe uma vizinha:

- Então, você anda vendendo peixe?

Diz a raposinha:

- Ando.

- Então onde é que comprou?

- Apanhei na ribeira.

Ela pensou que era verdade.

Ainda bem não, o homem do peixe voltou para trás para ver se a apanhava. Voltou para trás, viu-a com o peixe, comendo, guardando, o raio que a parta... E depois...

O homem depois disse:

- Então estás vendendo o peixe?

E ela disse:

- Eu não. Estou a dar!

Mas depois era mentira, e ela fugiu.

Depois o homem disse:

- Eu tenho de fazer uma parte àquela raposa. //

E nisto foi-se queixar ao cão. E depois, o cão disse:

– Está bem, eu vou ajudá-lo. Você agora combina com a raposa, eu ponho-me na palha, todo tapado, e deixo as ameixas à vista. E você diz-lhe: “Ó raposa, ali na palha estão umas ameixas boas para ti!”

A raposa foi-lhe jogar logo a boca.

O cão comeu-a e o homem ficou todo contente e agradeceu.

Informante: Natália Cardeira, 81 anos, natural de Vale de Odre, Cachopo, Tavira, Faro, doméstica, analfabeta.

Recolha: em Vale de Odre, Cachopo, Tavira, Faro, a 1 de Dezembro de 2006.

Coletor: Eva Paulino (CD n.º 1 / 27'34)

Classificação: ATU 3 + ATU 4 + ATU 1 + Car-Co 62*A

3

HISTÓRIA DA ZORRA MATREIRA

Era uma vez uma zorra matreira que andava sempre a ver se enganava um e outro. Sempre à espera que lhe fizessem as coisas, para ela não ter que fazer nada. E então, um dia, depois de almoçar, ficou com a barriga muito cheia e não queria mesmo fazer nada. E tinha que atravessar uma ribeira. E a ribeira estava coberta de gelo. E como ela era muito preguiçosa, ficou à espera de poder enganar alguém que a levasse para o outro lado.

Entretanto passou um lobo. E ela, toda muito fingida, pediu ajuda ao lobo para a poder levar para o outro lado. E o lobo, como não era assim muito esperto, caiu na armadilha da zorra e levou-a. Montou-a nas costas e iam atravessando a ribeira. Então aí, mais ou menos a meio da ribeira, a zorra começou:

– Lá vai a zorra matreira, às costas do compadre lobo, passando a ribeira!

E o lobo, bom, ouvia aquela coisa esquisita em cima das costas e pensava: “Que raio... Que vai ela dizendo?”. Passado um bocado, lá estava a zorra outra vez:

– Lá vai a zorra matreira, às costas do compadre lobo com a barriga cheia de migas, feita numa cavalheira!

– Mas que raio! – Diz a zorra [o lobo].

Bem, e ficou pensando naquilo, achando que a zorra o estava a enganar.

Passado mais um bocadinho, já iam quase ao fim da ribeira, lá estava a zorra outra vez:

– Lá vai a zorra matreira, às costas do compadre lobo, atravessando a ribeira!

E, o lobo pensou: “Ah, estás a gozar comigo? Então, é mesmo agora!”

PUMBA! Jogou-a para o chão. //

Jogou-a para o chão, a ribeira tinha muito gelo e a zorra ficou com as patinhas presas no gelo. E o lobo foi-se embora e lá ficou ela toda muito chorosa, com as

patinhas presas no gelo. Não conseguia sair. Depois, pôs-se a chorar e não sabia o que é que havia de fazer à vida. Pensar que, desta vez, ela é que tinha sido a enganada.

E, olhava para o sol e dizia-lhe:

– Sol, derrete a neve para soltares o meu pezinho!

E o sol dizia-lhe:

– Eu não! Eu não tenho força que chegue para derreter. Porque, a nuvem é mais forte e espalha-me [tapa-me]!

E, então, a zorra olhava para nuvem e dizia:

– Ó nuvem! És tão forte que tapas o sol, que o sol não tem força para derreter a neve. E, a neve que meu pé prende!

E, então, a nuvem respondia-lhe:

– Eu? Sou tão forte? O vento espalha-me! E eu não tenho força que chegue!

E ela ia, outra vez, a dizer ao vento:

– Ó vento, que és tão forte que espalhas a nuvem. E, a nuvem que tapa o sol. E o sol que derrete a neve. E, a neve que meu pé prende!

E o vento dizia-lhe:

– Eu não! Eu não sou assim tão forte, porque qualquer muro veda o vento.

E ela:

– Ó muro, tu és tão forte que vedas o vento. E, o vento que espalha a nuvem. E, a nuvem que tapa o sol. E, o sol que derrete a neve. E, a neve que meu pé prende e não solta o meu pezinho!

Bom, e foi continuando. E, o muro dizia à zorra que também não era forte. Porque, qualquer rato podia roer o muro.

E então, lá estava a zorra:

– Ó muro, que és tão forte que vedas o vento. O vento que espalha a nuvem.

A nuvem que tapa o sol. O sol que derrete a neve e a neve que meu pé prende. E o sol não solta o meu pezinho!

E o muro respondia-lhe que não era forte, porque qualquer rato lhe... (Acho que já tinha dito esta parte!) O rato, o rato podia roer o muro! E a zorra pedia ao rato:

– Ó rato, que és tão forte que róis o muro. O muro que veda o vento. O vento que espalha a nuvem. A nuvem que tapa o sol. O sol que derrete a neve e a neve que meu pé prende. Solta o meu pezinho!

E o rato dizia-lhe:

– Eu não sou nada forte, porque qualquer gato me come.

E a zorra pedia ao gato:

– Ó gato, que és tão forte que comes o rato. O rato de fura o muro. O muro que veda o vento. O vento que espalha a nuvem. A nuvem que tapa o sol. O sol que derrete a neve e a neve que meu pé prende. Ó sol, solta o meu pezinho!

E nada. Porque o gato também lhe dizia que não era forte, porque o cão fugia atrás do gato.

E a zorra dizia:

– Ó cão, que és tão forte que foges atrás do gato. O gato que come o rato. O rato que fura o muro. O muro que veda o vento. O vento que espalha a nuvem. A nuvem que tapa o sol. O sol que derrete a neve e a neve que meu pé prende. E ó sol, solta o meu pezinho!

Mas continuava com o pé preso. E, então, depois, o cão dizia que também não era forte, porque, apesar de fugir atrás do gato, não tinha força suficiente para fazer aquilo tudo.

E ela lá começava:

– Ó cão, que és tão forte que foges atrás do gato. O gato que come o rato. O rato que fura o muro. O muro que veda o vento. O vento que espalha a nuvem. A nuvem que tapa o sol. O sol que derrete a neve. Ó sol! Solta o meu pezinho!

Mas, continuava com ele preso. E o cão dizia à zorra:

– Eu não sou forte, porque qualquer pau me pode bater!

E a zorra dizia outra vez:

– Ó pau, que és tão forte que bates no cão. O cão que foge atrás do gato. O gato que come o rato. O rato que fura o muro. O muro que veda o vento. O vento que espalha a nuvem. A nuvem que tapa o sol. O sol que derrete a neve e a neve que meu pé prende! Sol, solta o meu pezinho!

E nada. Lá continuava com o pé preso. E, então, havia o fogo que o pau dizia que era mais forte que ele. Porque, o fogo podia queimar o pau. E a pobre da zorra matreira, já muito arrependida do que tinha feito, lá ia dizendo:

– Ó fogo, que és tão forte que queimas o pau. O pau que bate no cão. O cão que foge atrás do gato. O gato que come o rato. O rato que fura o muro. O muro que veda o vento. O vento que espalha a nuvem. A nuvem que tapa o sol. E o sol que [derrete a neve e a neve que] meu pé prende. Ó sol, por favor, solta o meu pezinho!

Mas, nada. Continuava tudo igual. Porque não havia força suficiente. E, então, a zorra lá estava a pedir, a pedir por favor! Mas, havia a água que ainda era mais forte que o fogo. Porque, a água podia apagar o fogo.

E ela:

– Ó água, que és tão forte que apagas o fogo. O fogo queima o pau. O pau que bate no cão. O cão que foge atrás do gato. O gato que come o rato. O rato que fura o muro. O muro que veda o vento. O vento que espalha a nuvem. A nuvem que tapa o sol. O sol que derrete a neve e a neve que meu pé prende. Ó por favor, soltem o meu pezinho!

Mas, nada. Continuava tudo igual. E, então, ela já não sabia mais o que é que havia de perguntar. E, então, pôs-se a dizer:

– Isto, desde o alto até ao fundo, nada é forte neste mundo!

E lá ficou à espera de um dia de sol de verão que lhe soltassem o pezinho.

Informante: Ana Mestre, 42 anos, natural de Mértola, Beja, 6.º ano.

Recolha: no Esteval, Loulé, Faro, a 23 de Outubro de 2008.

Coletor: Andreia Fragoso e Sandra Mestre (gravação / 9'45)

Classificação: ATU 4 + ATU 2031

4

A RAPOSA E O MOCHO

E doutra vez uma raposa também agarrou um mocho.

– Ai, não me comas!

– Não, mas como.

– Ai, não me comas...

– Ai, não, agora como-te.

– Então olha, antes de me comeres – porque a raposa já tinha o pássaro preso – antes de me comeres diz assim: “Mocho comi”!

E ela disse:

– Mocho comi!

E ele: Vvvvv...

– Outro sim, mas não a mim!

Informante: Maria dos Anjos, 81 anos, natural de Campo Benfeito, Castro Daire, Viseu, trabalhou toda a vida no campo, sabe ler e escrever.

Recolha: em Castro Daire, Viseu, a 20 de Setembro de 2010

Coletor: Ana Sofia Paiva (CD 1, 2011)

Classificação: ATU 6

5

A ZORRA E O CÃO

Era uma zorra que era comadre do cão. E então, tinham uma fazenda que eles tinham que lavrar e semear. E então, um belo dia, o cão foi ter com a comadre – eram compadres – e disse:

– Ai, comadre, olhe, venho cá que é para a gente ter de tratar da terra, para semear o trigoinho.

– Ai, compadre, então eu até ia, mas eu estou tão doente. (Estava na cama, a manhosa...)

– Ah! Mas como é que a gente há-de fazer isto? Olhe, eu vou, alguma coisa hei-de fazer.

E foi-se embora. Foi tratar da terrinha.

Quando já tinha tudo em condições de semear, voltou à da comadre, se ela estava já melhor, que é para ela ajudar a semear o trigoinho.

Depois ele voltou lá e disse:

– Então olhe, comadre, já cá estou outra vez porque já tenho lá a terrinha, tudo arranjado, para semearmos o trigoinho.

– Ora, compadre, pois isto estava tudo muito bem... Só que eu melhor não estou.

– Então, olhe, eu vou ver o que é que posso fazer.

E foi-se embora, foi semear o trigoinho.

Semeou o trigo e pôs-se à espera que ele crescesse. Então o trigoinho cresceu, faltava a monda. Voltou à da comadre.

E ele disse:

– Ai, compadre, pois eu ia mondar. Então, mas eu não estou melhor.

Então veio ele, foi mondar o trigoinho. Depois, mondou o trigoinho, pôs-se à espera que ele crescesse o resto e espigasse para a ceifa.

Então, ele voltou à da comadre para ceifarem.

Foi lá, ela disse:

– Então eu ia ceifar, ia. Então, mas eu não estou melhor...

Ele coitado, não via nem más nem boas. Dizia:

– Então vou eu, vou ver o que é que posso fazer.

Ceifou e pôs na eira para debulhar. E voltou à da comadre.

Disse:

– Então olhe, comadre, venho cá dizer que já temos o trigoinho na eira. Agora temos é que debulhá-lo. (No outro tempo não havia debulhadoras.)

Pois, e ela respondeu o mesmo: que não podia porque continuava doente.

Ele disse:

– Então vou eu ver o que é que posso fazer.

Foi, debulhou o trigoinho, separou o trigo da palha, fez um montão de palha e um montão de trigo. E foi lá dizer que já estava só para fazerem as partilhas. (Já estava em ponto de rebuçado – ela – era só para fazerem as partilhas...)

Chegou lá:

– Está aqui que é para a comadre dividir.

Diz ela assim:

– Então as partilhas estão feitas. Eu fico com o trigo e você fica com a palha. –

Para o cão.

E ele diz assim para ela:

– Olhe, também está bem. É porque além em cima da palha há umas galinhas que vão ali pôr. E eu tenho ovos todos os dias. – Disse o cão, mas foi enganando a comadre.

Ela carregou o trigoinho e ele ficou com a palha. //

E ela deu em pensar:

– Não, não ficas com os ovinhos todos, não. Que eu também tenho que comer alguns.

Então ele todos os dias deitava-se na palha e punha os feijanitos¹⁶ de fora. Enterrava-se na palha e deixava os feijanitos de fora. E ele fazia aquilo todos os dias, à espera que ela aparecesse.

Ele lá deitadinho, e ela um belo dia lembrou-se de ir aos ovos. Então ela vai, dá uma dentada no ovo. Ele salta de lá, dá-lhe umas boas dentadas e ela não voltou lá mais.

Ficou ele com o trigo e a palha.

Informante: Egilde Joaquina da Silva, 77 anos, de Santa Maria, Odemira, Beja, reformada, 4.ª classe.

Recolha: na Freguesia de Santa Maria, Odemira, Beja, a 4 de Janeiro de 2010.

Coletor: Mafalda Luísa Gonçalinho Campos (gravação 5 / 7'38)

Classificação: ATU 9 + Car-Co 62*A

¹⁶ Testículos.

6

A RAPOSA E O SAPO QUANDO FEZ SEMENTEIRA

A raposa fez sementeira com o sapo. Havia uma eira ali em baixo, por baixo da casa da Maria do Rosário, que era a eira do tio Manuel Mendes. O meu pai contava que onde eles debulhavam o pão era ali na eira do tio Manuel Mendes. E a zorra [e o sapo] fizeram a sementeira juntos. E depois, a zorra quando ela ia para semear dizia assim:

– Ai, compadre sapo, hoje não posso ir semear porque estou convidada para ir a um baptizo.

– Pois vá lá ao baptizo e deixe que eu vou para lá remexendo. – Dizia o sapo.

No outro dia, vinha outra vez... lam à ceifa... lam ceifar:

– Ai, hoje não posso ir, compadre sapo, porque eu tenho um baptizo, um casamento, tenho umas coisas assim. Tenho uns convites para ir. Estou convidada para ir e hoje não posso ir.

Bom, o sapo lá ia, coitado, sozinho. Trabalhava sozinho. Bom, quando debulharam era sempre a mesma conversa. Tinha o sapo já o trigo dentro dos sacos e a palha ali ao lado, diz assim:

– Bom, comadre zorra, podemos ir partir a semente que o serviço já está feito.

– Ai compadre sapo, pois eu não pude ajudar. Pois a minha vida é esta... – Que era a zorra que era muito manhosa.

Diz a zorra assim... Foram para ir partir... Era ali à eira... para ir partir... (O meu pai dizia que era ali na eira do tio Manuel Mendes.) Diz a zorra assim:

– Olhe compadre sapo, sabe como é que a gente faz as partilhas? Olhe, é melhor ameçê ficar com a palha e eu fico com o grão.

– Ora, então eu é que trabalhei? – dizia o sapo – Eu é que trabalhei e tudo. Fiz tudo. E agora ameçê fica com o grão e eu fico só com a palha? O que é que eu faço só com a palha?

– Ora, ameçê faz ali uns recocós dentro da palha e dorme ali dentro.

[Uns recocós era uma malhadazinha.] Faz ali... E ameçê faz ali umas malhadinhas e ameçê dorme ali quentinho que é uma beleza. //

Bom, diz o sapo assim:

– A gente vamos fazer ainda outra coisa. A gente agora vamos a ver quem chega além ao bico do cerro dos Agudos, que é aquele cerro além¹⁷. Quem chegar

além primeiro é que fica com o grão. (Ora o sapo não andava nada.) Mas ameçê tem que me dar três dias para mim descansar.

A raposa tinha que dar três dias ao sapo para o sapo descansar.

– Então, está bem. – Ela pensou sempre em enganar o sapo. – Está bem. (Ela andava que era como um cavalo e o sapo não se mexia.) Pois, está bem. Descanse lá esses três dias, compadre sapo, que depois a gente logo vamos.

Ao fim dos três dias diz ela:

– Então, compadre sapo, já ameçê está descansado?

– Já estou.

Mas o sapo o que é que ele fez? Arranjou um sapo e pôs-o logo ali antes de chegar à ribeira, ao passar da ribeira. Arranjou outro sapo ao passar da ribeira para aquele lado. E arranhou outro sapo e pôs lá mais acima. E arranhou outro sapo e pôs lá mais acima. E arranhou outro sapo e pôs lá no bico do cerro.

Bom, puseram-se os dois ali na eira e abalaram: o sapo fugindo e a zorra. Ora, a zorra sacudiu-se e deu três pulos. Ia ali antes de passar a ribeira, diz ela assim:

– Eu já cá vou, compadre sapo.

Volta-se o outro que estava do outro lado da ribeira, e diz assim:

– Eu já cá estou aqui do lado da ribeira, comadre zorra.

Ai ela! Dá uns pulos dentro de água, sacudiu-se, toda molhada, lá foi para cima, lá foi, lá foi, no meio da ladeira:

– Eu já cá vou, compadre sapo.

E o outro que estava mais acima, lá mais adiante, diz assim:

– Eu já cá vou comadre zorra. – Na frente dela.

Então é que a zorra fugia! A zorra fugia. Quando ia chegando ao cerro diz ela:

– Já cá vou chegando ao cerro, compadre sapo.

Diz o outro que estava lá no cerro:

– Ora, eu já cá estou há mais que tempo, comadre zorra. Já eu tenho aqui uma malhada feita aqui onde eu tenho dormido.

O sapo é que ficou com o grão e a zorra ficou com... O sapo sempre enganou a zorra.

A zorra queria ser esperta mas o sapo... depois o sapo enganou a zorra.

Informante: Isabel Nogueira Mendes, 82 anos, natural do sítio da Quintã, Salir, Loulé, Faro, doméstica e trabalhadora rural reformada, 3.ª classe.

Recolha: em Quintã, Salir, Loulé, Faro, a 05/11/09.

Coletor: Rita Isabel Viegas Pereira (cassete n.º 1 / lado B)

Classificação: ATU 9 + ATU 275C

¹⁷ A informante quando se refere ao cerro dos Agudos aponta na sua direcção.

7

A ZORRA E O LOBO

Era uma vez um lobo e uma zorra. Foram roubar um carneiro e depois foram enterrá-lo, e deixaram o rabo de fora. Era numa ladeira. Depois, combinaram um dia de irem comer o carneiro. Mas a zorra, como é muito fina, pensou em comer o carneiro sozinha.

Depois um dia, o lobo foi lá e disse:

– Ó comadre zorra, vamos hoje comer o nosso carneirinho?

Diz a zorra assim:

– Ai, não posso, compadre lobo, tenho um baptizado.

Lá veio no outro dia, diz o lobo:

– Então como é o nome do seu afilhado comadre?

Diz a zorra assim:

– Olhe, compadre lobo, o nome do meu afilhado é Comecei-te. (porque a zorra tinha começado a comer o carneiro).

Diz o compadre lobo:

– Então vamos amanhã, comadre?

Diz ela:

– Compadre lobo, tenho outro baptizado.

No outro dia, veio o compadre lobo:

– Então, como é o nome do seu afilhado, comadre zorra?

– É Meei-te. (Porque a zorra tinha comido o carneiro até metade).

– Então vamos amanhã, comadre zorra?

– Não posso, tenho outro baptizado.

No outro dia, foi o compadre lobo e disse:

– Então como é o nome do seu afilhado, comadre zorra?

– O nome do meu afilhado é Acabei-te. (Porque a zorra tinha acabado o carneiro).

– Então vamos amanhã?

– Está bem, então vamos amanhã, compadre lobo.

No outro dia foram, e ela disse:

– Ó compadre lobo, jogue os dentes ao rabo e puxe com força.

Ora o lobo, foi jogar os dentes ao rabo, o rabo estava só espetado, porque o carneiro já ela tinha comido. Aquilo era uma ladeira muito empinada. O lobo

jogou-se ao rabo, jogou os dentes, puxou com muita força. O lobo rebolou para baixo. Depois foi atrás da zorra, mas a zorra fugia muito por aquele mato, e nunca mais ele a apanhou.

Ela comeu o carneirinho sozinha e enganou o lobo.

Informante: Maria Estêvão Cavaco, 75 anos, natural de Freixo Seco de Cima, Loulé, Faro, 3.ª classe, reformada.

Recolha: em Freixo Seco de Cima, Loulé, Faro, a 14-11-2005

Coletor: Carina Isabel Martins Anastácio (cassete n.º 4 / Face A)

Classificação: ATU 15

8

A RAPOSA E O LOBO

Era uma vez uma raposa e um lobo. Foram-se uma noite a um gado, estava o pastor a dormir, e furtaram um carneiro. E o lobo, por agradecido, disse logo para o repartirem. Mas como era mais manhosa, a raposa disse-lhe assim:

– Fica isso para amanhã, ó compadre! Hoje tenho de ir a um baptizado. Um raposinho que nasceu aí para baixo. E então, pode ficar isso para amanhã.

E o lobo disse que sim:

– Pois sim, comadre, fica então isso para amanhã.

– Enterra-se o carneiro? – Disse-lhe a raposa.

O lobo respondeu que sim, e que se lhe deixava a ponta do rabo de fora para saberem onde o tinham enterrado, e assim o fizeram. A raposa e o lobo ainda foram juntos o seu bocado. E depois separam-se.

Depois, a raposa foi-se ao carneiro, onde ele estava, desenterrou-o e comeu-lhe um bocado. Mas deixou-lhe outra vez de fora a ponta do rabo.

No outro dia, à noite, apareceu o lobo no mesmo sítio e logo atrás do lobo a comadre raposa:

– Adeus, compadre! – Diz a raposa.

– Adeus, comadre, – diz o lobo – vamos então a isto?

A raposa fazia uma cara de muita pena e disse que tinha de ficar para outro dia, se não lhe custava, porque tinha outro baptizado. Mas o lobo disse-lhe que sim e perguntou então à raposa que nome tinha posto ao raposinho.

– “Começou-se”. – Respondeu a raposa. Ela tinha começado a comer o carneiro. Depois a raposa voltou lá e comeu o carneiro até ao meio. Torna o lobo às horas marcadas e já lá estava a raposa. Mas desta vez muito mais chorosa do que das outras duas.

– Pois que tem, ó comadre? – Perguntou logo o lobo, sem atinar.

– Que ei-de eu ter, compadre... Deixe-me aqui. – Respondeu a raposa muito convencida.

– Ainda não podemos, hoje, comer o carneiro? Outro baptizado, aposto! – Perguntou o lobo muito aflito, muito fiado.

– Sim, mas este agora é de circunstância. – Disse a raposa já a chorar.

– Não se aflija. – Tornou-lhe o lobo – E o afilhado de hoje que nome lhe pôs?

– “Miofa”. – Respondeu a raposa (estava no meio).

– Gosto mais. – Ainda lhe disse o lobo, muito satisfeito.

Vai essa tarde, a raposa, come do carneiro o que faltava, menos o rabo, porque esse tornou outra vez a deixá-lo de fora para saber onde ficava a cova.

Chega o lobo na terceira noite e pergunta à raposa:

– É hoje, ó comadre?

– Hoje é que sim! – Disse-lhe a raposa lampeira.

– Valha-me Deus, que não há amanhã outro baptizado! – Tornou-se o lobo já a lambe-se.

– E o raposinho de hoje como se chama? – Quis ele saber.

– “Acabou-se”. – Respondeu a raposa. (risos)

– Mas vamos então a isto. – Disse o lobo.

– Vamos lá! – Respondeu a comadre – Puxe lá pelo rabo o senhor compadre.

– Não! Há-de ser a minha comadre.

E cerimonia para aqui, cerimonia para ali; mais um cumprimento daqui, mais um cumprimento dali, sempre foi o lobo. Pois tinha que ser: era o que tinha mais fome. Resolveu então puxar pelo rabo e virou-se logo a raposa aos pulinhos e foi-se pôr em cima de uma fraga por detrás de um sobreiro. E o bruto do lobo nem sequer deu fé. Depois, como o lobo puxou com tanta gana, deu para trás uma grande queda. E ficou-lhe na boca só o rabo. E a raposa, lá em cima, ria como uma perdida. E começou a fugir.

Informante: Maria Odete, 55 anos, natural de Abrantes.

Recolha: em Abrantes, Santarém, a 28 de Novembro de 2015.

Coletor: Renata Fidalgo (faixa s/n.º)

Classificação: ATU 15

9

O LOBO, A RAPOSA E O CARNEIRO

Era também um lobo e uma raposa. Mataram um carneiro. Agarraram um carneiro e mataram-no. Depois, enterraram-no. Deixaram-lhe o rabo de fora para saberem onde ele estava enterrado, que eles naquele dia já tinham comido e já não queriam comer mais. Já tinham agarrado mais ovelhas, naturalmente.

– Vimos comê-lo amanhã. Deixamos-lhe o rabo de fora para saber onde ele fica.

Ao outro dia, o lobo foi ter [com a raposa]:

– Ó comadre! Vamos lá comer o carneiro?

– Ai, não. Hoje tenho que ir tomar um afilhado.

Pronto, lá andou. Ao outro dia:

– Vamos amanhã.

Ao outro dia foi lá.

– Olha, ó comadre! Vamos lá então comer o carneiro?

– Ai, não posso. Tenho que ir tomar outro afilhado.

– Então como é que se chama o afilhado de ontem?

– Comecei-te. Fica para amanhã.

Ao outro dia, lá tornou.

– Não, olha, tenho de ir tomar outro afilhado...

– Então como é que chama o de ontem?

– Meei-te.

Ao outro dia, lá tornou.

– Vamos lá [ao carneiro].

– Não, que ainda tenho de ir tomar outro afilhado, não posso ir hoje. Fica para amanhã.

Ao outro dia lá foi chamá-la.

– Vamos lá.

– Vamos lá!

– Então como é que se chama o afilhado de ontem?

– Acabei-te.

Chegaram lá ao pé do rabo, que lá estava enterrado, de fora... O rabo não estava... Estava um bocadinho enterrado.

– Ó comadre, puxa lá tu o rabo.

– Não, puxa lá tu.
 – Não, puxa lá tu primeiro. – Ele mandou puxar ela primeiro.
 Ela puxou. Agarrou no rabo do carneiro e puxou, puxou, não puxou nada! Mas a fingir.
 – Olha, não posso. Eu não o desenterro. Vá, pega-lhe tu.
 Foi ele, puxou muito, pum! Foi logo para trás de cu! E ela fugiu! E ele:
 – Ah, cabra, que foste tu que comeste o carneiro!
 À primeira vez, começou. À segunda, pô-lo no meio. Ao terceiro dia, acabou. Ao quarto, sempre foi então lá.

Informante: Maria dos Anjos, 81 anos, natural de Campo Benfeito, Castro Daire, Viseu, sabe ler e escrever.

Recolha: em Castro Daire, Viseu, a 30 de Dezembro de 2010.

Coletor: Ana Sofia Paiva (CD 1, 2011)

Classificação: ATU 15

10

A ZORRA E A COTOVIA

Havia a zorra e a cotovia e combinaram fazer uma sementeira, para comerem o trigo. No dia para lavrarem a terra, a comadre (elas eram comadres) disse:

– Ó comadre zorra, amanhã vamos começar a sementeira.

E diz a zorra:

– Ó comadre, amanhã não pode ser, vou ter um baptizado.

E a desgraçada da cotovia a arranhar e a esgravatar na terra.

No outro dia, era para fazer a sementeira e a cotovia disse assim:

– Comadre zorra, amanhã vamos semear o trigo!

A zorra responde:

– Ai, não comadre, ai não comadre, tenho outro baptizado!

A cotovia disse:

– Qual é o nome de seu afilhado?

A zorra:

– É o Entremedeado.

E a desgraçada da cotovia teve outra vez de esgravatar e fazer a sementeira.

Chegou a altura de ceifar o trigo e a cotovia disse:

– Comadre, sendo assim, com certeza que já não deve ter mais baptizado nenhum. Amanhã vamos ceifar o trigo!

A zorra:

– Não comadre, amanhã não, que é o Acabado!

E vai a desgraçada da cotovia, outra vez a ceifar o trigo.

O Principiado e o Entremedeado, foi ela que tinha matado uma vaca. E o Principiado era o primeiro dia que ela ia comer a vaca, o Entremedeado no outro dia e no terceiro dia era para acabar de comer a vaca. //

Carregaram o trigo para o monte, e a desgraçada da cotovia e debulhou o trigo. Debulhou o trigo e depois foram fazer a divisão. E a zorra diz:

– Ó comadre, você é mais pequena não precisa de muito trigo, só precisa de um bocado de palha para se agasalhar.

A cotovia:

– E como é que é a sementeira? Como é que é a divisão?

A zorra:

– Fica você com a palha e eu com o trigo!

E a cotovia:

– Ah sim? Então fica você com o trigo e eu com a palha! Está bem...

A pobre da cotovia não tinha hipóteses e então aceitou. A pobre da cotovia lá teve que ir. //

Começou a chorar porque só tinha ficado com a palha, foi andando, foi andando e encontrou um cão. E o cão perguntou:

– Então porque é que estás a chorar?

E a cotovia contou-lhe o que se passou, como a zorra tinha ficado com o trigo e ela só com a palha.

O cão disse:

– Nós vamos resolver isso! Passa por aqui amanhã uma mulherzinha que vai buscar o leite para os netos. Tu escondes-te atrás da mulherzinha, que os netos são caçadores, põe a vasilha do leite e depois enches a barriga e isso resolve-se.

E assim foi: a mulherzinha ia a passar e disse:

– Olha, que bela cotovia para o meu neto!

E a cotovia ia dando pulinhos para trás, para a mulher a seguir e para o cão conseguir beber o leite. //

Então eles fizeram um contrato e o cão disse:

– Eu deito-me aqui na palha, e tu depois vais dizer que encontrastes um lindo ninho de ovos.

Os feijões do cão voltados para cima, que eram os ovos.

E continuou:

– E depois, vais dizer que encontrastes os ovos e ela vai lá para os comer e eu caço-a.

E assim foi: a cotovia foi ter com a zorra e disse:

– Então comadre! Você só me deu a palha, mas agora eu fiquei melhor. Você ficou com o trigo e eu fiquei com a palha, mas agora eu fiquei melhor pois encontrei um ninho de ovos e já não quero saber do trigo!

E a zorra responde:

– Ah! São meus!

E ela foi buscar os ovos. O cão estava com os feijões virados para cima e quando ela foi comê-los, o cão caçou-a, limpou-a.

Informante: Sr. Silva, 65 anos.

Recolha: em Silves, Faro, a 4 de Janeiro de 2008.

Coletor: Cláudia Carriço (clip 6 / 04'56)

Classificação: ATU 15 + ATU 9 + ATU 223 + Car-Co 62*A

11

A RAPOSA E O CÃO

Era uma vez, uma raposa muito manhosa que queria enganar um cão. Então disse-lhe:

– Olha, há bocadinho passei por um poço que tinha queijo no fundo. Então pensei que me podias ajudar a beber a água para depois comermos o queijo.

– Com toda a certeza que te ajudo, mas depois tens que me dar também um bocadinho de queijo.

– Está bem, então anda. – Disse a raposa, já com água na boca.

E assim foram. Quando lá chegaram, começaram logo a beber. O cão já não podia mais e a manhosa da raposa, a fazer que bebia, enganou o cão.

Depois de muito tempo, o cão já tinha bebido quase a água toda. Então a raposa salta muito rapidamente para dentro do poço e, para grande azar, bate com o focinho no chão, porque aquilo não era nenhum queijo, mas sim o reflexo da lua.

Informante: Andreia Duarte, 35 anos, socióloga.

Recolha: em Ninho do Açor, São Vicente da Beira, Castelo Branco, a 3 de Janeiro de 2010.

Coletor: Sandra Pires

Classificação: ATU 34

12

O CÃO E O OSSO

Bem, um dia um cão ia atravessando uma ponte, carregando um osso na boca, claro. Olhando para baixo, na ponte, viu sua própria imagem reflectida na água. Ele pensou que era outro cão e apeteceu-lhe logo comer o osso que estava reflectido na água. Mas começou a latir, e, realmente, pronto, perdeu o osso, porque lhe apeteceu bastante comer o osso do outro cão que estava reflectido... Que era o mesmo.

Portanto, isto “mais vale um pássaro na mão que dois a voar”.

Informante: Cristina Sopa, 43 anos, 12.º ano.

Recolha: Faro, em 2007.

Coletor: Andreia Sopa (gravação n.º 7 / 2'36)

Classificação: ATU 34A

13

CONTO DO CÃO GULOSO

Era uma vez um cão que apanhou um grande naco de carne e andava a passeá-lo, orgulhoso da sua proeza. Chegou ao pé do rio e viu um outro cão com um naco de carne, que não passava da sua imagem reflectida no rio. Nisto atira-se para apanhá-lo.

Acaba por perder o naco de carne que já tinha na boca, senão morria afogado.

Informante: Marisa Pires, 21 anos, natural do Barreiro, Setúbal, estudante.

Recolha: em Faro, a 22/10/2006.

Coletor: Marisa Isabel Neto Pires (Clip 4)

Classificação: ATU 34A

14

A RAPOSA, O LOBO E O QUEIJO

E doutra vez, uma raposa e um lobo, num tanque do ribeiro da costa, viram lá a lua. Era de noite. E depois diziam que era um queijo. A poça estava cheia de água.

– Como é que havemos de chegar ao queijo? Temos de beber a água da poça toda e depois é que lhe podemos chegar.

Que estava no fundo da poça, o queijo... Era a lua que eles lá viam no fundo da água. Depois botou-se a beber a água, a beber... Mas a raposa só fazia que bebia e o lobo, bruto, é que bebia tudo. E depois:

– Já não posso mais! – Ele diz: – Já não posso mais...

– Então, se já não podes mais, não chegamos ao queijo.

E ele, toca a beber... Já lhe saía a água por fora!

Ela arranhou numa rolha, pôs-lhe no cu, para ele não botar a água para fora!

Ele bebeu, bebeu, até que rebentou! Bebeu a água toda da poça... (risos)

Chegou ao fundo da poça, bebeu a água, ficou sem o queijo!

Informante: Maria dos Anjos, 81 anos, natural de Campo Benfeito, Castro Daire, Viseu, sabe ler e escrever.

Recolha: em Castro Daire, Viseu, a 20 de Setembro de 2010.

Coletor: Ana Sofia Paiva (CD 1, 2011)

Classificação: AT 34B

15

CONTO DO LEÃO E DO CAVALO

Certo dia, estava um cavalo adormecido num prado, quando de repente sentiu um leão faminto aproximar-se. Ao aperceber-se quais eram as intenções do leão, começou com um ar muito queixoso. O leão perguntou-lhe:

– Então cavalo, o que se passa contigo?

– Ah, eu vim ter a este prado porque te procurava. Os meus amigos cavalos disseram-me que tu eras um bom médico.

– Eu, um bom médico? Ah, isso é que sou! Então diz-me do que te queixas.

– Olha, sabes o que é? É que tenho aqui um espinho espetado no meu casco. E, realmente, deves ser a única pessoa que me pode ajudar.

E o leão, como ficou todo presunçoso por o cavalo o ter considerado que ele era um bom médico, então preparou-se para observar o casco do cavalo.

O cavalo, como já sabia quais eram as intenções do leão, aproximou-se, levantou o casco e, no preciso momento em que o leão estava preparado para lhe observar o casco, ele mandou-lhe um valente pontapé e o leão caiu atordoado no chão. E o cavalo aproveitou para fugir.

Informante: Sílvia Serápio, 41 anos, natural de Albufeira, licenciatura.

Recolha: nos Calijos, Albufeira, Faro, a 1/11/2006.

Coletor: Vítor Miguel Serápio Correia (Cd n.º 2 / faixa n.º 28)

Classificação: ATU 47B

16

A CEGONHA, A ZORRA E O MOCHO

Havia uma cegonha que tinha os filhinhos em cima de uma azinheira, tinha três. E chegou lá a zorra e disse-lhe:

– Cegonha, dá-me um cegonho.

– Não te dou não, porque eu só tenho três, e não te dou os meus filhos.

– Então se não me os dás eu serro-te a azinheira.

Ela começou a serrar a azinheira com o rabo. E a cegonha teve medo e deu-lhe um cegonhito.

No outro dia veio à procura de outro.

– Cegonha, dá-me um cegonho, se não eu serro-te a azinheira.

– Não, não te posso dar que eu só tenho já dois, não te vou dar.

– Então eu serro-te a azinheira.

Lá começou a serrar com o rabo. Foi-se embora e no outro dia veio outra vês.

E no outro dia só havia um.

E a cegonha tinha saído e andava muito triste, e o mocho disse-lhe assim:

– Então comadre cegonha, o que tem?

– Ora, deixe-me cá, tinha três cegonhitos só tenho já um.

– E porque é que tens só um?

– Porque a zorra vem e pede-me um cegonho, se não vem e serra-me a azinheira.

– Ó parva, então não vês que ela não tem serra nenhuma? Ela serra, serra, isso é com o rabo... Não dês mais nenhum!

No outro dia, veio ela muito contente:

– Dá-me um cegonhito.

– Não te dou, não te dou, tenho só um. Tu já me comeste os outros, já não te posso dar mais nenhum.

– Então, eu serro-te a azinheira.

– Então tu tens alguma serra? É o rabo!

– Ah, menina, então isso é conselhos do compadre mocho... Deixa que eu já vou falar com ele.

E foi ter com o compadre mocho. A cegonha saiu, foi pastar, e o mocho andava lá. E a zorra foi também. A zorra chegou ao pé do mocho e diz-lhe assim:

– Então o que é que tu disseste à cegonha?

– O que é que eu disse? Então tu comias-lhe os filhos todos! Tu tens alguma serra?

Ela joga-se ao mocho e engoliu-o, comeu-o.

Informante: Serafina da Conceição Martins, 80 anos, natural de Freixo Seco de Baixo, Loulé, Faro, reformada, analfabeta.

Recolha: em Freixo Seco de Cima, Loulé, Faro, a 14-11-2005.

Coletor: Carina Isabel Martins Anastácio (cassete n.º 3 / Face A)

Classificação: ATU 56A

17

[O CORVO E O QUEIJO]

Era uma vez um corvo que estava em cima de uma árvore e tinha um pedaço de queijo na boca. Entretanto, passou por ali uma raposa que sentiu o cheiro do queijo. Olhou para cima da árvore e disse ao corvo:

– Bom dia, senhor Corvo. Tão lindo que tu estás hoje!

E o corvo, todo vaidoso e lampeiro, abriu a boca e deixou cair o queijo.

Então a raposa, toda contente, comeu o queijo, virou-se para o corvo e disse-lhe:

– Estás a ver, corvo vaidoso, acabaste de perder o queijo!

E o corvo respondeu-lhe:

– Não me voltas a enganar, aprendi a lição. De nada me vale a vaidade, não volto a cair nesta esparrela!

Informante: Carla Navio, natural de Pechão, Olhão, Faro.

Recolha: em Olhão, Faro, a 10 de Janeiro de 2007.

Coletor: Dora Bela Baptista Ramires (Gravação 15)

Classificação: ATU 57

18

O CORVO E A RAPOSA

Há uma outra também que é bem conhecida, e que também, como todas aquelas, ou como todas as que existem, são passadas através dos tempos, e que também tem sempre alguma coisa de aproveitamento, que é a historia do corvo e da raposa, em que o corvo estava pousado numa árvore com um bom pedaço de queijo no bico, e atraído pelo cheiro, aproxima-se uma raposa, com efectivamente, muita vontade de tirar o queijo ao corvo. No fim, como ela não podia, não tinha condições de subir à árvore onde o corvo estava, resolveu, com a esperteza que a raposa tem, e inteligência, resolveu utilizá-la em seu benefício. E então dizia-lhe:

– Bom dia, amigo corvo. Ouvi falar que o rouxinol tem o mais belo canto da floresta, mas, eu, para mim, aposto que o meu amigo corvo, se cantasse, seria, pá, o melhor animal da floresta. Seria melhor que o rouxinol.

O corvo, na sua vaidade, abre o bico para cantar, e “catrapuz”, lá se vai o queijo. A raposa apanhou-o, comeu-o, agradeceu e disse-lhe:

– Na próxima vez, desconfia de quem te bajula.

E a moral desta história, é precisamente essa: é desconfiar dos bajuladores, porque esses, sempre se aproveitam da situação.

Informante: João Sopa, 57 anos, agente de viagens.

Recolha: Faro, em 2007.

Coletor: Andreia Sopa (gravação n.º 3 / 12'44)

Classificação: ATU 57

[A ZORRA E O LOBO]

A zorra uma vez foi a uma horta. Estavam lá umas parreiras com umas uvas muito altas, e ela olhou-lhe e disse assim:

– Altas e verdes, nem os cães as podem tragar. //

Ó não as alcançava. Mas viu vir lá um peixeiro, e fez-se morta no meio do caminho. O peixeiro passou e diz assim:

– Eh! 'Tá aqui o raio da zorra morta! Vou levá-la, pode ser que eles me *deiam* alguma coisa por ela.

E pô-la em cima das canastras do peixe. A zorra abriu os olhos, começou a pôr peixinhos para o chão, a por peixinhos para o chão... O velho levava uma alcofa entre as canastras. Ela pega na alcofa, volta para trás e começa a apanhar os peixinhos. Encheu a alcofa de peixe. //

Levava a alcofa nos dentes, com os peixes, encontrou o compadre lobo. Diz ele assim:

– Ó comadre zorra, onde é que vossemecê achou esses peixinhos?

– Olhe, foi ali naquele peguinho: Cada mergulhanito, cada peixinho; cada mergulhão, cada peixão.

Disse para enganar o lobo. Diz lobo assim:

– Ó comadre zorra, e se eu fosse também?

– Pois, mas tem é que amarrar uma pedra ao pescoço...

Depois ele amarrou uma pedra ao pescoço. Estava ali à beira do poço, não queria ir. Ela vai prega-lhe um empurrão. O lobo caiu logo lá para baixo. E depois a zorra dizia assim:

– Ó compadre lobo, escorregou-gou-gou?

Diz-lhe ele assim:

– Escorregou o raio que a parta! Você é que me empurrou.

Informante: Maria Estêvão Cavaco, 75 anos, natural de Freixo Seco de Cima, Loulé, Faro, 3.ª classe, reformada.

Recolha: em Freixo Seco de Cima, Loulé, Faro, a 14-11-2005

Coletor: Carina Isabel Martins Anastácio (cassete n.º 4 / Face A)

Classificação: ATU 59 + ATU 1 + ATU 2B

O CONTO DA RAPOSA E AS UVAS

Dizem que certa raposa
Andando muito esfaimada,
Viu louros cachos de uva
Pendendo de uma latada.

Vendo que não lhe pode chegar
Diz: – Estão verdes, -----
Nem os cães as podem gramar!

Mas nisto quando se volta,
E sente cair qualquer coisa,
Quando seguia o caminho.
Julgando ser algum bago,
Volta depressa o focinho.

[Versão oral da informante]

Contam que certa raposa,
Andando muito esfaimada,
Viu roxos, maduros cachos
Pendientes de alta latada.

De bom grado os trincaria,
Mas sem lhes poder chegar,
Disse: 'Estão verdes, não prestam,
Só cães os podem tragar!'

Eis cai uma parra, quando
Prosseguia o seu caminho,
E, crendo que era algum bago,
Volta depressa o focinho.

[Versão de Bocage a partir de La Fontaine]

Informante: Palmira Neves Jesus Brito, 78 anos, natural de Alportel, reformada da agricultura, 3.ª classe.

Recolha: no sítio do Alportel, S. Brás de Alportel, Faro, dia 2 de Novembro de 2007.

Coletor: Daniela Maria Pires Cabrita (MIC-2007-11-02 – 05'30)

Classificação: ATU 59

Nota: como facilmente se vê acima, esta versão (esquecida) deriva da de Bocage, que a informante provavelmente aprendeu no livro da escola primária.

A HISTÓRIA DO GROU E DA RAPOSA

É a história do grou e da raposa, que o grou encontrou a raposa e convidou-a, convidou para ir jantar à casa dele. E então a raposa toda contente disse logo que sim, que ia lá jantar e ficou de lá ir no outro dia jantar. Quando chegou lá a casa, viu que o grou tinha servido as papas de milho numa taça muito alta, muito estreita. E então a raposa ficou muito aborrecida porque não conseguiu comer nada, com a língua não conseguia chegar lá ao fundo do recipiente para comer. E então foi-se embora depois muito aborrecida com o grou. E então pelo caminho foi pensando numa estratégia para se vingar dele. E então foi pensando:

– Agora já sei o que é que eu vou fazer, vou-me vingar, não te vais ficar a rir.

E então, quando depois encontrou no outro dia o grou, convidou-o a ele para ir jantar à casa dela. O grou também aceitou. Quando lá chegou, viu que a raposa tinha servido as mesmas papas de milho, como ele tinha servido, mas serviu num prato raso, baixinho, e o grou ficou todo apoquentado, porque com o bico não conseguia comer nada.

E foi assim a história da raposa e do grou.

Informante: Célia Pereira, 53 anos, natural de Lagos, Faro, balconista, 9.º ano.

Recolha: em Albufeira, Faro, a 20 de Novembro de 2016.

Coletor: Mariana Pereira Raposo

Classificação: ATU 60

A RAPOSA E O GROU

Era uma vez uma raposa que, um dia, se encontrou com o grou e logo pensou divertir-se à custa dele, pregando-lhe uma partida.

– Bom dia compadre grou!

– Bom dia comadre zorra!

– Ó compadre grou, estava aqui a pensar convidá-lo para um almoço, lá na minha casa, amanhã. Pode ser?

– Está bem comadre, lá estarei.

Ora a comadre zorra, além de matreira, era, também, muito gozona. Preparou uma refeição de modo que só ela a podia comer. Eram umas papas ralas, servidas assim num recipiente muito raso.

Quando o grou chegou lá, à hora combinada, deparou-se com uma travessa que continha comida que só ela podia comer, pois com a língua conseguia lambe-las papas quase líquidas e ele, com o bico comprido, não tinha maneira de as comer.

Dizia a raposa:

– Então compadre, não come?

– Coma a comadre, que eu não tenho muito apetite. – Respondia o grou, disfarçando a vergonha.

Ele estava a perceber bem a partida que ela lhe pregou e, entretanto, estava já a maquinar a maneira de tramar a raposa.

No fim da refeição, para retribuir o convite, combinou com a comadre zorra encontrarem-se na sua casa, para uma refeição a dois, no dia seguinte.

À hora combinada, ela lá estava.

Então, aparece o grou com uma vasilha de gargalo estreito, que continha a refeição para os dois. Cheirava que rescendia!

– Aproxime-se comadre! Vamos comer!

Mas, enquanto o grou metia o seu bico para alcançar o saboroso manjar, a comadre sentia-se incapacitada para o fazer. Faz-se ideia do desgosto da matreira. Com a língua não chegava lá. //

Ainda assim, não contente pela humilhação que a raposa lhe fizera sofrer, o grou subiu a uma árvore e, de repente, simulando assim um ar de aflição, gritou para ela:

– Ó comadre, o que eu estou a ver... Tantos caçadores e tantos cães aí vêm, em sua perseguição! Venha daí, agarre-se ao meu rabo, que eu a levo daqui.

Cheia de medo, a raposa acreditou. Agarrou-se ao rabo do grou, com a boca, e lá vão os dois pelo ar. Passaram por um campo onde se encontravam uns homens a trabalhar. Quando estes viram aquela cena, começaram a gritar:

– Olha a raposa agarrada ao rabo do grou! Olha a raposa agarrada ao rabo do grou!

E o grou dizia à raposa:

– Mande-os à merda, comadre zorra! Mande-os à merda, comadre zorra!

E ela, lá do alto, de boca fechada, para não se desprender, respondia:

– Hummm! Hummm!

E o grou insistia:

– Mande-os à merda, comadre zorra!

E os homens voltavam à carga:

– Olha a raposa agarrada ao rabo do grou!

Às tantas, esquecendo-se da sua perigosa situação, respondeu-lhes com todas as letras:

– M...e...r...d...a!

Nessa altura, abriu a boca e veio estatelar-se no chão.

Como não viu nenhum caçador nem cão e, esperta como é, compreendeu que tinha sido enganada pelo grou, que quis desferrar-se da vergonha que passou na casa da zorra.

Assim, aprendeu que não se deve gozar à custa dos outros. Saiu-lhe cara a brincadeira. Para além do susto, deve ter sofrido cá umas dores. Não faças aos outros o que não desejas que te façam a ti.

E o conto acabou e o cu da velha se chamuscou.

Informante: Maria Lucília Caliço, 67 anos, natural de Armação de Pêra, Silves, Faro, professora aposentada do primeiro ciclo.

Recolha: em Armação de Pêra, Silves, Faro, a 18 de maio de 2011.

Coletor: Ana Isabel Cordeiro de Oliveira

Classificação: ATU 60 + ATU 225

23

A CEGONHA E A RAPOSA

Certo dia, a raposa convidou a cegonha para uma patuscada. Faz a patuscada num prato raso, convida a cegonha para a patuscada. Quando a cegonha vai comer, com o bico muito comprimido, não comeu nada. A raposa, por sua vez, comeu tudo. A raposa convidou a cegonha para a patuscada e a cegonha não comeu nada.

Por sua vez, a cegonha fez-lhe o mesmo: convidou-a para a patuscada, fez-lhe uma panela funda com comida. Convida a raposa. A raposa chega lá, a cegonha começa a pôr o bico dentro da panela e comeu tudo e a raposa não comeu nada.

Informante: Noélia da Cruz Fernandes, 51 anos, natural de Moncarapacho, comerciante, 6.º ano.

Recolha: em S. Brás de Alportel, Faro, a 23 de Novembro de 2008.

Coletor: Ana Isabel Fernandes Guerreiro (Gravação n.º 14)

Classificação: ATU 60

24

A RAPOSA E A CEGONHA

Era uma vez uma raposa e uma cegonha. A raposa convidou a cegonha para ir lá à sua casa comer umas papas. E a cegonha aceitou. Depois a cegonha foi comer as papas à casa da raposa. E o que é que a raposa fez? A raposa preparou-lhe umas papas muito fininhas num prato. É claro que a cegonha chegou lá à casa da raposa e não conseguiu comer nada. Como tinha um bico muito comprido não conseguiu comer nada. Enquanto a raposa comeu tudo.

Depois a cegonha, para se vingar da raposa, convidou a raposa para um banquete lá na sua casa. E a raposa foi ao banquete e o que é que a cegonha fez? A cegonha preparou umas papas e meteu-as dentro de uma garrafa com um gargalo muito fininho e a raposa não conseguiu comer nada, enquanto a cegonha comeu tudo.

Conclusão da história: nunca faças aos outros o que não gostas que te façam a ti.

Informante: Paulo Mileu, 22 anos, natural de Santo Amaro, Sousel.

Recolha: em Santo Amaro, Sousel, Portalegre, a 28 de Dezembro de 2006.

Coletor: Raquel Eunice Casimiro Marques (faixa n.º 42.4)

Classificação: ATU 60

25

A GARÇA E A RAPOSA

São as duas comadres, que uma visita a outra.

A raposa diz:

– Ó comadre garça, amanhã pode vir lanchar comigo.

E o que é que a raposa faz? Estende as papas todas em cima de uma laje.

Vai lá a garça, vai ela lanchar com a comadre, pensando de ir encher a barriga. Chega lá, as papas estavam todas em cima de uma laje. Com o bico... como é que ela comia? Não comeu, a raposa enganou-a. Mas ela não se ficou por matreirice. Disse à raposa:

– Olhe, comadre, o lanche estava muito bom! Amanhã vai você lanchar comigo.

E a raposa assim foi. O que é que a outra faz? Mete as papas dentro de uma garrafa. Vai lá, faz as papas, mete dentro de uma garrafa. Ora a garça comeu com o bico, mas a raposa não comeu. Que é para lhe dar a lição daquilo que ela lhe tinha feito a ela.

É assim a história da garça e da raposa.

Informante: Rosália Cristina, 42 anos, natural de Alcoutim, empregada de comércio.

Recolha: em Faro, a 18/10/2007.

Coletor: Sara Alexandra Pereira Marques da Cruz (faixa 14)

Classificação: ATU 60

26

CONTADO DO GROU E DA COMADRE ZORRA

O grou e a comadre zorra combinaram em fazerem um jantar. E a zorra fez o jantar e pôs a comida numa laje. Ora, a comadre zorra comeu tudo e o grou não comeu nada, porque não dava apanhado com o bico.

Depois, o grou pensou em lhe fazer uma partida e convidou-a para jantar à casa dele. E ele pôs o comer numa *amentolia*. Ele comeu tudo, porque metia lá o bico e a zorra não deu de comer nada, não dava lá metida a língua.

Informante: Paulina da Conceição Nunes Marques, 72 anos, natural de Monchique, reformada, analfabeta.

Recolha: em Monchique, Faro, a 4 de Novembro de 2007.

Coletor: Patrícia Isabel Dionísio Nunes (CD n.º 1 / faixa n.º 24)

Classificação: ATU 60

27

A CEGONHA E A RAPOSA

É a comadre cegonha e a comadre raposa. Depois, diz a comadre cegonha para a comadre raposa:

– Ó comadre raposa, queres ir almoçar à minha casa? Tenho lá um almoço para a gente as duas.

Mas a cegonha tentou enganar a raposa. Então o que é que fez? Fez umas migas dentro de uma panela. E então a cegonha metia o bico na panela e a raposa não metia lá o focinho que não cabia. Não cabia, quer dizer que a cegonha, com o bico, comeu tudo e a raposa não comeu nada.

E depois diz assim a comadre cegonha para a comadre raposa:

– Então, ficaste bem do almoço, gostaste do almoço?

– Gostei!

Diz a raposa assim: “Deixa estar que também de hei-de enganar...”

– Olha, comadre cegonha, agora vais jantar à minha casa.

– Está bem.

E a raposa fez umas migas numa laje, numa laje. Ora a cegonha com o bico – traz, traz, na laje – apanhava pouquinho. A raposa com a língua drtt comeu aquilo tudo.

Depois diz-lhe assim:

– Então, comadre cegonha, ficaste bem de almoço?

– Fiquei. //

A cegonha diz assim: “Ai, magana, agora enganou-me... Deixa estar que hei-de enganá-la também bem”

E convidou-a para irem dar um passeio às Festas de Arcelo.

E diz a raposa assim:

– Aonde é que fica isso, ó comadre cegonha?

– Olha, deixa que eu levo-te lá às Festas de Arcelo. Pões-te às minhas cavalitas, que eu levanto voo. Que é lá muito alto, muito alto...

– Está bem.

A raposa pôs-se em cima da cegonha, por cima das asas. A cegonha levantou voo, subiu, subiu, subiu... Quando ia lá muito em cima, diz assim para a raposa:

– Ó comadre raposa, ainda vês a laje onde a gente comeu as migas?

– Ainda!

Mais para cima, mais para cima, mais para cima... Lá em cima diz assim:

– Ainda vês a laje onde a gente comeu as migas?

– Já não.

– Então vai lá ter com elas.

Fechou as asas, a raposa vem por aí abaixo, caiu cá em baixo, morreu.

Pronto, a cegonha conseguiu enganar a raposa.

Informante: Germano, 65 anos, natural de Avis, Portalegre, motorista.

Recolha: em Alverca, Vila Franca de Xira, Lisboa, a 14/10/2007.

Coletor: Andreia Cabecinhas (faixa n.º 17)

Classificação: ATU 60 + ATU 225

28

A ZORRA E O GROU

Era a zorra e o grou, que era um pássaro. Encontraram-se os dois, fizeram-se amigos e a zorra muito amável convidou o grou para ir jantar à casa dela. E o grou foi, muito satisfeito, que a zorra era muito amiga dele e pronto.

Chegou lá, a zorra como é muito esperta, fez as papas e estendeu em cima de uma laje. Como o grou tem o bico comprido, só penicava, penicava. E a zorra lambeu, lambeu as papas todas.

Bom, o grou agradeceu, que estava tudo muito bem, que estava tudo muito bom e convidou a zorra para ir jantar à casa dele. E a zorra foi, muito contente, que ia lá lambe as papas todas também. Só que o grou, não era assim muito burro e pôs as papas dentro de uma garrafa e a zorra não conseguia lambe, porque não cabia o focinho dentro da garrafa. E o grou picou, picou, picou, comeu as papas todas. E o grou pagou à zorra o mal que lhe tinha feito.

Informante: Adélia Gago Rosa, 73 anos, 4.º ano.

Recolha: em Nora de Apra, Loulé, Faro, a 16 de Outubro de 2008.

Coletor: Filipa Margarida Dias Lima Pinheiro (gravação G1)

Classificação: ATU 60

29

A COMADRE PEGA

Eram duas comadres, ou seja, a comadre pega e a comadre raposa. Eram muito amigas, mas as raposas sempre foram muito falsas. E então, um dia decidi convidar a sua comadre pega para ir almoçar lá a casa. Fez o convite e a comadre aceitou muito contente. Só que a raposa, sempre muito falsa, apresentou-lhe umas papas de milho dentro de um prato raso, que seria quase impossível a pega conseguir comer de lá alguma coisa, porque a raposa tem uma língua muito comprida e larga. Enquanto a pega só tira um tiquinho ou dois a raposa lambeu aquilo tudo. Mas a comadre pega não se mostrou nada ofendida, embora ficasse bastante. Então um dia pensou: “Vou vingar-me.”

Então foi convidar a sua comadre raposa. E a raposa pensou: “Vou enganá-la de novo e vou comer tudo. E ela é que me convida e acaba por não comer nada.”

Mas não. A pega também era inteligente, e então, também fez umas papas de milho mas apresentou-lhas dentro de uma garrafa com o gargalo muito estreitinho, onde só o seu próprio bico poderia entrar. E a raposa aí ficou a olhar bastante triste, porque ficou sem almoço, tal como a sua comadre tinha ficado na outra vez. E pronto, a pega sentiu-se vingada. E é assim: o que não gostas que te façam a ti não faças aos outros.

Informante: Lurdes Guerreiro, 43 anos, natural de Santa Clara a Nova, empregada de andares, 9.º ano.

Recolha: em Tunes, Silves, Faro, a 6 de Novembro de 2009.

Coletor: Gabriela Rodrigues Pacheco e Dália Solá Faisca (faixa n.º 11 / 8'52)

Classificação: ATU 60

30

A CEGONHA E A RAPOSA

Era uma vez uma raposa e uma cegonha. A raposa, um dia, convidou a cegonha para almoçar com ela. A cegonha aceitou imediatamente, sem dúvida alguma.

Então, no outro dia, a cegonha lá estava. A raposa, que a tinha recebido muito amavelmente, começou por dizer à cegonha que tinha feito assim umas papas muito deliciosas, abrindo cada vez mais o apetite à cegonha.

O que a cegonha não contava era a forma como eram os pratos. De facto, a comida foi servida em dois pratos rasos. A cegonha tentou, tentou, mas por causa do bico, não conseguia comer.

Então, pensando para si, achava a atitude da raposa muito má, de puro egoísmo mesmo, pois ela sabia que a cegonha tinha o bico comprido e que jamais podia comer assim.

Como é óbvio, a raposa não tinha feito aquilo por engano, pelo contrário, foi com toda a intenção. Queria oferecer comida, mas ao mesmo tempo ficar com ela toda. E por isso, enquanto via o esforço que a cegonha fazia para comer, ria-se sozinha.

Mas a cegonha pensou que a raposa não levava a melhor e então, nesse dia, virou-se para a raposa e disse:

– Já que hoje me ofereceste o almoço, amanhã sou eu que te ofereço o almoço. Aparece lá na minha casa.

A raposa aceitou imediatamente: ia comer sem ter que gastar da sua comida.

Mas ao chegar, viu que a comida estava dentro de duas garrafas compridas. E enquanto tentava chegar à comida, já a cegonha se deliciara toda com a comida.

Então a raposa, ao perceber a sua maldade, pediu desculpas à cegonha e prometeu que o que tinha acontecido nunca mais se voltaria a dar.

Informante: Sandra Madeira, 20 anos, natural de Genebra (Suíça), estudante.

Recolha: em Quarteira, Loulé, Faro, a 9 de Dezembro de 2005.

Coletor: Sandra Madeira (cassete 2 / face B)

Classificação: ATU 60

31

A RAPOSA E O GALO

Era uma vez uma raposa (as zorras e as raposas são muito espertalhonas) que ia pelo vale a baixo e viu um galo. O galo assim que viu a raposa fugiu logo. Pulou para cima de uma azinheira. O galo era o mais apetitoso e ela diz:

– Olha, não sabias, compadre galo? Agora fizeram uma nova lei.

– Então qual é?

– Agora já podemos andar todos juntos. Já não fazemos mal uns aos outros. Podes descer cá para baixo que eu já não te faço mal.

– Ah! Nessa não caio eu!

– Não! É a lei, é a lei!

Naquilo, soavam uns cães ladrando. Vinham com a força toda! Diz-lhe o galo:

– Olha, vêm ali uns cães! Se é a lei deixa-te estar!

Assim que a raposa viu os cães, começou a fugir. Diz-lhe assim o galo:

– Olha comadre raposa, mostra-lhe agora a lei! Mostra-lhe a lei!

Informante: Marcelino Leandro Botelho, 70 anos, natural da Amareleja, Moura, Beja, cabeleireiro, 4.ª classe.

Recolha: em Amareleja, Moura, Beja, a 22 de Dezembro de 2005.

Coletor: Nídia Bretoldo (cassete / faixa n.º 5)

Classificação: ATU 62

32

A RAPOSA FOLHARASQUINHA E O LOBO

Era uma vez uma raposa que se esfregou nuns cortiços de mel e a seguir deitou-se em cima de umas folhas e ficou toda cheia de folharascas. Porque o lobo queria-a comer ou queria-lhe dar. E só havia um sítio onde iam beber. O lobo esperava-a lá no sítio e ela estava cheia de sede, porque tinha comido as migas ao lobo. O lobo estava guardando a água da albufeira. Acontece que ela fez aquilo, veio para baixo toda cheia de folhas e foi lá beber. Ela chegou e disse:

– Então compadre lobo está aqui guardando a água?

– Estou! Estou aqui à espera de uma raposa!

– Ah, pois! Fazes bem! Mas eu sou a Folharasquinha!

– Ah, tia Folharasquinha! Está bem! Então bebe, bebe!

E ela pôs-se a beber. Já havia dez dias que andava estudando a maneira de ir beber. Diz-lhe o lobo:

– Tia Folharasquinha! A sede já era velhinha!

Quando ela acabou de beber e viu que já estava cheia, empinou-se e disse:
– Olha! Desde que o teu rabo *ripi*, nunca mais água bebi!

Informante: Marcelino Leandro Botelho, 70 anos, natural da Amareleja, Moura, Beja, cabeleireiro, 4.ª classe.

Recolha: em Amareleja, Moura, Beja, a 22 de Dezembro de 2005.

Coletor: Nídia Bretoldo (cassete / faixa n.º 5)

Classificação: Hansen **74D

33

CONTOS DO LEÃO E DO RATO

Um ratinho distraído ia saindo da sua toca e foi apanhado pelas garras do Leão. O ratinho, assim que se viu debaixo das garras do leão, disse:
– Senhor leão, não me mate! Não me mate, que ainda posso ser muito útil, um dia.

O leão começou a rir-se e deixou ir embora o ratinho, a pensar:
– Para que precisarei dele?

Um dia, passado duas ou três semanas, o leão foi apanhado por uma armadilha feita por uma rede. O leão fartou-se de rugir e rugir... Tendo o rato ouviu aquilo, foi ver o que se passava, e encontrou o leão preso numa rede. Então, o rato roeu, roeu e roeu as redes da armadilha, libertando o leão. O leão fica muito agradecido pelo acto do ratinho e ficam ambos muito amigos.

Informante: Edita Marvão, 44 anos, doméstica.

Recolha: Moura, Beja, em 2006

Coletor: Vanessa Marvão (cassete n.º 2 / face A)

Classificação: ATU 75

34

HISTÓRIA DO LOBO E DA CEGONHA

Era uma vez um lobo que estava a comer. Muito ganancioso e engasgou-se com um osso. Ficou muito aflito e começou a gritar:

– Quem me acode? Quem me acode?

E como estava por ali perto uma cegonha com um bico muito comprido, ele gritou:

– Ajuda-me, ajuda-me!

E o lobo começou a prometer muitas coisas à cegonha, para ela o ir acudir. Mas a cegonha tentou acudir, tirou-lhe o osso e depois perguntou-lhe:

– Então e as promessas que me tinhas dito anteriormente?

– Olha, olha, parece que é parva... Então eu prometi que não a comia. Eu tive a tua cabeça durante tanto tempo dentro da minha boca e não te comi e agora querias que eu te pagasse o quê? Salvei-te a vida.

Informante: Josefina Rosa, 52 anos, natural de Évora, licenciatura.

Recolha: em Évora, a 23 de Dezembro de 2006.

Coletor: Raquel Eunice Casimiro Marques (faixa n.º 32.1)

Classificação: ATU 76

35

[O LOBO, O CORVO E A RAPOSA]

Era uma vez um lobo que estava comendo um borrego. E depois chegou o corvo e a raposa e a raposa disse:

– Dá-me um bocadinho de borrego.

E o corvo também disse:

– Dá-me um bocadinho.

E o lobo disse:

– Ao que tiver mais anos é que eu dou, o que for mais velho é que eu dou um pedacinho.

A zorra disse assim:

– Quando eu nasci, só tinha um cabelo, agora contem-nos.

E o corvo disse:

– Quando eu nasci, só havia uma sobreira, agora contem-nas.

– Então ficaram empatados, nem um, nem o outro ganhou. //

A zorra estava ali e viu passar um peixeiro, e disse assim:

– Olha, agora vou-me fazer morta, além ao caminho, que ele põe-me dentro das canastras.

Ela foi, o peixeiro passou, não lhe cheirou mal, levou-a para [tirar] a pele.
 Ela começou a jogar peixe, a jogar peixe... Chegou a uma casa, estava uma alcofa, voltou para trás e encheu a alcofa de peixe. //

E encontrou o compadre lobo:
 – Ó comadre zorra, mas onde é que foi á pesca?
 Eu vou consigo além àquele poço e você também enche a alcofinha. É cada mergulhão, um peixão.
 Oh, o lobo foi muito contente. Foi com a zorra, ela amarra-lhe um baraço ao pescoço e uma pedra dentro da alcofa e estava cá em cima e o lobo foi para baixo. E a zorra diz-lhe:
 – Escorregou-gou-gou.
 E o lobo dizia assim:
 – Escorregou o raio que a parta. Foi você que me empurrou!
 E lá ficou.

Informante: Serafina da Conceição Martins, 80 anos, natural de Freixo Seco de Baixo, Loulé, Faro, reformada, analfabeta.

Recolha: em Freixo Seco de Cima, Loulé, Faro, a 14-11-2005.

Coletor: Carina Isabel Martins Anastácio (cassete n.º 3 / Face A)

Classificação: ATU 80A* + ATU 1 + ATU 2B

36

CONTTO DA LEBRE E DO LOBO

Era um lobo, e depois o lobo combinou com a bicharada toda para irem lá à cova onde ele se acolhia, que era para comer cada dia um. E depois um dia ia um, outro dia ia outro, outro dia ia outro... Lá um dia calhou a uma lebre. E daí a lebre demorou-se muito, foi lá ali já à tardinha. Não se atrevia a ir para lá, pois o lobo comia-a. O lobo já estava com muita fome, já a bocejar:
 – Áo! Já me tardavas...
 – Ai, peço mil desculpas, senhor lobo! Que eu vinha ali mais abaixo, encontrei outro senhor lobo e queria-me comer.
 – Diz-me lá onde ele está, que eu quero ir lá.
 – Então, venha daí comigo.

Lá abalou por aí a baixo com o rabinho a abanar, muito contente, por aí a baixo, por aí a baixo... Foi lá mais abaixo, estava um poço e diz para o lobo:
 – Está ali, senhor lobo, está ali!
 O lobo olhou para dentro do poço, viu lá a sombra dele, joga um pulo:
 – Estás ai ladrão! Estás ai maroto! Deixa estar que eu já te arranjo...
 Joga um pulo lá para dentro... Ah, afogou-se, ficou logo lá. E depois, morreu.
 E depois a lebre esteve à espera, à espera, à espera um pouco... Viu que ele já tinha morrido, que já não vinha... Abalou por aí acima muito contente, com rabinho a abanar...
 Ter força é bom, mas ter esperteza ainda é muito melhor. E livrou-se do lobo a comer.

Informante: Palmira Rosa Nunes, 71 anos, natural de Monchique, doméstica, analfabeta.

Recolha: em Monchique, Faro, a 14 de Outubro de 2007.

Coletor: Patrícia Isabel Dionísio Nunes (CD n.º 1 / faixa n.º 6)

Classificação: ATU 92

37

O LEÃO E O BURRO

O senhor chamava-se António Guerreiro, ainda me lembro do nome do senhor. E então tinha uma herdade por cima de Lisboa. Naquele tempo já sabes que era só herdades e tinha muitos animais. Tinha cavalos, tinha leões, só tinha um burro, o burro era só um. Tinha toda a qualidade de bichos, quer dizer, de animais.

De maneira que o burro fazia-se muito manhoso: deitava-se abaixo, não queria fazer nada do que o senhor dizia-lhe para ele fazer. Para carregar as coisas ele arriava-se para baixo. Bom, o que é que o leão diz para ele? O leão disse assim para ele... O dono dava-lhe pancadaria de ele não fazer as coisas, o leão tinha muita pena do burrinho e disse assim:

– Olha, a gente vai fugir porque eu tenho muita pena de tu leares tanta pancada. – Disse o leão para o burro.

O que é que eles fizeram? Agarram-se neles, fugiram. Fugiram, diz ele:

– A gente vai fazer uma aposta. – Disse o leão para o burro.

Foram seguindo, foram seguindo, onde é que eles foram dar? A um grande rio. Andaram quilómetro e quilómetros. E diz o leão para o burro:

– Olha, a nossa aposta vai ser aqui, a ver qual dos dois é que ganha. Aquele que atravessar o rio é que ganha a aposta. – Isto disse o leão para o burro.

O leão, que era mais forte, atravessou o rio logo primeiro, claro. O burrinho que não podia, ficou dentro do rio, não pôde atravessar. Diz o leão assim para ele:

– Olha, eu ganhei a aposta. Que eu atravessei o rio.

E diz o burro assim para ele:

– Não, não ganhaste a aposta. Olha para as minhas orelhas. Está a sair peixe das minhas orelhas. Eu é que ganhei a aposta. (risos).

Quer dizer, dentro do rio começou a saltar peixes (risos) pelas orelhas do burro (risos).

Bom, isto passou-se, fizeram-se amigos, seguiram para a montanha. Vão andando, diz o leão assim para o burro:

– Ah, eu estou cheio de fome. Eu tenho que ir à caça para ver se caço alguma coisa para comer, porque eu estou com muita fome.

Bom, diz o burro assim:

– Olha, fico aqui nesta rocha. Não há comida para mim, não há nada, mas eu vou-me recolher aqui nesta rocha.

Bom, o burro ficou encostado à rocha e o leão foi à procura de comida para ele. Aquilo demorou muito tempo e o leão chega e diz assim:

– Olha, sabes que eu não encontrei comida, mas sabes o que é que eu vou fazer? Vou-te comer.

Diz o burro assim:

– Então és tão meu amigo, tinhas tanta pena de mim e agora queres-me comer?

O que é que o burro faz? (risos) Mete-se numa broca da rocha (risos) que o leão não conseguiu comê-lo, nem apanhá-lo. (risos) De maneira que o burro é que ganhou a aposta no fim. (risos)

Informante: Maria Assunção Roses Jeremias, 77 anos, natural de Quarteira, Loulé, Faro, doméstica, 3.ª classe.

Recolha: em Quarteira, Loulé, Faro, a 26 de Novembro de 2007.

Coletor: Cátia Jeremias e Dilaila Grilo (Cd n.º 6)

Classificação: ATU 103C*

38

OS DOIS RATINHOS MANOS

Eram dois ratinhos manos e então pensaram em se dividir. Um pensou em ir para a cidade e o outro pensou em ir para o campo.

O que foi para o campo foi para um celeiro, tinha lá comidinha, e o que foi para a cidade não encontrava quase comida, estava muito magrinho. Depois, quando eles se encontraram, os dois manos... e na cidade havia muitos gatos... e então, ele andava sempre a fugir dos gatos... então, quando se encontrou com o mano, passado muito tempo, vinha muito magrinho e o mano disse:

– Então o que se passou? Vens tão magrinho...

– Pois, lá na cidade não há comida, não há nada... Ando sempre a fugir dos gatos... Então e tu mano? Tás tão bonito, tão gordinho...

– Ai, olha, eu fui para o campo, tinha muita fartura, muito trigo, comia muito bem... Olha, mais vale no campo do que na cidade na barriga do gato!

Informante: Lina Maria Guerreiro Jorge, 51 anos, reside no Vale da Venda, Faro, trabalha na Residência Universitária de Gambelas.

Recolha: em Faro, a 21 de Março de 2015.

Coletor: Francisco Roberto Tavares Soares de Carvalho

Classificação: ATU 112

Nota: A informante não se lembrava bem da história.

39

OS DOIS RATOS

Dois ratos que andavam no mato, muito magrinhos, cheios de fome. E ali perto havia um moinho. Um escapou-se e foi para o moinho. Foi para o moinho, e mais tarde, estava já muito gordo muito gordo. E então, abala à procura do amigo que tinha deixado, magro, no mato. Até que o encontrou.

– Olá pá, então o que fazes por aqui, homem? Estás tão magro pá! E eu, não vês? Então, estou gordo!

- Ó homem, então onde é que tens andado?
 – Então, lá no moinho, homem! Há lá comida à farta, homem! Queres ir lá comigo? Aquilo, há lá milho, há de tudo.
 E ele perguntou:
 – Então e não há lá gato nenhum?
 Diz-lhe o outro:
 – Há sim, um gato velho. Mas eu pulo por cima e tudo, e ele não vê tampouco.
 – Bom, vamos lá, vai lá a frente.
 – Olha o gato está além à porta do moinho, olha lá além... Agora vou, pulo por cima e vais ver...
 Bom, o outro atrás, o magro, quando deu por conta do outro saltar por cima do gato, o gato físgou-o.
 Volta para trás o que estava magro:
 – Mais vale um magro no mato do que gordo no cu do gato!

Informante: Gilberto Martins Teixeira, 74 anos, natural de Fonte Judeu, agricultor, 4.ª classe.

Recolha: em Fonte Judeu, Castro Marim, Faro, em 2007-2008.

Coletor: Rita de Jesus

Classificação: ATU 112

40

O LOBO DAS TRÊS FORTUNAS

Era uma vez que os animais falavam... E a gente, as crianças, acreditavam que os animais falam. E então era um lobo que acordou um dia de manhã e o rabo deu três estalos. Diz ele assim:

– Ai, hoje tenho três fortunas. Deixa-me ir à procura delas, à procura das fortunas, que hoje tenho três fortunas.

Lá foi a uma ribeira abaixo, à procura das fortunas e encontrou uma porca com vários bacorinhos. Encontrou, diz ele assim:

– Olha, já aqui tenho a fortuna. A primeira.

Chegou-se ao pé da porca e diz:

– Olha, como-te porca, tu e aos teus filhotes.

Diz a porca assim:

– Ai, não me comas. Não comas os meus filhos, nem a mim, porque eles ainda não foram baptizados. E então para serem baptizados têm de passar pela água do ribeiro, de um lado para o outro e depois é que podes comer. Mas primeiro têm que ser baptizados.

– Bom, está bem.

Lá diz a porca para o lobo:

– Olha, põe-te aí ao meio do ribeiro, põe-te aí ao meio que eu vou-te passando os bacorinhos e tu vais passando para o outro lado, passando por dentro de água.

– Está bem, está bem.

Quando o lobo pôs-se no meio do ribeiro, já estava pronto para passar os bacorinhos de um lado para o outro. A porca dá-lhe uma trombada e lá vai o lobo pela água abaixo. //

Diz o lobo assim:

– Bom, esta fortuna... Esta não me bateu certo. Vou-me à procura da segunda. Foi à procura da segunda, encontrou um burro. Diz ele logo:

– Olha, agora como-te burro, agora vou-te comer.

Diz o burro assim:

– Ai, não me comas. Não me comas porque eu tenho as ferraduras e com as ferraduras ficas engasgado, ficas com elas atravessadas nas goelas. Então, se calhar é melhor tu tirares-me as ferraduras, aqui as patas de trás as duas ferraduras, e depois já me podes comer.

– Está bem, está bem.

Lá foi tirar as ferraduras. Quando ele pôs-se bem para tirar as ferraduras, o burro deu-lhe uma parelha de coices, lá foi ele pela ribeira abaixo outra vez. //

E ele disse:

– Bom, olha, esta também não valeu. Deixa-me lá ir à procura da terceira.

Foi mais abaixo, mais abaixo, encontrou dois carneiros a guerrearem um com o outro.

Diz ele assim:

– Olha lá, dois carneiros... Isto, andam medindo terreno. – Aquilo, recuavam atrás e depois juntavam-se e marravam. – Olha, isto, andam medindo terreno.

Chegou-se ao pé dos carneiros, diz ele:

– Olha, agora como um de vocês.

Mas não decidiu qual era o que havia de comer. Primeiro comia um.

Diz ele assim:

– Olha, para saberes qual é o que comes, nós recuamos. Tu ficas ao meio, nós recuamos. O primeiro que chegar ao pé de ti, pois tu comes.

– Ah, está bem, está bem.

Eles recuaram, o lobo ficou ao meio. Olha, eles foram recuando, quando foram os dois para dar a marrada, olha, esmagaram o lobo. Foram um contra o outro ficou o lobo esmagado. Mataram. Foi o fim do lobo. As fortunas, olha, teve azar.

Informante: Ana Dionísio, 49 anos, natural de Santo Estêvão, Tavira, 9.º ano, cozinheira.

Recolha: em Santo Estêvão, Tavira, Faro, a 7 de Janeiro de 2010.

Coletor: Alicia Sofia Pereira Dionísio Lopes (faixa n.º 8 / 2'50)

Classificação: ATU 122A + ATU 47B + ATU 122K*

41

O LOBO MAU

Era uma velhota que ia levar o almoço ao marido, e o marido estava a trabalhar na horta e encontrou um lobo na estrada. E o lobo disse assim:

– Onde vais velhota?

– Vou levar o almoço ao meu marido que está ali em baixo.

– Então dá-mo que eu tenho fome.

– Não! Vou levar o almoço ao meu marido.

E o lobo correu atrás da velhota, e depois a velhota disse assim (apareceu uma cabacinha e depois a velhota meteu-se dentro da cabacinha e respondeu para o lobo):

– Corre, corre, cabacinha; nem velha, nem velhinha.

E o lobo mau nunca mais viu a velhinha e viu a cabacinha correr na estrada, e “corre, corre cabacinha; nem velha, nem velhinha”.

Informante: Francelina Lopes Pires, 68 anos, natural de Quarteira, Loulé, Faro, reformada.

Recolha: em Quarteira, Loulé, Faro, a 5 de Novembro de 2005.

Coletor: Joana Isabel Menalha Cardoso (CD n.º 1, faixa n.º 7)

Classificação: Marzolph *122F

42

CABACINHA, CABAÇÃO

Era uma velhinha que morava sozinha e queria ir ao casamento da filha, mas tinha que passar por um sítio mau onde haviam lobos e estava com medo. E pensou:

– Bem eu tenho de ir ao casamento da minha filha.

Bem dito, bem feito. Quando chegou a certa altura, meteu-se por uns sítios escuros, apareceu um lobo ao caminho que lhe disse:

– Então onde vais, velhinha? Agora não te escapas. Eu estou cheio de fome e agora como-te.

– Não me faças isso, que eu vou ao casamento da minha filha. Quando voltar venho mais gordinha, comemos lá bem. Logo me matas quando eu voltar, que eu volto daqui a dois ou três dias.

– Então vá!

Deixou passar a velha. A velha divertiu-se, bailou, comeu... Quando acabou pensou:

– Então e agora como é que eu passo para lá?

Arranjou uma cabaça grande e quando se aproximou do local onde estava o lobo meteu-se dentro da cabaça e começou a rebolar. O lobo estava esfomeado à espera da hora e do dia que ela ali passava. Viu vir uma cabaça rebolando por o caminho e diz-lhe:

– Ó cabaça, não viste por aqui uma velhinha?

E a velha responde-lhe lá de dentro:

– Não vi velhinha, nem velhão;

Arroda cabacinha, arroda cabação.

E a velha safou-se. Quando passou do lobo saiu da cabaça e foi-se embora.

Informante: Marcelino Leandro Botelho, 70 anos, natural da Amareleja, Moura, Beja, cabeleireiro, 4.ª classe.

Recolha: em Amareleja, Moura, Beja, a 22 de Dezembro de 2005.

Coletor: Nídia Bretoldo (cassete / faixa n.º 5)

Classificação: Marzolph *122F

A CABACINHA

Era uma vez uma mulher que tinha uma filha. E a filha namorava um rapaz e casou, mas casou muito longe, do outro lado do bosque. E a velhota ia ao casamento da filha que era do outro lado. Ia ao casamento, depois ia andando, andando, encontrou o lobo.

Diz o lobo assim:

– Ai, velha, que te como!

Diz ela:

– Olha, não me comas que eu vou ao casamento da minha filha. Depois venho de lá mais gorda e tu comes-me.

A velhota foi, esteve lá no casamento. Depois na hora de abalar disse assim à filha:

– Ó filha, então agora como é que vai ser isto? Que eu agora vou para casa, vem o lobo e come-me.

Diz ela:

– Olhe mãe, não se aflija. Quando chegando lá ao pé, meta-se dentro desta cabaça.

Bem, a velhota veio. Quando chegou lá perto onde o lobo devia de estar, pôe-se dentro da cabaça, passou dentro da cabaça.

Diz o lobo assim:

– Ó cabacinha, tu não viste para ai alguma velhinha?

– Eu cá não vi nem velhinha, nem velhão,
corre, corre cabacinha, corre, corre cabação.

E assim se safou a velhota do lobo.

Informante: Maria de Jesus, 55 anos, natural de Freixo Seco de Cima, Loulé, Faro, cozinheira, 4.ª classe.

Recolha: em Freixo Seco de Cima, Loulé, Faro, a 14-11-2005.

Coletor: Carina Isabel Martins Anastácio (cassete n.º 4 / Face A)

Classificação: Marzolph *122F

CORRE, CORRE, CABACINHA

Era uma vez uma velha que vivia sozinha numa pequena casa. Um dia recebeu uma carta da neta a convidá-la para o casamento. Ela ficou muito feliz, pegou nela e pôs-se logo a caminho. A meio do caminho encontrou o lobo e o lobo disse:

– Ai velha, que te vou comer!

A velha, com muito medo, respondeu:

– Ai não me coma, senhor lobo, não me coma que eu estou tão magrinha... já andei tanto da minha casa até aqui!

Então, a velha pensou:

– Olhe, senhor lobo, eu vou ao casamento da minha neta. Quando eu voltar já estou mais gordinha e ai o senhor pode-me comer.

O lobo, achou que era uma boa ideia. Então disse à velha:

-Vai! Quando voltares cá te espero.

A velha foi, correu pelo caminho até à casa da filha. Quando chegou à casa da filha, contou à filha e à neta o que é que aconteceu.

– Não te preocupes, logo havemos de resolver.

A boda foi muito bonita. Quando chegou a hora de ela se vir embora, a filha, arranjou-lhe uma cabacinha e meteu a velha lá dentro e disse-lhe:

– Agora, mãe, vais aqui dentro e vais sempre rolando até casa.

Assim foi: meteram a velha dentro da cabacinha e a velha lá foi rolando pela estrada. Quando se estava a aproximar do lobo, a velha ficou com medo. Parou a cabacinha e o lobo respondeu:

– Cabaça, ó cabacinha, não viste aí uma velhinha?

E dai a cabaça respondeu:

– Não vi velhinha nem velhão, corre, corre cabacinha, corre, corre cabação. Não vi velhinha nem velhão, corre, corre cabacinha, corre, corre cabação.

E assim chegou sã e salva a casa.

Informante: Helena Correia, 48 anos, natural de Faro, 12.º ano.

Recolha: em Faro, a 25/11/2014.

Coletor: Ana Correia (gravação MVI_0629)

Classificação: Marzolph *122F

45

A VELHA E A CABAÇA

Era uma velha que ia ao baptizado do neto (ou então, era assim pelo Natal que ela ia a casa do filho, mas acho que era no baptizado, ou tinha nascido o neto era assim uma coisa...) e ela ia lá visitar.

Antigamente havia muitos lobos, e depois ela tinha que atravessar uma serra. E ela então ia lá pela serra e aparece-lhe um lobo esfomeado. A velha coitada, toda aflita... E depois aquilo era no tempo que os bichos falavam. A velha ficou toda preocupada e depois lá fez a choradeira ao lobo, disse:

– Ai lobo, não me comas agora que eu estou muito magrinha. Eu vou à casa do meu filho, temos lá um banquete, (é o baptizado acho eu) do baptizado do meu neto e eu depois já venho mais gordinha. Esperas-me aqui e quando for na volta comes-me então.

Conversa daqui, conversa dali, lá o lobo se resolveu: deixou-a seguir.

A velhota teve lá uns dias em casa do filho, comeu e toda contente. Quando chegou à altura de voltar, ficou toda triste. O filho começou a vê-la assim muito triste, perguntou o que é que se passava, o que é que acontecia.

E ela disse:

– Ah, encontrei o lobo, e ele agora está à minha espera. Eu disse isto, convenci-o, mas agora ele está a minha espera. E agora não consigo passar, que ele vai-me comer.

Então o filho disse:

– Ai, a gente temos que arranjar uma solução.

Tinha lá uma cabaça muito grande, a velha também era pequenita e magrita, meteu-se dentro da cabaça e pronto. Toca de rebolar serra abaixo, e a velha dentro da cabaça.

O lobo lá estava à espera da velha. Não via velha nenhuma, viu a cabaça a rebolar.

O lobo:

– Ó cabaça, tu não viste para aí uma velha?

Ouviu-se assim uma voz lá de dentro da cabaça:

Não vi velha nem velhinha;

Não vi velha nem velhã

Rebola, rebola, cabacinha;

Rebola, rebola, cabação. (risos)

Informante: Maria Odete, 55 anos, natural de Abrantes.

Recolha: em Abrantes, Santarém, a 28 de Novembro 2015.

Coletor: Renata Fidalgo (faixa s/n.º)

Classificação: Marzolph *122F

46

HISTÓRIA DA VELHINHA E DA CABACINHA

Era uma vez uma velhinha que vivia num bosque longínquo. A velhinha era um bocado coxa, mas pronto, ainda governava a sua vida.

Um dia recebeu um convite da neta que vivia na cidade e que ia casar, a convidá-la para ir ao casamento. Mas a velhinha estava um bocado preocupada e assustada porque nas redondezas havia muitos animais selvagens, e ela já não tinha todas as forças para poder lutar contra eles, mas pronto, lá se preparou e decidiu ir ao casamento. Lá preparou o seu saquinho, fez as malinhas e partiu.

No caminho encontrou um urso, que lhe perguntou:

– Ó velha onde é que vais?

E ela respondeu:

– Vou ao casamento da minha filha.

– Ai não vais não, porque eu vou-te comer!

– Ah, mas olha lá, eu estou tão magrinha... Porque não me comes quando eu voltar, no regresso, que já venho mais gordinha do casamento?

– Está bem, então cá te espero.

Bem, lá continuou a caminhar. Mais uns quilómetros à frente, quem é que ela haveria de encontrar? O lobo. E o lobo disse:

– Ó velha, onde é que vais? Espera aí que eu quero-te comer.

– Ai não comes não, porque eu vou ao casamento da minha netinha e venho de lá mais gordinha, porque agora sou só ossos.

– Bem, então está bem, no dia do regresso cá te espero.

E a velhinha continuou e por fim encontra o leão. E o leão, arrogante, disse:

– Eh, alto lá, pára aí! Onde é que vais?

– Vou ao casamento da minha netinha.

– Ai não vais não, que eu vou-te comer.

E a velhinha respondeu-lhe:

– Mas eu estou tão magrinha, a definir. É melhor esperares por o regresso, que eu já venho gordinha.

– Então, eu cá te espero quando tu voltares.

E a velhinha foi embora. Foi ao casamento, correu tudo muito bem, até engordou uns quilinhos, mas na altura de regressar ela estava muito nervosa e preocupada, porque tinha medo de ser comida por estas feras ferozes. Bem, a netinha disse pra ela:

– Não te preocupes porque eu vou arranjar a solução.

O que é que ela faz: foi buscar uma cabaça enorme, cortou-lhe um bocado, fez-lhe uma porta, enfiou a avó lá dentro e pô-la a rolar pela estrada fora.

Bem, no caminho encontrou o leão que lhe perguntou:

– Alto lá, cabacinha, não viste por aí nenhuma velhinha?

– Não vi velhinha nem velhão. Corre, corre, cabacinha; corre, corre, cabação.

E o leão ficou todo aborrecido. Continua a rolar pela estrada fora, quando ela encontra o lobo.

– Ó cabacinha, não viste aí nenhuma velhinha no caminho?

E a avozinha lá respondeu:

– Não vi velhinha nem velhão. Corre, corre, cabacinha; corre, corre, cabação.

Continuou a cabacinha a correr e encontrou o urso que fez parar a cabacinha e perguntou:

– Não viste por aí nenhuma velha?

– Não vi velhinha nem velhão. Corre, corre, cabacinha; corre, corre, cabação.

E então a velhinha chegou a casa salva sem ter sido comida pelas feras.

E acabou-se a história. (risos)

Informante: Ana Bela, 40 anos, natural de Salir, Loulé, Faro, educadora de infância.

Recolha: em Loulé, Faro, a 26 de Novembro de 2010.

Coletor: Carla Nunes (CD2)

Classificação: Marzolph *122F

47

CONTO DA VELHOTA E DA CABACINHA

Era uma vez uma velhota que estava muito magrinha, muito magrinha. Um dia chega lá a filha, lá a casa mais o genro, e o genro disse:

– Sogra, tem que ir à minha morte do porco amanhã.

– Então, mas eu tenho medo de ir pela estrada, há muitas zorras, muitos bichos.

– Venha lá, deixe lá, venha mais cedinho que eles não estão aí no caminho.

Bem, foi, arranjou-se, vestiu-se, lavou-se, tomou banho e foi para a morte do porco. Foi lá, encontrou uma zorra.

– Ai, velhota, que eu como-te.

– Não me comas, não, que eu vou a uma morte do porco de uma sobrinha.

Venho de lá, venho mais gordinha.

– Então vai, e não te demores muito que eu tenho fome.

Bem, lá foi, a zorra deixou-a passar.

Lá foi, encontrou o lobo, já de boca aberta para a comer.

– Não me comas, que eu só tenho os ossos, estou muito magrinha. Eu vou à morte do porco da minha filhinha. Venho de lá, venho mais gordinha.

– Então vai e anda logo.

Já estava a zorra e o lobo à espera dela.

Bem, foi à morte do porco, toca de comer que era pra engordar, que era pra dar uns piquinhos melhores pró lobo mais prá zorra e chamou a filha:

– Olha, encontrei uma zorra primeiro, disse que me comia, e, mais adiante, encontrei o lobo. Disse que vinha à morte do porco da minha filhinha e ia mais gordinha. Agora o que é que eu faço?

– Então se eu for com você, comem a gente os dois. É melhor eles comerem a você sozinha.

Bem, não foram. Naquele tempo não havia carros, não havia nada. A velhota disse assim:

– Olha, tenho uma lembrança boa: tenho aqui uma cabaça, é grande, faço uns buraquinhos para as pernas.

Naquele tempo havia umas cabaças que cabia uma pessoa lá dentro. Faz uns buraquinhos para as pernas e ela ia assim com as pernas, só com os pés de fora, toda rasteirinha. Fez uns buracos para os braços e pôs lá, e fez outros para as mãos e só ficaram as pernas. E prantou as coisas, o jantarinho de carne dentro da casa.

Lá ia devagarinho, devagarinho, encontrou o lobo primeiro.

– Ó cabacinha, não viste por aí uma velhinha?

– Eu não vi velha, nem velhinha, corre, corre, cabacinha.

Bem, o lobo não a conheceu, viu que era uma cabaça.

Foi mais adiante e encontrou a zorra.

– Ó cabacinha, não viste por aí uma velhinha?

- Eu não vi velha, nem velhinha, corre, corre, cabacinha até à tua casinha.
- Ai vais para a tua casinha? Vamos lá ver onde é que é a tua casinha...

A velhota desatou a fugir, muito à pressa e a olhar para trás, e a zorra sempre ao pé. Foi para subir para a porta e a cabaça bate lá no someiro em frente à porta, que era uma pedra. A cabaça partiu-se, a velha caiu e a zorra comeu-a.

Informante: Mário Martins Custódio, 80 anos.

Recolha: em Delfeira, S. Teotónio, Odemira, Beja, a 15 de Julho 2011.

Coletor: Laura Tschampel

Classificação: Marzolph *122F

48

A CABACINHA

Era uma velhota que morava num monte. E depois casava um neto e ela foi para ir ao casamento do neto. Abala, *tira-tira beque-beque*. Chega lá adiante, encontra-se com o lobo. Diz ele:

- Agora como-te!
- Ai, não me comas, que eu estou muito magrinha! Mas eu agora vou ao casamento do meu neto. Quando venho de lá, já venho mais gorda e depois, nessa altura, logo me comes!
- Está bem!

O lobo ficou ali e ela foi-se embora. Abalou, chegou lá, andou lá no casamento do neto. E umas de lá e outras de cá. Até que aquilo acabou, que depois diz ela:

– Ai, como é que agora faço isto? O lobo está à minha espera! Porque ficou à minha espera, porque eu estava muito magrinha. Disse-lhe eu que agora, quando viesse ao casamento, quando ia já daqui, já ia mais gorda.

Diz a filha:

– Ó deixe! Está aqui uma cabaça, que a gente tira-lhe aqui o miolo de dentro e você mete-se dentro da cabaça e depois vai rebolando.

Assim foi. Ela meteu-se dentro da cabaça e veio rebolando, rebolando.

Chega cá adiante, estava o lobo. Diz o lobo:

– Ó cabacinha, não viste para aí uma velhinha?

– Eu nunca vi, nem velhinha, nem velhão. Corre, corre cabacinha. Corre, corre, cabação!

A cabaça deu em rebolar, deu em rebolar, até que ela se veio embora e o lobo nunca ficou sabendo que era ela que vinha lá. E veio para casa.

Informante: Olívia Brissos, 78 anos, natural de Santa Vitória, Beja, reformada.

Recolha: em Beringel, Beja, a 23 de Abril de 2011.

Coletor: Sílvia Maria Roupinha Ventura

Classificação: Marzolph *122F

49

A CABACINHA

Era uma vez uma velhinha muito pobre que tinha uma filha num lugar distante. Um dia, recebeu uma carta da filha a convidá-la para o seu casamento. A velhinha ficou muito contente e pôs-se a caminho. Ao atravessar uma floresta encontrou um lobo que lhe disse:

- Eu como-te velhinha!
- Ela respondeu:
- Ai, não me coma que estou magrinha; vindo da boda virei gordinha.
- E o lobo deixou-a ir embora.

Mais adiante encontrou um urso que lhe disse:

- Eu como-te velhinha!
- Ela respondeu:
- Ai, não me coma que estou magrinha; vindo da boda virei gordinha.
- E o urso deixou-a passar.

Mais adiante aconteceu o mesmo com um leão:

- Eu como-te velhinha!
- Ela respondeu:
- Ai, não me coma que estou magrinha; vindo da boda virei gordinha.
- E o leão também a deixou passar.

Chegou finalmente a casa da filha e assistiu ao casamento.

Dias depois, a velhinha contou à filha o que se tinha passado, ao atravessar a floresta, e que certamente ia ser comida.

– Não tenha medo, minha mãe. Meta-se nesta cabecinha e vá correndo. Eles não a vão conhecer.

Assim foi.

Pelo caminho apareceu o leão que perguntou:

– Ó cabaça, ó cabacinha; viste alguma velhinha?

Ao que ela respondeu:

– Não vi velha, nem velhinha; corre, corre cabacinha.

O mesmo sucedeu com o urso e o lobo que fizeram a mesma pergunta:

– Ó cabaça, ó cabacinha; viste alguma velhinha?

E a resposta foi:

– Não vi velha, nem velhinha; corre, corre cabacinha.

E assim a velhinha chegou sã e salva à sua casa, graças ao conselho da sua filha.

Bendito e louvado

Meu conto acabado.

Informante: Maria do Carmo, 72 anos, natural de Olhão, reformada, licenciada em biologia.

Recolha: Olhão, Faro, em 2006

Coletor: Joana Madureira Ramos (cassete n.º 1 / Lado B)

Classificação: Marzolph *122F

50

CORRE, CORRE CABACINHA

Era uma vez uma velha, muito velha, que tinha muitos filhos e muitos netos e que vivia numa casa escondida na floresta.

Certo dia, um filho bate-lhe à porta e diz que vai baptizar mais um neto e que precisa de pão-de-ló e que o baptizado era no fim do mês. Então a velha juntava-se ao fogão trinta dias e trinta noites seguidas a fazer a comida toda. Mas um dia, um desses filhos bate-lhe à porta e disse que, para além de pão-de-ló, precisava também de padrinho, porque já tinham corrido tudo e não tinham encontrado ninguém. Então, a velha ficou muito aflita, porque vivia sozinha e não conhecia ninguém.

Um dia ela meteu-se pela floresta e de repente aparece-lhe um lobo á frente que lhe quer comer. A velha diz que está muito magrinha, que não tem sabor, e que é melhor deixar-lhe ir primeiro à festa do baptizo do neto e que depois está mais gordinha e podia-lhe comer. Entretanto continuou o seu caminho, isto depois do lobo já ter pensado muitas vezes e consentiu.

Quando se meteu outra vez pela floresta, nem repara num senhor que vende cabaças e ele pergunta-lhe onde é que ela vai. Ela diz que vai ao baptizado de mais

um neto e que está muito aflita porque não tem padrinho. Então o velho diz-lhe para ficar descansada que ele vai ser o padrinho e que antes do sol se pôr nas montanhas ele vai-lhe arranjar uma solução.

Então toda a tarde foi assim, com danças e folias, com muita comida E a velha já estava a ficar preocupada. Quando o sol desapareceu nas montanhas o velho foi então buscar uma cabaça, a maior de todas que tinha, e disse-lhe para se meter lá dentro e que fosse a rolar pelo caminho até a casa, sem nunca parar.

A velha foi rolando, rolando, pelos caminhos... mas quando de repente lhe aparece o lobo e lhe pergunta se ela tinha visto alguma velhinha. Ela diz que não viu nenhuma velhinha. Continuou rolando, mas o lobo mete-se outra vez à frente dela e diz-lhe:

– Ah! Agora já me lembro que a velhinha deveria vir mais gorda.

E ela diz-lhe que não viu nenhuma velhinha.

Assim quando ela chegou a casa tirou-se dentro da cabacinha e foi para dentro de casa. Entretanto diz-se que meses depois, quando outro dos seus filhos foi lhe bater à porta para lhe dizer que tinha nascido mais um neto, ela ainda cantava:

Não vi velha, nem velhinha,
Não vi velha, nem velhã.
Corre, corre cabacinha,
Corre, corre cabação.

Foi o que ela ia dizendo ao longo do caminho.

Informante: Marlene Gago, 19 anos, natural de Faro, estudante.

Recolha: em Estoi, Faro, a 15 de Dezembro de 2006.

Coletor: Marlene Filipa Neves Gago (cassete n.º 2)

Classificação: Marzolph *122F

51

[A VELHINHA QUE VAI AO CASAMENTO DA FILHA]

Era uma vez uma velhinha que foi ao casamento da filha. No caminho encontrou um lobo e o lobo disse:

– Onde vais velhinha?

– Vou ao casamento da minha filha. Espere aí por mim, que eu de lá venho mais gorda!

Depois no casamento, a velhinha contou o que se tinha passado à filha e a filha disse:

– De volta para casa, leva esta cabaça e em vendo o lobo, metes-te dentro da cabaça!

E a velhinha assim fez: quando viu o lobo meteu-se dentro da cabaça e ao passar pelo lobo, o senhor lobo disse:

– Ó cabacinha, tu não viste p'raí uma velhinha?

E ela, dentro da cabaça, respondeu:

– Eu não! Não vi velhinha nem velho, corre, corre, cabacinha, corre, corre cabação!

Informante: Leonel Candeias

Recolha: em Olhão, Faro, a 3 de Dezembro de 2007.

Coletor: Carla Ramires e Débora Simão (gravação n.º 14)

Classificação: Marzolph *122F

52

A VELHA E O LOBO

Era uma velhota que tinha a filha lá longe e depois quis ir ver a filha. Lá ia toda contente e encontrou um lobo. E o lobo disse:

– Ó velha! Eu agora como-te!

E a velha disse:

– Não me comas, que eu vou ver a minha filha e venho de lá mais gordinha!

E então ele não a comeu e estava à espera dela. Ela esteve lá alguns três dias e vinha já mais gorda. E disse assim à filha:

– Tenho que me ir embora. Tenho um lobo à minha espera e ele come-me!

A filha disse:

– Ai, minha mãe, meta-se aqui dentro desta cabacinha!

A mãe meteu-se dentro da cabacinha. E a cabaça correu e disse:

– Corre, corre cabaça! Corre, corre cabacinha, não vi velha nem velhinha!

E encontrou o lobo e este perguntou à cabaça:

– Então, cabaça, não vistes por aí uma velha?

E a cabaça:

– Não vi velha nem velhinha, corre, corre, cabacinha!

– Não vi velha nem velhinha, corre, corre, cabacinha!

Oh, o lobo pensou que era a velha que ia ali. Deu uma dentada na cabaça, mas a velha escondeu-se numa trafiqueira. Ora, o lobo agarrou-se ao cu da velha e apANHOU a velha. Pois, é assim!

Informante: Isabel Martins Reis, 85 anos, natural de Perna Seca, Silves, Faro, reformada.

Recolha: em Silves, Faro, a 4 de Janeiro de 2008.

Coletor: Cláudia Carriço (clip 7 / 00'13)

Classificação: Marzolph *122F

53

CONTO DA CABAÇA

Era uma vez uma velha e estava muito magrinha. E então, pensou ir ao casamento de uma filha, para vir de lá mais gordinha. Mas pelo caminho encontrou o lobo.

E disse assim: (naquele tempo os bichos falavam.)

– Ó velha, eu agora como-te!

E ela disse assim:

– Não, não me comas, que eu estou muito magrinha. Vou ao casamento da minha filhinha, venho de lá mais gordinha e daí, logo me comes.

Foi ao casamento da filha, lá comeu, lá esteve, e daí, clamou à filha:

– Ó filha, agora como é que vou para casa, que eu pelo caminho encontrei um lobo e ele disse que me comia? E agora eu vou e ele come-me!

– Olhe, mãe, está ali uma cabaça e vossemecê vai dentro. Que ele assim não sabe de si e você vai para casa assim.

Bom, a velha meteu-se na cabaça. Pelo caminho encontrou o lobo.

O lobo disse assim:

– Ó cabaça, tu não viste para aí alguma velha?

E ela disse:

– Não vi velha, nem velhinha, corre, corre, cabacinha.

Lá vinha a velha dentro da cabaça a correr. Mas o lobo já estava desesperado. Aquilo tinha cheiro, cheirou-lhe que estava ali uma pessoa.

Dá-lhe um pulo em cima da cabaça, arrebenta com a cabaça, come a velha. Só ficou os pés dentro dos sapatos, não ficou mais nada. Apanhou uma barrigada que custou a chegar ao buraco.

Informante: Francisca, 64 anos, natural de Marmelete, Monchique, Faro.

Recolha: em Odiáxere, Lagos, Faro, a 20/10/2007.

Coletor: Nuno Várzea (faixa 6)

Classificação: Marzolph *122F

54

A VELHA DA CABAÇA

Era uma vez uma senhora que foi ao casamento da filha e pelo caminho, pelo meio da floresta, encontrou um lobo. E o lobo disse:

– Ai, velha, que te como!

E a mulher disse:

– Não me coma, senhor lobo, que eu vou ao casamento da minha filha e venho de lá mais gorda. E depois, o senhor lobo logo me come.

– Então está bem, eu cá estou à tua espera.

Certo dia, a mulher estava na casa da filha, e queria regressar para a casa dela. E disse o que tinha acontecido na floresta com o lobo. E a filha disse:

– Olhe, mãe, tome esta cabaça e meta-se dentro dela.

E a mãe assim fez: meteu-se dentro da cabaça e foi sempre rebolando. Passou ao pé do lobo, sempre rebolando, e o lobo dizia:

– Cabacinha, não viu por aí uma velhinha?

E a velha, dentro da cabaça, dizia:

– Não vi nem velhinha nem velhão, corre, corre, cabacinha, corre, corre cabação.

E assim acabou a história da mulher que escapou ao lobo dentro da cabaça.

Informante: Maria Ferreira Ildefonso, 50 anos, natural de Dogueno, Santa Cruz, Almodôvar, Beja, doméstica, 12.º ano.

Recolha: em Faro, a 28-12-2007.

Coletor: Sónia Rodrigues e Paula Cabral (cassete n.º 6 / lado A)

Classificação: Marzolph *122F

55

CONTO DO LOBO E DA CABACINHA

Era uma senhora, já velhota, que morava no campo. E um dia a filha convidou-a para ir ao casamento dela. E ela não sabia como ir ao casamento, porque a meio do caminho havia muitos lobos e, se a apanhassem, comiam. Então, pensou, pensou, mas também o desejo dela de vir ao casamento era muito grande. E então pensou, pensou, uma maneira e então teve uma ideia. Pensou quando chegasse a casa... Já nem pensou mais nisso, resolveu isso, porque já tinha planeado, já tinha feito um plano para depois conseguir ir e regressar. Bem, a meio do caminho, como ela já previa, encontrou um lobo e disse-lhe:

– Olha, velhinha, agora vou-te comer.

E ela disse:

– Ah não, senhor lobo! Não me coma, porque olhe: eu agora estou muito magrinha, estou mesmo muito magrinha, e então o senhor lobo só ia encontrar ossos. Mas eu vou ao casamento da minha filha e como lá. Vou comer muito e quando voltar já estou mais gordita. E aí o senhor lobo pode comer-me e vai ficar de certeza de barriga cheia.

O lobo pensou e disse-lhe:

– Está bem... Realmente... Pois vou esperar... Então está bem, eu espero-te aqui, quando voltares para aqui que é para eu te comer.

Bem, a velhota foi ao casamento. Divertiu-se muito lá, mas à hora de regressar, estava muito pensativa. E diz ela à filha:

– Eu estou muito preocupada e só havia uma maneira de eu conseguir escapar a este lobo: era se tu me arranjasses uma cabacinha.

E a filha, então:

– Ó mãe, mas como é que, com uma cabacinha... Como é que vai conseguir escapar ao lobo com uma cabacinha?

E então, ela disse:

– Não te preocupes. Dá-me a cabacinha que eu me arranjo.

E então ela trouxe a cabacinha. Quando chegou perto do sítio onde o lobo estava á espera dela, enfiou-se dentro da cabacinha e pôs-se a rolar por ali abaixo. Quando parou ao pé do lobo, pergunta-lhe o lobo assim:

– Eh, para aí, cabacinha! Não viste por aí uma velhinha?

E ela respondeu assim:

– Corre, corre, cabacinha, corre, corre cabação. Não vi nem velhinha nem velhão!
E conseguiu passar e enganou o lobo.

Informante: Noémia, 41 anos, natural de Parises, professora primária.

Recolha: em São Brás de Alportel, Faro, a 9-11-2007.

Coletor: Vasco Guerreiro

Classificação: Marzolph *122F

56

A VELHA DA CABAÇA

Era uma vez uma velha que tinha uma filha. E a filha um dia casou. E a velha quis ir ao casamento da filha. E então saiu de casa e lá foi ela.

Mas no caminho encontrou um lobo e o lobo quando a viu disse:

– Auh, velha, que te como!

E ela, assustada, cheia de medo, claro, pensou: “Mas o que é que eu hei-de fazer?”

E depois disse:

– Ó senhor lobo, não me coma, ainda! Não vê que eu estou muito magrinha? Não tem nada para comer! Fique aqui à minha espera, que eu vou ao casamento da minha filha e venho de lá mais gorda. E aí vai ter mais que comer...

O lobo, olhou para ela, mirou-a assim de cima a baixo, realmente viu que ela estava muito magrinha e disse:

– Está bem! Vá, vai lá que eu fico aqui á tua espera!

E a velha assim foi. Lá subiu um monte – que aquilo era um monte – e depois tornou a descer. E foi lá ao casamento da filha. No casamento, bebeu, comeu, saltou, brincou, dançou, fez tudo o que tinha direito. E quando chegou ao fim da festa, disse assim:

– Ai, filha! Como é que vai ser agora, que eu tenho ali um lobo à minha espera para me comer?

E a filha disse assim:

– Não se preocupe. Eu vou lá ao quintal...

Numa árvore de cabaças, tirou uma cabaça e disse assim:

– Quando chegar ao pé do lobo, meta-se dentro da cabaça e vai ver que nada acontece!

E assim foi. A velha lá veio com a cabaça.

Quando chegou lá ao cimo do monte, que viu lá o lobo que estava de mão na testa a olhar para o horizonte à procura dela, meteu-se dentro da cabaça e veio a rebolar. Quando passa a cabaça pelo lobo, o lobo disse assim:

– Ó cabacinha, não viste aí uma velhinha?

E ela, lá de dento, assim:

Não vi velha nem velhinha,

Não vi velha nem velhão.

Corre, corre, cabacinha,

Corre, corre, cabação.

Diz-se que ainda hoje está lá o lobo com a mão sobre os olhos, à espera que passe a velhinha.

Informante: Maria Odete Xarepe, 66 anos, natural de Faro, reformada, licenciada.

Recolha: nas Campinas de Faro, a 14 de Outubro de 2007.

Coletor: Ana Filipa Mendonça (faixa 2 / 12'05)

Classificação: Marzolph *122F

57

O CONTO DA RAPOSA E DO LOBO

E então, a raposa é muito matreira e queria enganar o lobo. E depois, a raposa foi, foi ao casamento da filha. E depois comeu muito, ficou muito cheia, muito cheia, mas quando ia para lá encontrou um lobo. E depois disse à filha:

– Mas como é que eu me amanho agora? Estava lá o compadre lobo no caminho e ele vai-me comer. E agora, farta como eu vou do casamento, então é que ele me mama logo, papa-me logo.

E diz ela:

– Olha, espera aí que eu sei uma coisa: tu levas uma cabacinha, quando chegares ao pé do lobo, metes-te dentro da cabacinha e escapas-te do lobo.

Assim foi. Ela meteu-se dentro da cabacinha e quando chegou lá ao pé do lobo, dizia assim:

– Corre, corre, cabacinha, corre, corre, cabação.

E ia sempre rebolando. O lobo via a cabaça e assim foi que a raposa, como é muito matreira, conseguiu escapar do lobo, dentro da cabacinha.

– Corre, corre, cabacinha, corre, corre, cabação.

E ia sempre dizendo isso dentro da cabaça. E o lobo não a comeu. Portanto a raposa conseguiu ser mais esperta que o lobo, que se diz que o lobo é o animal mais feroz, no entanto, a raposa foi mais esperta que o lobo.

Informante: Otilia

Recolha: em Cachopo, Tavira, Faro, a 04/11/2007.

Coletor: Inês Teixeira (gravação: 22'31)

Classificação: Marzolph *122F

58

O LOBO E A VELHOTA

Uma vez, também, era uma senhora que ia ver a filha.

E ao depois encontrou o lobo, e o lobo disse:

– Ai, agora como-te!

E a velhota disse-lhe assim:

– Olha, não me comas, porque eu vou para à da minha filha, a um casamento lá e eu vou fazer os bolos. Vou e venho muito gorda, venho muito cheia. E tu, à volta, logo me comes.

Diz o lobo:

– Então está bem! Então vai-te embora, que à volta espero-te aqui no mesmo lugar.

Bom, ela foi, contou à filha e às vizinhas e elas disseram assim:

– Bom, agora vai-se arranjar uma cabaça, e você mete-se dentro da cabaça e passa rebolando por onde está o lobo e diz assim.

E o lobo à espera da cabaça, dessa senhora.

E depois ela dizia lá de dentro:

– Arrebola cabacinha, que aqui não passou nem velha nem velhinha e arrebola cabacinha.

E passou a rebolar na cabacinha e o lobo nunca a comeu.

Informante: Maria José, 84 anos, natural dos Cansados, Almodôvar, reformada.

Recolha: em Almodôvar, Beja, a 8 de Novembro de 2008.

Coletor: Filipa Alexandra Costa Ramos (gravação 5 / faixa n.º 39 / 2'18)

Classificação: Marzolph *122F

59

A VELHA NA CABAÇA

Era uma senhora velhota que vivia sozinha. Então, um dia, recebe a carta da neta que morava dois ou três montes depois dela, sei que morava longe. E então a neta dizia que ia casar e então convidou a avó para ir ao casamento. A avó pois ficou muito contente. Lá chegou o dia, lá ia a senhora toda muito feliz para o casamento da neta, vai para a casa da neta. Só que em vez de ir pelo caminho mais seguro, resolveu cortar caminho e atravessar os montes, um sítio onde havia mais mato, era mais perigoso. Então aparecem-lhe lobos à frente, e um diz-lhe assim:

– Olha que eu te vou comer, velhinha!

E a senhora:

– Ai, lobo, não me comas. Eu estou tão magrinha e sou tão velhinha. Eu vou ao casamento da minha neta. Se quiseres, quando eu voltar logo me comes. Aí já eu venho mais cheinha, mais gordinha. E se quiseres ainda te trago uma sobremesa e tudo.

Então o lobo concordou. Então, lá foi a velhota para o casamento da neta.

Foi uma festa muito bonita e depois, quando era para voltar para casa, a velhota estava cheia de medo. E a neta percebeu e perguntou o que é que se passava. E a velhota disse:

– Ai, é que quando vim para cá encontrei lobos no caminho e eles queriam-me comer. Eles ainda deixaram que eu viesse aqui mas que quando eu voltasse me comiam.

A neta dela, muito assustada, foi ao quintal, apanhou a cabaça maior que tinha, abriu uma tampa, ou uma coisa assim, para a avó entrar lá para dentro, para se esconder lá dentro.

Então lá foi a velhota rebolando caminho a fora. Às tantas, apavorada, encontra o lobo. E vira-se o lobo para ela assim:

– Cabacinha, viste alguma velhinha por aí?

E ela, da cabaça, gritava:

Não vi nem velhinha, nem velhão.
Corre, corre, cabacinha, corre, corre, cabação.

E depois, acho que foi assim que a velhota lá conseguiu chegar a casa, sã e salva, com a ajuda da cabacinha.

Informante: Alícia Lopes, 18 anos, natural de Santo Estêvão, Tavira, estudante.

Recolha: em Santo Estêvão, Tavira, Faro, a 9 de Janeiro de 2010.

Coletor: Alícia Lopes (faixa n.º 10 / 0'34)

Classificação: Marzolph *122F

60

A CABACINHA

A cabacinha era um rapaz... Não, era uma velhota que queria ir aos anos do filho. Pensou em ir aos anos do filho e foi aos anos do filho. E foi por ai fora, por ai fora, quando lhe aparece um lobo na frente. E o lobo disse-lhe assim:

– Então, velhinha, para onde é que vais? Ai, agora vou-te comer!

E ela disse assim:

– Ai, não me comas, senhor lobo, que eu vou, eu vou aos anos do meu filho, ao baptizo do meu netinho. Venho de lá muito gorda e depois tu logo me comes.

– Ah, então está bem, fico aqui à tua espera.

Então a velhota foi, esteve lá, comeu, bebeu divertiu-se, aquilo foi uma grande festa. Chegou a hora de abalar, a velhotinha ficou muito triste. Diz ela assim:

– Ai, então e agora, o que é que eu faço, o que é que eu faço?

Diz o filho:

– Ai, mãe, mas você está assim tão triste... O que é que se passa? Não quer ir?

– Não, filho, eu quero. Só que está um lobo à minha espera. Quando eu vinha para cá, o lobo queria-me comer e eu disse que vinha à festa. E ele disse que ficava lá à minha espera.

– Ó mãe, não se preocupe. Olhe, leve ali aquela cabacinha e quando estiver quase a chegar lá, meta-se dentro da cabacinha.

– Ai, filho, está bem, muito obrigado.

Despediu-se do neto, do filho, da família e lá foi a velhinha. E aquilo era uma descida grande até onde ela passava ao pé do lobo. O que é que ela fez? Meteu-se dentro da cabacinha e a cabacinha começou a rolar por ai abaixo pela descida. Quando ia passando ao pé do lobo, diz-lhe o lobo assim:

– Ó cabacinha, tu não viste uma velhinha?

E ela, lá dentro da cabacinha, respondia:

Eu cá, não vi nem velhinha nem velhão,
Corre, corre, cabacinha; corre, corre, cabação.
Eu cá, não vi nem velhinha nem velhão,
Corre, corre, cabacinha; corre, corre, cabação.

E lá foi a velhinha para casa e não foi comida pelo lobo.

Informante: Maria dos Anjos, 62 anos, natural de Olhão, doméstica, 4.º ano.

Recolha: em Olhão, Faro, a 9 de Dezembro de 2011.

Coletor: Filipa Pedro

Classificação: Marzolph *122F

61

A OVELHA RUÇA

O meu avô tinha uma ovelha chamada Ovelha Ruça. Uma vez, ele foi com elas (ovelhas) e ela perdeu-se. Ficou para trás, a dormir uma sesta.

Então chegou o lobo, o Lobo Lobão. Chegou ao pé dela e disse-lhe:

– Olá, Ovelha Ruça! Então, 'tás boa?

E ela disse:

– 'Tou!

– Eu sou o Lobo Lobão, e venho para te comer!

E ela disse:

– Oh, mas não me comas já! Deixa-me comer esta ervinha e depois já me podes comer, que eu fico mais gordinha. Agora, podes-te deitar e dormir uma soneca, enquanto eu como.

Então o lobo, parvo, acreditou na Ovelha Ruça e deitou-se à sombra a dormir. Então ela, quando deu conta que ele estava bem ferradinho a dormir, fugiu para casa. Ao chegar à porta da casinha, chamou pelo meu avô. Ele veio, abriu a porta, ela entrou e ele fechou a porta. E então, dali a um bocadinho, chega o lobo, muito cansado. E diz ele:

Desde que sou Lobo Lobão,
Nunca apanhei tamanho estafão!

E ela responde:

Desde que sou Ovelha Ruça,
Nunca apanhei tamanha escaramuça!

Informante: Lúcia Peixoto, 20 anos, natural de Ponteira, Montalegre, Vila Real, estudante do 3.º ano de Biologia Marinha e Pescas.

Recolha: em Faro, a 21-12-2005.

Coletor: Viviana Andreia Menau dos Reis (cassete n.º 1 / Face A)

Classificação: Ca-Ch 122R

62

A CABRA E OS SETE CABRITINHOS

Era uma vez uma cabra que tinha sete cabritinhos e por aquelas bandas havia um lobo que andava sempre atrás para ver se conseguia comer os cabritinhos. Um dia, a cabra, a mãe, teve que ir às compras e não podia levar os filhinhos, então deixou-os em casa, mas disse-lhes:

- Não abram a porta a ninguém por causa do lobo mau, que ele quer comer-vos.
- Está bem mãe, nós não abrimos a porta a ninguém.

Ela foi embora, mas o lobo que andava sempre a espreitar, assim que viu a mãe ir embora, pensou: “ah, ah, que belo, é mesmo bom dia para eu ir comer os cabritinhos”. Então foi pé ante pé, chegou à porta e bateu.

- Os cabritinhos perguntaram logo lá de dentro:
- Quem é?

É a vossa mãe meus filhos.

- A nossa mãe, mas a nossa mãe foi às compras! Hum, não vamos abrir a porta.
- É sim, abram a porta que é a vossa mãe.
- Então se és a nossa mãe, mostra lá a tua patinha.

E o lobo mau meteu a patinha debaixo da porta, quando eles viram logo que ele os tentava enganar. Então disseram:

- Não, não, não és a nossa mãe, porque a nossa mãe tem uma patinha branca e tu tens uma patinha preta.
- Hum, os cabritinhos são espertos, mas não me enganam. Espera aí que eu já lhes digo.

Saiu dali a correr, foi ao moinho, meteu as patas na farinha e foi novamente. Voltou a bater à porta.

- Quem é?
- É a vossa mãe meus filhos.

– A nossa mãe? A nossa mãe não está, foi às compras! Se és a nossa mãe, mostra lá a tua patinha.

E o lobo meteu a patinha detrás da porta. Como ele trazia a patinha cheia de farinha, a patinha estava toda branquinha e eles acreditaram e abriram a porta.

Assim que abrem a porta, o lobo saltou logo para cima deles e engoliu-os, nem sequer teve tempo de os comer. Eles ainda começaram a correr para se esconder, mas de repente o lobo não deu tempo a nada. Comeu um, comeu outro, até que chegou a um ponto, perdeu-lhe a conta.

– Estou tão cheio que já não sei se os comi todos ou se ainda falta algum. Mas não vejo aqui nada, devo ter comido todos.

Então saiu dali e foi-se deitar à sombra de uma árvore com a barriga para o ar a descansar para fazer a digestão daqueles cabritinhos todos.

Quando a mãe chegou e viu a porta aberta, pensou logo: “ai os meus filhinhos, o lobo comeu os meus filhinhos”. Começou logo a chorar e nisto sai o pequenino que estava escondido num caixotinho e disse:

- Mãe, o lobo não me comeu a mim, só comeu os manos, eu consegui esconder-me.

Então a cabra pegou numa tesoura muito grande, numa agulha, numa linha e foi à procura do lobo.

Como ele ia deixando um rasto, por causa da farinha nas patinhas, foi fácil encontrá-lo. Assim que chegou lá, ele estava a dormir e ela pegou em muitas pedras, chegou ao pé do lobo com aquela tesoura grande e cortou-lhe a barriga.

Depois, tirou os cabritinhos, porque ainda estavam vivos, pois ele só os tinha engolido e encheu a barriga do lobo com pedras. Voltou a coser a barriga com a agulha e linhas, e esconderam-se todos detrás de uma árvore.

Quando o lobo acordou disse:

– Que cheio que estou. Tenho um peso na minha barriga, parece que comi pedras. Estou cheio de sede. Vou mas é ali ao poço beber um pouco de água.

Então foi ao poço, só que quando vai para se debruçar para beber a água, as pedras reboaram e o lobo caiu para dentro do poço. Ele estava muito pesado, e ele nadava e conseguia vir ao de cima, só que as pedras pesavam muito e voltava para o fundo do poço. Até que já estava tão cansado que morreu afogado. Então a cabra e os sete cabritinhos saíram detrás da árvore e vieram para casa. E os cabritinhos prometeram à mãe que nunca mais voltavam a abrir a porta a ninguém.

E a esta hora lá estarão comendo arroz com melão e pão com feijão.

Informante: Guadalupe Batata, 42 anos, natural de Serpa, licenciada em Educação de Infância.

Recolha: em Vila Nova S. Bento, Serpa, Beja, a 28-10-2005.

Coletor: Ângela Maria Soares Valadas (gravação n.º 5)

Classificação: ATU 123

63

OS SETE CABRITINHOS

São sete cabritinhos, sete irmãos, que vivem com a mãe. A mãe um dia tem que sair para ir às compras e diz aos filhos para terem cuidado e para não abrirem a porta a ninguém, porque andava um lobo mau sempre lá nas redondezas a espreitar. Ela dá as recomendações todas e vai às compras.

Os cabritinhos, passado um pouco, ouvem bater à porta. O irmão mais velho disse logo para eles não abrirem a porta porque podia ser o lobo mau. E então eles perguntam quem é e ouvem uma voz fininha mas estranha, que é o lobo mau a tentar imitar a voz da mãe, a dizer que era a mãezinha para abrirem a porta que estava muito carregada e queria entrar. O irmão mais velho diz para eles não acreditarem e para espreitarem pelo buraco para ver se realmente era a mãe, e eles espreitam e não vêem a mãe. Então não abrem a porta.

O lobo mau, frustradíssimo, não achando piada à situação, vai voltar a tentar. Então desta vez ele vai disfarçar as patas com farinha. A farinha era branca e era da cor do pêlo dos cabritinhos. E volta a tentar. Vai lá bater à porta e os cabritinhos, receando ser o lobo mau, perguntam quem é. O lobo mau tenta enganá-los outra vez e desta vez mete a pata em frente ao buraco, a pata coberta de farinha. Desta vez foi o cabritinho mais novo que foi à porta e ao espreitar, vê uma pata branca. Então, pensando realmente que é a mãe, abre a porta. O lobo mau entra logo. Come os cabritinhos todos menos um, que é o irmão mais velho, que se vai esconder para dentro do relógio.

A mãe, quando chega a casa vê a porta aberta, não vê nenhum dos filhos, começa a chorar desesperada até que o filho mais velho sai de dentro do relógio e diz à mãe o que tinha acontecido. Nisto, ele sabia que o lobo mau tinha ido descansar para baixo duma árvore, de barriga cheia, e vai logo lá com a mãe. Eles vêem o lobo, vão buscar uma data de pedras, vão buscar uma tesoura, abrem a barriga do lobo, tiram os cabritinhos todos lá de dentro, metem as pedras e ainda agarram no lobo e atiram-no para um rio. E ele com as pedras todas na barriga morre afogado. E os cabritinhos, claro, todos vivos. E vivem felizes para sempre.

Informante: Tânia Dias, 24 anos, natural de Albufeira, educadora de infância, licenciatura.

Recolha: na Patã de Baixo, Loulé, Faro, a 15 de Janeiro de 2008.

Coletor: Darryl Domingos e Margarida Henriques (faixa n.º 11 / 23'50)

Classificação: ATU 123

64

O LOBO E A CABRINHA

Era a cabrinha. A cabrinha tinha sete filhinhos e a cabrinha ia buscar comida para os filhos. E depois dizia assim:

– Ó filhos, não abram a porta ao lobo. Olhem que o lobo, a mãe tem pata branca e o lobo tem pata preta. E manda pôr a pata na janela, que é para saberes.

Bom, a cabrinha foi buscar a comida para os filhinhos. Vem de lá o lobo, bateu à porta: “truz, truz”.

– Quem é?

– É a sua rica mãezinha. Traz a cada uma a sua coisinha boa.

– Então põe lá a pata na janela.

O lobo pôs a pata na janela, era preta.

– Não, não, tu não és a minha mãe, que a minha mãe tem pata branca e tu tens pata preta.

E o lobo foi-se embora. Foi-se embora, foi à do sapateiro e mandou pôr cera na pata. E foi à do moleiro e mandou pôr farinha, que era para a pata ficar branca.

Depois voltou, bateu novamente à porta: “truz, truz”.

– Quem é?

– É a sua rica mãezinha. Traz a cada uma a sua coisinha boa.

– Então põe lá a pata na janela.

Pôs a pata, era branca. Abriram a porta, era o lobo. Era o lobo, comeu tudo, comeu as cabrinhas todas. Cada uma escondeu-se para o seu lado, mas ele foi buscá-las. Só escapou uma pequenina, que se escondeu na caixinha do relógio que estava pendurado na parede. (Vê lá tu se a cabrinha não era esperta... [risos])

Depois vem a mãe. Assim que viu a porta aberta, olha, coitadinha, chorava por causa dos filhos. E diz aquele que estava lá em cima, era o mais pequenino:

– Ó mãe, eu estou aqui. O lobo a mim não me comeu!

E a mãe disse:

– Ai, filho, vamos embora! A gente não pode estar nesta casa, que o lobo comeu os teus irmãozinhos todos, os meus filhinhos todos.

Bom, iam andando, andando, estava o lobo estendido em baixo de uma azinheira, a roncar, a dormir com a barriga muito cheia. Que é que a mãe havia de pensar? Mandou o pequenino ir a casa buscar uma tesoura e uma agulha com linha. E o lobo estava a dormir. Cortou a barriga ao lobo, saltaram as cabritas todas, ainda vivas, porque ele engoliu-as. Encheu-lhe a barriga de pedras, coseu e as cabritinhas puseram-se à espreita, a espreitar o que é que acontecia. O lobo acordou, tinha uma grande sede, uma grande sede, foi beber. E diz ele:

Hum, coisa boa não me cheia.

São pedras e não cabrinhas,

Que fazem tanta barulheira.

E depois foi beber lá no rio. As pedras reboaram-se todas, fizeram força. Ele cai dentro do rio e morreu. E as cabrinhas ficaram todas vivinhas e contentes com a mãe.

Informante: Adélia Gago Rosa, 73 anos, 4.º ano.

Recolha: em Nora de Apra, Loulé, Faro, a 16 de Outubro de 2008.

Coletor: Filipa Margarida Dias Lima Pinheiro (gravação G2 / 3'20)

Classificação: ATU 123

65

OS TRÊS PORQUINHOS

Há três porcos e cada um decide fazer uma casa: Depois, o mais preguiçoso faz uma casa em papel, há um menos preguiçoso que faz uma casa em madeira e há aquele que é mais atinadinho e faz uma casa em tijolo.

Depois, a uma dada altura, eles são atacados pelo lobo mau. O lobo mau chega, vê três casas e vê logo que está ali qualquer coisa para ele. São os três porcos. Está cada um dentro de uma casa e é claro que o lobo vai começar pela casa de papel.

Chega lá, assopra e a casa [o informante sopra] e a casa cai. E ele come o primeiro porco. (Risos: “isto é um conto infantil... um conto animado...”)

Depois, ele vai ao segundo, à casa de madeira. Ele assopra, a casa cai e ele come o segundo porco.

Chegando ao terceiro, ele assopra, assopra, mas não consegue deitar abaixo, porque é uma casa de tijolo. Então o terceiro porco é salvo.

O lobo desiste e vai-se embora.

Informante: Carlos Franco, 27 anos, natural de Faro, arquitecto, licenciatura.

Recolha: em Albufeira, Faro, a 8 de Janeiro, 2008.

Coletor: Darryl Domingos e Margarida Henriques (faixa n.º 9 / 14'55)

Classificação: ATU 124

66

[OS ANIMAIS EM VIAGEM E OS LOBOS]

Eram muitos animais que se juntaram para ir correr mundo, e então juntou-se o burro, o porco, o carneiro, o gato, o pato, e galo e foram correr mundo. Puseram um alforge em cima do burro e depois lá foram andando, andando. Foram a muitas terras e à noite pernoitavam num qualquer sítio onde podiam estar no campo.

Procuravam sempre o campo, e então, chegaram a um certo sítio e viram uma luzinha. Era já noite chuvosa, e então, viram uma luzinha.

– Onde é que a gente vai ficar? Nós vimos além uma luzinha e vamo-nos dirigir a ela.

Lá foram, era uma casinha. E então assomaram-se e eram lobos. Estava cheia de lobos ao redor de uma lareira a conversar uns com os outros. E então bateram à porta, veio um

Lobo:

– Bem, o que é que deseja?

– Vimos muito cansados queremos pernoitar, queremos descansar. Se nos dão um bocadinho de lugarzinho para a gente pernoitar todos.

– Ai! Então entrem, entrem.

Eles entraram, e então, os lobos começaram a olhar todos uns para os outros, porque eles tinham fome. O burro, o gato, o pato e o carneiro tinham fome e despejaram o alforge. À medida que eles iam andando, e passavam pelo lixo, aproveitavam as coisas e punham no alforge. E então, havia ossos de animais já mortos e aquilo tudo que eles tinham para comer. Os lobos que viram aquilo tudo pensaram:

– Ai! Estes gajos vêm também para atacar a gente.

E começaram a sair todos, de um em um, para a rua. E foram para verem a casinha e perguntavam uns aos outros:

– O que é que eles estarão fazendo? É verdade, vai lá tu ver.

– Ai! Vai tu, vai tu.

– Ai, também não vou.

Diz o macho que era o mais forte, era o que mandava neles todos:

– Agora vou eu. Vou acender o meu cigarro e vou vendo o que é que eles estão fazendo.

Ora, agora o porco, o gato, o galo, o pato e o carneiro e o burro, que era o mestre daquilo tudo:

– Eles estão combinando e ainda aparecem por aí. E a gente agora faz uma coisa: fazemos xixi para o lume, apagamos o lume, e o gato deita-se aqui no cinzeiro. E vamos nós para além para a porta, que eles com certeza que vêm fazer alguma manhosice. E tu carneiro, põe-te ali aquele canto. À medida que eles vêm tu dás-lhes uma marrada, bates com eles contra a parede. E tu porco, põe-te além. Dás-lhe uma trombada, mete-lhes a palanca debaixo, bates com ele no telhado. E tu galo e o pato, para além para cima para a telheira – que eram os mais fracos. E assim foi.

O lobo mais velho entrou e acendeu o cigarro, porque os olhos do gato luziram e em vez de julgar que era o gato, ele julgava que era uma brasa. O gato arranhou-o todo no focinho. Começou ele:

– Ai! Ai!

Nisto, vem de lá o porco, dá-lhe uma trombada, bate com ele no telhado. O carneiro dá-lhe uma cornada, bate com ele na parede. Vinha já saindo:

– Ai, que me matam! Ai, que eles me matam!

E os outros:

– Ai! Vamos ver o nosso amigo.

– Eu não vou. Vai tu.

– Então vamos todos.

E então ficaram acobardados, cá distantes, à distância. E então, já vinha o lobo a cambalear cá para a porta, vem o burro, dá-lhe uma parelha de coices:

– Ai! Ai!

Foi vindo de rojo, rojo, e o galo dizia:

– Cacaristo, cacaristo, se lá vou faço tudo em xisto. – Dizia o galo.

E o pato é que dizia:

– Pazes, pazes, paz!

Bem, mas o lobo quando saiu, os outros:

– Mas o que é que se passou?

– Mas cala-te lá... Eu fui acender o cigarro, pensava que eram as brasas e eram os olhos do Cardador (que era o gato). Jogou os cardos à minha cara e eu tenho a cara toda arranhada, toda cheia de sangue.

– E então e depois?

– Olha, veio de lá o Moleiro (que era o porco), deu-me uma trombada que bate comigo no telhado. Depois vem o das lonas (que era o carneiro), deu-me uma cornada que bate comigo na parede. Ai que estou todo partido.

– Mas então o que foi?

– Olha, eu chegando à porta sempre o sapateiro me deu um par de sopapos (que era o burro, o burro que deu os coices era o sapateiro). Esse é que acabou comigo. Só estava um melhorzinho de todos e ainda faltou um que dizia: “cacaristo, cacaristo, se lá vou faço tudo em xisto”; só estava um melhorzinho que dizia: “paz, paz!”

E a história se contou e o meu rabo se chamuscou.

Informante: Maria Antónia Madeira Costa, 84 anos, natural de Odeleite, Castro Marim, Faro, bordadeira, 4.ª classe.

Recolha: em Faro, a 11-12-2007.

Coletor: Sónia Rodrigues e Paula Cabral (cassete n.º 3/ lado B)

Classificação: ATU 130 + ATU 106

67

O BURRO

Era uma vez um burrinho, que já estava muito velhote e os donos queriam-no já jogar fora porque já não prestava. E então, como ele tinha que... os donos o abandonavam, ficou muito triste e um dia pensou em safar-se da corda. E foi, fugiu.

Foi lá muito à frente, muito à frente e encontrou uma ovelhinha, já muito gordinha amarrada numa eira. E o burrinho chegou e disse a ovelha para o burro:

– Então, compadre, o que é que se lhe passa que você vai tão choroso?

– Epá, cale-se a boca! Quando eu era novo me tratavam bem, me davam palha e agora só me dão porrada e agora me abandonaram. E antes que eles me abandonassem eu fugi.

Diz ela assim:

– Ai, eu também tenho um grande desgosto. Parece que eu que não consigo. Se eu conseguir tirar a corda, vamos os dois.

– Está bem.

Foram lá andando, andando e encontraram então um galo. Pobre do galo, também amarrado a engordar para o dia de Natal. E então diz:

– Então, compadres, para onde é que vocês vão? Vão todos tão tristes...

– É que a gente abandonamos a nossa casinha, porque o meu dono me quer matar para o dia de Natal, e ela também e eu era abandonado, e então fomos embora.

– Então eu vou com vocês também.

Lá foram. Foram andando, andando, isto anoiteceu, já era muito de noite. Então, ao longe, viram uma luzinha, numa casa de campo e se dirigiram à luzinha que era a casa do ladrão.

Bom, os ladrões – que iam lá os ladrões repartir o que roubavam – foram para a casa do ladrão, que era uma casa muito suja, cheia de tisanas e nhánhánhá...

Bom, quando sentiram que vinha gente – os ladrões – o que é que eles disseram?

– E agora onde é que a gente se esconde?

Diz o galo:

– Eu me ponho além em cima!

O burro:

– Então, eu me ponho atrás da porta.

E o carneirinho pôs-se atrás do cesto de lenha ao pé da lareira.

Quando os ladrões vieram, que viram que estava a casa mexida, então começaram à procura de quem é que tinha entrado.

– Se a gente os apanha, a gente os mata. – Diz o galo que piscou o olho para os outros.

O burro, estava atrás da porta, prega-lhe um coice, “catrapum” vai logo pelos ares, desapareceu.

O galo, que estava além que os vê vir, sai dali, “pum”, uma picada.

O outro fugiu. (risos) E o carneirinho à marrada com eles. E foram-se todos embora e eles ficaram na casinha. E acabou.

Informante: Odilia Romão Carro, 71 anos, natural do Azinhal, Castro Marim, Faro, doméstica, 4.ª classe.

Recolha: em Vila Real de Santo António, Faro, a 27 de Dezembro de 2011.

Coletor: Ana Margarida Alves (recolha n.º 25)

Classificação: ATU 130

68

O LENHADOR E O LOBO

Era um caçador e um lobo. O caçador andava na floresta (desculpe não era um caçador, era o lenhador.) Andava a cortar lenha na floresta e morava, pronto, ali na zona. E nisto aparece-lhe um lobo, daqueles lobos muito grandes. E o caçador viu o lobo, subiu assim um bocadinho para a árvore. Mas o lobo não o largava, não saía dali.

E ele começou a pensar: “Vou negociar com o lobo.”

– Ó lobo, se tu me deixares sair, eu lá em casa tenho um borrego muito grande, uma ovelha muito gorda, chego a casa e dou-te a ovelha.

Era uma troca, se calhar, que o lobo gostava mais do que o caçador velho e sem, sem... descarnado, vá. Pronto, o lobo consentiu, não é? Concordou e lá foi atrás do homem, lá para a casa dele, para a do lenhador.

Chegou a casa e ele disse assim:

– Esperas aí à porta que eu vou tratar de esfolar o borrego para te dar logo esfolado, para tu não teres muito trabalho.

Pronto, lá fez o que tinha a fazer. Quando já passou um bocado, chamou o lobo e disse assim, abriu assim o postigo e disse assim:

– Estás aí, tu? (risos)

E jogou-lhe um tacho de água quente para cima. O desgraçado do lobo fugiu. Fugiu e pensou com os seus botões que havia de lixar o homem, não é?

Depois, quando melhorou, andou a cercar, a cercar e viu o homem quando ele andava outra vez lá na lenha. E juntou uma série de lobos. Foi a alcateia toda atrás do homem. O homem subiu à árvore, mas os lobos, pôs-se um em cima do outro, um em cima do outro... foram subindo, foram subindo... e quando estava quase a chegar ao pé do homem, o homem teve uma ideia e diz assim:

– Ó mulher, trás aí o tacho de água quente!

O lobo que estava em baixo, que era o que tinha sido queimado, fugiu, e os outros caíram todos, rebentaram todos.

E acabou-se a história.

Informante: Cristina Viegas, trabalha na biblioteca da Universidade do Algarve.

Recolha: em Faro, a 12/12/2017.

Coletor: Gabriela Descultu (faixa n.º 17)

Classificação: ATU 152A*

69

O MENINO, O LOBO, A JAULA E A RAPOSA

Era o menino, o lobo, a jaula e a raposa. O menino ia passando e o lobo estava na jaula. E o lobo disse para o menino:

– Ó menino, solta-me, que eu já estou cansado de estar aqui preso...

– É que eu vou-te soltar e tu comes-me.

– Não te como, não! Então, alguma vez eu, eu... eu fazia isso? Não. Só te digo obrigado e fico-te a dever esse favor, e tal...

E tanto insistiu até que o miúdo soltou o lobo. E diz o lobo:

– Agora é que eu te como. Estou cheio de fome.

– Então, tu disseste que não me comias...

– Então tu nunca ouviste dizer: “para bem fazer, mal haver”?

– Hã?

Quem havia de chegar? A raposa.

– Olha, vem já aí a raposa! Eu já te digo se é ou não é verdade “para bem fazer, mal haver”.

E depois, diz ela:

– Olha, então o que é que se passa, menino?

– Olhe, fui eu aí passando... Eu ia passando e o lobo pediu para o soltar e eu soltei e agora quer-me comer!

– Mas então como é que é isto? Tu vinhas passando e o lobo é que te abriu a porta? A raposa a trocar aquilo tudo.

– Não! Eu é que ia passando.

E o lobo, todo chateado, dizia:

– O menino ia passando e eu pedi para abrir a porta. E eu agora quero comê-lo.

– Não estou a perceber nada... Tu é que abriste a porta ao menino?

O lobo já estava tão arreliado, disse:

– Queres ver o que é que foi? Olha, eu estava aqui na jaula... Ele ia passando...

E entra. E ela, *catrapuz!* Fechou a porta. (risos)

O gajo, já tão arreliado de ela insistir e pôr para trás:

– Queres ver como é que foi? (risos)

O lobo saltou para dentro da jaula e ela, *catrapuz*, fecha a porta. Pois há assim um ditado que diz *por bem fazer, mal haver*.

Mas é quase sempre assim: por bem fazer, mal haver. Toda a pessoa se esquece...

Quando uma pessoa se esquece

Do bem que se lhe fez

Só se torna a lembrar

Quando precisar outra vez.¹⁸

É que o ladrão tem duas caras. Ele tem duas caras: tem uma para pedir e outra para pagar!

Informante: Francisco Cabrita Anastácio, 85 anos, natural de S. Bartolomeu de Messines, Silves, Faro, trabalhador nos caminhos-de-ferro, 4.ª classe.

Recolha: num lar em S. Domingos de Rana, Cascais, em 2009.

Coletor: Ana Sofia Paiva (CD 1, 2011)

Classificação: ATU 155

¹⁸ Paráfrase de uma quadra de António Aleixo: “Todo aquele que se esquece / Do bem que alguém lhe fez / Só desse bem se lembra / Se precisar outra vez.”

70

[O HOMEM, O SAPO E A RAPOSA]

Havia um homenzinho que se levantou de manhã cedo para ir lavrar a terra. Levou os burrinhos para ir lavrar. Mas tinha de passar uma ribeira para o outro lado. Mas quando regressou, à tarde a casa, tinha a ribeira de mares a mares: tinha chovido muito.

O homenzinho, aflito porque não podia passar. Chega-lhe um sapo ao pé e diz-lhe assim:

- O que é que tu queres?
- Queria passar para o outro lado e não posso porque está a ribeira cheia.
- Então põe-te aqui as minhas costas. – Diz-lhe o sapo.

E ele lá foi, mas o sapo, em vez de atravessar para o outro lado, ia à ribeira abaixo.

E ele diz-lhe assim:

- Mas tu pareces que estás enganado...
- Não, mas hás-de me dizer se o bem se paga com o bem ou se o bem se paga com o mal.
- Não, o bem paga se com o mal.
- Não, o bem paga-se com o bem.
- Olha, então se a gente tiver coisas, havemos de perguntar.

Lá foi por ali abaixo, e viu um burro amarrado e com a água chegando-lhe às patas.

- Ó burro!
- O que é?
- O bem paga-se com o bem ou o bem paga-se com o mal?
- O bem paga-se com o mal.
- Então porquê?
- Porque eu enquanto fui novo e trabalhei para o meu dono, ele tratara-me bem.

Agora, como sou velho e já não faço nada, puseram-me aqui para a água me levar.

Foram andando, andando, e lá adiante viram uma raposinha.

- Ó raposinha! O bem paga-se com o bem ou o bem paga-se com o mal?
- Ah! O que é que vocês dizem?

A raposinha ia andando para baixo pela ribeira e o sapo ia saindo também da água.

E então a raposinha:

- O que é que vocês dizem?
- O bem paga-se com o bem ou o bem paga-se com o mal?
- Ó seu filho da mãe, safe-se aí de cima do sapo que ele quer afogá-lo.

E ele deu um salto e pôs-se do outro lado.

– Ai! Isso é que são uns bichinhos bons. – Diz o homenzinho – Ai! Isso é que são uns bichinhos bons. Então vá lá, uns figuinhos.

Tirou uns figuinhos do bolso e deu-lhe.

A raposinha era manhosa, pois sabe-se que as raposas são manhosas. E então, foi, foi, cercou o homem num outro sítio. Pôs-se à frente dele e diz-lhe assim então:

- O que fazes por aqui?
- Então o sapo ia-te afogando?
- Ai, é mesmo a raposinha...

Mais adiante, a raposa vai dar outra volta e o homem dá-lhe um pontapé.

– Filha do diabo! Só vejo bichos destes!

E ela diz-lhe assim:

- O bem paga-se com o bem ou o bem paga-se com o mal?

Informante: Maria Antónia Madeira Costa, 84 anos, natural de Odeleite, Castro Marim, Faro, bordadeira, 4.ª classe.

Recolha: em Faro, a 11-12-2007.

Coletor: Sónia Rodrigues e Paula Cabral (cassete n.º 3 / lado B)

Classificação: ATU 155

71

A HISTÓRIA DA COBRINHA

Há muitos, muitos anos, havia um moiral que tinha um rebanho de ovelhas e que costumava pastá-las num campo onde havia poucas árvores e nessas poucas árvores, havia uma azinheira onde ele costumava descansar. Um dia, diz que apareceu por lá uma cobrinha muito pequenina, muito magrinha e como ia de língua de fora, ele achou que ela tinha sede e então resolveu dar-lhe leite. Para isso ordenhou uma ovelha, a mais gordinha que lá tinha, fez uma cova ali perto e deu o leite à cobrinha.

Esta situação repetiu-se, repetiu-se durante anos. E a cobrinha foi crescendo, crescendo e até que ficou, ficou enorme. E ele, para lhe dar o leiteinho, que ela ia lá de propósito beber, já tinha que ordenhar varias vacas [ovelhas]. E então, quando ele ia para lá, se ela não aparecia logo... Ele estava tão habituado já a ela que começava: “Menina, menina” e a cobrinha aparecia. Que ele dava-lhe o leite.

Entretanto a vida do homem mudou, a situação económica não era boa, resolveu emigrar. Foi para a Argentina, teve lá uma série de anos, enriqueceu e voltou. Voltou rico e já não precisava de, pronto, andar com o gado de um lado para o outro.

Resolveu ir àquela zona, onde durante tantos anos tinha estado com o gado e lembrou-se da cobrinha. Então começou: “Menina, menina” e aparece-lhe a cobra. De cobrinha já não tinha nada, era enorme, a andar de um lado para o outro, aquele capim todo a abanar. E a cobra, chega ao pé dele e enlaça-o pela cintura e começa a rugir e a dizer “Ai que te mato!”. E o homem ficou a olhar para ela.

E diz assim:

– Mas matas-me porquê? Então tu já não te lembras de mim? De todo o bem que eu te fiz? Do leite que eu te dei das minhas ovelhas? Então agora pagas-me o bem com o mal?

– Já te disse que te mato!

– Não – dizia ele – não me mates. Mas devemos fazer, sei lá, fazer um acordo. Devemos perguntar a três pessoas, ou três animais que nos aparecerem se o bem se paga com o mal ou se se deve pagar com o bem. Se elas acharem que é com o mal, tu matas-me. Se não...

– Então está bem.

Então lá foram. O homem ia montado no seu cavalo. A cobra ia, portanto, arrastando-se pelo chão, porque ela era enorme, mas presa à cintura do homem, porque ela pretendia mesmo matar o homem.

Então, o primeiro animal que encontraram foi uma égua. Então a cobra perguntou-lhe:

– Ó égua, o bem paga-se com o mal ou paga-se com o bem?

Só que a égua, realmente, não estava muito a favor do homem, e então disse-lhe que quando era nova carregava com o dono, com as cargas, puxava a carrinha, davam-lhe ração. Tinha saúde, estava tudo bem. Agora, que estava fraca e velha, já ninguém lhe fazia... lhe dava comida, já ninguém tratava dela. Portanto, ela achava que o bem se paga com o mal. E a cobra apertou mais a cintura do homem.

Continuaram o caminho e encontraram uma cadelinha deitada no chão, que já mal se aguentava em pé. E perguntou-lhe novamente a cobra se o bem se pagava com o bem ou se pagava com o mal.

E a cadelinha, que já mal conseguia levantar a cabeça, respondeu que quando ela era nova, ia à caça, caçava bons coelhos, ele dava-lhe de comida, tratava dela, gostava dela.

Agora, que ela já estava doente e fraquinha, estava para ali abandonada. Logo, o bem pagava-se com o mal. E a cobra apertou mais a cintura do homem.

Bom, o homem estava a ver que, realmente, ia desta para melhor.

Até que viram um ouriço. E a cobra perguntou – o ouriço olhou e rapidamente percebeu o que é que se estava a passar – e então a cobra perguntava-lhe se o bem se pagava com o bem ou se se pagava com o mal.

E o ouriço começou a dizer que não ouvia, que não ouvia cá nada. E ela voltou a perguntar e ele continuou a dizer que não conseguia ouvir nada do que ela dizia.

Então a cobra, furiosa, largou o homem e avançou para o ouriço com intenções de o matar. Ai o ouriço, depois de ver que ela já tinha solto o homem, meteu-se no casulo e disse:

– Pois quem tem pernas que fuja!

Portanto, isto relacionado com, com o homem.

A cobra bem tentou partir o casulo do ouriço, mas quanto mais batia com a cauda mais se picava nos picos do ouriço. O homem fugiu e o ouriço acabou por o defender. Portanto, o homem não morreu e a cobra não conseguiu matar o ouriço, pronto.

E pronto, é esta a história. Se o bem se paga com o bem e não se paga com o mal, pois isto agora fica na cabeça de cada um.

Informante: Maria Filomena Cajada, 49 anos, professora, licenciada em História.

Recolha: em Faro, em 2008.

Coletor: José Fernando dos Santos

Classificação: ATU 155

PORQUE É QUE A COBRA NÃO TEM PATAS

Então, quando Adão e Eva apareceram, havia uma árvore que o fruto dela era a maçã, e a maçã nessa altura era o fruto proibido. E havia uma cobra e, nessa altura, ela tinha patas. Mas um dia, a Eva foi lá a passar por perto da árvore e a cobra estava lá e insistiu muito com a Eva para ela comer a maçã, e a Eva comeu a maçã. E depois não lhe fez mal nenhum. E depois foi lá o Adão a dizer porque é que ela tinha comido a maçã, mas ela disse que não tinha acontecido nada e para ele comer também. Depois ele comeu também e depois Deus como castigo divino tirou as patas à cobra.

Informante: Carina Rodrigues Pacheco, 12 anos, natural de Ferreiras, Albufeira, estudante, 7.º ano.

Recolha: em Albufeira, Faro, a 1 de Novembro de 2009.

Coletor: Gabriela Rodrigues Pacheco (faixa n.º 8 / 0'24)

Classificação: Ca-Ch 157F

[O TEXUGO, A ZORRA E O LOBO]

Era o texugo, a zorra e o lobo. Foram fazer uma festa lá à de uma velha. Combinaram para ir fazer uma festa lá à de uma velha. E a velha disse assim:

– A zorra traz uma galinha, o texugo traz um pote de mel e o lobo traz um carneiro.

Bom, estava tudo bem. Foram lá no outro dia para combinar bem com a velha como é que era.

Diz a zorra assim:

– Então para que é a panelinha de água ali ao fogo?

Diz a velha assim:

– É para tirar melhor as penas da galinhita.

Diz o lobo assim:

– Então para que é o machadinho ali por detrás da porta?

– É para cortar melhor os ossinhos do carneiro.

Diz o texugo:

– Então e para que é o ferrinho além no fogo?

– É para tirar melhor as abelhinhas da colmeia.

E lá foram todos. A zorra trazia uma galinha. A velha joga-lhe o caldeiro de água por cima que até a zorra saiu disparada, com a água a ferver em cima. O lobo chega com o carneiro, a velha dá-lhe com o machado nas costelas, ia-lhe rachando as costelas. Lá foi o lobo desalvorado e a velha ficou com o carneiro. Ora, chegou o texugo com o pote do mel. A velha enfia-lhe com o ferro em brasa no cu, que até o texugo levantou nesses ares. Lá foi tudo disparado e a velha ficou com as coisas todas.

Informante: Maria de Jesus, 55 anos, natural de Freixo Seco de Cima, Loulé, Faro, 4.ª classe, cozinheira.

Recolha: em Freixo Seco de Cima, Loulé, Faro, a 14-11-2005.

Coletor: Carina Isabel Martins Anastácio (cassete n.º 4 / Face A)

Classificação: ATU 159A

[A VELHA DO MOINHO E OS ANIMAIS]

Era uma vez uma velhota que morava num moinho. Ela tinha uma raposa, um texugo e um lobo. E então, a velha mandou a raposa à capoeira roubar o maior peru que lá houvesse. E depois a raposa lá foi e veio com um grande peru. E ela pôs um grande tacho de água ao fogo. Quando a raposa chegou, viu o tacho de água ao fogo e diz assim:

– Ó velhinha, então para que é que queres aí o tacho de água a ferver?

– Isto é para esquentar o peru, para tirar bem as penas.

– Ah, está bem!

– Olha, agora vais-te deitar que tu deves vir muito cansada.

– Ah, pois venho!

Bem, lá se foi a raposa deitar. Depois, mandou o lobo ao rebanho e que trouxesse o maior carneiro que lá havia. Bem, o lobo lá foi e a velhinha foi afiar o machado. Esteve afiando o machado, naquilo, chega o lobo.

– Ó velhinha, então mas para é que tu queres o machado tão afiado?

– Então, isto é para cortar os ossos do carneiro.

– Ah, está bem!

– Olha, agora vais-te deitar que tu deves vir muito cansado.

Bem lá se foi deitar. Depois mandou o texugo, que fosse lá à malhada das colmeias e trouxesse a colmeia mais forte que lá tivesse, mais cheinha de mel. E depois pôs um grande ferro no fogo. Quando o texugo chegou com a colmeia, diz o texugo assim:

– Então, mas para que é que a velhinha quer aqui um ferro destes no fogo a aquecer?

– Não, então isto é para *desarregar* o mel da colmeia, para tirar o mel. Isso quente derrete a cera e sai bem os favos.

– Ah, está bem.

– Mas agora vá-se deitar que você deve vir muito cansado.

– Ah, pois venho.

Bem, apanhou-os todos deitados. Vai à raposa joga-lhe o tacho de água quente por cima. Oh, quem veja a raposa correndo aquelas ribeiras abaixo... Vai ao lobo, pega no machado, dá-lhe umas poucas de machadadas. Bem, chega a vez do texugo. O que é que ela faz? Enfia-lhe o ferro quente pelo rabo adiante. Depois, encontram-se todos lá no fundo da ribeira e começa a zorra assim:

– Ai, estou toda pelada...

E o lobo:

– Ai, eu estou todo às machadadas...

Depois, diz o texugo assim:

– Eu ainda tenho o ferro quente que aquela velha dum cabrão me meteu no cu.

Informante: Salomé, 49 anos, artesã.

Recolha: em Cachopo, Tavira, Faro, a 06/11/2007.

Coletor: Inês Teixeira (gravação: 19'16)

Classificação: ATU 159A

75

MACACOS DE IMITAÇÃO

Era um homem que andava a negociar barretes. E a certa altura, o homem começou a sentir muito cansaço e resolveu descansar por baixo de uma árvore

muito grande, que proporcionava muita sombra. Ele tinha uma mala, onde guardava os barretes e resolveu descansar. Adormeceu e quando acordou...

O homem tinha colocado um barrete na cabeça, também, para se proteger do calor, e quando acordou, viu que a mala onde trazia os barretes estava vazia. O homem ficou muito preocupado e pensou: "Onde é que estará o ladrão?"

Não encontrava o ladrão, não via ali ninguém por perto. Resolveu olhar para cima da árvore e estavam muitos macacos com os barretes que lhe roubaram da mala.

Ele pensou: "E agora, como é que vou recuperar os barretes? Não me vou pôr aqui a subir à árvore. E os macacos, se calhar, são maus e fazem-me mal. Não vou conseguir recuperar os barretes nunca mais".

Então o homem, chateado, atirou com o barrete dele ao chão e os macacos fizeram exactamente o mesmo: atiraram todos os barretes cá para baixo e o homem conseguiu recuperar a mercadoria.

Diz-se que é por causa desta acção que, ainda hoje, se diz que um "macaco de imitação" é uma pessoa que realmente faz um gesto igual ao que nós fazemos. Que é um macaco de imitação, porque os macacos imitaram o homem e atiraram os barretes cá para baixo. Portanto, é esta a moral deste conto.

Informante: Luís, 27 anos, natural de Faro.

Recolha: em Faro, a 25/10/2007.

Coletor: Andreia Cabecinhas (faixa n.º 29)

Classificação: ATU 185

76

O LOBO E O CÃO

Através de um descampado ia uma vez um lobo muito magro de cabeça baixa a pensar na sua triste vida de fome e canseiras.

Quando assim caminhava, encontrou-se com um cão muito grande, mas nutrido, gordo, de pelo luzidio com um ar de quem vive uma vida feliz. Como se conheciam, logo começaram uma conversa. O primeiro a falar foi o lobo:

– Ó amigo cão, como é que conseguiste engordar tanto? Nem pareces cão... Olha para mim. Só tenho pele e osso, pouco me falta para rebentar de fome.

Despreocupadamente, respondeu-lhe o cão:

– Pois, amigo lobo, podias vir a ser tão gordo como eu. Para isso bastava prestares a um dono os mesmos serviços que eu presto ao meu.

– Quais são? – Perguntou o lobo todo interessado.

– Muito simples. Guardavas-lhe a casa, impedindo que os ladrões o assaltassem de noite.

E o lobo todo contente...

– Está dito, sempre há-de ser mais agradável viver debaixo de telha e ter sempre o que comer do que andar ao frio, à chuva, ao vento e com o estômago a dar horas.

– Nesse caso, vêm daí comigo. – Diz o cão.

– Vamos lá, tratemos de achar uma pessoa que necessite dos meus serviços. – Concluiu o lobo.

E lá seguiram os dois sempre em conversa.

Mas a certa altura, notou o lobo que o companheiro tinha o pescoço pelado. Parou e fez-lhe esta pergunta:

– Olha lá, ó cão, o que é que tu tens no pescoço?

– Eu? Nada...

– Não, meu amigo. – Insistiu o lobo. – Tu tens o pescoço pelado. O que foi isso?

– Ah, – respondeu o cão, engolindo em seco – isto é da coleira com que à noite costumam prender-me, porque eu à noite estou preso; estou preso, mas de dia posso andar por onde muito bem me apetece. E a barriga sempre cheia do bom e do melhor.

– Então adeus, meu amigo.

E dizendo isto, o lobo ia a retirar-se.

– Não vens? – Perguntou-lhe o cão, espantado.

– Não, não vou! Antes quero ser livre com a barriga vazia, do que escravo com ela cheia dos melhores acepipes. Adeus!

E voltou logo para a floresta onde o esperava a fome.

Informante: Maria Odete, 55 anos, natural de Abrantes.

Recolha: em Abrantes, Santarém, a 28 de Novembro 2015.

Coletor: Renata Fidalgo (faixa s/n.º)

Classificação: ATU 201

O CÃO RICO E O CÃO POBRE

Era uma vez uma senhora que era muito rica e não tinha filhos. E tinha uma cadelinha muito linda, toda branquinha, com um pelo muito comprido e muito bonito. Então a senhora tratava a cadelinha muito bem. Levava-a ao cabeleireiro, onde era penteada, lavada e perfumada. E ela tinha sempre ao pescoço uma fita cor-de-rosa, muito linda. E a cadelinha andava sempre muito enfeitada. Tinha uma trela, também bonita. E a senhora, todos os dias, dava um passeiozinho com ela. À tarde, juntava-se com as suas amigas na pastelaria e levava a cadelinha, que ficava sentada nas patinhas traseiras ali ao lado dela. Toda a gente fazia uma festinha à cadelinha, que ela era muito meiguinha, e ali ficava sossegadinha à espera que a dona se divertisse com as amigas e, quando fossem horas, voltassem para casa.

Todos os dias, se repetia este passeio. À tardinha voltava novamente para casa e, depois de ter comido, a dona deitava-a numa alcofinha muito linda, que tinha um cobertor muito fofinho, e ela ali ficava deitadinha durante a noite, muito quente, com outro cobertorzinho por cima.

De manhã, voltava à mesma vida. Um passeiozinho de manhã, depois de ter sido escovada e limpa, e, à tardinha, novamente até à pastelaria. E isto sucedia-se todos os dias.

Certa vez, à cadela apareceu outra cadelinha, da mesma raça, branquinha também, mas que de branquinha pouco tinha, porque estava muito suja. A coitadinha tinha andado a rebolar-se pela relva, pela água, pela lama e tudo o que tinha encontrado. Era uma cadelinha que andava sem dono e que brincava com os outros cães na rua, alimentava-se do que encontrava nos caixotes. E estava habituada à liberdade, mas a comida escasseava e ela estava mais magra do que a outra cadelinha, que estava toda enfeitada.

A cadelinha, pobrezinha, olhava para a outra muito embevecida. Ela era tão linda, tinha um pelo luzidio. E começou a ter um bocado de inveja dela. E disse-lhe:

– Oh... Como é a tua vida?

– Ai, é muito boa. – dizia a outra – Tenho muito boa dona, como muito bem, vivo numa casa muito linda.

– Ah... Eu não. Olha, eu ando por aí ao lixo, durmo na rua, brinco com os outros cãesinhos, mas gostava de ser como tu. Ter assim a comidinha sempre ao pé, viver bem, estar tão penteadinha e tão limpinha.

A outra, a rica, disse-lhe:

– Olha, e eu tenho pena de não ser como tu. De andar por aí brincando com os outros animais, porque eu não tenho liberdade nenhuma. Saio de casa, dou uma voltinha sempre pela trela e volto para casa. Nunca brinquei com os outros, nem tenho outros amigos. Tenho uns brinquedinhos lá em casa com que me entretenho, mas com outros animais, com outros cãesinhos, nunca brinquei. Nem andar por aí a rebolar-me nem nada... Tenho tanta pena! Ora, se tu queres trocar, trocamos.

– Então vá, trocamos!

E trocaram de lugar. A outra, assim que se apanhou solta, foi correndo por aí fora, rebolar-se toda pela relva, pela água, pela lama, por tudo aquilo que encontrou. Saltava muros, brincava com os outros cães que encontrava, e até à noite a vida dela foi só esta. Quando começou a ter fome, começou então a procurar nos caixotes, como a outra lhe dizia que fazia. Foi aos caixotes, mas teve muita dificuldade em arranjar comida. E nessa noite deitou-se com fome. Não achou muita graça a isso. Mas, como tinha tido uma liberdade tão grande, que nunca tinha tido e nem estava habituada, ficou contente por já ter muitos amigos e andar brincando de um lado para o outro. E os dias foram-se passando assim. Até que um dia, já muito escanzelada, já muito cheia de fome, voltou a ir-se encontrar com a outra, que não parecia a mesma. Toda limpinha, toda penteadinha, toda cheirosa, com água-de-colónia, mas que não mostrava um ar alegre: tinha, também, um ar triste. Então diz-lhe a cadelinha que tinha andado passeando e que tinha trocado de lugar com ela:

– Olha, tu estás arrependida de ter trocado?

– Oh, se estou! Não tenho liberdade nenhuma. Estava tão habituada a andar solta, correndo e brincando e saltando com os meus amigos. E agora sempre presa, sempre presa... Banho agora, banho logo. Toca a pentear, toca a escovar. Ai, que farta que estou! Mais o lacinho que eu não posso deixar entortar. Não me posso mexer por causa de não me sujar. Ai, que farta que estou, que farta que estou! Tu não queres trocar outra vez de lugar comigo?

Diz-lhe a outra:

– Ai, é para já! Ai, ando tão cheia de fome... Não estava habituada de andar à procura de comida. Estou tão porca, estou tão suja, estava habituada a andar limpinha.

E assim foi: trocaram novamente de lugar.

Ora o que por aqui se vê nem tudo o que reluz é oiro.

Informante: Clotilde Angelina Bento Pereira, 77 anos, natural de Évora, professora reformada do ensino básico.

Recolha: em Setúbal, a 28/10/2007.

Coletor: Ana Teresa Gomes Neves (cassete n.º 1 / face A)

Classificação: ATU 201

78

A GALINHA DOS OVOS DE OURO

Era um homem que vivia numa cabana perto de um ribeiro e não tinha nada. Tinha a roupa do corpo, que era uns trapos mal *enjaroucados*. Não tinha comida, não tinha mobílias em casa. A única coisa que ele tinha era uns trapos no chão, que serviam de cama e mais nada. Passava fome, passava frio – a casa mal vedava da chuva e do vento – e vivia sozinho, pois para onde é que ele iria?

Certa vez... Também nunca recebia visitas, mas certa vez bateram-lhe à porta com um toque muito diferente: eram três toques. Bateram à porta, ele abriu e entrou um homem com um grande casaco e pergunta se pode entrar, para se abrigar do tempo que fazia lá fora, e o dono da casa disse que sim, que tudo bem, mas que não tinha nada para lhe oferecer. A única coisa que tinha para lhe oferecer, para se sentar, eram aqueles panos que ele tinha no chão e que lhe serviam de cama. O homem disse que não havia problema nenhum, que comida ele tinha. Abriu um saco, tirou queijo, presunto, pão, vinho. Comeram. O mendigo encheu a barriga. Quase que desmaiava quando viu aquilo tudo, mas encheu a barriga e disse:

– Olhe, pois eu agradeço-lhe imenso, porque já passava fome há alguns dias!

O homem, como forma de agradecer de ele o ter abrigado da chuva e do vento, levanta o casaco e tira uma galinha. O pobre até ficou surpreso de como é que a galinha teve aquele tempo parada, quieta, não se ouvia nada debaixo do casaco, mas tudo bem, aceitou a galinha. A única recomendação que o homem lhe fez foi que nunca a matasse, porque aquela galinha ia mudar a vida dele, ia-lhe dar tudo de bom, mas a única coisa que ele tinha que cumprir era que nunca a matasse. E assim ficou tudo muito bem. Imaginou logo um ovinho: “Dá-me ovinhos e tal... Pelo menos, ovinhos eu como.”

No dia seguinte, antes de acordar, pois aquela sensação que ele teve ao acordar... Muito perto dos pés sentiu uma coisa fria, muito lisa e fria, e pensou: “Será

que é a galinha? Mas se é fria e lisa não deve ser!” Levantou-se e olhou: era um ovo, um ovo enorme de ouro maciço; pesadíssimo, amarelinho, luzidio. O homem nem queria acreditar naquilo que os olhos estavam a ver!

No dia seguinte ele mal dormiu, naquela noite mal dormiu. No dia seguinte, voltou-se a repetir o feito: dois ovos!

– Vou ganhar um ovo por dia! Vou ficar rico!

O homem juntou alguns ovos, pegou nos ovinhos, foi à cidade. Trocou por dinheiro, abasteceu a sua casa com móveis, com roupa para ele, com comida... Mas depois continuava a ter aquele ouro todo. Melhorou a casa, comprou outra, fez uma casa ainda maior, comprou casas e casas e casas e casas: construiu um palacete enorme! Arranjou amigos que ele nunca pensava que poderia arranjar, mas tinha sempre a galinhita muito bem escondida lá num quatinho, fechada à chave, não fosse alguém descobrir o tesouro dele. Chegou ao cúmulo de arranjar um exército de homens para protegerem os seus bens, as suas casas, os seus terrenos. Todos fardadinhos, todos vestidos a rigor. Mas a certa altura isto não lhe chegou. O homem estava morto de curiosidade de como é que a galinha seria por dentro. Ele lembrou-se das palavras do homem, mas não foi suficiente. Pegou na galinha, cortou-lhe o pescoço e abriu-lhe as entranhas. E aquilo era uma galinha vulgar, igual às outras. O único problema é que aquilo tudo que ele tinha construído com os ovos da galinha, tudo desapareceu. As casas, o exército, tudo o que ele tinha angariado com a venda dos ovos, tinha desaparecido com a galinha.

É assim: Quem tudo quer tudo perde!

Informante: Mónica Luís, 30 anos, natural de Faro, professora do 1.º ciclo, licenciada.

Recolha: em Estoi, Faro, a 27 de Novembro de 2006.

Coletor: Alexandra Regina do Vale Gomes (cassete n.º 1 / face A)

Classificação: ATU 219E**

79

A GALINHA DOS OVOS DE OURO

Era um fazendeiro que tinha muitas galinhas. E houve um dia que uma delas pôs um ovo de ouro. Ele ficou todo muito admirado e foi logo contar à mulher, a

dizer que estavam ricos. E depois foi ao mercado e foi vender o ovo e ganhou muito dinheiro com isso, não é?

Na manhã seguinte, o fazendeiro levantou-se e foi outra vez ver as galinhas e viu que a mesma galinha tinha posto outro ovo de ouro. E ele voltou a vender. E isto aconteceu durante muitos dias. Só que, quanto mais rico ele ficava, mais dinheiro queria. E então pensou que, se a galinha punha ovos de ouro, queria dizer que tinha um tesouro muito grande dentro dela. Então, resolveu matá-la. Só que ficou muito admirado quando abriu a galinha, não é? E viu que ela, por dentro, era igual às outras todas.

Informante: Soraia Cristina Gonçalves Manuel, 19 anos, natural de Bela-Curral, Faro, estudante.

Recolha: em Faro, a 8 de Janeiro de 2010.

Coletor: Ana Rita Moura Simões

Classificação: ATU 219E**

80

A ZORRA E O GROU

Era um grou e levava a zorra. Levou, pegou pelo rabo da zorra e ia a voar, que o grou a levava no ar. E depois os vizinhos diziam assim:

– Olha o grou leva a zorra!

E ela dizia-lhe assim:

– Manda-os à merda!

E o grou dizia assim:

– Uoooh, uoooh...

O grou queria abrir a boca para falar. Depois eles começavam:

– Lá vai o grou com a zorra nos dentes!

E a zorra dizia-lhe:

– Manda-os à merda!

E o grou dizia:

– Uoooh, uoooh...

E os vizinhos diziam:

– É para dizer mais rijo, que nós queremos ouvir!

Ele disse mais rijo e a zorra caiu no chão e ficou como morta. //

Mas depois passa um peixeiro e diz para a zorra:

– Ah! Estás aqui?! Está bem.

Plantou (saltou) para cima do burrinho (ele ia vender peixe) e a zorra quando viu as sardinhas dentro do caixote ia plantando-as (jogando-as) para o chão. Ia jogando-as para o chão, e jogou todas. E depois deu um pulinho para o chão. O homem lá ia com o burrinho e chegou às portas e perguntou:

– Quem quer comprar peixe fresco?

Foi uma senhora para comprar peixe fresco e não estava nenhum, nem a zorra, nem nada. E disse:

– Foi a zorra! //

Depois o lobo encontrou a zorra e disse assim:

– Ó zorra, onde é que tu apanhaste tanto peixe? E eu agora como-tos!

E a zorra disse assim:

– Não, não comas. Olha, amarras um barço ao pescoço e quanto maior é a pedra, mais fundo se vai e apanha-se os maiores.

E ele então assim fez: amarrou o barço ao pescoço e foi para dentro do pego para apanhar os peixes grandes. Lá ficou e não voltou e a zorra ficou com eles todos e comeu-os.

Informante: Isabel Martins Reis, 85 anos, natural de Perna Seca, Silves, Faro, reformada.

Recolha: em Silves, Faro, a 4 de Janeiro de 2008.

Coletor: Cláudia Carriço (clip 3 / 09'55)

Classificação: ATU 225 + ATU 1 + ATU 2B

81

A TARTARUGA E A ÁGUIA

Era uma vez uma tartaruga que tinha muita inveja dos pássaros, porque estes conseguiam voar e conseguiam ver lá para longe. E conseguiam chegar a sítios muito [mais] altos do que ela, já que ela, não é, como era uma tartaruga, andava sempre a arrastar-se e não conseguia ver mais do que isso. Ou seja, não conseguia ver mais nada senão o chão.

E um dia estava uma águia pousada em cima de uma rocha. A tartaruga foi ter com ela e disse-lhe:

– Senhora Águia, será que não me podia levar lá acima? É que eu... É que eu nunca vi, nunca fui lá acima ver como é que era... E em troca, dou-lhe umas pedras preciosas que ou tenho.

E a águia respondeu:

– Sim, por mim pode ser!

Então, a águia agarrou na tartaruga... Primeiro explicou-lhe como é que se devia pôr, e depois pegou nela com as suas garras e começou a subir, a subir, a subir, até chegar lá às nuvens, ao céu. A tartaruga estava toda contente e toda feliz porque finalmente estava a ver para além daquilo que ela estava habituada.

Depois de terem passeado, a águia voltou a pôr a tartaruga no chão, mas pediu as tais pedras que a tartaruga tinha prometido.

Mas só que a tartaruga disse que não tinha... Era uma mentirosa e não tinha nada.

A águia ficou irritada... mas mesmo, mesmo, mesmo muito irritada!

Então voltou a pegar na tartaruga e, quando já estava bem lá em cima, deixou cair a tartaruga. Quando chegou cá a baixo, a tartaruga deu uma grande queda, ficou com os ossos partidos e toda amachucada. Depois, começou a chorar por ter mentido. E a pedir desculpas à águia.

E acaba assim a história.

Informante: Sandra Madeira, 20 anos, natural de Genebra (Suíça), estudante.

Recolha: em Quarteira, Loulé, Faro, a 9 de Dezembro de 2005.

Coletor: Sandra Madeira (cassete 2 / face B)

Classificação: ATU 225A

82

A MELRA E O CARTAXO

A melra era viúva. Morreu-lhe o marido e era viúva. E, depois, tinha sementeira, tinha aceifa, tinha aquela coisa toda. E depois, mandou o cartaxo, um passarinho que há que é o cartaxo, mandou-o ir... Não sei se a Beja se onde é que foi... tomar praça – arranjar homens para ceifar o pão que ela estava viúva e não podia sair.

O cartaxo foi lá, pôs-se em cima de um poleiro e começou assim:

– Três reis, três reis, secos, secos, secos, secos, secos! – É o que ele canta. – Três reis, três reis, secos, secos, secos!
 Não arranjou ninguém. Ninguém quis ir.
 Veio para casa e disse para a patroa:
 – Olhe, patroa, não arranjei ninguém – disse à melra. – Não arranjei ninguém. Não quiseram vir. Agora não sei.
 – Deixa lá que eu vou.
 Ela embrulhou-se num xaile preto. A melra embrulhou-se num xaile preto e foi. No outro dia foi a melra. Foi a melra, pôs-se lá em cima do poleiro e começou assim:
 – Quatrocentos e vinte, quatrocentos e vinte e vinho e vinho e vinho e vinho! – É o que a melra canta. – Quatrocentos e vinte, quatrocentos e vinte e vinho e vinho e vinho!
 Ora, arranjou logo uma remessa de gente. (risos) Tudo para ela.
 E assim se acabou a história.

Informante: Isabel Nogueira Mendes, 82 anos, natural do sítio da Quintã, Salir, Loulé, Faro, doméstica e trabalhadora rural reformada, 3.ª classe.

Recolha: em Quintã, Salir, Loulé, Faro, a 15/11/09.

Coletor: Rita Isabel Viegas Pereira (cassete n.º 2 / lado A)

Classificação: ATU 236*

83

A CORUJA E A ÁGUIA

As corujas são muito feínhas. São pássaros mas são muito feínhos. E pediu à águia que não lhe comesse os filhinhos dela. A coruja pediu à águia para não lhe ir comer os filhos. E ela disse assim:

– Está bem. Mas eu não os conheço.

– São os mais bonitos que encontras. Os meus filhos são os mais bonitos que encontras.

A águia lá começou, a águia a andar pelos ninhos todos a comer os passarinhos pequeninos. Lá passou pelo ninho da coruja, comeu-lhos também.

A coruja foi a chorar:

– Então eu pedi tanto que não me comesses os meus filhinhos e foi os primeiros que comestes!
 – Comi-tos?
 – Pois comestes...
 – Então olha, não me tornes a culpa, torna a culpa a ti mesmo. Tu disseste que os teus filhos que eram os mais bonitos que eu encontrasse! Eu comi os mais feínhos que vi!
 Lá comeu as corujitas pequeninas, porque eram muito feínhas.

Informante: Maria dos Anjos, 81 anos, natural de Campo Benfeito, Castro Daire, Viseu, sabe ler e escrever.

Recolha: em Castro Daire, Viseu, a 20 de Setembro de 2010.

Coletor: Ana Sofia Paiva (CD 1, 2011)

Classificação: ATU 247

84

O MOCHO E A CORUJA

Um mocho e uma coruja eram duas aves amigas. E uma vez a coruja teve filhotes e, como todos os passarinhos pequeninos, eram feínhos. E ela tinha que ir apanhar a comida para eles. E disse ao mocho – que era amigo dela – que ia buscar a comida:

– Mas tu, por favor, não comas os meus filhotes.

E o mocho disse:

– Tudo bem, nós somos amigos e claro que não te ia fazer isso, não, é? Descreve-me lá os teus filhos.

– Olha, são lindos! É fácil ver: os passarinhos mais bonitos que tu imaginas, são os meus filhos.

– Tudo bem, está combinado. Podes ir descansada. Trata da tua vida que eu não te faço mal aos teus filhos.

Quando a coruja chegou ao ninho, já não estava nenhum filhote lá e ficou desesperada. Calculou logo que tinha sido o mocho. E foi falar ao mocho:

– Então, afinal és meu amigo, eu pedi-te e tu comes-me os meus filhos todos?

– Epá, é impossível! Tu disseste-me que os teus eram lindos, e os únicos que comi eram, epá, uns não tinham pernas, outros não tinham nada (risos) eram a coisa mais horrível que imaginar possas...

Informante: Justina Pacheco, 45 anos, instrutor numa escola de condução, curso técnico.

Recolha: em Faro, a 11 de Janeiro de 2010.

Coletor: Ekaterina Komleva

Classificação: ATU 247

85

A LENDA DO LINGUADO

Na direcção da ponta da piedade, a Nossa Senhora andava ali num barquinho, daqueles que vamos ver as grutas. Uma vez apareceu um linguado, assim à tona da água e a Nossa Senhora queria entrar ali nas furnas para ver as rochas lá por dentro e só podia, o barquinho só podia entrar, quando a maré baixasse. E então a Nossa Senhora perguntou:

– Ó linguado, a maré enche, ou a maré vaza?

E o linguado pôs assim a boca ao lado e disse:

– Não sei se enche, não sei se vaza.

Como imitou a Nossa Senhora, ficou para sempre com a boca ao lado.

Informante: Lina Nascimento, 47 anos, educadora de infância.

Recolha: em Lagos, Faro, a 09-01-2011.

Coletor: Cátia Alexandra Furtado Medeiros

Classificação: ATU 250A

86

[O CHARROCO]

Estando o charroco à beira mar, viu a Nossa Senhora. E então perguntou:

– O que é que estás a rir?

E ele respondeu.

– Estou a rir da Nossa Senhora, que a Nossa Senhora não é o Diabo.

Então o charroco ficou com a boca ao lado. (risos)

Informante: Maria Guia, 53 anos, natural de Alfanzina, Lagoa, Faro, empregada de escritório.

Recolha: em Lagoa, Faro, a 21 de Outubro de 2007.

Coletor: Susana Isabel Lamim Penela (faixa 3)

Classificação: ATU 250A

87

A HISTÓRIA DO LINGUADO

O linguado ficou com a boca ao lado, porquê? Porque arremedou a Nossa Senhora. E a Nossa Senhora como castigo disse que “ele agora vai ficar com a boca ao lado”.

Isto era um pescador que estava à pesca. E o pescador pescou um linguado. Entretanto, o linguado muito aflito, muito aflito, gritou pela Nossa Senhora. E então a Nossa Senhora apareceu, e a Nossa Senhora disse, disse para o senhor que estava a pescar, para o deitar ao mar. E o linguado, quando viu aquela senhora fez “ahh” [a informante fez o gesto da boca ao lado ao fazer o som] a arremedar a Nossa Senhora. E então a Nossa Senhora já como castigo:

– Agora, como tu estás a me arremedar, vais ficar com a boca ao lado.

E assim, o linguado ficou com a boca ao lado.

Informante: Luísa Maria Lamim Encarnação Penela, 51 anos, natural de Lagoa, Faro, guarda-livros, 9.º ano.

Recolha: em Lagoa, Faro, a 27 de Outubro de 2007.

Coletor: Susana Isabel Lamim Penela (faixa 5 /03'06)

Classificação: ATU 250A

88

A LEBRE E A TARTARUGA

A lebre e a tartaruga decidiram fazer uma corrida. Os animais do bosque ficaram muito contentes. O rouxinol até pintou uma faixa a dizer *partida* e outra a dizer *chegada*. E nisto, a lebre estava toda convencida ia ganhar, por isso, não estava preocupada. Começou a limar as unhas, junto à árvore, enquanto a tartaruga já

tinha partido. Nisto também a lebre começou a andar devagarinho, e decidiu parar, porque já tinha a certeza que ia ganhar à tartaruga (porque nós sabemos que a lebre é mais rápida que a tartaruga, então a lebre decidiu parar, descansar um bocadinho). E os outros animais, como não encontram a lebre, andavam à procura dela para lhe avisar que a tartaruga estava quase a chegar à meta. Nisto, a lebre deixou-se dormir. Quando os animais descobriram que ela estava ali ao pé das ervinhas, gritaram:

– A tartaruga está quase a chegar a meta!

Nisto a lebre acorda muito sobressaltada e começou a correr, só que já chegou tarde, porque a tartaruga já tinha chegado à meta.

Informante: Ana Cláudia, 17 anos, natural de Olhão, 12.º ano.

Recolha: em Olhão, Faro, a 15-11-06.

Coletor: Andreia Joaquim

Classificação: ATU 275A

89

A TARTARUGA E A LEBRE

Era uma vez uma tartaruga e uma lebre, que um certo dia decidiram fazer uma corrida. Esta corrida sendo desafiada pela lebre, que se julgando mais rápida que a maior parte dos animais, desafiou a tartaruga para fazer essa tal corrida.

No dia marcado lá estava a tartaruga e a lebre para iniciarem a corrida. Começou então a corrida. A lebre, logo no início adiantou-se logo à tartaruga, como era mais rápida. Como estava muito confiante que iria vencer a corrida, chega a uma certa altura que parou para descansar. Encostou-se a uma árvore e como já se tinha adiantado bastante à tartaruga, ficou ali a descansar e acabou por adormecer. Entretanto, a tartaruga, que nunca parou a sua marcha e que apesar de lenta continuou sempre a caminhar, passou pela lebre. A lebre, como estava a dormir, nem se apercebeu. A tartaruga passou assim muito sorrateira, passou pela lebre e chegou ao final da corrida e ganhou. Entretanto, a lebre acorda e pensou ainda que a tartaruga viria atrás dela. Continuou a sua marcha, já com alguma velocidade, para chegar ao fim da corrida e já estava lá a tartaruga que já tinha ganho.

Moral da história: (é a moral que eu interpreto desta história) penso que não nos devemos desmazelar para o nosso trabalho, pois quanto mais tempo o demorarmos a fazer, mais difícil se tornará e mais difícil será atingir esses objectivos na perfeição.

Informante: Helena Isabel Tomé Sousa, 19 anos, natural de Olhão, Faro, estudante, 12.º ano.

Recolha: em Olhão, Faro, a 8/11/2007.

Coletor: Helena Sousa

Classificação: ATU 275A

90

A LEBRE E A TARTARUGA

A lebre e a tartaruga resolveram fazer uma partida. A lebre, como achava que corria mais que a tartaruga, disse para a tartaruga:

– Olha, vamos fazer uma partida. Vamos fazer uma aposta e vamos ver quem é que chega à ponta do campo mais depressa.

E então, a tartaruga lá começou com as suas patitas a ver se conseguia acompanhar a lebre. Mas a lebre deu dois saltos, pôs-se logo no meio do campo. A lebre começou para a tartaruga dizendo:

– Olha, tu ainda mal começaste a andar e eu já estou no meio do campo. Eu vou dormir uma sesta porque tu, por esse caminhar, nem à noite cá chegas.

E então resolveu dormir a sesta. Pôs-se a dormir, e a tartaruga, passinho pequeno, outro passinho pequeno, lá foi andando, até que chegou à ponta do campo no final.

A lebre acorda sobressaltada e não vê a tartaruga. E diz:

– Ó tartaruga, onde é que tu estás?

E ela responde:

– Estou aqui! Já acabei a minha corrida, já estou no final.

Informante: Maria Joaquina Oliveira Macedo, 48 anos, natural de Amarante, doméstica

Recolha: em Amarante, Porto, a 26 de Dezembro de 2008.

Coletor: Joana Soares (Gravação 16 / 8'32)

Classificação: ATU 275A

91

A LEBRE E A TARTARUGA

Era uma vez uma lebre que encontrou uma tartaruga. Ela pensou e depois disse:
– Ó tartaruga, já que eu sou muito rápida e tu um bocadinho lenta, queres fazer uma corrida?

E a tartaruga disse que sim.

Então ela pensou, pensou, pensou, mas no quarto dia ela já estava a preparar as coisas, a lebre.

– Então, embora fazer a corrida! – Disse a lebre.

– Está bem!

Prepararam-se e lá foram fazer a corrida. A lebre, como ela achava que a tartaruga era muito lentinha, aproveitou e descansou um bocadinho ao pé de uma árvore velha. Depois, umas horinhas mais tarde, ela, a tartaruga, passou-lhe à frente. Quando ela abriu os olhos, quando ela acordou, viu a tartaruga à frente e começou a andar muito rápido, como ela podia mais.

Então, foi passando as horas e a lebre descansou mais um bocadinho. Estava quase, mas mesmo quase, lá na meta. Descansou e a tartaruga passou-lhe outra vez à frente. E ganhou!

Depois a lebre ficou muito triste, muito triste.

A tartaruga ganhou uma medalha, mas ela, a tartaruga, como sentia pena da lebre deu-lhe a medalha.

Informante: Cíntia Palma Madeira, 9 anos, natural de Vale-Judeu, Loulé, Faro, 4.º ano.

Recolha: Vale-Judeu, Loulé, Faro, a 9 de Novembro de 2005.

Coletor: Sandra Madeira (cassete 2 / face B)

Classificação: ATU 275A

92

CONTO DA CIGARRA E DA FORMIGA

A cigarra era comadre da formiga. E um dia diz ela assim:

– Ó comadre formiga, tenho tanta fome. A minha comadre é uma comadre inteligente, apanha de verão para comer de inverno, e então, não teria uma esmolinha para me dar?

Diz a formiga assim:

– Então comadre cigarra, o que é que você fazia no verão?

– Ai, eu no verão ia para cima das árvores: cantava, cantava, cantava.

– Olhe, comadre, você no verão cantava; agora de inverno, chora. Pronto. Eu tenho o meu sobreirinho, muito bem arrecadadinho, guardadinho. Trabalhei muito para o adquirir. E agora não é para ir dar esmolos às malandronas. Que você, ó comadre, só quer cantar, cantar, cantar...

A formiga aguardalhava e a cigarra cantava e, agora no verão, estava com fome e a cigarra ficou sem nada.

Informante: Mário Martins Custódio, 80 anos.

Recolha: em Delfeira, S. Teotónio, Odemira, Beja, a 15 de Julho 2011.

Coletor: Laura Tschampel

Classificação: ATU 280A

93

A CIGARRA E A FORMIGA

A cigarra levava o tempo a cantar, tanto no Verão como no Inverno. E a formiga, que estava ali por perto, era muito trabalhadora e levava o tempo todo a trabalhar, para no Inverno ter um armazém cheio de comidinha.

Chegou a altura do Inverno a cigarra não tinha nada para comer. Foi bater à porta da formiguinha. A formiguinha disse-lhe logo:

– Ah não, não te vou dar nada para comer. Você levou o tempo todo a cantar, agora quem trabalhou é que come.

– Ó vizinha, tenha lá pena de mim e dê-me qualquer coisinha para eu comer.

– Tão no Verão cantou sempre, agora no Inverno não tem nada para comer, pois claro... Isso era mesmo de imaginar que iria assim acontecer.

(Esta história tem uma finalidade: guardar o que comer e não guardar o que fazer.)

Informante: Josefina Rosa, 52 anos, natural de Évora, licenciatura.

Recolha: em Évora, a 23 de Dezembro de 2006.

Coletor: Raquel Eunice Casimiro Marques (faixa n.º 32.2)

Classificação: ATU 280A

A HISTÓRIA DA CIGARRA E DA FORMIGA

Existia uma cigarra – que gostava muito de cantar e tocar guitarra – e a formiga. E isto no Verão. A cigarra só tocava e cantava e a formiga passou o Verão todo a trabalhar, para no Inverno ter comida suficiente para sobreviver.

Então perguntava à cigarra, se a cigarra não a queria ajudar, para no Inverno estarem as duas acolhidas, com comida, para terem aquilo que precisavam. E a cigarra respondeu sempre que não:

– Eu agora quero é divertir-me. Quero estar aqui a apanhar solinho e a tocar guitarra. Então a formiga fazia isto todos os dias e todos os dias lhe perguntava:

– Cigarra, pensa lá bem, tu não queres mesmo ajudar-me? Depois olha, no Inverno não tens comida.

– Não, não! Eu quero é estar aqui.

Chegou-se o Inverno, tudo cheio de neve, muito frio. A cigarra não conseguia sair à rua para ir buscar comida. A comida também estava toda tapada pela neve e a formiga estava muito bem no seu esconderijo. O seu esconderijo estava cheio de comida porque ela tinha trabalhado no Verão todo para conseguir sobreviver. E então a cigarra, sabendo disso, foi pedir ajuda à formiga e disse-lhe:

– Formiga, então não me queres ajudar?

E a formiga, depois, disse que sim, que a ajudava porque eram amigas. Mas para ela da próxima vez pensar melhor, porque levou o Verão todo sem trabalhar e não é assim. Qualquer coisa ganha-se com um bocadinho de esforço. Não se pode estar à espera que as outras pessoas a ajudem sempre. Era o que a formiga estava a dizer à cigarra:

– Tens de trabalhar, não podes estar à espera. Tens de fazer esforços para que as outras pessoas te ajudem, não podes estar sempre à espera dos outros.

Informante: Sónia e Tatiana, 17 e 18 anos, sendo Sónia natural de Faro, e Tatiana natural do concelho de Ourém, Leiria, estudantes de Enfermagem.

Recolha: em Faro, a 22 de Novembro de 2007.

Coletor: Marta Alexandra Pereira Marques (faixa n.º 11)

Classificação: ATU 280A

O SOL, O VENTO E O VELHO

Uma vez, estava o Sol à conversa com o Vento, e o Vento diz-lhe assim:

– Sol, tu brilhas muito, dás muito calor, és fantástico. Mas eu sou mais poderoso!

– Porquê?

– Porque eu, quando sopro, levanto tempestades, furacões, tornados, tudo anda a correr à minha volta. O mar levanta-se, as árvores dobram-se e partem-se, a poeira vai toda pelo ar e tu não consegues fazer nada disso...

E o Sol achou piada à conversa do Vento.

O Vento voltou a insistir e disse ao Sol:

– Tanto sou mais forte do que tu que consigo provar-te: estas a ver aquele velhote que vai ali em baixo, naquela estrada? Vou começar a soprar e vou tirar-lhe o capote...

O velhote ia pela estrada fora, a caminho de não se sabe onde, com um capote. Era um dia muito frio e o Vento vá de soprar.

Sopra, sopra, sopra, cada vez mais forte, e o Sol esconde-se atrás de uma nuvem. O céu vai ficando cada vez mais escuro e vai ficando cada vez mais frio. No entanto, o homem não larga o capote.

O Vento continua a insistir, e gera um furacão autêntico, e o homem sempre a lutar contra aquele vento gigantesco, que estava a ver se lhe arrebatava o capote.

Até que o Vento desistiu. Não havia maneira de o homem largar o capote.

O Sol diz:

– Tu podes ser mais forte, mas eu vou-te mostrar que isso não é bem verdade...

Então o Sol saiu detrás da nuvem e começou a brilhar.

O homem começou a ficar com calor, e à medida que ia caminhando... como é lógico estava cansado de andar e ainda estava a levar com aquele sol em cima dele...

Então o Sol começou a ficar mais forte, cada vez mais forte, e o homem tirou o capote.

Informante: Joaquim Anacleto, 49 anos, funcionário público.

Recolha: em Grândola, Setúbal, a 10 de Novembro de 2010.

Coletor: Jéssica Susana Gomes Madeira.

Classificação: ATU 298

96

O VENTO E O SOL

A história envolve duas personagens, o Vento e o Sol, e ambos, queriam ser os melhores. Aliás, o melhor, singular. O Vento queria tornar-se num, numa, numa... Bem, não se pode dizer pessoa, ah, num ser, digamos, ah, invencível. E o Vento por sua vez não queria ficar para trás, não queria deixar-se ficar. Queria também ele mostrar que é forte, e, quiçá, o mais forte de todos. E então, ah, o Vento e o Sol entraram numa, numa disputa, podemos dizê-lo assim, podemos caracterizar assim, na qual, ambos queriam provar o seu valor. E queriam demonstrar um ao outro, que, um, era melhor que o outro. E assim foi. Ah, esta disputa envolveu uma terceira personagem, um, um senhor, que passava... estava a fazer, estava a passar, estava a passar simplesmente. Ah, não me recordo se, se, situava-se, estava ali com algum, com algum intuito ou não, de trabalho ou o que seja. Portanto, vou apenas dizer que estava ali de passagem. E o senhor trazia consigo, vestido, um casaco, e, o Sol e o Vento viraram-se um para o outro e disseram:

– De forma a resolver esta disputa, vamos ver quem, qual de nós, consegue fazer com que o senhor tire o casaco.

E assim foi. Ah, primeiro, começou o Vento e o Vento, ah, soprou, soprou com toda a sua força, ah, no entanto, não conseguiu com que o senhor despisse o seu casaco, pelo contrário, teve o efeito oposto. Fez com que o homem se aconchegasse cada vez mais ao casaco, e portanto, pode-se dizer, que visto que o homem tinha um casaco consigo, e ainda mais, vestido, pode-se dizer que isto situava-se talvez na Primavera, no Inverno talvez, no, num... numa estação mais fria, mais fresca, como o Inverno e o Verão... (risos) E o verão (risos). E o... e... e a Primavera ou o Outono, inclusive. E... o Vento, obviamente, não foi sucedido.

E, seguiu-se o Sol. E o Sol, ah, com... toda, ah, com todo o seu esplendor, brilhou ao máximo, deu, provocou um calor abrasador, ah, neste senhor, ao ponto de o mesmo, tirar o casaco. E assim foi. O Sol acabou por sair o vitorioso desta disputa, ah, que parecia não conseguir acabar, com o Vento. E, o Vento recuou. Foi o Sol que venceu.

Informante: Daniela Alexandra da Silva Fernandes, 21 anos, natural de Vila Nova de Santo André, Santiago do Cacém, Beja, estudante universitária.

Recolha: em Faro, a 12 de Novembro de 2017.

Coletor: Daniela Alexandra da Silva Fernandes (gravação n.º 15)

Classificação: ATU 298



Contos Maravilhosos

97

O BICHO

Um rapaz um dia foi à caça e viu um grande bicho que andava a meter medo a muitas pessoas que já o tinham visto. Mas um caçador conseguiu matá-lo. Quando viu que o bicho estava morto, tirou-lhe a língua e guardou-a.

Passados três dias, passou um rapaz pelo pé do bicho que já há dois dias tinha sido morto. E ele foi a casa buscar um machado e uma grande canastra e cortou a cabeça do bicho, meteu-a na canastra e pôs a canastra às costas. Correu aldeias e montes. Toda a gente lhe dava dinheiro pela grande coragem do homem. E as pessoas ficaram descansadas, andava tudo assustado. O rapaz já tinha muito dinheiro, mas às vezes o querer muito é ter pouco.

O rapaz, um dia, começou a dizer que merecia a filha do rei, por ser um homem corajoso. Muita gente dizia:

– É verdade o que ele diz.

O rapaz já estava a ver que ele queria muito. Pega na língua e esteve a contar a história toda ao rei, como tinha sido.

O rei mandou chamá-lo e ele lá foi, com a canastra às costas e a cabeça do bicho.

E o rei disse-lhe:

– Como é que tu mataste o bicho?

– Eu matei-o com um pau.

– Mas aqui há sinais de tiros. Abre lá a boca do bicho, quero ver a língua.

Já tinham tirado, não estava.

– És muito esperto! Acho bem a tua esperteza. Quanto é que já ganhaste? Diz a verdade!

– Já tenho quatrocentas libras.

– Pois agora, dás duzentas libras ao teu vizinho, porque foi ele que matou o bicho e tu fizeste o reclame.

– Está bem, está, sim senhor.

Informante: Rita Engrácia Marques, 90 anos, natural da Junqueira, reformada, 4º classe.

Recolha: na Junqueira, Vila do Conde, Porto, em 2007-2008

Coletor: Rita de Jesus

Classificação: ATU 300

Nota: A informante leu a história de um caderno que a própria escreveu. Reconto de versão contida no arquivo do CTPP – FLUL, cota Ri 29 (2003) 2.

98

OS TRÊS CAÇADORES

Abalou um senhor que ia à caça, que encontrou um outro senhor:

– Olha, eu vou contigo também à caça.

Mas ele, o primeiro, tinha uma varinha de condão e eles depois foram andando por aí fora, por aí fora.

Outro caçador:

– Olha, eu vou também com vocês.

E diz o primeiro assim:

– Então olha, pega lá aqui a minha varinha de condão e joga lá para ver onde ela vai ter.

Ele depois jogou a varinha, foi, e tiveram três dias para achar a varinha. No fim dos três dias acharam a varinha. E ele diz:

– E agora jogas tu.

O outro, pega na varinha, jogou-a e andaram seis dias para encontrar a varinha. Lá encontraram a varinha. Diz ele:

– Agora sou eu, agora joga eu.

Ele pegou, jogou a varinha e andaram nove dias para achar a varinha. E a varinha então foi ficar lá num sítio, num monte, assim num monte antigo. E eles foram ver, não havia lá ninguém e ficaram lá. Havia loiças para cozinhar, roupas para dormirem, bem, eles ficaram lá.

– Bem, agora vamos à caça.

Foram todos três, foram á caça. Apanharam umas lebres, uns coelhos, umas perdizes... E depois, diz:

– Olha, agora tu cozinhas e a gente vamos os dois para ver se a gente apanha mais.

Olha, aparece lá um gato preto muito assanhado, e o gato foi e comeu a comida toda. Mas ele pega na varinha de condão e deu-lhe com a varinha de condão, tirou-lhe um pedacinho de orelha e o gato fugiu lá para debaixo de uma lenha.

Bem, eles chegaram:

– Então a comida?

– Ai, não temos nenhuma. Olha, não temos nada. Apareceu um gato, muito assanhado e comeu a comida. E queria-me era arranhar. E eu, o que fiz? Olha, dei-lhe com a varinha de condão e tenho aqui um pedaço de orelha para vocês verem que não é mentira.

– Ai, ora essa... Agora ficamos sem jantar.

No outro dia, eles traziam mais caça. Diz ele assim:

– Agora ficas tu, ficas tu a cozinhar isso e vamos a gente.

Ele ficou a cozinhar o comer, tinha já o comer todo feitinho. Caldeirada boa, com lebre e coelho e perdiz, tudo bom. Olha, aparece-lhe o gato a comer a comida, pronto, a comer a comida, comeu aquilo tudo. Ele arranhava-me. Pega na varinha de condão, dá-lhe na cabeça, tirou-lhe um bocado de orelha e o gato fugiu lá para debaixo da lenha. Eles chegaram:

– Então a comida?

– Ai, não. Apareceu aí um gato negro e comeu tudo e depois queria-me arranhar e sei lá... Ainda me arranhou, não vês como eu tenho a roupa rasgada.

– Mas então... Amanhã fico eu.

Ficou ele, que tinha andado os nove dias para achar a varinha de condão.

Ficou, começou a cozinhar a comida, o gato outra vez! Ora mas ele pega na vareta e dá-lhe com a vara na cabeça, queria-se atirar a ele mas ele não o deixou ir comer e o gato fugiu e ficava a comida. Todos eles chegaram.

– Ah, ah! Hoje temos aqui a nossa comidinha, aqui.

– O gato apareceu, mas não comeu que se lixou. Agora estás a ver? Olha, vamos lá comer que está aqui bem bom.

– Comemos e vamos à procura do resto, vamos à procura do resto, porque eu já tenho aqui um cesto, um cabaz grande. Eu vou aqui com os dois pedaços de orelha do gato na mão.

Foi por aí abaixo, por aí abaixo, por aí abaixo... Foi à porta azul, bateu à porta azul:

– Truz, truz, truz...

Veio uma menina:

– Ai, vai-te embora, que o meu encantamento é o diabo e ele mata-te!

– Não vou, não. Tu vais é comigo!

– Não!

Apareceu ele (o diabo) e leva com a varinha de condão. Olha, ficou estendido no chão. Lá veio a menina para cima.

Depois foi à porta verde, bateu:

– Truz, truz, truz...

Veio uma menina:

– Não, vai-te daqui embora que o meu encantamento é o diabo e ele mata-te.

– Não vou nada, tu vais comigo!

Pega nela, mete-a dentro do cesto, sacudiu o guizinho e ela foi para cima. E já lá estavam duas.

Foi à porta negra, que era onde o diabo estava. E veio a rapariga e disse:

– Vai-te embora, o meu encantamento é o diabo e ele mata-te.

– Não mata nada, não.

Pegou nela para dentro do cesto, tocou e foi para cima. E depois tocou e foi ele para cima e foram os casamentos deles os três.

Informante: Leonor Felício, 76 anos.

Recolha: em Almogrove, Odemira, Beja, a 5/11/2006.

Coletor: Sónia Maria dos Reis (cassete n.º 1 / face B)

Classificação: AT 301B

ARRASA MONTANHAS, MAMA NA BURRA E ARRANCA PINHEIROS

Era uma vez, nos tempos idos, mil e oitocentos, mil e tal, que haviam três pessoas muito, muito fortes que eram o Arrasa Montanhas, o Mama na Burra e o Arranca Pinheiros.

O Arrasa Montanhas que com uma enxada nas mãos, cavando, andava por ali a fora, arrasava tudo quanto havia, não havia problema nenhum.

Juntou-se o outro, o Mama na Burra e disse:

– Oh, aquele senhor é capaz de ser mais forte do que eu, porque como arrasa aquilo assim tudo, é impossível!

E então, combinaram, disseram:

– Vamos de viagem à procura de alguém que nos queira para trabalhar!

– Então e tu? Como te chamas tu?

– Eu chamo-me Mama na Burra!

– Então e sabes como andas?

E o gajo pega no arado com os bois e lá vai a lavrar. E o Mama na Burra disse:

– O caminho é além para aquele lado. – E levantou arado, bois e tudo!

E ele disse:

– Eh, mãe! Este ainda é mais esperto do que eu!

E chegaram então a outro lado. O Arranca Pinheiros, com uma corda envolvendo os pinheiros todos da montanha. E depois, apertava a corda, juntavam-se eles todos.

E foram-se embora. E foram por ali a fora com os pinheiros todos para casa.

E disse:

– Eh! Como isto é possível?!

Chegada a altura, iam por ali a fora os três, já não sabiam que mais andar, fartos de andar, para ali para um lado e para o outro, a ver se encontravam alguém.

E disseram-lhes assim:

– Os senhores são de cá?

– Não!

– Então e o que é que os senhores querem?

– Procuramos aí algum trabalho, para a gente trabalhar, porque precisamos de ganhar algum.

E então disse-lhes:

– Ahh, então venham comigo, que eu tenho ali um poço para trabalhar, um poço para fazer, para tirar, uma exploração de água. E então, venham lá fazer o poço.

Entraram então os três, começaram a trabalhar, a fazer o poço. Diz um assim:

– É para acabar!

E começaram e fizeram aquilo depressa! Mas um belo dia, uma junta de bois ou duas juntas de bois que transportavam uma galga para o lagar – que era para

moer a azeitona, aquelas mós grandes para moer a azeitona. E então o carro partiu, a galga subiu por ali fora e foi ter para dentro do buraco onde eles andavam a trabalhar.

E diz assim esse que é o Arranca Pinheiros:

– Ó minhas senhoras, lá de cima ralhem às galinhas que andam a esgravatar cá para baixo! (Estás a entender? Era a mó do moinho!)

E ele vinha com a mó do moinho numa mão. O povo, quando viu aquilo, assustou-se e não os quis lá mais a trabalhar. Disse:

– Ai isso não é bom! Isso não são pessoas humanas. Isto é algo sobre-humano que anda por aí, por aí a fora!

E já não acabaram o trabalho. Pagaram e mandaram-nos embora. Iam todos desanimados. Chegaram lá à frente e diz um assim:

– Sentamo-nos!

E sentaram-se. Comeram alguma coisa que levavam. Estavam assim todos pensativos, como é que havia de ser no final. E depois aparece ali um senhor que diz assim:

– Querem fazer-me o favor?

E eles disseram assim:

– Então diga lá!

– Ah, é que eu tenho a minha filha encantada com um encanto, um encanto dum leão. Está ligada aos cabelos dum leão que ninguém os solta!

– Então onde é que está?

– Está num poço assim, assim, assim...

E eles foram lá ver, e:

– Sim senhora, quem lá vai sou eu! – Diz o Arranca Pinheiros – Quem lá vai sou eu!

Chegou lá, e quando viu lá a rapariga atada, diz assim para o... para ela assim:

– Não tenha medo, que eu venho para a desencantar!

– Como?! Você vá-se embora que o meu encanto vem já aí e mata-o!

Quando apareceu o leão a rugir dum lado e doutro! O gajo pega nele, arrancou-lhe o focinho, puxou pêlos e tudo, quebrou o encanto e levou a rapariga lá pra cima.

Bem, o rapaz levou a rapariga. O Arranca Pinheiros levou a rapariga para casa.

Quando apareceu o pai:

– Tem aí a sua filha!

Pagou-lhe, agradeceu-lhe e depois foi-se embora. Ele foi contar à aldeia o que se tinha passado e apareceu um homem a dizer-lhe assim:

– Ah, a minha filha também tem um encanto, que é duma cobra, e tal, tal, por aí fora... Se você fosse capaz de a desencantar...

Diz o Mama na Burra:

– Quem lá vai sou eu!

Pronto, diz ele assim:

– Vá!

E foram por ali a fora. Desceram lá onde estava a serpente, no meio dum bosque. Aquilo era um vale que era uma coisa doida... Estava lá a rapariga.

Quando viu o homem, disse:

– Então que faz aqui? Vão-se embora que o meu encanto vem aí e se ele o vê, ele devora-o!

– Deixa-o vir!

E lá veio a cobra. Aquilo a abanar o mato todo por ali a fora... Quando ele a viu, pega-lhe pelo coiso da cobra, estica, faz como que é uma corda, arreventou com ela. Desencanta a rapariga e leva-a para casa e disse:

– Aí está a sua filha!

Diz ele assim:

– Bom! Muito bem.

E chegou à aldeia. Mais um pagode e mais um palavreado, todo contente:

– Ó-ó, tá desencantada! Desencantada!

E diz um assim:

– Mas a minha filha também está encantada pelo Diabo. Como é que isto é possível?

Foi lá dizer a ele, como é que era. Já lá tinha ido o Mama na Burra e o Arrasa Pinheiros. O Arrasa Montanhas diz assim:

– Quem lá vai sou eu!

E então arranjaram umas cordas, com um canastrão desses grandes de transportar caixas e estrume, etc. por ali a fora, com uma corda para chegarem lá ao fundo, onde diziam que era o inferno, com uma campainha. Quando eles vissem que ele tava mal, apitava a campainha e eles puxavam o coiso pra cima, porque aquilo era muito mosquito, muito mosquito, muito mosquito lá no fundo.

Diz assim o Arrasa Montanhas:

– Quem lá vai sou eu!

– Como é que vais?! Então eu não sou capaz de ir e tu és capaz de ir?

– Quem lá vai sou eu! E quando eu tocar a campainha, ainda desceis mais para baixo, mais para baixo!

E assim foi, ele começou a tocar à campainha e *zuque*, para o fundo! Quando ele viu lá a rapariga diz ele assim:

– Então?! Quem é o teu encanto? És tu que és a menina que estás encantada pelo Diabo?

– Sou! Vá-se embora que ele vem já aí!

– Deixa-o vir!

Ele agarrou num pauzinho assim, grande, começou às cacetadas com ele e acabou com ele. E trouxe a rapariga para cima.

Mas quando eles chegaram lá, demorou muito tempo, diz assim:

– Olha, já morreu! O gajo já morreu! Desce para baixo a corda.

E então foi andando com a rapariga por ali a fora e encontraram assim, vá lá, no subterrâneo, uma caixa assim, uma lanterna, com tudo, tudo, escavacado, tudo velho. Diz ele assim:

– Ai, isto é impossível! Pronto!

Pegou numa lanterna e pôs atrás das costas. E conforme andava, a andar dum lado para o outro, quando se virou, riscou com ela numa pedra. Apareceu-lhe então, (como é que se chama isso? As pessoas que ... tipo d'anjos... que querem libertar) e diz ele então:

– O que é que quer, patrão? O que é que quer patrão? O senhor riscou, o que é que quer?

– Quero que me pondes a mim e a esta menina lá em cima, já no alto!

Quando lá chegou, assim foi logo, eles puseram-nos lá. Quando lá chegou, ele diz ao homem assim:

– Já não tem companhia nenhuma.

Então foi à procura deles. Até que apareceu o homenzinho, o pai da rapariga, e disse:

– Ai, eu sei, sei... Foi o senhor que foi lá abaixo?

– Fui eu, sim senhora! Fui eu que lá fui abaixo e a sua filha está aqui!

Diz assim o pai:

– Então já a desencantou?

– Já está desencantada. Então para onde é que eles estão?

– Oh, estão assim-assim em tal parte...

E foi ter com eles. Quando lá chegou, discutiu com eles mas como eram todos fortes, tudo ficou no seu sítio e desencantaram assim.

Seguiram então a vida e já ninguém tinha problemas com eles, já lhes deram trabalho e continuaram a viver assim até ao final da vida pronto. É essa a situação.

Informante: Etelvino Fernandes, 70 anos, natural de Dornelas, Pampilhosa da Serra, reformado da mina, 3.^a classe.

Recolha: em Dornelas, Pampilhosa da Serra, Coimbra, a 30/ 10/ 2007.

Coletor: Daniela Fernandes Gonçalves (cassete n.º 1/ lado B)

Classificação: AT 301B

100

OS TRÊS VALENTES

Bom, então esta é a história dos três valentes. Segundo esta história, existia um casal que andava muito triste porque há muito tempo que tentava ter filhos e não conseguia. Todos os dias pedia a Deus, rezava a Deus para que a senhora engravidasse e ela não engravidava. Ora certo dia quando eles iam lá nos seus trabalhos campestres encontraram à beira do rio, um bebé a tiritar de frio, e cheio de fome. O que é que eles fizeram? Levaram-no imediatamente para casa, ficaram todos contentes porque não tinham filhos e deram-lhe roupas, vestiram-no e deram-lhe o leite da burra que tinham em casa porque não tinham outra fonte de leite. Ora, como o leite da burra era muito forte, o bebé rapidamente cresceu e se tornou um rapaz forte. Pela idade dos seus sete anos ele já tinha uma aparência robusta e a força de um homem já adulto. Algum tempo mais tarde quando chegou a hora de entrar para a escola, ele foi para a escola e na escola como conheciam a história de vida dele, começaram-lhe a chamar o Mama na Burra. Ora, "Mama na Burra" não é propriamente um nome, assim vá, muito agradável de se ouvir. Então ele, chateado com isso, saiu da escola, voltou para casa e contou à mãe que lhe chamavam isso na escola. Ora, a mãe contou-lhe a sua história de vida, como é que o tinham encontrado, que ele era adoptado e como não tinham outro leite que lhe tinham dado o leite da burra que tinham em sua posse. Então, ele não quis ir mais à escola porque não queria que lhe chamassem Mama na Burra, então queria desaparecer daquela terra. Então pediu aos pais que lhe dessem uma moca de ferro com sete arrobas para ele ir correr mundo. Então ele foi correr mundo com a moca de ferro de sete arrobas. Pelo caminho encontrou um homem, parecia ser bastante forte porque arrancava os pinheiros do chão como se fossem cebolas de uma planta qualquer. Então o Mama na Burra vira-se para esse homem e diz.

– Ó Arrasa Pinheiros, não queres ir comigo correr mundo? Nós somos os dois muito fortes e ninguém nos vencerá.

O Arrasa Pinheiros aceitou e lá foi correr mundo com o Mama na Burra. Eles continuaram a andar e mais à frente encontraram outro homem que tirava as montanhas do sítio como se fosse uma vassoura. Então o Mama na Burra virou-se novamente para esse homem e disse:

– Ó Arrasa Montanhas, não queres ir correr mundo connosco? Nós somos os três muito fortes e ninguém nos vencerá.

Ele aceitou e lá foram os três. Eles queriam pernoitar nalgum sítio só que ninguém lhe dava guarida porque eles pareciam ser homens muito fortes e muitos maus, nã, nã, nã. Até que numa certa aldeia uma velhinha disse.

– Olhem, eu não vos posso dar guarida. Vocês são muito grandes não cabem nas casas. Mas, além naquele serro, ou naquela serra, uma casa que é um celeiro, é muito grande e vocês podem lá pernoitar à noite. Nunca ninguém lá vai porque é assombrada a casa. Vivem lá uns fantasmas.

– Ah, não há problema, nós não temos medo de nada!

Então lá foram os três, deitaram-se os três no palheiro, e a meio da noite começam a ouvir uns barulhos, uns sussurros, e começam a ouvir alguém a dizer:

– Caio, caio, caio!

E eles respondem todos em uníssono:

– Cai de uma vez, que não temos medo de ti. (Qualquer coisa assim).

E então cai um braço, cai uma perna, cai outra perna, cai uma cabeça... E depois, no fim, eles montaram tudo e era uma mulher. Eles mataram, já não sei com que objecto, mataram o fantasma. Então agora estava o assunto resolvido.

O que é que acontece? Aparece-lhes de repente um gato preto, vindo do nada, que deita cinza para a panela onde eles tinham sopa. Eles, todos chateados vão atrás dele para o matar, porque o gato consegue-se safar-se. Na sua busca pelo gato, encontram um poço fundo. E então, pensando que o gato tinha ido para o poço fundo, arranjam uma corda e um cestinho e o Mama na Burra desce nesse cesto, cesto que é segurado pelo Arrasa Montanhas e pelo Arranca Pinheiros. Ele vai descendo, vai descendo e quando chega ao fundo do poço, tem três portas. Uma porta que é guardada por um leão, uma porta que é guardada por uma cobra e uma porta que é guardada por um gato preto.

O que é que ele faz? Mata o leão e aparece uma menina muito bonita. Mata a cobra e aparece uma menina ainda mais bonita que a primeira. Mata o gato preto e aparece-lhe uma menina ainda mais formosa que as outras duas. Quando eles

trazem as três para cima, elas contam-lhes que elas eram três princesas que foram enfeitçadas e amaldiçoadas por uma fada que se queria vingar do pai delas, o rei, e foram colocadas ali. Então, para demonstrar o agrado por as terem salvo, as três princesas levam-nos ao rei e o rei recompensa-os, dando-lhes a mão, em casamento, de cada uma das meninas, a cada um dos valentes. Pronto.

Informante: Patrícia Inácio, 22 anos, natural de Lagos, psicóloga, licenciada.

Recolha: em Gambelas, Faro, a 15 de Novembro de 2007.

Coletor: Andreia Semedo

Classificação: AT 301B

101

[O CASTELO DAS PEDRAS NEGRAS]

Era uma gente muito pobrezinha, então, viviam da pesca. Tinham um barquinho, iam à pesca e só viviam disso. Depois já não apanhavam nada. E então, estavam um dia no mar alto e ouviram uma voz dizer assim:

– Olha, se me deres os primeiros olhos que avistares quando chegares a terra, apanhas o peixe que quiseres.

Ele pensou que fosse uma canita. Os primeiros olhos que via era da canita que ia logo quando chegavam, cheirava o dono, e ia logo ter com ele: “Lá os olhos da canita... e então, não me fica fazendo falta nenhuma e tenho peixe à farta”.

Mais ele foi o contrário, os primeiros olhos que ele viu foi os do filho, quando chegou à terra. E então começou a andar muito triste, muito triste, e tinha que entregar os primeiros olhos, ao cabo de um mês, tinha que entregar no mar alto. E ele levava a pessoa, ou o bicho, e levava lá ao sítio e entregava e pronto. Ora dai para o futuro era carradas e carradas de peixe... Mas o homem, cada vez mais triste, cada vez mais triste, não contou nem à mãe nem nada. Só porque era o filho. E então, quando chegou mais perto da altura, teve que contar ao filho. Então o filho disse:

– Ó pai, não se importe, eu vou!

Então foi, foi a esse sítio. Veio a tal voz, ele entregou-o. Havia um barco, viu-se o barco sumir por o fundo do mar abaixo, mas abriu-se um largo para ele ir para baixo. O filho desapareceu, e ele voltou e continuou o peixe sempre à farta.

E o filho estava lá, tinha uma casa do bom e do melhor lá no fundo do mar. Tinha tudo com fartura, era um encantamento, tinha tudo, aparecia-lhe a comida

quando era preciso. Aparecia-lhe água, a caminha tudo feito, parecia que estava lá uma pessoa a morar.

– Um dia, então, vou pedir para ir à minha terra. Nunca mais vi o meu pai, não vi a minha mãe...

E ele, lá de noite, sentia uma coisa fria, ele lá estava deitado e sentia uma coisa fria lá vir aos pés acima, sempre a par dele. Mas ele não via, não tinha fósforos, não tinha luz, não tinha nada. Não via, não sabia o que era.

E um dia pediu e apareceu-lhe o tal barco e ele veio à terra ver o pai e ver a mãe. O pai e a mãe ficaram muito admirados, viram-no tão bem arejado, todo porreirinho e lá estiveram a perguntar. Mas ele, perguntas não queria muitas. Disse:

– Poucas perguntas!

Disse que estava muito bem, que tinha tudo com fartura e que ninguém o acusava e, pronto, estava bem. Mas ele lembrou-se: “Deixa que eu agora aproveito. Levo uma caixa de fósforos e uma vela e quando a coisa me aparecer sendo a estar junto a mim, eu acendo que eu quero ver o que é.”

E acende a vela, e [era] uma rapariga, mas muito bonita – aquilo era de se perder com ela – a dormir, a dormir ali a par dele. Mas em vez de tirar logo a vela, não tirou, caiu uma pinga na cara da rapariga. Uma pinga da cera. Ela acorda:

– Estragaste-me o meu encantamento! – disse ela – Agora se me quiseres ver, vais ao Castelo das Pedras Negras, mas para ires lá tens de gastar sete pares de sapatos de ferro. Veja lá onde era a lonjura.

Era muito longe, mas veio, veio, veio, foi indo, foi indo, foi indo, encontrou uma ovelha morta e uma formiga lá ao pé e uma águia e um leão. Era para comerem a ovelha, mas não davam feito as partilhas. Viram passar o bicho-homem, chamaram o bicho-homem (vai levar muito tempo essa história). Ele disse:

– Olhem, para o leão é os quartos, que é boa carninha, e para a águia é as tripas, não tem dentes come as tripas bem. Para a formiga é a cabeça, que tinha os miolos e ficava com a casa para morar.

Depois ele abalou. Ia lá já longinho, eles ficaram muito contentes com as partilhas, chamaram-no. Pensou: “agora é que eles me comem”, mas não comeram. Disseram:

– Olha, tu fizeste as partilhas muito bem.

A formiga tirou uma perninha e deu-lhe. A águia tirou uma pena e deu-lhe:

– Quando te veres nalguma aflição puxa pela peninha e voas.

A formiga também:

– Se te vires numa aflição, fazes-te numa perninha e vais aonde queres.

O leão deu-lhe um cabelo para se ele se visse numa aflição, o leão matava tudo.

Lá foi, lá foi, já tinha só um par de sapatos, viu um castelo muito grande, mas não podia lá ir, estava tudo fechado à volta. Mas fez-se de águia, foi por cima e viu o que estava dentro e assim, lá perto de onde o podiam apanhar:

– Olha, um passarinho tão bonito...

Estava lá uma rapariga, essa tal de rapariga, estava lá encantada. Disse:

– Olha, um passarinho tão bonito, vamos lá ver se eu o apanho.

Ele deixou-se apanhar. Deixou apanhar, pôs na gaiola. Na gaiola ele não dava saído de lá. Mas à noite fazia-se numa formiga, passava debaixo da porta, ia ter com a rapariguita.

– Foge daqui que se o gigante te vê, ele mata-te e mata-me a mim.

– Ele não vê.

Até que ela disse:

– Olha, para matares o gigante tens que cortar um cabelo que ele tem no umbigo que dá duas voltas à roda da cintura. E quando cortando esse cabelo ele perde a força, já não tem força nenhuma e já podes matá-lo.

Ele faz-se na formiguinha e meteu-se pela roupa, pois a formiga é pequenina, e vá de cortar o cabelinho. (Isto está muito grande, pá!)

– Agora, de dentro dele sai uma pomba e tu tens de matar essa pomba, senão ele está doente, mas não morre.

Ele foi, salta a pomba, ele faz-se na águia, caçou-a.

– Olha, e agora, dentro da pomba está um ovo, tu tens de pegar nesse ovo e vais ali ao pé do gigante e tens que lho partir na testa, que é quando ele dá um urro e morre.

E ele foi lá. Assim que saiu a pomba, tirou o ovo e foi ali e ele estava quietinho: vá na testa! Ele deu um urro muito grande e assim morreu.

E depois, ele, ele combinou com ela, ele tirou-a de lá, tinha poder para isso, e fez uma festa muito grande.

Casaram-se, tiveram filhinhos e convidaram-me para o casamento. Eu é que não podia porque estava doente nessa altura.

Informante: Augusto Joaquim Guerreiro, 82 anos, natural de Vale da Água, S. Teotónio, agricultor.

Recolha: em S. Teotónio, Odemira, Beja, a 23 de Julho, 2011.

Coletor: Laura Tschampel

Classificação: ATU 302

102

A VELHA DO DENTE E OS DOIS IRMÃOS

Era uma vez um casal que não tinha filhos. O marido era pescador e apanhou um peixe fora do normal, muito grande. Veio encantado com o peixe. O peixe era encantado, tinha um dom qualquer e também falava (era no tempo em que os peixes falavam). Antes de matar o peixe, este disse-lhe:

– Então o que é que vais fazer?

– Vou-te matar e comer!

– Não! Matas-me e dás um quarto à tua mulher, dás um quarto ao teu cavalo, dás um quarto à tua cadela e o outro quarto semeias-o aí na estrumeira.

Da estrumeira rebentaram duas lanças, a mulher teve dois gémeos, a égua teve dois cavalos e a cadela teve dois cães.

Quando se fizeram homens, pensaram em ir a correr o mundo. Montaram-se nos cavalos, deixaram os cães guardando os pais, levaram cada um a sua lança e foram a correr o mundo. Foram, deu em deu... Fez de noite e chegaram a um ponto em que havia um cruzamento de caminhos. Diz um para o outro:

– A ver se, depois, nos encontramos. Eu vou por este caminho e tu vais por esse.

Um foi andando... Chegou a um sítio, já era de noite, viu uma luzinha.

– Olha uma luzinha! Vou andando até lá!

Foi andando com o cavalo e a lança e quando lá chegou foi a bater à porta. Veio uma velhinha atender.

– Ai, um moço tão bonito! Então o que querias?

– Queria que me desse agasalho!

– Então vá! Entre lá!

– Então e o meu cavalo onde o ponho?

– Põe-o ali na cavalaria!

– Então e a minha lança?

– A lança guarde-a além! (a lança era uma espada, nesse tempo chamavam-lhe lança).

Lá estiveram conversando, de onde é que vinha, e às tantas diz-lhe a velha:

– Vamos a fazer uma açorda com sete ovos. Não terá fome?

– Tenho!

Lá estiveram comendo e às tantas a velha diz-lhe assim:

– Não queria atirar uma luta comigo?

– Agora o raio da velha quer lutar comigo. – Pensou o rapaz.

Tanto o tentou que ele disse:

– Então vá!

Começaram a lutar, mas a velha tinha um dente mau, um dente fora de série. Espetou-lhe um dente no moço. Ah! E a velha tinha ido enlear um cabelo na corrente do cavalo. O moço quando se viu já aflito disse:

– Acudam aqui o meu cavalo e o meu brasão (o brasão era a espada)!

E a velha disse:

– Que engrosse o meu cabelão!

O cabelão transformou-se numa corrente de ferro e o cavalo não lhe pode acudir. Acabou com o moço e meteu-o numa salgadeira.

O outro irmão andou lá por as voltas dele, mas nunca mais se encontrava com o outro. Voltou pelo mesmo caminho e foi lá parar ao mesmo sítio da velha. Viu a tal luzinha e pensou:

– Será que foi para ali, o meu irmão?

Foi lá bater e lá apareceu a velha.

– Olha! Um moço tão bonito!

Fez outra vez a açorda com os sete ovos. Quando acabou a açorda com os sete ovos, disse para o moço:

– Olhe! Vaia lá e prenda o seu cavalo com este cabelo.

Tirou um cabelo e deu ao moço. Este pensou:

– Ir a prender o cavalo com um cabelo?!

Quando apanhou a velha descuidada, atirou com o cabelo para o lume. Às tantas, convidou-o, também, para uma luta. Ele, para fazer a vontade à velha, lá aceitou. Começou a lutar com a velha e ela puxa do dente. Ele viu-se atrapalhado com a velha e diz:

– Acudam aqui o meu cavalo e o meu brasão!

E a velha diz:

– Desenrole-se o meu cabelão!

O cabelo ainda deu uns poucos de estalos nas brasas e ele tomou conta da velha, descobriu onde estava o irmão, a espada e o cavalo.

A esta hora lá estão comendo pão com amoras.

Informante: Marcelino Leandro Botelho, 70 anos, natural da Amareleja, cabeleireiro, 4.ª classe.

Recolha: em Amareleja, Beja, a 22 de Dezembro de 2005.

Coletor: Nídia Bretoldo (cassete / faixa n.º 5)

Classificação: ATU 303

103

A CASINHA DA MÁ HORA

Era uma vez um homem que era pescador. E um dia foi à pesca e caçou o rei dos peixes. Bom, veio para casa e disse à mulher:

– Olha, sabes que mais, eu hoje cacei o rei dos peixes.

– Então e não o trouxeste?

– Não, ele disse para mim o pôr ao mar que me enchia a barca de peixe, eu pu-lo ao mar e ele encheu-me a barca de peixe.

– Á outra vez, quanto tu o caçares, trá-lo, já não o ponhas para o mar.

Foi no outro dia, caçou outra vez o rei dos peixes, e o rei dos peixes disse-lhe:

– Olha, põe-me ao mar, que eu encho-te a barca de peixe.

– Não, a minha mulher disse para eu te levar, eu levo-te.

– Olha, então faz assim: faz-me todo em postas, dá duas à tua mulher, dá duas à tua cadela, dá duas à tua égua e enterra duas no quintal, e o resto deita para o mar.

Ele fez como o rei dos peixes lhe disse: a mulher teve dois meninos – olhar para um olhar para outro era igual -, a égua teve dois cavalinhos também iguais, no quintal nasceram duas espadas, e a cadela teve dois cães muito fortes, como leões, iguaizinhos. Aquilo cresceu tudo, e um dia estavam lá os dois irmãos e um disse assim:

– Ó irmão, sabes que mais? Vou correr mundo!

– Ó homem, então 'tás parvo?

– Vou, vou-me embora! Fica aqui este copo de água. Se este copo de água algum dia estiver ludro é porque eu tenho morrido.

O homem foi, pegou na espada e no leão e foi. Chegou a uma terra onde andavam todos de luto. Diz o homem assim:

– Mas que jeito as pessoas aqui andarem todas de preto?

– Pois, todos os anos se dá aqui uma menina para a bicha das sete cabeças, e este ano calhou a ser a filha do rei.

– E então onde é que ela está?

– Pois está além naqueles rochedos, além, para a bicha das sete cabeças a vir comer.

Diz ele:

– Eu vou lá.

E foi, estava ela sentada. Depois ela disse-lhe assim:

– Vá-se embora! Se não vem a bicha das sete cabeças e come-o também.

– Não, eu vou dormir aqui no seu colo.

E ela trazia sete vestidos, vestidos, e ele de cada vestido tirou-lhe um pedacinho, e meteu-os dentro de um canudinho de cana e guardou-o. Diz ele:

– Eu agora vou dormir aqui um sono. Quando vendo vir a bicha, acorde-me.

Depois ela viu vir a bicha, acordou-o. Acordou-o, ele lá esteve a lutar com a espada e matou a bicha das sete cabeças, e tirou-lhe de cada cabeça um bocadinho da língua e guardou num canudinho de cana também. Depois o rei pôs à estação que quem tivesse morto a bicha das sete cabeças casava com a filha do rei. E como palavra de rei não volta atrás, foi assim. Quem é que havia de passar lá? Um preto. Passou lá cortou a cabeça das bichas, levou ao rei e disse que tinha sido ele que tinha matado a bicha das sete cabeças. Só que a rapariga, com medo da bicha, assim que viu a bicha nunca mais falou e ia já no outro dia casar com o preto. Bom, mas ele soube que ela ia casar com o preto e foi lá a uma estalagem que estava lá perto e disse assim ao cão:

– Vais buscar a prenda que estiver mais perto da princesa.

O cão foi, trouxe uma coisa. E assim que ela viu o cão, disse logo:

– Olha, aqui está o cão que matou a bicha das sete cabeças. E começou a falar e disse que não tinha sido o preto que tinha matado a bicha das sete cabeças. Foram atrás do cão, mas já não o viram. Depois ele mandou-o ir buscar outra coisa. Eles formaram-se todos, foram a ver, souberam onde é que ele estava. Depois ele disse assim:

– Eu agora quero, para eu ir lá, tem que ser um trem para mim, outro trem para o meu cão, e outro trem para o meu cavalo. Se não for isso eu não vou lá.

O rei lá lhe mandou isso tudo e ele lá veio. Diz-lhe o rei assim:

– Então que provas é que você tem como foi você que matou a bicha das sete cabeças?

Diz ele assim:

– Mandem lá chamar todos os veterinários que estiverem aí, e analisar a cabeça da bicha das sete cabeças.

Lá estiveram analisando, aqui e ali, e não acharam nada.

– Então não está mais nenhum?

– Está para ali um, mas já é muito velho.

– Mandem-no lá chamar.

Ele foi, esteve vendo, abriu a boca, faltava um pedaço da língua. Ele puxou da algibeira um canudinho de cana, e tinha lá o bocado da língua da bicha das sete cabeças. Diz ele:

– Então agora mande lá chamar, todos os costureiros que houverem aqui nesta cidade, para analisar os vestidos da menina.

Foram analisar, lá estiveram analisando, não viram nada. Depois ele diz:

– Então não está mais nenhum?

– Está ainda ali um, mas ele já não vê bem.

– Mandem-no lá chamar.

Veio ele, lá esteve vendo, lá esteve vendo cada vestido, faltava-lhe um pedacinho. Ele puxou por um canudinho de cana, tinha lá os pedacinhos. Tinha comprovado que tinha sido ele que tinha matado a bicha das sete cabeças. E o preto, meteram-no numa casa com uma coisa de pólvora e explodiram-no. E ele casou com a menina. Casou, o rei arranjou-lhe um castelo e eles foram lá para aquele castelo.

Um dia, deitaram-se, estiveram lá. Numa manhã ele levantou-se e depois olhou e viu uma casinha lá muito longe. E ele disse assim:

– Então que casinha é aquela, além?

Diz ela assim:

– Olha, aquilo além é a casinha da má hora, quem vai além não torna.

Pensou ele: “Então eu tenho escapado de tudo, não escaparei daquela? Pois amanhã vou além”.

Bom, foi, chegou lá, veio uma velhota:

– Ai, prenda aí as suas bestinhas. Prenda aí o seu canito que eu tenho muito medo dele.

E deu-lhe um fio de cabelo.

– Prenda aí com este fiozinho de cabelo que eu tenho muito medo dos seus bichos.

Ele lá esteve prendendo com os cabelos da velha. Entrou lá para dentro, diz a velha assim:

– Vamos lá dançar uma dançazinha?

Foram dançar, abriu-se um grande alçapão, e ele disse assim:

– Avança Leão.

– Meus cabelos em correntes de ferro se farão.

Os cabelos fizeram-se em correntes de ferro, e os bichos ficaram presos. A velha matou-o e jogou-o para dentro do alçapão. Matou o cão e matou tudo e jogou tudo lá para dentro do alçapão.

Depois, o irmão que ficou em casa com o copo da água, ele foi olhar ao copo e disse assim:

– Alto, que o meu irmão morreu! Vou por esse mundo a fora, para ver onde é que ele morreu.

E foi... lá passando em frente do palácio, o sentinela bradou: “às armas!”, pensando que era o outro que tinha vindo. Ele disse:

– Alto, que era o meu irmão. Eles pensam que eu sou ele.

Foi, esteve, e foi-se deitar como se fosse o marido dela. Nessa noite dormiu com ela, mas pôs um travesseiro no meio da cama para não lhe tocar, na mulher do irmão. Diz a mulher assim:

– Então ó homem, mas que jeito tu esta noite pões um travesseiro aqui no meio da gente os dois?

– É, foi um protesto que eu fiz.

No outro dia de manhã ele levantou-se, olhou além para baixo e disse assim:

– Então que casinha é aquela, além?

– Então mesmo ontem foste além, e já hoje me estás perguntando? Aquilo além é a casinha da má hora, quem vai além não torna.

Diz ele assim:

– Alto, que é além que está o meu irmão!

No outro dia, aparelhou as bestas e foi. A velha veio logo com os cabelinhos.

– Prenda aí as suas bestinhas que eu tenho medo delas.

Mas ele em vez de os amarrar pôs-lhe os cabelos só em cima e não os amarrou.

Ela disse:

– Vamos lá dançar uma dançazinha.

Ora, andavam dançando a dança, abriu-se o alçapão e ele disse assim:

– Avança Leão.

E a velha diz:

– Meus cabelos em corrente de ferro se farão.

Fizeram-se em correntes de ferro, mas eles não estavam presos... iam matando a velha.

– Se tu não dás vida ao meu irmão, se tu não dás vida a isso tudo eu mato-te já!

– Ai, não me mate, não me mate que eu dou vida ao meu irmão.

A velha foi buscar um rebolo de sebo que tinha para ali, lá esteve esfregando, lá deu vida ao irmão, lá deu vida àquilo tudo. Vinham no caminho, diz ele assim:

– Ó irmão, sabes que mais? Eu ontem à noite dormi com a tua mulher.

O outro pegou na pistola deu-lhe logo um tiro. Que ele que o tinha falseado. À noite foi dormir com a mulher, diz a mulher assim:

– Então ontem à noite puseste um travesseiro no meio e esta noite não pões?

Diz ele:

– Alto, que o meu irmão foi fiel para mim!

Foi lá à da velha, trouxe o rebolo de sebo e deu vida ao irmão.

E ainda hoje lá moram felizes e contentes para sempre.

Informante: Maria de Jesus, 55 anos, natural de Freixo Seco de Cima, Loulé, Faro, 4.ª classe, cozinheira.

Recolha: em Freixo Seco de Cima, Loulé, Faro, em 14-11-2005.

Coletor: Carina Isabel Martins Anastácio (cassete n.º 4 / Face A)

Classificação: ATU 303

104

A TORRE DA MÁ HORA

Era uma vez uma velha que se chamava... que chamavam-lhe bruxa, e vivia num bosque, numa torre. E então um dia um rapaz, para saber o que é que se lá passava, e aproximou-se. E levou um cavalo e um leão. Mas quando lá chegou, não voltou. (Por isso lhe chamavam a Torre da Má Hora, quem vai lá já não torna). Não voltou e tinha o outro irmão. E o outro irmão começou a pensar que havia de ir lá e havia de voltar. E então foi. Arranjou um cavalo, arranhou um leão e foi. Chegou lá, bateu à porta, a velha abriu a porta. (Que era... chamava-se as bruxas.)

E então disse:

– Ai, meu menino, o que é que tu vens fazer à minha torre?

– Venho visitá-la.

– Ai, então entra. Vem menino, entra já, estamos à tua espera. Vais prender o cavalo ali na cavaliça e o teu leãozinho. E eu, depois, vou fazer aqui um petisco para a gente comer.

Ele foi, foi prender o cavalo... Mas antes disso, ela arrancou um cabelo e disse:

– Toma lá, meu menino. Toma lá, que é para prenderes o teu cavalo. Toma lá, que é para prenderes o teu leão.

Mas ele, como queria saber onde é que o irmão estava – que ele disse que tinha ido lá – não prendeu o cavalo com os cabelos. Chegou, voltou, esteve comendo com ela e ela, por fim, disse-lhe assim:

– Ó meu menino, tenho um contrato para fazer contigo. Tens que lutar uma luta comigo, que é para ver quem é que ganha.

Ele disse:

– Ah, ah, ah! Ó senhora, você é uma pobre velhota. Não tem força para nada e eu vou lutar consigo?

– Não te iludas que não sais daqui sem lutares comigo.

Bom, ele lutou com ela. Na hora da luta, quando ela já dizia assim:

– Ai, não me batas que dás conta de mim; ai não batas, dás conta de mim; engrossa o meu cabelo, engrossa o meu cabelão.

E ele respondeu:

– Salta ó meu cavalo, salta ó meu leão.

E foi aí que ela ficou vencida. Porque veio o cavalo, veio o leão e venceram a velha.

E então foi buscar o irmão, que estava lá preso, pronto, na torre.

Informante: Amélia Amores Maria, 69 anos, reformada, 1.ª classe.

Recolha: em Patã de Baixo, Albufeira, Faro, a 25 de Novembro de 2007.

Coletor: Andreia Pacheco e Rita Martins (faixa 18 / 15'16)

Classificação: ATU 303

105

OS GÉMEOS, A BRUXA, A BICHA E A PRINCESA

[Eram] dois irmãos gémeos. Um disse assim para o pai:

– Ó pai, arranje-me um cavalo e um leão e uma espada que eu vou correr mundo.

– Ó filho, mas para onde é que tu queres ir?

– Vou correr mundo. Estou farto de viver só aqui só neste meio.

E então, disse para o irmão:

– Olha, eu vou correr mundo e deixo-te aqui uma garrafa de água. Se ela estar turva, eu ando mal, Se ela estar clara, ando bem. Se ela estar muito turva, muito turva, alguma coisa de mal aconteceu comigo.

Maneira que foi. Foi correr mundo, ia andando, ia andando, viu um castelo. Começou a olhar cá de fora, a olhar, a olhar... Apareceu uma velha com um grande nariz. Era uma bruxa.

E diz ela assim:

– O que é que anda aí a mirar no meu castelo?

– Não sei, olha, gostava de o visitar por dentro. Queria ver como isso era.

– Pois então, se quer vir, vem. Mas temos que ir a umas lutas, primeiro. Se tu vences, vais ver o castelo. Se vencer eu, nada feito.

Diz ele assim:

– Está bem, vamos experimentar.

Foi ela, deu-lhe dois cabelos e disse:

– Prende o teu cavalo e o teu leão.

Ele prendeu o cavalo e o leão. Mas deu-lhe festa e disse:

– O meu leão e o cavalo, o que é que serve, com estes cabelos?

Mas a velha, como era bruxa, dizia umas palavras e fazia tornar os cabelos em correntes. E então, estavam a lutar, a velha já estava muito cansada, disse:

– Engrossa meu cabelo, engrossa meu cabelão.

E ele aqui disse:

– Avança meu cavalo, avança meu leão.

Mas já não foi a horas, já estavam os cabelos transformados em correntes. E então, ela bateu no rapaz, tratou-o muito mal e jogou-o para um alçapão.

Depois, o irmão foi ver a garrafa – todos os dias ia ver – viu a água toda barrenta.

Disse:

– Meu pai, arranje-me um cavalo e um leão e uma espada, que eu vou ver se salvo o meu irmão.

– Ó filho, a gente fica sozinhos, já velhotes... Ele desapareceu e agora desapareces tu também?

– Não, eu vou ver se o salvo.

Depois, foi. Foi a correr mundo, andou, andou, andou, foi dar a uma aldeia toda vestida de luto. Depois foi lá para uma garagem, onde faziam comida, foi comer, e diz ele:

– Mas por qual é a razão que toda a gente está de luto nesta aldeia?

– Sabe porquê? Porque há aqui nesta aldeia uma bicha de sete cabeças. E essa bicha, todos os dias, tem de comer uma pessoa. E para ela não vir à aldeia – se vir à aldeia faz mais prejuízo – todos os dias anda a roda. E a pessoa que sair na roda, vai para esse campo para ser comida pela bicha.

Depois, diz ele assim:

– Bom, eu não como mais.

E agora o rei pôs esse decreto e hoje caiu a sorte na filha dele. E a filha dele é que vai ser morta, vai ser comida pela bicha. E ele agora pôs um decreto a dizer: Se houvesse quem matasse a bicha, ele dava a filha em casamento. Maneira que

o rapaz disse que não acabava de comer. Pegou no cavalo e no leão e foi por esse campo. Foi por o campo, já a rapariga lá estava.

E ela disse:

– Vá embora, vá embora! Quem vai morrer sou eu.

E ele disse:

– Não, tu não morres. Quem vai morrer é a bicha.

Nisto, apareceu a bicha: um bicho enorme. Foi ele, jogou-se à bicha e matou-a. Matou a bicha e a rapariga desmaiou.

Foi ele, disse:

– Agora como é que eu... Vou-me embora, como é que eu tenho provas que fui eu que matei?

Vai, cortou as línguas das sete cabeças, tirou as sete línguas. E depois, não tinha onde é que as enrolasse, para por as cabeças [sic] dentro da mochila, do bernal, que eles usavam nesse tempo. Foi, cortou sete bocados de roupa, com a espada, dos vestidos da rapariga, que ela trazia sete vestidos, vestidos. Cortou, e cada língua enrolou num bocadito, para não sujar o bernal de sangue. E depois foi para a garagem. Foi para a garagem, mas um preto que andava ali viu o decreto do rei – que casava com a princesa quem matasse a bicha – foi lá para dentro e começou a gritar:

– Eu matei a bicha! Eu matei a bicha! Eu matei a bicha!

E a rapariga estava desmaiada.

Depois o rei disse:

– Então, se mataste a bicha, eu dou-te a minha filha.

E depois, a rapariga quando acordou, disse:

– Não, não pode ser que fosse o preto. O rapaz que aqui estava, que disse que matava a bicha, era um rapaz forte, um rapaz branco.

Mas o pai disse:

– Mas não aparece... ele foi embora... Tens de casar com o preto.

Depois, o preto... Fizeram o noivado, um grande jantar, e a rapariga só chorava... Não deixava de chorar porque não era aquele rapaz que ela queria, era o outro.

Depois o rapaz que matou a bicha, estava na mesa da garagem, nessa casa onde é que faziam comida, diz ele assim para o leão:

– Vai lá onde é que há o banquete. Chega ao pé do preto, tira-lhe a comida da frente. Destrói tudo o que puderes.

Bem, o leão fazia tudo o que ele mandava. E o preto disse:

– Não, eu vou ser o genro do rei. Não posso admitir que esse leão venha aqui. Têm que o matar.

O leão veio para o pé do rapaz, o rapaz foi lá. Foi lá, disse:

– Ninguém mata o meu leão.

Ele diz:

– Porquê?

– Porque você não teve coragem de matar a bicha, também não vai matar o meu leão.

– Ai, fui eu que a matei.

– Não, não foi!

E depois a rapariga disse:

– Quem matou a bicha, eu não vi. Mas vi o rapaz que estava lá dentro, no campo. O rapaz que dizia que matava é aquele que está além.

Depois o preto teimava sempre que era ele que tinha matado.

Foi o rapaz, disse assim:

– Então, dá-me lá as provas como foste tu que mataste.

– Ah, pois a bicha está morta, está além...

– Vai lá buscar as línguas da bicha.

Ele foi, diz:

– Ah, mas ela não tem língua.

– Mas ela tinha que ter. As línguas, tenho eu aqui. E para as línguas não sujarem o meu bernal de sangue, eu cortei sete bocados dos vestidos da rapariga.

Foram ver, estava tudo conforme ele dizia. Depois o rei disse:

– Bem, então, é você que casa com a minha filha. Não é o preto que casa.

Depois ele casou. Casou, no outro dia foram à varanda. Diz ele assim:

– O que é aquilo tão escuro que está além, longe?

Diz ela assim:

– É a Torre da Má Hora, e quem vai lá já não torna.

Foi, ele depois veio comer, com ela, calado. Acabou de comer, despediu-se e foi passear. Foi passear, foi ao pé dessa Torre. Foi ao pé dessa Torre e nunca mais apareceu. Teve grandes lutas com a bruxa nunca mais apareceu.

Não, mas, esse rapaz que matou a bicha, depois foi a essa aldeia, e quando foi a essa aldeia, encontrou a rapariga na rua, disse:

– Ai, o meu marido já vem, o meu marido vem aí.

Mas ele já havia três dias que não vinha a casa porque a bruxa tinha dado cabo dele.

E então ele calou-se. Disse: “Ai, o meu irmão casou com esta rapariga.”

Então, foram-se deitar e quando se foram deitar... E ele sem saber o que havia de fazer. Ela tratava-o como se fosse o marido... e ele, calava. Foram-se deitar, diz ele assim:

– Olha, eu prometi uma promessa... Vi-me aí mal, prometi uma promessa: tenho que por a espada entre mim e ti, para o meu corpo não tocar no teu.

– Ah sim? Mas porquê? Mas que promessa é?

– Eu não posso dizer.

Depois, no outro dia, ele abalou e foi à pergunta do irmão. Foi à pergunta do irmão, e disse: “O meu irmão deve estar lá.”

Foi, veio a velha:

– O que é que quer da frente do meu palácio?

Foi ele, contou o que é que queria. Contou o que queria: queria ver o palácio.

Diz ela assim:

– Então, toma lá dois cabelos e prende os teus cavalos. [sic]

Ele foi, quando foi prender o cavalo e o leão, viu o cavalo e o leão do irmão, conheceu logo. Depois, tinha um alicate dentro da mochila, foi, tirou o alicate e cortou as correntes do cavalo do irmão e do leão. E depois disse:

– Agora podemos ir lutar.

– Então e prendeu o cavalo e o leão?

– Prendi. – Mas não prendeu; jogou os cabelos [fora]...

Foi lutar com ela: lutou, lutou... Quando estava nas grandes lutas com ela, ela disse:

– Engrossa meu cabelo, engrossa meu cabelão.

Foi ele, disse:

– Avança meu cavalo, avança meu leão.

Foi, apareceu os cavalos e o leão, ora, dois cavalos e dois leões, deram cabo da velha.

Depois ela disse:

– Poupa-me a vida, que eu digo onde é que está o teu irmão.

Depois ele disse:

– Então está bem.

Foi, foi à pergunta do irmão, ela foi dizer onde ele estava, numa casa subterrânea. Ele depois fez-lhe uma oração e o irmão enviveceu. Depois veio, o irmão abraçou-se a ele, muito contente. E depois, foi ele, contou a história:

– Olha, sabes como vim ter contigo? Cheguei a uma aldeia...

Esteve-lhe a contar que estava tudo de luto, e ele matou o coiso... E então, diz ele assim:

– Então e depois?

– Veio a tua mulher abraçar-se a mim: “O meu marido já voltou, o meu marido já voltou...” E depois fiquei com esta coisa que ela tinha dito da Torre da Má Hora. E vim e encontrei-te. Então e houve mais: dormi com a tua mulher, mas não houve nada, não lhe faltei ao respeito. Pus a espada entre mim e entre ela. Disse que era uma promessa.

Mas ele aqui disse:

– Não, eu agora devia-te matar. Tu abusaste da minha mulher...

Ele não acreditava. Maneira que despediram-se, mas muito zangados.

E ele depois foi para casa, a mulher viu-o vir, disse:

– Olha, o meu marido já aí vem.

Muito contente, na noite, ela disse:

– Então, já se acabou a promessa?

– Qual promessa?

– Então, ontem quando vieste-te deitar comigo, puseste a espada entre mim e ti, que era uma promessa.

Ele aqui disse:

– Ah, pois é.

E depois disse: “Ah, o meu irmão foi um homem honrado, não abusou da minha mulher”.

Depois, no outro dia, abalou outra vez sem dizer nada à mulher. Foi à pergunta do irmão. Depois, já não o encontrou na estalagem. O que fez? Veio à casa dos pais. Foi, quando viu o irmão, abraçou-se a ele a pedir-lhe perdão por ter desconfiado dele. E abraçou os pais e disse:

– Bem, agora já tenho a minha vida organizada. Estou casado com uma princesa.

Despediu-se do pai e do irmão e disse:

– Agora, quando precisares de mim, vai lá que eu ajudo-te. Deixas de ser pobre.

Depois assim foi. Ele mais tarde precisou do irmão e o irmão deu-lhe muito dinheiro e ele começou a andar em negócios.

E acabou-se o conto.

Informante: Isaura de Jesus Martins, 86 anos, natural da Cabanita, Paderne, Albufeira, Faro, reformada, sabe ler e escrever.

Recolha: em Paderne, Albufeira, Faro, a 21-10-2007.

Coletor: Cláudia Marta (CD / faixa n.º 9)

Classificação: ATU 303

106

CANTA SURRÃO

Aqui a muitos tempos, muitos tempos atrás, havia uma viúva que tinha uma filha que se chamava Beatriz, que era terrível. A menina era uma curiosa impossível. E a mãe estava-lhe sempre a dizer:

– Tem cautela, Beatriz, tu vê lá onde é que metes o nariz.

Apesar, porém, dos avisos da mãe, a rapariga era muito curiosa e sempre que prometia ser ajuizada, acabava por não cumprir a promessa. Fazia tudo e mais alguma coisa: lambia o frasco da pimenta e ficava com a língua em fogo, ia mexer nas ratoeiras e ficava com os dedos lá caçados... Era sempre assim, a mãe vivia em constante sobressalto de tão curiosa que era esta rapariga. E sempre a chamar-lhe a atenção e a queixar-se aos vizinhos.

E então, houve um dia que umas meninas, da mesma idade da Beatriz, a convidaram para ir ao rio tomar banho. E pediram à mãe, se a Beatriz podia ir com elas tomar banho ao rio. E [a mãe] advertiu a Beatriz:

– Beatriz, tem cuidado, vê lá onde é que metes o nariz. Tu tem tino, tu vai tomar banho ao rio, mas tu tem juízo.

E ela prometeu à mãe que sim. Mas mal chegou ao rio, esqueceu-se das palavras todas da mãe. E ela tinha uns brincos muito lindos e as amigas disseram:

– Olha, Beatriz, porque é que tu não pões os brincos ali em cima de umas pedras? Porque a gente vai para o rio e tu depois, lá dentro da água, podes perdê-los.

E ela disse:

– Está bem.

E então, lá pôs os brincos em cima de uma pedrinha. Estiveram todas a tomar banho no rio e, passadas umas horas, decidiram voltar para casa. E, entretanto, tinha passado por lá um senhor já de idade com um saco grande, com um surrão. E depois, quando decidiram voltar para casa, foram lá ver em cima da pedrinha e já não estavam lá os brincos da Beatriz.

A Beatriz:

– Então onde é que estarão os meus brincos?

Pensava que tinha sido um corvo que os tinha comido: “O corvo poisou lá, viu os brincos e comeu-os”.

As amiguinhas disseram-lhe:

– Olha, Beatriz, passou por aqui um homem velho com um grande surrão, um grande saco. Se calhar foi ele que os roubou.

A Beatriz nem sequer ouviu aquilo duas vezes. Foi logo a correr atrás do velho e perguntou-lhe:

– Foi o senhor que roubou os meus brincos que estavam ali em cima daquela pedrinha, foi?

O homem respondeu-lhe:

– Rapariga, eu seja ceguinho se os roubei! Alguma vez eu ia roubar os teus brincos? Mas a Beatriz, muito curiosa... E então, decidi insistir com o homem:

– Cá para mim, foi você que os roubou e os tem aí escondidos dentro do saco.

O homem, já marafado, disse:

– Ai é? Então espregueita lá para dentro do saco, para ver se eles estão lá dentro.

E a Beatriz, curiosa, curiosa, espregueitou para dentro do saco e o homem fechou-a lá dentro.

E o homem disse:

– Olha, eu ando por festas e romarias, e tu vais andar aqui dentro deste saco e vais-me ajudar a ganhar a vida. Quando eu disser: “Canta surrão se não levas com um bordão”, tu agora tens que cantar, senão vais ver o que é que te acontece...

E ela chorava:

– Deixe-me voltar para a minha mãe, deixe-me voltar para a minha mãe...

Mas agora já não havia nada a fazer.

E então o velho lá andava por festas e romarias e de cada vez que ele dizia: “canta surrão se não levas com um bordão”, a rapariga começava a cantar e cantava:

Eu estou metida neste surrão
Onde a vida perderei,
Por amor dos meus brinquinhos
Que na fonte eu deixei.

As pessoas ficavam todas muito admiradas. Corria um boato que o velho tinha uma menina lá escondida, dentro. E então, as pessoas para ouvirem a menina, davam dinheiro. Enchiam o chapéu do velho cheio de dinheiro. O velho estava cada vez mais gordo e rosado, e a rapariga cada vez mais magrinha e enfraquecida

dos maus-tratos que levava e da vida difícil que tinha. Também andava lá sempre metida no saco, e chorava:

– Deixe-me voltar para a casa, deixe-me voltar para casa...

E o velho não a deixava voltar para casa. E então, depois de tanta cantoria, depois de tanto andar, isto tanto correu o boato do surrão encantado, que as autoridades desconfiaram e um dia que o velho estava a dormir, foram lá e foram espregueitar o que estava dentro do saco. E o que é que estava dentro do saco? Era a menina, já muito enfraquecida, mal conseguia andar. E o velho foi castigado, pois teve que andar o resto da vida com um saco cheio de pedras às costas. E a menina foi entregue à mãe e aprendeu daqui uma valiosa lição. E viveu feliz para sempre.

Informante: Sónia Cristina Ildefonso Rodrigues, 26 anos, natural de Santiago Maior, Beja, estudante.

Recolha: em Faro, a 23/02/2008.

Coletor: Sónia Rodrigues e Paula Cabral (cassete n.º 11/ lado B)

Classificação: ATU 311B*

107

O BARBA AZUL

Um carpinteiro tinha três filhas e três filhos. E então, depois, tinha um vizinho muito rico que era mercador e que fazia muitas viagens para vender as mercadorias. Ele era muito rico e não tinha mulher. Então pediu uma das filhas do carpinteiro em casamento. E houve uma que respondeu que sim.

Alguns anos depois, o senhor de barba azul, tinha que ir em viagem para vender a mercadoria e então ele deu todas as chaves do palácio à sua mulher. E ele proibiu-a de ir à porta ao fundo das escadas da cave, porque senão ela ia pagar.

Então ela convidou as amigas que aceitaram viver lá. E depois, ela e as suas amigas visitaram o corredor e ela aproveitou para fugir e ir ver o que estava na cave. Afinal havia sangue pelo chão. Ela deixou cair a chave, porque estava muito assustada. E então ela tentou lavar a chave e esqueceu-se de fechar a porta à chave, para o seu marido não saber nada. Só que, ao lavar a chave, o sangue não saía. Então, quando ele voltou, foi ver se a porta estava aberta e estava aberta a porta. Depois ele zangou-se, pegou numa espada e quis matar a sua mulher. Só que ele deu-lhe dois dias.

Nesses dois dias ela chamou as suas duas irmãs, mas houve uma que estava muito doente, então só houve uma que veio. Ela ficou a vigiar durante esses dois dias, e depois a mulher do Barba Azul perguntou à sua irmã:

– Ó Ana, vês alguma coisa ali em cima?

– Sim! Fumo! O que é? É o teu irmão?

– Oh, não, deixa. São só ovelhas.

E depois houve outra vez fumo e ela perguntou:

– Ana, vês alguma coisa?

– Sim, vejo fumo. E vejo árvores.

– Oh, não, deixa. É só um bando de pássaros.

E então, depois, ela viu muito fumo, que era um irmão dela a montar a cavalo e os outros dois num dragão. E quando estava na hora do marido matar a sua mulher, os irmãos apareceram e mataram o marido. E depois ela casou-se com um dos irmãos (!).

Informantes: Alunos do ATL Flamingos.

Recolha: no Montenegro, Faro, a 2 de Novembro de 2007.

Coletor: Tânia Filipa Cabrita Xavier e Ana Rita Rufino Galrinho.

Classificação: ATU 312

Nota: versão infantilizada, provavelmente aprendida de fonte escrita.

108

O BARBA AZUL

Era uma vez um homem que se chamava Barba Azul. Ele queria-se casar com uma das filhas da sua vizinha. E então ele falou com a vizinha e ela disse às filhas e perguntou qual delas é que aceitava. E uma delas voluntariou-se e então casou-se com ele.

Então, ele tinha um molho de chaves, não é, e um dia quando disse a ela:

– Estão aqui estas chaves, podes ir em todos os quartos e veres... Mas esta chave que é daquela porta ali, tu não podes ir.

E então um dia, ele foi-se embora, e ela, curiosa, foi lá e abriu a porta. Deixou depois as chaves cair porque ela assustou-se e viu, olhou por todo o lado, era só mulheres mortas. E então pegou nas chaves, fechou a porta e depois viu que a

chave tinha sangue. Tentou limpar, mas quanto mais ela limpava mais vermelha ficava a chave, porque ela não sabia mas aquilo eram umas chaves mágicas.

E então, depois, quando o Barba Azul voltou e viu as chaves e soube logo que ela tinha estado no quarto, como as suas últimas mulheres, que ele já tinha tido várias mulheres e foi elas que ela encontrou no quarto.

Então ele decidiu matá-la também. E ela pediu a ele um momento. Ela foi para um dos quartos, acho eu. Aquilo era uma torre e ela pela janela viu, acho que viu os irmãos (que acho que ela também tinha irmãos) e depois disse a eles. Eles foram lá e tentaram salvá-la. E depois mataram o Barba Azul e ela ficou com o dinheiro todo dele.

Informante: Jéssica Viana, 20 anos, estudante universitária.

Recolha: em Faro, a 21 de Novembro de 2017.

Coletor: Olha Vyshynska

Classificação: ATU 312

Nota: versão resumida, a partir de Perrault. (A informante diz ter ouvido a história em França, quando era criança.)

109

A VELHA E OS MENINOS

Era uma mãe que tinha muitos filhos e não sabia o que fazer, então foi levá-los a uma mata para os bichos os comerem. Ela os levou, mas também levou com ela tremoços, e então os meninos foram a comer tremoços pelo caminho. Os meninos foram comendo tremoços pelo caminho e a mãe já tinha deixado ficar um trecho de lenha, mas os garotos não sabiam e lá foram com ela.

A mãe viu que estava num bosque muito grande e disse aos filhos:

– Olhem, fiquem aí sentadinhos que eu vou arranjar a lenha e depois vamos embora.

Mas ela foi-se embora para arranjar a lenha e deixou os mocinhos. Mas os mocinhos, como tinham vindo a comer tremoços, seguiram as casquinhas de tremoços que tinham deixado pelo caminho e foram ter a casa outra vez.

A mãe, quando viu os filhos outra vez pensou: “Mas agora o que é que eu vou fazer aos mocinhos?”

Então, no outro dia, foi com eles, mas não levou tremoços. Quando chegaram ao sítio ela disse aos filhos:

– Olhem, fiquem aí que eu vou arranjar um trechinho de lenha.

Os mocinhos ficaram, ficaram e anoiteceu. E eles disseram uns para os outros:

– Ai, meu Deus, o que é que nós fazemos, é de noite!

Depois, começaram a andar, a andar, e viram ao longe uma luzinha e disseram:

– Está além fogo, vamos já para lá!

Encontraram uma velha que estava arranjando filhoses. A velha estava arranjando filhoses e a pôr num pratinho. Eles, como tinham estado longe, tinham muita fome. Tiraram, e depois, diz ela assim:

– Chispa gato, não tires a filhós do prato!

Ela depois viu que eram os mocinhos e disse:

– Ai, meus belos mocinhos, comam lá isso e encham a barriguinha.

Então levou-os para uma casa e de vez em quando tratava deles (eles tinham levado um rabinho de lagartixa). E de vez em quando dizia:

– Mostra lá o dedo mindinho!

E eles mostravam o rabinho da lagartixa e ela pensava: “Ainda estão muito magrinhos”, e dava-lhes mais comer para eles engordarem. Depois foram... eles pois, como deram fim do rabo da lagartixa, mostraram o dedinho à velha e esta pensou: “Ah! Já estão gordinhos!” E então, foi acender o forno para os comer assados.

Depois ela disse assim:

– Agora já podem sair que vocês já estão gordinhos!

Acendeu o forno e levou-os para ao pé dele e disse assim:

– Olhem, ponham aí a menção, vocês põem aí a pá...

Eles responderam logo:

– Nós não sabemos fazer isso, nós não sabemos!

E depois os meninos disseram:

– Então faça aí a menção!

A velha põe-se em cima da pá e eles empurraram a velha para dentro do forno.

Ela esticava-se, esticava-se, e eles disseram:

– Já o rato chia, já o rato chia!

Ficaram com a casa da velha e estão lá até hoje muito bem.

Informante: Isabel Martins Reis, 85 anos, natural de Perna Seca, Silves, Faro, reformada.

Recolha: em Silves, Faro, a 4 de Janeiro de 2008.

Coletor: Cláudia Carriço (clip 3 / 04'10)

Classificação: ATU 327A

110

A VELHINHA QUE MORREU QUEIMADA

Era uma velhinha que vivia sozinha e naquele tempo havia muita miséria.

Então, havia três meninos que combinaram ir correr mundo e abalaram. De manhã abalaram, foram andando, andando o dia todo, e já se sabe que leva muito tempo... Até que anoiteceu e não viam nada.

– Mas onde é que a gente agora vai?

Viram uma luzinha, lá muito longe, e dirigiram-se á luzinha. Era na altura do Natal e assomaram-se à fechadura e viram uma mulherzinha na cozinha, na lareira ao fogo, à fomalha do fogo a fritar filhós.

– Mas como é que a gente agora faz isto? Batemos á porta, ela não abre a porta à gente. O que pensaram? Arranjaram um espeto muito comprido com um bico e subiram para cima do telhado e pela chaminé espetaram cá para baixo, para levarem, espetarem as filhós.

Bom, a velhota com um gato, até tinha fotografia e tudo. Eles comiam, encheram a barriguinha.

– Safa gato, tantas filhós comes...

E prega um pontapé no gato. E eles começaram-se a rir, num pagode. A velhota ouviu, pôs-se a olhar e viu.

– Ah! Meus meninos, meus amores, o que é que vocês fazem aí?

Já com maldade disse:

– Desçam lá para baixo, meus filhos. Não estejam aí, está muito frio. – Com uma grande conversa. – Durmam aqui esta noite, meus meninos, meus amigos...

E os mocinhos, fazendo o que a velhota disse, desceram e dormiram lá.

Mas ela, de manhã, pensou: “Espera aí, comeram-me as filhós, mas vão pagar bem caro o que me fizeram”.

De manhã, os mocinhos levantaram-se, ela estava dando fogo ao forno com ideia de metê-los no forno para queimá-los.

– Ó meninos, ponham-se aqui nesta pazinha para ver se eu posso com vocês.

– Ó tia velhinha, ponha-se lá você primeiro que a gente logo se põe.

A velhota sentou-se e os três empurraram-na para dentro do forno e ela morreu queimada!

Informante: Maria Helena Santos, 59 anos, natural de Tavira, Faro, auxiliar de lar.

Recolha: em Tavira, Faro, a 21/02/2008.

Coletor: Rui Filipe Almeida Venâncio (CD n.º 1, n.º 115-117/ 02'54)

Classificação: ATU 327A

111

OS MENINOS DA FLORESTA

Era um homem que vivia na floresta, naquele tempo, assim no campo, numa casinha, pobrezinho. Tinha três meninos, três filhos. E a mulher morreu, eles ficaram órfãos, e então, estavam com o pai. E o pai todos os dias se levantava, como era lenhador tinha de ir para a floresta cortar lenha para ganhar o dinheiro para eles, pronto, comerem, e eles ficavam em casa, ainda, como era muito cedo. E depois, mais tarde, é que se levantavam. Havia um que era mais velho e cuidava nos outros dois. E, iam para a floresta buscar uns pauzinhos para fazer o lume e a ver se apanhavam alguma coisa para comer. E todos os dias depois de se levantarem, saíam, mas quando saíam para a floresta, deixavam sempre por onde passavam, nas verdadeiras, deixavam sempre um sinal, umas pedrinhas, que era para depois à tarde voltarem. Quando voltassem nunca se perderem na floresta.

Foram fazendo assim até que, um dia, o mais pequenino ia comendo um bocadinho de pão, e o que é que eles se lembraram?

– Olha, deixamos os miolinhas, que é para saber por onde passamos.

Bom, só que quando à tarde procuram os miolinhas para voltarem para casa, não os encontram, porque os passarinhos comeram os miolinhas de pão. Então, vê-los agora todos aflitos no meio da floresta, sozinhos, sem saberem para onde haviam de ir. Iam para um lado, não encontravam o caminho. Estava a anoitecer, os irmãos mais novos choravam, coitadinhos, diz:

– Deixa lá, vamos lá a ver se a gente...

Pronto, já estavam dispostos a pôr-se ali na floresta ali num cantinho. Só que naquele tempo havia lobos:

– Aparece algum lobo e come-nos.

Mas o irmão mais velho, sempre a dar coragem e a animar os irmãos mais novos.

Bom, estavam, anoiteceu, e então, o irmão mais novo viu uma luzinha lá muito longe. Diz ele assim aos manos:

– Olha, vamos andando, vamos até aquela luzinha. Vamos além, pode ser que alguém nos ajude, esteja lá alguém.

Bem, lá foram. E aquela luzinha sempre muito pequenina, aproximando-se a luz... E eles sempre ouviram o pai dizer que na floresta vivia a bruxa. Mas também não faziam caso.

Chegaram lá, bateram à porta, aparece-lhes uma velha com os cabelos muito esgarelhados, um dente muito grande:

– Então, que é que fazem por aqui a esta hora?

– Ah, é que a gente está perdidos, perdemo-nos na floresta. Agora não sabemos ir ter com o meu pai... Queremos ir para casa, temos medo, é de noite...

– Ah, entrem meus meninos, entrem. Eu gosto muito de meninos, entrem. Têm fominha, não têm?

– Temos, temos muita fome!

– Entrem.

A velha tinha lá um grande lume e tinha um bom comer. Porque ela todos os dias se montava na vassoura e ia buscar as coisas por aí às casas das pessoas e então tinha muitas coisas na casa dela. Deu de comer aos meninos. Comeram e aqueceram-se, coitadinhos, e adormeceram ali.

Ela disse:

– Ah, agora dormem aí. Mas amanhã vão ali para um lar que eu tenho que é o alçapão.

E eles, coitadinhos, ficaram: “O alçapão?”

No outro dia, ainda assim quando ela se fosse embora, que ela montava-se na vassoura e ir correr, coiso... era a bruxa... E então, para eles não fugirem, queria-os meter no alçapão. E assim foi. No outro dia, assim que amanheceu:

– Vá, acordem!

E eles, coitadinhos, muito assustados.

Bom, meteu-os numa casinha debaixo do chão, que era o alçapão com uma porta.

E disse assim:

– E agora, todos os dias, vão metendo o dedo por aqui por este buraco.

Que era para ela ver se eles estavam mais gordinhos, não é?

Ela passou ali uns dias... Vá de lhes dar de comer, dava-lhes muito comer a todas as refeições, comiam. E eles comiam, coitadinhos.

E os manos choravam:

– Ai, é a bruxa... – A bruxa comia meninos, então... – Ai, ela quer engordar a gente...

E ele:

– Deixem, não chorem. A gente há-de ter uma ideia.

Andaram, conseguiram encontrar o rabo de um rato. Arranjaram o rabo de um rato e diz assim:

– Pronto, já temos...

Quando ela ia:

– Então, ponham lá o dedinho para fora.

Eles punham assim o rabo do rato, mas ela era assim meio cegueta, apalpava:

– Ah, ainda estão muito magrinhos!

Lá ia, outro dia:

– Ah, ainda muito magrinhos!

Era eles que continuavam a por o rabo do rato. Só que o rabo do rato foi, foi, até que mingou, não é, partiu-se todo, apodreceu, estragou-se, já não tinham rabo. Pronto, agora já não...

Diz ela assim:

– Vá, têm que engordar para fazermos uma festa. Um dia é o dia da festa, e então têm de estar gordinhos, muito luzidios, muito gordinhos.

Ela estava assim:

– Ah, mas então, vocês não engordam? Mas que raio de meninos são estes...

Oh, naquele dia, eles já não tinham o rabo do rato, tiveram que meter o dedinho. Ora, eles estavam muito gordinhos. Ela assim que apalpou no dedinho:

– Ah, vocês estavam me enganando. Pois é mesmo amanhã que vai ser o banquete!

Tirou-os do alçapão. Eles, coitados, estavam muito gordinhos, que era só comer e dormir...

Ela tinha um forno. Enche o forno de lenha. Aquelas grandes labaredas lá dentro a arder.

– Agora, vamos fazer a dança, a dança do fogo.

E eles todos muito amedrontados.

E então tinha uma tábua:

– Agora metem-se cada um de cada vez em cima da tábua e começa a fazer assim.

Diz o mais velho para os mais novos:

– A gente tem que a enganar. Deixem-se estar caladinhos. Não tenham medo e não chorem.

– Ah, a gente não sabe! Você havia de ensinar à gente!

– Mas isso é muito fácil. Vocês põem-se em cima da pá e dão assim uns pulinhos.

– Mas a gente não sabe. Ensine lá a gente. Olhe, você ensina a gente, que a gente põe-se logo os três. Dançamos os três.

Diz a bruxa assim:

– Oh, é da maneira que nenhum foge e asso os três logo de uma assentada. Hum, que não seja má ideia.

E ele:

– Faça lá, faça lá!

Mas ele disse assim aos manos:

– Quando ela se pôr em cima da pá, a gente aproxima-se, que é para quando ela estiver em cima da pá a gente agarra-se ao pau e empurra a pá.

Bem, os mocinhos estavam ali... Eles eram pequenos, mas estavam habituados a fazer força, de andar lá na floresta...

E a velha lá se convenceu:

– Então é assim, eu vou lhes ensinar como é que é a dança da coiso.

Mete-se em cima da pá, mal ela se mete nem sequer teve tempo de levantar o pé, que eles agarram-se ao pau e PUMBA, puxam a velha, a bruxa, lá para dentro do forno. Ela era tão má, a feiticeira, que conforme entra no fogo, aquilo dá um estrondo tão grande, tão grande, que até caiu o forno. Que era o feitiço, não é?

Os mocinhos ficaram todos contentes, coitados. Mas depois tinham pena. Mas depois foram para casa. Descobriram que ela tinha lá muito comer, muitas coisas.

– Oh, deixa, a gente está bem aqui, agora ficamos aqui. Aqui os lobos não nos comem e a gente tem comer. Ah, pode ser que algum dia a gente consiga encontrar o pai. A gente depois vai à procura do pai. Mas agora a gente não se preocupa, que a gente tem aqui muito comer.

Bem, mas o pai, coitadinho, levava muito tempo chorando, já não ia à lenha, à procura dos meninos dele, não é? Já não trabalhava, já não tinha vontade de comer, estava já muito fraco. Mas todos os dias ia para a floresta a ver se encontrava o rasto dos meninos. Só que já estava a ficar muito desanimado, tantos dias e não havia maneira de os ver por lado nenhum, nem encontrar sinal nenhum deles, pensou: “Bem, isto algum lobo os comeu.”

Bem, naquele dia ele foi para a floresta, muito triste, diz assim:

– Bom, se os lobos comeram os meus filhos, o que é que eu faço da vida? Não preciso viver. Vou também para a floresta e vou morrer à míngua e ver se algum lobo me come também.

Foi, ficou na floresta. Andou...

Ah, mas eles pensaram, como ele era inteligente, o menino:

– A gente agora, como a velha tinha muita lenha, agora fazemos muito fogo, para fazer muito fumo, pode ser que alguém nos veja. Alguém veja isto e venha aqui ter com a gente.

O pai que andava lá, coitado, viu. Olhou, viu assim um grande fumo, fazia assim umas grandes labaredas...

– O que é aquilo? Eu nunca vi aquilo na floresta... Mas o que é que se passa?

Ah, e depois ele lembrou-se:

– Será a casa da bruxa que anda a arder? Será que os meus meninos estão lá?

E ele, coitado, encheu-se de coragem, por causa dos meninos dele, e mete-se a caminho a ver se encontrava aquele tal fogo que ele via ao longe, aquele fumo. Ora, foi, chegou lá. Chegou, viu um grande fogo, lá na rua, não é, lá ao pé da casa. Então qual é a surpresa quando vê os três filhos lá dentro. Ora, coitadinhos, agarraram-se ao pai. O pai chorava, os mocinhos choravam, todos contentes. Ora, estavam muito felizes. E depois tinham muito comer, a casa era muito melhor que a deles, ficaram lá a morar. E vai, ainda por cima, depois o pai foi lá ver, a velha tinha um baú, um baú que eles ainda não tinham aberto, pois eram pequenos, andavam lá mexendo. Então tinha aquilo fechado com umas correntes, e ele, o pai, abriu aquela arca, aquele baú, o que é que viram lá no coiso? Eram libras em ouro. Então ficaram ricos. Então não precisavam já de se preocupar de o pai ir para a lenha, não é? De cortar lenha para comer, porque tinham... Já podia tratar dos filhos. E então, ainda hoje lá estão, muito felizes, comendo arroz com feijão, e pão com melão, e arroz com cação.

Informante: Maria Guadalupe Mestre Valadas, 51 anos, natural de Mértola, Beja, doméstica, 6.º ano.

Recolha: em Corte-Sines, Mértola, Beja, a 25 de Dezembro de 2008.

Coletor: Andreia Fragoso e Sandra Mestre (gravação / 3:25'17)

Classificação: ATU 327A

O CONTO DAS FILHÓS

Ere uma vez uma senhora que vivia com o marido e os três filhos. E eles eram muito maus, e resolveram mandá-los embora. Deram a cada um a sua machinha de tremoços e mandaram-nos embora por ali.

Os mocinhos foram andando, foram andando e comendo os tremoços. Às tantas não viam nada. E disse um assim:

– E se a gente voltasse para a nossa casa? A gente agora fazíamos-se bons, e os pais já não mandavam a gente embora.

O que ia atrás disse-lhe assim:

– Ora sim, a gente íamos pelas casquinhas dos tremoços e já íamos bater à casa dos nossos pais.

Diz o entre assim:

– Ai, não, que eu ia comendo as casquinhas dos tremoços.

Pois foram indo, foram indo, até que avistarem uma casinha onde morava uma velha. Chegaram lá, assomaram-se por cima do telhado e fizeram um espeto muito grande de uma esteva muito grande e meteram pelo buraco das telhas do telhado. E a velha estava a fazer filhós e dava um e dava o outro, mas a velha pensava que era o gato que comia as filhós e disse assim:

– Bichita gato! Maldito gato, tanta filhós que me levas do prato. Bichita gato! Maldito gato, tanta filhós que me levas do prato.

Depois eles começaram-se a rir e a velha foi espreitar e disse:

– Ai, que meninos tão bonitos! Venham cá para a minha casa.

E os meninos entraram.

A velha disse assim:

– Olha lá, amanhã têm que ir buscar um feixe de lenha, que é para eu cozer o pão. E depois, um de vocês põe-se em cima da pá para eu ver se o fogo já está bom para deitar o pão.

No outro dia, os mocinhos iam com uma corda e iam chorando a buscar a lenha.

Quem havia de surgir ali? Um senhor que era o padrinho deles, que era o S. Pedro.

E disse:

– Então porque é que choras?

– Ora, a gente estamos em casa de uma velha e a velha amanhã disse que vai puxar fogo ao forno e disse que quando o forno estivesse ardendo, ia pôr um na pá para ver se o forno está quente ou não.

Disse o padrinho S. Pedro assim:

– Olha lá, vocês, quando ela disser para vocês se porem na pá, vocês dizem assim: “ai ponha-se lá a velhinha que a gente não sabe.” E quando a velha estiver com o cu na pá, vocês chamam-me, que a gente empurra a velha lá para dentro.

A velha, no outro dia de manhã, acende o fogo e disse:

– Vá, vá ver se o fogo está em borralho. Vá, monte-se lá aqui um, que é para ver se o forno está quente. – Era para os queimar.

Os mocinhos disseram-lhe assim:

– Não, a gente não se põe aí em cima da pá que a gente pode cair, sem você dizer como é que a gente se põe.

A velha, vai de cá põe-se com o cu na pá.

Os mocinhos dizem:

– Corre cá, padrinho S. Pedro, S. Pedrinho. Está a velha com o cu na pá.

Então, o padrinho veio e ela ficou queimada.

E os mocinhos ficaram em casa a comer.

Informante: Conceição Maria Martins, 63 anos, natural de Moinhos de Vento, 4.^a classe.

Recolha: em Mértola, Beja, a 5 de Novembro de 2005.

Coletor: Filipa Raquel dos Reis Rodrigues (CD n.º 1 / faixa n.º 3)

Classificação: ATU 327A

113

O POLEGARZINHO

É um casal que vivia numa aldeia e tinha cinco filhos. O homem trabalhava na caserna -na caserna, que disparate! – era lenhador, ia para a floresta cortar as árvores e tinha cinco filhos, coitados... Ganhava pouco para dar de comida aos filhos. E a mulher, à noite, numa noite... passava lá junto à casa deles uma ribeirinha e a mulher, coitada, começou a falar com o marido: não tinham dinheiro e não conseguia alimentar os filhos, e ele disse assim:

– Amanhã, eu levo-os para a floresta e eles vão ficar lá. Ó mulher, mas pode ser...

– Não!

– Eles lá, pode ser que encontrem lá alguém que os leve e alimente.

A mulher, coitada... De manhã, o Polegarzinho ouviu e foi à ribeira, apanhou as pedrinhas todas que lá tinha e encheu as algibeiras de pedras. Foi andando e foi-se deitar, não disse nada aos irmãos. No outro dia de manhã, a mãe levantou-se e deu um pão, uma fatia de pão, a cada um.

O Polegarzinho foi atrás. Em vez de ir comendo o pão, foi deitando as pedrinhas todas pelo chão, foi deitando...

Chegou lá o pai, disse assim:

– Olha, vocês ficam aqui, que eu vou além àquele lado buscar...

Ficaram... E o pai nunca mais apareceu. Os desgraçados, coitados, faziam-se, ficaram-se...

Fez-se de noite e...

– Mas assim... então, mas assim agora, onde é que a gente vai ficar “pá”?

Mas o Polegarzinho diz assim:

– Mas espera aí que eu já sei o caminho. Venham todos atrás de mim, venham todos para casa.

Chegaram a casa, ficou tudo admirado de os ver. Então isto foi obra do Polegarzinho.

À noite, resolveram nesse dia levá-los também, mas como ele tinha fechado a porta só com o trinco em baixo, o Polegarzinho conseguiu abrir a porta. Eles fecharam em cima, mas o Polegarzinho não chegou lá, ficou, coitado...

No outro dia de manhã, quando a mãe os levantou para ir para a floresta, deu uma fatia de pão a cada um e o Polegarzinho, em vez de comer, foi deitando o pãozinho todo pelo caminho. Oh, os pássaros...

Depois, quando foi lá para virem para... para fora, o Polegarzinho estava convencido que sabia o caminho, também, como na altura das pedrinhas. Só que os passarinhos tinham comido o pão todo. E diz assim:

– Mas, então agora, como é que a gente vai? Podemos ficar aqui? Não podemos ir...

Pronto, fez-se de noite e então foram para cima de uma árvore, por causa das feras. Estavam a ver, olharam ao fundo e viram uma, como se chama aquilo, uma casa iluminada. E diz o Polegarzinho:

– Ah, então vamos lá! //

Foram, foram andando, foram, chegaram lá e estavam lá também cinco meninos que eram filhos de um gigante, e a mulher tratava deles. Viram os miúdos chegarem à porta, cheios de fome. Ela tinha a mesa posta com tudo. Mandou-os entrar, comeram, comeram... E nisto, estavam a ouvir uns passos e disseram assim:

– Ai vem o Gigante, escondam-se!

Eles esconderam-se, e nisto, o Gigante entra em casa e diz assim:

– Cheira-me a carne humana! [a informante faz o gesto com o nariz como quem faz ao cheirar]

Nisto, ela ficou muito atrapalhada...

– Esta carne era para estes meninos que aparecerem aqui, pobrezinhos, coitados, e então, então eu mandei-os comer e estão ali.

Chamou os miúdos. Ah, muito bem sim senhor, ficaram muito satisfeitos. Mandou-os deitar, todos deitaram-se lá muito bem.

E então, de noite, o Polegarzinho não se deixou dormir e as filhas do Gigante tinham todas uma touca com uma estrela e estavam no mesmo quarto. O Polegarzinho, quando ouviu já o Gigante a dormir, levantou-se, foi buscar as – como é que se chama aquilo – as boinas das meninas, tiraram para por e as purificaram, abriram a porta e foram-se embora. Viram o Gigante que tinha umas botas que andavam: cada passo que davam dava sete léguas. Cada um ia agarrado e então chegaram a uma certa altura que, cansados já, ficaram, foram, e nisto ouviram o Gigante. O Gigante também já vinha cansado, sentou-se ali, deitado debaixo da árvore e eles, lá em cima, viram-lhe, jogaram-lhe – como é que se chama aquilo – um pau de lá. Ele ficou a dormir e eles pegaram na *coiso* e foram-se embora, foram para casa.

Foram todos muito satisfeitos e o Gigante ficou... Ficaram então com as coisas do Gigante e tudo, e voltaram à casa do pai do Gigante...

Os pais, foram buscar os pais e hoje estão ricos, lá vivem muito bem.

Informante: não identificado, do sexo feminino, 70 anos, professora aposentada.

Recolha: em Albufeira, Faro, a 20 de Dezembro de 2010.

Coletor: Lúcia Cristina Alferes Hortas Jesus

Classificação: ATU 327A + ATU 327B

Nota: Narradora desmemoriada.

[OS QUATRO IRMÃOS E O GIGANTE]

Eram quatro irmãos, que a mãe e o pai morreram e eles ficaram muito pequeninos.

E então, resolveram sair de casa e ir pelos campos, pelos montes, pelas aldeias, pedir esmola. E chegaram a um certo sítio e perderam-se, e viram uma casa muito grande e disse assim para os irmãos:

– Ai, estamos perdidos! Mas olha, há além aquela casa e vamos bater à porta, a ver se nos dão dormida e alguma coisinha para comer.

Então foram, foram, foram, chegaram lá e apareceu-lhes um homem muito alto, um gigante – que era a casa do gigante. Aparece-lhes aquele homem e ele assim:

– Ai, senhor, nós temos muita fome. Vínhamos ver se nos dava alguma coisinha de comer e dormir.

– Ai, sim senhor! A minha casa é muito grande, venham já.

Eles foram com ele e aquilo já era quase de noite. E diz o gigante para a Maria, que era a gigante:

– Ó Maria, estão aqui estes quatro garotos. Faz lá ai qualquer coisa de comer. Enche-lhes bem a barriga e põe-os a dormir, que agora vou chamar o meu compadre e nós vamos matar os miúdos para o nosso jantar.

Assim foi. A gigante foi, tratou muito bem deles e ele ouviu... um dos miúdos, que era o mais velho, ouviu o gigante estar a dizer que os ia matar para eles comer, para serem comidos por eles.

Mas como o gigante não fazia nada sem o compadre, pois foi chamar o compadre. Quando os miúdos estão a dormir – pensa o gigante que eles estão a dormir – e a gigante... e eles tinham quatro filhas, o gigante. E então o que é que fez? Pôs os miúdos a dormir no mesmo quarto das gigantes, das filhas, e todas as filhas do gigante tinham uma coroa em brilhantes na cabeça e dormiam com essa coroa. E então o mais velho disse:

– Olha, vamos embora, porque nós vamos ser comidos pelo gigante e pelo compadre, pela família toda.

E então, o que é que fez: rouba as coroas da cabeça das filhas do gigante e põe na cabeça deles e foge. Fogem e passam ao outro lado do rio.

Às tantas, vem o gigante e diz:

– Vá Maria, vai já por a água ao fogo para cozer os moços, que eu vou já matá-los.

E vai, e a gigante diz:

– Ah, deixa lá que eu vou.

A gigante agarra num serrote, vai aos quartos, às apalpadelas, às escuras para os miúdos não chorarem e sente a coroa que é das filhas. E então não matou os miúdos, porque eles puseram a coroa na cabeça deles e acaba por matar as filhas.

Assim que eles viram que tinham matado as filhas, vêm cá para fora, agarram na gigante, matam a gigante e prendem-na a uma árvore. E acendem a fogueira, põem o tacho em cima, e cortam – desculpe o termo – as mamas da gigante e puseram a cozer dentro do tacho.

Quando o gigante chegou com o compadre, disse assim:

– Olhe, já está ao fogo, já está a cozer. Carne já temos! Olhe, a cabeça deles já está a cozer.

Que as cabeças da mama, julgava o gigante, que eram as cabeças dos moços.

– Já estão a cozer.

Bom, quando vai, olha para árvore, estava a gigante morta atada à árvore. Entra lá dentro, vê as filhas tudo com a cabeça serrada.

– Ai!

Vem cá fora, vê os miúdos do outro lado do rio – que havia um rio – que do outro lado já o gigante não podia passar ao outro lado. Quando vai e diz:

– Ai, malandros! Mataram-me as minhas filhas e mataram-me a minha mulher!

E os miúdos disseram assim:

– Olhe, qualquer dia vamos ai, buscá-lo a si.

E foram-se embora. Foram-se embora, viram uma linda casa, outra casa grande, mas já estavam com medo que lhes acontecesse alguma coisa de mal.

Foram, bateram à porta, quando vem um criado e disse:

– Isto aqui é a casa do Rei.

– É que nós viemos além da casa do gigante que nos queria matar e fugimos. E agora vínhamos aqui...

– Então esperem lá que eu vou dizer ao senhor Rei.

Foi então dizer ao senhor Rei. Como eram rapazitos, o senhor Rei disse:

– Olha, então manda lá eles entrar que a gente inventa ai comer, encham-lhes a barriga e deixem-nos estar para aí.

E assim foi: eles ficaram lá.

No outro dia, diz os miúdos assim – o mais velho, para o empregado:

– Ó senhor! O senhor, arranje-nos alguma coisa para nós trabalharmos, que nós vamos trabalhar.

– Olha, então tu ficas para regar aí o jardim e tratar do jardim, que és o mais velho. E os outros ficam ai contigo.

Ele, no outro dia de manhã, levanta-se todo muito contente e pôs uma coroa das que tinha roubado, tinha levado das filhas. Pôs uma coroa na cabeça. A coroa era um encanto.

Dizia o criado assim para a princesa:

– Ai, menina, que linda coroa que o Chico-Chico tem!

Dizia ela assim:

– Ai, diz lá se ele não a quer vender.

E o rapaz, o rapazito disse:

– Não, eu não vendo, eu dou à menina se ela me deixar mexer-lhe nas pernas.

Diz ela assim:

– Ai, agora vinha cá um moço que é criado vir agora cá mexer nas pernas...

– Ó menina, por uma coroa daquelas – que aquilo é a coisa mais rica que há, que o rei nem tem – ele mexe-lhe nas pernas, ninguém fica sabendo.

E bom, assim foi. Mexeu-lhe numa perna, deu-lhe a coroa e ela ficou toda muito contente.

No outro dia, novamente o Chico a regar o jardim:

– Ai, menina, se aquela coroa era linda, aquela ainda mais bonita é.

– Ai, diz lá a ele se me deixa... Mexe numa maminha... Ai, não quero!

– Ó menina, então não vê que ontem ele mexeu? Tirou algum bocado?

Lá vai o Chico, mexe-lhe na maminha e deu-lhe a outra coroa.

Bom, à terceira coroa diz ele assim:

– Agora é que eu já não sei o que hei-de lhe pedir. Vou-lhe pedir um beijo.

Diz ela assim:

– Ai, olhe só se der um beijo...

– Olhe que hoje ainda é mais linda.

Com esta já era a terceira coroa. Deu-lhe um beijo – que o criado como é que ele havia de saber – deu-lhe um beijo e ele deu-lhe a outra coroa.

No outro dia, a quarta coroa ainda mais linda era. Diz ela assim:

– Ai, agora...

– Ó, menina, se as outras... esta ainda mais bonita é.

– Então vá lá!

Mas os irmãos... Entretanto, a princesa e o criado começaram a gostar muito do Chico. Já não ia comer com os irmãos na mesa, lá no quarto que eles tinham. Já comia na mesa dos criados, cá dentro, e gostavam muito dele. Os irmãos começaram a ter inveja dele. E então disse-lhe:

– Ai, não quero. Olhe, eu dou esta sem a menina me dar nada. Eu dou-lhe esta coroa, que me tem feito tanto bem. Pois eu ofereço-lhe...

A última já não quis nada. Mas os irmãos disseram-lhe, pró Rei:

– Senhor Rei, sabe o que é que o meu irmão me disse aqui ontem a noite? Que disse à gente? Que ele era capaz, para oferecer a princesa, que era capaz de ir buscar o papagaio.

E havia a grande inveja entre o Rei e o gigante, que não se podiam ver.

– Tu disseste isso?

– Disse, disse ele à gente!

– Eu não disse, mas se o Senhor Rei mandar... Morrer cá, morrer lá, tudo é morrer.

– Pois com pena de morte tens que ir buscar.

– Bom, então o Senhor Rei arranje-me aí uma roupa de velha, de pessoa assim coiso. Arranje-me aí um cesto cheio de bolos, um saco com bolos, e arranje-me assim agulhas, coisas assim para vender linhas.

Bom, ele vestiu-se de mulher, foi, e passou o outro lado. Foi e disse assim:

– Ai, senhor, não me quer aqui ajudar nalguma coisa? Porque estou cheia de fome, filhos pra criar...

– Então, anda lá.

Foi:

– Então, agora não me deixa aí dormir?

– Então olha, dorme para aí.

Dormiu, agarrou no papagaio pra levar, e o papagaio dizia assim:

– Não!

Entretanto, o gigante já tinha arranjado outra mulher – porque os gigantes têm sempre muitas mulheres – já tinha arranjado outra. Ouviam e só dizia o gigante:

– Mas o que é isto? Ó papagaio, mas o que é que tu tens?

E o papagaio calava-se, pois não sabia falar. Dali a um bocadinho, começava ele outra vez a dar um bocadinho de bolo ao papagaio.

– Papagaio, queres ir comigo? Papagaio, queres um bocadinho de bolo?

– Quero, quero, quero!

– Papagaio, tu queres ir comigo?

– Não quero, não quero, não quero!

É que o papagaio fazia um grande barulho. Lá vinha outra vez. Veio de lá o gigante à cata onde tava o papagaio e disse:

– Se tu tornas aí a gritar outra vez, com esta faca corto-te o pescoço.

O papagaio teve tanto medo, que, quando o Chico lhe deu mais bolo... O Chico enrolou-o numa roupa que levava e levou-o. E foi levar ao Rei o papagaio.

Ora os irmãos, ainda com mais inveja ficaram...

No outro dia diziam assim:

– Senhor Rei, sabe o que é que o meu irmão disse aqui ontem à noite? Que era capaz de ir buscar o cavalo do gigante.

Que era um cavalo que tinha umas patas tão grandes, que se ouvia a sete quilómetros, o andar do cavalo ouvia-se a sete quilómetros.

– Ó Chico, então tu dizes que eras capaz de ir buscar o cavalo do gigante?

– Ó Senhor Rei, eu não disse isso, mas se o senhor quer... Pois morrer cá, morrer lá, tudo é morrer. Então arranje-me aí muitas roupas, fios, linhas e coiso, que é para eu poder atar as patas do cavalo.

Bom, lá arranjou-lhe umas grandes coisas, roupa e coisas, e lá foi. E ele conseguiu-se introduzir dentro da casa do gigante sem ninguém ver. O gigante, como a primeira mulher tinha morrido, já andava meio apardalado.

Entra lá dentro, que aquilo levou toda a noite só a atar as patas do cavalo, quatro patas que o cavalo tinha, para ninguém ouvir o cavalo sair.

Bom, conseguiu fazer aquilo tudo, saiu. No outro dia de manhã quando o gigante se levantou, vê o Chico em cima do cavalo a passear.

– Ai, Chico, já me mataste a minha mulher, mataste-me as minhas filhas, já me roubastes o papagaio e agora viestes buscar-me o cavalo? Tanta vez que cá hás-de vir que cá hás-de ficar.

– Tanta vez que hei-de ir aí, o hei-de trazer para aqui.

Bom, foi levar. O Rei, tendo o cavalo do gigante, já estava encantado com ele.

No outro dia, dizem os irmãos, com inveja do irmão estar melhor que eles:

– Ai, sabe o que é que o meu irmão disse aqui ontem a noite? Que era capaz de ir buscar a colcha do gigante.

Que era uma colcha toda cheia de campainhas, que quando eles se mexiam a colcha começava a tocar.

– Ah, ele disse isso?

– Eu não disse, mas se o Senhor Rei quiser pois terei que ir.

Bom, lá foi. Conseguiu-se meter na casa do gigante sem ninguém ver. Mas aí já a giganta tinha morrido. A outra, uma mulher que ele tinha estava lá a outra vez, a mulher tava lá deitada com o gigante. Ele foi e mete-se debaixo da cama do gigante. Às tantas, começa-se só a puxar a colcha. Diz ele assim para a giganta:

– Mas então o que é isso? Estás-me a destapar?

– Não, estou agora cá a destapar-te... Então eu estou a dormir...

Quando ele via que eles já estavam os dois a dormir, outra vez outro puxão. Deu três puxões. Ao terceiro puxão, caiu a colcha. Diz o gigante assim:

– Ainda te vou mas é matar. Mas agora não apanho a colcha, deixo ficá-la ali, para ficares a dormir ai com frio, que já não puxo a colcha pra cima.

Era isso que o Chico queria ouvir. Ora o Chico conseguiu agarrar na colcha sem ninguém ouvir e foi levá-la ao Rei.

No outro dia, diz-lhe assim:

– Ai, Senhor Rei, sabe o que é que o meu irmão disse aqui ontem a noite? Que era capaz de ir buscar o gigante.

– Ai, eu não acredito numa coisa dessas!

O gigante, que aquilo era um homenzarrão, quantos metros tinha não sei, mas a minha avó dizia que o gigante era muito grande.

– Então olhe, eu vou, mas o senhor arranje-me um carro, uma carroça com quatro ou seis cavalos, mas com quartos dentro dessa carroça e tudo, coisas bonitas...

O rei mandou logo fazer uma carroça grande com três ou quatro quartos e quando o Chico veio, também disfarçado, com seis cavalos puxando. O gigante muito mal, doente ao pé do rio...

– Ó senhor gigante, como vai? Não me sabe dizer onde é que é aqui o monte, que o rei mandou-me e eu não sei.

Lá disse que ia buscar qualquer coisa, inventou.

– O rei quer que eu leve, mas eu não sei onde é.

Diz ele assim:

– Ah, mas isso é um lindo carro que o rei tem. Não sabia que ele tinha esse carro.

– Pois tem... Gostava tanto... Olhe, se o senhor quiser vir, venha, que eu lhe mostro.

O gigante subiu aqueles degrauzinhos que tinha, para cima do carro e ele abriu a porta – e era um quarto lindo. Disse-lhe ele assim:

– Este é todo pintado em ouro. Olhe, vê este? É todo pintado em prata. E o mais bonito é aquele além, que eu tenho a chave, que é onde está as coisas preciosas do rei que eu vou levar para a outra casa.

Tira a chave, abre a porta, tava tudo a as escuras. Diz ele assim:

– Não vê? Olhe! Tem que olhar assim bem pra baixo, que as coisas estão ali assim...

Que ele via que o gigante estava a olhar para dentro do carro. Agarra-lhe nos pés, toma! Eram facas com mais de um metro de altura. Ora, o gigante cai em cima das facas, ficou todo espetado, já não podia sair. Fecha a porta à chave e foi levá-lo ao Rei.

O Rei teve tanto medo que ele ainda não tivesse morto que mandou queimar o carro com fogo. Tirou os animais e mandou queimar o carro, pegar fogo, para que o gigante morresse queimado.

No outro dia diz-lhe o Rei assim pró Chico:

– Ouve lá, Chico, anda cá!

O Chico já era o dono do palácio...

– Ouve lá, Chico, o que é que tu queres que eu faça aos teus irmãos? Que os teus irmãos fizeram tudo para te matar... Vê lá o que tu queres que eu faça... O que tu quiseres.

– Olhe, eu não quero que faça mal aos meus irmãos. Só quero é que eles vão daqui pra fora, façam a vida deles daqui pra fora. Que se criem, porque eu fiz tudo por eles, e eles a mim só me quiseram o mal, portanto não quero nada.

– Então está bem. Tu vais casar com a minha filha e os teus irmãos vão-se daqui embora.

E assim foi. O meu conto acabou-se, e terminou por aqui. Ficou então o Chico-Chico com a princesa. Casou, e os irmãos foram dali pra fora, que tinham sido maus para o irmão, que fizeram tudo para o matar.

Informante: Mariana Chumbinho, 74 anos, natural de São Domingos, Santiago do Cacém.

Recolha: em Olhão, Faro, a 14 de Janeiro de 2008.

Coletor: Ricardo Rodrigues (gravação 1 / 08'40)

Classificação: ATU 327B + ATU 328

115

[OS TRÊS IRMÃOS E O GIGANTE]

Era uma vez um casal. Eram pobres, viviam com muita dificuldade, e tinham três filhos. Então como não tinham nada para lhes dar de comer, e andavam já com fome, o que é que o homem disse à mulher?

– Olha, mulher, sabes? Amanhã vamos à mata. Vamos buscar um feixe de lenha e levo-os e deixo-os lá, que é para... Assim quem é que pode ver andar os filhos com fome?

E então lá foi. O pequenino ouviu aquela conversa, e o que é que ele faz? Apanha umas pedrinhas, e lá foi todo... com o pai, com os irmãos. E foi deixando as pedrinhas no caminho. Chegaram lá, fizeram os feixes de lenha e o pai depois diz:

– Bom, a gente vamos descansar. Que é para depois a gente já não lhe doer as pernas e vamos para casa.

– Está bem.

Foram todos pôr-se a dormir. O pai, assim que os apanhou dormindo, foi-se embora. Eles, quando acordaram, viram-se sozinhos na mata e os irmãos começaram a chorar.

E o mais pequeno disse assim:

– Não chorem, que a gente vai ter a casa.

Lá foram, porque ele deixou umas pedrinhas e foram ter a casa.

Quando lá chegaram, puseram-se à escuta, a ver o que é que os pais estariam dizendo.

E os pais então estavam dizendo:

– Vês, se a gente não os tem levado para a mata... Coitadinhos, o que é que será feito deles? A esta hora já os lobos os comeram. E a gente agora tinha de comer para lhes dar. Coitadinhos dos nossos filhos...

Os pais estavam com pena. Eles bateram à porta e vieram-lhes abrir a porta. E lá ficaram.

Mas em fim de tempo, começaram outra vez na dificuldade da vida. E o pai disse o mesmo à mulher:

– Olha, sabes? Eu vou pô-los na mata porque, assim, a gente está-os vendo com fome e não temos que lhes dar de comer. Olha, assim vamos pô-los lá.

E fez o mesmo que da outra vez.

E o pequenino deixou milho no caminho. Mas quando acordou... O pai depois fez os feixes, foi-se embora e eles ficaram lá. Quando eles acordaram o pequenino disse o mesmo:

– Olha, não se preocupem que a gente vai ter lá a casa.

Só que não se lembrou que os passarinhos comiam o milho. Quando foi para voltar já não estava lá o milho. //

Foram obrigados a subirem um cerro, puseram-se em cima duma árvore e viram uma luzinha lá muito longe. E foram guiados por essa luzinha e foram ter lá à casa dessa... dessa luz. Bateram à porta, veio uma senhora que lhes disse:

– Ah, eu dava-lhes agasalho de boa vontade, mas o meu marido é gigante e quando vier, ele até os engole logo, porque ele é gigante.

– Ai, minha senhora, não faz mal. Se a gente há-de morrer na mata, então o seu marido come a gente e ficamos sem vida.

Afinal o homem veio de lá, o gigante, e começou logo:

– Ai, mulher, cheira-me aí a carne humana! Gente nova! E tu tens guardada e não me queres dar!

E ela lá esteve contando ao homem o que é que se tinha passado.

E ele disse:

– Está, vai lá buscar os mocinhos que é para a gente lhes dar o jantar.

Deram-lhe o jantar, conversaram com eles e os mocinhos lá lhe estiveram contando o que é que tinha sido.

E o gigante disse:

– Então está bem.

Lá estiveram conversando:

– Bom, são horas de deitar. Vão beber um copinho de leite que é para adormecerem mais depressa.

Mas ele, no leite (o mais pequenino estava sempre com o olho, que era muito esperto a ver as coisas) e viu que ele que deitou qualquer coisa no leite. Pensou logo que era para se deixarem dormir. Afinal os outros eram mais coiso, não pensavam nada, beberam o leitinho. E assim que o gigante deu costas, deitou-o para a pia da louça.

Em fim dum bocadinho ele olha para os irmãos. Os irmãos estavam cheios de sono, vá de penderem com sono. O que é que ele faz? Começou também a abanar a cabeça, que tinha muito sono.

O gigante:

– Ah, coitados, estão cheios de sono. Vão dormir.

Mas antes disso, ele andou-lhes mostrando... Antes de eles irem dormir andou-lhes a mostrar a casa, mostrou-lhes umas filhas – que tinham três filhas muito bonitas que estavam a dormir – mostrou-lhes a arramada dos cavalos, mostrou-lhes tudo o que tinha. Era uma casa muito rica. E depois é que eles se foram deitar. Assim que eles se foram deitar, ao fim dum bocadinho, o gigante foi lá. Os irmãos dormiam que era uma pedrinha. E o mais novo fazia que estava a dormir, mas estava acordado. Assim que ele deu costas, tirou logo as argolas, porque as argolas estavam preparadas, em fim duns tantos minutos aquilo matava-os logo. Tirou-lhe as argolas e acordou os irmãos, para fugirem:

– Fugam! Acordem, acordem!

E eles acordaram, foram-se embora. Mas ele levou as botas do gigante.

E então, no outro dia, a mulher – ele pensando que tinha carne fresquinha dos mocinhos – foi ao quarto das filhas e tinha as filhas mortas. Ficou muito marafado com o mais novo e dizia:

– Eu logo vi que aquele novo era muito esperto, muito esperto. Mas deixa estar, malandro, que há-de mas pagar!

E então foi, foi calçar as botas, não tinha as botas. Mas como ele tinha umas pernas grandes, ainda os apanhou.

Ainda os apanhou, mas eles estavam preparados e diz o pequenino:

– Não, agora vamos a gente dar umas contas!

E então matou-o, matou o gigante.

E nessa altura voltou para casa do gigante, para tomar conta daquilo tudo. A mulherzinha, como não tinha culpa nenhuma, ficou lá a trabalhar (a mulher do gigante) e ele ficou lá a tomar conta daquilo. Ele era o patrão e os irmãos eram os criados.

Ao fim de algum tempo, ouviu ele bater à porta. Vai e era um velhote. Esse dito velhote era o pai dele, a pedir trabalho, a pedir agasalho. Mas ele ainda o conheceu, ele é que já não conheceu o filho. O filho lá lhe esteve dizendo se ele não se lembrava disto: da primeira vez ele deixou pedrinhas no caminho e foi lá ter a casa, a segunda vez deixou milho, já não foi. Mas enfim, ainda teve sorte, encontrava-se muito bem, encontrava-se rico porque tinha uma grande fazenda, tinha cavalos, tinha cabras, tinha tudo. E disse ao pai que se quisesse ficar lá, pois que lhe daria o comer. E lá ficou. O filho deu-lhe cama, e deu-lhe agasalho, e lá ficaram a viver todos.

Informante: Maria de Assunção Rodrigues, 66 anos, natural de Ourique, Beja, reformada.

Recolha: em Ourique, Beja, em 2009-2010.

Coletor: Daniela Rodrigues

Classificação: ATU 327A + ATU 327B

116

[JOÃO E O GIGANTE]

Era uma vez um casal que tinha cinco filhos. Eram muito pobres. E ao pé desse casal, vivia um rei, numa quinta, que tinha muito... muitas coisas, e dava muito trabalho a quem pedia trabalho. E mais distante, havia um gigante também que vivia e que era uma pessoa rica.

Então, o pai dos miúdos lá foi pedir trabalho ao rei, e o rei disse:

– Está bem, eu dou-lhe trabalho.

Deu trabalho aos rapazitos. O João era o mais novinho, e era muito esperto. E então ele, como achou que ele era o mais novinho, deu-lhe um trabalho mais leve. Aos outros deu-lhes um trabalho mais duro para eles fazerem. E os irmãos aí começaram a ter ciúmes com o João. E então, um dia combinaram e disseram uns para os outros:

– A gente há-de dizer ao senhor rei que o João disse que era capaz de ir roubar o cavalo que o gigante tem lá!

E então assim o fizeram. Foram ter com o rei, disseram ao senhor:

– O meu irmão esteve a falar com a gente e disse que era capaz de ir roubar o cavalo do senhor gigante.

– Ah, ele disse isso?

– Disse.

– Então, deixa, que eu vou chamá-lo.

Mandou-o chamar e disse:

– Olha lá, João. Então tu disseste que eras capaz de ir buscar o cavalo do gigante?

– Ai, senhor rei, sabe o senhor rei que eu não disse nada disso! Mas os meus irmãos é que inventaram isso. Mas o senhor rei, agora quer que eu o vá buscar, terei de o ir buscar... Mas é certo que sou apanhado. O cavalo dá logo sinal...

– Sim, mas tens de o ir buscar. Uma vez que tu disseste, tens de ir...

Bom, lá foi o João. Assim que viu que ninguém o viu entrar lá para dentro, entrou, escondeu-se... À noite, assim que apanhou tudo a dormir, vai roubar o cavalo. Vai roubar o cavalo, ele ia logo preparado com os peúgos, para calçar ao

cavalo, mas esses peúgos eram cheios de algodão, para que o cavalo não fizesse barulho com as patas.

Assim que ele viu que estava tudo acomodado, vai, pega um bocadinho assim no cavalo e o cavalo deu logo sinal. Oh, ele fugiu logo, o João, e foi-se esconder debaixo de uma palha. O gigante correu tudo, foi ao palheiro, viu a palha tal e qual, e foi-se embora. Foi-se embora, mas deu um grande castigo ao cavalo: bateu, deu umas grandes correadas, e o cavalo ficou muito sentido, porque estava a dar o sinal verdadeiro. Depois, assim que o João apanhou o gigante a dormir, vai ao pé do cavalo, faz-lhe umas festinhas, e enfia-lhe os peúgos. E roubou o cavalo. E ele, com os peúgos, não fazia barulho, porque os peúgos estavam cheios de algodão.

No outro dia, os irmãos ficaram todos admirados como ele roubou o cavalo e não foi apanhado. Lembraram-se outra vez de dizer ao senhor rei.

Assim que passou uns dias, disseram ao senhor rei:

– Olhe, senhor rei, o meu irmão é capaz... disse que era capaz de ir buscar uma colcha que o senhor gigante tem na cama e tem umas campainhas e, conforme a pessoa vai puxar a colcha, aquilo toca e ninguém rouba aquela colcha.

– Ai ele disse isso? Então vá, tenho de mandar chamá-lo...

[Diz]:

– Então João, tu disseste aos teus irmãos que eras capaz de ir roubar a colcha que o senhor gigante tem lá? Agora, por pena de morte tens de ir!

– Ai, sabe o senhor rei que eu não disse nada, mas uma vez que os meus irmãos disseram que eu que disse, pois então hei-de ir. Mas hei-de ser apanhado, com certeza!

Bom, lá foi. Assim ao sol-postinho meteu-se lá debaixo da cama. O gigante andava à caça – que ele andava sempre a caça – e ele levava um maço de algodão e teve a paciência de tapar todas as campainhas que a colcha tinha.

Afinal que... A conversa do gigante com a mulher era sempre a mesma ao serão:

– Se a gente apanhar aquele João... Já roubou o cavalo. Será... O que é que ele andar pensando que irá fazer à gente? Mas a gente... se eu o apanhar, eu mato-o!

Bom, fazia uma porção de coisas ao João. Eles conversaram lá na cama, até que se deixaram dormir. Assim que se deixaram dormir, o João foi puxando a colcha devagarinho, mas como as campainhas estavam todas tapadas com algodão, eles não ouviram nada. E cá vem o João com a colcha para o senhor rei.

Os irmãos ficaram todos admirados como ele roubou a colcha e as campainhas não tocaram, e não foi apanhado.

Assim que passou umas semanas, foram outra vez para o senhor rei. Foram outra vez a dizer:

– Oh, senhor rei, o meu irmão disse que era capaz de ir roubar um papagaio que o senhor Rei [o gigante] tem lá, que conversa. Também ninguém pode roubar nada lá na cozinha, que ele diz logo. Diz logo o nome da pessoa e não deixa roubar.

Lá foi o senhor rei chamar o João:

– Oh, ouve lá João. Então, mas tu disseste que eras capaz de ir roubar o papagaio ao gigante?

– Ai, eu não disse nada, sabe o senhor rei que eu não disse nada. Mas os meus irmãos disseram e eu... O senhor rei diz que por pena de morte eu tenho que o ir roubar, tenho de o ir buscar... Então, tenho de ir buscar o papagaio, mas eu não disse nada. Mas eu vou. Desta vez é que eu sou apanhado, mas olha, lá tenho de ir...

Bom, ao sol-postinho, meteu-se em casa e lá foi. Assim que apanhou o rei... o gigante a dormir com a mulher, foi roubar o papagaio. Ele pega na gaiola do papagaio e ele começou: “João, João!”. Oh, o rei levantou-se logo e veio e apanhou-o:

– Ah, malandro! Agora é que tu não escapas! Deixa, que eu vou já... Ó mulher, traz-me lá uma corda para eu o *empiolar*, que eu agora, enquanto ele fica aqui *empiolado*, eu vou buscar um feixe de lenha e fazemos aí um bom fogo que é para gente o fritar! Deixa estar que ele agora é que não abala! Já não faz mais nenhuma das coisas mal feitas que ele fazia!

E lá prendeu o João. E a mulher ficou fazendo o fogo. E ele com... assim com umas falinhas meiguinhas começou:

– Ah, mas que pena que eu tenho de a senhora estar a fazer o fogo! E eu sei que já não me vou embora. Eu sei que estou apanhado! Solte-me lá aqui só uma mão que eu parto-lhe esses paus, que a senhora não pode!

– Sim, tu queres e que eu te solte, mas eu não te solto!

– Oh, mas é que ainda fico preso! Solte-me só uma mão que eu com esta mão já a ajudo!

Então, eu sei que vou ser frito...

– Então vá lá a ver, que eu solto-te a mão!

Ora, assim que ela lhe soltou a mão, ele solta a outra, cortou... Tinha ali uma faca, cortou a corda e fugiu com o papagaio! Lá se foi embora.

Quando o gigante veio, diz ele:

– Olha mulher, já trago aqui um bom feixe de lenha, que é para se fazer um grande lume, que é para a gente queimar, fritar, aquele malandro do João!

E ela disse assim:

– Ai, marido, então ele estava com grande pena de mim e disse para eu lhe soltar uma mão... Assim que ele soltou uma mão, soltou-se todo e fugiu com o papagaio!

– Ai, esta mulher! Acreditou naquela conversa do João! Ai, malandro, ele ainda há-de ter uma para vir cá fazer. Mas deixa estar, se ele fizer é quando ele é apanhado!

E lá foi com o papagaio. Que o rei... ai, os outros, já não tinham nada para dizer que ele ia roubar e ficou por aí.

E então, o rei ficou muito contente, que ele era um rapazinho muito humilde, muito obediente, e então depois, disse a uma das filhas se queria casar com o João.

E então a mais novinha disse:

– Eu quero casar com o João porque eu gosto muito dele, ele é muito bom rapazinho e então gosto muito dele!

Então, trataram do casamento. O João casou com a filha do rei, a mais novinha. O rei entregou-lhe a fazenda toda. Ele ficou muito rico. E os irmãos ficaram a trabalhar na casa para o irmão.

E acabou-se o conto.

Informante: Maria de Assunção Rodrigues, 66 anos, natural de Ourique, Beja, reformada.

Recolha: em Ourique, Beja, em 2009-2010.

Coletor: Daniela Rodrigues

Classificação: ATU 328

117

A VELHINHA E O SÃO PEDRO

Era uma vez uma velhinha, muito pobrezinha, que vivia numa casa e que não tinha dinheiro para comprar comida. Um dia foi pedir ajuda a uma senhora que estava a passar na rua. Foi pedir algum dinheiro para comprar comida ou algo que a senhora lhe desse, porque ela estava cheia de fome, e a única coisa que a senhora lhe deu foi um feijão.

E a velhinha pensou:

– Este feijão também não me vai matar a fome... Só se eu plantar o feijão na terra, e assim nasce um feijoeiro e já tenho alguma coisa para comer!

E assim foi. A velhinha plantou o feijão e depois foi-se deitar, que já estava na hora de ir dormir. Esperou pelo dia seguinte, que o feijoeiro crescesse, e no dia seguinte quando a velhinha acorda e sai de casa, qual não foi o seu espanto quando vê que o feijoeiro cresceu, cresceu, cresceu, que passava das nuvens! E a velhinha pensou:

– Isto está tão grande que vai dar ao céu! Eu vou mas é subir para ver onde é que isto vai dar! Vai dar lá em cima das nuvens e assim sempre posso ver o Céu!

E assim foi. A velhinha subiu e quando passou a primeira nuvem, ela vê um castelo muito bonito em cima das nuvens. E pensou:

– Que é que será isto? Eu vou ver!

Subiu para a nuvem, foi andando nuvem a nuvem, e chegou à porta do castelo.

Bateu à porta e depois alguém perguntou:

– Quem é?

E ela disse:

– Sou eu, a velhinha que mora aqui em baixo! E tu quem és?

E de lá responderam:

– Sou o São Pedro! Entra, velhinha!

E ela entrou e disse:

– Ó meu rico São Pedro! Eu não sabia que tu moravas aqui em cima!

E o São Pedro diz:

– Olha, velhinha, já que chegaste aqui ao meu castelo diz-me o que tu precisas que eu te dou!

E a velhinha disse:

– Ah, olha, pois eu tenho é muita falta de dinheiro. Não tenho comida nenhuma e tenho muita fome. Eu gostava que tu me desses alguma comida para eu poder comer!

E o São Pedro disse:

– Olha, velhinha, então vou-te dar esta mesa e tu levas para a tua casa e quando tiveres fome dizes assim:

– Põe-te mesa!

E a mesa fica posta com um banquete enorme e tu assim não passas fome!

– Ai obrigada, meu São Pedro! Obrigada, que és tão bonzinho!

– Olha, velhinha, só não podes dizer a ninguém, que isto é uma mesa mágica e que quando tu dizes “põe-te mesa” ela fica cheia de comida! Por isso, levas a mesa para a tua casa e não dizes nada a ninguém! – Disse o São Pedro.

– Ai, São Pedro, está descansado que eu não digo nada a ninguém!

Muito agradecida, lá desceu o feijoeiro com a sua mesinha. Quando chegou lá em baixo, ouviu os sinos da igreja e, por ser muito devota e não faltar à missa, pensou:

– Nem tenho tempo para pôr a mesa em casa. Vou já a correr para a igreja e levo a mesa comigo!

E assim foi. Chegou à porta da igreja e estava lá uma senhora que ali ficava a missa toda. E ela disse à senhora:

– Ó senhora! Não se importa de ficar aqui com a minha mesinha, enquanto eu vou aqui à igreja? Se a senhora vai ficar aqui a missa toda, quando eu vier da missa a senhora dá-me então a mesa para eu levar para casa!

E a senhora disse:

– Não, não me importo, velhinha! Posso ficar, não tem problema!

E a velhinha disse:

– Ai obrigada, minha senhora! Mas olhe! Não pode dizer: “põe-te mesa”!

E ela diz:

– Sim, não se preocupe que eu não digo!

A velhinha vai para a missa e a senhora que ficou com a mesa pensou:

– Mas porque é que eu não posso dizer “põe-te mesa”? Vou dizer “põe-te mesa” porque quero saber porque é que não se pode dizer!

E disse:

– Põe-te mesa!

E a mesa fica cheia de comida, com um banquete enorme! E ela pensa:

– Ai, mas eu quero esta mesa para mim! Eu vou ali a uma loja num instante e compro uma mesa igual a esta. Fico com esta mesa mágica para mim e dou a outra mesa à velhinha!

E assim foi. Comprou uma mesa igual, guardou a outra mesa na casa dela e trouxe a mesa que não era mágica para a porta da igreja. Quando a velhinha saiu da missa, muito agradecida, disse:

– Muito obrigada por ter ficado com a minha mesa! Mas não disse “põe-te mesa”, pois não?!

E a senhora disse:

– Ah, fique descansada que eu não disse!

Lá foi a velhinha, muito contente! Chegou a casa cheia de fome, a pensar que ia ter comida como o São Pedro tinha dito e diz:

– Põe-te mesa!

E a mesa nada...

– Põe-te mesa!

E a mesa não ficava com nenhuma comida.

Lá se vai deitar, muito triste, e pensou:

– Amanhã vou lá acima, de manhã quando acordar, e dizer ao São Pedro que afinal a mesa não fica com banquete nenhum!

E assim foi. No dia seguinte, quando acordou, a primeira coisa que fez foi subir o feijoeiro todo, até ao castelo do São Pedro e dizer-lhe:

– Ó São Pedro, mas aquela mesa que tu me deste não fica com banquete nenhum!

– Não fica?! Isso é impossível! Tu tens a certeza que não disseste a ninguém a palavra mágica “põe-te mesa”? – Perguntou o São Pedro.

– Tenho a certeza!

– Então olha. Dou-te este carneirinho, que é um mealheiro, e quando tiveres fome dizes “faz xixi carneirinho”. E o carneirinho faz xixi de moedas, e tu podes ir comprar a tua comida. Mas não podes dizer a ninguém a palavra mágica!

– Fica descansado, São Pedro!

Muito agradecida, lá desceu. Quando chegou lá em baixo, outra vez os sinos da igreja. Não teve tempo para pôr o carneirinho dentro de casa e foi a correr para igreja. Lá estava a senhora, e a velhinha pediu-lhe para guardar, desta vez, o carneirinho.

E a senhora, que da outra vez tinha ficado com a mesa com banquete, agora pensou que também devia haver mais alguma coisa! Então, a velhinha avisou-a que não podia dizer “faz xixi carneirinho”! Claro que foi a primeira coisa que a senhora disse e o carneirinho fez xixi de moedas! Ela não pensou duas vezes, foi comprar um carneirinho de loiça-mealheiro para dar à velhinha e guardar o outro em casa.

A velhinha saiu da missa, levou o carneirinho trocado para casa e, quando chegou, disse:

– Faz xixi carneirinho!

E o carneirinho, nada...

Muito triste, achou que o São Pedro estava a enganá-la, e decidiu no outro dia ir lá a cima. Quando lá chegou, disse:

– Ó São Pedro, ontem deste-me a mesa, disseste que a mesa se punha com um banquete e nada... deste-me o carneirinho, disseste que fazia xixi de moedas e nada! Afinal tu estás-me a enganar!

O São Pedro disse-lhe:

– Tu tens a certeza que não disseste a alguém “põe-te mesa” e “faz xixi carneirinho”?! -Pergunta-lhe o São Pedro.

– Não, não! Não disse a ninguém! – Responde a velhinha.

– Mas quando saíste daqui, foste logo para casa?!

E a velhinha explicou que quando saiu foi a correr para a missa. Que não teve tempo de deixar a mesa e o carneirinho em casa e que por isso entregara, para guardá-los, a uma senhora que estava à porta da missa. O São Pedro pensou logo que deveria ser essa senhora que tinha ficado com as suas coisas, e então disse-lhe:

– Levas esta vassourinha e quando alguém te quiser fazer mal dizes “trabalha vassourinha” que ela dá palmadas nas pessoas e ficas protegida!

E lá foi ela. Quando chegou lá a baixo, lá estavam os sinos da missa. Ela foi a correr, deixou a vassoura com a tal senhora que estava à porta da igreja e avisou-a que não podia dizer “trabalha vassourinha”.

Pensando a senhora que já tinha mais uma coisa para levar para casa disse “trabalha vassourinha”. No mesmo instante, a vassourinha começa a dar palmadas no rabo da senhora e ela começa a gritar:

– Socorro!!!

Toda a gente sai da missa. A velhinha vê aquilo e, percebendo que era a senhora que a estava a enganar, disse-lhe então:

– Aah, então eras tu, senhora, que me estavas a enganar! Ficavas com as minhas coisas... Dizias que não tinhas dito “põe-te mesa”, “faz xixi carneirinho”, e afinal disseste tudo isso que não podias dizer!

A senhora, a chorar muito, pediu muitas desculpas à velhinha e pediu-lhe para a velhinha parar a vassoura que ela lhe dava as suas coisas todas de volta. E assim foi.

A velhinha disse:

– Pára, vassourinha!

A vassourinha parou, caiu no chão, e a senhora devolveu-lhe a mesa e o carneiro, ficando a velhinha com comida e dinheiro e com uma vassoura que a protegia!

Informante: Joana Madureira Ramos, 19 anos, estudante universitária.

Recolha: Olhão, Faro, em 2006

Coletor: Joana Madureira Ramos (cassete n.º 1 / Lado B)

Classificação: ATU 328A + ATU 563

A FAVA TÃO GRANDE QUE CHEGA AO CÉU

Era uma velhota que vivia sozinha e um dia pensou em semear uma favinha.

Então semeou a fava no quintal. A fava cresceu, cresceu, cresceu, muito... pensou: “Vou subir pela favinha para ver onde é que isto chega.”

Foi andando, andando, andando, chegou ao Céu. Chegou lá, bateu à porta e veio a Nossa Senhora:

– O que é que tu queres, velhinha?

– Ah, pois eu estou cheia de fome e venho só pedir a esta Senhora que me dê alguma coisinha de comer.

– Olha! Toma lá esta toalhinha e vai para baixo. Quando tiveres fome diz: “Põe-te mesa!” Pões a toalhinha e a mesa põe-se de tudo.

Bom, a mulherzinha desceu a favinha por aí abaixo e chegou cá a casa disse:

– Põe-te mesa!

Pôs a toalhinha, ora, era de tudo: era bolos, era pão, era peixe, era carne, era de tudo. A mulherzinha encheu a barriguinha e pronto, acabou-se a comida.

Até que a vizinhança descobriu aquilo. Uns gajos, uns malteses, que havia sempre, disseram:

– A gente tem que roubar a mulherzinha.

Um dia roubaram a mesa, à mulherzinha, com a toalha. Bom, não serviu de nada, pois eles punham-se a dizer “põe-te mesa”, mas a mesa não se punha, nada!

A mulherzinha ficou sem mesa. Diz ela assim:

– Agora o que é que eu faço?

Lá subiu ela ao Céu, outra vez. Lá foi ela, coitadinha, pela favinha acima. Chegou lá e contou à Nossa Senhora o que se tinha passado. A Nossa Senhora respondeu-lhe:

– Não te apoquentes. Toma lá este pau e quando te veres *coiso* diz: “Sacá pau!”, que a mesa logo aparece, logo se põe a mesa como se punha.

Bom, a mulherzinha veio para baixo com o pauzinho.

Quando eles começaram a dizer:

– Então e a tua mesa, o que é feito dela? Já não pões a mesa, já não comes carne? – A fazerem pouco dela.

Ela diz assim:

– Sacá pau!

O pau começa: truz, truz, truz, á pazada! (risos)

– Vá, agora quero aqui a minha mesa com a minha toalhinha.

O pau não os deixou enquanto eles não devolveram a toalha. Quando ela viu a mesa com a toalha posta, disse:

– Pára pau!

E o pau parou.

A mulherzinha ficou governada para o resto da vida. Nunca mais lhe faltou comida e nunca mais ninguém lhe roubou a mesa e a toalha. E acabou a história.

Informante: Maria Helena Santos, 59 anos, natural de Tavira, Faro, auxiliar de lar.

Recolha: em Tavira, Faro, a 21/02/2008.

Coletor: Rui Filipe Almeida Venâncio (CD n.º 1 / n.º 115-117, 00'00)

Classificação: ATU 328A + ATU 563

119

O JOÃO E O PÉ DE FEIJÃO

Era uma vez um menino chamado João, que vivia com a sua mãe, que era viúva. Como eles eram muito pobres, o João era um rapaz rebelde e muito gastador, gastava todo o dinheirinho que a mãe conseguia arranjar.

Então a sua mãe mandou-o ao mercado vender uma vaca. O João, pouco antes de chegar ao mercado, encontra um senhor, uma pessoa estranha, possivelmente até era um feiticeiro, que propôs trocar a vaca por cinco feijões mágicos. O João pensou, pensou, pensou e resolveu aceitar. Então o João resolveu aceitar a proposta do estranho, e trocou a vaca pelos cinco grãos de feijão. Ao chegar a casa, a mãe fica furiosa. Pegou nos feijões e atirou-os pela janela. Nessa noite passaram fome, pois não tinham nada para comer e o João só tinha feito disparates, na opinião da mãe. A mãe chorou, chorou...

No dia seguinte, quando o João e a mãe acordaram, repararam que na rua havia um enorme pé de feijão, com uns troncos muito grossos, muito alto. Então o João, que não tinha mesmo nada para fazer, resolveu trepar o pé de feijão. Chegou lá em cima e encontrou uma fada. Essa fada disse-lhe que ele tinha de seguir por um caminho, explicando-lhe qual o caminho e quando lá chegasse iria encontrar uma casa onde havia um gigante.

Esse gigante era o homem que tinha roubado todos os bens que eram do seu pai. E quando ele conseguisse recuperá-los, esses bens seriam para si e ele e a mãe iriam viver bem e felizes para sempre.

Então o João chegou à casa do gigante, bateu à porta, e veio uma senhora que era a esposa do gigante, abrir a porta. Entretanto essa senhora deu ao João comida e um saquinho com umas moedinhas de ouro. Mas o João, não contente com aquela prenda, voltou a casa e no dia seguinte resolveu subir novamente ao pé de feijão.

Mas desta vez já encontrou o gigante. Só que o João no dia anterior tinha visto que o gigante tinha uma galinha que punha ovos de ouro. Então resolveu roubar a galinha ao gigante. Conseguiu fugir, desceu, foi-se embora para casa.

Resolveu voltar uma terceira vez, porque também tinha lá visto uma harpa de ouro. Ao terceiro, dia o João subiu novamente ao pé de feijão, foi novamente à terra do gigante, a sua casa, e conseguiu roubar a harpa. Fugiu, fugiu, fugiu e desceu com a harpa.

Ao chegar cá em baixo, viu que o gigante vinha atrás dele. Então, o João resolveu cortar o pé com um machado. Cortou o pé do feijão e, entretanto, o gigante caiu, junto com o pé de feijão e morreu.

O João e a sua mãe ficaram com a galinha dos ovos de ouro, a harpa e assim conseguiram ter dinheiro para comprar os alimentos que necessitavam.

E viveram felizes para sempre.

Informante: Elsa de Fátima Nóbrega Lopes Rey, 32 anos, natural de Lisboa, estudante.

Recolha: em Benafim, Loulé, Faro, a 1 de Dezembro de 2010.

Coletor: Elsa de Fátima Nóbrega Lopes Rey

Classificação: ATU 328A

120

VACA, MESA E GARROCHO

Era uma vez uma velhota que estava-se a pentear ao sol e não tinha nada que comer. E foi dar volta às gavetas a ver se encontrava alguma coisa. E numa gaveta encontrou uma favinha. Disse assim:

– O que é que eu faço com esta favinha?

Ela tinha um quintalinho em frente da porta. Foi, semeou a favinha e a favinha foi crescendo, foi crescendo, foi crescendo até que chegou ao Céu.

Um dia ela estava ali, lembrou-se, subiu por cima da favinha.
 Foi, foi, subiu, subiu até que chegou às portas do Céu. Bateu à porta.
 Veio o São Pedro:
 – Então velhinha, o que é que queres?
 – Ora, vinha aqui para me darem qualquer coisinha para eu comer. Não tenho nada para comer lá em baixo.
 – Então toma lá esta vaquinha e em chegandes lá a baixo diz: “Vaquinha, caga dinheiro!”
 Ela veio para baixo com a vaquinha. Cá em baixo disse:
 – Vaquinha, caga dinheiro!
 Oh, encheu uma arca, encheu sei lá o que é que foi...
 Bom, mas no outro dia havia uma missa e ela quis ir à missa. Mas, tinha medo de deixar a vaquinha sozinha. Foi à vizinha do lado e disse-lhe assim:
 – Vizinha, não podia ficar aí com a minha vaquinha até que eu fosse à missa?
 – Pode deixar aí, vizinha.
 E ela deixou a vaquinha e abalou para a missa.
 Assim que a outra vizinha viu que ela tinha abalado para a missa, disse:
 – Eu vou experimentar.
 O que é que ela à vaquinha? Vai, disse:
 – Vaquinha, caga dinheiro!
 Cagou à farta dinheiro.
 Disse:
 – Olha lá, o que ela caga...
 Bom, veio de lá, escondeu a vaquinha caga-dinheiro e pôs outra que fazia outra coisa. Veio de lá a vizinha, esteve-se despindo e depois foi buscar a vaquinha. Disse:
 – Vizinha tem a minha vaquinha?
 – Olhe, está aí.
 Bom, a velhota pegou na vaquinha, foi para casa.
 Chegou a casa, disse assim:
 – Vaquinha, caga dinheiro!
 Encheu as paredes, encheu o chão, encheu-lhe tudo de merda...
 Disse assim:
 – Ah, esta vaquinha não é minha.
 – Vizinha, a vaquinha que eu levei não é minha. Porque ela não cagou o que eu pedi.
 – Ah, não sei, você deixou-a aí.

Bom, andou dois dias assim:
 – O que é que eu faço, o que é que eu como?
 Foi outra vez às portas do Céu. Lá a cima às portas do Céu.
 Veio o São Pedro, outra vez:
 – Já aí tu vens outra vez, velhota?
 – Ora, a vaquinha foi-se embora. Eu fiquei sem nada, não tenho nada para comer.
 – Então toma lá esta mesinha e em chegandes lá em baixo dizes: “Põe-te mesa!”
 A velhota chegou cá em baixo com a mesinha, disse assim:
 – Põe-te mesa!
 Havia filhoses, havia bolos, havia frango assado... Bom, era uma mesa recheada de tudo o que ali havia. Ela lá guardou a mesinha. Depois no fim do outro dia era a missa. A velhota foi à missa. Mas tinha medo de deixar a mesa em casa porque pensava que a iam roubar. Foi à vizinha:
 – Vizinha, eu tinha falta de deixar aqui... Você podia-me ficar aqui com a minha mesinha?
 – Posso! Deixe-a aí, que fica.
 – Mas não diga: “Põe-te mesa!”
 Disse:
 – Está bem.
 Assim que ela abalou para a missa, a vizinha disse assim:
 – Põe-te mesa!
 Ai, ela ficou... Ficou assentada de ver tanta coisa boa... E depois escondeu a mesa. Escondeu a mesa e pôs uma mesa toda sarneirosa, toda feia, ali.
 Quando a vizinha, a velhota, veio da missa foi-se despir e foi buscar a mesa.
 Disse assim:
 – Então e a minha mesinha?
 – A sua mesinha está aí.
 A velhota, chegou a casa com a mesa e disse:
 – Põe-te mesa!
 Nada!
 – Põe-te mesa!
 Nada!
 – Então e agora?
 Foi à da vizinha:
 – Vizinha, esta mesa não é minha.

– Então foi a que você deixou aí.
 – Então eu bradei-lhe e ela não me responde. Não se pôs aquilo que eu pedi.
 – Ah, não sei.
 Bom, no outro dia, não tinha nada que comer, foi as portas do Céu.
 Veio o São Pedro outra vez:
 – Já aí tu estás outra vez, velhota? Então, mas eu dei-te a mesa que põe tanta coisa para tu comeres, para encheres a barriguinha, e vens a pedir?
 – Ora, deixei a mesa à da vizinha, e quando vim de lá bradei-lhe “põe-te mesa”, e ela não se pôs.
 – Então toma lá este saco. Leva este saco e em chegandes lá abaixo, diz-lhe: “Abre-te saco, desanda garrocho!”
 Bom, a velhota, coitada, veio de lá com o saquinho, toda contente pensando que era uma coisa boa, chegou cá a baixo, disse assim:
 – Abre-te saco, desanda garrocho!
 E o saco abriu-se e saiu um garrocho, começa-lhe a dar uma sova, atrás dela, que ela não sabia onde se havia de meter. Até que lhe disse:
 – Põe-te já calado.
 Bom, o saco fechou-se.
 Depois apareceu com a cara toda roxa, o corpo todo doído, diz-lhe a vizinha assim:
 – Então vizinha, o que é que foi, caíu?
 – Caí, fui amanhar a cama, escorregou o pé, deixei-me cair.
 No outro dia diz ela assim:
 – Ah, tenho de ir à missa, mas não vou deixar aqui o saco, podem-mo vir roubar.
 Bom, foi deixá-lo à vizinha.
 – Vizinha, podia-me ficar aqui com o meu saquinho que eu vou à missa.
 – Sim senhor.
 Mas a vizinha pensava que era uma coisa boa, como era a mesa, como era a vaquinha, vai e diz assim:
 Mas a velhota disse:
 – Mas não diga “abre-te saco, desanda garrocho.”
 – Está bem, vizinha.
 Bom, a velhota lá abalou para a missa, e ela ficou. Quando ela disse:
 – Abre-te saco, desanda garrocho!
 Ele abriu-se, saiu o garrocho, deu-lhe uma sova tão grande, tão grande, tão grande, quando a velhota veio da missa que despiu-se e foi buscar o saco estava a

vizinha metida na cama. Mas ficou com ele e pôs-lhe outro que não prestava. Diz ela:
 – Vizinha, então, está deitada, o que é que foi? Tem os olhos todos roxos, caíu?
 – Ora, caí...
 Ela foi para casa, disse:
 – Abre-te saco, desanda garrocho!
 Nada!
 – Ai sim? Ah, então aí está... A vizinha está metida na cama, foi ele que lhe deu uma sova como me deu a mim. Deixa-me lá a ir buscá-lo.
 – Então vizinha, este saco não é o meu. Então e o meu?
 – Ah, esse saco é que é seu.
 – Não é não senhor! Ah, é por isso que você está na cama. Levou-as como eu levei. Muito bem-feita! Ficou-me com a vaquinha, ficou-me com a mesa e agora ficou-me com o saco e muito bem-feita que lhe deu ali uma sova.
 E ela, coitadinha, veio para casa e pronto, acabou-se.

Informante: Cristina Rosa Mestre, 48 anos, natural de Mértola, Beja.

Recolha: em Corte-Sines, Mértola, Beja, a 26 de Dezembro de 2008.

Coletor: Andreia Fragoso e Sandra Mestre (gravação / 3:47'27)

Classificação: ATU 328A + ATU 563

121

SÃO PEDRO, DEUS E O SOLDADO

Deus andava pelo mundo com São Pedro. E então, um soldado que estava na tropa, saiu da tropa e o que lhe deram foi três vinténs.
 Vinha andando muito satisfeito, com a mochila às costas, para casa.
 E diz Deus assim para o São Pedro:
 – Pedro, vai pedir àquele soldado.
 – Ó meu Divino Mestre, pois o que é que trás o pobre? Ah!
 – Vai, São Pedro! Vai, São Pedro!
 Bom, São Pedro foi.
 – Soldado, não tens para aí alguma coisinha, soldado?
 – Oh, estive tanto tempo lá na guerra, deram-me três vinténs.

Metete a mão na algibeira:
 – Toma lá: um para ti e dois para mim.
 Bom, o soldado vai andando, Deus corta a volta.
 – Pedro, vai pedir ao soldado.
 – Ah, Meu Divino Mestre, ele me conhece, ainda agora o pobre me deu.
 – Vai pedir-lhe!
 Bom, corta a volta e vai outra vez ao pé do soldado.
 – Soldado, tens para aí alguma coisinha, soldado?
 – Deram-me três vinténs. Além encontrei um... Olha, também está bem, toma: um para ti, fica um para mim. Olha que fica um para mim, ah?
 Bom, o soldado andando e Deus corta outra vez a volta, à frente do soldado.
 – Pedro, vai pedir ao soldado.
 – Ó meu Divino Mestre, então se o pobre só tem um vintém...
 – Vai pedir ao soldado!
 Bom, lá vai pedir ao soldado.
 – Oh, oh, vou para casa e não levo nada! Além apareceu um, ali outro e tu agora aqui? Olha: aí está o outro vintém...
 Deu o outro e diz assim São Pedro:
 – Olha, soldado, agora podes pedir o que quiseres.
 Diz o soldado assim:
 – Então porque não pedes tu, filho da puta? Tu também não és tão rico. Andas a pedir, e andas a pedir a mim?
 – Pede, soldado!
 Bom, diz o soldado assim:
 – O que eu vou pedir: quando eu morrer, cadeira que eu me sentar ninguém me manda levantar.
 – Outorgado!
 Bom, quando chegou a hora do soldado, o soldado veio para o céu. São Pedro está às portas do céu, sentado lá no outro mundo, quando vê vir o soldado por aí a cima:
 – Meu Divino Mestre, além vem o soldado.
 – Deixa vi-lo.
 O soldado chega à porta do céu, bate aqueles portões do céu.
 – Meu Divino Mestre, o soldado está batendo à porta.
 – Vai abrir a porta.
 – Ah, meu Divino Mestre...

– Vai abrir a porta!
 Lá vai São Pedro. São Pedro abre-lhe a porta, o soldado entra, senta-se na cadeira do São Pedro.
 Vem São Pedro e diz:
 – Eh, levanta-te lá que a cadeira é minha!
 Diz ele:
 – A cadeira é tua? A cadeira é minha!
 – A cadeira é minha!
 Era de um, era de outro...
 – Meu Divino Mestre, o soldado não me quer dar a cadeira.
 – Olha, foi o que ele pediu. Quando estava no outro mundo, ele não pediu “cadeira que se sentasse, ninguém o mandasse levantar”? Então agora fica tu de pé, que ele fica sentado.

Informante: Anália Maria, 92 anos, natural de Montegordo, V.R.S.A., Faro, aposentada, analfabeta.

Recolha: em Castro Marim, Faro, a 13 de Dezembro de 2009.

Coletor: Dália Solá Faisca (faixa n.º 18 / 13'13)

Classificação: ATU 330

122

COMO É QUE UMA VELHA CONSEGUIU PRENDER A MORTE

Era uma senhora que vivia numa aldeia sozinha, numa casa isolada, e tinha lá uma cerejeira no meio do campo que era a cerejeira mais bonita de toda a zona. E todos os miúdos iam lá roubar cerejas e a velha saía sempre à rua a gritar com eles que não lhe podiam roubar cerejas, que eram para ela, que eram para ela vender. E os miúdos continuavam. Ela ameaçava bater-lhes, atirava-lhes pedras, batia-lhes com paus, fazia tudo e os miúdos não deixavam de ir.

Um dia ela estava em casa, sentada à lareira, a fazer o jantar quando alguém lhe bate à porta. Era um senhor muito sujo, cheio de pó, a pedir-lhe comida e ela convidou o homem a entrar e partilhou metade do jantar, que já era muito pouco para ela, mas partilhou à mesma com o senhor: um bocado de pão, um guisado e um copo de vinho. E o senhor agradeceu-lhe imenso e disse:

– Agora, como foste tão boa para mim, eu vou-te dar um desejo. Podes pedir o que tu quiseres. E o que tu pedires, amanhã terás.

E ela, na brincadeira, não acreditou:

– Então olha, quero que quem quer que vá roubar as minhas cerejas só possa sair da cerejeira com a minha permissão.

E o velho:

– Sim, senhora.

Foi-se embora, agradeceu e a senhora foi-se deitar. Na manhã seguinte ela sai à rua para ir buscar lenha e ouve uns gritos vindos da cerejeira, que eram os miúdos que estavam lá presos. E ela a gritar com eles para não roubarem e eles:

– Não, nós não estamos a roubar... Estávamos a roubar, mas não conseguimos sair da cerejeira se a senhora não nos deixa sair.

Ela pôs-se a pensar: “olha, sim senhora...” Então disse:

– Cerejeira, deixa sair os miúdos.

As braças abriram-se, e os miúdos saíram da árvore e não a roubaram. Uns dias depois, a mulher estava em casa e ouve bater à porta. Abre a porta e estava um senhor todo vestido de negro e disse que se chamava Morte, que vinha para a buscar, que chegou a altura dela. E ela, muito assustada, disse que não quer morrer, que gosta muito de viver, que gosta muito de estar na Terra... Então a Morte disse:

– Vou-te deixar fazer uma última coisa que tu gostes de fazer, depois vens comigo porque vais ter de morrer.

– Está a ver aquela cerejeira lá ao fundo? – para a morte e a morte disse que sim. – Então, gostaria muito de comer pelo menos mais umas cinco ou seis cerejas, mas eu como sou muito velha não consigo subir à cerejeira. Se você não se importar, sobe à cerejeira, traz-me as cerejas, eu como as cerejas, eu vou consigo e não me importo de morrer.

A Morte faz-lhe a vontade. Sobe à cerejeira, apanha as cerejas e quando tenta descer a cerejeira não deixa a Morte sair. E a velha a rir-se, a rir-se, a rir-se...

– Agora nunca mais vou morrer!

E a morte lá presa a dizer:

– Não, tem de me deixar sair porque se você não morrer mais ninguém morre e isto da morte é uma coisa que acontece a todos. Já viu se toda a gente ficar a viver?

E ela:

– Não, não. Eu é que não quero morrer e toda a gente vai ficar contente.

Foi para casa. No dia a seguir, ela acorda e os vizinhos estão todos pasmados. Na noite anterior houve um senhor que caiu de uma ribanceira abaixo, bateu

com a cabeça e não morreu. Toda a gente estava espantada, espantada, e a velha a rir-se porque sabia porque é que ele não tinha morrido. No dia seguinte, apareceu uma criança com metade da mão decepada, toda contente também porque não tinha morrido. Tinha levado uma machadada na mão mas não tinha morrido. E a velha começa a ver as pessoas todas martirizadas, com cortes, com golpes, com ossos partidos, a sofrer, a sofrer, a sofrer, mas nenhum deles morria.

Então, ela vai à árvore e fala outra vez com a Morte e pergunta-lhe se ela deixasse a Morte sair da árvore se estas pessoas morriam todas e ela respondeu que sim. Ela pediu à cerejeira para deixar a Morte descer, ela desceu, ela morreu e toda a gente morreu na aldeia também.

Informante: Ricardo Manuel Ferreira Mendonça, 30 anos, natural do Canadá.

Recolha: em Quarteira, Loulé, Faro, a 21/03/2011.

Coletor: Ana Catarina de Sousa Almeida Lopes (cassete n.º 1 / face A)

Classificação: AT 330D

123

[HISTÓRIA DA TIA MISÉRIA]

Era uma velha, muito velha, que era muito pobre e a casa era muito velha. E só tinha uma figueira, que era a única coisa boa que ela tinha, que dava uns figos muito doces. Como ela não tinha nada, as pessoas chamavam-lha a Tia Miséria.

Então, os moços que andavam na escola, lá ao pé da casa dela, combinavam para ir roubar os figos à velha, para ir comer.

Uma vez eles combinaram todos e foram. E a velha rogou uma praga para quem subisse àquela árvore, para roubar figos, não conseguisse mais descer.

E então, os rapazes subiram à árvore, para apanhar os figos, e quando foi para começar a descer, começaram uns ventos muito fortes que não os deixavam descer da árvore.

Então as pessoas, os familiares dessas crianças, iam lá pedir à velha para os deixar descer e ela não deixava.

Um dia, a Morte toda vestida de preto, muito fria, foi buscá-la porque estava na hora dela morrer e disse:

– Miséria, vá, tens de vir comigo!

– Não, não pode ser, ainda não chegou o meu tempo!
 – Quem decide o tempo das pessoas sou eu.
 – Ai é? Então dá-me só um último desejo: apanha aquele figo que está mesmo em cima da minha figueira, que é o que apanhou mais sol. Deve ser o que esta mais docinho, de certeza.

E a Morte disse:

– Então se é só esse o teu desejo, vou satisfazê-lo.

E subiu à árvore, apanhou o figo e, quando for para descer não conseguiu, porque vinham os ventos e não a deixavam descer.

E então [deixaram de] morrer pessoas, continuavam vivas e não podiam morrer porque a Morte não os ia buscar. Então os reis começaram a ir para lá, para a porta da Miséria, para ela soltar a Morte, porque tinham soldados com setas espetadas no corpo, caídos no chão e não morriam, porque a Morte não os ia buscar.

Já diz o povo que a Morte leva tudo menos a Miséria.

Informante: Ricardo Catarro, natural de Évora, estudante, 12º ano.

Recolha: em Faro, a 20/12/2005

Coletor: Ana Rita Tomé (gravação ART O12)

Classificação: AT 330D

124

ÀS PORTAS DO CÉU

Encontrou-se um padre e um GNR à Porta do Céu e começaram a conversar. E o padre perguntou ao GNR que profissão tinha sido a dele, cá neste mundo. E o GNR disse-lhe... O padre disse que:

– Com essa profissão, podes contar que não vais para o céu. Tu fizeste muito mal, passaste muitas multas, bom, aquela coisa toda... Agora eu, eu vou direitinho ao céu, porque eu fui padre e sempre fiz o bem.

Mas, a campainha do céu era muito alta e eles eram os dois baixos.

Então o padre disse ao GNR:

– Tu pões-te às minhas cavalitas, e eu toco à campainha... o sino do céu...

(Ao contrário, o padre é que... Não, o GNR é que se pôs às cavalitas do padre).

Então, o São Pedro pergunta de lá:

– Quem está aí à porta?

– É um GNR – responde -, é um GNR a cavalo.

Então o São Pedro responde:

– Então abra a porta e entre para dentro e deixe o cavalo à porta.

O padre ficou à porta, e o GNR entrou para dentro. O GNR conseguiu enganar o padre e o São Pedro.

Informante: Esmeralda da Conceição Clara, 75 anos, 3.ª classe.

Recolha: em Santa Luzia, Tavira, Faro, a 23 de Março de 2015.

Coletor: Maria da Graça Dorsch (gravação n.º 7)

Classificação: AT 330*

125

LENDA DA COMADRE MORTE

Havia em tempos remotos um homem que tinha muitos filhos. E o desgraçado via-se com dificuldades para arranjar padrinhos, compadres.

Então um dia nasceu mais um filho. E lá se pôs o homem a caminho a ver quem é que queria ser compadre dele. E encontra um pobrezito no meio do caminho e pergunta-lhe:

– Queres ser meu compadre? O outro respondeu-lhe:

– Então, tu sabes quem eu sou?

Ele disse:

– Não, mas serves para padrinho do meu filho.

O outro respondeu-lhe:

– Mas olha que eu sou Deus.

E ele disse:

– Ah, então não serves! Porque dás riquezas a uns e pobreza a outros.

Foi por ai fora, até que encontrou um outro e faz a mesma pergunta. E ele responde-lhe:

– Então, tu sabes quem eu sou?

– Não sei, mas serves.

– Olha, eu sou a Morte.

– Ora és tu mesmo que me serves! Porque tu tratas a todos por igual.

Então a Morte aceitou ser padrinho da criança, mas disse-lhe:

– Já que me escolheste para teu compadre, eu quero-te fazer rico. Mas como é que eu consigo fazer-te rico? Tu vais fazer de médico, agora. E quando entrares na casa dos doentes, se vires que eu estou à cabeceira do doente, é sinal de que o doente não escapa e não lhes dá remédio nenhum. Se vires que estou aos pés, então receita-lhes um remédio, porque ele vai-se escapar. E não tentes enganar-me, porque senão acabo contigo.

Assim foi: o homem começou a ir de casa em casa, de casa em casa, e se via a Morte à cabeceira era irremediável e a pessoa acabava por morrer. Se via a Morte aos pés, receitava uma medicação qualquer e a pessoa curava-se.

Mas um dia, o homem, o pobre homem, que estava já a enriquecer, e na ganância de enriquecer mais foi à casa de um senhor muito rico. E viu a Morte à cabeceira. Só que o senhor muito rico disse-lhe que se ele o curasse que o fazia ainda muito mais rico.

Ele hesitou, mas acabou por virar a cama ao senhor ao contrário, para a Morte ficar aos pés, e safou o senhor.

Quando ia para casa, já a caminho, a Morte disse-lhe:

– Olha, viste que me traíste? Eu venho-te buscar por aquela traição que me fizestes.

O lavrador, o homem, pediu:

– Olha, está bem! Mas primeiro deixa-me rezar um Pai-nosso antes de morrer.

– Então reza.

Mas ele não rezou, e como não rezou, a Morte não o pôde levar e foi sem ele.

Um dia, o homem – mais tarde – encontra a comadre Morte, que estava caída no meio do chão. (Estava caída à beira da Morte, no meio do chão). E ele lembrou-se do bem que a Morte tinha feito, que o tinha tornado rico, e disse-lhe:

– Olha, comadrezita, estás aqui já no final da tua vida e só por aquilo que me fizeste eu vou rezar um Pai-nosso pela tua alma.

E assim fez. Depois de rezar o Pai-nosso a Morte levantou-se e disse:

– Pois já que rezaste o Pai-nosso, agora, eu posso cumprir a minha palavra, que é levar-te comigo.

Conclusão: A ganância nem sempre é o melhor para a nossa vida.

Informante: Ana Maria Bragança Costa, professora de português.

Recolha: em Nisa, Portalegre, a 16 de Novembro de 2006.

Coletor: Samira Mendes Tavares (REC 39)

Classificação: ATU 332

[O CAPUCHINHO VERMELHO]

Era uma vez um Capuchinho Vermelho que, entretanto, a mãe chamou e disse assim:

– Vai levar este cestinho com bolinhos à tua avó que ela está doentinha. Não vás pela floresta vai pelo caminho.

Como a avó gostava muito de flores, a Capuchinho Vermelho decidiu ir pela floresta. Entretanto apareceu lá um lobo que lhe disse:

– Vamos fazer uma partida? Tu vais por aqui, eu vou por ali.

Como o lobo era muito esperto, ele foi pelo caminho mais perto e a Capuchinho foi pelo caminho mais longe. Quando o lobo chegou lá, a avó ouviu a tocar à porta e disse:

– Quem é?

– Sou eu, a tua netinha.

– Podes entrar a porta está fechada só no trinco.

Quando viu o lobo, a avozinha fugiu logo para o armário da cozinha e o lobo vestiu a roupa da avozinha e os óculos. Quando a Capuchinho Vermelho voltou, foi à casa da avó. Bateu à porta e lá de dentro disseram:

– Quem é?

– Sou eu a Capuchinho Vermelho.

– Podes entrar, a porta só está fechada no trinco.

Ao entrar, disse assim a Capuchinho Vermelho:

– Ó avozinha, tu tens umas orelhas tão grandes...

– É para te ouvir melhor, minha netinha.

– Ó avozinha, tens uns olhos tão grandes...

– É para te ver melhor.

– Ó avozinha, tu tens um nariz tão grande...

– É para te cheirar melhor.

– Tens uma boca tão grande....

– É para te comer melhor!

E a Capuchinho Vermelho fugiu a gritar. E lá, estava um caçador a cortar lenha, ouviu a voz da Capuchinho Vermelho e foi atrás do lobo. Quanto ao lobo, desapareceu e ninguém o viu.

Fizeram um lanche e acabou-se a história.

Informante: Maria Carolina Sampaio Macedo, 6 anos, natural de Amarante, 1.º ano.

Recolha: em Amarante, Porto, a 8 de Dezembro de 2008.

Coletor: Joana Soares (Gravação 25 /)

Classificação: ATU 333

127

[OS TRÊS MENSAGEIROS]

Havia uma família – João, mulher e os filhos – que viviam numa casa isolada, mas perto tinham uma povoação.

Acontece que começou a chover muito torrencialmente e as terras começaram a alagar, e com a continuação da chuva a cair, as águas foram subindo. Os vizinhos mais próximos foram abandonando as suas casas, e passaram pela casa do João e disseram:

– Anda, João, vem embora. As águas estão a subir; a chuva não pára. É melhor abandonares a tua casa.

O bom do João e a família fez ouvidos de mercador e diz.

– Não. Eu creio em Deus e Ele certamente não me vai deixar ficar mal. Eu vou ficar.

O bom do João e a família deixaram-se ficar em casa. Acontece que a chuva não parou e a água continuou a subir. E o João passou do rés-do-chão para o primeiro andar.

Passaram uns vizinhos de barco e disseram:

– João, está na hora de deixares a tua casa porque as águas vão continuar a subir e a chuva não pára.

E o bom do João teve a ideia de mandar a mulher e os filhos de barco e disse:

– Eu não vou porque tenho muita fé em Deus e jamais Deus me vai deixar ficar mal.

O João lá ficou em casa, só que do primeiro andar passou para o telhado, porque as chuvas eram imensas e a água mais subia.

E o bom do João, quando estava no telhado, passou o helicóptero dos bombeiros:

– João, anda, anda embora. Está na altura de ires embora.

– Não, eu não vou, não saio daqui da minha casa. Deus é Pai e é grande não me vai deixar morrer.

A água continuou a subir, e o bom do João, nem a chaminé o salvou e morreu. Chegou ao Céu, pôs as mãos no peito como quem diz, a prestar contas:

– Então Deus, como é? E agora eu morri, deixaste-me morrer, Deus, eu que tanto confiava em ti... Como foi possível isto acontecer, meu Deus?

Deus respondeu:

– João, eu enviei-te três mensageiros.

Informante: Maria Domingas, 56 anos, natural de Armação de Pêra.

Recolha: em Armação de Pêra, Silves, Faro, Dezembro de 2005.

Coletor: Bárbara Mariana Abreu Nabo

Classificação: ATU 335

128

A CURIOSIDADE

Era um velhote que queria saber quando é que morria. E dizia que isto estava mal feito. E depois disse assim:

– Epá, isto está muito mal feito... A gente nem sabe quando é que morre, nem nada... A gente, para se despedir das pessoas, não sabemos...

Diz um assim para ele:

– Olha, procuras a Deus. Olha, ontem vi o Deus. O Deus é um velhote que passa aí, ainda não o viste?

– Não! Então hás-de me dizer quem é!

Estavam ali os dois, vinha Deus Nosso Senhor. E ele diz assim:

– Olha, é aquele que está além!

– Ah, é aquele velhote?

– É!!!

Um velhote magrinho, com umas barbas muito grandes... Ele foi lá falar com ele. Chegou lá, disse assim:

– Olha lá, tu é que és o Deus?

– Sou!

– Então, mas tu não avisas ninguém, quando é que morre nem quando não morre... A gente não sabe!

Deus Nosso Senhor olhou para ele e disse assim:

– Então deixa estar que eu aviso-te, deixa que eu aviso-te...

Pronto. Passou-se cinco anos, dez anos, vinte anos... Nunca mais o Homem o avisava. O homenzinho já estava muito velhinho, já andava com uma bengala... E diz assim – quando ia a passar lá naquele sítio onde tinha falado com o Deus Nosso Senhor – lembrou-se e diz assim:

– Ah, aqui é que eu o vi. Já há tantos anos... Nunca mais apareceu... Esqueceu-se de mim! Eh!

Olhou, vinha o Deus Nosso Senhor ali. Diz:

– Olha, é aquele! Então, esqueceste-te de mim ou o que é que foi... Nunca mais me disseste nada, nunca mais me avisaste quando é que eu morro...

– Então não te avisei? Já te avisei!

– Não avisaste!

– Avisei! Então... Quando aqui te encontrei, da outra vez, tinhas o cabelo todo preto, tinhas os dentes todos, andavas direitinho. Agora, já não tens cabelo quase nenhum, está todo branco, já não tens dentes, e andas com uma bengala já... Ainda queres que eu te avise mais? Estás avisado... Pronto.

Informante: Germano, 65 anos, natural de Avis, Portalegre, motorista.

Recolha: em Alverca, Vila Franca de Xira, Lisboa, a 14/10/2007.

Coletor: Andreia Cabecinhas (faixa n.º 18)

Classificação: ATU 335

129

O PRÍNCIPE BEZERRO

Era uma vez uma rainha que gostava de ter um filho nem que fosse um bezerro; depois mais tarde teve um filho que era um bezerro.

E depois foi crescendo, crescendo e depois ia aos bailes como os moços, e as raparigas limpavam-lhe a baba com um lenço. E depois ele apaixonou-se por uma rapariga e pediu-a em casamento. Foram casar, lá casaram. No dia do casamento à noite foram-se deitar. Era um bezerro, mas despiu a pele ficou um belo rapaz. A mãe dela, no outro dia, veio-lhe perguntar como é que tinha sido, e ela disse:

– Ai mãe, foi uma maravilha, olhe, [ele] despiu a pele, ficou um belo rapaz.

Diz-lhe a mãe assim:

– Olha filha sabes o que é que tu fazes? Amanhã à noite queimas-lhe a pele.

Bom, no outro dia a seguir, na outra noite, ela pensou em queimar-lhe a pele. Foi queimar a pele, ainda bem a pele começava a arder, ele deu um grande grito e disse:

– Ai, desgraçada mulher, que me quebraste o meu encanto. Agora só me tornarás a ver quando estragares sete pares de sapatos de ferro.

Bom, ela viu-se abandonada, comprou sete pares de sapatos de ferro e andou por todo o mundo. Ninguém sabia onde era a morada do Príncipe Bezzerro, chamavam-lhe o Príncipe Bezzerro. Bom, foi à casa da Lua, era de noite. Lá viu uma luzinha muito longe, depois foi, era a casa da Lua. Chegou, bateu à porta, veio uma velhota, muito velhinha que disse assim:

– O que é que faz por aqui menina? Se a minha filha vem e a vê é capaz de a matar.

E ela disse:

– Ai, eu só queria um cantinho onde dormisse esta noite.

– E o que é que a menina quer?

– Eu vinha perguntar à senhora Lua, ver se ela sabia onde é que era a morada do Príncipe Bezzerro.

Bom, ela lá esteve. Chegou a Lua, iluminou a casa toda e disse:

– Minha mãe cheira-me a carne humana.

E ela disse:

– É uma menina muito bonita que está ali filha. Vem perguntar-te se tu sabes onde é a casa do Príncipe Bezzerro.

E ela disse:

– Eu não sei minha mãe, mas o Sol, como vai a todo o lado, é capaz de saber.

Bom, no outro dia despediu-se e a velhinha deu-lhe uma noz, ela lá foi, lá foi. Depois tinha fome e pensou em partir a noz. A noz, tinha um sarilho em ouro, a coisa mais linda do mundo. Ficou com aquilo.

Depois foi à casa do Sol. Bateu à porta e veio também uma velhota.

– O que é que a menina quer daqui?

– Ai, eu queria que me desse um cantinho para eu ficar esta noite.

– Olhe, se o meu filho Sol vem e a vê, é capaz de a matar.

– Ai, eu só vinha perguntar se ele sabia onde era a morada do Príncipe Bezzerro.

Bom, ela escondeu-se ali por detrás da porta. Veio de lá o Sol iluminava a casa toda, e disse:

– Minha mãe cheira-me a carne humana.

E ela disse:
 – Ai filho, é uma menina muito bonita, que está ali. Vem-te perguntar se tu sabes onde é que é a morada do Príncipe Bezerro.

E o Sol disse:
 – Eu não sei, mas o Vento, como se mete em todo o buraco, é capaz de saber.

No outro dia, ela abalou, e a velhota deu-lhe outra noz. Aí no caminho ela foi partir a noz, estava lá um sarilho em oiro, e ela levou aquilo.

No outro dia ela foi à casa do Vento. Também veio uma velhota lhe dizendo a mesma coisa:
 – O meu filho, quando vem, entra com um grande espalhafato. Se ele vem e a vê é capaz de a matar.

E ela disse:
 – Ai, eu só vinha perguntar se ele sabia onde era a morada do Príncipe Bezerro. Bom, lá veio o Vento, com um grande espalhafato, e disse:
 – Minha mãe, cheira-me a carne humana.

E a mãe disse:
 – Olha filho, é uma menina que está ali, e te vem perguntar se tu sabes onde é a morada do Príncipe Bezerro.

Diz ele assim:
 – Sei muito bem onde ele mora, mas ela tem que ir depressa porque ele vai casar daqui a três dias.

Ela despediu-se no outro dia, e a velhota deu-lhe uma noz, que tinha uma galinha com pintos de oiro, a coisa mais linda do mundo. Bem, ela arrecadou tudo e pôs-se a caminho. Foi bater à porta do príncipe. Bateu à porta e veio uma criada. Depois disse assim:
 – Ai, que lindas coisas que a menina traz aí.

E ela disse:
 – Eu dou-lhe uma destas coisas, se me deixar ficar no quarto do príncipe.

E ela disse:
 – Então vá lá, eu dou-lhe as dormideiras e a menina fica no quarto dele.

Ela foi levar um copo de água com as dormideiras e ele dormiu, e ela dormiu lá e ele não deu por isso. No outro dia foi outra vez. A criada disse:
 – Ai, mas o príncipe pode desconfiar.

Diz ela:
 – Não! Eu dou-lhe agora outra peça destas mas tem que me deixar dormir no quarto do príncipe.

Dormiu outra vez no quarto do príncipe. Na terceira noite, era a galinha com os pintainhos, era a coisa mais linda do mundo. E ela disse-lhe:
 – Eu dou-lhe esta galinhita, mas tem que me deixar dormir no quarto do príncipe.

E ela disse:
 – Então vá lá, eu faço como nas outras noites.

Só que o príncipe nessa noite não bebeu a água, não bebeu a água. Ela dormiu no quarto dele, depois lá de noite ele acordou e viu-a lá e depois ele disse:
 – Então já ai estás, já deste comigo?

E ela disse:
 – Já gastei os sete pares de sapatos de ferro, mas dei contigo. E agora quero casar contigo.

E depois ele disse:
 – Eu já tenho um casamento marcado, mas em vez disso vou casar contigo.

Depois casou com ela.

Informante: Maria Estêvão Cavaco, 75 anos, natural de Freixo Seco de Cima, Loulé, Faro, reformada, 3.ª classe.

Recolha: em Freixo Seco de Cima, Loulé, Faro, a 14-11-2005.

Coletor: Carina Isabel Martins Anastácio (cassete n.º 3 / Face B)

Classificação: ATU 425A

O PRÍNCIPE LAGARTO

Era uma vez um rei e uma rainha que não tinham filhos. E então, a rainha pediu à Nossa Senhora que lhe desse um filho, nem que fosse com a cabeça de um bicho, que fosse um bicho, uma coisa assim... Tanto pediu, tanto pediu, até que a rainha teve um filho e nasceu com cabeça de lagarto: um lagarto. Bem, cresceu, cresceu, e fez-se um homem. E morava ao pé, em frente do palácio, um casal que ela era costureira, a mãe, e cosia para o palácio e tinha três filhas muito bonitas.

O príncipe lá vinha à janela, assomar-se, para ver as três meninas. E um dia o que é que ele se lembrou? Disse à mãe que se queria casar. E a mãe disse-lhe assim:

– Ó filho, tu queres casar? Então onde é que há uma rapariga para ti? Então se tu és um bicho, o que é tu queres...

– Não sei, minha mãe, eu quero casar. Bom, eu quero casar e... eu quero casar e é com a filha mais velha ali da nossa vizinha costureira.

– Ó filho, então... não sei... A mãe tem que ir falar com ela.

E a mãe lá foi, muito envergonhada, lá foi. Preparou-se o casamento, mas... ah... mas o noivo não aparecia. Preparou-se o casamento, fizeram o casamento, a mãe muito vergonhosa lá foi. E ela, coitada, pois não ia dizer que não. Quem mandava nesse tempo era o rei e tinha que fazer tudo o que ele mandava.

Casou. Na noite do casamento foi para a cama e noivo nenhum. Fez o banquete e noivo nenhum. Às tantas, estava deitada, ai não... estava sentada no banquete, e o lagarto veio de lá e pulou para o colo. Ela vem, apanhou um grande medo, sacudiu-o e disse:

– Ai o bicho!

Foi-se deitar e o bicho, à noite, foi e matou-a.

No outro dia, estava a rapariga morta. A mãe calculou logo que era ele.

Passou aquele tempo, passou, começa ele outra vez:

– Mãe, eu quero-me casar.

– Outra vez, filho? Então agora o que é que eu faço à minha vida? Então e com quem é agora?

– Com a filha do meio da nossa vizinha costureira.

– Então tu mataste a outra e agora...

– Já lhe disse!

Bom, lá foi a pobre da mãe. (As mães é que vão sempre, não é?) E a pobre da mãe lá foi falar com a vizinha, com muita vergonha e desculpa. A pobre da rapariga pois não teve outro remédio, casou. Fez-se a boda da mesma maneira da outra a... Estava sentada também ao jantar, sentada na mesa veio aquele bicho, ela sacudiu-o e o bicho foi-se embora. Ela teve medo. Foi-se deitar, no outro dia de manhã estava morta também. Bem, estava morta, foram abrir a porta... Não havia meio dela se levantar e foram abrir a porta do quarto. A rapariga estava morta.

Passou o tempo. A mãe, coitada, lá lhe disse:

– Então tu mataste?

– Sim.

No outro dia, passou tempo, ele anuncia outra vez à mãe que quer casar.

Diz a mãe:

– Então e com quem?

– Com a filha mais nova.

– Oh filho, eu não vou...

– Vai, a mãe vai, que eu quero casar com a filha mais nova.

A mãe lá foi. A mãe lá foi, muito envergonhada e aquela lá veio:

– Não, eu não tenho medo!

Bem, ela casou. Lá aconteceu o mesmo. Quando estava no coiso, aparece o bicho e vem-lhe para o colo. E ela:

– Ai, o meu bichinho, tão bonito!

Acariciou-o, fez-lhe muitas festas e o bicho desapareceu. O bicho desapareceu, às tantas da noite sente ela vir uma pessoa vir-se a deitar com ela. Mas a curiosidade foi muita, queria saber quem era, e então ela foi e acendeu a vela (nesse tempo não havia luz era as velas). Acendeu a vela e quando ela vê um rapaz tão lindo deitado com ela. Era o príncipe que estava encantado. Ela não o deitou fora, não o sacudiu e fez-lhe festas e desmanchou o encanto. E então ele tornou-se num lindo rapaz, mas só depois da meia-noite é que acabavam os encantos. (Naquele tempo, agora já não há encantos – [risos]). E então, ela acendeu a vela. E o rapaz estava a dormir, e ela... O rapaz era tão lindo que ela distraiu-se, deu-lhe a vela ao lado e cai uma pinga de cera na cara do rapaz. E ele acordou, pregou um grito. E então disse:

– Ai! Dobraste-me o encanto!

Ele voltou a ficar encantado. E então diz-lhe ele assim:

– Olha, e agora se tu quiseres, se me quiseres encontrar, tens que gastar umas botas de ferro. E é nessa altura que tu me desencantas.

Bom, ela coitada, no outro dia não a via... E anuncia aos sogros que tinha que se meter ao caminho. Tinham que lhe arranjar umas botas de ferro e ela, só quando ela gastasse as botas de ferro é que o encontrava.

Ela, coitada, mete-se a caminho e toca de andar. Toca de andar, foi dar a uma casa. Foi dar a uma casa... Então ela foi, meteu-se a caminho, a caminho, a caminho, e chegou a um palácio. Foi, bateu à porta, veio uma velhinha. Veio uma velhinha, ela lá disse o que queria: disse que a deixasse ficar ali. Ela deixou-a. Ficou, mas a velhinha disse:

– Ai, o meu filho é tão mau, menina... É o rei dos carneiros. É muito mau, mas pronto, fique aqui.

Ele, quando chegou, disse para a mãe:

– Cheira-me a frango real. Ponha-me a mesa que eu quero jantar. Quem é que tem das portas para dentro?

Responde a mãe:

– Ó filho, não tenho ninguém.

Começou à marrada com as coisas.

– Ó filho, está sossegado, eu não tenho ninguém.
Quando a mãe o apanhou assim mais calmo, disse-lhe assim:
– Ó filho, está ali uma rapariga...
– Onde é que está essa rapariga?
– Está ali, coitadinha. Ela vem de tão longe... Anda à procura do marido que é o príncipe lagarto.
– Ai, ela ainda tem muito que andar!
Então ele vai e dá-lhe uma pêra. Diz-lhe ele assim:
– Ainda tem que andar muito. Tome lá uma pêra em ouro.
Deu-lhe uma pêra em ouro e ela lá foi.
– Agora, ainda tem que ir ao palácio das maçãs e depois o dele é o das laranjas.
Então ela caminhou, caminhou, caminhou, até ao outro palácio e as botas já se tinham gastado. Entrou, bateu à porta. Veio à mesma uma velhota, que lhe disse que o filho era muito mau. O filho chegou e disse:
– Cheira-me a frango real. Ponha-me a mesa que quero jantar. Quem é que tem das portas para dentro?
– Ai filho, não tenho ninguém. Sossega que não tenho ninguém.
Tanto que depois, a mulherzinha diz-lhe assim:
– Olha, está ali uma rapariga que anda à procura do marido e agora chegou até aqui...
Diz-lhe ele assim:
– Então diga-lhe a ela que venha aqui.
Ela lá foi, com muito medo, mas ele disse-lhe:
– Não tenha medo que eu não lhe faço mal!
Então diz ele assim:
– Ai! Ainda tem muito que andar, mas pronto.
Pegou nele e...
– Tome lá, amanhã ponha-se a caminho... Tome lá esta maçã. – Era em ouro, também.
Bom, ela lá foi andando, andando, e teve que ir ao outro palácio que ele lhe disse, do outro amigo. Lá foi, chegou lá, o outro era melhor, não era tão bravo como os primeiros que ela encontrou. A mãe lá lhe esteve a dizer e ele disse:
– Ai menina, tem que ir muito depressa, porque ele vai casar daqui a três dias com uma princesa do palácio vizinho. E faltam três dias.
E então, ela chegou à porta do palácio – ele deu-lhe a laranja, também em ouro.
Chegou à porta do palácio e montou uma tenda com a pêra. Vem a criada e assoma-se e vê e diz assim:

– Ai menina, está ali uma mulher vendendo com uma pêra em ouro tão linda, tão linda... Ai, que linda para o seu enxoval de casamento menina! Ainda não se viu uma coisa tão linda.
– Olha, lá vai lá perguntar quanto é que ela quer por ela.
Ela lá veio, a criada.
– Olhe, diga lá à sua patroa que eu não quero nada pela pêra. Só quero dormir com o príncipe à noite.
Ela vem...
– Então quanto é que ela quer pela pêra? – Porque a princesa também se assomou e viu a pêra que era muito bonita.
– Olhe, minha senhora, ela não quer nada. Diz que quer dormir com o príncipe à noite.
– Ai! Agora dormir com...
– Ora menina, não tenha receio por isso. A gente arranja maneira. Olhe, deitamos qualquer coisa no comer, no chá do príncipe. Quando ele estiver muito bem a dormir, que a gente saiba que ele está dormindo, a gente vai buscar a velha – ela estava vestida de velha – e mete-a lá a dormir com ele. E depois de manhã, antes de ele acordar, a gente vai buscá-la logo cedo.
Bom, assim fizeram.
Ela lá foi, começa ela coitada a chorar:
– Príncipe lagarto, disseste-me que se eu quisesse dar contigo tinha de gastar as botas de ferro. Eu já gastei as botas de ferro e estou aqui a dormir contigo e tu não me ouves.
Ah, o coitado estava adormecido... Quando foram horas, de manhã, elas foram buscá-la e ela foi para rua.
No outro dia, pôe-se com a maçã. Assoma-se a criada:
– Ai minha senhora. Olhe, hoje tem uma maçã! Se a pêra era bonita, a maçã ainda é mais linda.
– Vai lá perguntar quanto é que ela quer por ela.
Lá foi. Veio de lá:
– Olhe, diz que quer dormir com o príncipe à noite.
– Ah, então?
– Ora, minha senhora, faz-se o mesmo!
Assim fizeram. Toca ela coitada de começar a chorar e a clamar que já tinha gasto as botas de ferro e já era a segunda noite e ele não coiso...
Mas o príncipe começou a andar desconfiado:

– Mas que diabo é isto? Mas eu não dormia até tão tarde e agora durmo tanto...
 À noite não bebo chá, a ver...
 Comeu e depois:
 – Então?
 – Não, não me apetece o chá, hoje, não quero.
 Ela tinha posto a laranja e já estava tudo combinado.
 – Então agora o que é que a gente faz? O príncipe não quis...
 – Ora, ele ainda está com a dormideira das outras noites, quando ele estiver dormindo a gente vai buscar...
 Pois assim foi. Quando elas pensaram que ele estava dormindo, foram buscá-la e ela começou à mesma:
 – Príncipe lagarto, já gastei as botas de ferro, já com esta é a terceira noite que durmo aqui contigo e tu não me ouves.
 Respondeu ele:
 – Alto lá, ouço sim!
 Então, lá trancou a porta. Era o dia do casamento, já era o dia do casamento, que ele ia casar.
 – Então e agora? – Elas todas muito aflitas:
 – Então o príncipe fechou a porta... Então e agora o que é que a gente faz? E a mulher está lá dentro.
 Ele fechou a porta e deixou-a lá dentro, não a trouxe para fora. E elas todas com o cuzinho... Veio muito satisfeito para fora, deu os bons dias e depois diz assim:
 – Meus senhores, eu vou pedir-vos um conselho. Eu tinha umas luvas novas e perdi-as. Comprei outras e agora encontrei as primeiras que tinha. Qual é o conselho que os senhores me dão? Que eu use as que tinha dantes ou use as novas?
 E todos disseram:
 – Use as que tinha dantes.
 – Então pronto, é isso mesmo que eu vou fazer. Olhem, eu tinha a minha mulher mas perdi-a. Ela agora apareceu e então eu agora fico com ela, que ela foi a primeira.
 E acabou-se a história.

Informante: Maria Vitória Barão, 65 anos, natural de Vila Nova de Cacela, VRSA, Faro

Recolha: Vila Nova de Cacela, V.R.S.A., Faro, a 4 de Novembro de 2006.

Coletor: Margarida Nunes Rosa (faixa n.º 5)

Classificação: ATU 425A

OS SAPATINHOS DE FERRO

Era uma vez uma princesa que casou com um príncipe, mas uma certa altura, o príncipe partiu, foi-se embora e disse:

– Se me quiseres ver, sapatinhos de ferro hás-de romper.

A certa altura, ele não aparecendo, a princesa resolveu ir à busca dele. A primeira vez, a que casa é que foi bater? Foi à casa do Sol. Apareceu a mãe do Sol que disse-lhe:

– Ai, vai-te embora porque o meu filho é tão escaldante e queima-a toda!

Mas ela sempre ficou, e a mãe do Sol disse-lhe:

– Então fique lá.

E a princesa ficou numa casa até que o Sol chegasse.

Quando lá chegou, o Sol disse:

– Aqui me cheira a pano real e a carne carnal. Onde está ela que a quero tragar?

O Sol disse:

– Fique lá, fique lá.

E então ela disse ao Sol que vinha em busca de um príncipe assim-assim, e ele disse-lhe:

– Esse príncipe está para casar, agora. Daqui a quinze dias o príncipe casa com uma princesa muito bonita, mas tu ainda és mais bonita que a princesa. E depois o Sol agarrou um cacho de uvas dourado e deu-lho, que era para ela oferecer ou vender à princesa.

E ela foi-se embora, foi andando, foi andando e foi bater à casa da Lua. A mãe da Lua disse-lhe:

– Ai, ai, a minha filha dá muitas doenças, e você se calhar adoecer e morrer aqui.

Depois, assim que a Lua chegou, disse-lhe assim:

– Aqui me cheira a sangue real e a carne carnal. Onde esta ela que a quero tragar?

E a mãe da Lua disse.

– Ai, minha filha, não faças mal a essa desgraçada, que veio à busca do marido dela. Então não lhe faças nada.

Depois, a Lua veio e disse:

– Então onde é que ela está?

A princesa perguntou à Lua se ela sabia onde estava um príncipe assim-assim.

A Lua respondeu:

– Sim, sei. Mas esse senhor está para casar daqui a uns quinze dias mais ou menos. Mas a princesa é muito bonita, mas tu és mais bonita.

Depois a Lua ofereceu-lhe um cacho de maçãs em ouro.

Depois ela foi-se embora, foi indo, foi indo e foi bater à casa do Vento. E a mãe do Vento disse-lhe:

– Ai, ai, o meu filho vem escarapelando tudo, e é capaz de te matar ai debaixo das paredes. Mas fica lá.

E a rapariga ficou.

Ao fim de um pouquinho tempo, chegou o Vento e disse-lhe assim:

– Aqui me cheira a sangue real e a carne carnal. Onde está ela que a quero tragar?

Depois, a mãe do Vento disse assim:

– Ai, é uma senhora princesa, uma rapariga que vem à busca do marido. Não lhe façam mal, não lhe façam cair as paredes em cima.

A rapariga ficou e o Vento chegou e disse-lhe assim:

– Então, o que é que queres?

E a princesa disse:

– Ai, ai, como você cheira por aí tudo, anda em todo o lado, é para lhe perguntar se você sabe onde está um príncipe assim, assim, assim.

E ele disse assim:

– Sei sim! O príncipe está em tal parte assim, assim. Olha que está para casar. Ao fim de quinze dias ele vai casar. Mas ela é muito bonita, mas tu ainda és mais bonita.

E depois ela foi andando, foi andando, foi andando até que chegou a um monte onde estava o príncipe. E assim que lá chegou foram logo dizer:

– Ai, está ali uma mulher muito bonita, ai tão linda, ai tão linda.

E depois ela vai de lá e tirou a primeira coisa que o Sol lhe tinha oferecido, que era um cacho de uvas em ouro, muito bonito.

Depois a aia foi dizer à princesa:

– Ai, está ali uma senhora, ai que coisas tão bonitas que ela traz para vender. A senhora vá lá ver.

A princesa foi ver e disse-lhe:

– Ai, venda-me esse cacho de uvas.

E ela disse:

– Não lhe o vendo que lhe o dou, mas é preciso que a senhora me deixe dormir com o príncipe.

Diz-lhe a ela assim:

– Ora, pois era só o que faltava!

E ela disse:

– Sim senhora, a senhora deixa-me dormir com o príncipe e eu dou-lho o cacho de uvas dourado.

Foi para casa e veio de lá a aia, disse assim:

– Ora, porque é que a senhora não a há-de deixar dormir? A senhora princesa dá-lhe o chá das dormideiras e ele deixa-se dormir, não faz mal nenhum. Depois a princesa assinou.

À noite, o príncipe foi-se deitar e ela deu-lhe o chá das dormideiras e a outra princesa deitou-se com ele. Lá pela noite fora, começou ela a dizer:

– Então não te lembras assim, assim, assim que me disseste: “sapatinhos de ferro eu havia de romper”?

Mas o príncipe não lhe respondia nada, estava completamente adormecido com o chá das dormideiras.

No outro dia ela vai de cá e põe a prenda que a Lua lhe ofereceu, que era um cacho de maçãs douradas.

Depois lá foi a aia dizer outra vez à princesa:

– Ai, minha senhora, hoje ainda são mais bonitas, vá lá ver.

A princesa foi ver e disse-lhe:

– Venda-me esse cacho de maçãs!

– Eu não lhe vendo que lhas dou, se a senhora me deixar dormir com o príncipe.

– Ora, pois então, era só o que faltava!

E a aia disse:

– Deixe-a, deixe-a dormir. Ora ontem à noite ele não ouviu nada, estava dormindo.

E vai a princesa e deu-lhe o chá das dormideiras e ele dormiu.

E ela disse:

– Então não te lembras que eu sou tua mulher? Não te lembras quando me disseste: “se me quiseres ver sapatinhos de ferro tinha que romper”?

E o príncipe não dizia nada.

Mas depois o príncipe foi passear para ali e estava ali um senhor que morava paredes-meias com o príncipe. E disse assim ao príncipe:

– Ouça lá, ó senhor príncipe. Então você dorme assim, assim com uma mulher consigo – não sei se é mulher ou homem – que lhe diz: “se me quiseres ver, sapatinhos de ferro há-de romper”. Diz-lhe essas coisas todas e você não dá resposta?

Então, o príncipe ficou com aquilo nos ouvidos.

No outro dia, vai ela e põe a prenda que o Vento lhe deu e disse a mesma coisa à princesa:

– Não lhe vendo que lhe dou, se me deixar dormir esta noite com o príncipe.

E vai de cá a aia e disse:

– Porque é que a senhora não a há-de deixar?

Depois a princesa ficou convencida e deixou-a dormir. Mas o príncipe, como o homem lhe tinha dito o que tinha ouvido, o príncipe não bebeu o chá, enganou a princesa.

Lá por essa noite fora, falou com a princesa e assim que a ouviu, conheceu-lhe logo a fala e disse:

– Aí estás, como vieste cá parar?

E ela, depois, esteve-lhe a contar. E ele disse-lhe:

– Eu estou [noivo] mas isso não importa. Com quem eu caso é contigo. Eu sempre vou à Igreja, sempre vou com a outra, mas venho de lá e o casamento é desmanchado.

Depois, de manhã, levantaram-se e o príncipe disse à princesa:

– Tu agora ficas trabalhando aqui nesta casa, que eu arranjo-te aqui trabalho, e depois daqui a mais uns dias, no dia em que eu estiver para casar, eu dou-te coisas mais bonitas de vestir, os vestidos mais bonitos que houver no mundo. E tu, depois, quando eu for ao quarto e te chamar, tu vens, mas é só no dia em que eu estiver para casar. Agora calas-te não digas nada.

Lá terminou o casamento, casou à mesma com a outra princesa. Depois, estava à mesa do banquete, em que cada um contava a sua partida, e o príncipe, que estava já casado com a princesa, disse:

– Eu vou contar uma partida para ver se os senhores lhe acham jeito. Eu tinha um baú e fui passear para uma herdade e perdi a chave. Mas a certa altura mandei fazer uma chave. E depois de fazer a chave, ao fim de algum tempo, achei a outra chave, que também era muito bonita. Vou buscar a chave. Digam-me lá os senhores qual é a chave que eu fico? Se é com a mais velha ou com a mais nova?

E os convidados disseram-lhe:

– O melhor que você faz é ficar com a mais velha, basta ser toda dourada.

O príncipe foi buscar a chave, que era a princesa, para que os convidados a vissem. A princesa apresentou-se, e como ela vinha, viu-se que a chave era ela. Então ele vai de cá e retirou a outra do lado e pôs a outra ao lado dele, a que era a mulher dele antigamente. E ele esteve a contar como tudo tinha acontecido.

Informante: Conceição Maria Martins, 63 anos, natural de Moinhos de Vento, 4.ª classe.

Recolha: em Mértola, Beja, a 5 de Novembro de 2005.

Coletor: Filipa Raquel dos Reis Rodrigues (CD n.º 1 / faixa n.º 3)

Classificação: ATU 425A

132

O PRÍNCIPE MACHO

Havia uma rainha que não tinha filhos. E então, estava sempre a pedir à Nossa Senhora que lhe desse um filho. Foi, por fim ela engravidou e ao fim de nove meses teve um filho, mas um macho. Teve um macho, e então ela com um grande desgosto, mas teve que se contentar.

Ele estava preso no palheiro, junto aos outros cavalos. E ao sol-posto ia o criado, ao chafariz, com as bestas todas, dar água. E estavam sempre três raparigas lá, a lavar: as filhas de um sapateiro.

E depois, o macho veio para casa – ele falava – e disse para a mãe:

– Mãe, eu quero casar com a filha do sapateiro, a mais velha.

– Ó filho, mas alguma vez a rapariga quer casar com um macho?

– Eu quero casar com ela. Diga ao meu pai que arranje o casamento.

Maneiras que arranjaram o casamento. A família dizia:

– Não queiras, filha. Não vês que é um macho?

– Mas vou ser rainha. Ele é rei... (Ele era o filho da rainha...)

Maneira que, na noite, estava tudo à mesa, ela muito satisfeita, muito satisfeita... la vestir um vestido, depois ia despir aquele, depois ia vestir outro, muito vaidosa. E ele no palheiro.

Depois a família dizia assim:

– Então está contente?

– Estou. Agora visto os vestidos que quero.

Ele depois foi-se deitar. Na noite apareceu ele ao pé dela e matou-a. Matou-a, e depois nesse dia foram as duas só lavar, ela não foi, já tinha morrido. Maneira que ele veio para casa, disse à mãe:

– Mãe, quero que arranjem o casamento para casar com a outra filha dele.

– O sapateiro não quer. Então já mataste a outra...

– Matei a outra porque ela se portou mal.

Depois casou com ela. Casou, e depois, ela queria era vestidos, era luxo e não queria saber dele para nada. Foi, ele, matou-a.

Depois ele disse:

– Agora eu quero casar com a outra.

– Mas, ó filho, não penses nisso. Eles não querem saber de ti. Então tu já mataste as duas...

– E agora vou casar com esta.

Maneiras que o pai arranhou o casamento, casaram. Casou com ela, foram todos para a mesa, e ela veio para o palheiro.

E ele disse:

– Então não vás para a mesa?

– Não, o meu lugar é aqui ao pé de ti.

Depois a família vinha chamá-la:

– Anda já para a mesa.

– Não, o meu lugar é ao pé do meu marido.

– Ah, mas ele é um macho... Agora ficas sempre no palheiro?

– Seja ele o que for, mas eu tenho que estar ao pé dele.

Maneiras que depois, quando acabou a festa, ela foi-se deitar. Num lindo quarto, uma linda cama, tudo muito bonito. Maneiras que ela estava a dormir quando um rapaz chegou ao pé dela. – Era ele. Ele estava encantado. Chegou ao pé dela, tocou, ela acordou e gritou.

Ele diz:

– Não grites. Não grites que eu sou o Príncipe Macho. É preciso que não grites.

Maneira que ela ficou muito contente e depois ia dormir com ela todas as noites.

A mãe, desconfiou – a mãe dele – diz:

– Mas então, será algum amante que ela tem?

E foi um dia, foi espreitar, e viu aquele rapaz muito bonito deitado ao pé dela. Mas deu assim a volta viu a pele do macho, no chão.

Vai ela, diz assim:

– Pois agora vou acender o forno e pego na pele do macho e vou queimá-la. É o meu filho que está encantado...

Depois ela jogou a pele para dentro do fogo. Ele deu um grito e disse:

– Ai, eu estava quase a ser desencantado e a minha mãe agora dobrou-me o encanto. E agora vou para a Quinta da Laranja.

E então disse a ela:

– Agora para me tu veres, tens que gastar muitos sapatos de ferro, para ires dar comigo. E a minha mãe nunca mais me vê.

Depois, ela abalou. Abalou, foi andando, foi andando, foi andando, foi dar à casa do Vento. Depois a mãe do Vento disse:

– Ó menina, não podes estar aqui, que o meu filho quando entra vem muito zangado e pode-a tratar mal.

– Eu só quero lhe pedir um favor...

Depois entrou o Vento, muito zangado, e ele chegou, disse:

– Cheira-me a sangue real e a carne carnal. E a minha mãe tem em casa e não me quer dar.

– Ai, filho, é uma pobrezinha que anda à pergunta do marido que desapareceu já há muito tempo.

– Então, se ela o quer encontrar, tem que ir à casa do Sol.

Maneira que ela andou, andou, andou, andou, foi dar à casa do Sol. Foi dar à casa do Sol, o Sol entrou em casa, a mãe disse:

– Não te zangues, filho, tenho aí uma pessoa em casa.

– E quem é que está em casa que me cheira a sangue real e a carne carnal e você tem aí em casa e não me quer dar?

– É uma rapariga que anda à pergunta do marido.

Depois ele disse:

– Então tem que ir à casa da Lua.

Depois foi à casa da Lua. Foi, correu, correu, correu, foi à casa da Lua. Apareceu a Lua, de noite, e disse:

– Quem é que a minha mãe tem em casa que cheira-me a sangue real e a carne carnal e a minha mãe tem e não me quer dar?

– Olha, é uma rapariga que anda à procura do marido.

– Ah, pois esse rapaz vai casar, daqui a três dias. Ele mora na Quinta da Laranja. E para você ir lá ter com ele, eu dou-lhe aqui uma noz. Você leva esta noz, não dê cabo dela.

Chegou lá a esse palácio, perguntou se podia lá ficar – disseram que sim. Ela no outro dia de manhã levantou-se, e começou a aparecer-lhe muita coisa, muita coisa, muita coisa: uns em cobre, uns em prata, outros em ouro, tudo...

Depois, foi uma criada:

– Você não me quer vender estas coisas que é para a gente oferecer à rainha, que vai casar com o Príncipe Macho?

Diz ela assim:

– Eu não vendo. Eu dou, mas deixem-me eu ir dormir no quarto dele.

Depois as criadas disseram:

– Então está bem.

Maneira que foi dormir no quarto dele, deitar-se no quarto dele, mas as criadas o que fizeram? Deram vinho dormente a ele e ele foi-se deitar não ouviu nada. E ela chorava, chorava, chorava, de roda dele:

– Há três dias que aqui estou. Tu vais casar e abandonaste-me. A tua mãe queimou-te a pele, dobrou-te o teu encanto. Eu não fui a culpada...

Enfim, chorava muito. Ele não ouvia nada.

Ele no outro dia foi fazer a barba e o barbeiro, que estava em baixo desse quarto onde essa rapariga dormia, ouviu aquilo todo e contou a ele.

Diz ele assim:

– Eu tenho quase uma ideia de ter sido casado... Mas o que é que a rapariga dizia?

Ele contou tudo o que ouviu da rapariga. Diz ele assim:

– Então está bem.

No outro dia, ele foi – já era para casar – disse... (Ah, e ela usou muitos sapatos de ferro para chegar até lá: rompia-se, jogava-se, depois rompia-se, jogava-se...)

Foi ele, disse para o barbeiro:

– Então você faz uma coisa: eu amanhã vou falar com a rapariga.

A rapariga veio e depois ele disse:

– Esta rapariga foi casada comigo... – E depois contou tudo: do encanto que houve, e o pai e a mãe que dobrou o encanto... – Foi casada comigo. Ela agora apareceu. Ela foi a origem de eu me ter desencantado. Agora o que é que eu faço? Caso com esta que está para casar comigo ou vou casar com esta que já foi a minha mulher?

Depois todos disseram:

– Bem, deve casar com essa que já foi sua mulher.

Ele depois casou com essa rapariga, e ele começou a ser rei, a mandar em tudo, e ela rainha, e acabou-se a história.

Informante: Isaura de Jesus Martins, 86 anos, natural da Cabanita, Paderne, Albufeira, Faro, reformada, sabe ler e escrever.

Recolha: em Paderne, Albufeira, Faro, a 21-10-2007.

Coletor: Cláudia Marta (CD / faixa n.º 13)

Classificação: ATU 425A

O URSO ENFEITIÇADO

Era uma vez um senhor que tinha três filhas todas muito simpáticas e queridas e muito bonitas. No verão elas trabalhavam muito... No inverno é que ficavam fechadas em casa, protegidas do frio. E assim, eram uma família feliz e pobre.

Um dia bateu à porta um ser que ninguém sabe. E a Maria, então, foi à porta. E ela quando abriu e tentou ver o que é que se escondia por trás, deu um enorme salto e gritou, correndo para o colo do pai. Quando ela chegou ao colo do pai, assim toda assustada, o pai disse:

– Não tenhas medo.

Eis que entra o urso. E o urso também disse:

– Não tenhas medo, não te vou fazer mal nenhum. Apenas eu quero um tecto para esta noite. É que lá fora está muito frio e, apesar do pêlo que eu tenho, tenho muito frio. Só queria um tecto para poder me proteger.

O urso tinha os olhos azuis, tinha assim o seu pelo todo castanho e era assim um enorme urso.

E as meninas aproximaram-se, uma de cada vez, porque também estavam assim receosas, até perto desse enorme urso. Então, os dias foram passando e o urso ficando na casa deles. E a amizade, então, foi crescendo e ficou cada vez mais e mais forte. Eles brincavam todos juntos e era muita a felicidade que se vivia naquela casa.

E então o que é que aconteceu? O Inverno passou e o urso teve de partir. Então as meninas ficaram todas tristes e o pai, e a infelicidade invadiu o coração de todos, mas assim teve de ser.

Então a Primavera foi a mais triste de todas e o Verão também. O Outono já trouxe algum esquecimento, mas ao chegar o Inverno chega outra vez o urso e eles não estavam à espera. E durante uns cinco Invernos foi assim: a situação repetiu-se sempre.

Depois, houve um Inverno em que o urso não veio até à família e a família ficou muito triste, a pensar o que se teria passado. E eles lembraram-se que no Inverno anterior tinha acontecido algo de estranho: que o urso ao sair da porta raspou com o pêlo na fechadura da porta e por baixo, apareceu algo semelhante a ouro... E então eles ficaram assim todos estupefactos, o que era aquilo, mas pronto...

O Inverno passou e foi frio e triste. Todos tinham esperança que o urso voltasse, mas não voltou. A Primavera chegou e foi.

O Verão ainda estava no início, quando alguém bateu à porta. E era um belo príncipe. A Maria, que era a mais nova, olhou-o fixamente, como se conhecesse aquela cara já há muito tempo. Ela olhou para ele:

– Os teus olhos são-me tão familiares. Parece que já te conheço há muito tempo. E ao lembrar-se do amigo urso, a Maria saiu a correr e a chorar.

Então, ele ficou assim meio triste:

– Bem, parece que é apenas a Maria que se lembra de mim...

Ao dizer isto, o príncipe pôde observar que todos eles, da família, olhavam para ele com a boca aberta e bué espantados.

– Sou eu, o urso. Será que não se lembram de mim? Eu fui enfeitado por uma grande feiticeira. Era muito malandro, sabem, e gozava muito com as raparigas. Então o feitiço só seria desfeito quando alguém se apaixonasse por mim e eu correspondesse de verdade. Então, parece que quem me tirou esse feitiço foi a Maria. Por isso, vim aqui pedir a mão dela em casamento.

Toda a gente ficou assim toda admirada, e não sei quê...

Após estar tudo esclarecido e do pai ter percebido o porquê do urso ter aparecido lá em forma de urso e não de príncipe, a Maria casou com o príncipe e a sua família foi viver para o castelo.

E todos foram muito felizes para sempre, como acabam todas as histórias.

Informante: Vanessa Costa, 22 anos, natural de Coimbra, animadora sociocultural, licenciada.

Recolha: em Eiras, Coimbra, a 18 de Dezembro de 2007.

Coletor: Andreia Semedo

Classificação: ATU 430

134

O HOMEM BÊBADO QUE IA AO CEMITÉRIO FALAR COM OS MORTOS

A minha mãe, em tempos, contou-me uma história que era engraçada.

Havia um homem que se embebedava todos os dias e depois ia para o cemitério.

E depois, punha-se lá para uma sepultura:

– Eu, uma noite destas, convidado-te para a minha casa.

E depois ia-se para casa, deixava-se dormir e depois não se lembrava.

Depois foi três noites de seguida.

Um dia, ele estava a dormir e bateram-lhe à porta. Que ele tinha feito o convite, e então, apresentou-se três caveiras. E a mulher, coitada, ficou logo toda caída para o lado. E depois ele veio todo meio coiso...

– Então? Venho ao couvite que tu me convidaste, não me convidaste? Estou aqui para comer.

O homem, coitado, bateu o *parastes*.

Informante: Natalina Correia, 47 anos, natural de Olhão, Faro, doméstica, 6.º ano.

Recolha: em Olhão, Faro, a 1 de Novembro de 2007.

Coletor: Leonor Filipa Pimenta Barão (cassete n.º 2)

Classificação: ATU 470A

135

OS TRÊS ANÕEZINHOS

Era uma vez um viúvo e uma viúva. O viúvo tinha uma filha e a viúva tinha uma filha também. A filha do viúvo era muito linda e a filha da viúva era feia. E a viúva tinha inveja da filha do viúvo, e um dia disse-lhe:

– Ó menina, tu és tão linda e não tens mãe, para te vestir, para te dar carinhos, para te pentear os cabelos... Porque que não pedes ao teu pai para casar comigo?

E depois, como viu que a outra menina tinha mãe e ela não tinha, pediu ao pai:

– Ó pai, porque é que tu não casas com aquela viúva, para eu ter uma mãe? Eu gostava tanto de ter uma mãe!

E o pai disse-lhe:

– Ai, filha, é tão complicado... Olha, mas pendura esta bota no sótão e enche-a de água. Se ficar cheia de água eu caso com a viúva; se a bota não segurar a água, eu não caso.

A menina, toda contente, foi encher a bota de água e pendurar. Depois a bota segurou a água e o viúvo casou com a viúva.

Nos primeiros dias foi uma maravilha. Ela tratava a menina muito bem, penteava-a, e menina era muito linda e davam-se muito bem. Mas ela, como tinha ciúmes da menina ser mais bonita do que a dela, começou a tratá-la mal. A menina começou a andar muito mal-vestida, toda rota, só vestia a roupa da outra, velha, e passava fome. Ela só dava comida à filha dela e não dava comida àquela.

E depois, um dia de Inverno que fazia muito frio e estava muita neve, ela pediu à menina para lhe ir buscar um cesto de morangos. Mas naquele tempo não havia morangos nenhuns. Ela queria é que a menina morresse na floresta. Pôs-lhe o cesto na mão e disse que ela tinha que ir buscar morangos, se não ela matava-a. A menina pegou no cesto e foi andando, andando, andando pela floresta fora. Tinha tanto frio, tanto frio que estava quase morta. Mas depois viu uma casinha lá ao fundo e foi andando e chegou à porta dessa casinha. Vieram três anõezinhos, e depois eles perguntaram o que é que ela queria. E ela disse que andava à procura de morangos para a madrastra, que a madrastra queria morangos.

E depois ela tinha levado uma côdea de pão duro para comer, que era o lanche. E os anõezinhos disseram se ela não lhes dava um bocadinho daquela côdea para eles comerem. E ela disse:

– Dou, dou-lha toda, se vocês quiserem.

E depois eles estiveram comendo a côdea de pão com ela, com a menina, e depois disseram para ela ir varrer a rua, deram-lhe uma vassoura. E ela, coitadinha, foi, pegou na vassoura e foi varrer, mas era só para ela ver os morangos. Ela depois foi por detrás de câs e viu muitos morangos, muito lindos, e encheu logo o cesto. Depois, ela já tinha o cesto de morangos, eles mandaram-na embora.

E um anãozinho disse assim:

– Então agora qual é a magia que a gente lhe faz?

Um disse assim:

– Olha, eu concedo-lhe para ela ser cada vez mais bonita.

E o outro disse assim:

– Olha, eu concedo-lhe para ela quando falar, deitar oiro da boca.

E o outro disse:

– E eu, concedo-lhe para ela casar com um rei, que ela é muito linda.

E a mocinha veio para casa. Chegou a casa com o cesto de morangos. A madrastra ficou toda encantada como é que ela tinha ido buscar uns morangos tão lindos. E depois ela teve de lhe dizer onde os tinha ido buscar. Depois a madrastra como era muito gananciosa, vestiu logo a filha muito bem, e pôs-lhe um cesto no braço para a filha ir também lá à casa dos anõezinhos. E deu-lhe um grande lanche, pão com marmelada e só coisas boas.

A filha da viúva chegou lá, não disse boa tarde nem nada. Chegou, pediram se ela não lhes dava o lanche, e ela não lhes deu, muito autoritária não lhes deu. Depois eles disseram-lhe:

– Então não queres varrer aqui a nossa rua? Toma lá uma vassoura, e varre aqui a nossa rua.

E ela disse logo:

– Eu não, eu não varro rua nenhuma porque eu não sou criada de ninguém.

Depois eles não lhe deram nada e ela veio-se embora. E um disse assim:

– Então agora o que é que a gente lhe faz?

– Eu concedo-lhe que ela seja cada vez mais feia.

E o outro disse:

– E eu, concedo-lhe que ela, quando fale, lhe salte sapos da boca.

E o outro disse assim:

– Eu concedo-lhe que ela seja toda a vida só para tratar dos porcos.

Ela veio para casa, chorava, chorava, chorava, toda triste. Não lhe tinha acontecido nada de bem.

E depois, a viúva ficou muito triste com aquilo que lhe aconteceu. Mas depois as meninas cresceram, cresceram, criaram-se e um dia, já estavam umas raparigas grandes, chegou um rei lá à aldeia, e disse:

– A menina que lhe salta oiro da boca casará comigo e a que lhe salta sapos da boca, irá para o meu palácio para tratar dos porcos.

E depois foi assim. Uma ficou para tratar dos porcos e outra foi para casar com o rei.

Informante: Almerinda Cavaco Martins, 50 anos, natural de Freixo Seco de Cima, Salir, Loulé, Faro, 4.ª classe, doméstica.

Recolha: na Cortinhola, Loulé, Faro, a 17-11-2005.

Coletor: Carina Isabel Martins Anastácio (cassete n.º 4 / Face B)

Classificação: ATU 480

[AS IRMÃS QUE VÃO À FONTE]

Era uma vez uma senhora que tinha duas filhas. A mais velha era feia e era má. Mas era tudo aos olhos da mãe, era tudo de bom para a mãe, era de quem ela mais gostava. E a filha mais nova era muito bonita e era bondosa, mas era como se fosse a criada da mãe. A mãe tratava-a mal. Às vezes batia-lhe tanto que ela tinha

nódoas negras no corpo. Uma vez a mãe mandou a filha mais nova ir à fonte buscar água numa bilha. Ela foi. Quando estava lá a recolher água, apareceu uma senhora, uma velhinha que parecia ser pobre, estava mal-vestida. Disse-lhe que estava com muita sede e pediu-lhe para beber água e ela disse:

– Claro, minha senhora, beba. Pode beber à vontade.

E a senhora, depois de beber, disse-lhe que ela era muito bonita, era muito formosa e bondosa e disse-lhe:

– Oxalá de cada vez que fales, da tua boca saiam pedras preciosas.

A menina sorriu para a velhinha e foi para casa.

Quando a menina chegou a casa, foi entregar a bilha de água à mãe e assim que ela começou a falar, começaram-lhe a sair pela boca jóias, pedras preciosas, diamantes. A mãe, ao ver aquilo, ficou muito admirada. Chamou logo a filha mais velha. Deu-lhe um jarro de prata e mandou-a ir à fonte buscar água também, podia ser que lhe calhasse ainda uma riqueza melhor. A filha mais velha lá foi, toda mal-humorada, contra a sua vontade, mas lá foi. Chegou à fonte, estava lá a recolher água e aparece-lhe uma senhora muito bem vestida, parecia ser muito rica. A senhora chegou lá e disse-lhe que estava com muita sede e perguntou-lhe se podia beber água da sua jarra. E ela, com o seu mau feitio, disse-lhe logo:

– Deve pensar que eu vim aqui para lhe matar a sede... Vá mas é beber água à sua casa!

A senhora, olhou para ela e disse-lhe:

– És tão feia como má. Oxalá que quando fales da tua boca saiam bichos feios.

E assim, ela olhou para a senhora com aquele ar de arrogância, não lhe ligou, e foi para casa.

Ao chegar a casa, a mãe estava na janela e gritou-lhe:

– Então, filha.

E ela logo com o seu mau feitio:

– Então, o quê?

E assim que ela diz isso, começam-lhe a sair cobras e lagartos da boca. A mãe olhou, viu aquilo e pensou logo que a filha mais nova tinha mentido. Chamou-lhe impostora, bateu-lhe, fartou-se de lhe bater, castigou-a e renegou-a, jogou-a para um bosque. Quando ela estava lá no bosque, estava a passar um príncipe e ao ver aquela rapariga tão bonita apaixonou-se por ela, levou-a para o seu palácio, casou-se com ela e viveram felizes para sempre. A outra, a filha mais velha, com o seu castigo, de tantos bichos feios que jogava pela boca cada vez que falava, a mãe não teve outro remédio senão mandá-la matar.

Informante: Andreia Paquete, 20 anos, natural de Faro, estudante.

Recolha: em Faro, a 30 de Novembro de 2008.

Coletor: Andreia Paquete (Gravação 10)

Classificação: ATU 480

137

O CONTO DA MENINA QUE TINHA UMA VAQUINHA

Era uma menina que tinha uma madrasta e ela mandava-a todos os dias ir guardar a vaquinha. E a menina ia com a vaquinha pela mão todos os dias para o pé da ribeira. E um dia foi...

Ao pé da ribeira havia uma casa dentro de umas silvas. E ela foi espreitar o que é que estava lá dentro da casa. E a menina... Estava tudo escangalhado: a casa para varrer, tudo escangalhado, tudo sujo. A menina foi lá para dentro, varreu a casa, lavou a loiça, fez camas (tinha três camas). Varreu a casa, lavou a loiça, fez as camas, arrumou tudo, lavou os solos. Arrumou tudo. Estava arrumando as coisas, quando ela ouve rumor de gente. Ouve rumor de gente... Disse-lhe... Ela não teve tempo de fugir e escondeu-se por trás da porta. Escondeu-se por trás da porta. Vai, eram três fadas. A casa era de três fadas. Vai as fadas, arrumaram à porta e disseram:

– Quem é que esteve aqui em casa? Olha que tudo asseado que aí está! Quem estiver que apareça que a gente não faz mal nenhum.

A menina apareceu muito vergonhosa, pedindo desculpa. E elas disseram assim:

– Não há nada a desculpar. És uma linda menina mas agora ainda te vais tornar mais bonita.

A mais velha diz assim:

– Eu te fado para que tu sejas a menina mais linda do mundo.

E a do meio disse:

– Eu te fado para que quando tu te rias, da tua boca saiam os ramalhetes das mais lindas flores.

E a outra disse:

– Eu te fado para que quando tu te penteares dos teus cabelos caiam fios de ouro.

A menina foi dali para casa, encantada. A madrasta viu aquilo, ficou toda aborrecida de ver a menina assim e a dela ser mais feia, não ter aquelas...

Mandou a menina ir. Ela disse:

– Olha, fui...

A menina contou. Contou que tinha ido...

Ela no outro dia manda a filha ir lá. A filha foi lá, estava tudo composto, escan-galhou o que a outra fez. Quando as fadas chegaram, foi um horror. Ela tinha escan-galhado o que a outra rapariga tinha feito.

E agora? Fadaram-na das coisas mais feias que havia. Não lhe deram prazer nenhum. Não lhe deram... Oh, veio para casa ainda mais feia com que ela era!

Bom, puseram-se à janela e passou o príncipe. Gostou tanto da primeira que tratou casamento com ela. Mas a madrasta, o que é que ela fez? Arranjou-lhe um vestido e com a cabeça tapada e coiso, em vez de mandar a enteada, mandou a filha de noiva.

Lá, quando o padre estava casando, levantou o véu para trás e ele disse:

– Mas esta não foi a que eu escolhi! (risos) Vai-te embora que eu não quero saber de ti. Não é esta a minha!

Depois lá acabou por ir a casa buscar a outra. Era uma coisa assim. (risos)

E o conto se acabou e o rabo se mostrou.

Informante: Isabel Nogueira Mendes, 82 anos, natural do sítio da Quintã, Salir, Loulé, Faro, doméstica e trabalhadora rural reformada, 3.ª classe.

Recolha: Quintã, Salir, Loulé, Faro, a 05/11/09.

Coletor: Rita Isabel Viegas Pereira (cassete n.º 1 / lado B)

Classificação: ATU 480

138

A MARIA MARAFADA E A MARIA CONTENTE

Eram duas Marias, eram irmãs, eram duas Marias: uma era a Maria Marafada e a outra era a Maria Contente. Depois, tinham um moinho, onde se moía a farinha. Depois, uma semana ia uma e outra semana ia outra [moer a farinha].

Uma semana, foi a Maria Contente. Quando ia no caminho, saiu-lhe um gato ao caminho:

– Oh, Maria, que tal vais?

– Eu vou boa. Vou ao moinho.

– Então não posso ir contigo, Maria?

– Podes. Então não hás-de poder! Anda já mais eu.

– Oh, Maria, então eu estou tão cansado. Não me levas um pedacinho ao colo?

– Eu também estou cansada, mas anda já. Eu levo-te um pedacinho ao colo.

Lá mais adiante, um cão:

– Então onde vais, Maria?

– Eu vou ao moinho.

– Então não posso ir contigo?

– Podes. Já vai aqui o gato, também podes ir.

– Ah, leva-me ao colo, Maria.

– Ai, ai, ai. Já levo o gato ao colo e tu agora também queres ir? Também queres ainda ir ao colo? Anda já. Eu levo um no braço e outro no outro. Anda já.

Lá mais abaixo, um galo. Lá lhe perguntou também:

– Então onde é que vais, Maria?

– Eu vou ao moinho.

– Então eu não posso ir contigo?

– Olha, então já somos três. Já vai o gato, já vai o cão, tu também podes ir.

– Ora, levas-os ao colo. Leva-me também a mim um bocadinho ao colo.

– Ai, como é que eu posso fazer isso? Já levo aqui os outros, já vou um bocado cansada. Ah, anda já!

Chegaram ao moinho, todos os quatro. Abriu a porta do moinho, ela tratou de pôr a mesa, fez um grande tacho de papas, pôs logo quatro pratos na mesa, encheu um prato a cada um e comeram todos. Bem, fez-se de noite. À noite foram-se deitar e ela... Como aquilo era no meio de uma ribeira, ela tinha medo de ficar lá à noite. E depois disse:

– Olha, o cão por trás da porta. O gato na cinza – era onde faziam-no fogo e o gato se ia deitar – E o galo na cantareira.

(A cantareira era uma coisa qualquer que ela lhe chamava... A cantareira era... O galo não está sempre no poleiro? Pois, mas ela não lhe chamava poleiro. Se quiser pôr poleiro, ponha poleiro, mas o conto era cantareira, chamavam cantareira.)

Por essa noite a fora, os ladrões batendo à porta para entrar para fazer mal à Maria. E ela começou logo a gritar:

– Ladra-lhe cão.

O cão começou logo:

– Au! Au! Au!

Depois o gato:

– Mia-lhe gato.
 – Minhau! Minhau!
 Depois:
 – Canta-lhe galo.
 Começou a cantar:
 – Quiri qui qui.
 – Traz lá uma faca que eu quero matá-lo.
 Os ladrões foram-se embora e não fizeram mal à Maria.
 No outro dia, foi a Maria Marafada ao moinho. Foi, saiu-lhe outra vez o gato ao caminho:
 – Então onde é que vais Maria?
 – Eu vou ao moinho.
 – Não me levas ao colo?
 – Vai a pé que assim faço eu! (risos) Tens muito boas pernas, vai a pé.
 Lá mais adiante, chega o cão outra vez:
 – Onde vais Maria?
 – Eu vou ao moinho.
 – Então não posso ir contigo, Maria?
 – Podes.
 – Leva-me um pedacinho ao colo, Maria.
 – Olha, vai a pé que assim faço eu. Olha, já vai aqui o gato a pé e tu também podes ir.
 Foi lá... Ao galo, saiu-lhe também ao caminho e perguntou-lhe se podia ir com ela:
 – Podes.
 – E não me levas um pedacinho ao colo?
 – Olha, vem os outros dois a pé e tu também podes ir. Vai a pé que assim faço eu.
 Chegou ao moinho. Chegou ao moinho, ela fez as papas, mas comeu sozinha. Não deu nada nem ao gato, nem ao cão e nem ao galo. Pela noite afora, os ladrões já estavam habituados a ir lá, para ir roubar, outra vez batendo à porta. E ela aflita:
 – Ladra-lhe cão.
 – Quem comeu as papas que lhe ladre. (risos)
 – Mia-lhe gato.
 – Quem comeu as papas que lhe mie.
 – Canta-lhe galo.

– Quem comeu as papas que lhe cante.
 E eles entraram e fizeram mal à Maria. Mataram a Maria.
 E pronto, acabou-se o conto.

Informante: Beatriz Olinda Teixeira, 83 anos, natural do Pessegueiro, Martinlongo, Alcoutim, Faro, doméstica e trabalhadora rural reformada, sabe ler e escrever.

Recolha: em Loulé, Faro, a 22/11/09.

Coletor: Rita Isabel Viegas Pereira (cassete n.º 2 / lado B)

Classificação: De-Te 480B

139

OS DOIS CORCUNDAS DE ALMODÔVAR

Então os corcundas faziam risada um do outro, por causa da corcunda que tinham. Um dia diz um para o outro:

– Olha, vou dar uma volta. Vou até ao Algarve e passo ali ao pé da Serra do Caldeirão, para não estar sempre aqui, porque já estou farto de aqui estar.

O outro ficou lá e ele veio embora.

Chegou à Serra do Caldeirão, vinha a pé, quando chegou a noite ouviu uma grande dança. Então, foi-se aproximando, encostou-se na dança e o que eles diziam ele dizia também.

Quando ele viu, as bruxas reuniram-se todas umas com as outras e disseram:

– O que é que a gente faz a este marreco?

– Olha, tiramos-lhe a marreca. – Disse a bruxa.

E ele ficou sem a marreca. Ficou para mais uns dias de passeio e depois voltou para Almodôvar, sem a marreca. O outro viu e desse:

– Então o que é que fizeste, que tinhas marreca e agora já não tens?

O outro, que já não era marreco, explicou o que se tinha passado: Que se tinha juntado à dança. O que elas diziam ele dizia também. Depois reuniram-se e tiraram-lhe a marreca.

O marreco disse:

– Ai é? Então agora vou eu também, para ver se tiram a marreca que tenho!

Então ele foi, deu as voltas que o outro deu. Quando ele ouviu, à mesma hora, misturou-se, mas nas cantilenas que elas diziam enganou-se. Então, no fim da bailada, elas reuniram-se para ver o que haviam de fazer àquele marreco.

Então uma disse:

– Olha, metemos-lhe a marreca do outro.

Então, o desgraçado do marreco, apareceu em Almodôvar com duas marrecas em vez de uma!

Informante: Joaquim Vitorino, 81 anos.

Recolha: em Alcantarilha, Silves, Faro, a 14 de Novembro 2006.

Coletor: Sáli Andrez

Classificação: ATU 503

140

OS TRÊS CÃES

Num palácio havia uma princesa que casou e gostava muito de ter filhos, e não tinha. E os anos iam passando, passando e ela não tinha filhos. E ela um dia estava muito triste e chorava. Porque é que não podia ter filhos? E depois ouviu uma voz misteriosa que lhe disse:

– Irás ter um filho, mas quando tiver vinte anos irá morrer.

E ela ficou muito triste e não disse nada ao marido. Mas ao fim de uns meses, engravidou e teve um menino. E depois o menino era muito lindo e cresceu, cresceu, depois foi para a escola e era muito inteligente. E depois o tempo foi passando e ela cada vez chorava mais. E um dia, o menino já tinha dezoito anos e perguntou à mãe:

– Ó mãe, porque é que tu choras tanto?

E depois ela contou ao filho:

– Ó filho, aconteceu isto assim e assim. Eu ouvi uma voz que tu morrias quando tivesses vinte anos.

E depois ele disse à mãe:

– Ó mãe, então eu não quero morrer aqui ao pé de si. Para a mãe não sofrer tanto, vou-me embora.

E depois pegou na roupa, pôs a roupa dentro de uma bolsa – que nesse tempo não havia malas – pôs a roupa dentro de uma bolsa e foi-se embora.

E a mãe ficou com o coração destroçado de chorar, porque o filho ia-se embora e nunca mais o via. O filho ia-se embora e ela já não o via porque o filho ia morrer.

E ele foi-se embora, andou o dia inteiro. Andou, andou, andou... Depois à noite continuou a andar, mas à noite viu uma luzinha e dirigiu-se a essa luzinha. Chegou lá e bate à porta. Bateu à porta e veio uma velhota. E a velhota disse:

– Então o que é que andas por aqui a fazer a estas horas?

E ele depois teve contando à velhota o que é que aconteceu. E a velhota disse-lhe assim:

– Então agora comes e dormes aqui esta noite, e depois amanhã quando te levatares, eu ensino-te o caminho.

De manhã ele levantou-se e a velhota disse-lhe assim:

– Agora passas além aquele serro aquele monte, e em tal sítio encontras um cão, e mais à frente encontras outro e outro, hás-de encontrar três cães. E só fazes o que os cães mandarem. O que os cães quiserem é o que tu fazes, não fazes mais nada.

A velhota deu-lhe comer, e foi-se embora, abalou a caminho. Andou, andou, andou, já estava cansado com andar, quando encontra um canito assim muito pequenino, muito ramalhudinho. Diz ele:

– Este canito é o Ligeiro.

E pôs-lhe o Ligeiro. Depois foi andando, andando, andando com o canito. E o canito sempre ao pé dele, foi andando. Ao fim de muito tempo encontrou outro cão, muito gordo, muito grande. Ele disse:

– Ó diabo, este é o Pesado.

Pôs-lhe o Pesado. Era o Ligeiro e o Pesado, já tinha dois. Depois foi andando, andando muito tempo, ao voltar assim um serro encontrou outro cão, assim muito bonitinho. Ele pôs-lhe o Esperto. Era o Ligeiro, o Pesado e o Esperto. Depois foi andando com os três cães. Andou, andou... Muito tempo depois ia chegando ali a uma estrada, encontrou uma menina sentada. E depois ele sentou-se e os cães deitaram-se ali ao pé dele. E ele esteve conversando muito tempo com a menina. Mas ia tão cansado, tão cansado, pôs a cabeça no colo da menina e adormeceu. Quando ele acordou, já a rapariga não estava lá, tinha-se ido embora, e ele ficou só com os três cães outra vez. E foi andando. E depois, já era sol-posto, chegou a uma estalagem. Entrou, estavam lá uns homens comendo e bebendo vinho. Ele entrou, pediu comida; levava dinheiro, pagou a comida. E perguntou se podia dormir lá nessa noite. E depois veio uma pessoa ali servi-lo, e viu uma pessoa lá dentro, que era essa rapariga que ele tinha estado a conversar. Mas não disse nada. Depois comeu e nessa noite dormiu lá. No outro dia, levantou-se, bebeu o café e pensou: “Olha, agora vou pernoitar por aqui uns dias, descansar, a ver o que é que me

acontece". Depois, nesse dia, foi comer ao meio-dia. Estava começando a comer, os cães pularam em cima da mesa, partiram a loiça toda. Escangalharam comida, partiram pratos, colheres, partiram a garrafa de vinho, escramalharam aquilo tudo. E ele pensou: "Mas os cães estão parvos? Então agora qual não é a despesa que eu não vou aqui fazer?" Escanecaram aquilo tudo. Mas estava ali um canito pequenino de uma senhora, lambeu ali um prato e morreu logo. E ele pensou: "Alto, que a comida tem veneno". E ficou logo desconfiado que alguém lhe queria fazer mal. À noite foi-se deitar, estava lá uma grande mala dentro do quarto. E os três cães deitaram-se em cima da mala. No outro dia, quando ele vê uma mulher sair de dentro da mala. Essa mulher tinha ficado lá durante a noite para o matar. Essa mulher era a dona da estalagem, era a mãe dessa rapariga. E depois ele apanhou a rapariga e contou-lhe o que é que estava a acontecer. E ele disse à rapariga:

– A tua mãe quer-me matar. Porque é que a tua mãe me quer matar?

E ela disse:

– Não sei, não sei essa história.

Depois, ela foi falar com a mãe:

– Ó mãe, porque é que tu queres matar aquele rapaz que chegou?

E ela disse:

– Eu conheço aquele rapaz e ele tem que morrer, porque eu prometi de ele morrer aos vinte anos. Porque ele é filho de um homem que eu gostava, e esse homem não casou comigo e casou com a mãe dele. E eu jurei que lhe matava o filho.

E os cães estavam a ouvir. E depois ela disse:

– E agora vou [porque ela era bruxa] à floresta com as minhas amigas, vamos fazer a magia e mesmo aqui ele morre. E além, naquele buracão, ficavam as coisas de quem há-de morrer.

E a bruxa abalou com as amigas. Os cães foram lá a esse dito buraco e espalharam, marafaram aquilo tudo. Esburralharam a parede, aquilo deu um grande estoiro, partiu-se a casa toda, mas ele escapou com a rapariga, eles e os cães não morreram. E a mãe dela, que estava no mato, morreu, porque os cães quebraram-lhe o encanto e aquilo morreu tudo. E ele depois disse à rapariga se ela queria casar com ele. Depois ela disse que sim. Depois ele foi comprar um cavalo, vieram a cavalo no cavalo e vieram embora. Vinham andando, andando, e os cães desapareceram, já não viram cão nenhum. Depois ele voltou para a casa dos pais. Quando ele chegou à casa dos pais, estava lá a tal velhota, que a tal velhota era avó dele, que ele não sabia, depois é que viu que era a avó. Depois chegou a casa. Depois a

mãe viu que era o filho, ficou muito contente, uma grande alegria, todos choraram muito, e depois ele casou com ela e viveram muito felizes.

Informante: Almerinda Cavaco Martins, 50 anos, natural de Freixo Seco de Cima, Salir, Loulé, Faro, 4.ª classe, doméstica.

Recolha: na Cortinhola, Loulé, Faro, em 17-11-2005.

Coletor: Carina Isabel Martins Anastácio (cassete n.º 4 / Face B)

Classificação: ATU 506*

141

HISTÓRIA DA GATA BORRALHEIRA

Era um nobre viúvo que tinha uma filha pequena. Entretanto ele juntou-se com uma senhora que tinha duas filhas, praticamente da mesma idade da filha do nobre.

Entretanto o tempo passou-se e o nobre morre. Acontece que a filha do nobre vira escrava da madrastra e das suas filhas. E isto porque a filha do nobre era muito bonita e as filhas dela eram muito feias, muito feias. E elas apelidaram-na de Gata Borralheira. Passa-se o tempo. Era ela que fazia a lida da casa, fazia o comer, lavava o chão, arrumava os quartos, cozinhava, costurava, fazia tudo. Até que, onde elas viviam, o príncipe decide arranjar uma namorada e para arranjar a namorada faz um baile que é para conhecer as solteiras de todo o reino. E envia cartas a anunciar essa festa. A Gata Borralheira foi proibida de ir á festa pela madrastra. Entretanto ela fica a chorar e aparece uma Fada Madrinha, que lhe perguntou se ela gostaria de ir ao baile. E ela diz que sim. Da abóbora fez um coche e dos animais que ela tinha em casa fez os cavalos e os cocheiros e do vestido velhote que ela tinha vestido fez um lindo vestido para ela ir ao baile.

A Gata Borralheira vai ao baile e quando entra lá, o príncipe gostou logo da beleza dela e decide dançar com ela. Só que a Fada Madrinha tinha-lhe dito que à meia-noite, na última badalada da meia-noite esse encanto acabava. A Gata Borralheira assim fez: quando ouviu as baladas começou a correr para se ir embora. Do que deixa o sapato para trás e como ela não tinha tempo, fugiu e foi para casa.

O príncipe como ficou muito apaixonado por ela, decide saber quem era a dona daquele sapatinho e manda os seus criados provar o sapatinho nos pés de

todas as donzelas, e claro que o sapato não servia. Até que chega à casa da Gata Borralheira. Ela manda eles entrar. Eles entram e as filhas da madrasta experimentam o sapato. Só que não serviu. E os criados perguntam à madrasta:

– Então aquela rapariga não pode experimentar?

E ela diz:

– Não, não! Aquilo é a criada da casa e nem sequer foi ao baile.

E eles disseram:

– Não minha senhora, ordens são ordens e tenho de lhe experimentar o sapato.

E o sapato serviu na Gata Borralheira. E eles levaram-lhe imediatamente para o pé do príncipe.

Casaram-se e foram felizes.

Informante: Sílvia Alexandra da Silva Martins do Ó, 21 anos, natural de Portimão, 2.º ano do curso de Ciências da Educação e da Formação.

Recolha: em Portimão, Faro, a 25/12/2005.

Coletor: Sílvia do Ó (faixa 25)

Classificação: ATU 510A

142

A GATA BORRALHEIRA

Era um homem que casou a segunda vez, mas da primeira mulher ficou-lhe uma filha. Mas ele tornou a casar novamente e arranhou mais duas filhas na outra mulher. Mas àquela chamavam-lhe a Gata Borralheira, uma menina muito bonita, muito jeitosa, muito bem-parecida. Ela é que lavava a roupa das outras, ela é que passava a ferro, ela era a escrava da casa, a Gata Borralheira. E um dia, diz ela assim:

– Ó pai, então eu sou tão mal estimada, mas sou tão bem aceiteada do meu pai. Eu quero ver se isto se torna de outro feitio.

Davam-lhe qualquer coisa de comida. As enteadas comiam, ele dava-lhe só uma coisinha para ela.

Mas um belo dia, ela encontra-se com a madrinha, que era uma fada, e essa fada disse-lhe:

– Olha afilhada, anda cá, traz-me um gafanhoto, dois ratos e uma abóbora e vem falar comigo.

Ela levou o gafanhoto, os dois ratos e a abóbora. Do gafanhoto fez um príncipe, dos ratos fez dois cavalos e da abóbora fez um trem. E a madrinha arranhou-lhe uma farda em oiro. As outras meias-irmãs foram todas para uma festa e ela vestiu-se e preparou-se, muito bem preparada em rainha, vestida por uma fada, com um príncipe ao lado, conduzindo os dois cavalos, um lindo trem e ela vestida em traje de rainha. Chegou, toda a gente olhava para ela:

– Quem será aquela menina? Quem será aquela dama? Quem será aquela senhora?

Era toda a gente atrás dela, mas a madrinha tinha-lhe dito:

– Não deixes chegar à meia-noite. Quando chegar a meia-noite vem embora. Da meia-noite abaixo já não tens virtude nenhuma, ficas feita na miséria.

Ela andava na festa, para um lado e para o outro, e o príncipe, o filho do rei, encantou-se nela. E namorava uma das meias-irmãs dela. Mas encantou-se naquela, não sabendo quem ela era. Nem as irmãs a conheciam, que ela andava sempre toda esfarrapada, toda suja, que era a Gata Borralheira. Ela andava dançando, chegou àquela hora, olhou para o relógio, foi-se embora. No outro dia voltou à mesma, que a madrinha disse-lhe:

– Vai que tu vences tudo.

E ela foi e voltou outra vez, na mesma: sapatos em oiro, a roupa toda em ouro. Era uma princesa das mais ricas que havia no mundo. Mas chegando à meia-noite ela fugiu e ao pular para dentro do trem, cai-lhe um sapato para o chão. E ela não se importou e foi-se embora, porque a madrinha disse para ela não falhar e não deixar chegar à meia-noite. Chegou a casa com falta do sapato. O príncipe, filho do rei, a procurar por todo o mundo, quem seria a rapariga que calçasse aquele sapato. Toda a gente, não havia mulher nenhuma que não fosse experimentar aquele sapato. Mas não houve mulher nenhuma que calçasse o sapato. Houve só uma das meias-irmãs, que calçou o sapato forçadamente, mas não tinha o outro, calçou o sapato forçado, mas o sangue começou a correr pelo sapato, e ele disse:

– Eu quero que a mulher que me traga o outro sapato.

E um dia, todas as mulheres daquela corte, daquela região, todas tinham ido, só faltava a Gata Borralheira a ir experimentar o sapato. E um dia diz a madrinha:

– Vai lá, vai calçar o sapato, mas vais com os farrapos, não levas os cavalos nem o trem. E leva o sapato dentro de uma bolsinha, que é o parceiro do outro.

O príncipe, assim que viu a mulher ficou com uma cara horrenda.

– Mas então, esta será a mulher que vai calçar o sapato?

E ela calça-o lindamente.

– Então e o outro?

Ela vai na bolsinha e puxou o outro sapato igual. //

– Eu jurei que casava com ela e caso, mas eu quero-te aqui com o traje que tu trazias.

E ela disse:

– Não sei, vou falar com o meu pai.

Foi falar com o pai, falou com o pai e o pai disse-lhe:

– Olha filha, toma lá este cavalo preto, que a tua madrinha me deu. – Era um cavalo mágico. – Mas bate-lhe com a varinha em cima que ele torna-se num cavalo porreiro, põe-te um vestuário todo bonito em cima.

Foi lá, assim que o príncipe a vê, casou com ela. Mas o príncipe depois foi para a tropa, foi para a guerra, e uma delas, que tinha inveja, escreveu uma carta para o príncipe a dizer que a Gata Borracheira tinha tido dois meninos pretos. O marido, assim que recebeu a carta a dizer que ela tinha dois filhos pretos, abandonou-a. Escreveu uma carta para ela:

– Tens dois filhos pretos, meus não são. Abusaste da minha ausência.

Mas um dia, a mãe do príncipe foi dar com ela toda vestida lindamente e com um menino todo vestido em oiro, um desses pretos. Ela escreve uma carta para o filho.

E ele escreve uma carta para a mãe e diz-lhe:

– Mãe, diga a essa prostituta, que abandone a minha casa, que agora com um menino sobredobrado em ouro, o que é que ela está a fazer de mim?

Mas a mãe gostava tanto, tanto, da nora que não se podia separar dela. Mas ela depois disse assim para a sogra:

– Eu vou-me embora, vou correr mundo.

Pegou no tal cavalo preto, o cavalo fez-se num trem, e foi correr mundo com os dois filhos.

E o cavalo tinha-lhe dito:

– Quando chegares a certo ponto, bate com a bengala em cima das minhas orelhas e tens o que tu queiras.

E ela, chega a certo ponto, bate com a varinha em cima das orelhas do cavalo e disse assim:

– Eu quero aqui um prédio do mais lindo que houver, sem portas.

Fez-se um prédio do mais lindo que havia, mas sem portas. E o príncipe, quando saiu da tropa, foi à procura da mulher. Encontra-se com o pai dela e foram os dois à procura dela. Ele andava à procura da mulher e dos filhos e o pai andava à

procura dos netos e da filha. Vai de roda daquele castelo, aparece o tal cavalo preto, mágico. Dá-lhe três pancadas em cima e o cavalo disse-lhe:

– A tua filha está lá em cima.

Chegou a um certo ponto, bateu em cima das orelhas do cavalo e a porta abriu-se.

Eles foram para cima, e a mãe disse aos filhos:

– Agora primeiro beijam o mais novo e depois beijam o mais velho. Porque o mais novo é o vosso pai, e o outro é o vosso avô, que é o meu pai.

E assim foi. Dai para o futuro, aquilo tornou-se num castelo do mais lindo e eles lá viveram: os filhos com o avô. E o avô, depois, foi buscar a mulher e as outras nunca mais ninguém as viu. E ela foi sempre uma dona senhora.

Informante: João da Palma Jacinto, 75 anos, natural de Freixo Seco de Cima, Loulé, Faro, vende tremoços, sabe ler e escrever.

Recolha: em Freixo Seco de Cima, Loulé, Faro, a 18 de Novembro de 2005.

Coletor: Carina Isabel Martins Anastácio (cassete n.º 5 / Face A)

Classificação: ATU 510A + Ca-Ch 533A

143

A GATA BORRALHEIRA

Havia uma madrasta que tinha uma filha e o homem tinha uma filha também. E então juntaram-se os dois, mas a filha dele era a Gata Borracheira e a outra era a rainha. Mas a Gata Borracheira era muito bonita e a outra era toda feia e toda nojenta. Então, a Gata Borracheira foi num cavalo apresentar-se numa feira. E ele viu a Gata Borracheira e gostou dela. Porque houve um que lhe deu uma varinha de condão e ela bateu no chão e disse que queria um cavalo, um bom fato, e que queria ir à feira. Porque as outras, foram todas para a feira e ela ficou ao pé do fogo feita Gata Borracheira. Em menos de nada apareceu um cavalo branco e um fato bonito, um vestido bonito para ir à feira. Ora, ela apareceu, apareceu logo um príncipe. E ele disse que ela o deixasse mexer numa perna, ou então, que lhe desse, um bocadinho da meia dela. Ela cortou um bocadinho da meia e deu ao príncipe. Depois veio-se embora, despiu o fato, e pôs-se em Gata Borracheira. A outra veio de lá e disse:

– Ai, aquele rapaz tão lindo, o príncipe...

Contando, ao pé dela, como se ela não soubesse. E ela calada. E a outra gabando o príncipe e dizendo que linda que era aquela rapariga do cavalo branco e que o príncipe tinha gostado logo dela.

No outro dia, a Gata Borracheira fez o mesmo: foi linda. Se no outro dia levava um vestido bonito, desta vez levava um ainda mais bonito. E ia a cavalo. Ele pôs-se outra vez ao pé dela, até que lhe pediu um bocadinho da camisa dela. Foram três dias, três pedacinhos.

Entretanto combinaram de o príncipe ir lá a casa, mas a madrasta e a filha pensaram que era para namorar a outra, a feia. E depois é que ela aparecia, depois de estar a mesa posta. Diz ele para a feia:

– Escuta lá uma coisa: então, mas aqui falta uma rapariga, tu tens outra irmã.

Diz ela:

– Não é minha irmã, é a Gata Borracheira.

Mas ela aparece com um lindo vestido, muito preparada e ele disse:

– Aquela menina é que é a minha, não és tu!

Diz ela:

– Não, sou eu!

E ele diz:

– Não, tu não és! Aquela é que é a minha. – Que era a bonita.

E diz ele assim:

– Mais a mais, eu fui um dia à feira, e tenho um bocadinho da meia que ela me deu. Mostra lá o pedacinho de meia que te falta.

E ela mostrou a meia, onde faltava o pedacinho que ele tinha na mão.

– Deu-me um bocadinho da camisa: está aqui. E deu-me um bocadinho do véu: também está aqui. E tu, mostra lá o que é que tu me deste! Nada! Ela é que é a minha noiva.

Aí, truz, catrapus, casaram.

Informante: Natália Cardeira, 81 anos, natural de Vale de Odre, Cachopo, Tavira, Faro, doméstica, analfabeta.

Recolha: em Vale de Odre, Cachopo, Tavira, Faro, a 1 de Dezembro de 2006.

Coletor: Eva Paulino (CD n.º 1 / 34'50)

Classificação: ATU 510A

A GATA BORRALHEIRA

Aquela era uma viúva. E então era amiga dessa, fazia-se amiga dessa miúda. Dava-lhe coisinhas boas para o pai casar com ela.

Ela ia para o pai:

– Pai casa com a nossa vizinha que ela dá-me sopinhas de pão com mel.

E o pai:

– Olha, filha, ela hoje dá-te sopinhas de pão com mel e amanhã dará-te com fel.

Mas, tanto andou, tanto andou, até que fez o pai casar. Ora, assim que se apanhou casada, que se apanhou com o reino, começou a tratá-la mal. Então, elas punham-se a comer e ela, coitadinha, a lavar o chão. Depois bocejava.

E ela era assim:

– Quem boceja, farto esteja.

E as filhas arrotavam.

– Quem arrota, come bota.

Então o pai morreu. E aí começaram-na a tratar mais mal.

E então qual é o nome que lhe vão pôr? A Gata Borracheira, porque ela andava sempre toda preta. Davam só uns trapinhos para ela vestir. Andava sempre muito sujinha.

E um dia ela pôs-se numa pedrinha a chorar. Então apareceu-lhe aquela fada muito bonita e disse-lhe:

– Porque choras?

E ela disse:

– Choro porque não tenho pai e a minha madrasta trata-me muito mal.

Então ela disse-lhe:

– Então toma lá esta varinha e quando tu te veres numa grande aflição, bates com a fada [varinha] no chão e dizes: “Valha-me fada madrinha!” Deixa lá que hei-de acudir.

Bom, o tempo ia passando, ela estava muito cansada, quando elas mandavam fazer as coisas:

– Olha, agora vamos à festa. Tens que limpar isto e tens que limpar aquilo.

Ela punha-se a chorar. Só depois é que se lembrava, batia com a varinha.

E depois, então a fada madrinha:

– Então, porque choras, Gata Borracheira?

– Ora, porque tenho muito que fazer. Elas disseram que quando viessem da missa ou da festa tinha que ter tudo limpo, a brilhar.

Num instante se juntava ali uma data de gente e tudo ficava limpo, impecável. Elas vinham de lá, ficavam parvas como é que ela *coiso*...

Um dia, havia uma grande festa, na altura que andava por ali o bobo do rei comunicando que ia haver uma grande festa, que era para o rei velho escolher a noiva do filho. Elas para lá levaram com os espartilhos, para serem bonitas. Mas eram mais feias que umas coiras.

Preparou-se a noite. Ela via as manas andarem assim, mas ela não podia ir. Nessa noite lá ficou ela, depois de arrumar as coisas, andava esfregando o chão e vá de chorar. Mas andava tão triste, tão triste, que não se lembrava de bater com a varinha no chão. Até que se depois lembrou.

– Então, tu agora nunca mais me chamavas?

– Ah, estava tão triste...

– Então pronto, vamos lá! Queres ir à festa?

– Ai, queria! Gostava tanto de ir conhecer o rei...

– Então, pronto, vamos lá já!

Então, imediatamente, apareceram quatro ratos e os ratos transformaram-se em quatro lindos cavalos. De uma carroça qualquer que tinham para ali, fez uma linda charrete, toda enfeitada. Ela aparece com um vestido lindo, de rainha, com jóias, muito delicada. Ela era toda muito bonita. Com os cabelos todos muito bem pintados. Levava uns sapatinhos muito delicados. Os sapatinhos tinham um tacãozinho alto. E lá foi ela puxada pelos seus quatro lindos cavalos. E chegou lá, a festa já andava tudo em dança, que era para verem quem era a escolhida do rei. E ela quase não chega a horas.

Mas ela disse:

– Mas assim quando der a última badalada da meia-noite, tu tens que te vir embora, não podes ficar lá. Se não, o encanto... uhm!

E então, ela assim fez, pois chegou lá muito tarde...

Quando ela entra...

Ora, o rei, assim que a viu entrar fica logo:

– De onde é que ela vem, de que reinado, de onde é que é?

Ninguém sabia. Então, as outras, as manas, as filhas da madrasta ficaram a olhar sem saber. Tudo a olhar. Bem, o baile parou, a dança parou. E o príncipe tinha pedido para dançar uma dança com ela, para falar com ela. E ela foi dançar com ele.

Então começou a tocar, a tocar... Mas ela estava tão embevecida, gostava tanto dele, ele era tão bonito e com uma conversa, que quando se apercebeu, olha para a rua e começa a ver os cavalos a transformarem-se. E lembrou-se de repente. Estava a dar a última badalada. E então veio-se embora, mas ainda se escapou.

Como o rei não escolheu a rainha, porque ela foi-se embora e era aquela que ele queria, voltaram a fazer mais uma festa. Ora, as outras ainda fizeram vestidos mais bonitos. Aquilo passou-se durante três dias, aquelas festas, para ver se conseguiam saber quem era. E o rei apregoava de onde vinha aquela rapariga. E então, um dia mandou pôr um bocado de alcatrão à porta, à saída. Bem, aconteceu tudo à mesma que aconteceu as outras noites. Quando dá a badalada da última noite, ele manda pôr os criados... Aquilo, ela ia a sair como de costume, mas mete lá o pé em cima e puxa, puxa, puxa, e já estava tudo a transformar-se. Até que ela o que é que fez? Descalça o sapato e vai descalça. E então teve de abalar e ficou lá o sapatinho.

Então agora começa o príncipe. Estava já doente que não descobria. Andava de porta em porta, de reino em reino. Bom, foi bater à porta dela.

Então a mãe:

– Ai, tenho aqui duas meninas muito lindas, muito belas...

– Ah, então tudo bem. Vamos lá então: está aqui o sapatinho.

Ai, coitadas! Elas bem tentavam pôr o sapato.... Uma até conseguiu, com os dedos já a esguichar sangue.

– Ai, é meu, é meu!

Diz o príncipe assim:

– Não, não pode ser. Porque os dedos estão aí... O sapato está aí todo a esguichar o sangue. O sapato não serve, como é que é? Então, não tem aí mais ninguém em casa?

– Não, não há mais ninguém em casa.

Mas, nesta altura, soou por qualquer motivo a Gata Borracheira que andava lá na esfregação do chão dela. E depois:

– Ah, mas vocês ainda têm aqui outra pessoa em casa.

– Ah, mas isso é a empregada, é a Gata Borracheira.

– Então onde é que está a Gata Borracheira?

Ele foi, ela anda lá a limpar o chão... E ele, conforme olhou, acho que viu as feições, e disse-lhe assim:

– Ah, mas levante-se lá daí!

E elas começaram todas a fazer troça:

– Ah, a Gata Borracheira, a Gata Borracheira, com os pés sujos, e as meias todas rotas, e não sei quê...

Então ela, com as suas saias todas muito compridas, muito rotinhas, e tudo isso, tira, descalça o sapatinho todo roto e a meinha e enfia o pé no sapatinho.

Mas quando enfia aquele, já trazia o outro. E então enfia o outro. E ele viu.

E então elas foram tão más, tão más que a madrastra rebentou e as outras caíram para o lado de inveja da Gata Borracheira. Ora, ainda hoje estão lá felizes.

Estão tão felizes que ainda hoje estão comendo pão com melão e arroz com cação.

Informante: Maria Guadalupe Mestre Valadas, 51 anos, natural de Mértola, Beja, doméstica, 6.º ano.

Recolha: em Corte-Sines, Mértola, Beja, a 1 de Novembro de 2008.

Coletor: Andreia Fragoso e Sandra Mestre (gravação / 1:22'00)

Classificação: ATU 510A

145

A BONECA DE PAU

Era uma vez uma menina linda, muito linda. Todos os jovens queriam casar com ela.

Mas ela andava farta deles porque achava-os uns tontos. Na verdade, nenhum lhe falara ao coração.

Então pensou numa maneira de resolver a sua vida: pediu a um carpinteiro para fazer uma boneca de madeira onde ela se pudesse meter.

Assim aconteceu, saiu da terra onde vivia, metida na boneca de pau e depois de muito caminhar encontrou um palácio, onde pediu que lhe dessem trabalho. Acharam estranha aquela figura fora do vulgar, mas a sua delicadeza e simpatia valeram-lhe bem, porque conseguiu trabalhar na cozinha. E ficou a ser conhecida como “Maria de Pau”.

Aconteceu que se aproximava a data dos anos do Príncipe. Este pediu que lhe fizessem um bolo da sua preferência.

As empregadas do palácio ficaram muito aflitas porque não sabiam fazer o bolo ao gosto do Príncipe, mas a Maria de Pau disse logo que era capaz de o fazer. Só que pôs uma condição: deixarem-na sozinha enquanto confeccionasse o bolo.

A menina entusiasmou-se com o seu trabalho. Meteu mãos à obra com tanto empenho que nem se apercebeu que o seu anel caiu para dentro da massa do bolo.

No dia seguinte celebrava-se o aniversário do Príncipe. Chegou a altura de cortar o bolo, e logo serviram o jovem com a primeira fatia.

O que haveria o Príncipe de encontrar na fatia do seu bolo preferido? O anel da Maria de Pau.

Calou-se, não contando nada a ninguém, mas perguntou quem fizera o bolo. Disseram-lhe que fora a Maria de Pau. O Príncipe estranhou o nome, mas quis conhecer a autora.

Informaram-no onde estava a Maria de Pau e ele foi ter com ela. Bateu à porta e a menina apercebendo-se de que era o Príncipe, meteu-se apressadamente dentro do pau, sem se aperceber que tinha deixado algumas madeixas de cabelo louro de fora, bem como uma fitinha cor-de-rosa do vestido. E abriu a porta.

O Príncipe mostrou-lhe o anel e disse-lhe:

– Vim entregar o teu anel.

Ao que ela respondeu:

– Senhor, eu sou de pau. Não uso anéis.

O Príncipe respondeu então:

– Ai é? E então esses caracóis louros e essa fitinha cor-de-rosa, também são de pau? Sai do pau porque eu quero conhecer-te tal como és.

A menina saiu então do pau e o Príncipe ficou deslumbrado com a beleza dela. Imediatamente foi apresentá-la ao Rei e à Rainha, que também a acharam muito bonita e gentil.

Por um lado, ela, a menina, sentiu que, finalmente, alguém lhe falava ao coração.

E depois? Depois casaram, a Maria do Pau e o Príncipe e foram felizes para sempre.

Informante: Maria Cecília Colaço, 61 anos, natural de Angola, aposentada da Função Pública, 5.º ano dos liceus.

Recolha: na freguesia de Arroios, Lisboa, a 22 de Novembro de 2013.

Coletor: Diogo Alberto Rosa Francisco

Classificação: ATU 510B

146

A PRINCESA PELE DE BURRO

Era uma vez um rei que tinha uma filha e tinha uma esposa como em quase todas as histórias. A rainha fica doente e morre, e a menina fica sozinha com o pai, que, entretanto, arranja uma madrasta. Só que essa madrasta não era muito boa para a menina, tinha inveja dela e resolve afugentá-la do palácio. Então, a menina com medo que lhe façam mal, já não me lembro como, mas arranja uma pele de burro para se disfarçar e vai embora do palácio. E vai por aqueles campos, por aqueles reinos, à procura de quem lhe dê trabalho. E encontra uma casa onde a vêem com aquele mau aspecto, toda suja, toda faminta, apenas enrolada na pele de burro e dizem-lhe para ela ficar que lhe vão arranjar trabalho, que pode ficar a tomar conta dos porcos. E a menina fica a morar no fundo da quinta a tomar conta dos porcos: dá-lhes comida, limpa-lhes o chiqueiro, que era a casa dos porcos e ela aí vive.

Mas essa menina, quando os porcos estão a descansar, ela costuma ir até um ribeiro próximo. Tira a pele de burro, toma banho e dentro de água ela sente-se feliz. Então ela canta lindas canções.

Uma destas vezes, em que ela estava a tomar banho, passa um cavalo – *clók, clók, clók* – com um príncipe lá em cima muito jeitoso, que a ouve cantar. Fica enfeitado por aquela voz.

Aproxima-se, e quando a vê tomar banho, então nem se fala... O seu coração disparou e ela apercebeu-se que estava a ser vigiada. Pegou na pele de burro e desapareceu de ali para fora, que ele nem teve tempo de saber quem era, o que estava ali a fazer.

Então ele volta para o seu palácio e fica adoentado. Aquela visão não lhe sai da cabeça, aquela rapariga tão gira. Manda perguntar quem é, onde mora, ninguém sabe, ninguém conhece aquela rapariga.

E ela, lá na quinta, ouve dizer que o príncipe está adoentado e queria saber quem era aquela rapariga. Então ela tem uma ideia: faz um bolo com ingredientes caseiros e lá dentro põe um anel dela – o anel de princesa – e pede que entreguem aquele bolo no palácio para o príncipe comer.

O príncipe vai comer o bolo, dá uma dentadita na fatia onde está o anel e apercebe-se que aquele anel é de princesa. Então manda os empregados lá do palácio com o anel para ver a quem é que aquele anel servia, para tentar descobrir a quem

pertencia aquele anel. Então é assim que ele corre todas as aldeias, todas as quintas, e não encontra ninguém. Chega finalmente àquela quinta, porque era a mais distante, e todas as pessoas experimentam, e o anel não serve a ninguém e ninguém nunca tinha visto aquele anel. E então ele perguntou:

– E não há mais ninguém nesta quinta?

– Há só a Pele de Burro, mas essa é tão suja, tão desajeitada... Duvido que o anel lhe sirva.

– Ah, mas nós temos ordens do príncipe para que todas as raparigas experimentem o anel.

Então eles lá vão chamar a Pele de Burro e a Pele de Burro experimenta e pronto, é mesmo ela. O anel serve-lhe lindamente e então ela deixa cair a pele de burro e lá por debaixo da pele de burro está uma linda rapariga, toda muito bonita, toda mais ou menos arranjada. Então eles resolveram levá-la ao palácio, levam-na... Ela, não sei como, lá por magia, arranja um daqueles vestidos de princesa. E aí, quando o príncipe a vê, fica logo bem.

E marcaram o casamento e ficaram muito felizes. E depois informaram o pai dela, que vivia num desgosto muito profundo pela filha ter desaparecido.

E então ficaram bem, foram felizes para sempre, até hoje.

Informante: Graça Bernardo, 42 anos, educadora de infância.

Recolha: em Faro, a 8/11/2006.

Coletor: Cátia Dias Matos (cassete n.º 1 / face B)

Classificação: ATU 510B

147

A BONECA DE PAU

Era uma vez um rei, a rainha e tinham uma filha. A princesa era muito feia e nunca ia à presença de ninguém, estando sempre no seu quarto.

No reino vizinho havia também um rei, rainha e príncipe. Quando o príncipe chegou à altura de casar, convidou as princesas de todos os reinos para escolher a noiva. Os pais insistiram e a princesa lá foi à festa, mas as pessoas olhavam para ela e sorriam de tão feia que ela era. E ela, sentindo-se repudiada, veio mais triste para casa. O príncipe nem sequer reparou nela.

Passado tempo, a rainha adoeceu e antes de morrer, ofereceu à filha um lenço mágico e disse-lhe que um dia ela pusesse aquele lenço. Quando a filha pôs o lenço, tornou-se uma beldade, de tal maneira, que o pai achou que tinha de dar uma festa. E quis casá-la com um príncipe de outra região, mas a princesa não queria casar com ele, que era mau e feio. Ela tinha era ficado apaixonada pelo príncipe na festa do qual ela tinha ido.

O pai insistiu muito e ela respondeu ao pai:

– Eu obedeço-lhe, mas para isso o pai tem de me satisfazer um pedido. Arranjar-me um vestido da cor da terra com as flores mais belas bordadas, um vestido próprio de uma princesa. Um segundo vestido da cor do mar com algas e peixes, tudo o que há no mar bordado. Um terceiro vestido da cor do céu com pássaros lindos bordados. Só assim é que eu me casarei com o príncipe que o pai quer!

O pai conseguiu os três vestidos para a princesa. Entretanto, a princesa mandou chamar um carpinteiro e pediu-lhe para lhe tirar as medidas do seu corpo para fazer uma boneca de madeira oca, sob pena de ele não dizer a ninguém a ordem que ela lhe tinha dado.

Ele fez a boneca, e a princesa meteu-se dentro da boneca, com os três vestidos, fugiu do palácio e foi para o reino do príncipe de quem ela gostava.

Achando-a muito estranha, admitiram-na como criada e quando lhe perguntaram o seu nome, ela disse:

– Eu sou a Cara-de-pau!

Riam-se dela, troçavam, e a rainha mandou que ela fosse guardar porcos e deu-lhe um quarto no jardim do palácio.

Mas como o príncipe, da outra vez, não tinha escolhido a noiva, resolveu fazer uma festa e convidar outra vez as princesas, para ver se escolhia a noiva. Era uma festa que demorava três noites de baile. Na primeira noite, a princesa tirou a sua boneca de pau que a revestia, vestiu o seu vestido da cor da terra e foi ao baile. O príncipe dançou com ela a noite inteira, encantado da vida, e ele ofereceu-lhe um anel que tinha. O rei chamou o príncipe, e ela aproveitou para fugir. Quando o príncipe voltou ao salão ela já não estava. Na segunda noite vestiu o vestido da cor do mar, e acontece a mesma coisa, só que o príncipe lhe oferece um relógio que tinha, levando ela o relógio quando fugiu. Na terceira noite, usou o vestido cor do céu, e ele oferece-lhe a corrente do relógio. E ela também consegue fugir!

O príncipe fica muito triste e adoeceu. E dizia que a sua cura era voltar a ver aquele bem, a princesa, mas ela nunca aparecia. Até que a boneca de pau pede para falar com a rainha, e diz:

– Sua majestade, saiba que na minha terra faz-se um bolo que tem o condão de curar as pessoas que estão tristes e doentes. E eu fazia o bolo para o príncipe comer!

A rainha, que já estava muito desanimada, não havendo nada que animasse o príncipe, cedeu ao seu pedido e deu-lhe os ovos, a farinha, o açúcar, os ingredientes para a boneca fazer o bolo. A boneca fez o bolo e lá dentro pôs o anel, o relógio e a corrente que o príncipe lhe tinha dado. A rainha levou o bolo ao príncipe e ele não queria comer. A rainha disse-lhe:

– Come uma fatiazinha só!

Com a faca, corta uma fatia e encontra o que lá está dentro. O príncipe ficou muito excitado e pergunta:

– Mas quem fez este bolo?

– O bolo, foi a boneca de pau que fez!

Então chamaram a Cara-de-pau, que tirou o seu fato de pau e apareceu uma princesa linda, que casou com o príncipe.

Informante: Maria do Carmo, 72 anos, natural de Olhão, reformada, licenciada em biologia.

Recolha: Olhão, Faro, em 2006

Coletor: Joana Madureira Ramos (cassete n.º 2 / Lado A)

Classificação: ATU 510B

148

O TOURO AZUL

Esta história, este conto chama-se o Touro Azul. Havia uma menina que se chamava Carina a quem a mãe lhe tinha morrido. O pai que era soldado e voltou a casar com uma madrasta muito má. Carina era muito bonita e a madrasta tinha muita inveja dela. Então, mandava-a para o campo tratar dos touros. Eles tinham muitos touros e ela todos os dias se levantava cedo e ia tratar dos touros, dar conta dos touros para o campo. Mas só lhe davam para ela comer todos os dias, pão e água. Ela começou a ficar muito fraquinha, muito magrinha, muito tristonha.

Um dia aproximou-se dela um touro e disse-lhe:

– O que tens Carina, que estás tão triste?

– Ó Touro Azul, eu ando cheia de fome, ando cansada e a minha madrasta só me dá pão e água para eu comer.

– Olha, vamos fazer uma coisa, mas é um segredo que fica entre nós. Metes a mão aqui na minha orelha e tiras uma toalha, estende-la no chão e vais ver que vão aparecer coisas muito boas para tu comeres.

A Carina assim fez, tirou a toalha da orelha do touro azul, estendeu-a no chão e apareceram-lhe muitas coisas boas, com as quais ela se deliciou. Quando acabava aquilo tudo voltava a guardar a toalha na orelha do Touro Azul.

Voltou a ficar novamente gordinha, muito bonita.

A madrastra começou a desconfiar e um dia disse:

– Hás-de seguir a Carina e ver quem é que lhe dá de comer.

Lá o guarda do palácio assim fez e viu que a Carina tirava a toalha da orelha do Touro Azul e que comia, e contou tudo à madrastra.

Então ela disse:

– Ah é assim? Então amanhã vou mandar matar o Touro Azul.

Mas a Carina, que ia a passar, ouviu a conversa toda e saiu a correr, foi ao campo e disse ao Touro Azul:

– Ai, Touro Azul, tens que te ir embora depressa que a minha madrastra vai-te mandar matar.

Então o Touro Azul disse:

– Não! Olha, fazemos uma coisa, pula aqui para cima das minhas costas e vamos os dois.

E assim foram, saíram durante a noite e foram-se embora. Já quase ao amanhecer chagaram a um sítio em que as árvores eram todas amarelas. E ele disse:

– Olha, Carina, aqui é o bosque de bronze, todas as folhinhas que estas árvores têm são de bronze. Tens de ter muito cuidado, porque se cair alguma folhinha das árvores deste reino, quando chegarmos lá ao fundo há um dragão com duas cabeças e eu vou ter que lutar contra ele.

Carina ia com muito cuidado às costas do Touro Azul, muito sossegada, mas não lhe valeu de nada. Já ia chegando ao fim do bosque e vê, pum, cair uma folhinha de uma árvore.

– Ai, Touro Azul, que desgraça! Como é que agora vamos conseguir sair daqui?

– Deixa, Carina, deixa ver.

Quando chegaram, já estava lá um dragão com duas cabeças muito mau, que dizia:

– Quem é que deixou cair uma folha das árvores do meu reino?

– Oh, foi sem querer!

– Por querer ou sem querer, agora têm que lutar comigo.

E, assim foi, o dragão lutou com o Touro Azul, lutou, lutou, até que o touro o conseguiu vencer. Continuaram o seu caminho e andaram mais um bocado até que chegaram a um sítio onde as árvores eram todas brancas, muito brilhantes. Era o bosque de prata.

Então ele disse-lhe:

– Olha, Carina, estas árvores ainda são mais valiosas que as outras. Se deixarmos cair alguma folha das árvores deste bosque, quando chegarmos lá ao fundo está um dragão com quatro cabeças e então esse já vai ser muito pior.

Eles iam com muito cuidado, mas já iam chagando ao fim, cai uma folhinha de uma árvore.

– Ai, Touro Azul, caiu uma folhinha de uma árvore, o que vamos fazer?

– Tem calma.

Quando chagaram lá ao fim, estava um dragão muito zangado.

– Quem é que deixou cair uma folha das árvores do meu reino?

– Oh, foi sem querer.

– Por querer ou sem querer, agora tem que lutar comigo.

E, assim foi. O dragão lutou, lutou com o Touro Azul. Já estavam quase a desistir, o Touro Azul já estava muito cansado, mas lá conseguiu encher-se ainda de forças e derrotar o dragão.

Continuaram a andar, até que chegaram a um sítio onde as árvores eram todas muito brilhantes e muito amarelas, e ele disse:

– Olha, agora este é o bosque de ouro. Este sim, porque este dragão tem seis cabeças, todas deitando lume pela boca. Então, eu já não sei se vou conseguir vencer, temos que ter muito cuidado.

Iam muito devagarinho, muito devagarinho, com muito cuidado, mas não lhes valeu de nada. Quando já iam chegando ao fim, caiu uma folhinha de uma árvore.

Então ele disse:

– Quem é que deixou cair uma folha das árvores do meu reino?

– Ó dragão, foi sem querer, nós não queríamos.

– Por querer ou sem querer, agora terão que lutar comigo.

Lutaram, lutaram, lutaram quase um dia inteiro, mas por fim já o Touro Azul estava cheio de sangue, todo arranhado, conseguiu encher-se de forças e lá conseguiu derrubar e matar o dragão.

Continuaram a andar, até que chegaram a um sítio em que se via um lindo palácio.

Então o Touro Azul disse a Carina:

– Carina, agora tiras aqui uma faca, um punhal que está na minha orelha, matas-me, enterras-me aqui e vais pedir trabalho naquele palácio. Quando precisares de alguma coisa, vem ter comigo e pedes-me.

– Ai, não Touro Azul, nunca te poderia fazer mal.

– Não, eu fico bem, porque agora o importante és tu. Faz aquilo que eu te digo.

Então a Carina muito triste, lá teve que fazer aquilo que o Touro Azul lhe mandou. E, foi pedir trabalho no palácio.

Quando lá chegou disseram-lhe:

– Mas nós não temos falta de ninguém para trabalhar.

– Oh, mas eu estou sozinha, arranjem-me lá trabalho...

– Está bem, ficas aí fazendo limpezas. E deram-lhe um vestido de pau e começaram-lhe a chamar a Maria do Pau.

Naquele palácio havia um príncipe. Um dia o príncipe resolveu anunciar que ia dar um baile para arranjar uma noiva para casar. Todas as meninas das redondezas foram convidadas para ir ao baile. A Carina era a empregada lá do palácio, era lá criada, ninguém lhe disse nada e ela ficou muito triste. Depois de toda a gente já ter ido para o baile, a Carina foi ter com o Touro Azul:

– Ó Touro Azul, estou tão triste... Queria tanto ir ao baile do príncipe, mas não tenho roupas, não tenho como ir.

Então o Touro Azul fez aparecer um vestido muito lindo e um carro com uns cavalos brancos lindíssimos. Mas disse-lhe:

– Quando der a meia-noite tens que vir para casa.

A Carina assim prometeu. Ficou lindíssima, quando chegou ao baile e entrou, o príncipe ficou logo encantado com ela e foi convidá-la para dançar. Dançaram toda a noite e o príncipe ofereceu-lhe o anel que tinha. Quando se começaram a ouvir as badaladas da meia-noite, ouviu-se, *bum, bum*, e a Carina saiu a correr com a força toda. Meteu-se no carro e foi para casa. Esqueceu-se de dar o anel que o príncipe lhe tinha emprestado.

O príncipe nunca chegou a saber quem era a menina, mas ficou tão apaixonado por ela que começou a ficar triste, triste e doente, não saía da cama. Toda a gente andava à procura para ver se conseguiam saber quem era a menina. Ele não queria comer, não se queria levantar e um dia a Carina, a menina do pau como era conhecida no palácio, disse:

– Deixem-me fazer um bolo para o príncipe.

– Um bolo? Ele não come as coisas boas que os cozinheiros lhe fazem, quer agora um bolo feito pela Maria do Pau! Mas se quiseres podes fazer.

Ela meteu-se no quarto, vestiu o vestido, fez o bolo, enrolou num papelinho o anel que o príncipe lhe tinha oferecido e meteu dentro do bolo.

Quando foram levar o bolo ao príncipe, ele não queria comer, mas tanto insistiram que ele lá tirou um bocadinho. Ele mete o bolo na boca e sente uma coisa dura. Foi ver, começou a desenrolar o papelinho e viu lá dentro o anel que ele tinha oferecido à menina com quem tinha dançado. Então levantou-se da cama a correr e perguntou:

– Quem é que fez este bolo?

– Foi a Maria do Pau.

– Onde é que ela está?

– Está no quarto.

Ele veio a correr ao quarto e ela estava vestida com o vestido lindo que o Touro Azul lhe tinha oferecido e que tinha levado ao baile.

Então o príncipe perguntou-lhe:

– Tens estado sempre aqui e nunca tinhas dito nada?

– Oh, eu tinha vergonha, como era aqui criada, que tu não quisesses falar comigo.

– Não, eu quero é casar contigo.

Então, anunciaram o casamento e a Carina mandou convidar o pai e a madrastra que estavam lá no palácio, para irem ao casamento. O pai tinha estado fora, porque tinha estado lá com os soldados na guerra, mas já tinha vindo. Veio ao casamento com a madrastra, porque apesar daquilo que a madrastra lhe fez ela não tinha ficado ressentida com ela. Foi um casamento muito lindo e a esta hora lá estarão comendo arroz com melão e pão com cação!

Informante: Guadalupe Batata, 42 Anos, natural de Serpa, licenciada em Educação de Infância.

Recolha: em Vila Nova de S. Bento, Serpa, Beja, a 28-10-2005.

Coletor: Ângela Maria Soares Valadas (gravação n.º 5)

Classificação: AT 511A

O TOIRO AZUL

Era uma vez um príncipe que era casado, e depois enviuvou, e casou com outra mulher, e tinha uma filha da primeira mulher. Mas ela era muito má, porque tinha inveja, porque a rapariga era muito linda, e ela tinha invejas dela. E ela tratava-a

mal. Mandava-a ir com os bois, e não lhe dava comer nenhum. Mas tinha um toiro que era o Toiro Azul, e um dia ela estava chorando com fome, e o toiro disse assim:

– Olha, mete a mão aqui na minha orelha, tira um pano e estende-o no chão e terás tudo para tu comeres.

Ela depois fazia aquilo todos os dias, e cada vez estava mais bonita. E a madrasta foi espreitá-la. Ela tirou um pano na orelha do Toiro Azul, e tinha comida, porque era um encanto, porque o Toiro Azul era encantado. A madrasta ao ver aquilo disse depois ao príncipe que estava muito doente, muito doente, que só se curava com a carne do Toiro Azul. Para ele matar o toiro, que só se curava se comesse carne do Toiro Azul. Mas o toiro adivinhava tudo, e disse assim:

– Olha vamos embora, que o príncipe quer me matar.

E depois foram os dois. A menina que era Carina, pôs-se em cima do Toiro Azul e foram correr mundo. Passaram a uma floresta que era em cobre, e o Toiro Azul disse:

– Não toques numa folha sequer.

Mas aquilo estava prometido. Caiu-lhe uma folha no colo, e ele disse:

– Guarda-a, guarda-a muito bem.

Depois veio um bicho lutar com ele. Tinha três cabeças. O Toiro Azul, lutou, lutou e venceu.

Depois, lá mais à frente passaram por outra floresta em prata. E o toiro disse-lhe:

– Não toques numa folha sequer.

Mas como aquilo estava prometido, caiu-lhe outra folha no colo. Depois o toiro disse-lhe:

– Guarda-a, guarda-a muito bem guardada. Guarda essas folhas muito bem guardadas.

Depois veio um bicho com seis cabeças. Depois o touro brigou, brigou, lutaram muitos dias, mas o toiro venceu. Estava ferido, mas a menina curou-lhe as feridas. Foram andando, andando, passaram outra floresta em oiro, toda em oiro. E o toiro disse:

– Agora não podes tocar numa folha, se tocares vem um bicho de nove cabeças.

Mas aquilo estava prometido, caiu-lhe outra folha. Diz ele:

– Agora não sei se vencerei, é um bicho com nove cabeças.

Ela guardou as folhas, tinha as três folhas guardadas, veio um bicho com três (!) cabeças. Lutaram três dias. O Toiro Azul venceu, mas estava muito ferido. A menina curou-lhe as feridas e eles foram-se embora. Foram a um bosque muito grande com uns grandes rochedos, e o toiro disse assim:

– Agora toma lá esta faca e corta-me o pescoço. E enrola num pedaço da minha pele, essas três folhas e mete aqui. Quando quiseres alguma coisa é só dizeres, “valha-me aqui o meu Toiro Azul”.

Ora, mas a menina chorava, que não podia pensar em fazer aquilo, com tanto que ele lhe fez, mas ele pediu-lhe e disse-lhe:

– Vais desencantar o meu encanto. Mata-me com esta faca, que “a faca que corta bem não faz mal a ninguém”.

A menina com muito custo, com muitas lágrimas, mas cortou o pescoço do toiro, e enrolou as três folhinhas num pedaço de pele e foi-se embora. Mas antes o Toiro Azul tinha-lhe dito:

Levas um vestido. Diz “valha-me aqui o meu toiro azul, dê-me um vestido de cortiça”. Vais vestida com um vestido de cortiça e vais pedir trabalho ao rei.

Ela lá foi com o vestido de cortiça. Chegou lá, bateu à porta, veio a criada:

– Que raio de mulher é esta com um vestido de cortiça.

– Vinha ver se o senhor príncipe me dava trabalho.

– Trabalho, só cuidar nos patos.

Ela lá foi dizer ao rei, e ele disse-lhe:

– Pois deixa-a ficar para aí.

Era um vestido de cortiça que andava ali. No outro domingo era uma missa, e o príncipe pediu uma toalha. E depois ela quis ir levar a toalha e a criada disse assim:

– Não vás levar a toalha, porque ele dá-te com a toalha nas ventas.

– É igual, mas eu vou levar a toalha.

Foi levar a toalha, o príncipe viu aquele bicho de cortiça, jogou-lhe a toalha para cima todo marafado, e não quis. Ela voltou para trás e foi-se embora. Depois elas estavam-se todas preparando para ir à missa, ela disse:

– E eu vou também à missa.

Diz a criada assim:

– Com um vestido de cortiça?

– Ora tenho um vestido de cortiça, mas tenho fé, vou à missa. Vocês vão e eu vou também.

Foi lá e disse assim:

– Valha-me aqui o meu Toiro Azul, dê-me um cavalo em cobre e uns sapatos e tudo do mais bonito.

Oh, lá veio o cavalo e lá veio aquilo tudo e lá foi ela à missa. O príncipe quando a viu disse:

– Quem será esta bela desconhecida, mas quem será?

E veio atrás dela, ela deixou cair a bengala, e ele apanhou-a, e disse-lhe:

– Então de onde é menina?

– Eu sou do sítio das toalhas.

Não disse mais nada, ora o príncipe não ficou a saber. E depois ela foi levar aquilo lá onde estava o Toiro Azul e veio com o vestido de cortiça. Quando veio o príncipe disse-lhe assim:

– Então não viste a bela desconhecida?

Diz ela assim:

– Eu não olhei cá para belas desconhecidas. Fui à missa foi para rezar e foi para estar tomando atenção no que o senhor padre disse, não foi para olhar para belas desconhecidas.

No outro domingo houve outra missa. Ela insistiu em ir à missa, e diz a criada:

– Mas o que é que tu vais para lá fazer?

Bom, o príncipe pediu uma bacia, e ela disse logo:

– Eu vou levar-lhe a bacia.

– Vais levar a bacia, o príncipe joga-te a bacia atrás.

– É igual, mas eu vou levá-la.

Foi levá-la, o príncipe jogou-lhe a bacia atrás.

Bom, lá foi ao bosque, e disse:

Valha-me o meu Toiro Azul, dê-me um cavalo e um vestido em prata, e tudo do mais lindo.

Apresentou-se lá na missa. Ninguém olhou para o padre, toda a gente olhou foi para a bela desconhecida. Vai embora e deixou cair uma luva. O príncipe apanhou-a e disse-lhe:

– De onde és tu menina?

– Eu sou do sítio das bacias.

Ora ele não sabia onde era. Foi para casa e o príncipe perguntou-lhe:

– Então não viste lá a bela desconhecida, esta ainda era mais bonita que a outra.

– Já lhe disse, não olhei cá para belas desconhecidas, eu fui para ir à missa.

Depois no outro domingo, houve outra missa, toda a gente ia à missa, e ela disse:

– E eu vou também.

– Vais também, então o que é que tu vais para lá fazer?

– Quê que vou para lá fazer? Vou à missa, vou rezar.

O senhor príncipe, pediu um pente, e ela disse:

– Eu vou levar o pente.

– Vais levar o pente é como das outras vezes, o senhor príncipe joga-te com ele atrás.

– Mas eu vou igual, não me importo.

Foi, o príncipe jogou-lhe com ele atrás. Bom, lá foram à missa, e ela foi lá ao bosque e disse:

– Valha-me o meu Toiro Azul, dê-me tudo em oiro do mais lindo que há. Era um cavalo em oiro, a vestimenta dela tudo em oiro do mais lindo. Depois o príncipe quando a viu é que ele ficou encantado. Ela depois deixou cair um sapato. Ele apanhou o sapato e disse assim:

– De onde é que tu és, menina?

– Eu sou do sítio dos pentes.

Ele não ficou sabendo. Foram para casa, ele já tinha um sapato, uma bengala e uma luva. Bom, depois mandaram chamar as moças todas, todas que havia, o sapato não servia a nenhuma. Veio a filha da madrasta, com a força que fez, conseguiu calçar o sapato, e ele tinha dito:

– Quem servisse o sapato casava com o rei.

Ela fez um esforço e calçou o sapato, mas o sapato ficava-lhe muito apertado. Aquilo era muito duro, feriu-lhe logo o pé, mas como ela calçou o sapato iam casar. No caminho, iam para o casamento e estava um passarinho cantando e dizendo:

– Calcanharzinho dela, calcanharzinho. O calcanharzinho tem sangue.

Depois foram olhar, tinha sangue. Depois viram que não era dela e desfizeram o casamento. Bom, chamaram todas, todas quanto haviam, já não havia mais nenhuma. Depois a criada disse assim:

– Ó senhor príncipe, já chamou as mulheres todas do mundo, só falta o bicho de cortiça. (Chamavam-lhe o bicho de cortiça). É um bicho de cortiça, mas é uma mulher.

E ele disse:

– Então vá lá ver que só falta essa, não demos conta de mais nenhuma.

Oh, assim que ela foi calçar o sapato, o pé entrou logo, não fez esforço nenhum. E ele olhou para ela, assim, a cortiça caiu e ficou toda cheia de ouro, coberta em ouro. Ficou a menina mais linda do mundo, que ela tinha a cara tapada, andava só com a cara tapada só com os olhos aparecendo, e era muito linda e assim que ela calçou o sapato a cortiça caiu e depois ficou linda, toda cheia de oiro. E depois o príncipe casou com ela.

Informante: Maria Estêvão Cavaco, 75 anos, natural de Freixo Seco de Cima, Loulé, Faro, 3.ª classe, reformada.

Recolha: em Freixo Seco de Cima, Loulé, Faro, em 2005.

Coletor: Carina Isabel Martins Anastácio (cassete n.º 3 / Face B)

Classificação: AT 511A

150

TOURINHO AZUL

Era um tourinho que era preto, que era um tourinho muito bonito, muito lindo, e havia uma menina que se chamava Maria dos Anjos. E a madrasta queria acabar com ela, pronto, queria-a matar. E então, mandava-a para o campo a cuidar nos boi-nhos e não mandava comida nenhuma. Ora bem, e depois, ela muito triste, muito triste, e o tourinho azul perguntava-lhe:

– O que é que tens, Maria dos Anjos?

– Ah, pois tenho fome, não tenho comida.

– ‘Tá bem, olha, mete a tua mão aqui na minha orelha esquerda, puxa um pano que aí está e estende no chão e dizes assim: “Venha-me aqui o meu tourinho azul.”

E ela assim fazia. Ali vinha comida, tudo. Ela comeu, fartava-se.

No outro dia a mesma coisa, também o mesmo.

– Mete a tua mão na minha orelha esquerda, tiras um pano, que há-de aparecer aí comida.

Lá aparecia a comida, ela comia. Ficava bem e no outro dia o mesmo, a mesma coisa também:

– Mete a tua mão na minha orelha esquerda e tiras o pano, estendes aí no chão, que te há-de aparecer aí a comida.

Bem, passava-se aqueles três dias, e ele disse assim:

– Olha, Maria dos Anjos, a tua madrasta quer-nos matar a gente os dois, e então temos que fugir.

– E então para onde é que a gente vai?

– Olha, deixa lá, tu vais a cavalo em mim e eu vou andando. Mas não mexas em nada que vires.

Pronto, lá foram muito bem, passaram a árvore de cobre. E ela lá foi com o dedinho para apanhar, apanhou um raminho, pronto.

Lá foram andando, andando, andando, e apareceu a árvore de prata. Ela também o mesmo: estendeu a mão, estendeu a mão, lá apanhou um raminho da árvore de prata.

Pronto, vá de andarem a cavalo (ai, que isto está tudo estragado, mas enfim).

Foi lá à frente, mais à frente, a árvore de ouro ainda era mais bonita, ainda mais ela quis. Foi-se para apanhar, apanhou um raminho da árvore de ouro. E ele depois, diz ele assim:

– Ai, Maria dos Anjos, olha, agora não fizeste o que eu mandei. Eu estou doente. Tu tens que me acabar de matar. Mas olha, eu morro, morro aqui e tu enterras-me ali. Enterras-me e depois vais servir para aquela casa, para aquele monte. Vais para além servir, e depois, quando eles te fizerem alguma coisa que não seja boa, tu vens aqui e dizes: “venha-me aqui o meu tourinho azul!”

Bem, ela foi, foi, até que deu notícia que o rei fazia as cavalhadas. E então, vinham as rainhas todas e ela pensou, e foi lá. Foi lá e disse:

– Venha-me aqui o meu tourinho azul.

Lá veio tudo: o cavalo arriado de cobre, todo muito bonito e a roupa para ela e os sapatos. Ela monta-se a cavalo no lombo do cavalinho todo muito bonito, lá foi junto às outras rainhas. Chapéu, tudo muito bonito para ela. Pronto, olha, o rei não a conheceu e andou, andou... E depois, como a acharam muito linda, quis que ela ficasse. E ela, para não se deixar ficar, deixou cair um sapato, o sapato de cobre.

Bem, lá foi no outro domingo seguinte, a mesma coisa. Também ela soube que havia as cavalhadas e ela foi outra vez ao pé do tourinho azul:

– Venha-me aqui o meu tourinho azul.

Veio o cavalinho em ouro, tudo arreado em ouro, sapatos para ela, vestido, chapéu tudo, tudo em ouro.

Ela lá foi, e ele a mesma coisa. Para não se deixar ficar, deixava cair o sapato e ele apanhava. Bem, e depois disse:

– Mas eu tenho aqui três sapatos, isto são de quem? Pronto, venham lá as rainhas todas, que foram às cavalhadas, venham lá as rainhas todas.

Elas vieram, brigaram para calçar o sapato, não conseguiram calçar o sapato. Olha para essa criadita que para aí está. Veio a criada, que era a Maria dos Anjos, olha, calçou o sapato. Diz ele assim para ela:

– Ó Maria dos Anjos, mas este sapato é teu?

– Ah, não sei, eu calcei-o...

Bom, passou-se... E tal dia, depois, era domingo outra vez:

– Venham as rainhas outra vez todas que eu ainda tenho um sapato.

Foi, lá brigaram para calçar o sapato – esse era de prata, muito bonito -, não deram calçado o sapato.

– Ó Maria dos Anjos, mas então, será que o sapato é também teu?

Foi experimentar, calçou.

– Então, mas isto é teu?

– Olhe, não sei, ele serve.

– Bem, ainda tenho outro, tenho outro sapato. Venham lá as rainhas todas, que eu ainda tenho aqui outro sapato. Este ainda mais bonito.

Era então o sapato em ouro. Elas experimentaram, faziam força, não davam calçado o sapato.

– Pronto, olha, venha lá a criada outra vez.

Veio a criada, que era a Maria dos Anjos, calçou o sapato.

Mas ele tinha prometido que casava com a dona do sapato e então diz:

– Olha, promessa é promessa.

Casou com a Maria dos Anjos.

Informante: Leonor Felício, 76 anos.

Recolha: em Almogrove, Odemira, Beja, a 5/11/2006.

Coletor: Sónia Maria dos Reis (cassete n.º 1 / face B)

Classificação: AT 511A

151

O TOURO AZUL

Era o rei que vivia com a filha e a rainha. Certo dia a rainha adoece e a filha fica pequenina e indefesa, triste e carente, só com o pai. Ele, entretanto, arranja uma esposa, que também tem uma filha que ao contrário da princesa é feiosa, desajeitada, é preguiçosa, e não sabe fazer nada, nem quer, só quer é preguiçar.

A madrasta, a-pouco-e-pouco, começa a tratar mais mal a menina e inclusive deixa de a alimentar e ela refugia-se no campo, a cuidar dos animais. Claro que à frente do pai a madrasta trata-a bem, mas quando está sozinha com ela maltrata-a, não a trata dignamente. E então ela começa a andar triste e a sentir-se bem apenas quando está a cuidar das vacas.

Certo dia, em que a menina estava cheia de fome, uma das vacas, que era um touro que tinha o pêlo assim azul-escuro, quase preto e chamavam-lhe Touro Azul, aproximou-se na menina e falou com ela. E ela muito admirada, porque o boi estava a falar, ouviu o que ele lhe disse. E ele dizia-lhe assim:

– Sei que estás com fome. Olha, se tu me coçares aqui na minha orelha, sai de lá uma toalha. Mas tens que dizer: “Põe-te toalha”.

E a menina coçou na orelha do touro e disse:

– Põe-te toalha.

E da orelha do Touro Azul saiu uma toalha. E depois ele dizia:

– E agora: “Põe-te comida”.

E o Touro Azul, como por magia, enchia a toalha de comida. E a menina, portanto, comia, comia e assim recuperou as energias, a força, a alegria e andava feliz, adorava ir para o campo e isso tudo.

A madrasta andava desconfiada, pois ela sabia perfeitamente que a maltrata. Como é que ela podia andar tão feliz? E então seguiu-a, seguiu-a, e viu que o Touro Azul lhe servia boa comida. E então ela fingiu que estava muito doente:

– Ai, ai, meu rei, estou muito doente. Ai, ai, ai, acode-me por favor.

E o rei, que a queria ajudar, perguntou-lhe:

– Mas o que achas que te vai fazer bem?

E ela disse:

– Eu só me curarei se me trouxeres o fígado do Touro Azul para eu comer.

A menina, ouviu esta conversa, ficou assustadíssima.

Durante a noite saiu e foi ao estábulo, onde estava o touro, e esteve-lhe a dizer:

– Olha touro, a rainha descobriu que nós somos amigos e que tu me ajudas e quer mandar matar-te.

Então o touro disse:

– Então, não há tempo a perder, vamos fugir os dois.

E nessa noite, o touro transformou-se num lindo cavalo, da mesma cor, e a menina pulou para cima dele e lá foram. Atravessaram campos e vales e montanhas e reinos e foram parar ao amanhecer a um sítio muito distante. Então à frente avistavam um palácio. E então, o touro disse:

– Olha, agora estás por tua conta. Vais àquele palácio, pedes ajuda e, entretanto, tens que andar disfarçada. Vais usar uma máscara.

E ele, como por magia, arranjou uma máscara de madeira que ela punha na cabeça e que lhe tapava os olhos. E ela ficava feia com aquela máscara. Além de feia era uma máscara muito pesada, mas ela tinha que a usar para não ser descoberta.

E então ela foi lá a esse palácio e foi pedir ajuda. Apesar do seu mau aspecto, de estar suja e mal-arranjada, de usar aquela máscara, ela disse:

– Olhe, por favor, dê-me trabalho. Estou muito necessitada de trabalho. Tenho fome. Sou muito habilidosa, sei fazer todas as lides domésticas. Por favor dê-me trabalho.

Lá a governanta daquele palácio lá lhe deu trabalho: ajudar nas lides domésticas. Mas ela nunca poderia tirar aquela máscara. Então, enquanto não estava a trabalhar resolveu tricotar com uma linha muito fina, uma renda muito bonita, uma colcha para o príncipe, porque naquele palácio havia um príncipe em idade

casadoira, ela achou muito interesse. Então resolveu fazer-lhe uma colcha. E mandou entregar ao príncipe. A governanta lá levou a colcha e a rainha apreciou imenso aquele trabalho. E então disse:

– Eu quero que a menina que fez esta preciosidade a venha colocar na cama do meu filho.

E ela lá foi com a sua máscara de madeira lá foi colocar a colcha na cama do príncipe. Apanhou-se no quarto do príncipe – aquilo era um espelho enorme – ela não resistiu á tentação: queria ver como estava a cara dela, porque, entretanto, já tinha passado algum tempo. Tirou aquela máscara de madeira da cara e pôs-se a ver ao espelho. Olha, nem se apercebeu: entrou por ali a dentro o príncipe muito silencioso – vinha espreitar o que se passava – e quando viu o reflexo dela, tão bela no espelho, pronto, ficou logo apaixonado. E então ela quando se apercebeu que alguém estava no quarto, assustou-se, pôs a máscara e fugiu. O príncipe, mais uma vez ficou sem pistas para encontrar esta bela rapariga. Apenas sabia que ela era muito habilidosa e que fez aquela colcha.

Então mandou que procurassem em todas as casas até que chegaram ao sítio em que Vélia trabalhava. Por vezes ela assumia este nome, outras vezes é só menina. Então as pessoas disseram:

– Aqui só trabalha uma rapariga. Ela realmente tem habilidade para fazer uns trabalhos.

Então ele foi, chamou-a, pediu-lhe que retirasse a máscara. Ela assim o fez e ele disse:

– Finalmente, encontrei a rapariga com quem eu espero casar e ter muitos filhotes e ser muito feliz.

Então ela também tinha achado alguma piada ao rapaz, aceitou a sua proposta e foi com ele para o palácio.

Entretanto ela precisava de saber como é que estava o seu amigo touro, como é que estava o seu pai, e então, com o príncipe, lá foi ela à procura do seu pai. Encontrou-o com a madrasta. A madrasta, muito espertalhona, fez-se de muito arrependida, mas a menina resolveu perdoá-la e o Touro Azul foi com ela para o palácio e viveu sempre junto dela. E assim acaba a história.

Informante: Graça Bernardo, 42 anos, educadora de infância.

Recolha: em Faro, a 8/11/2006.

Coletor: Cátia Dias Matos (cassete n.º 1-2 / face B-A)

Classificação: AT 511A

CONTO DA PRINCESA E DO TOURO AZUL

Era um rei que tinha uma filha muito linda. Era viúvo e casou com outra mulher que tinha outra filha muito feia. E a mulher tinha ciúmes da rapariga, por causa que tinha uma filha bonita e ela tinha a filha feia. Quando tinha visitas, apresentava a rapariga e a feia escondia-a. Até que um dia ela deu castigos à rapariga. A rapariga lá ia passar os castigos. Vinha para casa e ela dizia:

– Agora vais com o Touro Azul passar o bosque. Levas este pão e trazes o pão inteiro da mesma maneira. E tens que comê-lo.

A rapariga começou a chorar e disse:

– Ai, Touro Azul, agora é que eu estou perdida. Ela quer que eu coma o pão e o leve inteiro. Como é que pode ser isso?

– Olha, não te apoquentes, não chores. Enfia o pão aqui no meu cornicho. Faz-se um buraco e comes o miolo e vai o pão inteiro à mesma.

E assim foi. Voltou para trás, veio para casa. A madrasta diz:

– Ah, trouxeste o pão inteiro! Agora tens que ir passar o bosque.

A rapariga lá foi com o touro. Chorava, que tinha muito medo. O bosque era muito escuro.

– Vais passar o bosque e o Touro Azul não pode fazer cair a rama de uma árvore.

– Que ela disse.

O Touro Azul disse:

– Anda, vamos!

Lá foram. O Touro Azul ia passando dentro do bosque com ela e fez cair uma folha.

– Ai, estamos perdidos, Touro Azul, caiu uma folha!

– Deixa, não te rales! Põe no bolso.

Lá mais tarde, foram andando, andando, andando, caiu outra. Até que caiu três folhas e ela só chorava. E o touro dizia assim:

– Não te apoquentes. Guarda, põe no bolso...

Chegou ao fim do bosque e o Touro Azul disse:

– Carina, eu vou morrer, que eu sinto-me muito cansado. Eu agora já não vou para casa. E ela disse:

– Ai, Touro Azul, mas o que é de mim, sozinha sem ti?

Começou a chorar. O Touro Azul disse:

– Deixa que eu sou virtuoso e dou-te esta varinha, que é virtuosa. E tu chegas à minha sepultura e dizes: “Touro Azul dá-me tudo quanto eu quero!”

Então ela assim fez. Ficou com a varinha e um dia:

– Ai, o Touro Azul disse-me isto... Então eu vou ver...

Chegou ao pé da sepultura e disse:

– Touro Azul, dá-me tudo quanto eu quero, tudo quanto eu quero, dá-me! Dá-me uma vestimenta de ouro e dá-me uma vestimenta de pau!

O Touro Azul assim fez. Apareceu uma vestimenta de pau e uma vestimenta de ouro.

Bem, ela foi, escondeu a vestimenta de ouro e vestiu a vestimenta de pau e foi dar à casa de outro rei. Chegou lá, perguntou se queria alguma criada. E o rei disse:

– Sim, preciso, para guardares os patos e os outros animais.

Bem, ela tinha a vestimenta de pau. Escondeu a de ouro e foi guardar os patos. E punha-se:

– Patos por aqui, patos por ali. Filha de el-rei, a guardar patos ainda não vi.

As outras criadas faziam pouco dela:

– Ah, que vontade de rir! Filha del rei... Maria Cara de Pau... Como é que pode ser filha de um rei?

E lá voltava ela:

– Patos por aqui, patos por ali. Filha de el-rei, a guardar patos ainda não vi.

Bem, passou aquele dia. No outro dia, ela pensou em ir à missa e pediu também ao Touro Azul para lhe dar um cavalo branco. Ele deu-lhe o cavalo branco. Montou-se no cavalo e deixou cair um sapato, um sapato de ouro. As pessoas que estavam na missa todos se admiravam de ver uma rapariga tão linda e toda dourada.

Voltou para casa, escondeu a vestimenta de ouro e vestiu a de pau, outra vez.

O que é que o rei fez:

– Ai, um sapato dourado! É da tal rapariga, que estava vestida de ouro.

Mandou anunciar a todos os países e a todos os lados: a quem servisse aquele sapato casava com o filho. Bem, veio muitas raparigas de muitos lados, até rainhas e princesas vinham experimentar o sapato para casar com o filho do rei. Mas o sapato não servia a ninguém.

Um dia, diz ela assim:

– Ó Senhor Rei, eu experimento o sapato!

– Tem juízo, rapariga! Tu, Maria Cara de Pau, andas só guardando os patos... Queres calçar o sapato?

Tanto que ela pediu, a rainha diz assim:

– Deixa lá ela calçar, para matar esse desejo que ela deseja.

Ora, calçou o sapato e o sapato serviu-lhe, pois era dela. Ora, tirou a vestimenta de pau, tinha por baixo a de ouro escondida. Foi uma admiração que o rei fez e disse:

– Casas com o meu filho!

Casou com o filho do rei. Hoje estão a viver muito bem, muito contentes.

Informante: Maria Juliana Arvela, 87 anos, natural de Albufeira, sabe ler.

Recolha: nos Caliços, Albufeira, Faro, a 17/10/2006.

Coletor: Vítor Miguel Serápio Correia (CD n.º 1 / faixa n.º 38)

Classificação: AT 511A

153

O TOURO AZUL

Era um Rei que era casado com uma Rainha, só tinha uma filha. A filha chamava-se Carina. E ele, um dia mais tarde, andava numa caçada e a mulher morreu. Ficou a menina com as criadas. Ele depois pensou em casar. Pensou em casar, casou com uma que era muito má, muito má... E a mulher dele era boa... Mas aquela era má. E ela trouxe uma filha, mas a filha era muito feia. Era muito feia, e a enteada era bonita... Ela tinha ciúmes daquilo. Quando o marido ia para caçadas para longe, ela mandava a criada [sic] ir cuidar nos bois, onde no rebanho havia um touro que era o Touro Azul... (E o nome da história é “O Touro Azul”). E então, a madrasta só lhe mandava peixe salgado e pão de rolão. Ela, coitada, não estava habituada àquilo, não comia... Não comia, aquilo vinha tudo de volta, para casa.

À noite, a madrasta ia ver: “Ela não comeu, e não está magra?”

Depois, no outro dia, a mesma comida. Chegava a pontos que o pão e o peixe já tinham bolor. E então o touro viu ela a chorar... e o touro era santo. Era santo, e foi para ela e disse:

– Porque é que choras, minha menina?

Ela disse:

– Choro porque eu era tão bem estimada e agora tenho uma madrasta e sou muito maltratada.

E então ele disse assim:

– Olha, tira um guardanapo que tenho aqui na minha orelha e estende no chão.

Ela tirou o guardanapo, estendeu no chão e ali aparecia toda a comida que ela quisesse. Vinha a hora do lanche, o touro vinha e dizia:

– Tira o guardanapo da minha orelha.

Depois, estendia, comia e ficava satisfeita.

– Põe no mesmo lugar.

Ela punha outra vez o guardanapo no mesmo lugar.

Depois, a madrastra: “Mas que senhores... Ela está gorda e o comer vem sempre de volta, mas o que é isto?”

Mandou um criado ir espreitar. Depois o criado veio contar.

E diz ela:

– Ah sim? Então vou mandar matar o touro. Mas não o posso matar sem o meu marido chegar.

O marido chegou, ela fingiu-se doente e pagou muito dinheiro a um médico para ele dizer que ela só se curava com um bife do Touro Azul.

E então, ele diz:

– Ah, mas vou matar o Touro Azul, se a minha filha gosta tanto dele? Eu não o mato, vou mandar ver por todo o lado a ver se se encontra outro.

Não encontravam. Não encontravam, o médico dizia:

– Tem que matar o Touro Azul para ela comer um bife dele, que é para ela se curar.

Foi ele e mandou matar.

Mas o touro adivinhava. E na noite quando ela lhe foi dar de comer, a ele e aos outros touros, ele disse:

– Olha, Carina, temos que fugir esta noite. Amanhã vêm-me buscar para me matar para dar um bife para curar a tua madrastra, que ela não está doente! Aquilo é fingimento que ela arranja!

Depois, de manhã, abalaram. De madrugada. Abalaram, iam andando, iam andando...

Diz ele assim:

– Olha, estamos a chegar ao bosque de cobre. E quem manda nesse bosque é um feiticeiro de três cabeças. Tem cuidado, não faças cair alguma folha, senão a gente temos que lutar.

Depois, ela, com um grande medo, um grande medo, a passar debaixo das árvores... Depois, quando cai uma folha. Cai uma folha e ela diz:

– Ai, lá caiu uma folha!

– Então, guarda na algibeira do avental.

Ela guardou a folha, e apareceu o feiticeiro e disse:

– Quem mandou mexer nas folhas do meu bosque?

E ele [o touro] disse:

– Foi sem querer!

Mas ele começou a lutar com o touro, e o touro lutou com ele... O touro matou o feiticeiro. Matou o feiticeiro, e depois ficou cheio de feridas e disse:

– No meu ouvido direito, tenho um frasco de remédio. Agora unta-me todas as feridas que eu tenho.

Ela untou todas as feridas que tinha e ele depois curou-se. Esteve três dias sem poder andar. Depois, ao fim de três dias abalaram outra vez. Depois de andarem muito, diz o touro assim:

– Estamos a chegar ao bosque de prata. Vê lá se não fazes cair nenhuma folha, que agora aparece o feiticeiro das seis cabeças. Aqui então é que é lutar. Ou ele, ou eu... ou ele, tem que morrer.

Depois, ela ia andando, ia andando com muito cuidado... Cai uma folha! Disse:

– Ai, touro! Caiu uma folha!

– Então guarda-a ao pé da outra!

Nisto apareceu o feiticeiro. E disse:

– Quem manda mexer no meu bosque?

– Foi sem querer!

Ele disse:

– Não me importo!

Começou a lutar com ele. Lutaram, lutaram... Mas o touro matou o feiticeiro. Matou o feiticeiro... Ele ficou muito ferido, muito ferido... Depois, com o mesmo remédio, a rapariga untou o touro. O touro esteve três dias sem poder andar. Depois, ao fim dos três dias, caminharam, caminharam...

Diz ele:

– Estamos a chegar ao bosque de ouro. Cuidado, que aqui o feiticeiro tem nove cabeças! E então tu tens que andar com cuidado, não faças cair folha nenhuma!

Ela ia com muito cuidadinho, muito cuidado, muito cuidado... agachava-se, cai uma folha! Ela disse:

– Olha touro, caiu outra folha!

– Então guarda-a ao pé das outras.

Depois apareceu o feiticeiro das nove cabeças, com uma grande voz disse:

– Quem mandou mexer no meu bosque?

– Olha, foi sem querer.

– Não me importa!

E começou a lutar com o touro.

O touro lutou com ele, lutou, lutou, lutou... O touro, como era santo, matou o feiticeiro. Matou o feiticeiro e depois, esteve três dias todo... quase a morrer. Ela untou-o com o mesmo remédio. Depois ao fim de três dias abalaram. Iam andando, iam andando...

Ele disse:

– Põe-te de pé em cima do meu lombo e vê o que é que avistas.

Ela diz:

– Só avisto céu e mato.

– Então vamos a caminhar.

Ia caminhando, caminhando, e ele disse:

– Põe-te de pé em cima do meu lombo e vê o que é que avistas.

Ela disse:

– Avisto lá longe, não sei bem o que é, mas parece um palácio.

– Então é para lá que a gente vamos.

De maneira que foi andando, foram andando... foram dirigidos a esse palácio, chegou próximo do palácio e diz ele assim:

– Apeia-te.

Ela apeou-se e ele disse:

– Toma lá esta faca e mata-me.

E ela começou a chorar e disse:

– Não! Tu tens-me salvado, não te vou matar!

– Tens que me matar para teu bem e para o meu!

Depois ela disse:

– Mas porque é que te vou matar?

Ele disse:

– Está aqui este fato de madeira. Tu, depois de me matares, vestes este fato de madeira e dirige-te a pedir trabalho àquele palácio. E se perguntarem o teu nome dizes que és a Boneca de Madeira. Nunca digas o teu nome.

E depois, ela foi.

– E tens que arranjar sempre mentiras.

Depois ela foi, bateu à porta e veio uma criada:

– O que é que desejas, Boneca de Pau?

– Sim, eu sou a Boneca de Madeira, mas podes-me chamar Boneca de Pau.

Venho pedir trabalho.

– Então o que é que sabes fazer?

– Faço tudo.

Depois, a Rainha veio e disse:

– Então, ela que fique por aí a trabalhar.

Vai o Príncipe, passou e disse:

– Eu não a quero ver à porta do meu quarto!

E ele, depois... Havia uma festa e dizem as outras assim:

– Vês, tu és feia, não vais à festa! A gente vamos à festa.

– Então, não tem importância.

Veio o Príncipe e disse:

– Eu quero um jarro de água no meu quarto!

Foi ela e disse:

– Eu vou levar o jarro de água.

E as outras criadas:

– Não! O Príncipe não quer! Não te quer ver à porta do quarto!

– Mas eu vou!

Chegou lá, ele pega no jarro, jogou-lhe à cara. Jogou-lhe à cara e depois abalaram todos para a festa.

Ela dali veio à oliveira onde estava o touro, bateu, deu três pancadas e disse:

– Hoje há uma grande festa, vão todos à festa. O Príncipe não me quis ver à porta do quarto, jogou-me com o jarro.

– Então aí está um trem, um fato, tudo em cobre para tu lebares à festa. Mas sai da festa antes dos outros saírem, para quando eles chegarem em casa, tu já teres o fato vestido.

De maneira que, assim que ela chegou, o Príncipe viu entrar aquela linda rapariga na igreja, depois foi para ela e disse:

– Onde é que és, senhora?

Ela disse:

– Eu sou da Província do Jarro.

– Ai, não conheço...

– Pois pergunte que há-de encontrar!

E depois, ele sempre atrás dela, mas ela safou-se e veio para casa. Quando os outros chegaram, já tinha o fato de madeira vestido. E depois, as outras todas, as criadas:

– Ai, não viste uma linda rapariga que chegou lá, com trem, cavalo, tudo... uma coisa importante!

– Então, não pude ir, não vi...

No outro dia, era festa outra vez. Era festa outra vez, foi ele [o Príncipe] e disse:

– Eu quero aqui uma bacia!

Vai ela, pega na bacia, e as criadas:

– Não vás!

– Vou!

Foi levar a bacia, bateu à porta, entregou-lhe a bacia e ele jogou-lhe a bacia. Jogou-lhe a bacia, ela veio... Eles abalaram e ela veio à oliveira. Deu três pancadas e o touro disse:

– Hoje vais levar um fato todo em prata! Trem, tudo em prata! Se ele ontem gostou de ti, hoje ainda gosta mais!

De maneira que ela entrou na igreja, todo o mundo se levantou para ver aquela linda rapariga, tão bem vestida.

Depois ele disse:

– Onde sois, senhora?

E ela disse:

– Sou da Província da Bacia.

– Mas o quê? Ontem apareceu uma jovem linda, era da Província do Jarro... Você hoje diz-me que é da Província da Bacia...

Depois, antes de eles se despacharem, ela abala... Quando eles chegaram, já ela tinha o fato de madeira vestido.

No outro dia, havia festa outra vez. Houve festa, foi ele e disse:

– Eu quero uma toalha! Vou dar banho.

Ela abala, foi-lhe levar a toalha, ele pegou na toalha, jogou-lhe por cima.

E disse:

– Eu não quero aqui a Boneca de Pau!

Mas, depois, despacharam-se todos, foram para a festa, ela veio à oliveira, deu três pancadas e o touro disse:

– Hoje levas tudo em ouro. Hoje é que toda a gente fica encantada contigo. Mas sai antes de eles saírem, que é para quando chegarem já estares vestida com o fato.

Ela, depois, foi... Assim que ele a viu entrar, foi logo e disse:

– Senhores! Meu Deus, cada vez vejo uma rapariga mais linda! Onde sois, senhora?

– Da Província da Toalha.

– Meu Deus! Mas, onde fica isso?

– Pergunte que há-de achar.

E depois, ele sempre atrás dela, [ela] descuidou-se, vem a fugir para o trem, deixa cair o sapato. O sapato em ouro. Depois, foi ele e apanhou o sapato. Apanhou o sapato, ela abala num instante e quando eles chegaram, já ela estava com o fato de madeira.

As criadas não falavam em mais nada, que era um encanto de rapariga que aparecia lá na igreja. E foi ele, mandou buscar... foi para o pai e disse:

– Meu pai, com este sapato, quero que venham todas as raparigas da redondeza calçar o sapato a ver se o sapato... de quem é o sapato.

E então, ela fechou-se no quarto e toda a gente foi experimentar o sapato, a nenhuma servia... onde foi a filha da madrasta. A filha da madrasta foi e foi, calçou o sapato, malamente, calçou o sapato, ficou apertado.

Depois, foram casar. Foram casar, vai, vem um rouxinol, entrou na igreja e disse:

– Reparem que essa noiva é fingida! Não é a da Província da Toalha! Olha o calcanhar dela, cheio de sangue! O sapato fica-lhe apertado. E depois, o sapato é da Rapariga da Província da Toalha.

E depois, vieram, por toda a parte.

– Vai, agora, vão as criadas calçar o sapato, a ver quem serve.

Todas foram calçar o sapato, não servia a nenhuma. Depois, à pergunta, à pergunta:

– Onde é que está a Boneca de Pau?

Todos se riam:

– Então alguma vez o pé da Boneca de Pau cabe aí?

De maneira que andaram à pergunta, encontraram. Estava ela vestida com o fato de ouro e com um pé calçado e outro descalço. E depois disseram:

– Ah, mas está ali a rapariga que entrou na igreja com o fato de ouro.

Ele [o Príncipe] foi ver, viu que era ela. Deu-lhe o sapato, ela calçou-o, o sapato era dela... E então casou com ela, foram muito felizes.

E o conto se acabou e o rabo chamuscou. (risos)

Informante: Isaura de Jesus Martins, 86 anos, natural da Cabanita, Paderne, Albufeira, Faro, reformada, sabe ler e escrever.

Recolha: em Paderne, Albufeira, Faro, a 13/10/07.

Coletor: Cláudia Marta (CD / faixa n.º 3)

Classificação: AT 511A

154

O TOURO AZUL

Era uma menina que ficou sem mãe e o pai arranhou uma madrasta. E a madrasta mandava a menina ir guardar as vacas, e ela ia. E dava-lhe um bocado de pão já bolorento e água, era o que dava para a menina almoçar. E a menina, coitadinha, olhava para aquilo, não lhe apetecia comer e andava muito triste e chorava, chorava.

Um dia estava lá um touro junto com as vacas. O touro pôs-se a olhar e vê a menina assim. E disse assim:

– Ó menina – (Eu acho que a menina devia de se chamar Corinda, mas a minha avó até contava a história e dizia... Não me lembro como é que ela dizia... Bom era a Corinda.) E ele disse:

– Então o que é que choras Corinda?

E ela dizia assim:

– Ah, pois eu não me apetece comer este pão. A minha madrasta dá-me sempre este pão eu não gosto disto.

E a menina estava a ficar muito magrinha, muito magrinha. E o Touro Azul disse-lhe assim – chamava-se Touro Azul:

– Olha, olha lá para dentro aqui da minha orelha direita. O que é que tu vês?

E a menina olhou, olhou:

– Ah, vejo, vejo um... Parece um pano.

– Então tira lá.

Tirou, era uma toalha.

– Estende aí no chão.

A menina estendeu.

– Agora vai tirando tudo o que encontrares lá dentro.

E a menina ia tirando. Bem, ali apareceu de tudo para ela comer, tudo coisas boas. A menina comia, comia... Todos os dias fazia aquilo, e a menina estava ficando muito gorda. E a madrasta:

– Olá, então eu dou-lhe pão bolorento e ela parece assim tão bonita, tão gorda? Aqui há qualquer coisa... Eu vou espreitar.

Passou a ir espreitar, até que apanhou a menina a fazer aquilo. O que é que ela pensou?

– Ah, eu agora mando matar o Touro Azul.

E então, pôs-se um dia a dizer ao marido que tinham que matar o Touro Azul. A menina ouviu aquilo, foi logo e disse:

– Ai, Touro Azul, a minha madrasta quer-te matar. E agora o que é que a gente faz?

Diz ele assim:

– Não chores, não chores. Olha, fugimos. Monta-te lá que a gente vamos fugir.

Lá foram os dois, ela em cima do touro. Foram, andaram, andaram, andaram muito até que ele diz assim:

– Olha lá o que é que tu avistas?

– Ah, eu avisto uma árvore, uma árvore muito bonita. Aquela árvore parece mesmo de prata.

– Ah, é uma árvore de prata. Olha, quando chegares além, tu não toques. Deita-te assim em cima de mim e não toques na árvore, porque se tocares na árvore vem um bicho de sete... cinco cabeças e mata-me.

– Está bem.

Ela foi, chegaram à árvore. Ela agachou-se assim muito, e tocou e partiu um bocadinho da árvore. Partiu um bocadinho da árvore, oh, quando aparece aquele bicho com cinco cabeças. Ele disse logo:

– Olha, afasta-te.

Começou à luta, à luta, à luta com o bicho, lá conseguiu matar o bicho. Mas ele ficou ferido. Diz ele:

– Olha, Corinda, pega lá nos bocadinhos da árvore e põe em cima das feridas.

Pôs em cima das feridas e ficaram à espera que as feridas se curassem. Quando ele já estava melhorzinho, abalaram, foram outra vez, andaram. Quando ela queria comer, tirava a comida de dentro do touro e o touro comia o que havia nas terras, o que encontravam. E lá iam.

Eles lá foram, foram:

– O que é que avistas?

– Ai, Touro Azul, ai, uma árvore tão linda, tão linda... Olha, aquilo parece mesmo cobre.

– É de cobre. Aí tu tens que ter muito cuidado, senão vem um bicho de seis cabeças e mata-me. Olha que esse, então, mata-me.

– Ai, sim Touro Azul, eu vou ter muito cuidado.

Lá vão eles. Ela, agachou-se, agachou-se, mas aquilo não serviu de nada. Ela roçou na árvore, partiu a árvore. Lá vem o bicho das seis cabeças. Há luta outra vez. Bom, lá ele lutou, lutou e ela chorava a ver aquilo tudo, a chorar com pena dele. Lá

põe lá outra vez os bocadinhos. Conseguiu matar o bicho, põe os bocadinhos até as feridas ficarem curadas. Lá foram outra vez. Bom, lá andaram, andaram...

– Então agora o que é que avistas?

– Ai, olha, é uma árvore tão linda, tão linda, tão linda... Olha, parece mesmo ouro.

– É ouro! Olha, agora vem um bicho-de-sete-cabeças. Agora é que ele me mata mesmo. Tens que ter muito cuidado, muito cuidado.

Ela esticou-se toda em cima do touro, mas partiu um bocadinho da árvore. Vem o bicho outra vez. Outra vez a andarem à luta, à luta, até que lá conseguiram, lá conseguiu. Ele muito mal, lá tratou das feridas outra vez. Lá foram outra vez.

Foram, foram, diz ele assim:

– O que é que avistas?

– Olha, avisto uma casinha branca com uma luzinha.

– Então, olha, tiras uma faca de dentro da minha orelha e matas-me e enterras ali. E vais além aquela casa pedir trabalho, onde vês a luzinha.

– Ai, eu não faço isso. Não, Touro Azul, eu não posso fazer isso.

– Tens que fazer, tens que fazer! Tu matas-me, me enterras ali e vais além aquela casa.

E a rapariga, coitada, não queria, pois era o amiguinho dela. Mas tanto ele insistiu, que ela fez. E enterrou-o e lá foi pedir trabalho àquela casa.

Foi pedir trabalho, deram trabalho. Mas ela, coitadita, trabalhava muito lá. E ela era muito linda e dormia no sótão com a janela aberta. E todos os dias de manhã os passarinhos iam para a acordar, acordavam e cantavam:

– Corinda, Corinda são horas, são horas!

E cantavam os passarinhos, e cantavam os passarinhos... E ela lá descia para trabalhar. Até que um dia havia lá uma grande festa, lá na cidade. E ela disse assim:

– Ah, vai tudo à festa só eu é que não vou à festa... Tenho pena de não ir à festa...

E apareceu-lhe uma fada. E a fada disse assim:

– Então porque é que não vais à festa?

– Então, eu não tenho roupa, eu não tenho nada, não posso ir à festa.

– Olha, toma lá esta varinha e vai bater além onde está o Touro, o Touro Azul enterrado.

E ela foi e apareceu-lhe um lindo carro, muito lindo e umas roupas. Ela ficou logo muito linda, com umas lindas roupas, toda muito linda, muito linda. E a fada disse-lhe:

– Mas tu, à meia-noite tens que vir para casa, porque aí depois sai-te o vestido, sai-te os sapatos, sai-te tudo e descobrem quem tu és. E tu tens que vir para casa, não podes esperar pela meia-noite. Meia-noite em ponto tudo desaparece.

– Está bem, está bem, está bem.

Bom, lá foi ela para a festa. Entrou lá, viram uma rapariga tão linda, lá o filho do príncipe, o príncipe, o filho do rei ficou tão encantado que foi logo buscá-la para dançar. E toda a gente a olhar para aquela rapariga e a madrasta e a filha da madrasta, da patroa, a patroa e a filha da patroa, ninguém a conheceu porque ela ia tão linda. E andou a dançar com ele tudo muito bonito. Mas quando ela se lembrou, já era mesmo quase meia-noite e ela desata a correr por aquelas escadas abaixo, perdeu um sapato. E lá vai ela, antes que viessem as badaladas da meia-noite. Foi ele atrás dela, apanhou o sapato. Ficou um sapato muito lindo e mandou lá os empregados dele irem à procura a quem servia aquele sapato, a todas as raparigas daquela cidade ali, onde para ver se encontravam. Bem, foram, procuraram tudo, tudo, tudo, não encontraram nenhum pé para aquele sapato.

Até que foram lá a essa casa. Foram a essa casa, e os passarinhos estavam a ver a filha da patroa a calçar, e os passarinhos diziam assim:

– O pezinho está incomodado, o sapatinho é da Corinda, o sapatinho é da Corinda.

E o homem dizia:

– Mas quem é essa Corinda? Quem é essa?

– Ai, é a nossa empregada que está aí. Mas isto não é dela, isto não é dela.

E a outra vá de meter o pé a ver se o sapato lhe cabia. Já o pé a correr sangue e ela a insistir, a insistir. E os passarinhos:

– O pé está incomodado, o sapatinho é da Corinda, o sapatinho é da Corinda.

Até que o homem disse:

– Olhem lá, chamem lá essa Corinda. Vamos lá ver!

Ora, foram chamar a Corinda. A Corinda veio, vai enfiar o pezinho no sapato, oh, apareceu logo o vestido e ela ficou logo toda muito linda. Bem, a outra ia reben-tando, só de ver aquela tão bonita e o sapato não lhe servia a ela. Lá foi, levaram a Corinda ao príncipe. O príncipe, quando a viu pediu-a logo em casamento. Fizeram uma grande festa, casaram e foram muito felizes.

Informante: Maria dos Anjos, 62 anos, natural de Olhão, doméstica, 4.º ano.

Recolha: em Olhão, Faro, a 9 de Dezembro de 2011.

Coletor: Filipa Pedro

Classificação: AT 511A

155

O TOURO AZUL

Era um rei que tinha uma filha, mas depois casou com outra mulher e a mulher tinha outra filha. Ficou com uma filha e uma enteada. Mas a mulher com quem ele casou era muito ruim, muito ruim, muito ruim para a enteada. Queria tudo só para a filha e tratava a enteada muito mal, muito mal. E havia naquele condado uma quinta que lhe chamavam a “Quinta do Touro Azul” porque tudo quanto entrasse à quinta, o Touro Azul pisava e matava. Ela que pensou? Pagou a um criado para ir levar a Carina à “Quinta do Touro Azul” que era para o Touro Azul a matar, porque a Calistra era muito feia e a Carina era muito bonita. E ela como tinha aquela coisa de a filha ser feia e a enteada ser bonita fazia tudo para matar a enteada.

Assim foi. O criado foi levá-la, deixou-a lá na Quinta do Touro Azul e ela coitadinha não podia de lá sair. Quando chegou o touro, assustada, pensava que ia morrer.

E o touro disse-lhe logo:

– Levanta-te e monta-te em cima de mim.

E ela foi, com medo, montou-se em cima do touro e seguirem. Seguiram pela quinta.

– Agora vamos correr a quinta.

Depois foram. Chegou lá muito adiante e estava uma noqueira, uma noqueira na quinta. E ele disse:

– Agacha-te, abaixa-te e faz de tudo para não te cair nenhuma noz no colo.

Porque se cair alguma noz estamos perdidos. – Disse o touro para a Carina.

A rapariga foi, agachou-se, mas às tantas, caem-lhe duas nozes no colo.

Diz a Carina para o touro:

– Estamos perdidos, já me caiu duas nozes no colo. Tenho aqui duas nozes.

– Então guarda-as, guarda-as e seguimos. Se eu morrer, enterra-me, que eu tenho uma luta muito grande à frente.

Pronto, quando chegaram mais adiante, estava um monstro [dragão] de uma cabeça. Andou ali de briga com o touro, mas lá o feriu e assim, mas não o matou. Lá se montou. Depois a Carina curou-lhe as feridas. Estiveram ali dois dias até que o touro conseguiu andar. Quando se pôs a andar, diz para ela:

– Pronto. Monta-te e vamos acabar de correr a quinta.

Lá seguiram outra vez. Quando lá chegou adiante:

– Olha, vamos passar por baixo de uma macieira. Acautela-te, se te cair alguma maçã no colo, vou ter uma briga muito grande. Acautela-te para ver se não te cai. Se cair, tens que a segurar.

Assim foi. A rapariga quando foi, às tantas:

– Estamos perdidos! Tenho uma maçã no colo.

– Guarda!

Seguirem. Tornou-lhe a dizer a mesma coisa:

– Vou ter uma briga muito grande. Mas, se eu escapar, seguimos. E se eu não escapar, enterras-me. E quando tiveres algum problema vens à minha sepultura.

Assim foi, a rapariga lá coiso. Estava um dragão de duas cabeças. E andaram de briga, de briga, de briga, mas o touro lá conseguiu matar o dragão. Esteve ali também muito ferido, ela lá esteve a curá-lo.

Quando foi ao fim de uns dias seguiram outra vez viagem. E quando lá chegaram adiante, ele diz para ela:

– Olha que vamos a passar por uma pereira. Vê se não te cai nenhuma pera no colo. Abaixa-te, agacha-te, tudo quanto possas para que não te caia nenhuma pera no colo.

Mas quando foi às tantas, a pera cai-lhe no colo.

– Olha, estamos perdidos! Caiu-me uma pera no colo.

Diz-lhe ele:

– Pronto então fazemos a mesma coisa: se eu morrer enterras-me e vens à minha sepultura. Se eu viver, nós continuamos.

Assim foi. Chegou e lá estava um dragão de três cabeças. Tanto brigarem, tanto brigarem que o dragão acabou por matar o touro e o touro matou o dragão. Mataram-se um ao outro. Ficaram os dois mortos. Ela assim, coitada, ali sozinha teve que fazer uma sepultura e enterrou o touro. Lá enterrou o touro.

Seguiu por aquilo fora e andava cheia de fome e sem ter nada, coitadita, até que chegou a um palácio a pedir serviço, a pedir trabalho. E lá no palácio disseram-lhe que sim, que a metiam lá como criada. Pronto, lá foi a rapariga, a Carina, de criada e depois namorou-se dum príncipe que lá havia, um senhor que lá havia, o filho do tal senhor do castelo. Mas depois, o príncipe agradou-se dela, mas ela era criada, descalça, sempre mal-vestida, muito coiso. E o príncipe, um dia houve lá um grande baile. Toda a gente foi convidada exceto ela, coitadita, ninguém ia a convidar a criada para ir ao baile daquela gente coiso. E ela foi muito desgostosa de não poder ir, porque ela também gostava dele, do príncipe, só que não podia dizer

porque era criada. E foi lá pedir, à sepultura do touro. Foi lá à sepultura do touro e contou-lhe:

– Passa-se isto assim-assim: eu gostava de ir mas não posso.

E ele diz-lhe assim:

– Podes. Abre a noz e vê o que te sai da noz. Mas primeiro tens que me dar água, que eu tenho muita sede.

Ela foi buscar um balde de água, deitou em cima da campa. Foi, abriu a noz, saiu-lhe uma carruagem em prata, um fato todo em prata para ela, para ir ao baile. Bom, foi ao baile onde estava a Calistra também, que tinha a mania que era mais que toda a gente. A enteada do rei. A Carina foi lá, o príncipe viu aquela rapariga, encantou-se logo por ela. Ora a outra cheia de inveja, cheia de raiva, cheia de tudo, a fazer-lhe tudo a ver se conseguia, pronto... Reconheceu-a, ali andou a ver se a coiso, e assim pelo olhar viu que era ela. Não sei donde ela estará, mas onde é que ela estará? Porque ela à meia-noite o touro dizia-lhe: “antes de baterem as doze badaladas, corres logo para casa, corres logo para o palácio. Quer estejas a dançar quer estejas a fazer o que quiseres, antes de bater as doze badaladas corres para o palácio”. Assim ela, coitada, assim ela fazia. Andava a dançar com o príncipe, mas quando estava perto das doze badaladas deixava e corria para o palácio. Chegava lá, ficava com o fato de sopeira, de criada. Pronto, já ninguém a conhecia. Mas a outra, que era esperta, também reconheceu-a. Ora, andou a ver de tudo, a ver se a encontrava para algum lado, mas ora, quem é que devia de dizer que ela estava no palácio vestida de criada? Pronto, aquilo passou-se.

Ao fim de dois dias, outro baile. Ela outra vez, aflita, como é que havia de ir, como é que não havia de ir... Lá foi à Quinta do Touro Azul e o Touro Azul:

– Olha, vais e abres a maçã. Abres a maçã e dás-me água. Dás-me água e depois abres a maçã ao meio. E depois vê o que te sai da maçã.

Saiu-lhe tudo em bronze: uma carroça em bronze com um cavalo, tudo, tudo em bronze. Lá foi ela para o baile outra vez. Chegou lá, a mesma coisa. Ele o queria saber quem ela era, quem não era, e ela depois dizia que era do Reino da Maçã. Primeiro disse-lhe que era do Reino da Noz. Ele fartava-se de ver reinos e reinados e nunca percebeu qual era o reino. Quando foi da Maçã o príncipe ia para casa, dava voltas, voltas, voltas a ver se encontrava o Reino da Maçã, mas nunca encontrava. Pronto, aquilo sossegava.

Quando foi à terceira vez, outra vez igual, outra festa e ela foi outra vez à sepultura do Touro Azul e pediu-lhe, disse-lhe outra vez que gostava de ir ao baile, que o príncipe que ia. E então foi, e ele mandou-lhe abrir a pera. Saiu-lhe tudo em ouro:

a carruagem que a levava, os cavalos, o fato, tudo, toda vestida em ouro e fez outra vez caminho do coiso. Mas quando foi a última vez, vinha já a correr e perdeu um sapatinho. Vinha já a subir a escada, muito à rasca. Já estava a começar a bater a meia-noite e ela, à rasca e perdeu um sapato. Já não pôde voltar atrás a ver do sapato porque já estava muito em cima da hora e tinha medo. Ora o reino [príncipe] tornou-lhe a procurar quando andava no baile e ela disse que era do Reino da Pera. E ele, ora, ia a ver os reinos de todo o lado, não encontrava tal reinado. Até que foi, depois quando perdeu o sapato e ele ficou com o sapato. O rei foi a todo o lado. A Calistra como queria por força que o sapato fosse o dela, meteu o sapato à força, à força, para meter lá o pé. Feriu o pé todo e não conseguia depois tirar o sapato. O sapato não lhe servia, ficou com o pé todo ferido. E então, ele foi para casa, levou o sapato e depois disse à mãe o que se passava. Por causa da história do sapato, contou-lhe a história toda à mãe dele, a rainha.

E a rapariga entra lá na sala e diz:

– Ai, que sapato tão bonito.

E diz-lhe a rainha:

– Ah, talvez o queiras experimentar...

E diz o príncipe:

– Ora, não sei porquê, já o dei a experimentar a tantas raparigas, tantas, tantas, é mais uma. Experimenta.

E ela experimentou o sapato e serviu, pronto. E depois, quer dizer, era ela, era a princesa. Mas depois resultou que o príncipe era como que era o mesmo touro. Era como andava a coiso do príncipe. O príncipe era como estava encantado no touro, só que não sabia. E depois, a outra, a tal Calistra, que pensou? Quando soube que era a Carina que ia a casar com o príncipe, no dia do casamento foi ao casamento e arranjou um copo envenenado para a envenenar. Mas só que uma empregada que lá andava viu ela a deitar qualquer coisa no copo. Trocou-lhe o copo e quem acabou por morrer foi a Calistra.

A Carina ficou com o príncipe e a Calistra morreu envenenada com o veneno que fez para a outra.

Informante: Joana Duarte Carrilho Gaspar, 75 anos, natural de Marvão, Portalegre, reformada, analfabeta.

Recolha: em Barretos, Marvão, Portalegre, a 18 de Novembro de 2017.

Coletor: Joana Alegria (faixa n.º 39)

Classificação: AT 511A

156

O VERDE RAMOS

Era duma vez um pai que tinha muitos filhos. E já não havia quem quisesse ser padrinho dos filhos, porque eram já tantos que já não havia na terra quem... o que é que ele faz? Nasceu uma menina e deitou-se ao caminho à procura de quem quisesse ser padrinho da filha. De maneira que encontrou-se com um homem.

– Então para onde vais?

– Eu vou à procura de quem queira ser padrinho da minha filha, que já tenho tantos que ninguém quer.

– Olha eu sou!

– Ai és?

– Sim.

– Então pronto, anda comigo.

Mas o homem não ficou a saber quem era o padrinho da filha.

Bem, a menina cresceu, cresceu, e os irmãos diziam-lhe assim:

– Ah, o teu padrinho é o diabo, o teu padrinho é o diabo! Tu não tens padrinho.

A menina, a certa altura, quando já era uma mulher, resolveu ir-se embora de casa, porque já não dava os irmãos aturados. E então foi andando, andando, chegou a um palácio. Chegou a um palácio e pediu trabalho. E disseram-lhe:

– Só para guardadora das galinhas. Foi-se embora a guardadora das galinhas e só para isso.

– Pois tá bem, pronto...

E lá ficou. Lá ficou, estava a chorar, aparece-lhe o padrinho. (Ah, e puseram-lhe Antónia, o nome dela era Antónia porque o padrinho dela era o Santo António e como era o Santo António pôs-lhe Antónia). De maneira que ela estava a chorar e o padrinho chegou-lhe ao pé:

– Então porque é que choras?

– Ah, nesta vida tão triste...

O padrinho disse-lhe:

– Bom, olha que o rei tem uma irmã e essa irmã está encantada num palácio. E o rei é muito amigo de ir à caça. E olha que a rainha há-de andar atrás de ti.

(Ah, e o nome que o padrinho lhe disse para ela dar foi Verde Ramos, como se chamava. E ela não disse que era mulher. Vestiu um fato de homem e disse que era Verde Ramos).

Bem, a rainha... Ela lá foi, lá foi trabalhando, e um dia, a rainha... e a rainha começou de roda dela para conquistá-la, pensando que era um homem.

Bem, ela vai para o quarto e toca de chorar. Ela não queria... A rainha, como visse que ela que não queria, pois o que é que se propôs? Quando o rei veio da caça, foi-lhe a sair ao caminho e disse-lhe:

– Olha, tu sabes o que é que Verde Ramos disse?

– O que é que Verde Ramos disse?

– Disse que ia à caça contigo e que apanhava tudo quanto era caça.

– Está bem.

Bom, no outro dia, o Verde Ramos foi chamado à presença do rei. O rei lá lhe disse, e ele disse:

– Ah, se sua Majestade quer que eu vá, pois eu vou.

Toca de chorar. Vem o padrinho:

– O que é que choras, Antónia?

– A rainha não disse ao rei que eu era capaz de ir à caça e apanhar a maior caça que houvesse, a melhor?

– Não te preocupes. Diz ao rei que sim, que vás, e deixa lá que tu apanhas a caça.

Ora, pois lá foi. O padrinho lá lhe fazia o milagre, que era Santo António, e ela lá apanhou a caça toda. E vem o rei todo encantado. Vem o rei todo encantado, a rainha ficou toda raivosa. Toca, no outro dia, diz o rei assim:

– Amanhã vou à caça e Verde Ramos vai também.

Diz a rainha logo assim:

– Não! Verde Ramos não pode ir, porque Verde Ramos... Amanhã tenho visitas e Verde Ramos tem que estar aqui para servir à mesa.

Bem, Verde Ramos já não estava nas galinhas, guardando as galinhas, já estava em casa.

O Verde Ramos veio, começa a rainha outra vez – não havia visitas nenhuma – de roda do Verde Ramos a querer namorar o Verde Ramos. O Verde Ramos, de maneira nenhuma, pois era outra mulher. De maneira nenhuma! A rainha, enraivada, quando ouviu vir o rei, foi e disse-lhe:

– Olha, sabes o que Verde Ramos disse?

– O que é que foi?

– Que era capaz de ir buscar o teu anel de diamantes que está no fundo do mar.

Ora, quando o rei veio, o rei lá chamou o Verde Ramos. O Verde Ramos disse-lhe que não, que não tinha dito, mas pronto, palavra de rei não volta atrás...

– Vossa Majestade manda e eu... – Toca de chorar.

Toca de chorar, aparece-lhe o padrinho:

– Porque choras Antónia?

– Então a rainha foi dizer ao rei que eu era capaz de...

Diz ele assim:

– Não te apoquentes, diz-lhe a ele que sim, que prepare um bom cavalo, um para ti e outro para ele e que prepare um bom carro porque... Jogas estes anzóis ao mar, e há-de vir muito peixe e no maior deles todos é que está o anel dentro do bucho do peixe.

– Está bem.

– Tu apanha-o e não o deixes safar.

Pois ela assim fez: disse ao rei que sim e lá foram. Lá foram, lá veio o peixe, lá trouxe o peixe e puseram-se todos a arranjar o peixe e quando arranjaram o peixe, abriram a barriga do peixe, o anel saiu e veio para os pés do rei. A rainha ainda mais enraivada ficou.

No outro dia:

– Amanhã vou à caça e Verde Ramos vai também.

Diz logo a rainha:

– Não, não, o Verde Ramos não vai.

– Não vai? Então?

– Não, Verde Ramos tem que ficar em casa, porque amanhã eu tenho visitas e Verde Ramos tem de servir à mesa.

Toca a rainha de fazer o mesmo trabalho, mas Verde Ramos não correspondia.

Lá veio o rei, e a rainha foi outra vez a sair ao caminho ao rei e a dizer-lhe, desta vez o que é que ela lhe disse: que ele era capaz de ir a buscar a irmã muda que estava encantada no palácio.

Bom, lá chamou o Verde Ramos, a mesma pergunta. Verde Ramos disse que não. Toca do Verde Ramos ir a chorar para o quarto. Diz o padrinho assim:

– Porque choras, Antónia?

O padrinho aparecia-lhe sempre quando ela estava aflita.

– A rainha disse ao rei que eu era capaz de ir a buscar a irmã muda que estava encantada no palácio.

– Diz-lhe que sim. Olha, manda... Diz a ele que prepare dois cavalos: um para ti, outro para ela e toma estes três canudos: um é de sal, outro é de água e outro é de cinza. E repara nas palavras que ela te há-de dizer, não te esqueças. E quando

entrares no palácio está lá o leão. Se ele estiver de olhos abertos, está a dormir; se ele estiver de olhos fechados está acordado.

– Está bem.

– E tu entras, se ele estiver a dormir entras, e pedes para ela te acompanhar. Estão três e ela é a do meio.

– Está bem.

– Quando o leão acordar, dá por falta dela. Dá por falta dela e vem a perseguir-vos, já vocês vêm avançadas, mas ele consegue quase alcançá-las. Quando ele vier, jogas-lhe o canudo de sal, depois jogas-lhe o canudo de água e o ultimo é o de cinza, que é quando vens já chegando ao palácio.

– Está bem.

Bom, ela assim foi. Disse ao rei que ele preparasse e... O rei preparou todas aquelas coisas que ela pediu e ela lá foi a caminho do palácio, onde estava a princesa encantada.

Lá foi, entrou. O leão estava de olhos abertos, estava a dormir. Ela entrou, pediu se a queria acompanhar. Ela disse-lhe que sim e vieram. Montou-a no cavalo e vieram. Quando ela se juntou com a outra, cada uma no seu cavalo, a muda falou. Ela estava muda. Ela falou e disse:

– Ai delas, que aqui vão duas donzelas. – Era ela e era o Verde Ramos.

Bem, quando deram por elas, já vinha o leão a caminho. Ele jogou-lhe o canudo de sal. Jogou o canudo de sal, pois aquilo formou-se um grande deserto de sal. E então, o leão... pois eles avançaram. Enquanto o leão não atravessou aquele deserto todo, eles avançaram. Avançaram, já iam coiso, quando olham e começam a ver outra vez o leão. Ele joga-lhe o canudo de água, formou-se um grande mar. E o leão, até atravessar o mar, pois...

Quando já iam chegando ao palácio, ia o leão já quase, ele joga-lhe o canudo de cinza. Ora, o leão, com a cinza que se lhe metia dentro do nariz, pois teve de voltar para trás, já não pôde avançar. A princesa quando viu que já estavam livres de perigo, disse assim:

– Ai, dinos, estamos livres do inimigo.

Quando ia chegando a entrar no palácio dela, do irmão, diz ela assim:

– Ai, se Verde Ramos fosse homem, como é mulher, já há muito tempo que o meu irmão era *coronel*.

Bom, e aqui a princesa nunca mais falou. A princesa nunca mais falou e lá estava, não falava, era muda, pronto, só disse aquelas três frases. Bem, foi o que o Santo António disse à afilhada que não se esquecesse.

No outro dia, era dia do rei ir à caça, e então, anuncia que vai à caça e que leva o Verde Ramos. Diz-lhe a mulher assim, a rainha:

– Não, não!

Ela, como o Verde Ramos não correspondia, ela queria era dar cabo dele.

– Não, Verde Ramos não vai. Amanhã há visitas e Verde Ramos tem de servir à mesa.

– Está bem.

Começa outra vez na mesma maneira, começa outra vez na mesma maneira. A rainha, como ele não lhe ligava nenhuma, voltou. Quando ouviu as guisadas dos cavalos do rei, foi sair-lhe ao caminho e disse:

– Sabes o que o Verde Ramos disse?

– O que é que disse?

– Que era capaz de fazer falar a tua irmã muda.

– Está bem.

Lá o Verde Ramos foi chamado à presença do rei, lá o rei lhe disse que ele tinha dito aquilo. Ele disse que não, mas pronto:

– Vossa Majestade manda, eu vou.

Toca de chorar, a Antónia, outra vez. Veio o padrinho:

– O que é que tu choras Antónia?

– A rainha foi dizer que eu era capaz de fazer falar a irmã muda do rei.

– Diz-lhe que sim. Olha, diz-lhe a ele que prepare um grande jantar e que convide muita gente, as pessoas da corte. E depois, quando estiverem quase no fim do jantar, lembra-te das palavras que ela disse?

– Lembro!

– Então pronto. Quando estiveres quase no fim do jantar, vais ao pé da princesa e perguntas se ela é capaz de dizer aquilo que te disse quando tu a foste buscar, que ela estava encantada. E ela depois diz-te que sim.

Lá foi. (O milagre era do Santo António que era milagroso. Ele é que fazia os milagres todos). Lá foi, foi ao pé [da princesa] e disse-lhe se ela se lembrava daquilo que lhe tinha dito quando ela a foi buscar e que se montaram no cavalo. E ela disse-lhe que sim.

– Então o que é que foi?

– Ai delas, que aqui vão duas donzelas!

– Então e quando deixamos de ver o leão?

– Ai dinos, estamos livres do inimigo!

– Então e quando vínhamos chegando ao palácio?

– Se Verde Ramos fosse homem, como é mulher, já há muito tempo meu irmão era *coronel*.

Ora ficou tudo de boca aberta. A rainha o que é que fez? Não tinha outra solução, jogou-se da janela do palácio abaixo e o Verde Ramos casou com o rei.

E acabou-se a história. (risos)

Informante: Maria Vitória Barão, 65 anos, natural de Vila Nova de Cacela, VRSA, Faro

Recolha: Vila Nova de Cacela, V.R.S.A., Faro, a 4 de Novembro de 2006.

Coletor: Margarida Nunes Rosa (faixa n.º 3)

Classificação: ATU 514**

157

O “RAPAZ”, O REI E SÃO JOÃO

Era uma vez um homem que andava à procura de alguém para ser padrinho do filho. Na aldeia onde vivia não havia ninguém que o quisesse ser. Pôs-se a caminho e encontrou um homem que era nada menos que o São João! Este perguntou ao homem o que ali andava a fazer.

E ele disse:

– Ando à cata de um homem que quisesse ser padrinho de um menino que lá tenho.

São João disse-lhe que ia lá mas que tinha que lhe chamar Joana e que tinha que lha dar ao fim de nove anos.

O homem concordou. Mandou-o estar na aldeia às tantas horas, para o baptizado. Depois de nove anos, São João levou a criança e foi pô-la na casa de um rei.

A criança foi crescendo. Apesar de ser uma rapariga, era tratada como um rapaz, pois toda a gente estava convencida de que o era.

À medida que o “rapaz” foi crescendo, a rainha dedicava-lhe mais amor.

Um dia, quando o rei saiu, a rainha levou o “rapaz” para o quarto, disposta a dormir com “ele”. Como “ele” não quis, a rainha esperou pelo marido a quem “embe-siou”, dizendo:

– “Ele” disse-me que era capaz de escrever com letras de ouro!

Ao saber de tal infâmia, o “rapaz” aflito, disse:

– Valha-me São João que é meu padrinho!

No momento, São João acode-lhe, dizendo:

– Não temas. Mete a caneta na boca que há-de escrever letras de ouro.

E assim aconteceu.

Sabendo disso, a rainha disse ao rei que o “rapaz” era capaz de apartar, numa noite, um moio de trigo (60 alqueires) e um moio de centeio.

E então, o “rapaz” foi obrigado a pedir a ajuda do padrinho. Este, com a rapidez da primeira vez, disse-lhe:

– Manda juntar tudo e deita-te no cimo, que ao outro dia há-de estar tudo apartado.

E assim aconteceu.

A rainha, toda zangada para se vingar, disse ao rei que o “rapaz” era capaz de por a louça toda para um tanque e sair do outro lado lavada e encastelada.

– Valha-me São João que é meu padrinho! – Pediu o “rapaz”.

São João mais uma vez, acorreu ao apelo do afilhado. Mandou deitar a louça toda num tanque, aparecendo no outro dia a louça lavada e encastelada.

Mais uma vez, a rainha vingativa disse ao rei que o “rapaz” era capaz de ir buscar a irmã do rei, que estava encovada, nunca tinha falado e que era capaz de a fazer falar. Novamente o “rapaz” pede a ajuda a São João:

– Valha-me São João que é meu padrinho.

Diz São João:

– Monta a cavalo e quando chegares à gruta, se os dois leões estiverem de olhos abertos, podes ir, pois estão a dormir; se estiverem de olhos fechados, não vás porque estão acordados.

O “rapaz” chegou à Morena e viu que os leões estavam de olhos abertos. Então pegou na rapariga encantada e pô-la a cavalo.

A rapariga, ao sair do castelo da Morena, disse “Ai!”

No meio do caminho deu outro “Ai!”

Quando ia a entrar no palácio, deu outro “Ai!”

O rei disse-lhe:

– Muito bem meu rapaz, trouxeste-a e agora como vais fazê-la falar?

O “rapaz” perguntou-lhe:

– Que “ai” deste tu à saída da Morena?

Respondeu-lhe a rapariga:

– Tu és fêmea e não macho!

Voltou o “rapaz” a perguntar-lhe:

– Que “ai” deste tu no meio do caminho?

Respondeu a rapariga:

– Ai de mim e ai dela, que a cavalo vinham duas donzelas.

Disse-lhe o “rapaz”:

– Que “ai” deste tu à entrada do palácio?

Respondeu a rapariga:

– A minha cunhada queria dormir contigo na cama!

Então o rei, ao ouvir e saber disto, mandou matar a rainha e casou com Joana.

Informante: António São Martinho, natural da Barroca, Fundão, Covilhã.

Recolha: ao telefone, de Barroca, Fundão, Covilhã, Castelo Branco, em 2007.

Coletor: Daniela Fernandes Gonçalves

Classificação: ATU 514**

158

OS TRÊS IRMÃOS

Era uma vez um lavrador muito rico que tinha três filhos. Os dois mais velhos eram muito apapricados, muito estimados pelo pai. O mais novo, era de todos o que era mais desprezado e com quem o pai se preocupava menos. Então o pai que era muito rico tinha uma propriedade, mas essa propriedade estava a ficar muito abandonada. Mas também se dizia que ela era assombrada, tinha lá um medo e então o pai decidiu que tinha que para lá mandar um dos filhos tomar conta da propriedade. Quem é que ele mandou? Claro, o filho mais novo, que era aquele que era o mais desprezado.

E então ele mandou para lá o filho, o filho fez a trouxa, despediu-se dos irmãos e do pai e lá foi com as suas coisas e a sua flauta, levava uma flauta. Então, o menino chegou lá, o rapaz chegou lá e foi-se deitar e antes de se deitar tocava sempre a sua flauta. Entretanto, quando se deitou, sentiu um peso em cima dele, sentiu um peso em cima dele e começou a fazer um grande barulho com a flauta e ouviu uma voz que disse:

– Ai, não me mates, porque eu só te faço bem. Eu sou a Nuvem Negra e quando tu estiveres aflito ou precisares de alguma coisa, tu chamas por mim.

No dia seguinte, o menino ergueu-se da cama e veio cá fora da casa e já lá estavam quatro homens com um caixão à espera dele, pensavam que ele tinha morrido. Ele diz:

– Não, ainda não foi desta. Podem-se ir embora que eu hoje ainda sobrevivi.

Nessa noite repetiu-se a mesma cena só com a diferença que a resposta foi outra voz que disse:

– Não me mates, eu sou a Nuvem Parda e quando tu quiseres alguma coisa, precisares de alguma coisa, chama por mim.

Na terceira noite, a mesma cena se repetiu, mas o que ele ouviu foi:

– Não me mates, eu sou a Nuvem Branca e, sempre que for preciso, chama por mim. Eu e as minhas irmãs nuvens estávamos encantadas e foste tu que nos desencantaste com os sons da tua flauta maravilhosa.

Pronto, e a Nuvem Branca desapareceu como também tinham desaparecido as outras nuvens.

O rapaz lá continuou algum tempo na propriedade, mas houve uma vez, o pai de vez em quando ia lá espreitar para ver como é que ele estava a tomar conta daquilo, mas ele não o via e então, houve uma vez que ele teve saudades dos irmãos e do pai e foi lá à terra visitar a família.

E então ficou a saber que... começou a ver uma série de alfaiates, muito ocupados, a fazer fatos muito ricos e a fazer grandes preparativos e então ficou a saber que o rei mandara anunciar que casaria a sua filha, a princesa, com o cavaleiro que saísse vitorioso de três torneios que iam fazer. Então a família dele estava toda entretida a preparar os dois irmãos para participarem no torneio, e, claro, não fizeram caso nenhum do irmão mais novo, não é?

Então, ele voltou para a propriedade e nessa noite ficou a pensar que ele também podia entrar nos torneios e, então, lá se preparou e, no dia do primeiro torneio a quem é que ele pediu ajuda? À Nuvem Preta. Então, disse:

– Valha-me a Nuvem Preta. Apareceu logo uma nuvem e dela saiu uma jovem.

Perguntou:

– O que é que queres?

E ele respondeu:

– Eu quero entrar no torneio e sair vencedor.

Então a jovem ergueu assim uma pequena varinha, disse algumas palavras, apareceu um cavalo negro com uma pequena mala, onde vinham uma série de vestes riquíssimas e armas de cavaleiro da mesma cor do cavalo.

Ele vestiu-se com aquelas coisas que lhe tinham aparecido, pegou nas armas, montou o cavalo, entrou no torneio e claro que ganhou o torneio. Assim que saiu da cidade quer o cavalo, quer as vestes, quer as armas, desapareceram todas.

No dia seguinte, a quem é que ele pede ajuda? À Nuvem Parda e então disse:

– Valha-me a Nuvem Parda.

Então apareceu outra nuvem, de onde saiu outra jovem que perguntou ao mancebo o que é que ele queria. Ele disse que queria entrar no segundo torneio e sair vencedor. Então aconteceu tal e qual como no dia anterior: quando ele entrou na praça pensou outra vez que ia ganhar e saiu, outra vez, vencedor do torneio. Assim que ele se retirou da cidade desapareceu o cavalo, as vestes e as armas.

No terceiro dia, pede ajuda precisamente à Nuvem Branca, que era a que faltava. Entra no torneio montado num cavalo branco e com armas brancas bordadas a ouro, com vestes brancas, tudo branco e, entretanto, ele vê-se cercado das pessoas que o convidaram a ir à presença do rei. Ele foi na presença do rei e da princesa tirou a viseira que tinha posta. Então o rei e a princesa simpatizaram, gostaram logo dele e resolveram logo ali que ele ia casar com a princesa.

Então os dois irmãos mais velhos ficaram todos aborrecidos quando viram que quem ia casar com a princesa era precisamente o seu irmão mais novo, aquele que eles e o pai tinham desprezado a vida toda. E um deles matou-se e o outro também fugiu para muito longe, que nunca mais ninguém o viu.

Entretanto, houve uma grande festa no palácio, casaram, casou o moço com a princesa, houve uma grande festa.

E eu fui lá e não me deram nada.

Informante: Carla Cunha, 38 anos, natural de Faro, professora, pós-graduação.

Recolha: em Faro, a 11 de Novembro de 2012.

Coletor: Ana Cristina Chaveiro

Classificação: ATU 530

Nota: parece ser a versão de Ataíde Oliveira.

159

O GATO DAS BOTAS

Era uma vez um gatinho que era preto, que andava na rua e que falava. Era diferente de todos os outros. Uma vez, passou lá um príncipe. E então o príncipe disse:

– Oh, que lindo gato! Vou-te dar um nome.

E ele:

– Já tenho nome: Gato.

E então ele disse:

– Mas tu és um gato, não precisas de ter um nome de “Gato”, senão todos os gatos não tinham nome, tinham nome de “Gato”.

Então o gato disse:

– Só me podes dar um nome se me comprares botas, casacos e isso.

Então, ele foi comprar umas botas e um saco.

E ele:

– Mas só que eu não tenho dinheiro.

Então o gato disse:

– Então eu vou-te dar dinheiro. Mas tens que me agradecer depois.

Então ele foi apanhar perdizes, coelhos e essas coisas. Foi p’ro castelo do rei e disse:

– Eu desejo falar com o rei.

Então, foi falar com o rei e disse assim:

– Apanhei estas perdizes e estes coelhos para o senhor.

Então o rei:

– Então vou-te pagar por isso. És muito gentil.

Então deu, e o rei disse:

– Já agora como se chama?

E ele:

– Chamo-me Gato das Botas.

Ele a dizer uma mentira, diz:

– Ia a apanhar perdizes vi um príncipe que era muito corajoso e estava a lutar com gigantes.

Então o gato estava com o príncipe, ele estava a tomar banho. Então escondeu as roupas dele e pediu ao príncipe para fingir que estava a pedir socorro.

Então o gato:

– Socooooorro, Sooocorro!

O rei estava ali a passar e diz:

– O que se passa aqui, Gato das Botas?

E ele:

– Este senhor foi assaltado por ladrões. Não tem roupa... E quando estava a tomar banho tiraram-lhe a roupa. E depois, taparam-lhe os olhos e puseram-no debaixo de água para não ver nada.

Então começou a gritar:

– Acudam, acudam!

Mas ele disse:

– Não te preocupes. Nós levamo-lo.

Pegaram numa toalha e, foram coiso... Pegaram nele, levaram-no para o castelo e vestiram-lhe umas roupas. Então, ele mais tarde foi passear. Então, o Gato foi ao castelo e disse:

– Será que o gigante é sempre tão corajoso e consegue-se transformar em todos os animais?

E o gigante disse:

– Sim, eis a prova.

Transformou-se num leão. E ele:

– O gigante é grande, é normal que se transforme num leão gigante. Então e se se transformar numa coisa minúscula, por exemplo, um rato?

Então ele disse:

– Está bem.

Transformou-se num rato e o Gato das Botas comeu-o. E com a saliva ou com a água, o gigante quando estava dentro de água ou de qualquer coisa de líquido nunca conseguia fazer feitiços. Então, ele fingiu que o príncipe era o Marquês de Carambaz.

Então, o rei ficou muito grato pela ajuda por tê-lo libertado do gigante daquela cidade e o príncipe casou-se com a filha do rei. E viveram felizes para sempre.

Informante: Mariana Isidro, 9 anos, natural de Faro, 4.º ano.

Recolha: em Faro, a 14 de Dezembro de 2008.

Coletor: Joana Soares (Gravação 26 / 19’34)

Classificação: ATU 545B

160

AS TRÊS IRMÃS DESAPARECIDAS

Era uma vez um casal de umas pessoas de uma certa idade... Tinham três filhas e viviam muito pobrezinhos. Depois, o marido disse para a mulher:

– Olha, tenho que ir ali ao pinhal. Vou ali ao pinhal, vou ver se vou caçar alguma coisa para a gente comer. Um coelho, ou... caçar...

Abalou e andava lá. Daí a nada, ouviu uma voz que disse assim; não caçou nada e ouviu uma voz que disse assim:

– Olha, amanhã, tens que trazer a tua filha mais velha. Senão eu mato-te.

O homenzinho abalou, todo desgostoso e foi. Chegou lá, disse à mulher. Contou à mulher que tinha ouvido lá uma voz que tinha dito para ele levar a filha mais velha senão matava-o. O homenzinho não sabia o que havia de fazer.

A mulher disse-lhe:

– Então e agora?

Perguntou à filha e a filha aprontou-se para ir com ele. Foi com o pai, quando chegou à mata a filha desapareceu. O pai nunca mais a viu. Nunca mais a viu e voltou para casa. Cheio de desgosto, disse à mulher:

– Olha, a nossa filha desapareceu. Eu nunca mais a vi. Perdi-a lá no mato. Nunca mais a vi.

– Perdeste? Então como?

– Ah, não sei, olha, perdi-a... Mas eu hoje vou ver se ela lá está.

Abalou no outro dia, foi ver se ela lá estava. Chegou lá ao mesmo sítio, apareceu-lhe a mesma voz a dizer que tinha que levar a filha do meio.

– Olha, com pena de morte, tu tens que trazer a tua filha do meio.

O homenzinho, coitadinho, chegou a casa, todo desgostoso. Disse à mulher e disse à filha. A filha disse:

– Então eu vou.

Outra vez:

– Eu vou lá, quero ver.

Chegou lá ao mesmo sítio, desapareceu. O homem todo desgostoso, coitadinho, voltou para casa, contou à mulher.

E aquela voz disse-lhe outra vez:

– Tens de trazer a tua filha mais nova. Agora tens de trazer a tua filha mais nova, também. Senão mato-te.

O homenzinho trouxe a filha mais nova no outro dia. Chegou lá ao mesmo sítio, desapareceu. Desapareceu, o homem, muito desgostoso, disse à mulher:

– Olha, agora já não temos filhos... Como é que a gente vai fazer isto, então? Já tínhamos as filhas tão grandinhas...

Todos esmorecidos, arranjaram um filho, um rapaz.

O rapazinho começou a crescer, já tinha quinze anos, começou a ouvir dizer por lá que tinha três irmãs. Mas não as conhecia, não sabia delas. Não sabia delas, começou a dizer para os pais que queria ir à procura delas. A mãe e o pai não queriam que ele fosse, mas ele teimou e foi.

Foi à procura delas, abalou, corta-mato por aqueles matos, por aqueles matos... Chegou lá a um sítio, havia lá uns montesitos, uma aldeiazita pequenita... O homenzinho chegou lá, pediu ali guarida. Ali a alguém, que lhe desse lá... Onde ele ficasse, dormida, lá para ele ficar, e tal...

E lá na aldeia estava tudo muito triste, muito triste. Na aldeia estava tudo muito esmorecido, muito triste. Tudo de preto, tudo muito triste.

E ele muito admirado: “Então? Mas então, isto aqui passa-se aqui qualquer coisa... O que é que se passa aqui na aldeia para esta gente estar assim, tão triste?”

O homem começou a procurar por ali às pessoas e houve uma pessoa que lhe disse:

– Olhe, é que há aí um gigante que come todos os meses uma pessoa. E este mês calha à filha do rei a ser comida. E por isso está tudo esmorecido, tudo assim esmorecido.

– Ai é?

– Pois, calha à filha do rei e está tudo assim esmorecido, por causa da filha do rei ser comida, e tal... É que ninguém é capaz de matar o gigante, porque, para matar o gigante, é preciso o rei dos peixes, é preciso o rei dos touros e o rei das aves. E ninguém sabe onde essa gente pára, ninguém tem conhecimentos de nada, ninguém é capaz de saber... E depois dentro do caixão que está no fundo do mar, o rei dos touros é que é capaz de despregar e o rei do vento apanha uma pomba, e essa pomba tem lá um ovo e esse ovo é que vai matar. Mas ninguém sabe como, como é que vão buscar o caixote.

O homem começou a pensar, a pensar. Andou por ali às voltas e à noite avistou uma luz, longe dali.

Diz ele assim:

– Mas o que é que será aquilo além?

Foi até lá a andar, a andar. Andou uns poucos de dias, andou, andou...

Chegou lá, bateu à porta, apareceu-lhe uma rapariguinha.

Disse:

– Ai, você aqui, e tal...

– Então você é que é...

E ele disse de quem era filho, e não sei quê...

E ela disse:

– Então, eu também sou dessa gente. O meu pai era fulano, a minha mãe era beltrano, e tal...

– Então somos irmãos, ainda...

– Pois somos. Ah, mas olha: eu estou casada com o rei dos peixes. Ele é capaz de não gostar muito de te ver, agora. Mas deixa que, ele agora, quando ele vier, o mar põe-se muito bravo. O mar põe-se muito bravo, entra aqui pela janela, entra aqui assim em casa... Isto é tudo água aqui pela casa fora... Mas tu não tenhas medo, que eu depois falo com ele. Que ele cai além dentro de uma banheira e eu depois falo com ele.

Assim foi. O mar: as ondas muito altas, o mar entrou dentro de casa e aquela coisa. Ele escondeu-se ali a um cantinho. Depois caiu um homem lá dentro de uma banheira, ficou feito num homem, pronto.

Ela lá esteve a falar com ele:

– Olha, sabes quem aqui está? É uma pessoa que é meu irmão, é o mais novo, vem à minha procura e veio aqui ter comigo.

– Ah foi? Então diz lá a ele que venha cá.

Depois estiveram a falar um bocado, e ele disse-lhe:

– Então, agora ficas aí uns dias com a gente.

– Ah, não, não fico. Não fico que eu tenho outra irmã, que é a irmã do meio, tenho que ir à procura dela.

Esteve lá dois ou três dias, depois abalou. Anoteceu e ele viu outra luz lá noutra sítio, lá muito longe: “Olha, deve ser além que está a minha outra irmã.” Abalou lá direito.

Chegou lá, bateu à porta, apareceu-lhe uma menina ainda mais bonita que aquela.

Diz assim... Estiveram a falar e ele disse:

– Olha, sou fulano. Venho à procura da minha irmã que é filha de fulano e de beltrano...

– Então, sou eu.

– Então, já estive ali com a outra irmã, e não sei quê... Agora...

– Então, olha: o meu marido é o rei dos touros. Agora, quando o gado começar aí a marrarem uns nos outros, uma grande briga e tal, tu não tenhas medo. Não tenhas medo, deixa que eles para aqui não vêm. Depois ele entra por ali por uma janela e cai além numa banheira, fica feito num homem, pronto. Eu falo com ele.

Assim foi. Os touros, à briga e aos berros e coisa... Uma grande algazarra...

Ele escondeu-se ali. Daí a nada, caiu lá na banheira, nunca mais falou com ele...

Disse:

– Olha, está aí o meu irmão...

– O teu irmão? Então, mas tu tens algum irmão?

– Tenho! Está aí o meu mano, já esteve com a outra minha irmã, e está aí... E já disse que era filho de fulano que é o meu pai e de beltrana que é a minha mãe...

– Ah, está bem, pronto.

E depois estiveram a falar, e ele lá disse que ele ficava mais uns dias. E ele disse que não, tinha que ir à procura da outra irmã. Que ainda tinha uma outra irmã, tinha de ir à procura dela.

Abalou. Assim à noitinha viu assim uma luz, lá já muito longe... Foi lá directo.

Chegou lá, bateu à porta, apareceu-lhe rapariga ainda mais bonita que aquela. Era a irmã mais velha.

Ele diz assim:

– Olha, eu sou fulano, beltrano e tal... Filho de fulano...

– Ah, pois, então eu sou fulana, que era fulano, também...

– É o pai. Ah, somos irmãos, e tal...

Pronto, começaram a falar, ela disse-lhe:

– Olha, daí a nada chega aí o teu cunhado, não tenhas medo. Ele é o rei do vento. É um vento que derruba aqui a casa quase toda. Um vento, um vento, mas isto abana tudo mas não cai. Pronto, não tenhas medo. Escondes-te aí, ficas aí.

Assim foi. Ele escondeu-se ali a um canto, veio aquele vento, aquele vento muito grande, truz, lá dentro de uma banheira: um homem. Falou com ele. Ela falou com ele, disse-lhe:

– Olha, está aí o meu irmão.

– O teu irmão, então tens um irmão?

– Tenho um irmão, e tal...

– Então onde é que ele está? Quero vê-lo, e tal...

Depois chamaram-no, estiveram a falar todos os três, e tal... E ele disse-lhe:

– Olha, já estive com as minhas irmãs e assim e assado... E agora...

– Então ficas cá uns dias, com a gente.

– Agora posso cá estar uns dias, pois. Posso cá estar uns dias com vocês, mais uns diazitos aí, e tal...

Então, ficou lá uns dias, esteve ali oito dias ou mais.

Ao fim de oito dias... A filha do rei era comida nessa semana. Era comida nessa semana, o povo andava um pouco esmorecido, e tal... E então, ele começou a pensar assim: “Então, mas como é que eu hei-de fazer isso? Então, não posso...” Soube que era preciso apanharem a pomba, que estava dentro do caixote no fundo do mar e que era preciso... Só o rei dos peixes é que podia trazer o caixote, só o rei dos touros é que o despregava e só o rei das aves é que apanhava a pomba.

Ele disse logo:

– Olha, são os meus três cunhados. Calha mesmo bem. Estou aqui já com o rei das aves. Falo com ele, ele fala com os outros e vamos fazer...

E assim foi. Depois de matar o rei ele pegava no ovo, ia lá, pregava com o ovo na testa do gigante e casava com a filha do rei.

Ele disse: “Bom, então vou ver se sou capaz de ficar eu... Caso eu com a filha do rei, fico com esta fortuna, fico eu rei. Caso com a filha dele, fico eu, depois sou o rei.” Começou ele logo a pensar.

Oh, foi falar com os cunhados.

O rei dos peixes disse:

– Está bem, deixa que eu vou já saber onde é que está o caixote.

Tocou lá uma buzina que ele tinha, apareceu muito peixe... O barco chegou mesmo ali ao pé da casa, apareceu muitos peixes. Ele falou com eles, disseram logo que tinham estado lá ao pé do caixote.

Ele disse:

– Então, tragam lá isso de lá para cá.

Os peixes abalaram, foram, foram buscar o caixote.

Depois era necessário abrir o caixote. Falou com o outro cunhado, que era o rei dos touros. O gajo, com o chifre, meteu ali numa tábuca. Arranca uma tábuca, arrancou outra, despregou o caixote. Depois a pomba abalou a voar. O rei do vento, que era o outro cunhado, caiu-se com ela, enrolou-a no vento, caiu no chão. Apanhou a pomba. Apanhou-a, abriu a pomba, tirou o ovo. Tirou o ovo, agarrou no ovo, foi lá ao palácio onde é que estava o gigante. O gigante estava lá num palácio, já muito doente numa cama, muito doente... Era um grande homenzarrão, muito grande...

Já estava muito doente lá na cama, ele chegou lá à porta, disse assim:

– Ó gigante!

O gigante fez assim:

– Ah!

Levantou-se, e ele – toma – com o ovo na testa. O gigante morreu.

Ele casou com a filha do rei, ficou ele com o condado, ainda lá está a esta hora.

Informante: Germano, 65 anos, natural de Avis, Portalegre, motorista.

Recolha: em Alverca, Vila Franca de Xira, Lisboa, a 14/10/2007.

Coletor: Andreia Cabecinhas (faixa n.º 14)

Classificação: ATU 552

161

SACODE-TE, BORREGUINHO!

Era um pai que tinha três filhos. Viviam muito mal, tinham muita miséria, muito pobrezinhos. E tinham uma tia muito rica que morava ao pé um do outro. Então eles, coitadinhos, andavam cheios de fome e iam bater à porta da tia:

– Tia, temos tanta fome. Dê um pedacinho de pão à gente, tia.

– Vaiam-se embora daqui. Eu cá não tenho pão nenhum para lhes dar.

– Oh, tia dê um pedacinho de pão à gente.

– Eu já lhes disse: não me venham cá bater à porta que eu não tenho pão nenhum para lhes dar.

Os pobrezinhos iam todos chorosos, todos tristes para casa, com fome. Conforme a tinham, conforme a levavam.

Um dia, o mais velho disse ao pai:

– Ó pai, eu já não aguento mais estar com fome. Eu quero ir correr mundo.

– Ó filho, então tu vais correr mundo? Então, mas para onde é que tu vais? Para onde é que tu vais? És ainda tão pequenino. Deixa-te estar em casa.

– Eu quero ir correr mundo.

(Agora dizem uma bengala. Nesse tempo era um bordanito.) Pois...

– Dê-me um bordanito e uma manta que eu quero ir correr mundo.

O pai... Ele coiso... Mas ele [o filho] contestou e abalou. Ele foi. Foi andando, andando e já lá muito longe, cheio de sede também, encontrou uma fontinha correndo água. E estava lá logo um banquinho. Sentou-se no banquinho a descansar. Estava lá e, ao fim de um bocado, chegou uma velhota ao pé dele, com uma roupa muito rasgadinha, muito rasgadinha. Disse-lhe:

– Então o que é que fazes aí rapaz?

– Ora, o que é que eu faço aqui? Ora, somos três irmãos e o meu pai não tinha que dar de comer à gente e agora pensei em vir correr mundo. E agora vinha cansado e sentei-me aqui a beber uma pinguiha de água.

E a velhota disse-lhe assim:

– Deixa lá. Não te apoquentes que tudo se há-de arranjar.

E depois, quando abalou deu-lhe um borreguinho. Disse-lhe assim:

– Toma lá este borreguinho. Quando tu te veres em algumas aflições, te vejas aflito, dizes: “Sacode-te, borreguinho!”

E a velhota despediu-se dele, deu-lhe um beijinho e foi-se embora. Pois assim, quando a velhota abalou, ele:

– Um borrego? “Sacode-te, borreguinho?” Vamos a ver o que é que dá.

Foi, disse assim:

– “Sacode-te, borreguinho!”

Ora, o borreguinho sacudiu-se, havia dinheiro por todos os lados. Não sabia o que é que havia de fazer a tanto dinheiro, nem tinha algibeiras para meter dentro.

Depois, já não sabia o caminho. Se tinha vindo para a frente. Era pequenino, já tinha perdido o rumo, foi para a frente. Foi para a frente, a andar, a andar, a andar, fez-se noite e viu uma luzinha lá muito longe:

– Tenho que me dirigir àquela luzinha. Pois, para onde é que eu vou?

Foi, dirigiu-se àquela luzinha e foi bater à porta. Veio uma senhora. Abriu a porta e encarou-se com o moço pequeno (era pequenino ainda):

– Então o que é que fazes aí?

Oh, lá estive contando a vida dele e porque é que andava ali àquelas horas:

– Oh, se a senhora me deixasse dormir aí na sua casa mesmo ao pé do fogo. Dormia para ali sentadinho. Eu dormia ali ao pé do fogo, porque não sei para onde hei-de ir a estas horas.

Ele lá entrou, mas quando entrou, disse:

– Se a senhora me pudesse guardar aqui este borreguinho até amanhã, que eu me vá embora. Mas não diga “Sacode-te, borreguinho!” que pode haver algum mal resultado.

Bem, ora, ela assim que o apanhou dormindo, foi ao pé do fogo, pôs o borrego logo lá no quarto, ora disse “Sacode-te, borreguinho!” e viu dinheiro por todo o lado.

Depois, disse-lhe... Tinha filhos... Disse olha... Tinha gado:

– Olha, hã-de ir ao rebanho buscar um borrego que eu já não lhe dou este. Já não lhe dou o dele.

No outro dia de manhã, quando ele se levantou, disse à senhora para trazer o borreguinho que ele queria ir-se embora. Ela já tinha lá o outro dos dela, não lhe deu o dele. Deu-lhe o dela.

Bem, ele depois lá andou, andou, conseguiu conhecer o caminho e veio para casa. O pai estava sentado à porta e viu-o vir com o borrego às costas.

Diz:

– Olha aí, o meu filho além vem, coitadinho, com um peso daqueles às costas. Queria ir correr mundo... Para quê? Para trazer um borrego às costas.

Mas ele chegou à porta assobiando, muito contente. Não sabia que vinha enganado. Depois chegou à porta, o pai disse-lhe assim:

– Ai, filho, então não vens cansado?

– Eu não venho nada cansado, pai. A gente já somos ricos. Já somos muito ricos. Anda já. Andem já se querem ver.

Lá foram todos para o quarto, lá na casa.

– Sacode-te, borreguinho!

Qual? Nada, pois não era o borrego dele. Não havia dinheiro nenhum.

Ora, coitado, ficou muito triste.

Diz o do meio:

– Pois agora vou eu. Agora vou eu. Agora vou eu correr mundo. Tu trouxeste um borrego, vamos lá a ver agora o que eu trago.

Foi ele. (Mas não sei, iam todos pelo mesmo caminho, a sorte é do mais novo.) (risos) la outra vez com sede, encontrou aquela fontinha com água e foi-se sentar lá ao pé da fontinha. Já estava sentado, tinha bebido, estava lá descansando e a velhota outra vez. Devia de ser a mesma: toda rasgadinha, também muito velhinha. Lá perguntou o que ele trazia por ali. Ele lá lhe esteve a contar que tinha três irmãos, que não tinham para comer e que tinha ido correr mundo. E que o mano também já tinha ido e que não tinha arranjado nada. Esteve contando aquela história toda.

– Deixa lá, menino, não te apoquentes. Olha, toma lá esta toalha, quando tu estiveres nalgumas aflições diz: “Põe-te, toalha!”

– Então, mas “põe-te, toalha?” Mas para que é que isto presta? Deu-me uma toalha? Só para limpar as mãos!

Assim que a velhota abalou, ele foi experimentar. Ora, puxou uma mesa de tudo quanto era bom: ali não faltava abóbora, bolos de todas as qualidades, comida de todas as qualidades, fruta de todas as qualidades... Havia tudo, tudo o que ele precisava. Ora, coitado, ele pulava, saltava de contente.

Também se fez de noite e também já não sabia o caminho de casa. Aonde é que havia ir noitar outra vez? Viu aquela luzinha longe, à porta da mesma. Veio bater à porta da mesma. Ora, ela assim que o viu lá à porta... Já se tinha dado bem com o borrego e ele disse-lhe também, contou-lhe mais ou menos a mesma coisa: também tinha ido correr mundo, o mano já tinha ido e... Ora, ela mandou-o logo entrar, muito contente. Ora, muito contente, fez-lhe logo uma cama ali para ele se deitar. E ele disse-lhe:

– Agora, minha senhora, guarde-me aqui esta toalha até amanhã, mas não diga “Põe-te, toalha!” que pode haver algum mal resultado.

Ora, ela assim que o apanhou dormindo, lá se foi com a toalha:

– Põe-te, toalha!

Ora, pôs-se tudo quanto era bom. Ia tudo preparado para comer e tudo.

– Ora, já eu não lhe dou esta toalha. Dou-lhe outra. Muito sabe ele se é a dele ou se não é...

Depois, no outro dia de manhã quando ele se levantou e se quis ir embora, disse:

– Ai, minha senhora, traga lá a minha toalha que eu quero-me ir embora.

Ela veio com a toalha, mas já não lhe deu a dele, trocou-lha.

Depois, o pobre veio-se embora com a toalha às costas, muito satisfeito. Pensou que já não precisava da comida da tia, de ir pedir pão à tia. Já tinha tudo: comida logo feita e tudo, bolos e bebidas e sumos e tudo, tudo, tudo, para... Tudo para comer. Chegou a casa também... O pai também o ouviu ir, disse:

– Olha, ai, os meus filhos, coitados, não têm sorte nenhuma: aquele trazia um borrego e agora aquele vem com uma toalha. Para que é que ele quer uma toalha?

Bem, chegou à porta também assobiando, muito satisfeito, muito contente. E disse:

– Ai pai, já somos muito ricos. Já não temos falta do pão da minha tia. A minha tia não nos queria dar um pedacinho de pão, mas a gente já não temos falta do pão dela.

Lá foi também, lá para o quarto:

– Põe-te, toalha!

Ora qual toalha, “põe-te, toalha!” nem “põe-te, toalha!”. Ela tinha-lhe trocado a toalha. Ficou na mesma, coitado. A mesma falta tinha e com a mesma falta ficara!

Depois, diz o outro pequenino, que era muito pequenino. O pai não o queria deixar ir, segurava-o para não se ir embora, mas ele disse:

– Ó pai, ameçê também me tem que me dar uma manta como deu aos meus irmãos e uma bengalinha, um bordanito. Os meus irmãos foram e eu também vou.

Ora, o pai o que é que havia de fazer? Lá o deixou ir.

Foi outra vez. Lá, coitado, apanhava sempre o mesmo caminho. Era o mesmo caminho. Ia outra vez cheio de sede, lá foi beber a pinguinha de água lá à fontinha. Tinha lá um cucharrinho para beberem. Lá esteve bebendo, lá se sentou no banquinho. Não demorando nada, uma velhota outra vez:

– Então o que é que fazes aí, mocinho?

– Ora, o que é que faço aqui?

Lá esteve contando a mesma história: que tinham falta, que eram três irmãos e que não tinham comer. Os manos foram correr mundo. Os manos já tinham ido e ele agora ele ia também. Coitado, [o pai] não queria, mas ele quis ir.

Bom, deu-lhe um saco e disse-lhe assim:

– Toma lá este saco. Quando tu estiveres nalguma aflição diz: “Pauzinhos, fora do saco!”

Pois, mas esse não disse “Pauzinhos, fora do saco!” Foi-se embora e ao pé lá da fontinha não disse nada.

Fez-se também de noite e onde é que havia de ir noitar? À casa onde os irmãos tinham estado. Era a única moradia que havia ali com a luz. Eles viam a luz e dirigiam-se lá à luz. Foi. Ora... Até à porta. Ela já estava habituada. Ora, não sabia onde é que o havia de pôr. Pensava que era alguma coisa boa. Até fez logo comida e tudo. Estimou-o muito bem. Já tinha lá comida e o dinheiro que queria. Mas ele, depois, disse-lhe:

– Olhe, a senhora guarde-me aí este saco, mas não diga “Pauzinhos, fora do saco!” que pode haver algum mal resultado.

Ora, ela lá lhe fez cama, lá lhe deu sopa, pensando que era outra coisa boa dos outros. Ora, assim que o apanhou deitado, disse:

– Pauzinhos, fora do saco!

Ora, os pauzinhos saíram fora do saco. Ora, quem é que havia de levar porrada? Ela. Os pauzinhos batiam num lado, batiam-lhe noutro...

De manhã, quando ele se levantou, ela estava quase despachada com a porrada dos pauzinhos. (risos) Levou porrada até de manhã, quando ele se levantou. Depois ele disse-lhe:

– Ah, sim. Então foi a senhora que ficou com o borrego do meu irmão e a toalha. Pois agora, a senhora, enquanto não me trouxer o borreguinho que o meu irmão... que você ficou com ele e a toalha, você leva porrada aí até ficar despachada.

– Ai, eu não tenho. Eu não tenho. Isso foi à outra senhora. Não fui eu.

– Foi você mesmo. Enquanto você não trouxer a toalha e o borrego, você leva aí com os pauzinhos que você fica despachada.

Ora, ela não teve mais remédio nenhum se não ir buscar a toalha e o borrego. Oh, deu-lhe tudo! Ora, ele pulava e saltava de contente, muito satisfeito.

Foi. O pai viu-o vir outra vez. [Ele] usava a sentar-se numa cadeirinha ali ao sol:

– Olha – estava lá o outro irmão – Olha, vem além o teu irmão. Olha, aquele agora então é que vem carregado de todo. Não sei como é que ele pode com aquelas coisas todas. (risos)

Um borrego, uma toalha e um saco. Ora, mas ele chegou muito satisfeito:

– Ai, pai, já não há falta de nada.

– Olha, é a mesma conversa dos teus manos.

– Ai é? Então vamos a ver se é. Anda já.

Lá foram todos para o quarto:

– Põe-te, toalha!

Ora, pôs-se tudo quanto era bom. Ora comeram, coitados, cheios de fome como eles estavam... Comeram para ali comida à parva, mas não disse... Não mostrou o coiso do... só pôs a toalha até que eles encheram a barriga. E disse assim:

– Agora vão a chamar a minha tia. Vão chamar a minha tia que ela não queria dar um bocadinho de pão à gente. Agora para ela encher aí bem a barriga.

Foram chamar a tia, ela veio logo. Oh, ficou logo com uma raiva deles:

– Onde é que ele foi arranjar isto? “Põe-te, toalha!”? – uma comida daquelas – Então mas eles agora já são mais ricos do que eu? Já não têm falta de nada!

Ora, ela queria comer tudo, mas a barriga não dava. Depois de encher a barriga, perguntaram se ela já tinha a barriga cheia:

– Ai, já não posso comer mais.

– Agora vamos lá a outro assunto: Sacode-te, borreguinho!

Ora, havia dinheiro por todos os lados. Ela queria apanhar o dinheiro todo sozinha: empurrava um, dava um empurrão noutra, dava um empurrão noutra, outro empurrão noutra. Fazia-os cair, eles eram pequeninos ainda. Queria apanhar o dinheiro todo, não queria que eles apanhassem.

Depois, ele disse ao pai e aos irmãos para se irem embora, para irem lá para a outra casa, que o deixassem sozinho com ela. Bom, até que eles foram embora.

Ele disse:

– Pauzinhos, fora do saco!

Ora, os pauzinhos andaram-se nela, a quem havia de bater?

– Ai, sua magana, sua... tia... Você não era tia, você não era nada. Para a gente ir pedir um pedacinho de pão, você nem tampouco consentia que a gente lhe tocasse na porta. Agora vinha aí, queria apanhar o dinheiro todo, queria comer tudo. Leve aí porrada, sua magana! Já não é minha tia. Você é esta... é aquela...

Ainda esta manhã ela estava levando porrada! (risos)

Informante: Beatriz Olinda Teixeira, 83 anos, natural do Pessegueiro, Martinlongo, Alcoutim, Faro, doméstica e trabalhadora rural reformada, sabe ler e escrever.

Recolha: em Loulé, Faro, a 22/11/09.

Coletor: Rita Isabel Viegas Pereira (cassete n.º 2 / lado B)

Classificação: ATU 563

162

A MESA, O BURRO E O CACETE

Eram um pai que tinha três filhos e eram pobrezinhos. (Isto devia de ter outro começo, mas eu não me lembra já). E o mais novo diz assim:

– Olha, pai, eu vou correr mundo.

– Ai, filho, pois que vais tu correr mundo?

– Vou. Vou correr mundo que alguma coisa eu hei-de arranjar.

E abalou, foi. Foi para baixo, encontrou uma velhota e diz a velhota assim:

– Então o que fazes por aí, menino?

– Ora, ando correndo mundo.

– Ai, volta-te para trás! Não vás correr mundo. Volta-te para trás! Toma lá esta toalha, vai para casa e volta-te para trás. Quando tu queiras comer, diz assim: “Abre-te, toalha! Põe-te, mesa!”

Ele volta-se para trás e vai pernoitar à casa de uma velha que era estalajadeira. Chamavam-lhe uma estalajadeira. Foi lá.

Foi pernoitar lá e ele disse-lhe assim:

– Olhe, minha senhora, há-de me guardar esta toalha, mas não diga “Abre-te, toalha! Põe-te, mesa!”

Ela aqui espertou logo. A velha espertou. Foi lá para trás, guardou a toalha e disse:

– Abre-te, toalha! Põe-te, mesa!

Oh, apareceu uma mesa preparada com tudo o que era bom, comida...

No outro dia, ele levantou-se e ela disse-lhe assim:

– Aqui está a tua toalha.

Ele levou a toalha e foi para casa. Foi para casa, levou a toalha. Chegou a casa e disse ao pai:

– Olhe pai, já não precisamos de a gente se preocupar muito que eu trago aqui uma toalha que dá comida à gente todos. E, então, já não precisamos de a gente se preocupar muito.

Vai, estende a toalha e diz:

– Abre-te, toalha! Põe-te, mesa! – Nada.

– Abre-te, toalha! Põe-te, mesa! – Nada.

– Abre-te, toalha! Põe-te, mesa! – Nada.

Depois, diz ele assim:

– Mas, então, que foi isto?

Abalou, foi-se embora outra vez. Foi-se embora outra vez e encontrou a tal velhota outra vez.

Depois foi o outro:

– Agora vou eu.

Foi, encontrou a velhota e diz ela assim:

– Então para onde é que vais?

– Ora, vou correr mundo. O meu pai não tem que dar de comer à gente e vou correr mundo.

– Olha, volta-te para trás! Toma lá este carneirinho. Quando tu tens falta de dinheiro, diz: “Sacode-te, carneirinho!”

Bom, ele foi logo para ali atrás do cerro e disse logo:

– Sacode-te, carneirinho!

O carneirinho deu-se em sacudir e vá de cair dinheiro, vá de cair dinheiro, vá de cair dinheiro. E, depois, mandou parar o carneirinho.

– Estou governado. – Disse ele – Estou governado.

Veio para casa e disse ao pai. Disse ao pai o mesmo que o outro irmão tinha dito. Mas, antes de ir, pernoitou na casa dessa tal estalajadeira e disse-lhe para ela não...

– Guarde este carneirinho aí e não o deixe safar que é para mim dormir descansado, mas não diga “Sacode-te, carneirinho!”

Ora, a velha foi lá para trás, já se tinha dado bem com a toalha... Lá para trás e disse:

– Sacode-te, carneirinho!

O carneirinho deu-se em sacudir e vá de cair dinheiro, vá de cair dinheiro. Disse assim:

– Ai, mãe! Este ainda é melhor do que o outro.

E ficou com o carneirinho. Trocou-lhe o carneirinho. Ele foi a casa, levou o carneirinho, mas não lhe serviu de nada. Pois ele, mandou sacudir o carneirinho e o carneirinho... Diz o outro mais velho¹⁹ assim:

– Estão vocês com essas coisas...

Já não sei o que foi que o outro levou. Ah, uns pauzinhos dentro de um saco. Foi, encontrou a velhota e disse:

– Então para onde vais?

– Eu vou correr mundo. Os meus irmãos já foram todos dois. Trouxeram umas coisas, mas não serviu de nada. Mas agora eu vou!

Foi, diz ela assim:

– Olha, não vás lá! Leva estes pauzinhos aqui dentro deste saco, mas não digas “Pauzinhos, fora do saco!” Não digas “Pauzinhos, fora do saco!”

Diz ele assim:

– Está bem.

Foi lá para trás do cerro e disse:

– Pauzinhos fora do saco!

Os pauzinhos saem e deram-lhe em bater pelas pernas, pelas costas, pela cabeça até que ele disse:

– Pauzinhos, dentro do saco!

E os pauzinhos ficaram.

Bom, lá foi dormir à casa da tal mulher. Foi, diz ele assim:

– Você há-de me guardar este saquinho aqui, mas não diga “Pauzinhos, fora do saco!”

Ela disse [pensou]: “Ai, mãe! Olha, outra fortuna! Outra fortuna!” Foi lá para o quarto, leva os pauzinhos e quando se viu sozinha disse:

– Pauzinhos, fora do saco!

Ai mãe, deram uma remessa de porrada na velha que iam acabando com ela. (risos) lam acabando com ela. (risos) Depois, o moço ouviu aquele sarrabulho e foi caminho da velha, e [ela] disse:

¹⁹ A informante tem, ao longo da história, vindo a confundir os irmãos que saem da casa do pai para correr mundo. Desta vez, deverá ser o filho mais novo que sai da casa do pai.

– Ai, ai, acode-me, acode-me que eles me matam.
 O moço disse:
 – Puzinhos, dentro do saco!
 Os puzinhos foram para o saco e não mais fizeram mais nada.
 Bom, depois, o moço veio para casa e disse:
 – Agora é que eu trago a fortuna.
 Ah, depois ele disse à velha:
 – Ah, sua velha de um raio, você tem que me dar o carneirinho que apanhou ao meu irmão e a toalha que apanhou ao meu irmão senão eu acabo aqui com você!
 – Ah, deixa já os puzinhos, deixa já os puzinhos.
 – Senão eu digo “Puzinhos, fora do saco!” outra vez.
 E depois ela deu-lhe o carneirinho e deu-lhe a toalha. Lá voltou para casa. Diz ele:
 – Olhe pai, agora pode convidar os vizinhos, tudo à roda para a gente fazer uma função, que eu trago comida para essa gente toda.
 Bom, diz ele [o pai] assim:
 – Bom, ora há-de ser como os teus irmãos. Há-de ser como os teus irmãos.
 – Não. Agora acredite que é verdade.
 Bom, chamou a família, a família ali do monte. Juntou-se tudo e disse assim...
 Primeiro disse:
 – Abre-te, toalha! Põe-te, mesa!
 Põe-se uma mesa preparada de tudo. Todo o mundo comeu. Comeram, bailaram e encheram-na barriga. Depois, mais tarde [diz]:
 – Sacode-te, carneirinho!
 Sacudiu dinheiro para toda a gente. Toda a gente apanhou dinheiro. Toda a gente apanhou dinheiro. Depois, no fim, diz ele assim:
 – Agora está aqui a sobremesa: Puzinhos, fora do saco!
 Disse “Puzinhos, fora do saco!” e os puzinhos deram em bater num e noutro, num e noutro. Sacudi-os. Sacudiu a família tudo para fora e foi-se tudo embora. E ele ficou lá com aquela fortuna toda.

Informante: Isabel Nogueira Mendes, 82 anos, natural do sítio da Quintã, Salir, Loulé, Faro, doméstica e trabalhadora rural reformada, 3.ª classe.

Recolha: em Quintã, Salir, Loulé, Faro, a 05/11/09.

Coletor: Rita Isabel Viegas Pereira (cassete n.º 1/ lado B)

Classificação: ATU 563

O SOL, A LUA E O VENTO

Então o Sol e o Vento... viviam todos com a mãe, uma senhora de idade. E depois, vem o Vento, a casa do Vento e foi um senhor pobre pedir para... pedir lá. Tinha muitas necessidades...

Primeiro foi ao Sol, depois foi à Lua e depois foi ao Vento. Assim é que é! E então foi ao Sol. E o homenzinho disse que tinha família, tinha filhos, não tinha que lhes dar e então lembrou-se em ir à casa do Sol pedir. E a mãe do Sol disse:

– Ai! Olhe, tenha cuidado! Eu não sei se o meu filho o quer receber. O Sol vem muito forte e pode fazer mal.

– Ah, mas eu espero...

– Ai, eu aconselho... Aconselho a que se vá embora, porque o meu filho até queima...

E o pobre do homenzito lá foi, lá foi...

Depois foi à casa da Lua. E a mãe da Lua disse:

– Ai! Eu, se fosse a si ia-me embora... Oh, até que a Lua venha... E depois assim... Oh! O senhor vá-se embora.

– Ah, mas se eu não tenho que comer, se eu não tenho nada para dar aos meus filhos, o que é que eu faço?

– Olhe, vá andando... Este quarto agora não é um quarto muito bom, a Lua está transformada. É melhor ir andando.

Bom, o pobrezinho lá foi, lá foi, foi à casa do Vento. Depois o vento... Foi, foi, veio o Vento, e ele:

– Então e o seu filho?

– O meu filho não deve demorar muito, mas eu não sei o que lhe posso fazer. Mas ele ainda demora. Não sei o que demora, mas não deve demorar muito.

– Ai, então eu espero.

– Ah, então sente-se aí e espere.

Vem o Vento. O Vento com uma grande velocidade e grande força...

– Ó mãe, tem carne cabral por aí e não me quer dar?

E a mãe respondeu:

– Não, filho, não tenho. Tenho é ali um homenzinho que tem dificuldades e gostava que lhe desses alguma coisa. Havias de o receber.

Então o Vento recebeu-o.

– Ah, tenho cinco filhos, tenho dificuldades. Isto agora é uma altura que não se ganha e eu gostava que me desse alguma coisa.

– Então e o que é que diz do Vento? – Disse ele.

– Ah, o que é que digo do Vento? O Vento é melhor coisa que há! Então: mói a farinha, faz mover os moinhos, faz limpar os trigos e as favas e isso tudo. Ai, a gente não podia passar sem o Vento. É a melhor coisa que há!

– Ai sim? Gosta do vento? Olhe, então agora vai para casa e leve este guardanapo. Não lhe dou mais nada. Vai para casa, junte o seu pessoal, leve este guardanapo e diga “Abre-te guardanapo; põe-te mesa!”

Bom, o homem foi para casa. Foi para casa e diz a mulher assim:

– Então, homem, conseguiste alguma coisa?

– Olha, eu não sei, eu espero que sim. Junta lá aí a família que eu vou...

Bom, o homem chega, abre o guardanapo em cima da mesa. Já estava o pessoal todo. Diz ele assim:

– Abre-te guardanapo; põe-te mesa!

Ora, a mesa apareceu fornecida de comer.

(Ah, e depois, o Vento disse: “E quando acabar a refeição, diga para se fechar o guardanapo e à outra vez, você ter refeição para muito tempo”).

Ora, o homem encantado.

E vai um vizinho curioso, que eles andavam alegres e felizes, e então diz assim:

– Afinal, o que é que se passa contigo? Então tu tinhas uma vida tão infeliz e agora vocês andam tudo bem?

– Ah, sabe-se lá vizinho. Então aconteceu isto e isto, e fui correr e fui á porta do Vento.

– Ah sim? Então, e o que é que eles...

– Olhe, deu-me este guardanapo para eu pôr na mesa.

– Ah! Deixa estar que eu lá vou!

Bom, o homem lá foi. Informou-se no vizinho onde era e lá foi. Bom, correu as coisas e vai o Vento pergunta-lhe:

– O que é que você diz do Vento?

– Ah, o que é que eu digo do vento? Às vezes nem se pode aturar. Leva isto, leva aquilo, voam as coisas, dá cabo de tudo!

– Ah? Olhe, então leve lá este guardanapo. E chega a casa e diz... Junta o seu pessoal e diga: “Abre-te guardanapo; salta, garrocho!”

Oh! O homem lá foi, pôs a mesa...

O homem chega a casa:

– Abre-te guardanapo; salta, garrocho!

O garrocho saltou, bateu na cabeça deles todos. Andou para um lado e para o outro, aquilo foi uma... (risos). Porque ele disse mal do Vento a ele próprio e o Vento não gostou!

A moral da história é que de tudo temos falta, temos falta do Sol, da Lua e disso tudo.

E o Vento, tem certas alturas também faz falta. E agora, com estas coisas que eles põem, mesmo naquele tempo havia bastantes moinhos...

Informante: Maria do Carmo Neves, 70 anos, natural de Paderne, agricultora reformada, 4.ª classe.

Recolha: no Purgatório, Albufeira, Faro, a 30 de Janeiro de 2008.

Coletor: Darryl Domingos e Margarida Henriques (faixa n.º 15 / 38'00)

Classificação: Car-Co 563*A

164

[O HOMEM DOS COELHOS]

[Era um homem] que andava a pedir trabalho, andava dentro de uma vila:

– Ai, quem é que me dá trabalho! Ai, quem é que me dá trabalho!

Estava um senhor além na janela e disse:

– Anda cá rapaz, eu dou-te trabalho! O trabalho não vai ser muito pesado para ti.

A conversar com ele:

– Olha, o trabalho é pouco. Eu tenho duas filhas. Então o serviço que tu fazes: quando as minhas filhas quiserem ir logo aí à casa de banho, tu vais na companhia delas. Elas vão à casa de banho e vão fazer as necessidades delas e tu acompanhas as minhas filhas.

– Está bem!

Bom, assim foi. Foi caminhando, caminhando... Foi caminhando, já eram miúdas, o rapaz via elas estarem a fazer as necessidades delas e passava-se de gachas. E chegou a uns pontos que a mais velha engraçou com ele. E essa dita rapariga foi enganada.

Veio o pai e disse:

– Então filha! Então o que é isso? Queres o criado?
 O rapaz... Ele chamou-o e disse-lhe para ele:
 – Então, dou-te trabalho e afinal faltaste ao respeito às minhas filhas e a mim.
 E ele respondeu:
 – São coisas da vida! – Disse ele – São coisas da vida...
 De maneiras que ele pensou em matá-lo. Arranjou um homem muito forte, com muita capacidade e disse-lhe para ele:
 – Tu dormes com a minha filha à noite.
 Ela disse:
 – Sim, paizinho!
 Ele, assim que caiu em cima da cama, ela passou-lhe com a mão por cima, deixou-se dormir. Não lhe tocou com um dedo tão pouco.
 O pai, de manhã, procurou a ela:
 – Então, filha, esse homem...
 E ela disse:
 – Paizinho, não me tocou com um dado tampouco. Deixou-se dormir, caiu em cima da cama, não me chegou a tocar com o dedo.
 E o pai disse:
 – Está bem.
 De maneiras que arranjou outro homem, ainda superior àquele. Deu-se o mesmo resultado. Deu-se o mesmo resultado e ele pensou que o havia de matar.
 Arranjou uns coelhos – estava uma coelheira cheia de coelhos – e disse para ele:
 – Levas estes coelhos para a fazenda e à noite tens de me trazer aqui os coelhos, senão és morto!
 Ele disse:
 – Está bem, patrão!
 O rapaz soltara os coelhos e os coelhos desapareceram por dentro da fazenda. O rapaz já chorava e apareceu-lhe uma velhinha por ele.
 E disse-lhe a velhinha:
 – O que fazes, irmão?
 Ele disse:
 – Estou penando, sou morto!
 – Não és, eu salvo-te a vida. Pega esta gaitinha e quando chegares à fazenda toca a gaitinha que os coelhos aparecem todos à tua beira.
 Ele chegou dentro da fazenda, pega na gaitinha e trrrrrrr [som de quem toca]. Os coelhos rodearam-no.

Ele disse:
 – Estou safo!
 Então, à noite, havia uma porta do monte. Eles abriam o portão. O gajo, já às escondidas, trrrrr [som de quem toca]. Os coelhos entraram para dentro do sítio.
 – Vá conferir os coelhos, patrão, vá conferir os coelhos.
 Estavam todos. De maneiras que ele disse:
 – Epá, não faço nada a este homem, ah! Não o consigo matar!
 De maneiras que diz ele para a mulher:
 – A gente... Ele tem de ser morto!
 Ele foi, soltaram os coelhos de manhã, ele foi a cavalo, num cavalo e chegou lá e disse-lhe:
 – Olha lá, fulano, traz-me um coelho para mim, para a gente fazer para comer mais logo.
 Ele:
 – Está bem.
 Ele foi buscar o coelho e disse:
 – Um momento só!
 Ele chegou além e tirou, apanhou, um coelho:
 – Está aqui o coelho!
 Ele levava o coelho. Ele toca a gaitinha, o coelho dá um salto e safou-se. E não conseguiu levar o coelho. E o coelho voltou outra vez para dentro da mata.
 Ele depois, chegou à noite, foi e disse-lhe:
 – Já conferiu os coelhos?
 – Sim.
 – Falta algum?
 Então vai conferir a ver se eles estão: os coelhos estavam todos!
 Sabe o que lhe digo? Este dito homem, hoje é um homem feliz e está casado com a filha [do patrão]. E tem filhos e tem netos já.

Informante: Artur Mendes Ascenso, 82 anos, natural de Vale-Judeu, Loulé, Faro.

Recolha: em Boliqueime, Loulé, Faro, a 1 de Dezembro de 2005.

Coletor: Sandra Madeira (cassete 2 / face A)

Classificação: ATU 570

165

O IRMÃO COM A PILA DE TRÊS PALMOS E MEIO

Era um homem muito rico tinha três filhos (Ahh, eu não me lembro já, contar o principio disto), e acho que uma fada os fadou também. Então é assim: um tinha o dom de tirar trigo de uma algibeira, enquanto quisesse tirar, tirava trigo. E o outro tirava dinheiro.

E o outro era assim mais baixinho mais... era assim mais pobrezinho. Que os outros eram senhores finos e pouco ligavam para aquele. E àquele, coitadinho, deram-lhe o dom da pilinha crescer três palmos mais! Que ele ia a cavalo no burro e aquilo quase que chegava ao chão.

Bom, chegaram a uma certa altura, foram correr mundo. Eles nuns lindos cavalos, aqueles dos mais poderosos e ele... Pediram autorização ao pai, o pai arranjou dos melhores cavalos a cada um, e eles foram dar uma volta. E aquele pediu também um cavalo para o pai, e o pai:

– Tem juízo, homem! Onde é que tu ias assim como tu és, o que tu tens. Ninguém te olhava, ninguém queria saber de ti. Não vais nada! Não abalas nada! Daqui não vais!

Como o pai não quis dar o cavalo, estava para ali uma burra que não era muito nova, ele pega na burrinha albardou e foi-se embora. Iam já muito longe dali, quando os irmãos o avistam:

– Olha, não vês? Então fulano vem além! Ai, meu Deus! Então agora o que a gente faz? A gente não pode entrar numa estalagem qualquer e dizer que ele é nosso irmão e também não o podemos abandonar, senão ele morre aí.

Bem, chegaram a uma estalagem, eles entraram num quarto para eles e disseram à dona da estalagem:

– Olha, a um senhor assim meio parvinho e pouco inteligente, pronto, a senhora dê-lhe um quarto igual ao nosso e dê-lhe da mesma comida que a gente comer. Faça-lhe tudo a ele igual ao que faz para a gente, que a gente paga-lhe tudo isso que for.

Bom, ele chegou lá, chegou lá muito pobrezinho e perguntou-lhe se ela não tinha lugar:

– Ah, tenho sim senhora! – E pronto, fez aquilo tudo.

E ela diz assim para ele:

– Ouve, estão aqui uns senhores e esses senhores é que pagaram tudo e eu estou admirada. Que jeito eles, umas pessoas tão finas, pagam tudo e o senhor é assim tão pobrezinho, e uma besta tão pobrezinha, e eles fazerem-lhe isto?

– Ó minha senhora, a senhora não sabe da história? Eles são meus irmãos. Só que eles têm o poder... – e contou à mulher o que se passava.

Diz ela assim:

– Ah sim? Então cale-se e não diga nada a ninguém e vossemecê vai dormir comigo esta noite.

E assim foi, ele em vez de ir para o quarto que os irmãos disseram, dormiu com ela.

Ela ficou tão satisfeita da noite que passou com ele e no outro dia, antes dele abalar, diz-lhe assim:

– Olhe, eu dou-lhe esta bolinha... (deixa cá ver... ah, não), eu dou-lhe este chapéu. O chapéu tem três bicos. Quando rodar um (parece-me que era assim) chove que parece que é um dilúvio. E depois roda o outro, faz um sol, um sol que enxuga tudo, fica tudo muito bonito. E depois roda outro e aparece-lhe uma mesa com comida, tudo, tudo do melhor que há para você comer.

E ele ficou muito contente. Bom foi andando, guardou o chapéu, foi andando. No outro dia, aconteceu o mesmo noutra terra, noutra estalagem: a mesma história do princípio. Ele foi à mesma dormir com a mulher e diz-lhe a mulher assim, ficou muito contente também da noitada:

– Olhe, eu vou-lhe dar esta bolinha e quando vossemecê se ver em aflição por qualquer motivo, você aperta a bola que tudo quanto estiver em seu redor dorme tudo e nada se mexe.

Pronto, foi andando, foi andando. No terceiro dia, aconteceu o mesmo noutra hospedaria, tudo tal e qual: a dona da hospedaria, no outro dia antes dele abalar, disse-lhe assim:

– Tem aqui uma flauta, quando você estar em aflição comece a tocar isto que tudo o que ter em redor de si dança. Tudo dança.

– Está bem...

Foi andando, foi andando e viu lá um falange²⁰ e diz ele assim:

– Vou experimentar o meu chapéu: pôs para o lado da chuva.

– É mesmo isto!

Chovia, cuidava de arrasar tudo, a chuva. Ele foi andando, mesmo a chover foi andando e encontrou os irmãos quase mortos, tudo molhado, tudo cheio de frio. Rodou o chapéu e começa a fazer aquele solinho muito lindo, muito lindo. Enxugaram todos.

²⁰ Refere-se a multidão, bando

Estava tudo morto de fome. Roda para o lado, e vá uma mesa e todos comeram e encheram a barriga e ficaram felizes da vida.

Bom... o rei... aí e depois eles no outro dia chegaram... (espera que eu ainda não estou contando bem).

No princípio de isto tudo era um rei que tinha uma filha que estava para casar. E ele é que queria escolher o noivo: o que tivesse o melhor dote é que casava com a filha. (O princípio é assim). Que depois eles ouviram falar e abalaram à procura desse rei. Pronto. Chegaram lá eles. Rei... eles disseram que iam, e os criados foram dizer ao rei:

– Sua Majestade, há ali dois rapazes que vêm... pretendentes da princesa e vêm ver o...

– Então mande lá entrar um.

E mandou entrar um:

– Então rapaz, tu que queres casar com a minha filha, que dom é que tu tens?

– Ah, Senhor Rei ou sua Majestade – como ele disse – olhe, eu tenho um dom que eu tiro o dinheirinho todo que eu quero das minhas algibeiras. Tenho o dinheiro todo que eu quero.

E começou a tirar a tirar.

– Olha, vai ali para aquela sala.

E daí mandou entrar o outro. Mandou entrar o outro, e o outro disse que o dom que tinha era do trigo. [Tirou] trigo, trigo...

– Ah, está muito bem, sim senhora. Então olha, vai ali para a outra sala.

E mandou-lhe juntar com o outro, com o primeiro.

E depois entrou esse aleijadinho, o rei pôs-se a olhar:

– Então o que é que tu tens? Tu vens assim, pretendente da minha filha, o que é que tu tens?

– Ah, sabe sua Real Majestade, eu só tenho isto. – E disse-lhe o que tinha.

– Ó malandro, então tu só tens isso e queres casar com a minha filha?

Chamou os criados, mandou os criados meterem os três numas daqueles... como se diz... com feras... uma coisa para meter para lá. Mal ele ia para lá, ele pega na bola, aperta a bola e tudo a dormir. Tudo a dormir menos ele, com ele não era nada, ele ficava sempre lúcido. E depois diz ele:

– Agora vou lá experimentar a flauta.

Começa a tocar aquilo, opa, os bichos... era bichos... era toda a gente, era o rei, era a rainha, toda a gente dançava que ninguém conhecia ser nenhum. E ele vai, vai à procura da princesa. Encontrou-se com a princesa e diz ela assim:

– Então o que estás aqui fazendo?

E ele contou-lhe a ela o que se passava:

– Ah, pois eu tenho isto assim a assim. E o teu pai mandou a gente para ali para os bichos comerem e eu estou aqui...

– Ai é? Então vens dormir comigo.

E acabou aqui.

Informante: Maria Teresa Laranjeira Duarte, 83 anos, natural do sítio da Nave, Monchique, Faro, reformada, era costureira.

Recolha: no Alvor, Portimão, Faro, em Outubro de 2016.

Coletor: Lúcia Cristino

Classificação: ATU 580

166

A HISTÓRIA DOS PEIDOS

Havia uma rapariga que namorava um rapaz. E naquele tempo, o namoro era na cozinha. Estavam os pais e eles vinham, sentavam-se, e o namoro era ali para todos.

O rapaz veio e ela tinha já as cadeiras. Diz ela assim:

– Não ataste as botas!

Diz ele:

– Olha lá, não tomei atenção.

Então ele dobra-se para ir atar as botas, deu um peido. O pai dela, que estava na cozinha, disse:

– Ó seu desavergonhado, ponha-se lá além no meio da rua! Então, você não tem vergonha, agora vir cá... Isto é aqui na minha frente... Quantos não lhe há-de ter dado, quando está sozinho com ela?

Diz ela:

– Não senhor, isso nunca acontece. Que o homem ainda nunca fez isso!

– Então, mas fez agora! E não é uma vergonha ter feito uma coisa destas?

– Ó pai, mas qualquer pessoa faz isso, qualquer pessoa faz isso sem querer.

– Qual sem querer, nem sem querer. Tudo aquilo de peido era sem querer? Vá, para a rua!

Bom, abalou. Abalou, e ela:

– Diga lá, você vê que isso não se faz.
 Ele vai para casa, muito tristonho, e disse à mãe:
 – Então, quer ver o que me aconteceu? – e contou-lhe – Dobrei-me para ir atar as botas, então não me descuidei, não fiz isto? Então o que é que você diz? O homem parecia um toiro. Pôs-me logo na rua!
 – Ai, não te apoquentes com isso, que eu vou ali à farmácia, que há ali um pó que a gente compra, que em pisando aquele pó, há peidos por todo o lado.
 Assim foi. Foi à farmácia trouxe aquilo.
 E ela [a rapariga que namorava o rapaz, para o pai]:
 – Você tem de deixar vir o moço aqui porque ele até tem aqui umas coisas que me tinha trazido e quero-lhe dar. Já que você não quer aqui o moço, eu quero-lhe dar as coisas.
 – Tch, valha-me Deus! Diz-lhe que venha, pronto!
 Bom, ele veio e trazia o pó aí a jeito e diz ela:
 – Entra lá, que o meu pai disse para tu entrares.
 Lá veio cá ao pé dele.
 – Então, isto é assim! Cada um faz o que quer e pronto, cada um faz o que quer! (pum-pum²¹) – o velho pisou o pó.
 Diz ele assim:
 – Mas isto agora é o quê? (pum-pum)
 E conforme pisava aquilo era só peidos. Estava a mãe, diz a mãe:
 – Ai, valha-me Deus! Então, mas então? (pum-pum).
 A mulher também, assim que pisou o pó, foi a mesma coisa. Então era só disto.
 Diz ela:
 – Ai, valha-me Deus! Eu vou ali chamar o padre para benzer a casa. Que isto é alguma coisa, algum ar mau que aqui anda.
 Lá foi chamar o padre:
 – Ai, senhor padre, se fizesse o favor chegava ali à minha casa. Então diga lá, agora tem acontecido isto, uma coisa que nunca tinha visto uma coisa destas. Agora, primeiro foi o namorado da minha filha, agora foi o meu marido, agora fui eu a mesma coisa.
 Vem de lá o padre, entra para dentro de casa:
 – Eu te benzo casa!

²¹ A informante imita o som dos peidos.

Conforme entrou, que pisou o pó:

– Eu te benzo casa! (pum-pum) De canto em canto, (pum-pum), para esta família não se cagar tanto! (pum-pum)

Informante: Olívia Brissos, 78 anos, natural de Santa Vitória, Beja, reformada. Recolha: em Beringel, Beja, a 23 de Abril de 2011.

Coletor: Sílvia Maria Roupinha Ventura

Classificação: ATU 593

167

A HISTÓRIA DO REI

Era um rei que tinha uma filha. Pois já se sabe que a filha é rainha [sic], a filha do rei é rainha. E então, havia um vizinho que tinha três filhos e eles todos queriam a princesa. Iam sempre para a casa do rei, juntavam-se os três e estavam todos encantados com a princesa.

E então, o rei estava já um bocado aborrecido com aquilo que eles estavam sempre lá. Pois um dia, resolveu falar com os três, com os três vizinhos:

– Pois agora há um assunto a resolver: a minha filha só é uma e vocês todos três a querem. Como é que a gente vai resolver isto? Olha, eu já pensei. Vocês agora... O que trouxer a coisa de mais ciência é que casa com a minha filha.

Então, eles, coitados, ficaram todos a pensar como é que haviam de fazer para ganhar a princesa. E então, pensaram em ir correr mundo. Foram correr mundo, mas abalaram todos três juntos. Quando chegaram a uma grande cidade, quise-ram-se separar, cada um ir para seu lado. Mas, ao fim de um ano, juntaram-se outra vez para ver qual era o que trazia a coisa de mais ciência para ganhar a princesa.

Então, assim fizeram: foram correr mundo e, ao fim de um ano, juntaram-se os três. Depois, foram a falar uns com os outros para ver o que é que traziam. Um disse assim:

– Eu trago uma manta. A manta anda como o pensamento.

E o outro disse assim:

– Eu trago uma vela. A vela envivece toda a gente. Se uma pessoa estiver morta eu ponho-lhe a vela, eu ponho-lhe a vela... Acendo a vela e a pessoa envivece.

E o outro disse assim:

– Eu trago um espelho. Vê tudo. Vê tudo quanto há no mundo.
Ora, eles agora todos os três, era uma coisa de admirar, não é? Uma coisa de ciência que não existia.

Mas, depois, foram-se assomar ao... E o outro disse:

– Querem ver? Assomem-se aqui ao meu espelho se querem ver.

Foram-se assomar ao espelho e a princesa estava lá morta. Ela estava defunta no caixão. E o outro disse assim:

– Ai, vamos embora, aqui na minha manta. – Anda como o pensamento e em menos de nada lá chegava.

– Então e a minha vela que a envivece? – Todos queriam ganhar.

E o outro disse assim:

– Então se não fosse o meu espelho? Para a ver morta? A gente não chegávamos lá a tempo.

Abalaram com aquela discussão. Depois, foram lá e quem ganhou foi... Qual foi o que ganhou?

Coletora: Deve ter sido o da vela.

Informante: O da vela. (Isto fica mal, mas a gente contava assim): Merda para ti mais para ela! (risos)

Informante: Beatriz Olinda Teixeira, 83 anos, natural do Pessegueiro, Martinlongo, Alcoutim, Faro, doméstica e trabalhadora rural reformada, sabe ler e escrever.

Recolha: em Loulé, Faro, a 22/11/09.

Coletor: Rita Isabel Viegas Pereira (cassete n.º 2 / lado B)

Classificação: ATU 653A

168

O CONTO DA VELA

Havia um senhor que tinha uma filha e a filha estava muito doente e depois morreu. Morreu e ele dava tudo a quem lhe salvasse a filha, mas não conseguiram. Já estavam todos no cemitério, um rapaz ouviu dizer que quem salvasse a rapariga que o pai dava uma grande fortuna, veio. Vieram três.

Um, veio e disse assim... O pai dizia assim:

– Você salva a minha filha?

– Não, não pude salvar. Mas eu vi o funeral dela, vim a cavalo do meu cobertor. Se não fosse este cobertor eu não podia vir ao funeral da sua filha.

Foi outro, disse assim:

– Ai, e eu vim também porque trouxe uma vela a ver se a salvava.

E então, foi, trouxe a vela. E depois ele disse assim:

– Qual é que era melhor? Era o cobertor que levou as pessoas todas a acompanhar a rapariga, ou era o que trouxe a vela que a salvou?

[a informante para a coletora:] Qual é que achas que era melhor?

[coletora:] A vela...

Então vai à merda mais ela. (risos)

Informante: Isaura de Jesus Martins, 86 anos, natural da Cabanita, Paderne, Albufeira, Faro, reformada, sabe ler e escrever.

Recolha: em Paderne, Albufeira, Faro, a 21-10-2007.

Coletor: Cláudia Marta (CD / faixa n.º 12)

Classificação: ATU 653A

169

O GRÃO DE MILHO

Era uma vez um casal que não tinha filhos e pediram a Deus Nosso Senhor que lhes desse um filho nem que fosse do tamanho de um grão de milho; tanto pediram, que Deus fez-lhes a vontade. Tiveram um filho do tamanho de um milho. O rapaz seria sempre assim, mas fazia tudo. Dava de comer aos bois e aos outros bichos todos. A certa altura, estava a dar de comer aos bois, e havia um boi que deu uma lambidela e sorveu-o, foi para a barriga do boi. O homem não o encontrava, e perguntava-se onde andaria o seu filho. Até que começa a ouvir uma voz:

Pai, mate o boi Lobato, (que era o nome do boi que o tinha comido)
Que eu ganho para três ou quatro.

O homem pensou:

– Parece que oiço a voz dele...

Pai, mate o boi Lobato,

Que eu ganho para três ou quatro.

O homem pensou que o melhor seria matar o boi pois não tinha nada a perder. Mas o rapaz estava dentro das tripas e eles não o encontraram. Houve uma mulher que foi a lavar as tripas à ribeira.

Nisto, aparece um lobo que foi comer um bocado da tripa, e comeu logo aquele pedaço onde estava o rapaz.

O lobo, já satisfeito com a barriga cheia de tripas começou a ouvir aquela voz dizendo:

– Foge, senão eu mato-te! Foge, senão eu mato-te!

O lobo arrebatava fugindo. Quanto mais ele lhe dizia aquilo mais fugia o lobo. O lobo de tanto fugir, rebentou. Rebentou ao pé de um monte, e o rapaz lá andou pela barriga do lobo até que conseguiu sair, já de noite. Entrou pela porta do monte e não havia lá ninguém, arrimou-se ali a um cantinho. Às tantas, ouviu um barulho grande. Eram ladrões que tinham ido a roubar dinheiro e tinham ido para ali fazer as contas. Tinham a mesa já cheia de notas e começaram:

– Tanto para ti, tanto para mim...

– Já fazendo as divisões... Quando já tinham as divisões quase feitas e os montões de notas em cima da mesa, ouve-se uma voz:

– Então e para mim não há nada?

Os ladrões, todos assustados, perguntaram uns aos outros:

– Não ouviste uma voz dizendo “então para mim não há nada?”

Continuaram outra vez a contar:

– Tanto para ti, tanto para mim...

E ouve-se a voz outra vez:

– Então e para mim não há nada?

Assustaram-se e fugiram todos pelas portas a fora. O rapaz, quando se viu sozinho, encheu o saco de notas, apanhou-as todas, e pô-las às costas. Veio andando, déu em déu, entregá-las aos pais. Chegou e apresentou-se aos pais com o saco cheio de notas. Portanto, ganhou para quatro ou cinco bois.

Informante: Marcelino Leandro Botelho, 70 anos, natural da Amareleja, Moura, Beja, cabeleireiro, 4.ª classe.

Recolha: na Amareleja, Moura, Beja, a 22 de Dezembro de 2005.

Coletor: Nídia Bretoldo (cassete / faixa n.º5)

Classificação: ATU 700

170

O BAGO DE MILHO

Era uma vez uma mãe que queria ter um filho nem que fosse do tamanho de um bago de milho. Depois teve um mocinho muito pequenino. Era pouco maior que um bago de milho. Um dia, ele disse assim:

– Hoje vou eu levar o jantar ao pai.

O pai andava lavrando com o arado. Depois diz ele assim:

– Agora vou lavar, pai.

Pôs-se em cima [do boi] Dourado e começou:

– Anda Palmita anda boi Dourado, anda Palmita anda boi Dourado, anda Palmita anda boi Dourado.

Ele lá andava lavrando. À tarde, o pai soltou os bois e disse-lhe assim:

– Não te ponhas em cima do olho de couve, senão vem o boi e come-te.

Oh, ele pôs-se em cima do olho de couve, veio de lá o boi enrolou tudo: foi o olho de couve, foi o bago de milho, comeu aquilo tudo.

Ele andava na barriga do boi:

– Ó pai, mate o boi Dourado, que dá para três ou dá para quatro.

O pai mandou matar o boi, as mulheres foram lavar as tripas. Veio de lá uma porca, esteve comendo aquilo e comeu também o Bago de Milho.

Andava ele na barriga da porca:

– Ó pai, mate a porca Boguinha que dá para três ou dá para quatro. Ó pai, mate a porca Boguinha que dá para três ou dá para quatro.

O pai matou a porca Boguinha, as mulheres foram lavar as tripas. O Bago de Milho foi à ribeira abaixo, veio de lá um lobo comeu-o.

Andava ele na barriga do lobo:

– Ho, hooo, hooo!

Depois, ia ali a uma barreira acima. O lobo fez muita força, lá saiu o Bago de Milho. Saiu o Bago de Milho e foi para cima de uma sobreira.

À noite vieram os ladrões:

– Este é meu, aquele é teu, este é meu aquele é teu...

– Meu quinhão! – Dizia o Bago de Milho.

Eles olhavam, não viam nada, começavam outra vez:

– Este é meu, aquele é teu, este é meu aquele é teu...

E o Bago de Milho dizia:

– Meu quinhanita!

Eles lá estavam:

– Este é meu, aquele é teu, este é meu aquele é teu...

Ele parte um ramo da sobreira, joga para baixo:

– Que é do meu quinhão?

Eles apanharam um grande medo. Foram-se todos embora e deixaram-lhe o dinheiro todo. Depois lá ia o Bago de Milho com aquilo tudo. Diz ele:

– Ó pai, eu não lhe dizia que a porca Boguinha, ou o boi Dourado dava para três ou para quatro?

E ficaram ricos com o Bago de Milho.

Informante: Maria de Jesus, 55 anos, natural de Freixo Seco de Cima, Loulé, Faro, 4.ª classe, cozinheira.

Recolha: em Freixo Seco de Cima, Loulé, Faro, a 14-11-2005.

Coletor: Carina Isabel Martins Anastácio (cassete n.º 4 / Face A)

Classificação: ATU 700

171

O BAGO DE MILHO

Era um casal que já tinha casado há uns anos, mas não tinham filhos. E um dia a mulher pediu que Deus lhe desse um filho, nem que fosse de um tamanho de um bago de milho. A mulher engravidou e teve um filho do tamanho de um bago de milho. Então o pai andava com o filho atrás.

Uma vez o pai soltou as vacas e diz assim para o bago de milho:

– Olha, põe-te aí e não as deixes comer os repolhos.

E o moço onde é que se havia de pôr? Em cima de um repolho. Vai um boi, joga uma lambejada, trincou o repolho e comeu o bago de milho.

O bago de milho dentro do boi, gritava:

– Ó pai, mata o boi porque ele daria para três ou quatro.

Às tantas, o homem matou o boi e foram lavar as tripas e aquilo tudo, mas houve um bocado de tripa que se safou por ribeira a baixo. Passou um lobo e comeu a tripa. Comeu a tripa, lá foi o bago de milho para dentro da barriga do lobo.

Vai o lobo, era para ir às ovelhas, não conseguia, pois, o bago gritava dentro da barriga do lobo:

– Ó maior, o lobo vai às ovelhas!

O lobo voltava-se a aproximar, ele voltava a gritar:

– Ó maior, o lobo vai às ovelhas!

O maior acordava e levantava-se. Um animal foi falar com o lobo:

– Então pá, estás tão magro...

– Ó pá, pois não sei o que tenho dentro de mim, vou para ir apanhar um borrego ou uma ovelha, gritam-me: “Ó maior, vai o lobo às ovelhas!” E eu não posso comer nada.

– Sabes o que fazes? Vais ali ao pé da ribeira e bebes até poderes. Bebe a água toda gota-a-gota e depois abala a correr por uma ribeira acima, que isso sai.

O lobo assim fez: bebeu e depois a água começou a fugir pelo rabo do lobo. E então, saiu o bago de milho.

O bago de milho foi andando, foi andando, e foi dar a um palácio. Mas como ninguém o via, um dia o rei estava no jardim e deu-lhe vontade de fazer as necessidades. Foi para trás de uma árvore e o bago estava ali e viu-lhe o cu. Depois veio um pinto e comeu o bago de milho. Depois o frango começava a cantar e dizia assim:

– Quiriqui, o cu do senhor rei já vi! Quiriqui, o cu do senhor rei já vi!

O rei mandou matar o pinto, mas o bago de milho safou-se.

Depois, era ele a dizer:

– Já vi o cu do senhor rei.

E o rei andava a ver se o via, mas ele olhava para um lado e para outro e nada...

E diz ele assim:

– Mas quem é que já me viu o cu?

– Fui eu, que sou o Bago de Milho, e vou dizer a toda a gente.

E o rei:

– Mas tu cala-te.

– Não me calo nada! Vou dizer a toda a gente. Só se o senhor rei me der duas bolsas de dinheiro, de moedas em ouro.

O rei perguntou:

– Então quanto é que queres?

E o bago:

– Quero duas bolsas.

O rei:

– Queres grandes ou pequenas?

O bago:

– Quero grandes.

O rei, para ele não espalhar que lhe tinha visto o cu, deu-lhe as duas bolsas de dinheiro. O bago pôs às costas e lá vai ele para a casa do pai.

Chegou à porta da casa do pai. Tanto o pai como a mãe estavam desgostosos pois tinham perdido o filho, o Bago de Milho. Quando abre a porta viu o Bago de Milho.

Diz o bago:

– Já voltei pai, já cá estou. Eu não disse para matar o boi Morato que ele dava para três ou quatro? Aqui tem: trouxe o dinheiro para comprar os bois, três ou quatro.

Aqueles que eles quisessem...

Informante: Maria Adélia Pedro, 75 anos, natural de Vila Nova de Cacela

Recolha: na Vila Nova de Cacela, V.R.S.A., Faro, em 2006

Coletor: Alexandra Bento (faixa 13)

Classificação: ATU 700

Nota: Reconto em Margarida Nunes 2006 (faixa 32)

172

O BAGUINHO DE MILHO

Era um casal que eram muito pobrezinhos e eram fisicamente muito diminuídos, muito pequeninos, e queriam ter um filho. Não tinham um filho e tinham um grande desgosto:

– Ai! Deus me dê um filho, nem que seja do tamanho de um baguinho de milho!

Constantemente estavam a pedir aquela graça a Deus:

– Que Deus me dê um filho, nem que seja tamanho de um baguinho de milho!

O que é que acontece? Um dia, a senhora teve um menino. Teve um menino, era tão pequenino, tão pequenino, que era tamanho de um baguinho de milho. Mas dentro da sua capacidade física, foi-se criando normalmente e quando já estava com alguns aninhos, o pai começou a impor certas responsabilidades e pô-lo a guardar os bois.

Tinha dois bois onde um deles se chamava o boi Mourato. Então o miúdo foi lá para uma horta guardar os bois. Acontece que começou a chover e ele meteu-se debaixo de uma folha de uma couve.

Meteu-se debaixo da folha da couve e ali estava protegido da chuva. A chuva caía na folha da couve, não molhava o menino. Com o decorrer do tempo, o boi vinha ali para começar a comer a folha da couve e ele dizia:

– Para trás, boi Mourato, para trás!

E o boi recuava. Lá ficava ele, muito atento à situação. O boi vinha outra vez para comer a folha da couve.

– Para trás, boi Mourato, para trás!

Até que, com o decorrer do tempo, o Baguinho de Milho deixou-se dormir.

Ora, o boi veio comer a couve e comeu também o Baguinho de Milho. Desapareceu o menino. À noite, quando o pai foi buscar os bois para o palheiro, não via o menino, ninguém sabia do menino.

Ele começa a ouvir um som – o pai – que saía de dentro do boi:

– Ó pai, mata o boi Mourato, que dará para três ou quatro!

O homem começou a ouvir aquilo, metia-lhe uma grande confusão. Pensou e deduziu que seria o menino, pois como ele repetia:

– Pai, mata o boi Mourato, que dará para três ou quatro!

O pai mandou... foi chamar um senhor lá amigo, lá vizinho, lá mataram o boi para ver o que é que acontecia.

Mataram o boi e depois mandaram uma velhota ir lavar as tripas lá para a ribeira.

A velhota estava na ribeira a lavar as tripas e lá de dentro das tripas dizia assim:

– Pum! Pum! Para a velha que está lavando as tripas.

A senhora ouviu aquilo uma vez, ou duas, apanhou susto e foi embora. Deixou lá as tripas do boi.

Nessa altura passou um lobo. Passou um lobo, comeu as tripas.

E ele continuava na barriga do lobo a dizer coisas, a incomodar o lobo.

O lobo... que quem era a médica lá dos tempos deles, dos animais da selva, era a raposa.

O lobo foi ter com a raposa e perguntou-lhe:

– Aii! Tenho uma coisa dentro de mim. Faz barulho e não sei quê. Não me sinto nada bem.

E a raposa diz:

– Olha, põe-te assim numa parte baixa e sobe até à ladeira – o bico do serro – e vais por aí a correr que isso desaparece.

O lobo, com aquela corrida, deu um *pum* e saltou o Baguinho de Milho.

Saltou o Baguinho de Milho e o Baguinho de Milho ficou de noite naquela... naqueles campos muito maus. O que é que ele faz? Como era um miúdo muito

espertito, correu para cima de uma árvore. Fugiu para cima de uma árvore e ficou em cima da árvore, até com medo dos outros bichos o comerem.

E estava em cima da árvore, lá de noite, já quase a adormecer descansadinho, vêm dois homens, espalharam uma manta debaixo da árvore e começaram assim:

– Esta é para mim, esta é para ti. Este é para mim, este é para ti. Este é para mim, este é para ti. E continuava sempre aquela conversa.

Ele, lá de cima, já estava aborrecido de ouvir aquilo. Disse, lá de cima, assim:

– Então e para mim nada?

Olha, não foi nada: eles correram, foram embora e deixaram lá a manta com uma grande quantidade de dinheiro em cima. Eram uns ladrões que tinham ido assaltar lá uma casa.

O Baguinho de Milho esperou que se fizesse de manhã.

De manhã pega na manta, agarra-se às pontas e põe às costas. Põe às costas e depois chegou a casa. Chegou a casa bateu à porta.

– Quem é?

– É o Baguinho de Milho.

Os pais ficaram radiantes, mas, como, entretanto, aquilo passou alguns dias, os pais já tinham desfeito o quarto do Baguinho de Milho, não tinham onde o deitar.

– Onde é que o menino se deita, onde é que o menino se deita? Ora deita-se aqui em cima do ceirão do milho.

Foi-se deitar em cima do ceirão do milho.

A senhora de manhã – a mãe do Baguinho de Milho – foi tirar uma porção de milho para moer, para fazer as papas.

Naquele tempo, comia-se muita papinha de milho, moída na própria mó que eles possuíam. A senhora vai, tira um bocado de milho para fazer as papas onde veio o baguinho de milho junto. Foi moer, estava moendo o outro milho. Ora, e o Baguinho de Milho estava lá também. Ora, às tantas, começou a ver a mó cheia de sangue, começou a ver a mó cheia de sangue, tinha moído o baguinho de milho junto dos outros milhos.

Então, coitadinho, com uma triste sina que morreu na mó. Mas deixou os pais ricos com o dinheiro que ele tinha trazido para casa.

Informante: Maria José Alves Romão, 71 anos, natural de S. Bartolomeu de Messines, Silves, Faro, reformada, 4.ª classe.

Recolha: em Faro, a 3 de Janeiro de 2007.

Coletor: Abel Chanfana (Cd n.º 1)

Classificação: ATU 700

173

O BAGO DE MILHO

Havia uma mulher que não tinha filhos e então ela diz assim:

– Deus Nosso Senhor devia de me dar um filhinho nem que fosse do tamanho de um bago de milho.

Deus Nosso Senhor deu-lhe um filho do tamanho de um bago de milho. O mocinho fazia tudo e ia levar o jantar ao pai – o Bago de Milho.

Depois lá ia o Bago de Milho com o jantarinho e diziam:

– Olha, lá vai o Bago de Milho levar o jantar ao pai!

Ele descarregava o jantar e ia ter com a família que disse aquilo e batia-lhes. Depois chegou ao pé do pai, que estava com as vacas. O pai foi jantar e ele sentou-se em cima de um novelo de couve, e o pai disse assim:

– Não te sentes em cima do novelo de couve, pode alguma vaca te comer!

Ele sentou-se em cima do novelo de couve, veio um boi e comeu o Bago de Milho e o novelo de couve. Veio o pai todo desconsolado, que o filho tinha levado fim. Depois o que é que eles fizeram? Mataram o boi para ver se achavam o baguinho de milho, mas eles não procuraram nas tripas, pois não sabiam que ele tinha que estar dentro das tripas, e jogaram as tripas para um barranco. Depois veio um lobo e comeu as tripas.

Depois o lobo ouviu um grande barulho na barriga dele: era o Bago de Milho, que dizia:

– Pai, mate o boi Mourato! Pai, mate o boi Mourato, que dá para três e quatro, que dá para três e quatro!

Depois, ia o lobo pela ladeira acima e – pum, pum, pum, pum, pum – e plantou (jogou) o Bago de Milho fora. O Bago de Milho, depois, o que é que havia de fazer? Era já de noite e olha para cima de um chaparro e disse:

– Já vêm além os ladrões!

Os ladrões, que iam contar dinheiro. E o que é que ele, Bago de Milho, faz? Pega num moleco e eles fugiram todos. Chega à casa do pai com uma remessa de dinheiro. No outro dia foram outra vez e levaram uma grade, para quando eles fossem lá outra vez lhes jogar para cima. Então lá vieram eles contar dinheiro outra vez, e jogaram-lhes a grade para cima e mataram todos. Ficaram riquíssimos e contentes e estão lá vivendo ricos por causa do Baguinho de Milho e do pai.

Informante: Isabel Martins Reis, 85 anos, natural de Perna Seca, Silves, Faro, reformada.

Recolha: em Silves, Faro, a 4 de Janeiro de 2008.

Coletor: Cláudia Carriço (clip 3 / 15'41)

Classificação: ATU 700

174

O BAGUINHO DE MILHO

Era uma vez um homem e uma mulher que gostavam muito de ter um filho.

Então diziam:

– Ai, Deus Nosso Senhor, havia de nos dar um filho. Assim fosse do tamanho de um baguinho de milho.

Bom, Deus Nosso Senhor fez-lhe a vontade. Deu-lhe um filho do tamanho de um baguinho de milho.

Um dia, o Baguinho de Milho foi para a horta e foi para cima de um repolho. Então, vem de lá o boi e comeu o repolho. Comeu o repolho, então, comeu o menino.

Depois o menino gritava dentro da barriga do boi:

– Ó pai, mata o boi Borato que ele daria pra três ou quatro.

– Ai, mulher, o menino grita de dentro da barriga do boi. – Diz o homem.

– Ó homem, pois mata o boi. – Diz a mulher.

Mataram o boi, deitaram as tripas para um barranco, passou lá uma velhinha e ajudou o menino a sair de dentro das tripas. Então o menino depois deu-lhe de comer.

Depois a velhinha, para compensar o menino, deu-lhe três sacos de dinheiro.

E o menino voltou pra casa e disse ao pai:

– Ó pai, eu não lhe dizia pra matar o boi Borato que ele daria pra três ou quatro?

E assim acabou.

Informante: Maria Helena dos Santos Chagas, 58 anos, natural da Manta Rota, V.R.S.A., Faro, 6.º ano.

Recolha: em Manta Rota, V.R.S.A., Faro, a 7/1/1010.

Coletor: Nuno João Gonçalves de Jesus

Classificação: ATU 700

175

O BAGO DE MILHO

Era um casal que tinham casado há pouco tempo, mas não conseguiam ter filhos. Aquilo com certeza não acertava. E então, a mulher todas as noites rezava à Nossa Senhora a pedir um filho. E tanto pediu, tanto pediu... Ah, e ela pedia muito um filho nem que ele fosse do tamanho de um bago de milho. E lá veio o bendito filho, com a ajuda da Nossa Senhora. Só que a criança era mesmo pequenina. Era do tamanho de um bago de milho. Nem com o tempo ele cresceu, sempre do mesmo tamanho.

Eles eram pessoas do campo, trabalhavam nas fazendas ou na horta, não sei, e era o Bago de Milho que estava encarregue de levar sempre a cesta do almoço ao pai. Andava ele caminho abaixo com a cesta da merenda, mas as pessoas só viam o cesto a andar, não viam ninguém a levar o cesto. Ele era tão pequenino.

E o pai avisava-o sempre:

– Tem cuidado, que as pessoas podem não te ver, e os animais podem pensar que és mesmo um bago de milho e acontece-te alguma coisa má.

E o miúdo ia pois sempre com muito cuidado.

Mas houve um dia que estava cansado. Então resolveu subir para uma espiga de milho, ou para uma folha de uma espiga de milho, para descansar. Vem de lá o burro, pensando que ele era um bago de milho, comeu-o. O burro não, era um boi, era um boi.

E então, depois ninguém encontrava o Bago de Milho, que era assim que lhe chamavam. Até que o pai ouve de dentro do burro:

– Pai, ajuda-me. Pai ajuda-me, que eu estou dentro do boi.

Nesse mesmo momento, o pai, pois, aflito, matou ali logo o boi. Mas não encontrava Bago de Milho nenhum no meio das tripas, no meio da carne. Não encontrou Bago de Milho nenhum. Lá foi, muito desolado para casa, aquilo já era de noite.

Então de noite veio um lobo, atraído pelo cheiro das tripas e da carne, e comeu as tripas do boi. O bago de milho:

– Pois, que sorte a minha, agora.

Então andava sempre a gritar ao lobo para fazer as necessidades, para fazer o cocó. E o lobo aflito, o lobo nem passava bem, pois o Bago de Milho andava lá a atormentá-lo dentro da barriga dele. Depois o lobo não passava bem. Até que lá o lobo fez as benditas necessidades. Então lá o Bago de Milho se lavou e procurou o caminho para casa.

De caminho, encontrou homens. (O meu avô dava-lhes um nome, mas eu não me lembro como é que ele chamava àquilo, acho que era uma espécie de soldados ou de empregados que levavam um tesouro grande.) Então ele explicou-lhes a história e veio com eles para casa. Só que, às tantas, no meio do caminho – pois eles levavam um tesouro muito grande – surgiu um bando de ladrões que os assaltaram, mataram os homens e roubaram o tesouro. Mas não viram o Bago de Milho, porque ia escondido dentro de uma sacola, de uma bolsa e acabaram por o levar também.

Acho que o levaram para uma casa, onde foram repartir o dinheiro. E então começa o Bago de Milho a gritar dentro da sacola:

– Ladrões, ladrões, roubaram-me o dinheiro, ladrões, ladrões!

As pessoas ouviam vozes, não viam nada. Com medo, desataram a fugir.

Resultado: ficou o Bago de Milho com o dinheiro todo. Pegou nas bestas, nos burros que estavam a carregar o tesouro e foi para casa. Chegou a casa, bateu à porta, o pai:

– Quem é? Quem é?

– É o Bago de Milho, pai. Abre a porta.

Lá o pai ficou muito feliz. E olha, o pai que era pobre, era um agricultor pobre, ficou com dois machos, com dois burros e ainda ficou um homem rico, com aquele dinheiro todo.

Informante: Alícia Lopes, 18 anos, natural de Santo Estêvão, Tavira, estudante. Recolha: em Santo Estêvão, Tavira, Faro, a 8 de Janeiro de 2010.

Coletor: Alícia Lopes (faixa n.º 10 / 3'39)

Classificação: ATU 700

176

O BAGO DE MILHO

Um casal vivia no campo, eram agricultores, lavradores. Viviam bem, tinham uma vida boa, tinham vacas, tinham uma vidinha boa. Só tinham era um grande desgosto: não tinham filhos. E o marido dizia:

– Deixa mulher... Não temos, então, deixa.

Mas ela vivia com um grande desgosto, queria ter um filho.

Então um dia andavam semeando o milho e ela, coitada, estava tão triste...

Diz assim:

– Ah, meu Deus, podia-me dar um filho nem que fosse do tamanho de um bago de milho!

Ah, Deus ouviu-lhe a prece que ela fez. Ah, passou o tempo nasceu um menino do tamanho de um bago de milho. Bom, o menino era pequenino. Foi aumentando a idade, mas sempre pequenino, não é?

Ora já era assim grandinho, disse à mãe:

– Ó mãe, eu tenho que fazer alguma coisa...

– Ó filho, mas tu és pequenino.

– Então, sou pequenino, mas já tenho idade.

– Então, mas o que é que tu queres?

– Vou guardar as vacas.

– Oh, filho, guardar as vacas...

– Então, vou guardar as vacas.

A mãe disse:

– Oh, também está bem, as vacas são grandes, e coiso...

Bem, foi guardar as vacas, onde é que ele havia de se ir a pôr? No olho da couve.

– Ah, ponho-me aqui no olho da couve, que aqui as vacas não me pisam.

Mas veio de lá o boi, comeu a couve. Comeu a couve, engoliu o Bago de Milho. (Ah, e ela, depois, como ele era pequenino como um bago de milho, pôs-lhe o Bago de Milho. O nome dele era o Bago de Milho.)

A mãe... À tarde, as vacas recolheram lá e o Bago de Milho não aparecia.

– Ai, mas então onde é que anda o meu menino, o meu Bago de Milho?

Então, começa lá a ouvir lá na barriga do boi:

– Mãe, mata o nosso boi Morgado que dá para três ou quatro! Mãe, mata o nosso boi Morgado!

Diz assim:

– Ai, está na barriga do boi.

Bom, a mãe resolveu matar o boi. Mataram o boi, mas não encontraram o Bago de Milho. Ah, deitaram as tripas do boi fora, não é? Ah, o Bago de Milho foi nas tripas do boi. Veio de lá um lobo comeu as tripas. Comeu as tripas, foi o Bago de Milho para a barriga do lobo. Bem, ele, o lobo, ficou farto, mas depois no outro dia já tinha fome e vai para os rebanhos como era o costume, não é? A ver se roubava alguma ovelha, algum borreguinho. Ora, mas o Bago de Milho estava lá dentro da barriga, começava:

– Lá vai o lobo ao gado!

E o lobo ouvia aquilo, tinha medo, ia-se embora.

Lá se aproximava outra vez, cheio de fome, lá ia:

– Lá vai o lobo ao gado!

Ora, passaram-se uns quantos dias e o lobo andava já encambando, já a morrer de fome. Até que se deitou ali na areia de um barranco, e pronto, já não dava andado, já não... Ele, quando apanhou assim o lobo mesmo moribundo, conseguiu sair da barriga do lobo.

Andou, andou já vinha um bocado cansado. Antes de chegar a casa, disse assim:

– Ah, eu tenho de descansar. Mas agora, onde é que eu me vou a pôr, que não me façam mal?

Então lá foi subindo, subindo para cima de uma azinheira. Pôs-se a descansar em cima de uma azinheira.

Ah, estava lá, quando ele vê chegar dois homens. Metem-se debaixo da azinheira e sentam-se.

– Vamos a fazer as partilhas.

Ele pôs-se a olhar ao que eles estavam fazendo.

Então eles vão, despejam uma saca: aquilo eram libras, não era dinheiro deste. E então eles tinham ido fazer um roubo, tinham roubado.

E então começam:

– Uma para ti, uma para mim. Uma para ti, outra para mim. Uma para ti, outra para mim... – A dividir.

O Bago de Milho vê aquilo: “Ah, aquilo é dinheiro!”

(Ele era pequenino, mas era uma pessoa inteligente, era normal.)

Quando ele dá um grande grito:

– Então e para mim, nada?

Os ladrões agarraram tanto medo que agarram na saca e fogem. Mas, ao agarrarem na saca já tinham despejado as libras lá para as dividirem, deixaram-nas lá.

Oh, o Bago de Milho desce da azinheira:

– Eh, isto é tanto dinheiro!

Bem, lá para ali conseguiu ver se o escondia e vai para casa. Vai muito à pressa lá a ver se consegue chegar a casa.

Chega a casa, a mãe muito contente, que o menino dela tinha conseguido salvar-se.

Mas diz ao pai:

– Agora, têm que ir comigo.

– Então, mas agora queres ir onde?

– Vamos! Levamos a nossa carroça e venham lá comigo, que eu vou ensinando o caminho.

Ele era tão pequenino que a mãe disse assim:

– Então e agora? Onde é que tu vais que não caís, e onde é que a gente te põe?

Disse:

– Mete-me na palma da mão.

E então a mãe lá o levava na palma da mão. E ele ia ensinando o caminho, não é?

Lá disse ao pai:

– Olha, é além.

Oh, o pai foi a ver, aquilo era muito dinheiro. Oh, trouxeram o dinheiro, vieram para casa. Vieram para casa, com aquele dinheiro todo, diz a mãe assim:

– Olha, agora já podemos pagar uma pessoa para guardar as vacas. Já não precisamos de ir guardar as vacas. Temos dinheiro para pôr pessoas a trabalhar para a gente. E então agora eu ando sempre contigo na palma da mão, que é para ninguém te fazer mal. Que és pequenino. E então assim posso ter sempre o meu Bago de Milho. Eu ando sempre contigo.

E pronto, assim viveram os três felizes com o dinheiro dos ladrões. E o Bago de Milho, conseguiu... e a mãe andava sempre a protegê-lo, era pequenino.

E pronto, e acabou.

Informante: Maria Guadalupe Mestre Valadas, 51 anos, natural de Mértola, Beja, doméstica, 6.º ano.

Recolha: em Corte-Sines, Mértola, Beja, a 25 de Dezembro de 2008.

Coletor: Andreia Fragoso e Sandra Mestre

Classificação: ATU 700

177

[AS CRIANÇAS COM UMA ESTRELA DE OURO NA TESTA]

Havia um rapaz que também era rico e os pais eram do Alentejo, do Alto Alentejo, e tinham muitos cavalos, muitas éguas, tinham criação disso.

E o pai pediu-lhe... O rapaz perguntou ao pai se lhe dava autorização para ele ir buscar uma égua ou um cavalo para ir correr. E o pai disse:

– Sim, vai [chamar] o criado e tira aquilo que tu queiras.

E o rapaz foi por o criado e disse-lhe:

– Olha, tira lá aí um cavalo ou uma égua que corra bem, que eu vou passear.
A criada arranhou-lhe a comida. Ela foi para a mãe, arranhou-lhe a comida. Ele pôs a ração para a égua e para o cavalo e foi passear.

Chegou a hora da comida, mais ou menos ao meio-dia e disse... Chegou ali à porta de um lavrador e pediu se davam licença para ele deixar descansar ali o cavalo e para comer uma bucha. E ele, o lavrador, disse:

– Sim.

E neste momento o lavrador chegou ao pé do rapaz e disse-lhe:

– Olha lá, em vista de tu estares aqui, quem é os teus pais?

E ele respondeu:

– O meu pai é fulano e a minha mãe é fulana.

E ele disse:

– Sim, conheço bem o teu pai e a tua mãe. Olha lá, tu vais almoçar comigo e com duas filhas que eu tenho.

E o rapaz foi almoçar juntamente com ele e com a senhora.

Estavam comendo e o rapaz... o lavrador, disse para ele:

– Olha lá, então tu e eu, na vista de eu conhecer o teu pai e a tua mãe... Destas duas filhas que eu tenho aqui, qual é que tu queres?

E ele respondeu:

– Uma mulher séria que tenha duas crianças de parto, que dê à luz duas crianças. E uma com uma estrela de ouro na testa.

E uma delas disse:

– Eu.

E ele disse:

– Caso contigo.

E ele casou com essa dita rapariga. Depois da rapariga dar à luz os filhos, ele foi e imigrou para o Brasil.

E a irmã dela gostava muito dele e disse:

– A minha irmã teve duas crianças, cunhado, mas não têm estrela de ouro nenhuma na testa.

E ele respondeu-lhe:

– Ingrata! Enterra-lhe... Enterra a minha mulher da cintura para baixo dentro de uma estrumeira e quem passar por ela, escarre-lhe para cima.

A mulher foi metida para baixo dentro de uma estrumeira e arranjaram uma choupana. E então ele, depois, veio. A mulher estava enterrada e as ditas crianças foram deitadas ao mar.

Haviam dois velhinhos que viviam junto ao mar e viram aquele caixãozinho vir e foram para... O homem, com um pezinho, arregaçou as calças, descalçou-se e foi apanhou o caixãozinho. Essa dita criança ainda estava viva. E começou a alimentar essa criança, a criar...

E quando a dita foi para a escola... E a mãe estava enterrada da cintura para baixo. De maneiras que, então, o rapaz veio e pôs-se à janela. E a mulher estava além, estava enterrada além da cintura para baixo. E ele via as crianças passarem todas por a mulher, escarrarem e cuspirem. Aquelas duas crianças não lhe escarravam, passavam, mas não diziam nada. Ele foi à escola, pediu licença à professora, e então, diz para a professora:

– Sr. Professora, todas as crianças têm o gorro tirado da cabeça e aquelas duas crianças têm o gorro na cabeça. Por qual é a razão?

E a professora respondeu-lhe:

– Ninguém consegue tirar aquelas gorras da cabeça das crianças.

Ele convidou as crianças para comer e disse para elas:

– À hora da comida, todos tiram o gorro da cabeça. Aqui da minha manda, todos têm de tirar o gorro da cabeça.

E elas responderam, as crianças:

– Se aquela mulher que está enterrada da cintura para baixo vier aqui para a mesa, eu tiro o gorro da cabeça.

Ele tirou o gorro da cabeça e disse:

– Aquela é que é a minha mãe.

A mãe, foram desenterrá-la e estão vivendo com a mãe, que ainda é viva.

Acabou-se.

Informante: Artur Mendes Ascenso, 82 anos, natural de Vale-Judeu, Loulé, Faro.

Recolha: em Boliquireime, Loulé, Faro, a 1 de Dezembro de 2005.

Coletor: Sandra Madeira (cassete 2 / face A)

Classificação: ATU 707

A HISTÓRIA DOS TRÊS MENINOS COM ESTRELINHA DE OURO NA TESTA

Havia três raparigas que eram costureiras. E de noite, estavam a costurar, a fazer serão, e quando estavam a fazer serão começavam a contar coisas. E um

empregado do rei andava pelas ruas, a escutar, para contar as coisas ao rei. E então, uma disse assim:

– Eu gostava de casar com o moleiro da casa real para comer o pão fino, pão bom...

Foi a outra:

– Ai, eu cá gostava de casar com o cozinheiro, para comer a boa sopa primeiro que os patrões. Carnes... Tudo melhor.

Foi a mais nova e disse:

– Ai, eu então, gostava de casar era com o rei. E queria ter três filhos, todos três com uma estrela de ouro na testa. Uma menina e dois meninos.

Depois ele ouviu isto e veio contar. Veio contar, disse assim:

– Então vai lá chamá-las e elas que venham aqui ao palácio.

Depois eles foram. Maneiras que elas todas assustadas: porque será, porque não será...

Diz ele assim:

– Qual foi a que disse que queria casar com o meu moleiro para comer o bom pão fino?

– Ah, pois fui eu.

– Então está bem, vais casar com ele.

– E qual é que quer casar com o meu cozinheiro para comer a boa sopa antes dos patrões?

– Fui eu. – Ela corou muito.

– Então e qual é a que disse que queria casar comigo, e que devia de ter três filhos, dois meninos e uma menina, todos com a estrela de ouro na testa?

E ela disse:

– Fui eu.

– Então vai-se fazer esses casamentos. Mas se não teres os meninos que tu dizes, se isso não for verdade, depois vais apanhar um grande castigo.

Maneiras que todos os casamentos fizeram-se. E então as irmãs, as duas, estavam furiosas àquela, todas muito coiso:

– Ah, a gente há-de fazer os possíveis, que ele há-de vir castigá-la.

Ele foi para uma caçada e ela estava grávida. Depois, o que é que elas fizeram? Como ela estava quase a ter a criança, arranjam cães – de cadelas que tinham cães – e puseram na cama. Depois, mandaram dizer ao rei que o que ela tinha tido não era um bebé, tinha tido cães. Se aquilo fosse vivo eram capazes de deitar o palácio abaixo.

Maneira que ele veio e disse:

– Que castigo se vai dar a ela?

Vai uma, que não era assim muito ruim, uma irmã, disse:

– Ah, não se dá castigo nenhum.

A outra dizia:

– Ah, devia-se dar! – Mas, como aquela disse que... – Não, já agora esperar por as três vezes que ela deia...

Bem, engravidou outra vez. Quando estava quase para ter o bebé ele foi outra vez para uma caçada. Depois, ela teve o bebé, as irmãs arranjam gatos – não encontraram cães arranjam gatos – puseram na cama. Puseram na cama, mandaram-no chamar. Ele veio, e quando veio, disse:

– Vai-se dar agora o castigo a ela. E o que é que fizeram aos cães?

– Os cães e os gatos, jogamos...

– Fizeram bem.

E elas o que é que elas faziam, as irmãs? Quando nasceu o primeiro bebé, elas puseram dentro de uma caixa, puseram muito dinheiro para coiso e jogaram para o rio. E então a caixa não foi ao fundo. A caixa foi andando à de cima da água, foi andando, foi andando, foi passar onde é que havia um moinho de água. E estava um velhote, que era o moleiro, estava de roda do moinho e disse para a mulher:

– Não vês aquela caixinha que vem à de cima da água?

– É verdade, puxa-a lá.

Começaram a puxar, com umas canas, a puxar, a puxar... Veio, foram abrir: um menino com a estela de ouro na testa.

Depois, foram à cidade, à pergunta de uma ama, para tratar do bebé. Depois trouxeram... E com aquele dinheiro, pagavam a despesa da ama.

Depois, ela, quando engravidou outra vez, ele foi outra vez para outra caçada, foi quando ela teve... Puseram os gatos. Esse bebé nasceu também com a estrela de ouro. Elas, as tias, puseram dentro de uma caixinha, e muito dinheiro para ela ir ao fundo, e foram jogar ao rio. O mesmo moleiro que apanhou a outra caixinha, apanhou aquela. E então criaram o bebé. Criaram o bebé, os bebés foram ensinados a tratarem os velhotes por pai e mãe.

Depois, ele queria castigá-la.

– Não, não se castiga ainda.

Mas um criado é que estava mais oposto e dizia:

– Não, é melhor não castigar. Quem sabe lá porque seria...

Engravidou outra vez. Engravidou outra vez, ele outra vez para uma caçada. Foi, quando ela teve o bebé, quando ela teve a menina, elas fizeram o mesmo.

Puseram a menina noutra caixinha e jogaram ao rio. E quem criou os primeiros meninos – os velhotes – criaram aquela menina. Puxaram a caixinha e estava lá a menina com muito dinheiro dentro. Depois eles cresceram.

E quando o rei veio, elas todas, as irmãs, que ela devia de apanhar um castigo...

– Mas que castigo há-de ser?

– Enterrada no pátio, e todas as pessoas que aqui virem cuspirem-lhe para a cara.

Maneira que o rei disse:

– Está bem.

Bem, deram-lhe esse castigo, e o rei depois nunca mais ligou à mulher. Iam levar lá o comer a ela, iam levar isso tudo, e ela enterrada até à cintura.

E os meninos cresceram. Cresceram, depois morreu os velhotes, o moleiro, e os meninos ficaram com a ama. Ficaram com a ama e depois foram à missa. Foram à missa, entrou uma velha de cabelo branco, a dizer:

– É a árvore que toca por música e o pássaro que adivinha e a água amarela.

Ele, o menino, disse assim:

– Mas o que é que você diz?

– Pergunte que logo acha!

Depois ele foi para casa e disse:

– Eu vou correr mundo. E deixo aqui uma garrafa de água, quando vocês verem que a água está ruiva, vão à minha pergunta, que é porque eu não estou bem.

Depois, foi assim: a mana e o mano ficaram com a ama e ele abalou. Abalou, ia chegando a uma grande herdade, muito grande. Viram uns velhotes, disseram assim:

– Olha, aí vem um rei.

Diz ele assim:

– Um rei? Eu não me pareço nada com um rei. Eu sou filho de uns velhotes moleiros, e já morreram. Agora, vivo com a ama que me criou.

Diz ele assim:

– Então e o que é que pergunta?

– Ando à pergunta da água amarela e a árvore que toca por música e o pássaro que adivinha.

– Olhe, então, vá andando, vá andando, que há-de encontrar.

Encontrou uma árvore a tocar, encontrou um passarinho a falar... E ele disse o que é que queria: queria uma pernada da árvore, queria a água amarela e o pássaro que adivinha.

Foi ele, o passarinho, disse-lhe assim:

– Olha, molha este pincel além na água e vai molhar aquelas pedras à ponta.

Mas ele deixou cair a água pelo caminho, ficou encantado. Ficou encantado, o irmão viu a água ruiva, disse:

– Olha, vou à pergunta do nosso irmão.

Depois foi. Foi à pergunta do irmão, foi dar ao mesmo lugar, diz os velhotes assim:

– Olha, além vem um rei.

Diz ele assim:

– Rei, não! Eu não sou rei. Eu sou filho de uns moleiros.

– Então o que é que deseja?

– Desejo da água amarela e a árvore que toca por música e o pássaro que adivinha.

– Então, vá andando que encontra.

Foi andando, ouvia música, ouvia aquilo tudo, da árvore... Depois dirigiu-se lá.

Disse:

– Eu quero uma pernada dessa árvore, e quero uma garrafa dessa água e quero o passarinho que adivinha.

– Então, molha lá este pincel e não deixes cair água pelo caminho.

Ora, foi sempre deixando cair, foi, ficou encantado. Ficou encantado, a mana foi ver a água, a garrafa, encontrou a água amarela [sic] e disse:

– Ah, olha, tenho de partir. Mas tu não abales daqui que eu volto. Deixa-te estar sempre aqui no moinho.

E então ela ficou e a menina abalou. Encontrou os mesmos velhotes:

– Olha, além vem uma rainha.

E ela disse:

– Ai, uma rainha, não brinquem! Eu sou filha de uns moleiros, mas eles já morreram.

– Então o que é que deseja?

– Eu ando à pergunta dos meus irmãos, e da água amarela e o pássaro que adivinha e a árvore que toca por música.

– Então, vá andando que encontra.

Foi andando, foi andando, começou a ouvir a música... E então, quando ouviu a música, dirigiu-se lá, viu o passarinho, a falar, a falar, a falar...

Diz ela assim:

– Eu venho à pergunta dos meus irmãos, e da água amarela e da árvore que toca por música e o pássaro que adivinha.

– Pois sou eu. Então, põe água dentro dessa garrafa e vai despejar naquelas últimas pedras.

Ela foi – aí já não lhe deu o pincel – despejou. Assim que foi despejar, apareceram-lhe os irmãos. Apareceram-lhe os irmãos, depois vieram para casa.

E ele [o pássaro] disse:

– Eu vou contigo.

E ela trouxe-o na mão e ele vinha sempre a adivinhar, sempre a dizer coisas.

Depois, quando chegou ao moinho, diz o passarinho assim:

– Olha, amanhã vem aqui o rei jantar. E vocês preparem o jantar, mas ele vai ficar apaixonado pela menina. E tu, não queiras saber de namorar o rei. Ele é muito mais velho do que tu, e tu não fiques apaixonada por ele. Ele fica por ti.

E depois, o rei andava na caçada, ali de roda, ouviu a música e dirigiu-se lá.

– Mas que música tão bonita que eu oiço.

E depois a menina disse:

– Ah, pois é uma árvore que a gente tem aqui que toca por música.

Ele disse assim:

– Olhe, venho convidá-la para ir a meu palácio almoçar. Os seus irmãos, tudo.

Depois, ela disse:

– Está bem.

– ... e a ama, vão todos lá almoçar.

E depois, o passarinho disse assim:

– Ele está apaixonado. E tu, vai, vai. Vão lá comer, mas vocês não se sentem à mesa sem que aquela senhora que está lá enterrada ir para a mesa também. E quando chegarem está lá umas mulheres, e a guarda e tudo, querem que vocês cusпам para a cara dessa mulher. Mas vocês não cospem. Vocês, em vez de lhe cuspirem para a cara, levantem-lhe as mãos e beijem as mãos dela. E não lhe cusпам para a cara. E nem se sentem à mesa sem ela ir para a mesa.

Depois o rei queria que eles se sentassem, e ele disse... Os meninos todos a falarem:

– Eu só me sento à mesa se aquela senhora vir para a mesa.

– Ai, mas não pode vir, porque aquela senhora teve cães e bichos... e gatos, não pode vir para a mesa.

– Então a gente não se senta.

Mas, como estava apaixonado pela menina, mandou desenterrar a senhora. E a senhora, estava ali com eles...

E depois, diz o passarinho assim:

– Essa senhora não teve nem cães, nem bichos, nem gatos. Essa senhora teve três meninos e todos três com uma estrela de ouro na testa. E as irmãs dela puseram o primeiro e o segundo e o terceiro dentro de umas caixinhas, e mandaram para o rio. E quem as salvou foi o moleiro.

E depois, o passarinho falava isto tudo e o rei dizia assim:

– Mas como é que isso pode ser?

– Pode ser, sim senhor.

Depois disse para o menino mais velho (eles traziam um barrete na cabeça):

– Levanta lá o teu barrete.

Levantou o barrete, disse:

– Além está o primeiro filho que a sua mulher teve.

Depois, o rei ficou muito coiso...

– Agora o segundo, levanta o barrete. Além está o segundo filho que a sua mulher teve. Agora a menina, levanta o barrete.

Levantou o barrete, mostrou a estrela e disse:

– Além está o segundo [sic] filho que ela teve. É sua filha, é seu filho, é seu filho. A sua senhora nunca teve cães nem bichos. Quem fez isso tudo foi as irmãs dela.

E depois, o rei disse para eles:

– Já que vocês são meus filhos e já que isso é verdade, que castigo querem que dê às vossas tias?

Os meninos disseram, o mais velho disse:

– Eu quero que elas sejam atadas ao rabo de um cavalo e o cavalo fuja até elas terem um pedaço.

E ele depois:

– Então e tú? – Com o segundo.

E ele disse:

– A palavra do meu irmão é a mesma que é a minha. O que ele disse é que é.

A menina disse o mesmo.

Depois, ele disse:

– Pois eu, quando aqui entrei, quando eu vi a menina fiquei apaixonado por ela. Mas visto que é minha filha, vou já mandar buscar médicos e tudo para tratar da mãe.

A mãe estava já muito mal, entrevada da cintura para baixo.

E então a mãe, aqui, ainda disse:

– Bem, não dêem tão grande castigo às minhas irmãs. Expulsem-nas do palácio, mas não façam isso.

E os meninos disseram:

– Já estou vendo qua a minha mãe é santa. E então, o que a minha mãe disser é que é.

Depois, não deram castigo às tias, e o passarinho cantou e disse:

– Eu volto logo.

Voltou um rapaz. Bateu à porta, os criados foram:

Disse:

– Eu sou o passarinho que saiu daqui hà bocado. Eu estava encantado... Já há muitos anos que eu estava encantado. E quem me desencantou foi a menina. E agora venho pedi-la em casamento.

E então, foi falar com o rei, pediu a menina em casamento, casou com ela.

E acabou-se a história.

Informante: Isaura de Jesus Martins, 86 anos, natural da Cabanita, Paderne, Albufeira, Faro, reformada, sabe ler e escrever.

Recolha: em Paderne, Albufeira, Faro, a 21-10-2007.

Coletor: Cláudia Marta (CD / faixa n.º 10)

Classificação: ATU 707

179

HISTÓRIA DA BRANCA DE NEVE

Com pezinhos de veludo
Nesta sala vou entrar
É a hora da história
E nós gostamos de escutar
Todos, todos sentadinhos
Numa roda sem falar.
Ficaremos bem quietinhos
Para a história começar.
Pshiuuu...

Era uma vez um castelo em que vivia uma senhora e um senhor: eram muito ricos. E um dia tiveram um bebé, só que o bebé era uma menina, que era muito

bonita e tinha os cabelos muito pretos e os olhos muito grandes e era muito branquinha. Mas um dia a senhora morreu e o pai da menina ficou sozinho. O que é que ele pensou?

– Eu tenho de encontrar alguma senhora para tomar conta da minha menina!

Um dia, já muito, muito tarde, o senhor voltou a casar com uma rainha, que era muito, muito má e era muito vaidosa.

E um dia foi ao espelho e perguntou-lhe:

– Espelho meu, há alguma menina mais bonita do que eu?

E o espelho respondeu:

– Sim, sim, há uma menina muito bonita e tem os cabelos muito negros.

A rainha ficou muito desconfiada, porque não imaginava que poderia ser a enteada. Entretanto essa menina foi crescendo, crescendo, e cada vez estava mais bonita. E a rainha, todos os dias ia ao espelho.

– Espelho meu, espelho meu, há alguma menina mais bonita do que eu?

E o espelho respondeu:

– Sim, há uma menina muito mais bonita do que tu, mas é tua enteada!

Ela ficou toda zangada e resolveu mandar matar a menina. Essa menina chamava-se Branca de Neve. Ela chamou o empregado para a levar para a floresta, e para ela saber que ele a tinha matado, tinha que trazer o coração da menina. Só que o senhor empregado da rainha gostava muito da menina.

E depois o senhor voltou para o castelo com o coração de um veado, porque a menina ficou na floresta. Estava com muita pena porque ficou sozinha. A menina andou, andou e encontrou uma casinha muito pequenina. Então o que é que ela pensou fazer?

– Olha, vou entrar pela casa!

Viu que estava tudo desarrumado e viu ainda que era tudo muito pequenino.

Então, ela arrumou a casa, fez o jantar e depois foi até lá acima onde havia muitas caminhas. Eram sete camas. Como estava tão cansada, tão cansada, resolveu dormir um bocadinho. Esteve a fazer um óó...

Entretanto, mais tarde, começou-se a ouvir os setes anõezinhos que cantavam:

– Eu vou, eu vou p'ra casa agora eu vou! Eu vou, eu vou!

Entretanto entraram e acharam muito estranho, porque viram tudo muito arrumado e aflitos começaram a procurar quem estaria em casa.

E então viram uma menina deitada nas camas. Já lhe queriam fazer mal e estavam todos zangados.

Entretanto a menina acordou e disse:

– Boa noite! Eu sou a Branca de Neve e estou aqui sozinha. A minha madrasta mandou-me matar e eu resolvi vir para a floresta e procurar uma casa.

E os anões gostaram muito dela e resolveram ajudá-la.

Um dia apareceu uma bruxa, porque descobriu pelo espelho que havia ainda uma menina muito mais bonita do que ela. Então ela levou uma maçã para vender para ela a comer para depois desmaiar e só acordar com um beijo do príncipe encantado.

A menina como era muito querida, a Branca de Neve, resolveu comprar a maçã à velhota, só que na primeira dentada...

– Puhhh...

A menina caiu no chão.

Os anões quando regressaram a casa ficaram muito tristes porque a Branca de Neve não acordava. E então levaram-na para o meio da floresta, enfeitaram-na com muitas flores...

E um dia já estavam tão tristes, tão tristes, que não sabiam que lhe haviam de fazer. Resolveram chamar uns príncipes, só que ninguém queria vir.

Entretanto, apareceu um príncipe muito bonito, com os cabelos castanhos, muito, muito lindo num cavalo branco. Entretanto o príncipe chegou ao pé da princesa, da Branca de Neve e deu-lhe um beijinho. E a Branca de Neve acordou. Ela casou com o príncipe e os anõezinhos foram ao casamento e ficaram todos contentes. Houve uma grande festa e depois tiveram filhos: a Branca de Neve e o príncipe.

Perilim pim pim e a história chegou ao fim.

Informante: Vânia Rosado, 25 anos, natural de Évora, licenciatura.

Recolha: em Évora, a 20 de Dezembro de 2006.

Coletor: Raquel Eunice Casimiro Marques (faixa n.º 25.5)

Classificação: ATU 709

Nota: Contava o texto em criança e agora também conta para as suas crianças no jardim-de-infância. Versão muito dysneficada.

CONTO DO GALARINHO

Há um dia que há um galarinho que andava a esgravatar no lixo e encontrou um copinho de ouro. Levou o copinho de ouro lá para casa e a mãe disse-lhe para ele esconder o copinho de ouro porque senão, se o senhor rei soubesse do copinho de ouro lhe tirava o copinho de ouro. Assim foi. A notícia espalhou-se. O senhor rei soube que o galarinho tinha um copinho de ouro e levou o copinho de ouro para casa.

O galarinho, no outro dia, vai a casa do senhor rei e bate à porta. Vem de lá a criada, e pergunta:

– O que é que queres, galarinho?

– Venho buscar o copinho de ouro que o senhor rei me tirou.

A criada vai dizer ao senhor rei e o senhor rei diz para ela mandar o galarinho embora. O galarinho foi-se embora. No outro dia, voltou a querer ir, outra vez, à casa do senhor rei.

Pelo caminho encontra uma ribeira. E a ribeira perguntou-lhe:

– Onde é que vais galarinho?

– Vou à casa do senhor rei buscar o meu copinho de ouro. Mas se queres vir comigo, entra aqui no meu cuzinho e fecha a porta com um pauzinho.

Mais à frente, encontrou um lobo e lhe perguntou o mesmo.

– Onde é que vais galarinho?

– Ah, vou a casa do senhor rei buscar o meu copinho de ouro. Mas se quiseres vir comigo entra aqui no meu cuzinho e fecha a porta com um pauzinho.

Quando estava quase lá a chegar, encontrou um enxame de abelhas e voltou a perguntar o mesmo.

– Onde é que vais galarinho?

– Vou à casa do senhor rei buscar o meu copinho de ouro. Mas se quiseres vir comigo entra aqui no meu cuzinho e fecha a porta com um pauzinho.

Lá o galarinho chegou a casa do senhor rei, voltou a bater à porta e veio de lá a criada.

– O que é que queres, galarinho?

– Venho buscar o meu copinho de ouro!

A criada foi ter com o senhor rei e o senhor rei disse:

– Olha, mete o galarinho dentro da panela.

Assim foi. O galarinho foi para dentro da panela. Como o galarinho tinha uma ribeira dentro dele, a ribeira veio e apagou o lume.

A criada foi ao senhor rei e disse:

– Olhe, senhor rei, o galarinho trazia uma ribeira e ela apagou o lume.

– Então meta-o no galinheiro.

Assim foi, para o galinheiro. Como o galarinho tinha um lobo, o lobo matou-lhe as galinhas todas.

A criada foi outra vez ao senhor rei e disse-lhe:

– Senhor rei, o galarinho trazia um lobo e comeu as galinhas todas.

– Então olha, mete-o no penico que eu cago-lhe para cima!

Assim foi, ele meteu o galarinho e o galarinho, como tinha abelhas, picaram o cu ao senhor rei. O senhor rei foi obrigado a entregar ao galarinho o seu copinho de ouro. E foi, entregou o copinho de ouro ao galarinho e o galarinho foi para casa feliz e contente da vida, com o seu copinho de ouro.

Informante: Rita Serrano, 21 anos, natural de Monforte, Portalegre, estudante.

Recolha: em Monforte, Portalegre, a 6 de Outubro de 2017.

Coletor: Joana Alegria (faixa n.º 4)

Classificação: ATU 715

181

ANEDOTA DE PESCADORES

Quer uma anedota de pescadores? Bom... como você sabe, os pescadores são muito mentirosos e há outros que são muito católicos. Então vou-lhe contar uma de um pescador de Olhão. Ele está à pesca num daqueles barcos pequeninos, ali ao pé da ilha do Farol, que a senhora deve conhecer. E estava à pesca, coitado, e não sentia peixe nenhum. Às tantas, diz:

– Ó mar, hoje estás feito num cão. Nem um bichinho dás aqui ao teu amigo...

Então, já desesperado, olhou para o céu e disse:

– Ó móce, ó mano Deus... Móce, eu vou-te fazer uma promessa. O peixe que eu apanhar, se for um peixe grande, eu vendo o peixe e dou metade do dinheiro à Igreja. Bom, esperou para aí uns cinco minutos, quando sentiu um grande puxão na linha.

– Eh diabo, este gajo é bom!

Bom, ele começa a alar, começa a alar, começa a alar... Bom, aquilo era um peixe enorme! Ele meteu o peixe dentro do barco, não é? E disse para Deus. Olhou novamente para o céu e disse:

– Ó mano Deus, não querias mais nada... Ala, ala... Metade deste dinheiro para a Igreja, ah?!

Mal acabou de dizer isto, o peixe “pah” dá um salto e vai para o mar.

Então o homem, desesperado, olha para o céu e diz:

– Móce, ó mano Deus, já não se pode ter uma brincadeirinha contigo?

Informante: Alfredo Costa, 76 anos, natural de Setúbal, reformado.

Recolha: em Olhão, Faro, a 4 de Dezembro de 2012.

Coletor: Ana Cristina Chaveiro

Classificação: ATU 718*

182

[A PROMESSA DO PESCADOR]

Era um pescador, foi à pesca e não apanhava nada. E houve um dia que estava na pesca, estava todo chateado e diz assim:

– Epá, se eu apanhar um peixe grande, ofereço um litro de azeite à Nossa Senhora de Fátima.

E estava pescando, começou a sentir o peixe. Quando puxa o anzol, o peixe vem, muito grande. Ele, assim que vê o peixe, diz:

– Oh, com esse litro de azeite frito eu o peixe!

O peixe deu um salto, soltou-se do anzol, foi para o mar e ele nunca mais o viu.

Informante: Catarina Nunes, 44 anos, natural de Vale Dos Mortos, Serpa, Beja, desempregada.

Recolha: em Manta Rota, VRSA, Faro, a 4 de Dezembro de 2010.

Coletor: Daniela Nunes

Classificação: ATU 718*

183

A HISTÓRIA DOS DOIS IRMÃOS

Era uma vez dois irmãos, um menino e uma menina, que tinham ficado órfãos de mãe. Claro que o pai precisava de casar e casou com uma mulher muito má. Uma madrasta, no termo da palavra. Um dia, esta matou o menino, fez o almoço com ele e mandou a menina levar ao pai, que estava trabalhando longe de casa, na pedreira, ou uma coisa assim.

Quando a menina ia pelo caminho com o cestinho no braço ouviu uma vozinha que vinha de dentro do cesto do almoço, a chamar:

– Mana, mana, sou eu!

A menina, intrigada, pousou o cestinho no chão, com aquela vozita sempre:

– Mana, a nossa madrasta é uma bruxa. Se me quiseres voltar a ver vivo ao pé de ti, tens de fazer o seguinte: enquanto o pai estiver a almoçar, toma atenção, tu vais guardando todos os ossinhos no teu lenço. No teu lencinho branco, guardas todos os ossinhos que ele deitar fora.

E ela assim fez, sem ele ver. Chegou ao pé do pai, deu-lhe o almoço e sentou-se ao pé dele à espera. Ele almoçava, ela ia juntando os ossinhos no lencinho branco e o pai não dava por isso.

No fim do almoço, o menino apareceu vivo ao pé do pai e contou-lhe o que se tinha passado e quem é que, na realidade, era a madrasta, uma pessoa muito má.

Claro que o pai foi para casa muito zangado e mandou prender a mulher, e ela teve também um castigo exemplar.

Informante: Libânia Pinto, 60 anos, natural de Quarteira, Loulé, Faro, professora aposentada do Primeiro Ciclo do Ensino Básico.

Recolha: em Loulé, Faro, a 12/07/2011.

Coletor: Ana Catarina de Sousa Almeida Lopes (cassete n.º 1 / face B)

Classificação: ATU 720

184

O CONTO DAS LARANJAS

Era uma vez uma família que tinha dois filhos, um rapaz e uma rapariga. E tinha uma mãe que era muito má. E a mãe não gostava do rapaz. E todos dias era hábito

o rapaz ir levar o almoço ao pai. O pai estava a trabalhar, só gostava de comer a comida quente e lá ia o filho levar a comida.

Houve um dia que foi a irmã levar a comida ao pai. O pai achou muito estranho e perguntou:

– Então, onde é que está o teu irmão?

– Não sei, não sei do meu irmão. A mãe mandou-me levar aqui a comida.

– Está bem.

O pai foi comer, começou a achar que realmente o almoço estava muito bom e começou a ver uns bocados de carne diferentes daqueles que era hábito comer.

E então a menina, quando se apercebeu, viu que realmente o que o pai estava a comer era o irmão que tinha desaparecido. E então, o que é que a menina fez? Guardou os ossos todos que tinham sobrado da refeição do pai e foi colocar os ossos junto a uma laranjeira.

Passado uns anos... A menina ficou muito triste com esta situação e passados uns anos apareceu o irmão à sua porta. E nessa altura era uma altura em que havia muita fome e o menino vinha carregado com um cesto de laranjas. E então, a mãe que estava faminta, pediu:

– Filho, dá-me uma laranja.

E o filho respondeu:

– Não dou que me matastes!

O pai pediu:

– Filho, dá-me uma laranja.

– Não dou que me comestes!

E a irmã olhou para o irmão e disse:

– Dás-me uma laranja?

– Dou minha irmã. Dou-te todas porque foste tu que me salvaste.

Informante: Sílvia Serápio, 41 anos, natural de Albufeira, licenciatura.

Recolha: nos Caliços, Albufeira, Faro, a 1/11/2006.

Coletor: Vítor Miguel Serápio Correia (Cd n.º 2 / faixa n.º 25)

Classificação: ATU 720

185

O RAMO DE LARANJAS

Havia um homem que tinha muitos filhos, depois o homem disse:

– Tu vais, mandas um garoto que diga o preço a um biscoito e o que o vier primeiro matas e comes.

Ele era mais velho e a mãe depois deu-lhe um biscoito.

Depois veio a irmã mais nova e perguntou à mãe:

– Onde está o mano?

A mãe respondeu:

– Foi à casa da madrinha!

Ela foi até à casa da madrinha e o irmão não estava. Depois perguntou à madrinha onde é que estava o irmão e ela respondeu:

– Se calhar foi à casa da avó!

Mas quando chegou à casa da avó, ele também não lá estava. Voltou para casa e disse à mãe que não tinha encontrado o irmão e a mãe respondeu-lhe:

– Então não sei, olha, vai pôr a panela no fogo e não olhes lá para dentro.

A mocinha foi fazer o que a mãe lhe mandou, mas destapou a panela e viu a cabeça do irmão lá dentro e começou a chorar.

Então a mãe disse-lhe:

– Ah! Estas a chorar! Então ainda vais levar o jantar ao teu pai! – (Naquele tempo jantava-se ao meio dia.)

Então a mocinha foi levar o jantar ao pai e ia a chorar pelo caminho. Depois encontra Nosso Senhor que pergunta:

– Porque é que choras minha menina?

E a menina respondeu:

– Como é que não hei-de chorar se a minha mãe matou o meu irmão e agora faz-me levar para o meu pai o comer!

E Nosso Senhor disse assim:

– Não comas nada do teu irmão e apanha todos os ossinhos que o teu pai jogar e põe debaixo do teu travesseiro que de manhã está o teu irmão com um ramo de laranjas debaixo da cama.

E ela assim fez, pôs todos os ossinhos debaixo do travesseiro e no outro dia levanta-se e disse assim:

– Olha! Está o mano já com o ramo de laranjas!

Veio logo a criada (a criada é que matou o mocinho) e disse assim:

– Dá-me uma laranja, menino!

E ele respondeu:

– Não dou porque tu me mataste!

Depois veio a mãe e disse:

– Dá-me uma laranja, filho!

E o filho respondeu:

– Não dou porque tu me mandaste matar!

Depois veio o pai e disse:

– Dá-me uma laranja, filho!

E o filho disse:

– Não dou porque tu me comeste!

Depois veio a irmã e disse:

– Dá-me uma laranja, mano!

E o irmão depois deu-lhe todas as laranjas que tinha e ficou tudo bem, o mocinho ficou vivo e a irmã ficou com o ramo de laranjas.

Informante: Isabel Martins Reis, 85 anos, natural de Perna Seca, Silves, Faro, reformada.

Recolha: em Silves, Faro, a 4 de Janeiro de 2008.

Coletor: Cláudia Carriço (clip 3 / 01'20)

Classificação: ATU 720

186

A MÃE MÁ

Era uma vez um casal que tinha dois filhos: uma menina e um menino. E então, a menina gostava muito do mano. A menina andava na escola e quando chegava da escola, ia logo:

– Mãe, que é do meu mano?

E a mãe tinha ciúmes dela gostar tanto do menino. De maneira que um dia, ela chegou da escola, e disse:

– Mãe, onde é que está o meu mano?

– Olha, ele não está em casa. Se calhar foi para a da tua avó.

De maneira, que ela foi à da avó.

– Está aqui o meu mano?
 – Não.
 E então, ela foi para casa não o encontrou, não... O que fazia era chorar.
 Diz a mãe assim:
 – Olha, deixa que ele logo aparece. Olha, fica aqui em casa, que a mãe vai à venda, que tu tens que levar o comer ao teu pai que está na horta.
 E então, foi... Ela ficou em casa, e a mãe disse:
 – Não mexas na panela!
 E ela, foi mexer na panela, destapou, viu a manita do mano à de cima do caldo.
 Depois a mãe chegou com o arroz, pôs na panela e disse:
 – Olha, vai levar ao teu pai o comer. E tu comes lá com ele.
 De maneira que ela vinha a chorar. Pelo caminho encontrou a Nossa Senhora.
 Diz a Nossa Senhora assim:
 – Porque é que choras, menina?
 – Choro que a minha mãe matou o meu mano e cozeu-o, e mandou agora eu levar o meu mano ao meu pai.
 – Olha, então vai, mas tu não comas nada! E todos os ossinhos que o teu pai jogar, apanha todos! E se o teu pai perguntar para o que é, dizes que é para brincar. Não digas para o que é! E quando chegares a casa, lava os ossinhos que devem ter terra, que ele joga para o chão, lava os ossinhos, enrola numa toalha e põe debaixo do travesseiro. Não digas nada a ninguém!
 Depois, ela foi... e ela dormia no quarto dos pais. E então, de noite, ouviu a mãe... ela levantou o travesseiro e viu o mano. E disse:
 – Ai, o meu mano está aqui!
 Foi a mãe e disse assim:
 – Está a sonhar.
 De maneira que ela, a rir, a rir... Foram ver: ela encontrou o mano debaixo do travesseiro, com muita laranja e muitas flores. E depois a mãe chegou e disse assim:
 – Ai, o meu menino onde está! Não me dás uma laranjinha?
 – Não, porque tu me mataste!
 Depois veio uma rapariga que trabalhava lá na casa, disse:
 – Não me dá uma laranjinha e uma florinha?
 – Não, porque tu foste buscar e a faca a toalha para a minha mãe me matar!
 Depois o pai disse:
 – Então e a mim? Não me dás uma florinha e uma laranjinha?
 – Não, porque tu me comeste!

Depois, a mana disse:
 – Então e a mim, não me dás uma florinha e uma laranjinha?
 – Não te dou só uma, dou-as todas, porque tu me salvaste!
 Acabou-se.

Informante: Isaura de Jesus Martins, 86 anos, natural da Cabanita, Paderne, Albufeira, Faro, reformada, sabe ler e escrever.

Recolha: em Paderne, Albufeira, Faro, a 13/10/07.

Coletor: Cláudia Marta (CD / faixa n.º 7)

Classificação: ATU 720

187

A MADRASTA

Era uma vez um casal que tinha um casalinho de filhos. A mãe morreu e o pai casou com outra mulher. Então, a madrasta era muito má para eles, estava sempre a dizer: “o teu filho isto, a tua filha assado”. O pai estava a trabalhar e a filha todos os dias lhe ia levar o almoço. A madrasta disse assim:

– O que é que se faz de comer amanhã?
 – Olha, pois não sei, tu é que sabes.
 – Então vou mandar-te pedras.
 – Manda o que puderes.

O que é que ela faz? Pensou em matar o filho, para fazer. Bom, e a menina apercebeu-se que ela ia fazer mal ao irmão. Ela disse-lhe assim:

– Vai levar o almoço ao teu pai e não destapes a panela, ouviste?
 – Tá bem!

Ela apercebeu-se e ia chorando. Com a panelinha lá ia levar o comer ao pai. Encontrou uma velhota:

– Porque é que tu choras, menina?

– Ai, não hei-de chorar? A minha madrasta matou o meu mano e agora vai aqui na panela para o meu pai comer.

– Não chores. – Respondeu a senhora – Não chores. Quando o teu pai tiver comido, apura os ossinhos todos, não deixes nada fora, e enterra debaixo de uma laranjeira, que o teu mano logo aparece.

Era a Nossa Senhora.

Bom, a menina veio para casa. Tivera medo, era de noite e tudo.

– Eu não quero comer nada.

– Come!

– Eu não quero comer nada.

Pegou nos ossinhos todos e enterrou debaixo de uma laranjeira.

A Nossa Senhora disse que se ela tinha enterrado os ossinhos todos, então o irmão logo aparecia ao fim de três dias.

Ela, todos os dias, ia lá ver, quando ela de manhã vê o mano com três laranjas na mão.

Ai o meu filho! Ai o meu filho! Dá-me uma laranjinha, filho! – Disse a madrasta.

– Não te dou que me mataste.

– Dá-me uma laranjinha filho. – Disse o pai.

– Não te dou que me comeste.

– Dá-me uma laranjinha, mano. – Disse a irmã.

– Dou-te todas três que me salvaste.

Informante: Maria Helena Santos, 59 anos, natural de Tavira, Faro, auxiliar de lar.

Recolha: em Tavira, Faro, a 21/02/2008.

Coletor: Rui Filipe Almeida Venâncio (CD n.º 1, n.º 115-117, 05'17)

Classificação: ATU 720

188

[OS FILHOS QUE VÃO BUSCAR PETRÓLEO E AZEITE]

Era uma vez uma mãe que tinha um filho e uma filha. E depois a mãe disse-lhes assim:

– Bom, o filho vai buscar petróleo e a filha vai buscar azeite e o primeiro que chegar ganha umas calças novas.

Se fosse o filho ganhava umas calças, se fosse a filha ganhava um vestido.

Bom, o filho chegou primeiro, e foi a mãe, mandou-o deitar em cima da mesa. E ele deitou-se em cima da mesa.

– Ó mãe, vais-me talhar as calças aqui em cima da mesa? Estou em cima da mesa para quê?

– Para talhar as calças.

– Então, mas a mãe nunca costuma talhar as calças assim.

– Mas agora vou talhar.

E ela pegou numa faca e matou o rapaz. Matou o rapaz, fez um grande guisado com ele e mandou a filha ir levar o almoço ao pai. E quando a filha abalou... Bom, a filha depois veio e diz assim:

– Mãe, então e o mano?

– Olha, o mano foi à da vizinha.

Ela foi à da vizinha.

– O mano não estava à da vizinha.

– Então está para aí no quintal brincando.

– Não está.

– Olha, não há vagar nenhum. Anda já, vai lá levar o almoço ao teu pai. Mas não destapes o latão. – Disse ela.

Ora, ela assim que foi ali por trás do monte – já se sabe o que são moços – logo a primeira coisa que ela fez foi destapar o latão e viu lá o mano morto, dentro do latão. Deu em chorar. Começou a chorar, no tempo em que Nossa Senhora andava por aí, e Nossa Senhora disse-lhe assim:

– Escuta lá, porque é que estás chorando menina?

– Oh, estou chorando porque a minha mãe matou o meu mano e agora levo-o aqui para mim comer mais o meu pai. E eu, tenho pena do meu mano e vou chorando por isso.

– Olha, tu agora vais e não comes nada do teu mano e quantos ossinhos o teu pai deitar fora, tu apanhas os todos, enrolas todos neste lencinho e à noite quando te deitares mete-los debaixo da tua almofada. Que amanhã de manhã está lá o teu mano com um ramo de laranjas na mão. E assim foi. No outro dia de manhã estava lá o mano. Diz-lhe a mãe assim:

– Ai, que laranjas tão boas. Dá uma laranja à mãe.

– Não quero que me mates.

– Dá uma laranja ao pai.

– Não quero que me comestes.

– Dá uma laranja à mana.

– Toma lá o ramo inteiro que me salvaste.

Informante: Ana dos Ramos, 75 anos, natural de Gomes Aires, Almodôvar, Beja.

Recolha: em Almodôvar, Beja, a 3 de Novembro de 2007.

Coletor: Raquel Romão (Gravação 6 / 10'15)

Classificação: ATU 720

189

AS LARANJINHAS

Era uma vez uma mãe que tinha dois filhos e um marido. E o marido trabalhava e ela tinha que mandar o almoço e não sabia o que fazer.

Então depois esquitejou o menino e fez o almoço ao pai e mandou a menina levar o almoço ao pai. Ela, por curiosidade, destapou a panela e viu que era o irmão e começou a chorar por todo o caminho até chegar ao pai. Encontrou Nossa Senhora que lhe disse:

– Que choras menina?

E ela respondeu:

– Foi a minha mãe. Matou o meu mano e fez o almoço para o pai!

E a Nossa Senhora disse-lhe:

– Olha, não chores! Vai levar o almoço ao teu pai e ele vai dizer: “come filha”. E tu não comas nem proves nada. Junta os ossos todos e enterra debaixo duma laranjeira.

Depois, no Natal, estavam todos à mesa e apareceu o mano com o saco das laranjas às costas.

Todos reconheceram o filho. E a mãe disse:

– Dá-me uma laranja, filho.

– Não dou! Foste tu que me mataste!

E o pai disse:

– Dá-me uma laranja, filho.

– Não dou! Foste tu que me comeste!

E a irmã disse:

– Dá-me uma laranja, mano.

– Toma lá uma, toma lá todas, porque foste tu que me salvaste!

Informante: Laurinda, 67 anos, natural de Quarteira, Loulé, Faro, reformada, sabe ler e escrever.

Recolha: em Quarteira, Loulé, Faro, a 24/10/2007.

Coletor: Bruna Paiva (cassete n.º 1 / face B)

Classificação: ATU 720

190

AS TRÊS LARANJAS

Era um caseiro que tinha dois filhos: tinha uma filha e um filho e andavam na escola. Depois, a mãe disse que o que viesse à tarde primeiro, a mãe tinha uma coisa muito bonita para lhe dar. E, então, andaram à pressa para ver qual era o que ia ganhar...

E depois, veio a menina. Veio a menina primeiro. E depois veio de lá... A mãe tinha um alguidar cheio de água e ela perguntava-lhe o que é que a mãe tinha para ela, mas ela mudava sempre de assunto. E depois:

– Agora vais-te lavar – [A mãe] fechou-a no quarto e mandou-a lavar.

– Ai mãe, eu não me quero lavar. Agora...

– Tens que te ir lavar.

Mandou-a ir lavar e depois de ela estar lavada matou-a. Matou-a... E o pai andava a trabalhar no campo e naqueles dias iam levar-lhe o almoço. Depois, cortou-a aos pedaços e arranhou-a de almoço para ir levar ao pai. Quem é que havia de ir levar o almoço? O menino. O menino é que foi levar o almoço. E ele perguntava pela mana:

– Então a minha mana? E a minha mana não aparece? E eu quero saber da minha mana.

E ela [a mãe] ia sempre arranjando desculpas. Ia-o sempre enganando. Arranhou a comida e mandou... Pôs aquilo numa panela com uma tampa e mandou o miúdo ir levar o almoço ao pai, que andava no campo a lavar. Mas ele já estava desconfiado e toca de destapar a panela onde levava o almoço para o pai e viu os olhos da mana dentro da panela. Veio chorando todo o caminho, sempre chorando. Dava uns passinhos, lá mais adiante, destapava a panela. Vinha outra vez, destapava a panela.

Ele foi, encontrou uma velhota. A velhota saiu-lhe ao caminho, viu-o muito choroso, com um lencinho a limpar-se... Depois, a velhota diz-lhe assim:

– Então porque é que choras, menino?

– Ora, não hei-de chorar? Levo aqui a minha irmã para o meu pai comer!

– Então, mas como é que isso aconteceu?

– Olhe, pois eu andava na escola mais a minha mana e a minha mãe disse que quem viesse primeiro, à tarde, ganhava uma coisa muito bonita. E a minha mana veio primeiro. Agora a minha mãe matou-a e levo-a aqui para o meu pai comer.

– Ai, menino, não chores, não chores! Deixa lá! Toma lá este lencinho. Conforme o teu pai vai comendo os ossos... a carne, tu apanhas os ossinhos todos. – Ele levava um canito atrás – Não deixes o teu canito comer os ossos. Tu apanhas-os todos e, à noite, enrolas os ossos num lencinho e metes debaixo da tua almofada.

Ele assim fez: conforme o pai acabava além de comer, jogava o osso para o cão, ele corria logo e não deixava. E o pai dizia:

– Ó filho, então, mas vais apanhar os ossos? Deixa a canita comê-los.

– Ó pai, eu dei-lhe tanta comida que a canita não tem fome. Eu levo para lhe dar depois, lá em casa.

E assim fez: apanhou os ossinhos todos. À noite, enrolou o lencinho e meteu debaixo da almofada.

No outro dia de manhã, quando se levantou, estava a mana com três laranjas na mão.

O pai disse-lhe assim:

– Dá-me uma laranja, filha.

– Não dou que tu comeste-me.

Depois disse-lhe a mãe:

– Dá-me uma laranja, filha.

– Não dou que tu mataste-me.

E depois disse-lhe o mano.

– Dá-me uma laranja, mana.

– Toma lá duas que tu salvaste-me.

E foi quando o pai ficou sabendo que a tinha comido e que a mãe a tinha matado.

Informante: Beatriz Olinda Teixeira, 83 anos, natural do Pessegueiro, Martinlongo, Alcoutim, Faro, doméstica e trabalhadora rural reformada, sabe ler e escrever.

Recolha: em Loulé, Faro, a 22/11/09.

Coletor: Rita Isabel Viegas Pereira (cassete n.º 2 / lado A)

Classificação: ATU 720

191

OS TRÊS MACHADOS

Era uma vez um camponês que estava junto ao rio; e deixou cair o machado e ficou muito triste e pôs-se a chorar. Veio a Fada das Águas e, ouvindo-o a chorar, teve pena dele e levou-lhe um machado de ouro; e perguntou-lhe:

– É este o teu machado?

E ele disse:

– Não, não é esse.

Então a fada mostrou-lhe um de prata e ele respondeu novamente:

– Não, não é esse o meu machado.

Então a fada trouxe aquele que ele tinha perdido no rio e o camponês disse:

– Sim é esse o meu machado.

Para o compensar dele ter sido honesto com a fada, ela ofereceu-lhe o machado de ouro, o de prata e o dele.

Ele, entretanto, foi para a aldeia e contou aos colegas o que tinha acontecido. Um deles quis imitá-lo, então foi à beira do rio e deixou cair o machado dele. Veio a fada e apresentou-lhe o machado de ouro e perguntou-lhe:

– É este o teu machado?

– Sim, sim, é esse o meu machado.

Então a fada para o castigar, não lhe deu nem o de ouro nem o de prata e deixou o dele enferrujado no fundo do rio.

Informante: Helena Correia, 48 anos, natural de Faro, 12.º ano.

Recolha: em Faro, a 25/11/2014.

Coletor: Ana Correia (gravação MVI_0658)

Classificação: ATU 729

192

OS TRÊS MACHADOS

Um camponês, que deixou cair um machado no rio e cheio de angústia e tristeza porque o deixou cair, pôs-se a chorar. Apareceu-lhe uma fada, que se chamava

a Fada das Águas, que o ouviu chorar. Teve imensa pena dele e levou-lhe um machado de ouro, dizendo:

– É este o teu machado?

O camponês como era honesto:

– Não! – Respondeu o camponês.

A Fada das Águas mostrou-lhe um de prata, para ver o que ele dizia. E o camponês respondeu:

– Não, não é esse!

Então, a Fada das Águas trouxe o que ele tinha perdido no rio. Ele, felicíssimo:

– É esse! – Disse o camponês!

Para compensar a honradez com que o camponês tinha procedido, a Fada das Águas, muito contente por ele ser tão honesto, ofereceu-lhe os machados de ouro e de prata.

De regresso o camponês, entretanto, foi falar com os amigos. Contou a estranha aventura aos camaradas e um deles teve a ideia de imitá-lo. Foi à beira do rio, deixou cair o machado e pôs-se a chorar.

A Fada das Águas apresentou-lhe o machado de ouro e perguntou:

– É este o teu machado?

O camponês, muito contente, respondeu:

– Sim, sim, sim, é o meu!

A Fada das Águas, para o castigar da mentira, não lhe deu o de ouro nem o de aço que ficou a enferrujar no fundo do rio.

Informante: Filomena, 48 anos.

Recolha: em Lagoa, Faro, a 2 de Dezembro 2006.

Coletor: Sáli Andrez

Classificação: ATU 729

[O CHÃO QUE ME CONFUNDA!]

Havia uma senhora que estava numa sala e deu um peido.

Então disse:

– O chão que me confunda!

Tinha muita vergonha. Então o chão se abriu e ela foi e chegou ao reino dos peidos.

– Então, mas o que é que passou com a senhora?

Ela disse:

– Ai, é que eu estava numa sala com umas pessoas a beber um chá e dei um peido. Mas foi sem querer, não tive culpa!

– Então qual foi o peido que saiu desta senhora?

Disse um:

– Fui eu! Tinha vontade de sair!

Em castigo, vai dar à senhora uma mina de ouro.

E o peido deu.

Então a senhora começou a governar-se bem e a ter dinheiro. E uma vizinha lhe perguntou:

– Mas o que que é lhe aconteceu para ter assim tanto dinheiro?

E ela disse:

– Olha, dei um peido, e disse “que o chão me confunda” e fui ter ao reino dos peidos.

Então a mulher foi para casa, bateu e bateu na barriga, até que deu um peido.

E disse:

– Que o chão me confunda!

Chegou e ele disse-lhe:

– Mas o que é que se passou com a senhora?

E ela contou a história da outra:

– Estava na sala a beber um chá e me saiu um peido. Então fiquei envergonhada.

Então perguntou aos peidos qual tinha sido o que tinha saído da senhora.

E diz um:

– Ai, fui, fui eu...

E então o outro pergunta assim:

– Então, mas porque é que estas assim?

- Porque ela deu-me tantos socos na barriga que eu saí todo partido.
 - Ai foi? Então à senhora faz lá uma medida de carvão.
- Então ele encheu o saco de carvão e deu-lhe, para ela não ser tão atrevida.

Informante: Maria Jesus Vicente, 64 anos.

Recolha: em Monte Gordo, V.R.S.A., Faro, a 9-1-2007.

Coletor: Andreia Botequilha

Classificação: Ca-Ch 729A

194

AS BRUXAS QUE IAM AO BRASIL

Um homem tinha um barco. Um barco de andar no mar, na pesca. E as bruxas iam todas as noites ao Brasil no barco dele. Metiam-se no barco e iam. Mas uma bruxa era comadre do tal homem. E depois disse-lhe:

- Olha que nós vamos todas as noites ao Brasil no teu barco.
- Então como é que vocês têm tempo de ir e vir?
- Vamos numa noite. Vamos e vimos.
- Também hei-de saber se é verdade ou não... – mas não disse nada à comadre que se ia lá pôr no barco.

Meteu-se lá no barco escondido. E as bruxas lá foram, lá se meteram-se no barco, lá andaram a tocar a viagem delas. E depois uma delas diz que dizia assim:

- Cheira-me aqui a sangue humano...
- E a comadre, que sabia que tinha avisado o compadre, dizia:
- Rema, rema, que é manhã. – em sendo dia elas já não andavam.

E ela:

- Eu cheira-me aqui a sangue humano!
- Rema, rema, que é manhã.

E lá foram para o Brasil fazer o que tinham a fazer lá. Isto era, diz que iam para lá também fazer coisas. Tornaram-se a meter... Mas ela veio todo o caminho a dizer que lhe cheirava a sangue humano. Até que chegou com o barco ao sítio, prenderam-no outra vez, o barco, e saíram e foram embora. Cada qual para sua casa. Depois a comadre, quando ele saiu lá para fora disse-lhe:

- Não te tornes a pôr no barco! Porque tu para lá irás, mas de lá para fora não saís! Que eu hoje acudi-te, mas não te torno a acudir. Não vás para lá que nós não te damos cabo do barco. Nós vamos e vimos, mas não te damos cabo dele. E tu, se te tornas lá a meter, ela cheira-lhe a sangue humano e eu digo que vá ver e elas encontram-te e matam-te.

Informante: Maria dos Anjos, 81 anos, natural de Campo Benfeito, Castro Daire, Viseu, sabe ler e escrever.

Recolha: em Castro Daire, Viseu, a 30 de Dezembro de 2010

Coletor: Ana Sofia Paiva (CD 1, 2011)

Classificação: Boggs *746



Contos religiosos

195

[NOSSA SENHORA PEDINDO AGASALHO]

Uma Senhora foi bater a uma porta de uma mulher. E a mulher disse:

– O que é que você quer?

– Ai, minha senhora, dê-me aí agasalho, que está a chover...

E ela disse:

Eu não dou agasalho a ninguém!

Ó depois, o homem entrou ao mesmo tempo, e disse:

– Não dás porquê? Deixa lá entrar a Senhora e dá-lhe aí um agasalho!

Então o que é que ela fez? O marido tinha vindo do campo e tinha a enxerga da mula molhada. E então ela, depois, deitou a Senhora com o Menino naquela cama, com a enxerga molhada. Depois ela fez a papa ao Menino e mexeu-a com um corno de cabra.

A Senhora, de manhã, foi-se embora com o Menino. E a mulher teve uma dor de cabeça tão forte, tão forte, tão forte, que disse assim ao marido:

– Ai, chama lá a mulherzinha, a ver se ela me benze. Pode ser que ela faça a benzedura da dor de cabeça...

A Nossa Senhora disse-lhe assim:

Quando a Nossa Senhora
Com o seu bendito Filho

Pelo mundo andava,
 À porta de um homem bom
 E de uma mulher má
 Foi-lhe pedir pousada.
 O homem dava, a mulher não dava,
 Ao pé de uma arca fez a malhada.
 Ó dor de cabeça, tira-te daqui,
 Que a Nossa Senhora
 Tem mais poder que a ti!

Informante: Maria de Jesus Batista, natural de Santana de Cambas, Mértola, Beja.

Recolha: em Faro, a 3 de Janeiro de 2012.

Coletor: José Valente (clip 7 / 01'14)

Classificação: ATU 750C

196

LENDA DO LINGUADO

Sei de uma lenda que se contava antigamente que a Nossa Senhora levava o Jesus no regaço e ia a fugir aos judeus. Depois, chegou a um ponto da sua fuga que só tinha o rio por onde fugir, e então molhou os pés até aos tornozelos e depois encontrou ali uns quantos peixes e perguntou ao linguado:

– Linguado, ó linguado, a maré enche ou vasa?

E o linguado respondeu:

– *Linguado, ó linguado, a maré enche ou vasa?*

E a Nossa Senhora, depois, de castigo, disse-lhe:

Agora, como castigo, ficas com a boca ao lado.

E foi assim a lenda.

Informante: Célia Pereira, 53 anos, natural de Lagos, Faro, balconista, 9.º ano.

Recolha: em Albufeira, Faro, no dia 23 de Outubro de 2016.

Coletor: Mariana Pereira Raposo

Classificação: ATU 750E

197

A MALDIÇÃO DOS TREMOÇOS

Conta uma lenda, que a Nossa Senhora, ao fugir dos Romanos com o Menino Jesus e o São José, passou por um campo onde havia um tremoçal. E os tremoços estavam já secos. Então faziam muito barulho, tanto como se fossem campainhas, o que fez com que denunciasses a Nossa Senhora.

Então ela amaldiçoou. Disse para que os tremoços, a partir daí, nunca mais pudessem encher a barriga a ninguém e que fossem como fel, portanto, amargos como fel. O que veio a acontecer.

Hoje em dia, portanto, pode-se comer uma grande quantidade de tremoços que nunca se mata a fome. E os tremoços, antes de se poderem adoçar na água corrente, são muito amargos.

Informante: José Manuel Correia, 48 anos, natural de Olhão, Faro, professor do 2.º ciclo, bacharelato em Educação Tecnológica.

Recolha: em Olhão, Faro, a 21 de Outubro de 2007.

Coletor: Leonor Filipa Pimenta Barão (cassete n.º 1 / gravação n.º 14)

Classificação: ATU 750E

198

LENDA DOS TREMOÇOS E DAS ARVELAS

la a Sagrada Família com destino ao Egipto a fugir da perseguição dos soldados de Herodes que queriam matar o menino Jesus.

Conta-se que passaram ao pé dum tremoçal e os tremoços chocalhavam muito a denunciar a sua fuga. Já o comportamento das arvelas, pequeninas avezitas, fora totalmente diferente: com o seu bico e cauda, disfarçavam as pegadas da burrinha e de S. José, desorientando os soldados.

Então, Nossa Senhora abençoou estas avezitas, dando-lhe faculdades de movimentos rápidos, para nunca se deixarem matar. Aos tremoços, pelo contrário, Nossa Senhora amaldiçoou-os, dizendo que nunca matariam a fome a ninguém.

Informante: Maria Domingas Lapa Pereira, 56 anos, natural de Armação de Pêra.

Recolha: em Armação de Pêra, Silves, Faro, em Novembro de 2005.

Coletor: Bárbara Mariana Abreu Nabo

Classificação: ATU 750E

199

PORQUE É QUE AS MULAS NÃO TÊM FILHOS

[As mulas não têm filhos porque] tinha sido um castigo que a Nossa Senhora tinha dado às mulas, porque quando o Menino Jesus nasceu, no tal estábulo, onde estava uma vaca e um burrinho para aquecer o Menino Jesus com o seu bafo, estaria também uma mula. A mula mostrou-se muito inquieta: raspava com as patas, mexia, dava patadas no chão... que não era conveniente porque denunciava a presença do Menino Jesus, ao contrário da vaca e do burro que se mantinham muito meigos, muito sossegadinhos e calados. Então Nossa Senhora mandou retirar a mula dali e disse:

– Já que não me estás a ajudar, nunca terás filhos.

Então, as pessoas dizem que é por isso que as mulas não têm filhos.

Informante: Maria de Fátima de Sousa Almeida Lopes, 57 anos, natural de Almancil, Loulé, Faro, professora aposentada do Primeiro Ciclo do Ensino Básico.

Recolha: em Loulé, Faro, a 20/03/2011.

Coletor: Ana Catarina de Sousa Almeida Lopes (cassete n.º 1 / face A)

Classificação: Ca-Ch 750I

200

O HOMEM NA LUA

Quando eu era miúda, nas noites da Lua cheia... estávamos na Lua, no Verão, geralmente. E olhava-se para a Lua e via-se aquelas imagens que se vê lá. E como é claro, nós às vezes, os miúdos, perguntávamos o que era aquilo, ou então as próprias... eram mais as próprias mães, tias, avós, os familiares mais velhos que nos chamavam a atenção e nos diziam:

– Vês aquelas imagens que estão lá na Lua, que se vê, estás a ver aquelas sombras?

E nós olhávamos e dizíamos:

– Ah, sim, e o que é aquilo?

E então diziam:

– Repara, aquilo é um homem que leva um molho de silvas às costas.

E realmente, nós olhávamos para lá... em pequena lembro-me de olhar para lá, e parecia mesmo um homem que levava uma grande coisa às costas.

– É um homem que vai com um molho de silvas às costas, e sabem porquê? – diziam os nossos familiares ou vizinhas mais antigas. – Aquilo é porque havia um homem há muitos, muitos anos, que era muito ganancioso e não cumpria as leis da Igreja, não se resguardava ao domingo, trabalhava a semana toda, trabalhava ao sábado, trabalhava ao domingo, não ia ao domingo [à missa]. Ele era lavrador, tinha muitas terras e trabalhava. Trabalhava todos os dias da semana e foi por isso mesmo que, quando ele morreu, Deus Nosso Senhor deu-lhe um castigo: mandou-o para a Lua com um molho de silvas às costas que é para todas as pessoas, sempre que haja Lua cheia, ao olharem para a Lua vejam, e aí as pessoas pensem duas vezes e sintam a necessidade de resguardar o domingo, de não trabalhar ao domingo, de ir à missa, ou pelo menos de não trabalhar ao domingo.

Segundo a Igreja Católica Apostólica deve-se resguardar esse dia, como sendo o dia do descanso.

Informante: Maria de Fátima de Sousa Almeida Lopes, 57 anos, natural de Almancil, Loulé, Faro, professora aposentada do Primeiro Ciclo do Ensino Básico.

Recolha: em Loulé, Faro, a 20/03/2011.

Coletor: Ana Catarina de Sousa Almeida Lopes (cassete n.º 1 / face A)

Classificação: ATU 750E*

201

LENDA DAS MANCHAS DA LUA

Um homenzinho andava a apanhar silvas ao domingo, e domingo era sagrado, não se fazia nada. Era só ir à missa, quem ia. Era um dia de descanso obrigatório.

Jesus passou cá na Terra e viu o homem a apanhar silvas, lá num canto qualquer, e pergunta-lhe:

– Então, o que tu andas a fazer? Andas a trabalhar ao domingo?

E responde o homem:

– Aqui ninguém me vê, Senhor. É aqui num canto, ninguém me vê.

Responde Jesus:

– Pois olha que agora toda a gente te vai passar a ver!

E então, por castigo, pô-lo na Lua.

Por isso é que, às vezes, quando se olha para a Lua, vê-se assim umas manchas pretas, que parece que está um homem agachado.

Informante: Ivone, 46 anos.

Recolha: Leiria, em 2006.

Coletor: João Almeida

Classificação: ATU 750E*

202

A LENDA DA LUA

Era uma vez um homem que estava a trabalhar ao Domingo a apanhar silvas. Entretanto aparece-lhe Deus e pergunta-lhe:

– Então porque é que estás a trabalhar ao Domingo?

E ele diz:

– Oh, Senhor! Estou aqui a apanhar só umas silvas, aqui neste cantinho ninguém me vê.

Deus pensou: “A partir de agora toda a gente te vai ver.”

Então o que é que Deus fez? Colocou o homem na Lua com o molhe de silvas às costas. Por isso as manchas que nós vemos na Lua é o homem com as silvas às costas.

Informante: Ana Paula Guerreiro Mendonça, 45 anos, natural de Vila Real de Santo António, funcionária pública, 12.º ano.

Recolha: em Vila Nova de Cacela, V.R.S.A., Faro, a 27 de Dezembro de 2008.

Coletor: Milene Isabel Guerreiro Mendonça (clip 1 / 8'33)

Classificação: ATU 750E*

203

PORQUE NÃO SE DEVE TRABALHAR AO DOMINGO

Porque que não se deve trabalhar ao Domingo? Porque o Domingo é um dia sagrado, e então, como castigo as pessoas que trabalhavam ao Domingo, a imagem delas ficava gravada na Lua cheia. Então, ela diz que a imagem que aparece na Lua cheia é um homenzinho a carregar lenha às costas, porque esse homenzinho não respeitava o Domingo. Ele trabalhava durante a semana toda e continuava a trabalhar ao Domingo, a carregar lenha. E então, como castigo, a imagem dele ficou na Lua cheia.

Informante: Maria de Fátima Rodrigues Pinto Guerreiro, 35 anos, natural de Alfarrobeira, Loulé, Faro, animadora cultural, 12.º ano.

Recolha: em Loulé, Faro, a 3 de Maio de 2009.

Coletor: Ana Rita Santos Correia

Classificação: ATU 750E*

204

O SAPATEIRO POBRE

Havia um sapateiro que tinha muitos filhos. Ele era pobre, todos os dias levava a consertar os sapatos, mas o dinheiro não lhe chegava para comprar os brinquedos e a roupa para os filhos.

Mas à noite, quando ele fechava a oficina, ia para casa e para entreter o tempo tocava viola. Entretanto, os garotos brincavam na rua uns com os outros.

Mas havia em frente da casa do sapateiro um homem, vivia um homem muito rico, que todos os dias observava aquela família e pensava:

– Então aquele homem é tão pobre, tem tantos filhos, mas todo o dia toca viola e canta? Olha, é uma família muito interessante e eu, como tenho muito dinheiro, vou tirar uma parte do meu dinheiro e vou-lhe dar...

Então, no outro dia, pegou numa boa quantia de dinheiro e foi dá-lo ao sapateiro.

E disse-lhe:

– Olhe, está aqui este dinheiro para ajudar a sua família e as suas coisas.

O sapateiro ficou muito feliz com aquela oferta e quando chegou ao final do dia, chegou à oficina e foi para o quarto com a mulher contar o dinheiro. Nessa noite já não tocou viola! E como os filhos andavam todos numa grande brincadeira e na brincadeira faziam uma grande algazarra, ele chegou-se à janela e disse:

– Calem-se, não quero barulho!

E os garotos até se assustaram, porque estavam habituados a brincar à vontade e naquela noite o pai não deixou. Entretanto ele começou com a mulher a pensar:

– Olha lá, o que é que a gente faz a este dinheiro todo? Onde é que a gente vai guardar o dinheiro?

Era uma preocupação. Naquela noite não dormiram sossegados, porque tinham tanto dinheiro em casa. Não estavam habituados e não sabiam onde haviam de guardar aquela “dinheirama” toda. No outro dia, o homem ia para a oficina e pensou:

– Ah, afinal eu já não preciso de ir trabalhar. Então tenho ali tanto dinheiro... Porque eu vou começar a arranjar os sapatos?

Ficou em casa, mas andava aborrecido, sem saber o que é que havia de fazer, para um lado e para o outro. E a mulher a fazer o comer, os miúdos na brincadeira e ele a dizer:

– Ponham-se para ai sossegados, não quero ouvir barulho, tenho muito em que pensar!

E passaram-se assim uns quantos dias. E o homem nunca mais à noite tocou viola. E as crianças deixaram de brincar. Então, passado aquele tempinho, ele disse à mulher:

– Ó mulher, tu já reparaste que a gente agora tem muito dinheiro e já andamos aqui aflitos e aborrecidos uns com os outros? Tenho estado cá a pensar que o melhor que a gente faz é ir devolver o dinheiro ao nosso vizinho.

– Olha, nem tarde nem cedo. Eu acho que deves ir, sim! Para quê que a gente quer esse dinheiro todo, se agora as crianças andam ai tristes pelos caminhos?

Ele foi entregar o dinheiro ao homem e disse-lhe:

– Olhe, eu gostava da vida que tinha e agora ando muito aborrecido. Não preciso de tanto dinheiro.

E devolveu o dinheiro, voltou para a sua oficina, voltou a arranjar os sapatos. As crianças voltaram a brincar umas com as outras à vontade e ele voltou à noite a tocar viola.

Uma conclusão a que a gente chega com esta história é que o dinheiro não dá felicidade.

Informante: Maria José, 74 anos, professora.

Recolha: em Albufeira, Faro, a 27 de Dezembro de 2010.

Coletor: Lúcia Cristina Alferes Hortas Jesus

Classificação: ATU 754

205

CONTO DO RICO E DO POBRE

Era uma vez um sapateiro que todo o dia trabalhava e todo o dia cantava. E perto dele vivia um senhor que era muito rico. E um dia disse para a mulher:

– O sapateiro, coitado, deve passar mal com fome: canta todo o dia. E se nós lhe dermos algum dinheiro? Não seria melhor para ele viver com a mulher e com os filhos?

E então, resolveram dar-lhe uma bolsa de dinheiro. E o sapateiro aceitou e depois disse à mulher. Depois, a mulher queria, com o dinheiro, que comprassem umas terras. Estavam a contar o dinheiro. Os miúdos choravam. Lá tinha que ir ver os miúdos. Depois deixavam de contar e depois contavam novamente, até que contaram o dinheiro todo.

A mulher do sapateiro queria que comprassem terras, o sapateiro queria enterar o dinheiro para tê-lo guardado. E andavam aborrecidos um com o outro por causa do dinheiro. Até que, certo dia, o sapateiro deixou de cantar. Ele só fazia era chorar: chorava de dia e de noite. Até que um dia o sapateiro resolveu:

– Vou é entregar a bolsa do dinheiro ao vizinho, que isto foi um inferno que entrou para casa.

E então foram entregar o dinheiro. O vizinho rico ficou admirado e o sapateiro pobre disse:

– Então fique com a sua riqueza, que eu fico com a minha pobreza e a minha alegria, que esse dinheiro não me faz nada feliz.

Informante: Maria Ferreira Ildefonso, 50 anos, natural de Dogueno, Santa Cruz, Almodôvar, Beja, doméstica, 12.º ano.

Recolha: em Faro, a 28-12-2007.

Coletor: Sónia Rodrigues e Paula Cabral (cassete n.º 6 / lado A)

Classificação: ATU 754

206

[DEUS E SÃO PEDRO]

Era um homem que andava lavrando com as bestas, e andava arrematando:

– O raio do burro! – E é assim e é desta maneira e daquela...

E Deus Nosso Senhor andava por aí com o São Pedro. E depois Deus Nosso Senhor passou e disse assim:

– Adeus, vida santa!

O São Pedro não disse nada. Chegaram lá mais à frente, estava um rezando com as mãos postas. Diz o Outro assim:

– Adeus, vida de porco!

Diz o São Pedro:

– Então meu Divino Mestre, lá o outro andava arrematando, raios e coriscos e este está rezando e diz-lhe vida de porco?

Diz-lhe Ele assim:

– É que o outro andava arrematando porque andava zangado com a vida, andava na vida dele e não estava pensando coisas ruins, e este está rezando, mas é tudo fingimento. Está é pensando onde é que há-de ir rezar à noite. É por isso que um é vida santa e o outro é vida de porco.

Informante: Maria de Jesus, 55 anos, natural de Freixo Seco de Cima, Loulé, Faro, 4.ª classe, cozinheira.

Recolha: em Freixo Seco de Cima, Loulé, Faro, a 14-11-2005.

Coletor: Carina Isabel Martins Anastácio (cassete n.º 4 / Face A)

Classificação: ATU 756D*

207

NOSSO SENHOR

Quando Nosso Senhor andava pelo mundo, andava um homem a lavar. E Nosso Senhor encontrou-o e disse-lhe assim (e andava com o Paulo, [que] era Apóstolo):

– Vi um homem a lavar e a chamar todos os nomes, nomes feios, ao boi: anda para aqui, anda para ali...

E o Senhor disse assim:

– Deus [te] salve, vida santa!

– Foi andando, chegou lá à frente, encontrou um homem ajoelhado, a rezar: “Senhor, Senhor!”

Nosso Senhor disse:

– Deus [te] salve, vida de porco!

E o Paulo dizia:

– Ó Mestre, então aquele homem estava além a falar tão mal, tantos nomes, e você disse: “Deus [te] salve, vida santa”, e este está a rezar: “Deus [te] salve, vida de porco”?

– Sabes, este [que] está a pedir perdão daquilo que vai fazer, vai roubar uma casa esta noite, e se possível mata os donos; e aquele não está a pensar em mal nenhum, está a pensar no trabalho que está a fazer e no que os bois têm de lavar e mais nada.

Informante: Isabel Encarnação Correia, natural de Lagoa, Faro.

Recolha: em Lagoa, Faro, a 21 de Novembro de 2010.

Coletor: Sara Filipa Maia Palma

Classificação: ATU 756D*

208

ALMA BOA E ALMA MÁ

Andava o Divino Mestre, então, com o São Pedro e passou por um que estava rezando de joelhos. E disse assim o Divino Mestre:

– Deus te salve, alma do diabo.

Bom, ia andando mais à frente, passou por outro que andava charruando com as mulas, a semear: “E Deus assim e Deus assado e arrematando Deus e assim e assado...”

E o Divino Mestre passou e disse-lhe assim:

– Deus te salve, alma de Deus.

Mais adiante, o São Pedro começou pensando e perguntou ao Divino Mestre:

– Ó Divino Mestre, porque é que o Divino Mestre disse àquele: “Deus te salve, alma do diabo”, que estava rezando, e àquele que estava arrematando Deus, o Divino Mestre disse: “alma de Deus”?

E o Divino Mestre respondeu:

– Este que estava arrematando, estava arrematando que não tinha tempo para fazer o que ele queria fazer. E aquele que estava rezando, estava pensando onde é que havia de ir roubar à noite. Por isso é um, alma de Deus e outro, alma do diabo.

Informante: Amélia Amores Maria, 69 anos, reformada, 1.ª classe.

Recolha: em Patã de Baixo, Albufeira, Faro, a 25 de Novembro de 2007.

Coletor: Andreia Pacheco e Rita Martins (faixa 18 / 24'25)

Classificação: ATU 756D*

209

O ROUBO DO BORREGO

Nos tempos quando Nosso Senhor andava pela terra mais o São Pedro, andavam a passear e ia um sujeito com um borrego às costas e com um rosário na mão a rezar.

Nosso Senhor Jesus Cristo disse:

– Deus te salve, mau homem!

E o São Pedro ouviu.

Mais adiante, andava um lavrador, um homem a lavrar os bois a ofender-lhes com palavrões fortes.

O Nosso Senhor disse:

– Deus te salve, bom homem!

O São Pedro mais adiante perguntou-lhe:

– Então ó Jesus, então aquele que ia com o borrego às costas, que levava o rosário e ia a rezar, Nosso Senhor disse que era mau homem... Aquele que andava a dizer pragas e asneiras, classificou-o como bom homem?

Jesus disse:

– Foi... Porque aquele andava no serviço dele e não andava com más intenções. Andava só a tocar os animais, os bois... E o outro ia a rezar e levava o rosário, mas vinha de roubar um borrego.

Informante: José Aberto, 70 anos, natural de Beijós, Carregal do Sal, Viseu, reformado, 4.º ano.

Recolha: em Carregal do Sal, Viseu, a 26 de Dezembro de 2009.

Coletor: Ana Marlene Moura Abrantes

Classificação: ATU 756D*

210

JESUS E A VACA

Quando Jesus andava pelo mundo e ia com São Pedro, numa noite pediu guarida numa casa, para lá ficar durante essa noite. E o casal disse-lhes que sim, que podiam lá ficar, mas que eram muito pobres e [eles] teriam que dormir no chão. E que à noite o jantar era muito fraco, porque o único alimento que tinham era uma vaca que lhes dava o leite e o queijo e que era daí que comiam e que viviam.

Assim foi: à noite, quando foram jantar, a única coisa que havia era pão com queijo. Jesus e São Pedro lá ficaram nessa noite. Encostaram-se num cantinho e no outro dia de manhã o que tinham também para comer era o leite da vaca. Pronto, tomaram o seu leite e lá foram.

Mais à frente encontraram a vaca a pastar. Jesus aproximou-se da vaca e empurra-a de uma ravina: empurrou a vaca pela ravina a baixo e matou-a. São Pedro ficou muito preocupado e disse-lhe:

– Ó Jesus, o que fizeste? Sabes que o único alimento daquela família era a vaca. E acabaste de matar a vaca e eles ficam sem alimento.

E Jesus disse-lhe:

– Não te preocupes.

E lá foram.

Passado algum tempo, alguns anos, voltaram. Jesus voltou com São Pedro a passar pela mesma casa, e pediu... voltou a bater à porta e pediu para lá ficar essa noite. O casal, muito simpático, disse-lhe que sim senhor, que podiam lá ficar. Já pareciam um casal diferente e pôs logo a mesa, mesa cheia de tudo, com muita comida, com muita comida. Jesus ficou calado, e São Pedro perguntou:

– Então, mas há uns anos passámos aqui e vocês pareciam tão pobres... E agora têm esta mesa vasta, cheia de comida... O que é que vos aconteceu?

E o homem disse:

– Olhe, São Pedro, o que aconteceu foi que, de facto, o único alimento que tínhamos era a vaca e era dali que comíamos e era dali que vivíamos. E a nossa vaca morreu. E então, a partir daí tivemos que começar a semear, porque tivemos que começar a fazer pela vida. E hoje, de facto, temos uma grande riqueza.

Informante: Maria Dias, 52 anos, 6.ª classe.

Recolha: em Albufeira, Faro, a 7 de Janeiro de 2008.

Coletor: Andreia Pacheco e Rita Martins (faixa 106)

Classificação: ATU 759*

211

CONTO DOS TRÊS IRMÃOS

No norte do país existiam três irmãos. Eram nobres e de início tinham uma vida muito boa. Mas quando os pais faleceram, eles, que não sabiam trabalhar, eram preguiçosos, iam pelos campos apanhar cogumelos, iam à caça e assim sobreviviam. Um dia que andavam à procura de plantas para comer, sentiram uma coisa dura. Cavaram e encontraram um tesouro: uma caixa cheia de dobras de ouro, moedas de ouro, jóias, etc... E ficaram radiantes. Mas, imediatamente, sobreveio em cada um deles o sentimento da ambição e da maldade, porque cada um deles pensou logo em destruir o outro para ficar só com o tesouro. Então, um deles, deu ordem a um outro para ir à aldeia mais próxima buscar mantimentos e vinho para comerem e de certo modo festejarem o acontecido. Mas os dois que ficaram, pensaram logo em matar-se mutuamente para depois matar o outro que vinha da aldeia e ficar só com o tesouro.

E assim aconteceu. Estava um deles, que tinha ficado distraído, e o outro meteu-lhe uma faca no peito e matou-o. E então pensou: "Agora quando o outro venha da aldeia, vou matá-lo e ficar sozinho com o tesouro!"

Quando o outro chegou, que já vinha também com a mesma ideia, matou o irmão. E aquele que ficou vivo disse:

– Ah, agora é que é! Eu fico sozinho com o tesouro e é todo meu, já não passo fome!

Então, começou a comer e a beber do vinho que o outro tinha trazido da aldeia. Só que o outro já tinha pensado o mesmo e tinha envenenado as garrafas de vinho. O outro bebeu e também morreu.

Informante: Fernanda Mateus Pires, 78 anos, natural de Santo Estêvão, Tavira, professora, licenciada em filologia românica.

Recolha: em Vila Real de Santo António, Faro, a 22 de Dezembro de 2008.

Coletor: Milene Isabel Guerreiro Mendonça (clip 3 / 7'40)

Classificação: ATU 763

212

NOSSO SENHOR E SÃO PEDRO

Era uma vez Nosso Senhor e São Pedro. E então foram para um deserto. E não havia água, não havia comida, muito calor... E então, encontraram uma ferradura. E de maneira que o Nosso Senhor disse para o São Pedro:

– Olha, São Pedro, apanha a ferradura e mete-a no bolso!

– Para quê Senhor? – Para o Nosso Senhor. – Para quê Senhor? Não presta para nada, é velha!

E o Nosso Senhor deixou-o passar à frente, e atrás dele, apanhou a ferradura e meteu-a no bolso. Mais à frente, muito longe, havia cerejas. Vendeu a ferradura e depois, mais à frente, com esse dinheiro de vender a ferradura comprou cerejas. E então, lá ia deixando cair uma cereja aqui, outra cereja lá... E o São Pedro ia apanhando-as e comendo.

Mais à frente, outra... Nosso Senhor, já depois de ter deitado as cerejas todas no chão, longe a longe, ele disse-lhe, virou-se para o São Pedro e disse-lhe:

– Olha, São Pedro, se tu tivesses apanhado a ferradura não te abaxavas... Só te abaxavas uma vez, e assim abaxaste-te muita vez!

(Isto a minha mãe fazia-nos compreender, e o meu pai, que eramos... A preguiça!)

Informante: Lurdes Monteiro; 69 anos, natural de Meda, Guarda, empregada de limpeza, 2.ª classe.

Recolha: em Albufeira, Faro, a 3 de Dezembro de 2016.

Coletor: Dariya Kosteryeva

Classificação: ATU 774C

213

O RAPAZ E A ÁRVORE

Um dia, um rapaz foi passear ao campo, e encontrou uma larja com muitas abóboras.

E pôs-se a olhar as abóboras e disse:

– Que fruto tão grande numa árvore tão pequenina.
Foi caminhando e encontrou um chaparreiro. E pôs-se a olhar as boletas e disse:
– Mas que fruto tão pequeno numa árvore tão grande. Mal feito!
Como o chaparreiro tinha uma boa sombra, o rapaz deitou-se à sombra do chaparreiro. Nisto, caiu uma boleta em cima da cabeça e deu-lhe. E ele disse:
– Ainda bem que esta árvore não deu abóboras, senão tinha-me matado!
Deus terminou e termina bem.

Informante: Rita Engrácia Marques, 90 anos, natural da Junqueira, reformada, 4.ª classe.

Recolha: na Junqueira, Vila do Conde, Porto, em 2007-2008.

Coletor: Rita de Jesus

Classificação: ATU 774P

214

O DIVINO MESTRE, SÃO PEDRO E A FONTE

[Jesus] andava pelo mundo como sempre com o São Pedro. Foi o discípulo mais fiel que ele teve foi São Pedro. E então, um dia, estava cheio de sede e ele ia pelo Alentejo, aquilo é “logo ali”, mas é quilómetros... E então tinha sede e o Divino Mestre pensou em fazer mais um quilómetro à frente de uma fonte. E chegou lá, São Pedro bebeu. O Divino Mestre bebeu, São Pedro bebeu e ao fim de beber, o São Pedro arreou as calcitas e fez o cocó lá dentro. E o Divino Mestre respondeu-lhe:

– Pedro, não faças isso! Estás fazendo mal, que podes precisar outra vez de vires aqui.

Diz o Pedro:

– Ah não, meu Divino Mestre, a gente já não passa por aqui mais vez nenhuma.

E então, o Divino Mestre calou-se e foram andando. Mas o Divino Mestre deu uma volta, deu outra volta e tornou lá a passar. E o São Pedro apertou-lhe a sede, não havia mais onde beber, bebeu a água da fonte, às escondidas do Divino Mestre, que era para ele não ver. Mas o Divino Mestre não precisava ver e disse:

– Então Pedro, diz que não passavas aqui e agora estás bebendo?

Diz ele assim:

– Ai, meu Divino Mestre, ninguém diga:

Eu não hei-de desta fonte água beber,
Pode a sede apertar muito e outro remédio não ter.

Informante: Amélia Amores Maria, 69 anos, reformada, 1.ª classe.

Recolha: em Patã de Baixo, Albufeira, Faro, a 25 de Novembro de 2007.

Coletor: Andreia Pacheco e Rita Martins (faixa 18 / 19'50)

Classificação: Ca-Ch 774R

215

O DIVINO MESTRE E O SÃO PEDRO

Quando o Divino Mestre andava pelo mundo, então, andava com o São Pedro. O Divino Mestre é o sábio, sempre foi, é o sábio do mundo. E então, foi andando pelos campos para arranjar, dar *coiso* a todos, carinho a todos e amor.

la com o São Pedro. Um dia, chegam a um monte. E então estava o patrão, estava um monte dessa gente que tinha muita gente e estava tudo... E então o que é o São Pedro faz? Vai dormir com a mulher do homem. E então foi dormir com mulher, no outro dia, o homem tinha um par de cornos, nasceu-lhes os cornos. E então, como nasceu os cornos, o São Pedro, envergonhado, foi ao pé do Divino Mestre e disse:

– Ó meu Divino Mestre, o que é aquilo que o homem tem na cabeça?

E o Divino Mestre respondeu-lhe:

– Ó meu filho, não sabes o que fizeste ontem à noite com a mulher?

Diz ele assim:

– Ai, meu Divino Mestre, fazer mas não aparecer!

E é por isso que, hoje, os homens são cabrões e não têm cornos.

Informante: Amélia Amores Maria, 69 anos, reformada, 1.ª classe.

Recolha: em Patã de Baixo, Albufeira, Faro, a 25 de Novembro de 2007.

Coletor: Andreia Pacheco e Rita Martins (faixa 18 / 16'33)

Classificação: Ca-Ch 774U

216

A PROCISSÃO DAS ALMAS

Uma senhora, que se levantou de manhã e foi para ir à missa, ouviu tocar o sino e foi à missa. Qual o espanto dela que, quando chegou à igreja, a viu aberta e entrou. Nisto começou a ver entrar pessoas e começou a olhar para elas, que iam-se sentando nos bancos. E começou a ver que eram pessoas que já tinham morrido, pessoas que ela conhecia. Ela olhava para elas, umas conhecidas, outras vizinhas, mas que já tinham morrido e apanhou um grande susto. Ela pensava que tinha ido às seis horas da manhã para a missa e quando chegou a casa é que ela viu que era meia-noite. Ela apanhou um susto tão grande que teve uma porção de dias doente.

Informante: Bertília Nunes Morgado, 72 anos, natural de Quarteira, Loulé, Faro, reformada, 4.ª classe.

Recolha: em Quarteira, Loulé, Faro, a 13/10/2007.

Coletor: Bruna Paiva (cassete n.º 1 / face A)

Classificação: Ca-Ch 779F*

217

CONTO DO REI CEGO

Havia uma aldeia, ou uma vila, onde havia um rei. Andava por todo o lado, trabalhava e tudo: via, nessa altura. O rei acabou por ter uma névoa nos olhos e cegou.

Nessa aldeia ia sempre uma velhinha pedir, e estendia sempre a mão ao rei, cumprimentava-o e dizia:

– Vossa Real Majestade não me dá uma esmolinha, por amor de Deus?

– Sim, minha velhinha.

E dava-lhe esmola.

A velhinha ia à vila e deixou de ver o rei. E perguntou às sentinelas:

– Onde está a Vossa Real Majestade? Morreu?

Não, esta no trono. Está ceguinho, não vê nada. Tem uma névoa nos olhos e não vê, não pode dar um passo.

– Ai! Que pena que eu tenho! Tanto que eu gostava daquele rei! Olhe, vá dizer ao rei que na minha terra há uma fonte santa, que ele lava os olhos três vezes com essa água e fica a ver. Essa névoa desaparece dos olhinhos.

O sentinela foi dizer ao rei e o rei mandou chamá-la. Ela disse mesmo ao rei. Ela disse ao rei:

– Vá, mande já buscar essa água, que o menino cura-se imediatamente. Três vezes que lave os olhos, fica a ver.

– Quem irá buscar essa água?

– Um criado do senhor, qualquer criado. Então eu vou e venho todos os dias a andar e sou velhinha... Não é muito longe.

O rei tinha três filhos e chamou os três filhos.

– Qual é de vós que ides buscar a água para o pai lavar os olhos?

– Eu vou!

– Eu vou!

– Eu vou!

Disseram os três ao mesmo tempo.

Disse o pai:

– Bom, se todos querem fazer esse trabalho, vai o mais velho.

O mais velho foi. Pegou num cavalo, num garrafão e foi buscar água à fonte. Depois, passou numa estrada onde estava uma taberna, daquelas tabernas que as pessoas vão lá e nunca mais saem de lá. Ele pega no cavalo, prende-o nas argolas na rua e foi para dentro da taberna. Comia e bebia. Havia três dias e três noites que estava lá.

O pai, cada vez mais ceguinho, já chorava pelo filho. Os irmãos e a mãe a mesma coisa e o filho não aparecia.

Disse o do meio:

– Eu vou, meu pai, buscar a água. Cada vez estás mais ceguinho e o meu irmão não vem. Talvez tenha sido comido pelos lobos. Mandámos criados, mandámos tudo e não encontram o menino. Pois vou eu!

Então foi. Pega no cavalo e vai também buscar água. Por onde é que havia de ir? Pela bendita estrada. O cavalo que ele levava rangia. Diz ele:

– Olá! O cavalo do meu irmão está ali preso àquela taberna. Então irmão? Ai?! E o pai cada vez mais ceguinho e mais doente?

– Anda cá, anda cá, fica ao pé de mim! Vamos comer e beber. E deixa lá o pai da mão. Põe o cavalo aí preso.

Lá ficou o outro preso, outros três dias e outras três noites.

O pai, sem os dois filhos, chorava que eu sei lá... e a mãe e tudo. Nunca mais teve alegria.

Ao fim de seis dias e seis noites, diz o mais novo:

– Eu vou buscar a água, meu pai.

– Não meu filho. Antes ficar cego toda a vida do que ficar sem ti. Já fiquei sem os dois teus irmãos e agora fico sem ti? Fico sem nenhum? Não pode ser. Não, deixa-me ficar cego.

– Não meu pai, eu quero que vejas!

Pega num garrafão, num cavalo e vai. Quando chega àquela estrada, o cavalo começa a ranger. Olha e vê os dois cavalos da casa dele, presos à parede e os irmãos lá dentro a comer e a beber, a rir e a gozar.

– Parece mentira, manos! O pai cada vez pior e tu aqui a brincar e a comeres e a gozares. E a gente a chorar em casa...

– Anda cá, anda cá! Vem aqui ter com a gente! Põe aí o cavalinho e vem já aqui.

– Não, primeiro está a cura do meu pai. Primeiro está o meu pai do que comer e beber. Lá em casa é um palácio, há muita comida e bebida.

E foi de seguida, não parou. Seguiu com o cavalo dele. Eles ficaram na taberna e começaram a dizer:

– Agora o pai castiga-nos severamente. Temos um castigo de morte, porque desobedecemos ao pai. O que é que a gente faz?

– Vamos apanhá-lo, matamo-lo e tiramos-lhe o garrafão da água e pronto. Ninguém sabe...

E assim fizeram. Saíram da taberna, apanharam o cavalo, que o irmão já vinha com a água de volta. Deitaram-no abaixo do cavalo, mataram-no e enterraram-no no canavial. Eles trouxeram a água e vieram para casa. Puseram o cavalo à margem para os lobos o comerem e vieram para casa.

Aquilo foi uma alegria, quando viram os meninos com a água.

– Onde estiveram tanto tempo?

– Sabe papá, estive em cima de umas árvores. Os lobos queriam-nos comer. O que me valeu foi o mano, ajudou-me. Senão morríamos lá com os lobos.

– Então e agora? O teu mano foi agora buscar água para mim...

– O papá deixou-o ir?

– Pois ele foi, ele quis ir.

– Oh, isso é logo comido pelos lobos...

Aqueles dois vieram, mas o outro, que era mais pequenino, não vinha.

A velhinha, que vinha do campo de quinze em quinze dias, ia lá. Disse às sentinelas:

– Onde esta o rei? Morreu?

– Não, o senhor rei já vê. Lavou os olhos com a água e ficou a ver.

– Ai, grande alegria que eu tenho! Mas tenho uma grande tristeza comigo, porque eu vinha na estrada, no caminho para vir para aqui e encontrei um pastor a fazer um pífaro de cana. E eu disse para o pastor:

– Estás a fazer um pífaro? Eu espero aqui.

– Cortei esta cana naquele canavial ali. Nasceu uma cana tão verdinha, tão verdinha... Não tem nó nenhum, é tudo direitinho. E deu-me vontade de fazer este pífaro e agora vou fazer.

Então a velhinha esperou. Vinha para vir para a vila. Esperou que fizesse o pífaro. Assim que o pastor pôs o pífaro na boca dizia assim:

Cantai, cantai, cana verde!

Cantai, cantai, sem dolor

Debaixo da cana verde.

Foi o meu irmão mais velho

O que foi o meu traidor.

A velhinha ficou muito espantada e o pastor também.

– Tenho feito tantos pífaros na minha vida e nunca [nenhum] cantou isto!

A velhinha dizia o mesmo. A velhinha abalou e o pastor lá ficou e veio para o palácio.

Chegou ao palácio e perguntou por o rei.

Disseram que o rei estava vivo, mas que o menino mais pequenino não aparecia. Que tinha aparecido o mais velho, mas o mais pequenino não aparecia. E ela disse:

– Mesmo agora o pastor estava a cantar, fez um pífaro e deu-me isto do pífaro:

Cantai, cantai, cana verde

Cantai, cantai, sem dolor

Debaixo da cana verde.

Foi o meu irmão mais velho

O que foi o meu traidor.

– Aí, o pífaro cantava isso?

– Sim, meu senhor!

– Vou dizer ao rei, eu vou dizer ao rei.
 Foi dizer ao rei que estava ali a velhinha que lhe tinha ensinado a água.
 – Vai lá busca-la, quero vê-la. Ela curou-me. Eu estou curado. Mas tenho uma grande tristeza na minha alma: perdi o meu filhinho mais novinho.
 – Mas ela conta uma história muito gira, que encontra por o caminho um pastor.
 – Então, vai lá buscá-la!
 Ela chegou ao pé do rei.
 – Como esta a Majestade?
 – Olá, velhinha, eu já vejo, minha velhinha. Estou muito contente! Mas muito triste: perdi o meu filho mais novo.
 – Ó Vossa Real Majestade, eu vinha pelo caminho e um pastor estava a fazer um pífaro e eu ouvi o pífaro dizer isto:

Cantai, cantai, cana verde!
 Cantai, cantai, sem dolor
 Debaixo da cana verde.
 Foi o meu irmão mais velho
 O que foi o meu traidor.

– Ouviste isso no pífaro?
 – Sim, senhor Rei, Vossa Real Majestade.
 – Vais-me buscar esse pastor?
 – Sim, se vossa Real Majestade quer. Mas que vá um dos vossos criados comigo com um trem, que eu não vou outra vez a pé e vir outra vez.
 Foi o criado arranjar o trem e foram os dois, o criado e a velhota.
 O pastor, assim que viu o carro do palácio, ficou com muito medo, muito medo...
 Os reis nessa altura é que mandavam. E os reis castigavam. Não havia polícias, não havia nada. Os reis é que mandavam nas cidades, nas vilas e nos campos.
 Então, o pastor, quando viu o criado do rei, os vassalos do rei, ficou com muito medo, muito medo...
 – Não tenhas medo. – Disse a velhota. – Anda cá, traz o pífaro que fizeste hoje. E ele veio.
 – Põe lá o gado no lugar, não se perca ele.
 Levou o pífaro e assim que lá chegou, uma grande festa ao pastor.

– Mostra-me lá esse pífaro que tu trazes aí.
 – Está aqui, vossa Real Majestade.
 Ele pôe o pífaro na boca e o pífaro dizia assim:

Cantai, cantai, ó meu pai!
 Cantai, cantai, sem dolor
 Debaixo da cana verde.
 Foi o meu irmão mais velho
 O que foi o meu traidor.

– Cantai ao meu pai? Anda cá!
 Disse para a rainha:
 – Toca lá este pífaro.
 A rainha pôs na boca e o pífaro dizia:

Cantai, cantai, ó minha mãe!
 Cantai, cantai sem dolor
 Debaixo da cana verde.
 Foi o meu irmão mais velho
 O que foi o meu traidor.

– Foi o meu irmão mais velho que foi traidor?
 Chamou o irmão do meio.
 – Anda cá.
 – Eu não sei tocar pífaro, papá. Eu não sei tocar isso.
 – Se eu toquei e a tua mãe sabe, tu também sabes. Põe lá o pífaro na boca.
 Teimou com ele e depois o pífaro dizia assim:

Tocai, tocai, ó meu mano!
 Tocai, tocai, sem dolor
 Debaixo da cana verde.
 Foi o nosso irmão mais velho
 O que foi o meu traidor.

– Anda cá tu, ó mais velho, anda cá!
 – Eu sei cá tocar isso papá, eu não sei tocar pífaros... Eu nunca lidei com isso.

– Anda cá! Se a tua mãe tocou e eu toco, também tu tocas. O teu irmão tocou também.

E foi obrigado. Pôs o píforo na boca e o píforo dizia?

Tocai, tocai, ó meu mano!
Tocai, tocai sem dolor
Debaixo da cana verde.
Foste tu, foste tu
Que me foste o traidor.

– Ai, foste tu!

Diz o Rei:

– Sentinelas, arranjam o trem com tudo o que é preciso. Vamos levar o menino para ele desenterrar o irmão que enterrou debaixo da cana verde.

– Vamos embora!

Deixou a velhinha no palácio, levou o pastor para ensinar onde estava a cana, levou os criados. Foi o Rei e o irmão mais velho. O do meio ficou em casa. Na mesma cova onde desenterrou o irmão, enterrou-o a ele vivo.

– Fizeste ao teu irmão, tens o mesmo castigo que fizeste ao teu irmão. Enterraste o teu irmão vivo, agora enterro-te a ti para teres o mesmo castigo.

Aquele rei era assim: A ferros matavam, a ferros morriam. Quem fazia mal... fosse quem fosse, nem que fossem os filhos dele. Tinha que sofrer o castigo do mal que tinha feito. Igual!

Enterrou aquele. Depois foi para casa. Levou o corpo do outro para o cemitério.

E o rei ficou com a velhinha no palácio com os criados. E deu uma grande mesada ao pastor.

Informante: Maria José Murta, 74 anos, natural de Santa Bárbara de Nexe, Faro.

Recolha: Santa Bárbara de Nexe, Faro, em 2006.

Coletor: Gualter Magalhães (CD1)

Classificação: ATU 780

CONTO DA GAITA

Era um homenzinho que tinha três filhos. Dois eram muito maus – eram dois maraus – e o outro era muito bonzinho. Então um dia os irmãos mais velhos, que eram muito maus, foram correr mundo e levaram o irmão para a serra, para longe, sem o pai saber. E o pai gostava muito do mais novo, que era bom. Levaram para longe o irmão e um disse para o outro:

– Olha lá, a gente vai matar aqui o nosso irmão. A gente quer andar à nossa vontade e ele vai contar tudo ao pai.

Bom, pegaram numa faca e mataram o rapazinho. Mataram, estava ali uma covazinha, e correu sangue para dentro da cova. Foram seguindo e deixaram ali o irmão dentro da cova. Passado algum tempo, passou um pobrezinho que andava pedindo e já tinha nascido um “balanco”. E diz o homem para com ele:

– Ah, está aqui este balanco aqui tão grande... Vou cortar e fazer uma gaita!

Foi, fez a gaita, e foi andando e pedindo às portas. Ele cantava com a gaita e a gaita respondia só isto:

Não me toques meu velhinho,
Não me deixes de tocar,
Meus manos mataram-me,
Pela flor de vilar.

Porque havia uma flor de vilar rente à cova. E o rapazinho queria aquela flor e eles partiram a flor e não quiseram que ele a levasse.

Depois, ia o homenzinho a outra porta:

Não me toques meu velhinho,
Não me deixes de tocar,
Meus manos mataram-me,
Pela flor de vilar.

Bom, o homenzinho foi pedir a outra porta. Ia pedindo até que chegou à casa do pai do miúdo. Começou a dizer:

Não me toques meu velhinho,
 Não me deixes de tocar,
 Meus manos mataram-me,
 Pela flor de vilar.

Diz o pai do miúdo assim:

– Toque lá isso outra vez!

Não me toques meu velhinho,
 Não me deixes de tocar,
 Meus manos mataram-me,
 Pela flor de vilar.

– Ah, isso foi o mariola dos meus filhos, mataram o irmão! Vou à procura deles.

O pai foi à procura deles. O que é que eles fizeram:

– Olha, vem aí o nosso pai. Olha, vamos para cima do pinheiro!

Foram para cima do pinheiro e o pai chegou ao pinheiro e disse:

– Ah, malandros! Ah, malandros, que eu hei-de matar vocês!

Um dos filhos despiu as calças e sujou para cima do pai. E o pai disse:

– Grandes malandros! Venham cá para baixo, que eu logo sei o que hei-de fazer: Mato vocês os dois!

Informante: Maria Juliana Arvela, 87 anos, natural de Albufeira, sabe ler.

Recolha: nos Caliços, Albufeira, Faro, a 17/10/2006.

Coletor: Vítor Miguel Serápio Correia (Cd n.º 1 / faixa n.º 37)

Classificação: ATU 780

219

O FIGO DA FIGUEIRA

Era uma vez uma menina, muito loirinha, que vivia com a avó. Bom, ela... Entretanto houve um dia que a avó disse para a neta:

– A avó vai fazer umas compras. Tu vais ali para o quintal, ficas a guardar aquela figueira, que a avó tem ali doze figos muito bonitos, muito bons, e não quero que pássaro nenhum os leve. Vais guardar os figos.

– Está bem, avó. Podes ir descansada.

A avó foi às compras, levou algum tempo. Passado um tempo regressou e ao regressar vê a menina um bocadinho triste e perguntou:

– Então, que tal? Portaste-te bem?

– Sim, avó. Mas estou um bocado triste, porque houve um passarinho que andou a querer bicar o figo!

– Então vamos lá contar os figos.

Então a avó começou a contar os figos e só viu onze figos.

– Ai! Deixaste o pássaro levar o figo.

Começou a contar e só viu onze...

– Agora vou-te castigar.

Ao castigar a menina, deu tanta pancada na menina que a menina estava desmaiada e a avó pensou fazer uma cova no quintal e enterrar a menina. Enterra a menina, mas deixou uns cabelos de fora.

Bom, passaram-se muito tempo, passou-se muito tempo e a mãe da menina veio de África e ela lembrava-se que a menina gostava muito, falava muito nos pretinhos. E a mãe traz um pretinho para tratar lá do quintal. O pretinho até era muito novinho ainda. Acontece que quando regressou, o pretinho andou ali por casa e a mãe perguntou à avó:

– Oh mãe, então e a minha filha?

– Olha a tua filha anda ali a brincar.

A mãe andou à procura e não encontrou.

– Ela anda a brincar com outras meninas.

Andou à procura e não encontrou a menina.

Entretanto o pretinho foi para o quintal, andava lá na brincadeira e viu umas flores muito bonitas num sítio. Ele começa a colher uma flor. Ao colher a flor ouviu uma voz por baixo da terra a dizer:

Meu preto, meu pretinho,
 Não cortes o meu cabelo,
 Não cortes o meu cabelinho.
 Minha mãe me penteou,
 Minha avó me enterrou,
 Por causa do figo da figueira
 Que o passarinho levou.

O pretinho ouviu aquilo e achou aquilo muito estranho e nisto colheu outra flor, e, ao colher a outra flor, a mesma coisa. Ele ficou muito nervoso e disse:

– Minha senhora, minha senhora, venha cá! Eu estou a ouvir aqui uma voz, não sei o que é que se passa!

A mãe veio muito aflita, e ao chegar perto do pretinho, ela começou a ouvir outra vez aquela... a mesma coisa. Ela mandou o pretinho ir buscar uma pá...

– Vai buscar uma pá, rápido! Vamos ver o que é que se passa aqui.

Começaram a desenterrar, foram ver os cabelos da menina, e a menina ainda estava viva. Ela simplesmente estava desmaiada.

Viu a menina, a menina ficou muito feliz quando viu a mãe e o pretinho. A mãe muito chateada deu... Zangou-se muito com a avó e levou-a à polícia. A polícia veio e levou a avó presa e ficou lá na prisão para o resto da vida dela.

E assim acabou a história. E viveram felizes para sempre!

Informante: Albertina Maria Oliveira das Dores do Vale, 60 anos, natural de Portimão, doméstica, 4.ª classe.

Recolha: em Portimão, Faro, em 2010.

Coletor: Shirley do Vale

Classificação: ATU 780B

220

O PRÍNCIPE COM ORELHAS DE BURRO

Era uma vez um rei que vivia triste por não ter filhos, e mandou chamar três fadas que fizessem com que a rainha lhe desse um filho. As fadas prometeram-lhe que os seus desejos seriam satisfeitos, e que elas viriam ao nascimento do príncipe.

Ao fim de nove meses, deu a rainha à luz um filho, e as três fadas fadaram o menino.

A primeira fada disse:

– Eu te fado para que sejas o príncipe mais famoso do mundo.

A segunda fada disse:

– Eu te fado para que sejas muito virtuoso e entendido.

A terceira fada disse:

– Eu te fado para que te nasçam umas orelhas de burro.

Foram-se as três fadas e logo apareceu ao príncipe as orelhas de burro.

O rei mandou fazer sem demora um barrete que o príncipe devia sempre usar para lhe cobrir as orelhas. Crescia então o príncipe em formosura e ninguém na corte sabia que ele tivesse as tais orelhas de burro.

Chegou a idade em que ele tinha de fazer a barba, e então, o rei mandou chamar o seu barbeiro e disse-lhe:

– Farás a barba ao príncipe, mas se disseres a alguém que ele tem orelhas de burro, morrerás.

Andava o barbeiro com grandes desejos de contar o que vira, mas com receio de que o rei o mandasse matar, calava, consigo. Um dia foi-se confessar e disse ao padre:

Eu tenho um segredo que me mandaram guardar, mas se eu não digo a alguém, morro; e se o digo, o rei manda-me matar. Diga, padre, o que é eu hei-de fazer?

Responde-lhe o padre que fosse a um vale, que fizesse uma cova na terra e que dissesse o segredo tantas vezes até ficar aliviado desse peso. E depois tapasse a cova.

O barbeiro assim fez. Depois de ter tapado a cova voltou para casa muito descansado. Passado algum tempo, nasceu um canal onde o barbeiro tinha feito a cova. Os pastores, quando ali passavam com os seus rebanhos, cortavam canas para fazer gaitas, mas quando tocavam nelas, saíam umas vozes que diziam:

– Príncipe com orelhas de burro!

Começou a espalhar-se esta notícia por toda a cidade, e o rei mandou ir à sua presença um dos pastores, para que tocasse na gaita. E assim, sempre saíam as mesmas vozes que diziam “príncipe com orelhas de burro”. O próprio rei também tocou e também ouvia as tais vozes. Então o rei mandou chamar as fadas e pediu-lhes que tirassem as orelhas de burro ao príncipe. Então elas mandaram reunir a corte toda e ordenaram ao príncipe que tirasse o barrete. Mas qual não foi o contentamento do príncipe, da rainha e do rei ao ver que já não estavam lá as tais orelhas de burro.

Desde esse dia, as gaitas que os pastores faziam das canas do tal canal deixaram de dizer “príncipe com orelhas de burro”.

Informante: Maria Odete, 55 anos, natural de Abrantes.

Recolha: em Abrantes, Santarém, a 28 de Novembro 2015.

Coletor: Renata Fidalgo (faixa s/n.º)

Classificação: ATU 782

221

MILAGRES...

Cristo e os seus doze apóstolos decidiram ir fazer um piquenique lá no cimo da montanha e deram ao Judas a tarefa de levar os frangos. Eram treze frangos, um para cada um deles, e Judas vinha cá atrás, todo carregado, todo chateado.

– E não sei quê... Eu sou o único que tenho de trazer os frangos, e tal...

E para se vingar deles, comeu uma perna a cada frango. Pronto, estavam lá eles no piquenique, vira-se o apóstolo Pedro para o Manel: (Risos)²²

– Ah, então olha lá, o meu frango só tem uma perna?

– Olha, o meu também...

– Então e o teu, Miguel?

– Ahhh! O que é que se passa aqui? O meu frango também só tem uma perna! Foram ver e todos os frangos só tinham uma perna. Cristo perguntou:

– Então, Judas, o que é que se passa aqui com os frangos? Porque é que só têm uma perna?

– Então vocês não sabem que os frangos só têm uma perna?

– Ai, só têm uma perna? Então quando chegarmos lá em baixo logo vemos.

Isto já era de noite. Chegaram lá, desceram a montanha e foram à capoeira. Estavam os franguinhos todos a dormir, só com uma perninha.

– Vês? Eu não vos disse que os frangos só tinham uma perna?

De repente, Jesus bate palmas e os frangos baixam todos a outra perna.

– Pff... Milagres de porcaria também eu faço...

Informante: Adriana Tavares, 19 anos, natural de Vilamoura, estudante.

Recolha: em Faro, a 03/01/2011.

Coletor: Constança Marta

Classificação: ATU 785A

²² A informante inventa nomes para os apóstolos.

222

[SÃO PEDRO E SÃO SALVADOR]

Era uma vez o São Pedro e o São Salvador. Andavam a pregar assim de porta em porta e tal... E passaram num sítio que só havia uma casa. E estava-se a aproximar uma grande tempestade e diz o São Pedro assim:

– Olha, isto vem uma grande tempestade. A gente não pode ficar na rua.

Diz o São Salvador:

– Então vamos bater naquela porta.

E o São Pedro:

– Não, não! Aquele homem tem a mania que é muito mau, muito ruim, bate nas pessoas.

– Não faz mal. A gente vamos lá e vamos pedir abrigo nem que seja por uma noite.

E assim fizeram. Foram bater à porta, vem um homem muito grande, um gigante e diz:

– O que é que vocês querem.

E eles:

– Eu sou o São Pedro e este é o São Salvador. Nós queríamos um sítio para ficar.

Vai chover.

E ele assim:

– Não que vocês fazem muito barulho.

E o São Pedro:

– Não, não. A gente não faz barulho. Prometemos.

E então entraram. Foram lá para um quarto, que só tinha uma cama e diz o homem assim:

– Se fizerem barulho levam porrada.

– Está bem.

Eles deitaram-se, o São Pedro ficou do lado de fora da cama e o São Salvador do lado da parede. Diz o São Salvador:

– Pedro canta!

E ele:

– Não. Então tu não ouviste que ele disse que nós se fizéssemos barulho íamos levar porrada.

– Ele não faz mal porque ele não sabe que eu sou São Salvador. Canta Pedro!

O Pedro começa a cantar:

– La-ra-lá-la-la.

Vem lá o grandalhão... porrada no São Pedro. Passado um bocado diz o São Salvador:

– Canta Pedro!

Diz ele assim:

– Não, já levei porrada uma vez e tu não disseste nada.

– Eu esqueci-me de dizer a ele que eu era São Salvador. Ele agora não te vai fazer mal.

O Pedro começa a cantar.

– Tra-la-ra-la-ra.

Vem o grandalhão, vá porrada no São Pedro. Bom à terceira vez diz o São Salvador:

– Canta Pedro!

– Não, não! Eu já levei porrada duas vezes. À terceira não.

E diz ele assim:

– Então nós trocamos de lugar. Quando ele vem bate sempre no de fora. Então nós trocamos de posições: tu vens para o lado da parede, eu vou para o lado de fora. Quando ele vier ele dá-me é porrada a mim.

Diz o São Pedro assim:

– Então pode ser.

E trocaram de lugares. Diz o São Salvador:

– Canta Pedro!

E o São Pedro:

– Tra-la-ra-la-ra.

Vem o grandalhão:

– Porra, já que não se cala o de fora, que leve o de dentro. (risos)

Informante: Artur José Amador Oliveira Segurado, 36 anos, natural de Portimão, Faro, conferidor de mercadorias.

Recolha: em Portimão, Faro, a 7 de Dezembro de 2005.

Coletor: Cátia Alexandra dos Reis Romão (cassete n.º 2 / Face B)

Classificação: ATU 791

223

[À PORTA DO CÉU]

Há um indivíduo que morre e vai para o Céu. Mas à entrada do Céu dão-lhe a escolher se ele quer o Céu ou quer o Inferno. Então, ele chega lá ao pé daquele homenzinho que está lá na entrada do Céu e diz:

– Escuta lá, eu morri, mas não quero ir para o Céu sem primeiro saber o que é o Inferno.

– Sim senhor, não há problema. A gente vamos dar-te três dias para ires visitar o Inferno, para poderes decidir se queres o Céu ou queres o Inferno.

Bom, aquilo assim foi.

Ele, no primeiro dia que chega ao Inferno, lá o Diabo apresenta-lhe uma mulher muito bem-apresentada, muito bonita... Bom, um luxo de mulher.

O gajo:

– Epá! Isto aqui no Inferno é melhor do que no Céu.

No segundo dia de visita, chega lá o Diabo, mostra-lhe outra mulher, mais bonita ainda e melhor do que a outra. E o gajo, já todo fascinado com aquilo:

– Eh, caraças! Isto no Inferno, aqui, é muito melhor do que no Céu.

Bom, no terceiro dia, então é que partiu a escala. Mete-lhe uma loiraça de olhos azuis... Bom, quase tipo Cláudia Schiffer.

E o gajo:

– Epá, isto o Inferno é muito melhor que o Céu. Então eu vou, mas é escolher e vou para o Inferno.

Naquilo, quando o gajo chega lá ao pé da porta do Céu. Diz-lhe o gajo assim:

– Então, já se decidiu?

– Já decidi, já!

– Então e queres ir para onde?

– Quero ir para o Inferno!

– Então está bem. Queres ir para o Inferno, vais para o Inferno.

E naquilo, vai para o Inferno. Quando o gajo chega lá ao Inferno, está lá o Diabo. E quando ele chega, pega numa pá e numa enxada, dá-lhe e diz:

– Vá, tens de cavar aquela colina toda!

Diz o gajo assim:

– Não, então, mas espera aí... Então se eu vim cá três dias, tu em três dias apresentaste-me cada vez uma mulher mais bonita do que a outra... Então e agora,

quando eu venho definitivamente para o Inferno, dá-me uma pá e uma enxada para eu cavar?

– Ó amigo, os tempos das eleições já passaram! Agora há que trabalhar!

Informante: Nelson Pereira, 31 anos, natural do Beliche, Castro Marim, Faro, condutor de máquinas agrícolas.

Recolha: no Beliche, Castro Marim, Faro, a 3 de Novembro de 2007.

Coletor: Hélder Manuel Lopes Marcos (cassete n.º 1 / face B)

Classificação: Haboucha **807

224

[O ALENTEJANO QUE REZAVA À NOITE]

Estava um senhor que sabia rezar e todas as noites rezava uma oração, mas a oração era muito grande e o homenzinho rezava, rezava, rezava... E havia um outro que o queria matar e ia todas as noites lá a casa dele e ele não dava notícia. E ele ia lá, o homem, mas não o conseguia matar, havia um problema que ele não o conseguia matar. Vai uma noite, o senhor que ia rezando a oração deixou a oração em meio, porque se deixou dormir. Vai o outro lá, que o queria matar, só estava metade do homem na cama, só aparecia metade do homem. Diz ele assim:

– Olha, já veio outro a fazer o que eu te queria fazer, já estás despachado.

Nisto, o homem abala e veio-se embora, pensando que alguém já tinha vindo à frente matá-lo, e ele quis-se safar para não ser apanhado. No outro dia, encontra o dito homem na rua e disse-lhe, descobriu o que tinha ideia de fazer e o que tinha encontrado feito. E depois veio-se a descobrir: era o homem que tinha deixado a oração em meio.

E foi assim. E o homem não morreu.

Informante: Maria Rosa Cavaco, 68 anos, natural de Corte Sines, Mértola, Beja, reformada.

Recolha: na Manta Rota, VRSA, Faro, no dia 1 de Dezembro de 2010.

Coletor: Daniela Nunes

Classificação: Car-Co 817*A

225

[OS DOIS COMPADRES E O JUIZ]

Havia dois compadres que estavam num tribunal a responder um contra o outro. E o senhor doutor juiz perguntou ao primeiro:

– Do que é que o senhor se queixa? O senhor veio atrasado!

– Ó senhor doutor juiz, estive a cozer favas para semear.

– Então está bem.

O doutor juiz escreveu. Perguntou ao outro:

– Então o senhor de que é que se queixa?

– Estive a cozer ovos para deitar galinhas, para tirar pintos.

[Diz o juiz:]

– Mas o senhor também veio atrasado!

[Diz o juiz ao primeiro:]

– Escute lá, mas que jeito? Então favas cozidas nascem?

E ele respondeu:

– E ovos cozidos dão pintos?

Informante: Natália, 79 anos, natural do Montenegro, Faro, reformada (costureira).

Recolha: no Montenegro, Faro, a 29-12-2007.

Coletor: Sónia Rodrigues e Paula Cabral (cassete n.º 5/ lado A e B)

Classificação: ATU 821B

226

[O REI DOS ORIENTES E SUA MÃE]

A mãe desse rei d'Orientes era muito maluca. E então, o que é que fazia? Em aparecendo uma rapariga enganada, mandava-a matar. Mas ele não achava bem, era rapaz. Não achava bem. E uma vez perguntou à mãe:

– Porque é que você manda matar as raparigas?

– Ai, porque elas andam com coisas que não hão-de andar, pépépé-pépépé...

Bom, o que é que ele faz? Diz para um criado – que o criado ia todas as tardes com ela num trem a passear, com a mãe. Ele disse ao criado:

– Tu, quando puderes, mete a mão por baixo das saias da minha mãe e mexe-lhe no joelho.

E ele fez isso. Ai, quiz-lhe bater... Parecia uma grifa! (Isto é que é um romance.)

Quería-lhe bater, e então ele veio de lá e ele perguntou-lhe:

– O que é que ela disse?

– Ai, zangou-se toda e coiso...

– Amanhã fazes o mesmo, que ela consegue a dizer que partilhes o quarto dela.

Oh, foi logo! Ao fim de meia dúzia de dias de ele lhe fazer aquilo, foi:

– Ai, minha senhora, escorregou a mão, e tal...

E lá se escapava.

Mas naquele dia, ela disse-lhe:

– Tu hás-de ir ao meu quarto.

Ele veio de lá, disse ao filho:

– Olha, ela mandou-me ir ao quarto dela.

E ele disse assim:

– Quem vai sou eu.

Foi, deitou-se para o lado dos pés. Ela, estava-lhe o cu dando comichão. E disse-lhe:

– Volta-te lá para cima, que para aí não é!

E ele disse:

– Não, porque eu quero entrar por onde saí.

(Sim, ele coçava ali no meio das pernas dela com a cabeça e ela disse: “Aí não é, vem para cima”, porque era para ir impar o cacete, e fazer-lhe o que ela queria.)

E ele respondeu-lhe:

– Não, eu quero entrar por onde saí.

E ela, aqui, disse:

– És o meu filho! O primeiro que se ver, cega!

Ele pensou: “Eu não cego.” //

Foi-se embora. Fugiu de casa, foi-se embora. Foi ser ajuda de um moiral. Só fazia coisas para ser esperto. Ele sabia...

E então o que é que ele fez? Fazia assim: fazia um buraco num pinheiro e dizia para o moiral:

– Vamos lá ver quem mete o dedo no pinheiro. Eu meto!

O moiral dizia:

– Eu não.

Chegava além o maioral ia para meter o dedo, o dedo não cabia, dava fim da unha.

Ele chegava, sabia onde é que estava o buraco, metia o dedo no buraco. //

Mas um dia qualquer, ele disse para o criado que estava lá na casa: disse-lhe que tinha achado um pote de dinheiro na terra do patrão. Ele dizia que o dinheiro era do patrão e o patrão dizia que não, que o dinheiro era de quem o tinha achado. E matinavam naquilo e foram para a justiça e não havia maneira de fazer aquilo. Mas um tinha uma filha e o outro tinha um filho.

E ele respondeu para o moiral:

– Se eu fosse lá, era capaz de repartir o dinheiro, e não era nem para um, nem para outro. Não era para um, nem para o outro, era para os filhos dele.

Bom, ora, souberam logo, mandaram-no avisar. Mandaram-no avisar que tinha de ir ao tribunal.

Foi ao tribunal:

– Diz lá aí o é que tu sabes fazer as partilhas sem ser para eles, e ficarem com o dinheiro. Como é que tu fazes?

– Como é que eu faço? Casava-os os dois e dava-lhe o pote de dinheiro... E era deles.

– Oh! És o diabo do inferno, ou seis reis dos Orientes.

E fez assim com a mão. E ele disse:

– Já estou alto.

Porque não sabia onde estava e aprendeu para o lado que era os Orientes.

Maneiras que foi de cá, chegou lá, disse isto e o outro disse “ou és o diabo do inferno ou seis reis de Orientes”, porque ele sabia tudo, não é? //

O que é que ele faz? Arranja um carrinho, com umas tábuas, e meteu-se dentro do carrinho, arranjou um bandolizinho e vinha tocando. E chegou à terra dele, a Orientes, e entrou para dentro da cidade, e pôs-se tocando e foi para o pé da casa da mãe, mas voltou as costas, que era para a mãe o ver e cegar e não cegar ele. Ele não era parvo, não!

E o que é que ele fez? A criada assomou-se à janela e disse:

– Ai, vem aí um rapaz dentro de um carro. Vem tocando e pépépépé...

A velha foi-se assomar, cegou. E ele ficou bom. Está vendo?

Informante: Natália Cardeira, 81 anos, natural de Vale de Odre, Cachopo, Tavira, Faro, doméstica, analfabeta.

Recolha: em Vale de Odre, Cachopo, Tavira, Faro, a 1 de Dezembro de 2006.

Coletor: Eva Paulino (CD n.º 1 / 30'34)

Classificação: ATU 823A* (conto moldura) + ATU 1085 + ATU 926C

227

A LENDA DO VINHO

Há muitos milhares de anos, um homem que passou a vida na Grécia, quando se sentiu velho regressou à sua velha pátria, a Itália. E resolveu levar consigo uma linda videirinha, pois não se lembrava de ter visto tal plantinha na sua terra Natal.

Como não tinha vaso para a transportar, utilizou o que tinha à mão: um osso de galo. Esvaziou-o e meteu dentro as raízes, com um pouco de terra.

Ora como se deslocara a pé, demorou tempo a fazer a viagem e a videira cresceu, não teve outro remédio senão mudá-la para um osso de leão, que encontrou pelo caminho. Mas como a planta continuava a crescer, o Dionísio deparou-se com um osso de burro e para lá mudou a planta.

Consta que daquela videira se fizeram muitas outras e por ter ela crescido em tão estranhos vasos, quem beber um pouco desse vinho fica alegre como o galo, quem bebe mais fica forte como o leão e quem muito abusa do vinho perde as ideias e fica estúpido como um burro.

Informante: Maria Domingas, 56 anos, natural de Armação de Pêra.

Recolha: em Armação de Pêra, Silves, Faro, em Novembro de 2005.

Coletor: Barbara Mariana Abreu Nabo

Classificação: Robe 825*A

228

DEUS E OS ANIMAIS

Foi Deus Nosso Senhor que chamou os bichinhos para lhes dar mais anos de vida.

E então, o cão vive pouco tempo e Deus Nosso Senhor chamou o cão.

E disse para o cão:

– Ouve lá, tu não queres mais uns anos de vida? Eu dou-te mais uns anos de vida.

O cão disse assim para Deus:

– Eu? Para quê? Ó depois andar aí a servir o homem... O homem prende-me aí ao pé dum bidon, nem água me põe, nem comer me dá, dias e dias preso com uma

corrente... Eu não! Depois leva-me à caça, mete-me dentro das balsas, arranho-me todo, chego à noite a coxear, nem água me dá... Não, não quero! Já chega!

Pronto. Depois chamou o burro. O burro também vive pouco tempo.

E disse para o burro:

– Então e tu? Não queres mais uns anos de vida?

O burro disse assim:

– Eu? Para quê? Para andar aí carregado, de dia e de noite a puxar a carroça, estrada abaixo, estrada acima, sem beber água, sem comer, meses, semanas seguidas... Não, não, chega!

Pronto, não quis.

Depois chamou o macaco:

– Então e tu? Não queres também mais um tempozito? Só vives dezoito, vinte anos...

O macaco diz assim:

– Eu? Para quê? Para andar nas matas, aos saltos, de ramo para ramo e nos circo a fazer palhaçadas para as pessoas se rirem? Não, chega, não quero!

Hã, não quis...

Depois chegou o homem, o bicho-homem também. Chamou o homem, e o homem, a julgar que era muito esperto, disse logo para Deus Nosso Senhor assim:

– Eu quero! Quero e quero os anos que aqueles não quiseram, os anos deles todos.

E Deus disse para o homem:

– Está bem! Ficas com os anos deles todos, mas olha que tens de fazer o trabalho deles todos também!

Os homens não perceberam e quiseram os anos todos. E então, acontece que o homem agora tem de fazer o trabalho deles os três. E é fácil.

O trabalho do cão é o homem até aos cinquenta, cinquenta e cinco, quarenta e cinco, quarenta anos. A partir daí, começa a ficar velho, nascem os filhos... Nasce o primeiro filho tem o homem quarenta anos ou trinta e tal... O homem começa:

– Olha, já nasceu um filho, já começo a estar mais velho.

Às tantas nasce outro, já o homem tem cinquenta anos, ou quarenta e tal:

– Olha, tenho outro filho...

Ah, em nada tem cinquenta e cinco, nasce um neto. Olha, o homem a ficar mais velho, cada vez mais velho. Ah, daí a nada o neto vai para a escola: já tem sessenta anos. E o homem já começa a ficar velho. Depois, o neto vai mais o avô à praça. Vai à praça, o avô vai com o neto na mão, e tal... Daí a nada, o neto começa a estar

grande, o avô está cada vez mais velho. O avô já tem sessenta e dois, ou sessenta e três ou sessenta e quatro e o neto já tem onze anos, ou doze. Começa assim:

– Ó avô, tens de me comprar aquilo!

O avô compra-lhe aquilo. Depois o neto vem-se para vir embora mais o avô, mas diz assim para o avô:

– Ó avô, segura lá isto que eu vou ali ainda dar mais esta volta, tenho que ir buscar aquilo que eu vi além.

O avô está ali a guardar aquilo do neto. Depois vêm-se embora: o neto à frente e o avô atrás. Fazer o trabalho do cão... Pronto, vai a guardar aquilo ao neto e vem atrás do neto... Já está a fazer o trabalho do cão!

Depois, o homem começa a ter sessenta e cinco, setenta anos, arranja um empregozito e começa a trabalhar sábados, domingos, feriados, dias santos. Sempre a trabalhar, não pára... Burro! Fazer o trabalho do burro... Quando foi novo não trabalhou aos sábados, nem nada. E agora, já depois de velho é que anda naquilo...

Depois, começa cada vez a estar mais velho, estar mais velho, começa... em casa dos filhos: hoje está em casa daquele, amanhã está em casa do outro, para o mês que vem vai para a casa do outro... Anda a saltar, como o macaco, de ramo para ramo...

Tem de fazer o trabalho dos três... E faz!

Pronto, acabou.

Informante: Germano, 65 anos, natural de Avis, Portalegre, motorista.

Recolha: em Alverca, Vila Franca de Xira, Lisboa, a 14/10/2007.

Coletor: Andreia Cabecinhas (faixa n.º 16)

Classificação: AT 828

229

OS TRÊS FILHOS: O BOM, O MAU E O RUIM

Eram três filhos, três jovens que um pai estava a criar. E o pai chegou a uma certa idade, viu que não podia trabalhar e pensou: “vou falar com os meus filhos”:

– Olhem, filhos, eu já não tenho idade para trabalhar nas terras. Vocês jovens, vão dividir as terras e vocês vão cultivá-las para vocês.

Os filhos aceitaram, em princípio aceitaram. Entretanto, vão semear a terra, o que é que acontece?

Vai o mais velho, vai semear um bocadinho que o pai lhe deu, vai, vai, o outro foi semear um bocadinho e achava que a terra estava um bocadinho bravia e já andava a resmungar. Vai o terceiro ainda resmungava mais. O que é que acontece?

No dia em que começaram a semear as terras, aparece um velhote que, segundo dizia a minha avó, era Deus que andava pela terra. Passou por um deles, o mais velho, e disse:

– Olá, boa tarde! Então, meu menino, o que é que anda fazendo?

Ele, com uma certa calma, respondeu:

– Ó meu velhote, pois tenho que fazer pela vida, ando aqui a semear um bocadinho de trigo que o meu pai me deixou, para ver se governo a vida.

– Olha, filho – disse o velhote – trigo semeies e trigo colhas.

E foi andando, andando.

Mais tarde, encontrou outro rapaz que andava assim um bocado resmungão, e o velhote disse-lhe:

– Bom dia meu menino, então o que é que anda fazendo?

Ele respondeu:

– Olha, ando a semear aqui um bocado de terra que o meu pai me deu. Ah! Ando aqui a semear ventos.

– Olha, meu filho, ventos semeies e tempestades colhas.

E lá foi o velhote andando, andando e encontrou o terceiro que ainda resmungava mais.

– O que é que anda fazendo, meu menino?

– Olha, ando semeando caralhinhos!

E o velhote:

– Ó meu menino, anda semeando isso? Então, caralhinhos semeies, caralhinhos colhas.

E o velhote foi andando, andando e ficaram os três resmungando com as sementeiras. Mais tarde, foram ver as sementeiras. O mais velho foi ver o que tinha semeado, viu um grande trigo, verde, que era uma maravilha e encantado da vida agradeceu a Deus o que tinha semeado. O do meio foi ver a sementeira e não tinha nada, o vento tinha-lhe levado tudo. Resmungou, resmungou, resmungou, mas não tinha sementeira. Vai o mais novo ver a sementeira:

– Oh, manos, venham ver!

Eram só cabecinhas encarnadas.

– Ó velho dum raio!
Estava amaldiçoando o velhote pela ideia que deu: “caralhinhos semeies, caralhinhos colhas.”

Informante: Jacinta, 50 Anos, natural de Aivados, Ourique. Tem o 5.º ano de escolaridade e é auxiliar de Acção Médica. Mora em Olhão.

Recolha: no Hospital Distrital de Faro, a 21-10-2005.

Coletor: Ângela Maria Soares Valadas (gravação n.º 4)

Classificação: ATU 830B

230

DEUS TAMBÉM ANDOU PEDINDO

Deus, antes de formar o mundo, andou por este mundo. Passou por o pé de uns lavradores aí em São Bartolomeu (que é mais perto da gente) e estavam uns homens lavrando. E Ele disse:

- Boa tarde, irmãos!
- Boa tarde.
- Então o que é que semeiam?
- Eu semeio cevada.
- Cevada a colham.

Mais para diante, quando chegaram à Altura, estavam outros.

- Boa tarde.
- Boa tarde.
- O que é que semeiam?
- Cevada.
- Cevada a colham!

Mais por diante.

- O que semeiam?
- Aveia.
- Aveia a colham!

Andando:

- Então, o que é que semeiam?
- Trigo.
- Trigo o colham!

Lá mais para diante, encontrou outros.
– Então irmãos, o que é que se semeia?
– Eu, semeio pedras!
– Pedras as colhas!

Aquelas searas de trigo, de cevada, aveia e tudo, aquilo era tudo lindo. Quando chegou o tempo da colheita, os outros: trigo, cevada, tudo... Aquele, o que tinha na terra era pedras. Pois era pedras que estava semeando, foi pedras que Deus lhe deu.

– Ah, olha lá isto! Isto foi milagre de Deus! – Diziam os outros.

– Olha lá, então aquele pobre que passou aqui era Deus, que eu disse que estava semeando pedras e ele disse que as colhesse!

Sim senhor, porque isto:

Em chegando a Primavera
Fica o campo florido
Primavera nos oferece
De papoilas um vestido.

São tão lindas e engraçadas
Que brilham pelos trigais
Primavera vai e volta logo
A mocidade já não volta mais.

Informante: Anália Maria, 92 anos. Natural de Monte Gordo, V.R.S.A., Faro, aposentada, analfabeta.

Recolha: em Castro Marim, Faro, a 13 de Dezembro de 2009.

Coletor: Dália Solá Faisca (faixa n.º 18 / 6'11)

Classificação: ATU 830B

231

SE DEUS QUISER

Um homem quis ir à lenha. Preparou o burro, preparou as cordas, o machado e disse à mulher:

– Amanhã vou à lenha.
 – Ó homem, se Deus quiser!
 – O que é que Deus tem a ver com o eu ir à lenha? Então tenho a corda, tenho o machado, vou à lenha...

Lá abalou no outro dia de manhã e foi à lenha. O burro, no caminho atravessou um penedo. O homem caiu, partiu uma perna. Começou aos gritos, chega lá um amigo ao pé dele:

– Então, o que é que se passa?

Diz ele:

– Ai, compadre, se Deus quiser! Vá dizer à minha mulher, se Deus quiser, que me venha buscar, se Deus quiser, que eu caí do burro, se Deus quiser, parti uma perna, se Deus quiser, que me venha acudir, se Deus quiser...

Informante: Adélia Gago Rosa, 73 anos, 4.º ano.

Recolha: em Nora de Apra, Loulé, Faro, a 16 de Outubro de 2008.

Coletor: Filipa Margarida Dias Lima Pinheiro (gravação G7 / 0'00)

Classificação: ATU 830C

232

LENDA DE MONTE DE TRIGO

Era uma vez um homem muito rico, chamado Ferrão, que era dono de muitas terras onde fazia grandes searas de trigo. Um ano, depois da ceifa e do trigo já estar debulhado, o Ferrão levou a mulher a ver a enorme quantidade de trigo que tinham colhido nesse ano. Já à tardinha, foram até uma zona da aldeia onde se avistava um enorme monte de trigo, que mais parecia um outeiro. Então, o Ferrão disse para a mulher:

– Isabel, já viste a quantidade de trigo que nós temos? Somos tão ricos que, mesmo que Deus quisesse, não podíamos deixar de ser ricos até morrermos.

O Ferrão e a mulher voltaram para casa e no outro dia de manhã, todo o trigo que tinha sido colhido estava transformado em pedra.

O Ferrão e a família ficaram tão pobres que tiveram que ir pedir esmola. O Ferrão estendia a mão e dizia às pessoas:

– Uma esmola para o Ferrão, que sobrou-lhe a vida e faltou-lhe o pão.

A terra do Ferrão passou a ser chamada Monte de Trigo. Ainda hoje existe um cabeço que é chamado outeiro e há pessoas que lá andaram à ceifa e se lembram de encontrar pedrinhas com o feitio de bagos de trigo.

Informante: Maria Luísa Batuca Covas Lúcio, de 48 anos, natural de Vidigueira, Beja, licenciada em línguas e literatura moderna na variante de Inglês/ Alemão.

Recolha: na Vidigueira, Beja, a 3 de Junho 2006.

Coletor: Margarida Tasquinha

Classificação: ATU 836

233

O PEDRO CEM

Este Pedro Cem tinha dois nomes: começa por ser o Pedro Cem com um “C”, portanto, de uma centena. E, então, conta a história de um comerciante que era muito rico e que parece que tinha cem naus, que tinha que gerir os negócios dele. E para isso, para ele controlar melhor os negócios, a entrada e a saída das naus na foz do rio Douro, construiu uma casa ali perto do Palácio de Cristal, que ainda existe, uma torre medieval quadrada, com um tecto onde ele via a entrada do rio. E tornou-se muito arrogante, por ser muito rico.

Um dia, abateu-se uma grande tempestade sobre a cidade do Porto e ele veio ao topo da torre ver como estavam os navios. E então, diz a história que os navios foram afundando, um de cada vez, e ele ficou na total miséria. E então, depois passou a mendigar e passou, mudou de nome e chamava-se Pedro Sem com um “S”.

E então, diz a história que ele andava a pedir de casa em casa e dizia:

– Dai ao pobre Sem que antes tinha e agora não tem!

Informante: José Manuel de Jesus Cerqueira, 44 anos, natural de Cedofeita, Porto, professor, licenciatura.

Recolha: na freguesia da Vitória, Porto, a 24 de Dezembro de 2009.

Coletor: Ana Rita Moura Simões

Classificação: ATU 836

234

O PÃO ENVENENADO

Uma mulher era muito má, e tinha uma vizinha que ela tinha muita inveja, ela tinha inveja daquela vizinha. E nessa altura havia algumas pessoas, muitas até, que tinham o seu próprio forno, faziam o pão, pão com chouriço e faziam pupias. E essa pessoa que era má tinha esse forno e a pessoa que ela invejava não tinha forno. Ela, como era muito má, muito invejosa, o que pensou fazer? “Vou fazer uns pães com chouriço para a minha vizinha e ponho-lhe veneno aqui num pão”, com a ideia de a matar.

E assim fez, amassou o pão, pôs o chouriço e num deles pôs o veneno. Depois de o pão estar cozido, as pessoas naquele tempo costumavam pôr as coisas à janela para arrefecer. Enquanto aquilo arrefecia, essa mulher muito má saiu, foi fazer outras coisas que ela tinha a fazer. Entretanto chega o filho dela. Vê os panitos acabados de sair do forno, ainda quentinhos, foi à janela e tirou um. Qual é o que ele vai tirar? Mesmo aquele que tinha o veneno, pois ele não sabia, claro.

Quando a mulher chega a casa, vê o filho deitado no chão ao pé da janela e vê o pão mordiscado. Apercebeu-se logo que o filho tinha comido o pão com chouriço que era para a vizinha. Então ela chegou à conclusão que aquilo tinha sido um castigo. O mal que ela queria fazer à vizinha tinha vindo para ela.

Informante: Ângela Maria Soares Valadas, 21 anos, natural de Vila Nova de S. Bento, estudante do Curso de Ciências da Educação e da Formação.

Recolha: em Vila Nova S. Bento, Serpa, Beja, a 16-12-2005.

Coletor: Ângela Valadas (faixa n.º 13)

Classificação: ATU 837

235

“QUEM MAL FAZ PARA SI O FAZ, QUEM BEM FAZ PARA SI O FAZ”

(Isto aconteceu nos montes da Bica Nova, no concelho de Alvalade.)

Aquilo era uma casa de muita gente. Tinha a patroa, tinha muitos filhos e tinha uma grande vida. E tinha sempre lá gente a ajudar.

E havia uma senhora que ia lá amassar. Ia para a aldeia – vivia na aldeia – e ia todas as semanas amassar e fazia bolos da massa do pão. E a patroa todas as semanas lhe dava um bolo para ela levar para a filha. E a filha gostava muito dos bolos, coitada. E tinham sempre faltas, ficava muito contente.

Aconteceu um dia que a patroa estava doente e a filha dela lembrou-se – a filha não era boa, aborrecia-se e não gostava de a mãe dar todas as semanas o bolo aquela senhora que ia lá amassar – [E pensou] “Deixa estar que ela há-de deixar de levar o bolo, hei-de meter aqui uma coisa no bolo que ela há-de lhe dar uma grande dor de barriga, que ela não quer saber de mais bolos. Já não leva daqui mais bolos”.

E acontece que eu não sei o que é que ela pôs no bolo, que a senhora lá foi com o bolo. E quem é que ela havia de encontrar no caminho? O filho, o irmão dessa rapariga que tinha feito essa maldade.

E ele:

– Ai, ai, estou desejando de chegar ao monte. Sabe que hoje não almocei? Tenho uma fraqueza tão grande.

Diz ela assim:

– Ó menino, se quiser, eu tenho aqui o bolo que todas as semanas trago lá da sua casa. Ainda ninguém lhe tocou, está aqui enrolado no guardanapo tal e qual como a sua irmã me deu. Coma o bolo.

– Ai, o bolo não o quero todo, que eu não vou comer o bolo todo. Isto é só para matar a fome até chegar a casa.

Tirou um bocadinho do bolo e comeu. Tirou um bocadinho, não tirou assim muito, e ela levou o resto.

Oh, quando chegou ao monte, sentia-se tão mal tão mal, era só vomitar e diarreia.

[E a irmã]:

– O que é que foi, o que é que foi?

– O que eu comi foi o bocadinho do bolo que tu deste à senhora que cá vem amassar, a senhora Maria.

E ela começou a gritar:

– Ai, ai, ai, ai, ai! Desculpa lá, que eu pus uma coisa no bolo. Pus-lhe uma coisa no bolo para ela já não voltar. Pensei que ela assim já não queria voltar mais e que não havia de levar mais bolos daqui. Ai, ai, fui eu a culpada de tu estares tão mal.

Lá chamaram o médico e para lhe lavarem o estômago, lá foi para o hospital.

O que é certo, é que ele não morreu, porque era um bocadinho pequeno. E depois, ficou toda a gente a saber na aldeia. E então diziam:

– Quem mal faz para si o faz, quem bem faz para si o faz.

Informante: Joaquina Dias, 65 anos, natural de Beja, reformada.

Recolha: em Santa Luzia, Ourique, Beja, a 12 de Outubro de 2008.

Coletor: Ana Rita Mamede Ribeirinho (gravação 1 / faixa n.º 9)

Classificação: ATU 837

236

[AQUI PICO, NESTA PEDRA, PICO]

Antigamente andavam os pobres pedindo pelos montes e havia um pobre que pernoitava na casa dessa senhora que eram os lavradores. E então a cama que ela deu para o pedinte era junto ao forno, num alpendre, (antigamente havia os fornos de cozer pão ou lenha e tinham uns poiais). E ela dizia ao pobre para se deitar lá num desses poiais. E o pobre picava, às vezes não tinha sono e pegava numa pedrinha, batia nas pedras do poial e dizia:

– Aqui pico, nesta pedra, pico. Quem bem faz para ti o faz e quem mal faz para ti o faz.

Aquilo repetidas vezes, muito tempo.

A mulher saturou-se dele. Saturou-se dele e um dia pensou que ele haveria de desaparecer de lá. E ela nesse dia cozeu o pão e fez umas costas. Que ela tinha filhos e fazia costas para os filhos levarem para as ceifas, para o campo. E então o que é que ela faz? Fez uma de propósito para o pedinte e acho que lhe pôs veneno de ratos. Mas o pedinte não queria aceitar. Não queria aceitar, mas ela tanto insistiu que ele aceitou. Ele aceitou e despediu-se e foi-se embora, porque ele andava uns tantos quilómetros e depois, onde ia ficar, no monte a seguir, pernoitava lá.

la pelo caminho e encontrou o filho dessa senhora, que tinha ido à caça:

– Então já se vai embora?

– Vou, que ainda tenho que chegar a tal parte, lá a um monte qualquer.

E ele disse:

– Eu vou também embora, porque tenho que ir almoçar e estou cheio de fome.

E o pedinte disse-lhe assim:

– Olhe, tome lá esta costa. Não tenha nojo que foi a sua mãe que mo deu. Ainda esta tal-e-qual como ela mo deu.

– Não! Então ela deu-lhe a si e agora você está-me a dar a mim?

E ele disse:

– Porque eu tenho mais, tenho comida até chegar ao meu destino. E não tenha nojo, coma, que foi a sua mãe que fez.

Ele tanto insistiu que o rapaz aceitou. Aceitou e foi comendo pelo caminho.

Quando chegou a casa já ia com dores de estomago. E a mãe perguntou-lhe o que é que ele tinha comido:

E ele disse-lhe:

– Comi a costa que você fez para o fulano.

E aí ela arrependeu-se amargamente de ter feito mal ao pedinte. Arrependeu-se porque, afinal, ela ia matando o filho. E então, valeu-lhe o curandeiro estar próximo. Fizeram logo uma lavagem ao estômago e ia tendo trágicas consequências derivado à ruindade dela. Está a ver?

Informante: Ana Maria, natural de Monchique.

Recolha: Vila do Bispo, Faro, em 2009

Coletor: Carina Boto (gravação / 7'12)

Classificação: ATU 837

237

PROIBIÇÃO DE BEBER VINHO

Um dia, apareceu o diabo a um muçulmano. E o diabo disse-lhe:

– Tu tens que fazer uma destas três coisas!

E ele perguntou:

– O que é que eu tenho que fazer?

– Ou bebes vinho, ou maltratas a tua mãe, ou matas as tuas irmãs.

Ele pensou e disse... Pensou, pensou e pensou o seguinte: “Beber vinho é contra a religião. Mas também, se beber vinho, passa... Maltratar a minha mãe: impossível! A minha mãe, foi ela que me deu à luz, isso é impossível. Maltratar as irmãs, também não vou fazer. Portanto, vou beber vinho”.

E ele bebeu vinho e o que é que aconteceu? Bebeu vinho, maltratou a mãe e matou as irmãs.

Informante: José Alexandre Pires, 81 anos, natural de Portimão, Faro, ligado às pescas, estudados na escola Piaget de Casablanca, Marrocos.

Recolha: em Vila Real de Santo António, Faro, a 23 de Dezembro de 2008.

Coletor: Milene Isabel Guerreiro Mendonça (clip 3 / 3'17)

Classificação: ATU 839

Nota: o informante aprendeu a história em Marrocos.

238

[A CARTA PARA DEUS]

[Era] um jovem de oito anos, que queria ganhar cem euros. E então, o que é que ele pensou? Rezar durante duas semanas a Deus, pedindo que lhe desse os cem euros. Como efectivamente nada aconteceu, resolveu então escrever uma carta ao Todo-Poderoso a pedir os cem euros.

Os correios, quando viram a carta endereçada a Deus – Portugal, resolveram entregá-la ao Ministro das Finanças. O ministro recebeu a carta no seu gabinete, abriu e ficou muito comovido com o teor da carta e não fez mais do que enviar dinheiro ao menino. Mas, em vez de enviar os cem euros, enviou uma nota de dez euros, porque enfim, cem euros para uma criança de oito anos, era muito dinheiro.

O putinho recebe a carta, abre, e tem os dez euros dentro da carta. E então, imediatamente escreve uma carta a Deus Todo-Poderoso, dizendo:

– Querido Deus, muito obrigado por me mandar o dinheiro que eu pedi. Contudo, não sei qual foi a razão que o senhor Deus mandou através do Ministério das Finanças. Como sempre, aqueles filhos da puta ficaram com noventa por cento do que era meu. Atenciosamente.

Informante: João Sopa, 57 anos, agente de viagens.

Recolha: Faro, em 2007.

Coletor: Andreia Sopa (gravação n.º 3 / 1'39)

Classificação: Jason 841*A

239

O REI INFELIZ

Era uma vez um rei de um reino muito longínquo. E então esteve muito doente. Estava muito doente, muito doente e os sábios diziam que ele não se curava. Que só se curava se vestisse uma camisa de um homem muito feliz. E então, ele andou, correu o reino, correu, correu, correu e não encontrava ninguém feliz.

Chegou um dia a um carvoeiro. No meio do mato estava o carvoeiro. E ele asso- biando e a mulher cantando... E muito filhos...

E então disse assim:

– Tu és feliz, meu carvoeiro?

E ele disse assim:

– Ó meu Real Majestade, sim senhor, muito feliz! E o canto da minha mulher é o canto do rouxinol mais belo que há no mundo. Os meus filhos são os filhos melhores que eu possuí.

E diz o rei, assim, para ele:

– Então és tu o homem que eu ando à procura.

Diz ele assim:

– Então diga lá meu Real Majestade (fazendo a sua vénia ao rei) diga lá. O que eu puder fazer ao meu Real Majestade, eu faço tudo.

– Eu só quero uma coisa: que me dê a tua camisa para eu vestir.

E o carvoeiro olhou e disse assim:

– Facilmente, meu Real Majestade.

E vai para despir a camisa e não tinha uma camisa, eram só camisolas. E fez:

– Aaaa! Meu Real Majestade, eu não tenho camisa, só tenho camisola!

Informante: Amélia Amores Maria, 69 anos, reformada, 1.ª classe.

Recolha: na Patã de Baixo, Albufeira, Faro, a 6 de Janeiro de 2008.

Coletor: Andreia Pacheco e Rita Martins (faixa 21 / 0'37)

Classificação: ATU 844



Contos realistas (novelescos)

240

O ESPERTO E O PARVO

Era uma vez dois irmãos. Um era esperto e o outro era parvo. E havia lá a filha do Rei que queria casar. Convidou o pessoal e tinha lá umas perguntas para fazer, que quem acertasse essas perguntas é que casava com ela. O esperto pensou logo em ir e o outro disse logo:

- Mano, eu também vou!
- O que é que vens cá a fazer? Não vens cá fazer nada!
- Eu também vou!

E lá foi atrás do irmão.

Jam andando e o parvo encontrou um ovo:

- Mano, um ovo. O que lhe faço?
- Trá-lo!

Mais à frente encontrou uma vaca. A vaca cagou uma larada. O parvo passa e diz:

- Mano, uma larada de vaca! O que lhe faço?
- Trá-la!

O parvo levava um chapéu. Tirou-o e encheu-o com a larada.

Mais à frente encontrou um corno e diz:

- Mano, um corno! O que lhe faço?
- Trá-lo!

Chegaram à casa da Rainha, havia lá muitos gajos, bem preparados, bem arreados e aparece a princesa também muito bem preparada, com as perguntas dela para ver quem iria casar com ela. Ela chegou, deu ali duas voltas, passeando, e disse assim:

– Tenho o cu ardendo!

Ficou tudo calado até que o parvo disse:

– Então assa-me lá este ovo!

E a princesa responde:

– E com que o mexo?

Diz-lhe o parvo:

– Com este corno!

E os outros todos sempre calados. Diz-lhe ela:

– Ora, não vá você à merda!

– Também tenho aqui uma chapelada!

E assim casou o parvalhão com a filha do Rei.

Informante: Marcelino Leandro Botelho, 70 anos, natural da Amareleja, Moura, Beja, cabeleireiro, 4.ª classe.

Recolha: em Amareleja, Moura, Beja, a 22 de Dezembro de 2005.

Coletor: Nídia Bretoldo (faixa n.º 5)

Classificação: ATU 853

241

HISTÓRIA DO HOMEM PODEROSO E DO MALUCO

Em tal dia, vai um senhor que tem que ir pessoas a responder ao que ele diz e esse que souber responder, casa com a filha.

Foram muitos homens e eram pessoas instruídas, que naquele tempo não eram muitas mas foram, e foi também um parvo. Mas o parvo foi dado que não era parvo.

Ele ia por um caminho e tudo o que ele via, apanhava. Ele ia andando e levava um pauzinho na mão e ia andando e viu um ovo. Apanhou o ovo e meteu na algibeira e depois, mais adiante, viu lá uma porção de porcaria, apanhou, encheu o chapéu e lá ia com o chapéu com o pauzinho e com o ovo. E depois lá esteve a ouvir.

Veio esse senhor que tinha a filha e disse:

– Tenho fogo!

Ora, ninguém teve resposta para aquilo. Quando o parvo diz assim:

– Assa-me aqui este ovinho!

Tirou o ovo da algibeira e depois o homem pensou noutra coisa para dizer, e disse:

– Com que mexo?

O parvo tinha o pauzinho e disse:

– Com este pauzinho.

E depois, o homem já estava chateado e disse:

– Ora trampa, trampa, trampa!

E o parvo disse:

– Tenho aqui um chapéu cheio! //

Ora, o parvo é que dava as respostas todas. O homem não queria casar a filha com o parvo e depois ainda arranjou outra. Pediu que arranjassem uma coisa “ai” e não “ai”.

O que é que o homem fez? Num bolso pôs um pedaço de pita e no outro não tinha nada.

Vai o parvo outra vez, abriu o bolso do casaco, meteu a mão e disse:

– Aqui não “ai”, não “ai”.

Meteu no outro, estavam lá os espinhos e disse:

– Aiii! Então neste “ai”!

Engasgado com aquilo, o homem teve que casar a filha com o parvo!

Informante: Maria Pires Mendonça, 76 anos, natural de Almancil, Loulé, Faro, costureira, 2.º ano do liceu.

Recolha: em Almancil, Loulé, Faro, em 2006.

Coletor: Cátia Alexandra Camões Zeverino e Cláudia Alexandra Lampreia Ambrósio

Classificação: ATU 853 + ATU 860

242

[OS TRÊS IRMÃOS E A PRINCESA]

Eram três irmãos; um era assim meio atrasado. E aparece um anúncio no jornal duma princesa que havia num palácio e quem fosse capaz de fazer rir a princesa casava com ela.

Ora os irmãos, como eram dois gajos bons, arriaram dois cavalos.
 – Vocês vão, eu vou também!
 – O que é que tu vais lá fazer?
 – Vou, vou a cavalo no meu burro.
 Ora eles abalaram com os cavalos, ele ia atrás com o burrinho.
 Lá no caminho achou uma varinha caída na estrada:
 – Eh pá! Anda cá, achei aqui a minha fortuna...
 Dizem os outros:
 – Vamos lá ver o que é que ele quer. Apanhou uma varinha. Ora por isto é que...
 – Sim, eu levo-a comigo.
 Lá eles abalaram outra vez. Ele vai e vê um ovo no chão. Começa a gritar:
 – Anda cá, achei aqui a minha fortuna!
 Mais uma invenção das dele. Voltaram... Ele com um ovo.
 – Ó parvo!
 – Sim isto é a minha fortuna!
 Levou o ovo. Lá quando viu que os irmãos iam já muito avançados, achou uma poia de porqueira. Pôs o chapéu em cima e deu em gritar:
 – Agora é que eu achei a minha fortuna!
 – O que será que ele quer?
 Voltaram-se: o chapéu cheio de porqueira... Dizem eles:
 – Ó parvo vai-te para...
 Bom, lá chegaram. Vinha a rainha, a princesa, gritando:
 – Levo fogo no rabo!
 Um respondia uma coisa o outro respondia outra: nada. Passa por o pé dele, diz ela assim:
 – Levo fogo no rabo!
 – Asse-me este ovinho.
 – Ora com que o mexo?
 – Tome lá este pauzinho.
 – Ora merda!
 – Tome lá um chapéu cheio. (risos)

Informante: José Avelino Nunes, 76 anos, natural de Pocinho, Vila Nova de Cacela, VRSA, Faro

Recolha: em Vila Nova de Cacela, V.R.S.A., Faro, a 5 de Novembro de 2006.

Coletor: Margarida Nunes Rosa (faixa n.º 17)

Classificação: ATU 853

[OS TRÊS PRETENDENTES E A PRINCESA]

Eram três moços, três filhos de um casal. E havia um que era parvo. E então, havia uma moça, uma princesa, e então o rei queria casar a filha com um homem que soubesse... Aquele que chegasse lá e tivesse a resposta, que dissesse à princesa. Bem, e então, os dois moços aperaltaram-se todos e foram nos seus cavalos, que naquela altura não haviam carros... E lá vão eles...

E o moço, o parvo, diz:

– Eu também quero ir.

E diz os outros:

– Tu? Então tu queres ir para lá? Tu não, pá. Tu és parvo!

– Ahhhh, eu também quero ir.

Também quer ir, e foi. Os outros foram de cavalo e ele foi a pé. Pôs o chapéu dele na cabeça e lá vai ele.

O que é que encontrou? Encontrou um pau. Encontrou um pau e começou a gritar para os irmãos:

– Olha lá o que eu achei! Olha lá o que eu achei! Olha lá o que eu achei!

Os irmãos voltaram para trás: era um pau. Os irmãos deram-lhe com o pau na cabeça.

– Ai, tu não queres? Tu não queres? Aproveito eu! – Dizia ele.

Lá levou o pau.

Mais à frente, encontrou um monte de caca. E então, o que é que ele diz:

– Olha lá o que eu achei. Olha lá o que eu achei. Olha lá o que eu achei.

Os outros voltaram para trás:

– O que é que tu achaste?

– Então não vê? Está aqui este monte aqui que eu achei.

Diz assim:

– Olha o parvo. Que raio de parvo este...

– Ai tu não queres? Tu não queres, aproveito eu. – Dizia o parvo.

E o parvo tirou o chapéu e meteu a caca dentro do chapéu.

Andou mais um bocado, o que é que ele encontra? Um ovo. Encontra um ovo.

Começa outra vez a gritar pelos irmãos:

– Olha lá o que eu achei?

Os pobres já iam adiante, nos cavalos, voltaram para trás outra vez. Chegaram, era um ovo. Disse assim:

– Então isto é que tu achaste?

– Pois, não queres?

– Não.

– Então tu não queres, aproveito eu. – Dizia o parvo.

E lá vai ele... E quando ele chegou, coitado, – os outros nunca mais ligaram ao parvo – quando ele chegou, já os outros tinham entrado pró recinto. Já tinha muita gente, muito pretendente lá, música e essa coisa toda. E estava a princesa e estava um fogo, um lume. E então a princesa estava dizendo:

– No fogo, rabo leve! No fogo, rabo leve!

E então entra o parvo. Entra o parvo e diz assim:

– Eu tenho aqui um ovinho! Eu tenho aqui um ovinho! Eu tenho aqui um ovinho!

E a moça respondeu, a princesa:

– Eu não tenho com que remexa! Eu não tenho com que remexa! Eu não tenho com que remexa!

E o parvo disse-lhe:

– Eu tenho aqui um pauzinho! Eu tenho aqui um pauzinho! Eu tenho aqui um pauzinho!

E a princesa disse:

– Ora merda, merda, merda!

E ele disse:

– Tenho aqui um chapéu cheio! Tenho aqui um chapéu cheio!

E apesar de ele ser parvo, não teve outro remédio senão... O Rei teve de casar a moça com o parvo. Só que o parvo teve pouca sorte, porque depois o Rei viu que ele era parvalhão e então deu fim ao pobre do parvo, não sei o que lhe aconteceu... Meteu-o para lá numa caldeira quente, numa coisa...

E então acaba o conto assim. Os parvos às vezes sabem mais que os espertos. (risos)

Informante: Gregória Cristóvão, 64 anos, natural de Olhão, Faro.

Recolha: em Olhão, Faro, a 29 de Novembro de 2007.

Coletor: Milene Guerreiro (Gravação 16 / 08'53)

Classificação: ATU 853

[OS DOIS IRMÃOS]

Era uma vez dois irmãos. Mas um era um pouco atrasado. E então um irmão...

Havia um rei nessa terra que pôs um anúncio, que tinha uma filha para casar. E ia dizer que ia fazer três perguntas. E quem acertasse casava com a filha.

Então um irmão disse assim:

– Vou experimentar, casar com a filha de um rei... que é isso!

E o outro, o que não era muito certo, disse assim:

– Ai, eu quero ir contigo.

– Ai, tu não! Tu não vais comigo! Tu? Que jeito? Nem penses nisso!

– Ai, deixa-me ir contigo!

– Não senhor! Eu vou sozinho! Tu não podes ir e tal...

De maneira que o irmão despachou-se para ir. E ele, sem o irmão ver, despachou-se. E quando deu por ele, olhou para trás e viu que ele já ia muito avançado e ia atrás dele.

E diz assim:

– Vai-te embora, que tu não podes vir onde eu vou!

– Não! Eu vou atrás de ti! Eu vou! Eu vou!

Mas o irmão tanto lhe disse para se ir embora – mas que ele não foi – teve que lhe deixar também ir. E então ia andando – o irmão já ia um bocado à frente – pôs-se ele assim:

– Ó mano! Anda cá mano, que estamos ricos! Eu achei uma coisa! Anda cá!

E o irmão disse assim:

– Mas o que seria que aquele gajo achou? Vou voltar para ver o que é...

E então voltou e diz assim... chegou ao pé, e viu que era um ovo, e diz assim:

– Ó bandido, então tu fazes-me voltar – que eu já ia tão longe – por causa de um ovo?

Ainda lhe deu um tortegão [puxão de orelha] e foi andando à mesma. O irmão avançou o passo, pôs-se ele assim – já ia muito longe – pôs-se assim:

– Ó mano, agora é que tu tens que voltar para veres o que eu achei! Agora é que tu vais ficar pasmado! Tu nem sabes o que eu achei!

Diz ele assim:

– Opa, tão se eu lhe bati e tudo e o gajo está-me a mandar vir para trás, eu se calhar vou ver o que é! Que remédio tenho eu, senão voltar...

Chegou ao pé, era um cajado. Diz ele assim:
 – Olha! Este cajado servia era para eu te bater! Então fazes-me voltar por causa de uma porcaria de um cajado?
 Foi-se embora outra vez. Ia já muito longe, quando diz ele assim:
 – Ai, agora então é que tu tens que vir! Agora então é que tu tens que vir que eu achei uma coisa que tu nem fazes ideia!
 Tanto disse ao irmão, tanto chateou, que o irmão disse:
 – Eu tenho que voltar. Então vamos lá ver o que é agora... Mas é a última vez, já não volto lá mais!
 Chegou, era uma poita, uma poita de cocó de vaca! E diz ele assim:
 – Olha, agora é que tu vais levar umas chapadas que tu vais saber, que te vais haver comigo!
 E então ainda lhe deu uns safanões... E ele disse:
 – Tu não queres? Eu guardo!
 Apanhou a porcaria da vaca num guardanapo, atafulhou... Depois pôs dentro de um lenço, atafulhou e pôs dentro da algibeira. E depois, foi a fugir para ver se apanhava o irmão. Viu o irmão entrar naquele palácio e ele foi atrás. O irmão, todo envergonhado, a ver se ele não o descobria, para não se ir pôr ao pé dele...
 E então começou a sessão e o rei disse assim:
 – Vou começar a fazer as perguntas e quem acertar nas perguntas casará com a minha filha.
 Bom, começou assim o rei:
 – A primeira pergunta é: Levo fogo no rabo.
 Tudo calado, ninguém sabia responder... O parvo disse para o irmão (fez sinal ao irmão) que ia responder. E o irmão disse:
 – Deixa-te estar calado!
 Mas ele disse assim, quando o rei disse outra vez:
 – Levo fogo no rabo.
 E ele respondeu:
 – Asse-me este ovinho!
 E o rei ficou assim muito pasmado:
 – Como é que eu vou virá-lo?
 – Com o meu cajadinho.
 Mostrou o cajado que também tinha encontrado.
 – Ora, ora, vá a merda!
 – Aqui tenho um lenço dela!

O irmão depois veio a fugir do pé dele:
 – Pronto, ganhaste a rainha! Sai daqui deste lugar, deixa-me ficar a mim. Faz de conta que fui eu que respondi.
 – Não! Então batestes-me e tudo e agora querias ficar no meu lugar?
 E não deixou. E ele é que ganhou a rainha! (risos)

Informante: Antónia Rita, 73 anos, natural de Monte Gordo, Vila Real de Santo António, Faro, reformada, 9.º ano.

Recolha: em Portimão, Faro, a 14/10/07.

Coletor: Tiago Santos (faixa n.º 13)

Classificação: ATU 853

245

“NÃO SENHOR!”

Era um pai que tinha uma filha e o homem adorava a filha. E depois, com medo que acontecesse alguma coisa à filha, dizia:
 – Oh, filha! Se aparecer aqui alguém diz sempre “não senhor!”
 – Está bem pai, fique descansado que eu digo.
 – Mas não te esqueças, diz sempre “não senhor!”
 – Está bem, eu digo.
 Bom, passou lá um rapaz a cavalo de um cavalo, um cavaleiro:
 – Bom dia, menina!
 – Não senhor! (risos)
 – E se eu disser “bom dia” a menina zanga-se?
 – Não senhor! (risos)
 – Dá licença que eu desça do meu cavalo?
 – Não senhor!
 – E se eu descer a menina zanga-se?
 – Não senhor! (risos)
 – Dá licença que eu entre em casa?
 – Não senhor!
 – E se eu entrar a menina zanga-se?
 – Não senhor!

- Então e dá licença que eu lhe dê um beijo?
 - Não senhor!
 - E se eu der a menina zanga-se?
 - Não senhor!
- E mais não digo. (risos)

Informante: Adélia Gago Rosa, 73 anos, 4.º ano.

Recolha: em Nora de Apra, Loulé, Faro, a 16 de Outubro de 2008.

Coletor: Filipa Margarida Dias Lima Pinheiro (gravação G7 / 3'00)

Classificação: ATU 853A

246

[O CABREIRO E A PRINCESA]

Era uma vez um rei que esteve criando um piolho. E depois disse assim:

– Agora vou criar este piolho.

Criou o piolho, e depois da pele do piolho fez um cachecol para a filha. E disse assim:

– Quem souber de que é feito o cachecol da minha filha, casa com ela.

E pôs aquilo no jornal. Quem é que havia de ir ler o jornal? Um cabreiro, um que andava com as cabras. E pensou assim: “Vou lá ver se eu sei o que é aquilo, para eu casar com a moça”. E abalou.

Abalou, andava um arrasando montanhas, arrancando o mato todo. Diz ele:

– Ó homem, o que é que você anda fazendo?

– Eu ando a ver se arraso estas montanhas.

– Ande daí homem! Saiu agora uma adivinhação do rei, que quem soubesse do que era o cachecol da filha do rei, casava com ela. E a gente vamos...

– Então vamos embora!

E abalaram. Foram andando, chegaram lá mais à frente, estava um bebendo água numa ribeira.

– Então, mas o que é que você está aí a fazer?

– Pois estou a ver se seco esta ribeira.

– Ó homem, deixe isso e ande daí. Vamos à adivinhação do rei.

E lá abalaram todos três. Chegaram lá mais à frente, estava um escutando as ervas nascerem dez metros debaixo do chão.

– Mas então o que é que você está a fazer aí?

– Pois estou escutando as ervas nascerem dez metros debaixo do chão.

– Ó homem, deixe isso! Ande daí. Vamos à adivinhação do rei.

Depois o Arrasa Montanhas e o Seca Ribeiras iam na frente, e o cabreiro ia com aquele que escutava as ervas, atrás. Diz aquele que escutava as ervas nascerem:

– Oh, eu já sei o que é aquilo: aquilo é a pele de um piolho. – Disse ele ao cabreiro.

Oh, o cabreiro foi lá e disse logo:

– Isto é a pele de um piolho!

E como a palavra de rei não volta atrás – o rei tinha dito que quem soubesse de que era o cachecol casava com a filha – casou a filha com o cabreiro.

Ora o pai estava muito chateado, que a filha ia casar com um cabreiro. Mandou-a além para um castelo velho que ele tinha para lá, mais o cabreiro.

E foi tudo para lá. Mas ele mandava-lhe para lá vacas inteiras, mandava-lhe baris de vinho. O Seca Ribeiras bebia um tonel de vinho de cada vez, o Arrasa Montanhas comia as vacas todas, até os cornos engolia... Ele não dava conta deles.

Não dava conta deles, meteu-lhes uma guerra. Vai de lá o Arrasa Montanhas, como tinha engolido os cornos das vacas, volta-lhe o cu, cada corno que saltava, matava três e quatro... E o Seca Ribeiras volta-lhe o rabo também, começa a largar vinho...

Foi em menos de nada que acabaram com a guerra.

Informante: Maria de Jesus, 55 anos, natural de Freixo Seco de Cima, Loulé, Faro, 4.ª classe, cozinheira.

Recolha: em Freixo Seco de Cima, Loulé, Faro, a 14-11-2005.

Coletor: Carina Isabel Martins Anastácio (cassete n.º 4 / Face A)

Classificação: ATU 857 + ATU 513A

247

“AIS” E “UIS”

Era um casal que tinha um grande monte, lavradores. E ela, olhou para o marido e disse:

– Tenho falta de um rapaz para me fazer os mandados.

– Eu vou mandar o feitor à cidade à procura de um rapaz.

O feitor foi à cidade, procurou um rapaz. O rapaz chamava-se Pedro.

Disse:

– Olha, já sabes, é para tu ires fazer os mandados à cidade e para fazeres os mandados aqui no monte.

– Está bem.

No outro dia de manhã, disse:

– Olha, toma lá cinco tostões e toma lá um cestinho e vai à cidade e compra-me cinco tostões de “uis” e cinco tostões de “ais”.

E o rapaz foi, correu a cidade de ponta-a-ponta e não achou. Não achou nem os ais, nem os uis.

– Bom, vou-me embora, vou dizer à patroa que não acho.

Bom, ia no caminho quando saiu da cidade, ia no caminho e doeu-lhe a bar-riga. E deu um pulo e foi para dentro de uma cerca, lá a fazer o que tinha que fazer, que era os deveres... E baixa as calças abaixo e estava uma data de urtigões. Picou-se num urtigão e disse:

– Ui!

Quando ele disse:

– Olha, já sei o que hei-de levar à minha patroa!

Pôs uma data de urtigões no fundo do cesto e meteu o “presente”, que era o cagalhão, meteu e foi meter os urtigões em cima. E ficou com os cinco tostões.

E vai, chega lá ao pé da patroa, e disse:

– Olhe, aqui está o que você me mandou fazer.

Foi-lhe mexer, diz ela assim:

– Ui, ui!

– Olhe, vá para baixo que estão os “ais”.

Informante: Cristina Rosa Mestre, 48 anos, natural de Mértola, Beja.

Recolha: em Corte-Sines, Mértola, Beja, a 26 de Dezembro de 2008.

Coletor: Andreia Fragoso e Sandra Mestre (gravação /3:59'43)

Classificação: ATU 860

248

O REI

Era um rei, que cada vez que casava, ao fim das rainhas terem um filho, mandava-as matar. E ninguém sabia porquê. E então, um dia, calhou à filha do barbeiro, onde namorava um rapaz que era barbeiro.

Mais tarde, pouco mais ou menos na mesma altura, mandou chamar aquele barbeiro. E então, a rapariga pensou – casou com o rei, claro – pensou em salvar o rapaz e o rapaz salvá-la a ela. E quando foi o barbeiro, antes de fazer a barba, combinado com ela, o que é que havia de ser para fazerem as perguntas ao rei. Ele fazia as perguntas sobre ela e ela fazia as perguntas sobre o barbeiro. E então, o rapaz começou na beira do lago, porque em todos os palácios havia aqueles lagos. E então, começou a jogar pedras para dentro de água e a água abria. Fazia um buraco e às vezes ia buscar uma pedra maior, quase que não podia com ela, jogava e fazia um grande buracão. E depois da pedra ir ao fundo, fecha a água, a água não aguenta com a pedra. E o rei perguntou:

– Que estás tu fazendo, jogando pedras para dentro do lago?

E diz ele assim:

– É porque a água é parecida com a mulher.

– Porquê?

– Porque quando a mulher tem um filho a mulher tem de abrir os ossos para o filho sair. E depois, ao fim de quarenta, ou cinquenta, ou talvez sessenta dias, se o homem for com ela, está igual, fecha.

E ele disse assim:

– Nunca pensei nisso e tive rainhas tão bonitas...

Bom, aquilo passou-se. Depois foi uma grande festa, e um dia, a rainha – tinha casado com o rei já era rainha – perguntou-lhe porque é que quando mandava fazer a barba aos barbeiros, matava os barbeiros. E ele respondeu para ela:

– É tão fácil: porque eles cortam-me a barba e jogam-na fora. Mas não têm nada que jogar fora, porque a barba é minha. Tinham que ma entregar.

E então, ela foi ao rapaz – era casada com o rei, mas o rapaz tinha de viver e como foi barbeiro, vivia lá no palácio também. E então foi e disse ao rapaz. E o rapaz entregou, fez-lhe a vénia, fez-lhe a barba, fez-lhe a vénia e disse:

– Aqui tem a sua barba, meu Real Majestade.

E ele disse assim:

– Até que enfim que encontro um barbeiro que me faça a barba sem eu dizer o que quero. E fez aquilo mesmo que eu quero, porque a barba é minha.

Informante: Amélia Amores Maria, 69 anos, reformada, 1.ª classe.

Recolha: em Patã de Baixo, Albufeira, Faro, a 6 de Janeiro de 2008.

Coletor: Andreia Pacheco e Rita Martins (faixa 23 / 0'05)

Classificação: ATU 875B*

249

[A APOSTA DESONESTA]

Eram dois miúdos que não tinham nem pai nem mãe, eram dois amigos. E os moços tinham aí nove ou dez anos e começaram a vender água para poder comer, porque antigamente, como se sabe, não havia água canalizada, as pessoas tinham de comprar a água, e eles levavam as bilhas e vendiam. E assim, foram ganhando a vida e comendo com o que ganhavam, até que juntaram uns pataquinhos e puseram uma mercearia.

A mercearia também não era como agora que tem tudo e mais alguma coisa. Naquele tempo tinham poucas coisas, como por exemplo farinha para amassar o pão e assim, coisas poucas...

Bem, um dia, foi uma senhora lá à mercearia que também tinha pouco dinheiro, porque era tempo de muita pobreza. E então, a senhora levava uma menina, uma filha, e foi comprar uma amassadura de farinha. E então, ela disse:

– Ai, olhe, eu não tenho aqui dinheiro, mas eu vou deixar a minha menina aqui, enquanto eu vou buscar o dinheiro.

Levou a farinha e deixou a menina. Só que ela nunca mais voltou a ir buscar a menina e eles os dois ficaram com a menina. Foram crescendo, não é, e a menina também foi crescendo. Criaram a menina. Houve uma altura em que a menina não saía – naquele tempo as meninas estimadas pouco saíam à rua. E então, um deles achou que devia casar com a miúda e casou. Mas, entretanto, puseram a moça a estudar, e ela tirou um curso – era juíza – tirou um curso de juiz. Bem, um deles casou com a rapariga, mas um deles, que gostava também da moça e também a queria, e de certa maneira não era bom, tinha maus sentimentos, e começou a pensar como ia destruir o casamento do amigo (do amigo que não era amigo, porque quem tem amigos daqueles não precisa inimigos). E então, pensou e arranjou uma velha para fingir que era a mãe da moça. E então combinou com ela o que havia de fazer e o que havia de dizer para destruir a vida do amigo e ficar-lhe com os bens, porque ele tinha feito uma aposta com o amigo, que ela era como as outras mulheres, não era mais nem menos. E o outro disse:

– Não senhora, eu tenho toda a confiança nesta moça que eu criei.

E ele dizia:

– Se eu ganhar, os meus bens vão ser teus, e se fores tu a ganhar é ao contrário. Portanto, vou ter provas como a tua... como essa moça não é assim como tu dizes.

E então, lá arranjou aquelas provas, que foi apanhar, arranjar, aquela velha e que foi fingir que era a mãe dela. E então disse à velhota:

– Você faça-lhe umas grandes festas à moça. Diga-lhe que é a mãe dela, e isso tudo. E ela tem três cabelos ao pé do umbigo. Você vai fazer a ver se dorme com ela. E eu dou-lhe aqui uma caixinha, uma tesoura, e vá neste dia, porque o marido vai sair numa viagem de negócios. E então, nesse dia, você vai e vê se consegue fazer isso. E depois eu dou-lhe o dinheiro.

E quando a velha foi, a moça acreditou nela que disse que ela era filha dela, que tinha muitas saudades dela e gostava muito dela. E abraçou a mãe e beijou a mãe.

Depois disse, na noite:

– Ahh, eu gostava de ficar contigo, eu gostava de dormir contigo.

E a moça disse que sim, dormiram as duas. Dormiram as duas, não sei se deram alguma coisa à moça para ter sono, e quando chegou às tantas da noite, cortou os cabelos à moça, que tinha lá ao pé do umbigo e depois foi-se embora. Quando a moça acordou já não viu a mãe, a suposta mãe.

Bem, depois o marido veio, e o amigo foi dizer ao outro o que é que se tinha passado e que tinha ali os três cabelos da moça. Então o marido não fez mais nada: diz à mulher que se vista com o vestido melhor que tinha. Então a rapariga veste-se com o vestido melhor que tinha porque iam dar um passeio. Foram dar um passeio e para onde é que ele a levou? Pró mar. E levou dois barcos: num barco ia ela com ele e o outro ia a reboque. Quando chegou lá longe, ao meio do mar, passou para o outro barco e deixou a moça no meio do mar. Ela gritava por ele, gritava, mas ele já ia pensando deixá-la lá, para se vingar, e deixou-a. E a moça ficou ali, chorava e pranteava. Até que, depois, passou um barco grande, uma embarcação, e levou a rapariga. Deu-lhe boleia, assistência, levou-a pra uma cidade não muito longe dali e ela ficou lá a morar.

Depois, como ela tinha o curso de juíza, ela vestiu-se de homem para não ser conhecida. E ela quis saber porque o marido lhe tinha feito aquilo. Depois de um tempo, ela foi passear à terra onde ela foi criada. E quando ela vê ele a andar com um carro Camalter (era uma daquelas pessoas que andam a acartar coisas das estações e com um carinho de mão a levar coisas de um lado para o outro). E ela ficou muito intrigada: “Mas porque é que ele, que era rico, tinha bens, porque que anda ali pobre, com os pobres?” E então, aproximou-se, fingindo que era um homem, e disse-lhe:

– Então, mas porque você está aqui neste sitio? Você gosta deste ofício?

– Eu não – disse ele. – Eu não, eu não gosto. Mas eu estava bem na vida, tinha uma mercearia, tinha bens, mas perdi tudo porque a minha mulher... fiz uma aposta com um amigo, e a minha mulher realmente traiu-me.

– Ai é? Ah, ela traiu? – Disse ela.
 – Sim, sim, tinha toda a confiança na mulher e no fim ela fez-me uma coisa destas... E eu tinha feito uma aposta com um amigo e depois ele ficou-me com os bens.

Ela disse assim:

– Está bem. Você faz uma coisa: tal dia você vai ao tribunal e o seu amigo vai ser convocado para ir ao tribunal também. Você apareça lá e ele também vai aparecer. E depois logo se vê como isso fica.

Bom, ela vestiu o mesmo vestido que tinha levado quando ele a deixou no mar. E tinha metido os cabelos dentro da touca, não é... E depois, na altura, ela perguntou:

– Mas afinal o que é que se passou?

E ele disse:

– Ah, porque eu ganhei os bens, porque a mulher deste rapaz foi indigna, foi isto, foi aquilo...

Diz ela assim:

– Ai foi? Ah, está bem...

Então ela tira a touca, tira a batina, e o outro ficou... Quando viu que era ela que estava ali e que aquilo era tudo mentira...

E ela disse-lhe assim:

– Agora, agora vai ser ao contrário: é você que vai fazer o trabalho dele, e ele vai ficar-lhe com os bens, porque você levou os bens indevidamente, porque tudo isso foi mentira.

E acabou assim a história deste casal e destes amigos.

Informante: Gregória Cristóvão, 64 anos, natural de Olhão, Faro.

Recolha: em Olhão, Faro, a 12 de Dezembro de 2007.

Coletor: Milene Guerreiro (Gravação 17 / 00'40)

Classificação: ATU 882

250

A MENINA DAS LARANJAS

Era uma vez um jovem rei que vivia num grande castelo. Em volta havia os povoados, onde o povo trabalhava as terras do rei.

Na aldeia vivia uma família, numa casa pobre, mas asseada. A família era composta dos pais e duas irmãs, chamadas Suissa e Bela.

A Suissa era muito traquina, mas amiga de ajudar o próximo.

No castelo, o jovem rei ausentava-se frequentemente para ir à caça com os seus amigos e quando regressavam havia sempre grandes banquetes.

Uma vez o rei foi para a sua caçada e quando regressou chamou o chefe da criadagem do castelo.

– Criado! – Disse o rei batendo palmas.

– Sim, Sua Majestade. – Disse o criado, fazendo uma vénia.

– Vai à adega e traz o vinho especial. – Frisou o rei.

O criado ficou parado aflito, mas o rei voltou a dizer-lhe:

– Vai à adega e traz o vinho!

– Não posso. – Diz o criado.

– Não podes porquê?

– Porque os vossos trabalhadores fizeram as ceifas e a menina Suissa, lá da aldeia, veio cá e levou a pipa do vinho, pois os trabalhadores precisavam de forças para acabar as ceifas.

– O quê? – Diz o rei. – Tenho ouvido falar dessa rapariga. Tenho de conhecê-la pois não é a primeira vez, que ela cá vem e vocês são uns incompetentes. – Disse o rei zangado!

Passado algum tempo, o rei deu uma grande festa no castelo, para apresentar as damas da corte à sociedade.

– Criado! – Chamou o rei.

– Sim, Sua Majestade.

– Vai ao pomar com a criadagem e apanhem laranjas, para fazer sumo para as damas da corte.

O criado ficou parado e assustado e respondeu ao rei:

– A menina Suissa esteve cá, e agora não há laranjas no pomar.

– Agora é que ela não me escapa! – Disse o rei furioso.

No dia seguinte vestiu-se de mendigo e foi à aldeia procurar onde a Suissa morava. Chegando à porta da casa bateu: “Truz, Truz!”

– Quem é? – Perguntou a Bela, irmã da Suissa.

– Sou eu, um simples mendigo que está cheio de sede.

– Entre. – Disse a Bela, e convidou o mendigo a entrar.

Chamando a irmã pediu-lhe que trouxesse um copo com água.

Na cozinha, a Suissa encheu um copo com água, mas meteu-lhe uma colher de chá de sal e levou-o ao mendigo.

O rei disfarçado olhou para a Suíça e ficou espantado com a sua beleza e lá bebeu a água, dizendo para consigo, que a Suíça já tinha pregado nova maldade.

Como caía a noite, perguntou às manas se podia lá passar a noite.

– Fique, senhor mendigo. – Diz a Suíça, reparando que as mãos dele estavam muito bem tratadas para ser um pedinte.

O rei ficou todo satisfeito, porque podia vingar-se das maldades da Suíça.

À noite, regressaram a casa os pais das duas raparigas e ficaram aflitos porque desconfiaram logo do mendigo.

Retiraram-se todos para dormir e a Suíça indicou o quarto ao mendigo. O rei esfregou as mãos de contente e resolveu esperar que a casa ficasse em silêncio para vingar-se.

– Ai! Ai! – Ouve-se gritar. – Ai, quem me acode!

Os pais e as duas filhas correram para ver o que se passava no quarto onde o mendigo ia ficar a dormir. Abriram a porta e riram-se com grandes gargalhadas ao verem o mendigo de pernas no ar a esbracejar.

Ajudaram o mendigo a levantar-se e este, muito zangado, saiu porta fora a praguejar:

– Vais ter o que mereces, garota atrevida!

Afinal porque é que o rei gritava?

A Suíça tinha feito a cama sobre uma banheira antiga e quando o rei esperava que todos adormecessem sentou-se à beira do que julgava ser uma cama e afinal era uma banheira, e por isso caíu de pernas para o ar.

Passaram-se dias e o rei sempre a pensar qual a melhor maneira de se vingar.

Um dia acordou e diz:

– É hoje que vou pôr em prática o meu plano.

Se bem pensou, melhor o fez. Resolveu ir à aldeia a casa da Suíça e pedi-la em casamento.

Os pais ficaram surpreendidos, e perguntaram à Suíça:

– Queres casar com o rei, minha filha?

– Sim quero, meus pais! – Respondeu a Suíça muito contente.

Marçaram a boda e em todo o reino houve grandes festas.

No banquete no castelo, estavam todos muito animados, quando a jovem Suíça retirou-se para os seus aposentos.

O rei ficou mais um tempo na sala, depois pegou numa vela e subiu até aos seus aposentos onde na cama via-se uma cabeleira cheia de caracóis.

– Vou vingar-me de ti agora! – Exclamou o rei na penumbra do quarto.

E começou a perguntar:

– Foste tu que deste o vinho aos trabalhadores?

E a cabeça abanava a dizer que sim.

– Foste tu que foste buscar as laranjas ao pomar?

E a cabeça abanava a dizer que sim.

E o rei lá foi perguntando tudo o que tinha sucedido e a cabeça continuava a abanar.

No fim, o rei todo zangado apertou com muita força o corpo e zás, saltou mel para a cara do rei e este começou a chorar.

– Ai a minha vida, estou desgraçado! Não sabia que tinha uma mulher tão doce. Se eu soubesse, não me vingava. Agora percebo como tão boa eras para o meu povo.

Então, a Suíça sai debaixo da cama e começou a dançar de contente, pois o rei tinha percebido o porquê das suas “maldades”.

Afinal, a Suíça estava à espera que o rei qualquer dia se vingasse, por isso arranjou uma boneca, amarrou um cordel ao pescoço e um saco com mel e foi para debaixo da cama. E a cada pergunta ela puxava o cordel e a cabeça abanava.

Tudo acabou em bem e foram felizes para sempre.

Informante: Maria Paula Henriques, 70 anos, natural do Funchal, Madeira, reformada, 5.º ano dos Liceus.

Recolha: em V.R.S.A., Faro, a 29 de Novembro de 2013.

Coletor: Diogo Alberto Rosa Francisco

Classificação: ATU 883B

251

A MENINA QUE QUERIA SER CAPITÃO

Era uma guerra que havia. E havia um homem que tinha sete filhas e que tinha um grande desgosto porque nenhuma delas podia ir para a guerra, ser capitão. E então a filha mais nova, que era a mais maria-rapaz, a mais atrevida, dizia sempre:

– Ó pai, eu vou ser capitão! Eu vou para a guerra e vou ser capitão!

E o pai dizia-lhe:

– Não, minha filha, não podes ir, porque pelos teus cabelos te vão reconhecer.

E a filha dizia:

– Os meus cabelos? Os meus cabelos, não faz mal. Não há por aí uma tesoura?

Uma tesoura e eles vão todos para o chão!

E o pai dizia:

– Não, minha filha, não podes ir para a guerra com esses teus lindos olhos. Tens uns olhos tão lindos que te vão conhecer.

E ela dizia:

– Os olhos? Os olhos, não olho de frente. Ponho os olhos no chão, não vou olhar para ninguém.

E o pai, sempre preocupado, dizia:

– Ó filha, não podes ir para a guerra, não podes ser capitão. Porque pelos teus lindos peitos te conhecer vão. Vão logo perceber que tu és uma mulher.

E a filha dizia:

– Os peitos? Os peitos, arranja-se um colete, uma costureira que faça um colete e que me tape os peitos, que ninguém me vai conhecer.

E o pai dizia-lhe sempre, cheio de pena, porque também não queria que a filha morresse na guerra. E então dizia-lhe:

– Minha filha, mas tu, pelos teus pés... Tens uns pezinhos tão lindos, tão pequeninos, vão ver logo que não és um homem. Não podes ir para a guerra, não podes ser capitão.

E a filha dizia:

– Os meus pés? Os meus pés, há sapateiros... Calço umas botas grossas, umas botas grossas que fiquem lá os pés escondidos, que não me vão conhecer.

E o pai dizia:

– Não, filha, não podes ser capitão!

Mas ela foi para a guerra. Só que, depois, apaixonou-se por outro capitão e o capitão descobriu e disse logo (até disse à mãe dele e acho que era a mãe dele que dizia):

– O Não-sei-quantos, não tem olhos de homem não, tem é olhos de mulher! (Porque ele também já estava apaixonado por ela, não é?)

E a mãe dele dizia-lhe assim:

– Então, se tu queres descobrir se ele é mesmo homem ou se é mulher, convida-o para ele ir nadar contigo porque se ele for nadar contigo tem que se despir.

E ele pensou que era uma boa ideia. E depois convidou-o. E a outra, que era a menina disse-lhe logo:

– Ai, não posso, nadar não posso, que tenho aqui um nó nas ceroulas que não posso desatar.

E então não foi nadar com ele. E depois acho que eles casaram os dois.

Informante: Maria da Conceição, 44 anos, natural de Lisboa, desempregada, 12.º ano.

Recolha: em Lisboa, a 23 de Novembro de 2007.

Coletor: Marta Alexandra Pereira Marques (faixa n.º 28)

Classificação: AT 884B*

Nota: A informante ouviu a composição à sua avó, que dizia que era um *Rimance*. Também diz que rimava sempre tudo, mas que ela já não se lembra com a rima.

252

A FAVA E O GORGULHO

Era uma vez um casal, rei e rainha, que não tinham filhos. E então, ela fazia era dizer ao marido que não eram felizes porque não tinham filhos. E um dia apareceu-lhe uma fada à porta e disse:

– Vou-te dar uma filha, mas essa filha, aos desasseis anos engravida e vai-te dar um grande desgosto.

Ela disse ao marido e o marido disse:

– Manda ela vir. Diz que queres a filha. A gente manda fechá-la... Manda-se fechar a menina num convento e uma criada a tomar conta dela. E se alguma coisa acontecer, a criada morre, mata-se a criada, para ela ter mais cuidado.

E então, a menina nasceu... Aos quinze anos puseram a menina num convento. A menina, sempre fechada, sempre fechada, nunca saía à rua.

Mas a menina dizia para a criada:

– Mas porque é que eu não saio?

– A menina não pode sair por causa do seu pai. Se acontece alguma coisa com a menina, ele manda-me matar.

E então, a criada andava sempre cuidando da menina, não se tirava de ao pé dela... Mas ela um dia começou a fazer um buraco na parede com uma faca. E então, na altura que a criada ia dar banho, ia à casa de banho, ela aproveitava para fazer isso. Um dia fez o buraco e pelo buraco saiu à rua. E o sol entrou, engravidou

a menina. Foi, ficou grávida. Não foi por homem nenhum, foi pelo sol. E então, a menina começou a engordar, a engordar, e a criada dizia assim:

– Ó menina! – A menina era Maria – Ó menina Maria, mas o que é que se passa com a menina? A menina está grávida?

– Não sei o que é, só que apanhei um grande espanto, que o sol entrou aqui e o sol iluminou-me toda. Eu fiquei a tremer, não sei o que foi.

E então, a menina foi... Quando nasceu, nasceu uma menina também. Nasceu uma menina, puseram-lhe também o nome de Maria. E assim que a menina nasceu, a criada pegou na menina, enrolou a menina numas coisas e foi pô-la num faval. Foi pô-la num faval, andavam uns caçadores à caça, um rei com mais companhia... Levaram a menina para casa e a senhora tinha um menino que se chamava José. E depois começaram a dizer a ele:

– Olha, esta menina é tua irmã.

E então, ele – já era um homem e ela era uma mulher – e começou a dizer:

– Ai, mãe, que pena que eu tenho da Maria ser minha irmã... Não sei porquê, estou apaixonado por ela.

– Ó filho, não pode ser, ela é tua irmã. Não te podes apaixonar por ela!

Mas ele um dia... era um desgosto que tinha, tão grande que a mãe disse:

– Olha, vou-te dizer a verdade. Ela não é tua irmã. Podias casar com ela, mas ela não é filha de reis.

Depois, ele foi para ela e disse:

– Ouve lá uma coisa, quem é o teu pai e a tua mãe?

Ela disse:

– Olha, eu sou filha da fava e neta do gorgulho.

Ele, sempre com aquela coisa: “Filha da fava e neta do gorgulho?”

Depois dizia à mãe, e a mãe dizia:

– Isso é história...

Bem, foi um dia e ele disse:

– Bem, vou pensar em casar com outra rapariga!

Pensou em casar, e a Rainha disse [à Maria]:

– Olha, é o casamento do José e tu vais ao casamento!

Ela disse:

– Não! Eu quero ir para a cozinha fazer o comer!

– Vais fazer o comer? Mas porquê?

– Eu quero fazer o comer e não quero criada nenhuma lá ao pé!

Foi, sentou-se numa cadeira, aparecia um pato e ela dizia:

– Desfola-te, depena-te, prepara-te, vai para o tacho!

Aparecia um galo:

– Mata-te, depena-te e vai para o tacho!

Ela mandava fazer tudo, ela era uma espécie de uma coisa... era filha do sol.

Tinha uma virtude com ela. E então, quando estavam já as coisas ao fogo:

– Enfusinha, põe azeite no tacho!

– Não tenho azeite! Estou vazia!

E depois diz ela assim:

– Então vai lá abaixo à adega e vem cheia de azeite para cima.

E ele estava a ouvir a conversa toda, a escutar... Depois ele foi e quando a enfusinha vinha para cima, segurou-lhe na asa. E [como] ela demorava muito, ela [a Maria] disse:

– Enfusinha! Vem para cima com o azeite que fazes falta para pôr nos tachos!

– Não posso, minha senhora! Estou presa por uma asinha!

– Olha:

Eu juro-te pelo meu pai, o Sol,

E a minha mãe, a Rainha,

Se eu for lá abaixo à adega

Eu quebro-te essa asinha!

E então, a Rainha depois... Ele depois ficou sabendo que ela era filha do Sol e filha de uma Rainha. Veio para cima, trouxe a enfusinha e disse:

– Eu vou casar contigo!

E mandou a outra [noiva] embora. Mandou a outra embora e ele depois disse:

– Mãe, a Maria é filha do Sol e filha de uma Rainha. Eu vou casar com ela!

– Está bem, filho!

E casou com ela. Casou com ela e depois as outras, tudo com aquela grande inveja, que ela ia casar e as outras não... Mas, isto acabou e eles casaram e foram muito felizes.

Informante: Isaura de Jesus Martins, 86 anos, natural da Cabanita, Paderne, Albufeira, Faro, reformada, sabe ler e escrever.

Recolha: em Paderne, Albufeira, Faro, a 13/10/07.

Coletor: Cláudia Marta (CD / faixa n.º 1)

Classificação: ATU 898

253

[O BAGO DE ROMÃ]

No tempo dos reis, havia um rei que tinha uma filha. E a filha pensou que queria casar, como todas as princesas casavam, e começou a dizer ao pai que queria casar.

O pai juntou muitos príncipes e fez um almoço no palácio, para que a filha pudesse, entre os príncipes todos, escolher o noivo. Estavam todos à mesa e ela olhava: aquele não queria, aquele não queria, o outro não queria. E olhou para um e disse:

– É aquele mesmo, é este mesmo que eu quero.

Bom, então os outros foram todos embora e ficou aquele para conversar com o pai e com ela, para tratarem do casamento. Mas ela, olha para o príncipe, e viu nas barbas que o príncipe tinha, um bago de romã metido na... porque tinham estado a almoçar e tinham comido romã de sobremesa e viu o bago de romã nas barbas.

Disse assim:

– Ai, eu não quero. Este não quero, porque já não quero, porque ele tem um bago de romã metido nas barbas. – A chamar-lhe de porco.

O príncipe foi-se embora muito magoado, muito triste, porque ela o rejeitou.

Diz ela assim:

– Antes casava com um mendigo que me viesse bater à porta do que casava com este príncipe.

E o príncipe foi-se embora. Mas depois de chegar a casa – ele também tinha um palácio – depois de chegar a casa, ele começou a pensar: “Então ela disse-me que casava com um mendigo... Espera lá que eu já te digo...”

Vestiu-se de pobrezinho, com uma maquilhagem qualquer que fez na cara, de sujo, ou não sei... e foi, bateu à porta:

– Ai, dá-me alguma coisinha...

E a criada disse para a princesa:

– Menina, está ali um pobrezinho a pedir esmola. Tem alguma coisa?

– Está um pobrezinho? Então espera lá, que eu vou à porta.

Foi à porta e disse assim:

– Oiça lá... – gostou dele – Vais casar comigo, porque eu quero casar nem que seja com um pobrezinho.

Diz ele:

– Bom, isto está arrumado.

Veio o pai, deu um grande desgosto ao pai, mas ela fugiu com o príncipe para a cabana. (Que o velhinho, o pobrezinho, morava numa cabana no campo, no mato. Era o príncipe mas estava disfarçado.)

Chegou lá, ele tirou a máscara, a roupa velha, aquelas coisas:

– Pois agora tens que viver aqui nesta cabana.

Diz ela assim:

– Então e como é que...

– Pois, não sei. Tu querias com um mendigo, pois é com um mendigo que vais fazer a vida.

Entretanto ela fica grávida. Fica grávida e não tinham roupinha para o bebé, não tinham dinheiro, não tinham roupinha.

Diz ele assim:

– Há uma senhora que é costureira, e tu, como tens jeito para a costura, vais para lá e ela ensina-te a fazer roupa e ganhas dinheiro. Vais ajudar a costurar à costureira.

– Está bem.

Ela foi:

– E então, à tarde, quando a costureira for para dentro, tu roubas um bocado de roupa e vais trazendo todos dias um bocado de roupa e umas rendinhas e linhas, que é para fazeres aqui em casa as roupinhas para o bebé.

E assim foi. Mas era já tudo combinado com a costureira, para disfarçar. Ela trazia todos os dias os seus bocadinhos de retalhos de roupa. Ia juntando bocadinho a bocadinho, fazia tudo e começou a fazer aqueles vestidinhos e peças para o bebé.

Fez-se os nove meses de gravidez. E ela diz assim:

– Ai, mas não me importo. Vivemos aqui na cabana e o menino veste aquilo que a gente tiver.

Mas ele, como era príncipe, quando ela estava com o bebé para nascer, diz:

– Não, vem comigo!

Então levou-a para o palácio do rei e disse-lhe:

– Olha, isto é para tu pagares aquilo que me fizeste. Porque por um bago de romã me rejeitastes. E então agora este castigo de sofreres, de roubar e essas coisas, pois é tudo por castigo daquilo que me fizeste.

Mas depois, começaram a ser muito felizes com os bebés. Tiveram mais principinhos e viveram então num lindo palácio.

Informante: Mariana Chumbinho, 74 anos, natural de São Domingos, Santiago do Cacém.

Recolha: em Olhão, Faro, a 15 de Janeiro de 2008.

Coletor: Ricardo Rodrigues (gravação 2 / 08'27)

Classificação: ATU 900

254

["MANDAS TU OU MANDO EU?"]

Era uma vez uma mulher que era muito marafada, e casou com um homem e depois uma semana mandava ele e outra semana mandava ela. No dia que ela mandava, fazia o desgraçado andar ali, trabalhando de noite e de dia. No dia que ele mandava ele castigava-a. E ela jurava-lhe:

– Deixa lá, ladrão, que para a semana que te mato...

No dia que ele mandava, mandou ela ir carregar ervas leiteiras no burro. Andou a carregar ervas leiteiras e mandou ela matar o burro. Ela matou o burro, ele enrolou-a na pele do burro, pendurou-a ao fumeiro e vá ervas leiteiras... E ele perguntava-lhe assim:

– Então, mandas tu ou mando eu?

E ela dizia:

– Deixa estar, ladrão, que para a semana te mato!

E [ele] punha-lhe mais erva-leiteira. Fazia um fumo que ela estava já quase morta.

– Então, mandas tu ou mando eu?

– Deixa lá, ladrão, que para a semana que te mato!

Vá mais uma mão cheia de erva-leiteira. Ora ela estava já tão aflita que ele lhe perguntou:

– Então mulher, quem é que manda? Mandas tu ou mando eu?

Diz ela assim:

– Ora, pois mandarás tu.

Estava já quase morta.

Depois ele foi à feira. Tinha lá uns bois, foi vender os bois. Foi lá, vendeu os bois sem dinheiro e os outros diziam assim:

– Ai, se a tua mulher sabe que vendeste os bois sem dinheiro, agora quando chegares a casa ela mata-te!

– Não, deixa lá isso comigo.

Comprou um *pifre* e vinha tocando pelo caminho, e vinha dizendo assim:

Venho da la feira,
Tocando la bandurra,
Lembra-te mulher
Do coiro da nossa burra.

Chegou a casa e ele disse assim:

– Ó mulher, eu sei uma moda muito bonita, que eu aprendi aqui no meu *pifre*.

– Então toca lá.

Venho da la feira,
Tocando la bandurra,
Lembra-te mulher
Do coiro da nossa burra.

Depois, diz ele assim:

– Mas eu tenho uma novidade para te contar: vendi os bois sem dinheiro.

Diz ela assim:

– Deixa marido, deixa, não faz mal. Vão-se os anéis, fiquem os dedos. Se eles te pagarem, muito bem; se eles não te pagarem, deixa da mão.

E pronto, ele é que ficou mandando.

Informante: Maria Estêvão Cavaco, 75 anos, natural de Freixo Seco de Cima, Loulé, Faro, 3.ª classe, reformada.

Recolha: em Freixo Seco de Cima, Loulé, Faro, a 14-11-2005.

Coletor: Carina Isabel Martins Anastácio (cassete n.º 4 / Face A)

Classificação: ATU 901

255

A FILHA BOA E A FILHA MÁ

Era um homem que tinha uma filha boa e outra muito marafada. Tinha uma que era muito boazinha, fazia tudo e não resmordia, ia à fonte, fazia tudo. Tinha outra que

era tão marafada, que não fazia nada. Iam as duas à fonte, uma trazia água e outra não trazia nada. O pai não fazia nada dela. A boazinha casou e a outra não havia ninguém que a quisesse. Houve um dia que apareceu lá um homem. E disse assim:

- Eu vou casar com ela.
- Tu leva-la, mas tu não fazes nada dela.
- Faço.

Diz o pai dela assim:

- Então tu leva-la, mas não lhe bates, não lhe tocas com um dedo sequer.

Diz ele:

- Está bem, eu levo-a nessas condições, levo-a, mas não lhe bato.

Foram, ele levou-a. Nessa noite estavam deitados e tinham lá o candeeiro a petróleo lá ao pé da cama. E diz ele assim:

- Apaga-te luz!

Nada.

- Apaga-te luz!

Pega na espingarda, truz, deu um tiro no candeeiro.

No outro dia ele foi trabalhar. Vinha de lá à noite ela não tinha a luz acesa, não tinha nada feito. Ele pendurava o gabão e dizia:

- Gabanito, à noite quero a luz acesa, o fogo aceso, a ceia feita, tudo feito!

Chegou à noite, não tinha nada feito, diz ele:

- Ó mulher, põe lá aqui o gabão pelas costas.

E vá de porrada no gabão. Depois veio de lá na outra noite.

- Ai, tem tudo feito, casa varrida, luz acesa... Olha lá o meu gabanito, esta noite.

Diz ela assim:

- Gabanito sim... se não fosse eu!
- Bom, amanhã vamos lá à do teu pai.

Foram lá à do pai, levaram o burro. Ele levava a espingarda. O burro ia passar uma ribeira, não queria passar. Ele prega um tiro no burro, matou-o. Diz ela assim:

- Ó homem, então a gente agora deixamos aqui a albarda? Temos que levar a albarda.

E ela foi com a albarda às costas. Chegou lá, o pai muito admirado:

- Mas o que é que você fez à minha filha?
- Não lhe fiz nada, ela que está aí que diga.

E ele tinha lá também a outra filha. Diz ele assim:

- Então agora vão as duas para lá, a ver quem é a primeira que chega aqui.

O outro disse assim à mulher:

- Ó fulana, anda cá aqui.

- Eu já vou.

Diz o outro assim:

- Quer ver a minha vir logo de repente. Ó fulana anda cá.

Pega nas coisas, diz ela:

- Eu vou já, que o meu não promete, dá logo.

Abalou, foi logo a fugir. Diz ele:

- Eu não lhe dizia que ela vinha primeiro que a outra.

- Então o que é que você lhe fez?

- Não lhe fiz nada, pergunte lá à sua filha, que eu não lhe fiz nada.

Diz ela:

- É que aquele não promete, dá logo.

Informante: Maria de Jesus, 55 anos, natural de Freixo Seco de Cima, Loulé, Faro, 4.^a classe, cozinheira.

Recolha: em Freixo Seco de Cima, Loulé, Faro, a 14-11-2005.

Coletor: Carina Isabel Martins Anastácio (cassete n.º 4 / Face A)

Classificação: ATU 901

256

QUEM MANDA É O HOMEM

Era uma vez um casal de namorados e depois, mais tarde, pensaram em casar e casaram. Depois a mulher queria mandar no homem: ela é que dizia que mandava, mas ele não queria, queria mandar porque era homem.

De maneiras de que ela queria mandar sempre, ele disse:

- Bom, vamos fazer um ajuste. Uma semana mandas tu e outra semana mando eu.

- Está bem. – Disse ela – Então, esta semana, calha-me logo a mim mandar?

- Pode calhar, mandas tu esta semana.

Acabou a semana dela, ela mandava-o colher lenha, ela mandava-o ir aqui, ir além, onde ela metia na cabeça que havia de ir.

Eles tinham uma burra, que era para fazerem trabalhos de casa, para irem a qualquer lado com a burra. Depois a semana que calhou a ele mandar:

– Bom, agora vai fazer lenha, colher mato.

E depois, assim que ele viu que ela já tinha três ou quatro dias de colher mato:

– Agora vais-o carregar com a burra.

Carregou tudo para um mantulho ao pé do monte.

– Agora matas a burra e tiras a pele em serrão.

Ela tirou a pele em serrão e ele disse:

– Agora metes-te aí dentro da pele da burra.

Puxou a lenha para o pé da pele da burra, com ela lá dentro, e puxou fogo à lenha. E depois quando viu aquilo muito coiso, tirou-a de repente, tirou-a dali. Quando ela saiu de lá, disse ela:

– Eu já não quero mandar nunca. Manda tu. Pronto, acabou-se, já não quero mandar!

E depois, à noite, estavam lá ao pé do fogo, ele tinha uma bandurra e ele tocava isso.

E de maneiras que se pôs a tocar, lá ao pé do fogo, e a cantar:

Bandurra, minha bandurra
Mulher, vê se te lembras
Da pele da nossa burra.

E ela canta assim:

Lembrada e mais que lembrada
Por causa da pele da burra
la morrendo queimada.

Terminou aí. Ele ficou mandando e ela já não mandou mais.

Informante: Francisco Jacinto Mestre, 77 anos, natural da aldeia de Espragosa, S. Miguel do Pinheiro, Mértola, Beja, reformado, sabe ler e escrever.

Recolha: em Espragosa, Miguel do Pinheiro, Mértola, Beja, a 28/10/2006.

Coletor: Ema Serafim (CD n.º 1)

Classificação: ATU 901

257

OS TRÊS CONSELHOS

Um rapaz, um pobre rapaz que se casou e o dinheiro era pouco, não chegava. E tinha uma jovem mulher (naquela altura os homens é que trabalhavam para sustentar as mulheres). Então, ele viu-se na necessidade de partir para longe. Foi para longe para ver se arranjava alguma coisa para depois poder voltar à sua terra e poder trabalhar.

Então, encontrou uns patrões que eram muito ricos e também eram boas pessoas. O rapaz, como constatou que o patrão era uma pessoa séria apesar de rico, pediu-lhe, no caso de lhe dar o salário, que o guardasse e quando ele fosse embora lhe dava o dinheiro todo. Entretanto, os anos foram passando e ele achou que já tinha ganho o suficiente para poder voltar à terra e à sua mulher.

Foi ter com o patrão e disse-lhe que se ele pudesse dar-lhe o dinheiro, ele ia-se embora, porque já estava há muito tempo longe de casa.

– O senhor quer que eu lhe dê o dinheiro ou alguns conselhos?

– Eu saí da minha casa e da minha terra para ganhar algum dinheiro e eu preciso é do dinheiro.

– Pois, mas às vezes vale mais um bom conselho do que o dinheiro. – Disse o patrão.

E ele pensou: “Se ele me está a dizer, o melhor é eu aceitar”.

Disse-lhe:

– Aceito os conselhos, porque há conselhos que valem para a vida inteira.

O patrão, então, voltou a dizer-lhe que os conselhos iam-lhe fazer melhor do que o dinheiro.

O primeiro conselho era que caminhasse sempre pela estrada principal e nunca, por nunca, fosse por atalhos.

O segundo conselho era que nunca dormisse num local onde o dono fosse idoso e casado com uma mulher nova.

O terceiro conselho era que nunca decidisse nada pelas primeiras aparências. Nas primeiras aparências ele pensava e depois é que agia.

O rapaz guardou na memória esses conselhos que o senhor lhe disse. Agradeceu muito e preparou-se para a partida.

A mulher do patrão foi ter com ele, e disse-lhe que tinha gostado muito de ele lá ter estado e que lhe ia dar um bolo para o caminho, mas pediu-lhe que quando

abrisse o bolo, fosse só ao pé da sua mulher. Quando chegasse a casa, abria o bolo e comessem os dois juntos.

Ele disse que sim, agradeceu, partiu e seguiu o seu caminho.

Seguiu pela estrada principal e encontrou uns almocreves que eram uns homens que andavam sempre a vender, faziam os seus negócios, levavam as suas mercadorias nos burros que iam para uma povoação.

Os almocreves, como era hábito andarem por aquelas povoações, conheciam bem os atalhos para chegarem mais depressa às povoações.

Entretanto foram por atalhos, mas o rapaz não! Lembrou-se do conselho do patrão e seguiu pela estrada principal.

Quando ele chegou à povoação encontrou os almocreves desolados, muito aflitos, a chorarem que lhe tinham roubado os burros, as mercadorias. Tinham ficado sem nada!

O rapaz pensou: “Ai, meu Deus! Este primeiro conselho salvou-me!”

Seguiu o seu caminho. Já era noite, chegou a uma taberna ou uma pousada entre as povoações. Comeu, bebeu e decidiu ficar a dormir e seguir no outro dia de manhã.

Mas quando olhou para a senhora que estava ao balcão, viu que era uma mulher nova e que o dono era um homem idoso.

Ele pensou: “Não! Ele era um homem idoso casado com uma mulher nova. Eu não vou ficar aqui!” Pagou, saiu e seguiu o seu caminho.

Apressou-se a chegar à vila mais próxima. Quando chegou à vila havia um grande reboliço, porque o taberneiro tinha sido morto, e os guardas andavam à procura do assassino.

Ele pensou: “Como eu me livrei deste sarilho! Olha, se eu tivesse lá ficado, ainda me iam acusar a mim! Este segundo conselho valeu-me o dinheiro que eu não recebi.”

Apressou o passo e seguiu o seu caminho. Tentou chegar a casa mais cedo. Chegou a casa, espreitou pela janela e viu a sua mulher sentada à lareira com um rapaz novo. Não gostou muito! Pensou entrar porta dentro e matar o homem. Acalmou-se, entrou em casa e a mulher correu logo para os braços dele, muito feliz, contente, dizendo-lhe que também nesse dia, tinha chegado o irmão que ela já não via há muitos anos.

Abraçaram-se todos muito felizes e ele lá pensou no terceiro conselho que o patrão lhe tinha dado: Não julgar pelas aparências!

A mulher fez a ceia, pôs a mesa para os três e ele lembrou-se do bolo. Disse que tinha sido a patroa que lho deu com a especial intenção de ele o comer com a mulher.

Ele partiu o bolo, e qual não foi a surpresa! Lá dentro estava todo o dinheiro que tinha ganho durante os anos que tinha estado fora.

Ficaram todos muito felizes e contentes.

Informante: Maria de Lurdes Pereira Carvidão, 69 anos, natural da freguesia de S. Paulo, Lisboa, reformada (empregada de escritório), curso comercial antigo.

Recolha: em Almada, Setúbal, a 23 de Novembro de 2013.

Coletor: Diogo Alberto Rosa Francisco

Classificação: ATU 910B

258

[O LAVRADOR MORIBUNDO]

Era um lavrador que estando às portas da morte chamou os seus filhos e disse-lhes:

– Filhos, nunca vendeis as terras que vos deixo, pois elas foram-me deixadas também pelos meus avós e nelas se encontra um tesouro. Eu não sei onde está, mas, remexei as terras. Quando plantardes o trigo, voltais a remexer as terras e algum dia encontrareis o tesouro.

O que ele queria transmitir aos filhos era: o tesouro era o trabalho deles, que ao remexerem as terras, a terra também iria produzir.

E eles semeavam, plantavam e a terra produzia. Depois, quando o pai faleceu, eles foram logo trabalhar na terra e remexeram, remexeram a ver se encontravam o tesouro. E nesse ano a terra produziu mais que o costume. E então eles verificaram que não encontrando o tesouro, era esse o tesouro, era o trabalho deles que fazia com que a terra produzisse.

Informante: Maria Joaquina Oliveira Macedo, 48 anos, natural de Amarante, doméstica

Recolha: em Amarante, Porto, a 26 de Dezembro de 2008.

Coletor: Joana Soares (Gravação 16 / 2'22)

Classificação: ATU 910E

259

O ARTESÃO MANUEL

Conta a história de um artesão que faz coisas em verga. Então o senhor estava no leito de morte e ele antes de morrer chama lá as filhas, porque queria contar as suas últimas palavras e queria que fosse às filhas.

A mais velha era um bocado gananciosa. A do meio tinha alguma pureza. Mas a mais nova era a mais pura de todas. Então, chega o pai que estava quase a morrer:

– Ai, filhas, filhas! Isto agora vai ser difícil... Vocês, mulheres, neste mundo dominado pelos homens... Vai ser duro!

E a filha mais velha:

– Ó pai, deixe estar que eu trato do nosso negócio. Eu trato disto tudo.

E a do meio:

– Não, quem trata sou eu!

E a mais nova só olhava. E diz o pai:

– Filhas, vocês, para reinarem neste mundo têm que ser juntas.

Então, ele pega numa vergazinha e mostra uma. E parte – PÁ!

– Viram? Estas estão sozinhas.

Depois, ele pega numas quatro ou cinco. Tentou parti-las e não partiam.

Era para demonstrar que, para elas vencerem neste mundo, a união faz a força.

Informante: Pedro Gomes, 25 anos, natural do Brasil, estudante universitário.

Recolha: em Faro, a 22 de Dezembro de 2008.

Coletor: Ana Isabel Fernandes Guerreiro (Gravação n.º18)

Classificação: ATU 910F

260

A PARÁBOLA DOS SETE VIMES

Era uma vez um pai que tinha sete filhos. Quando estava para morrer, chamou os filhos todos e diz-lhes:

– Eu sei que já não vou viver muito tempo, mas, antes de morrer, quero que cada um de vocês me traga um vime seco aqui ao pé de mim.

E o pequenino, que só tinha quatro anos, perguntou se também ele podia trazer o mesmo vime.

E o pai diz:

– Também tu.

Então, cada filho saiu de casa à procura do vime e regressaram com o vime seco. O pai, quando eles lhe deram o vime, o pai pegou no vime que o filho mais velho tinha trazido e deu o vime ao filho mais novinho, de quatro anos, e disse:

– Parte esse vime.

E o pequenino agarrou no vime e partiu o vime facilmente.

Depois o pai entregou outro vime ao mesmo filho e disse:

– Parte agora esse.

E o pequenino foi partindo, um a um, os sete vimes.

O pai disse:

– Agora, ide todos embora e voltaí a trazer-me outro vime.

Os filhos estranharam, mas foram todos à procura e regressaram cada um com mais um vime. O pai, quando recebeu os vimes, juntou-os todos, atou os vimes todos, e voltando para o filho mais velho, que era forte, disse-lhe:

– Toma este feixe. E agora parte-o.

O filho fez força, força, mas não conseguiu partir o conjunto dos sete vimes.

O pai disse-lhe:

– Então?

E ele:

– Eu não consigo, não posso...

– Então algum de vocês acha que é capaz?

Foi dando o feixe dos sete vimes a cada um dos filhos e nenhum foi capaz de partir o conjunto dos vimes.

Então o pai disse-lhes:

– Meus filhos! O mais pequenino de vocês, que só tem quatro anos, partiu sem lhe custar coisa nenhuma, partiu todos os vimes, enquanto eles eram individuais, um a um. Agora o mais forte de vocês, e mais velho, não conseguiu partir os vimes todos juntos. Nem ele nem nenhum de vocês. Pois bem, a mensagem que eu vos quero dar, antes de morrer, é que enquanto vocês estiverem todos unidos como irmãos, ninguém gozará convosco, ninguém vos fará mal nem ninguém vos vencerá. Mas, logo que vocês se separem ou que reine a desunião entre vocês, então, individualmente, qualquer um de vocês será facilmente vencido.

Acabou de dizer isso e faleceu. Os filhos viveram muito felizes e nunca esquecendo a mensagem do pai, viveram sempre em união, em irmandade. E como não houve força nunca que os desunisse, também nunca houve força que os vencesse. E foram felizes.

Informante: Ana Maria Bragança Costa, professora de português.

Recolha: em Nisa, Portalegre, a 16 de Novembro de 2006.

Coletor: Samira Mendes Tavares (REC 38)

Classificação: ATU 910F

261

[A MADRASTA]

Havia uma senhora, tinha uma filha e era viúva. Na frente da sua casa havia um senhor também viúvo que tinha uma filha da idade [da filha] da viúva. E então, um dia, a viúva o que é que se lembrou?

– Ouve lá, e se o teu pai se casasse comigo? Já viste? Tu eras minha filha, e vinhas para aqui. Estavas aqui com a minha filha e era como se fossem duas irmãs. Olha, se o teu pai casar comigo, eu faço-te sempre bolos de mel e azeite.

Essa senhora fazia bolos de mel e azeite, que as pessoas gostavam muito.

E então a miúda, senhorinha, foi e disse ao pai:

– Ó pai, ali a nossa vizinha diz: se tu casasses com ela, que ela era a minha mãe e fazia bolinhos de mel e azeite que eu gosto muito.

Diz-lhe o pai assim:

– Ó filha, agora são mel e azeite, mas depois, quando o pai casar com ela, já são de fel, veneno. Vais ver que não é aquilo que ela diz.

– Ah, mas o meu pai diz...

– Não, eu trato-te bem. Eu faço-te tudo. Fica descansada que eu sou tua mãe.

Bom, a rapariga veio pra casa, conseguiu convencer o pai. O pai disse:

– Então vou casar, então, com ela. Mas olha, vais sofrer...

– Não, pai! Eu quero que tu cases.

Casaram, ela começou logo a tratar mal a enteada, que era a rapariga a filha do marido. E começou logo a tratá-la mal e só tratava bem era a filha dela. A filha era a menina e a outra, fazia dela uma escrava.

A rapariga já estava tão aborrecida de ela a tratar mal, o que é que pensou? Arranjar um noivo e casar para sair de casa, porque já não podia aguentar. Sai de casa, ela arranjou uma casinha muito pobrezinha para a rapariga morar, e comprou só o indispensável que não valia nada. E a rapariga foi morar com o marido. Mas a rapariga, como era uma boa dona de casa, ela limpava muito bem aquela casinha. Limpava muito bem as coisinhas que tinha pra viver, criava animais e começaram a viver muito bem.

A filha da senhora, quando viu a amiga, que era como se fosse irmã, casada, começou a ter ciúmes e a dizer:

– Ó mãe, eu também quero casar. Vê lá se me arranjas um noivo, que eu também quero casar.

E a mãe arranjou um noivo para a filha. A mãe comprou uma linda vivenda para a filha e mobilou com tudo o que havia de melhor. Mas a outra, que era boa, não tinha ciúmes. Cada uma fazia a sua vida.

Um dia, diz a mãe, a senhora, pró marido:

– Ouve lá, vamos fazer uma visita às nossas filhas. Olha, a minha sei que tem uma linda casa, mas a tua não sei como é que terá a casa dela, que é uma cabana.

– Então vamos.

Bom, chegaram lá, bateram à porta de surpresa, apareceu-lhe a enteada. Fez uma grande festa: foi logo matar galinhas, matar coelhos, pão... Tinha tudo com fartura em casa. Para além da casa ser pobrezinha, mas estava tudo encedado, tudo brilhava de limpeza. E ela ficou muito contente com o que viu na casa da enteada.

– Ah! Mas isto na casa da minha filha é que vale a pena nós passarmos e ficarmos lá um dia, porque é uma vivenda e tem tudo coisas diferentes.

Foram à casa da filha. Chegou lá, bateu à porta, a filha estava a dormir. Vem:

– Quem é?

– Sou a mãe.

Abriu a porta, vem toda desgrenhada, muito porca, com a roupa muito suja; ela, a filha, muito porca, com o corpo muito porco. Diz-lhe ela assim:

– Entre.

Abriu a porta para a mãe entrar. Diz a mãe a assim:

– Ó filha, mas por onde é que eu posso passar, se isto é só lixo dentro de casa?

O lixo no chão tinha quase meio metro de altura. O lixo era tanto que a filha teve que por umas pedras, tipo passadeira, para passar por cima para ir pra dentro.

Diz ele assim:

- Então a casa da minha filha que é pobrezinha, mas estava limpinha, tudo encerado, tudo brilhante, e esta que era uma vivenda de luxo como é que está...
- Ó filha, por onde é que eu posso passar para ir pra dentro?
- Olha mãe, vem de pedrinha em pedrinha, não caias na merdinha. Meu conto acabado, está terminado.

Informante: Mariana Chumbinho, 74 anos, natural de São Domingos, Santiago do Cacém.

Recolha: em Olhão, Faro, a 15 de Janeiro de 2008.

Coletor: Ricardo Rodrigues (gravação 2 / 02'55)

Classificação: ATU 915

262

A ENTEADA, A MADRASTA E A FILHA DA MADRASTA

Então a madraستا casou com aquele homem. Era feliz, mas não mandava a filha fazer nada. E então, como não mandava a filha fazer nada, a filha não aprendeu a fazer nada. E mandava a enteada: a enteada sabia amassar, caiar, lavar, passar – fazia tudo: tratar dos porcos... Fazia de tudo, e a outra não fazia nada. E então um dia cresceram, a enteada casou, a filha casou... E um dia, a mãe vai visitar as duas. Cada qual foi para o seu canto. Vai visitar as duas. E então chamavam as lavagens (que era juntar as lavagens da loiça e daquilo... E chamavam as lavagens: tratar dos porcos, àqueles farelos chamavam as lavagens para dar aos porcos).

É então quando foi primeiro à da filha. E a filha viu vir a mãe e disse assim:

– Ó minha mãe! Venha de pedrinha em pedrinha, não se entale nesta merdinha! (Porque não sabia fazer nada). Gritou à mãe que não se aproximasse da porta para não se entalar na merdinha que ela lá tinha. E depois diz ela.

Bom, vai ter com a enteada. Quando chegou à porta da enteada, a enteada muito alegre.

– Ah! Venha cá! Eu tenho umas lavagens muito bonitas, tudo arrumado, tudo limpo, tudo asseado. Quer ver o que fiz às minhas lavagens?

Tinha três ou quatro porcos na pocilga, ali a comer e todos gordinhos, todos prontos para matar.

E então ficou toda contente, mas ficou mais triste porque não ensinou à filha a fazer.

(E então, isto é, porque às vezes a gente diz assim a um filho: “não faças, eu faço, não faças, eu faço.” Um dia mais tarde, ou um filho ou uma filha, querem fazer e não sabem fazer nada e então não fazem nada.)

Informante: Amélia Amores Maria, 69 anos, reformada, 1.^a classe.

Recolha: em Patã de Baixo, Albufeira, Faro, a 6 de Janeiro de 2008.

Coletor: Andreia Pacheco e Rita Martins (faixa n.º 30)

Classificação: ATU 915

263

[AS DUAS IRMÃS]

Havia duas irmãs: uma chamava-se Guiomar e a outra chamava-se Maria. E a mãe dessas duas meninas mandava-as trabalhar, ajudar na lida da casa. E ela mandava sempre a Maria, a Maria é que fazia tudo. A Maria lavava a roupa, a Maria varria o chão, a Maria lavava a loiça... E a Guiomar nunca fazia nada, a mãe nunca mandava a Guiomar fazer nada. Então, quando já [estava] na idade delas casarem, cada uma casou e foram viver cada uma para sua casa.

A mãe ia visitar as filhas. Um dia, chegou a casa da Maria e bateu à porta. E a Maria, muito alegre lá de dentro, disse-lhe:

– Entre minha mãe, venha. Que bom vê-la! Então, que novidades me traz?

E a mãe disse:

– Oh, Maria, já estás a trabalhar a esta hora?

– Eu já, minha mãe. Já fui levar o pequeno-almoço aos homens que estão na terra. Estão a trabalhar e a lavrar os campos e eu agora vou fazer o almoço do meio-dia. Venha, minha mãe, pode entrar.

E a mãe ficou muito contente, pois tudo o que tinha ensinado à Maria, ela tinha feito um bom trabalho. E fazia o trabalho com muito amor e muita alegria. E então, essa Maria era irmã da outra, Guiomar. A mãe foi visitar a Guiomar. A mãe bateu à porta, e a Guiomar:

– Sinhooooora!

– Oh, Guiomar!

– Entre minha mãe. Ponha os pés de pedra em pedra para não escorregar na merda! (risos)

Informante: Maria Joaquina Oliveira Macedo, 48 anos, natural de Amarante, doméstica

Recolha: em Amarante, Porto, a 8 de Dezembro de 2008.

Coletor: Joana Soares (Gravação 21 / 1'03)

Classificação: ATU 915

264

[A CRIANÇA E A PANELA]

Havia uma criança que estava ao lume. A criança estava sempre com o olho numa panela. Depois, entrou uma mulher e perguntou-lhe:

– Então onde é que está a tua mãe?

E a criança respondeu:

– A minha mãe foi a um sítio onde ninguém ia por ela.

Ao qual a senhora pergunta:

– Então não podes dizer onde foi?

E a criança responde:

– Já lhe disse! A minha mãe foi a um sítio onde ninguém ia por ela.

Mas a mulher, que procurava pelo miúdo, tanto o apertou para saber onde estava a mãe do miúdo.

– Mas então onde foi a tua mãe?

O miúdo responde:

– Olhe, a minha mãe foi a um enterro. Ninguém podia ir por ela, nem a senhora nem ninguém.

– Então, o que estás a fazer aqui sentado ao lume?

A criança responde:

– Olhe, estou à espera dos que vão e dos que vêm...

– Do quê? Dos mortos?

– Não! Eu tenho uma panela de feijões a cozer ao lume e tenho aqui um púcaro com água. E então [estou] aqui à espera dos que vão e dos que vêm, os feijões que vão para baixo e os que vão para cima para lhes deitar água! Que diabo da velhota que é chata!

Informante: Maria Celeste Longo, 74 anos, doméstica.

Recolha: em Meirinhos, Mogadouro, Bragança, a 24 de Dezembro de 2009.

Coletor: Elsa Cristina Longo Caetano (Gravação n.º 59)

Classificação: ATU 921

265

O TRABALHADOR QUE PUNHA O DINHEIRO A JUROS

Estava um senhor a trabalhar à beira de uma estrada, um trabalhador agrícola a trabalhar.

O rei passou, disse:

– O que estás aqui a fazer?

– Estou aqui a trabalhar, a arrancar aqui o mato.

– Então e quanto é que ganhas por dia?

– Dois vinténs.

– E consegues viver?

– Sim. Com este dinheiro consigo viver, pagar as minhas dívidas, viver mais a minha mulher, pagar as minhas dívidas e até dar a juros.

O rei passou, foi para o destino que tinha marcado. Quando voltou, parou novamente ao pé do trabalhador. Parou novamente ao pé do trabalhador e disse:

– Afinal, venho-te pedir uma explicação. Como é que tu, com os magros dois vinténs que ganhas por dia, consegues ter dinheiro para emprestar.

E ele disse:

– Dinheiro para emprestar não, senhor rei. Eu, com este dinheiro que ganho, uma parte é para eu comer com a minha mulher; outra parte para sustentar os meus pais, pagam-me a dívida; e a outra para sustentar os meus filhos, estou dando a juros.

Informante: Maria José Alves Romão, 71 anos, natural de S. Bartolomeu de Messines, Silves, Faro, reformada, 4.ª classe.

Recolha: em Faro, a 3 de Janeiro de 2007.

Coletor: Abel Chanfana (Cd n.º 1)

Classificação: ATU 921A

266

A HISTÓRIA DO PEDRO

Era uma vez um rapaz chamado Pedro. Era um rapaz muito inteligente e estava a brincar na rua. Entretanto chega um padre ao pé dele. Era um padre de fora da aldeia e perguntou-lhe:

– Ó rapaz, diz-me lá por onde é que esta estrada vai?
 E o Pedro responde, muito inteligente:
 – Esta estrada não vai, o senhor é que vai nela!
 E o padre disse:
 – Bem, tu és mesmo inteligente! Olha lá como é que tu te chamas?
 E o rapaz responde:
 – Eu não me chamo, chamam-me. //
 E o padre disse:
 – Tu és mesmo muito inteligente! Qual é o teu nome então?
 E o rapaz respondeu:
 – O meu nome? O meu nome é Pedro.
 E o padre disse:
 – Ò Pedro, já que és assim tão inteligente, eu tenho um desafio para ti. Tu vais comigo até minha casa e eu faço-te perguntas. Por cada pergunta que tu não acares, eu dou-te uma estalada.
 E o Pedro aceitou. E assim foi.
 Foram, então, para casa do padre e a caminho de casa, o padre perguntou-lhe:
 – Olha lá, Pedro, o que é que eu sou?
 E o Pedro respondeu:
 – Você? Você é um padre!
 E o padre dá-lhe uma estalada e disse:
 – Errado! Eu sou um papa-Cristos!
 Entretanto, chegaram a casa e o padre foi mostrar a casa ao Pedro. Aponta para a cama e diz:
 – Ó Pedro, o que é que é aquilo?
 E o Pedro:
 – Aquilo? Aquilo é uma cama!
 E o padre dá-lhe uma estalada e disse:
 – Errado! É uma constantinopla!
 Entretanto, o padre aponta para debaixo da cama e estão lá uns chinelos.
 Pergunta-lhe:
 – O que é que é aquilo, Pedro?
 E o Pedro disse:
 – Aquilo? Aquilo são uns chinelos!
 O padre dá-lhe uma estalada e diz:
 – Errado! São os tira-vidas aos esgrabitates.

Entretanto passa um gato, o gato do padre, e o padre pergunta:
 – Ó Pedro, que animal é aquele?
 E o Pedro responde:
 – Aquilo? Aquilo é um gato!
 E o padre dá-lhe uma estalada e diz:
 – Errado! É um caça-ratos!
 Entretanto, foram ao estaleiro e o padre perguntou:
 – Ó Pedro, o que é que é aquilo?
 E o Pedro respondeu:
 – Aquilo, sr. padre, aquilo é um estaleiro.
 E o padre dá-lhe uma estalada e diz:
 – Errado! É uma estraquitana!
 No estaleiro, estavam aquelas salsichas, presas umas às outras no tecto, e o padre pergunta-lhe assim:
 – Ó Pedro, o que é que é aquilo?
 E o Pedro respondeu:
 – Ó sr. Padre, aquilo são umas salsichas!
 E o padre dá-lhe uma estalada e diz:
 – Errado! Aquilo são uns pais-eternos!
 O Pedro já estava farto de levar estaladas. O padre disse-lhe:
 – Olha, agora vamo-nos deitar e amanhã faço-te mais perguntas.
 E assim foi. O Pedro, farto de levar estaladas, aproveitou que o padre já estava a dormir, vai ao estaleiro, rouba-lhe as salsichas, pega no gato do padre e dá-lhe fogo à cauda. Entretanto, vai ao quarto do padre, acorda o padre e diz:
 – Levanta-te papa-Cristos, desce da constantinopla, calça as tuas tira-vidas aos esgrabitates e vai acudir o caça-ratos que pega fogo à estraquitana! Eu cá vou com os pais-eternos, levo comer para toda a semana!

Informante: Gonçalo Lourenço, 20 anos, natural de Lisboa, estudante.

Recolha: em Gambelas, Montenegro, Faro, a 10 de Dezembro de 2010.

Coletor: Ana Marlene Moura Abrantes

Classificação: ATU 921D* + ATU 1562A

267

O REI E OS TRÊS CONSELHEIROS

Era um rei e ia à caça com três conselheiros. E depois, quando chegou a um certo campo, andava um senhor, um homenzinho, cavando lá nas terras e o rei foi ao pé dele e disse-lhe:

– Boa tarde, muita neve vai na serra.

E o velhote respondeu:

– Já é tempo, senhor, dela.

O rei perguntou:

– Quantos ovos *puseram* a pata.

E ele respondeu:

– Quatro.

O rei perguntou:

– Quantas vezes já te *arderam* a casa?

– Duas.

O rei respondeu:

– *Tens que* mandar cá três patos. Depena-os da cabeça ao rabo.

O velhote respondeu:

– Assim o farei, Vossa Excelência.

O homenzinho foi-se embora e diz o rei para os conselheiros:

– Se vocês não souberem dizer-me aquilo que eu perguntei ao homenzinho e responder aquilo que o homenzinho disse estão despedidos, não são mais conselheiros.

Os conselheiros deram voltas à cabeça a pensar o que é que ele tinha dito. Vai um, à do velhote:

– Vim para você me explicar o que disse ao nosso rei e o nosso rei vos respondeu, porque a gente não sabe e ele diz que nos despede.

O velhote diz:

– Está bem, entre para dentro. Vá ali para aquele quarto e dispa-se até ficar nu.

O conselheiro foi lá, despiu-se, e, depois de estar despido, o velhote disse:

– Já se pode ir embora. Dos três patos já cá está um.

Mas o conselheiro não disse nada aos outros.

No dia seguinte vai outro e o velhote faz o mesmo.

Vem outro, o velhote mandou-o despir e depois disse:

– Vá-se embora. Os três patos já cá estão, o nosso rei cá virá.

Depois um dia o rei apanha os conselheiros e foi ter com o velhote:

– Então fez o que lhe mandei?

E o velhote:

– Sim, Vossa Excelência. Os três patos estão ai e as penas estão aqui, a roupa dos três conselheiros.

O Rei diz “está bem”, e diz que eles agora são obrigados a pagar o dote às duas filhas que o velhote disse que tinha para casar. E depois explicou-lhes, então, que a neve que havia na serra eram os cabelos brancos que o velhote tinha, quantos ovos tinha posto a pata eram as quatro filhas que tinha e quantas vezes lhe tinha ardido a casa, já tinha casado duas filhas, tinha duas para casar.

Informante: Maria Adélia Pedro, 75 anos, natural de Vila Nova de Cacela, V.R.S.A.

Recolha: em Vila Nova de Cacela, V.R.S.A., Faro, em 2006

Coletor: Alexandra Bento (faixa 13)

Classificação: ATU 921F*

Nota: Reconto em Margarida Nunes 2006 (faixa 31)

268

[OS CONSELHEIROS DO REI]

Sabe que os reis, no outro tempo, eram as pessoas que mais mandavam. E todos eles tinham um conselheiro – ou dois ou três – que eram os criados. Então, havia um rei com três conselheiros. De maneira que disse para os conselheiros:

– Amanhã de manhã, temos de abalar cedo.

E era em pleno Verão: Junho, Julho. Foram andando, andando, andava um casal ceifando com a filha. Lá chegou:

– Bom dia!

– Bom dia, sua Majestade!

Diz-lhe o rei assim:

– Muita neve vai na serra.

Responde o homenzinho assim:

– Saberá sua Majestade que é tempo dela.

E então, quando vezes te ardeu a casa?

– Arderam-me três.

– Quantas te faltam arder?

– Falta-me uma.

– Então eu te mandarei cá três patos, que é para tu os depenares.

– Então eu os depenarei como vossa Majestade manda.

Bom, andaram por lá o dia inteiro. Quando chegaram ao sol-posto, diz ele para os conselheiros:

– Isto, amanhã de manhã, quero isto tudo decifrado. Quando não, estão todos no meio da rua.

Pensaram os conselheiros: “O que é que a gente faz à nossa vida?”

Diz um assim:

– Devíamos era ir caminho do velho. E a gente pagá-lo muito bem pago, pra ele explicar à gente. Quanto é que tu tens? Quanto é que tu tens? Quanto é que eu tenho?

Bom, juntaram o dinheirinho todo que tinham.

Tudo à porta. Lá o velhote se levantou. Ele viu os três conselheiros, lembrou-se logo:

“Deixou os patos que ele mandou cá para eu depenar...”

– Então o que é que os traz por cá?

– Ora, você sabe que a gente somos lá da audiência do rei. E ele ontem fez lá estas e estas perguntas e a ordem que temos é que, se a gente amanhã de manhã não souber decifrar o que é, vamos para o meio da rua. Então viemos cá para o senhor nos explicar.

E ele:

– Eu posso explicar, mas vocês têm que pagar muito bem pago.

– Ai, isso não há problemas, pelo dinheiro não há problemas.

Bom, arrearam o dinheirinho todo ali. Ele disse assim:

– Olha, quando o rei chegou ao pé de mim e disse “muita neve vai na serra”, eu disse “saberá sua majestade que já é tempo dela”, sou eu que já estou cheio de cabelos brancos, a idade avançada. Quantas vezes me tinha ardido a casa, que disse que eram três, tinha casado três filhas. Quantas me faltavam arder, faltava-me arder uma, faltava-me casar uma. E os três patos que ele mandava cá pra eu depenar são vocês os três que vieram cá largar o dinheirinho todo.

Informante: José Avelino Nunes, 76 anos, natural de Pocinho, Vila Nova de Cacela, VRSA, Faro

Recolha: Vila Nova de Cacela, V.R.S.A., Faro, a 5 de Novembro de 2006.

Coletor: Margarida Nunes Rosa (faixa n.º 16)

Classificação: ATU 921F*

269

O REI E A BRASA

Era um rei que estava doente e tinha um bobo. (Um bobo era um daqueles homens, mas aquele não era homem, era criança. Era uma criancinha, coitada, estava ao pé do rei. Sempre uma pessoa, ao pé do rei, sempre via essas coisas).

E então, o rei disse assim – nas últimas horas da morte – e disse assim:

– Ó bobo, eu quero fumar!

E o rapazinho, que era novo, deu-lhe o charuto e depois de lhe dar o charuto, diz ele:

– Então dás-me o charuto e não me acendes o charuto?

Como havia a braseira (que sempre havia nesses grandes palácios, essas grandes braseiras de dia e de noite) e o rapazinho não tinha nada para pegar na brasa... E então o que é que ele fez? Agarrou numa mão-cheia de cinzas e pôs na mão. E depois pôs a brasa em cima. Pegou na brasa com a cinza e levou. E depois, pôs assim com um montão de cinzas²³ e levou a brasinha em cima da cinza. E levou ao rei.

– Tem aqui meu Real Senhor.

E ele disse assim para o vassalo:

– Morrendo e aprendendo!

E morreu.

Informante: Amélia Amores Maria, 69 anos, reformada, 1.ª classe.

Recolha: em Patã de Baixo, Albufeira, Faro, a 6 de Janeiro de 2008.

Coletor: Andreia Pacheco e Rita Martins (faixa 29 / 0'03)

Classificação: Ca-Ch 921J

²³ A informante coloca as mãos a imitar como se faz

270

FREI JOÃO SEM CUIDADOS

O rei ouvia sempre falar em Frei João sem Cuidados como um homem que não se afligia com coisa nenhuma deste mundo.

– Deixa estar que eu é que te hei-de meter em trabalhos...

Mandou-o chamar à sua presença e disse-lhe:

– Vou-te dar uma adivinha e se dentro de três dias não souberes responder, mando-te matar. Quero que me digas quando pesa a lua, quanta água têm o mar e o que é que eu penso.

Frei João sem Cuidados saiu do palácio bastante atrapalhado, pensado na resposta que havia de dar àquelas perguntas. O seu moleiro encontrou no caminho e lá estranhou ver o frei João sem Cuidados de cabeça baixa e macambúzio.

– Olá senhor Frei sem Cuidados, então o que é isso que o vejo tão triste?

– É que o rei disse-me que me mandava matar dentro de três dias se eu não lhe respondesse a estas perguntas: quanto pesa a lua, quanta água têm o mar e o que é que ele pensa...

O moleiro pôs-se a rir e disse-lhe que não tivesse cuidado e que lhe empres-tasse o hábito de frade que ele iria disfarçado e havia de dar boas respostas ao rei.

Passados os três dias, o moleiro vestido de frade foi pedir audiência ao rei. O rei perguntou-lhe:

– Então, quanto pesa a lua?

– Saberá vossa Majestade que não pode pesar mais do que um arrátel, porque todos dizem que ela tem quatro quartos.

– É verdade, e agora, quanta água tem o mar?

Responde o moleiro:

– Isso é muito fácil saber, mas como a vossa Majestade só quis saber da água do mar, é preciso que primeiro mande tapar todos os rios, porque sem isso nada feito.

O rei achou bem respondido, mas zangado por ver que o Frei João escapava das dificuldades, tornou:

– Agora, se não souberes o que é que eu penso, mando-te matar.

O moleiro respondeu:

– Ora, vossa Majestade pensa que está falando com o Frei João sem Cuidados; está mas é falando com o seu moleiro.

Deixou cair o hábito e o rei ficou pasmado com a esperteza do ladino.

Informante: Maria Odete, 55 anos, natural de Abrantes.

Recolha: em Abrantes, Santarém, no dia 28 de Novembro 2015.

Coletor: Renata Fidalgo (faixa s/n.º)

Classificação: ATU 922

271

FREI JOÃO SEM CUIDADOS

Num reino, há muito tempo, havia um frade muito descuidado, muito feliz da vida, sem preocupações. O rei ouviu falar dele. Ele, que andava sempre preocupado, quis conhecer tal pessoa, podia ser que aprendesse alguma coisa com ele. Mandou-o chamar. O frei João sem cuidados foi até ao palácio do rei todo contente, muito feliz.

Quando chegou lá o rei disse-lhe assim:

– Então ouvi dizer, frei João, que tu não tens cuidados nenhuns, sem preocupações é a tua vida. Mas, agora, vais ver se não vais ficar aqui um bocado ralado. Vou-te fazer três perguntas. Se ao fim de três dias não me trouxeres resposta para estas três perguntas, eu mando-te cortar a cabeça. Então as perguntas são estas: Quanto é que pesa a lua? Quanta água tem o mar? E em que é que eu estou a pensar? Podes-te ir embora. Vai, vai!

O frei João saiu do palácio do rei muito preocupado, nem parecia ele. Pelo caminho encontrou um moleiro que havia lá por aqueles lados. E vendo-o assim, tão preocupado disse:

– Então, frei João, vai aí com um ar tão preocupado, nem parece você!

E o frei João respondeu:

– Então, ouve lá... O rei fez-me três perguntas. Tenho que dar a resposta ao fim de três dias. E se não der ele manda-me matar. Mas eu não sei como responder aquilo.

– Frei João, então... Venham daí as perguntas que eu sou muito esperto.

– Olha, uma foi: Quanto é que pesa a lua. A outra foi: Quanta água há no mar. E outra foi: em que é que ele está a pensar.

– Ah, senhor, isso é muito fácil de responder. – Disse-lhe o moleiro. – Dê-me só aí o seu fato de frade, que eu visto-o e trato disso por si.

– Ah, eu fico-te muito agradecido.

Bem, e assim foi.

Passados três dias, o moleiro disfarçado de frei João foi até ao palácio do rei.

– Aqui estou, senhor!

– Então ouve lá frei João. Agora é que vamos ver!

O rei já estava ali a ver, todo contente, que ia destruir o frei João.

– Diz-me cá uma coisa: Diz-me lá então quanto é que pesa a lua?

E o moleiro espertalhão disse:

– Então há-de pesar um arrátel, porque tem quatro quartos, é o que ela pesa.

– Hummm... boa resposta, boa resposta. Então, e agora: Quanta água há no mar?

– Oh, minha Alteza, isso é muito fácil. É uma resposta muito fácil. Mas, primeiro vossa Alteza tem que mandar tapar todos os rios, porque só então fica a água no mar.

– Boa resposta, boa resposta! Mas esta agora, desta agora não te safas: diz lá em que é que eu estou a pensar agora.

– Ai, então, mas isso é muito fácil. Vossa Alteza está a pensar que está a falar com o frei João sem cuidados e afinal está a falar com o vosso moleiro.

E daí, o moleiro tirou o fato e mostrou-se.

Informante: Inês Santos, natural de Leiria, professora.

Recolha: em Maceira, Leiria, a 12 de Dezembro de 2009.

Coletor: Elsa Caetano e Manuela Neves (Gravação n.º 32)

Classificação: ATU 922

272

FREI JOÃO

Era um moleiro que trabalhava para o rei e a determinada altura, o rei já estava chateado com ele, já não... Pronto, não me lembro porquê, pronto. Acho que o queria mandar matar, mas deu-lhe uma oportunidade, e disse:

– Olha, se tu conseguires saber quanto pesa a lua, quanta água tem o mar e o que penso eu, aí já não te matam.

E então ele, pronto, ficou muito aflito, muito aflito, e foi ter com o frei João:

– Ai, Frei João, veja lá agora que o rei diz que me mata se eu não souber responder a estas perguntas.

E o frei João disse:

– Ai, não, não há problema. Deixa estar que eu vou no teu lugar.

E então o frei João vestiu a roupa do moleiro e lá foi ter com o rei. E então:

– Então diz-me lá... Então quanto é que pesa a lua?

– A lua pesa quatro quartos.

Então, pronto, muito bem. Lá disse:

– Ah, está bem, está certo. Então e quanta água tem o mar?

– Olhe, primeiro tem que mandar fechar aí os rios todos. Depois eu digo-lhe quanta água tem o mar.

– Está bem. Então e o que é que penso eu?

– Olhe, pensa que está a falar com o seu moleiro e está a falar com o frei João.

Informante: Célia Martins, 41 anos, natural de Olhão, recepcionista, 12.º ano.

Recolha: em Olhão, Faro, a 9 de Dezembro de 2011.

Coletor: Filipa Pedro

Classificação: ATU 922

273

CARNE DE CABRA SALGADA

E um dia o padre foi atravessar uma ribeira, para ir ungir, dar a extrema-unção, (chamavam ungir a pessoa) e estava um homem muito mal e foi chamado e foi. Mas ao passar a ribeira, quando lá estava, começou a chover, foi logo de manhã.

Começou a chover e a ribeira encheu e ele não pôde passar. A ribeira encheu, não pôde passar e teve que lá ficar. E o que é que as pessoas tinham para comer? Carne de cabra salgada, guisada com chicharos (uma espécie de griseos²⁴).

E então foram guardando e guardando e tinham vergonha de dizer ao padre o que tinham para comer. Mas quando já era de noite, estava tudo cheio de fome. O homem fez o trabalho dele, o padre fez o trabalho dele, e estava cheio de fome.

E diz ele assim:

²⁴ ervilhas.

– Ai, a gente temos ali uma comidazinha, mas temos carne de cabra salgada com chicharos e não temos mais nada, a gente aqui não temos mais nada... O senhor prior não quer comer? O senhor padre não quer comer?

Diz ele assim:

– Como, sim senhor! Então não como porquê? Como, sim senhor!

E sentou-se à mesa e comeu.

Bom, comeu, comeu porque era bom, tinha fome... comeu. Comeu e o que é que faz? No outro dia quando a ribeira vagou, ele veio para o outro lado, lá para aqueles lavradores fanfarrões e então o que é que faz? Vai e diz a um lavrador – ao maior lavrador que lá estava naquela aldeia – que tinha comido um jantar maravilhoso. Que nunca tinha comido melhor jantar na vida dele.

– E o que é que você comeu, se eles são uns miseráveis? – disse-lhe o lavrador.

– Carne de cabra salgada com chicharos!

E o que é que o lavrador faz? Mandou matar uma cabra. Mandou matar a cabra, esfolou a cabra. (Mandou esfolar, que eles não faziam nada.) Esfolou a cabra e mandou fazer. Bom, comeu... Vem, no outro dia, ao pé do senhor prior outra vez:

– Oh! O senhor prior estava a dizer que aquilo era coisa boa! Não, não! Aquilo não presta para nada!

Diz assim:

– Ai, não presta para nada?! Comesse você, à noite, em jejum, que logo via se era bom ou não era...

(Acontece é que isto acontece às pessoas porque se tiverem fome tudo sabe bem, mas se não tiverem, nada sabe bem.)

Informante: Amélia Amores Maria, 69 anos, reformada, 1.ª classe.

Recolha: em Patã de Baixo, Albufeira, Faro, a 25 de Novembro de 2007.

Coletor: Andreia Pacheco e Rita Martins (faixa 57)

Classificação: Ca-Ch 922E

274

A COMIDA E O SAL

Um rei tinha três filhas e gostava muito delas. E perguntou como elas gostavam dele. Uma delas diz-lhe que gosta tanto do pai como um jardim gosta de flores. O

pai pensou que, realmente, a filha devia gostar muito dele, porque um jardim sem flores não é nada. Outra disse que gostava tanto do pai como os peixes de água. E como os peixes não podem sobreviver sem água, esta filha realmente deve gostar muito do pai. A terceira filha diz-lhe que gostava dele como a comida gosta do sal. O rei pensa que a filha não gosta dele, porque não sabe que a comida precisa de sal. Fica muito triste, muito chateado, e pede ao caçador do reino que mate a sua filha e que lhe traga o coração dela como prova de como a matou, já que ela não era digna de viver, porque não gostava do pai.

O caçador leva a princesa para o meio do mato, mas a rapariga era muito boazinha e não tem coragem de a matar. E diz-lhe para ela fugir, para ir para longe e não aparecer ali, que ele diz ao pai que a matou. Mas não a mata. E assim é. Ela foge, o caçador chega ao pé do rei e diz que matou a princesa, mas que não teve coragem de lhe tirar o coração. E o rei pensa que ele realmente [matou] a sua filha.

A princesa fica sozinha no meio do mato a chorar, muito assustada e triste por o pai a querer matar. E passa um príncipe a cavalo que encontra a princesa e a acha muito bonita. E pergunta o que se passa, e ela conta que está muito triste porque foi passear com o irmão e perdeu-se dele e agora está ali sozinha, não querendo contar a verdade ao príncipe. E ele leva-a para o seu reino.

Quando ela chega ao reino, fala com a rainha – mãe do príncipe – e conta-lhe a verdade toda. E a rainha, sabendo que ela é uma princesa muito bonita e que o príncipe gostava dela, fica interessada em que o príncipe se casasse com a princesa. Depois, o príncipe fica a saber de toda a verdade – que ela é uma princesa e que o pai a quis matar – e decidem casar-se.

Depois de se terem casado é anunciado ao pai da princesa que a sua filha afinal está viva, que se casou, e que está a viver noutra reinado. Toda a família da princesa, o pai a mãe e as irmãs, são convidados para jantar no palácio do príncipe com quem ela casou. Lá vai a família toda. O jantar é servido e a família da princesa não consegue comer o jantar. Então, a rainha, mãe do príncipe, pergunta ao pai da princesa porque é que eles não comem, respondendo o rei que a comida esta intragável e é impossível conseguir comê-la. A rainha diz-lhe que a comida está assim, e é natural que não a consigam comer, porque não levou sal. O rei pergunta:

– Ai a comida precisa de sal?

A rainha responde:

– Claro que precisa! E tu mandaste matar a tua filha, pensaste que ela não gostava de ti porque não sabias que a comida sem sal não presta!

O rei, muito arrependido, fica muito triste e pede muitas desculpas à sua filha, aprendendo que a comida precisa de sal e que, afinal, tanto ela como as suas irmãs deram um exemplo de como gostavam muito do pai.

Informante: Joana de Madureira Ramos, 19 anos, natural de Olhão, estudante universitária.

Recolha: Olhão, Faro, em 2006

Coletor: Joana de Madureira Ramos (Cassette n.º 3 / Lado A)

Classificação: ATU 923

275

A MENINA DO VESTIDO AZUL

Havia um pai que tinha três filhas. E depois, diz ele assim:

– Qual é a que gosta mais de mim?

Uma filha disse:

– Eu gosto tanto de me ver.

A outra disse:

– Eu gosto tanto de me ouvir.

E a outra disse:

– Eu gosto tanto de me saibo (sabor).

Então desprezou essa. Era a filha do rei. Desprezou-a e ela, coitadinha, foi correr mundo. Encontrou uma senhora rica e disse se não queriam ajustar algum sítio: cruzarem os patos. E eles ajustaram-na.

E depois, essa senhora tinha um filho e perguntou se ela plantava:

– Patos por aqui, patos por ali, cada vez que eu escuto o filho do rei a andar por aqui.

Não era para ser uma criada, era para tratar dos patos.

Depois o mocito queria sempre andar ao pé dela, pois gostava muito dela.

E ela dizia assim:

– Minha patroa, não me manda ir à missa, não me deixa ir à missa?

E a patroa disse:

– Ai, mãe, eu não! Não te mando ir à missa toda [incompreensível], não, não te mando não!

Mas ela, coitada, tinha três vestidos dentro de uma caixa de um pau, tinha os vestidos ali guardados. Foi à missa, e vestiu um da cor do mar. Tinha estrelas e tudo como o mar, tinha peixes como os do mar.

O moço foi à igreja e disse:

– Mas quem é aquela senhora? Quem é aquela senhora?

E ele o que é que faz? Cortou um pedacinho do vestido e guardou.

Ela vem de lá, chegou a casa e vestiu a farda dela e assim ninguém sabia se era ela que tinha ido ou não. Mas ele tinha quase a certeza que era ela.

Depois, no outro domingo pediu à senhora para ir à missa. A senhora não queria que ela fosse, mas ela ia: vestia o vestido da cor do céu, que tinha todas as estrelas (era um lindo vestido). Ele vai lá e corta outro pedacinho do vestido.

Depois ele vem para casa e ela enfia uma coisa toda preta. Ele tinha quase a certeza que ela era uma rainha, pois dizia:

– Patos por aqui, patos por ali, às vezes penso que o filho do rei anda por aí...

Ela depois no outro domingo queria ir à missa outra vez. A patroa zangava-se, mas ela lá ia outra vez: vestia o vestido que tinha todas as cores. Ele ia outra vez e cortava-lhe outro pedaço.

Depois ela veio da missa, despiu o vestido, guardava e vestia-se toda mangueirona.

O moço ficou doente e não comia nada. E a mãe não queria que ele conversasse com a moça. Ela, depois, foi fazer um bolo e a mãe ficou a ver como é que ela fazia o bolo. Ela então lavou-se tanto, tanto, tanto, que se lavou em nove águas para fazer o bolo. Viram que ela era asseada e deixaram o filho comer. Ele comeu o bolo e ficou bom.

Eles os dois juntaram-se, fizeram um casamento e quiseram chamar o pai dela. O que é que ela faz? Preparou o comer todo, mas no lado do pai não pôs sal, e o pai disse que não queria, mas ela disse que queria-o tanto pelo sabor e não pôs sal.

Depois perguntou:

– Está tudo com o comerzinho bom? Não está tudo bom?

E o pai respondeu:

– Não, não está nada bom, não tem sabor nenhum!

A filha disse:

– Ah! Não tem sabor nenhum, mas desprezou-me por eu dizer que o queria tanto como o saibo!

Ele, então, depois fez as pazes com a filha. Ficou tudo rico e tudo bem. O pai começou a tratar a filha bem.

Informante: Isabel Martins Reis, 85 anos, natural de Perna Seca, Silves, Faro, reformada.

Recolha: em Silves, Faro, a 4 de Janeiro de 2008.

Coletor: Cláudia Carriço (clip 3 / 19'13)

Classificação: ATU 923

276

A PATEIRA

Havia um rei que tinha três filhas. E então o rei disse assim para a filha mais velha:

– Ó filha, tu queres muito o teu pai?

– Ó meu pai, então não hei-de querer? Eu quero tanto o meu pai como quero o meu coração.

O pai disse:

– Sim senhora, boa filha.

Depois chamou a outra, mais nova.

– Ó filha, tu queres muito o teu pai?

– Ó meu pai, quero tanto o meu pai como quero à minha alma.

– Boa filha.

Depois foi à mais nova. Chamou-a. Chamou a mais nova, a mais nova veio, e o pai disse:

– Tu queres muito o teu pai, filha?

– Eu quero tanto ao meu pai como a comida quer o gosto do sal.

Ele aqui ficou muito raivoso da filha dizer aquilo, e disse:

– Então, o sal não se pode pôr na boca! Não pode ser! Eu não te quero considerar já como filha!

E depois, mandou matá-la. Mandou matá-la, chamou um criado e disse:

– Leva a minha filha, leva-a para o mato, mata-a e traz a língua dela para eu retalhar.

E então, o criado ia com ela pelo caminho e disse:

– Menina, mas então, porque é que a menina disse aquilo ao seu pai?

– Então, eu quero tanto ao meu pai como a comida quer o sal! A comida sem sal não tem gosto nenhum!

E o criado disse:

– É verdade! Mas o seu pai mandou-a matar e levar a língua e eu tenho que fazer isso...

Mas depois teve muito dó da menina e disse assim:

– Olha, eu vou matar aquele... aquele cordeiro que vem além... um borreguinho.

Matou o borreguinho e trouxe a língua para o rei, o rei retalhou a língua, retalhou... E ela depois, abalou, foi correr mundo.

Foi correr mundo, e então quando ia chegando, quando ia chegando ao pé da... de um campo muito grande, encontrou um rapaz, e disse:

– Tu não me queres dizer onde é que posso arranjar trabalho?

– Olhe, só no Palácio...

E ela depois foi, foi à procura de trabalho. Foi à procura de trabalho e disseram-lhe assim:

– O que é que tu sabes fazer?

– Ah, sei guardar patos.

E ela ia muito mal-vestida, trocou a roupa com uma pobrezinha. E depois, foi guardar patos, e depois tinha a mala dela com a roupa, todos os dias, ao pé do lago, onde para onde ela ia cuidar nos patos, vestia a roupa de princesa. E depois pegava numa varinha e punha assim:

Patinha aqui, patinha ali
Se o filho do rei me visse,
Gostaria de mim?

Uma dizia assim:

– Sim, sim, senhora sim, sim.

A outra dizia:

– Não, não, senhora não, não.

Essa que dizia: “não, não, senhora não, não”, ela matava-a.

Depois à noite vinha, com uma pata morta, duas patas... Depois a rainha dizia assim:

– Mas que jeitos ela matar os patos, senhores?!

Depois disse ao filho:

– Hás-de ir espreitar porque é que ela mata os patos.

Depois, o príncipe pôs-se num cavalo e foi, viu onde ela estava, viu ela vestir-se de princesa, ficou logo apaixonado por ela... Ficou apaixonado por ela, e então, todos os dias ia espreitar para ver. Ela todos os dias trazia patos mortos para casa.

Foi, ele disse à mãe:

– Olha, eu quero casar com a pateira.

– Então porquê?

Depois ela esteve a contar... ele contou à mãe, e a mãe disse:

– Então, se gostas dela, casa com ela.

Bem, resolveu casar, e então ela, no dia do casamento disse... mandou chamar todos os reis, mandou chamar o pai dela. Mas ela estava muito bem-trajada, que o pai não a conheceu. Mas de toda a comida que fizeram, faziam... tiravam um prato para fora, da panela, antes de pôr o sal. E depois sentaram-se, quando estava tudo

sentado à mesa, vinham pôr os pratos já feitos na frente do pessoal. E puseram o prato sem sal ao pé do pai dela.

Ele foi começar a comer:

– Ai, mas a comida não tem gosto!

Todos comiam.

– Vocês gostam da comida?

– Está muito boa, muito boa!

E depois vinha outra comida, vinham os criados, punham a comida sem sal ao pé dele, todos comiam, ele ia provar, não podia comer, e dizia assim:

– Mas então, porque é que todos comem bem e eu não posso comer?

E depois a noiva tirou o véu da cara e disse:

– Porque a comida quer o sal, quer o gosto do sal, e essa não tem sal. E a sua filha, o senhor mandou matá-la porque ela disse que lhe queria tanto como a comida queria o gosto do sal. Aí está, se ela lhe queria bem ou não!

Ele aqui disse:

– Ai, e eu mandei matar a minha filha! Podem-me prender! Podem-me matar! Podem fazer tudo que eu mandei matar a minha filha e ela morreu inocente!

Depois ela disse:

– A sua filha não morreu, a sua filha sou eu!

E então, ali abraçaram-se e beijaram-se e a rapariga ficou depois amiga do pai e o pai amigo da filha.

Informante: Isaura de Jesus Martins, 86 anos, natural da Cabanita, Paderne, Albufeira, Faro, reformada, sabe ler e escrever.

Recolha: em Paderne, Albufeira, Faro, a 13/10/07.

Coletor: Cláudia Marta (CD / faixa n.º 5)

Classificação: ATU 923

277

CONTO DO SABOR A SAL

Um rei tinha três filhas, e um dia perguntou a elas o que mais gostavam dele.

Uma diz que gostava tanto dele como os próprios olhos, outra disse que gostava tanto dele como ela própria e outra disse que gostava tanto dele como o gosto do sal.

O que é que ele resolveu? Encarou aquilo tão mal, que mandou chamar o criado e mandou matar a filha:

E disse ao criado:

– Tu vais matá-la, mas tens de trazer a cachola.

Ele foi, e levou uma canita com ele, sem o patrão saber. Foi, matou a canita, trouxe a cachola e pôs a rapariga “ao Deus dará”. A rapariga, vai, foi... foi dar à casa de uns ladrões. Escondeu-se lá, varreu a casa. Depois, limpou aquilo, preparou aquilo, e escondeu-se atrás da porta. Quando os ladrões chegaram, viram a casa varrida, mexida e foram dar com a rapariga, que estava por detrás da porta, escondida. Mas, quando ela foi, levou uma mala com a roupa dela, com os vestidos dela. Mas os ladrões não lhe fizeram mal, o que é certo, é que ela não quis ficar ali, viu que era uma casa de ladrões e foi-se embora.

Foi, foi, foi dar com uma casa de um patrão grande. Era um rei e pediu trabalho.

– Pois o que é que hei-de fazer?

E puseram-na a guardar patos. Deram uma casinha para ela viver lá e puseram-na a guardar patos. E começava a dizer assim:

Ai, pata aqui, pata aqui, pata acolá;

Filha de um rei a guardar patos é coisa que não há.

Ai pata aqui, ai pata acolá, pata aqui;

Filha de um rei a guardar patos foi coisa que eu nunca vi.

E tinha lá o moço, o filho do rei. E ela, os sábados e os domingos, vestia-se com a roupa dela, e ela era muito bonita. E o moço começou a invejar-se dela. Começou a invejar-se dela, e o patrão, assim que desconfiou daquilo – os criados contavam – pôs logo a guardadora de patos a mexer. E ele adoeceu. Adoeceu, iam buscar médicos para ele, para o curar, mas não havia maneira: cada vez estava pior. O que é que fizeram? Foram buscar a guardadora de patos e ele pôs-se bom. Depois esteve lá uns dias, e o rei não encarava que ele queria casar com a guardadora de patos e puseram a moça a mexer outra vez. E ele adoeceu outra vez. E que é que fizeram? Foram buscar a guardadora de patos e resolveram casar.

E ela, assim que foi tratar do casamento, tratou logo de ela ser a cozinheira, foi a cozinheira. E o que é certo, é que ele mandou chamar os reis todos, onde foi o pai da rapariga também lá. Foi o pai da rapariga – ela era a cozinheira, não pôs sal na comida dele. Como não pôs sal na comida dele, os pratos vieram para a mesa, ele ia comer, não pode comer a comida: não tinha sal, não tinha gosto nenhum.

Depois, o pessoal dizia assim:

– Então toda a gente come e você não come, porquê?

– Eu não posso comer a comida, de maneira nenhuma. Como ela está, não posso comer a comida.

Chamaram a cozinheira. Ela veio e disse assim para ele:

– Então você não se lembra de mandar matar a sua filha, aquela que disse que queria tanto a você como o gosto do sal?

Depois reconheceram isto. O pai do rapaz acabou por saber que ela era filha de um rei e o casamento acabou na maior alegria, na maior satisfação.

Informante: Manuel de Sousa Silva, 84 anos, natural da Picota, Parragil, Loulé, Faro, reformado.

Recolha: na Picota, Parragil, Loulé, Faro, a 3-1-2008.

Coletor: Sónia Rodrigues e Paula Cabral (cassete: n.º 7/ lado A)

Classificação: ATU 923

278

[O REI E AS DUAS FILHAS]

Era um rei que tinha duas filhas. E depois o rei perguntou qual era o gosto mais precioso? E uma filha disse que era a água e a outra filha disse que era o sal. O sal é que temperava, é que dava o gosto às coisas. E ele, depois, mandou os empregados irem matar a filha.

A filha levou sete vestidos e cada pedacinho de língua tinha que trazer enrolada num pedacinho de vestido. E então os empregados foram, mas a rainha... a filha era tão bonita, tão bonita, que eles disseram:

– A gente não mata!

– Eu também não tenho coragem de matar!

E então o que é que eles fizeram? Encontraram um cão, mataram o cão, tiraram a língua do cão e então cada pedacinho da língua do cão tiraram um pedacinho do vestido da rainha para mostrar depois ao rei.

A rainha foi, foi andando e encontrou uma pobrezinha. E depois disse assim:

– Ó velhinha, dá-me o teu vestido que eu dou-te um dos meus!

E a senhora disse:

– Ai, então um vestido tão lindo por uns trapinhos que a velhinha tem?

– Sim, esses é que são bons!

Ela depois deu o vestido da rainha à velhota e ela deu-lhe a roupinha dela. E ela depois arranjou um pedacinho de carvão. (Porque antigamente fazia-se fogo em qualquer lado para assar peixe ou para cozinhar e então um *toçanito* daqueles.) E ela pintou a cara toda de preto e foi a uma casa pedir trabalho. E a senhora disse:

– Ai, uma preta!

E o filho disse assim:

– Sim, ela parece ser assim tão jeitosinha... Dá-lhe trabalho, coitada!

E deu-lhe trabalho. O que é que lhe mandaram fazer? Ele era um grande fazendeiro, tinha uma grande fazenda, e mandou ela guardar patos. Ela chegava ao pé do lago, lavava-se, preparava-se e vestia o vestido de rainha e dizia:

Pato para aqui, pato para ali.

A filha dum rei guardar patos,

Ainda não vi senão aqui.

E vá uma pazada num pato. Cada dia matava um pato.

Depois, quando ia para casa levar os patos, vestia-se outra vez, besuntava a cara toda de preto e lá ia ela levar os patos.

E antigamente contavam os patos, a ver ser faltava algum. E faltava todos os dias um pato. Até que o filho do rei um dia disse assim:

– Eu vou ver como isto é?

Foi, e viu-a vestida de rainha. O homem ficou doente. E depois adoeceu, ficou muito mal, muito mal... E depois disse à mãe:

– Ó mãe, eu curava-me se comesse um bolo feito por aquela preta! – Porque ele já sabia que não era preta.

– Ai, filho, então agora queres um bolo feito pela preta?

– Sim, vai pedir que ela faz!

Foi pedir, diz ela assim:

– Mas deixa-me eu trabalhar sozinha na cozinha uma hora, que é o tempo que eu levo a fazer o bolo!

Mas ninguém vai para lá, que é para se lavar, vestir o vestido de rainha e fazer o bolo.

– Mas então ela nunca mais traz o bolo?

A mãe foi espreitar e viu que era uma linda rapariga.

– Ai, mas ela não é preta?
 – Ó mãe, eu quero casar com ela!
 E depois arranjaram o casamento. E ela disse:
 – Eu caso-me, mas têm que chamar o rei! – Que era o pai dela.
 E foram-no chamar. Ela pediu:
 – Cada qualidade de prato, tirem um prato sem sal que é além para aquele rei.
 E eles serviram à mesa, o prato do rei era sem sal.
 – Então não come, senhor rei?
 – Não tem gosto, mas a comida não tem gosto...
 – Então não quer esse prato?
 E foi buscar outro, outra qualidade de comida. E não tinha gosto, porque não tinha sal. Até que ela se levantou e disse:
 – Havia um rei, que tinha duas filhas...
 E foi buscar aquilo que o pai lhe tinha feito. Ele olhou para a filha, viu que era a filha, deu-lhe uma coisa e morreu.
 Sempre o gosto do sal... Sempre o sal é que põe o gosto à comida.

Informante: Maria do Carmo Ramos, 78 anos, natural de Faro, reformada, 3.º ano.

Recolha: nas Campinas de Faro, a 14 de Outubro de 2007.

Coletor: Ana Filipa Mendonça (faixa 1 / 06'15)

Classificação: ATU 923

279

O PAI QUE QUERIA SABER COMO É QUE AS FILHAS GOSTAVAM DELE

Eram três filhas. E o pai disse assim, para a mais velha:
 – Ó filha, tu gostas do pai?
 – Gosto.
 – Então e tu gostas do pai como? Como é que tu gostas do pai?
 – Ai, eu gosto do pai como eu gosto do pai, como os pássaros adoram o sol.
 – Ah, então gostas muito do pai.
 Foi, perguntou à outra, à do meio:
 – Ó filha, tu gostas do pai?
 – Gosto, eu gosto muito do pai.

– Então e como é que tu gostas do pai?
 – Ai, eu gosto tanto do pai, como os peixes adoram a água.
 – Ah, gostas muito do pai.
 Foi, perguntou à mais nova:
 – Ó filha, tu gostas do pai?
 – Gosto.
 – E como é que tu gostas do pai?
 – Ai, eu gosto tanto do pai, eu gosto tanto do pai, como o sal adora a comida.
 – Então tu não gostas de mim. Vai para fora, põe-te na rua! Tu não gostas de mim. As tuas irmãs sim, agora tu não!
 A rapariguinha foi, foi, foi bater a uma porta, para ir servir para uma casa. Passaram uns anos, e ela lá naquela casa, a servir, a fazer a comida na cozinha. Até que um dia, os patrões pensaram em fazer uma grande festa. Fizeram uma grande festa e convidaram o pai dela. Estava tudo à mesa. Ela, quando viu o pai, disse assim:

– Ai, espera aí, eu agora ponho-te a comida sem sal.
 Pôs sal para as outras pessoas todas e a dele sem sal.
 Tudo comia muito, tudo muito contente, aquela comida estava muito boa. E ele, nada. Até que ela foi ao pé dele e disse-lhe assim:
 – Então, o senhor não come?
 Ele já não conhecia a filha.
 – Então o senhor não come?
 – Ah, não me apetece.
 – Não lhe apetece? Ah, não lhe apetece, ou a comida não tem sal?
 – Ah, pois é a comida que não tem sal.
 – Ah, então espere que eu trago sal.
 E foi buscar o sal. Levou o sal e disse assim:
 – Prove lá, ponha lá agora.
 – Ai agora sim, a comida está muito boa, muito boa.
 – Ah, então o sal adora a comida?
 Ali o homem pensou: “Alto lá, esta é a minha filha!” – Começou a olhar para ela: “Esta é a minha filha. Então ela disse-me que gostava de mim como o sal adorava a comida e eu não quis acreditar, disse que a minha filha não gostava de mim. E ela agora fez-me isto.”
 Ele pediu perdão à filha e ficaram bem, mas ali, ele compreendeu o quanto a filha gostava dele.

Informante: Maria dos Anjos, 62 anos, natural de Olhão, doméstica, 4.º ano.

Recolha: em Olhão, Faro, a 9 de Dezembro de 2011.

Coletor: Filipa Pedro

Classificação: ATU 923

280

A MARIA DOS PATOS

Era um rei que tinha três filhas. E então, o rei estava doente e chamou as filhas. E disse qual é a que gostava mais dele.

Uma disse-lhe:

– Ai, eu gosto mais do pai do que todo o ouro do mundo.

Outra disse:

– Ai, eu gosto tanto do pai como Deus.

Depois foi a mais nova:

– Então e tu?

– Eu gosto tanto do pai como a comida gosta do sal.

E o pai disse-lhe:

– Ai é? Então vais-te embora, não és minha filha!

E, mandou-a embora.

Foi-se embora, chegou a outro reinado, pediu trabalho.

E então:

– O que é que sabes fazer?

Não sabia fazer nada.

– Então vou guardar patos!

Então ficou a Maria dos patos.

Então ia para o monte guardar patos. Então, começava com um pau:

– Pato p’r aqui, pato p’r acolá... Pato p’r aqui, pato p’r ali. Filha de um rei guardar patos é que eu nunca vi.

Toma! Matava um pato.

Vinham de lá eles:

– Então, Maria dos patos. Já mataste outro pato?

Depois, lá ia outro dia, começava com a mesma coisa, com o pau:

– Pato p’r aqui, pato p’r ali. Filha de um rei guardar patos é que eu nunca vi.

Toma, matava outro.

E então, o conselheiro, lá no monte, estava a ouvi-la e veio dizer ao rei... (Ah, e ela punha-se a pentear...) Então, contou ao rei:

– Ó meu amo, ali há qualquer coisa esquisita... uma rapariga tão linda, uns cabelos tão lindos guardando patos? E depois mete a touca na cabeça e começa: “Pato p’r aqui, pato p’r ali. Filha de um rei guardar patos é que eu nunca vi?”

– Então, chame lá a rapariga.

Chamou-a para o rei. E então ele a perguntar-lhe porque é que ela dizia isso. Ah, pois ela não queria dizer:

– Ah, não! Sou assim, sou assado...

Bem, ela continuou lá a trabalhar. Um dia – ele era muito amigo do outro reino, e o outro reino estava muito doente, então tinha as três filhas muito doentes...

Ah, não! Ela transformou-se em guardadora de patos lá no reino do pai. E então, um dia disseram-lhe para ir cozinhar.

– Deixa-me lá cozinhar.

– Não, não podes cozinhar que o rei não quer!

– Não, mas deixa-me lá cozinhar.

E então ela cozinhou e não deixou nada de sal no comer. E então foram servir o almoço ao rei. Onde o rei gritou logo à aia, não é?

– O que é que se passou que a comida não tem sabor, não sabe a nada?

E ela toda muito coiso: “Ai, foi a Maria dos patos...”

– Quem é que fez o comer?

Então tiveram que descobrir quem fez o comer.

– Quem fez o comer foi a Maria dos patos.

– Então tragam cá a Maria dos Patos.

Então chegou lá a Maria dos Patos e ele perguntou-lhe que aquele comer não tinha sabor nenhum.

Então ela disse:

– Então este comer não tem sabor porquê?

– Porque tem falta de sal.

– Pois então o comer tem falta de sal? Pois eu gosto tanto do meu pai como o comer precisa do sal.

E nessa altura tirou a touca, ele viu que era a filha e pediu desculpa. Afinal ela queria mais ao pai que as outras irmãs todas. E assim ficou muito feliz porque o pai perdoou-a, não é?

Informante: Maria Guadalupe Mestre Valadas, 51 anos, natural de Mértola, Beja, doméstica, 6.º ano.

Recolha: em Corte-Sines, Mértola, Beja, a 1 de Novembro de 2008.

Coletor: Andreia Fragoso e Sandra Mestre (gravação / 1:16'41)

Classificação: ATU 923

281

AS MULHERES QUE QUERIAM CORTAR O BEBÉ AO MEIO

Eram duas mulheres que tiveram um filho, cada uma, no mesmo dia. E o filho de uma morreu. E depois ela foi trocar o bebé: foi à cama onde estava o bebé da outra, e trocou. E depois ela disse:

– Ai, a fulana levou-me o meu bebé.

E ela dizia:

– Que não, que não, que não! O teu bebé é o que morreu!

– Não, não, o meu bebé é o que está vivo.

E elas nunca mais paravam com aquilo.

Até que foram – até porque naquele tempo era o rei e que decidia tudo – e foram, e o rei, o que pensou? Disse:

– Olha, a gente faz uma coisa: corta-se o bebé ao meio, a metade! Uma fica com a parte da cabeça, outra fica com a parte das pernas.

A que não era mãe, disse logo:

– Sim, está bom. Faz-se isso mesmo!

A outra, coitadinha, disse:

– Não, eu prefiro ficar sem o bebé, mas não corte o bebé. Dê-lhe o bebé inteiro.

Não faça isso, porque eu não quero o bebé assim, eu prefiro dar o meu bebé.

Ele ali viu logo que aquela é que era a mãe. Preferia dar o bebé, mas não queria que cortassem o bebé.

E aí ele viu: “Não o bebé vai para aquela, porque aquela é que não quer que o bebé seja cortado.”

E então foi assim, ficou ela com o filho. Ele teve sabedoria de fazer isso assim. Foi a maneira melhor e a sabedoria de fazer isso para saber quem era a mãe.

Informante: Maria dos Anjos, 62 anos, natural de Olhão, doméstica, 4.º ano.

Recolha: em Olhão, Faro, a 9 de Dezembro de 2011.

Coletor: Filipa Pedro

Classificação: ATU 926

282

O REI SALOMÃO

Era um rei que mandava na corte. E então, havia uma mãe que tinha um filho, mas o filho foi criado por outra. E depois, quando mais tarde a própria mãe quis o filho, a outra não lho deu. E então disse que dividiam o filho ao meio, era metade para cada uma. Foram ao rei, o rei é que tinha que... [decidir]. E o rei pega numa perna do miúdo e com uma machada, ou o que era... E a mãe mesmo chorava muito. E então pedia:

– Antes quero que o dês vivo a essa mulher do que partir o miúdo.

(Não é? Partido ao meio, morria, claro. E a outra, como não era mãe, não se importava.)

E então dizia para o rei fazer. E o rei, tanto ouviu uma e outra que dá o miúdo e diz assim:

– Ninguém mata o miúdo! Entregai-o aquela mulher que chora, pois ela é a verdadeira mãe.

Informante: Adelaide Pires Martins, 56 anos, natural de Mértola, Beja, doméstica, 4.º ano.

Recolha: em Corte-Sines, Mértola, Beja, a 1 de Novembro de 2008.

Coletor: Andreia Fragoso e Sandra Mestre (gravação / 1:04'50)

Classificação: ATU 926

283

[OS DOIS ALENTEJANOS E A HERANÇA]

Havia dois compadres que estavam na justiça por causa de uma herança. E então, um ia ao juiz e dizia-lhe que as divisões da herança estavam mal. Mas o juiz dizia que sim, que ele tinha razão, que a parte da herança lhe cabia a ele. Depois, a seguir, ia o outro queixar-se ao juiz, que a parte da herança lhe cabia a ele. E o juiz dizia-lhe também a ele:

- Sim, sim, esteja descansado que a herança pertence-lhe a si!
E cada vez que um ia lá, o juiz dava razão àquele que se estava a queixar.
Até que um dia a mulher do juiz olha para ele e diz assim:
– Ó homem, então, vem aqui fulano tu dás-lhe razão. A seguir vem o outro, dás-lhe razão também? Afinal, de quem é que é a herança?
E o juiz olha para a mulher e diz:
– Cala-te, cala-te, a herança é mas é minha! (risos)

Informante: Ana Mestre, 42 anos, natural de Mértola, Beja, 6.º ano.

Recolha: em Corte-Sines, Mértola, Beja, a 24 de Dezembro de 2008.

Coletor: Andreia Fragoso e Sandra Mestre (gravação / 2:59'09)

Classificação: ATU 926D

284

O FILHO PRÓDIGO

É um filho que quis abandonar o pai. O pai tinha uma fortuna, era um homem muito rico. E então tinha dois filhos, a mãe tinha morrido. O filho mais novo, como o pai tinha uma fortuna, quis saber da herança dele em dinheiro. Ora vai que o pai deu-lhe. O pai disse-lhe:

– Queres a tua fortuna, eu vou-te a dar.

O que é que ele faz com a herança? Com a herança vai-se embora. Abandonou o pai e vai correr o mundo à maneira dele. E o que é que ele faz? Destroí o dinheiro todo. Destruí a herança toda. No fim já não tinha nada. Não tinha nada.

O que é que ele faz? Corre para ir trabalhar para um senhor que tinha uma herdade e foi guardar porcos. Guardar porcos, porque ele já não tinha nada. E ele dizia para ele:

– Oh, isto, na casa do meu pai tem tanta fartura e eu estou a passar fome. – Dizia ele.

E então, de maneira que ia guardar os porcos. Ele estava com tanta fome que até as bolotas ele comia. Tinha que comer e o patrão não queria que ele comesse. Guerreava com ele, não queria que ele... não queria que ele comesse as bolotas, porque era a refeição dos animais. Ele passou fome e então, o que é que ele disse?:

– Na casa do meu pai, que é uma casa rica e eu nunca passei fome, tem tanto criado para comer, tanta fartura de comer e eu estou a passar fome. Eu vou pensar ir pedir perdão ao meu pai.

Ele agarra-se nele e vai. Vai para pedir perdão ao pai. Foi ao encontro do pai.

O pai assim que o viu... Ele ajoelhou-se aos pés do pai e disse:

– Pai, eu peço-lhe perdão, porque eu não mereço ser seu filho por aquilo que eu fiz.

Foi o que ele disse para o pai. E o pai disse:

– Não, meu filho, tu és recebido como de antes. – Disse o pai para ele. – Tu és como antes para mim.

E então o que é que ele faz? Manda fazer uma grande festa, mandou matar animais, uma grande festa para o filho, que lhe pediu perdão, arrependeu-se daquilo que fez ao pai. E então o que é que o pai faz? Faz uma grande festa.

O irmão mais velho chega e diz assim:

– Mas que festa é esta? – Admirou-se.

Diz o criado para ele:

– Foi o teu irmão que regressou a casa. Veio pedir perdão ao teu pai e quis voltar a casa. E diz ele:

– Então o meu pai para mim não faz nada e para ele, que o abandonou... Fez-lhe tudo, tanto mal, exigiu-lhe dinheiro e ele fez-lhe tudo?

E depois, foi ter com o pai e o pai disse:

– Sim filho, o pai faz tudo ao teu irmão. Tudo por ele da melhor maneira, porque é meu filho e eu perdoo-o aquilo que ele me fez.

Foi comprar a melhor roupa para ele vestir, fez o banquete mais lindo que havia e o irmão teve ciúmes disso. Disse então:

– O meu pai faz a ele, que ele abandonou-o, e para mim nunca me faz nada. – Isto disse o irmão.

E o pai disse:

– Não, o pai faz tudo pelo teu irmão e por ti. Porque o teu irmão pediu-me perdão, arrependeu-se daquilo que me fez. E então está perdoado.

(Esta história é comovente, não é?)

De maneira que o pai pôs-lhe em casa, e ele disse para o pai:

– Pai, eu venho trabalhar para a casa, mas como criado. Não quero ser como seu filho de antes. (Dizia ele que era como criado). Não quero que o pai me trate como filho.

Disse o pai para ele:

– Não, filho! Vais ser como de antes, bem tratado e não trabalhas mais. Fazes o mesmo que fazias antes.

(Esta parábola é muito bonita.)

E então acabou assim. Ele ficou na casa do pai. O pai fez um grande banquete, foi uma festa muito linda e ele ficou na casa do pai. E ajoelhou-se aos pés do pai pedindo perdão, mais de uma vez, que não merecia aquilo que o pai estava a fazer-lhe.

Informante: Maria Assunção Roses Jeremias, 77 anos, natural de Quarteira, Loulé, Faro, doméstica, 3.ª classe.

Recolha: em Quarteira, Loulé, Faro, a 26 de Novembro de 2007.

Coletor: Cátia Jeremias e Dilaila Grilo (Cd n.º 6)

Classificação: ATU 935

285

O FILHO PRÓDIGO

Havia um pai que tinha dois filhos e o filho mais velho era o braço direito do pai, que por sua vez, trabalhava em casa. Era a pessoa que, se calhar, mais se dedicava e lutava para que a casa continuasse... E havia um filho, que era o mais novo, que simplesmente preocupava-se em gastar o que o pai tinha, andando nas borgas, saindo, não se preocupando... Preocupava-se exclusivamente consigo e com os amigos, que não eram propriamente os melhores amigos... Porque nós também, ao longo da nossa vida, vamos tendo amigos que nos são... dizem-nos as verdades, dizem-nos o que não gostamos de ouvir. Porque esses são os verdadeiros. Mas também temos os amigos dos copos, que toda a gente os tem. Que uma coisa que eles fazem é: aproveitam-se de ti para gastarem o que tu tens.... e por tu gastares... Que foi o caso do filho pródigo, que pegou os amigos... O filho chegou ao pai, um dia disse-lhe... Como o pai era uma pessoa de bastantes posses, o filho chegou ao pai e disse:

– Pai eu não quero nada disto, eu quero a minha parte. Sou teu filho e mereço metade, como merece o filho mais velho. Independentemente de ele fazer mais ou menos do que eu. E quero ir embora, quero viver a vida.

E o pai, como era filho, deu a metade. E depois o que acontece é que o filho durante algum tempo – durante, se calhar, um ou dois anos – viveu à grande e à francesa, com dez, vinte amigos. Mas depois chegou o momento em que ele não

trabalhava, não ganhava para isso. Gastou o que tinha e ficou sem nada. E a partir desse momento, os amigos dos copos, os grandes amigos, simplesmente viraram-lhe as costas, foram-se embora e ele ficou sem nada, ficou na miséria.

E o filho pródigo à casa volta. E volta... E o que acontece? O filho voltou para casa. Chegou ao pai e disse:

– Olhe, pai, não tenho nada, mas queria vir aqui para casa.

O filho mais velho não gostou e bem. O filho mais velho tudo fez para – como devo dizer? – para manter a casa. E perdeu tanta coisa em prol da... Perdeu tanta coisa em prol do irmão mais novo e agora o irmão mais novo chegava a casa: “Pai, aceita-me porque eu sou teu filho!” e não aceitava isso de bom agrado. E o pai disse:

– Não, meu filho! O filho é meu filho. Eu tenho que o aceitar, independentemente dele ser bom ou mau filho.

E explicou-lhe como é que... Quer dizer, que aí o próprio filho deu valor ao que o pai tinha dito.

– Meu filho, não vás! Olha que a vida não é assim, e às vezes se calhar nós caímos... E mesmo assim é uma boa forma de aprendermos, de valorizarmos, se calhar, o que temos e de valorizar, se calhar, quem nos quer bem.

A história do filho pródigo à casa volta é essa mesma. O filho gastou, estragou tudo, não queria nada com a casa, mas na hora da verdade disse: “A casa sim! Quem me quer bem é os meus pais!” E o pai aceitou o filho, por muito mau que ele fosse, que tivesse sido para com ele.

Informante: José Pereira Aleixo, 31 anos, natural de Montalegre, Vila Real, guarda da GNR, 12.º ano.

Recolha: em Vale de São Martinho, V. N. de Famalicão, Braga, a 1 de Janeiro de 2012.

Coletor: Sandra Faria da Costa Fontes (DVD 2)

Classificação: ATU 935

286

O PAI QUE MATA O FILHO POR AMBIÇÃO

Era uma vez um velho que tinha um filho que era muito trabalhador. Como não ganhava a vida como desejava, lá na sua terra, ele resolveu ir-se embora para ganhar dinheiro. Ao princípio, este não dava notícias ao seu pai, mas mandava-lhe

muito dinheiro. Com o passar do tempo, este deixou de lhe dar notícias e o seu pai pensou que o filho tinha morrido.

Alguns anos depois, um homem foi bater à porta do pai e pediu-lhe abrigo para aquela noite. Durante essa noite conversaram muito.

O velho, como era muito ambicioso, resolver ver o que é que o senhor tinha na sua mala. Este tinha uma mala cheia de dinheiro.

Como já referi, o homem era muito ambicioso e resolveu matar o senhor. Contudo ao remexer melhor na mala, viu que este era o seu filho. E então, ficou cheio de remorsos e foi-se entregar à polícia.

Informante: Sandra Mota, 19 anos, natural do Porto, estudante de Gestão de Empresas.

Recolha: em Faro, a 23 de Novembro de 2009.

Coletor: Dália Solá Faísca e Gabriela Pacheco (faixa n.º 15 / 0'25)

Classificação: ATU 939A

287

A MÃO DE FINADOS

Era uma vez, um senhor que tinha uma espécie de retrosaria, tinha muitos tecidos e coisas assim, e ele tinha três filhas. Houve um dia que ele teve de se ausentar por uns dias para ir comprar tecidos numa outra cidade. E ele disse assim às filhas:

– O pai vai ter que ir embora, mas vocês não abram a porta a ninguém, não deixem ninguém entrar, porque anda aí muita gente que pode querer fazer-vos mal.

Elas disseram:

– Está bem pai. Vai descansado que não abrimos a porta a ninguém.

O pai foi. Nessa mesma noite bateu à porta um homem. A mais velha foi e disse:

– Quem é?

– Sou um pobre mendigo. Deixem-me lá entrar!

– Não posso deixar entrar, porque meu pai disse para não abrir a porta a estranhos.

– Mas, por favor, deixem-me lá entrar!

E ela disse que não o deixava entrar. Só que a mais nova viu que esse homem tinha uma mão com luzes, uma mão escura, parecia morta. E com luzes tipo, vermelho, verde, amarelo (tipo as luzes dos sinais de trânsito), e o homem foi-se embora, visto que ela não o deixava entrar.

Mas ele voltou. Voltou mascarado de velhinha. Bateu à porta, e veio outra vez a mais velha. Ele fez uma voz [de velhinha]:

– Por favor, deixem-me entrar! Não tenho sítio onde passar esta noite. Vocês parecem ser umas meninas tão boazinhas... Por favor, deixem-me entrar!

E a mais velha respondeu:

– Mas nós não podemos, porque o nosso pai não nos deixa abrir a porta a ninguém, principalmente a estranhos.

– Mas, eu sou uma pobre mulher, velhinha indefesa.

A velhinha de tanto insistir (o homem mascarado de velhinha), deixaram-no entrar. Entretanto, estavam a comer, [era] hora do jantar, e a velhinha (ou o homem) disse:

– Como foram tão boazinhas tenho aqui umas maçãs para vocês.

Mas as maçãs estavam envenenadas. Quando ela foi dar as maçãs à mais nova [esta] reparou na mão dela. Tinha a mão assim com um ar morto e com luzes.

E a mais nova pensou:

– Esta mão é igual à do homem, se calhar é a mesma pessoa.

Então quando as duas irmãs, a do meio e a mais velha, comeram a maçã, a mais nova fingiu que comeu. Passaram alguns segundos e as irmãs caem no chão e a outra cai também, mas a fingir, porque ela não tinha comido a maçã.

Então o homem mascarado de velhinha começa a roubar as coisas todas da casa... Mas queria matar elas também e fazer-lhe mal. Só que a mais nova, que só fingia que estava desmaiada, tenta acordar as outras e enquanto ele estava a roubar as coisas da casa, elas acordam e a mais nova explica às irmãs o que tinha acontecido. Então elas vão buscar aquelas coisas da lareira e enquanto o homem estava de costas viradas, dão-lhe com aquilo na cabeça. E matam-no.

Informante: Catarina Gaspar, 21 anos, estudante, reside em Odivelas.

Recolha: em São Brás de Alportel, Faro, a 19/12/2005.

Coletor: Miriã Pestana (cassete n.º 1 / lado B)

Classificação: ATU 956B

288

[A MULHER E O LADRÃO]

Houve uma mulher que tinha três dentes queixais no cú (isso foi ela que inventou). E ela foi, entrou em casa, foi a buscar uns ovos e viu um ladrão, um homem escondido debaixo da cama. E ela lá lhe deu de vaia:

– Então está com frio? Venha para aqui que eu arranjo uns ovinhos para a gente comer.

E então, ela lembrou-se, depois de comerem e diz ela:

– Eu vou-lhe a contar uma passagem da minha vida. Senti-me mal, fui ao médico e ele disse-me que eu tinha três dentes queixais no cú e tem-se que se tirar. Lá ele foi com a chave e ela: “Há el-rei quem me acode?” (ela fazia que lhe doía).

– Ó mulher, fique calada que senão ainda alguém passa ai e pensa que tem algum ladrão em casa.

– Não, os meus vizinhos, já todos sabem. E dizem logo que “é a minha vizinha que está contado isto a alguém que não sabe”.

Bom, cada dente que lhe tirava era um “ah el-rei quem me acode.” No fim dos três dentes o pessoal estava já à porta quando ela diz:

– Ajudem-me, que eu tenho um ladrão aqui em casa.

Informante: João José Correia, 86 anos, natural da Manta Rota, VRSA, reformado.

Recolha: em Manta Rota, VRSA, Faro, a 11 de Dezembro de 2010.

Coletor: Daniela Nunes

Classificação: ATU 956D

289

A ESPERTEZA DA VELHA

Era uma velhota que vivia lá num lugar, sozinha. E foi lá um fulano pedir-lhe quartel, se dava lá pousada. E ela: sim senhora. Havia lareira, foi para a beira da lareira. E ela tinha lá um netinho. E o neto viu na algibeira do homem um facalhão. E foi ter com a avó. Foi ter com a avó e disse:

– Ó avó, o pobrezinho que a avó deu pousada tem um facalhão no bolso...

– Não me digas... Deixa. Shhh... Calado, não digas nada, pronto...

Lá chegou às tantas, cearam... Bem, e diz a velha:

– Sabe uma coisa? A gente aqui, pronto... Costumo contar sempre as histórias da minha vida às pessoas que ficam cá. E eu vou-lhe contar que é para você saber.

– Sim senhora. Diga lá, então.

– Sabe, o meu marido faleceu com um nascido. Nasceu-lhe um nascido no pescoço, oi, muito grande... E de maneira que foi crescendo, foi crescendo e teve que ser lancetado. E quando ele foi lancetado, olhe... O homem dava gritos: “Acudam-me!!! Acudam-me, que me querem matar! Acudam-me...”

– Ó minha senhora, não grite...

Ela assim para ele:

– Ah, as pessoas já estão habituadas! Eu conto isto muita vez! Bem, e depois aquilo passou. Passou... Levou outra vez. Depois então já não estava cá o barbeiro (naquele tempo era o barbeiro...) Fui eu a fazer o serviço. Olhe, a técnica... O homem gritava: “Acudam-me, acudam-me, acudam-me!!!”

Dali a bocado, as pessoas a bater à porta:

– Então, o que é? Então, está aí a gritar?

– É um ladrão que eu tenho aqui em casa... (risos)

E o ladrão a dizer:

– Você não grite, não grite... (risos)

Era então a esperteza da velha! A velha, à conta da doença do marido, chamou a vizinhança toda!

Informante: Francisco Cabrita Anastácio, 85 anos, natural de S. Bartolomeu de Messines, Silves, Faro, trabalhador nos caminhos-de-ferro, 4.ª classe.

Recolha: num lar em S. Domingos de Rana, Cascais, em 2009.

Coletor: Ana Sofia Paiva (CD 1, 2011)

Classificação: ATU 956D

290

A ESPERTEZA DE UMA VELHA

Era uma vez uma velha que guardava os ovos debaixo da cama. Certa noite, lembrou-se de lá ir buscar dois ovos para a ceia. Ao agachar-se, vê dois olhos a luzirem no escuro. Era um ladrão. Diz-lhe a velha:

– Então, irmãozinho, está aí com tanto frio... Ora venha daí aquecer-se na lareira! O ladrão lá se desculpou como pôde e foi. Nisto, começa a velha:

– Ai! Ai! Ai!...

– O que é que tem, avozinha? Dói-lhe alguma coisa?

– Estou-me a lembrar do meu pai que Deus tem. Coitadinho. Aquilo que ele sofreu! Nem quero lembrar-me credo! Até metia dó, o pobrezinho.

– Do que é que morreu o seu pai? – Perguntou o ladrão, vencido pela curiosidade.

– Oh, não queira saber... Nasceu-lhe uma coisa ruim nas nalgas que não o deixava dormir noites e noites a fio. Coitado! Aquilo é que ele gritava: “Ai, Jesus! que eu morro! Ai quem me acode!...”

– Não grite tão alto, avozinha, que os vizinhos podem acordar e vir bater à porta...

– Oh, não se preocupe! Eles já estão fartos de saber o que se passa. E quando o meu pai – no céu esteja – foi ao barbeiro para lancetar o tumor... Até parecia que o matavam, coitadinho! Gritava assim:

– AI JESUS QUE ME MATAM! ACUDAM-ME! AI, QUE EU NÃO AGUENTO MAIS! AI QUE EU MORRO!

– A velha não podia gritar mais alto, já estava cansada de tanto berrar. Nisto começam a bater à porta. A velha foi logo a correr para abrir. Os vizinhos perguntaram-lhe o que eram aqueles gritos e a manhosa da velha disse em voz baixinha:

– É um ladrão! Prendam-no!

Ao ouvirem isto, os vizinhos correram para a cozinha, deram uma grande tarefa no gatuno e entregaram-no à polícia. Desta forma a velha livrou-se do ladrão.

Informante: Raquel Correia, 24 anos, natural de Évora, estudante.

Recolha: em Arraiolos, Évora, a 18 de Janeiro de 2010.

Coletor: Raquel Correia

Classificação: ATU 956D

291

JOÃO, O RACHADOR DE LENHA

Era um homem que fugiu da casa da mãe, e andou pelo mundo, casou e teve sete filhos.

Mas eles tornaram-se maraus, iam roubar veados ao rei, iam só fazer tramplices. E tinha um pequenino (o pequenino chamava-se Guilherme), que tinha sete anos, e estava com ele, porque a mulher já tinha morrido. E os filhos desorganizaram-se e só andavam roubando veados ao rei e fugiram de casa. Ficou só o pequenino. E tinham um cão que era o Piloto, e o cão era muito amigo do menino. Mas um dia o pai adoeceu e morreu. Os seis regressaram a casa quando o pai morreu, e depois... e depois, queriam matar o pequenino. Um disse:

– Vamos matá-lo!

E outro disse:

– Não, não matamos que o sangue pode-se revoltar contra nós. A gente leva-o no burro e deixamo-lo na mata para as feras o comerem.

E assim foi, prenderam o cão Piloto e levaram o menino a cavalo no burro. O menino perguntava:

– Para onde é que a gente vai?

– Mais tarde o saberás.

E não lhe diziam. Foram, foram, foram, até se fazer de noite, dentro de umas matas. O menino, como estava cansado deixou-se dormir. Assim que eles apanharam o menino dormindo, foram-se embora e deixaram-no lá. Pensaram: “quando vem amanhã as feras, os lobos, comem-no”.

O menino abriu os olhos, não viu os irmãos e começou a chorar e a bradar. Mas não servia de nada, pois eles já se tinham ido embora. O que é que o menino faz? Foi para cima de uma sobreira, pulou e foi lá para cima. Depois viu a Lua numa poça de água. Fazia uma luz, parecia uma luz muito bonita, e ele pensou que eram os irmãos e desceu da sobreira para baixo e foi ver a luz. Foi ver, não eram, era a Lua dentro de uma poça de água. Depois quando voltou para ir para cima da sobreira outra vez, sentiu uma coisa que parece que ia devorá-lo. Ele caiu, desmaiou. Mas era o cão Piloto, que se soltou e depois estava-o bafejando, lambendo-lhe a cara para ele acordar. Depois lambeu-lhe a cara e bafejou-o e o menino acordou. Abraçou-se ao canito todo contente, que era o cão Piloto. Depois já não foi para cima da sobreira. Foram andando, andando, depois passaram ali a um regato de água. Aquilo era fundo. O menino, foi jogar a passada, pensou que pulava o barranco, não pulou. Foi para dentro da veia de água, e foi um bocado à ribeira a baixo. Depois, o cão Piloto meteu-se à água e puxou-o pela roupa, tirou-o e salvou-o. Ficaram todos molhados.

Depois, foram, foram, foram, viram uma luzinha muito longe, muito longe, foram os dois, o cão Piloto mais ele, todos molhadinhos, todos desgraçados. Depois

encontraram um lobo. Depois o cão Piloto andou lutando com o lobo. Estava todo ferido, todo desgraçado. Depois na alta noite, chegaram a uma casa. Depois o menino bateu à porta e disse assim:

– Ó minha senhora, deixe-nos ficar aqui, por causa das feras.

E depois veio uma velinha, muito velha e disse assim:

– Entra para casa menino.

– Oh, mas eu tenho aqui o meu canito, que está todo ferido. Deixe o canito entrar também.

Entraram todos dois. Ela pôs ali uma pele de ovelha, o cão deitou-se em cima da pele de ovelha, e ela despiu a roupa do menino e foi deitá-lo debaixo das mantas. E pôs-lhe a roupa ao pé do fogo para enxugar. E foi-lhe levar um copo de leite, e disse assim:

– Então quem és tu? De onde é que tu vens?

– Ora pois eu venho da mata. Os meus irmãos deixaram-me lá na mata para as feras me comerem.

– Então e quem era o teu pai? Então não tens pai?

– O meu pai já morreu?

– Então como era o nome do teu pai?

– O meu pai era João, o rachador de lenha.

Depois ela abraçou-se ao menino e disse assim:

– Então tu és o meu neto. João o rachador de lenha era o meu filho. Desobedeceu-me e foi-se embora de casa e eu nunca mais o vi.

Depois lá estiveram conversando muito tempo e depois a velhota disse:

– Agora estás na minha casa até seres grande, até casares. Deixa-te estar na minha casa, porque eu não tenho ninguém. E tenho ovelhas, tenho terra, tenho coisas e tu tomas por conta. E estás na minha casa até seres grande.

Ele continuou lá na casa da avó até ser grande. Depois o cão Piloto morreu. Ele enterrou-o no quintal, teve muita pena dele. Depois o Guilherme cresceu e casou.

Passados muitos anos, já ele tinha vinte e tal anos, num dia de verão, estava ele à sombra da casa sentado com a mulher e viu vir seis homens todos esfarrapados, todos desgraçados, sem roupa nem nada. Vinham na maior chaga, cheios de fome. Chegaram e pediram um bocadinho de pão. O Guilherme reconheceu-os porque davam ares ao pai. E ele disse-lhes assim:

– Então de onde é que vocês vêm?

– A gente vem de tal parte.

– Então e vocês têm pai?

– Não temos pai, o nosso pai já morreu.

– Então e vocês não tinham um irmãozinho pequenino, que deixaram na mata para as feras o comerem?

Eles olharam uns para os outros e puseram os olhos no chão e ajoelharam-se ao pé do Guilherme e pediram-lhe perdão.

– Perdoa-me, mano, perdoa-me!

Depois ele disse:

– Pois eu, com o mal que vocês me fizeram, pago-lhes com o bem. Agora vou-lhes comprar a cada um a sua farda de roupa e dou-lhes a cada um o seu machado, para vocês irem trabalhar, limpar árvores, limpar aí as minhas árvores, as minhas propriedades. E deixem-se estar na minha casa até serem velhinhos.

Depois assim foi. Eles ficaram na casa do Guilherme, ele comprou-lhes a cada um a sua muda de roupa, porque eles já estavam arrependidos do que tinham feito. Deu-lhes a cada um o seu machado, eles foram governar a vida, e o Guilherme ficou lá na casa com eles. Com o mal que eles lhe fizeram, pagou com o bem.

Informante: Maria Estêvão Cavaco, 75 anos, natural de Freixo Seco de Cima, Loulé, Faro, 3.ª classe, reformada.

Recolha: em Freixo Seco de Cima, Loulé, Faro, a 14-11-2005.

Coletor: Carina Isabel Martins Anastácio (cassete n.º 3 / Face B)

Classificação: Ca-Ch 969

292

O CÃO PILOTO

Viviam no campo, eram muito pobrezinhos. Tinha três filhos pequenos, mas dois já iam com ele, já traziam a lenhita. E havia um mais pequenino, e esse, coitado, ficava sempre com a mãe em casa. Depois, a mãe morreu.

E então, o pai, assim que a mãe morreu pôs-se a pensar: “Então, o que é que a gente faz? Deixamo-lo em casa, fica sozinho, vêm os lobos...” Então, começaram a pensar levá-lo para o campo e deixa-lo lá. Pronto, era menos um a comer.

Mas tinham um cão, chamavam o Piloto. E esse canito estava sempre com o mocinho, esse pequenino. Nesse dia deixaram o Piloto preso em casa e foram para a lenha. Bem, andavam lá na lenha, na lenha... Ao mais pequenino estiveram-lhe

a dar uns miolinhos de pão... E no fim pôs-se ao sol, a comer os miolinhos e deixou-se dormir.

Os outros meteram a lenha às costas e abalaram, o pai mais os outros dois irmãos.

Bem, chegaram a casa, foram fazer qualquer coisinha de comer para comer...

E o Piloto, assim que coiso começou a andar, a andar... e a ganhar, a ganhar... e a olhar...

Mas eles logo pensaram:

– Ah, ele agora não dá com ele.

Mas o Piloto andou, andou e viu que o menino que não estava. E então apanhou-lhe o rasto e meteu-se.

O menino, quando acordou, coitadinho, começou a chamar pelos manos, a chamar pelos pais... Já era de noite, já só ouvia os pássaros, começou a chorar. Começou a chorar e a dizer assim:

– Valha-me o meu Piloto. Piloto, acode-me!

Ah, mas o Piloto não o ouvia. Mas o Piloto, quando lhe abriram a porta, ele imediatamente foi pelo rasto. Bom, mas aquilo ainda era longe.

Foi, ele, o mocinho coitadinho, estava... havia os lobos, que nessa altura havia muitos lobos, estava assim muito coiso... Às tantas, vai, vê uma coisa jogar-se para cima dele. Quando ele olhou, pensava que era um lobo, era o Piloto. Oh, agarrou-se logo ao Piloto, a chorar, agarrado ao Piloto... Lá se agarrou ao Piloto, lá foram, começaram a andar. Foram caminhando, caminhando... Coitadinhos, caminharam pelo mundo, lá apanhavam uma coisinha, lá apanhavam outra... Caminharam, até que uma noite até que viram uma luzinha lá ao longe. Então, o Piloto dirigiu-se lá. O mocinho bateu à porta, veio à porta uma velhota. Era um casal de velhotes. O mocinho começou a chorar.

– Ah, não chores. Então diz-me lá...

O mocinho lá esteve contando, esteve dizendo o que é que se passava, e o cão. E então, lá ficou e veio a saber que aqueles velhotes eram avós dele.

Ele fez-se homem, ele lá ficou, lá trabalhou, lá criou filhos. E os avós morreram. Ele fez questão de enterrar os avós.

Depois o pai morreu. E depois, um dia, aparecem lá dois homens a pedir trabalho. Estavam muito mal, o pai tinha morrido, eles eram lenhadores. E conversa pr'áqui e conversa pr'acolá...

Ah, e ele quando o Piloto morreu fez-lhe também uma cova ali, enterrou-o ali. Porque o Piloto foi sempre o Piloto, não é?

E então ele lá tinha filhos, e o filho já tinha arranjado um cão, e o cão também se chamava Piloto. E então apareceu ali, os filhos a brincarem com o Piloto, e não sei quê...

E vai um diz assim:

– Ah, o seu filho faz mesmo lembrar um irmão que a gente tinha. E a gente também tinha um cão Piloto.

– Ah, também tinham? E o que é que aconteceu? Então morreu?

– Ah, sabe, a minha mãe morreu. Depois a gente fomos à lenha, o meu irmão deixou-se dormir e ficou por lá...

– Então, mas não foram à busca dele?

– Não, não fomos! Aquilo os lobos devem ter acabado por o comer. E o cão também era muito amigo dele, também saiu e nunca mais vimos o cão. Os lobos eram muitos.

E vai ele:

– É verdade! Aqui nesta mesa, quem vos está dando de comer é o vosso irmão que vocês deixaram para os lobos comerem.

Ai, eles ficaram muito envergonhados. E agarraram nas trouxas e foram-se embora.

Informante: Maria Guadalupe Mestre Valadas, 51 anos, natural de Mértola, Beja, doméstica, 6.º ano.

Recolha: em Corte-Sines, Mértola, Beja, a 1 de Novembro de 2008.

Coletor: Andreia Fragoso e Sandra Mestre (gravação / 1:37'13)

Classificação: Ca-Ch 969

293

FILHO ÉS, PAI SERÁS...

Esta é uma daquelas histórias que os pais gostam de contar aos filhos.

Numa zona muito montanhosa, geralmente o que as pessoas fazem é: Os filhos, quando os pais começam a chegar a uma idade mais avançada, pegam nos pais e pegam numa manta, num cobertor, e agarram no idoso e vão com eles até ao fim do monte, onde há lobos e raposas, e deixam-nos lá, porque, pronto, os velhos são um encargo, são uma grande trabalhadeira.

Então, conta-se que um homem uma vez foi deixar lá o seu pai... E subiram o monte inteiro... E quando o pai chegou lá acima [com] o filho, o pai perguntou ao filho:

– Não tens uma faca?

E o filho deu uma faca ao velho. O velho pegou na faca, e o filho: “Se calhar o velho mata-se já...” Mas o velho pegou na faca, cortou o cobertor que levava em dois e deu ao filho e disse:

– Pronto, olha, eu fico com metade e tu ficas com mais metade, que é para quando o teu filho te vier deixar a ti. Ficas já com metade do meu cobertor, ficas já prevenido.

Informante: Hugo Emanuel Sales Pinto, 27 anos, natural de Santiago do Cacém, licenciado em Economia, residente em Olhão.

Recolha: em Faro, a 13/10/2007.

Coletor: Sara Alexandra Pereira Marques da Cruz (faixa 7)

Classificação: ATU 980

294

LENDAS DOS IDOSOS

Em tempos, quando um senhor ficava velho demais para trabalhar, os filhos levavam-no às costas até uma terra perto de uma casa e deixavam-no lá abandonado. E nessa altura havia lobos na serra e alguns idosos acabavam por ser comidos.

Houve um dia que um homem levava o seu pai às costas para uma serra. E quando chegou e deixou-o, tapou-o com uma manta que levava, despediu-se e afastou-se. De repente, o pai chamou-o. O filho foi ao pé dele e o pai disse-lhe:

– Não, filho, leva metade, chega-me meia. Guarda a outra parte para quando os teus filhos vierem cá te pôr. Fica para ti.

O filho pegou na outra metade da manta que tinha e desceu a serra. Mas e depois pensou que o pai na verdade tinha razão. E depois os filhos também iriam abandoná-lo na serra e acima de tudo ele era pai dele. E então o filho subiu a serra e pegou no pai e voltou para casa. E a partir desse dia, diz-se que nunca mais um filho abandonou o seu pai na serra.

Informante: Vanessa Santos, 19 anos, natural de Portimão, Faro, estudante.

Recolha: em Faro, a 4 de Janeiro de 2011.

Coletor: Rui Caires (faixa n.º 9)

Classificação: ATU 980

295

LEVAR O PAI AO MONTE

A história começa por um filho, em tempos antigos... Que fala-se sempre em tempos antigos, que não é baseado em factos escritos, mas sim em histórias. O filho levava, quando era antigamente, o pai quando atingia a idade da velhice, para não ser um encargo para com os filhos. Os filhos tinham a preocupação, que a preocupação é um hábito. Era já uma tradição quando os pais eram velhos, eles levavam os pais para não terem mais cuidado nenhum. Levavam os pais para o monte, para o alto de um monte e nesse alto do monte deixavam-lhe apenas, exclusivamente, uma capa, um pano para ele, por causa do frio, que é era para ele... E um pão, pronto. Mas a ideia seria levá-lo ao monte para ele morrer. E daí havia o facto de o pai... Houve uma situação dessas em que aconteceu exactamente a mesma coisa, que era o normal, e o pai chegou ao cimo do monte. E quando o filho lhe dá o pano, o pai rasgou o pano a meio. Rasga o pano a meio e dá-lhe metade ao filho. O filho põe-se a olhar para o pano:

– Ó pai, porque é que me dás a mim o pano? Então tu é que vais ficar aqui...

– Não, meu filho. Isto é para quando tu fores velho, já trazes também um, já não precisas mais de um pano.

E daí a história que demonstra que: “filho és pai serás...”

Informante: José Pereira Aleixo, 31 anos, natural de Montalegre, Vila Real, guarda da GNR, 12.º ano.

Recolha: em Vale de São Martinho, V. N. de Famalicão, Braga, a 1 de Janeiro de 2012.

Coletor: Sandra Faria da Costa Fontes (DVD 2)

Classificação: ATU 980



Contos do Gigante (diabo) estúpido

296

O AMO E OS CRIADOS

Era uma vez uma família que tinha muitos filhos, eram ao todo quinze. Eram muito pobres e viviam da caridade dos vizinhos.

Até que um dia apareceu um senhor muito rico que andava à procura de alguém que o quisesse servir na sua casa.

A família era pobre, mas unida e ninguém quis ir à primeira vez que apareceu para contratá-los, oferecendo-lhes muito dinheiro.

À outra vez, um dos irmãos levantou-se e disse:

– Eu vou.

Quando chegaram à casa do patrão, fizeram um contrato, contrato este que só terminava ao fim de um ano de serviço. //

O primeiro dia tudo se passou bem, mas, com o passar dos tempos, o homem que o contratou viu que o criado comia demais e disse-lhe:

– Louvado seja Cristo, porque quem tem vergonha não come mais do que isto!

Cheio de fome e já sem poder trabalhar, fugiu e foi ter à casa do pai, dizendo que não era possível trabalhar sem comer. O rapaz tinha um irmão que tinha acabado o serviço militar e que lhe disse que não iria mais para lá, quem iria era ele.

Quando chegou a casa do amo, este perguntou-lhe quem ele era, e ele respondeu:

– Sou o irmão do rapaz que esteve cá a trabalhar! Como ele ficou doente venho para o substituir, para terminar o contracto!

Mas o amo acrescentou uma condição, quem se zangasse levava com uma correia nas costas e terminava o contrato. //

Mandou-o logo ir trabalhar e pediu-lhe para ir buscar uma carrada de lenha da mais torta que houvesse. Então o criado arrancou-lhe a vinha toda. Quando chegou, perguntou ao amo se se ia zangar. Este respondeu-lhe:

– Pensando melhor, não. //

Quando chegou a hora de comer, o amo disse-lhe:

– Louvado seja Cristo porque quem tem vergonha não come mais do que isto!

Responde-lhe o criado:

– Como este e ainda outro, se vier!

O amo perguntou ao criado quando se ia ele deitar, ao que ele respondeu:

– Pois saiba meu amo que ainda é cedo para me deitar.

O amo lá se foi deitar, mas, com fome, queixou-se à mulher. A patroa perguntou-lhe:

– Como queres que te faça de comer se ele está deitado em cima da arca?

Diz-lhe o patrão:

– Vai-me ao menos fazer umas papas de milho.

A pobre da mulher lá foi fazer as papas de milho. Mas o criado levantou-se e disse-lhe:

– O quê, a fazer-lhe papas de milho?

Ela responde-lhe que estava a fazê-las para o seu marido que se queixava duma dor nas costas. Diz-lhe o criado:

– A minha mãe também assim fazia e deitava na cassola duas mãos cheias de borralho da lareira.

O que ela, então, se apressou a fazer.

A mulher foi-se lamentar ao marido, e queixou-se de estar, ainda por cima toda suja de borralho.

A partir daí, o amo nunca mais disse ao criado: “Louvado seja Cristo, porque quem tem vergonha não come mais do que isto”. //

No dia seguinte, o amo a pensar que iria vencer, disse ao criado para ir buscar uma carrada de lenha, da mais direita que houvesse. O criado foi ao laranjal e cortou-lhe todas as laranjeiras. Desta vez o amo ficou muito zangado e assim terminou o contrato, batendo-lhe com a correia.

Informante: António São Martinho, natural da Barroca, Fundão, Covilhã.

Recolha: ao telefone, de Barroca, Fundão, Covilhã, Castelo Branco, em 2007.

Coletor: Daniela Fernandes Gonçalves

Classificação: ATU 1000 (moldura) + ATU 1562C* + ATU 1011

297

OS PORCOS

Havia um sujeito que tinha uma vara de porcos, muito grande, e andava à procura de um rapaz que fosse tomar conta dos porcos, lá para o brejo, onde eles iam comer e estar. Procurou muito e acabou por descobrir um rapaz que, enfim, também não era de muita confiança. Só que o sujeito não sabia. E nessa zona onde ele ia guardar os porcos, no brejo, havia lá a zona de areias movediças. Então o rapaz o que é que fez: combinou com um comerciante de porcos e vendeu-lhe os porcos todos. Só que pôs uma condição: o comerciante de porcos levava os porcos, mas tinha que lhe deixar os rabos todos. O comerciante achou aquilo um bocado estranho, mas disse:

– Pronto, não há problema nenhum, os porcos são para matar.

Fizeram o negócio, combinaram o preço, o homenzinho foi lá com um camião, levou os porcos e deixou-lhe os rabos todos. Então o que é que o rapaz fez? Pegou nos rabos e pô-los todos em cima das areias movediças, tudo só os cotozitos dos rabitos virados para cima. E pôs-se a correr à casa do patrão.

– Ó patrão, venha cá patrão! Ai que desgraça, que desgraça...

– Então o que foi, rapaz?

– Ai, os porcos foram todos para as areias movediças. Estão-se todos a enterrar, estão-se todos a enterrar. Venha daí depressa!

Foram os dois a correr, quando lá chegaram ao pé das areias movediças só viram os rabitos dos porcos todos a sair pela areia, subentendendo que os porcos já estariam todos enterrados. //

Então ele virou-se para o rapaz e disse:

– Vai depressa a casa, à patroa, e diz-lhe para ela mandar uma pá, para ver se a gente ainda os consegue desenterrar.

O rapazito chegou a casa num instante e disse:

– Patroa, patroa... O patrão disse para a patroa mandar a bolsa do ouro.

– A bolsa do ouro?

– Sim.

– Só uma?

– Só.

E então a mulher foi a janela e gritou lá para baixo para o brejo:

– Olha, é uma ou duas?

E o homenzito lá de baixo pensou: “Bem, é melhor duas pás do que uma...”

E disse:

– Olha, dá-lhe as duas.

Então a senhora foi buscar a bolsa da prata e deu-lha também.

O rapaz pegou na bolsa do ouro e na bolsa da prata e fugiu...

Informante: Rui Almeida, 49 anos

Recolha: Souto da Carpalhosa, Leiria, em 2006

Coletor: João Almeida

Classificação: ATU 1004 + ATU 1563

298

O EMPREGADO E OS PORCOS

Andava o Amaral a guardar uma vara de porcos, apareceu o comprador de gado e perguntou se o Amaral queria vender os porcos:

– Quer vender os porcos?

O Amaral disse:

– Eu vendo, mas só com uma condição!

O comerciante:

– Qual é a condição?

O Amaral:

– É de cortar a ponta do rabo e a ponta das orelhas.

Então cortaram a ponta do rabo dos porcos e as orelhas. Os porcos estavam no lavajo, estavam lavajando. Espetaram as pontas das orelhas à frente e o rabo atrás dos porcos todos, um porradão deles. //

Recebeu o dinheiro que combinaram. O homem foi-se embora com os porcos em cima da camioneta (naquele tempo não era camioneta era um carro de bois), e depois começa a gritar o porcaríssimo:

– Ó patrão, traga aí a enxada maior e a mais pequena!

Vai o homem, veio, e o Manel disse:

– Então não vê que os porcos ficaram atanchados aqui na lama e agora tem que ser com uma enxada para se tirar os porcos daqui para fora?

O patrão diz assim:

– Manel, vai ali ao monte e pede a enxada maior e a mais pequena, para ver se nós conseguimos tirar os porcos daqui para fora.

O empregado sabia que eles tinham dinheiro, que naquele tempo não havia bancos e escondiam o dinheiro debaixo da mesa ou de outra coisa. O Manel chega ao pé dos outros e diz:

– O patrão diz para mandar a bolsa maior do dinheiro e a mais pequena!

E a patroa diz:

– Mas isso é verdade, o que o Manel está a dizer?

E o patrão diz:

– É, é a maior e a mais pequena!

A patroa dá-lhe a bolsa do dinheiro, a maior e a mais pequena.

Conseguiu levar o dinheiro dos porcos e o dinheiro que os desgraçados tinham em casa e foi-se embora.

Informante: Sr. Silva, 65 anos.

Recolha: em Silves, Faro, a 4 de Janeiro de 2008.

Coletor: Cláudia Carriço (clip 6 / 00'02)

Classificação: ATU 1004 + ATU 1563

299

[OS PORCOS ENTERRADOS]

Era uma vez um casal que tinha um rebanhinho de porcos. E tinha um empregado. E então, o rapaz andava lá a cuidar nos porcos, lá numa cerca, e apareceu uma camionete e disse ao rapaz:

– Olha lá, rapaz, queres vender os teus porcos?

E ele disse:

– Ai, os porcos não são meus. Eu estou aqui, estou a trabalhar para o dono dos porcos.

– Ah, mas não interessa! Vende os porcos e raspa-te com o dinheiro.

E ele disse:

– Ah, mas tem que ser numas condições: é de me dar as orelhas para eu espetar... para eu pôr aqui na lama, que eu depois logo me desenrasco. E tem de matar um porco e dar-me as tripas.

– Então está bem!

Mataram um porco, deram-lhe as tripas tiraram as orelhas a alguns, não a todos, e foram-se embora com os porcos. E ele ficou com o dinheiro.

Depois, ele começou a gritar que os porcos estavam atexados e não os dava tirados.// Então começou a dizer:

– Patroa, traga lá ai a enxada grande e a pequena!

E a mulher dizia assim:

– O que é que tu queres?

– Traga lá aí a enxada grande, e a pequena!

– Olha, marido, ele está dizendo para levar a bolsa grande e a pequena!

– Então leva lá isso ao moço, a ver o que é que ele quer...

Bom, chegou lá com a bolsa (a mulher é que foi, o homem ficou no monte).

Levou aquilo, ele pega na bolsa e lá vai a fugir. A mulher viu que estava enganada. Voltou para trás e disse ao marido:

– Olha, ele enganou a gente! Não era a bolsa, eram as enxadas para tirar os porcos que só vê-se é as orelhas. //

E então o homem disse:

– Ah, malandro! Eu vou já à cata dele!

Abalou, atrás do... Mais ou menos por onde ele devia ter ido.

E ele fugiu com o dinheiro, chegou a uma ribeira, estavam umas senhoras a lavar as tripas, que tinham feito a matança duns porcos, e ele disse às pessoas:

– Ó minhas senhoras, não têm para aí uma faca que me emprestem? Que eu vou tão cansado... Eu tenho que tirar as minhas tripas para correr mais depressa.

– Ah, o senhor não faça isso! O senhor morre!

– Não morro, não, senhora! Dê-me cá a ver uma faca.

Deram-lhe a faca e ele tirou as tripas. Ao fim de um bocadinho, passou o patrão:

– Ó senhoras, não viram passar por aqui um homem a correr, um moço?

– Vimos! Olhe, até ia tão cansado, tão cansado que pediu uma faca para tirar as tripas! A gente deu-lhe a faca, ele vai, joga a faca ali à camisa. As tripas caíram-lhe e ele continuou a correr.

– Ah, eu vou fazer o mesmo, que eu tenho de apanhar esse malandro!

Olhe, caiu, morreu. E as pessoas lá ficaram de roda dele.

E acabou-se o conto.

Informante: Maria de Assunção Rodrigues, 66 anos, natural de Ourique, Beja, reformada.

Recolha: em Ourique, Beja, em 2009-2010.

Coletor: Daniela Rodrigues

Classificação: ATU 1004 + ATU 1563 + Car-Co 1088*A

300

OS DOIS PASTORES

Um dia dois amigos que eram pastores pensaram em montar, fazer uma sociedade com cabras. E então, havia um que era mais esperto que o outro. E então, o que era mais esperto tentava sempre enganar o que fazia de pastor. O que fazia de pastor foi cuidando dos animais e foi criando as cabras e os chibos. E o mais esperto ia vendendo os animais e ficava com o dinheiro quase todo, nunca dava a parte do dinheiro que pertencia ao pastor que andava com o gado. A sociedade assim ia-se tornando cada vez mais difícil.

Um belo dia, o sócio que era o pastor, disse assim para o outro que era assim mais esperto, disse-lhe:

– Olha, a gente tem que parar com a sociedade, temos que separar a sociedade que isto, eu não vejo nenhum dinheiro do gado. E tu não trabalhas. Temos de separar a sociedade.

– Tá bem, eu aceito. – Disse o outro.

– Então tem que se escolher. Como é que se faz a divisão da sociedade?

Disse esse que era mais esperto:

– Olha, as que tiverem dois buracos debaixo do rabo são todas minhas.

– Está bem.

Foram separando, foram separando. Oh! As cabras calharam quase todas a esse que era mais esperto. O pastor que lhes cuidava todos os dias só ficou com os chibatos. Diz o pastor:

– Ah! Não pode ser... Então, mas eu só fico com os chibatos? Então como é que tu fizeste isto?

– Ah, então, foi aquilo que nós combinamos. Eu não disse que as que tinham dois buracos debaixo do rabo eram todas minhas! As cabras tinham os dois buracos, são todas minhas. Os chibatos só têm um buraco são os teus. //

– Está bem, mas eu não fico ainda convencido. Temos de fazer ainda outra coisa.

– Então o que é que tu queres fazer?

– Ah, olha, vamos ver com uma pedra a ver quem é que chega com a pedra mais longe.

E no serro alto que eles tinham, lá na propriedade onde as cabras pastavam, o que chegasse com a pedra mais longe é que fica com o gado, com o gado todo.

– Está bem.

O mais esperto aceitou. Pensou:

– Ah, tu já és velhote, eu jogo a pedra mais longe do que tu.

Mas é que o outro arranjou a maneira de trair o mais esperto. Pensou:

– Oh! Fica para amanhã.

No dia seguinte combinaram a hora. O mais velhote tinha apanhado uma perdiz viva, incinzou-a lá na cinza das brasas onde ele fazia o fogo, lá à roda do gado. Ficou a perdiz cheinha de cinza nas penas, viva, meteu-a dentro da balsa. E lá no lugar onde tinham combinado, o mais esperto joga uma pedra. A pedra foi parar tão longe... Diz logo o mais esperto:

– Alguma vez tu chegas com uma pedra àquela distância?

Diz o que era mais velhote, que era o pastor:

– Ah, já vamos ver.

Ele vai, mete a mão dentro da balsa, apanhou a perdiz muito bem agarrada joga a perdiz sem o outro ver que era a perdiz. A perdiz ia voando e ia deitando fumo. Diz o mais esperto para o outro:

– Epá! Então, mas a tua pedra até vai cagando fumo? Já me ganhaste as cabras todas.

E assim o pastor, o mais velhote, ficou com o gado todo.

Informante: Jorge Pedro, 42 anos, natural do Pessegueiro, Martinlongo, agricultor, 9.º ano.

Recolha: em Martinlongo, Alcoutim, Faro, no dia 20 de Outubro de 2006.

Coletor: Cristóvão Manuel Pedro Custódio (cassete n.º 1/ face A)

Classificação: ATU 1036 + ATU 1062

301

O GIGANTE E O ANÃO

Era um homem muito forte, um gigante.

E depois, o anão disse assim:

– Agora vou trabalhar para a casa do gigante, porque eu quero enganar o gigante. Foi trabalhar para lá e disse-lhe assim:

– Você tem muito mais corpo, mas eu sou muito mais forte que você.

Diz ele:

– Então vai lá buscar um barril de água além à fonte.

Um barril... Ele, coitado, até com um barril vazio ele custava a poder... Levou um barço e toca de enrolar a fonte com o barço. O gigante... ele demorava muito tempo, o gigante foi lá e disse:

– Então o que é que estás aí a fazer?

– Para eu não vir aqui todos os dias, levo logo a fonte lá para o pé do monte. Venho agora todos os dias aqui à fonte.

O gigante encheu o barril e trouxe-o e ele veio aos saltos atrás dele. Chegou cá ao monte diz o gigante assim:

– Agora vai buscar um molho de pinheiros.

Ele foi-se embora e levou um barco. Ele tinha um trado e fez um buraco num pinheiro e esperou lá pelo gigante. Mais logo vem o gigante.

– Então ainda não levaste os pinheiros?

Chegou lá, andava ele enrolando os pinheiros todos com o barço.

– Eu? Então para eu vir aqui todos os dias? Levo logo os pinheiros todos. //

Diz ele:

– Vá, e agora vamos lá ver quem é que consegue fazer um buraco num pinheiro com um dedo.

Ora, o gigante jogou-se à bruta para fazer o buraco, partiu o dedo. Ele já tinha o buraco feito, foi só enfiar. Diz o gigante:

– Ele parece que é mais forte do que eu... //

Bom, vieram-se embora. Diz ele assim:

– Então agora vamos jogar à barra além para o pé do mar.

O gigante pegava numas grandes barras de ferro, jogava-as, ficavam logo lá ao pé da praia. O coitado não podia com uma barra sequer, pôs-se com o chapéu:

– Arreda, arreda, arreda!

– Então não jogas a barra? Estás a fazer o quê?

– É que eu, se jogar uma barra destas, afundo os barcos todos que andam no mar.

Diz o gigante:

– Olha lá, anda lá dai que eu tenho aí as minhas embarcações e tu rebentas-me com isso tudo. //

Bem, vieram. O gigante tinha lá um grande rebanho de cabras, mandou-o ir cuidar nas cabras. Ele foi cuidar nas cabras. Às tantas ele disse-lhe:

– Olha, eu não cuido das cabras sem você me dar parte no negócio.

Bom, o gigante deu-lhe parte nas cabras, mas depois ele só fazia era tramplices. Diz o gigante assim:

– A gente vai partir as cabras.

Diz o anão assim:

– Olhe, as minhas, as que não tiverem um buraco por debaixo do rabo, tem dois.

As cabras e os chibatos eram todas dele. Levou as cabras todas do gigante. O gigante ficou muito zangado. E ele levou-as e foi-se logo embora. Mas depois o gigante começou a pensar bem:

– Mas então eu dei-lhe a levar as cabras todas? Mas as cabras não eram todas dele... //

E foi ao encontro do anão para ver se o encontrava. Encontrou-o, estava ele escutando ali ao pé de uma esquina.

– Então o que é que estás escutando?

– É que eu dei um pontapé no cu de uma cabra há três dias e estou a ouvir se lhe ouço a campá.

– Oh! – diz o gigante – Deixa-me lá ir embora antes que ele me dê também um pontapé no cu, que eu desapareça por esses ares.

E assim enganou o gigante.

Informante: Maria de Jesus, 55 anos, natural de Freixo Seco de Cima, Loulé, Faro, 4.ª classe, cozinheira.

Recolha: em Freixo Seco de Cima, Loulé, Faro, a 14-11-2005.

Coletor: Carina Isabel Martins Anastácio (cassete n.º 4 / Face A)

Classificação: ATU 1049 + ATU 1085 + ATU 1063A + ATU 1036 + 1063

302

O CIGANO E O BURRO

Havia um cigano, que lá ia com o seu burrico para a feira de Beja. Então, chegou ali a meio do caminho e o burrico pensou em não andar mais.

O cigano:

– Agora, o que é que eu faço à minha vida?!

Entretanto, olhou além, viu um senhor que andava a pintar umas portas e foi lá pedir ajuda aquele senhor.

O cigano disse:

– Você tem de me desenrascar o meu burro que aqui a meio do caminho não quer andar mais! O que é que eu faço? Pois tenho de ir para a feira de Beja!

O senhor respondeu:

– Então, o que é que quer que eu faça?

– Pois não sei! Ajude-me!

– Bom, não tenhas problemas, levanta aí o rabo do burro.

Pegou num pincel que ali tinha com aguarrás, deu duas ou três pinceladas no cú do burro. O burro desalvora e o cigano abala atrás do burro.

– “Jerico”, anda cá...

Não havia maneira de apanhar o burro. Volta para trás e diz:

– Ai, o meu burro! Agora abalou e não dou conta dele! O que é que eu faço?

– Não tens problemas, baixa lá aí as calças...

O homem encharcou bem ali o pincel na aguarrás, dando no cú do cigano.

O cigano abala, passa pelo burro, diz-lhe:

– “Jerico”, espero por ti em Beja!

Informante: Válder Afonso, 37 anos, natural de Fonte do Judeu Morto, Castro Marim, Faro, empregado de mesa, 4.ª classe.

Recolha: em Castro Marim, Faro, a 15 de Novembro de 2013.

Coletor: Diogo Alberto Rosa Francisco

Classificação: ATU 1142

303

O CU DO BURRO

Um espanhol tinha vindo a Portugal. De regresso, tinha trazido um burro consigo, mas o burro era tão teimoso, tão teimoso, que o burro não queria andar de maneira nenhuma. O espanhol puxava, puxava, puxava e fazia força, empurrava, mas o burro não saía do mesmo lugar. Teimava em não sair do mesmo lugar. Após

muitas tentativas e muito esforço, passou um homem por perto do espanhol e disse-lhe:

– Ó homem, enfie uma malagueta no cu do burro!

E o homem assim fez: arranjou uma malagueta e meteu malagueta com toda a força no rabo do burro, e o animal desatou numa correria desenfreada. Nunca mais o espanhol o viu, perdeu completamente o burro de vista! O espanhol ficou muito triste.

E nisto, pensou em fazer o mesmo que tinha feito ao burro. Arranjou uma grande quantidade de malaguetas e meteu todas pelo seu rabo acima. Mas pôs tantas e tantas malaguetas pelo seu rabo, que arrancou com uma velocidade tão grande, tão grande, tão grande que passou pelo burro e não conseguiu parar. Como o burro ficou atrás dele, o espanhol gritou-lhe:

– *Adiós compañero*, que em Saragoça lá te espero!

Informante: Cátia Alexandra Camões Zeverino, 18 anos, natural de Faro, estudante universitária

Recolha: em Almancil, Loulé, Faro, em 2006.

Coletor: Cátia Alexandra Camões Zeverino e Cláudia Alexandra Lampreia Ambrósio

Classificação: ATU 1142

304

O SENHOR DA CARROÇA E A GASOLINA

Da outra vez era também um senhor que ia com uma carroça e um cavalo e tudo lhe passava pela frente. Estava a ver que estava com a carroça e o cavalo: vinha um carro passava, vinha uma bicicleta passava, vinha uma mota passava.

E ele:

– Que raio, então, mas o meu carro tem duas rodas, o cavalo tem quatro patas, porque é que todos me passam à frente e eu fico para trás?

O homem lá continuou pela estrada adiante a pensar naquilo. Mas chega lá adiante e estavam umas bombas de gasolina.

E ele:

– Ah, já sei onde está o gato, já sei onde está o gato!

Viu eles a meterem gasolina no carro.

– Ora, já sei.

Chega lá ao pé, leva a carroça lá ao pé das bombas.

– Vá, quero aqui cinco litros de gasolina. Cinco litros de gasolina aqui para o meu carro.

Era uma carroça puxada por um cavalo.

– Mas onde é que hei-de meter a gasolina? A gente não tem onde meter a gasolina! Onde é que o senhor quer levar a gasolina?

Ele levanta o rabo ao cavalo:

– Vá, meta aqui a gasolina.

Onde é que ia meter a gasolina? No rabo do cavalo. Ora o cavalo, assim que meteram lá a gasolina, o cavalo começa a correr a correr.

E ele deita a calças muito de repente:

– Faça favor, meta-me aqui cinco litros também no meu rabo, para ver se agarro o meu cavalo.

Informante: Joana Duarte Carrilho Gaspar, 75 anos, natural de Marvão, Portalegre, reformada, analfabeta.

Recolha: em Barretos, Marvão, Portalegre, a 21 de Novembro de 2017.

Coletor: Joana Alegria (faixa n.º 21)

Classificação: ATU 1142



Contos jocosos

305

[O BANHO DO GATINHO]

Era uma senhora que estava a dar banho ao gatinho e passou um senhor e disse assim:

– D. Maria, não se dá banho aos gatos.

O senhor seguiu o caminho dele, quando voltou já o gatinho estava morto.

– Então eu não lhe disse que o gatinho não tomava banho?

– Olhe, mas não foi do banho; fique sabendo que foi do torcer.

Informante: Dilar da Conceição Gomes, 70 anos, natural de Ferreira do Alentejo, Beja.

Recolha: em Faro, 2005.

Coletor: Micaela Marques

Classificação: Haboucha**1205

306

AS PAPAS

Vivia um casal numa aldeia que tinha um terreno. Então iam tratar todos os dias: o homem abalava para o campo para tratar das coisas e a mulher ficava em casa a fazer o almoço para depois lhe levar.

E um dia... todos os dias ele garreava com a mulher, porque a mulher nunca [se despachava] a horas de lhe levar o coiso... Mas a mulher tinha de ficar em casa a tratar das galinhas, dos coelhos e de uma vaquinha que tinha. Só que a casa ficava assim, o terreno ficava assim um bocadinho mais alto que a casa.

E a mulher, todos os dias, quando se despachava já era tarde, chegava lá já... Um dia estava tão zangado, o homem, que diz assim:

– Olha, hoje fico eu em casa, e tu...

– Está bem, pronto, eu vou.

– Eu fico fazendo o almoço e tu vais.

A mulher foi para o campo e ele ficou em casa. Não havia... naquele tempo era aquela lareira no meio da casa com um tripé, com um caldeirão, para fazer as papas. Muito bem...

– Olha, vê lá, tem cuidado. Trata lá das coisas...

– Está bem.

Abalou. Ele foi lá à adega buscar vinho para comer e beber. E já tinha acendido o fogo com o caldeirão para fazer as papas. Olha e vê a vaca na horta. Lá o desgraçado, a fugir, lá foi, agarra num barço e ata à perna da vaca para a vaca... E ele vem para baixo, sentar-se à lareira para fazer as papas e pega num cordão, na corda, ata à cintura e pôs-se pela chaminé e atou pela cintura. Quando sentia a vaca a *espreguenhar* ele puxava. Sentia, puxava. Tanto puxou, tanto puxou, que a vaca veio para cima do telhado.

Quando a mulher chegou, ela estava... veio a mulher, já estava, e diz assim:

– Mas então, há tanto tempo aquele homem não aparece a trazer a comida...

O que é que aconteceu?

Vinha já ao longe e via a vaca pendurada no telhado. E diz assim:

– Ai, Nossa Senhora!

Foi lá dentro buscar uma faca cortou a coisa. E o homem, que estava sentado na coisa, o homem já estava no ar. Bom, depois a vaca veio para baixo, o homem sorriu. A mulher chega a casa, vai buscar uma faca, corta a corda, conforme corta ele cai lá dentro.

Informante: não identificado, do sexo feminino, 70 anos, professora aposentada. Recolha: em Albufeira, Faro, a 21 de Dezembro de 2010.

Coletor: Lúcia Cristina Alferes Hortas Jesus

Classificação: ATU 1210

O VELHO, O MENINO E O BURRO

O avô mais o neto saíram da aldeia deles para ir a uma aldeia a uns quilómetros à frente. Pela manhã, albardaram o burro e arrancaram os três por ali a fora. Ao passar a primeira povoação, alguém virou-se e disse:

– Parece impossível! Vejam lá, então com um burro ali cheio de força e saúde vão os dois ali a pé e o burro ali na boa vida, sem levar ninguém às costas?

Passaram a povoação, e o velho lembrou-se: “Vamos mas é montar no burro”. E assim foi, montaram-se os dois no burro.

Quando chegaram à povoação seguinte, diziam as pessoas quando eles passavam:

– Vejam lá, desgraçado do animal, com os dois a cavalo no burro. Como é que o animal há-de aguentar daqui até à feira com os dois a cavalo?

Então o avô pensou: “o garoto vai em cima e eu vou a pé”.

Na povoação seguinte, as pessoas começaram a dizer:

– Vejam lá: o garoto cheio de saúde podia ir à pata e vai o velho, ali, desgraçado, a pé, e ele é que vai em cima do burro. Vejam lá se isto pode ser...

Ele pôs o garoto em pé e montou-se o velho no burro; e seguiram.

Na povoação a seguir, dizem as pessoas:

– Olha, veja lá: agora vem a criança, coitadinha, a pé e o velho ali repimpado em cima do burro. Vejam lá se isto tem algum jeito...

Passaram a povoação e já não sabiam o que haviam de fazer. Já tinham estado os dois a pé, já tinha ido um de cada vez em cima do burro, já tinham ido os dois em cima do burro.

Moral da história: por mais que a gente faça, as pessoas nunca acham bem!

E a história é esta.

Informante: Chico Belarmino, natural de Mangualde, Viseu.

Recolha: em Lagoa, Faro, a 21 de Novembro de 2010.

Coletor: Sara Filipa Maia Palma

Classificação: ATU 1215

308

A ESTÓRIA DO VELHO DO RAPAZ E DO BURRO

Era uma vez um velho que vivia num monte e queria ir até à aldeia. Então meteu o neto em cima do burro e lá vão eles. Lá vão eles e a meio do caminho encontraram dois homens. E dizem assim:

– Bem... Xi... Tal é o velho.... Em vez de ser ele a ir em cima do burro, o cachopo que é novo, é que vai em cima dele.

O avô, passando mais um bocado, pôs-se a lembrar do que os homens tinham dito e disse:

– Ó neto! Anda cá tu para baixo, que eu vou pra cima do burro.

Andando, andando mais um bocado, vai ter uma fonte. Estavam lá duas a encher a água com cântaros.

– Tal é pr'aquilo! O velho, que pode andar, é que vai em cima do burro; e o cachopinho, coitadinho, que é pequenino, é que vai a pé...

Hé! O velho lá pensou mais um bocado, e diz assim:

– Olha neto, anda mas é para cima do burro comigo.

Andaram mais um bocado, mais um bocado, e encontram dois homens que estavam no campo.

– Hé! Olhem para aquele trabalho! Ah, raposa! Em vez de irem os dois a pé para aliviar os costados do burro, não! Vão os dois a fazer força no burro...

O homem pensou, pensou e diz:

– Ó neto, se calhar é melhor irmos os dois a pé.

Andaram. Quase a chegarem lá à aldeia, iam os dois a pé, e diz uma mulher para a outra:

– Olhem-me pr'aquilo! Quer dizer, a pouparem o burro e eles é que vêm a cansar. Há gente mesmo sem jeito nenhum.

E o velho vira-se para o neto e diz assim:

– Olha, sabes uma coisa que eu te digo, meu rapaz? Temos é que fazer ouvidos de mercadores a esta gente toda, que não vale a pena a gente fazer nada do que dizem. Não agradamos a todos...

Informante: Dulce, natural de Nisa, trabalha na Biblioteca Municipal de Nisa.

Recolha: em Nisa, Portalegre, a 20 de Novembro de 2006.

Coletor: Samira Mendes Tavares (REC 43)

Classificação: ATU 1215

309

O RAPAZ, O VELHO E O BURRO

O homenzinho foi à vila, levou o moço e levou o burro, iam os três. O homenzinho pôs o moço em cima do burro, foram andando pela estrada fora, encontraram uma multidão de gente a comentar:

– Eh, vê lá! O velhote vai a pé e o moço vai em cima do burro!

Eles chegaram mais à frente, trocaram: o rapaz desceu e o velhote foi para cima do burro. Continuaram o caminho.

Mais à frente, encontraram um magote de gente, começaram a relatar outra vez:

– Olha que esta, hein?! O moço que é novo, vai a pé e o velho, em cima do burro!

Chegaram mais à frente um bocadinho, o velhote desceu. Depois pensaram:

– Mas isto está tudo mal feito. Vamos a pé! O velhote levou o burro pela arreata.

Chegaram mais à frente, outra vez uma multidão de gente:

– Olha lá se são espertos... Que grandes parvos! Mas onde é que isto já se viu? O burro sem carga nenhuma, e o velho e o moço vão a pé...

Informante: Luísa Maria das Dores Vaz Borralho, 47 anos, natural de Silves, Faro.

Recolha: em Lagoa, Faro, no dia 1 de Novembro de 2006.

Coletor: Marta Sofia das Dores Sequeira (cassete n.º 1 / face B)

Classificação: ATU 1215

310

O RAPAZ, O VELHO E O BURRO

Era o velhote... e levava o rapaz... e levava o burro de arreata, como se costumava dizer, ou seja, o burro pela corda, pelo cabresto.

E passam por uma população e começam as pessoas:

– Ah! Tal é aquilo! Um burro tão bom de andar e vai o pobre do velho e do moço, todos os dois a pé.

Bom, o que é que eles fazem? Põem o moço em cima do burro. Lá ia o homenzinho, ia de arreata com o burro.

Depois passam por outra população, começam as pessoas:

– Ah! Tal é aquilo, olha para aquilo! Um moço novo a cavalo no burro e o coitado do velhote é que vai a pé. – A criticarem.

Bom, o homem, para não ouvir falar, desce o moço e põe-se o homem a cavalo no burro. Vão andando, vão andando, (eu não sei já contar isto tudo bem pelos pormenores, não é? Eu lembro-me dos meus avós e dos meus tios contarem só assim...), e então, passam por outra povoação e dizem as pessoas:

– Olha, tal é aquilo! O homem mais velho, que havia de ir segurando o burro, põe o moço pequeno a segurar o burro e ele é que vai a cavalo.

O homem, coitado:

– Mas quem é que entende esta população?

Então, montam-se os dois a cavalo no burro, chegam a outra população. Vão andando (quando eles iam passavam por vários montes, várias povoações):

– Coitado do burro! Com dois grandalhões daqueles... duas pessoas, logo a cavalo... Então não têm pena?! Não têm pena do burro?! Ser um burro só e levar logo os dois a cavalo!

Desceram-se os dois outra vez e foram a pé, continuaram o caminho.

(As pessoas... Quer dizer: se eles iam a cavalo criticavam, se iam os dois a cavalo falavam mal, se não ia nenhum diziam que o burro não levava ninguém. Há sempre que dizer. A moral da história aqui é que as pessoas têm sempre que dizer, quer se faça de A, ou de B, ou de C, há sempre quem critique aquilo que as pessoas fazem.)

Informante: Rosália Cristina, 42 anos, natural de Alcoutim, empregada de comércio.

Recolha: em Faro, a 18/10/2007.

Coletor: Sara Alexandra Pereira Marques da Cruz (faixa 15)

Classificação: ATU 1215

311

O VELHO, O RAPAZ E O BURRO

Vivia num monte um senhor muito velho que vivia também com o seu neto. Um dia resolveram ir ao povoado e levaram o seu burrinho. Seguiam a pé o velho, o burrinho e o neto.

Ao passarem pela povoação ouviram algumas críticas:

– Olhem aqueles patetas! Ali com um burro e vão a pé!

Diz então o velho ao neto que fosse no burrinho e este acatou as ordens do avô. Um pouco mais à frente, mais umas críticas:

– O garoto que é forte vai montado no burro e o velho, coitado, com aquela idade, tem que ir a pé?

Então o velho novamente mandou o neto sair do burrinho e foi ele no burrinho.

Mais um pouco, ali ao pé de uma praça, foram novamente censurados:

– Olhem para isto! A pobre criança a pé e ele em cima do burro!

Então o senhor diz para o seu neto:

– Vamos os dois no burro para ver agora o que nos dizem!

O neto obedeceu. Seguiram os dois no burrinho e mais à frente, novamente críticas:

– Estes homens! Querem matar o burro com tanto peso!

Descendo do burro, diz o velho ao rapaz:

– Desce, meu neto. Continuamos viagem como começamos. Está visto que não podemos calar a boca ao mundo.

Informante: Marta Alexandra Branquinho Romeira, 19 anos, natural de Tavira, Faro, estudante.

Recolha: em Tavira, Faro, a 10 de Outubro de 2008.

Coletor: Marta Romeira (clip / 6'52)

Classificação: ATU 1215

312

PAI, FILHO E BURRO

Primeiro, o pai ia a cavalo no burro. Passou ao pé de uma vizinha, diz a vizinha:

– Oh! O pai é que vai a cavalo do burro e o filho vai a pé!

Diz ele:

– Bom...

Desceu, pôs o filho a cavalo no burro e ele ia atrás. Chegou mais à frente e diz a outra pessoa:

– Oh! O filho, que é novo, vai a cavalo e o pai, que é velho, vai a pé...

Diz ele:

– Bom, já não se entendem as coisas.

Foram os dois a pé e o burro sem nada. Chegaram à frente:

– Oh! Levam o burro sem nada e eles vão a pé...

Montaram-se os dois no burro. Lá iam os dois:

– Ah, coitado do burro, não têm dó do burro, vão os dois a cavalo...

Desceram os dois do burro.

Foram andando, meteram o burro às costas e foram-se embora. (risos)

Informante: Adélia Gago Rosa, 73 anos, 4.º ano.

Recolha: em Nora de Apra, Loulé, Faro, a 16 de Outubro de 2008.

Coletor: Filipa Margarida Dias Lima Pinheiro (gravação G7 / 1'14)

Classificação: ATU 1215

313

O VELHINHO, O BURRINHO E O MOÇO PEQUENO

Lá ia o velhinho, o burrinho e o moço pequeno. Bom, como é que foi?

O velho ia a cavalo do burro e o moço pequeno levava a areata. E andando, andando pelo caminho vão umas pessoas, vão ver:

– Tal é aquilo, tal é aquilo! O velho é que vai a cavalo do burro, e o moço pequeno vai a pé!

Eles começaram a ouvir a crítica, desce o velhote e vai o moço pequeno a cavalo.

Lá mais adiante... Foram andando, andando, lá muita gente outra vez:

– Tal é aquele trabalho! O moço pequeno vai a cavalo e o velhote, que já não pode, é que vai a pé!

Depois, foram lá mais adiante, mais adiante, puseram-se os dois em cima do burro, o moço pequeno e o velhote.

– Tal é aquilo! Aquilo é demais, não se utiliza uma coisa daquelas. O burrinho já quase que não pode andar e lá vão andando, os dois, carregados em cima do burro...

Ora desceram-se eles os dois tinham que carregar o burro nas costas. Ora acabaram por eles os dois ficarem no chão e o burro em cima deles.

Depois, pronto, juntou-se assim a história do burro e do velhote. Ignoravam tudo, porque se o moço pequeno ia é porque ia, se ia o velhote é porque ia o velhote.

Eles por fim, começaram a pensar, levaram o burro as costas.

Informante: Noémia Mendonça, 55 anos, natural de Faro, 6.º ano.

Recolha: no Ferragial, Faro, a 31 de Outubro de 2008.

Coletor: Filipa Margarida Dias Lima Pinheiro (gravação G4)

Classificação: ATU 1215

314

CONTENTAR O MUNDO

Era uma vez o pai e o filho. Tinham um burrinho e pensaram em ir contentar o mundo. Porque ao mundo ninguém o contenta, mas eles disseram: “vamos nós contentar o mundo” e abalaram com o burrinho.

Foram, montou-se o velhote e o filho com o burrinho de arreata.

Passaram numa aldeia, disseram assim:

– Ai, o patife do velho a cavalo e o pobre do moço a pé.

Bom, tornou a montar-se o moço e desceu-se o pai.

Passaram a outra aldeia:

– Então o patife do moço vai a cavalo e o pobre do velho a pé.

Foram, foram, disseram assim:

– Bom, agora vamos os dois a pé.

lam a pé, um atrás e outro à frente. Dizem noutra aldeia, disseram assim:

– *Té lá* aqueles dois parvos... Com um animal tão bom e vão os dois a pé.

Bom, disseram assim:

– Bom, a gente agora vai experimentar a pôr o burro às costas.

Vai o velhote, como era mais velho, e depois lá puseram o burro às costas do velhote. Ora, então é que foi a festa... Deles rirem... Que eram parvos, com o burro às costas, que eram parvos.

Foi uma anedota, assim, para tentar contentar o mundo. Por fim, já se desceram. Vieram para casa a pé e disseram que ninguém contenta o mundo, nem Deus.

Informante: Maria José, 84 anos, natural dos Cansados, Almodôvar, reformada.

Recolha: em Almodôvar, Beja, a 8 de Novembro de 2008.

Coletor: Filipa Alexandra Costa Ramos (gravação 5 / faixa n.º 39 / 0'40)

Classificação: ATU 1215

315

[A PROMESSA DA MÃE DO PESCADOR]

Era uma vez uma mãe que tinha um filho que era pescador. Mas eles iam muito pescar. Quer o mar estivesse bom ou mau, iam para a pesca na mesma. E ela pensou: “eu tenho que fazer promessa, uma promessa que se o meu filho chegar salvo a terra eu vou numa procissão com ele”.

E, assim foi. O filho chegou e ela disse:

– Olha, filho, a mãe tem que pagar uma promessa que fez e temos que ir numa procissão os dois.

– Está bem. – Diz o filho.

A mãe ia à frente e o filho ia atrás. A mãe não usava cuecas. Ora, foram na procissão, mas deu uma chuvada muito forte e a mulher o que é que faz? Pega na saia e puxa-a para a cabeça para a tapar e foi assim toda a procissão.

Quando acabou a procissão diz assim o filho para a mãe:

– Que promessa foi essa?

Diz a mãe assim:

– Porquê, filho?

– Porque a mãe foi toda a procissão de cu de fora.

Diz ela assim:

– E porque não disseste à mãe?

– Ó mãe, sabia lá eu como tinha feito essa promessa?

Informante: Ana Maria de Sousa, 55 anos, natural do Funchal, Madeira, doméstica, 4.ª classe.

Recolha: em Vale de Vargo, Serpa, Beja, a 12-09-2005.

Coletor: Ângela Maria Soares Valadas (faixa n.º 8)

Classificação: ATU 1230*

316

UM CASAL DE VELHOTES

A mulher tinha feito uma promessa à Nossa Senhora da terra dela, lá donde ela era. Mas acontece que um ano ia, outro ano não ia. Até que se resolveu pagar a promessa naquele ano e foi com o marido pagar a promessa.

Mas, entretanto, iam atrás da procissão, quando começou a chover. Ela levanta a saia e tapa a cabeça para não apanhar água. As pessoas começaram a rir, e o marido que também ia na procissão, ria, ria, ria.

Antes de entrarem na igreja deixou de chover e ela baixou a saia. Depois vieram para casa e ela diz para o marido:

– Ó marido, as procissões já não são como eram! Antigamente havia fé, havia disciplina, tudo sossegadinho, tudo caldinho. Agora só riem, riem, riem...

Diz o marido:

– Ó mulher, riam-se de ti! Tu ias com o cu à mostra!

Diz ela:

E tu não me disseste nada, marido?

Diz o marido:

– Ó mulher, eu não sabia qual era a promessa que tu tinhas prometido.

Informante: Alice Baião, 71 anos, natural de Pias, Serpa, Beja, chefe de secretaria, 9.º ano.

Recolha: em Tavira, Faro, a 17 de Janeiro de 2008.

Coletor: Ana Isabel Afonso (cassete n.º 1 / lado A)

Classificação: ATU 1230*

317

[A TORRE DE CORTE GAFO]

Reza a lenda que uma vez os habitantes da Corte Gafo, a de cima e a de baixo, juntaram-se para fazer um feito inédito, ou seja: Pisa já tem a Torre de Pisa, Paris já tem a Torre Eiffel, e eles queriam entrar para o Guinness.

E então o que é que sucedeu? Começaram a amontoar caixas com o objectivo de chegar ao Céu com essas caixas todas amontoadas. Nisto, amontoaram caixas, caixas, até que faltava só mais uma para chegar lá ao Céu.

Até que um pensa assim:

– Então já não temos mais caixa nenhuma para chegar ao Céu? Pois não, mas tira-se uma de baixo e mete-se em cima.

Informante: Ricardo Pires, 25 anos, natural de Serpa, Beja, licenciado em engenharia civil.

Recolha: em Faro, a Novembro de 2016.

Coletor: Lúcia Cristino

Classificação: ATU 1250A

318

O VELHO QUE ATIRA FIGOS AO CU DO BURRO

Um velhote, que vivia lá perto onde eu fui criada, fazia carvão. E depois, a única subsistência, sobrevivência dele, era o dinheiro do carvão.

E então, carregava o burro de carvão e ia vender à vila. E então, o que ele havia de levar para comer? Não tinha mais nada para ir comendo pelo caminho, e para isso não tinha mais nada, levou figos secos, uma bolsinha de figos. Ia atrás do burrinho, o burrinho ia andando à frente. Ele ia atrás do burro, tirava um figo para comer. Não tinha fome ainda, porque havia pouco tempo que tinha comido. Atirava nele e “truz”, no cú do burro! O figo saltava para o lado. Ia mais à frente, tirava outro figo da bolsa, ia comer:

– Hé! Não gosto deste, que este está queimado...

Vá outra vez no cú do burro! Saltava para o outro lado.

Foi andando, continuando, e ficou com a bolsa sem figos.

Quando chegou à vila, vendeu o carvão. Ia saudoso, que havia tanto tempo que não ia à vila, bebeu uns copinhos e levou-lhe o dinheirinho do carvão. Não teve dinheiro nenhum para comprar um pãozinho pequenino.

Vinha andando para cá, atrás do burrinho, para vir para casa. Vinha vendo os figos caídos, ia vendo os figos caídos, apanhava um e:

– Ah, este não bateu no cú do burro!

À frente, encontrava outro, apanhava e comia:

– Ah, este não bateu no cú do burro!

E foi, até que veio comendo neles até a casa. Sempre lhe serviram de refeição.

Informante: Maria José Alves Romão, 71 anos, natural de S. Bartolomeu de Messines, Silves, Faro, reformada, 4.ª classe.

Recolha: em Faro, a 3 de Janeiro de 2007.

Coletor: Abel Chanfana (CD n.º 1)

Classificação: ATU 1309

319

O ALGARVIO

O Algarvio, que é quem tem mais figueiras é o algarvio. E então, levava as suas alcofas em cima do burro e ia apanhar os figos. E comeu, tinha fome à volta de casa e foi comendo.

Como [depois já] não tinha fome, começou a apanhar nos figuinhos até chegar a casa e a bater no cu do burro. E ele foi vender os figos e depois, à volta para casa, veio apanhando neles. Tinha fome e ia limpando neles no chão e comendo e dizendo:

– Este não bateu no cu do burro, este não bateu no cu do burro...

E foi comendo e encheu a barriga com os figos que jogou ao cu do burro.

Informante: Amélia Amores Maria, 69 anos, reformada, 1.ª classe.

Recolha: em Patã de Baixo, Albufeira, Faro, a 25 de Novembro de 2007.

Coletor: Andreia Pacheco e Rita Martins (faixa 18 / 21'52)

Classificação: ATU 1309

320

DEUS E O SÃO PEDRO

Quando Deus Nosso Senhor andava pelo mundo, um dia, pois abalou com o São Pedro. Deus Nosso Senhor a cavalo num burro e o São Pedro atrás. E levavam figos torrados, um saco com a mesma porção cada um. Foram e o São Pedro ia atrás e o Deus Nosso Senhor ia à frente.

De vez em quando, o São Pedro abria um figo e dizia:

– Este tem bicho.

E, *trás*, no cu do burro.

Ia mais em diante:

– Ai, este não tem bicho.

Comia aquele.

Mais em diante, *truz*, fazia o mesmo, outro [que] tinha bicho.

E o Deus Nosso Senhor vendo aquilo: “Bom, tens que os comer esses todos.”

Bem, pois foram, foram e chegaram mais ou menos ao destino, mas viu que o São Pedro ainda tinha figos. Deus Nosso Senhor viu que ele ainda tinha figos. E o que faz? Adiou a viagem para mais três dias. Mais três dias, pois naqueles três dias ao São Pedro acabaram-se-lhe os figos.

Quando vieram à volta, vieram outra vez pelo mesmo caminho. Pois o São Pedro já não tinha figos. Andou olhando a ver onde estava algum que tinha dado no cu do burro. Apanhava, sabia onde os tinha jogado:

– Ah, este não bateu no cu do burro.

E teve que os comer todos! E assim foi o resto da viagem: teve que comer os figuinhos todos, que tinham batido no rabo do burro.

Informante: Gilberto Martins Teixeira, 74 anos, natural de Fonte Judeu, agricultor, 4.ª classe.

Recolha: em Fonte Judeu, Castro Marim, Faro, em 2007-2008.

Coletor: Rita de Jesus

Classificação: ATU 1309

321

PAU NO CU DO BURRO

Um burro carregava lenha e coisas para a casa. E então o homem tinha muito medo que o burro morresse, porque já não tinha dinheiro para comprar mais nenhum.

E depois, um dia, encontrou o Salamão e disse:

– Você diz-se que sabe para aí muito, há-de me dizer quando é que o meu burro morre.

– Ah, sabe quando é que morre o seu burro? Morre aos três peidos.

Um dia foi carregar lenha, e ele vinha a subir uma ladeira acima e ouviu:

– Puffff!!

E ele disse:

– Ai, minha mãe! Só faltam mais dois!

Lá mais adiante, antes de chegar ao cerro, outro:

– Puffff!!

– Ai, mãe! Agora é que eu estou...

Foi, arranjou um pedaço de pau com o machado, fez um bico no pau e meteu no cu do burro, a ver se ele não dava mais nenhum, porque senão ele morria.

O burro vá: aperta com outro. O pau salta, bateu na testa do homem e matou o homem... Não morreu o burro, morreu ele.

Informante: Francisco Jacinto Mestre, 77 anos, natural da aldeia de Espragosa, S. Miguel do Pinheiro, Mértola, Beja, reformado, sabe ler e escrever.

Recolha: em Espragosa, Miguel do Pinheiro, Mértola, Beja, a 28/10/2006.

Coletor: Ema Serafim (CD n.º 1)

Classificação: ATU 1313A

322

O HOMEM E O BURRO

Passou um ao pé do que andava ceifando e disse assim:

– Cuidado, não corte o nariz.

E ele disse assim:

– Ah, não corte o nariz? – Jogou a foice à cara e cortou o nariz.

Diz então:

– Mas aquele homem adivinhou!

Abalou a fugir:

– Oh, eu cortei o nariz... Quando é que eu morro?

Diz logo o que lhe tinha dito para não cortar o nariz:

– Quando o seu burro der três peidos!

Ora, ele tinha o burro para carregar o trigo para a eira e o que é que ele se lembra? Faz uma estaca de um pau e mete no cu do burro. E como mete no cu do burro... Ora, o burro... Pois carregou o burro e o burro ia andando. O que é que aconteceu? O burro ia carregado, ia a fazer força, salta a estaca dá-lhe no estômago, morreu. Morreu.

Informante: Amélia Amores Maria, 69 anos, reformada, 1.ª classe.

Recolha: em Patã de Baixo, Albufeira, Faro, a 25 de Novembro de 2007.

Coletor: Andreia Pacheco e Rita Martins (faixa 18 / 23'00)

Classificação: ATU 1313A

323

[UM ALGARVIO DE PASSAGEM PELO ALENTEJO]

Um algarvio vinha de passagem pelo Alentejo e viu um pastor de conversa com um amigo na taberna. Nisto, o pastor sai para o seu trabalho no campo. O algarvio, quando vai no seu percurso, encontra-o lá na sua folha de pastagem e vai-se meter com ele.

E diz-lhe assim:

– Ó compadre, eu quase que apostava que sei quantas ovelhas o senhor ai tem.

- Hum! Duvido!
 – Então e apostamos o quê?
 Diz-lhe o pastor:
 – Então olhe: se acertar leva uma ovelha.
 O algarvio diz assim:
 – O senhor tem aí 96 ovelhas. (Tinha ouvida a conversa no café.)
 – Então e como é que o senhor soube?
 – Palpite!
 – Está bem! Conseguiu, acertou. Escolha lá uma ovelha e leve-a!
 Quando o outro ia com a ovelha às costas a caminho do carro, diz-lhe o pastor:
 – Espere lá aí! Eu quase que apostava que sei de onde o senhor é! E se acertar você deixa-me aqui o animal de volta.
 – Ah! Não deve saber, com certeza!
 – Sei! O senhor é algarvio!
 – Então porquê?
 – Então no meio de 96 ovelhas levou-me logo o cão!

Informante: Carlos, 36 anos, natural de Amareleja, Moura, Beja, G. N. R.

Recolha: em Amareleja, Moura, Beja, a 22 de Dezembro de 2005.

Coletor: Nídia Bretoldo (faixa n.º 6)

Classificação: ATU 1316

324

[O PASTOR DAS OVELHAS]

- Há um individuo que vai pedir trabalho numa quinta.
 Chega lá diz-lhe o patrão:
 – Que raio! O que é que te hei-de dar para tu fazeres? – Diz ele – Estás a ver aquelas quinze ovelhas além? Então o teu serviço vai ser aquele. Todos os dias, de manhã, agarras nas quinze ovelhas, levás lá para o fundo para os pastos e à tarde trazes as ovelhas para cima.
 Diz ele:
 – Hum hum... com este sapatinho de verniz, não pense nisso...
 Diz ele:
 – Está bem, homem, eu compro-te umas botas.

Então o outro aparece-lhe com as botas, ele calça as botas, agarra no gado e leva-o lá para baixo para o pasto. À tarde, quando o patrão olha para as botas: tudo roto, tudo descosido, tudo marafado, tudo escangalhando...

Diz ele:

– Então o que é que se passou?

Diz ele:

– Ó patrão, cale-se daí! As quinze grandes ainda assim não deram muito trabalho, agora as duas pequeninas...

– Olá... duas pequeninas? Eu só tinha quinze ovelhas, não tinha borregos nenhuns...

Foi-se assomar ao curral, tinha duas lebres presas junto às ovelhas. (risos)

Informante: Gabriel Palma, 53 anos, natural de Faro, residente em Salir, Loulé, Faro, desempregado.

Recolha: na Cortinhola, Benafim, Loulé, Faro, a 1 de Dezembro de 2010.

Coletor: Elsa de Fátima Nóbrega Lopes Rey

Classificação: ATU 1316

325

[O LISBOETA E O ALENTEJANO]

Passou um lisboeta que foi passear ao Alentejo. Passou ao pé de um pastor que estava a guardar umas ovelhas. Pensou em ir gozar com o pastor, dizendo que lhe comprava um borrego.

O pastor disse:

– Vá escolher um, à sua vontade.

E ele: “Agora vou enganar o pastor, vou escolher além aquela que tem a lã maior.”

E foi, agarrou-se ao cão, que era o ajudante do pastor.

– Quero este!

Diz o pastor assim:

– Então você não vê que isto é um cão, não é uma ovelha?

Informante: Manuel Margarido, 69 anos, natural de Aljezur, reformado.

Recolha: em São Bartolomeu de Messines, Silves, Faro, a 5-1-2011.

Coletor: Gina Maria da Palma Guerreiro

Classificação: ATU 1316

326

O ALENTEJANO E O ALGARVIO

Foi um senhor que foi aqui do Algarve, foi a Beja. E depois é claro, fez lá o governo dele. Esteve lá um bocado, fez o governo e voltou outra vez para o Algarve. E depois ele pensou em enganar o alentejano. E chegou, vinha rente ali à estrada, e o que é que ele há-de ver? Um pastor com um rebanho de gado, um rebanho de ovelhas.

Disse:

– Ah, vou enganar ali o alentejano.

E chegou lá ao pé dele:

– Boa tarde.

– Boa tarde.

– O senhor, se eu adivinhar quantas ovelhas o senhor tem aí no seu rebanho, o senhor dá-me um borrego?

– Dou sim senhor. Deixe estar que eu dou. Então diga lá quantas é que eu tenho aqui?

– Olhe, o senhor tem aqui trezentas ovelhas.

– O senhor adivinhou. É isso mesmo que eu tenho aqui. Mas como é que você adivinha?

– Eu lá adivinhei... Jogo sempre o meu rabo de olho e tal, e acerto.

– Está bem. O negócio está feito. Eu prometi-lhe o borrego, o senhor leva o borrego. Escolha aí um borrego.

Chegou o homem. O homem estava assim ao pé da estrada, um bocadinho desviado do rebanho e tinha o cão ao pé. E o cão é daqueles cães muito guedelhudos e parecido aos borregos. E o que é que havia de fazer? Joga-lhe a mão, agarra o rabo do cão e apanha o cão do homem. Apanha o cão e leva o cão assim, vai direito ao carro com o cão, levava o cão.

Diz o homem assim:

– Espere lá aí, que o negócio... Porque não foi esse que nós fizemos. Nós combinamos: se o senhor adivinhasse quantos borregos, quantas ovelhas eu tinha aqui no meu rebanho, eu dava-lhe um borrego. Afinal o senhor não me leva o borrego, o senhor leva o meu cão!

Informante: Josué Martins, 74 anos, natural de Santa Iria, Serpa, Beja, reformado, sabe ler e escrever.

Recolha: em São Brás de Alportel, Faro, a 30/12/10.

Coletor: Sofia Alexandra Figueira Branco de Anes (cassete n.º 2 / lado A)

Classificação: ATU 1316

327

[O LISBOETA QUE VINHA PARA O ALGARVE]

Um lisboeta vinha para o Algarve. E chegou ali ao Alentejo, o carro já vinha quente e teve de dar arrefecimento ao carro. E foi ao pé de um homem que estava a cuidar de ovelhas e diz:

– Eh, amigo, tem aí muitas ovelhas!

– Ah, pois são... são as que tenho, são as que estão aí à vista.

– Eu sou capaz de contá-las... sou capaz de dizer quantas ovelhas tem...

– Se assim à primeira vez disser o número certo, eu dou-lhe uma, dou-lhe uma ovelha.

– Está bom. – Lá disse. – Olhe, são quarenta e nove.

– Olha lá, e acertou... Então vá buscar uma, ponha-a no carro e leve-a.

O homem abalou. Vinha, quando mete no carro, fecha a porta do carro e o pastor diz assim:

– Ó amigo, então, mas você soube... contou as ovelhas, soube o número de ovelhas que tinha e não vê que o que levou é o cão? (risos)

Informante: José de Nascimento Tiago, 79 anos

Recolha: em Portimão, Faro, a 26/12/2010.

Coletor: Andreia Daniel (gravação / 10'10)

Classificação: ATU 1316

328

OS LISBOETAS E O PASTOR

Era uma vez uns lisboetas que vinham de Lisboa. E então viram um pastor, que andava a guardar gado, velhote. E pensaram assim:

– Agora vamos a gozar aquele pastor!

E então o que fizeram? Foram à freguesia, a uma taberna que havia ali perto, e procuraram:

– Olhe lá, não me sabe dizer quantas ovelhas guarda aquele pastor?

– Ai, sei, sei. Ele guarda quarenta ovelhas.

– Ai, então agora vamos daqui e tiramos-lhe logo uma ovelha ao pastor. Ele é alentejano, é assim meio tonto, tiramos-lhe uma ovelha.

Chegaram lá:

– Ó senhor, olhe lá, se eu lhe disser quantas ovelhas o senhor guarda, dá-me uma ovelha?

– Dou! Se me disser a certeza de quantas ovelhas guardo, dou.

– O senhor guarda quarenta ovelhas.

Então ele:

– Sim, atinaram. Vá, escolhem uma ovelha. Vão ao rebanho e escolham a ovelha.

Pronto o homem... Eles lá tiraram uma ovelha e diz-lhe assim o pastor:

– Olhe lá, então agora se eu vos disser donde vocês são, onde vocês moram, vocês retribuem-me a ovelha que escolheram?

E fazem assim:

– Sim, senhor.

– Então vocês são da cidade de Lisboa.

– Então como é que o senhor sabe?

– Porque vós sedeis tão parvos que no lugar de escolherem uma ovelha escolheram-me o cão.

Informante: Joana Duarte Carrilho Gaspar, 75 anos, natural de Marvão, Portalegre, reformada, analfabeta.

Recolha: em Barretos, Marvão, Portalegre, a 21 de Novembro de 2017.

Coletor: Joana Alegria (faixa n.º 21)

Classificação: ATU 1316

329

A IGREJA

Conta-se que numa aldeia chamada Corte Gafe as pessoas eram assim muito pouco evoluídas. E então, um dia decidiram que a igreja não estava no sítio certo

e então tentaram mudá-la. Mas como? Pensaram, pensaram e então chegaram à conclusão que se arranjassem uma corda bastante forte e que se juntassem metade do grupo de um lado, na ponta da corda, e a outra metade do grupo na outra ponta, passando a corda à volta da igreja, conseguiriam mudá-la. Então fizeram força, fizeram, fizeram até que a corda se partiu, pois claro, a igreja não ia sair de lá. //

E então, depois caíram todos em cima uns dos outros. As pernas ficaram todas enleadas umas nas outras e eles não conseguiam sair dali, não sabiam sair. Chegaram à conclusão que não sabiam qual eram as suas próprias pernas e então não se conseguiam levantar. Então passou um senhor, vinha de Lisboa. Passou por lá e viu aquele monte de gente, todos no chão em cima uns dos outros, mas pronto, como em Lisboa as pessoas quando não conhecem não costumam assim meter-se com as pessoas... Mas, pela segunda vez que passou por lá, achou aquilo um bocado estranho e resolveu perguntar-lhes se as pessoas precisavam de ajuda. E eles:

– Sim, sim, estamos a precisar. É porque nós tínhamos decidido mudar a igreja de sítio, mas acontece que a corda partiu-se e nós agora estamos aqui sem saber quais são as nossas pernas e então não conseguimos sair daqui.

E então o senhor lisboeta lá esteve a pensar numa hipótese de conseguir salvar aquela gente toda, porque aquilo já era tarde. Lembrou-se que tinha um martelo dentro do carro. Corre, lá foi buscar o martelo e experimentou assim a bater no joelho de um e a perna deu assim sinal:

– Hiii, esta é minha!

– Então se é sua, tire-a!

Bem, e então foi assim que ele lá conseguiu ir martelando em todos os joelhos de todas as pessoas, que ele conseguiu desenlear aquela gente toda. Senão, se calhar, ainda hoje lá estariam. (risos)

Informante: Lurdes Guerreiro, 43 anos, natural de Santa Clara a Nova, empregada de andares, 9.º ano.

Recolha: em Tunes, Silves, Faro, a 6 de Novembro de 2009.

Coletor: Gabriela Rodrigues Pacheco e Dália Solá Faisca (faixa n.º 11)

Classificação: ATU 1326 + ATU 1288

330

O HOMEM QUE MENTIA

Certo dia, numa pequena localidade, num monte, havia um rapaz que era mentiroso. E então, quando ia com as ovelhas pastar, lembrava-se de ir à aldeia e corria pelas ruas a dizer:

– Olha o lobo! O lobo!

As pessoas saíam todas à rua com forcas e armas, mas no fim era mentira. Passados uns dias, o mesmo rapaz foi outra vez. Saiu de manhã de casa, foi novamente com as ovelhas. Não tinha mais nada para fazer, o que é que ele se lembrou: “Vou à aldeia e vou contar outra mentirinha”.

Subiu o serro adiante, chega à aldeia e diz:

– Olha, o lobo atacou as minhas ovelhas. Vêm aí uma remessa de lobos!

As pessoas, muito assustadas, saíram outra vez, ainda acreditando. Saíram com armas, facas, tudo o que podiam. Mas era mentira. Passados mais uns dias, o mesmo rapaz, na mesma pastagem, na mesma tarde, viu mesmo um lobo. O lobo atacou-lhe as ovelhas. Matou-lhes muitas, ainda. E o rapaz foi à aldeia pedir ajuda. Chegou à aldeia e gritou:

– Olha o lobo! O lobo está a matar as minhas ovelhas todas!

E as pessoas já nem tão pouco saíam à rua.

E foi assim que acabou a história.

Informante: Paulo, 15 anos, natural de Faro, estudante.

Recolha: em Barroso, Alcoutim, Faro, a 21 de Outubro de 2006.

Coletor: Cristóvão Manuel Pedro Custódio (cassete n.º 1/ lado B)

Classificação: ATU 1333

331

O PEDRO E O LOBO

Era o Pedro; tinha um rebanho. De vez em quando dava-lhe na cabeça e dizia:

– Lá vai lobo!

E o pessoal da zona – aquilo era uma zona de rebanhos – toda a gente escondia os rebanhos e ele punha-se a rir.

Fez isso tantas vezes “Lá vai lobo!”, toda a gente escondia o rebanho e na volta não havia lobo nenhum.

Às tantas, tantas fez, que uma vez:

– Lá vai lobo!

Ninguém ligou a isso, veio o lobo e comeu o rebanho.

Informante: Vítor Manuel da Silva Borralho, 47 anos, natural da Arrentela, Seixal, serralheiro.

Recolha: em Lagoa, Faro, no dia 1 de Novembro de 2006.

Coletor: Marta Sofia das Dores Sequeira (cassete n.º 1 / face B)

Classificação: ATU 1333

332

O MENINO MENTIROSO

Bem, isto é a história de um menino que chamavam-lhe “o menino mentiroso”. E por ser tão mentiroso acabou por sofrer as consequências. Ele gostava muito de mentir. E então, começava a gritar naquela aldeia que havia fogo. Começava:

– Fogo, fogo, acudam, acudam, há fogo!

Toda a aldeia entrava em pânico: corriam, tocavam os sinos, todos a acudirem, fugindo, fugindo, fugindo. Quando lá chegavam não havia fogo nenhum. As pessoas ficavam a... coiso com ele, não é? Passado aí uns dias, ele volta outra vez a mentir com a mesma versão.

– Há fogo, acudam, desta vez é mesmo! Ajudem, ajudem, há fogo, fogo!

Toca a tocarem os sinos para acudirem – a aldeia novamente acreditou nele – fugiram, fugiram, desta vez é que é, desta vez é que é... Quando lá chegaram, não havia fogo nenhum. Bom, as pessoas disseram... acabaram por ver que ele era mesmo mentiroso e nunca mais acreditaram nele, não é?

Um dia, ele foi dormir para o celeiro com os animais... Foi para lá para o celeiro e adormeceu. Lá fez-se noite e ele acendeu um candeeiro. Então o candeeiro, aquilo deu ao lado ou qualquer coisa, como estava ali coiso, deu ao lado e pegou fogo. Pegou fogo, quando ele se viu ali rodeado em chamas. Os animais, aflitos, lá dentro com as chamas... O fogo enorme... corre e começa:

– Fogo! Ajudem, ajudem, há fogo! Depressa, socorro!

As pessoas ouviram aquilo, mas ninguém mexeu um dedo porque pensaram: “Bem, é mais uma vez uma mentira dele, é ele a mentir.” Não acreditaram, pois era a terceira vez. E então, ninguém acudiu e acabou por ficar tudo em chamas. Os

animais acabaram por morrer queimados e tudo. E ele ficou sem nada, porque ardeu tudo. E então ficou “o menino mentiroso”.

Informante: Maria Fernandes, 42 anos, natural de Monte Gordo, Vila Real de Santo António, Faro, empregada de balcão.

Recolha: em Conceição de Tavira, Tavira, Faro, a 28 de Outubro de 2007.

Coletor: Vânia Encarnação Romão Fernandes (faixa 28)

Classificação: ATU 1333

333

O PEDRO E O LOBO

Era um menino que se chamava Pedro e andava a pastar o gado. Como falavam muito em lobos, um dia ele começa a gritar:

– Olha o lobo! Olha, aí vem o lobo! Aí vem o lobo!

Toda a gente foi acudir. Chegou lá, ele começou-se a rir, não era lobo nenhum.

À segunda vez fez o mesmo. Ora, fez o mesmo, não era lobo nenhum.

À terceira vez veio mesmo o lobo. Começa a gritar:

– Olha o lobo! Olha o lobo!

Ninguém lhe acudiu e o lobo levou-lhe as ovelhas, matou-lhe as ovelhas. E quando o viram, disseram:

– Pois, à outra vez não mintas. Pois és mentiroso, ninguém acreditou.

Pronto, lá matou as ovelhinhas e ele, coitadinho, lá chorava.

Informante: Adélia Gago Rosa, 73 anos, 4.º ano.

Recolha: em Nora de Apra, Loulé, Faro, a 16 de Outubro de 2008.

Coletor: Filipa Margarida Dias Lima Pinheiro (gravação G2)

Classificação: ATU 1333

334

O MENINO MENTIROSO

Havia um menino que era pastor e andava no monte com as suas ovelhas. E lembrou-se de fazer uma partida aos outros meninos, que também eram pastores, e começou a gritar:

– Acudam, que há lobo, acudam!

E os outros pastores, que andavam em redor, correram em seu auxílio. Quando viram que ele troçava deles, por acudirem, e que era mentira, foram-se embora todos chateados.

Outro dia, que era o lobo, era um lobo mesmo que vinha para comer as ovelhas. Ele começou a gritar novamente que havia lobo:

– Acudam, que há lobo, acudam!

Então, nessa vez era mesmo verdade que havia um lobo. E o lobo atacou as ovelhas comendo as que quis e levando aquelas que queria para o seu covil. A partir daí ficou-lhe de lição: nunca mais ele mentiu, porque afinal poderia ter salvo as suas ovelhas e com a mentira fez com que elas fossem mortas.

Informante: Maria Joaquina Oliveira Macedo, 48 anos, natural de Amarante, doméstica

Recolha: em Amarante, Porto, a 26 de Dezembro de 2008.

Coletor: Joana Soares (gravação 16 / 4'00)

Classificação: ATU 1333

335

O RAPAZ E O LOBO

Era uma vez um rapaz que vivia com três irmãos. E eles tinham gado. Então eles costumavam levar o rebanho a pastar. O irmão mais novo, numa noite, foi pastar o rebanho e no meio da noite começou a gritar:

– Ai o lobo, ai o lobo!

E a família foi ver o que era. Quando a família chegou, não havia lobo nenhum.

Ele voltou para casa, a mãe ralhou com ele e disse que ele não podia voltar a fazer aquilo.

No dia seguinte, o filho mais novo foi outra vez levar o rebanho a pastar e voltou a gritar outra vez por lobo. A família foi lá ver o que era e não havia lobo nenhum.

Então ele veio para casa. Nessa noite quando veio para casa, foi guardar o rebanho, e finalmente viu o lobo e começou a gritar “lobo!” Só que já ninguém foi ver o que era, e o rapaz acabou por ser comido pelo lobo.

Informante: Joana Pereira, 22 anos, estudante universitária.

Recolha: no Funchal, Madeira, a 6 de Janeiro de 2008.

Coletor: Joana Maria Gomes Fernández Ferreira Pereira (clip jan. 6)

Classificação: ATU 1333

336

[OS DOIS BÊBADOS E A LUA]

Eram dois bêbedos. Então foram para casa e caíram e não se levantaram. E começaram a ver a lua.

Vai um:

– Olha a lua...

Disse o outro:

– Aquilo não é a lua, aquilo é o sol!

– Não é nada o sol, é a lua!

– Não é, é o sol!

Passou outro que vinha também com os copos:

– Ó amigo, venha cá se faz favor. É capaz de dizer se aquilo é a lua ou sol?

– Não sei filho, eu não moro cá!

Informante: António Mendes Sequeira, 78 anos, natural de Mértola, Beja, 4.ª classe.

Recolha: em Mértola, Beja, a 17 de Novembro de 2005.

Coletor: Filipa Raquel dos Reis Rodrigues (CD n.º 1 / faixa n.º 7)

Classificação: ATU 1334

337

[OS ALENTEJANOS E O POÇO]

Uns alentejanos andavam ceifando e depois um assomou-se a um poço que estava meio de água e viram o sol lá a luzir lá na água. E o que pensam? Que era um queijo de ouro. Depois, foram á procura de umas escadas, de umas coisas que era para meter dentro do poço para tirarem o queijo de ouro. Chegaram lá era o sol, pois não o conseguiam apanhar. Era o sol que aparecia lá e eles fartaram-se de rir e assim terminou em nada, porque não era nada, não era nenhum queijo que eles apanharam.

Informante: Maria Rosa Cavaco, 68 anos, natural de Corte Sines, Mértola, Beja, reformada.

Recolha: na Manta Rota, VRSA, Faro, a 1 de Dezembro de 2010.

Coletor: Daniela Nunes

Classificação: ATU 1336

338

[O ESPELHO]

Havia uma vez dois gémeos, mas um tinha ido para Angola, para a tropa, e o outro estava lá no campo, era casado e tinha a mãe muito velhinha.

Um dia, foi à cidade dar umas voltas, comprar umas coisas. Ia a passar e olhou para uma montra que tinha vários objectos, tinha um espelho, mas como ele era do campo e era meio atrasado, olhou para o espelho e viu a cara dele. Diz ele assim:

– Olha o Manel aqui na montra! Tenho que comprar o meu irmão Manel (que era o irmão gémeo que estava no estrangeiro, na tropa).

Entrou na loja e disse ao senhor:

– Ó senhor, dê-me aquela fotografia que está ali.

(Eles lá na terra querem é vender, eles querem aproveitar os parvinhos para vender e não se importam com nada).

O homem levou o espelho, todo embrulhadinho, e chegou a casa todo contente. E disse assim à mulher:

– Ó mulher, vê o que eu comprei na cidade: o meu irmão Manel que está na Angola.

A mulher vai ver e diz:

– Ó José, isto é o Manel? Isto é uma puta! Foste comprar uma puta.

Diz ela assim para a mãe:

– Mãe, veja-me isto, é o Manel que está nesta fotografia?

A velha era muito velhinha, cheia de rugas, disse assim:

– Ah, ah, José, dizes que isto é o Manel? Isto é uma puta e ainda por cima uma puta velha!

Informante: Ana Maria de Sousa, 55 anos, natural do Funchal, Madeira, doméstica, 4.ª classe.

Recolha: em Vale de Vargo, Serpa, Beja, a 12-09-2005.

Coletor: Ângela Maria Soares Valadas (faixa n.º 8)

Classificação: ATU 1336A

339

O TIO ROMANITO

Era um velhote que lhe chamavam o Tio Romanito, e o filho dele era o Queitanito, que estava em Lisboa. O velhote disse:

– Eu vou a ver o meu Queitanito.

Abalou a Lisboa, e a todas as pessoas que encontrava perguntava:

– Não sabem onde mora o meu Queitanito.

Ora, em Lisboa quem é que haveria de saber onde é que morava o Queitanito dele.

– Ai, não senhor! O senhor não pergunte assim porque ninguém lhe sabe dizer.

Ele lá foi perguntando até que encontrou o Queitanito dele. Depois ia passeando mais o filho por as ruas, passava pelos manequins que estavam nas montras e dizia assim:

– Boa tarde!

Ora, ninguém lhe respondia. Passava por outro e dizia outra vez:

– Boa tarde!

Diz-lhe o filho:

– Ih, pai! Não fale! Então não vê que são bonecos.

– Isso são bonecos?

– Pois! São bonecos aí nas montras, para mostrarem as roupas.

Pronto. Abalou mais o filho (iriam para casa) e encontrou um polícia de sentinela, muito esticadinho sem sequer pestanejar. Ele pôs-se a olhar e diz para o filho:

– Ih, filho! Quem dirá que esta merda não é gente!

O outro pregou-lhe uma chapada e assim ficou a história do Tio Romanito acabada.

Informante: Maria Teodora Guinapo Candeias, 67 anos, natural da Amareleja, Moura, Beja, doméstica, 4.ª Classe.

Recolha: em Amareleja, Moura, Beja, a 22 de Dezembro de 2005.

Coletor: Nídia Bretoldo (faixa n.º 7)

Classificação: ATU 1337

340

MARCELO CAETANO

No meu tempo não havia casas de banho. As casas de banho que havia, era por cima das estrumeiras; por baixo eram as estrumeiras e por cima era a casa de banho, com um pedaço de madeira com um buraco no meio. Então cagávamos lá. A gente sentava lá o cu e a merda caía lá em baixo.

Então um dia, no tempo do Marcelo Caetano, havia umas pessoas que iam receber a visita do Marcelo Caetano e as pessoas eram ricas, mas não tinham casas de banho. E então o que é que a senhora disse ao criado? (Que haviam os criados...):

– Tenho uma pessoa muito fina que vai vir aqui a casa e se ela for à casa de banho, mal ele acabe de fazer a sua necessidade, tu passas-lhe logo com a esponja pelo cu, que é para ele não ficar com o cu cagado.

Às tantas essa pessoa foi à casa de banho. Levaram-no à casa de banho, acabou de cagar e veio lá o criado que estava cá em baixo com a esponja, e lavou-lhe logo o cú.

Ao que ele disse:

– Olá!? Mas que casa de banho tão moderna!

Então, foi ver como é que era: baixou-se e enfiou a cabeça no buraco. E o criado, que julgava que era o cu dele, passou-lhe logo com a esponja pela cara, lavou-lhe a cara também com a mesma esponja. Fez logo os dois serviços.

Informante: Donatília Carvalho, 54 anos, natural da Guia, Albufeira, Faro.

Recolha: em Albufeira, Faro, a 22 de Outubro de 2007.

Coletor: Tânia Filipa Cabrita Xavier

Classificação: González 1338B

341

O VELÓRIO

Certo dia, numa localidade do norte do país, ia a passar um velório.

E a viúva dizia:

– Ai, querido, que vais para onde não há sol!

la um senhor, num estado um tanto ou quanto lastimável, atrás.

E dizia assim:

– Mau!!!

E a viúva continuava:

– Ai, querido, que vais para onde não há comida!

E dizia o senhor atrás, que ia a acompanhar o velório:

– Mau, mau!!!

E ela continuava no seu pranto:

– Ai, querido, que vais para onde não há bebida!

E ele dizia:

– Mau, mau, mau, mau!!! Queres ver?! Onde é que será que ele vai!!! Ai, ai, ai, ai, ai!!!! Estou mesmo a ver isto!

– Ai, querido, que vais para onde não há nada!

E diz ele de repente:

– Mau! Queres ver que o vão levar para a minha casa?!

Informante: Joaquim Manuel Varela, 39 anos, natural de Ponte de Sor, sargento da Armada, 11.º ano

Recolha: em Galveias, Ponte de Sôr, Portalegre, a 8 de Janeiro de 2011.

Coletor: Maria João Marques

Classificação: ATU 1346

342

O BÊBADO

la um bêbado a passear na rua e, às tantas, estava a passar ao pé de uma janela, e começa a ouvir:

– Ai, ó homem, foste embora! Vais para a terra onde não há nada, não há água, não há comida, não há vinho não há nada...

E o bêbado, lá fora:

– Ai, mau, mau!

E continua a mulher, lá dentro:

– Ai, homem, lá não há mulher, não há música, lá não te divertes, não tens lá nada...

E o bêbado, lá fora:

– Ai, o caralho!

E a mulher, outra vez, lá dentro:

– Ai, homem, não tens nada daquilo que eu te dava: nem as receitas, nem isso tudo; não tens diversão nenhuma e não tens comida nem bebida. Ai, ai, ai!

E o bêbado, lá fora:

– Ai, foda-se! Mas querem ver que este gajo vai para a minha casa?

Informante: Marco Miguel Silva Pereira, natural de Faro, estudante, 9.º ano.

Recolha: em Faro, a 3 de Novembro de 2008.

Coletor: Ana Isabel Fernandes Guerreiro (gravação n.º 9)

Classificação: ATU 1346

343

[O BÊBADO VÊ PASSAR UM FUNERAL]

Estava um bêbado num jardim e vê passar um funeral ao fim da rua. E resolve ir verificar o que é que se passava e, quando se aproxima, ouve a viúva que gritava:

– Ai, mê querido marido! Vais para um sítio onde não há televisão, ai... Vais para um sítio onde não há cama, onde não há comida, onde não há vinho, que tu gostavas tanto...

Diz o bêbado:

– Pooooorrraaa! Queres ver que vão levar o gajo para a minha casa?

Informante: João Sopa, 57 anos, agente de viagens.

Recolha: Faro, em 2007.

Coletor: Andreia Sopa (gravação n.º 2 / 2'43)

Classificação: ATU 1346

344

[O PESCADOR E SANTO ANTÓNIO]

Ali da praia de Monte Gordo, um pescador, um homem, ia à pesca e nunca apanhava nada. E então, ia à igreja e pedia ao Santo António:

- Santo António vê lá se eu apanho peixe...
- Todos os dias o homem fazia aquilo: vinha outra vez e chegava à praia e nada de peixe; e ia lá outra vez:
- Ó Santo António, vê lá se eu apanho, para ai, peixe.
- O sacristão ouvia aquela conversa todos os dias e mete-se atrás do Santo António. Mudou a voz e disse:
- Vai descansado que amanhã apanhas muito peixe.
- O homem, no outro dia, foi todo contente à pesca, foi para a pesca e quando veio, nada. O homem, irritado, apanhou o remo do barco e vai direito à igreja. Mas o sacristão tinha visto ele vir com o remo e diz assim:
- Este, agora mesmo, parte isto tudo.
- Então tira, à pressa, o Santo António e põe um Santo António pequenino.
- O pescador entrou lá para dentro da igreja com o remo na mão, vê o Santo António pequenino e fala assim à Monte Gordo:
- Santo Antonico, onde é que está o teu pai? (que era o Santo António pequeno). E o sacristão, que estava lá escondido, disse:
- Ele saiu.
- O pescador:
- Ai, se eu o apanho, com o remo, racho-lhe a cabeça toda.

Informante: João Lourenço, 51 anos, natural da Manta Rota, VRSA, Faro, pescador.

Recolha: na Manta Rota, VRSA, Faro, a 20 de Dezembro de 2010.

Coletor: Daniela Nunes

Classificação: ATU 1347*

345

[A APOSTA DO CRIADO]

Outra vez era uma que queria casar, mas não sabia como é que se havia de governar. Mas depois casou e depois disse pró marido:

– Ai, marido! Eu vou-te deixar, que eu estou para morrer, e tu ficas. Se tu morresses adiante é que calhava bem, porque tu morrias e eu morria logo. Que quando tu morreres, eu morro logo.

Mas ela trazia um criado lavrando com duas éguas: uma castanha e outra branca.

O patrão, no outro dia, contou a ele, ao criado:

– Olha, sabes quem vai morrer? É a minha mulher. E diz que, se eu morrer adiante, ela morre logo. Portanto ela quer morrer adiante. E morre porquê? Porque não pode passar sem a minha companha.

Diz-lhe ele assim:

– Quer apostar que eu a faço casar logo na noite em que você morrer? Quer morrer? Fez-se morto. Fez-se morto, o criado meteu-o dentro de uma gorpelha e chegou à porta, disse para ela:

– Ó comadre, venha cá!

Ela foi.

– Olhe, é o patrão está morto. Está aqui dentro da gorpelha.

Deitou-o no chão e tapou-o com a gorpelha... Ela quis chorar e ele não a deixou:

– Pst, você não chora, que eu trago fome e temos que comer. E em eu comendo é que você chora. Eu ajudo-lhe a fazer o pranto.

Mas estavam comendo, diz-lhe ele:

– Então, mas você fica assim mal... Era melhor era arranjar logo um homem para aqui. Então ficam bestas, fica tudo... E eu também não me convém estar aqui sozinho com você, a não ser que esteja casado consigo... ou junto.

Diz ela:

– Deixe passar mais uns dias e logo nos juntamos.

E ele ouvindo, o patrão... Quando ele vai de cá, acabaram de comer, diz ele assim:

– Bom, vamos fazer o pranto.

Foram fazer o pranto e a patroa dizia assim:

– Ai, o meu marido!

E ele respondia:

– Ai, o meu patrão!

Mas tanta vez disse, que até se aborreceu. E antes de se aborrecer, disse:

– Ai, Joaquim, Joaquim... Que a égua vermelha sempre é para mim.

Que era o que tinham apostado. A égua vermelha era a aposta, dele ganhar a égua vermelha.

Informante: Natália Cardeira, 81 anos, natural de Vale de Odre, Cachopo, Tavira, Faro, doméstica, analfabeta.

Recolha: em Vale de Odre, Cachopo, Tavira, Faro, a 1 de Dezembro de 2006.

Coletor: Eva Paulino (CD n.º 1 / 22'43)

Classificação: ATU 1350

346

[O PESCADOR FINGE-SE MORTO]

Havia pessoas que não tinham só um marido. E o marido desta era pescador. Fingiu que estava morto e ela veio com o amigo, pensando que o marido não estava em casa.

Ela vira-se para amante e diz:

– Ai, que o meu marido morreu! Ai, que ele está morto! Olha, vamos mas é vesti-lo!

O amante vai buscar a roupa.

A mulher diz:

– Ai, não! Essa é mal-empregada; essa é para dar pela alma.

E o amante foi buscar outra...

A mulher responde:

– Ai, não! Essa é para eu vender!

Eles já não tinham roupa para lhe vestir...

Vira-se o amante e diz:

Então e agora, como é que o vestimos?

A mulher tinha uma rede que o marido levava para a pesca, e diz:

Sim, essa roupa é boa. Embrulha-o nessa rede.

Ela pôs-se a fazer um grande pranto:

– Ai, meu querido marido, adeus já lá vais...

O marido respondeu:

– Adeus, puta dum cabrão, que eu vou para a pesca!

Informante: Henriqueta da Conceição, 84 anos, analfabeta.

Recolha: em Alcantarilha, Silves, Faro, a 30 de Outubro 2006.

Coletor: Sáli Andrez

Classificação: ATU 1350

347

OS DOIS VELHOTES

Numa aldeia alentejana,
Isto há tempos já passados,
Viviam mui santamente,
Dois velhinhos bem casados.

A mulher ao companheiro,

Dizia junto dos dois:

– Quando tu morras um dia,

Morrerei logo depois.

E o marido respondia:

– Ah, mulher, escuta bem,

Quando tu morras, um dia,

Morrerei logo também.

Nisto uma pancada forte

Na porta se fez ouvir:

– Quem é? Pergunta. – É a morte,

Quero entrar, venham abrir!

– Diacho – diz o marido –

Como há-de isto agora ser,

Tenho aqui um pé dorido,

Vai lá tu abrir, mulher.

E ela logo se queixa:

– Valha-me o Nosso Senhor!

Este flato não me deixa,

Vai lá tu, fazes favor.

Então a Morte, enfadada,

Investiu pelo postigo.

Entrando assim na pousada,

Levou os velhos consigo.

Informante: Palmira Neves Jesus Brito, 78 anos, natural de Alportel, reformada da agricultura, 3.ª classe.

Recolha: no sítio do Alportel, S. Brás de Alportel, Faro, dia 2 de Novembro de 2007.

Coletor: Daniela Maria Pires Cabrita (MIC-2007-11-02 / 15'30)

Classificação: ATU 1354

348

A GALINHA DEPENADA

Era a mulher que dizia para o marido:

– Eu não tenho medo da morte!

Depois um dia ele pensou:

– Ai, não tens medo da morte? Deixa estar que eu logo te digo, se tens medo da morte ou não tens!

O que ele havia de pensar? Depenou um pinto e depois trouxe o pinto. E estavam numa sala e despeja o pinto para ali assim, o pinto vivo não é. Pôs ali o pinto e ela disse assim:

– Ai, valha-me Deus! Ai, a morte depenada!

E assim ficou a morte depenada.

Informante: Inácia Pacheco Maria Martins, 72 anos, natural de Sabóia, reformada, 4.º ano.

Recolha: em Sabóia, Ourique, Beja, a 20 de Dezembro de 2009.

Coletor: Gabriela Rodrigues Pacheco (faixa n.º 20 / 0'27)

Classificação: ATU 1354

349

[O EMIGRANTE E SUA MULHER]

Era uma senhora que tinha o homem no estrangeiro, era emigrante. E depois, quando ele veio, disse-lhe:

– Então, o que andavas fazendo?

– Ora, o que andava fazendo... Andava vendendo calças!

– Então quanto é que forraste?

– Ora, quanto forrei... Forrei catorze contos!

Diz ela:

– Bendito seja Deus! Vendendo calças forraste catorze contos e eu em cima da nossa cama, sem calças nem nada, forrei mais de trinta!

Informante: Francisco Peleja, 87 anos, natural de Clarines, Alcoutim, Faro, frequentou a primeira classe antiga.

Recolha: em Clarines, Alcoutim, Faro, a 18/12/2004.

Coletor: Cristina Maria Peleja Martins (cassete n.º 2)

Classificação: Noia 1357*B

350

[A MULHER E O AMIGO]

Era uma vez uma mulher que tinha um amigo (e o nome do amigo era Mimendro). E depois tinha um caniço de canas onde punha os queijos. Usavam os caniços para porem lá os queijos para corarem.

O homem tinha saído. Ela pensava que ele não voltava, mas o homem voltou. Tinha ali o amigo. Ela não sabia o que é que lhe havia de fazer, pô-lo em cima do caniço. E depois, ele ficou com uma perna pendurada. E o homem chegou e ela disse assim:

– Ai, homem, tenho uma vontade de bailar... Vamos lá bailar os dois.

– Ai, mulher, deixa-me que eu estou cansado.

– Não, mas eu queria bailar um bocadinho...

E agarrou-se ao homem e dizia assim:

– Mimendro, Mimendro, recolhe o pezinho que o meu marido está vendo.

O Mimendro foi recolher o pé, o caniço partiu-se, caiu para baixo. Depois ele não sabia o que havia de fazer. Tirou o chapéu e disse assim:

– Ó compadre, vossemecê não tem aí um chapéu de trigo que me empreste?

Diz ele assim:

– Ó homem do diabo! À outra vez, quando querendo pedir trigo, venha por a porta não velha por o telhado, que a minha mulher deu-lhe uma coisa e eu estou todo borrado.

Informante: Maria Estêvão Cavaco, 75 anos, natural de Freixo Seco de Cima, Loulé, Faro, 3.ª classe, reformada.

Recolha: em Freixo Seco de Cima, Loulé, Faro, a 14-11-2005.

Coletor: Carina Isabel Martins Anastácio (cassete n.º 4 / Face A)

Classificação: ATU 1360

351

[O PESCADOR, SUA MULHER E O AMANTE DELA]

Era uma vez um casal em que o marido era pescador. A mulher tinha um amante, então o marido fingiu que estava na pesca. Depois veio a casa para ver.

Chegou a casa, a mulher com o susto (antigamente usava-se um ceirões de trigo pendurados ao tecto), não sabia onde o amante se havia de esconder. Então, ele emaranhou e meteu-se dentro do ceirão do trigo. Ora, ele ficou com uma perna à mostra: foi para encolher a perna, o barão parte-se e ele cai no chão.

Quando o marido respondeu:

– Olhe lá, amigo, para a outra vez entre pela porta, não entre pelo telhado. A minha mulher deu-lhe um chelique e eu estou todo cagado.

Informante: Henriqueta da Conceição, 84 anos, analfabeta.

Recolha: em Alcantarilha, Silves, Faro, a 30 de Outubro 2006.

Coletor: Sáli Andrez

Classificação: ATU 1360

352

[O COMPADRE ESCONDIDO]

O compadre era amante da mulher do [seu] compadre. (Isto eram uns malandros... Naquele tempo também havia malandrices, isto já é mais antigo que a minha avó... imagina!) E então, eles lá se davam todos... Aquilo, naquele tempo, havia as fogueiras, as lareiras, que davam fumo para as chouriças. Que naquele tempo matavam os porcos e tinham as chouriças ao fumeiro.

Bom, ele vai ter com a mulher – não estava o homem em casa e ele vai ter com a mulher. Vai ter com a mulher e estavam lá ao pé da lareira, os dois, sentados ao lado um do outro. Estavam lá. Nisto, quando a mulher sente que vem aí o marido. Disse assim:

– Ai, compadre, o meu marido vem aí e agora, apanha a gente aqui os dois. O que é que você faz, compadre? Onde é que você se esconde?

A mulher muito aflita, muito aflita... (risos) E então, o que é que diz ao homem:

– Olhe, sabe o que você faz? Sobe aqui por esta chaminé e agarra-se lá naqueles ferros que estão lá. (Porque para se por os paus com as chouriças, tinha de haver os ferros no fumeiro.)

E então o homem subiu, subiu a pulso e ficou lá pendurado. Ficou meio encolhido lá em cima, mas tinha que aguentar com os braços. Ora o homem, coitado, chegou a uma certa altura... O outro sentou-se ao pé de onde o outro estava, ao pé da fogueira, da lareira, e quando começa a olhar para a lareira, para a chaminé, e vê o outro já com os pés já quase a aparecerem ali na chaminé. Começa a cantar:

*Arrecolha a pernetta,
Que meu marido está vendo,
Se ele olha para cima,
Depressa me está batendo. (risos)*

E então ele vai-se recolhendo, ia-se encolhendo. Mas o coitado já lhe devia doer muito os braços, que a mulher de vez em quando cantava. Ele tanto se encolheu, tanto se encolheu, até que caiu, cai em cima deles. (risos)

Diz ele assim:

– Ai, compadre, o que é isso?

O homem apanhou um grande susto.

Diz ele assim:

– Ai, compadre. Desculpe lá, mas eu vinha pedir um panito emprestado.

Diz ele assim:

– Ó compadre, quando você quiser panitos emprestados, venha pela porta, não venha pelo telhado, porque a minha mulher apanhou um grande susto e eu estou todo borrado. (Para não dizer outra coisa). (risos)

Informante: Gregória Cristóvão, 64 anos, natural de Olhão, Faro.

Recolha: em Olhão, Faro, a 12 de Dezembro de 2007.

Coletor: Milene Guerreiro (Gravação 17 / 15'58)

Classificação: ATU 1360

353

O ENGANADO

Era um homem que andava ao mar. Então, a mulher tinha um amante e estava ao pé do fogo com o amante. Só que o homem, como choveu muito, o homem voltou para trás e chegou todo molhado. E a mulher queria que ele fosse para a cama, mas ele insistiu que queria ir para o pé do fogo. Então... A mulher, entretanto, tinha

pendurado o amante dentro de uma alcofa, à chaminé, e olhou para cima e viu que ele tinha um pé de fora. E então, diz ela para o marido:

– Ai, a nossa vizinha hoje estava cantando uma cantiga tão engraçada... Olha, era assim:

Recolha o seu pezinho
Meu marido pode ver,
E depois é que são elas,
Ele pode-me bater.

Ora, o outro foi puxar o pé, à alcofa partiu-se a asa e ele caiu em baixo. A mulher fez que lhe tinha dado um desmaio, que tinha desmaiado e ele disse:

– Ó meu Divino Mestre, não tem um pão que me empreste?

E o homem disse:

– Tenho sim senhor, mas à outra vez, venha pela porta não venha pelo telhado, que a minha mulher está morta e eu estou todo borrado.

Informante: Julieta Guerreiro, 69 anos, natural de Faro, reformada.

Recolha: em Bela-Curral, Faro, a 10 de Outubro de 2009.

Coletor: Soraia Cristina Gonçalves Manuel

Classificação: ATU 1360

354

[AS CHILRAS-BILRAS]

Uma vez era uma que andava amigada, era uma que andava amigada, mas não queria que o marido soubesse, nenhuma quer... Um dia, ela fez-se muito doente, muito doente... Ele diz-lhe:

– Ó mulher, o que é que se passa contigo, que estás assim tão doente?

– Ai, estou tão doente... Desconfio que eu só me curava com umas chilras-bilras que há lá por trás das águas do mar... E é só com isso que eu me curava.

– Ó mulher, eu vou buscá-las.

E ele possuía uma égua e uma poldra.

– Então eu tenho que ir a cavalo.

– É melhor ires a cavalo, que gastas muito tempo a ir buscar as chilras-bilras que há lá por trás das águas do mar, que é para eu me curar.

Bom, ele foi, mas nesse dia ela tinha combinado com o amigo para comerem um galo lá na casa dela e mais outro amigo do amigo, que ia lá também a comer o guisado.

Então esse que era amigo do amigo dela disse ao marido:

– Então, onde é que vai compadre?

– Ah, onde é que vou? Deixa estar quieto... A minha mulher está tão mal, tão mal, que eu hoje tenho de ir bem por trás das águas do mar a buscar umas chilras-bilras para ela se curar.

– Não acredite, seu parvalhão. Não senhora! A sua mulher está boa de saúde. Volte-se, isso é tudo mentira que ela lhe prega.

Diz-lhe ele:

– Não senhora, a minha mulher não é dessas.

– Bom, não é tarde nem é cedo: apostemos a sua poldra. – Que ele levava uma poldra e uma égua. – Apostemos essa poldra. Se, por acaso, não for como eu digo, eu perco uma importância igual à poldra. Se for como eu digo, você perde a sua poldra.

– Então, também está bem.

– Mas você faz-me um favor: volta-se para trás e agacha-se, em maneiras que ela não saiba para ver se a gente sabe da aposta. Mais ninguém sabe da aposta a não ser a gente os dois.

Assim foi. Ele voltou-se, meteu-se por trás de casa, dentro de uma gorpelha, para ouvir tudo o que se passava lá em casa. Quando ele vê chegar o amigo dela e o amigo do amigo dela. Depois ela já tinha um galo preparado para comerem. Estiveram comendo o galo e isso tudo. Tudo do bom, tudo do melhor, tudo contente, e diz ela assim:

– Eu, quando a gente acabar de comer, gostava sempre de contar umas anedotazinhas. Cada um diz a sua.

– Então diz a comadre primeiro. – Diz o outro.

Então ela disse:

Meu marido foi ao mar,
Chilras-bilras foi buscar,
Com a saúde que eu cá tenha,
Ele que nunca de lá venha.

Depois, o amigo dizia assim:

E eu sou frade barrigueiro,
Ando por essas funções,
E ando comendo bons galos,
Pondo cornos a cabrões.

Diz-lhe o outro:

Salta, frade barrigueiro,
Lá de dentro dessa gorpelha,
Já perdeste a tua poldra,
Mais a tua égua vermelha.

Diz o outro que estava lá na gorpelha:

Tu és frade barrigueiro,
E eu sou barrigueiro frade,
Eu arranco a cona à tua tia
E corto os colhões ao padre.

Informante: Ilda Francisca, 67 anos, natural de Várzea, Alcoutim, Faro, doméstica, analfabeta.

Recolha: em Vale de Murta, Tavira, Faro, a 3 de Dezembro de 2006.

Coletor: Eva Paulino (CD n.º 2)

Classificação: ATU 1360C

355

[A GRAVIDEZ]

Havia um casal que tinha uma filha que casou e ao fim de três meses nasceu o bebé.

As vizinhas começaram a perguntar à mãe [da rapariga]:

– Então, mas a sua filha só casou há três meses, já o bebé nasceu? A gravidez é nove meses.

– Então, pois é! A minha filha casou em Março. Então é Março, Magarço e mês de Março; Abril, Magril e mês de Abril; Maio, Magaio e mês de Maio. São nove meses!

Informante: Fernanda Castelo, 50 anos, natural de Lagos, Faro, doméstica, 9º ano.

Recolha: em Odiáxere, Lagos, Faro, a 4 de Novembro de 2006.

Coletor: Luciana Pacheco Casteio (cassete nº 3/ lado B)

Classificação: ATU 1362A*

356

MARÇO, MAMARÇO, MÊS DE MARÇO

Era uma senhora: o marido foi para o estrangeiro e quando abalou, não disse que estava grávida. Mas ele mais tarde, ao fim de uns meses, voltou e ela estava quase a ter o bebé. E então ele disse:

– Ó mulher, como é que pode ser isso? Quando eu abalei não estavas grávida e agora estás a quase a ter o bebé?

– Atão tu já contaste bem? Olha, queres ver? Olha: Abril, Mamil e o mês de Abril, três meses. Maio, Mamaio e o mês de Maio, seis. Março, Mamarço e o mês de Março, são os nove.

São coisas antigas.

Informante: Ana Maria Estemenha, 77 anos, natural de Arraiolos, costureira, 3.ª classe.

Recolha: em Arraiolos, Évora, a 27 de Fevereiro de 2010.

Coletor: Raquel Correia

Classificação: ATU 1362A*

357

A MULHER TEIMOSA

[Era] um dia um casal que vivia junto a uma ribeira. E então, a senhora tinha umas mantas para lavar na ribeira e foi lavar a roupa lá para a ribeira, foi lavar a roupa para a ribeira. A ribeira tinha apanhado a água da chuva, naqueles dias corria com bastante força de água. A senhora deixou-se atralhar e afogou-se na ribeira. O marido viu ela já muito aflita, mas já não a conseguiu tirar, já não a conseguiu encontrar já viva. A senhora desapareceu dentro da água ludra, a água já estava a

correr com muita força, já água ludra. A senhora desapareceu, e ele, como já não tinha mais condições, foi pedir a um compadre que viesse ajudá-lo para ver se encontravam a comadre, que tinha morrido afogada, tinha desaparecido na água. O compadre veio, e perguntou ao outro compadre:

– Compadre então onde é que estava a comadre quando você a deixou, quando ela desapareceu?

– Ah, pois estava aqui, onde estava aqui a roupa que ela estava a lavar, e quê...

– Ah, sim, está bem.

E o compadre queria ir à procura da comadre à ribeira a baixo e o marido da senhora dizia:

– Não! Aqui para cima é que ela está.

– Ó compadre, não pode ser. Então a água levava a comadre na corrente...

– Não, senhor compadre. Daquilo que eu conheço dela, ela tem que estar é para cima. Ela era muito teimosa.

Diz o compadre:

– Olhe, também está bem!

Informante: Jorge Pedro, 42 anos, natural do Pessegueiro, Martinlongo, agricultor, 9.º ano.

Recolha: em Martinlongo, Alcoutim, Faro, a 20 de Outubro de 2006.

Coletor: Cristóvão Manuel Pedro Custódio (cassete n.º 1/ face A)

Classificação: ATU 1365A

358

A MULHER TEIMOSA

Há muito tempo, havia um casal que andava sempre às turras, andava sempre zangado, exactamente porque a mulher era teimosa e o homem chateava-se por a mulher ser teimosa.

Um dia, o homem levou para casa um queijo, que tinha comprado para comerem os dois. E sentou-se à mesa e pediu à mulher uma faca para cortar o queijo. Só que a mulher não lhe deu a faca, deu-lhe uma tesoura. E o homem ficou muito admirado:

– Ó mulher, então agora é com a tesoura que eu vou cortar o queijo? Achas isso bem? Achas isso bonito?

E dizia a mulher:

– Ó homem, mas é mesmo com a tesoura que se corta o queijo!

E o homem continuava:

– Ai, mas não pode ser. Então com a tesoura? Mas eu nunca vi isso em casa nenhuma, nenhuma mulher corta o queijo com a tesoura! Não é possível!

E ela dizia:

– É com a tesoura, sim!

E ele dizia:

– É com a faca!

E ela dizia:

– É com a tesoura!

E ele dizia:

– É com a faca!

E então, estavam sempre naquilo.

Até que um dia, o homem chateou-se e pimba, bateu-lhe. Deu-lhe uma tarefa muito grande que a mulher ficou toda negra. E depois perguntou-lhe, depois da tarefa:

– Então e agora, o que é que achas? O queijo corta-se com a faca ou corta-se com a tesoura?

Mas mesmo assim, ela era tão teimosa, tão teimosa, tão teimosa, que lhe respondeu que se cortava com a tesoura.

Bem, o homem chateado, chateado, pensou:

– Bem, agora é que eu a vou mandar mesmo ao rio.

E pimba, mandou a mulher ao rio. A mulher, que não sabia nadar, quando se viu aflita, aflita, aflita, claro, não sabia nadar, foi ao fundo. E o homem, malvado e irritado com ela, o que é que lhe disse no fim? Disse-lhe assim:

– Então agora que estás aí, diz-me lá: o queijo corta-se com a faca ou com a tesoura?

A mulher já estava com a boca cheia de água que não era capaz de lhe dizer nada, mas ainda veio cá ao de cima e, com os dois dedos da mão, fez aquele sinal que era mesmo com a tesoura. E o homem disse assim:

– É pá, nem a morrer deixas de ser teimosa!

Informante: Maria da Conceição, 44 anos, natural de Lisboa, desempregada, 12.º ano.

Recolha: em Lisboa, a 23 de Novembro de 2007.

Coletor: Marta Alexandra Pereira Marques (faixa n.º 27)

Classificação: ATU 1365B

359

A HISTÓRIA DA AÇORDA

Uma que pensou em fazer uma açorda e o marido também estava achando jeito à açorda. Foi fazer açorda. E então chega, deita-lhe três ovos. Vem de lá ele, diz ele:

– Então, mas três ovos, que conta é essa?

– Dois como eu! – Disse ela.

Diz ele:

– Que conversa agora é essa? Então, deitavas três ovos e comias tu dois e eu comia só um?

– Ah, como, com certeza!

– Ah, não comes, com certeza!

Ele alça a mão prega-lhe dois bananos na cabeça, ela vai bater com a cabeça na parede, perdeu os sentidos. Pensou ele que ela que tinha morrido. Chamou ali qualquer pessoa:

– Olhe lá, a minha mulher caiu para o lado e morreu!

Não lhe disse que era ele que tinha...

Bom, chamaram o médico e lá a puseram... Naquele tempo não esperavam vinte e quatro horas para ver se a pessoa tinha morrido se não. Arranjaram o caixão, meteram-na dentro do caixão e foi para o cemitério. Duas pessoas levavam e as outras iam ao lado. Sentiram, quando chegando ao cemitério, sentiram mexer o caixão, foram abrir. Conforme abriram o caixão, assim ela saiu logo. Conforme saiu, disse logo:

– Dois como eu!

Que era o que tinha dito cá em casa, era o que trazia ainda de “dois como eu!”

Havia um que era coxo, que era assim com um cajado, a dizer:

– Um sou eu! E o outro quem será?

Aquele não podia andar mais que aquilo. Ele viu logo:

– A mim apanha-me, com certeza!

Informante: Olívia Brissos, 78 anos, natural de Santa Vitória, Beja, reformada. Recolha: em Beringel, Beja, a 23 de Abril de 2011.

Coletor: Sílvia Maria Roupinha Ventura

Classificação: AT 1365D*

360

OS VELHOTES E OS OVOS

Era um casal de velhotes que viviam os dois sozinhos. Ao anoitecer estavam sentados à lareira e resolveram ir fazer a sua ceia.

Foram fazer a ceia e resolveram fazer umas sopas. E foram pôr alguns ovos, só que só tinham três ovos. Então meteram os três ovos na sopa. Depois, sentados à mesa a comer, a velhota disse que queria comer os dois ovos e o velhote disse:

– Eu também quero comer os dois ovos.

Então, o velhote queria comer dois ovos e a velhota também queria comer dois ovos. Só que só existiam três ovos na sopa.

O velhote, exaltado, deu um soco na cabeça da velhota e a velhota caiu para o lado, desmaiada. O velhote, pensando que ela tinha morrido, tratou logo do funeral.

Quando estavam na igreja, durante o funeral, a mulher ainda estava com aquela ilusão na cabeça, que queria dois. Na igreja, recuperou os sentidos e sentou-se no caixão. Sentou-se e disse:

– Eu como dois!

Ora, todas as pessoas que estavam a acompanhar o funeral fugiram todas. Estava lá um coxo, coitado do coxo, que ficou para trás. Ele ia a coxear e olhando para trás dizia:

– Eu sou um, quem será o outro?

Informante: Cátia Alexandra Camões Zeverino, 18 anos, natural de Faro, estudante universitária

Recolha: Almancil, Loulé, Faro, em 2006.

Coletor: Cátia Alexandra Camões Zeverino e Cláudia Alexandra Lampreia Ambrósio

Classificação: AT 1365D*

361

O RAPAZ, A RAPARIGA E O GATINHO DO LACINHO VERMELHO

Era uma vez uma rapariga e um rapaz que estavam a namorar. Então ele vinha muito triste, muito triste, e ela dizia-lhe coisas para ele rir e ele não se ria. Foi buscar um gatinho, pôs um lacinho vermelho no gatinho e ele não se ria. E foi-se embora.

No outro dia, ele veio e ela perguntou-lhe:

– Então não queres comer aqui com a gente? Estamos aqui a acabar de comer.

E ele disse:

– Olha, eu já comi, mas vou comer [outra vez].

Eles tinham jantado feijão. Ele comeu, comeu, encheu a barriguinha e desata a rir. Punha-se ela assim:

– Mas ontem vinhas tão triste, nada te dava vontade de rir e hoje estas a rir?

Porquê?

E ele depois disse:

– Estou-me a lembrar do gatinho do lacinho vermelho...

Pois era fome que ele tinha, e então estava-se a lembrar do gatinho...

Informante: Donatília Carvalho, 54 anos, natural da Guia, Albufeira, Faro.

Recolha: em Albufeira, Faro, a 22 de Outubro de 2007.

Coletor: Tânia Filipa Cabrita Xavier

Classificação: Car-Co 1372*B

362

O CASAL POBRE

Era um rapaz que namorava uma rapariga e depois queria-se casar, mas eram os dois muito pobrezinhos e ela dizia assim:

– Ora, como é que vamos a casar? Então a gente não tem dinheiro nenhum.

– Ai, eu só... Eu, para mim comer não é preciso, só de olhar para ti. Só de te ver encho a barriga.

Pronto, lá casaram. Ora, mas passou-se um dia, passou-se outro, comer não tinham...

E ela diz-lhe assim:

– Então homem, andas tão triste. Que tens?

– Ora, tenho muita fome.

– Então olha para mim.

– Pois é, mas é que eu tenho tanta fome que já nem te vejo.

Ela que pensou? Espera: foi à noite... E ele sempre muito triste... E ela que fez? À noite fez umas botas de umas cascas de nozes e pôs nas patas de um gatinho que

tinham e pôs o gatinho por ali a andar. Ora, ele olhava para o gato, via o gatinho com as patinhas nas cascas das nozes... Olhava para o gato, sempre triste, sempre triste...

No outro dia que fez?

– Mas eu tenho que o fazer rir.

No outro dia, quando ele chegou do trabalho, tinha lá um cão. Vestiu-lhe as calças dele. Andava lá o cão com as calças vestidas. Ele olhou para o cão...

– Mas, ó homem, nada te dá graça?

– Ora, não me dá graça porque eu também tenho fome.

Pronto, quando foi no outro dia, fez ali uma grande panelada de comida. Foi buscar uma panela grande e fez ali uma grande panelada de comida. Pôs o comer em cima da mesa, num alguidar (dantes comia-se num alguidar e comiam todos dali) e ele começa a rir, a rir... E faz-lhe ela assim:

– Porque estás a rir?

– Ai, ó mulher, deu-me tanta graça, no outro dia, o gatinho com as cascas de nozes nas patinhas e o cão com as minhas calças vestidas...

Informante: Joana Duarte Carrilho Gaspar, 75 anos, natural de Marvão, Portalegre, reformada, analfabeta.

Recolha: em Barretos, Marvão, Portalegre, a 18 de Novembro de 2017.

Coletor: Joana Alegria (faixa n.º 36)

Classificação: Car-Co 1372*B

363

[AS QUATRO BONECAS]

Era um casal: ele era pescador, a mulher era toda gorda, *refonfada*, e ele era todo magrinho. Coitado, parecia que ela lhe comia o comer todo. (risos)

E então, ela dizia que não tinha dinheiro para comprar comer, para fazer comer e então o coitado do homem passava fome, não bastava ter de trabalhar, senão passar fome.

Bom, um dia, ele foi pró mar e havia uma mulher, uma velha daquelas espertas, que via o que é se estava a passar. E então via que ela, assim que o marido se ia embora comprava a carne e fazia uns bons guisados de carne, comia, e o marido via o padeiro... (risos)

E então a mulher disse assim:

– Olhe, você agora vai para o mar. Agora você leva estas quatro bonequinhas e põe em cada canto da casa, uma. E depois vai pró mar na mesma. Mas faça isto.

Bom, ele fez. Ela não deu por isso que ele tinha entrado e ele levou as quatro bonecas e escondeu muito bem em cada canto da casa. Quando o marido se foi embora ela fez lá o guisado da carne dela e depois sentou-se. Sentou-se e disse assim:

Estende-te pernas,
Descansa corpinho,
Já se foi embora quem
Ganha o pão e o vinho.
E quando o pescador vier,
Coma azeitonas, se houver.

Então põe a mesa e começa a comer. Quando ela começa a comer, começa a ouvir muitas vozes:

– Mas o que vai aquela mulher fazer?

E depois ouve outra vez:

– Ora, vai comer.

– Mas o marido não está cá.

– E ela que se importa, é uma grande gulosa.

(Isto são as bonecas a falar umas com as outras.)

A mulher levanta-se, corre a casa toda e não vê nada, porque as bonecas estavam muito bem escondidas. Daí a um bocado, não vê nada, vai-se sentar outra vez para ir comer. Começa a mesma história:

– Mas o que vai aquela mulher fazer?

– Ora, vai comer.

A mulher ficou tão intrigada, que cada vez que se sentava tinha aquela conversa. Olha, já estava cheia de fome e não conseguia comer com aquelas vozes a falar.

E então vai à procura do marido, vai à espera do marido.

E o marido ainda muito longe, lá no mar, já ela gritava:

– Ah, maridinho, vem já depressa que temos um guisadinho de carne à nossa espera! (risos)

Informante: Gregória Cristóvão, 64 anos, natural de Olhão, Faro.

Recolha: em Olhão, Faro, a 12 de Dezembro de 2007.

Coletor: Milene Guerreiro (Gravação 17 / 12'30)

Classificação: ATU 1373A*

364

O HOMEM ESCARAFUNÇADO

Havia um casal, que trabalhavam os dois em limpezas numa igreja, e a mulher andava metida com outros e pedia a Deus para cegar o homem. E ele sabia, ele andava desconfiado... E ela ia para a igreja, ia-se pôr a Deus, e pedir-lhe a Ele para cegar o homem, para ele não ver o que ela andava a fazer com os outros.

Ele, como também trabalhava nas limpezas da igreja, estava lá por trás do altar, e ela rezar, a pedir... E vai ele assim:

– Olha, dá-lhe chouriça com ovos.

Ela ouviu aquilo e pensou que fosse Jesus que lhe dissesse aquelas palavras. Ela vai para casa ao meio-dia [e pergunta]:

– Ó homem, se eu te fizer umas chouriças com ovos, tu comes?

– Então... não, não como...

Comeu e bebeu e diz ele:

– Estou a ficar cego, não vejo quase nada...

– Então olha, vou-te fazer mais um bocadinho.

Ele comeu-lhe as chouriças todas. Ela não tinha mais nenhuma. E diz ele assim:

– Ó mulher, estou ceguinho de todo, não vejo nada! //

E ela, o que é que faz? Vai logo chamar o seu “compadre”.

Ele chega, mas ao ver lá o homem, esconde-se dentro do forno da lenha, para não ser apanhado. O marido pensa: “Ai, estás aí? Então espera que já te apanho...” E diz assim:

– Ó mulher, hoje temos de ir cozer a broa. Temos, temos!

A mulher diz que não é preciso, mas ele insiste. Depois diz à mulher:

– Ó mulher, vai chamar o compadre e a esposa dele para jantarem connosco.

A mulher, para não ser apanhada, lá vai. Mas claro, só aparece a mulher.

Quando lá estão os três, à espera que o compadre chegue, diz o homem para a esposa:

– Tu, agora, vais à loja buscar cinco litros de pinga, para a gente beber.

Enquanto ela foi à loja, ele “trancou” a mulher do outro, com ele lá dentro do forno a ver... Depois chegou a mulher dele, eles jantaram, e no fim do jantar a mulher do compadre foi para casa. E eles foram cozer a broa.

O compadre, que lá estava dentro, apanhou uma aberta e fugiu, todo *escarafunçado*. Quando lá chega a casa, pergunta-lhe a mulher dele:

– Então homem, tu vens todo *escarafunçado*?

E diz o homem assim:

– Olha, quem *escarafunçou* a mim, fodeu-te a ti!

Informante: Joaquim Lisboa, 85 anos.

Recolha: na freguesia dos Milagres, Leiria, em 2006.

Coletor: João Almeida

Classificação: ATU 1380 + ATU 1776

365

OS ENGANOS DO PADRE

Havia uma vez uma senhora que tinha um amante. E essa senhora... o marido dela, tinha um fulano, um individuo, tinha-lhe dito assim:

– Ó fulano, ela é que te fez... – A queixa, o vizinho.

– Ai, vizinho, o meu compadre quer ir a minha casa e o meu marido está sempre em casa. Não sei o que é que hei-de fazer... – Para ele ir lá e ele não ver.

– Olha, vizinha, faz-me uma coisa: dás todos os dias uma remessa de carne frita ao teu marido com ovos. Carne frita com ovos! E quando ele tiver os ovos... quando se acabar, o teu marido está cego.

Deu em fazer carne frita e dar ao marido. E o marido: o vizinho, o que lhe tinha dito isso a ela, disse-lhe ao marido dela:

– Olha, tu agora, a tua mulher vai ter carne frita todos os dias. E tu, quando deres notícia de que a carne está quase a acabar, dizes assim para a tua mulher:

– Ai, mulher, mas o que é que se passa comigo, que eu estou cego, eu não vejo nada, não vejo...

A mulher ao que se meteu:

– Uai... Olha, é a chouriça que fez o efeito.

Ao fim duns quantos dias, manda ir lá o compadre. E o compadre era padre. E ela tinha um filho e o compadre foi ver. O compadre estava doente, mas os padres, naquele tempo, só usavam umas batinas (essas sainhas que eles usam, mas não tinha calças nem ceroulas). Era como uma mulher sem cuecas! Bom, e o homem foi lá:

– Ai, vizinho, você diz que está mal, e tal, e assim...

E disse ele para o filho:

– Ó filho, vai lá buscar uma espingarda que eu já estou no fim da vida. Quero-te fazer uma mensagem de como é que a gente faz para matar ou uma lebre ou uma perdiz. Mas a gente... Eu não vou atirar tiros a ninguém...

– Ó pai, então agora aqui é que você está a insistir para trazer aqui a espingarda, para ensinar a atirar tiros, essa coisa?

– Traz lá, não faz mal nenhum, pois isto é só em conversa, e vai.

O outro foi buscar a espingarda e o homem pega na espingarda. E o padre sentou-se numa cadeira, mas a cadeira não tinha fundo. E como a cadeira não tinha fundo o homem tinha as *companhas* [testículos] à vista. O que é que acontece? O homem pega na espingarda e disse assim para o filho:

– Olha, filho:

À perdiz atira-se ao ar

E à lebre que vai na carreira,

E os alforjes do padre-santo

Estão pendurados à cadeira!

O senhor padre fugiu aos saltos porque já não podia andar bem, ficou sem *alforjes*, e o outro ficou com a barriguinha cheia de carne e boa vista nos olhos. E quem se governou foi o senhor padre, de ser muito esperto e ir lá ver a senhora a casa.

Informante: Rosa Inácia, 80 anos, reformada, moradora em Azinhal-Amendoeira, Estoi, Faro.

Recolha: em Estoi, Faro, a 21-10-2007.

Coletor: Vasco Guerreiro

Classificação: ATU 1380

366

HISTÓRIA DAS FILHOSES

Era um casal que também pensaram em casar e casaram, assim, no Verão. Foram para uma pequena aldeia e naquela altura tudo muito bem, andavam trabalhando e aquilo estava tudo muito bem. O tempo foi passando, foi passando, até que chegou o Inverno. (O Inverno foi assim como este agora que choveu muito e

a terra não dava para trabalhar, nunca mais trabalharam). O pessoal de boa vida porque não podiam ir trabalhar. Eles estavam os dois, os dois de boa vida, que não podiam ir trabalhar – e mal, porque não tinham nada. Bom, estavam em casa e então ele, de manhã, levantava-se, tomava o pequeno-almoço – pequeno-almoço era uma gotinha de café com umas sopinhas migadas – e abalava para o rossio, e abalava ali até ao rossio. Se calhar foi aqui que ele teve, que ele morou²⁵, olha não sei. Eu também nunca perguntei, mas ainda pergunto se era aqui que ele morava. Bom, ia até ao rossio, lá juntar-se com os outros, lá estava.

Bom, mais tarde vinha-se embora, quando era hora de almoço, vinha para casa, vinha almoçar e depois, se se desse o caso, ia outra vez até ao rossio. Hoje e amanhã e no outro dia e no outro. Foi um dia, chega lá... uma carteira. Vai, apanha a carteira. Cheia de notas. Meteu-a logo na algibeira, veio-se embora com a carteira dentro da algibeira, veio-se embora. Chega além:

– Maria!

E ela vai dizendo para ela: “O que será? Já aí vem, o que seria que se passou? Tem que ser alguma novidade.”

Bom, veio.

– Maria, anda cá ver o que eu achei. Uma carteira!²⁶

– Alguém viu?

– Ninguém viu.

– Então pronto! Ninguém fica sabendo.

Pronto, deixou a carteira e lá se foi embora para à dos outros. Mas ela, muito esperta (é que as mulheres são sempre muito espertas), tinha um resto de farinha em casa, trata de ir amassar aquela farinha e fez umas filhoses. Amassou a farinha e fez as filhoses e fritou-as. E tinha no quintal uma carrada de lenha de oliveira, que era com que acendia o lume, porque no outro tempo era tudo feito ao lume, não havia fogareiros, não havia nada disso. Era tudo feito só ao lume. Ela, assim que fritou as filhoses, pô-las em cima dessa lenha, penduradas nessa lenha, tudo lá em cima.

Bom, esteve arranjando o almoço, quando eram horas veio ele:

– Maria, já viste o que está aqui?

²⁵ Rossio é o nome dado, pelos habitantes, ao único jardim público existente em Beringel, com um parque infantil, um lago e bancos onde os reformados e desempregados da vila passam o tempo (quando não está a chover).

²⁶ A informante baixou o tom de voz ao dizer esta fala.

– Aonde? Este homem hoje não quer senão novidades! O que será agora?

– Anda cá ver o que está aqui!

Diz ela:

– Eu ouvi uma chuva muito grada, muito grada, mas não soube o que era. Foi porque choveu isso.

– Ora essa – diz ele – eu ainda não tinha visto.

– Então, eu também não.

– Mas então agora olha! São coisas. Olha, já eu as vou apanhar.

Apanhou-as e meteu-as dentro de um saco, para trazer, para fritar, para as comerem, porque fritar tinha ela fritado. Bom, lá estiveram comendo e abalou outra vez para o rossio. No outro dia foi também, no outro foi também, foi indo, foi indo. Até que um dia foi, encontra-se com o feitor, o feitor, um lavrador que morava ali no rossio. Se calhar era o Felício Mira²⁷. Diz-lhe ele assim:

– Deste notícia de alguém achar aí uma carteira de dinheiro?

Diz ele:

– Olhe, achei eu.

– Não me digas! Então, mas não disseste nada?

– Então, o que querias que eu dissesse? Então, achei-a, levei-a e dei-a à minha Maria.

– Então, eu vou contigo, olha.

– Então vem, vem. Vamos-lhe lá perguntar. Maria!

– O que será? Já aí vem outra vez. O que será?

Naquele dia, veio mais cedo.

– Então escuta lá, a carteira que eu cá te dei? A carteira de dinheiro, este homem é que anda à pergunta.

– A carteira de dinheiro? Que conversa é essa? A mim é que me deste?

– Dei, pois! Então não te lembras? Não foi no tal dia que choveram filhoses?

Diz o outro:

– Ai ele é isso? Então eu pensava que isto que era outra coisa...

Diz ela:

– Quem sabe o que isto é sou eu! Eu é que sei o que isto é!

²⁷ Felício Mira era um lavrador muito rico de Beringel.

O homem abalou, foi-se embora, foi-se embora. Viu que era mentira. Então alguma vez choviam filhoses? Viu logo que ele estava passado dos carretos. Foi-se embora e ela ficou com o dinheiro.

Informante: Olívia Brissos, 78 anos, natural de Santa Vitória, Beja, reformada. Recolha: em Beringel, Beja, a 23 de Abril de 2011.

Coletor: Sílvia Maria Roupinha Ventura

Classificação: ATU 1381A

367

[O CASAL]

Havia um casal em que a mulher, tudo o que fazia estava mal: que a comida não era como ele queria, queria de outra maneira... A mulher já não sabia o que fazer para o contentar.

O marido, um dia, foi às compras e trouxe uma dúzia de sardinhas e disse:

– Está aqui estas sardinhas, faz à medida que se coma!

Então, a mulher sem saber o que fazer, assou três sardinhas, fritou três, cozeu três e deixou as outras cruas. Pôs a mesa e meteu na mesa as sardinhas assadas, fritas, cozidas e também as cruas, podia o marido querer de outra maneira. Mas onde estava a mesa havia galinhas, que sujaram em cima da mesa. A mulher não tinha como limpar e tapou com um prato.

O marido chegou e disse:

– Então, fizeste à medida?

A mulher responde:

– Está aí, vê se te agrada!

O marido respondeu:

– Porque é que fritaste? Não eram melhor assadas?

A mulher respondeu:

– Se queres assadas, está aqui também.

O marido respondeu:

– Não queria assim, queria cozidas!

A mulher disse:

– Se é cozidas, também está aqui!

O marido:

– Porque não deixaste para eu cá assar?

A mulher respondeu:

– Também estão aqui cruas!

Quando ele responde:

– Ora, merda!

A mulher levanta o prato e diz:

– Aqui tens!

Informante: Henriqueta da Conceição, 84 anos, analfabeta.

Recolha: em Alcantarilha, Silves, Faro, a 1 de Novembro 2006.

Coletor: Sáli Andrez

Classificação: ATU 1408B

368

A HISTÓRIA DO FRADE

Era uma mulher que estava metida com um frade. Mas tinha uma comadre muito amiga e depois o marido não sabia.

E o marido chega então à porta e ela escondeu o frade debaixo da cama. E depois ela veio dizer à comadre:

– Como é que eu me vou livrar disto? Que ele está debaixo da cama e não pode sair. E o outro está em cima, ainda lhe dá uma trocidela e não percebe.

E dizia ela assim:

– Comadre, deixe estar, que eu vou aí e ele vai sair.

Quando estava o homem deitado na cama, doente... E então ela veste um vestido muito muito comprido, assim como destes que a gente usa agora, e foi para o pé da cama e disse assim:

– O compadre está doentinho? O compadre adoeceu?

E ele disse:

– É, é uma doença que tenho. (Nesse tempo não falavam em gripes.) Olhe, é uma coisa que tenho e não posso trabalhar.

E a comadre disse:

– Eu vou cantar uma cantiga, que o compadre vai rir.

E ela pôs-se ao pé da cama e disse assim... e começou a cantar e andar de roda:
 – E saia o frade, e saia o frade!
 Que era para o frade ir saindo. Ela ia saindo e ele ia saindo debaixo da saia dela, porque era um vestido grande. Eia, foi para a porta e disse:
 – E sai o frade!
 O frade saiu e o compadre não viu.

Informante: Maria de Jesus de Abreu, 82 anos, reformada, 1.ª classe.

Recolha: em Estreito de Camara de Lobos, Madeira, a 4 de Janeiro de 2008.

Coletor: Joana Maria Gomes Fernández Ferreira Pereira

Classificação: ATU 1419C

369

O GORRO

Era um casal, e o casal estava na França. E ela estava em Portugal e então fazia o que ela queria e lhe apetecia. E de maneira que diziam assim as senhoras:

– Olha lá a grande porca, o marido na França e ela a fazer o que está a fazer. Em ele vindo já a gente lhe conta tudo!

Chegou aos ouvidos dela e ela:

– Oh, senhor, e o que é que eu faria ao meu marido para ele não saber o que eu estou a fazer? Ah, já sei, já me lembra. Ah, vou fazer um gorro e compro um fato de treino. E então lho ponho e pronto. Ah, já sei...

E quem havia de vir? Veio ele da França. E ela estava a fazer o gorro. Estava a fazer o gorro e ele todo ansioso para ela já deitar-se.

– Anda já deitar mulher, deixa o gorro para amanhã!

– Não! Amanhã dás banhito. Tenho um fato de treino muito bonito para tu pores, que se usa cá. E o gorro também se usa cá, para tu pores também. E eu quero acabar o gorro para tu pores.

Bom, quis que não quis, acabou o gorro. Quando acabou o gorro se deitou.

No outro dia deu-se o banho, vestiu-se o fato de treino e o gorro e tal. Pôs-se à porta a olhar para um lado a olhar para outro, a olhar para um lado a olhar para outro...

E quando diz assim, as mulheres:

– Ah, como ele vem vestido, olha, vem de gorro... Aquilo é para tapar.

Bom, e diz assim: “Olha, vem de gorro.”

Ele bem, como viu que elas estavam olhando para ele se pôs assim:
 – É da minha vontade e da minha mulher. Há-de entrar e sair todas as horas que quiser!

Ele dizia que o gorro era da vontade da mulher porque fazia o croché, não era de outra maneira, não era da maldade.

E ele dizia:

– É da minha vontade e da minha mulher! Há-de entrar e sair todas as horas que quiser.

Que ele punha o gono à hora que ele queria e tirava o gorro quando ele quisesse.

De maneira que se safou.

As mulheres dizem assim:

– Olha, veio tão bem vestido e já não lhe dizemos nada. É da vontade dele, não lhe dizemos nada.

Pois não ficou sabendo o que ela fazia.

Informante: Graziela Félix Bota, 78 anos, natural de Vila Real de Santo António, doméstica, analfabeta.

Recolha: V.R.S.A., Faro, em 2007-2008.

Coletor: Rita de Jesus

Classificação: ATU 1419C

370

[A MULHER, O CORNO E O AMANTE]

Era uma mulher. O marido ia trabalhar, então a mulher tinha um amante. Então à noite, quando o marido estava, a mulher metia o corno à porta e assim o amante via que o marido estava em casa e não batia à porta. Mas a mulher, naquela noite, estava satisfeita com o marido e esqueceu-se a pôr o corno. O amante veio e começou a bater à porta (para a mulher abrir a porta).

O marido ouviu bater à porta e diz:

– Ó mulher!!!

A mulher responde:

– Ai, marido! Recreio que é alma de outro mundo!

O marido:

– Recreio tu, mulher!

Quando a mulher responde:

Se é alma de outro mundo,
Que vem buscar o socorro,
Tenho o meu marido em casa,
Que eu esqueci-me a pôr o corno!

Informante: Henriqueta da Conceição, 84 anos, analfabeta.

Recolha: em Alcantarilha, Silves, Faro, a 30 de Outubro 2006.

Coletor: Sáli Andrez

Classificação: ATU 1419H

371

[O CORNO NO BURACO]

Havia uma senhora que era amiga de um tipo e tinha um homem. E depois, o que é que ela combinou com ele? Foi: quando o homem estiver em casa, eu ponho este corno lá no buraco e quando ele não estiver, é sinal de que o marido estava em casa.

Ele ia lá, o corno não estava. Batia à porta, entrava e lá se governavam eles.

Um dia ela esqueceu-se de por lá o corno. Esqueceu-se, o gajo vai, toca de bater à porta. Era fora de horas. Diz ela assim:

– Ai, quem é que está batendo às portas a estas horas?

– Ó mulher de Deus, a esta hora... É alguma alma do outro mundo que está aí batendo à porta, a estas horas.

Diz ela assim para ele:

– Ora espera lá ai. Vou fazer uma oração a ver se essa alma se vai embora.

– Então afinal, mulher, o que é que fazes a umas horas destas?

Ó alma do outro mundo,
Vinde em meu socorro.
O meu marido está em casa,
Esqueceu-me de pôr o corno!

Informante: Manuel de Sousa Silva, 84 anos, Picota, Parragil, Loulé, Faro, reformado.

Recolha: na Picota, Parragil, Loulé, Faro, a 3-1-2008.

Coletor: Sónia Rodrigues e Paula Cabral (cassete: n.º 7/ lado A)

Classificação: ATU 1419H

372

ALMAS DO OUTRO MUNDO

Era um casal e o marido andava sempre por lá. E entretanto ela arranjou um amante.

Ela tinha combinado com o amante: quando o marido estivesse em casa punha um corno à porta e quando não estivesse lá o corno, ele podia entrar.

Certo dia, o marido chegou e ela esqueceu-se de por o corno à porta. Entretanto, o amante chegou e bateu à porta e ela tinha o marido na cama e ficou muito aflita. E o amante não parava de bater à porta. Depois, o marido disse que estavam a bater à porta e então ela disse:

– Calma, marido, que são almas do outro mundo.

– Ai, mulher que eu tenho tanto medo.

– Não te preocupes, que eu sei uma reza para resolver esse problema.

– Então diz lá, mulher.

– São almas do outro mundo, mas eu vou dizer uma oração que elas vão-se já embora. É assim:

Ó almas do outro mundo,
Do céu vem o socorro.
Tenho o meu marido na cama,
Esqueci-me de lá por o corno.

Informante: Cristina Baltazar, 42 anos, natural de Avelar, Leiria, auxiliar de enfermagem, 6.º ano.

Recolha: em Avelar, Ansião, Leiria, a 8 de Novembro de 2008.

Coletor: Ana Rita Pereira Vaz e Catarina Alexandra Batista Cruz Vale

Classificação: ATU 1419H

373

[O HOMEM DA CONCERTINA]

Havia também um que tocava concertina. E moravam, calhando, ali em S. Brissos²⁸, só havia saída para a rua, tinham quintal mas não havia saída, mas não havia saída cá para o quintal. Não havia portão, aquilo era tudo fechado e não tinham... Então, vem de lá o homem, diz ele:

– Olha, hoje vou tocar a Santiago do Cacém, esta noite, há lá baile e disseram para eu ir lá tocar. Se quiseres vir comigo...

– Ai, não quero. Ai, quero ficar cá em casa. Ai, não quero ir.

Bom, não foi [a mulher do tocador]. O homem lá arranjou as coisas e foi. Levou a concertina e foi para Santiago do Cacém e só vinha de manhã.

Ela tinha ali um vizinho que era assim muito lidado com ela, diz ela:

– Vê lá se queres vir dormir comigo esta noite. O meu marido foi tocar concertina a Santiago do Cacém. Eu nunca quis ir, se quiseres vir...²⁹

Ele achou jeito. Aquilo não ficava assim muito dispendioso, era ali em S. Brissos. Veio. Bom, lá estavam, às tantas da noite “Truz, truz”:

– Maria, sou eu!

– O quê? Não! Então, o meu marido disse que só vinha de manhã.

– Não, mas aquilo acabou mais cedo e já sou eu que estou aqui.

– Olha lá, só se fores aí tocando a concertina, dares aqui uma volta, que eu saiba que és tu. Quem sabe lá se é outro qualquer que me vem bater à porta.

Pega na concertina, vai tocar:

E rem, e rem-cataplém.

E mulher como a minha ninguém tem.

E não abre a porta sem saber a quem.

E rem-cataplém.³⁰

²⁸ Localidade muito pequena próxima de Beringel.

²⁹ A informante baixou o tom de voz nesta fala.

³⁰ A informante cantou esta fala, para imitar o tocador de concertina.

Dando a volta de roda. Quando ele deu a volta, o outro vestiu-se e foi-se embora para casa. Quando ele deu a volta, que veio de roda, já o outro tinha abalado.

Pronto, era o “rem-cataplém, e mulher como a minha ninguém tem e não abre a porta sem saber a quem”. E pronto, quando veio, ficou muito contente que a mulher só lhe abriu a porta porque viu que era ele.

Informante: Olívia Brissos, 78 anos, natural de Santa Vitória, Beja, reformada. Recolha: em Beringel, Beja, a 23 de Abril de 2011.

Coletor: Sílvia Maria Roupinha Ventura

Classificação: ATU 1419J*

374

[O CASAMENTO]

Era uma vez uma moça. O pai arranjou-lhe um casamento com um gajo muito rico pois, naquele tempo, tinham que casar com quem os pais queriam e o pai quis que ela casasse com aquele, ela foi casar. Mas havia um primo que era de quem ela gostava. Ela foi casar, mas, na noite do casamento, ela arranjou umas meias muito fininhas: ele foi-lhe apalpar, apalpava-lhe em todo o lado e ela diz-lhe assim:

– Ó homem, não tenho nada, então tu não vês? Tens que me ir levar lá à do meu primo que ele é que me faz isso tudo.

– Ó mulher, então tu não tens nada?

– Não tenho!

Ele foi lá, diz-lhe o primo assim:

– Olhe, tem que me trazer uma rasta de alhos, uma folha de toucinho e dois alqueires de sal.

Diz ele:

– Então está bem.

Foi lá levá-la e levou-lhe uma folha de toucinho, levou-lhe dois alqueires de sal e uma rasta de alhos. Bom lá ‘teve, e ele disse assim:

– Agora daqui a oito dias venha buscá-la que já está tudo feito, já está normal.

Ele foi buscá-la, ele pô-la a cavalo no burro e ele dizia assim:

– Ó mulher mostra lá, mostra lá se ele já te fez essas coisas.

– Logo vês lá em casa! Então para quê agora, para quê veres agora já aqui?

Diz ele:

– Mostra lá!

Foi, foi, até que ela mostrou. Diz ele:

– Ai, então o meu primo enganou-me. Mandei-lhe duas folhas de toucinho, só vem duas falhinhas; mandei-lhe duas rastas de alhos, só vem um dente.

Meteu o dedo e lambeu:

– De sal é que ela está boa.

Informante: Maria de Jesus, 55 anos, natural de Freixo Seco de Cima, Loulé, Faro, 4.ª classe, cozinheira.

Recolha: em Freixo Seco de Cima, Loulé, Faro, em 14-11-2005.

Coletor: Carina Isabel Martins Anastácio (cassete n.º4/Face A)

Classificação: Car-Co 1419*N

375

A PASSARINHA DESARRANJADA

Havia uma senhora que tinha uma filha. Não queria que a filha namorasse, não queria que a filha casasse. E a rapariga fazia a vontade à mãe.

Lá o vizinho era muito maroto e disse assim para o amigo:

– Olha, eu vou falar o namoro à Maria.

– Ai, não vês que a mãe dela não querer?

– Eu vou!

Foi, foi falar o namoro à Maria, casamento.

Casaram. Foram morar... Por cima donde eles estavam morando estava outro casal que tinha casado. Aquilo era uma alegria, era uma festa, era uma risada. E ela disse assim para ele:

– Mas lá em cima aqueles noivos estão tão contentes e a gente estamos tão tristes...

– Pois tu é que és culpada, não queres brincar comigo...

– Pois eu não tenho isto bem.

– Olha, eu tenho um primo que sabe arranjar isso bem.

O marido o que é que fez? Foi buscar o carro e uma mula, engatou a mula no carro, pôs a mulher em cima do carro e foram lá à casa desse primo, lá na serra.

Chegou lá, esteve a contar, diz ele assim:

– Ai, eu arranjo isso muito bem. Mas tem que trazer uma arroba de lã, uma resta de alhos e dez litros de sal.

O homem levou isto e levou a mulher. Esteve lá oito dias, para o homem arranjar aquilo muito bem arranjado.

Veio para casa, o homem foi buscá-la, no carro, muito devagarinho com o carro.

E o homem disse:

– Tenha cuidado com isso, que isso pode se desmanchar.

A mulher veio para casa, diz ele assim para ela:

– Olha lá, anda cá que eu quero ver isso bem, como é que isso está.

Pôs ela em cima numa mesa e pôs-se assim a olhar para ela e disse assim:

– Aiii! Aquele gajo enganou-me! Uma arroba de lã, só esta pinhoquinha? Uma resta de alhos só este dentinho? Lá ver o sal...

Meteu o dedo, pôs o dedo na boca, diz assim:

– Ah, de sal não me enganou ele, está bem temperado!

Informante: Ilda de Ramos Arvela, 83 anos, natural do Cerro do Malpique, Albufeira, analfabeta.

Recolha: em Albufeira, Faro, a 16/10/2006.

Coletor: Vítor Miguel Serápio Correia (Cd n.º 1 / faixa n.º 21)

Classificação: Car-Co 1419*N

376

NOSSO SENHOR E SÃO PEDRO

Era um velhote cego que andava pedindo e tinha uma filha. E então, ele tinha medo que lhe fizessem mal à filha. Mas a filha andou, andou, e arranhou um namorado. E ela um dia ia passando debaixo de uma árvore e disse-lhe:

– Oh pai, tem além uns frutos tão bons! Deixas-me ir colher uns frutos além em cima?

– Vais, mas eu fico aqui segurando, aqui no tronco da árvore, para tu não desceres.

Então ele ficou abraçado ao tronco da árvore para ela não descer. Mas a árvore tinha umas ramas que chegavam ao chão e ela desceu e foi ter com o namorado.

De maneiras que quando passou o Jesus e S. Pedro, S. Pedro disse:

– Oh, meu Bom Mestre! Veja lá como é que as mulheres fazem. Olhe lá, que ela está a enganar o pobre do pai. Dê vista ao velho, para ver o que é que ela diz...

– Ah, isso não vale de nada, pois as mulheres têm sempre uma desculpa.

– Mas experimente lá. Dê vista ao velhote!

E Deus deu vista ao velhote. O velho viu e disse:

– Ah, minha grande marota! O que estás tu fazendo! Mesmo assim me enganaste.

– Então, pai, se eu não estivesse fazendo isto, tu nunca chegavas a ver. E assim já vê!

E foi assim que ela se defendeu.

Informante: Palmira Neves Jesus Brito, 78 anos, natural de Alportel, reformada da agricultura, 3.ª classe.

Recolha: no sítio do Alportel, S. Brás de Alportel, Faro, a 2 de Novembro de 2007.

Coletor: Daniela Maria Pires Cabrita (MIC-2007-11-02 – 03'05)

Classificação: ATU 1423

377

ANEDOTA DA MULHER E DO PADRE

O padre passava ao pé do marido da mulher e dizia assim:

– Adeus, ó Domingos Ovelha!

O homem chamava-se Domingos.

– Adeus, ó Domingos Ovelha!

Ele foi para casa e disse assim:

– Mas que jeito? O padre todos os dias me chama Domingos Ovelha! É só passar ao pé de mim...

A mulher disse assim:

– Mas deixa, que eu vou guerrear com ele! Anda, anda, vamos guerrear com ele!

E ela chegou lá e disse assim ao padre:

– Ó seu padre Chilrisco, pai da minha Francisca, estragador dos meus lençóis, pai dos meus filhos todos. Porque é que está chamar ao meu marido Domingos Ovelha se ele já os tem revirados por trás da orelha!

Informante: Maria Pires Mendonça, 76 anos, natural de Almancil, Loulé, Faro, costureira, 2.º ano do liceu.

Recolha: em Almancil, Loulé, 2006.

Coletor: Cátia Alexandra Camões Zeverino e Cláudia Alexandra Lampreia Ambrósio

Classificação: Boggs *1424

378

DOMINGOS E O COMPADRE PRIOR

Havia um casal em que o homem era pescador, chamava-se Domingos. Era casado, tinha uma filha e de frente morava o compadre prior. E o Domingos, uma vez, foi acima da varanda, porque o compadre prior estava lá no terraço, vê o Domingos e começa:

– Aaahhhh...! Aaaahhhh...!

O Domingos ficou intrigado com aquilo e foi dizer à mulher:

– Ó mulher, mas queres lá ver? Então o nosso compadre prior... Fui acima da varanda, quando ele começa: "Domingos aaahh..aaahhhh..!" O que é que ele quer dizer com aquilo, mó?

Ela disse-lhe:

– Deixa estar que um dia quando queiras ir acima da varanda, eu vou contigo, quero ver o que é isso.

De maneira que um belo dia o Domingos decidiu ir acima da varanda e a mulher vai à frente dele. Estava na janela o compadre prior. A mulher põe as mãos nos quadris e em ar de regateira diz:

– Ó compadre prior, pai da minha Restininha, rompo e dou-te os meus lençóis que me dou nas minhas galinhas. Quem manda chamar aaahhhh ao meu Domingos? Ele não é Domingos aaahhhh, ele é Domingos!

O Domingos ouve a mulher dizer aquilo e joga as mãos à cintura da mulher, puxa-a para trás e diz assim:

– Cala-te aí mulher, senão o compadre prior mete a gente na cadeia.

Informante: Leandro Carromba, 71 anos, reformado, 4.ª classe.

Recolha: em Faro, a 2/11/2006.

Coletor: Cátia Dias Matos (cassete n.º 1 / face A)

Classificação: Boggs *1424

379

O PASTOR DOMINGOS OVELHA

Era um gajo que era pastor e chamava-se Domingos. Casou com uma rapariga, mas quando ele casou com a rapariga, ela já era amiga do padre. Foram vivendo e o padre, de vez em quando, ia lá ter com ela. Então ela deu em ter filhos, eram todos filhos do padre. E depois, ele chamava-lhe compadre Domingos Ovelha – o padre – e quando ia para a igreja, passava sempre lá onde ele estava com as ovelhas, e dizia:

– Bom dia compadre Domingos Ovelha, de cornito retrocido atrás da orelha.

Ele ficava... Não dizia nada:

– Bom dia Sr. compadre Prior.

Porque daquele filho mais velho era pai e padrinho e o outro [o pastor] pensava que ele não era pai, pensou que ele era filho dele.

Foi correndo tempo e ele sempre a dizer aquilo. E uma vez a mulher foi lá dormir com ele, lavar a roupa e dormir lá nessa noite. Era um sábado à noite e ele teve-lhe dizendo:

– O Compadre Prior passa aqui todos os dias e diz-me sempre isto: “Bom dia compadre Domingos Ovelha de cornito retrocido atrás da orelha”.

E diz ela:

– Deixa, que amanhã de manhã, tu levantas-te e vais ali coisa... Quando ele passar, se ele te disser isso, vens aqui me buscar, que eu vou além e logo lhe dou um recado...

De maneiras que o moiral andava de roda das ovelhas e depois veio o padre e disse:

– Bom dia compadre Domingos Ovelha de cornito retrocido atrás da orelha.

E ele disse:

– Espere lá aí um bocadinho compadre.

Foi além à malhada, ela estava em roupa de dormir. Pegou nela e levou-a às costas até ao pé do padre. E diz ela assim:

– Olhe lá, Compadre Padre padralhós,
Estragador dos meus lençóis,
Comedor dos meus bolos,
E é pai dos meus filhos todos.
E daquele mais velhinho,

É pai e padrinho.

Há-de fazer favor de não dizer,

E não chamar ao meu marido:

“Bom dia compadre Domingos Ovelha

De cornito retrocido atrás da orelha”

Ao meu marido outra vez.

E o moiral, o Dominginhos, depois disse à mulher:

– Deixa mulher, se ele tiver juízo, já está bem emendado. Nunca mais me chama tal.

Informante: Francisco Jacinto Mestre, 77 anos, natural da aldeia de Espragosa, S. Miguel do Pinheiro, Mértola, Beja, reformado, sabe ler e escrever.

Recolha: em Espragosa, Miguel do Pinheiro, Mértola, Beja, a 28/10/2006.

Coletor: Ema Serafim (CD n.º 1)

Classificação: Boggs *1424

380

ANEDOTA DO MANELITO

Havia uma família de ciganos muito pobre e só conseguiam ter ou almoço ou jantar. E o filho mais novo do casal, Manelito, chateou-se com a mãe por ver as panelas todas vazias. E a mãe chateou-se também e mandou-lhe ter com o pai, dizendo:

– Vai lá ter com teu pai, miúdo.

E o pai convidou-lhe a sentar no seu colo e disse-lhe:

– Manelito, diz aqui uma coisa ao pai. E se tivesses um prato de bife com batatas fritas, comias?

E ele respondeu:

– Ai, pai, comia!

E uma sopinha depois das batatas, comias, não comias?

E ele respondeu:

– Ai, pai, comia!

Muito bem, Manelito. E depois do jantar uma mousse de chocolate, comias?

E ele respondeu:

- Ai, pai, se comia...
E o Manelito adormece.
E o marido diz à mulher:
– Maria, podes mandar vir mais um, porque este já jantou.

Informante: Antonino, 34 anos, natural de Massamá, Sintra, engenheiro.

Recolha: no Laranjeiro, a 29 /10/2006

Coletor: Carla Magalhães

Classificação: ATU 1430

381

A QUATELA

Havia uma família muito pobre e depois o pai um dia disse assim... Estavam todos à volta da fogueira de inverno, todos aconchegados à lareira, e diz o pai assim:

– Bom, o pai agora vai juntar uns tostanitos que é para comprar uma *quatela*, a ver se sai a sorte grande. Que é para a gente comprar um carrinho, que é para irmos dar umas voltinhas. Que a gente somos tão pobres, não saímos daqui.

Compramos um carrinho. O pai vai juntar dinheiro, compra uma *quatela*, sai a sorte grande. E depois, se sair a sorte grande, compramos um carrinho.

Diz um dos filhos assim:

– Pai, eu vou à frente.

Diz o pai assim:

– Não! À frente vai a tua mãe.

Diz o outro:

– Pai, vou eu à frente.

– Não! À frente vai a tua mãe.

Bom, tanto chatearam o pai, diz assim o pai:

– Bom, está tudo dito. Tudo para fora do carro!

Informante: José Sequeira, 69 anos, natural de Aljustrel, Beja, reformado da construção civil, 4.ª classe.

Recolha: em Aljustrel, Beja, a 22 de Novembro de 2008.

Coletor: Andreia Fragoso e Sandra Mestre (gravação / 2:03'35)

Classificação: ATU 1430

382

[O PORQUINHO]

Estavam todos à volta da fogueira, família pobre:

– Bom, o pai vai juntar um dinheirinho e depois compramos um porquinho que é para a gente matar no Natal, que é para não comermos sempre açordas.

Diz um dos moços assim, que aquilo é tudo uma família numerosa do tempo da miséria, diz um dos moços assim:

– Pai, depois eu molho no pingo.

Diz o outro assim:

– Não! Quem molha sou eu.

Diz o outro assim:

– Eu é que molho!

Diz o outro assim (eram quatro ou cinco):

– E molho eu!

– Não, tu não molhas.

Diz o moço assim ao pai:

– Pai, o Zé não me deixa molhar!

(Ah, ainda não tinham comprado o porco...) (risos)

Informante: José Sequeira, 69 anos, natural de Aljustrel, Beja, reformado da construção civil, 4.ª classe.

Recolha: em Aljustrel, Beja, a 22 de Novembro de 2008.

Coletor: Andreia Fragoso e Sandra Mestre (gravação / 2:04'52)

Classificação: ATU 1430

383

[O RELÓGIO DE AGUIAR]

Há uma terra, perto de Évora, que se chama Aguiar. E em Aguiar sucedeu o seguinte: naquela aldeia, pronto, não havia um relógio e nisto o senhor Padre decidiu fazer um peditório com uma caixinha para toda a gente comprar um relógio para a aldeia. Um relógio enorme que ia ficar afixado na igreja, pronto para toda a gente ver aquilo.

O que é que sucedeu? Sucedeu que toda a gente deu dinheiro, como o relógio ia ser caro, um relógio, epá, eu não digo que é o Big-Ben, mas é um relógio com cerca de cinco metros de diâmetro. Ahh, isto é verídico: o relógio com cinco metros de diâmetro e, segundo o Senhor Padre, vinha banhado em rascos de ouro e de prata.

O que é que acontece? Toda a gente deu dinheiro, mas não foi para aí um euro ou dois. Na altura, pessoas que deram dois contos, três contos, ou seja, um valor bastante avultado para a altura, que estamos a... isto já foi à cerca de cinquenta anos.

O que é que sucedeu? Nisto, o Senhor Padre resolve fugir com o dinheiro todo. E depois mandou uma caixa para a aldeia. E nisto, as mulheres da aldeia começaram todas a dizer, pensavam que estava o relógio lá dentro, aquilo vinha tudo muito bem embrulhado com uma caixa de Lisboa, num comboio, e as mulheres todas diziam assim:

– Ah, o meu marido tem aí parte, o meu marido tem aí parte!

Nisto, as caixas vão a meio da aldeia, vão abrir a caixa e vêem uns pares de cornos. O padre mamou o dinheiro todo, e para gozar, ainda mandou uma caixa cheia de cornos para toda a gente.

Nisto, se ainda fores a Aguiar e perguntares as horas, és arriscada a levar uma sova, pronto. É verdade!

Informante: Ricardo Pires, 25 anos, natural Serpa, Beja, licenciado em engenharia civil.

Recolha: em Faro, em Novembro de 2016.

Coletor: Lúcia Cristino

Classificação: Car-Co 1430*B

384

LENDA DO RELÓGIO

Numa terra ai do Alentejo (por acaso já soube o nome agora não sei qual é), tinha um padre. O padre já estava lá há muitos anos. Aqueles padres, assim malandros, que começou a pedir para as pessoas darem... Talvez com algum tempo de antecedência soube que ia embora, então o que é que ele fez? Começou a pedir donativos às pessoas, às famílias, para comprar um relógio para a Igreja, que a Igreja não tinha relógio ou estava avariado já há muitos anos.

As pessoas foram dando, foram dando... Ele, na altura que se foi embora, ficaram todas muito preocupadas:

– Então e agora vai-se embora, então e o relógio, como é que é isso do relógio?

– Não se preocupem que eu mando-vos o relógio.

Oh, pois ele era malandro de natureza, o que é que fez? Arranjou um caixote, encheu o caixote de cornos de animais, possivelmente, penso eu, de vaca e de ovelha, fechou aquilo e mandou. As pessoas receberam aquilo, tocaram os sinos em rebate para as pessoas virem ver que tinha chegado o relógio, para as pessoas saberem.

As senhoras todas diziam:

– O meu marido também tem parte! – Porque nessa altura, normalmente os esposos, os maridos, é que tinham dinheiro, lidavam com o dinheiro.

E elas diziam:

– O meu marido também tem parte!

Oh, quando abriram a caixa era só cornos. Portanto aquilo... Também chegando a essa terra e perguntando “que horas são?” as pessoas quase que batem, porque pensam que vão gozar com eles.

Informante: Nelson Fantasia, 39 anos.

Recolha: em Estoi, Faro, a 31 de Dezembro de 2010.

Coletor: Micaela Correia

Classificação: Car-Co 1430*B

385

HISTÓRIA DE OLHÃO

Apareceu um senhor que queria vender um órgão. E perguntou aos paroquianos se queriam comprar o órgão para a igreja de Olhão. Eles não tinham verba e então resolveram fazer um peditério a muitas pessoas.

Tempos depois, as mulheres da paróquia encomendaram o órgão. O órgão chegou numa grande caixa, muito pesada. Quando se preparavam para abrir a caixa, todas as mulheres diziam:

– Ai, o meu marido contribuiu para o órgão...

– O meu também...

– O meu também...

– E o meu também...

Todas as mulheres diziam que os maridos tinham contribuído para a compra daquele órgão.

Para o espanto de todas, quando abriram a caixa, no lugar de um órgão a caixa estava cheia de cornos.

Informante: Alice Baião, 71 anos, natural de Pias, Serpa, Beja, chefe de secretaria, 9.º ano.

Recolha: em Tavira, Faro, a 17 de Janeiro de 2008.

Coletor: Ana Isabel Afonso (cassete n.º 1 / lado A)

Classificação: Car-Co 1430*B

386

A HISTÓRIA DO PADRE CRUZ

Há muito tempo, dizia o povo que havia um padre que tinha tanto de milagreiro como de safado. Era um padre safado, como se calhar ainda hoje os padres continuam a ser safados. Mas talvez naquela altura as moças... havia mais ingenuidade nas aldeias, os padres eram mais safados, claro.

E então, andava sempre convidando as moçoilas casadoiras da aldeia para irem à casa dele, que tinha lá uma coisa boa para lhes mostrar, para lhes ofertar. E elas lá iam, claro, caíam sempre no conto do vigário. A intenção dele era deitar-se com elas e conseguiu isso de muitas.

Uma certa vez, convidou uma moçoila assim mais arisca, mais esperta, que não sabia como é que se havia de desculpar, não sabia como é que havia de dizer não.

Então ela e a mãe conversaram, conversaram, e a mãe:

– Tu não dizes que não. Vais e dizes que sim.

Então ela disse que sim ao Padre. Então, lá combinaram, o Padre lá lhe disse, lá lhe bichanou aos ouvidos e diz:

– Olha, vais à minha casa, à hora e local onde está a chave...

A chave está aqui, estava ali, e então a moça quando chegasse a casa que fosse para o quarto, se deitasse, vestisse a camisa de dormir e esperasse pelo Padre que ele vinha depois, à noitinha já. A moça que sim, está bem, a tudo disse que sim.

Chegado o dia e a hora, já de noite, a moça e o pai e a mãe pegaram num burrinho que tinha nascido morto e foram à casa do Padre. Meteram o burrinho na cama, vestiram-lhe a camisa de dormir, taparam-no com o lençol e a colcha e lá se vieram embora.

Quando mais tarde o padre chegou, foi ao quarto muito satisfeito, pensando: “ah, está ali a mocinha”.

– Então, minha pombinha, vou já tratar de te fazer feliz!

Deitou-se ao lado da “moça”, abraçou-a muito bem abraçadinha, com aquela comoção e percebeu o engano, o logro em que tinha caído. Aquela coisa peluda não era mais que um pobre burrito nado-morto.

E assim acaba a história do Padre Cruz.

Informante: Libânia Pinto, 60 anos, natural de Quarteira, Loulé, Faro, professora aposentada do Primeiro Ciclo do Ensino Básico.

Recolha: em Loulé, Faro, a 12/07/2011.

Coletor: Ana Catarina de Sousa Almeida Lopes (cassete n.º 1 / face B)

Classificação: ATU 1440

387

[A MALDIÇÃO DO PEDINTE]

Ora, havia uma senhora que tinha uma hortinha e tinha uma filha. Era de Verão, e ia a regar à horta e era no tempo em que havia muito pedinte (hoje não pedem, hoje roubam!). E então disse para a filha:

– Olha, a mãe vai a regar à horta e a minha filha não dá esmola a ninguém!

Com que maneiras que, ao fim de um bocadinho, estava um velhote na porta e a miúda assomou-se e o velhote pediu esmola e ela disse-lhe assim:

– Eu não dou esmola a ninguém!

E o velhote disse-lhe assim:

– Ai, não me dá esmola! Deixa estar que ainda há-de ter pena. Quando você tiver doze ou treze anos, vai-lhe aparecer uma gatinha preta na barriga, que é o que você ganha em não me dar esmola.

Bem, o tempo foi-se passando e apareceu a gatinha preta na barriga da menina e ela não perguntou à mãe. Deu em andar com aquele desgosto, com aquele desgosto, mas não contava à mãe. A mãe viu que ela que andava doente e então a mãe depois com ela:

– Tens que dizer o que é tens, senão a mãe dá-te pancadas!

– Oh! Uma vez, veio um velhote a pedir esmola e eu nunca lhe dei esmola e ele disse-me que me havia de aparecer uma gatinha preta na barriga e já apareceu a gatinha preta, mãe!

- Ai, sim, filha? Então mostra lá à mãe.
E ela mostrou a gatinha à mãe e a mãe:
– Não tenhas medo filha, não tenhas medo que a mãe também tem uma gatinha dessas.
– Também tem? Então mostre lá que eu quero ver.
E ela mostrou a gatinha à filha. Diz a filha:
– Então, mas a sua gatinha é russa!
– Tem apanhado muito ratinho, filha!

Informante: António Manuel Marques, 82 anos, natural de Roncão do Meio, Mértola, Beja, trabalhador rural, sabe ler e escrever.

Recolha: em Mértola, Beja, a 2 de Fevereiro de 2003.

Coletor: Fernando Guita (cassete n.º 1/face A)

Classificação: Car-Co *1442

388

[O GATO PRETO NA BARRIGA]

Era uma vez uma mocinha. Estava na casa dos padrinhos e o padrinho era caçador. Foi à caça e apanhou três perdizes. Veio, pôs as perdizes no frigorífico e foi-se embora. A mocita tinha fome e foi comer uma perdiz. Ele veio e só tinha duas perdizes.

E disse assim:

– Então quem é que comeu a outra perdiz?

A mocinha disse:

– Eu não fui. A mãe também não foi.

E diz o padrinho assim:

– Olha, Deus queira que, quem comeu a perdiz, crie um gato preto na barriga.

A mocinha foi crescendo, foi crescendo e depois começou a ver o gato preto na barriga. Foi queixar-se à madrinha:

– Madrinha. A praga que o padrinho pediu, já está aí. Fui eu que comi a perdiz.

O gato preto já vem nascendo na barriga.

– Então mostra lá.

E mostrou.

- Isto não é nada. Eu também tenho um gato preto.
– Então mostre lá, madrinha.
Ela mostrou.
– Mas o seu tem a boca maior.
– Já têm comido uns grandes ratos lareões. (risos)

Informante: Mário Inácio, 70 anos, natural de Portimão, Faro, reformado.

Recolha: em Portimão, Faro, a 7 de Dezembro de 2005.

Coletor: Cátia Alexandra dos Reis Romão (cassete n.º 1 /Face B)

Classificação: Car-Co *1442

389

HISTÓRIA DA GATINHA PRETA

Era uma vez uma senhora que tinha uma filha e a filha *empencia* muito à mãe. E ela dizia-lhe assim:

– Filha de uma magana, de tanto *empenceres*. Deus queira que te nascesse uma gata preta na barriga.

Bom, a moça foi crescendo, foi crescendo (risos) até que lhe nasceu a gatinha preta. Depois um dia foi e viu a gatinha preta também da mãe. Depois começou a chorar, porque estava muito triste da gatinha preta ter nascido. E depois disse-lhe assim:

– Ó mãe, mas a minha gatinha preta não é igual à tua.

– Ó filha, como é que ela há-de ser igual à tua, se a minha há dezoito anos que apanha ratos e a tua ainda agora é que vai apanhar algum...

Informante: Mariana Cardeira, 66 anos, natural de Graíno, Tavira, Faro, doméstica, analfabeta.

Recolha: em Graíno, Tavira, Faro, a 1 de Dezembro de 2006.

Coletor: Eva Paulino (CD n.º 1 / 1'02)

Classificação: Car-Co *1442

390

[O TRAVESSEIRO]

Havia uma vez uns namorados foram a uma feira. Não havia transportes, não havia nada, foram a uma feira. E depois, andavam lá todos felizes da vida, a ver as coisas que haviam de comprar, enfim, lá andavam lá a olhar.

Ora com aquela grande loucura, aquilo só havia um comboio, quando souberam já o comboio tinha passado, já não havia comboio. Ora, automóveis não havia...

– Então e agora?

– Ah, vamos a ver se a gente dorme para aqui nalguma casa.

Foram para lá dormir numa casa, havia uma cama de casal. O rapaz disse assim:

– Olha, para haver respeito, põe-se o travesseiro aqui a meio. Eu durmo de um lado e tu dormes doutro.

– Pois, tá bem.

Passaram a noite a dormir assim: um de um lado, outro do outro e um travesseiro daqueles compridos a meio.

Bem, no outro dia, de manhã, levantaram-se e dirigiram-se para o comboio a ver se apanhavam algum. Bem, foi assim um grande vento levante. Ela usava chapéu, o vento pega no chapéu, avoou o chapéu foi para dentro de um quintalão. E depois, diz ela, disse assim:

– Então e agora?

– Agora? Agora pulo eu a parede e vou buscar o chapéu.

Diz ela assim:

– Não pulaste esta noite o travesseiro, pulas agora a parede? (risos)

Informante: Maria Alice Mendes Gonçalves, 71 anos, natural de Algoz, agricultora e costureira.

Recolha: em Paderne, Albufeira, Faro, a 19 de Dezembro, 2007.

Coletor: Darryl Domingos e Margarida Henriques (faixa n.º 4 / 03'40)

Classificação: ATU 1443*

391

AS TRÊS LOUCAS

Era uma louca que era a noiva dele, e ele foi a casa dos pais dela.

Entretanto, a mãe foi lá dentro buscar qualquer coisa para servir e lembrou-se que tinha um machadinho na parede e que o menino ia nascer: eles iam casar, o menino ia nascer e que o machadinho podia cair e matar o menino.

Como a mãe nunca mais chegava, o pai levantou-se e foi ver o que estava a acontecer.

Quando chegou lá, ela contou-lhe a história e ele ficou lá, chorando também.

E depois foi a repariga também.

E depois, o homem viu que foram todos embora e não apareceu mais ninguém. Foi lá ver o que era e eles contaram o que era. //

Ele disse:

– Quando eu encontrar mais duas loucas iguais à sua filha eu venho casar com ela.

O homem foi embora e encontrou mais duas loucas. //

la passando na rua e viu uma mulher com uma peneira. la ao sol, peneirava o sol e jogava para dentro de casa, pela janela. la ao sol, peneirava o sol e para dentro de casa... Agarrava na peneira, abanava a peneira e jogava para dentro de casa.

E depois, ele perguntou o que ela estava a fazer e ela disse que o marido tinha dito que era para pôr o sol dentro de casa. //

A outra foi que o marido disse que ela guardasse aquela saca de trigo que era para o Maio, que o Maio era grande, então a maior saca era para guardar para o Maio.

Ela pôs-se na janela e, cada pessoa que passava, ela perguntava.

Passou um homem bastante alto e ela perguntou:

– O senhor é o Maio? É que o meu marido disse que o Maio era grande. Então está ali uma saca de trigo, que é para o senhor Maio.

E o homem levou a saca de trigo e o marido ficou sem trigo. (risos)

Informante: Maria Teresa Fernandez, 82 anos, reformada, 4.ª classe.

Recolha: no Funchal, Madeira, a 3 de Janeiro de 2008.

Coletor: Joana Maria Gomes Fernandez Ferreira Pereira (clip jan.3 / 10'53)

Classificação: ATU 1450 + ATU 1384 + ATU 1245 + ATU 1541

392

[GOLO!]

Um senhor ia num comboio. E a cada vez em quando dava um traque e dizia:

– Golo!

E olha para trás e vê uma senhora. E diz ele para a senhora:

– Há muito tempo que vai aí?

E ela disse:

– Desde que a tourada começou!

Informante: Vitória Jacinta Dias Pereira, 84 anos, natural de Patã de Baixo.

Recolha: em Albufeira, Faro, a 7 de Janeiro, 2008.

Coletor: Darryl Domingos e Margarida Henriques (faixa n.º 7 / 19'44)

Classificação: ATU 1453****

Nota: Uma ouvinte diz no fim: “O golo não dá com a tourada. Os golos são da bola”.

393

DA BOLOTA ATÉ À CASTANHA

Era uma vez um senhor que ia andando numa estrada e à frente ia o senhor padre. (Aliás, o senhor ia à frente do Sr. Padre.) E deu um pum e disse:

– Ai, uma bolota!

Entretanto, deu outro pum. (Sabem o que é um pum, não é? É um peido.)

Entretanto deu outro e disse:

– Ai, uma castanha!

Entretanto, o Sr. padre olhou para trás e viu o senhor. O senhor ficou muito aflito e perguntou ao padre se há muito tempo que o acompanhava. E o padre respondeu-lhe:

– Já há muito tempo que o acompanho; desde a bolota até à castanha! (Mas disse mal.)

Informante: Luísa Maria Lamim Encarnação Penela, 51 anos, natural de Lagoa, Faro, guarda-livros, 9.º ano.

Recolha: em Lagoa, no dia 1 de Novembro de 2007.

Coletor: Susana Isabel Lamim Penela (faixa 6 / 13'16)

Classificação: ATU 1453****

394

A MULHER QUE DÁ TRAQUES

Uma mulher ia a andar num caminho, ia a andar, ia a andar, quando ela, durante o caminho, ouve-se “pum”. Diz ela assim:

– Ah, parece uma castanha.

A senhora tinha largado um traque, digamos assim.

Mais à frente, ouve-se outro e ela:

– Olha, parece uma noz.

Depois de dizer essa da noz, diz, pensando que estava sozinha:

– Ai, até o cú ficou chiando. (risos)

Continua a andar, olha para trás. Quando vê que atrás dela ia um senhor, ficou muito embaraçada. E vira-se para o senhor, diz:

– Então, mas há quanto tempo é que o senhor está aí?

E ele, com muita calma, vira-se para a senhora:

– Olhe, da castanha até à noz

Tenho vindo atrás de vós.

Quando o cú ficou chiando,

Vinha eu aqui chegando. (risos)

Informante: André Miguel da Palma Pires, 23 anos, natural de Castro Marim, Faro, estudante universitário.

Recolha: em Faro, a 8 de Novembro de 2017.

Coletor: Daniela Alexandra da Silva Fernandes (gravação n.º 11 / 1'44)

Classificação: ATU 1453****

395

[AS TRÊS RAPARIGAS GAGAS]

Eram três raparigas e eram bitatas, gagas e a mãe foi-se embora e disse-lhe assim:

– Mesmo que venha aqui alguém as minhas filhas não dizem nada.

Bom, daí a nada chegaram dois rapazes. Pediram água, disseram boa tarde, mas elas nunca lhes disseram nada pois estavam recomendadas.

E foi a rapariga trouxe uma pucarinha de água ao rapaz. Ele, acabou de beber e fez assim fingindo que ia deitar a água fora, e deitou a pucarinha fora.

Diz ela assim:

– Ai, “paiti” a pucaínha...

Diz a outra:

– “Paitise” que não “paitise”, a mãe disse que não “faiasse”.

Diz a outra assim:

– “Poi” isso ninguém fez como eu, “ta” “atas” da minha “poita” fiando a minha “oica”, “oica” não ficou o “paitise” nem que não “paitise”.

E falou quase uma hora. A primeira pouco disse, mas as outras foram sempre a acrescentar. (risos)

Informante: Ana dos Ramos, 75 anos, natural de Gomes Aires, Almodôvar, Beja.

Recolha: em Almodôvar, Beja, a 3 de Novembro de 2007.

Coletor: Raquel Romão (Gravação 6 / 12'46)

Classificação: ATU 1457

396

AS IRMÃS BITATAS

Duas raparigas: houve uma mulher que teve duas filhas gémeas. E as duas, naquele tempo dizia-se “bitata.” (Bitata é não dizer as palavras como devia).

E então, no tempo da guerra, os soldados quando vieram, andaram para chegar a pé, vinham a pé. (Esta contava a minha avó, que era no tempo da guerra não sei do quê, que eu já não me lembro.)

E então, chegou ele à porta:

– Bom dia, bom dia!

E ninguém lhe respondeu, que a mãe dizia para elas não falarem. E diz ele assim:

– Se faz favor, pode-me dar um copo de água?

Ela foi buscar o copo de água e entregou-lhe o copo de água. (Que naquele tempo era uma púcara de barro, com uma asinha, porque não havia copo. Era um mesmo de barro e a gente bebia.) E então, ele o que é que faz?

– Então, mas esta gente não fala? Deu-me um copo de água e não fala?

E deixa cair a caneca. (Que a gente chama agora uma caneca.) Deixou cair a caneca e partiu-se. Diz aquela que lhe deu a água:

– Aiiiiii, a putarinha tubrou-se.

Diz logo a outra, que estava por detrás da porta:

– Tubasse, não tubasse, a mãe não disse que não fanasse?

(Eram três, eram três, eram três!) E diz a outra, que estava com a roca, a fiar o fuso. Diz ela assim:

– E eu pu tás da minha pota, com a minha noca noca, bem fiz eu que nã fanei.

E todas falaram...

Informante: Amélia Amores Maria, 69 anos, reformada, 1.ª classe.

Recolha: em Patã de Baixo, Albufeira, Faro, a 6 de Janeiro de 2008.

Coletor: Andreia Pacheco e Rita Martins (faixa 32)

Classificação: ATU 1457

397

[O PADRE E A “SOBRINHA”]

Havia um padre... que geralmente todos os padres que vêm do Norte trazem sempre uma rapariga nova, que eles dizem que é sobrinha. Mas, naquele caso, aquela não era sobrinha. Então ele foi criando a menina, foi indo, foi indo, foi indo... Houve um acerta altura que ele já via que ela já está mulherzinha e, um dia, diz-lhe ele assim:

– Olha, Maria, sabes? Temos de ir salvar umas almas do outro mundo.

Ela ficou sem saber, pronto, como é que se salvavam as almas do outro mundo.

O padre lá a levou para ter relações sexuais, e ela diz-lhe assim:
 – Ai, isto é que é salvar almas do outro mundo? Olhe, ali com o vizinho além do lado, eu já salvei mais de cem. (risos)

Informante: Carmelinda Maria Alfacinha Fernandes, 54 anos, natural de S. Bartolomeu do Outeiro, Évora, reformada, 4.º ano.

Recolha: em S. Bartolomeu do Outeiro, Portel, Évora, a 1 de Dezembro de 2009.

Coletor: Elsa Caetano e Manuela Neves (Gravação n.º 96 / 1'56)

Classificação: Car-Co *1469

398

[A MULHER E O PEDIDO A SANTO ANTÓNIO]

Era uma mulher que foi pedir ao Santo António, que é o que tem o menino nos braços, para a filha casar com um preto que tocava acordeão. E o Santo não lhe dizia nada. E ela lá ia todos os dias a pedir ao Santo. Um dia o sacristão disse:

– Esta filha de um diabo que não se tira daqui...

E pôs-se atrás do Santo. Quando ela veio e fez a oração:

– Santo António, faz com que a minha filha case com um preto que toque acordeão. Assim que ela acabou de dizer a palavra, diz ele assim:

– Não!

E ela olhou para o santo e diz:

– Não é contigo que eu estou falando, pequenino de merda, é com a tua mãe!

Informante: João José Correia, 86 anos, natural da Manta Rota, VRSA, reformado.

Recolha: em Manta Rota, VRSA, Faro, a 11 de Dezembro de 2010.

Coletor: Daniela Nunes.

Classificação: ATU 1476A

Nota: na última frase o informante, obviamente, deveria ter dito “pai”.

399

[SANTO ANTÓNIO COM O MENINO JESUS]

Havia uma senhora, já tinha assim uns trinta e tal anos, e andava preocupada porque não sabia qual era a vocação dela: se havia de casar, se havia de virar religiosa.

Um dia, entra numa igreja e então há o Santo António, que tem um menino ao colo...

E então:

– Ó Santo António, dá-me uma orientação, a ver o que é que eu hei-de fazer, se hei-de casar se seguir a vida religiosa...

– E então o menino, que estava ao colo de Santo António, respondeu-lhe assim:

– Olha, eu acho que tu deves seguir a vida religiosa.

E ela respondeu-lhe assim:

– Chiu!!! As crianças não são para aqui chamadas!

Informante: Aldina Ferreira, 80 anos, natural de Olhão.

Recolha: em Olhão, Faro, a 8 de Novembro de 2006.

Coletor: Dora Bela Baptista Ramires (Gravação 5)

Classificação: ATU 1476A

400

SÃO FEIJÃOS!

Uma vez foi uma servir para Lisboa, uma Maria. E então, a senhora era muito chique e como a senhora era muito chique, e então, punha-se ao espelho a pôr a boca, a franzir a boca, para a boca ser pequenina³¹, para quando viesse as amigas não falar assim como a gente fala, para falar finório.

Então, um dia, estava com as amigas com a boca pequenina e vai a Maria, alentejana espertalhona, disse:

³¹ A informante imitava o gesto.

– Ó minha senhora, o que é que eu faço para jantar?

– Diz ela assim:

– São fijos³², são fijos.

– Minha senhora, o que é que eu faço para o jantar?

– São fijos.

– Minha senhora, o que é que eu faço para o jantar?!

– Ó mulher, fazes-me falar à parva: SÃO FEIJÃOS!

E então ficou toda envergonhada. //

Então essa, essa dita Maria, quando voltou ao monte de onde foi do Alentejo para Lisboa servir. (Que naquele tempo era servir, não era ser empregada doméstica.) E então, chegou, também vinha finória. E então olhou, não conhecia as cabras. E olhou lá para o serro e disse assim:

– Ó mãe! O que é aquilo que anda além naquele serro com os pauzinhos no ar?³³

Diz a mãe assim para ela:

– Ó filha, fostes para Lisboa e já estás assim tão fina? São as cabras!

– Aííí... CALHAIBRAS³⁴

Informante: Amélia Amores Maria, 69 anos, reformada, 1.ª classe.

Recolha: em Patã de Baixo, Albufeira, Faro, a 25 de Novembro de 2007.

Coletor: Andreia Pacheco e Rita Martins (faixa 49)

Classificação: ATU 1485* + ATU 1628

401

[O RAPAZ DUVIDOSO E A LUA-DE-MEL]

Uma moça namorava um rapaz e ele era duvidoso e a mãe andava, estava sempre em pulgas a dizer:

– Filha, mas então o teu namorado procura-te? Olha que ele é duvidoso.

³² A informante coloca a boca franzida, dizendo a palavra.

³³ A informante coloca a boca franzida, dizendo a frase de uma forma graciosa.

³⁴ A informante coloca a boca franzida, dizendo a palavra de forma graciosa.

– Então não me procura, mãe, então ele vai-me buscar todos os dias à costura e anda sempre a procurar onde estou, aonde vou.

Bom, então a mãe estava sempre nesta, estava sempre com dúvidas dele. E então quando casaram foram passar a lua-de-mel a Lisboa, mas antes de passar a lua-de-mel, a mãe disse à filha:

– Oh, filha, quando chegares lá escreve à mãe a dizer se o teu marido é bom para aquilo.

E ela diz logo assim:

– Mas a mãe não sabe ler, as vizinhas é que vão ler! Não é uma vergonha pôr uma coisa destas.

– É que ele é duvidoso. Então pões na carta a dizer assim: “Mãe o meu marido gosta muito de ovos fritos”, ou então: “gosta pouco de ovos fritos”.

Bom, ao fim de dois ou três dias, a mãe recebe a carta, dá à vizinha a ler.

– Mãe, cá estou como estou... Passou tudo bem e vou dar-lhe uma novidade: o meu marido gosta tanto de ovos fritos, mãe, [que] até lambeu a frigideira.

Informante: João Luís Sousa Maria, 67 anos, natural de Quelfes, Olhão, Faro, reformado.

Recolha: em Quelfes, a 12 de Janeiro de 2005.

Coletor: Vera Lúcia Efigénia Cabrita (cassete n.º 1 / 2004-05)

Classificação: Noia 1503*A

402

A TAMPA DA MENINA

Antigamente havia aqueles bailaricos, não havia discotecas, não havia nada de diversão que as pessoas se andassem a divertir. Era só nos lugares, nas aldeias, naqueles meios rurais e viviam assim, a toque de – chamavam – harmónico ou concertina. E iam para lá assim, as raparigas novas, dançar mais os rapazes e as pessoas de meia-idade. Ia para lá tudo, gostavam muito desses divertimentos. E depois, havia uma rapariga que devia de sofrer dos intestinos. Devia de ter problemas de intestinos, que dava muitos “puns”. Quando se movimentava, pelo menos. E essa rapariga, coitada, também gostava de se ir divertir, de ir aos bailaricos com os outros. Mas tinha aquele complexo, porque o som da música não era muito alto, era só o acordeão. Não havia mais nada de acompanhamento nenhum de música.

Aquilo dava para perceber que ela que dava os “puns”. Coitada da rapariga, não sabia o que havia de fazer. Lembrou-se e meteu um figo seco no rabo, a tapar o rabo. Mas com aqueles movimentos que ela dava a dançar, porque se dançava corridinhos, aquelas valsas, aquelas coisas, ela a dançar e o figo caiu. Aquilo eram tempos de crise, fome, de muito pouco comer. Comia-se aquelas sopas e pouco mais. E o rapaz que andava a dançar com ela, viu um figo no chão, apanhou-o e comeu. Passado algum tempo, a rapariga, com os movimentos e assim, estava a dançar e começou a dar os “puns”. O rapaz lá achou aquilo engraçado e talvez não fosse muito envergonhado, perguntou-lhe:

– Ó menina, o seu rabo canta?

E ela disse:

– Sim, canta, o senhor comeu-lhe a tampa!

Informante: Maria Alzira Costa Santos, 47 anos, natural de Santa Catarina, Caldas da Rainha, Leiria, empregada fabril, 4.ª classe.

Recolha: em Faro?, a 28/10/2006.

Coletor: Vânia Inês Santos Canas (cassete n.º 1 / lado A)

Classificação: Car-Co *1524

403

A MENINA DO FIGO

Era uma vez... Lá na aldeia havia uma menina muito prendada. Mas essa menina tinha um problema que a impedia de ir às festas, de ter uma vida normal: dava muitos “puns”.

Então, um dia, ela estava muito triste porque ia haver uma festa muito grande lá na aldeia, com um grande baile. E a mãe, como a via assim tão triste, decidiu resolver-lhe o problema. Para ela não dar tantos “puns”, decidiu pôr-lhe um figo no rabo.

Ela, pensando que tinha o problema resolvido, muito satisfeita, abala a caminho do baile. Bailou, bailou, com um par, com outro... Lá andava ela no meio da bailação. Às páginas tantas, lá cai o figo no meio do chão. O par que estava a dançar com ela, não se apercebeu de onde é que tinha saído o figo. Apanha o figo do chão e comeu-o. Ela ficou muito preocupada, sem saber o que é que havia de fazer... Mas, olha, que remédio, continuou a dançar. Começa ele assim:

– Ai menina, o seu cu que bem que canta!

– Pudera, o senhor comeu-lhe a tampa!

Informante: Maria José, 49 anos, natural de Lisboa, empregada de serviços, 12.º ano.

Recolha: em Lisboa, a 23 de Novembro de 2007.

Coletor: Marta Alexandra Pereira Marques (faixa n.º 21)

Classificação: Car-Co *1524

404

A RAPARIGA DO BAILE E O FIGO

Uma rapariga que ia ao baile. E ela tinha um grande problema. O problema dela é que não se conseguia controlar e soltava muitos traques. Estava sempre “pum”, “pum”, “pum”, aquilo era um problema para a senhora. E ela, depois, queria ir ao baile, mas assim era difícil. Até que uma amiga disse:

– Olha, queres uma solução? Metes um figo. (risos).

A outra ficou a pensar: “Um figo?”

Olha, mas foi o que fez.

Mas depois, estava no baile, estava a dançar e o figo caiu.

Um senhor, que andava lá a dançar ao pé, viu o figo, apanhou-o e comeu-o, não sabia lá de onde é que... de onde é que aquilo vinha. A senhora continua a dançar e começa a ouvir: “pum”, “pum”.

O senhor vira-se para ela:

– Ai, menina, tão bem que o seu cú canta.

E a senhora:

– Então não admira, o senhor comeu-lhe a tampa. (risos)

Informante: André Miguel da Palma Pires, 23 anos, natural de Castro Marim, Faro, estudante universitário.

Recolha: em Faro, a 8 de Novembro de 2017.

Coletor: Daniela Alexandra da Silva Fernandes (gravação n.º 11 / 3'30)

Classificação: Car-Co *1524

405

A VELHINHA

Era uma vez uma velhinha que habitava lá na aldeia. E o rei teve pena dela viver assim, sozinha e sem família, e resolveu mandar lá o criado que tinha. Mandou-la lá buscar para o palácio. Mas a velhinha, coitadinha, como não gostava de sair de casa (os velhotes ainda hoje são assim, gostam de estar é nas casas deles), e então, ia assim um bocado oprimida e tal... Mas foi! Como era uma ordem do rei, foi... Então, foi lá para a casa do rei, esteve lá uns dias. Mas ela não se sentia lá bem, de maneira nenhuma. Estava sempre aos "ais", sempre aos "ais", sempre aos "ais"... O rei apercebeu-se e então, um dia, disse para o criado:

– Olha, vais mas é levar a velha lá outra vez à casa dela, porque ela aqui não se sente e eu estou a ver que ela, um dia qualquer, ainda dá para aí alguns trabalhos à gente.

E assim foi. O rei ordenou ao criado que no caminho observasse o que é que ela fazia e o que é que ela dizia. E então, acontece que a velhinha, pelo caminho, começou a apanhar umas *cavaquinhas* de lenha. Até chegar a casa agarrou um braçado de lenha. Chegou a casa fez uma grande fogueira, começou-se a aquecer e começou a dizer assim:

– Ai, a nossa casa, nossa casinha,
Merda para o rei mais para a rainha.

Então o criado, quando chegou a casa do rei, o rei perguntou:

– Então como é que a velha se portou?

– Humm... Não se comportou mal! Foi por o caminho, foi apanhando lenha, apanhando assim uns cavacos de lenha, e depois chegou a casa e fez uma grande fogueira e começou-se a aquecer e diz assim estas palavras:

– Ai, a nossa casa, nossa casinha,
Merda para o rei mais para a rainha.

– O quê? A velha disse isso?!

– Foi o que ela disse.

– Vai lá buscar... Vai lá, outra vez, buscar a velha. Vou mandar matar o raio da velha. Então isso é coisa que se diga? O rei mais a rainha?

Então o criado lá vai buscar, outra vez, a velhinha. Mas a velhinha, então é que ficou muito mais a tremer. E depois, primeiro que chegasse, ela dava um passo para a frente dava dois para trás e até chegar á casa do rei... Chegou à casa do rei e "meteu a primeira": a entrar na porta para dentro, "tumba", espalha-lhe um grande peido!

E vai, diz assim ela, muito de repente:

– Ora entre, venha atrás e fala adiante.

O rei achou graça, aquilo e começou-se a rir. E disse:

– Ó velha, vai-te lá embora que era para te mandar matar. Ao menos, disseste uma graça que eu achei tanta graça... Que, olha, escapaste por esta!

Já não a mandou matar e a velhinha escapou-se do que o rei queria fazer. Safou-se pelo peido que deu.

Isto eram histórias, coisas que a gente ouvia antigamente. Os nossos antepassados, já dantes, falam estas histórias.

Informante: Isidro Maria Costa, 75 anos, natural de Mata do Porto Mouro, Caldas da Rainha, Leiria, reformado, 4.ª classe.

Recolha: em Faro?, a 28/10/2006.

Coletor: Vânia Inês Santos Canas (cassete n.º 1 / lado A)

Classificação: Car-Co *1524B

406

O APRENDIZ DE MALANDRO

Numa terrinha do interior, apareceu uma vez um senhor bem-falante, que chamou a curiosidade dos miúdos. Aqueles já... Aqueles miúdos taludos [grandes], fugidos à escola, já com 13, 14 anos, repetentes, já com muita sabedoria de vida. E então, intitulado-se a ele próprio Mestre Malandro, houve um miúdo que lhe perguntou:

– Ó mestre, será que não dava para me ensinar a sua profissão e me deixar ir consigo?

O homem pensou uns segundos e respondeu:

– Olha, está bem, pois não me vais pesar. Se quiseres ir, anda daí!

Bem, o miúdo arranjou a trouxinha e lá abalou, atrás do Mestre Malandro.

Andando, andando... Chegado à hora do almoço, diz o rapazinho:

– Ó mestre, já me está a dar assim uma fominha...
 – Olha, está ali um campo de figueiras. Vamo-nos deitar debaixo de uma figueira, porque nesta altura do ano os figos estão maduros e vão caindo.

E assim fizeram. Deitou-se o Mestre Malandro e o aprendiz quase ao lado e ali ficaram à espera que os figos caíssem. Daqui a pouco vem um lá das alturas, de uma pernada da figueira. Bate no queixo do miúdo e salta para o pé do mestre. Diz o miúdo assim:

– Ó mestre, viu este figo que me caiu, que me bateu na boca e que caiu ai para ao pé de si? Importa-se de o apanhar e de mo colocar na boca?

Diz-lhe o mestre assim:

– Olha lá, acho que o melhor é tu voltares para trás, porque afinal tu já sabes mais do que eu!

Informante: Sérgio Sousa, 51 anos, natural de Olhão, Faro, técnico de publicidade, 11.º ano.

Recolha: em Olhão, Faro, a 7/11/2007.

Coletor: Helena Isabel Tomé Sousa

Classificação: ATU 1525E

407

ANEDOTA DO PAI E FILHO MÉDICOS

Antigamente, os médicos não estudavam tanto como agora. E então, era um pai que era médico e depois o filho estudou também para médico. Depois, havia um senhor que estava doente e o pai foi lá muitas vezes, três ou quatro vezes, e o doente não melhorava. E depois, as pessoas pensaram:

– Vamos chamar o filho – porque não havia mais médico nenhum – vamos chamar o filho, porque o filho é mais novo e pode ser que tenha mais experiência.

Chamaram o filho e o filho foi lá. Depois olhou, andou vendo o homem, e viu que ele tinha uma carraça. Depois tirou a carraça e, claro, o homem pôs-se logo melhor.

Depois, quando esteve com o pai, disse:

– Ó pai, foi lá tanta vez e não viu que o homem tinha uma carraça?

– Então e tu tiraste a carraça?

– Tirei. Então se o homem estava cheio de febre por causa da carraça, não havia de tirar?

E o pai disse:

– Pois então, agora come da carraça!

Informante: Maria Pires Mendonça, 76 anos, natural de Almancil, Loulé, Faro, costureira, 2.º ano do liceu.

Recolha: Almancil, Loulé, Faro, em 2006.

Coletor: Cátia Alexandra Camões Zeverino e Cláudia Alexandra Lampreia Ambrósio

Classificação: Car-Co 1526*E

408

[BOCAGE, OS MIÚDOS E O PÁSSARO]

O Bocage estava à beira do caminho e viu passar uns miúdos que iam para a escola. E chamou-os e disse a eles:

– Olha, aqui debaixo do meu chapéu está um passarinho. Mas vocês não mexam que eu vou buscar uma gaiola. E vocês ficam aqui à minha espera, para quando eu voltar ninguém ter levado o passarinho.

Os miúdos disseram:

– Ah, sim, 'tá bem! Mas não demore muito, que a gente tem que ir para a escola.

Bom, o Bocage lá foi andando. E os miúdos ficaram ali sentados à espera que Bocage voltasse. Passou um bom pedaço, passou uma hora, e ele não aparecia. O que é que os miúdos fizeram? Disseram uns para os outros:

– Mas, então... Está na hora de entrar na escola e ainda estamos aqui? E o homem não há meio de vir! A gente vai ver o que é que ele tem ali debaixo e levamos os passarinhos.

Os miúdos meteram a mão, assim muito devagarinho, para não levantar o boné para os passarinhos não fugirem, meteram a mão por debaixo do boné... Ficaram com as mãos todas cagadas.

Informante: Cristina Maria Martins Nascimento, 41 anos, natural de Alfandanga, Olhão, Faro, 6.º ano.

Recolha: na Fuseta, Olhão, Faro, a 25 de Outubro de 2006.

Coletor: Débora Nascimento e Tiago Marques (CD n.º 1 / faixa n.º 4)

Classificação: ATU 1528

409

O BOCAGE E O CANÁRIO

Um dia, o Bocage, que era um senhor que vivia nas ruas de Lisboa, um passeante, que toda a gente, que todos, gostavam de se meter com ele. E então ele, um belo dia, deu-lhe vontade de arrear a calça e era um lugar muito desconfortável. Pensou, esteve a olhar para uma rua, olhou para outra:

– Vai ser mesmo aqui.

Satisfez a necessidade e de repente aparece um senhor muito bem vestido, com um chapéu muito novo. E pensou:

– Oh, já está! O que é que eu faço agora?

Ele tinha um chapéu velhinho. Pôs o chapéu em cima da necessidade que tinha feito. E o senhor meteu-se com ele.

– Bocage, então o que é que estás aí a fazer?

– Oh! Sabe lá o senhor... Apareceu aqui um canárizinho, um canário tão bonito e eu agora apanhei-o aqui com o meu chapéu. Tenho-o aqui debaixo do chapéu, só que não sei agora o que hei-de fazer ao canário.

Diz o senhor:

– Ah! Mas se tu quiseres eu fico aí a segurar no chapéu e tu vais buscar uma gaiolazinha que é para apanhares, guardares, o canário.

Diz o Bocage:

– Ah! Uma boa ideia, sim senhor. Então faça lá o favor.

E depois o Bocage pensou:

– Então e agora vou sem chapéu, vou em cabelo?

Diz o senhor:

– Ah! Então eu empresto-lhe o meu chapéu.

Ele ficou com o chapéu do senhor. O chapéu era novo. Pensou:

– Oh, que belo chapéu que eu arranjei. Vou-me embora. Já nunca mais volto.

Ele tinha feito aquilo para enganar o senhor, para lhe ficar com o chapéu novo. O senhor já lhe tardava, nunca mais aparecia, o Bocage... Nem a gaiola. Pensou:

– Eh! Então o que é que terá acontecido. Então ele não arranjou a gaiola?

Aparece um amigo dele, um senhor que o conhecia, e disse-lhe:

– Então o que é que estás aí a fazer.

– Ah! Olha, estava aqui o Bocage. Tinha aqui um canário debaixo do chapéu. Pediu-me para segurar aqui no chapéu até que ele ia buscar uma gaiola.

– Ah! Mas então e há tanto tempo... Ainda ele não veio? Se a gente fosse apanhar o canário e ficássemos com ele?

– Então fazemos isso.

– Então segura lá devagarinho.

Foi pondo a mão debaixo do chapéu, devagarinho, sentiu ainda assim aquele quentinho.

– Olhe, está aqui.

– Agarra-o.

Oh! Foi agarrar. Assim que o agarrou, sentiu-o assim muito mole. O outro levanta o chapéu e disse:

– Olha, olha... Merda!

Informante: Jorge Pedro, 42 anos, natural do Pessegueiro, Martinlongo, agricultor, 9.º ano.

Recolha: em Martinlongo, Alcoutim, Faro, a 20 de Outubro de 2006.

Coletor: Cristóvão Manuel Pedro Custódio (cassete n.º 1/ face A)

Classificação: ATU 1528

410

BOCAGE E O CANÁRIO

Uma vez, o Bocage diz assim:

– Agora mesmo, vou-me a enganar aquele gajo que vem além.

Tirou o chapéu, fez cocó, e logo tapou com o chapéu. E disse assim:

– Ó senhor, aguente aqui no meu canário, que eu vou-me a casa a buscar numa gaiola para metê-lo. Mas não se tire daqui, nem destape isto, que eu vou buscar a gaiola.

O homem já estava aflito. Esperou quatro horas pelo Bocage, que viesse a recolher o canário. Até que o homem já estava aborrecido. Levantou o chapéu e jogou a mão. Jogou a mão e embolou a mão toda.

– Olha, aquele malandro, ah! Pois não me enganou? Dizia que era um canário e, afinal, era um cagalhão!

Informante: Maria Fernanda Bonança Saloio, 75 anos, natural de Castro Marim, reformada, analfabeta.

Recolha: em Castro Marim, Faro, a 21 de Outubro de 2006.

Coletor: Liliana Nunes

Classificação: ATU 1528

411

TRÊS RAPAZES ESTUDANTES

Eram três rapazes estudantes. Vinham numa estrada e vinha um velhote que trazia um burro para a feira, para vender. E então eles disseram uns para os outros:

– Ah, eu agora vou roubar o burro ao velho, que é para a gente vender na feira.

E o outro:

– Então como fazes isso?

– Espera que já vê.

Foi muito devagarinho, devagarinho, tirou o cabresto ao burro, os outros pegaram no burro e foram com eles esconderem-no, e ele foi no cabresto. O homenzinho ia a puxar e não olhava para trás, e ele ia a fazer-se carregado, até que o homem olhou para trás e viu o estudante com o cabresto, julga que o burro era algum lobisomem. (risos)

E depois disse:

– Ai, senhor, desculpe! Então eu julgava ser o meu burro...

Bom, foi para a feira: os moços foram para a feira depois e levaram o burro; o moço, o outro, levou o cabresto. E então o homenzinho passou lá na feira, viu o burro e foi ao pé dele e disse-lhe:

– Olha lá: quem não te conhecer que te compre, porque eu já sei a besta que tu és.

Que o homem julgava que o burro era algum lobisomem. (risos)

Informante: Palmira Neves Jesus Brito, 78 anos, natural de Alportel, reformada da agricultura, 3.ª classe.

Recolha: no sítio do Alportel, S. Brás de Alportel, Faro, a 2 de Novembro de 2007.

Coletor: Daniela Maria Pires Cabrita (MIC-2007-11-02 – 07'47)

Classificação: ATU 1529

412

[OS LADRÕES E O PORCO ROUBADO]

Era uma vez um homem que tinha lá uns criados, e um dos criados ia vender um porco à feira, um porco gordo. E os ladrões pensaram em lhe roubar o porco. Ele ia andando com o porco, passou um homem e diz-lhe assim:

– Oh, que lindo bezerro que você leva aí!

Diz ele:

– Ó homem, então você não vê que isto é um porco?

– Não é, é um bezerro!

Ele já tinha combinado com os outros, de dizerem que era um bezerro.

– Bom, a gente agora vamos andando. Se encontrarmos alguém e dizer que é um porco, você leva o porco. Se ele disser que é um bezerro, eu levo o bezerro.

Foram, encontraram um (mas era da mesma quadrilha). Chega, diz ele assim:

– Oh, que lindo bezerro que você leva aí!

– Ó homem, então você não vê que isto é um porco?

– É um bezerro!

Começaram a teimar com o bezerro, e levaram-lhe o porco.

O criado chega a casa muito zangado. Diz ele assim à patroa:

– Ó patroa, arranje-me lá aí a roupa mais velha que você tiver.

Arranjou-lhe, ele vestiu a roupa, e foi-se embora. Foi, onde é que ele havia de ir? Foi pedir pousada lá à casa dos ladrões. Eles estavam lá com uma grande festa com o porco, tinham já matado o porco e tudo. Eram muitos homens, e volta-se o chefe dos ladrões e diz assim:

– Ela esta noite vai dormir no meu quarto. Se vocês ouvirem gritar não acudam, não acudam se vocês ouvirem gritar.

Ele foi-se deitar – pensava que era uma mulher – foi-se deitar mais ela. Às tantas da noite, ele dá uma malha de porrada no rei dos ladrões e diz:

– É porco ou bezerro?

Foi até o outro dizer que era porco. Havia porrada por todo o lado... Ele gritava, gritava... Mas ele tinha dito que se os outros ouvissem gritar não acudirem, ninguém lhe acudiu. Levou porrada até partir. Ficou todo escanecado, mas teve que dizer que era porco. Ele deu-lhe uma grande malha e foi-se embora.

No outro dia diz ele ao patrão:

– Ó patrão, arranje lá ai a melhor roupa que você tiver, e o melhor cavalo que tiver ai.

Ele vestiu a roupa do patrão, e levou o melhor cavalo e foi, passou lá à casa dos ladrões. Estavam lá conversando e ele disse:

– Ó! Eu sou o senhor doutor. Vou ver uns doentes ali à frente.

– Ai, o nosso patrão 'tá muito mal, muito mal tratado. Vá lá ver ali o nosso patrão.

– Então vá que eu vou, mas não precisa de ir ninguém comigo.

Foi, ora, ele estava mal e o criado ainda lhe deu mais cacetada. Diz ele assim:

– Ou me mandas dois burros carregados de dinheiro ou se não eu mato-te aqui.

E ele teve que lhe prometer que mandava os burros carregados de dinheiro.

– Se tu não mandares os burros eu venho aqui e mato-te.

Ele lá mandou os burros, mas ele foi à frente a cavalo no cavalo, e disse à patroa:

– Ó patroa, coza lá aí uma mão cheia de abóbora.

E pendurou um palhaço ao fumeiro, tirou a abóbora e pô-la ali. Depois estavam comendo à noite, os ladrões, olharam além para cima da chaminé e disseram assim:

– Então o que é que está além pendurado?

– Aquilo são todos os que vêm aqui, que fazem o serviço na cama, são pendurados ao fumeiro. São mortos e pendurados ao fumeiro.

Foram-se deitar, e um disse logo para o outro:

– É pá, vê lá, não faças o serviço na cama.

Mas quando eles estavam dormindo, ele foi e pôs-lhe um bocadinho de abóbora lá ao pé, na cama. Um levantou-se e diz assim:

– É pá, então tu fizeste o serviço na cama?

– Eu não!

– É pá, então isto é só merda! Vamos, mas é já s'embora...

Foram, deixaram os burros e aquilo tudo e foram-se embora. Já nunca mais eles lá voltaram com medo de serem pendurados ao fumeiro.

Informante: Maria de Jesus, 55 anos, natural de Freixo Seco de Cima, Loulé, Faro, quarta classe, cozinheira.

Recolha: em Freixo Seco de Cima, Loulé, Faro, a 14-11-2005.

Coletor: Carina Isabel Martins Anastácio (cassete n.º 4 / Face A)

Classificação: ATU 1538

O MOÇO DOS FRANGOS

Uns miúdos ficaram sem pai e sem mãe e depois resolveram sobreviver. O que haviam de fazer? E ele teve uma ideia. Diz:

– Olha, vamos criar aí uns pintos, umas galinhas e depois vai-se vender.

Assim foi. Deitaram as galinhas, criaram os pintos... E depois ele arranjou coisa para vender. Para vender... Onde é que ele havia de ir vender? Ia vender... Naquele tempo, já se sabia, iam parar aos ladrões. Foi lá a uma casa de ladrões.

– Bom, a gente fica aí... Fica aí hoje.

– Sim, senhora.

Ficaram com os pintos, não lhe pagaram.

– Olha, que raio... Então e agora? Olha, não me pagaram! Deixa estar que eu já lhes digo...

Ele agarrou, vestiu-se de mulher, arranjadinha, e foi lá perguntar se não precisavam de uma criada.

– Olha, vocês querem... Diz lá ao vosso chefe se precisa de uma criada para fazer as coisas aí.

– Fica aí.

Bem, lá ficou ele a fazer de criada. Mas foi na condição de ficar com as chaves todas das portas. Bom, lá de noite, o chefe foi-se deitar. Ele foi lá, ficou lá a arranjar as coisas. E chegou lá e disse para o outro:

– Olha que eu não sou criada, sou o moço dos frangos, ouvistes? E agora tens de pagar os frangos.

– Vá!

– Ui...

– Vá, para cá o dinheiro.

Estavam lá os sacos do dinheiro. Ele arrebanhou os sacos todos que estavam lá no quarto do chefe e pirou-se. Fechou a porta. Ele gritava, que estava tudo fechado.

E vai, ele vai-se embora, vai-se embora.

Foi-se embora. Ao outro dia, foi lá a eles... Ah! Ele deu-lhe uma grande surra!

Ao outro dia, diz ele para o irmão:

– Estás a ver? Vês?

– Então, olha, já estamos governados.

– Não, ainda há mais.

– Então, o que é que tu vais fazer?
 – Com este dinheiro vou comprar um cavalo e vou lá.
 Vestiu-se de doutor.
 – Eu vou lá.
 E assim foi. Vestiu-se de doutor, pôs o cavalo... Chegou lá... Lá pediu a ver se lhe ensinavam o caminho...
 – Então, o que é?
 – Sou o doutor.
 – Oi, o nosso chefe está aí muito mal. O outro ladrão deu aí um porradão, deu cabo dele. Olhe, venha cá ver...
 Lá esteve a ver.
 – Vou, sim senhor. Chame aí o pessoal todo que tem aí, que eu preciso deles.
 Ele lá chamou.
 – Olha, tu vais para tal parte, ele para tal parte, ele para tal parte...
 E passou as ventas àquela malta toda. Quando ele já viu que eles que iam longe:
 – Olha que isto não é o doutor, é o moço dos frangos. Passa para cá o resto do dinheiro! (risos)
 E assim conseguiu. Assim conseguiu levar o dinheiro todo dos ladrões.

Informante: Francisco Cabrita Anastácio, 85 anos, natural de S. Bartolomeu de Messines, Silves, Faro, trabalhador nos caminhos-de-ferro, 4.ª classe.

Recolha: num lar em S. Domingos de Rana, Cascais, em 2009.

Coletor: Ana Sofia Paiva (CD 1, 2011)

Classificação: ATU 1538

414

O SEGREDO DITO AO BURRO

Isso também era numa feira, que era o burro que ia cheio de louças nas albardas. E depois houve um indivíduo que disse se podia dizer um segredo ao burro.
 Perguntou ao dono:
 – Posso dizer um segredo ao seu burro?
 E ele pensava que ele estava a gozar com ele.
 – Vá, diga lá...

E então ele pôs-lhe uma beata pela orelha abaixo. O burro desatou aos pinotes, partiu a louça toda!

– Então, o que é que você foi dizer ao burro?
 – Fui-lhe dizer que o pai dele tinha morrido!

Informante: Délio Lopes de Paiva, 58 anos, natural do Beato, Lisboa, professor do ensino secundário, pós-graduação.

Recolha: no concelho do Seixal, Setúbal, a 19 de Abril de 2011.

Coletor: Ana Sofia Paiva (CD 2, 2011)

Classificação: Jason 1538*A

415

O POPULAR E O BURRO

Um dia, um vendedor ambulante, que andava com dois burros a vender loiças de barro aí por esses montes, cruzou-se com um homem do povo, um popular, que lhe pediu autorização para dizer um segredo ao burro. E o vendedor disse-lhe:

– Ó parente, não diga um, diga logo dois ou três...

O popular aproximou-se do burro e, a fingir que lhe ia dizer um segredo, deitou-lhe para dentro da orelha um cigarro a arder. O burro, aflito, pregou dois ou três saltos e partiu aquela loiça toda. O vendedor perguntou-lhe assim:

– O que é que você disse ao meu burro?

– Olhe, disse-lhe que o pai dele tinha morrido.

Aí o vendedor disse-lhe:

– Então não diga nada ao outro, porque eles são irmãos.

Informante: Cristóvão Custódio, 18 anos, natural de Portimão, estudante universitário.

Recolha: em Martinlongo, Alcoutim, Faro, a 20 de Outubro de 2006.

Coletor: Cristóvão Manuel Pedro Custódio (cassete n.º 1/ face A)

Classificação: Jason 1538*A

416

O ALENTEJANO E O LISBOETA

Vai um alentejano no meio dos cerros com dois burros carregados de loiça, que vai para o mercado para vender. Entretanto andava ali um lisboeta, todo foito a ver as paisagens, quando vê o alentejano. E disse:

– Ora, é mesmo este, que eu vou já aqui meter-me com ele!

Chegou ao pé do alentejano e disse:

– Bom dia, amigo. Olhe, eu venho de Lisboa e venho de propósito para dar um recado ao seu burro.

– Ó mê burro? Ma que disparate! Então alguma vez o burro entende? Os animais na falam... – Disse o alentejano.

– Falam, falam sim senhor! Você é que ainda não se apercebeu.

O outro, que era ventríloquo, vai e diz isto:

– Bom dia, ovelhinhas.

– Bom diiiiaa. – Dizem as ovelhinhas.

– Ai, as maganas, que sabem tantos segredos meus. – Pensa o alentejano.

– Então diga lá rápido o que é que quer dizer ao mê burro. – Diz o alentejano.

Chegou ao pé da orelha do burro e meteu-lhe a beata do cigarro que estava a fumar na orelha. E o burro começou aos pinotes, partiu-lhe a loiça toda.

O alentejano, com as mãos na cabeça, diz:

– Aiii mê Deus! O que é que você disse ao mê burro?

– Eu, nada! Só lhe disse que o pai morreu!

– Ai, cale-se, que o que vem atrás é o irmão.

Informante: Maria Adelaide Claudino Maia, 52 anos, natural de Manta Rota, V.R.S.A., Faro, 5.º ano.

Recolha: em Manta Rota, V.R.S.A., Faro, a 7/1/2010.

Coletor: Nuno João Gonçalves de Jesus

Classificação: Jason 1538*A

417

A PORCA

Era uma velha que estava morando num monte, e muito velha já, de idade... (Agora já não se chama velha, chama-se idosa.) E então, tinha uma porca na pocilga, para matar, como toda a gente e tinha um carro e uma mula. E então, chega um cidadão (que agora chama-se vigarista), lá ao monte, e a velhota viu que ele estava lá ao pé da pocilga falando com a porca:

– Então prima, estás boa?

Diz ela assim... Estava lá em casa, ouviu e veio:

– O que é que o senhor faz ao pé da minha porca?

Diz ele assim:

– Ó minha senhora... (Naquele tempo tratavam com delicadeza que era para ter coiso. E então...) – Venho convidar a minha prima para o meu casamento. Quero que ela seja madrinha do meu casamento.

Diz ela muito contente:

– Ah, a minha porca? O senhor é primo da minha porca? Ai, sim senhor! Eu deixo a minha porca ir ser madrinha do seu casamento. Tenho ali o meu enxoval todo do meu casamento.

E ela foi buscar o enxoval, vestiu a porca e ainda arranjou o carro e a mula. Arranjou um banco para pôr a porca em cima para ir sentadinha com o vestido de noiva.

Depois põe-se ela:

– Ai, adeus minha linda, adeus! Que alegria! Vais ser madrinha do casamento do teu primo. Adeus, até á vista!

E lá foi, o burlão, o vigarista, com a porca.

Chegou o marido:

– Ai, marido, tenho uma novidade para te contar. Então, veio aqui o primo da nossa porca e levou-a. Olha, vesti-lhe o meu vestido de noiva, pus-lhe o meu cordão, pus-lhe as minhas argolas grandes, pus-lhe as minhas pulseiras de ouro... Ai, ela ia tão bonita, parecia que era a noiva!

Diz logo ele assim:

– Ah, mulher de um cabrão! Então não me deixa roubar a porca? Vamos lá à pergunta dela!

Diz ela assim:

– Ah, então tu vais por aí e eu vou por aqui!

Abalaram os dois à pergunta da porca. E então, chegou lá mais adiante, o homem já ia quase avistando a porca, mas não chegou a avistar.

Mas ela:

– Ó marido, ó marido! Anda cá marido, anda cá marido!

Diz ele:

– Já ela achou o homem... Eu vou lá ver...

Quando ele chega ao pé dela, diz ela logo assim:

– Ai, marido, olha lá a gracinha do canito: onde cagou não se picou em cima do tojeiro.

Diz ele logo assim:

– Ó mulher dum cabrão, quantas vezes me deixou levar a porca... Já não sou capaz de a encontrar...

Informante: Amélia Amores Maria, 69 anos, reformada, 1.ª classe.

Recolha: em Patã de Baixo, Albufeira, Faro, a 25 de Novembro de 2007.

Coletor: Andreia Pacheco e Rita Martins (faixa 18 / 12'52)

Classificação: ATU 1540A*

418

A HISTÓRIA DA MARRÃ

Era um casal velhote que morava numa aldeia. E tinham fama de ter muito ouro. E depois, uns ladrões que pensaram? De lhes roubar o ouro.

Foram lá pedir uma marrã para ir a servir de madrinha. A mulher era assim meia simplória, meia *coiso*, e então tirou-lhe a marrã para ir servir de madrinha. Deu-lhe o coiso de a marrã ir a servir de madrinha.

Depois diz a senhora:

– Ai, mas se a marrã vai a servir de madrinha tem que ir assim bem composta.

– Então e se lhe puséssemos um cordãozinho de ouro ao pescoço?

– Ai, eu tenho ali, eu tenho ali.

– Então e se lhe puséssemos um fio?

– Ai, eu tenho ali.

– Então e a tia Maria não tem umas correntes de ouro?

– Ai, eu tenho, tenho ali.

Ora, todo o ouro que tinha pôs na marrã, para ir a servir de madrinha. Quando chegou o homem, quando chegou o marido:

– Ai, ó homem, sabes uma coisa? A nossa marrã foi a servir de madrinha.

– Então?

– Ai, se tu visses, ia tão bonita... Pus-lhe as tuas correntes, pus-lhe o meu cordão, pus-lhe o meu fio, pus-lhe o ouro todo quanto tínhamos. Ai, a marrã parecia tão bonita...

– Ai, mulher do diabo! Isso foi ladrões para te roubarem o ouro todo. Ó mulher, corre aí por esse caminho que eu corro por este: vamos a ver se os encontramos para lhe tirarmos a marrã e o ouro. //

Lá seguiram. Ele levava um cãozinho com eles, quer dizer uma cadelinha foi com eles. Chegou lá adiante e ela assim:

– Ó homem! Ó homem! Ó homem!

E ele dizia-lhe assim, lá do outro caminho:

– Está aí a marrã?

– Não. Anda cá num instante, anda cá num instante!

– Mas está aí a marrã?

– Não, anda cá!

– Ai, se visses a nossa cadela aqui a mijar num canteirinho...

– Ah, mulher do diabo! Mulher do diabo que é só a entreter. Corre mas é para ver se encontras a marrã!

Lá continuaram os dois. Chega lá adiante:

– Ó homem! Ó homem! Ó homem! Anda cá num instante, anda cá num instante!

– Está aí a marrã?

– Não. Anda cá num instante!

Lá foi.

– Ai, homem se tu visses, está aqui um cagalhãozinho parece um chouricinho.

Assim levamo-lo?

– Tu és maluca, mulher, tu és maluca!

Mas ela lá apanhou o cagalhão e levou-o.

Ele continua:

– Ai, mulher do diabo, mulher do diabo! Que deixaste roubar o ouro todo e agora ainda me andas a entreter. Corre, mas é para ver se encontras a marrã.

Pronto, lá foram os dois outra vez.

Chegaram lá adiante, ela outra vez:

– Ó homem, anda cá num instante! Ó homem, anda cá num instante!

E ele:

– Está aí a marrã?

– Não, mas anda cá num instante. Ai, ó homem, olha lá: estas caganitinhas parecem que são umas azeitoninhas.

Apanhou, encheu os bolsos de caganita de ovelha ou de cabra.

E vai o homem:

– Ai mulher que tu és maluca, tu és maluca.

Lá seguirem. Ora, às tantas, fez-se de noite de todo e a marrã nunca aparecia. E não apareceu, pois. Diz ele:

– Ó mulher do diabo, o que é que fazemos agora, aqui de noite no meio deste campo de Cristo não há aqui ninguém? Se os ladrões dão para aqui com a gente ainda nos matam.

– Ai, homem, não! Eu levo esta cancela homem, eu levo esta cancela, fazemos um lume e escondemo-nos ali no meio da mata.

Agarrou numa cancela velha que para ali estava e levou a cancela. Quando foi lá para as tantas da noite, lá estavam escondidos e começam a ouvir falar, a ouvir falar.

E faz assim:

– Mulher do diabo! Sobe pela árvore acima que vêm aí os ladrões. Sobre para aí.

E ela subiu:

– Ai, mas eu levo a cancela, porque eles, a cancela é que não me levam, porque eu quero fazer lume.

Lá levou a cancela lá para cima da árvore e subiu para cima da árvore. E o homem subiu atrás dela. Para cima da árvore subiram os dois, lá para cima da árvore. Os ladrões chegaram lá debaixo da árvore, estenderam um pano que traziam e puseram-se a contar o ouro e o dinheiro, a contar aquilo tudo.

E faz assim:

– Ai, já temos tanto dinheiro... É só pena não termos que comer. Nós temos aqui pão... Se tivéssemos umas azeitoninhas. Comíamos este pão com umas azeitoninhas.

Ela *zumba*, as caganitas lá para baixo. Faz ele assim:

– Ai, é por Deus, tudo é por Deus! Olha lá, estão aqui a cair azeitonas.

E ela lá muito caladinha em cima.

– Ai, agora fazia falta era aqui um chouricinho.

E ela, *zumba*, com o bulhão lá para baixo. (risos)

– Ai, é por Deus, é tudo por Deus! Agora o que fazia falta aqui era um lumezinho para nos aquecermos. E olha, já comíamos aqui. O que fazia falta era um lumezinho.

E ela acende a cancela, lá em cima, deita-lhes a cancela a arder cá para baixo.

– Ai, isto já é por o diabo, isto já é fogo! Isto é por o diabo, é por o diabo!

E vá de fugirem. E eles desceram da árvore a apanhar o ouro, onde havia uma tesourinha de ouro. (Mesmo ouro, já não era só o dela, já era muito ouro.)

Naquilo, fugiram, mas depois deram que pensar e faz assim:

– Ai, então mas agora o que é isto? Isto é coisa por o diabo. Então e se nos roubam o nosso ouro?

E faz assim um mais atrevido, mais coiso, com menos medo:

– Ai, eu vou a ver do nosso ouro, eu vou para trás, vou ver do ouro.

Chegou lá e encontrou-os lá a eles a apanhar o ouro.

– Ai, eu quero o ouro, eu quero o ouro!

– Então só lhe dou o ouro se me mostrar a língua. Se me mostrar a língua eu dou-lhe o ouro.

O outro mostrou-lhe a língua. Foi ela, com a tesoura, *zumba*! Cortou-lhe a ponta da língua. Ora, o outro queria chamar os outros... (Ai, e eles disseram: “Se te vires para lá apertado, brada pela gente que nós vamos, nós acudimos.”) Mas ela cortou-lhe a ponta da língua. Ele queria falar, mas não era capaz, era só brrrábrrrá... Ora, e eles, quanto mais ouviam aquilo mas fugiam. Ficaram lá eles com o ouro todo.

E depois diz ela para o marido:

– Vês? Eu é que sou a parva, mas tenho eu o meu e tenho eu de muito mais. Só o que não apanhei foi a marrã.

Nunca mais a viu. Depois de lhe tirarem o ouro, deitaram-na para fora, não é? Queriam lá a marrã... para nada. Eles só queriam a marrã para lhes *pintarem* o ouro.

E pronto, é o conto acabado.

Informante: Joana Duarte Carrilho Gaspar, 75 anos, natural de Marvão, Portalegre, reformada, analfabeta.

Recolha: em Barretos, Marvão, Portalegre, a 18 de Novembro de 2017.

Coletor: Joana Alegria (faixa n.º 32)

Classificação: ATU 1540A* + ATU 1653

419

[O PORCO PARA O SR. MAIO]

Era uma vez um homem e uma mulher. O homem tinha matado um porco para o dia 1 de Maio.

– Maria, vai levar este porco para o armazém que é para o primeiro de Maio.

A Maria, percebeu que era para o Sr. Maio.

A Maria procurou, procurou... Chegou a um homem e perguntou:

– Você é que é o Sr. Maio?

– Não.

Perguntou-lhe a outro:

– Você é que é o Sr. Maio?

Chegou noutro:

– Você é que é o Sr. Maio?

– Sim!

Depois, a Maria deu o porco ao homem e o homem fugiu. Depois a Maria foi para casa.

Depois, no dia 1 de Maio, o homem foi procurar o porco no armazém: não estava!

Perguntou:

– Ó Maria, onde é que está o porco?

– Então, dei ao Sr. Maio!

– Ó sua besta, não era para o Sr. Maio, era para o dia 1 de Maio!

Informante: Vanessa, 8 anos, 4.º ano.

Recolha: em Vale Judeu, Loulé, Faro, a 14 de Novembro de 2005.

Coletor: Sandra Madeira (cassete 1 / face A)

Classificação: ATU 1541

420

O PEDRO E O GIGANTE

O gigante queria arranjar um empregado. E depois, foi à aldeia à procura de empregados, mas não queria Pedros, queria outro que se chamasse outro nome.

Depois chegou lá, viu um rapazinho e diz-lhe:

– Eh pá, tu queres ir trabalhar para mim?

– Quero sim, senhor!

– Como é que tu te chamas?

– Sou Pedro!

– Pedro não.

O gigante abalou, e o rapazinho deu uma volta, vestiu a roupa ao contrário, deu uma volta saiu lá à frente outra vez. E o gigante já não o conhecia. Diz-lhe assim:

– Olha lá, tu queres ir trabalhar para mim?

– Quero sim, senhor!

– Então como é que tu te chamas?

– Sou Pedro!

– Não, não.

– Ah, mas quanto mais para a frente for, mais Pedros encontra!

– Então levo-te já. //

Foi, levou-o. Chegou lá:

– Olha, vais guardar as cabras. Andas além com as cabras e à noite vens com elas para o curral.

– Está bem.

O Pedro andava lá com as cabras de dia. À noite, vinha com elas para o curral. Chegava ao curral, o gigante aparecia lá. O Pedro tinha que ir à água, ao poço.

– Ó Pedro, tens que ir buscar o barril de água lá ao poço!

O barril era muito grande, o Pedro não podia com o barril.

Depois o que é que o Pedro fazia:

– Ai, eu não posso com o barril. Espera aí! Tenho que arranjar uma maneira para o gigante levar o barril!

Levava uma enxada e andava a sachar à volta do poço, para arrancar o poço.

O gigante foi lá ver:

– Então, Pedro, nunca mais daí vens?

– Eu levo já o poço!

– Não, deixa, deixa!

O gigante foi lá e trouxe o barril. E o Pedro atrás do gigante. O Pedro vinha atrás, que não podia com o barril.

Chegou cá. No outro dia, soltou as cabras de manhã, foi guardar as cabras outra vez. À noite, quando chegou, o gigante estava lá:

– Ó Pedro, temos que ir ao pinhal, amanhã para o lume! Olha, vais lá ao pinhal e trazes aquele pinheiro que lá está derrubado.

Oh, o Pedro chegou lá, não podia com o pinheiro. Começou a andar com uma corda a cercar o pinhal. O gigante já lhe tardava, o Pedro não aparecia, diz assim:

– Eh, tenho que ir ver o que é que ele anda a fazer!

Foi lá:

– Então, Pedro, quando é que trazes o pinheiro?

– Ah, a gente leva estes todos já!

– Não, não...

O gigante chegou lá, pegou no pinheiro. Mas já tinha dado ali uma machadada: caiu o ramo do pinheiro ali, quase metade do pinheiro, para o chão.

– Vá Pedro, traz esse ramito!

O Pedro põe o ramito às costas. Vinha à rasca, aquilo era muito pesado. O Pedro vinha assim a cambalear. E o gigante diz-lhe assim:

– Então, Pedro, vens à rasca?

– Não, venho-me a lembrar das peças de fandango lá da minha terra!

O gigante, agarrou no resto do pinheiro, trouxe, fizeram o lume. //

No outro dia, o gigante viu que não fazia nada dele, que ele o enganava sempre. Começou a dizer ao Pedro:

– Ó Pedro, se calhar, o melhor és tu agarrares na roupazinha e vais-te embora, que eu tenho que arranjar outro empregado.

– Está bem! Então temos que ir a contas. Eu tenho direito a cabras.

– Então vais lá e escolhes as tuas.

– Então olhe, as minhas são aquelas todas que tiverem um burquinho debaixo do rabo.

O Pedro chegou lá no outro dia de manhã. As cabras todas tinham um burquinho debaixo do rabo, levou-as todas. O gigante diz assim:

– Deixa lá ver que cabras é que ele lá deixou.

– Foi lá, não estava lá cabra nenhuma. E disse:

– Ai, aquele filho da mãe... Então ele levou as cabras todas? Ah, tenho que ir à procura dele! //

Abalou à procura do Pedro. Quando ia lá à frente, avistou as cabras que iam pela estrada, já longe, lá... O Pedro já as levava. Avistou-as, disse assim:

– Tenho que ir lá ter com elas.

Foi, cercou as cabras. O Pedro, assim que viu o gigante, começou com medo.

Andava lá uma águia lá no ar. O Pedro começou a andar a correr de um lado para o outro, a fugir e a esconder-se. O gigante diz-lhe assim:

– Então, Pedro, o que é que andas a fazer?

– Oh, veio-me aqui um gajo queria-me roubar as cabras... Preguei-lhe um pontapé, anda lá em cima... Não o vês lá em cima? Anda a dizer que me há-de cair em cima e eu ando a fugir para ele não me cair em cima.

O gigante viu aquilo lá em cima, julgou: "Eh, ele faz-me o mesmo a mim!"

Abalou, teve medo, fugiu, pronto: deixou o Pedro abalar com as cabras. Acabou-se.

Informante: Germano, 65 anos, natural de Avis, Portalegre, motorista.

Recolha: em Alverca, Vila Franca de Xira, Lisboa, a 14/10/2007.

Coletor: Andreia Cabecinhas (faixa n.º 12)

Classificação: Car-Co 1541*B + ATU 1049 + ATU 1036 + ATU 1063

421

O CRIADO PEDRO

Um homem veio à vila, e então, procurar um moiral para os porcos. Então, andava de rua em rua.

Mas a mulher disse:

– Não tragas Pedros! Os Pedros, nem tê-los, nem vê-los, nem debaixo da cama escondê-los.

Bem, mas ele, coitado, correu a aldeia toda e só havia era Pedros:

– Como é que tu te chamas?

– Pedro.

– Ah, mas a minha mulher não quer.

Depois lá para diante:

– Não tenho mais remédio que é levá-lo.

– Queres ir embora?

– Ah, vou!

Pedro lá foi. Assim que chegou lá à casa, a mulher:

– Então, trazes o rapazinho? Parece ser tão simpático... Então, mas como é que ele se chama?

– Pedro!

– Ai, homem. Eu não te disse que não trouxesses!

– Ah, mulher, deixa lá... //

Bem:
 – Olha, amanhã vais para além, assim, assim. Que é para ires a guardar os porcos.
 – Ah, está bem.
 Bem, ele foi. Foi, havia lá um grande lameiro. Mas antes de chegar ao lameiro, não foi para o lameiro.
 Apareceu lá um:
 – Olha, queres vender os porcos?
 – Vendo. Mas só os vendo numa condição.
 – Ah, qual é?
 – Dás-me as pontas das orelhas e o rabo.
 – Oh, está bem, vá!
 Vendeu-lhe os porcos, tirou-lhe as pontas das orelhas e o rabo.
 Foi ao lameiro, cortou-lhe o rabo e as pontas das orelhas.
 Veio ao monte:
 – Ai, patrão! Aconteceu uma grande desgraça!
 – O quê que foi, Pedro?
 – Deixei os porcos irem para o lameiro...
 – Então, mas eu não te disse logo?
 – E agora estão lá todos atolados. Quanto mais os puxo, mais eles vão para baixo. Só já estão com as orelhas e as pontas do rabo à mostra...
 – Então vamos lá a ver, a ver se a gente é capaz...
 Bem, ele chegou lá, puxa por o rabo de um, fica logo com ele na mão. //
 – Eh, eu não lhe disse, patrão? Assim não dá!
 – Então e agora?
 – Ah, agora só indo buscando as enxadas!
 – Ah, então está bem.
 Chegou lá ao monte, pensou assim: “Bem, agora...”
 Disse:
 – Olhe, o patrão diz que mande a carteira grande e a pequena.
 Diz a mulher:
 – O quê, a carteira?
 – Sim, senhor! Quer ver? Patrão! Não quer a grande e a pequena?
 – É, é! As duas. A grande e a pequena.
 Ah, a mulher ouviu aquilo, deu-lhe a carteira grande e a pequena.
 Ele meteu as carteiras assim no coiso, e foi-se embora, pirou-se.

Ah, o patrão esperou, esperou, não havia meio de aparecer. Foi à da mulher:
 – Então e o Pedro?
 – Então, o Pedro levou as duas carteiras, a grande e a pequena e foi ter contigo!
 – Ah, mulher d’um cabrão! Então tu deste-lhe a carteira?
 – Então tu não disseste que era a carteira?
 – Era a enxada!
 – Eu não te avisei logo, homem! //
 O homem, agarrou numa faca e foi atrás dele, a ver se o apanhava.
 Ia andando, e disse:
 – Então agora ele vem atrás de mim...
 Encontrou uma cabra morta, o que é que ele fez? Tirou as tripas da cabra meteu-as assim no blusão, ajeitou-as e lá ia ele. Chegou ali onde estavam umas pessoas lavando:
 – Eh, aí... Venho tão cansado, tão cansado... Eu não posso mais!
 E disse:
 – Então, não podes mais então porquê?
 – Eu não posso. Tenho que tirar as tripas para correr mais.
 – Então, mas tu estás parvo?
 – Emprésteme-me lá... Não tem aí uma faca?
 – Tenho.
 As mulheres que lá estavam lá emprestaram uma faca. Ele corta aqui assim a coisa. Conforme cortou-se, caiu as tripas no chão. Ficou tudo parvo.
 – Então, mas agora morres!
 – Ah, que morra, que não morra, agora vou mais leve!
 E desatou a correr. Ao fim de um bocado, aparece o patrão:
 – Olha lá, vocês não viram um moço assim-assim?
 – Olhe, passou sim senhor. Ainda não há muito tempo que esteve aqui. Olhe, deixou aí as tripas.
 – O quê?
 – Deixou aí as tripas.
 – Ah! Se deixou as tripas não vai muito longe.
 Lá abalou atrás dele outra vez. Ora, mas nunca mais o viu. Qual viu, pois se ele não tinha tirado as tripas... E assim foi, enganou-o.
 E depois, até que voltou para casa. E a mulher dizia:
 – Pedros? Nem vê-los, nem tê-los, nem debaixo da cama escondê-los!
 Nunca mais quis saber de Pedros.

Informante: Maria Guadalupe Mestre Valadas, 51 anos, natural de Mértola, Beja, doméstica, 6.º ano.

Recolha: em Corte-Sines, Mértola, Beja, a 1 de Novembro de 2008.

Coletor: Andreia Fragoso e Sandra Mestre (gravação / 1:32'24)

Classificação: Car-Co 1541*B + ATU 1004 + ATU 1563 + Car-Co 1088*A

422

A HISTÓRIA DO PEDRO

Foi um lavrador muito rico que foi à procura de um criado para guardar nos porcos. Quando abalou de casa, a mulher disse-lhe assim:

– Olha, arranja para aí um moço, mas eu não quero Pedros. Não quero Pedros.

– Diz ela.

– Está bem.

Abalou, foi ali por fora, sempre pelo caminho fora e encontrou um moço.

Diz ele assim:

– Então, rapaz, o que é que fazes por aí?

– Oh, ando por aí. Não tenho nada para fazer!

– Então, queres-te juntar comigo para guardar uns porcos? – Diz ele.

– Quero.

– Como é que te chamas?

– Chamo-me Pedro.

– Ah, és Pedro! Pedro não quero. A minha mulher não quer Pedros.

Abalou e foi-se embora.

O homem... o moço abalou, deu a volta à roda do cerro e foi-se pôr no caminho dele, outra vez. Foi lá. Foi, encontrou-o e [o homem] já não o conheceu.

Disse-lhe assim:

– Ó rapaz, então queres-te juntar comigo para guardar os porcos?

– Quero.

– Olha lá, então como é que te chamas?

– Chamo-me Pedro.

– Ó raio, é só Pedros! Eu não quero Pedros. Pedros, não quero!

Diz-lhe ele assim:

– Não serve de nada andar aí à pergunta, que aqui neste sítio só há Pedros. –

Disse-lhe o moço.

– Há agora só Pedros...

– Há sim senhora!

O homem foi-se embora e ele deu a volta outra vez, de roda de roda do outro cerro, e pôe-se na frente dele outra vez. Ele não o conhecia. Põe-se na frente dele outra vez e diz-lhe ele assim:

– Então, rapaz, que fazes por aí?

– Que faço por aí? Então...

– Queres-te juntar comigo e guardar nos porcos?

– Quero.

– Então, como é que te chamas?

– Eu chamo-me Pedro.

– Eh, raio! Então aqui só há Pedros?

– Pois, aqui o nome dos moços é tudo Pedro.

– Então, olha, já não vou correr mais. Então ficas tu comigo e vais comigo.

– Então, está bem.

Lá levou o Pedro para casa. Levou o Pedro para casa, foi lá e diz a mulher assim:

– Então, como é que se chama o moço?

– O moço chama-se Pedro. Pois não encontrei mais nomes nenhuns. Foi só Pedros!

– Eu não te disse que não queria Pedros? Bom, deixa lá homem. Pode ser que seja bom.

Depois, mandou-se guardar os porcos [risos]. Ele lá guardou os porcos. À noite vinha a casa e depois ela [a patroa] arranjava-lhe um lanche para ele levar... A merenda, chamava-se-lhe a merenda. Levava a merenda e depois à noite vinha. //

Um dia, diz ele [o patrão] assim:

– Olha, amanhã vais com os porcos à feira. Temos que vender os porcos. Alguns, não podemos ter todos. Vais com os porcos à feira.

– Está bem patrão. Vou com os porcos à feira.

Foi com os porcos à feira e nunca deu vendidos os porcos. O que é que ele faz? Havia um grande lamaçal no caminho... Ah, ele vendeu os porcos a um homem e disse-lhe assim:

– Eu vendo-lhe os porcos, mas numas condições. As condições é de ameçê matar os porcos e eu ficar com as orelhas e o rabo – disse o Pedro – eu ficar com as orelhas e o rabo.

– Ah, está bem. Pois que importância faz as orelhas nem o rabo!

O homem matou os porcos e entregou-lhe as orelhas e o rabo.

Ele vai lá a esse tal dito lamaçal que havia no caminho, espetou além uma orelha e outra e atrás um rabo, uma orelha, além outra e atrás um rabo.

Foi muito assarapantado:

– Olha, patrão, os porcos ficaram atolados além numa lama que há além, assim e assim... E ficaram além, atolados na lama.

Vai ele e diz assim:

– Então e não os dás desatolados?

– Não dou. Só se ameçê me for ajudar.

Ele [o patrão] foi. O homem diz assim:

– Então isto é uma coisa que se faz bem.

Joga as mãos além às duas orelhas, puxou e ele caiu de cu dentro da lama. Depois, jogou as mãos ao rabo e puxou. Vinha os rabos, mas não vinham os porcos!
//

– A gente não faz aqui nada... Não fazemos aqui nada sem uma ferramenta. Vai lá à tua patroa e diz-lhe a ela que mande a enxada grande. Está lá em tal lugar... Que mande a enxada grande, que é para ver se a gente desentala os porcos.

Ele foi fugindo, muito assarapantado, muito coiso. Foi à patroa e disse assim:

– Olhe, patroa, o patrão diz para ameçê mandar a carteira grande mais a pequena.

(Ah, era para ele mandar a enxada grande e a pequena. A enxada grande e a pequena. A grande era para o patrão e a pequena era para o empregado. Para ameçê mandar a enxada grande e a pequena.)

Mas ela não acreditou nele, não acreditou no moço. Foi lá ao cerro e bradou pelo homem:

– Então fulano – não sei como é que ele se chamava – é a grande ou a pequena?

– É a grande mais a pequena. – Disse-lhe o homem.

A mulher deu-lhe a carteira grande e a pequena. Ora o moço, assim que pegou na carteira, fugiu e foi-se embora. Nunca mais apareceu. Mais tarde, vem o patrão:

– Então o moço, com as enxadas?

– Então foi as enxadas que tu mandaste levar?

– Pois foi.

– Ah, filho do diabo! Ele disse que era... Eu não te disse? Ele disse-me que era a carteira grande e a pequena. Eu dei-lhe! Cuidava que era algum negócio que tu tinhas para lá.

– Olha... Ah, filho do diabo, que roubou a gente!

– Então, eu não te disse? Pedros nem vê-los, nem tê-los, mas é sempre bom na casa havê-los. Eu não te disse que não queria Pedros? Mas Pedros nem vê-los, nem tê-los, mas é sempre bom na casa havê-los!

E acabou-se a história.

Informante: Isabel Nogueira Mendes, 82 anos, natural do sítio da Quintã, Salir, Loulé, Faro, doméstica e trabalhadora rural reformada, 3.ª classe.

Recolha: na Quintã, Salir, Loulé, Faro, a 05/11/09.

Coletor: Rita Isabel Viegas Pereira (cassete n.º 1 / lados A e B)

Classificação: Car-Co 1541*B + ATU 1004 + ATU 1563

423

[O SOLDADO E A “HONRA” DA RAPARIGA]

Era uma vez uma rapariga que tinha um irmanito. E a mãe dizia que ela era um grande machote. E a mãe dizia assim:

– Ó filha anda devagarinho, não andes por cima dos valados, olha que tu deixas cair a honra.

E o que é que a mãe fez. Pôs o mocinho pequenino atrás dela. Que era o irmanito, para ela não andar por cima dos valados por causa que se caía, partia a mola real.

Ela, depois, foi a um poço buscar água e o moço pequeno foi atrás dela. Apareceu um soldado e perguntou a ela que jeito ela ir tão devagarinho.

– Pois eu vou devagarinho, que a minha mãe diz que eu cá se ir depressa deixo cair a honra e eu cá vou devagarinho.

– Olhe, pois eu sou doutor, a menina se quiser eu cá coso-a.

– Então como é?

– Então vamos cosê-la.

Deu então vinte cinco tostões ao moço pequeno para ir buscar um maço de cigarros e foi então ali para o pé do poço coser a rapariga. Mas o moço pequeno depressa veio, e diz ele assim:

– Olhe, a menina já está cosida. Podem-se ir embora.

Cada um foi para o seu lado. A moça lá foi cantando atrás da burra. Olá-ri-la-ri-la-la (cantado).

E a mãe garreou:

– Então filha, o que foi que eu te disse.

– Ó mãe, eu já estou boa. Encontrei ali o Senhor Doutor. Já me coseu. Disse que não me coseu melhor porque acabou-se a linha.

Diz o moço pequeno:

– É mentira mãe. Ele tinha dois novelos de linha e uma agulha que era isto. (o informante faz um manguito e ri-se).

Informante: Mário Inácio, 70 anos. Natural de Portimão, reformado.

Recolha: em Portimão, Faro, a 07 de Dezembro de 2005.

Coletor: Cátia Alexandra dos Reis Romão (cassete n.º 1/ Face B)

Classificação: ATU 1542**

424

SOPA DE PEDRA

Era numa altura em que numa aldeia as pessoas estavam a passar por um momento de extrema fome e não havia mesmo nada. E havia lá uma senhora viúva, sem ninguém, que, face a essa situação, não tendo mais nada, decidiu aquecer água. E como não tinha mesmo nada, colocou uma pedra com o objectivo de fazer uma sopa, porque ela não tinha realmente mais nada... Então aquilo que ela tinha, ela utilizou.

Só que ela pegou uma colher e experimentou e chegou à conclusão que a sopa não sabia a nada. Então foi na vizinha e perguntou:

– Olhe, estou a fazer uma sopa, mas aquela sopa não está a saber a nada. Por acaso tem alguma coisa que pudesse me dar para colocar na minha sopa?

– Olhe, não tenho nada, como sabe, também estou a passar por uma situação difícil, mas tenho aqui uma batata, uma ou duas, posso-lhe dar. Porque é a única coisa que tenho...

– Oh, sim, sim!

Então colocaram a batata. Cozeu, e ela experimentou outra vez a sopa e pensou:

– Esta sopa só sabe a batata.

Então ela foi a outro vizinho bateu à porta e disse:

– Olhe, eu estou a fazer ali uma sopa, a vizinha ali do lado já me deu umas batatinhas, porque a sopa não estava a saber a nada, porque só tinha água e pedra.

Agora já tem batatas. Mas ela continua a não saber quase a nada, afinal só tem batata. Não tem assim algo que pudesse dispensar para... pronto... me ajudar?

– Olhe, tenho ali uma nabiça, quer? Mas depois, tem que me deixar provar dessa sopa.

– Sim, sim claro!

Pronto, deu-lhe a nabiça e ela pôs na sopa. Continuou a fazer a sopa só que depois foi experimentar e disse:

– Não, esta sopa ainda não está completa!

Foi a outro vizinho e a mesma coisa.

– Não tem alguma coisa aí que possa me dispensar para eu pôr na minha sopa?

– Olhe, a única coisa que tenho aqui são umas cenouras. Mas pronto, depois tem que me ajudar a experimentar essa sopa.

– Sim, sim!

E pôs as cenouras. Cozeu e disse:

– Mas essa sopa ainda não sabe... ainda não está lá!

Então foi a outro vizinho ainda e a mesma história:

– Estou a fazer uma sopa, não tem nada que me possa dar para eu pôr na sopa?

– Acho que tenho ali umas cebolas.

– Sim, sim, obrigada!

E pronto, pôs as cebolas. Mas a sopa ainda não estava a saber a nada. Foi e assim sucessivamente foi acrescentando coisas. Até que chegou noutro vizinho:

– Olhe, não tem aí nada que me possa dar para eu pôr na sopa?

– Tenho aqui um bocado de carne.

E ela pôs. Ao fim de tudo a sopa já tinha cenoura, nabo, nabiças, cebola, já tinha carne, já tinha tantas coisas, já tinha alho francês, já tinha inúmeras coisas.

E ficou uma sopa muito rica. E todas as pessoas ali da aldeia contribuíram um bocadinho e assim, naquela noite, todos comeram bem porque contribuíram.

Informante: Catarina Gaspar, 21 anos. Estudante de política social. Reside em Odivelas. (encontrava-se de férias em São Brás de Alportel, distrito de Faro.)

Recolha: em São Brás de Alportel, Faro, a 19/12/2005.

Coletor: Miriã Pestana (cassete n.º 1 / lado B e cassete n.º 2 / lado A)

Classificação: ATU 1548

425

LENDA DO CALDO DE PEDRA

Naqueles tempos os frades viviam com dificuldades. E então, andava um frade num peditório, e chegou à porta do lavrador e fez um pedido para lhe darem de comer. O frade estava cheio de fome, mas o lavrador não lhe quis dar nada.

Então, em jeito de lamúria, o lavrador [frade] agarrou numa pedra, sacudiu a terra, puxou o olhar para ela e disse:

– Hum! Dá mesmo jeito para eu fazer um succulento caldo de pedra.

O pessoal pôs-se a rir: o lavrador e a família. E o frade continuou o seu monólogo e diz:

– Nunca comeram caldo de pedra? É de admirar! É uma das delícias que um dia hão-de provar.

E o lavrador disse:

– Sempre gostaria de ver isso.

– Então é fácil. Se me emprestassem aí uma panelinha...

E o lavrador foi buscar a panelinha. [O frade] Encheu-a de água, meteu a pedra dentro, meteu junto ao lume e diz-lhe:

– Se houvesse uma pitada de sal...

E o lavrador foi-lhe dar a pitada de sal, que ele pôs na água.

– Então isso agora ficava mesmo saboroso se houvesse aqui um bocadinho de uma gordura.

Então o lavrador foi buscar um pouco de gordura, de banha, e ele pôs junto do caldo e provou.

– Hum! Está mesmo bom! Mas se houvesse aí umas couves...

O lavrador foi buscar as couves, ele lavou as couves, cortou as couves, ripou-as para dentro da panela. E o frade provou.

– Delicioso! Mas com um pouco de chouriço, ficava mesmo a matar.

E então foram buscar o chouriço e ele meteu-o dentro da panela.

Depois de tudo isto, acabou por fazer a dita sopa que o lavrador lhe recusou.

O frade sentou-se e comeu a sopa toda enquanto o lavrador observava. No fim agarrou na pedra e leva a pedra consigo. E diz-lhe o lavrador:

– Ó senhor Frade, então a pedra?

– Ai, desculpe, a pedra tenho que a levar comigo para a próxima vez.

E assim comeu bem onde não lhe queriam dar nada.

Informante: Ana Maria Bragança Costa, professora de português.

Recolha: em Nisa, Portalegre, a 16 de Novembro de 2006.

Coletor: Samira Mendes Tavares (REC 37)

Classificação: ATU 1548

426

LENDA SOBRE A SOPA DE PEDRA

Conta-se que um frade, perto de Almeirim, andando de porta em porta a pedir para matar a fome, foi à porta de um lavrador avarento e disse-lhe se não lhe dava uma esmola. O lavrador hesitou e disse que não tinha, mas o frade, com a sua imaginação, disse-lhe que gostaria de fazer uma sopa de pedra. O lavrador ficou curioso de saber como seria essa sopa. Então o frade pediu uma panela de barro e foi procurar uma pedra, onde escolheu uma pedra lisa que colocou no fundo da panela. Entretanto aproximou-se a esposa do lavrador, que ficava atenta àquilo que o frade fazia. O frade pediu um bocadinho de unto para pôr na panela, água... Mais tarde pediu umas batatinhas, depois pediu um bocadinho de couve, um bocadinho de arroz... E passado algum tempo, quando aquilo tudo ficou cozido e começou a cheirar muito bem, o frade disse:

– Olha, tem o cheiro agradável. A sopa já está pronta!

Entretanto, repartiu por três tigelinhas, onde uma provou o frade, outra foi para o lavrador e a última para a sua esposa. Todos ficaram muito contentes porque estava muito saborosa a sopa. Entretanto perguntaram-lhe:

– Então e onde está a pedra?

– A pedra está aqui no fundo, que é para eu levá-la comigo, para amanhã e nos outros dias fazer novamente sopa de pedra.

Informante: Maria da Gloria Sousa, 70 anos, natural de Castro Marim, professora reformada, licenciatura.

Recolha: em Faro, a 8 de Janeiro de 2010.

Coletor: Ekaterina Komleva

Classificação: ATU 1548

427

SOPA DE PEDRA

Um frade, que andava a pedir esmola de porta em porta, quando foi a uma casa não lhe deram nada. E ele, um bocado também zangado, sentou-se no chão e disse:

– Vou ver se consigo fazer um caldinho de pedra!

E as pessoas ficaram a olhar para ele:

– Um caldinho de pedra?

– Sim, um caldinho de pedra! Nunca comeram um caldo de pedra? É uma maravilha!

– Ah! Gostávamos de ver isso! Gostávamos de ver como é que se faz um caldinho de pedra!

Não foi outra coisa que ele quisesse ouvir! Lavou a pedra, e no fim de lavar a pedra, disse:

– Se vocês me emprestassem uma panelita, só para eu meter lá a pedra dentro... Porque senão é difícil!

Eles foram buscar uma panela de barro. O frade pôs-lhe água dentro, pôs-lhe a pedra e depois disse:

– Ah, se me deixassem por a panelita aí ao pé das brasas... Assim conseguia fazer o caldinho de pedra, ficava melhor!

E eles deixaram, curiosos como estavam para ver o que saía dali daquela panela.

A água começou a aquecer e o frade disse:

– Se vocês tivessem um bocadinho de banha para eu pôr dentro da panela...

Lá deram o bocadinho de banha ao frade.

A água ferveu, ferveu, ferveu... E as pessoas estavam todas à espera, para ver o que é que saía dali.

O frade provou o caldo e disse:

– Hum... está um bocadinho insonso! Se tivessem uma pedrinha de sal...

E, claro, a senhora foi buscar a pedrinha de sal e ele pôs dentro da água. E disse:

– Aqui só faltava mesmo era um bocadinho de couve!

– Ó mulher – disse o senhor da casa – vai lá buscar a couve para o frade, que eu estou curioso para ver o que é que vai sair daqui, deste caldo com pedra!

Deram-lhe a couve. Ele lavou-a, ripou-a, meteu a couve lá dentro. E depois, quando aquilo começou a ferver, ele disse:

– Um bocadinho de chouriço aí dentro, bom, ficava que até os anjos a comiam!

E, claro, mais uma vez, os senhores curiosos, deram um bocadinho de chouriço.

Pôs o chouriço dentro da panela. Depois aquilo já estava mais que cozinhado: as couves cozidas e o chouriço também. Sentou-se ao pé da panela, tirou um pedaço de pão que tinha dentro do bolso e começou a preparar-se para começar a comer.

E o caldo cheirava bem e as pessoas estavam a comentar:

– Cheira bem, cheira bem!

Bom, o frade comeu, comeu aquilo tudo como um alarve, e no fim de comer ficou a pedra lá no fundo da panela. E as pessoas perguntaram:

– Então, senhor Frade, e a pedra? O que é que vai fazer com ela?

– Ah, a pedra? A pedra, vou lavá-la e levá-la comigo. Fica para a próxima!

Informante: José Aberto, 70 anos, natural de Beijós, Carregal do Sal, Viseu, reformado, 4.º ano.

Recolha: em Carregal do Sal, Viseu, a 26 de Dezembro de 2009.

Coletor: Ana Marlene Moura Abrantes

Classificação: ATU 1548

428

[A APOSTA DO BOCAGE]

Assim como uma também que era muito vulgar: não sei se você sabe como ele apostou com os amigos que chamava puta à rainha e cabrão ao rei. (Já vem do tempo dos meus pais). E então eles disseram:

– Tu não és capaz.

Então, à passagem do rei e da rainha, o que é que o Bocage faz? Ele mete uma coisa com água e mete uma mosca, e põe-se:

– Nada, puta!

Passou a rainha: “Nada, puta”, pronto, era para a rainha.

E depois pôs um escaravelho e punha-se:

– Nada, cabrão!

“Nada cabrão” era para o rei.

E pronto, ganhou a aposta.

Informante: Ilda Pirralho, 54 anos, natural de Moura, Beja.

Recolha: em Faro, a 3 de Janeiro de 2008.

Coletor: Andreia Semedo

Classificação: Hansen **1552

429

HISTÓRIAS DO BOCAGE

Da outra vez, apostou com outro como era capaz de chamar puta à rainha e corno ao rei. Os outros, tudo apostava com ele. O que pensou? Foi lá para a porta do palácio donde a rainha estava, que a rainha andava sempre por ali a passear pelo jardim. Foi para lá, arranjou um escaravelho e uma bacia de água. Arranjou um escaravelho e uma formiga. Pôs a formiga e o escaravelho na bacia da água.

Depois passou o rei:

- Que estás a fazer Bocage?
- Nada corno! – Com um pau à roda do escaravelho.
- Nada corno!

Veio a rainha:

- Ó Bocage, o que é que estás a fazer?
- Nada puta! – Com a formiga dentro da bacia da água.
- Nada puta!

E ganhou a aposta. Acabou por chamar os nomes ao rei e à rainha e acabou por ganhar a aposta.

Informante: Joana Duarte Carrilho Gaspar, 75 anos, natural de Marvão, Portalegre, reformada, analfabeta.

Recolha: em Barretos, Marvão, Portalegre, a 18 de Novembro de 2017.

Coletor: Joana Alegria (faixa n.º 31)

Classificação: Hansen **1552

430

[O BOCAGE NO CASAMENTO]

O Bocage tinha sido convidado para um casamento, mas ele como era um pobrezinho que não tinha nada, ele disse assim:

- Ora, eu vou ao casamento, não tenho roupa...

Houve uma rapariga que lhe comprou um fato. Depois, chegou lá à hora do copo de água, quando o vêem ele estar a enfiar coisas para as algibeiras: enfiava para uma e enfiava para outra.

Chegaram-lhe ao pé e disseram-lhe assim:

- Então o que é que estás a fazer, pá?
- Então, o fato é que foi convidado, não fui eu.

E então estava a encher as algibeiras de bolos e de tudo o que podia ser.

Informante: Isilda Maria Revés Guerreiro, 65 anos, natural da Cortinhola, Benafim, Loulé, Faro, 3.ª classe, reformada.

Recolha: na Cortinhola, Benafim, Loulé, Faro, a 16-11-2005.

Coletor: Carina Isabel Martins Anastácio (cassete n.º 4 / Face B)

Classificação: ATU 1558

431

O DESCALÇO DE FERREIRA DO ALENTEJO

Um lavrador [era] muito rico, mas muito porco e muito rasgado e andava sempre descalço. E então, um dia, perdeu a jaqueta (naquele tempo era umas jaquetas que vestiam). E então perdeu-a e foi e entrou num café ou numa venda. (Que naquele tempo não era um café, era uma venda, chamavam mesmo venda: para vender vinho para os homens). E então perguntou se tinham encontrado a jaqueta dele. Diz um assim:

- Aaaaah!! Eu encontrei-a além em tal parte, na estrada tal. Uma jaqueta toda rasgada. Dei-lhe um pontapé para a beira da estrada. (E o apelido dele era o Descalço).

Lá abalou o Descalço, foi buscar a jaqueta. Voltou ao mesmo lugar e quando voltou ao mesmo lugar, voltou-se para esse gajo e disse assim:

- Opá! Tu achavas que esta jaqueta não prestava, hein?! E não presta, mas para mim tem muito valor! Queres ver?

Meteu a mão na algibeira da jaqueta e tirou vinte contos. (Vinte contos, naquela altura, era muito dinheiro, vinte contos era muito dinheiro naquela altura...)

E então o que é que aconteceu? Ficou tudo de boca aberta!

Houve um leilão em tribunal para comprar uma fazenda, e o Descalço lá estava. Mas ao Descalço ninguém lhe deu cadeira, ele ficou de pé. Ficou de pé e o juiz punha os óculos nos olhos. E dizia ele:

- Está aí o leilão, está em tanto.

E ele dobrava sempre vinte escudos ou quarenta escudos. Dobrava sempre por cima. Tanto, tanto, tanto, dobrou tanto que por último disse assim:

– Eu dou cinquenta contos em cima mais desse dinheiro.

E o juiz, antes dele dizer isso, disse assim:

– O senhor cale-se! O senhor cale-se! – Quando ele prometia dinheiro. – O senhor cale-se! E então ele calava-se. Quando ele prometeu os cinquenta escudos, diz esse assim:

(Cinquenta contos era uma fazenda. Por mil contos já era muito dinheiro, quanto mais por dois mil... Ele tinha esse dinheiro, era o maior rico.) E então diz ele [o juiz] assim:

– Como é que o senhor se chama?

Diz ele assim:

– Eu sou o Descalço.

Diz logo, levantou a mão, o juiz, e disse:

– Dá aí uma cadeira ao senhor Descalço!

(Já não era: “O senhor cale-se!” era: “O senhor Descalço”).

Levantou a mão e disse para sentar. E ele, então, pegou-se nele e ia meter as mãos assim nos bolsos, que era onde ele levava o dinheiro que ali não havia bancos. Meteu as mãos nos bolsos e disse assim:

– Assenta meu dinheiro, que o meu corpo não tem valor!

E sentou-se.

Informante: Amélia Amores Maria, 69 anos, reformada, 1.ª classe.

Recolha: em Patã de Baixo, Albufeira, Faro, a 25 de Novembro de 2007.

Coletor: Andreia Pacheco e Rita Martins (faixa 36)

Classificação: ATU 1558

432

BOCAGE E A SOPA DE FEIJÃO

Era uma vez o Bocage. Foi a um hotel e pediu o jantar. Trouxeram-lhe um prato de sopa, mas a sopa era muito rala. E havia um feijanito à de bóia. Ele despiu o casaco, despiu as calças, despiu a camisa e já ia a despir as cuecas, diz-lhe assim uma senhora:

– Ó Bocage, que vais fazer?

– Ó minha senhora, vou salvar este desgraçado. Senão, agora mesmo, morre afogado. – Que era o feijão.

Informante: Maria Fernanda Bonança Saloio, 75 anos, natural de Castro Marim, reformada, analfabeta.

Recolha: em Castro Marim, Faro, a 21 de Outubro de 2006.

Coletor: Lílina Nunes

Classificação: ATU 1562F*

433

O CEGO E O MOÇO

Estavam um cego e um rapaz que andavam a pedir esmola. Chegaram a uma casa e a pessoa que estava lá nessa casa deu-lhes pão e chouriço. O rapaz recebe o pão e o chouriço e só dá pão ao cego. O cego vira-se e diz:

– Então só pão? E o chouriço? Está-me a cheirar a chouriço!

E ele:

– Chouriço? Não, não! Não há aqui chouriço nenhum.

Ele depois percebeu que estava ali chouriço, porque tinha cheirado, e mandou um chapadão.

Mais tarde, eles iam a passar no campo, e o rapaz disse assim para o cego:

– Salta, que estão troncos nas árvores e no chão!

Ele saltou e bateu com a cabeça num sobreiro, que estava em cima.

E o cego, chateado, diz assim:

– Ó rapaz do Diabo, que te racho!

E o outro disse assim:

– Pois cheira-lhe a pão e a chouriça, e não lhe cheira a sobreiro e a cortiça?

Informante: Diogo Sousa, 17 anos, natural de Lagoa, Faro, estudante, 11.º ano.

Recolha: em Porches, Lagoa, Faro, a 19/10/07.

Coletor: Tiago Santos (faixa n.º 21)

Classificação: ATU 1577**

434

PÃO COM LINGUIÇA

No tempo antigo havia muita pobreza e então as pessoas andavam a pedir esmola. Como um senhor era ceguinho, juntou-se com outro e andavam a pedir esmola, juntos. E depois dividiam as esmolas.

Um dia, foram a casa de uns senhores e pediram esmola. Eles deram-lhes um pão e uma linguiça. Aquele que não era cego, esperto, guardou a linguiça para ele e deu o pão ao outro para guardar no alforge. O outro, coitado, cheirava-lhe a linguiça...

Lá foram pela estrada fora. E ele dizia:

– Cheira-me o pão a linguiça!

De vez em quando, outra vez:

– Cheira-me o pão a linguiça!

O outro já estava chateado com aquilo, mas não dizia nada. Então, lá mais à frente, havia um sobreiro à beira da estrada. O outro, em vez de indicar ao companheiro para se desviar do sobreiro, não disse nada. O coitado foi lá bater. Bateu de frente contra o sobreiro e o outro, depois então, disse-lhe:

– Então, cheirava-te o pão a linguiça e não te cheira o sobreiro a cortiça? (risos)

Informante: Lénia Campos, 46 anos, natural de Cercal do Alentejo, Santiago do Cacém, Setúbal, 11.º ano.

Recolha: no Cercal do Alentejo, a 02/11/07.

Coletor: Micaela Campos (faixa n.º 19)

Classificação: ATU 1577**

435

O BARRIL

Andava a caçar um caçador e depois tinha muita sede. Viu uma casinha lá, acolá, e foi lá pedir água. Chegou lá, era uma velhota. Pediu água à senhora que trouxe um barrilzinho desses de barro para ele beber. Ele tinha assim nojo de beber lá pelo barril, mas depois viu um buraquinho ali no barril.

– Oh, é mesmo por ali que vou beber, que a velha não bebe por aqui. Bem, foi beber por aquele buraquinho que estava no barril, chega a velhota:
– Olha, o senhor também gosta de beber por aí por onde eu bebo.

Informante: Maria Luísa Barroso, 83 anos.

Recolha: em Gasparões, Ferreira do Alentejo, Beja, a 22/12/2005.

Coletor: Ana Amaro (cassete n.º 1/ 2006)

Classificação: ATU 1578A*

436

[OS SOLDADOS]

Foram uns soldados que vieram refugiados da Angola, da tropa. E depois chegaram a uma casa onde estava só uma velhota, muito velhinha. E eles vinham cheios de fome e sede e pediram água à mulherzinha, mas tinham nojo dela, e então eles diziam:

– Ai, a gente tem nojo, mas a sede é tanta a gente temos que beber.

A mulher deu-lhes um pucarinho de barro, mas faltava-lhe um pedacinho. E eles pensaram assim:

– A gente bebe aqui por esta falta, que a mulher não bebe por aqui...

Mas depois deles beberem, a mulherzinha disse:

– Então vocês têm o mesmo coiso que eu tenho? É por aí que eu bebo sempre! Eles começaram a cuspir, a cuspir, mas já tinham bebido, já não fez mal nenhum.

Informante: Isilda Maria Revés Guerreiro, 65 anos, natural da Cortinhola, Benafim, Loulé, Faro, 3.ª classe, reformada.

Recolha: na Cortinhola, Benafim, Loulé, Faro, a 16-11-2005.

Coletor: Carina Isabel Martins Anastácio (cassete n.º4 / Face B)

Classificação: ATU 1578A*

437

[OS RAPAZES E A VELHA]

Uns rapazes foram passear para o campo e a certa altura, no campo, perderam-se e foram sempre andando até que encontraram uma casinha já muito velha. Bateram à porta e veio uma velhota muito suja e pediram guarida para passarem ali a noite porque estavam perdidos. E ela disse:

– Então aconcheguem-se.

De maneira que eles ali entraram, mas a certa altura eles estavam com fome e dizem assim:

– Mas o que é que a gente come? Não há nada aqui, a velha aqui não tem nada para a gente comer.

E foi um a dar com um bocado de toucinho, que estava dentro do buraco da chaminé, e diz assim:

– Olha, está aqui este bocado de toucinho.

Comeram o bocado de toucinho e depois disseram:

– Pois agora temos sede. Onde é que a gente vai beber? Olha, está aqui um balde com água. Por onde será que a velha bebe? Será por aqui? A gente bebe aqui pela asa.

Pois foi por ali que eles beberam.

No outro dia a velha:

– Então como passaram a noite?

– Olhe, a gente já tínhamos fome, mas andamos rabiscando e encontramos ali aquele bocado de toucinho e comemos.

– Ai, aquilo, pois, é onde eu esfrego as *almerródias*...

– Depois tínhamos sede e tivemos bebendo aqui pelo balde.

– Então e por que lado é que vocês beberam?

– Olhe, a gente bebeu aqui pelo lado da asa.

– Pois é por onde eu costumo também beber.

Tinham nojo da velha, mas acabaram mesmo por comer o toucinho das *almerródias*.

Informante: Maria Natália Pereira Guerreiro, 78 anos, natural da Manta Rota, VRSA, Faro, reformada.

Recolha: em Manta Rota, a 11 de Dezembro de 2010.

438

[OS ENGENHEIROS COM FOME]

Era uma vez uns engenheiros que andavam tirando experiências para ver se sabiam como é que corria o tempo: quando é que chove e quando é que faz sol e isso tudo. Bom, nesse tempo, só havia caminhos de terra e não tinham transporte. Então, tinham de ir a pé. Bom, o que é que acontece? Foram ficar a uma casa, era já de noite. Ficaram lá nessa casa e estavam só um homem e uma mulher. E tinham um burro e uma vaca. E a uma parte da casa dormia o burro e a vaca e a outra parte da casa tinham eles para eles morarem. E tinham um palheiro ao pé de onde dormiam, onde tinham a comida para os bichos e para eles. Os engenheiros chegaram lá e disseram:

– Ó minha senhora, podemos pernoitar aqui esta noite?

– Sim senhora, pode ficar. Aqui há campo para todos.

– Está bem, então a gente vai ficar. Olhe, o que a gente traz é muita fome.

– Sim senhora. Aqui sempre temos arranjado qualquer coisinha para se comer. Então o que é que a gente vai fazer para vocês fazerem esta noite? Umas sopinhas, refrescado à alentejana.

– Então está bem. A gente não conhece essa comida, mas se a senhora diz que se come, como a gente tem fome...

Ela vai, pôs uma água ao fogo, mete-lhe um alho, mete-lhe um pouco de azeite e depois foi a buscar o pão. O que é que ela faz? Partiu o pão com a boca, com os dentes. Quando vai a encher a tigela, ela diz:

– Já chegará?

– Sim, minha senhora, já chega.

Eles estavam cheios de fome. Tinham nojo da velha, mas não se importavam muito. Bom, foram a comer, só se lembravam era da boca da velha. Tinham nojo da velha e ficaram com muita fome.

Nessa noite, disseram:

– Então e agora para dormir?

– Para dormir? Ora, venham cá, venham cá. Estão a ver esta palhinha? Eu dou-lhes a cada um a sua mantinha e vocês dormem aí.

Bom, e a mulher tinha hemorróidas e todas as noites antes de se deitar, tinha de esfregar um bocado de toucinho no cu, por causa das hemorróidas. Depois, metia o toucinho num buraco, que tinha lá na casa onde é que morava. Eles estavam deitados os dois e tinham visto onde é que a velha tinha metido a carne. Não sabiam era que ela a tinha metido no cu. (risos)

Então, levantaram-se e disseram um para o outro.

– Mas então, a gente tem uma fome tão grande... Mas o que é que a gente comemos? Olha, olha, aqui está uma migalha de carne. Mesmo esta a gente come.

Foram além ao pão, que ela ainda tinha em cima da mesa, e vai de lá, partiram a carne ao meio e comeram cada um o seu pedacinho com o pão.

Ela levanta-se, vai outra vez à procura da carne para esfregar no cu. Depois, já não estava lá, eles tinham-na comido. Diz ela assim para o homem:

– Tu mexeste aqui na carne?

– Eu mexi lá na carne...

– Pois ela não está aqui! Mesmo que fim levou esta carne?

– Mas que carne é?

– É aquela que eu esfregava nas hemorróidas. (risos)

Eles disseram:

– Ai, mãe! Então a gente teve tanto nojo da boca e agora não temos nojo do cu? //

Bom, mas eles ainda ficaram outra noite, deram-se bem... (risos)

E a vaca e o burro, vá de sacudir as orelhas... “Mas o que é que o burro sacode as orelhas?”

– Ó minha senhora, porque é que o seu burrinho sacode as orelhas?

– É porque adivinha chuva. Não está três dias sem chover.

– Ó minha senhora, não me diga isso... Então como é que você sabe?

– Sei, porque o meu burro, quando abana as orelhas, não está três dias sem chover.

Diz um para o outro:

– O que é que a gente está aqui fazendo, se até os burros sabem mais que a gente...

Informante: Ilda Francisca, 67 anos, natural de Várzea, Alcoutim, Faro, doméstica, analfabeta.

Recolha: em Vale de Murta, Tavira, Faro, a 3 de Dezembro de 2006.

Coletor: Eva Paulino (CD n.º 2)

Classificação: ATU 1578A* + ATU 921C*

CONTO DAS BATATAS BURRIFÓ

Pensaram ir a Lisboa passear, que nunca lá tinham ido a Lisboa, e pensaram então:

– Nós somos já desta idade e temos ouvido que há tanta coisa...

– Pois vamos!

De maneira que foram, andaram lá o dia inteiro, daqui para ali, dali para aqui, a passear.

Mais tarde diz um assim:

– Isto é duas horas e a gente não come nada?

Temos de ir comer alguma coisa...

– Pois vamos!

Perguntaram nas hospedarias onde é que haviam de comer, pois não conheciam ali nada. Uma já não tinha comida, porque era já muito tarde – fez o comer para o meio-dia, para a uma, às duas já não tinha.

E dizem:

– Ora, fomos a uns poucos de lugares, não arranjamos nada.

Diz uma mulherzinha ali da rua:

– Aquela velhota, às vezes, faz, nas horas vagas, ou assim... Vão lá, que ela há-de ter alguma coisa.

Eles foram lá e perguntaram:

– Então a senhora faz comida? Tem por ai alguma coisa?

– É já tarde, mas ainda posso arranjar aí uma coisa para vocês comerem: uma açorda ou umas batatas de burrifó.

E diz assim:

– Então arranje umas batatas de burrifó, que eu não sei o que isso é.

Estavam ali sentados e tinha uma janelinha na cozinha. E um, que era mais esperto, foi ver a mulherzinha fazer as batatas. E o outro ficou sentado. Quando ele vê a velhota a despelar as batatas e a cortar. A por na boca e a mastigar e atirava, vá, para dentro da frigideira.

– Ai, mãe! Que nem que me matassem eu comia aquelas batatas.

Mas não disse nada ao outro. Sentou-se – já não comia, tinha nojo – mas não contou ao colega. O colega, como não soubesse, comeu o prato das batatas. Ele tinha nojo, já não comeu, diz ele assim:

– Então agora não come nada? Porque não come?

– Não gosto, não gosto disto. Come tudo, eu não gosto.

Foi rabiscar o armário da mulherzinha. Lá tinha, onde ela tinha, um pedacinho de toucinho gordo.

– Vê se eu hei-de achar aqui alguma coisa que coma com o pão.

Viu que havia lá um bocado de toucinho, trouxe-o para comer com o pão e comeu-o. Mais logo, a velhota vai lá dentro olhar o armário, mas não vê o toucinho. Diz ela:

– Ai, então quem é que comeu o bocado de toucinho que eu tinha aqui, onde eu untava o rabo das hemorróidas que eu tenho? – Sofria das hemorróidas. – Esse toucinho era para eu esfregar o rabo, que não podia obrar sem isso. Quem é que me o comeu, que ainda agora aqui estava?

Aí ele a cuspir, a vomitar por aquelas ruas... Ali, por ai fora, todo maldisposto a vomitar pela rua.

– Não quis comer as batatas, fui comer o toucinho com que ela untava o rabo, que ainda fiquei pior!

Informante: Maria Martins Gonçalves, 93 anos, natural da Picota, Parragil, Loulé, Faro, reformada.

Recolha: na Picota, Parragil, Loulé, Faro, a 3-1-2008.

Coletor: Sónia Rodrigues e Paula Cabral (cassete: n.º 7/ lado A)

Classificação: ATU 1578A*

440

O CAÇADOR E A VELHA

Um caçador, morto de fadiga e de sede, bate à porta dum casebre, de telha vã:
Truz-truz!

– Quem é? – Pergunta de lá de dentro uma voz fanhosa.

– Dava-me um copo de água, minha senhora? Estou cheio de sede.

Ouve-se um ruído metálico dum grande chave a rodar a fechadura, a porta abre-se cautelosamente, deixando entrever pela estreita abertura uma velhinha de aspecto esquelético e pálido, com o rosto rugoso, sarapintado de feios eczemas. A velhota era mesmo repelente de verdade.

O homenzinho ao deparar-se com aquele aspecto, verdadeira morte encavada num espeto, teve um momento de hesitação. Mas a sede afligia-o de tal modo que decidiu arriscar-se. E entrou. Sentia-se um fedor bafiento.

Intimamente, o visitante praguejava: “Raios me partam! Que pouca sorte a minha! Por que carga de água eu havia de vir aqui parar?” – Pensava o caçador, enquanto levava um lenço ao nariz, em jeito de quem se vai assoar.

– Olhe – sussurra a velha, interrompendo-lhe o pensamento – eu dava-lhe um copo, mas o último partiu-se já há muitos anos, de modo que terá de beber pela cantarinha.

– Não faz mal, minha senhora. – Disse o homem enjoado, cada vez a gostar menos da conversa. – Eu cá me desenrasco.

A um canto da casa, por debaixo da “cantareira” lá estava a cantarinha com um aspecto imundo e com o bocal partido. Nesse momento, porém, o infeliz homem teve uma ideia luminosa. Pensou: “E se eu bebesse pelo bocadinho partido? Com certeza que o diabo da velha não bebe por aí!”

Depois deste brilhante pensamento, bebeu confiantemente. Ouve-se então, no bafiento casebre, uma gargalhada senil:

– Hi! hi! hi! hi! Tem piada! Vê, o senhor também gosta de beber pelo “borcêlo”, por onde eu bebo...

Era o cúmulo. O homem deitou as mãos à garganta, num gesto quase instintivo, como se fosse ainda possível travar a água repugnante que bebeu. Entretanto, a velha continua a falar:

– Olhe, essa cantarinha aí, tem muita serventia:

Vou para a vila levo azeite,
Venho de lá, trago leite;
De dia como e bebo nela
E à noite cago e mijo para ela.

Ao ouvir toda esta lengalenga, o homem por pouco não vomitava as tripas.

Informante: Raquel Correia, 24 anos, natural de Évora, estudante.

Recolha: em Arraiolos, Évora, a 18 de Janeiro de 2010.

Coletor: Raquel Correia

Classificação: ATU 1578A*

441

O SOLDADO E A CANECA PARTIDA

Era um pai que tinha um filho e o filho pensou em ir correr mundo. Pegou num cavalo e foi-se embora. Então, ia lá muito cansado, entrou por uma floresta a dentro – ia muito cansado – e viu uma luzinha ao fundo. E, então, foi até lá.

Bateu à porta e a velhota veio abrir a porta. Era uma velha, já muito velhota, muito feia, toda muito cheia de rugas. E ele ia morto de sede e então ele pediu-lhe água. E a velhota vem, traz-lhe uma caneca com água. E ele viu que a caneca tinha um lado com um bocadinho de falta. E depois pensou: “Este bocadinho que falta, se calhar é por onde a velha não bebe”. E então foi ele beber por aí, que era para não pôr a boca dele onde a velha punha a boca dela.

E, então, ao beber, depois, entregou a caneca à velha. E a velha, olhou para ele e disse-lhe assim:

– Olha, sabias que tens os mesmos gostos que eu?

E ele disse-lhe assim:

– Não, porquê?

E depois a velha disse-lhe:

– Porque tu bebeste por o mesmo lado da caneca partida que eu.

Informante: Adelaide Pires Martins, 56 anos, natural de Mértola, Beja, doméstica, 4.º ano.

Recolha: em Corte-Sines, Mértola, Beja, a 1 de Novembro de 2008.

Coletor: Andreia Fragoso e Sandra Mestre (gravação / 1:09'52)

Classificação: ATU 1578A*

442

O FIDALGO E A CANECA

Era um senhor, um fidalgo, que andava a passear no campo a cavalo. E chegou-lhe sede e não encontrava nenhuma fonte. Então viu uma casa com uma velhota, uma casa muito velhinha e também a pessoa que lá morava era também de muita idade. E pronto, estava cheio de sede e então teve que ir pedir água àquela senhora que lhe deu, muito contente e veio de lá dentro de casa. Ele pediu-lhe água e ela veio

de lá de casa com um cântaro e com uma caneca. Só que a caneca estava estalada de um lado, faltava-lhe um bocadinho. E ele, com nojo da velhota – a casa era muito velhinha e a caneca também estava toda velha – mas tinha tanta sede, pensou:

– Tenho que beber água senão... Vou beber do lado em que está estalada a caneca, porque a velhota não deve beber do lado onde a caneca está estalada. Deve beber no sítio onde está boa.

E assim foi, ele bebeu água.

A velhota deixou-o beber a água e depois ao fim diz assim:

– Ai, tem graça! Foi logo beber pelo sítio por onde eu também bebo sempre. Eu também bebo sempre onde está essa falhazinha aí na caneca, que me dá mais jeito eu beber.

Informante: Maria Alegria, 48 anos, natural de Portalegre, bancária, 12.º ano.

Recolha: em Portalegre, a 19 de Novembro de 2017.

Coletor: Joana Alegria (faixa n.º 42)

Classificação: ATU 1578A*

443

O HOMEM QUE PENSAVA

Era uma vez um homenzinho que estava muito aflito e tinha um grande problema, um problema muito grave. Onde o homenzinho costumava estar já não havia comida para o gado, mas ele tinha que atravessar um rio. Lá no outro lado do rio havia comida com fartura, havia verduras, e ele tinha mesmo que atravessar o rio. Mas ele tinha também um barquinho, mas tinha outro grave problema: tinha com ele um cabrito, um lobo e uma couve, o que se tornava muito difícil deixar os três juntos. E então pôs-se a pensar:

– Se eu levar primeiro a couve, o lobo come o cabrito.

– Se eu levar o lobo, o cabrito come a couve.

Mas de repente, pensou, pensou e lembrou-se:

– Já sei! Primeiro levo o cabrito e deixo ficar o lobo e a couve. Levo a couve e trago o cabrito de volta. Depois, levo o lobo e deixo ficar o cabrito. Volto outra vez, e levo o cabrito.

Resolveu o problema.

Informante: Luísa Maria das Dores Vaz Borralho, 47 anos, natural de Silves, Faro.

Recolha: em Lagoa, Faro, a 1 de Novembro de 2006.

Coletor: Marta Sofia das Dores Sequeira (cassete n.º 1 / face B)

Classificação: ATU 1579

444

O RAPAZ DAS VINTE OVELHAS

Um rapaz andava a guardar umas ovelhas. E passou um homem e disse-lhe:

– Adeus, ó rapaz das vinte ovelhas!

E o rapaz disse-lhe:

– Não são vinte. Para serem vinte eram preciso serem estas, metade destas e outras tantas como estas.

Quantas ovelhas é que o rapaz trazia?

[A informante dá a solução da adivinha, dizendo que são oito ovelhas].

Informante: Maria, 50 anos, natural de Cabeção, Évora.

Recolha: em Alverca, Vila Franca de Xira, Lisboa, a 13/10/2007.

Coletor: Andreia Cabecinhas (faixa n.º 4)

Classificação: ATU 1579**

445

QUANTAS OVELHAS GUARDAVA O PASTOR?

Era um pastor que andava a guardar umas ovelhas. E passou lá um senhor e faz-lhe assim:

– Olá senhor pastor das vinte ovelhas.

E ele faz-lhe assim:

– Vinte ovelhas não. Eu, para ter vinte ovelhas, tinha que ter estas, outras tantas como estas e mais a metade destas.

Quantas ovelhas guardava o pastor?

Informante: Eram oito. Então: oito e oito = dezasseis. E quatro, vinte.

Informante: Joana Duarte Carrilho Gaspar, 75 anos, natural de Marvão, Portalegre, reformada, analfabeta.

Recolha: em Barretos, Marvão, Portalegre, a 18 de Novembro de 2017.

Coletor: Joana Alegria (faixa n.º 30)

Classificação: ATU 1579**

446

O SÁBIO E O BARQUEIRO

Certo sábio um dia passeava

Num barco de recreio, um simples bote

E quem amargamente o tripulava

Era um rude barqueiro já velhote.

O sábio ao barqueiro perguntou

Se tinha instruções, se sabia ler

E o velho pobre rude exclamou:

– Eu nunca andei na escola para aprender.

E o sábio disse logo em seguida:

– Quem não goza das letras, o prazer,

É um parvo, é um estúpido, toda a vida:

Tem olhos e é o mesmo que os não ter.

Mas nisto, o barco fora sacudido

Pela força do vento que ao soprar.

E o sábio que não estava prevenido,

Perdeu o equilíbrio e foi pró mar.

Mas este, vendo-se sem socorro,

Já quase que a partir para o outro mundo,

Diz: – Acode-me barqueiro, olha que morro,

Porque não sei nadar e vou para o fundo.

Mas este, que seguindo em linha recta:
 – Adeus, amigo, até mais ver.
 Quem não sabe nadar é um pateta.
 Tem braços e é o mesmo que os não ter.

(Deu-lhe uma lição muito bem dada.)

Informante: Palmira Neves Jesus Brito, 78 anos, natural de Alportel, reformada da agricultura, 3.ª classe.

Recolha: no sítio do Alportel, S. Brás de Alportel, Faro, a 2 de Novembro de 2007.

Coletor: Daniela Maria Pires Cabrita (MIC-2007-11-02 – 13'21)

Classificação: Haboucha **1588A

447

O SÁBIO E O BARQUEIRO

Um dia certo sábio passeava,
 Num barco de recreio, lindo bote.
 E quem altivamente tripulava,
 Era um rude barqueiro, já velhote,

O sábio ao barqueiro perguntou,
 Se tinha instrução, sabia ler.
 O barqueiro sorrindo, exclamou:
 – Eu nunca andei na escola para aprender.

O sábio respondeu-lhe em seguida:
 – Quem não goza das letras, o prazer,
 É um parvo e estúpido toda a vida.
 Ter olhos é o mesmo que os não ter.

O barco de repente fora sacudido,
 Com a força do vento ia virar.
 O sábio, que não estava prevenido,
 Perde o equilíbrio e cai ao mar.

O sábio, ao barqueiro pediu socorro,
 Já quase a partir para o outro mundo:
 – Acode-me, ó barqueiro, olha que eu morro,
 Que eu não sei nadar e vou ao fundo!

O barqueiro, segue em linha recta:
 Dizendo: – Adeus, amigo, até mais ver.
 Quem não sabe nadar é um pateta.
 Ter braços é o mesmo que não ter.

Informante: Maria do Carmo Salvé Rainha Lopes, 50 anos, natural de Tavira, Faro, auxiliar de lar.

Recolha: em Tavira, Faro, a 24/02/2008.

Coletor: Rui Filipe Almeida Venâncio (CD n.º 1 / n.º 100)

Classificação: Haboucha **1588A

Nota: A informante canta no fim a primeira quadra, com música de fado.

448

A ROUPA NOVA DO REI

Era um rei que era muito, muito vaidoso e a única coisa com que ele se preocupava era com as suas roupas e as últimas novidades da moda, e tudo mais. Então, na realidade ele andava sempre à procura das últimas novidades e pedia aos seus conselheiros para procurarem as últimas novidades da moda, porque na verdade ele só pensava nas roupas dele, e passava o tempo todo a olhar-se ao espelho, e, portanto, em busca de coisas novas. E como toda a gente sabia que ele era um rei muito vaidoso, houve dois oportunistas, dois vigaristas, que se fizeram passar por costureiros e decidiram ir ter com ele, lá ao reino dele, dizer-lhe que eles eram costureiros, uns alfaiates famosíssimos, e que tinham com eles uns tecidos mágicos, uns tecidos fantásticos que só as pessoas inteligentes, é que viam esses tecidos. Então, o rei ficou maravilhado, porque ele já estava entediado de tão poucas novidades. E então ficou mesmo muito contente com a proposta de uns tecidos mágicos. Ele disse:

– Eu quero já que me façam imensos fatos nesses tecidos mágicos.

Entretanto, os costureiros, ou alfaiates, disseram que ele tinha que se despir para fazer as provas destes novos tecidos. E o rei despe-se. Eles começam como se tivessem a vestir-lhe algo, mas na realidade, ele não via nada, ele só se via nu. Mas também não se atrevia a dizer que não via nada, porque os aldrabões tinham dito que os tecidos eram mágicos e quem os via eram as pessoas inteligentes. Ora se o rei estava a dizer que não estava a ver esses tecidos, estava logo a dar uma prova de que era burro. Que realmente de inteligente tinha muito pouco, porque, ainda por cima ele nem via os tecidos.

O conselheiro do rei também não viu nada, mas também não se atreveu a dizer que não viu tecido nenhum, porque os aldrabões diziam que aqueles tecidos mágicos eram vistos só por pessoas inteligentes, e por aí fora...

Chegou ao dia da festa do reino e todas as pessoas estavam cá fora na rua à espera de saudar o rei naquele dia, que era o dia do reino. Então, estavam as pessoas todas, uma multidão ali em volta do castelo, do palácio do rei, e o rei sai de dentro do palácio e as pessoas calaram-se todas e começaram todas a entreolhar-se. Na verdade, começaram todas a ver as evidências, mas não disseram nada. Até que um miúdo desata a gritar:

– O rei vai nu! O rei vai nu!

E só aí é que as pessoas começaram todas a rir e a dizer que o rei ia nu.

Ele percebeu que tinha sido enganado, mas tinha sido tarde demais, pois ele já tinha passado a vergonha e os aldrabões já tinham fugido com o dinheiro dele, por causa dos supostos tecidos mágicos.

Termina mais um conto que tem que ver com a vaidade excessiva. Ele era tão vaidoso, tão vaidoso, que nem sequer tão pouco conseguia ver que realmente não eram tecidos mágicos, mas sim que estava a ser enganado.

Informante: Maria de Fátima de Vasconcelos Quadros Abragão Lopes Correia, natural de Lisboa, 48 anos, assistente técnica, 12.º ano.

Recolha: em Loulé, Faro, a 6/12/2013.

Coletor: Maria de Fátima Correia

Classificação: ATU 1620

449

O REI VAI NU

Havia um rei que era muito vaidoso: queria ter uma roupa diferente de todas as roupas, que fosse uma roupa única, vá. Então contratou uns alfaiates para fazerem essa mesma roupa. Só que os alfaiates não usavam nem linhas, nem tecido, e diziam que era tudo invisível e que só as pessoas inteligentes é que iam conseguir ver.

Enquanto os alfaiates faziam a roupa. Iam amigos lá do rei e ficavam muito pasmados a olhar para o traje, mas diziam que o fato era todo muito bonito. Então chegou o dia em que o fato ficou pronto e o rei quis mostrá-lo ao povo lá do seu reino. E assim foi.

Os alfaiates vestiram-no com umas ceroulas e o rei foi assim para a rua desfilar. Só que, durante o cortejo, todas as pessoas ficavam a olhar para ele, a pensar o que é que o rei estava a fazer assim, não é? Mas ninguém dizia nada, ninguém abria a boca. Até que houve um menino que, na sua inocência, disse:

– O rei vai nu!

E foi aí que as pessoas se aperceberam que o rei realmente ia nu, não é?

E ele foi para casa, mas, desde esse dia, nunca mais foi vaidoso e começou a ser mais justo com o seu povo.

Informante: Soraia Cristina Gonçalves Manuel, 19 anos, natural de Bela-Curral, Faro, estudante.

Recolha: em Faro, a 8 de Janeiro de 2010.

Coletor: Ana Rita Moura Simões

Classificação: ATU 1620

450

[OS DOIS PEDINTES]

Havia dois indivíduos que andavam pedindo, e já sabe, agora como a situação está, quase ninguém dá nada. Um dia, outro dia e quase que não arranjavam nada. Diz um assim:

– Eh pá, olha, tu vais por aquela rua e eu vou por esta. Mas a gente vai fazer uma coisa. O que a gente... o que derem à gente é para repartir, tu não comes, nem eu como.

E assim foi, um foi por uma rua e o outro foi por outra. Chegaram ao final e reuniram-se para ver:

- Eh pá, a mim não me deram nada. E a ti?
- A mim deram-me um chouriço.
- Um chouriço? Um chouriço para os dois não dá!

Diz o outro:

- Pois não dá mesmo, não! O que é que a gente vai fazer?
 - Vamo-nos deitar e quem sonhar o sonho mais bonito, amanhã come o chouriço.
- E assim foi, foram-se deitar. De manhã acordaram... um acordou e diz:
- Então pá o que é que sonhaste?
 - Eh pá, eu sonhei que andava lá pelo Céu com os anjinhos, lá com o Nosso Senhor.
 - Eh pá, e eu, pensando que tu já não vinhas para baixo, levantei-me e fui comer a chouriça.

Informante: Carlos Lacerna, 57 Anos, natural de Olhão. Tem a 4.ª classe e é pescador.

Recolha: em Olhão, Faro, a 12-10-2005.

Coletor: Ângela Maria Soares Valadas (gravação n.º 1)

Classificação: ATU 1626

451

OS ESTUDANTES E O VELHO

Em tempos remotos em que não havia estradas tão boas como hoje, seguiam para Coimbra, a pé, três estudantes. Quando, em certo sitio mesmo no meio do caminho encontraram um lobo morto. Pararam e puzeram-se a observar o animal. Por fim, resolveram que cada um dissesse a sua facécia acerca do bicho. E ficou combinado que aquele que menos graça mostrasse pagaria aos outros um jantar na estalagem mais próxima.

Um deles, todo lampeiro, disse:

Este lobo enquanto no mundo andou,
De tudo o que comeu nada pagou.

E vai o outro:

Este lobo enquanto no mundo foi vivo,
Tudo comeu cru e nada cozido.

O terceiro disse:

Este lobo de todas as viagens que fez,
De manhã e á sesta, a pior foi esta.

Estavam em acalorada discussão, porque nenhum deles queria pagar o jantar, e eis que aparece um velho camponês. E como em geral os rapazes gostam de se divertir com as pessoas de avançada idade... Disse o mais azougado dos estudantes:

– Aí vem aquele velhote que nos vai tirar as dúvidas. Ó homenzinho, venha cá! Nós precisamos que vossemecê decida numa questão que existe entre nós.

Contaram-lhe o que tinham combinado e repetiram as palavras de cada um a respeito do lobo. E o velhote respondeu logo, depois de soltar uma gargalhadinha maliciosa:

Os senhores todos falaram bem,
Como de feito e como de facto.
Por isso, vocês pagam o jantar os três,
E nós comemo-lo todos quatro.

Desconcertado com a resposta, pergunta-lhe ainda o mesmo estudante:

– Vossemecê já foi a Coimbra, ou foi moço de recados?

Ao que o velho respondeu imediatamente:

Eu nunca fui a Coimbra,
Nem sou moço de recados.
A Coimbra vão os tolos,
E cá ficam os avisados.

Informante: Maria Odete, 55 anos, natural de Abrantes.

Recolha: em Abrantes, Santarém, a 28 de Novembro 2015.

Coletor: Renata Fidalgo (faixa s/n.º)

Classificação: Car-Co 1626*A

452

[OS TRÊS CAÇADORES E O JUIZ]

Era uma vez três caçadores. Daí, combinaram para ir à caça. E foram todos os três à caça, e todos os três viram uma zorra e atiraram todos os três à zorra. E daí começaram a teimar:

– Eu é que dei na zorra.

– Eu é que dei.

E o outro:

– Eu dei.

Foram a um juiz.

– Bom, temos que ir para tribunal... – foram a um juiz.

E o juiz disse assim:

– Esse que disser uma lenda mais indicada é esse que fica com a zorra.

Um disse assim:

– Esta pobre zorra, deste que nasceu, ainda não teve pior hora que a que morreu.

– Esta pobre zorra, deste que nasceu, tem andando mais tempo a pé descalço que calçada.

E o outro disse assim:

– Esta pobre zorra, deste que nasceu, tem comido mais carne crua que cozida.

Informante: Maria Augusta, 68 anos, natural de Marmelete, Monchique, Faro, analfabeta.

Recolha: em Odiáxere, Lagos, Faro, a 20/10/2007.

Coletor: Nuno Várzea (faixa 9 / 02'00)

Classificação: Car-Co 1626*A

453

O ESTUDANTE CÁBULA

Andava a estudar em Coimbra um estudante a quem os livros faziam uma grande comichão. Por isso mesmo, era muito raro pegar num livro. Ele gostava de andar sempre na brincadeira e levar uma vida boémia. Estudar? Está quieto! Nunca passou, porém, do primeiro ano do curso.

O pai, que era um modesto agricultor, todos os meses lhe mandava a “mesada” que ele gastava na sua vida boémia. Ao fim de cinco anos de estudo, o filho escreveu ao pai a dizer que já era doutor e que podia ir buscá-lo à estação dos comboios. O pai, coitado, pessoa simples e humilde, ao receber esta tão boa notícia, não coube em si de contente! E foi ao encontro do filho de carroça. De regresso à aldeia, diz-lhe:

– Então filho, conta-me coisas! Agora que já és o Senhor Doutor, deves saber muitas coisas... E que tal se falasses um pouco de francês aqui para o teu pai ouvir?

Responde logo o filho:

– O pai quer que eu fale um pouco de francês? Ora, falar francês é a coisa mais fácil deste mundo! Quer ver?

E começou:

– Em cima deste carroçório, vamos atravessar aquele pontório, puxado por este machório, a caminho da aldeória.

O pai ao ouvir isto ficou muito indignado e disse:

– O quê! Isso é falar francês?

– É sim, pai. Como vê, é muito fácil.

O pai respondeu-lhe:

– Ah, meu malandro! Meu trapalhão! Em chegando a casa à aldeória, ao nascer do solório, agarras no enxadório e vais arrancar o batatório!

Informante: Sandra Pires, 26 anos, natural de Castelo Branco, estudante.

Recolha: em Ninho do Açor, São Vicente da Beira, Castelo Branco, a 16 de Janeiro de 2010.

Coletor: Sandra Pires

Classificação: ATU 1628*

454

O ADIVINHÃO

Dois compadres casados, um rico e outro pobre. Numa altura em que o compadre pobre estava com muitas dificuldades. Combinou com a mulher tirar a junta de bois ao compadre rico e esconder. E depois, a mulher ir falar com os compadres e dizer uma “mentirinha”, que era a comadre dizer que o marido desde pequenino tinha dons de adivinhar tudo. Mas que era segredo, para que

não dissessem nada a ninguém. E ela ia pedir ao marido que adivinhasse onde estava a junta de bois.

Assim foi. Sabendo o compadre pobre onde estava a junta de bois, fingiu ter adivinhado onde estava, e levou a junta de bois ao rico que, muito reconhecido, deu dinheiro ao pobre, conseguindo ele aquilo que tinha em mente, que era arranjar algum dinheiro.

E, lá no lugar, se espalhou a notícia de que o homem, que se chamava Grilo, era um adivinhão desde criança, indo esta fama dar aos ouvidos do rei a quem tinham roubado uma parte do tesouro. E o rei manda os seus guardas buscar o senhor Grilo para ele adivinhar quem lhe tinha roubado o tesouro, sob pena de morte se não adivinhasse.

O senhor Grilo ficou muito apoquentado e a dizer mal da sua vida, por causa da tal mentira que tinha combinado com a mulher. Chega à presença do rei e este diz-lhe:

– Pretendo que me diga quem é que me roubou o tesouro! Mas por uma questão de segurança, vai ficar preso num quarto do meu palácio!

O senhor Grilo, dizendo mal da sua vida, quando o guarda lhe vai levar a refeição ao fim do dia. Ele, muito triste, diz:

– E já lá vai um! Só faltam dois!

Isto, porque tinha três dias para descobrir quem tinha roubado o tesouro. O guarda ficou um bocadinho receoso.

No dia seguinte vai outro guarda e o senhor Grilo diz:

– Já lá vão dois! Só falta um!

Os dois guardas dizem para um terceiro:

– O homem é mesmo adivinhão! Já adivinhou que fomos nós que roubamos o tesouro! E agora o que é que nos vai acontecer?

Então, o terceiro guarda foi estar com o senhor Grilo, e disse-lhe:

– Ai, por favor! Nós devolvemos o que roubamos! Mas não diga ao rei que fomos nós, porque senão o rei manda-nos matar! Mas nós entregamos tudo quanto roubamos!

O senhor Grilo não pensou duas vezes. Disse que estava bem. Eles levaram-lhe o tesouro e o senhor Grilo foi entregar o tesouro ao rei. Quando o rei perguntou quem roubou ele disse:

– Eu prometi não dizer quem foi que roubou o tesouro.

O rei achou aquilo estranho e ficou muito desconfiado. E para provar se ele, de facto, era adivinhão ou se havia ali alguma tramóia!

Então um conselheiro disse:

– Ó senhor rei, vamos guardar um rabo de uma porca dentro de uma caixa, fechamos a caixa e chamamos o senhor Grilo para ele adivinhar. Se o homem for mesmo um adivinhão, vai adivinhar com certeza!

E o rei aceitou a proposta. Chamou o senhor Grilo e ele, muito apoquentado, diz:

– Agora é que a porca torce o rabo!

Os homens ficaram pasmados. O rei, muito admirado, diz:

– Mas isto será mesmo verdade? Será mesmo ele, adivinhão?

Então, para verificar se ele era mesmo adivinhão, pensaram apanhar um grilo e esconder o grilo dentro da mão do rei fechada e chamaram o senhor Grilo:

– Senhor Grilo, diga o que é que o rei tem na mão!

O senhor Grilo estava a tremer de medo e diz:

– Ai, Grilo, Grilo, que nas mãos do rei estás metido!

O rei abriu a mão, tinha lá o grilo, passando ele a ter fama de ser adivinhão a partir de uma mentira.

Informante: Maria do Carmo, 72 anos, natural de Olhão, reformada, licenciada em biologia.

Recolha: Olhão, Faro, em 2006

Coletor: Joana Madureira Ramos (cassete n.º 2 / Lado A)

Classificação: ATU 1641

455

NA PONTE DE SANTARÉM ESTÁ O TEU BEM

Uma história que eu ouvia antigamente às pessoas, era de um senhor... era um senhor que sonhou três noites seguidas “vai à ponte de Santarém que está lá o teu bem.” Três noites seguidas. E ele, ao fim das três noites, pediu à mãe para lhe fazer um farnel e foi para a ponte de Santarém. Esteve lá três dias e não conseguiu... Não conseguia nada. Mas ao terceiro dia, já estava para vir embora, e lá veio um homenzinho. Achou estranho estar ali aquela pessoa, tanto tempo e perguntou-lhe o que é que ele estava ali a fazer. E ele disse:

– Oh! Sonhei que “para vir à ponte de Santarém que está lá o teu bem” três noites seguidas. Mas afinal, estou aqui há três dias e não acontece nada.

O homenzinho disse:

– Ai, o senhor não se acredite em sonhos. Porque isso são sonhos... porque eu também sonhei três noites seguidas que lá nos Murta Azéis³⁵, no curral das cabras, debaixo da pedra adonde dorme o chibo branco que estava lá o tesouro.

E o homenzinho ficou todo contente.

– Era isso mesmo que eu queria.

Ele era lá de Murta Azéis. E quando chegou lá, foi lá ao sítio. Debaixo da pedra do chibo branco, levantou a pedra e lá estava o tesouro em ouro. E diz que ainda hoje é rico com esse tesouro.

Informante: Maria do Céu Matos, 78 anos, natural de Pala, Mortágua, Viseu, nunca frequentou a escola, apenas sabendo escrever o seu nome.

Recolha: em Óvoa, Santa Comba Dão, Viseu, a 24 de Abril de 2011.

Coletor: Ana Isabel Cordeiro de Oliveira

Classificação: ATU 1645

456

[O TESOURO DEBAIXO DA PEDRA DO CHIBATO PRETO]

Aqui há uns anos atrás – isto foi mesmo verdade – um senhor sonhava sempre que ia sair a sorte grande numa rua, em Lisboa. Tinha que ir a uma rua a Lisboa para lhe sair a sorte grande. E então, o homenzito:

– Mas o que é que eu vou fazer a Lisboa?

Depois, mas que raio, vinha outra noite, sonhava: “Tu queres ficar rico, tens que abalar para ir a Lisboa; tens a tua sorte numa rua em Lisboa”.

Depois o sonho já não estava numa rua (já não me recordo do nome da rua).

O homem, um dia, disse assim para uns amigos. O homenzinho, coitado, cabreiro, cuidava de um rebanho de cabras, coitado, não tinha dinheiro, não tinha casa, não tinha nada. E diz assim para uns velhotes amigos dele:

– Eu sonho isto sempre, eu pego em mim e vou a Lisboa. Vou procurar esta rua.

– Havia o nome da rua que ele sonhava.

Os outros:

– Tu és mas é maluco. Vais gastar um dinheirinho que tu não tens e vais lá e não encontras a rua sequer. É melhor tu não ires.

Mas ele sonhou tanta vez que disse:

– Não, eu vou a Lisboa.

Pediu o dinheiro aos amigos, todos juntaram um dinheirinho, foi a Lisboa. Chegou a Lisboa, começou a perguntar às pessoas – via por ali pessoas naqueles bancos de jardim:

– O senhor não conhece esta rua?

– Ai, não conheço, não senhor!

Lá ia a outro banco de jardim:

– Ai, não conhece esta rua, assim?

– Ai, não conheço não!

Até que foi, estava ali um senhor já assim de idade, como ele. E ele:

– Sabe, vim do Alentejo à procura duma rua com este nome. Sonhei tanta vez que tinha a minha sorte nesta rua. Lá consegui um dinheirinho emprestado, alguns amigos, e vim, e agora que cheguei a Lisboa, ninguém conhece esta rua. Toda a vida sonhei com isto.

– Olhe, isso a gente não pode ligar aos sonhos. Eu sou daqui de Lisboa e tenho sonhado toda a minha vida com um chibato preto, que dorme em cima de uma pedra, de uma laje comprida, à porta de um curral. Num sítio que é a Cabeça da Cabra. Toda a vida tenho sonhado isto. Já fui por esse Alentejo, por esses campos procurar, ninguém conhece este sítio, ninguém me soube dizer nada.

– É melhor a gente não ligar aos sonhos.

Mas ficou logo a imaginar, porque o sítio onde ele morava era a Cabeça da Cabra e as cabras que ele cuidava ficavam num curral e o chibato preto que se deitava nessa laje à porta do curral, onde esse senhor disse que sonhava. Ele aí deu em imaginar: “então se eu não encontrei a rua em Lisboa, mas este senhor diz-me isto, é a porta do meu curral, é o meu chibato preto”.

Veio-se logo embora. Quando chegou cá, vai levantar essa laje, onde o chibato preto se deitava, lá estava uma panela cheia de libras, encantada, do tempo dos mouros, sabe-se lá de que data. Escondiam aquele dinheiro. O homem ficou com uma fortuna. Mas teve que ir a Lisboa para aquele senhor lhe falar. E esse senhor em Lisboa é que lhe contou.

Mas é que isto foi mesmo verdade, os velhotes contavam isso, foi mesmo realidade.

³⁵ Nome de aldeia – hoje Mortazel.

Informante: Natércia Maria da Silva, 51 anos, Casanova da Cruz.

Recolha: em Casanova da Cruz, Odemira, Beja, a 25 de Julho 2011.

Coletor: Laura Tschampel

Classificação: ATU 1645

457

LENDA DA CABEÇA DE CABRA

Aaaa... Então é assim: havia uma lenda que é a lenda da Cabeça da Cabra que é o nome de uma terra que fica na costa alentejana, freguesia de Porto Covo, concelho de Sines.

Aaaa... Havia um senhor que era muito pobrezinho. Era alentejano e vivia na Cabeça da Cabra e um dia sonhou que iria encontrar a riqueza a Lisboa. Então pensou ir a Lisboa encontrar a riqueza. Chegou a Lisboa e andava rua abaixo, rua acima; rua a baixo, rua a cima; rua a baixo, rua a cima... E chegou lá um senhor intrigado com aquilo. Perguntou-lhe:

– Mas o senhor vem aqui... o que é que anda a fazer rua a baixo, rua a cima? Anda à procura de alguma coisa? Posso ajudá-lo?

E ele:

– Ó senhor, é que eu sonhei que vinha encontrar a minha riqueza a Lisboa e ando à procura dela...

E o senhor disse assim:

– Mas você é maluco ou quê? Então eu sonhei que havia uma terra que se chamava Cabeça da Cabra e lá nessa terra havia uma cabra que guardava... debaixo de uma pedra guardava um tesouro e acha que eu fui à procura disso? Nunca, nunca fui à procura disso! E o senhor...

O alentejano foi para a terra encontrou a tal cabra que guardava debaixo... o tesouro e ficou rico. Ou seja, ele foi encontrar a riqueza a Lisboa porque o senhor lisboeta disse-lhe então esse segredo.

Informante: Débora, 22 anos, estudante de Ciências da Comunicação.

Recolha: em Faro, no dia 18-04-2007.

Coletor: Ana Carmo

Classificação: ATU 1645

458

A LAJE DA FIDALGA

Era uma vez um cabreiro que vivia na Serra da Esperança. E dormia juntamente com as cabras dele, na mesma cabana onde dormiam os animais. E havia uma cabra que todos os dias batia três vezes em cima da laje, dentro da cabana e dava três berros. Então, o cabreiro ouvia todos os dias aquilo e achou estranho. E um dia, sonhou que se fosse à Ponte de Belém que encontraria lá todo o seu bem. E foi ao cabo da ponte e viu um preto. Dirigiu-se a ele e procurou-lhe:

– Que fazes aqui, preto?

– E tu? O que fazes aqui, branco?

– Eu sonhei que se viesse à Ponte de Belém que encontrava cá todo o meu bem!

E então o preto calou-se e não disse nada. E o cabreiro voltou para trás nessa mesma noite. Ao dormir, reparou que a cabra bateu novamente as patas em cima da laje e deu três berros. Ele levantou a laje onde estava uma cabra e dois cabritinhos em ouro. Ele pegou neles, meteu-os num saco e foi de plantar presente ao rei.

Quando chegou, bateu à porta. Veio o criado e perguntou-lhe:

– O que é que o senhor quer?

– Eu tenho aqui um presente para oferecer ao rei.

E o criado foi avisar o rei. E o rei disse-lhe para ele perguntar o que era e ele [o cabreiro] respondeu-lhe que era dois cabritos e uma cabra. E ele [o criado] foi-lhe dizer que era dois cabritos e uma cabra.

E ele [o rei] respondeu:

– Quero os cabritos que são mais tenrinhos!

E então viu os cabritos. O rei quando viu que eram em ouro, veio e viu que ele tinha uma cabra que também era em ouro. Perguntou-lhe quanto é que ele queria, o que é que ele queria para lhe dar também a cabra. E ele respondeu que queria cinco cavalos, para os tratar muito bem durante oito dias para traçar a área dele, que é o concelho de Belmonte.

E então ele assim fez. Assinou e ele começou a correr desde manhã até à noite até que o cavalo rebentou na Laje da Fidalga (que ainda hoje existe lá essa laje).

Informante: Guilhermina Moreira Miranda, 84 anos, natural de Belmonte, Castelo Branco, reformada, sabe ler e escrever.

Recolha: em Quarteira, Loulé, Faro, a 13/10/2007.

Coletor: Bruna Paiva (cassete n.º 1 / face A)

Classificação: ATU 1645

459

OS TRÊS IRMÃOS E OS LADRÕES

Então eram três irmãos e os pais eram velhotes. Depois os pais morreram, mas um era parvinho. Os pais morreram, eles tinham muitas dificuldades e pensaram em ir correr mundo.

– Eu vou com vocês!

– Não, não, tu és parvinho. Fica aí que a gente e depois quando arranjar um dinheirinho viemos trazer comer para tu comeres e dinheirinho.

Fecharam-lhe a porta à chave, foram-se embora e deixaram-no fechado. E ele como eles se foram embora e o deixaram, conseguiu pegar na porta e foi atrás deles. Foi atrás deles, chegaram a um certo lugar que aquilo estava assim um bocado medonho...

– Olha, já agora que tu vieste, trouxeste a porta, a gente sobe aqui para cima e põe-se além em cima e a gente dorme os três em cima da porta.

Subiram para cima dos pinheiros, arranjaram maneira de pôr a porta para se segurar bem. E eles estavam lá em cima quando chegam dois sujeitos com um saco cheio de dinheiro. E chegaram ali e disseram assim:

– Ai, tenho tanta fome... Vamos fazer umas papinhas?

– Então não temos tempero.

– Ora, come-se...

E foram fazer as papas. As papas estavam ao fogo, a ferver, e diz um assim:

– Deus Nosso Senhor, se fosse nosso amigo, dava-nos um bocadinho de morcela para a gente comer com as papinhas.

E quando ele:

– Eu cago!

E os outros irmãos:

– Não, não!

E ele:

– Eu cago!

E os outros:

– Não, se eles vêem a gente aqui, matam a gente.

E arrega as calças e vá, fez o cocó para o tacho.

– Ahh, Nosso Senhor é tão nosso amigo, já nos deu a morcela para as papinhas.

Falta agora é o tempero.

[a aplicação parou de gravar e perdeu-se uma parte mínima do conto]

[O parvinho fez xixi] para dentro do tacho e eles ficaram muito felizes porque já tinham tempero e depois disseram um para o outro:

– Ó mano, escuta lá, então a gente tínhamos as papinhas ao fogo, pedimos morcela veio a morcela, pedimos o tempero veio o tempero. Então e agora se Deus Nosso Senhor, no fim disto tudo, mandasse um terramoto o que é que a gente fazia?

E diz ele assim:

– Eu mando a porta.

– Não, não, se eles vêem a gente, eles matam a gente.

Nisto ele manda a porta para baixo. Aquilo os pinheiros eram muito altos, a porta era pesada, foi partindo pernas e fazendo barulho eles... depois aquilo caiu no chão e fez um grande barulho. Eles, com grande medo, fugiram – os ladrões – e deixaram o dinheiro ali. Eles desceram pelas pernas dos pinheiros para baixo, ficaram com o dinheirinho e ficaram todos ricos.

Informante: Maria Teresa Laranjeira Duarte, 83 anos, natural do sítio da Nave, Monchique, Faro, reformada, era costureira.

Recolha: Alvor, Portimão, Faro, em Outubro de 2016.

Coletor: Lúcia Cristino

Classificação: ATU 1653

460

[O TOLO E OS LADRÕES]

Havia um pai que tinha três filhos. A mãe já tinha morrido e eles viviam só com o pai, mas eram muito pobrezinhos. E então, eles queriam sair de casa para ver se conseguiam ganhar muito dinheiro para viverem bem. Mas um dos três irmãos era meio tolo.

Um dia os filhos disseram ao pai:

– Olha, nós já somos crescidos, e então, vamos correr mundo a ver se conseguimos arranjar dinheiro para comprarmos umas terras, criarmos um gado e vivermos bem. Mas o Pedro – o tal irmão tolo – não vai!

E ele começou:

– Eu também vou! Eu também vou!

E os irmãos diziam:

– Tu não vais porque tu és meio tolo e ainda fazes com que a gente não consiga chegar onde queremos e não consigamos ganhar nada.

E então, ele gritava e os irmãos diziam que não e ele dizia que sim. Mas lá então o convenceram, e os irmãos arrumaram as suas coisinhas e lá abalaram.

Os irmãos iam a meio caminho e um lembrou-se:

– Ai, eu esqueci-me das minhas botas!

E então, gritou:

– Ó Pedro, traz lá as minhas botas.

E o Pedro dizia assim:

– O quê?

– Traz as minhas botas.

– O quê? A porta?

– Não. As minhas botas!

– A porta?

Lá o Pedro vai a casa, arranca a porta e traz a porta.

E vai a correr levar a porta ao irmão.

Diz o irmão assim:

– Não era a porta, era as botas! Olha deixa, vai-te embora e deixa.

– Não, eu também vou com vocês, eu também vou com vocês.

Eles diziam que não, ele dizia que sim. Mas tanto, tanto, lá foi atrás dos irmãos. Os irmãos à frente e ele atrás com a porta às costas, lá ia ele e lá foi andando, andando...

Chegaram a um certo sítio, encontraram ao-de-longe uns homens sentados debaixo de uma árvore, contando dinheiro. Eles foram muito devagarinho, devagarinho e subiram à árvore, puseram a porta que o irmão levava e esconderam-se atrás da porta por cima dos ladrões. Os ladrões lá estiveram contando o dinheiro. E depois, acenderam o lume, puseram a panela ao fogo para fazer uma sopinha. Puseram as coisas que levavam, as hortaliças, as batatas... Até que um dos ladrões diz assim:

– Ah, se Deus fosse tão bom, agora mandava uma chouriça!

Diz o Pedro para os irmãos:

– Olha lá! Eu faço um cagalhão e eles pensam que é uma chouriça.

– Não. Não faças isso, porque depois eles sabem que nós estamos aqui.

– Não, eu faço, eu faço!

– Não fazes!

Mas, ele lá fez. Fez um cagalhão e foi parar dentro da panela.

Diz o ladrão assim:

– Ai, Deus é tão bom! Se ele fosse tão bom, agora mandava um bocadinho de azeite...

Diz logo o Pedro para os irmãos:

– Eu mijo.

– Não mijas nada. Olha que eles dão connosco aqui em cima.

– Mijo, mijo!

– Eles dão connosco e ainda nos matam.

– Eu mijo.

E então, começa a mijar, e lá foi parar dentro da panela dos gatunos.

Diz o ladrão assim:

– Ai, Deus é tão bom!

Lá continuaram a fazer a sopinha e tal...

Certo tempo, diz um dos ladrões assim:

– Ah! Mas se Deus é tão bom, tão bom, e então, se desse um terramoto o que é que fazíamos?

– Ah! Eu fugia com a parte do meu dinheiro.

Diz o Pedro para os irmãos:

– Eu atiro a porta, e eles pensam que é um terramoto e fogem.

– Não faças isso, que pode dar mal resultado e eles ainda nos apanham.

– Eu atiro!

Eu atiro, eu atiro, e atirou a porta. Atirou a porta. Os gatunos, quando ouviram aquele grande barulho, pensaram que era um terramoto. Abalaram a fugir deixando o dinheiro. Eles desceram da árvore, agarraram no dinheiro e voltaram para trás ricos e foram comprar a sua herdade e os seus animais.

E acabou. (risos)

Informante: Cristina Maria Martins Nascimento, 41 anos, natural de Alfandanga, Olhão, Faro, 6.º ano.

Recolha: na Fuseta, Olhão, Faro, a 25 de Outubro de 2006.

Coletor: Débora Nascimento e Tiago Marques (CD n.º 1 / faixa n.º 4)

Classificação: ATU 1653

461

OS TRÊS IRMÃOS

Haviam três irmãos a que os pais morreram. O irmão mais novo era assim um bocadinho mais para o burrinho (a minha avó é que contou-me isto, a minha avó chamou-lhe de parvinho, aquele que era assim um bocadinho, aleijadinho, é sempre o coitadinho.)

E pronto, então, os dois irmãos mais velhos tiveram que ir sair da casa, viajar, para conseguir procurar dinheiro, para conseguir procurar comida, para conseguir sustentar a casa. E o irmão mais pequenino, mais novo, dizia:

– Epá, deixa-me lá ir com vocês.

E os outros:

– Não, deixa lá estar aí, tu não tens assim muito jeito para as coisas. Fica lá aí.

– Então, mas deixa-me lá fazer... – E insistia, e insistia...

– Ficas aqui! – E trancaram-no, trancaram-no em casa.

Só que ele queria muito ir e acabou por derrubar a porta e levar a porta atrás. E foi atrás dos outros.

Pronto, ele chega ao pé dos outros e os outros:

– Então, mas estás aqui a fazer o quê? Então, mas a gente não disse para ficares em casa? Tu és assim aleijadinho, fica lá em casa!

E ele:

– Epá, mas não quis vir com vocês?

– Já que ‘tamos aqui os três, vamos aqui subir esta árvore e ficamos aqui um bocado acampados. Já que tenho a porta, metes aí a porta por cima da árvore e a gente ficamos aqui todos e descansamos um bocadinho, que temos muito tempo para andar.

Enquanto eles estavam em cima da árvore, chegaram dois ladrões, com um saco com um pote cheio de dinheiro. E os dois ladrões chegaram lá e decidiram, pronto, acampar, fizeram um acampamento.

– Se calhar, a gente tem fome. Vamos aqui fazer uma fogueira, vamos fazer aqui umas papas.

E no meio disto tudo, eles pediram a Deus para lhes dar o tempero.

– Ai, Deus Nosso Senhor devia-nos dar um temperozinho para pôr aqui nas papas, que isto não sabe a nada.

E o irmão mais novo, lá em cima na árvore, que eles já estavam escondidos. Viram os ladrões e tiveram medo que os ladrões fizessem alguma coisa.

O irmão mais novo em cima da árvore dizia:

– Eu mijo, faço chichi para ali para cima!

E eles:

– Não, está quieto! Eles matam-nos. Se eles sabem que a gente estamos aqui, eles matam-nos.

E ele:

– Não, então eles querem tempero, eu dou-lhe tempero. Eu faço o chichi.

– Não, está quieto, eles vão nos matar!

E ele, vai: “pumba”, baixa as calças e faz o negócio dele para dentro da panela dos outros. E os outros olham para aquilo:

– Ah, que maravilha, temos aqui um tempero! Isto já mudou de cor e isto já está tão bom. – Isto das papas.

Passado um bocado:

– Ah, agora o que era bom era ter aqui uma morcela.

E o irmão mais novo lá em cima escondido:

– Oh, eu faço aqui o número dois já para aí para cima.

E os irmãos:

– Não, está quieto, está quieto, não vais fazer isso! Olha que eles descobrem, olha que a gente vai desta para melhor. Oh, está quieto!

E “pumba”, baixa as calças e começa a fazer o negócio. Faz o negócio e, entretanto, os ladrões distraídos, quando dão por isso:

– Ah, está aqui um bocado de morcela, maravilha! Ai, que maravilha, o Deus concedeu-nos mesmo isso.

Entretanto chegam os ladrões:

– Já viste o quão sorte a gente tem? Temos aqui um pote de ouro, calhou-nos o tempero, calhou-nos a morcela... Já viste agora se acontecesse algum terramoto, o que a gente fazia?

E o mais novo lá em cima, com a porta, dizia:

– Eu mando a porta.

E os outros:

– Não! É desta, é desta, é desta que eles descobrem que a gente estamos aqui.

– Eu mando a porta.

E os outros:

– Não, não mandas nada a porta.

E ele:

– Oh, vocês estejam mas é calados. Eu vou mas é mandar a porta! – E mandou.

Só que, como os pinheiros eram muitos altos, eram altíssimos, eram muito grandes, a porta veio fazendo um grande estrondo e vai-se destruindo. E então os ladrões apanharam um cagaço tão grande que acabaram por fugir a sete pés. E o que lá deixaram? Deixaram um pote de ouro.

Resumindo e concluindo: quem é que ficou com o pote de ouro? Os três irmãos pobrezinhos. É assim.

Informante: Lúcia Cristino, 23 anos, estudante universitária.

Recolha: em Faro, a 23 de Novembro de 2017.

Coletor: Vasilina Mihai (faixa n.º 20)

Classificação: ATU 1653

462

O GALO, O PORCO E A VACA

Um velhote ao lado tinha uma vizinha que tinha uma netinha nova. A netinha nova, era muito boa rapariga e trabalhadora. Então ele um dia pensou em ir pedir à senhora para guardar lá um galo.

Bem, a senhora guardou o galo, porque ele tinha que sair. O galo andava por ali, caiu dentro da pocilga, e o porco matou o galo.

Bom, a mulher toda preocupada:

– E o que é que eu faço? Ele pediu-me para guardar o galo e agora o que é que eu faço?

Vai o homenzinho:

– Então, minha senhora, tem aí o meu galo?

Ai, senhor, aconteceu-me uma desgraça! O meu galo caiu na minha pocilga e o meu porco matou o meu galo. Pois o que eu posso fazer é dar-lhe o meu porco.

– Pois se me quer dar o seu porco, vamos lá ver se o seu porco é bom.

Levou o porco. Outro dia, o senhor precisou de sair, pega no porco:

– Ah, minha senhora, vim cá deixar o porco. Veja lá se não acontece outra desgraça, que eu preciso de sair.

– ‘Tá bem, ‘tá bem.

A mulherzinha deixou para ali o porco. O porco andava ali nas hortas. Ela tinha uma vaca. A vaca vem de lá, deu um coiso no porco, pronto, matou o porco.

A mulher:

– Ai, meu Deus, o que é que eu faço? E agora, outra vez, aconteceu-me uma desgraça! O que é que eu digo agora ao homem? Pronto, já fiquei sem a minha vaca...

Vem o senhor:

– Então, minha senhora, onde é que está o meu porco?

– Ai, senhor, outra desgraça aconteceu! Já fiquei sem o seu porco. A minha vaca matou seu porco, deu-lhe um coiso...

– ‘Tá bem, então dê-me lá a sua vaca pelo porco.

Então levou a vaca. Outro dia, quando precisou de sair, lá guardou outra vez a vaca (porque a mulher dele já estava velhota, já não podia guardar a vaca, já não tinha força, estava na cama, muito mal).

E ela:

– Então está bem, deixe lá a sua vaca que eu guardo a sua vaca.

Bom, a vaca comeu umas ervas. As ervas estavam más, morreu a vaca.

E agora, o que é que ela dava?

– Ai, meu Deus, o que é que eu dou ao homem? Então agora foram as ervas, o que é que eu faço à minha vida? O que é que eu faço?

O homem chegou.

– Olhe a sua vaca morreu! Ela começou a comer umas ervas. As ervas eram venenosas, lá se foi a vaca. E agora o que é que eu faço?

– Pois olhe, não sei. Dê-me a sua neta. Sua neta que cuide da minha mulher.

– Lá teve que dar a neta. Estava toda triste, toda chorosa:

– Ai, minha neta, minha neta! O que eu fiz à minha neta! Agora vai estar com um velho! Ai ai!

O homem, todo contente, já levava a rapariga.

Bom, a velha morre. Pede para cuidar da velha:

– Bom, veja lá o que é que vai fazer à minha velha. Já tem aqui a sua neta, pois agora já não preciso dela. A minha velha já morreu. Disse à sua neta para cuidar da minha velha e tratar do funeral.

A velhota ficou lá. Não se sabe como foi, a velha desaparece.

O velho, todo chateado:

– Ai, eu não quero saber de histórias! Agora quero a sua neta! Agora fico com uma rapariga nova! Morreu-me a velha. Deixei-a para cuidarem da velha e vocês não quiseram saber...

Pronto, assim foi: o velhote ficou com a rapariga nova.

Informante: Zeferina Pereira Lourenço, 24 anos, natural de Tavira, empregada de mesa, 9.º ano.

Recolha: em S. Brás de Alportel, Faro, a 22 de Novembro de 2008.

Coletor: Ana Isabel Fernandes Guerreiro (gravação n.º 13)

Classificação: ATU 1655

463

PEDRO MALAS-ARTES

Era uma vez um homem que lhe chamavam o Pedro malas-artes. E de maneira que tinha a mãe, tinha um irmão, e tinha a mãe. E a mãe estava doente. E o Pedro é que ia sempre trabalhar e o irmão ficava em casa para cuidar da mãe. Vinha a noite e perguntava ao irmão:

– Então e a mãe, está melhor?

– Não, não está melhor.

Bom, aquilo foi aí um mês ou coisa assim. E a mãe sem estar melhor. Até que o Pedro se fartou e disse ao irmão:

– Amanhã vais tu a trabalhar no meu lugar e eu fico a cuidar da mãe. Tu queres ver que quando tu vens à noite a mãe está boa?

Bom, o que é que o Pedro pensou em fazer? Pôs um caldeiro de água ao fogo; quando a água estava além a ferver, meteu a mãe dentro dum alguidar. Quando a água estava a ferver, espeta-lhe com o caldeiro da água em cima. (risos) Espetou-lhe o caldeiro da água em cima. Ora, matou a mãe, a mãe morreu queimada.

O que é que ele depois faz? Foi buscar uma cadeira, pôs por trás da porta e a porta assim entreaberta e... sentou a mãe, a mãe, e pôs-lhe uma alfarroba na boca. E quando o irmão chegasse a porta estava assim entreaberta... O irmão, que não sabia daquilo, quando chegou foi abrir a porta para entrar. A mãe estava lá por trás, pois deixou cair a mãe. Diz ele assim:

– Ai, homem, o que tu fizeste! Então tu mataste a mãe? Tão boazinha que ela estava. Olha, estava já comendo uma alfarroba por trás da porta.

O outro, o irmão, diz-lhe assim:

– Ai é? Então como conseguiste tu?

– Então eu consegui pô-la boa. Olha, sentei-a na cadeira. Tu agora vieste, abriste a porta de repente e então mataste-a... (risos)

Informante: Maria Vitória Barão, 65 anos, natural de Vila Nova de Cacela, VRSA, Faro

Recolha: Vila Nova de Cacela, V.R.S.A., Faro, a 4 de Novembro de 2006.

Coletor: Margarida Nunes Rosa (faixa n.º 4)

Classificação: ATU 1681B

464

HISTÓRIA DOS TRÊS IRMÃOS

Era uma vez três irmãos, e um deles, pronto, era atrasado mental e os outros dois eram normais. E tinha-lhes morrido o pai e tinham a mãe a cargo deles. Então, o atrasado mental, como não fazia vida de campo, ficava a cuidar da mãe, enquanto os outros iam para o campo fazer a vida deles.

Então um dia, em Março, quando as cearas começam a crescer... Era um dia assim de vento... (Eu própria já tenho visto, que as cearas, o trigo, a aveia o centeio, começa a fazer assim, dá a sensação que está a fugir, faz aquelas ondas.)

E então, o atrasado foi à porta, deu uma volta e aquelas entradas, aqueles forjais, aquelas coisas, e ele começa a ver aquilo a fugir. E o que é que ele pensou?

– Oh, então andaram os meus irmãos com tanto trabalho a semear e a lavar e agora o trigo e a aveia vai-se, está a fugir para a terra dos vizinhos? Não pode ser!

Então vai a casa, pega num bocado de pau, num bordão, e vai ao trigo: catanada a um, bordanada a outro e rebentou com aquilo tudo, partiu a sementeira.

Depois de feito, viu o mal que tinha feito e pensou: “Logo à tarde vêm os meus irmãos, como é que eu vou enfrentá-los?”

Quem tomava conta da mãe era ele, mas ele vinha tão danado e tão aborrecido com ele mesmo que... Todos os dias dava banho a mãe, os cuidados de higiene... E de danado que vinha e aborrecido, aqueceu tanto a água (antigamente aquecia-se água naqueles caldeiros), [que matou a mãe.]

Reconheceu que tinha feito mal, que tinha matado a mãe, da maneira como tinha procedido a fazer a higiene à mãe. E então o que é que faz? Vestiu a mãe como se nada fosse, pôe a mãe sentada na cadeira atrás da porta, onde os irmãos tinham de entrar, havia a roca que se fiava com o linho, prendeu no avental e pensou: “Assim só não chega!”

Tinham animais, ainda os têm. Vai aos porcos, começa a olhar e vê que as necessidades dos porcos estavam pretas, parecia língua preta. Vai dai, o que é

que ele fez? Leva um garfo, espeta num garfo, apanha um bocado do pocilgo dos porcos e pôs assim na mão da mãe e pôe-se à espreita dos irmãos. Quando viu que eram horas dos irmãos regressarem a casa, pôe-se à espreita dos irmãos e, quando os irmãos vinham chegando, viram aquele serviço que ele disse logo que tinha sido ele:

– Olha, desculpa, mas fui eu! Vi aquilo a fugir para a terra dos vizinhos e fiz-lhe isto.

Os irmãos, de danados que vinham com ele, abrem a porta: truz! Abrem a porta e a mãe caiu. Quando ele vai e diz assim:

– Ah, ladrões, que mataram a nossa mãe! Tão bem que ela estava fiando na roca e comendo um bocado de pão com chouriça preta.

E era parvo, faria se não fosse...

Informante: Isilda Martins, 52 anos, natural de Martinlongo.

Recolha: no Azinhal, Castro Marim, Faro, a 20 de Dezembro de 2005.

Coletor: Ermelinda Almeida

Classificação: ATU 1681B + AT 1204*

465

ANEDOTA DAS CEROULAS

Era um rapaz que namorava uma rapariga há muito tempo, mas nunca... viviam assim muito pobres, nunca usava ceroulas, usava só as calças. Não usava cuecas, nem ceroulas nem nada. E diz-lhe a avó assim:

– Ó filho, então tu namoras a rapariga há tanto tempo. Não estás a pensar em casar? Tens que comprar um pano para se fazerem ceroulas, não podem casar sem ceroulas.

(Sabe o que é uma ceroula? É a cueca vá, a gente agora já é só boxers e *trusses* mas dantes, eram as ceroulas.)

E ele foi à loja e pediu uma peça de pano para fazer as ceroulas. A avó mandou-lhe fazer um par e sobrava-lhe dezoito metros de fazenda.

Diz-lhe:

– Então, compraste tanto pano...

– Deixe estar, avó. Fica para quando me casar. Meto na mala para quando me casar.

A avó fez-lhe as ceroulas, e assim que apanhou as ceroulas feitas, enfiou logo as ceroulas. Foi namorar a rapariga e depois pôs-se a arregaçar um bocadinho:

– Olha, vês que eu também tenho? Vês que eu também tenho?

E ela:

– Mas aí não vejo nada.

E ele arregaçava mais um bocadinho:

– Vês, que eu também tenho?

– Não vejo nada!

Até lá que passou um bocadinho do que ela julgava e fala assim:

– Mas é só isso?

– Não! Tenho isto, tenho estas, mas tenho mais de dezoito metrozinhos para quando nos casarmos.

Informante: Joana Duarte Carrilho Gaspar, 75 anos, natural de Marvão, Portalegre, reformada, analfabeta.

Recolha: em Barretos, Marvão, Portalegre, a 21 de Novembro de 2017.

Coletor: Joana Alegria (faixa n.º 20)

Classificação: ATU 1685

466

O CASAMENTO DA MERDA

Havia um homem que foi convidado para um casamento. E depois, chegou a casa, disse aos filhos e à mulher:

– Olhem, fui convidado hoje para um casamento e eu vou.

– Ai, a gente vai também.

– Não. Vocês não têm roupa e eu não posso comprar. E eu vou com a roupa que tenho.

Maneiras que foi ao casamento, os noivos casaram-se. À noite os noivos vieram-se deitar. O noivo nunca tinha comido tanto bolo. Comeu muito bolo, fez-lhe mal à barriga.

Maneira que começa ele com a noiva:

– Ai, mãe! Ai, meu Deus! Ai, eu nem posso fazer nada! Eu tenho uma grande soltura...

Diz ela assim:
 – Olha...
 Diz assim:
 – Agora onde é que eu vou cagar? Se eu não sei... não tenho onde é que faça...
 – Vai lá no lar, onde é que fazem a cinza, onde é que fazem o fogo, esgravata com um pauzinho e faz lá. E depois tapa. Quando eles vêem pensam que foi o gato. Maneira que ele fez. Foi lá, fez. Mas enfim, deitou-se com ela:
 – Então, não vens brincar comigo?
 – Ai, não, estou com dor de barriga outra vez. Onde é que eu vou fazer agora?
 – Olha, agora faz dentro da bacia.
 Maneira que fez dentro da bacia. Depois vem-se deitar, era assim:
 – Agora não vais brincar comigo?
 – Não, não posso. Ai, que grande dor de barriga que eu tenho. Onde é que eu faço agora?
 – Faz na enfusa.
 Foi, fez na enfusa. Depois, veio-se deitar, ela:
 – Então, não te arrumas para o pé de mim?
 – Ai, grande dor de barriga que eu tenho... Onde é que eu vou cagar?
 – Olha, vai cagar nas botas do padrinho.
 Foi cagar nas botas do padrinho. Depois, veio-se deitar, ela assim:
 – Agora já vens brincar comigo?
 – Não, não posso! Grande dor de barriga que eu tenho... Onde é que eu vou cagar agora?
 – Vai cagar no capuz da capa do padrinho.
 Depois, foi, acabou de cagar aquilo tudo, veio para casa, para o quarto. Depois já foi brincar com ela.
 Depois chegou o padrinho. Chegou o padrinho e disse assim:
 – Então, estão às escuras? Não há aí fósforos?
 Diz ela assim:
 – Olhe, vá lá ao lar, lá à cinza. Mexa, que há-de estar lá um tiçanito e acenda o candeeiro.
 Ele foi mexer com as mãos, cagou as mãos.
 – Ai, mãe, o raio do gato, cagou aqui na cinza... Agora onde é que eu lavo as mãos?
 – Olhe, lave na bacia.
 Foi lavar na bacia:

– Ah, mas o que está na bacia não é água! Ai, mãe, ai, que grande fedor...
 – Olhe, ponha a enfusa à boca e tire bochechas de água e lave.
 Foi por a enfusa à boca, disse:
 – Ai, mãe, nesta casa só há merda! Onde é que está as minhas botas que eu vou-me embora?
 Foi calçar as botas, conforme calçou as botas, espirrou pelas pernas por aí acima, diz ele assim:
 – Ó Nossa Senhora, mas de onde é que vem tanta merda?
 Depois, diz ele assim:
 – Onde é que está o meu capote, e o capuz?
 – Está aí pendurado.
 Foi por o capuz, que vestiu o capote, foi voltar o capuz para cima da cabeça ficou todo cagado.
 Depois veio para casa, muito chateado, muito chateado.
 Foi os filhos, ouviram o pai, começaram:
 – Ai, o meu pai vem além do casamento. Ele traz bolos. Ele vem do casamento.
 – Eu venho do casamento da merda, eu não trago bolos.
 – Ó pai então não traz um bolinho para a gente?
 – Bolos? Qual bolos? Só havia lá é merda, eu venho todo cagado!
 Acabou-se. (risos)
 (Eles hão-de dizer assim: Oh, mas que linda história...) (risos)

Informante: Isaura de Jesus Martins, 86 anos, natural da Cabanita, Paderne, Albufeira, Faro, reformada, sabe ler e escrever.

Recolha: em Paderne, Albufeira, Faro, a 21-10-2007.

Coletor: Cláudia Marta (CD / faixa n.º 11)

Classificação: Car-Co 1685*C

467

A NOITE DE NÚPCIAS

Um casal tinha um filho e o filho resolveu casar. Mas a mãe, com medo que o filho não soubesse o que fazer na noite de núpcias, até porque ele mesmo de vez em quando dizia:

– Ó mãe, mas eu vou-me casar e depois não sei o que fazer com a minha noiva...
 – Ó filho, não te preocupes. Casa lá que eu depois dou-te umas dicas...
 E então o filho decidiu casar-se. Casou-se e trouxe a esposa, a noiva, na noite de núpcias para a casa dos pais. E depois, chegou ao pé da mãe:
 – Ó mãe, então agora o que é que eu faço?
 – Ó filho, tu não te preocupes. Tu vais para o quarto com a tua esposa e eu cá do lado de fora vou-te dando umas dicas.
 – Está bem mãe!
 Mas aquilo, eles tinham um sótão e dentro do quarto havia uma escada que dava para o sótão. E a mãe pôs-se cá do lado de fora:
 – Então filho, como é que é?
 – Ah, já estou pronto, já estou pronto!
 – Então, filho, vá: para baixo e para cima, para baixo e para cima...
 E ele começou a andar para baixo e para cima, mas nos degraus que subiam para o sótão. E então, houve uma altura que caiu de lá e gritou:
 – Ai, mãe, sangue!
 E a mãe, assim toda satisfeita:
 – Hiii, marido, vês, vês? A nossa nora ainda era virgem!
 Só que era o filho que estava de cabeça partida, lá dentro do quarto.

Informante: Lurdes Guerreiro, 43 anos, natural de Santa Clara a Nova, empregada de andares, 9.º ano.

Recolha: em Tunes, Silves, Faro, a 6 de Novembro de 2009.

Coletor: Gabriela Rodrigues Pacheco e Dália Solá Faísca (faixa n.º 11 / 6'54)

Classificação: ATU 1686

468

[O MIÚDO VAI AO TALHO]

Era uma vez uma mulher que tinha um miúdo. E queria pôr o jantar ao fogo, mas não tinha carne. E mandou o miúdo ao talho a buscar carne.
 E a mãe disse assim:
 – Não te esqueças que é um quilo de carne de porco.
 E ele começou:

– Um quilo de carne de porco, um quilo de carne de porco...
 Mas ia por caminho e passou uma ambulância. E a ambulância ia:
 – Tirini, tirini, tirini.
 Ele esqueceu-se da carne, esqueceu-se do que ia a fazer e começou:
 – Tirini, tirini.
 Chegou à porta do talho, a mulher perguntou-lhe assim:
 – O que é que tu queres?
 – Quero um quilo de tirini, tirini. (risos)
 Disse:
 – Ah, eu não tenho, não tenho isso.
 Ele senta-se no poial do talho, na porta do talho:
 – Tirini, tirini.
 E a mulher, era já horas de fechar o talho e andava varrendo, para fechar a porta.
 E vai ela, disse assim:
 – Ah, porco, sai daqui!
 Diz ele:
 – É mesmo isso que eu quero: um quilo de porco.

Informante: Cristina Rosa Mestre, 48 anos, natural de Mértola, Beja.

Recolha: em Corte-Sines, Mértola, Beja, a 26 de Dezembro de 2008.

Coletor: Andreia Fragoso e Sandra Mestre (gravação / 3:56'12)

Classificação: ATU 1687

469

[OS DOIS LADRÕES]

Dois homens combinaram e foram roubar. Um disse assim:
 – Olha, eu roubo azeitonas. A minha mulher gosta muito de azeitonas, eu trago um saco de azeitonas.
 E o outro, disse assim:
 – Eu não levo azeitonas, a gente não gosta de azeitonas. Eu vou àquela horta e roubo melões.
 O que ele havia de encontrar: os donos da oliveira, da herdade.
 – Ai, são vocês que vão roubar as minhas coisas? 'Pera aí que eu já te digo...

O homem levava mais pessoas com ele, puseram o homem das azeitonas de rabo para o ar e enfiaram as azeitonas pelo rabo dele. E ele ria às gargalhadas.

– Você gosta? Está a rir?

– Sim, estou a rir porque o meu camarada vem aí com melões, e não sei como vai enfiá-los no rabo...

Informante: Isabel Encarnação Correia, natural de Lagoa, Faro.

Recolha: em Lagoa, Faro, a 21 de Novembro de 2010.

Coletor: Sara Filipa Maia Palma

Classificação: ATU 1689

470

[OS CIGANOS, AS AZEITONAS E AS MELANCIAS]

Havia um cigano que vinha com um carrinho daqueles de bestas antigo, que era puxado por animais, e vinha carregado com azeitonas. E então, quando vinha ali a meio do caminho, um guarda interceptou-o e pediu-lhe os documentos, como se faz nas viaturas. E o cigano, muito aflito disse:

– Ai, senhor, pois eu documentos não tenho nenhuns!

– Ai, então vou ter que autuá-lo.

– Então e quanto é que é a coima que o senhor me vai aplicar?

– Ah, 180 euros!

– Ai, senhor, então, mas eu não tenho dinheiro!

Diz o guarda assim:

– Então como o senhor não tem dinheiro, a maneira de pagar é: vai ter que enfiar 180 azeitonas no rabo.

E o cigano, muito aflito, disse:

– Pois está bem!

E naquilo, começa o cigano, enfia a primeira azeitona no rabo e diz assim:

– Ai, o meu pai!

Enfia a segunda azeitona no rabo:

– Ai, o meu pai!

Ao enfiar a terceira azeitona no rabo, diz novamente:

– Ai, o meu pai!

Diz-lhe o guarda assim:

– Escute lá: então porque é que você, cada vez que mete uma azeitona no rabo diz “Ai, o meu pai!”?

– Ai, o meu pai, que vem aí atrás com uma carrada de melancias!

Informante: Nelson Pereira, 31 anos, natural do Beliche, Castro Marim, Faro, condutor de máquinas agrícolas.

Recolha: no Beliche, Castro Marim, Faro, a 3 de Novembro de 2007.

Coletor: Hélder Manuel Lopes Marcos (cassete 1 / face B)

Classificação: ATU 1689

471

O COMPADRE RICO E O COMPADRE POBRE

Eram dois compadres: o compadre rico e o compadre pobre. Ambos tinham mulher, ambos casados. Depois, um dia, o compadre pobre estava à beira de uma estrada a plantar uma figueira e passou o rei. Passou o rei e o rei disse assim:

– Então o que é que estás aí a fazer, homem?

– Olhe, estou plantando uma figueira, senhor rei.

– Ah, estás plantando uma figueira? Olha, os primeiros figos que ela der, vai levá-los a mim.

Passado um ano, ou dois, a figueira dá três figos. Ele arranja os figuinhos num cestinho, muito bem feitinho, e foi levar ao rei.

O rei achou que aquilo era um acto que ele agradeceu muito. E disse assim para o empregado:

– Olha, vai lá ao armazém, enche meio alqueire de dinheiro para este homem.

Encheu meio alqueire de dinheiro, que o dinheiro que havia era contado a meios alqueires. E ele levou aquilo para casa.

Esse compadre pobre, que depois ficou com meio alqueire de dinheiro, costumava, quando se visse aflito, pedir ao compadre rico algumas coisas. Mas a partir dai, com aquele alqueire de dinheiro, passou a viver melhor.

O compadre rico dizia assim:

– Mas o que seria que se passou com o compadre pobre? Um dia destes foi à do rei e nunca mais nos pediu nada! Hás-de perguntar à comadre, a ver o que é que ela... a ver se ela descobre o que é que o marido trouxe lá do rei.

Até que as mulheres são sempre mais fraquitas... A comadre começou a explorar a explorar...

– Ah, foi o meu marido que trouxe meio alqueire de dinheiro.

A outra ficou com um bocado de inveja, ou não sei quê... Deve ter caído um bocado mal:

– Então, até o outro pobre já está mais rico do que eu? Olha, arranja aqui um cestozinho e vai levar ao rei. Arranja um cesto de figos e vai levar ao rei.

Até que o bom do marido arranja um cesto de figos e vai levar ao rei. Foi levar ao rei, o rei, quando ele chegou com os figos, pensou que aquilo era uma cópia:

– Então, mas aparecem estes figos sem eu mandar? Mas que trabalho é este?

Chamou o empregado e disse assim:

– Leva este gajo ao armazém e esmaga-lhe os figos no rabo.

Foram para o armazém, o empregado com ele, e disse assim:

– Vá, dispa lá aí as calças, ande!

O homem despiu as calças. Pega nos figos, põe com eles em cima do cu e “tuca, tuca”, ficou todo embrenhado de figos.

Quando veio para casa, vinha além a meio caminho, ainda não tinha chegado a casa, já a mulher, cá de cima:

– Então trazes muito dinheiro?

E ele dizia-lhe assim:

– Olha, trago os figos no traseiro.

E ela disse:

– O que dizes tu?

– Olha, trago os figos no cu.

Informante: Maria José Alves Romão, 71 anos, natural de S. Bartolomeu de Messines, Silves, Faro, reformada, 4.ª classe.

Recolha: em Faro, a 3 de Janeiro de 2007.

Coletor: Abel Chanfana (Cd n.º 1)

Classificação: ATU 1689A

472

O JOÃO PATETA

Ora vamos lá ver... Vivia numa aldeia um casal, o homem chamava-se João e a mulher chamava-se Maria, não sei o nome dela... Ah, ele era muito despistado.

Um dia a mulher precisava de agulhas para coser, fazer a sua costura, e mandou o homem à vila, à feira. Ele foi, comprou as agulhas, e quando vinha no caminho encontrou um homenzinho com um burro carregado de palha e, para ajudar o homenzinho a levantar o burro, pegou nas agulhas espetou-as na palha.

Quando foi à procura delas, não encontrou. Chegou a casa, a mulher disse:

– Então, João, e as agulhas?

– Ai, mulher... não te zangues! Eu peguei, vim e encontrei um homenzinho com um burro carregado de lenha no chão, o burro caído, e então para ajuda-lo a levantar...

– Ai, homem mas tu [estás] cada vez mais maluco! Não se fazia isso, espetava-se no casaco...

– Maria, não te zangues, que eu para a próxima faço isso.

Na semana seguinte foi novamente à feira e a mulher encomendou-lhe uns escanzis (são os ferros para por no coiso do carro para engatar o macho). Foi à feira, andou por lá, gozou, brincou, comprou os escanzis e veio espetou-os – aquilo era de ferro – espetou-os no casaco.

Chegou a casa, a mulher assim:

– Ai, homem, mas o que é que fizeste?... Deste cabo do casaco todo, homem... Isso não se fazia assim. Pegavas num cordão, atavas e punhas às costas.

– Está bem, Maria. Não te zangues que eu, para a próxima, faço isso.

Na semana seguinte foi novamente à feira, e diz a mulher assim:

– Ó João, tu devias-me de comprar um porquinho, que é para a gente engordar – estava depois a chegar o Natal -, para a gente matar!

– Está bem, Maria.

Foi para a feira, andou passeando, gozou, comprou o porquinho. Pega no barão, põe o porquinho às costas, vem pelo caminho. O coitado do porco já vinha quase morto quando chegou a casa.

– Ai, homem, mas tu cada vez estás mais maluco! Isso não se fazia assim.

– Não te zangues, Maria, que eu para a próxima faço isso.

– Atavas o baracinho ao porquinho, à perna, com uma varinha, e vinhas dando assim pelo caminho, vinhas andando.

– Maria, não te zangues que eu para a próxima vez faço isso.

Bom... A dona ficou... Na semana seguinte...

– Ó João, precisávamos de uma bilha para fazer água fresca. Não temos nada aí.

– Está bem.

Bom, o João foi para a feira. Levou o barão dentro da algibeira, comprou a bilha que era de barro, atou-a na asa e veio com ela arrojando pelo chão, batendo com a varinha. Chegou a casa:

– Olha, João, já nunca mais vais à feira. Quem vai agora, daqui para a frente, sou eu.

– Está bem. //

A mulher despachou-se, foi para a feira e disse-lhe assim:

– Olha, João, eu tenho que ir encher uma malga com açúcar em cima da mesa e tenho a galinha a deitar, a tirar pintos. Olha, toma conta a raposa não venha e não coma a galinha. Senão depois os ovos não chocam e o que está aqui em cima fica... morres.

Oh, o João andou de um lado para o outro, passeando no coiso. A galinha foi comer e saiu de lá; a raposa veio e comeu a galinha. Depois o João viu-se aflito, não sabia o que havia de fazer, de comer... Começou a comer o açúcar todo, pensando que morria, mas aquilo era açúcar. //

Bom, foi ver se via a galinha para se deitar em cima dos ovos para não perder o calor.

A mulher chega:

– João, ó João!

Mas onde é que estava o João... E só ouvia:

– “Crós, crós!” (imita o barulho de uma galinha)

– Ó João, onde é que estás João!

Oh, o bom João estava em cima dos ovos. A mulher chegou lá, estava em cima dos ovos. Partiu os ovos todos, ficou sem pintos e sem nada. E o pobre do João não morreu porque comeu o açúcar, mas aquilo, aquele açúcar não era para morrer.

E pronto, e andou e foi, e era chamado o João Pateta.

Informante: não identificado, do sexo feminino, 70 anos, professora aposentada.

Recolha: em Albufeira, Faro, a 20 de Dezembro de 2010.

Coletor: Lúcia Cristina Alferes Hortas Jesus

Classificação: ATU 1696 + ATU 1313 + ATU 1681B

473

[O RAPAZ TONTO]

Fatalidades que acontecem na vida: uma mulherzita ficou viúva e então ficou com um filho. Viviam no campo e ele guardava umas cabritas. E então, a velhota tinha pena de morrer e não deixar o filho casado. E havia uma vizinha que tinha lá

três filhas e ela começou a querer arranjar casamento com uma das filhas. E então, dizia-lhe a ele para ir lá. Mas ele chegava lá e só falava na cabra gaiada que tinha tido dois filhos, na outra que tinha enjeitado um chibo e assim sucessivamente.

Lá ele vinha, a mãe perguntava-lhe:

– Ah, ela não diz nada...

Até que ela um dia esteve com ela e diz-lhe ela:

– Então, pois se ele chega aqui só me fala na cabra gaiada, nos chibos... Não me diz nada... Então o que quer que eu faça?

– Ó filho, tu quando fores lá, comesas a cantar de roda dela a dizeres do coração, pulares e saltares.

Ele foi numa má hora: estava o pai dela por defunto. Quando chega lá, começa a bailar de roda dela e a cantar. Ela levanta-se e prega-lhe um par de bofetadas. Diz-lhe ela:

– Ó seu malcriado, seu estúpido! Quando se vê coisas destas, tira-se o chapéu. A gente ajoelha-se, reza um padre-nosso e uma ave-maria por alma deste defunto.

– Está bem...

Lá veio para casa muito choroso, contando à mãe. Diz-lhe a mãe:

– Ó filho, pois em quadros desses a gente reza um padre-nosso e uma ave-maria por alma daquele defunto.

Esteve muito tempo sem lá ir. O dia que lá voltou, estavam matando o porco. Estava o porco em cima da bancada, vai ele, tira o chapéu, põe-se a rezar um padre-nosso e uma ave-maria por alma daquele defunto. Vem ela e diz-lhe:

– Mas o que é que ‘tás fazendo? Toma e toma! Quando se verem coisas destas, prega-se uma palmada em cima e diz-se assim: “Em cima deste me sento”.

Lá veio para casa, fez as queixas à mãe. Diz-lhe a mãe:

– Ó filho, pois em coisas dessas...

Esteve outra remessa de tempo sem lá ir. Quando lá voltou, estava uma pessoa da família por defunto também. Começa ele:

– Em cima deste me sento, em cima deste me sento!

Levou porradas outra vez. (risos)

De maneira que pensou ele em ir correr mundo. Vem e estava um burro morto ali num vale. Tira o chapéu, ajoelhou-se ao pé do burro e toca de rezar. Vem um passando e diz-lhe assim:

– Que estás tu fazendo aí, tu, parvalhão?

– Estou rezando um padre-nosso e uma ave-maria por alma deste defunto.

– Ó seu palerma! Tira-se a faca, puxa-se pela faca, tira-se-lhe a pele.

Bom, lá vai andando, estava um homem dormindo a folga debaixo de uma azinheira. Ora assim que o viu puxa por a faca, agarra-se a ele, vá uma facada. O homem acorda, dá-lhe uma remessa de porradas. Diz-lhe ele:

– Então quando vir quadros destes o que é que eu faço?

– Deixe-se estar que está no seu feliz descanso, deixe-se estar que está no seu feliz descanso.

Bom, lá vai correr mundo. Estavam dois pobres atascados até à cintura numa lama a pedirem socorro e ele começa a andar de roda deles:

– Deixe-se estar que está no seu feliz descanso, deixe-se estar que está no seu feliz descanso.

Mas tanto estrebucharam até que um saiu. Assim que saiu, veio caminho dele:

– Então você, em vez de socorrer a gente, ainda...

– Então o que é que eu digo quando ver coisas destas?

– Por onde saiu um que saia o outro.

Vai andando. Há um pobre que tinha apanhado uma pancada na vista, tinha vazado uma vista. Começa ele de roda dele:

– Por onde saiu um que saia o outro, por onde saiu um que saia o outro.

Mais porradas.

– Então em quadros destes o que é que eu digo?

– No lugar desse, outro, é o que você tem que dizer.

(Não sei se você já tem ouvido falar, no outro tempo havia um bichoco que lhe chamavam os cabruncos.) Encontra um pobre que vinha para o médico todo aflito com aquilo, começa ele de roda dele:

– No lugar desse, outro, no lugar desse, outro.

Leva mais porradas.

– Você, quando ver quadros destes diga: “Deus queira que isso seque”.

Bom, toca de andar, até que vê um homenzito andar cavando as couves, trazendo da horta. Começa ele de roda:

– Deus queira que isso seque, Deus queira que isso seque!

– O que é que você está dizendo?

Mais porrada.

– Você diga, quando ver quadros destes: “daí coma, daí beba, daí dê de comer à sua família”.

Bom, (desculpe lá agora a maneira que vou falar) ele ia andando, encontrou um homem a fazer o serviço por traz de uma parede. Começa ele de roda dele:

– Daí comas, daí bebas, daí dê de comer à tua família.

Aí é que foi o resto... Ele ia acabando com ele. (risos)

Informante: José Avelino Nunes, 76 anos, natural de Pocinho, Vila Nova de Cacela, VRSA, Faro

Recolha: Vila Nova de Cacela, V.R.S.A., Faro, a 5 de Novembro de 2006.

Coletor: Margarida Nunes Rosa (faixa n.º 17)

Classificação: ATU 1696

474

A HISTÓRIA DO JOÃOZINHO

O Joãozinho queria namorar umas raparigas e perguntou à mãe como é que havia de fazer para as conquistar. E a mãe disse-lhe:

– Olha, filho, vais ter com elas e jogas-lhe umas palhinhas para cima e brincas com elas.

– Está bem!

Ele foi, as meninas estavam a pentear-se e ele apanhou um punhado grande de palha e jogou-lhe para cima. Elas não gostaram, bateram-lhe e mandaram-no embora. Ele chegou a casa a chorar. A mãe perguntou-lhe o que foi que aconteceu e ele contou o sucedido.

E a mãe disse-lhe:

– Ó filho, não fazias isso. Tiravas a tua flauta, cantavas e dançavas.

– Está bem, amanhã vou fazer isso!

No dia seguinte, o pai estava morto. Ele tirou a flauta, cantou e dançou. Elas chatearam-se, bateram-lhe e ele chegou a casa a chorar. A mãe perguntou e ele contou.

E a mãe disse-lhe:

– Filho, não podias ter feito isso. Tiravas o chapéu, rezavas, choravas.

– Está bem, amanhã faço isso.

Foi, no dia seguinte eles estavam de matança de porco. Ele tirou o chapéu, ajoelhou-se ao pé do porco, rezou e chorou.

Elas disseram:

– Então ontem que o meu pai estava morto ele cantou e hoje reza?

Vá mais porrada para cima do Joãozinho. Ele chega a casa a chorar.

A mãe disse:

– Ó filho, tu não dizias isso. Dizias: “Um cento em volta desse, uns mais pequenos outros maiores que esse.”

– Está bem, amanhã faço isso.

No dia seguinte voltou e o avô estava a arrebentar um quisto numa mão. E ele disse:

– Um cento em volta desse, uns mais pequenos e outros maiores que esse.

Claro, ele não falou bem, elas bateram-lhe de novo. Ele chegou a casa a chorar e a mãe disse:

– Ó filho, tu não podias dizer isso. Tu dizias: “Seque e não renove; seque e não renove.”

– Está bem.

No dia seguinte foi lá e o senhor estava na horta a podar uma vinha.

E ele começa a dizer:

– Seque e não renove; seque e não renove.

De novo se armou a confusão. Ele chegou a casa num desespero.

A mãe de novo o aconselhou:

– Filho, tu não podes fazer isso. Tu dizias: “Daí coma e daí beba e daí pague a quem deva.”

– Está bem.

No dia seguinte voltou lá outra vez e as raparigas estavam a fazer chichi e cocó atrás da casa. E ele disse:

– Daí comam e daí bebam e daí paguem a quem devam.

Elas chatearam-se e ele chegou a casa todo triste.

Bem, a partir desse dia a mãe deixou de lhe dar opiniões e durante algum tempo ele parou.

Bem, mas certo dia ele foi à da madrinha e a madrinha deu-lhe um porquinho. E ele pega na perna do porco, põe-se com ele às costas e vem com ele até a casa. Quando chegou a casa o porco estava morto.

Depois a mãe disse-lhe:

– Filho, tu não poderias fazer isso. Tu atavas uma cordinha à perninha do porco e vinhas a passear com ele pela lama, pelo barro...

– Está bem.

Passado algum tempo, volta lá e a madrinha deu-lhe um saco de farinha. Ele atou o saco de farinha numa corda e veio passando com ela pelo barro, em todo o sítio. Quando chegou a casa da farinha não se aproveitava nada. A mãe disse:

– Ó filho, tu não fazias assim. Trazias a farinha à cabeça ou pela mão e chegavas numa fonte, podias sentar-te em cima do saco, bebias água, descansavas.

– Está bem.

Passou algum tempo, volta a visitar a madrinha. Ela deu-lhe uma panela de banha. Ele trouxe a banha e chegou a uma fonte, destapa a panela, tira-lhe a tampa e senta-se em cima da banha. As moscas depois não o deixavam. //

No dia seguinte vai à missa. Vai à missa, pousa uma mosca em cima do padre. Ele, de longe, bate na mosca na cabeça do padre para matar a mosca e disse-lhe assim:

– Sua malandra, comestes-me a banha, mas agora também hás-de morrer!

O padre, assustado com aquilo tudo, foge. Foge e vai-se esconder dentro de umas couves. O que é que o João pensa? “Bem, eu só faço asneiras, não vou mais pedir conselhos à minha mãe. Vou pedir ao meu amigo e vamos roubar umas couves.” E resolvem e vão roubar as couves.

E diz ele ao amigo:

– Agora, as couves estão cheias de barro...

Arrancavam-nas, não é, traziam barro nas raízes.

– Como é que fazemos?

Diz o amigo assim:

– Olha, bate além naquela pedra branca, para a terra sair.

E vai o Joãozinho pega na couve, *zus*, uma porrada com a couve. Bate no padre: era o padre. O padre, assustado, foge. Eles também se assustaram, pensaram que era o dono das couves e foram embora, não roubaram mais couves.

O padre pensa: “Agora, onde é que eu me vou esconder?”

E vai e esconde-se no meio de um rebanho de ovelhas.

O João pensa assim:

– Olha, já que não roubamos couves, estava lá o dono, vamos roubar uma ovelha!

Vão roubar a ovelha e diz o amigo assim:

– Olha, e agora como é que escolhemos a ovelha?

– Como é que escolhemos a ovelha? Não! Eu quero um carneiro.

– Então vais e vais apalpar-lhe os tomates, para ver o que é o carneiro ou uma ovelha.

E lá vai o Joãozinho. Vai o João e agarra nos testículos do padre e traz ele de rojo. Era no escuro e ele não via claro.

E diz ele assim:

– Ai, é o dono das ovelhas!

E corre... //

O padre, assustado, já não sabia onde se refugiar. Vai andando, andando e encontra umas colmeias e esconde-se dentro de uma colmeia.

O João e o amigo caminharam e dizem assim:
 – Agora o que é que vamos roubar? Nas couves estava o dono, no rebanho de ovelhas estava o dono... Vamos roubar uma colmeia!
 – Então e como é que escolhemos?
 – Olha, a que estiver mais pesada!
 E vão e pegam numa colmeia e [carregam] com ela às costas.
 – Esta está bem pesadinha, deve estar cheia de mel.
 Passado algum tempo, começa um líquido viscoso a correr pelos ombros do João.
 E diz o amigo assim:
 – Olha, olha! Olha, lambe! Olha o mel a correr!
 Era o padre, assustado. Na aflição começou a fazer diarreia e eles a pensarem que era o mel. E então, lá caminharam os três, felizes com a colmeia pesada a pensar que era o mel e afinal era o padre...
 E terminou assim a história do Joãozinho.

Informante: Fernanda Maria Rodrigues, 44 anos, natural de Sabóia, empregada de andares, 9.º ano.

Recolha: em Albufeira, Faro, a 1 de Novembro de 2009.

Coletor: Gabriela Rodrigues Pacheco e Dália Solá Faísca (faixa n.º 9)

Classificação: ATU 1696 + ? + ATU 1525H4

475

O CAÇADOR DE LISBOA E O PASTOR ALENTEJANO

Os caçadores de Lisboa aparecem todos os anos
 Para fazerem boas caçadas nos campos alentejanos
 Já em plena caçada sai uma lebre destemida,
 Atrás dela vão dois tiros que a deixam logo ferida.
 Correu desorientada já com o chumbo nas orelhas,
 Passou perto do pastor e abrigou-se com as ovelhas.
 Homem de grande experiência, segue-lhe um passo abafado,
 Apanha a lebre com um jeito já pensando no guisado.
 Vem correndo o caçador e o pastor a vê-lo ali,

Chega aflito e pergunta: – Viu uma lebre por aqui?
 O pastor fez-se de surdo, jogou as mãos às orelhas,
 Respondeu ao caçador: – Não, não são minhas as ovelhas.
 – Eu não quero comprar o gado, isso para mim não importa,
 Foi uma lebre que eu atirei, deve estar por aqui morta.
 Responde o pastor assim, encostado ao seu bordão:
 – Olhe não lhe vendo as ovelhas e os borregos também não!
 Foi ai que o caçador, que nada compreendeu, diz:
 – Raios lhe partam o homem que é mais surdo do que um pneu!
 Passaram-se quinze dias, veio fazer nova caçada,
 Aos campos do Alentejo, mas trazendo camarada.
 Vão caçando alegremente e nos campos ao rigor,
 Encontraram novamente o nosso humilde pastor.
 Pensaram gozar um pouco e logo lhe deram pressa,
 Então o surdo pastor, foi o ponto da conversa.
 – Viemos aqui, pastor, para te comprar uma ovelha...
 – Ah, a lebre que vocês mataram, estava aqui atrás da orelha.
 Foi assim que o lisboeta deixou de vir alguns anos,
 E hoje nunca se esquece dos pastores alentejanos.

Informante: António José Pilrito, 60 anos, natural de Vila de Frades, Vidigueira, Beja, soldador.

Recolha: em Vila de Frades, Vidigueira, Beja, a 2 de Junho de 2006.

Coletor: Margarida Tasquinha

Classificação: González 16980

Nota: Tomou conhecimento desta história na sua aldeia e posteriormente fez versos de sua autoria.

476

[O CAÇADOR E A LEBRE]

Era um caçador, que era também dos lados de Lisboa, vem à caça para o Alentejo. Atirou numa lebre, feriu-a, mas não a matou. E a lebre ia ferida e foi-se embora.

E ele foi andando, andando, andando na direcção que a lebre foi. E, às tantas, encontrou um pastor, cuidando das ovelhas, dos bacorinhos, e perguntou-lhe. (Ah, e o pastor tinha um burro). E o caçador perguntou ao pastor:

– Eh, amigo! Você não viu passar aqui uma lebre?

E o pastor respondeu:

– O quê, o burro?

– Não, uma lebre que... Eu dei-lhe um tiro, ela veio ferida, ela veio nesta direcção...

– O burro ferido? Não, está nada! O burro está bom! Então, você não vê que o burro está bom de saúde?

– Não, homem! É uma lebre a que eu dei um tiro. Eu ando aqui à caça... ela veio ferida.

– Mas qual o burro está ferido... Não está nada! O burro está bom!

E o caçador foi-se embora.

– Raios partam o homem! Deve ser parvo. Eu pergunto-lhe pela lebre e ele só sabe falar no burro!

E então, foi-se embora.

No próximo dia de caça, foi para a mesma zona. Foi para a mesma zona e encontra o pastor. Encontrou o pastor. Mas nesse dia, levava um amigo e diz:

– Olha, vamos gozar aqui um bocadinho com ele. Eu, no outro dia, perguntava-lhe pela lebre e o gajo só falava no burro. Vamos rir-nos um bocado à conta dele.

Chegam ao pé do pastor e diz logo o lisboeta:

– Então, amigo... E que tal o burro? Está melhor?

– A lebre? Estava boa! (risos)

Informante: pediu para não ser identificado.

Recolha: no Algarve, em 2010

Coletor: Gina Guerreiro

Classificação: González 16980

477

O VELHOTE ALENTEJANO QUE ANDAVA A LAVRAR

Andava um velhote com uma burrinha a lavrar a terra no Alentejo. Chegam um caçador de Lisboa e seus amigos e pensaram em gozar com o velhote. O caçador,

vai daí e mata uma lebre e nunca mais a achou. Aproxima-se o caçador do velhote e pergunta-lhe:

– Ó compadre, o senhor não viu para aí uma lebre?

O velhote respondeu:

– O quê? A burrinha está gordinha?

– Não! Uma lebre!

– Sim, é velhinha, mas lavra bem!

No ano seguinte o caçador e seus amigos pensam em gozar novamente com o velhote.

Então perguntou-lhe:

– Então, a sua burrinha está gordinha?

– Sim, a lebre do ano passado, com feijão branco, estava uma delícia!

Informante: Natividade, 40 anos, natural de Montargil, Ponte Soure, Portalegre, 9.º ano.

Recolha: na Goncinha, Loulé, Faro, a 24 de Janeiro de 2008.

Coletor: Ana Isabel Afonso (cassete n.º 2 e 3)

Classificação: González 16980

478

[O BÊBADO E OS CARAPUS]

Havia uma vez um bêbado, muito bêbado, que foi comprar carapaus e como não tinha onde pô-los, meteu-os dentro das algibeiras. Mas ele não sabia que as algibeiras tinham buracos. Depois, mais tarde, dá-lhe uma vontade de fazer chichi e vai desabotoar a braguilha e mija-se todo a olhar para ali:

– Ó diabo, há tantos anos que me meto contigo e nunca te tinha visto com olhinhos senão agora!

Informante: Ana Maria de Sousa, 55 anos, natural do Funchal, Madeira, doméstica, 4.ª classe.

Recolha: em Vale de Vargo, Serpa, Beja, a 12-09-2005.

Coletor: Ângela Maria Soares Valadas (faixa n.º 8)

Classificação: Car-Co 1706*F

479

[O PEIXEIRO BÊBADO]

Era um homem que gostava de vinho e muito bêbedo. E era peixeiro. Depois, embebedou-se e encheu as algibeiras de sardinhas, de forma que tinha o forro do bolso roto, deu-lhe vontade de urinar e foi apanhou uma sardinha e pôs-se assim a olhar e disse:

– Olá! Há tantos anos que te conheço e nunca tinha visto que tinhas olhinhos.

Informante: João José Correia, 86 anos, natural da Manta Rota, VRSA, Faro, reformado.

Recolha: em Manta Rota, V.R.S.A., Faro, a 11 de Dezembro de 2010.

Coletor: Daniela Nunes

Classificação: Car-Co 1706*F

480

[OS OLHOS DO CARAPAU]

Havia um homenzinho que vivia no monte e tinha um defeito, ou um vício: bebia muito. Começava a beber de manhã e só acabava à noite. Morava nos montes e vinha para a vila. Começava a beber logo de manhã e só acabava à noite, noite escura que era quando voltava pra casa, para o monte, na carroça. Um dia chegou a vila e foi ao mercado do peixe, comprar carapaus para levar, provavelmente, quando regressasse a casa para no outro dia serem confeccionados. E como passava o dia na taberna a beber, comprou os carapaus no mercado, mandou-os embrulhar em papel pardo, que nessa altura não havia sacos de plástico. Acabaram de os embrulhar em papel pardo, ele mete-os no cós das calças e foi para a taberna como era costume. Bebeu, bebeu, bebeu todo o dia. Quando chegou a noite, teve vontade de ir fazer xixi, antes de ir para a sua carroça para voltar para o monte e esqueceu-se completamente que tinha metido o embrulho do papel pardo dos carapaus no cós das calças. Foi fazer xixi a um urinol que havia num canto da vila e abriu o fecho, os botões das calças, nessa altura nem havia fecho era tudo botões. Dos botões das calças, em vez de sair a pilinha, saiu os carapaus. Ele olhou para os carapaus e fez assim, ou seja, fez esta exclamação:

– Ora esta! Há tantos anos que vivo contigo e só agora é que te vejo os olhos. Os olhos eram os olhos dos carapaus, ele pensava que eram os olhos da pilinha. E assim acabou a história.

Informante: Maria Luísa Correia, 54 anos, natural de Arraiolos, doméstica, 6.º ano.

Recolha: em Arraiolos, Évora, a 27 de Fevereiro de 2010.

Coletor: Raquel Correia

Classificação: Car-Co 1706*F

481

ANEDOTA DO BOCAGE

Um dia, o Bocage sentou-se na janela, de costas para a rua. Vinham umas meninas, das estudantes, e começaram a olhar e a rir e conheceram-no e disseram:

– Ó Bocage!

E ele respondeu:

– Eh, então? Até pelo cú me conheces? (risos)

Informante: Ana Janeiro de Almada, 68 anos, natural de Pias, Serpa, Beja, doméstica, 4.ª classe.

Recolha: em Vila Nova de Gaia, Porto, a 6 de Novembro de 2009.

Coletor: Ana Rita Moura Simões

Classificação: Hansen **1709C

482

[O RAPAZ QUE ESTUDAVA EM LISBOA]

Um rapaz estava estudando em Lisboa, era aqui da Fóia.

Um dia, o pai vai vê-lo, vai fazer-lhe visita.

Então, chegou lá ao pé do pai e procurou pela mãe. O pai disse:

– A tua mãe tem uma grande dor na xoxa.

E ele disse:

– Ó meu pai, não diga isso! Diga: a vagina! Agora quando chegar lá a casa dos senhores, diga: a vagina!

Bem, ele chegou lá a casa dos senhores, os senhores vieram-lhe falar, procuraram pela senhora. E ele disse:

– Tem uma grande dor na... na... na...

E depois disse para o filho:

– Diz lá, filho, o nome da xoxa da tua mãe!

Informante: Maria Vicência, 82 anos, natural de Portela dos Gralhos, Marmelete, Monchique, Faro, reformada, sabe ler e escrever.

Recolha: em Marmelete, Monchique, Faro, a 7 de Janeiro de 2005.

Coletor: Inês Duarte Alves Amorim Vasconcelos (cassete n.º 3/ face A)

Classificação: ATU 1717*

483

[A DOENÇA DA MULHER]

Era uma vez um casal que tinha um filho. E haviam uns compadres que estavam no estrangeiro e eles estavam à espera que eles chegassem. Então, a mulher adoeceu e foi ao médico e o doutor disse que ela estava muito doente do ânus. Bem, foi para casa e disse ao marido que o cú dela se chamava ânus.

Então o marido disse-lhe:

– Como tu estás doente, eu vou com o nosso filho ao aeroporto buscar os nossos compadres, e tu, como estás doente, ficas em casa.

E, assim foi. Os compadres chegaram no avião, começaram a conversar e depois disseram assim:

– Então, veio sozinho com o seu filho, a mulher não veio?

– Olhem compadres, peço desculpa da minha mulher não poder vir, mas ela está muito doente, do, do...

E diz assim ao filho:

– Ó filho, como se chama o cu da tua mãe?

Informante: Ana Maria de Sousa, 55 anos, natural do Funchal, Madeira, doméstica, 4.ª classe.

Recolha: em Vale de Vargo, Serpa, Beja, a 12-09-2005.

Coletor: Ângela Maria Soares Valadas (faixa n.º 8)

Classificação: ATU 1717*

484

COMO É QUE SE CHAMA O CU DO TEU PAI?

Era um casal que morava num monte. E havia uma senhora que tratava lá das coisas, uma velhota que tratava lá das coisas. O filho andava estudando em Coimbra e era para tirar o curso de médico. Quando vinha cá, quer dizer, o pai andava na sementeira que era pelo Natal e vinha passar o Natal, mas o pai andava na sementeira. E diz ele, para a mulher:

– Anda-te cá assomar, anda-te cá aqui assomar. Um grande vermelhão aqui no rabo, no cu.

Ela esteve vendo isso:

– Ai, isso está aí tão feio! Isso tem de ser tratado! Logo se vê como é que isso fica. Logo se vê como é que isso é.

Lá foi trabalhar, foi semear. E então vinha almoçar a casa, o filho vinha de chegada, vinha de chegada, diz a mulherzinha, essa tal velhota:

– Ai minha senhora, já aqui está o menino, já chegou!

– Então que tal?

E ele:

– Então como é que estão? Então e o pai, como é que vai?

– Ai, o teu pai tem estado tão doente...

– Então, o que é que ele tem?

– Um bico no cu.

– Isso não se diz assim! Diz-se um furúnculo numa nádega, um furúnculo numa nádega. Agora um bico no cu...

O pai vinha almoçar a casa. Quando veio, diz o filho:

– Mostre lá ai, como é que está, que a mãe esteve para ai dizendo que você que estava muito queixoso. Ah, pois, tem um bico muito grande. Isso tem de ser tratado! Eu amanhã vou marcar ali uma consulta, ali ao Penedo Gordo³⁶. Vou marcar uma consulta para você ir lá ao médico.

Iam de manhã, levantou-se logo cedo e foi logo o primeiro que marcou a consulta para o pai, que tinha que ir coiso... Veio a casa, para o vir buscar, que o

³⁶ Localidade próxima de Beja.

homem tinha que ir no carro e a mãe foi também. Chegou lá, entraram para ali, na sala de espera e estava a mãe, estava o pai e estava a outra gente.

Quando chamaram, o primeiro foi ele:

– José Manuel!

Entrou. A mãe foi logo com ele. Chegou lá, diz o médico:

– Então, o que é que o traz cá?

Diz ela:

– Olhe, o meu marido tem tido...

Já não se lembrava o que é que o filho tinha dito. Abriu assim a porta e assomou-se cá fora e disse:

– Olha lá, como é que se chama o cu do teu pai, que eu já me não lembra?

Era um furúnculo numa nádega, mas ela já não se lembrava como se chamava o cu do pai.

Afinal, toda a gente ficou sabendo. Estava tudo à espera de ser chamado, ele foi o primeiro. Ela fez esta pergunta, estava o filho sentado, lendo no jornal, que era um senhor, e ela apareceu com esta conversa.

Informante: Olívia Brissos, 78 anos, natural de Santa Vitória, Beja, reformada.

Recolha: em Beringel, Beja, a 23 de Abril de 2011.

Coletor: Sílvia Maria Roupinha Ventura

Classificação: ATU 1717*

485

[O PAI, O FILHO E A AVÓ]

Passou-se que em tempos... Antigamente, havia vergonha de se dirigir aos pais. E então, houve um dos filhos que disse ao pai que gostava de ir às mulheres.

Então, o pai disse:

– Está bem, queres ir às mulheres.

Mas não sabia um meio pois não tinha dinheiro. Então, o pai disse:

– Está bem! Olha, filho, toma lá cem escudos e vai fazer os teus gostos.

Vai por um caminho, aparece-lhe a avó. Aparece a avó e pergunta:

– Então, ó netinho. Ó netinho, onde tu vais?

– Ó avó, vou às mulheres!

– Às mulheres? Tu vais... Que vais fazer?

E a avó, pois, naturalmente, com naquela idade era muito inocente... Ele queria era desfazer-se dos gostos dele, que estava à espera do dia... E o pai deu-lhe o dinheiro. Então ele conta à avó:

– É que eu vou às mulheres que eu...

– Ó neto, ó netinho. Dá-me cá o dinheiro e faz isso comigo.

E então ele disse... Mas como ele foi muito rápido, chega a casa:

– Então, foste rápido!

– Pois claro. Porque chego ao caminho, encontrei a avó...

– Ai, seu caralho! Então tu vais foder a minha mãe?!

– Pois você fodeu a minha...

Informante: Arsénio da Silva, 54 anos, natural de Braga, trolha.

Recolha: em Albufeira, Faro, a 6 de Janeiro, 2008.

Coletor: Darryl Domingos e Margarida Henriques (faixa n.º 5 / 22'00)

Classificação: Robe *1719B

486

[OS PRETENDENTES DA MENINA MARIA]

Era uma vez, numa aldeia, havia uma menina que se chamava Maria. Portanto, era uma jovem casada, mas muito "boazona", e que era muito beata, portanto todos os dias ia à missa.

Então o sacristão, o padre e lá o senhor sacerdote lá da paróquia, um dia, pensaram – como ela era muito boa – pensaram em como ver se conseguiam alguma coisa dela: andavam sempre a assediá-la. Como ela era sempre assediada por eles os três, um dia, ela contou ao marido. Disse:

– Ó pá, passa-se isto assim e assim... Não me largam a cabeça, querem sempre que eu os possa convidar para vir cá a casa e isto e aquilo... Não sei já o que faça...

Não é que o marido disse:

– Olha, fazes uma coisa: convidas um de cada vez. Mas eles que não se esqueçam [de] trazer a bolsa com dinheiro... A gente depois logo... Eu logo resolvo o assunto com eles!

Assim, depois foi. Chegou a menina Maria, chegou no outro dia à missa e diz-lhe o sacristão:

– Então, menina Maria, quando é que eu posso ir lá fazer uma visita a sua casa?

– Olhe, calha bem! Pois pode ir esta noite, porque o meu marido não está. Pronto, aí por volta das oito horas pode ir lá que eu atendo-o.

Pronto, assim foi. O sacristão, quando chega às oito horas, bate à porta da menina Maria. Diz ela:

- E a bolsa com o dinheiro, traz?
- Trago sim, está aqui! – Mostrou ele.

O marido, que, entretanto, estava escondido por detrás da porta, dá-lhe com um pau na cabeça. Ele desmaiou. Ele pega nele como um fardo e vai pô-lo lá no bico do monte lá da aldeia.

Bom, e aquilo passou-se...

No outro dia, diz o padre:

– Então, menina Maria, o nosso sacristão ainda não apareceu. Então o que é que será feito dele? Eu sei que ele ontem foi visitá-la, mas ele ainda não apareceu. Isso é que foi uma noite...

Diz assim:

- Olhe, pois... pois foi, foi bom!
- E então? E quando é que posso ir visitá-la?
- Olhe, pois vá esta noite. O meu marido não está!

Portanto assim foi.

– Mas não se esqueça de levar o saco com o dinheiro.

– Assim foi. Chega à noite, volta-se a repetir a mesma história: ele bate à porta, ela abre a porta:

- Então, e traz o saco com o dinheiro?
- Está aqui!

O marido estava escondido. Dá-lhe uma cachaçada na cabeça e vai pô-lo lá em cima do monte.

No outro dia, estava só o senhor sacristão na missa.

– Então, menina Maria, então e eu também sou filho de gente também, quando é que posso ir visitá-la lá a casa?

- Olhe, pois vá amanhã... Em princípio, o meu marido não está em casa.
- Está bem.

Assim foi: ele chega lá, como os outros, bate à porta, e ela pergunta:

- E traz o saco com o dinheiro?
- Ah, o saco com o dinheiro é que não, porque não o tinha...

Pronto, o marido diz logo aí:

- Alto lá! Não trás o saco com o dinheiro? Então espera aí...

Mandou-lhe entrá-lo, diz ele para a menina Rosa:

– Ó mulher, põe lá a mesa que a gente vamos jantar. Vai buscar uma pistola e aponta à cabeça do sacristão.

Diz assim:

– Agora, você dispa-se e ponha-se aí de cu para o ar.

O desgraçado, ameaçado pela arma, teve que se pôr. Ele pede uma vela, espeta-lhe no cu e diz assim:

– Agora, cada “aí” que der leva um tiro. Tem que ficar calado, enquanto a gente janta. Bom, assim foi. O coitado sentia cair os pingos da cera em cima do cu mas não podia dizer nada, tinha que ficar calado. Bom, acabaram de jantar, apagaram a vela e puseram o sacristão dali para fora.

Ao fim de uma semana, a menina Rosa volta à missa e encontrou os três, lá no altar. Então diz o senhor sacristão:

– Além vem a menina Rosa.

Diz o padre:

– Com a minha bolsa e a vossa.

E diz o outro:

– E eu, como não tinha dinheiro, fizeram do meu cu um candeeiro.

Informante: José Manuel Correia, 48 anos, natural de Olhão, Faro, professor do 2.º ciclo, bacharelato em Educação Tecnológica.

Recolha: em Olhão, Faro, a 21 de Outubro de 2007.

Coletor: Leonor Filipa Pimenta Barão (cassete n.º 1 / gravação n.º 14)

Classificação: ATU 1730

487

ANEDOTA DO PRETO

Havia um homem que tinha uma filha. E então, a filha todos os dias ia para a janela e passava um preto e o preto dizia:

– Adeus, minha rosa.

E ela dizia-lhe:

– Adeus, meu cravo.

E aquilo sucessivamente foi-se aproximando.

Um dia, ele veio ao pé dela e diz:

- Ó minha rosa, quando é que posso vir aqui dormir uma noite consigo?
- Ai, eu não sei, tenho que dizer ao meu pai.
- Então diga lá ao seu pai.

Ela foi para dentro e esteve contando ao pai. E diz o pai assim:

- Amanhã vais outra vez para a janela e diz a ele para vir de noite. Mas não acender a luz e despir e deixar a roupinha aí, toda, no corredor. E assim foi.

Ela estava à janela e veio ele:

- Adeus, minha rosa.
- Adeus, meu cravo.
- Então, minha menina, quando é que posso vir cá à noite?
- Olhe, o meu pai... Eu falei com ele e diz para vir à noite, mas é nesta condição: é a luz apagada e deixe a roupa aí no corredor.
- Está bem, está bem, está bem.

O pai mandou fazer uma boneca muito grande, à medida da filha, muito branca, e meteu na cama. E ele meteu-se debaixo da cama com um pau.

Bom, veio o preto, a criada foi abrir a porta. E diz a criada:

- Você já sabe as condições?
- Já, já, já...já...

Olha, foi para o quarto. Viu aquela coisa tão branca, jogou-se logo em cima da boneca. Então rebolava-se por cima da boneca e dizia:

- Rebola-te preto, por cima da branca. Rebola-te preto por cima da branca.

O pai dela, que estava lá debaixo, salta de lá debaixo com um pau e deu-lhe um par de cacetadas. E depois, pegou nele, pôs no quintal numa árvore e nu e soltou os chibinhos. E onde é que os chibinhos haviam de ir chupar? Na picha do preto! Bom, vai de lá, ele depois soltou-se.

No outro dia, diz ele para a filha:

- Agora, vais outra vez para a janela.
- Eu, pai?
- Agora vais outra vez, que mando eu!

E então ela foi. Viu o preto. Ela não disse nada ao preto, mas o preto disse-lhe a ela:

- Adeus, minha rosa. Diz ela:
- Adeus.
- Olhe, venho-lhe dizer: quando o seu pai quiser criar chibinhos, compre uma vaca, que a minha picha não serve de tetas de ninguém.

Informante: Ester Casimiro, 73 anos, natural de Olhão, Faro.
Recolha: em Olhão, Faro, a 15 de Janeiro de 2008.
Coletor: Joana Santana (gravação 3 / 8'40)
Classificação: AT 1730A*

488

A CARDADEIRA PORTUGUESA

Era um rapaz que, para fugir à tropa, resolveu vestir-se de rapariga, pegou numa carda, que era para trabalhar a lã, e foi para a Espanha. Então, ao lá chegar, foi ficar na casa de um senhor. Cardava a lã, e à noite dormia com uma das filhas. Primeiro dormiu com a mais velha, e a mais velha, no dia a seguir, disse:

– Pai, que dormir tão doce tem a cardadeira.

Então, no dia a seguir, a outra filha, a do meio, quis experimentar também. E então dormiu com a cardadeira. Dormiu com a cardadeira e continuou a dizer que ela tinha um dormir muito doce. Então, a mais nova também dormiu com a cardadeira.

Até que a fama da cardadeira se espalhou, e então passou a dormir com todas as mulheres, solteiras e viúvas. Dormiu com todas.

Então, isto chegou aos ouvidos do padre, do cura. Então, o padre mandou chamar a cardadeira, porque queria dormir com ela. Então, a cardadeira foi para lá, esteve lá a cardar a lã em casa dele e, à noite, ele queria dormir com ela. E então, ela deixou-lhe o cu no abejó (enrabou-o) ... (risos)

Ao fim de algum tempo, descobriu-se que todas as mulheres que tinham dormido com a cardadeira estavam grávidas. Então, o padre mandou chamar um médico para saber se ele também estava grávido (risos). E então, o médico deu-lhe um clister (risos). Deu-lhe um clister e então saiu-lhe, assim, uma grande ventosidade, que fez muito barulho. E diz-lhe o médico:

– Realmente, filho de padre nasce cantando... (risos)

Informante: Lúcia Peixoto, 20 anos, natural de Ponteira, Montalegre, Vila Real, estudante do 3.º ano de Biologia Marinha e Pescas.
Recolha: em Faro, a 21/12/2005.
Coletor: Viviana Andreia Menau dos Reis (cassete n.º 1/ Face A)
Classificação: ATU 1731

489

[O PADRE E A SUA COMADRE]

[Era] uma senhora, que era comadre do padre. E então, ia conversar com o padre todos os dias àquela hora. Ia conversar com o padre, e sentava-se lá em cima numa laje, numa pedra grande, e o marido era sapateiro e dizia:

– Mas para onde é que ela vai todos os dias?

E depois foi espreitar e viu que ela ia e sentava-se. No outro dia foi e viu o mesmo. E depois, o que é que ele fez? Ora, fez fogo em cima da laje, quase na hora de ela ir. Quando ela chegou, levantou a saia, como fazia todos os dias, e sentou-se lá. Ora, queimou-se!

O padre nessa tarde fazia uma procissão. E depois, o padre passou lá à rua com a procissão e ia cantando e dizia assim:

– Passarinho verde, salta cá para fora!

E depois o sapateiro, estava a bater a sola, dizia assim:

– Tem o cu queimado, não vai lá agora!

Informante: Maria Pires Mendonça, 76 anos, natural de Almancil, Loulé, Faro, costureira, 2.º ano do liceu.

Recolha: Almancil, Loulé, Faro, em 2006.

Coletor: Cátia Alexandra Camões Zeverino e Cláudia Alexandra Lampreia Ambrósio

Classificação: Car-Co 1733*C

490

[O SAPATEIRO, A MULHER E O PADRE]

Era uma vez um sapateiro casado. E a mulher dele era amante do padre e saía com ele à noite, enquanto o marido ficava a bater sola.

Apesar de ele desconfiar da situação e de as pessoas também falarem, ele pensava que tinha que lhe pôr emenda sem lhe dizer nada.

Quando a mulher percebeu que já estava a dar nas vistas, disse ao padre:

– Temos que arranjar uma maneira do meu marido não desconfiar, porque já está um bocado desconfiado, mas para ele não se aperceber mais disso.

E o padre responde:

– Então como há-de ser?

A mulher do sapateiro responde:

– Passas ali e dizes: “Passarinho trigueiro, ‘tá a chegar a hora!” E eu, depois, vou.

Então, o padre passava e dizia:

– Passarinho trigueiro, ‘tá a chegar a hora!

E ela abalava para estar com o padre e quando chegava sentava-se em cima de uma pedra fria, onde o marido batia sola e ficava ali muito tempo.

Então, o marido pensou assim:

– Tenho que arranjar uma maneira de ela deixar o padre, mas não lhe vou dizer nada. Deixem estar que eu vou-lhe dar aqui um castigo...

O sapateiro decidiu que ia castigá-la.

Uma noite, quando o padre passou por lá e disse: “Passarinho trigueiro, ‘tá a chegar a hora”, ela abalou.

Assim que ela abalou, o sapateiro colocou a pedra em cima do fogo e tirou-a mais ou menos à hora que ela voltava para casa.

Quando ela chegou, sentou-se em cima da pedra e queimou o rabo todo.

Na noite seguinte, quando o padre passou por lá e disse:

– Passarinho trigueiro, ‘tá a chegar a hora!

O sapateiro respondeu:

– Tem o cu queimado, não pode ir agora!

Informante: Maria Graciete Guerreiro Martins, 59 anos, natural de Nave dos Cordeiros, Benafim, Loulé, Faro, doméstica.

Recolha: em Benafim, Loulé, Faro, a 7 de Novembro de 2006.

Coletor: Sandra Vargues (cassete n.º 2)

Classificação: Car-Co 1733*C

491

[O PADRE SERRAZOLA]

Era uma vez um padre que tinha umas vitelas e era amigo de uma senhora. Um dia, o marido dela foi-lhe roubar uma vaca para comer. Depois, diz que ensinou a um dos filhos uma moda que era assim:

A carne do padre Serrazola,
Uma cozida e outra assada
Sabe que até consola.

E um dia o padre ouve o gaiato estar dizendo aquilo e diz assim:

– Ó menino, diz lá isso.

– Pois:

A carne do padre Serrazola,
Uma cozida e outra assada
Sabe que até consola.

– Então tu és capaz de dizer isso lá na igreja, amanhã, na missa?

– Sou. Porque não?

No outro dia, na missa, houve lá uma altura que ele volta-se para o público e disse assim:

– Ó meus irmãos, escutai o que este menino vai dizer aqui. É tudo verdade, escutai o que o menino tem para dizer.

Chegou à hora de o menino dizer, o menino vai, e diz ele assim:

O padre Serrazola
É amigo da minha mãe,
Mas se o meu pai o apanha lá
Dá-lhe uma zirga que o consola.

Informante: Isilda Maria Revés Guerreiro, 65 anos, natural da Cortinhola, Benafim, Loulé, Faro, 3.ª classe, reformada.

Recolha: na Cortinhola, Benafim, Loulé, Faro, a 16-11-2005.

Coletor: Carina Isabel Martins Anastácio (cassete n.º 4 / Face B)

Classificação: ATU 1735A

492

[A GRAVIDEZ DO PADRE]

É de um padre que foi ao médico. E o padre tinha uma doença que não sabiam o que é que ele tinha. Então o médico mandou fazer análises.

O padre tinha uma empregada e disse para a empregada:

– Olha, amanhã não me despejes a urina que eu tenho que fazer uma análise.

Mas a rapariga esqueceu-se. E o que é que pensou? “Oh, tanto faz fazer o padre como eu”. A rapariga vai, faz chichi no bacio e deu ao padre. E o padre foi-se embora. Vai ao médico, vem o resultado das análises e o médico fica muito surpreendido com a doença que o padre tem. Diz o médico:

– Olhe, eu não sei como é que lhe hei-de explicar a doença, é tão terrível... Mas é muito fora de comum num homem.

O padre ficou aflito. E o médico diz-lhe:

– Então você não tem um sítio longe para se ausentar aqui da paróquia?

Porque era uma terra pequena, toda a gente conhecia o padre. E ele disse:

– Não, eu tenho. Tenho uma quinta longe.

– Então olhe: aconselho que o senhor vá para essa quinta, porque o senhor está grávido.

Ora o padre – gravidez e ainda por cima um padre – ficou muito aflito. O que havia de fazer? O doutor diz:

– Isto não tem nada que fazer. O senhor vai, quando lhe der aquelas dores muitos fortes, o senhor baixa-se e faz força. – Para nascer o bebé, não é?

O homem andava passeando na quinta e um certo dia deu-lhe vontade. Fez forças e baixa-se. E ao baixar-se dá um peido. E onde é que ele dá o peido? Em cima da toca de um coelho. O coelho foge e então o padre vê aquilo a fugir e diz.

– Já lá vais e não dizes adeus ao pai?

Informante: Ilda Pirralho, 54 anos, natural de Moura

Recolha: em Faro, a 3 de Janeiro de 2008.

Coletor: Andreia Semedo

Classificação: ATU 1739

493

OS FANTASMAS DA HORTA

Antigamente as pessoas tinham hortas. Depois, era um homem que tinha lá uma figueira (isto era o meu pai a contar isto, mas ele depois inventava e eu achava uma graça enorme). A figueira tinha aqueles figos mel que é muito bom, e

o homem ia para lá guardar a figueira. Depois havia lá uns vizinhos que também queriam. Os figos eram bons, queriam lá ir comer.

Oh, o que é que eles fizeram? Eram dois ou três, juntaram-se, ensaiaram-se a fazer de fantasmas, nuns lençóis. Embrulharam-se assim numas coisas, nos lençóis, nuns panos brancos, usavam um capuz, levavam uma campainha e depois iam lá, assim em fila. Eram dois ou três e disseram assim:

– Ó alma dianteira, salta para cima daquela figueira! – Porque o homem tinha armado lá uma cama com umas tábuas lá em cima da figueira e estava lá.

– Ó alma dianteira, salta para cima daquela figueira!

E depois, o outro levava a campainha: “tlon, tlon, tlon”.

– Ó alma dianteira, salta para cima daquela figueira!

O homem acorda, vê aquilo, opá!, fugiu de lá. Chega a casa, a mulher tinha a porta fechada, pois era de noite:

– Ó mulher, abre-me a porta que anda o diabo na nossa horta.

Informante: Maria Odete, 55 anos, natural de Abrantes.

Recolha: em Abrantes, Santarém, a 28 de Novembro 2015.

Coletor: Renata Fidalgo (faixa s/n.º)

Classificação: ATU 1740B

494

AS PERDIZES

Um casal em que o marido era caçador apanhou duas perdizes. Entrega à mulher e diz:

– Olha, vais cozinhar as duas perdizes, enquanto eu vou até à venda e já venho comer!

A mulher cozinhou as perdizes, que cheiravam muito bem. E o marido não havia meio de voltar a casa. E a mulher vai comendo uma perninha de uma, uma perninha de outra, acabando por comer as duas perdizes. Ficou a pensar o que havia de dizer ao seu marido... Quando passa um vizinho pela porta e diz:

– Ó vizinha, o que é feito do [seu] marido, que eu queria falar com ele?

– Olhe, eu não sei... Ele não está em casa. O que sei, é que está é muito aborrecido consigo, e que quando o apanhasse cortava-lhe as duas orelhas! O melhor é fugir, porque ele deve estar quase aí a aparecer!

O marido chega a casa e a mulher diz:

– Marido, o vizinho comeu as duas perdizes! Ainda ele vai lá ao longe, ao fim da rua!

O marido diz:

– Ó vizinho, pelo menos uma, pelo menos uma!

E o vizinho corre, e pondo as mãos nas orelhas, diz:

– Ai, não, nem uma, nem duas!

Informante: Maria do Carmo, 72 anos, natural de Olhão, reformada, licenciada em biologia.

Recolha: Olhão, Faro, em 2006

Coletor: Joana Madureira Ramos (cassete n.º 2 / Lado B)

Classificação: ATU 1741

495

A VELHA E A PANELA DAS PAPAS

Eram dois soldados que vinham de boleia, de longe. Estavam na tropa e chegaram a um sítio onde era já de noite, no campo. Não arranjavam ali boleia, viram ali um monte e foram bater à porta para lhes darem agasalho. Vêm à porta uma mulher mais velha e uma mais nova. Eles pediram agasalho e elas responderam:

– Sim, sim, entrem. Dormem aqui. Ai coitadinhos dos soldadinhos, o que é que lhes fazemos de comer, que eles têm fome?

– Vamos-lhes a fazer umas papas. – Disse a velha (que gostava muito de papas).

– Então vá! Fazemos umas papinhas.

Sentaram-se os quatro à mesa a comer, mas um tinha vergonha e comeu pouquinho, ficou com fome à mesma.

– Olha, vamo-nos deitar! (foram-se deitar).

Às tantas, foram-se deitar lá para o sítio que lhes tinham destinado, e a velha mais a filha foram-se deitar para a cama delas. Por essa noite a fora, a velha que estava à rasca, deita mão em pregar serenas e diz à filha:

– Ai filha! Comi muita papa! Que mal que estou da barriga!

– Vaia ao quintal! (Era no tempo em que não havia casa de banho.) Olhe, como choveu, vaia ao quintal e lava-se ali numa alagoa.

– Ai, que vergonha!

– Então, os moços estão dormidos!

A velha lá abalou ao quintal. Tinha a cabeça toda branquinha já. Estava-se lavando direito à lua, só lhe luzia a cabeça. Na mesma altura, diz assim um soldado para o outro:

– Estou cheio de fome, devia ir lá à cozinha comer papas!

– Então vai e traz-me um punhado. //

O outro lá se pôs de roda das papas (as papas estavam dentro de uma panela de barro) e depois para trazer o punhado para o outro, meteu as duas mãos dentro da panela. Trazia um punhado cheio, mas queria tirar a [mão da] panela e esta não saía. Pensou:

– Então e agora como é que eu faço isto?

A cozinha estava mesmo ao pé do quintal. Foi ao quintal. Ia com a panela ao quintal quando viu uma pedra (mas não era uma pedra, era a cabeça da velha). Pum!!! Na cabeça da velha.

– Ai filha, que já me mataram!

E os soldados tiveram que fugir.

Informante: Marcelino Leandro Botelho, 70 anos, natural da Amareleja, Moura, Beja, cabeleireiro, 4.ª classe.

Recolha: em Amareleja, Moura, Beja, a 22 de Dezembro de 2005.

Coletor: Nídia Bretoldo (faixa n.º 5)

Classificação: ATU 1775 + ATU 1294A*

496

A HISTÓRIA DAS PAPAS

Eram dois rapazes que foram correr mundo. Depois, andavam já cansados e cheios de fome, viram uma casinha na serra, muito longe.

Disseram assim:

– Olha, vamos àquela casinha.

Foram lá àquela casa, estavam dois velhotes. Depois eles disseram assim:

– Oh, não me dão pousada? A gente estamos cansados e cheios de fome...

– Olha, então eu vou fazer umas papas. Entrem, venham aqui para o pé do fogo.

Foi para o pé do fogo. E então, fizeram as papas, comeram, encheram a barriga.

Mais de noite diz um assim:

– Ai, ainda eu tinha vontade de comer mais papas... A velhinha pendurou-as lá na esteira.

Diz ele assim:

– Queres que eu te vá buscar para ti?

– Então, vai!

Foi buscá-las, tirou uma mão-cheia, estavam já em talhada... Com a mão tirou uma mão-cheia... Mas no caminho enganou-se no quarto. Em vez de ir para o quarto do colega, foi para o quarto dos velhotes. E aquilo, as casas era tudo telha vã e via-se bem, as casas. A velhota tinha o cu destapado. Mas ele pensou de ser a cara do amigo.

Foi, disse assim:

– Olha, está aqui as papas...

E arrebola assim, ao pé da cara... Mas era o cu da velha. E vai, diz assim:

– Toma, come.

Vai a velha, bufou-se, e ele disse assim:

– Não assopres pá, que as papas já estão frias! (risos)

Foi, empurrou-lhe as papas mais para o pé dela, outra bufa.

– Não! Ó pá, o que é que tu estás a soprar? Daqui a bocado estão geladas!

Depois, foi-se embora. Foi, viu que não encontrava a cama, disse:

– Mas que raio, onde é que eu estou?

E foi andando, lá foi dar com o outro. Depois disse:

– Olha, passou-se isto e isto...

Diz assim:

– Ah, raio, minhas belas papas...

De manhã, ou de noite, assim quando o velhote acordou, disse para ela:

– Ó Francisca, então tu cagaste na cama?

Diz ela assim:

– Não, eu não.

– Sim, está aqui as papas no teu cu, está tudo cagado. (risos)

Depois, ela que não e ele que sim... Ela senta-se na cama, e diz assim:

– Mas como é que isto foi? Eu estou toda cheia de papas... Então, não sei, foi sem querer...

Pronto, acabou.

O conto acabou e o cu da velha chamuscou.

Informante: Isaura de Jesus Martins, 86 anos, natural da Cabanita, Paderne, Albufeira, Faro, reformada, sabe ler e escrever.

Recolha: em Paderne, Albufeira, Faro, a 21-10-2007.

Coletor: Cláudia Marta (CD / faixa n.º 8)

Classificação: ATU 1775

497

O CONTO DAS PAPAS

Dois soldados tiveram licença do capitão para passar o fim semana a casa.

Andaram, andaram, mas fez-se-lhes de noite e ainda faltava muito para cheguem às suas povoações. Ao passarem numa aldeia, apesar de ser muito tarde, avistaram luz numa casa. Um tanto receosos, bateram à porta para pedirem pousada. Recebeu-os um casal de idosos que, cheios de pena, porque eles vinham cansados e molhados, os acolheram em sua casa.

Nessa noite a mulher tinha cozinhado papas e, como tinham sobrado da sua ceia, deram-nas aos soldados.

Conversaram pouco porque a hora era tardia, indicaram-lhes o quarto onde ficariam a dormir e todos se foram deitar.

Noite dentro, a um dos soldados apeteceu-lhe comer mais papas. Levantou-se devagarinho e disse ao camarada que ia à cozinha. Este disse-lhe:

– Então traz-me, a mim, uma manadilha delas.

O soldado que foi à cozinha comeu e encheu a concha da mão para levar ao colega e, no regresso, enganou-se no quarto e foi para o do casal.

A dona da casa tinha-se destapado e estava de rabo para o ar, fazendo – fe, fe, fe...

O soldado, pensando que seria o colega a soprar para arrefecer as papas, disse baixinho:

– Não assopres que já estão frias! Não assopres que já estão frias!

Aborrecido por entender que o camarada não parava de soprar, zás! atirou-as, julgando que lhas deitava na cara.

Claro que tudo isto se passava às escuras e quando viu que alguém se remexia na cama é que ele percebeu que se tinha enganado no quarto. //

Para tentar lavar a mão, foi apressadamente à cozinha e meteu-a no cântaro de barro, com entrada estreita. A mão entrar, entrou, mas não saía...

Entretanto o marido foi fazer uma festa à mulher e, apalpando as papas, disse-lhe: – Ó mulher, tu cagáste-te!... Vai ao curral limpar-te com umas palhas. (Papel higiénico naquela altura não existia).

E a mulher assim fez.

Entretanto, o soldado com o cântaro enfiado na mão foi também ao curral tentar arranjar modo de resolver o problema, de partir o cântaro.

Pensou, pensou, e avistou o que lhe pareceu ser um rebolo (pedra arredondada e esbranquiçada). Rapidamente se dirigiu para lá e com toda a força bateu no rabo da senhora julgando... A senhora com aquela forte pancada gritou, muito aflita e dorida, pelo marido que prontamente a tentou socorrer.

O soldado, ao ver o engano em que tinha caído, foi rápido quanto podia ter com o outro soldado e disse-lhe:

– Levanta-te para nos despacharmos, senão estamos perdidos.

E, sem mais explicações para não haver perda de tempo, escaparam-se.

O casal ficou lamentando o sucedido e os soldados deram “às de Vila Diogo”, com receio do que ainda lhes poderia acontecer.

E ainda hoje por lá andarão a fugir...

Informante: Elisa Lopes, 37 anos, professora do 3.º ciclo do ensino básico.

Recolha: Albufeira, Faro, em 2012.

Coletor: Elisa Lopes.

Classificação: ATU 1775 + ATU 1294A*

498

[OS DOIS SOLDADOS]

Eram dois soldados que foram dormir à casa de uma mulherzinha. Coitados, tiveram nojo, ela era já velhota. Tiveram nojo não comeram quase nada, ficaram com uma fome desgraçada. Mas aquilo era um tacho de papas, e eles pensaram:

– Quando a velha se deitando, vamos encher a barriga de papas, ela depois não vê.

Depois foram-se deitar. Lá para as tantas, houve um que diz assim:

– É pá, vamos lá às papas agora!

– Olha, vai tu e traz um torrão de papas para mim.

E ele foi buscar o torrão de papas, mas como aquilo era às escuras – não havia luz nesse tempo – ele perdeu o tino. Em vez de ir para o quarto onde estava o camarada foi para o quarto da velha. Depois estava-lhe dando o torrão de papas, mas era no rabo da velhota, e ela estava largando umas grandes bufas.

E ele dizia-lhe assim:

– Não lhe sopres, não lhe sopres pá, que elas estão já frias.

Informante: Isilda Maria Revés Guerreiro, 65 anos, natural da Cortinhola, Benafim, Loulé, Faro, 3.ª classe, reformada.

Recolha: na Cortinhola, Benafim, Loulé, Faro, a 16-11-2005

Coletor: Carina Isabel Martins Anastácio (cassete n.º 4 / Face B)

Classificação: ATU 1775

499

[O PADRE QUE QUERIA FAZER SERÃO]

Era uma vez uma senhora que vivia lá na terra. E vivia lá um padre, e o padre, todas as tardes passava lá à porta dela e dizia-lhe assim:

– Então o seu marido está aí?

E ela dizia-lhe:

– Está sim senhor. Então, o que é que lhe queria?

– Oh, se ele não estivesse aí, eu vinha aqui fazer um seranito.

Ela foi dizer isso ao marido, e diz ele assim:

– Sim, à noite diz-lhe que venha ele cá; que eu não estou aí e que venha ele.

Na outra tarde, à mesma hora, ele passava lá sempre com a mesma conversa e diz-lhe ela:

– O meu marido não está cá, não senhor.

– Então posso vir aí fazer-lhe um seranito?

– Pode sim.

– Então e a que horas?

– Venha assim por essas oito horas, nove horas.

– Olhe, então fica às nove horas.

– Uma hora certa. – Disse ela.

E o homem estava lá.

Ela depois disse ao marido e ele disse:

– Então, mandaste-o vir a essa hora?

E ele vinha logo. Logo depois de ele chegar, chegou o marido, aí às 8 horas.

O homem era negociante de ovelhas, comprava ovelhas e vendia. Saía às vezes.

Havia noites que não voltava a casa, ficava por lá.

Nessa noite, mais ou menos à hora que tinha marcado, estava o padre batendo-lhe à porta. Bateu-lhe à porta e ela abriu-lhe a porta. Ainda mal ele não tinha acabado de entrar, o marido (estava combinado de entrar), bateu à porta e diz ele [o padre] assim:

– Ai, então e agora o que é que eu faço?

– Olhe, meta-se aqui dentro deste pote.

Era um pote que ela tinha lá com cal. Ele meteu-se dentro do pote e a mulher disse:

– Então, que não voltavas esta noite...

– Oh, não fazia conta de voltar, mas comprei umas ovelhas em tal sítio e tive que voltar para trás, que amanhã tenho que as levantar. E por causa do dinheiro, o dinheiro já não chegava para mais.

– Então está bem, está certo.

Ela tinha matado um galo e tinha o galo arranjado. E disse-lhe:

– Olha, calhou bem tu vires. Tinha este galinho aqui arranjado, assim comemos.

Antes de comer o galo, diz o marido assim:

– Tu devias de ir chamar o compadre prior para vir aqui cear connosco.

Diz ela:

– Então vá, que eu vou.

O padre vivia com uma irmã e ela chegou lá à porta, veio a irmã:

– Então e o senhor prior?

– Ah, o meu irmão não está aí hoje. Saiu esta noitinha e ainda não voltou.

E a mulher voltou para casa outra vez.

– Olha o homem não estava lá, estava só a irmã.

– Então e porque é que não disseste à irmã que viesse? Vai-lhe lá dizer.

E ela voltou para trás e foi dizer à irmã. Mas as mulheres nesse tempo... não havia casa de banho e iam assim para a rua, para fora, e punham-se a urinar. E vai a mulher olhou para onde a outra estava a urinar e disse:

– Então, você tem um defeito muito grande...

– Então o que é?

– Tem o *parrameiro* torto, mija torto.

– Oh, tenho este defeito. Isto foi logo de nascença.

- Diz a outra:
- Eu também tinha esse defeito.
- Então e como é que você se curou?
- O meu marido é que fez isso, é que me endireitou.
- Então e ele sabe endireitar isso?
- Sabe.
- Eu tenho vergonha de lhe dizer. Você diz-lhe para ele me endireitar o *parrameiro*?

Bom, lá tiveram comendo. A outra foi para casa e o outro continuava dentro do pote da cal lá ao pé. Acabaram de comer e diz a mulher assim para o marido:

– Olha lá marido, aqui esta menina tem um defeito, o mesmo defeito que eu tinha. Tu devias endireitar-lhe isso.

– E diz ele:

– Eu, chateia-me isso. Eu não quero fazer uso disso. Depois não me deixam, vem uma e vem outra... Não, não, não quero!

– Ora, mas ninguém fica sabendo.

Diz a mana do padre logo assim:

– Mas é que eu não *descubro* a ninguém. Faça-me lá esse jeito.

E ele disse à mulher:

– Traga-me lá um colchão.

E ela trouxe o colchão da cama e pôs ali ao pé de onde estava o padre deitado e endireitou-lhe aquilo mesmo ali ao pé. Depois ela foi-se embora para casa, para a casa dela e o padre ficou lá.

No outro dia de manhã o homem levantou-se e diz ele assim:

– Olha, comprei as ovelhas e tenho que ir lá fazer-lhes um sinal (nesse tempo como não havia tintas era com cal), tenho que ir lá fazer uma marcazinha. A cal não estará seca?

– Eu não sei. Há que tempo que não a vejo.

– É capaz de estar já seca. Eu vou-lhe deitar uma pinguinha de água.

Pega num balde de água e joga para cima do padre. Ao fim de um bocadinho diz ele:

– Bom, terei que me ir embora.

Vai para tirar a cal e estava o padre lá dentro. Sai ele lá de dentro, correu para casa. A irmã estava à porta e viu-o a chegar todo caiado. Diz-lhe ela assim:

– Olá, senhor prior. Então de onde é que vem, senhor caieiro?

Diz-lhe ele assim:

– Sua puta, sua magana! Vim de lá de onde te endireitaram o *parrameiro*!

Informante: Sr. Norberto, 89 Anos, natural de Castro Verde.

Recolha: em Santa Bárbara dos Padrões, Castro Verde, Beja, a 7 de Janeiro de 2007.

Coletor: Dora Bela Baptista Ramires (Gravação 16)

Classificação: ATU 1776

500

[AQUI NÃO SE OUVE NADA!]

Era uma vez um padre que disse assim para o sacristão:

– Ó sacristão, quando eu te mandei para o altar para tu segures o atilhinho, que é por causa dos fiéis me darem dinheiro, e tu puxavas o atilhinho...

– Ó sr. padre, olhe, rebentou! Sr. Padre, a propósito disso, o Sr. padre parece que anda com a minha mulher!

Mas estava um num lado e outro noutra. Diz o padre assim:

– O que é que estás a dizer? Aqui não oiço!

Vem ele, vira-se ao contrário e diz para o sacristão:

– Olha, e quem é que anda a comer a minha empregada?

Diz o sacristão assim:

– Bem diz o padre que aqui não se ouve nada...

Informante: Ana Maria de Sousa, 55 anos, natural do Funchal, Madeira, doméstica, 4.ª classe.

Recolha: em Vale de Vargo, Serpa, Beja, a 12-09-2005.

Coletor: Ângela Maria Soares Valadas (faixa n.º 8)

Classificação: ATU 1777A*

501

O PADRE E O SACRISTÃO

Nos tempos antigos, havia o sacristão e a mulher, mas o padre andava a fazer vida com a mulher do sacristão. Depois, o padre matou um porco e pôs as chouriças na chaminé, e o sacristão comeu-as. O padre desconfiou que tinha sido o sacristão e disse-lhe que ele tinha de ir à confissão. No confessional, pergunta-lhe o padre:

– Quem é que comeu as chouriças ao padre?

Diz o sacristão:

– Ó Sr. Prior, não oiço nada!

– Ouve lá, quem é que comeu as chouriças ao padre?

Volta o sacristão a dizer:

– Ó Sr. Prior, não se ouve mesmo nada!

O padre voltou a perguntar e o sacristão diz o mesmo.

Depois da terceira pergunta diz o sacristão:

– Ó Sr. Prior, bote-se aqui do meu lado que eu vou para aí. Bote-se aqui deste lado. Quer ver que não se ouve nada?

– Eu vou para aí. – Diz o padre.

– Ó Sr. Prior, quem é que fode a mulher do sacristão?

Diz o padre:

– Bem dizes tu, que não se ouve aqui nada!

Informante: Joaquim Lisboa, 85 anos

Recolha: na freguesia dos Milagres, Leiria, em 2006.

Coletor: João Almeida

Classificação: ATU 1777A*

502

[O PADRE MALANDRECO]

Há um padre e um sacristão que estão numa igreja. E então, o padre era um pouco malandresco e andava a “comer” a mulher ao sacristão. E um dia, o sacristão, para se vingar do padre, o que é que faz? Rouba-lhe a caixa das esmolas que estava lá.

Naquilo, o padre foi lá em cima a ver onde é que estava a caixa das esmolas, não havia caixa nenhuma das esmolas. E volta-se o padre assim para o sacristão:

– Ó sacristão, então escuta lá. Então quem é que roubou a caixa das esmolas?

Diz o sacristão cá de baixo:

– Ai, senhor Prior, aqui em baixo não se ouve nada.

– Não se ouve? Então a gente estamos tão perto um do outro, como é que não se ouve?

– Então faça lá uma coisa, venha lá agora o senhor Padre cá para baixo que eu vou aí para cima e faça-lhe a pergunta a ver se você me ouve.

– Então está bem.

Assim foi. Os gajos trocaram e então foi o sacristão lá para cima e veio o padre cá para baixo. Quando o sacristão chega lá em cima, diz assim para o senhor Prior:

– Ó senhor Prior, então quem é que anda a comer a mulher ao sacristão?

Diz-lhe o prior assim:

– Olhe, sacristão, aqui em baixo não se ouve mesmo nada! Tinhas razão no que estavas dizendo.

Informante: Nelson Pereira, 31 anos, natural do Beliche, Castro Marim, Faro, condutor de máquinas agrícolas.

Recolha: no Beliche, Castro Marim, Faro, a 3 de Novembro de 2007.

Coletor: Hélder Manuel Lopes Marcos (cassete 1 / face B)

Classificação: ATU 1777A*

503

O PADRE E O SACRISTÃO

Esta anedota é de um padre e um sacristão. E o padre vira-se para o sacristão e diz:

– Ó homem, tu já há muito tempo que não te confessas.

E o sacristão diz:

– É verdade senhor padre, pode ser agora se o senhor quiser.

E assim foi: o padre foi para o confessionário e o sacristão ficou na parte de fora.

E o padre perguntou-lhe:

– Oh, quem é que vai à caixinha das esmolas?

– Ó senhor padre, eu não ouço nada... Fale mais alto!

E o padre disse:

– Ó homem: quem é que vai a caixinha das esmolas?

– Ó senhor padre, continuo a não ouvir nada!

– Parece impossível... – Disse o padre.

– Então o senhor padre venha aqui para a parte de fora e eu vou para dentro do confessionário!

E assim foi: o sacristão foi para dentro do confessionário e disse assim:

– Ó senhor padre, quem é que dorme com a mulher do sacristão?

E o padre:

– Ei, homem, realmente não se ouve nada... (risos)

Informante: Odete, 80 anos, natural de Angra do Heroísmo, Açores, reformada, 4.ª classe.
Recolha: em Sta. Luzia, Angra do Heroísmo, Açores, a 3 de Janeiro de 2008.
Coletor: Filipa Machado
Classificação: ATU 1777A*

504

[A DISPUTA ENTRE O PADRE E O SACRISTÃO]

Estavam uma vez um padre e um Sacristão dentro da Igreja e dizia o padre assim:
 – Eu sou o homem que já dormiu com mais mulheres aqui na aldeia.
 E o Sacristão:
 – Não, não! Quem dormiu com mais mulheres aqui na aldeia fui eu.
 Diz o padre:
 – Então a gente vai tirar já isto a limpo. Vai começar a missa, nós vamos para ali para o pé da porta da Igreja. Todas as mulheres que entrarem [com] que tu já tenhas dormido, dizes: TÉU. E as que entrarem que eu também já tenha dormido, eu também digo: TÉU.
 – Está bem.
 E assim foram os dois para a porta da Igreja. Vêm duas raparigas novas a entrar na Igreja e diz o Sacristão:
 – TÉU, TÉU.
 E o padre:
 – TÉU, TÉU.
 Aquilo passou.
 Vêm mais três mulheres a entrar na Igreja e o padre:
 – TÉU, TÉU, TÉU.
 E o Sacristão também:
 – TÉU, TÉU, TÉU.
 Bom, e aquilo foi andando... As pessoas foram entrando e de cada vez que o padre dizia TÉU, o Sacristão dizia TÉU. Estavam empatados. Diz o Sacristão assim:
 – Olha, então eu vou-te dizer a verdade. As únicas pessoas que eu ainda não comi aqui na aldeia foram a minha mãe e a minha irmã.
 Diz logo o padre:
 – TÉU, TÉU. (risos)

Informante: Artur José Amador Oliveira Segurado, 36 anos, natural de Portimão, conferidor de mercadorias.
Recolha: em Portimão, Faro, a 07 de Dezembro de 2005.
Coletor: Cátia Alexandra dos Reis Romão (cassete n.º 2 / Face B)
Classificação: ATU 1781

505

[CONFESSANDO OS PECADOS A UM ANJO]

Havia um senhor que ia à confissão e, cada vez que ia à confissão com o senhor padre, confessava todos os seus pecados. Mas, havia um pecado que ele não confessava. Dizia ele que não confessava, não podia confessar aquele pecado, era um pecado muito pesado, não confessava. No fim do mês, ia, e era a mesma conversa. Ia para confessar o pecado:
 – Ah! Eu não confesso. Eu não posso confessar este pecado. É um pecado muito pesado, não o posso confessar. Se eu confessar a um anjo, a um anjo pode ser que eu o confessasse... Agora assim, não!
 Até que o padre resolveu fazer um anjo, lá na sacristia, e mandar o sacristão ir para lá, que era para ver se ele confessava lá o pecado.
 A próxima vez que ele lá foi:
 – Senhor padre, tenho este pecado, tenho aquele... Mas tenho um que não posso confessar, só se eu o confessar a um anjo.
 – Então o senhor vai daqui, vai lá à sacristia. Está lá um anjo. E o senhor confessa ao anjo, que é para vir de lá com a consciência livre e descansada.
 Ele foi, foi lá:
 – Ai tenho aqui um pecado e coisa e tal... Tenho um pecado muito pesado que não posso confessar.
 – O senhor confesse, para depois ir receber o Senhor e ficar descansado.
 – É que eu sou amigo da mulher do sacristão e tenho dormido com a mãe do senhor prior.
 – Ai, é só isso?
 Ele veio para cá, e foi logo o padre perguntar ao sacristão:
 – Ele confessou o pecado?
 – Pois confessou!

- Então o que é que ele confessou?
- Ó senhor prior, eu nunca fiz conta de ser cabrão e o senhor filho da puta!

Informante: Manuel de Sousa Silva, 84 anos, Picota, Parragil, Loulé, Faro, reformado.

Recolha: na Picota, Parragil, Loulé, Faro, a 3-1-2008.

Coletor: Sónia Rodrigues e Paula Cabral (cassete: n.º 7/ lado A)

Classificação: Boggs *1787C

506

[OS DOIS GAROTOS NO CEMITÉRIO]

Eram dois garotos que andavam na escola. E depois, um dia, não tiveram aulas, lembraram-se de ir fazer malandrices.

Então foram fazer um pequeno roubo a uma loja. É que só queriam roubar rebuçados, era o que eles gostavam de roubar.

Então, lá o merceiro um dia descuidou-se, e eles entraram e tal... Apanharam lá um frasco, assim bem grandalhão cheio de rebuçados, deitaram-lhe a mão e desataram a fugir porta a fora.

Quando o merceiro se virou, já não estavam lá dentro da loja, já tinham fugido com o frasco. E começaram a correr. E para onde é que eles fugiram? Para o sítio para onde fugiam sempre para brincar, onde pouca gente os encontrava. E onde muita gente tinha medo de ir, que era dentro do cemitério.

Mas o cemitério, para o azar deles, tinha assim também um muro um bocado alto e o portão, geralmente, durante o dia estava fechado. Só quando pediam para abrir é que lá o homem do cemitério abria.

Então, o que é que eles se lembraram? Saltar o muro lá para dentro com o frasco de rebuçados. Só que, no processo de saltarem como o muro era um pouco alto, um caiu lá para dentro e depois ficou à espera que o outro jogasse o frasco. E então, atiraram o frasco. O frasco, quando bateu em cima do muro, partiu-se e caíram rebuçados cá para fora. O outro, já ia no ar a saltar, já não saltou para fora, para apanhar os rebuçados. Portanto ficaram os rebuçados cá fora.

Pois eles não ligaram, como já tinham tantos... Então encostaram-se mesmo ali ao muro, sentaram-se e então:

- Olha, vamos dividir os rebuçados, que é para não ficarmos “um comeu mais, outro comeu menos”. Vamos dividir.
- Sim senhor, vamos dividir.

Então era:

- Um para ti, um para mim; um para mim, um para ti; um para mim...

Estiveram ali, para aí uma meia hora a dividir os rebuçados, que eram de facto muitos.

- Um para ti, um para mim...

Entretanto, o merceiro fez queixa à polícia. Chamou a polícia e a guarda veio para ir então à procura dos miúdos que tinham roubado o frasco de rebuçados. E os guardas... Entretanto começou até a escurecer, já estava assim a ficar escuro, mas os guardas lá foram atrás deles, e tal... E, de vez em quando, viam lá uns miúdos a brincar dentro do cemitério e lembraram-se:

- Então vamos lá espreitar, a ver se a gente vê os miúdos e se são aqueles que, de facto, roubaram os rebuçados.

E então, os guardas lá foram um atrás do outro e tal... E então, quando chegaram ali ao cemitério, iam assim um bocadinho “acagaçados”, porque eram umas pessoas assim um bocado supersticiosas – os dois polícias – e tinham medo de cemitérios. Mas pronto, lá foram. Assim com um bocado de dificuldade, lá se aproximaram, e quando chegaram ao pé do tal dito muro, abaixaram-se ali a ver, porque tinham ouvido vozes lá dentro.

Ficaram a ouvir as vozes, e tal, a tentar escutar o que que eles estavam a dizer. Então eram os miúdos:

- Um para ti, um para mim... E agora vamos apanhar aqueles dois que estão lá fora!

Olha: os guardas, desgraçados, começaram a correr nunca mais pararam... Pensaram que eram eles que iam ser apanhados pelos fantasmas.

Informante: João Manuel Menezes Moreira, 48 anos, natural de Angola.

Recolha: em Olhão, Faro, a 3 de Novembro de 2007.

Coletor: Leonor Filipa Pimenta Barão (cassete n.º 2)

Classificação: ATU 1791

507

SANTINHO DI PAU

Havia um pretinho que veio de África – muito rude – que era sacristão de uma igreja. O padre – nessa época era uma igreja muito pobre – tinha muitas dificuldades. A comida era rara. E o jovem passava uma certa fome, ou fome. E quando

apanhava umas côdeas de pão, sequinhas, molhava-as nas lamparinas da igreja. Como ninguém se presenciava, ele consolava-se com aquele petisco. E no fim dizia:

– Santinho di Pau não podê falá! Portanto, posso comê à vontade e molhá no azeiti.

Informante: Maria Celeste de Jesus, 64 anos, natural de São Nicolau, Porto, empregada de balcão, 9.º ano.

Recolha: na freguesia da Vitória, Porto, a 24 de Dezembro de 2009.

Coletor: Ana Rita Moura Simões

Classificação: Noia 1794*B

508

O PADRE E O ALDEÃO

Era uma vez um senhor que vivia numa aldeia e que tinha roubado umas colmeias, então, andava preocupado por ter roubado as colmeias. Então este pensou, pensou e pensou e decidiu ir à igreja falar com o padre.

Foi à igreja, chegou lá e disse:

– Senhor padre, eu quero falar consigo porque trago a minha consciência muito pesada.

E o padre disse-lhe:

– Então o que é que se passou, meu filho?

E ele disse:

– Senhor padre, eu venho-me confessar. Venho-lhe dizer que roubei as colmeias lá do meu vizinho.

O padre disse:

– Oh, Senhor, você sabe que roubar é muito feio!

E ele disse:

– Eu sei, senhor padre, mas eu estou arrependido e quero emendar o meu erro.

Então o padre disse-lhe:

– Então, vamos combinar uma coisa. Domingo há missa e tu nesse dia vens cá.

Quando eu acabar de dizer a missa, eu digo para os presentes: “Escutem lá meus senhores o que este senhor vai dizer”. Quando eu disser isto, tu depois dizes que roubaste as colmeias.

Ele foi para casa pensando nisto. Chegou lá disse isto à mulher:

– Olha mulher, no domingo vou á missa. Estive a falar com o padre e ele diz que o melhor é, quando acabar a missa, eu dizer que roubei as colmeias.

A mulher disse logo:

– Grande maluco! Então tu vais levar um tareião dos piores! Então tu vais á igreja e quando acabar a missa vais dizer que roubaste as colmeias? Tu não vais dizer nada disso! Tu vais dizer isto que eu te vou dizer!

Ele ouviu o que a mulher tinha para dizer e no Domingo foi á missa. Esteve na missa e quando acabou a missa, o padre levantou-se e disse assim:

– Escutem lá meus senhores o que este senhor vai dizer!

Ele levanta-se e diz assim:

– É verdade, mais que verdade, o que me obrigou a dizer o senhor padre: os homens aqui da aldeia são cabrões. Mais de metade. É verdade, mais que verdade, o que me obrigou o senhor padre a dizer: os que não são, irá ele os fazer!

As pessoas deram uma tarefa ao padre e ele não levou tarefa nenhuma porque a mulher o salvou.

Informante: Vitória Isaías, 45 anos, reside no Castelo Ventoso, Setúbal.

Recolha: no Castelo Ventoso, Setúbal, a 27 de Dezembro de 2010.

Coletor: Jéssica Susana Gomes Madeira

Classificação: ATU 1805*

509

A COMEDIANTE NO CONFESSIONÁRIO

Uma jovem comediante que trabalhava num circo, daqueles que andam de terra em terra, resolveu certa vez entrar na Igreja a fim de se confessar, coisa que já não fazia há muitos anos.

Chegada a sua vez, aproxima-se do confessor, ajoelha-se muito respeitosamente, persigna-se e reza as orações da praxe. Ao terminar as orações, segredou-lhe o padre, com voz paternal:

– Minha filha, ora diz-me lá os teus pecados.

– Os meus pecados, Sr. Prior, é fazer rir os outros.

– Homessa! Como é que a menina faz rir os outros?

– É muito simples.

E quando diz isto, começa às cambalhotas pela coxa abaixo, para escândalo do confessor e dos devotos, que olhavam atónitos para aquelas acrobacias sem pudor.

Nisto, entram no templo duas mulheres – a mãe e a filha – que, deparando-se com aquele espectáculo insólito, diz uma junto de uma beata:

– Credo! Santo Nome de Deus! – Balbuciou a mulher – vamos já daqui embora e depressa, que hoje a penitência é má de cumprir! E mais a mais, tu hoje não trazes cuecas!

Informante: Andreia Duarte, 35 anos, socióloga.

Recolha: em Ninho do Açor, São Vicente da Beira, Castelo Branco, a 3 de Janeiro de 2010.

Coletor: Sandra Pires

Classificação: ATU 1806*

510

[ESCORREGAR A CAMINHO DA FONTE]

Há um padre que confessava as senhoras e que elas se confessavam que tinham sido infiéis ao marido. Ele resolveu, para não estarem a dizer que eram infiéis, ensinou-lhes que elas que dissessem que tinham escorregado no caminho da fonte. Como ele também fazia a contabilidade da Junta de Freguesia, em certa altura, o bispo resolveu mudá-lo e mandar outro padre a substituí-lo. Esse pároco veio substituí-lo na igreja e veio também substituí-lo na contabilidade da dita freguesia. Mas as senhoras, como estavam habituadas a confessar-se ao padre dizendo que tinham escorregado no caminho da fonte, continuaram a dizer que escorregaram duas e três vezes por semana, e, bem, as vezes que calhavam a ser. E o padre dizia-lhes para elas fazerem isso em desconto dos pecados delas. Um dia, numa reunião da junta de freguesia, estavam discutindo certos trabalhos a nível de freguesia e o padre vira-se para o presidente e disse:

– Então e o senhor presidente fala em fazer-se tantas obras, nunca mais há maneira de se resolver a reparar o caminho da fonte? As senhoras fartam-se de escorregar no caminho da fonte.

O presidente, como sabia da história, largou-se a rir e o padre exclama:

– O senhor presidente está-se a rir? Mas olhe que a sua já esta semana lá escorregou três vezes!

Informante: Lourenço do Rosário Pereira

Recolha: em Leiria, a 29 de Dezembro 2009.

Coletor: Rita Daniela Cardoso Ferreira

Classificação: ATU 1807

511

[AS ESCORREGADELAS A CAMINHO DA FONTE]

As mulheres iam à confissão e depois confessavam o pecado.

– E o pecado, é este e aquele...

E depois diziam assim:

– Ó senhor prior, eu tive contas com este homem com aquele...

– Eu tive contas com aquele...

E depois vinha outra:

– Ó senhor prior, eu tenho este pecado, tenho aquele... Tive contas com este homem assim desta maneira, desta, assim, assim...

O padre o que é que diz:

– Vocês, quando vierem aqui, em vez de dizer isso que fica um bocadinho ridículo, vocês digam que escorregaram no caminho da fonte que eu já sei.

E o padre era muito amigo do regedor da freguesia e iam lá para os cafés e começavam a contar aquelas histórias:

– E as mulheres iam à confissão e passa-se lá este caso assim, assim... E eu digo: não digam isso, digam que escorregaram no caminho da fonte.

O que é certo, é que ao fim de um tempo aquele padre saiu de lá e foi para lá outro. Foi para lá outro e as mulheres iam à confissão:

– Ó senhor prior, eu escorreguei no caminho da fonte, coisa e tal...

Vai outra, com a mesma conversa:

– Escorreguei no caminho da fonte.

Um dia o padre disse:

– Eu tenho de estar com o regedor da freguesia, para arranjar o caminho da fonte. As mulheres fartam-se de dizer que escorregam no caminho da fonte.

Vai ele, encontrou o regedor e diz:

– Ó senhor regedor, eu tenho de ter uma conversa consigo. Já há dias que ando para ter uma conversa consigo!

- Ah! Então porquê?
- Sabe que mais, então as mulheres queixam-se que escorregam todas no caminho da fonte... Você tem de mandar arranjar o caminho.
- E o regedor da freguesia começou-se a rir!
- E o padre disse-lhe assim:
- O senhor está-se a rir? A sua, já escorregou lá três vezes!

Informante: Manuel de Sousa Silva, 84 anos, Picota, Parragil, Loulé, Faro, reformado.

Recolha: na Picota, Parragil, Loulé, Faro, a 3-1-2008.

Coletor: Sónia Rodrigues e Paula Cabral (cassete n.º 7/ lado A)

Classificação: ATU 1807

512

[AS ESCORREGADELAS DAS PAROQUIANAS]

Havia outro padre que estava numa paróquia já havia muitos anos e as mulheres depois iam-se confessar. E depois:

– Ai, senhor padre, dei uma facadinha no matrimónio...

Daí a nada, vinha outra confessar-se:

– Ai, senhor padre, dei uma facadinha no matrimónio...

Ele, já tão chateado com aquela razão, e diz assim:

– Olhem, não precisam de dizer isso. Quando for essa altura, dizem que escorregaram no caminho da fonte.

Bem, ficou aquilo... Aquilo durou anos. Aquele padre abalou já velhote e veio outro padre novo. Começaram as mulheres a irem-se confessar:

– Olhe, senhor padre, escorreguei no caminho da fonte...

O padre novo, muito admirado com aquilo, o que é que ele faz? Como geralmente os caminhos assim para as fontes das aldeias, são os presidentes da junta que arranjam, vai ter com o presidente da junta e disse-lhe assim:

– Ó senhor presidente, venho cá fazer um pedido a ver se vocemecê manda arranjar o caminho da fonte, porque as mulheres quase todas lá têm escorregado.

Mas é que o presidente da junta já sabia o que é que se passava. E disse ao padre assim:

- Ah! Não faça caso disso.
- E ele disse:
- Pois é, não faço caso: a sua mulher já lá escorregou três vezes esta semana. (risos)

Informante: Carmelinda Maria Alfacinha Fernandes, 54 anos, natural de S. Bartolomeu do Outeiro, Évora, reformada, 4.º ano.

Recolha: em S. Bartolomeu do Outeiro, Portel, Évora, a 1 de Dezembro de 2009.

Coletor: Elsa Caetano e Manuela Neves (Gravação n.º 97)

Classificação: ATU 1807

513

[CRISTO, SÃO PEDRO E SÃO JOÃO]

Eram duas mocitas, eram freiras meteram-se dentro de um convento e não queriam casar. E ele há três tipos que gostavam delas. E o que é que eles haviam de pensar? Um a dizer que era o Deus Nosso Senhor, o outro era o São Pedro e outro era o São João...

Foram lá bater à porta, elas eram freiras, abriram a porta a eles. E tiveram jantando e comendo.

– E a gente para ir agora para o Céu é um bocadinho longe. Era melhor que a gente ficasse aqui esta noite.

Diz logo uma assim:

– Olha, eu durmo com Deus Cristo.

E diz logo a outra assim:

– E eu durmo com Deus São Pedro.

Ficou o São João sem nenhuma. Elas eram duas e eles eram três.

Foram-se deitar, um bocadinho diz logo uma assim:

– Valha-me Jesus Cristo que eu não tinha apanhado cá disto.

Diz logo a outra assim:

– Valha-me o São Pedro que mais vale isto que meter o dedo.

Diz o São João assim:

– E eu, para arranjar alguma coisinha [para S. João] tenho que estar aqui agarado à mão. (risos)

Informante: Mário Inácio, 70 anos. Natural de Portimão, reformado.

Recolha: em Portimão, Faro, a 7 de Dezembro de 2005.

Coletor: Cátia Alexandra dos Reis Romão (cassete n.º 2 / Face B)

Classificação: AT 1829B*

514

[AS TRÊS FREIRAS]

Uma vez andavam três rapazes por o mundo fora. E depois foram bater a uma casa, a um convento de freiras. E eram só três e só tinham um quartinho onde elas podiam dormir. E perguntaram o nome deles: um era o São Pedro, o outro era o São João e o outro era Jesus. Elas tiveram-lhes dizendo que não lhe podiam dar pousada, não os podiam deixar ficar lá porque não tinham onde eles dormissem, só tinham três camas para elas e o campo era apertado. Eles foram-se embora.

Mas elas lá se consultaram umas com as outras e mandaram voltar os homens. E depois estipularam: a mais velha ficou com o Jesus, a do meio ficou com São João, e a mais nova ficou com São Pedro.

Resolveram a pernoitar lá, e tiveram que dormir com elas. A mais velha disse que chegou às tantas da noite estava a dizer assim:

– Ai Jesus Cristo, Jesus Cristo, venha cá abaixo ver isto!

Depois foi a vez da do meio. Disse assim:

– Ai São João, São João, isto sempre é melhor do que fazê-las à mão!

Depois veio a do São Pedro:

– Ai São Pedro, São Pedro, isto sempre é melhor do que fazê-las com o dedo!

Informante: Isilda Maria Revés Guerreiro, 65 anos, natural da Cortinhola, Benafim, Loulé, Faro, 3.ª classe, reformada.

Recolha: na Cortinhola, Benafim, Loulé, Faro, a 16-11-2005.

Coletor: Carina Isabel Martins Anastácio (cassete n.º 4 / Face B)

Classificação: AT 1829B*

515

[O SANTO FEITO DE PAU DE LARANJEIRA]

Havia, e ainda hoje há, pessoas muito santanárias. Eu, não é ir contra as igrejas nem os santos nem nada, que até gosto de ver. Mas havia um espanhol que nasceu, de pequenino, já vinha da herança do avô dele, do pai, do bisavô: uma laranjeira lá na horta, que em toda a vida ele não conheceu uma laranja naquela laranjeira. Só dava lenha e sombra. Até que chegou o limite dela: perdeu-se. E depois, arrancou a laranjeira. E um dia de manhã levanta-se o espanhol. E andava um marceneiro a medir o comprimento. Chega o espanhol:

– E *usted* que 'tá ai fazendo?

– *Hombre*, 'tou medindo aqui o pé desta laranjeira, que se faz daqui dois ou três santos.

O espanhol ficou assim:

– Santos?

– Sim, *hombre*, daqui se faz um santo.

O espanhol, que não queria crer, diz para ele:

– Bem, eu não te vendo a laranjeira: te ofereço a laranjeira, o pé da laranjeira, mas tens de fazer um santo para oferecer à nossa igreja.

– Sim, *hombre*.

Bem, o marceneiro lá tratou daquilo. Organizaram uma grande festa, até que o santo foi para a igreja. O padre estava lá no altar, anunciando que era um santo muito milagroso, que fazia muitos milagres. E o espanhol estava na igreja, lembrou-se:

– Ahhhhhh, isto é a laranjeira... Então eu tenho tantos anos, o meu pai morreu, o meu avô morreu e nunca conheci uma laranja naquela laranjeira.

Vai além, tira o chapéu, põe-se no meio da igreja e diz assim:

Adiós, santa de mi alma,

En la huerta te crií,

Los milagres que tu los faças,

Me los metas por aqui. [O informante aponta para o cu.] (risos)

Informante: José Avelino Nunes, 76 anos, natural de Pocinho, Vila Nova de Cacela, VRSA, Faro

Recolha: Vila Nova de Cacela, V.R.S.A., Faro, a 5 de Novembro de 2006.

Coletor: Margarida Nunes Rosa (faixa n.º 19)

Classificação: Robe 1829*D

516

O PASTOR PATETA

Era uma vez um pastor muito pateta que tinha ido à missa. Certa vez, ao ver os fiéis a molharem a mão na pia da água benta, decidiu imitar o gesto, na esperança de comer algum petisco. Sentindo apenas a água, não se conteve e exclamou:

– Quem comeu o feijão, que beba a água também!

Noutra altura, estando o padre a erguer ao alto a hóstia consagrada, grita do coro o pastor:

– Está-me aí a mostrar a talhada do nabo, mas eu não lhe posso lá chegar!

Informante: Andreia Duarte, 35 anos, socióloga.

Recolha: em Ninho do Açor, São Vicente da Beira, Castelo Branco, a 3 de Janeiro de 2010.

Coletor: Sandra Pires

Classificação: ATU 1831A*

517

[OS CIGANOS E O PADRE]

Então há um casal de ciganos que vai à missa. E então chegaram lá à missa, à Igreja. Sentaram-se e começa o padre a dar a missa. E então dizia o padre:

– Irmãos, todos nós devemos ter uma casa.

E dizia o cigano para a cigana:

– Ai, filha, que bem que fala o Senhor prior.

E o padre continuava:

– Irmãos, todos nós devemos ter uma mesa farta com comida.

E o cigano:

– Ai, Maria, já viste que bem que fala o Senhor Prior?

E o padre:

– Irmãos, todos nós devemos ter um carro para andar.

E o cigano:

– Ai, mas que bem que ele fala. Cada vez fala melhor!

Diz o padre:

– Mas, irmãos, nós todos, para termos estas coisas, temos que trabalhar.

Diz o cigano:

– Ai, filha, vamos embora que o Senhor prior está variando.

Informante: Artur José Amador Oliveira Segurado, 36 anos, natural de Portimão, conferidor de mercadorias.

Recolha: em Portimão, Faro, a 7 de Dezembro de 2005.

Coletor: Cátia Alexandra dos Reis Romão (cassete n.º 2 / Face B)

Classificação: ATU 1832

518

A APOSTA

Dois reis (um inglês e o outro português) fizeram uma aposta para pôr em causa a inteligência do Bocage. Um rei apostava que o Bocage era mais inteligente que o outro rei; o outro rei dizia que ganhava ao Bocage, porque era mais inteligente que ele. Perante esta aposta, o Bocage foi chamado ao Palácio Real. O rei contou-lhe o que tinha sido combinado e disse-lhe:

– Bocage, não desmoralizes! Vamos lá ver se consegues ganhar ao outro rei, porque se tal não suceder pode-te acontecer uma desgraça!

O outro rei inglês chega a Portugal com um grande peru assado. Quando chega à residência do rei português diz ao Bocage:

– Olha, Bocage, está aqui este peru assado. O que tu fizeres a este peru é o que eu te faço a ti. Se tu lhe cortares uma perna, eu faço-te o mesmo; se tu lhe cortares um braço, eu corto-te um braço; se lhe cortares seja o que for, nós fazemos-te o mesmo. Pensa bem no que vais fazer, pois não podes perder a aposta.

O Bocage começa a olhar para o peru e coloca o seu dedo no cú do peru, depois diz:

– Ai que bom!

E ele ganhou a aposta, pois o rei inglês nunca faria [a ele] o mesmo que ao peru.

Informante: Maria da Conceição Romeira, 50 anos, natural de Tavira, Faro, cozinheira desempregada, 6.º ano.

Recolha: em Tavira, Faro, a 29/12/2004.

Coletor: Cláudia Sofia Cabrita dos Santos (cassete n.º 4/ lado A)

Classificação: ATU 1832F*

519

[O GUARDA E O POLÍCIA]

Andavam dois guardas passeando, tranquilos, e encontraram um mocinho a brincar com barro. Depois disseram-lhe assim:

- Então o que é que tu estás fazendo?
- Olhe, estou fazendo um polícia.
- Ai, se tu dizes que era para fazer um guarda, tínhamos o arado encahado... Vão andando, encontram um polícia. E o guarda disse-lhe:
- Olha, há-de ir ali, que está ali um gaiato que está fazendo um polícia. Está a fazer lá um boneco de barro, diz que é um polícia.

O polícia vem, chega ao pé do gaiato e diz-lhe assim:

- É pá, o que é que tu estás fazendo?
- Oh, estou a fazer um guarda.
- Ah, pensava que estavas a fazer um polícia...

Diz o gaiato assim:

- Não, para fazer um polícia é preciso muito mais merda do que esta.

Informante: Isilda Maria Revés Guerreiro, 65 anos, natural da Cortinhola, Benafim, Loulé, Faro, 3.ª classe, reformada.

Recolha: na Cortinhola, Benafim, Loulé, Faro, a 16-11-2005.

Coletor: Carina Isabel Martins Anastácio (cassete n.º 4 / Face B)

Classificação: ATU 18325*

520

[O MIÚDO QUE BRINCAVA]

Está um miúdo na rua, sentado, a mexer numa poia de merda com um pauzinho. Está a mexer numa poia de merda: e mexe, e mexe a fazer um bolinho, ali vai, ali vai, ali vai... Bom, e vem um GNR e diz-lhe assim:

- Epá! Mas o que é que tu fazes aí na rua a mexer nisso, pá? Tu não sabes que isso não se faz, que isso é porcaria?

O moço olha assim para ele, para cima, e diz-lhe assim:

- Estou a fazer um guarda!
 - Estás a fazer o quê, pá?
 - Já lhe disse: estou a fazer um guarda!
- E vá de mexer na poia de merda.

Bom, o guarda, assim todo lixado, olha para ele e vai-se embora. Vai-se embora, lá ao fundo da rua encontra um polícia e diz-lhe assim:

- Epá! Vai lá além ao fundo da rua que está além um moço que está a mexer na poia de merda. Então tu não sabes que eu fui além, perguntei-lhe o que é que ele estava fazendo e o gajo respondeu-me que estava a fazer um guarda? Vai lá além, a ver se ele te diz que está a fazer um polícia. Pergunta-lhe lá o que é que ele está a fazer, a ver se ele te diz que está a fazer um polícia.

Bom, e ele lá foi. O polícia foi, chegou lá ao pé do moço, e o mocinho lá continuava com um pauzinho a mexer na poia de merda. Ali levava e levava.

O polícia chega ao pé dele e ele começa assim a olhar para o polícia, assim para cima:

- Então pá, o que é que estás aí a fazer?
- Olha para o polícia:
- Estou a fazer um guarda!
- Ah, pensava que ias dizer que estavas a fazer um polícia.
- Começa a olhar:
- Não! É que para fazer um polícia é preciso muito mais merda. (risos)

Informante: Dídia Ramos, 29 anos, natural de Santiago de Maior, Beja, animadora sociocultural, 12.º ano.

Recolha: no Aldeamento de Marim, Olhão, Faro, a 5 de Janeiro de 2007.

Coletor: Eva Paulino (CD n.º 3 / 24'55)

Classificação: ATU 18325*

521

BOCAGE EM LISBOA

O Bocage foi passear a Lisboa e depois deu-lhe vontade de arrear a calça. Arreia a calça, acaba de arrear a calça, um polícia. Ele vê um polícia, pegou num pauzinho e toca a mexer na merda. E o polícia perguntou assim:

– Então o que estás a fazer, Bocage?

– Estou fazendo um polícia.

Tornou-lhe a perguntar, outra vez:

– Que é que estás a fazer, Bocage?

– Estou fazendo um polícia.

O polícia viu que feito nada dele, arrancou. Foi andando, encontrou um guarda-fiscal. O polícia para o guarda-fiscal:

– Encontrei ali o Bocage, com um pauzinho a mexer na merda e disse: “Eh, o que é que estás a fazer, Bocage?” “Estou a fazer um polícia.”

O guarda-fiscal disse assim ao polícia:

– Vou-me lá ver agora se ele me diz que está a fazer um guarda-fiscal.

Depois o guarda-fiscal foi até ao Bocage e perguntou ao Bocage:

– O que é que estás a fazer?

– Estou a fazer um polícia.

– Ah, pensava que dizias que estavas a fazer um guarda-fiscal.

– Não, para fazer um guarda-fiscal, preciso de muita mais merda que esta.

Informante: Ricardo Inácio Domingos, 44 anos, natural de S. Teotónio, Odemira, Beja, carregador de malas, 4.º ano

Recolha: em Faro, a 08/11/2006.

Coletor: Joana Freitas e Milene Inácio (cassete n.º 2 / lado A)

Classificação: ATU 1832S*

522

O GAROTO A FAZER UM POLÍCIA

Era um garoto que estava lá na cidade de Lisboa. E depois estava um bulhão-zito ali no chão, um bulhão de cão ou assim... E o garoto com um pauzinho mexia, mexia, mexia no bulhão. Passou lá um polícia e diz-lhe o polícia:

– Que estás a fazer rapaz?

– Ah, estou aqui a fazer um polícia.

– Ai, estás aqui, estás a levar uma taponal!

Mas voltou-se-lhe as costas e foi-se embora.

Chega lá adiante, encontra um guarda, e ia-se a rir sozinho.

E faz-lhe assim o guarda:

– Olha lá, então o camarada vem-se a rir do quê?

– Ora, venho-me a rir para não dar uma taponal num gaiato que ali estava.

– Então porquê?

– Ora, porque estava ali com um pau a mexer num monte de merda (vá, falando logo mal e depressa) e eu procurei-lhe o que estava a fazer: disse-me que estava a fazer um polícia. Estive mesmo para lhe bater. Epá, os gaiatos são é estúpidos...

– De verdade que o gaiato é estúpido. Mesmo agora lá vou. Se me disser que está a fazer um guarda, leva uma taponal.

Lá vai o guarda, tica, tica, direito ao pé do gaiato. Lá estava o gaiato com o pauzinho.

– Que estás a fazer, rapaz?

– Estou a fazer um polícia.

– Olha, é a tua sorte, senão levavas uma sova, é dizeres que estás a fazer um polícia. Se disseses que estavas a fazer um guarda, mesmo agora as papavas.

– Oh, eu não posso fazer um guarda...

– Então porquê?

– Oh, para fazer um guarda é preciso muito mais merda! (risos)

Informante: Joana Duarte Carrilho Gaspar, 75 anos, natural de Marvão, Portalegre, reformada, analfabeta.

Recolha: em Barretos, Marvão, Portalegre, a 18 de Novembro de 2017.

Coletor: Joana Alegria (faixa n.º 33)

Classificação: ATU 1832S*

523

[MEUS IRMÃOS!]

Era um padre que estava a dizer a missa. E tinha por muito hábito, tudo o que dizia era: “meus irmãos!” E lá continuava a conversa. Daí a nada: “meus irmãos!”

Estavam dois lá atrás, na missa, fizeram sinal um ao outro e saíram para fora.

Vêm ter com a criada do padre cá à casa dele.

– Olhe, minha senhora, nós somos irmãos do padre. E vimos aqui para a senhora nos dar o almoço.

Ora como eram irmãos do padre, a criada fez-lhes tudo do melhor para o almoço. Almoçaram e raspam-se. Foram-se embora e nunca mais lá apareceram.

Bem, quando ele chega a casa:

- Olhe, senhor prior, estive a fazer o almoço para os seus irmãos!
- Meus irmãos? Quais irmãos?
- Ai, então apareceram aqui dois senhores a dizerem que eram seus irmãos...
- Não, então eu não tenho irmãos!

Bem, no outro Domingo, quando ele vai à missa... Lá se encheu a igreja outra vez. Lá começou ele a dizer a missa. Quando chegou à altura de dizer “meus irmãos”, vai, diz assim:

- Meus irmãos! Mas atenção, cada um vai almoçar às suas casas!

Informante: Carmelinda Maria Alfacinha Fernandes, 54 anos, natural de S. Bartolomeu do Outeiro, Évora, reformada, 4.º ano.

Recolha: em S. Bartolomeu do Outeiro, Portel, Évora, a 1 de Dezembro de 2009.

Coletor: Elsa Caetano e Manuela Neves (Gravação n.º 102)

Classificação: ATU 1833

524

HISTÓRIA DA AVÓ E DA NETA

A avó foi ter com o senhor padre e disse assim:

– Ó senhor padre, eu gostava que a minha neta, a minha cachopinha, fizesse a primeira comunhão.

E o padre disse:

– Ah, isso sim, mas se a sua neta nem sabe que nosso Senhor Jesus Cristo morreu para nos salvar...

E a avó disse:

– Ai sim? Morreu, senhor padre? Pois eu não sabia tão pouco que Ele estava doente!

Informante: Maria Pires Mendonça, 76 anos, natural de Almancil, Loulé, Faro, costureira, 2.º ano do liceu.

Recolha: em Almancil, Loulé, Faro, 2006.

Coletor: Cátia Alexandra Camões Zeverino e Cláudia Alexandra Lampreia Ambrósio

Classificação: ATU 1833E

525

O PADRE E O DOIDO

A determinado passo do sermão, diz o padre, em voz arrebatada:

– Caríssimos irmãos, Nosso Senhor, nas Bodas de Caná, com cinco mil peixes e quatro mil pães, deu de comer a quatro homens!

Do fundo da igreja diz o doido:

– Obrigado! Tanto como isso também eu fazia!

O padre deu pela sentença, mas não ligou, continuando o sermão, como se nada tivesse acontecido.

No ano seguinte, ao retomar o mesmo tema, o bom sacerdote teve mais cuidado e disse:

– Amados irmãos, Nosso Senhor, nas Bodas de Caná, com quatro pães e cinco peixes deu de comer a quatro mil homens!

Vai o doido, outra vez, do fundo da igreja:

– Obrigado! Com aqueles que sobraram no ano passado, também eu lhes dava de comer!

Informante: Sandra Pires, 26 anos, natural de Castelo Branco, estudante.

Recolha: em Ninho do Açor, São Vicente da Beira, Castelo Branco, a 16 de Janeiro de 2010.

Coletor: Sandra Pires

Classificação: ATU 1833H

526

[O AMARELEJENSE E A BICICLETA]

Um indivíduo amarelejense tinha uma bicicleta e a dada altura roubaram-lha (ele era de origens humildes). Após terem-lhe roubado a bicicleta, sentou-se nos portados de um café a chorar e a lamentar-se por a bicicleta ter desaparecido. Nisto passa um funeral e um senhor, que ia no cortejo fúnebre, bate-lhe no ombro e diz-lhe assim:

– Deixe estar amigo, já era velhota...

E ele responde:

– Pois era, mas eu ainda me montava nela!

Informante: Carlos, 36 anos, natural de Amareleja, Moura, Beja, 36 anos, Guarda Nacional Republicano.

Recolha: na Amareleja, Moura, Beja, a 22 de Dezembro de 2005.

Coletor: Nídia Bretoldo (cassette, faixa n.º 6)

Classificação: ATU 1843A

527

A VELHINHA

Ora assim sendo, era um mocinho além de Monchique, assim um bocadinho atrasadinho, que ia sempre para o trabalho a pé. E os amigos perguntavam-lhe:

– Então onde é que vais, Zé?

– Vou trabalhar.

Vinha outro dia:

– Então onde é que vais, Zé?

– Então... eu vou trabalhar.

E depois o que é que acontece? Eles começaram a ter pena dele. Dele ir para longe sempre trabalhar a pé, aquilo era muito longe.

E então, um dia, diz um assim:

– Epá, tenho uma bicicleta velha lá em casa e vou trazer para o Zé.

E então levou a bicicleta para o Zé. Levou a bicicleta para o Zé e o Zé ficou tão feliz por ter uma bicicleta – que foi a primeira bicicleta que teve – que não largava a bicicleta por dinheiro nenhum.

E um dia morre uma velhota lá ao pé. Morre uma velhota lá ao pé, e ali, como aquilo é uma aldeia, toda a gente se conhece, toda a gente foi ao cemitério acompanhar o corpo, e ao velório e ao funeral. E o Zé foi, mas levou a bicicleta. Mas por respeito, deixou a bicicleta fora do cemitério. Bem, aquilo lá despachou-se o funeral, enterraram a velhota e não sei quê... O Zé vem a sair... Vem a sair, chega cá fora e tinham-lhe roubado a bicicleta. E o Zé fica à porta a chorar, muito triste, muito triste. Vem lá a senhora professora, que era uma das pessoas mais finas lá de Monchique, e chega ao pé dele e diz:

– Zé, então estás a chorar porquê, filho? O que é que se passa contigo?

E ele diz:

– Ai, ela era velhinha, era velhinha... mas eu gostava tanto dela...

E diz-lhe a senhora assim:

– Ó filho, não chores, não chores que ela era velhinha e tinha chegado a hora dela.

– Era velhinha, era velhinha, mas eu todos os dias me montava nela.

Informante: Maria do Carmo Laranjeira Duarte, 53 anos, natural de Monchique, cozinheira e empregada de limpeza.

Recolha: Portimão, Faro, em Dezembro de 2016.

Coletor: Lúcia Cristino

Classificação: ATU 1843A

528

HISTÓRIA DO CALCETEIRO E DO DOUTOR

Um calceteiro estava a trabalhar a fazer calçada, na berma de uma estrada, e depois passava o doutor e dizia:

– Bom dia.

E o calceteiro dizia:

– Bom dia, colega.

Depois o doutor voltava a passar outro dia e dizia:

– Bom dia.

E o calceteiro voltava a dizer:

– Bom dia, colega.

Isto repetia-se muitos dias até que o doutor, já indignado, diz:

– Oiça lá, porque é que você me diz: “Bom dia colega”?

E o calceteiro disse:

– Digo “bom dia colega” – e o senhor é mesmo meu colega – porque os erros que o senhor tem [faz], a terra os tapa. E eu aqui a fazer a calçada, os erros que eu faço a terra também os tapa. Por isso somos colegas!

Informante: Maria Pires Mendonça, 76 anos, natural de Almancil, Loulé, Faro, costureira, 2.º ano do liceu.

Recolha: Almancil, Loulé, Faro, em 2006.

Coletor: Cátia Alexandra Camões Zeverino e Cláudia Alexandra Lampreia Ambrósio

Classificação: ATU 1862

529

[O VETERINÁRIO E A VACA]

Então o que é que um gajo faz? O gajo vai para veterinário. Vai para veterinário, um dia qualquer, lá na aldeia, há um vizinho que tem uma vaca doente. Mandou chamar o homem. Ele chega lá:

- Então vizinho, qual é a vaca que está doente?
- Ó compadre, então é esta! Já nem se levanta, homem.

Diz ele assim para o vizinho:

- Abra-lhe lá aí a boca.

E o vizinho vai lá, abre a boca da vaca. O veterinário vai cá atrás, levanta-lhe assim o rabo e começa a gritar lá para o vizinho:

- Está-me a ver?

E o outro, lá dizia do outro lado:

- Não estou!

E ainda insiste:

- Mas está-me a ver?
- Não estou!

Diz logo o outro assim:

- Então não há nada a fazer, homem. Tem um nó nas tripas. (risos)

Informante: Pedro Maria Jacinto, 48 anos, natural de Faro, dono de café, 9.º ano.

Recolha: em Albufeira, Faro, a 6 de Janeiro, 2008.

Coletor: Darryl Domingos e Margarida Henriques (faixa n.º 5 / 02'20)

Classificação: ATU 1862D

530

[DOIS MALUCOS NO JÚLIO DE MATOS]

Há dois indivíduos que estão no Júlio de Matos e um diz para o outro:

- Ouve! Esta noite tenho um plano para sairmos daqui para fora!

E diz o outro:

- Então e como é?
- Não te vou contar porque senão isto não funciona! Quando for meia-noite compareces lá no meu quarto, no segundo piso.

O outro à meia-noite lá estava. Entrou e diz assim:

- Então, como é que é?
- Ouve! Temos aqui esta lanterna e vou ligá-la em direcção aquele prédio. E tu passas por cima da luz.

Diz-lhe o outro:

- Esperto, querendo-me enganar! Para depois apagares a luz e eu cair!

Informante: Carlos, 36 anos, natural de Amareleja, Moura, Beja, Guarda Nacional Republicano.

Recolha: na Amareleja, Moura, Beja, a 22 de Dezembro de 2005.

Coletor: Nídia Bretoldo (faixa n.º 6)

Classificação: ATU 1864

531

O AVÔ E AS PERDIZES

Esta é verdade! Naquele tempo a vida era difícil e havia aquelas sementeiras, perdizes, coelhos, muitas coisas, e tinha-se que arranjar uma maneira de apanhar uma coisinha para comer de vez em quando. O meu avô morava ali ao pé da Serra de Odemira. E o que é que aconteceu? Os perdigotos criaram-se, as perdizes criaram-se e os bichos iam aos bebedouros beber água. Então o meu avô disse:

- Como é que eu consigo...

Punha-lhes água, comida, bebida... Elas bebiam água, comiam o trigo e iam-se embora... E ele disse assim:

- Então não arranjo eu uma maneira de caçá-las? Vou fazer um bebedouro. Vou fazer um bebedouro com aguardente.

Oh, as perdizes foram lá e começaram a beber. Eram aos bandos: começaram a beber, oh, embebedaram-se e começaram a andar à reboleta, tontas. E o meu avô, naquele tempo, pega na cartucheira e pendurou umas vinte e cinco ou trinta. Mas aquilo era longe, mais ou menos a uns dois ou três quilómetros de casa. Pendurou-as à cintura, atou-as assim pelo pescoço e pelas patas, começou a andar, a andar, a andar...

Oh! As perdizes – aquilo levou um porradão de um tempo – passou-lhes a bebedeira. Começaram a levantar voo e trouxeram o meu avô ali para a Serra de Monchique. Elas eram umas vinte e cinco ou trinta e ele não era muito forte, conseguiram carregá-lo. Foi só isto.

A minha avó, desgraçada, dizia:
 – Ai! O que será do meu Chico Reis, o que será do meu Chico?
 Desgraçado, apareceu quase ao fim de vinte dias, cheio de fome, todo rasgado.
 Acabou-se, nunca mais fez isso às perdzizes.

Informante: Sr. Silva, 65 anos.

Recolha: em Silves, Faro, a 4 de Janeiro de 2008.

Coletor: Cláudia Carriço (clip 6 / 02'26)

Classificação: ATU 1881

532

“MENTIRAS”

Meus senhores dêem-me atenção,
 Que hão-de gostar de me ouvir,
 Que eu vou mentir um pedaço.
 Ainda hoje rói-me um engaço
 De um homem que não nasceu,
 E dei a outro que já morreu
 Os meus sobejos.
 E assim mata os seus desejos
 Daquilo que não desejar,
 Que nunca possa alcançar neste mundo,
 Tirando água de um poço fundo
 Com um joeiro
 E roendo num barroqueiro
 Com as gengivas,
 E bailando com defuntas vivas,
 No fundo de um cabanejo,
 Chamava ele o seu realejo da moda.
 Estava muita gente de roda
 Moucos escutando,
 E cegos olhando para ele.
 Não há homem como aquele
 Cá dentro da nossa Europa,
 Fez ruído de uma broca

Feitinha de uma tal maneira
 Que fura toda a madeira de azinho,
 E quando caminha sozinho
 Leva duas mil pessoas.
 Mas não diz se não aloas
 Por doutrina,
 Fez da torre numa esquina
 De água, vento e de gelo,
 Numa foice de canelo
 Com que ceifa,
 Trabalha sempre de tarefa
 Cansa-se sem se mexer,
 Fez para se aquecer
 Um fogo de torrões.
 Mas desviou-se lá para longe
 Por ser muito acutelado,
 Por ter medo de ficar tostado
 Na roupa,
 E fez uns sapatos de estopa
 Para dar pontapés no lume,
 Aquilo é grande costume
 Que o homem tem,
 Quando garreia com alguém
 Dá socos com os cotovelos
 E puxa-lhe os cabelos
 Com as unhas dos pés.
 E assim como tem marés,
 Que é um homem muito franco
 E tira do tal vinho branco
 Em talega,
 Faz martelos de manteiga
 Com que bate e ardeja sapatos
 E muito bem que deita gatos
 Em tigelinhas de fogo.
 Aquilo fica como novo
 Pisgadas,

Tem madeiras aparelhadas
 Para cangas, grades e arados,
 Feitas a machados
 De cortiça,
 Aquilo até mete cobiça
 As lindas obras que faz,
 Até fez uma tenaz de pez,
 E outra coisa que ele fez
 Que admira mais do que isso,
 Fez um canudo de mocisso
 Com que sopra.
 Não há em toda a Europa
 Um homem como aquele é
 Chegou-se ao canudo
 E fez-lhe numa chaminé de pólvora
 E para ela não arder
 Untou-a de petróleo...
 (Agora aqui não sei mais nada, isto ainda vai um bocado para adiante.)

Informante: Francisco Jacinto Mestre, 77 anos, natural da aldeia de Espragosa, S. Miguel do Pinheiro, Mértola, Beja, reformado, sabe ler e escrever.

Recolha: em Espragosa, Miguel do Pinheiro, Mértola, Beja, a 28/10/2006.

Coletor: Ema Serafim (CD n.º1)

Classificação: ATU 1889

Nota: “Havia um homem que era cabreiro e que contava estas coisas; contava-a toda, toda, toda”.

533

OS PESCADORES ALDRABÕES

Num ambiente de taberna que existia há muitos anos atrás, que agora já se vai tornando raro, alguns pescadores contavam proezas das suas pescarias. E então dizia um assim:

– Ah, eu um dia apanhei um safio tão grande, tão grande que já vinha a agarrar a cabeça ali à Patinha [zona de Olhão], ainda vinha o rabo dentro de água na praia do Pedro Zé.

Diz o outro:

– Ah, isso não é nada! Então eu, uma vez, não é que apanhei um *pitromaxe* [candeeiro a petróleo] aceso e tudo?

O primeiro disse:

– Epá, espera lá, espera lá, aguenta lá ai um bocadinho... Eu tiro uns metrozinhos do safio, mas tu, apaga lá a luz do *pitromaxe*.

Informante: Sérgio Sousa, 51 anos, natural de Olhão, Faro, técnico de publicidade, 11.º ano.

Recolha: em Olhão, Faro, a 7/11/2007.

Coletor: Helena Isabel Tomé Sousa

Classificação: ATU 1920H*

534

“AI, MORTE, MORTE!”

Era uma mulher que já tinha morrido o filho. E o marido estava morto e estava no meio da casa. E morava num monte e as vizinhas... E ela estava... E as vizinhas começaram a bater à porta para perguntar pelo marido. Mas ela estava a fritar a carne de um porco que tinham matado, e elas começaram a bater à porta e ela não sabia onde é que haveria de pôr a carne. E tinha um gato que se chamava Morte. E ela meteu a carne – que lá no campo há sempre uma mesa com um mocho por baixo – e ela acabou de fritar a carne, meteu a carne por baixo da mesa em cima do mocho. E quando estava cá a acompanhar o marido, que as pessoas começaram a entrar, começou a ver o gato a levar os bocados da carne. Então ela disse:

– Ai, Morte, Morte, assim mos vais levando a um e um!

As pessoas pensavam que era o marido e o filho; era o gato que lhe estava a levar os bocados da carne.

Informante: Ana Maria Estemenha, 77 anos, natural de Arraiolos, costureira, 3.ª classe.

Recolha: em Arraiolos, Évora, a 27 de Fevereiro de 2010.

Coletor: Raquel Correia

Classificação: Boggs 1940*E

535

“JÁ MORRESTE, AINDA BEM!”

Eram três filhas e o pai estava morto. E as raparigas chamavam-se, deixa lá ver...

Era a mãe: estava assentada ao pé do marido, porque estavam a bater à porta, para o acompanhar, e ela disse – o marido chamava-se Ainda Bem – e então ela disse:

– Ai, ai, já morreste Ainda Bem! Cá ficou nossa Brites, com Prazer e Alegria... – Que era o nome das três filhas. – E não chegaste a comer do nosso Cagalhão uma fatia. – Que era o porco, o porco que elas tinham matado.

E então o marido, como morreu, já não chegou a comer do Cagalhão uma fatia, que era o porco. Isto é muito antigo.

Informante: Ana Maria Estemenha, 77 anos, natural de Arraiolos, costureira, 3.ª classe.

Recolha: em Arraiolos, Évora, a 27 de Fevereiro de 2010.

Coletor: Raquel Correia

Classificação: Boggs 1940*F

536

OS DOIS CABREIROS NO ALENTEJO

Os dois cabreiros, no Alentejo, [andavam] guardando cabras (claro, cabreiros é guardando cabras). E puseram-se à extrema dos patrões: um estava numa herdade e o outro estava noutra. E os dois de costas voltadas um para o outro.

E então, tiveram, tiveram, tiveram... Um não dizia nada... Quando um respira:

– Áãããh³⁷... Sim senhora, Sim!

E o outro lá respirou de perto, de costas um para o outro. Mas era pertinho, estava só a extrema no meio. E o outro faz:

– Áãããh... Sim senhora, Não!

Do outro lado, o outro respondia:

– Áããããh! Sim senhora, Sim!

E o outro:

– Áããããh! Sim senhora, Não!

E ali levaram o dia inteiro, até ser quase hora de arrecadar o gado.

³⁷ A informante respira fundo.

À abalada, quando um responde assim:

– Oh, volto por aqui amanhã outra vez mais um bocadinho, que é para a gente falar mais.

(Ora eles não falaram e não falaram. E então passaram o dia todo sem falar nada e falando tudo!)

Informante: Amélia Amores Maria, 69 anos, reformada, 1.ª classe.

Recolha: em Patã de Baixo, Albufeira, Faro, a 12 de Janeiro de 2008.

Coletor: Andreia Pacheco e Rita Martins (faixa 84)

Classificação: ATU 1948

537

[OS TRÊS ALENTEJANOS]

Era uma vez três alentejanos que estavam à sombra de um chaparro.

Na estrada passa um carro. Passado um bom bocado diz assim o primeiro alentejano:

– Ai, compadres, aquilo era um *Pegeout*.

Passado um bom bocado, o segundo alentejano diz:

– Não, compadres, aquilo era um *Renault*.

Passado mais um bom bocado, o terceiro alentejano diz:

– Bem, compadres, vou-me embora porque isso vai dar uma discussão.

Informante: não identificada, professora, licenciatura.

Recolha: em Faro, a 8 de Janeiro de 2010.

Coletor: Ekaterina Komleva

Classificação: ATU 1948

538

[O MAIOR PAI DO MUNDO]

Eram dois miúdos que se estavam sempre a gabar, porque um, pronto...

– Ah, a minha mãe cozinha melhor!

– Ah, a minha é que cozinha!

– Ah, o meu irmão tem mais dinheiro do que o teu!

Pronto, e estavam sempre a picar-se um ao outro. E então um dia estavam-se a picar e houve um que dizia:

- Ah, o meu pai é o mais alto do mundo!
- O meu pai é que é o mais alto!
- Não, não, não. O meu é que é!
- Não, não, tu nem fazes ideia... O meu pai é o mais alto!
- Não, o meu é que é!

E estavam nisto e um diz assim:

– O meu pai é tão alto, tão alto, tão alto que ele, se se esticar assim, bem, bem, bem, ele consegue por um pé do lado do Rio Tejo, um pé em Almada e um pé em Lisboa. E lá se aguenta ele em pé. Assim, em altura é mais alto que a ponte.

E o outro diz assim:

- Então e o teu pai quando se põe assim nessa posição, mais alto que a ponte, ele, por acaso, não sente assim qualquer coisa fofinha nos cabelos?
- Epá, não sei, acho que sim.
- Ah, pois, são os tomates do meu pai.

Informante: Otto Michael Pereira, 24 anos, músico, licenciado.

Recolha: em Faro, a 26/12/2007.

Coletor: Anastácia Pereira e Mariana Luz

Classificação: ATU 1960

539

O COGUMELO

Um homem que está, pronto, foi emigrado na Suíça, esteve lá cerca de vinte cinco anos e é barbeiro. E depois regressou a Portugal, pronto, quando já tinha a vida orientada, tinha ali duas vivendas, ali ao pé de Mértola... A vida estava orientada, já trouxe quatro filhos, pronto, é sinal que correu bem, pronto.

E depois o homem um dia, estava lá na sua vivenda, lá na Suíça, e assomou-se assim para o campo, diziam que há lá cogumelos muito grandes.

E ele começou a ver um cogumelo muito grande lá ao fundo.

– Epá, *ganda* cogumelo! Tenho que ir apanhá-lo...

O gajo saiu de casa todo contente, lá na Suíça, e começou a caminhar pelo campo a ver se encontrava o cogumelo.

Chegou lá, não encontrava nada.

– Mas o que se passa aqui? Isto não pode ser...

E de repente, olha para cima, estava à sombra dele. (risos)
É verdade.

Informante: Ricardo Pires, 25 anos, natural de Serpa, Beja, licenciado em engenharia civil.

Recolha: Faro, em Novembro de 2016.

Coletor: Lúcia Cristino

Classificação: ATU 1960D

540

A COUVE E A PANELA

Um dia foi um rapaz a passear e quando voltou disse a um amigo:

– Olha, no meu passeio vi lá uma couve tão grande como não há outra.

E o outro disse-lhe:

– Pouco mais ou menos, qual era o tamanho da couve?

– Olha, era do tamanho da torre da nossa igreja.

E o outro respondeu:

– Então eu também fui dar um passeio e o que mais gostei de ver foi uma panela. Que panela tão grande, ainda não vi outra tão grande! Pouco mais ou menos, era da altura do farol da barra.

E o amigo disse-lhe:

– E para que era essa panela tão grande?

– Era para cozer a couve que tu viste no teu passeio.

Informante: Rita Engrácia Marques, 90 anos, natural da Junqueira, reformada, 4º classe.

Recolha: na Junqueira, Vila do Conde, Porto, em 2007-2008

Coletor: Rita de Jesus

Classificação: ATU 1960D + ATU 1960F



Contos formulísticos

541

[À UMA EU NASCI]

À uma eu nasci,
Às duas baptizei,
Às três pedi namoro
E às quatro me casei.
Às cinco uma dor,
Às seis uma aflição
Às sete no doutor
E às oito no caixão.
Às nove a caminho
Às dez no cemitério,
Às onze no buraco
E às doze lá no céu.

Informante: Ana Isabel Ledesma Fernandes, 19 anos, natural de Macedo de Cavaleiros, Bragança, estudante.

Recolha: em Macedo de Cavaleiros, Bragança, a 3 de Janeiro de 2003

Coletor: Ana Isabel Ledesma Fernandes (cassete n.º 2 / Face A)

Classificação: AT 2012B

Nota: O texto acompanha um jogo de mãos.

542

À UMA EU NASCI

À uma eu nasci,
 Às duas me baptizei,
 Às três pedi namoro
 E às quatro me casei.
 Às cinco uma dor,
 Às seis uma aflição,
 Às sete estava morta,
 E às oito no caixão.
 Às nove ia a caminho,
 Às dez no cemitério,
 Às onze no buraco,
 E às doze lá no céu.
 Béu, béu.

Informante: Marcos Vilhena Bonito, 21 anos, natural de Faro, estudante.

Recolha: em Ferreira do Alentejo, Beja, a 13 de Fevereiro de 2003.

Coletor: Marcos Vilhena Bonito

Classificação: AT 2012B

543

À UMA EU NASCI

À uma eu nasci
 Às duas baptizei-me
 Às três pedi namoro
 E às quatro me casei
 Às cinco senti uma dor
 Às seis uma aflição
 Às sete senhor doutor
 E às oito no caixão
 Às nove a caminho

Às dez no cemitério
 Às onze lá na cova
 E às doze lá no céu
 Béu, béu!

Informante: duas crianças com 12 e 13 anos.

Recolha: na Escola Básica Alto dos Moinhos, Terrugem, Sintra, Lisboa, a 4 de Abril de 2011.

Coletor: Ana Sofia Paiva (CD 2, 2011)

Classificação: AT 2012B

Nota: cantilena com jogo de palmas.

544

AS HORAS

À uma eu nasci,
 Às duas me baptizei,
 Às três pedi namoro e,
 Às quatro me casei.
 Às cinco uma dor,
 Às seis uma congestão,
 Às sete no doutor,
 Às oito no caixão.
 Às nove na igreja,
 Às dez no cemitério,
 Às onze no buraco,
 Às doze lá no Céu.

Informante: Tatiana Catarina da Silva Ramos, 18 anos, natural de Pombal, Leiria, estudante universitária.

Recolha: em Faro, a 03/11/2006.

Coletor: Vânia Inês Santos Canas (cassete n.º 1 / lado B)

Classificação: AT 2012B

Nota: O jogo é feito com as mãos, o primeiro a enganar se perde, no fim do jogo bate-se palmas. Texto cantado.

545

À UMA EU NASCI

À uma eu nasci
 Às duas me baptizei
 Às três pedi-me em namoro
 E às quatro eu me casei
 Às cinco uma dor
 Às seis um apertão
 Às sete, senhor doutor
 E às oito no caixão
 Às nove a caminho
 Às dez no cemitério
 Às onze no coval
 E às doze lá no céu

Informante: Mara Andreia Diogo Herequechand, 25 anos, natural de Moçambique, esteticista, 12.º ano.

Recolha: em Quarteira, Loulé, Faro, a 5 de Janeiro de 2008.

Coletor: Cátia Jeremias e Dilaila Grilo (CD n.º 7)

Classificação: AT 2012B

546

À UMA EU NASCI

À uma eu nasci
 Às duas baptizei
 Às três pedi namoro
 E às quatro me casei
 Às cinco uma dor
 Às seis no hospital
 Às sete no doutor
 E às oito no caixão
 Às nove a caminho
 Às dez no cemitério
 Às onze falei com Deus
 E às doze morri de vez.

Informante: Marina Meneses, 18 anos, natural de Angra do Heroísmo, estudante.

Recolha: em Angra do Heroísmo, Açores, a 03/01/2008.

Coletor: Cátia Leandro (CD: MIC-2008-01-03_17h07m35s)

Classificação: AT 2012B

547

À UMA EU NASCI

Á uma eu nasci
 Às duas me baptizei
 Às três pedi namoro
 E às quatro me casei
 Às cinco uma dor
 Às seis uma aflição
 Às sete no senhor doutor
 E às oito no caixão
 Às nove a caminho
 Às dez no cemitério
 Às onze debaixo da terra
 E às doze lá no céu.

Informante: Ana Abrantes, 19 anos, natural de Viseu, estudante.

Recolha: em Gambelas, Montenegro, Faro, a 11 de Dezembro de 2010.

Coletor: Ana Marlene Moura Abrantes

Classificação: AT 2012B

548

DA UMA ÀS DOZE

À uma eu nasci,
 Às duas baptizei,
 Às três pedi namoro,
 E às quatro me casei,
 Às cinco uma dor,
 Às seis uma aflição,
 Às sete senhor doutor,

E às oito no caixão,
 Às nove no cemitério,
 Às dez lá no céu,
 Às onze a cantarolar,
 E às doze a cagar.
 Ppprrrrrr! (mete a língua de fora.)

Informante: Carina Rodrigues Pacheco, 12 anos, natural de Ferreiras, Albufeira, estudante, 7.º ano.

Recolha: em Ferreiras, Albufeira, Faro, a 23 de Outubro de 2009.

Coletor: Gabriela Rodrigues Pacheco (faixa n.º 1 / 11'54)

Classificação: AT 2012B

549

À UMA EU NASCI

À uma eu nasci,
 Às duas batizei,
 Às três pedi em namoro
 E às quatro me casei.
 Às cinco uma dor,
 Às seis uma aflição,
 Às sete senhor doutor
 E às oito no caixão.
 Às nove a caminho,
 Às dez no cemitério,
 Às onze no buraco,
 E às doze lá no céu.
 Béu, béu!

Informante: Gabriel Dionel, 21 anos, natural de Beja, estudante; e Mónica Duarte, 20 anos, natural de Évora, estudante.

Recolha: em Faro, a 3 de Dezembro de 2017.

Coletor: Mário Aires Matias Trabuço

Classificação: AT 2012B

Nota: Este texto é cantado.

550

ERA UMA VEZ UM GATO MALTÊS

Era uma vez um gato maltês,
 Cagou-te na boca e não sei o que te fez.
 Queres que te conte outra vez?

(Continua-se a dizer até que a pessoa que está a ouvir diga que não quer que conte outra vez.)

Informante: Paulo Mileu, 22 anos, natural de Santo Amaro, Sousel

Recolha: em Santo Amaro, Sousel, Portalegre, a 1 de Dezembro de 2006.

Coletor: Raquel Eunice Casimiro Marques (faixa n.º 12.6)

Classificação: ATU 2013

551

ERA UMA VEZ UMA GALINHA PERCHÊS E UM GALO FRANCÊS

Era uma vez uma galinha perchês e um galo francês.
 Eram dois, ficaram três.
 Queres que te conte outra vez?

(Repete-se até a pessoa que está a ouvir dizer que não quer ouvir outra vez.)

Informante: Raquel Marques, 19 anos, natural de Évora

Recolha: em Faro, a 15 de Dezembro de 2006.

Coletor: Raquel Eunice Casimiro Marques (faixa n.º 22.24)

Classificação: ATU 2013

552

O HOMEM QUE NÃO ERA

Andava lavrando na terra,
 Ouvi dizer que a mãe tinha morrido
 E o pai estava pra nascer.

Pronto com dor nas costas e jurado a comer,
 Ia pelo caminho o caminho que não ia,
 Embrulhado numa capa, uma capa que não havia,
 Encontrou uma laranjeira carregada de limão,
 Olhou pra cima e pra baixo, caía maçã,
 Olha velha (...) se importa tu, com batatas não são tuas,
 Bater com mulão, bater com torrão,
 Bater no joelho (...) enrolou tudo num gabão
 O que deu foi um cão.

Informante: Maria Júlia Guerreiro, 88 anos, natural de Alte, Loulé, Faro, analfabeta.

Recolha: em Loulé, Faro, a 20 de Novembro de 2013.

Coletor: Alessandra Helena e Zanara Sousa (gravação n.º 37)

Classificação: ATU 2014

553

[ERA UM HOMEM QUE NÃO ERA]

Era um homem que não era
 Andava lavrando na serra
 Ouviu dizer que a mãe tinha morrido
 Que o pai estava para nascer
 Pronta com os bois às costas e zangada comigo
 Ia no caminho, caminho que não ia
 Embrulhado numa capa, capa que não havia
 Encontrou uma laranjeira carregada de romãs
 Pulou-lhe pra cima, faz cair as maçãs
 E a velha do faval zangada:
 – Que te importas tu com batatas que não são tuas?
 Deu-lhe com um melão, bateu-lhe com um murrão
 Bateu-lhe no joelho, fez-lhe sangue no artelho
 Pulou de lá pra baixo
 Achou ninho de andorinha com três ovos de cartaxo
 Enrolou tudo num gabão, quem comeu foi o cão.

Informante: Maria Júlia Guerreiro, 85 anos, natural de Benafim, reformada.

Recolha: em Loulé, Faro, a 17 de Dezembro de 2010.

Coletor: Ana Silva (CD2)

Classificação: ATU 2014

554

ERA E NÃO ERA

Era e não era, andava na serra
 Lavrando com um boi carrapado
 E outro calhandro
 Chegou uma notícia que mais não podia ser
 Tinha o meu pai a nascer
 E a minha mãe a acabar de morrer
 Com a surpresa vim p'la serra abaixo
 Pus os bois às costas e pus o arado a comer
 Entretanto encontro um ninho de cartaxo
 Com sete ovos de batarda
 E então agarrei neles
 E botei-os à minha burra parda
 Tirou-me sete gaviões,
 Nasceram, cresceram e fui com eles à caça
 Encontro uma pereira carregada de avelãs
 Não era minha, mas pus-me a comer maçãs
 Veio de lá o dono:
 – Ó amigo, você está-me a roubar!
 – Você é pobre eu também o sou.
 Zangámo-nos, ele pega num torrão
 Eu pego num melão
 Amandei-lhe com ele a um ortelho
 Fi-lo deitar sangue até ao joelho.

Informante: João Elário Moda, natural de Évora

Recolha: em Évora, a 11 de Novembro de 2006.

Coletor: Raquel Eunice Casimiro Marques (faixa n.º 6.1)

Classificação: ATU 2014

555

ERA NÃO ERA

Era não era andava lavrando,
 Prendeu os bois numa moita,
 E pôs o arado a comer,
 Fui para um caminho que não sabia,
 À procura da cabra que não trazia,
 Encontrei uma ameixeira
 Carregadinha de maçãs,
 Fui para cima apanhei marmelos,
 Vim para baixo, apanhei romãs.
 Quem te manda apanhar uvas
 Num faval que não é teu,
 Abaixei-me por um torrão,
 E joguei-lhe com um melão
 À redondela dum joelho,
 Tirei-lhe o dente de fora,
 Fiz-lhe sangue no artelho.
 Da aldeia de Santa Catarina,
 Por cima das casas altas,
 Vi um lobo com quinze patas
 A tocar uma concertina,
 Também vi uma antonina
 Na marinha a roer sal
 E o macaco a cozer cal
 Nas orelhas dum juiz,
 E a tirar dentes de perdiz
 Numa véspera de Natal.

Informante: Rosália, 55 anos, mora nos Machados, em São Brás de Alportel, é já reformada mas foi professora primária.

Recolha: nos Machados, Faro, a 2-11-2007.

Coletor: Vasco Guerreiro

Classificação: ATU 2014

556

ERA UMA VEZ O QUE NÃO ERA

Era uma vez o que não era
 Dois lavrando numa serra
 Um pôs os bois às costas
 O outro pôs o arado a comer
 Dizia que o pai não era nada
 A mãe que não tinha nascido
 Vinha numa vala abaixo
 À procura de uma capa
 Que não tinha perdido
 Encontrou uma figueira
 Carregadinha de maçãs
 Foi para cima, apanhou marmelos
 Veio para baixo apanhou romãs
 Veio de lá o dono das abóboras:
 – Quem lhe deu licença de apanhar uvas
 num faval que não é seu?
 Jogou-lhe com um melão ao joelho
 Fez-lhe sangue no artelho
 Deitou-lhe o dente fora.

Informante: Leonardo Viegas, 69 anos, natural Benafim, Loulé, Faro, foi músico cego, analfabeto.

Recolha: em Salir, Loulé, Faro, a 03/12/10.

Coletor: Cristina Isabel da Conceição Pereira (cassete n.º 1 / Face A)

Classificação: ATU 2014

557

HISTÓRIA AO CONTRÁRIO

Andava a lavrar a sua vinha
 Com os bois que não tinha,
 Recebeu uma notícia
 Que tinha o pai morto
 E a mãe por nascer.
 Que havia do rapaz fazer?
 Desprendeu os bois
 Pôs a canga a comer,
 Deitou as pernas às costas
 E começou a correr.
 Chegou lá adiante
 E encontrou uma noqueira
 Carregadinha de avelãs,
 Subiu lá para cima
 Começou a colher maçãs.
 Comeu as podres
 Deixou as sãs,
 Veio de lá o dono
 Atirou-lhe com um pepino
 Assentou-lhe com um melão.
 O sangue era tanto
 Que nem se via no chão.

Informante: Joana Duarte Carrilho Gaspar, 75 anos, natural de Marvão, Portalegre, reformada, analfabeta.

Recolha: em Barretos, Marvão, Portalegre, a 21 de Novembro de 2017.

Coletor: Joana Alegria (faixa n.º 22)

Classificação: ATU 2014

558

O COELHINHO BRANCO

Era uma vez um coelhinho branco que foi à horta buscar couves para fazer o caldinho. Quando chegou a casa, estava lá a cabra cabrês que lhe disse que lhe saltava em cima e o fazia em três.

O coelhinho foi chorando pelo caminho e encontrou o amigo burro.

– Que tens tu coelhinho? Porque choras?

– Ah querido burro, nem sabes o que me aconteceu... Fui à horta buscar couves para fazer o caldinho e quando cheguei a casa estava lá a cabra cabrês que diz que me salta em cima e me faz em três.

– Ih óh, ih óh! Ai eu não vou lá que eu tenho medo.

O pobre do coelhinho ficou no caminho a chorar. Encontrou um cão.

– Que tens tu coelhinho branco? Porque estás tão triste?

– Ai amigo cão, nem sabes o que me aconteceu... Fui à horta buscar couves para fazer o caldinho e quando cheguei a casa estava lá a cabra cabrês que diz que me salta em cima e me faz em três.

– Ai eu não vou lá que eu tenho medo.

Foi andando e encontrou o galo. O galo perguntou:

– Que tens tu coelhinho branco? Porque estás tão triste?

– Ai galo amigo, nem sabes o que me aconteceu... Fui à horta buscar couves para fazer o caldinho e quando cheguei a casa estava lá a cabra cabrês que diz que me salta em cima e me faz em três.

O galo respondeu:

– Ai, eu não vou lá que eu tenho medo.

O pobre do coelhinho estava muito triste e encontrou uma formiga. A formiga pequenina, olhou para o coelhinho e disse:

– Oi amigo, que se passa? Porque estás tão triste?

– Ai formiga amiga, nem sabes o que me aconteceu... Fui à horta buscar couves para fazer o caldinho e quando cheguei a casa estava lá a cabra cabrês que diz que me salta em cima e me faz em três.

A formiga, muito destemida, respondeu-lhe:

– Então vamos lá voltar lá a casa e vamos lá resolver esse problema.

Quando chegou a casa, bateram à porta e a cabra respondeu:

– Quem é?

E o coelhinho respondeu:

- Sou eu, o coelhinho branco, fui à horta buscar couves para fazer um caldinho.
- E eu sou a cabra cabrês que te salto em cima e te faço em três.

E a formiga, entrou pelo burquinho da fechadura, saltou em cima da cabra e disse:

- E eu sou a formiga rabiga, que te salto em cima e te furo a barriga.

O coelhinho abriu a porta, a cabra foi fugindo, que ia com a formiga a picar-lhe.

E fugiu, fugiu, que nunca mais ninguém viu a cabra. O coelhinho foi para casa, fez o caldinho e comeu o belo caldinho com a sua amiga formiga.

Informante: Helena Correia, 48 anos, natural de Faro, tem o 12.º ano.

Recolha: em Faro, a 25/11/2014.

Coletor: Ana Correia (gravação MVI_0660)

Classificação: ATU 2015

559

HISTÓRIA DE UM COELHINHO BRANCO

É a história de um coelhinho branco. Era um coelhinho que foi à horta buscar couves para fazer um caldinho. Depois apanhou as couves e quando voltou para casa a porta estava fechada por dentro, e então bateu à porta para ver se alguém lhe acudia. E ouve uma voz que lhe respondeu que...

- Quem é?

E ele disse:

- Sou o coelhinho branco, venho da horta e vou fazer um caldinho, e tu quem és?

E a voz respondeu:

- Eu sou a cabra cabrês, que te salto em cima e te faço em três.

O coelhinho ficou muito assustado, muito triste. Foi andando por ali fora e encontrou uma formiga e a formiga perguntou-lhe o que é que se passava. E ele esteve a dizer que foi à horta buscar as couves para fazer um caldinho, e quando voltou estava a porta fechada e que estava lá a cabra cabrês que lhe disse que saltava em cima e que lhe fazia em três.

E então a formiga disse-lhe:

- Olha, então deixa estar que eu vou resolver isso!

Então foram de volta, bateram à porta e então a cabra cabrês disse outra vez a mesma coisa.

E a formiga disse-lhe:

- Olha, e eu sou a formiga rabiga que te salto em cima e que te tiro as tripas e furo a barriga.

Dito isto, a formiga entrou pelo buraco da fechadura, saltou em cima da cabra cabrês, e fez-lhe em três. E depois o coelhinho... ela abriu-lhe a porta, o coelhinho entrou e foi fazer o caldinho para o jantar.

Informante: Célia Pereira, 53 anos, natural de Lagos, Faro, balconista, 9.º ano.

Recolha: em Albufeira, Faro, a 30 de Novembro de 2016.

Coletor: Mariana Pereira Raposo

Classificação: ATU 2015

560

CONTO DA VELHOTA E DA CABRA CABRIOLA

Era a história de uma velhota que tinha três filhos. Naquele tempo, tinha um borrego, lá no monte. E então, a velhota pega e *prantou* os filhos dentro de um alguidar muito grande – eram pequeninos – e abalou, foi ao moinho. Foi ao moinho, aquilo era quase de noite, chegou, tinha a cabra cabriola em casa e tinha comido os filhos. Comeu dois e um, o mais velhinho, escapou: agachou-se debaixo de um sobrado, escapou. Lá foi a velhota com a cabra cabriola em casa. Dizia que, se ela entrasse, que a comia também. E a velhota, com medo, abalou a chorar. Ia então no caminho a chorar, encontrou uma raposa.

- Ó velhota, porque é que tu choras?

– Ora, não hei-de chorar, tenho a cabra cabriola em casa, comeu-me os meus filhos (...) e agora não me deixa lá entrar.

- Não tenhas medo, que eu vou lá, tiro-te a cabra cabriola.

- Quanto é que queres ganhar para tirar a cabra cabriola?

- A melhor galinha que tiveres no teu galinheiro.

Lá foi mais a velhota. Disse a zorra para a cabra cabriola:

- Salta daí, cabra cabriola.

– Não salto, não, raposa matreira, que eu comi os gaiatos e como-te a ti se tu cá entrases.

A cabra cabriola era um bicho malino com uns grandes dentes (não vistes já no livro? 'Tá no livro). Então a zorra teve medo, levou a galinha, foi comê-la lá para um barranco, e a velhota foi por outro caminho a chorar.

Foi lá mais para diante e encontrou o lobo. E disse:

– Ó velhota, que eu como-te!

– Não comes nada, que eu tenho a cabra cabriola em casa, comeu-me os meus filhos e agora come-me a mim se eu entrar.

– Quanto é que me dás para mim tirar a cabra cabriola lá de casa?

Bem, lá foi:

– Dou-te o melhor carneiro que eu tiver lá no meu curral.

Lá foi:

– Salta daí, cabra cabriola,
Que eu sou o lobo cinzento.
Se não saltares daí,
Dou-te tantos pinotes
Que é pior que o vento.

– Não salto não, lobo matreiro, que eu comi os gaiatos e como-te a ti também.

O lobo teve medo da cabra cabriola, que ela mostrou os dentes, fugiu. Foi lá, pegou no carneiro e toca de comê-lo lá numa várzea, e a velha abalou outra vez a chorar pelo caminho.

Quem é que houvera de encontrar: uma formiguinha real, que é aquelas formiguinhas amarelinhas muito pequeninas, raiadinhas. Encontrou a velhota. (No outro tempo os bichos falavam todos).

– Ó velhota, tu vais aí a chorar, porque é que tu estás a chorar?

– (...) comeu os meus filhos, também me come a mim se eu lá entrar.

– Quanto é que me dás para mim tirar de lá a cabra cabriola?

– Olha, dou-te a melhor parra de mel que eu lá tiver.

– Então anda comigo, vamos lá ver se a cabra cabriola salta da casa.

A formiguinha passou debaixo da porta, a cabra cabriola nem sequer abriu. Quando ela estava lá, meteu-se às pernas acima da cabra cabriola, e depois de estar lá ao pé do cu da cabra cabriola disse assim:

– Cabra cabriola, salta daqui para fora,
Que eu sou a formiga real.

Senão eu dou-te tantas picadas no cu
Que dás tantos berros como a cabra no curral.

– O que é que tu fazes, formiga de merda.

Eh, punhão, que a formiga prega-lhe uns picadões no cu e ela, ah, ah, vá de dar pulos. E ela cada vez mais picadas no cu... A velhota abriu-lhe a porta bem: a cabra cabriola foi esfregar o cu no chão e fugiu para baixo a dar berros e fugiu. A cabra cabriola teve que sair de lá de casa pra fora. A formiga joga-se pró chão e a cabra cabriola foi-se embora. Volta pra trás e disse:

– Vê lá, velhota, se eu tirei a cabra cabriola ou não... O lobo não presta e a zorra não presta, vê lá um bicho tão pequenino e tirei a cabra cabriola lá de casa. Atão, e agora tens que me dar a parra de mel.

Deu-lhe a parra de mel, foi comendo, foi comendo, foi comendo, deixou-se dormir, o mel derreteu e morreu afogada.

Informante: Mário Martins Custódio, 80 anos.

Recolha: em Delfeira, S. Teotónio, Odemira, Beja, a 15 de Julho 2011.

Coletor: Laura Tschampel

Classificação: ATU 2015

561

O COELHINHO BRANCO

Era uma vez um coelhinho branco que resolveu ir ao campo apanhar umas couvinhas para fazer uma sopa. Quando voltou para casa, encontrou a porta fechada, bateu à porta e ouviu uma voz que diz, que pergunta:

– Quem é?

E ele diz:

– Sou o coelhinho branco, fui à horta buscar umas couvinhas para fazer um caldinho.

– E eu sou a Cabra Cabrês, pulo-te em cima e faço-te em três.

E o coelhinho ficou muito assustado. Passado um bocado, passou por ali um cavalo que o viu com uma cara tão aflita que lhe disse:

– Ó coelhinho, o que é que tu fazes aqui com um ar tão preocupado?

E ele esteve-lhe a contar que tinha ido à horta buscar couves e quando voltou a Cabra Cabrês tinha-lhe fechado a porta e que o ameaçava que o fazia em três.

E o cavalo disse:

– Vamos lá ver se a gente resolve isso!

Foi, bateu à porta, e a Cabra Cabrês disse a mesma coisa:

– Eu sou a Cabra Cabrês, pulo-te em cima e faço-te em três.

E o cavalo pensou:

– Eu não estou para me preocupar com estes problemas, que não são meus.

E foi andando e lá ficou o coelhinho branco muito preocupado.

Passado um bocado, passou um boi.

– Então coelho, o que é que tu fazes aqui com um ar tão preocupado?

Ele esteve-lhe a contar a história da Cabra Cabrês. E [o boi] disse-lhe:

– Então vamos lá ver se eu resolvo este problema.

O boi foi bater à porta, e perguntou de lá de dentro a cabra:

– Quem é?

– Eu sou o boi que quer ajudar o coelhinho branco.

E ela disse:

– E eu sou a Cabra Cabrês, pulo-te em cima e faço-te em três.

E [o boi] disse:

– Olha, nada feito. A cabra diz que pula-me em cima e faz em três e eu não me estou para me meter nos sarilhos.

Lá se foi embora. O coelhinho, cada vez estava mais aflito, até que passou um cão que perguntou:

– Então o que é tu tens, aí tão preocupado?

[acaba a fita no lado A da cassetete]

Então, estávamos a dizer que o cão também tentou convencer a Cabra Cabrês a abrir a porta. E a resposta da cabra era sempre a mesma:

– Dou-te um pulo em cima e faço-te em três.

E o cão também não pode resolver o problema. Ia-se fazendo de noite, cada vez o dia continuava, cada vez mais escuro. Até que passou um gato e disse:

– Ó coelhinho branco, o que é que tu fazes aqui à porta?

E o coelhinho lá teve outra vez de contar da sua tristeza: tinha ido à horta buscar umas couves para fazer um caldinho, mas que estava quando voltou encontrou a Cabra Cabrês que tinha fechado a porta e que dizia que dava um pulo em cima e fazia em três.

E o gato disse:

– Será que a gente não consegue lá entrar?

O gato foi experimentar. Bateu à porta e ouve a voz da Cabra Cabrês:

– Quem é?

E diz ele:

– É o gato, que quer ajudar o coelhinho branco a entrar em casa.

– Eu sou a Cabra Cabrês, dou-te um pulo em cima e faço-te em três.

E o gato, assustado, resolveu ir embora.

Bem, já estava mesmo de noite, muito escuro quando passou ali uma formiga.

– Ó coelhinho, mas o que é que tu tens que estás aí à porta a chorar com um ar tão infeliz?

E o coelhinho lá lhe contou de novo a história. E disse:

– Olha, já passou por aqui o cavalo, passou o boi, passou o cão, passou o gato e nenhum conseguiu entrar lá em casa por causa da Cabra Cabrês, que diz que dá um pulo em cima e faz em três.

E a formiga disse:

– Eu vou experimentar!

– Ah, então tu formiguinha, és tão pequenina... se eles tão grandes não conseguiram como é que tu vais conseguir?

– Vou experimentar!

E a formiga foi, bateu à porta e ouviu a mesma resposta:

– Eu sou a Cabra Cabrês, dou-te um pulo em cima e faço-te em três.

A formiga, entretanto, não perdeu tempo. Entrou, tinha já entrado pelo buraco da fechadura, e disse:

– Eu sou a formiga rabiga, dou-te um pulo e furo-te a barriga!

E deu-lhe uma boa ferroadada na barriga. A Cabra Cabrês, que não esperava aquela dor, dá um pulo, abre a porta e desata a fugir porta fora.

A formiga abriu a porta e disse:

– Ó coelhinho, então entra lá. Estás a ver? Já podes entrar na tua casa.

Lá foram os dois e [o coelho] disse:

– Então ficas convidada a ser hoje minha companheira de jantar.

Lá foram fazer o caldinho, comeram muito bem e acabou a história, com o coelhinho a ser ajudado pela formiga rabiga.

Informante: Maria Clementina, 60 anos.

Recolha: em Albufeira, Faro, a 31 de Dezembro de 2010.

Coletor: Lúcia Cristina Alferes Hortas Jesus

Classificação: ATU 2015

562

AS BODAS NA CAPOEIRA

Diz um dia o galo à galinha:

- Casaremos a nossa filhinha!
 - Casaremos ou não casaremos,
- Mas o noivo onde o encontraremos?

Diz o gato que estava no lar:

- Eu estou pronto para me casar.
 - Um bom noivo já nós temos cá,
- A madrinha donde nos virá?

Diz a cabra da sua casinha:

- Estou pronta para ser a madrinha.
 - A madrinha já nós temos cá.
- O enxoval donde nos virá?

Diz a aranha do seu aranha:

- Eu estou pronta para dar o enxoval.
 - Enxoval já nós temos cá,
- A bailarina donde nos virá?

Diz a mosca que andava no ar:

- Eu estou pronta para vir dançar.
 - A bailarina já nós temos cá,
- O gaitero donde nos virá?

Diz o burro lá do seu palheiro:

- Eu estou pronto para ser o gaitero.
 - O gaitero já nós temos cá,
- O padrinho donde nos virá?

Diz o rato do seu buraquinho:

- Eu estou pronto para ser o padrinho.

Mas o gato ao ver o ratinho,

Deu um pulo e comeu o padrinho.

Diz a noiva lá da capoeira:

- Já não caso, ficarei solteira.

Os convidados que iam dançar:

- Já não temos o nosso jantar.

Informante: Carlos Lapa, 56 anos, natural de Faro.

Recolha: na Armação de Pêra, Silves, Faro, em Dezembro de 2005.

Coletor: Barbara Mariana Abreu Nabo

Classificação: ATU 2019*

563

HISTÓRIA DA CAROCHINHA

Era uma vez uma carochinha que andava a varrer a cozinha e achou cinco tostões. E pôs-se à janela:

- Quem quer casar com a carochinha que é airosa e formosinha, e achou cinco tostões a varrer a cozinha?

Passa um burrinho e diz:

- Quero eu! Quero eu!

A carochinha pergunta:

- Então como é que tu fazes?

– Hrrum!

- Ai, tens uma voz muito feia, não gosto de ti!

Ele foi-se embora e ela pôs-se outra vez:

- Quem quer casar com a carochinha, airosa e bonitinha?

Então passa um canito e o canito diz:

- Quero eu!

- Então como é que tu falas? Como é a tua voz?

– ão, ão!

- Também não gosto de ti!

Por fim, passa um ratinho e o ratinho:

– Quero eu! Quero eu!
 – Então como é que tu fazes?
 – Hihi.
 – Ai, tens uma voz muito linda, quero casar contigo!
 (...) [prepararam] um casamento, mas quando iam para a igreja a carochinha esqueceu-se das luvas. E o João Ratão:
 – Vou-te buscar as luvas, eu vou-te buscar as luvas.
 Mas era já com malandrice, porque ela tinha deixado o comer feito na cozinha. Então voltou para trás e não quis saber das luvas. Foi à cozinha, destapou a panela e [caiu na panela]. Ficou só com o rabinho de fora.
 Veio a carochinha (...) já estava aflita:
 – O João Ratão não vem. O João Ratão não vem.
 Voltou para trás e quando chegou a casa começou a cheirar:
 – Ai que me cheira aqui a João Ratão.
 Foi à cozinha:
 – Ai o meu João Ratão cozido e assado no caldeirão!

Informante: Maria da Encarnação Branquinho, 57 anos, natural da Alcaria dos Javazes, Mértola, Beja, comerciante, 4.ª classe.

Recolha: em Faro, a 18/12/05.

Coletor: Ana Rita Tomé (faixa 11)

Classificação: ATU 2023

564

HISTÓRIA DA CAROCHINHA

Era uma vez uma carochinha que queria casar. E então pôs-se à janela e começou a gritar:
 – Quem é que quer casar com a carochinha que é bonita, bonitinha?
 Entretanto passou um leão.
 – Eu quero casar com a carochinha.
 E então a carochinha disse:
 – Fala lá para eu ouvir a tua fala e ver se gosto.
 E o leão faz:
 – Uam uam uam!

Ela disse:
 – Eu não quero, não quero porque tens uma fala muito grossa e eu não me quero assustar.
 E pôs-se outra vez à janela e começou a dizer:
 – Quem quer casar com a carochinha que é bonita, bonitinha?
 Depois passou um cão:
 – Ai! Eu quero casar com a carochinha.
 – Então fala lá para eu ouvir a tua fala.
 E o cão começou a ladrar:
 – ão, ão, ão!
 – Ai! Eu não quero! É uma fala muito coiso, eu não quero. Não me agradas.
 E então pôs-se à janela outra vez à janela:
 – Quem quer casar com a carochinha que é bonita, bonitinha?
 Passou um gato:
 – Eu quero.
 – Então fala lá.
 E o gato:
 – Miau, miau, miau!
 – Não quero, não quero.
 E, entretanto, pôs-se outra vez à janela:
 – Quem quer casar com a carochinha que é bonita, bonitinha?
 E passaram muitos animais que ela não gostou da fala deles. Entretanto passa o João Ratão, o rato. E o rato disse:
 – Eu quero casar com a carochinha.
 Então fala lá para eu ouvir a tua fala.
 O rato começou:
 – Mim, mim, mim.
 E ela disse:
 – Agradas-me, agradas-me.
 E então prepararam tudo para o casamento. No dia do casamento ela pôs o caldeirão ao fogo com o comer. E, entretanto, foi-se vestir. Foi-se vestir e quando veio para fora não encontrou o João Ratão. Procurou por todo o lado e não encontrou o João Ratão. Quando olha para dentro do tacho do comer, estava o João Ratão lá dentro, cozido, junto ao comer. E então ela começou a gritar, a chorar.
 – Ai, meu querido João Ratão foste cozido e assado no caldeirão.
 E acabou a história.

Informante: Lucília Brás de Almeida Nora, 62 anos, natural de Ferragudo, reformada.

Recolha: em Portimão, Faro, a 10/12/2005.

Coletor: Sílvia do Ó (faixa 23)

Classificação: ATU 2023

565

A CAROCHINHA

Certo dia uma carochinha encontrou cinco tostões, ao varrer o chão da sua cozinha, e decidiu comprar com eles várias fitinhas e pôr-se bonitinha, porque ela queria casar.

Então foi para a janela e decidiu cantar.

– Quem quer casar com a Carochinha que é tão formosa e bonitinha?

Nisto passa um burro e responde:

– Quero eu, quero eu.

E a carochinha perguntou:

– Burro, como é a tua voz?

E ele respondeu:

– Him hom!

– A tua voz é tão grossa... Não serves para casar comigo.

Nisso, a carochinha cantou outra vez:

– Quem quer casar com a Carochinha que é tão formosa e bonitinha?

Passa um gato e responde-lhe:

– Quero eu, quero eu.

Vira-se a carochinha e diz-lhe:

– Como é a tua voz, gato?

– Miau, miau!

– Não serves para casar comigo. A tua voz é muito esganiçada.

Nisto, ela decidiu cantar outra vez:

– Quem quer casar com a Carochinha que é tão formosa e bonitinha?

Nisto passa um cão:

– Quero eu, quero eu.

Ela pergunta-lhe como era a voz dele, e ele respondeu:

– ão, ão!

E ela disse:

– Não serves para casar comigo. A tua voz é tão feia...

Ela decidiu cantar outra vez:

– Quem quer casar com a Carochinha que é tão formosa e bonitinha?

Nisto passa um rato e responde:

– Quero eu, quero eu.

– Como é a tua voz, rato?

– liiii! Sou o João Ratão!

– A tua voz é tão linda... Serves para casar comigo.

Passados uns dias, eles decidiram casar. Durante o casamento, a carochinha descobriu que não tinha as luvas e não queria casar sem elas. O João Ratão foi buscar as luvas para a sua amada, mas a Carochinha disse-lhe para ter cuidado com o caldeirão, que ficou ao lume, e para ele não se aproximar do caldeirão. Mas, claro, o João Ratão chegou a casa e não resistiu à tentação de provar um bocadinho da comida. Subiu o banco, desequilibrou-se e caiu dentro do caldeirão.

A Carochinha estava na igreja muito preocupada, porque o João Ratão estava a demorar muito para ir buscar as luvas. Então, decidiu ir a casa. Qual não foi o espanto dela quando chegou a casa e reparou que o seu amado João Ratão estava dentro do caldeirão. Ele tinha morrido cozido no caldeirão.

Informante: Ana Cláudia, 17 anos, natural de Olhão, 12.º ano.

Recolha: em Olhão, Faro, a 15-11-06.

Coletor: Andreia Joaquim

Classificação: ATU 2023

566

[A CAROCHINHA]

Era uma vez uma carochinha que estava à procura de um noivo.

Veio o porco e a carochinha disse:

– Sou a carochinha tão linda e formosa, bela para casar!

O porco disse:

– Grr, grr... Aqui estou eu para casar contigo!

A carochinha virou-se e disse:

– Que é que tu comes?

– Como ração para porcos.

– E não comes batatas de azeite e vinagre?
 – Não, não como.
 Então, podes-te ir embora.
 Veio o bezerro e a carochinha disse a mesma coisa:
 – Sou a carochinha linda e formosa para casar, tão bela!
 Veio o bezerro e diz:
 – Aqui estou eu, minha linda carochinha, para casar contigo e termos muitos filhinhos!
 A carochinha vira-se:
 – Que é que tu comes?
 – Eu? Eu como ervas.
 – E não comes batatas, nem nada?
 – Não, não.
 – Podes-te ir embora.
 Veio o João Ratão e ela continua:
 – Sou a carochinha bela e formosa para casar, tão bela!
 O João Ratão vira-se e diz:
 – Carochinha, adoro a tua beleza com batatas de azeite e vinagre. Gostas de mim? Podemos casar hoje ou não?
 A Carochinha vira-se:
 – Sim, podemos.
 Casaram-se, e depois da cerimónia e da lua-de-mel voltaram para casa. A Carochinha tinha lá um grande caldeirão e ela estava a fazer a comida. E o João Ratão foi lá para provar e toma... caiu lá para dentro e ela não soube. Depois a Carochinha quando ia a comer é que viu e disse:
 – João Ratão, torriscado no caldeirão!

Informante: Paulo, 11 anos, natural de Évora.

Recolha: em Évora, a 26 de Dezembro de 2006.

Coletor: Raquel Eunice Casimiro Marques (faixa n.º 39,4)

Classificação: ATU 2023

567

A CAROCHINHA

Era uma vez uma linda carochinha que andava a varrer a cozinha e encontrou cinco tostões. Foi comprar rendinhas e vestidinhos e pôs-se à janela, pôs-se bonita:

– Quem quer casar com a linda carochinha que é bonita e engraçadinha?
 Vem de lá o cão e diz:
 – Quero eu, quero eu.
 – Então faz a tua voz.
 – Æo, Æo, Æo, Æo.
 – Ah! Mas que voz tão forte! Contigo não quero casar. Depois acordavas os meus meninos.
 E ficou triste a carochinha e lá continuou à janela:
 – Quem quer casar com a linda carochinha que é bonita e engraçadinha?
 Veio de lá o gato:
 – Quero eu, quero eu.
 – Então faz lá a tua voz.
 – Miauuu, miauu.
 – Eh, que voz tão forte! Não, contigo não posso casar. Irias acordar os nossos bebés. Bem, lá continuou a carochinha, triste, porque não encontrava alguém para casar com ela. E lá continuou triste à janela:
 – Quem quer casar com a linda carochinha que é bonita e engraçadinha?
 Vem de lá o burro:
 – Quero eu, quero eu.
 – Então faz lá a tua voz.
 – loomm, ioomm.
 – Ah! Mas que voz tão forte! Não, não, não posso casar contigo. Irias acordar os nossos bebés.
 E continuou triste à janela:
 – Quem quer casar com a linda carochinha que é bonita e engraçadinha?
 Vem de lá um ratinho:
 – Quero eu, quero eu.
 – Então faz lá a tua voz.
 – liiii, iiiiii.
 – Ah! És mesmo bom para casar comigo.
 Casaram, foram muito felizes e tiveram muitos meninos.

Informante: Luísa Maria Lamim Encarnação Penela, 51 anos, natural de Lagoa, Faro, guarda-livros, 9.º ano.

Recolha: em Lagoa, Faro, a 20 de Outubro de 2007.

Coletor: Susana Isabel Lamim Penela (faixa 2)

Classificação: ATU 2023

568

HISTÓRIA DA CAROCHINHA E DO JOÃO RATÃO

Era uma vez uma carochinha. Ela pôs-se à janela, andava a nove para casar, não é, como as mocinhas novas. Então o que acontece? Pôs-se à janela a ver se alguém queria casar com ela.

Passou um porco e ela disse:

– Ó porco, queres casar comigo?

Mas ela depois:

– Ai, não, um porco não quero!

Depois passou um cão:

– Ah, este não me agrada!

Depois passou um gato:

– Ah, este também não me agrada.

Passou um rato. Passou um ratinho e ela ficou logo encantada:

– Ó João Ratão, queres casar comigo?

Ele também ficou todo encantado. Pronto, lá casaram os dois. Casaram, viveram juntos. Ela era toda muito beata. O que é que ela havia de pensar um dia? “Bom, eu, Domingo vou à missa, vou à missa.”

Mas antes de ir, como o João Ratão era muito esfomeado, fez logo o almocinho. O que é que ela fez? Feijões com um bocado grande de toucinho, tal, tal... Ele levantou-se, correu tudo: foi a cozinha ela não estava, foi ao quarto de banho não estava (nesse tempo não havia quarto de banho), foi à rua, procurou em todos os sítios e ela não estava.

Fez o almoço foi procurar – aquilo ainda se usava fogão de lenha – a panela estava lá muito grande, com o feijão e o toucinho. E ele, como era muito guloso, empoleirou-se:

– Ai, que belo toucinho! Eu como um bocadinho antes da Joaquina chegar.

Foi lá, ora, cai dentro do caldeirão. Caiu para dentro do caldeirão, morreu lá, não é? Pois queria comer...

Depois, ela vinha toda muito preparada da missa. Chegou, pronto, foi à procura também dele, como ele fez a procurar a ela. Procurou em todos os lados:

– Ai, Senhor, mas seria caso que ele já tivesse fome e fosse procurar na panela?

Oh, quando ela vai procurar, olha lá para dentro, lá estava o João Ratão mais cozido que um feijão. (risos)

– Ó meu querido João Ratão, mais cozido que um feijão!

Informante: Noémia Mendonça, 55 anos, natural de Faro, 6.º ano.

Recolha: no Ferragial, Faro, a 31 de Outubro de 2008.

Coletor: Filipa Margarida Dias Lima Pinheiro (gravação G1 /0'30)

Classificação: ATU 2023

569

[A CAROCHINHA]

Era uma vez uma Carochinha. Achou cinco réis ao varrer a cozinha e pôs-se à janela a ver quem queria casar com ela.

– Quem quer casar com a Carochinha? Que é tão bondosa e bonitinha?

Passou um porco.

– Quero-vos eu!

– Que comes tu?

– Do que o céu me deu.

– Fó, fó, porco, eu não te quero. Melhor marido que tu espero!

– Quem quer casar com a Carochinha? Que é tão bondosa e bonitinha?

Passou um cão.

– Quero-vos eu!

– Que comes tu?

– Do que o céu me deu.

– Fó, fó, cão, eu não te quero. Melhor marido do que tu espero!

Passaram gatos, bois e toda a sorte de bicharada, mas ela não quis nenhum deles. Dizendo sempre:

– Quem quer casar com a Carochinha? Que é tão bondosa e bonitinha?

Passou um rato.

– Quero-vos eu!

– Que comes tu?

– O bom é meu.

– A ti rato, a ti eu quero. Melhor marido não espero.

E o rato chamava-se João Ratão. A Carochinha casou com ele.

No Domingo foram à missa. Ambinhos vão, feijões ao lume no caldeirão.

A Carochinha pôs uma panela ao lume com uma grande feijoada e com muita carinha.

Viu-se a Carochinha sem leque na mão e disse para o João Ratão:

– A Carochinha sem leque, que dirão? Vai-me por ele, meu João Ratão.

Chega ele a casa e vai ao caldeirão. Meteu um pé, meteu a mão. Caiu lá dentro, o João Ratão!

Na missa, a Carochinha não vê o João Ratão, nem vem com o leque que ela lhe pediu para ir buscar a casa.

Procura em casa e procura no caldeirão e vê o João Ratão dentro do caldeirão e começa a chorar.

– Ai o meu homem, ai o meu João Ratão mais cozido e assado que nem um feijão.

Informante: Maria Joaquina Oliveira Macedo, 48 anos, natural de Amarante, doméstica

Recolha: em Amarante, Porto, a 26 de Dezembro de 2008.

Coletor: Joana Soares (Gravação 15 / 8'22)

Classificação: ATU 2023

Nota: Versão lida. Era uma peça de teatro. Note-se os diálogos rimados.

570

[O CUCO E AS COUVES]

Era uma vez um cuco

Que não gostava de couves

Mandaram chamar o pau

Para bater no cuco

O pau não quis bater no cuco

O cuco não quis comer as couves

Para-ra-ra-ra-ra-ra

O cuco sempre a dizer:

– Couves não hei-de comer.

Mandaram chamar o fogo

Para vir queimar o pau

O fogo não quis queimar o pau

O pau não quis bater no cuco

O cuco não quis comer as couves

Para-ra-ra-ra-ra-ra

O cuco sempre a dizer:

– Couves não hei-de comer.

Mandaram chamar a água

Para vir apagar o fogo

A água não quis apagar o fogo

O fogo não quis queimar o pau

O pau não quis bater no cuco

O cuco não quis comer as couves

Para-ra-ra-ra-ra-ra

O cuco sempre a dizer:

– Couves não hei-de comer.

Mandaram chamar a vaca

Para vir beber a água

A vaca não quis beber a água

A água não quis apagar o fogo

O fogo não quis queimar o pau

O pau não quis bater no cuco

O cuco não quis comer as couves

Para-ra-ra-ra-ra-ra

O cuco sempre a dizer:

– Couves não hei-de comer.

Mandaram chamar o homem

Para vir bater na vaca

O homem não quis bater na vaca

A vaca não quis beber a água

A água não quis apagar o fogo

O fogo não quis queimar o pau

O pau não quis bater no cuco

O cuco não quis comer as couves

Para-ra-ra-ra-ra-ra

O cuco sempre a dizer:
– Couves não hei-de comer.

Mandaram chamar o polícia
Para vir prender o homem
O polícia não quis prender o homem
O homem não quis bater na vaca
A vaca não quis beber a água
A água não quis apagar o fogo
O fogo não quis queimar o pau
O pau não quis bater no cuco
O cuco não quis comer as couves
Para-ra-ra-ra-ra-ra
O cuco sempre a dizer:
– Couves não hei-de comer.

Mandaram chamar a morte
Para matar o polícia
A morte quis matar o polícia
O polícia já quis prender o homem
O homem já quis bater na vaca
A vaca já quis beber a água
A água já quis apagar o fogo
O fogo já quis queimar o pau
O pau já quis bater no cuco
Para-ra-ra-ra-ra-ra
O cuco sempre a dizer:
– Couves eu hei-de comer.

Informante: Nuno, 10 anos.

Recolha: na escola E.B.1 numero 4 de Olhão, Faro, a 5 de Janeiro de 2005.

Coletor: Liliane Nunes Gonçalves.

Classificação: AT 2030A

571

[O CUCO QUE NÃO GOSTAVA DE COUVES]

Era uma vez um cuco que não gostava de couves.
Ele estava sempre a dizer:
– Couves não hei-de comer.

Mandou-se chamar o pau para bater no cuco.
O pau não quer bater no cuco,
O cuco não quer comer couves.
E o cuco sempre a dizer:
– Couves não hei-de comer.

Mandou-se chamar o fogo para vir queimar o pau.
O lume não quer queimar o pau,
O pau não quer bater no cuco,
O cuco não quer comer as couves.
E o cuco sempre a dizer:
– Couves não hei-de comer.

Mandou-se chamar a água para vir apagar o fogo.
A água não quer apagar o lume,
O lume não quer queimar o pau,
O pau não quer bater no cuco,
O cuco não come as couves.
E o cuco sempre a dizer:
– Couves não hei-de comer.

Mandou-se chamar a vaca para vir beber a água.
A vaca não quer beber a água,
A água não quer apagar o lume,
O lume não quer queimar o pau,
O pau não quer bater no cuco,
O cuco não come as couves.
E o cuco sempre a dizer:
– Couves não hei-de comer.

Mandou-se chamar o homem para vir buscar a vaca.
 O homem não quer vir buscar a vaca,
 A vaca não quer beber a água,
 A água não quer apagar o lume,
 O lume não quer queimar o pau,
 O pau não quer bater no cuco,
 O cuco não come as couves.
 E o cuco sempre a dizer:
 – Couves não hei-de comer.

Informante: Raquel Marques, 19 anos, natural de Évora

Recolha: em Faro, a 15 de Dezembro de 2006.

Coletor: Raquel Eunice Casimiro Marques (faixa n.º 22.17)

Classificação: AT 2030A

572

O CUCO QUE NÃO GOSTAVA DE COUVES

Era uma vez um cuco que não gostava de couves.
 Ele andava sempre a dizer:
 – Couves não hei-de comer. (bis)

Mandaram chamar o pau para vir bater no cuco (bis)
 O pau não quis bater no cuco,
 O cuco não quis comer as couves.
 Ele andava sempre a dizer:
 – Couves não hei-de comer. (bis)

Mandaram chamar o fogo para vir queimar o pau (bis)
 O fogo não quis queimar o pau,
 O pau não quis bater no cuco,
 O cuco não quis comer as couves.
 Ele andava sempre a dizer:
 – Couves não hei-de comer. (bis)

Mandaram chamar a água para vir apagar o fogo. (bis)
 A água não quis apagar o fogo,
 O fogo não quis queimar o pau,
 O pau não quis bater no cuco,
 O cuco não quis comer as couves.
 Ele andava sempre a dizer:
 – Couves não hei-de comer. (bis)

Mandaram chamar o boi para vir beber a água. (bis)
 O boi não quis beber a água,
 A água não quis apagar o fogo,
 O fogo não quis queimar o pau,
 O pau não quis bater no cuco,
 O cuco não quis comer as couves.
 Ele andava sempre a dizer:
 – Couves não hei-de comer. (bis)

Mandaram chamar o homem para vir ralhar com o boi. (bis)
 O homem não quis ralhar com o boi,
 O boi não quis beber a água,
 A água não quis apagar o fogo,
 O fogo não quis queimar o pau,
 O pau não quis bater no cuco,
 O cuco não quis comer as couves.
 Ele andava sempre a dizer:
 – Couves não hei-de comer. (bis)

Mandaram chamar o polícia para vir prender o homem. (bis)
 O polícia não quis prender o homem,
 O homem não quis ralhar com o boi,
 O boi não quis beber a água,
 A água não quis apagar o fogo,
 O fogo não quis queimar o pau,
 O pau não quis bater no cuco,
 O cuco não quis comer as couves.
 Ele andava sempre a dizer:
 – Couves não hei-de comer. (bis)

Mandaram chamar a morte para vir matar o polícia. (bis)
 A morte já quis matar o polícia,
 O polícia já quis prender o homem,
 O homem já quis ralhar com o boi,
 O boi já quis beber a água,
 A água já quis apagar o fogo,
 O fogo já quis queimar o pau,
 O pau já quis bater no cuco,
 O cuco já quis comer as couves.
 Era uma vez um cuco que já gostava de couves.

Informante: Sónia, 17 anos, natural de Faro, estudante de Enfermagem.

Recolha: em Faro, a 22 de Novembro de 2007.

Coletor: Marta Alexandra Pereira Marques (faixa n.º 4)

Classificação: AT 2030A

Nota: Texto cantado.

573

O CUCO

Era uma vez um cuco que não gostava de couves. (bis)
 Mandou-se chamar o pau para vir bater no cuco. (bis)
 O pau não quis bater no cuco,
 O cuco não quis comer as couves.
 Tanananana.

Era uma vez um cuco que não gostava de couves. (bis)
 Mandou-se chamar o fogo para vir queimar o pau. (bis)
 O fogo não quis queimar o pau,
 O pau não quis bater no cuco,
 O cuco não quis comer as couves.
 Tanananana.

Era uma vez um cuco que não gostava de couves. (bis)
 Mandou-se chamar a água para vir apagar o fogo. (bis)
 A água não quis apagar o fogo,
 O fogo não quis queimar o pau,
 O pau não quis bater no cuco,
 O cuco não quis comer as couves.
 Tanananana.

Era uma vez um cuco que não gostava de couves. (bis)
 Mandou-se chamar a vaca para vir beber a água. (bis)
 A vaca não quis beber a água,
 A água não quis apagar o fogo,
 O fogo não quis queimar o pau,
 O pau não quis bater no cuco,
 O cuco não quis comer as couves.
 Tanananana.

Era uma vez um cuco que não gostava de couves. (bis)
 Mandou-se chamar o homem para vir prender a vaca. (bis)
 O homem não quis prender a vaca,
 A vaca não quis beber a água,
 A água não quis apagar o fogo,
 O fogo não quis queimar o pau,
 O pau não quis bater no cuco,
 O cuco não quis comer as couves.
 Tanananana.

Era uma vez um cuco que não gostava de couves. (bis)
 Mandou-se chamar o polícia para vir prender o homem. (bis)
 O polícia não quis prender o homem,
 O homem não quis prender a vaca,
 A vaca não quis beber a água,
 A água não quis apagar o fogo,
 O fogo não quis queimar o pau,
 O pau não quis bater no cuco,
 O cuco não quis comer as couves.
 Tanananana.

Era uma vez um cuco que não gostava de couves. (bis)
 Mandou-se chamar a morte para vir matar o polícia. (bis)
 A morte já quis matar o polícia,
 O polícia já quis prender o homem,
 O homem já quis prender a vaca,
 A vaca já quis beber a água,
 A água já quis apagar o fogo,
 O fogo não já queimar o pau,
 O pau já quis bater no cuco,
 O cuco já quis comer as couves.
 Tanananana.

Era uma vez um cuco que já gostava de couves. (bis)

Informante: Carina Rodrigues Pacheco, 12 anos, natural de Ferreiras, Albufeira, estudante, 7.º ano.

Recolha: em Ferreiras, Albufeira, Faro, a 23 de Outubro de 2009.

Coletor: Gabriela Rodrigues Pacheco (faixa n.º 1 / 12'34)

Classificação: AT 2030A

574

A CANÇÃO DO CUCO

Era uma vez um cuco que não gostava de couves. (bis)
 Ela ia sempre a dizer:
 – Couves não hei-de comer! (bis)

Mandaram chamar o pau para ir bater no cuco. (bis)
 O pau não quis bater no cuco,
 O cuco não quis comer as couves.
 Ele ia sempre a dizer:
 – Couves não hei-de comer! (bis)

Mandaram chamar o fogo para ir queimar o pau. (bis)
 O fogo não quis queimar o pau,

O pau não quis bater no cuco,
 O cuco não quis comer as couves.
 Ele ia sempre a dizer:
 – Couves não hei-de comer! (bis)

Mandaram chamar a água para ir apagar o fogo. (bis)
 A água não quis apagar o fogo,
 O fogo não quis queimar o pau,
 O pau não quis bater no cuco,
 O cuco não quis comer as couves.
 Ele ia sempre a dizer:
 – Couves não hei-de comer! (bis)

Mandaram chamar a vaca para ir beber a água. (bis)
 A vaca não quis beber a água,
 A água não quis apagar o fogo,
 O fogo não quis queimar o pau,
 O pau não quis bater no cuco,
 O cuco não quis comer as couves,
 Ele ia sempre a dizer:
 – Couves não hei-de comer! (bis)

Mandaram chamar o homem para ir bater na vaca. (bis)
 O homem não quis bater na vaca,
 A vaca não quis beber a água,
 A água não quis apagar o fogo,
 O fogo não quis queimar o pau,
 O pau não quis bater no cuco,
 O cuco não quis comer as couves,
 Ele ia sempre a dizer:
 – Couves não hei-de comer! (bis)

Mandaram chamar o polícia para ir prender homem. (bis)
 O polícia não quis prender o homem,
 O homem não quis bater na vaca,
 A vaca não quis beber a água,

A água não quis apagar o fogo,
 O fogo não quis queimar o pau,
 O pau não quis bater no cuco,
 O cuco não quis comer as couves.
 Ele ia sempre a dizer:
 – Couves não hei-de comer! (bis)

Mandaram chamar a morte para ir matar o polícia. (bis)
 A morte já quis matar o polícia,
 O polícia já quis prender o homem,
 O homem já quis bater na vaca,
 A vaca já quis beber a água,
 A água já quis apagar o fogo,
 O fogo já quis queimar o pau,
 O pau já quis bater no cuco,
 O cuco já quis comer as couves.
 Ele ia sempre a dizer:
 – Couves já hei-de comer! (bis)

Informante: Mariana Mendes da Luz, 19 anos, estudante universitário.

Recolha: em Faro, a 16/01/2008.

Coletor: Anastácia Pereira e Mariana Luz

Classificação: AT 2030A

575

A MÚSICA DO CUCO

Era uma vez um cuco que não gostava de couves. (bis)
 Mandou-se chamar o pau para vir bater no cuco. (bis)
 O pau não quis bater no cuco,
 O cuco não quis comer as couves.
 Era eu sempre a dizer, couves não hei-de comer. (bis)

Mandou-se chamar o fogo para vir queimar o pau. (bis)
 O fogo não quis queimar o pau,

O pau não quis bater no cuco,
 O cuco não quis comer as couves.
 Era eu sempre a dizer, couves não hei-de comer. (bis)

Mandou-se chamar a água para vir apagar o fogo. (bis)
 A água não quis apagar o fogo,
 O fogo não quis queimar o pau,
 O pau não quis bater no cuco,
 O cuco não quis comer as couves.
 Era eu sempre a dizer, couves não hei-de comer. (bis)

Mandou-se chamar o boi para vir beber a água. (bis)
 O boi não quis beber a água,
 A água não quis apagar o fogo,
 O fogo não quis queimar o pau,
 O pau não quis bater no cuco,
 O cuco não quis comer as couves.
 Era eu sempre a dizer, couves não hei-de comer. (bis)

Mandou-se chamar o homem para vir bater no boi. (bis)
 O homem não quis bater no boi,
 O boi não quis beber a água,
 A água não quis apagar o fogo,
 O fogo não quis queimar o pau,
 O pau não quis bater no cuco,
 O cuco não quis comer as couves.
 Era eu sempre a dizer, couves não hei-de comer. (bis)

Mandou-se chamar o polícia para vir prender o homem. (bis)
 O polícia já quis prender o homem,
 O homem já quis bater no boi,
 O boi já quis beber a água,
 A água já quis apagar o fogo,
 O fogo já quis queimar o pau,
 O pau já quis bater no cuco,
 O cuco já quis comer as couves.
 Era eu sempre a dizer, couves já hei-de comer. (bis)

Informante: Márcia Cabaços, 23 anos, natural de Évora, estudante universitária.

Recolha: em Estremoz, Évora, a 20/12/2017.

Coletor: Márcia Alexandra Grades Cabaços (gravação n.º 37)

Classificação: AT 2030A

Nota: Era cantada quando as crianças se recusavam a comer as verduras, ou os legumes que tinham às refeições, e era como uma espécie de lição de moral.

576

LENGALENGA

- Ó neve, tão forte és tu que até o meu pé prendes!
- Mais forte é o sol que me derrete...
- Ó sol, tão forte és tu que derretes a neve e a neve o meu pé prende!
- Mais forte são as nuvens que me encobrem...
- Tão fortes são vocês que encobrem o sol, o sol derrete a neve e a neve o meu pé prende!
- Mais forte é o vento que me empurra...
- Ó vento, tão forte és tu que empurras as nuvens, as nuvens encobrem o sol, o sol derrete a neve e a neve o meu pé prende!
- Mais forte é o muro que me ampara...
- Ó muro, tão forte és tu que amparas o vento, o vento empurra as nuvens, as nuvens encobrem o sol, o sol derrete a neve e a neve o meu pé prende!
- Mais forte é o rato que me fura...
- Ó rato, tão forte és tu que furas o muro, o muro ampara o vento, o vento empurra as nuvens, as nuvens encobrem o sol, o sol derrete a neve e a neve o meu pé prende!
- Mais forte é o gato que me papa...
- Ó gato, tão forte és tu que papas o rato, o rato fura o muro, o muro ampara o vento, o vento empurra as nuvens, as nuvens encobrem o sol, o sol derrete a neve e a neve o meu pé prende!
- Mais forte é o cão que me morde...

- Ó cão, tão forte és tu que mordes no gato, o gato papa o rato, o rato fura o muro, o muro ampara o vento, o vento empurra as nuvens, as nuvens encobrem o sol, o sol derrete a neve e a neve o meu pé prende!
- Mais forte é o pau que me bate...
- Ó pau tão forte és tu que bates no cão, o cão morde no gato, o gato papa o rato, o rato fura o muro, o muro ampara o vento, o vento empurra as nuvens, as nuvens encobrem o sol, o sol derrete a neve e a neve o meu pé prende!
- Mais forte é o lume que me arde...
- Ó lume, tão forte és tu que queimas o pau, o pau bate no cão, o cão morde no gato, o gato papa o rato, o rato fura o muro, o muro ampara o vento, o vento empurra as nuvens, as nuvens encobrem o sol, o sol derrete a neve e a neve o meu pé prende!
- Mais forte é a água que me apaga...
- Ó água, tão forte és tu que apagas o lume, o lume queima o pau, o pau bate no cão, o cão morde no gato, o gato papa o rato, o rato fura o muro, o muro ampara o vento, o vento empurra a nuvem, as nuvens encobrem o sol, o sol derrete a neve e a neve o meu pé prende!

Informante: Daniel Filipe Mocho Gomes, 10 anos, natural de Lisboa, 5.º ano.

Recolha: em Olho Marinho, Óbidos, Leiria, a 24 de Dezembro de 2003.

Coletor: Paula Mocho (cassete n.º 1)

Classificação: ATU 2031

577

LENGALENGA

- Ó neve, tu és tão forte que meu pé prende?
- Mais forte é o sol que me derrete...
- Ó sol, tu és tão forte, derretes a neve que o meu pé prende?
- Mais forte é a nuvem que me derrete...

- Ó nuvem, tu és tão forte, escondes o sol que derrete a neve que meu pé prende?
- Mais forte é o vento que me leva...
- Ó vento, tu és tão forte, levás a nuvem, que encobre o sol, que derrete a neve que meu pé prende?
- Mais forte é o muro que me prende...
- Ó muro, tu és tão forte, prendes o vento que leva a nuvem que encobre o sol que derrete a neve que meu pé prende?
- Mais forte é o rato que me fura...
- Ó rato, tu és tão forte, que furas o muro que prende o vento que leva a nuvem que encobre o sol que derrete a neve que o meu pé prende?
- Mais forte é o gato que me come...
- Ó gato, tu és tão forte, comes o rato que fura o muro que prende o vento que leva a nuvem que encobre o sol que derrete a neve que meu pé prende?
- Mais forte é o cão que me persegue...
- Ó cão, tu és tão forte, persegues o gato que come o rato que fura o muro que prende o vento que espalha a nuvem que encobre o sol que derrete a neve que o meu pé prende?
- Mais forte é o pau que me bate...
- Ó pau, tu és tão forte, bates no cão que persegue o gato que come o rato que fura o muro que prende o vento que leva a nuvem que encobre o sol que derrete a neve que meu pé prende?
- Mais forte é o lume que me queima...
- Ó lume, tu és tão forte, que queimas o pau que bate no cão que persegue o gato que come o rato que fura o muro que prende o vento que leva a nuvem que encobre o sol que derrete a neve que meu pé prende?
- Mais forte é a água que me apaga...
- Ó água, tu és tão forte, que apaga o lume, que queima o pau que bate no cão que corre com o gato que come o rato que fura o muro que prende o vento que leva a nuvem que encobre o sol que derrete a neve que meu pé prende?
- Mais forte é a vaca que me bebe...
- Ó vaca, tu és tão forte, bebes a água que apaga o lume que queima o pau que bate no cão que corre com o gato que come o rato que fura o muro que prende o vento que leva a nuvem que encobre o sol que derrete a neve que o meu pé prende?
- Mais forte é o homem que me come...

- Ó homem, tu és tão forte, comes a vaca que bebe a água que apaga o lume que queima o pau que bate no cão que corre com o gato que come rato que fura o muro que prende o vento que leva a nuvem que encobre o sol que derrete a neve que o meu pé prende?
- Mais forte é a morte que me leva...

Informante: Helena Coelho, 55 anos, natural da freguesia dos Anjos, Lisboa, bancária, 7.º ano dos liceus.

Recolha: em Almada, Setúbal, a 23 de Novembro de 2013.

Coletor: Diogo Alberto Rosa Francisco

Classificação: ATU 2031

578

CONTO DA FORMIGUINHA

- Era uma vez uma formiguinha. Foi lavar á ribeirinha, escorregou na neve, partiu a perninha.
- Ó neve, que és tão forte que me quebraste a minha perninha?!
 - Mais forte é o Sol que me derrete.
 - Ó Sol, que és tão forte, que derrete a Neve, que me quebrou a minha perninha?!
 - Mais forte é a Nuvem que me tapa.
 - Ó Nuvem, que és tão forte, que tapas o Sol que derrete a Neve que quebrou a minha perninha?!
 - Mais forte é o Vento que me leva.
 - Ó vento, que és tão forte, que levás a Nuvem que tapa o Sol que derrete a Neve que quebrou a minha perninha?! Mais forte é a parede que me ampara.
 - Ó parede, que és tão forte, que amparas o Vento que leva a Nuvem, que tapa o Sol que derrete a Neve que quebrou a minha perninha?!
 - Mais forte é o Rato que me rói.
 - Ó rato, que és tão forte, róis a parede que ampara o Vento, que leva a Nuvem que tapa o Sol que derrete a Neve, que quebrou a minha perninha?!
 - Mais forte é o Gato que me apanha.
 - Ó gato, que és tão forte, que apanhas o rato que rói a parede que ampara o Vento que leva a Nuvem que tapa o Sol que derrete a Neve, que quebrou a minha perninha?!

- Mais forte é o Cão que me morde.
- Ó Cão, que és tão forte, que mordes no Gato que apanha o Rato que rói a Parede que ampara o Vento que leva a Nuvem que tapa o Sol que derrete a Neve que me quebrou a minha perninha?!
- Mais forte é o Pau que me bate.
- Ó pau, que és tão forte, que bates no Cão que morde no Gato que apanha o Rato que rói a Parede que ampara o Vento que leva a Nuvem que tapa o Sol que derrete a Neve que me quebrou a minha perninha?!
- Mais forte é o lume que me queima.
- Ó Lume, que és tão forte, que queimas o Pau que bate no Cão que morde no Gato que apanha o Rato que rói a Parede que ampara o Vento que leva a Nuvem que tapa o Sol que derrete a neve que me quebrou a minha perninha?!
- Mais forte é a Água que me apaga.
- Ó Água, que és tão forte, que apagas o Lume que queima o Pau que bate no Cão que morde no Gato que apanha o Rato que rói a Parede que ampara o Vento que leva a Nuvem que tapa o Sol que derrete a Neve que me quebrou a minha perninha?!
- Mais forte é Boi que me bebe.
- Ó Boi, que és tão forte, que bebes a Água que apaga o Lume, que queima o Pau que bate no Cão que morde o Gato que apanha o Rato que rói a Parede que ampara o Vento que leva a Nuvem que tapa o Sol que derrete a Neve que me quebrou a minha perninha?!
- Mais forte é a Faca que me mata.
- Ó Faca, que és tão forte que matas o Boi que bebe a Água que apaga o Lume que queima o Pau que bate no Cão que morde o Gato que apanha o Rato que rói a Parede que ampara o Vento que leva a Nuvem que tapa o Sol que derrete a Neve que me quebrou a minha perninha?!
- Mais forte é a Terra que me estraga.
- Ó Terra, que és tão forte que estragas a Faca que mata o Boi que bebe a Água que apaga o Lume que queima o Pau que bate no Cão que morde no Gato que apanha o Rato que rói a Parede que ampara o Vento que leva a Nuvem que tapa o Sol que derrete a Neve que me quebrou a minha perninha?!
- Mais forte é o Cavador que me cava.
- Ó Cavador, que és tão forte que cavas a Terra que estraga a Faca que mata o Boi que bebe a Água que apaga o Lume que queima o Pau que bate no Cão que morde no Gato que apanha o Rato que rói a Parede que ampara o Vento que leva a Nuvem que tapa o Sol que derrete a minha perninha?!

- Mais forte é a Morte que me leva.
- Ó Morte, que levaste o Cavador que cavou a Terra que estragou a Faca que matou o Boi que bebeu a Água que apagou o Lume que queimou o Pau que bateu no Cão que mordeu no Gato que apanhou o Rato que roeu a Parede que amparou o Vento que levou a Nuvem que tapou o Sol que derreteu a Neve que me quebrou a minha perninha?!
- O que é mais forte que a Morte?
- Nada, acabou

Informante: Rita Cardeira, 78anos, natural de Cuba, Beja, 4.ªclasse, reformada.

Recolha: Cuba, Beja, em 2014.

Coletor: Carolinas Faias

Classificação: ATU 2031

579

O PEZINHO BELO

Era a zorra que estava passando o caramelo, estava a coalha coalhada. E depois, meteu o pezinho lá dentro e partiu a perninha. Depois, tirou de dentro o caramelo e quando estava ao sol, o sol derreteu-o e ela dizia assim:

– Ai, que sol tão belo, que derreteu o caramelo, que me tornou este pezinho belo.

Depois diz o caramelo assim:

– Mais forte é o sol que me derrete!

E a zorra diz assim:

– Ó sol, tu és tão forte que derretes o caramelo que me tornou este pezinho belo.

O sol diz assim:

– Mais forte é a nuvem que me tapa!

E a zorra diz assim:

– Ó nuvem, tu és tão forte que tapas o sol, o sol que derreteu o caramelo, que me tornou este pezinho belo.

A nuvem diz assim:

– Mais forte é a parede que me teima!

A zorra diz:

– Ó parede, tu és tão forte que teimas no vento, o vento que leva a nuvem, a nuvem que cobre o sol, o sol que derrete o caramelo, que me tornou este pezinho belo.

Depois diz a parede assim:

– Mais forte é o rato que me fura!

A zorra:

– Ó rato, tu és tão forte que furas a parede, a parede que teima no vento, o vento que leva a nuvem, a nuvem que cobre o sol, o sol que derrete o caramelo, que me tornou este pezinho belo.

O rato diz assim:

– Mais forte é o gato que me come!

A zorra:

– Ó gato, tu és tão forte que comes o rato, o rato que fura a parede, a parede que teima no vento, o vento que leva a nuvem, a nuvem que cobre o sol, o sol que derrete o caramelo, que me tornou este pezinho belo.

O gato diz assim:

– Mais forte é o cão que me mata!

A zorra:

– Ó cão, tu és tão forte que matas o gato, o gato que come o rato, o rato que fura a parede, a parede que teima no vento, o vento que leva a nuvem, a nuvem que cobre o sol, o sol que derrete o caramelo, que me tornou este pezinho belo.

O cão diz assim:

– Mais forte é o pau que me bate!

A zorra:

– Ó pau, tu és tão forte que bates no cão, o cão que mata o gato, o gato que come o rato, o rato que fura a parede, a parede que teima no vento, o vento que leva a nuvem, a nuvem que cobre o sol, o sol que derrete o caramelo, que me tornou este pezinho belo.

O pau diz assim:

– Mais forte é o fogo que me queima!

A zorra:

– Ó fogo, tu és tão forte que queimas o pau, o pau que bate no cão, o cão que mata o gato, o gato que come o rato, o rato que fura a parede, a parede que teima no vento, o vento que leva a nuvem, a nuvem que cobre o sol, o sol que derrete o caramelo, que me tornou este pezinho belo.

O fogo diz assim:

– Mais forte é a água que me apaga!

A zorra:

– Ó água, tu és tão forte que apagas o fogo, o fogo que queima o pau, o pau que bate no cão, o cão que mata o gato, o gato que come o rato, o rato que fura a parede, a parede que teima no vento, o vento que leva a nuvem, a nuvem que cobre o sol, o sol que derrete o caramelo, que me tornou este pezinho belo.

A água diz assim:

– Mais forte é o boi que me bebe!

A zorra:

– Ó boi, tu és tão forte que bebes a água, a água que apaga o fogo, o fogo que queima o pau, o pau que bate no cão, o cão que mata o gato, o gato que come o rato, o rato que fura a parede, a parede que teima no vento, o vento que leva a nuvem, a nuvem que cobre o sol, o sol que derrete o caramelo, que me tornou este pezinho belo...

Informante: Isabel Martins Reis, 85 anos, natural de Perna Seca, Silves, Faro, reformada.

Recolha: em Silves, Faro, a 4 de Janeiro de 2008.

Coletor: Cláudia Carriço (clip 3 / 12'08)

Classificação: ATU 2031

Nota: a informante atrapalha-se no final e o conto é terminado pela sua neta e pela coleitora.

580

A FORMIGUINHA

Uma formiguinha foi à lenha. Depois caiu uma grande geada e ela ficou lá presa, com o gelo ficou presa. Depois veio o sol, começou a derreter a neve e ela desprende-se. Desprende-se e abalou a andar. E depois foi agradecer ao sol e disse assim:

– Eh, sol, és tão valente! Derretes a neve e a neve meu pezinho prende!

E o sol disse-lhe assim:

– Oh, mais valente é a nuvem que me encobre!

Ela foi dizer à nuvem:

– Eh, nuvem, és tão valente! Encobres o sol, o sol derrete a neve e a neve meu pezinho prende!

– Oh, mais valente é o vento que me leva!

– Eh, vento, és tão valente! Levas a nuvem, a nuvem encobre o sol, o sol derrete a neve e a neve meu pezinho prende!

– Oh, mais valente é a parede que me segura!

– Eh, parede, és tão valente! Seguras o vento, o vento leva a nuvem, a nuvem encobre o sol, o sol derrete a neve e a neve meu pezinho prende!

– Ora, mais valente é o rato que me fura!

– Eh, rato, és tão valente! Furas a parede, a parede segura o vento, o vento leva a nuvem, a nuvem encobre o sol, o sol derrete a neve e a neve meu pezinho prende!

– Oh, mais valente é o gato que me come!

– Eh, gato, és tão valente! Comes o rato, o rato fura a parede, a parede segura o vento, o vento leva a nuvem, a nuvem encobre o sol, o sol derrete a neve e a neve meu pezinho prende!

– Oh, mais valente é o cão que me morde!

– Eh, cão, és tão valente! Mordes no gato, o gato apanha o rato, o rato fura a parede, a parede segura o vento, o vento leva a nuvem, a nuvem encobre o sol, o sol derrete a neve e a neve meu pezinho prende!

– Oh, mais valente é o pau que me bate!

– Eh, pau, és tão valente! Bates no cão, o cão morde no gato, o gato apanha o rato, o rato fura a parede, a parede segura o vento, o vento leva a nuvem, a nuvem encobre o sol, o sol derrete a neve e a neve meu pezinho prende!

– Ora, mais valente é o lume que me queima!

– Eh, lume, és tão valente! Queimas o pau, o pau bate no cão, o cão morde no gato, o gato apanha o rato, o rato fura a parede, a parede segura o vento, o vento leva a nuvem, a nuvem encobre o sol, o sol derrete a neve e a neve meu pezinho prende!

– Oh, mais valente é a água que me apaga!

– Eh, água, és tão valente que apagas o lume! O lume queima o pau, o cão morde no gato, o gato apanha o rato, o rato fura a parede, a parede segura o vento, o vento leva a nuvem, a nuvem encobre o sol, o sol derrete a neve e a neve meu pezinho prende!

– Oh, mais valente é o boi que me bebe!

– Eh, boi, és tão valente que bebes a água! A água apaga o lume, o lume queima o pau, o pau bate no cão, o cão morde no gato, o gato apanha o rato, o rato fura a

parede, a parede segura o vento, o vento leva a nuvem, a nuvem encobre o sol, o sol derrete a neve e a neve meu pezinho prende!

O boi diz assim:

– Mais valente é a morte que me leva!

– Eh, morte, és tão valente que levas o boi! O boi bebe a água, a água apaga o lume, o lume queima o pau, o pau bate no cão, o cão morde no gato, o gato apanha o rato, o rato fura a parede, a parede segura o vento, o vento leva a nuvem, a nuvem encobre o sol, o sol derrete a neve e a neve meu pezinho prende!

Informante: Germano, 65 anos, natural de Avis, Portalegre, motorista.

Recolha: em Alverca, Vila Franca de Xira, Lisboa, a 14/10/2007.

Coletor: Andreia Cabecinhas (faixa n.º 13)

Classificação: ATU 2031

581

HISTÓRIA DA RAPOSA

Foi num dia de grande frio e de grande geadã. E uma raposa, que andava nos matos, caiu e partiu uma perna. E então dizia assim:

– Ó carmelô, és tu tão rijo que meu perninho quebraste? (que era a perninha).

E o carmelô respondeu:

– Mais rijo é o sol, que me derrete!

E a raposa:

– Ó sol, tão rijo és tu que derretes o carmelô e o carmelô meu perninho quebrou?

– Mais rijo é a nuvem que me ampara! Mais rijo.... (Ai, agora estou atrapalhada...)

– Ó carmelô, és tu tão rijo que meu perninho quebraste?

– Mais rijo é o sol que me derrete! (Não é o sol....é a neve!!!)

– Mais rija é a neve que me ampara!

– Ó neve, tão rija és tu que derretes o carmelô e o carmelô meu perninho quebrou?

– Mais rijo é o sol, que me derrete!

– Ó sol, tão rijo és tu que derretes o carmelô e o carmelô meu perninho quebrou?

- Mais rijo... (estou atrapalhada agora aqui...)
- Ó sol, tão rijo és tu que derretes o caramelo e o caramelo meu perninho quebrou?
- Mais rijo é a nuvem que me ampara!
- Ó nuvem, tão rija és tu que amparas o sol e o sol derrete o caramelo e o caramelo meu perninho quebrou?
- Mais rijo é o vento que me leva!
- Ó vento, tão rijo és tu que levas a nuvem e a nuvem encobre o sol e o sol derrete o caramelo e o caramelo meu perninho quebrou?
- Mais rijo é a parede que me ampara!
- Ó parede, tão rija és tu que amparas o vento e o vento leva a nuvem e a nuvem encobre o sol e o sol derrete o caramelo e o caramelo meu perninho quebrou? (Agora já vai certo!)
- Mais rijo é o rato que me fura!
- Ó rato, tão rijo és tu que furas a parede e a parede ampara o vento e o vento leva a nuvem e a nuvem encobre o sol e o sol derrete o caramelo e o caramelo meu perninho quebrou?
- Mais rijo é o gato que me apanha!
- Ó gato, tão rijo és tu que apanhas o rato e o rato fura a parede e a parede ampara o vento e o vento leva a nuvem a nuvem encobre o sol e o sol derrete o caramelo e o caramelo meu perninho quebrou?
- Mais rijo é o pau que me bate!
- Ó pau, tão rijo és tu que bates no gato e o gato apanha o rato e o rato fura a parede e a parede ampara o vento e o vento leva a nuvem e a nuvem encobre o sol e o sol derrete o caramelo e o caramelo meu perninho quebrou?
- Mais rijo é o fogo que me queima!
- Ó fogo, tão rijo és tu que queimas o pau e o pau bate no gato e o gato apanha o rato e o rato fura a parede e a parede ampara o vento e o vento leva a nuvem e a nuvem encobre o sol e o sol meu perninho quebrou?
- Mais rija é a água que me apaga!
- Ó água, tão rija és tu que apagas o fogo e o fogo queima o pau e o pau bate no gato e o gato apanha o rato e o rato fura a parede e a parede ampara o vento e o vento leva a nuvem e a nuvem encobre o sol e o sol derrete o caramelo e o caramelo meu perninho quebrou?
- Mais rijo é o boi que me bebe!
- Ó boi, tão rijo és tu que bebes a água e a água apaga o fogo e o fogo queima o pau e o pau bate no gato e o gato apanha o rato e o rato fura a parede e a parede

ampara o vento e o vento leva a nuvem e a nuvem encobre o sol e o sol derrete o caramelo e o caramelo meu perninho quebrou?

– Mais rija é a faca que mata o boi!

– Ó faca, tão rija és tu que matas o boi e o boi bebe a água e a água apaga o fogo e o fogo queima o pau e o pau bate no gato e o gato apanha o rato e o rato fura a parede e a parede ampara o vento e o vento leva a nuvem e a nuvem encobre o sol e o sol derrete o caramelo e o caramelo meu perninho quebrou?

– Mais rija é a pedra que me amola!

– Ó pedra, tão rija és tu que amolas a faca e a faca mata o boi e o boi bebe a água e a água apaga o fogo e o fogo queima o pau e o pau bate no gato e o gato apanha o rato e o rato fura a parede e a parede ampara o vento e o vento leva a nuvem e a nuvem encobre o sol e o sol derrete o caramelo e o caramelo meu perninho quebrou?

– Mais rijo é o mato que me esconde!

– Ó mato, tão rijo és tu que escondes a pedra e a pedra amola a faca e a faca mata o boi e o boi bebe a água e a água apaga o fogo e o fogo queima o pau e o pau bate no gato e o gato apanha o rato e o rato fura a parede e a parede ampara o vento e o vento leva a nuvem e a nuvem encobre o sol e o sol derrete o caramelo e o caramelo meu perninho quebrou?

E acabou!

Informante: Maria de Jesus Duarte, 92 anos, natural dos Casais, reformada, sabe ler e escrever.

Recolha: na aldeia dos Casais, Monchique, Faro, a 4 de Novembro de 2007.

Coletor: Ariana Raquel de Oliveira Carvalho (faixa 3)

Classificação: ATU 2031

582

O MÁGICO E O RATO

Havia um mágico que vivia numa gruta. E acordou de manhã e foi para o rio. Estava-se a lavar, a fazer as abluções, que é aquele ritual de se lavarem religiosamente. E então ele estava-se a lavar e estava a lavar a cara, quando lhe cai um rato mesmo à frente, dentro de água. Ficou surpreendido. Lá pegou no rato e como

nem ele nem a mulher tinham filhos, ele fez uma magia e transformou o rato numa menina, que levou para casa. E criaram-na.

Passado muitos anos, a rapariga já estava na idade de se casar, e o mágico, claro, queria arranjar-lhe um pretendente em grande. Então, levou-a para o rio, outra vez, e lá fez a magia dele e invocou o Deus Sol. E perguntou à filha:

– Filhota, queres casar? Queres casar com o Deus Sol?

E ela disse assim:

– Não, papá, porque o Sol é muito quente e queima, e faz muito calor.

E então o mágico perguntou ao Sol:

– Ó Sol, quem é que é mais poderoso que tu, com quem eu possa casar a minha filha?

E o Sol disse assim:

– Então, ainda mais poderoso do que eu só se for a Nuvem, porque a nuvem consegue tapar-me e tirar o calor, não é?

E então o mágico lá invocou a Nuvem e perguntou à filha se ela queria casar com a Nuvem.

E a Nuvem [filha] disse:

– Não papá, a Nuvem também não. Porque a Nuvem é muito escura e tapa tudo e é triste. E isso faz-me triste.

Então, o mágico perguntou:

– Ó Nuvem, diz-me alguém que seja ainda mais poderoso do que tu, para que eu possa casar a minha filha.

E a Nuvem disse:

– Então, mais do que eu só se for o Vento, porque o Vento sopra e leva-me para longe. E eu não posso fazer nada.

E então o mágico, claro que invocou o Vento e disse:

– Filhota, queres casar com o Vento?

– Não papá, o Vento também não. Porque é muito frio e sopra e faz tempestades. Também acho, acho que não gosto.

E então:

– Ó Vento, vá, diz lá quem é mais poderoso que tu, que possa casar com a minha filha.

– Então, mais do que eu será a Montanha, porque eu, por muito que sopra, nunca consigo, nunca consigo derrubar uma montanha, tenho de contorná-la, não é?

Então o Deus lá invocou a montanha... o mágico invocou a montanha e assim:

– Filha, e com a Montanha, já queres casar?

– Não, papá, a Montanha também não. É muita terra e é muito sujo e é esquisito.

Também acho, não quero muito.

E então o mágico perguntou à Montanha:

– Ó Montanha, haverá alguém mais poderoso do que tu, que queira casar com a minha filha?

E a Montanha disse:

– Mais poderoso do que eu só se for o Rato. O Rato que vive nas grutas e, ao roer e fazer túneis, pode-me fazer ruir.

E então o mágico perguntou:

– Filhota, com o Rato queres casar?

E ela disse:

– Sim, com o Rato quero casar. Mas tens de me voltar a transformar em rato.

Então, o mágico lá transformou a filhota em rato outra vez.

E casaram-se os dois ratos.

Informante: Otto Michael Pereira, 24 anos, músico, licenciado.

Recolha: em Faro, a 26/12/2007.

Coletor: Anastácia Pereira e Mariana Luz

Classificação: ATU 2031C

Nota: O informante aprendeu este conto numa fonte escrita: Diane Tong, Contos Populares Ciganos, Lisboa, Editorial Teorema, 1998, pp. 34-36, "O Casamento do Rato", da tradição indiana.

583

O BICO DA COMADRE PEGA

Uma pega foi convidada para ir almoçar na casa da comadre e durante o almoço ela partiu o bico. E a comadre, sentindo-se culpada do que tinha acontecido, teve que ir a muitos sítios e correr muitos lados para que pudesse ajudar a comadre.

E então lá foi ela. Depois de ter ido aqui, ali e a outro, e a outro e perguntado por muita ajuda, chegou ao pé da comadre e esteve-lhe a contar o que é que se tinha passado enquanto andou à procura de ajuda. E era assim:

Ó ferreiro, dá-me um prego,

Para mim dar ao carpinteiro,

Para o carpinteiro me dar uma pá,

Para mim dar ao padeiro,
 Para o padeiro me dar um pão,
 Para mim dar à nuvem,
 Para a nuvem me dar água,
 Para mim dar ao vale,
 Para o vale me dar erva,
 Para mim dar à égua,
 Para a égua me dar uma seda,
 Para cozer o bico da comadre pega.

E aí está a razão por que ela se demorou bastante. Porque andou à procura de uma seda para lhe cozer o bico.

Informante: Ana Mestre, 42 anos, natural de Mértola, Beja, 6.º ano.

Recolha: no Esteval, Loulé, Faro, a 23 de Outubro de 2008.

Coletor: Andreia Fragoso e Sandra Mestre (gravação / 18'52)

Classificação: AT 2032A

584

O MACACO DO RABO CORTADO

Era uma vez um macaco que tinha um rabo muito comprido e andava na rua e as pessoas falavam:

– Ai, que macaco tão feio com um rabo comprido!

Então o macaco foi ao barbeiro.

– Ó senhor barbeiro, corte-me lá aqui o meu rabo.

Cortou o rabo e veio para a rua. E as pessoas falavam:

– Ai, que macaco tão feio, com um rabo cortado.

– Ó senhor barbeiro, dê-me lá o meu rabo.

– Já não lho posso dar, foi para o lixo.

– Ai não me quer dar o meu rabo? Então levo-lhe uma navalha.

Encontrou uma peixeira.

– Ó senhora peixeira, quer esta navalha para arranjar o seu peixe?

– Quero sim senhor.

Quando voltou para trás, lembrou-se: “Vou buscar a minha navalha”.

Foi à peixeira:

– Ó senhora peixeira, dê-me de novo a minha navalha.

– A sua navalha não lha posso dar, partiu-se.

– Ai não ma quer dar? Roubo-lhe uma sardinha!

Foi embora e encontrou o moleiro.

– Ó senhor moleiro, quer esta sardinha para comer com o seu pão?

– Quero sim senhor.

Deu a sardinha e foi-se embora. Depois voltou para trás.

– Ó senhor moleiro, dê-me lá a minha sardinha.

– Já não lha posso dar. Comi-a.

– Ai não ma quer dar? Então, roubo-lhe uma saca de farinha.

Pegou na saca da farinha e encontrou uma professora com as meninas.

– Ó senhora professora, quer esta saca de farinha para fazer bolinhos para as suas meninas?

– Quero sim senhor.

Foi-se embora, deixou a saca da farinha com a professora, mas depois lembrou-se: “Vou buscar a minha saca de farinha”.

– Ó senhora professora, dê-me de novo a minha saca de farinha.

– Já não lha posso dar, fiz bolinhos para as meninas.

– Ai não me quer dar, então levo-lhe uma menina.

Encontrou um trovador.

– Ó senhor, quer esta menina para tocar consigo e fazer-lhe companhia?

– Quero sim senhor.

Deixou a menina e foi-se embora.

– Ó senhor trovador, quero de novo a minha menina.

– Já não lha posso dar, foi para casa, voltou para a escola.

– Ai não ma quer dar? Então, roubo-lhe a viola.

Depois o macaco foi para cima do muro e pôs-se a tocar.

De rabo fiz navalha,

De navalha fiz sardinha,

De sardinha fiz farinha,

De farinha fiz menina,

De menina fiz viola,

Tum, tum, que eu vou para Angola,

Tum, tum, que eu vou para Angola.

Informante: Helena Correia, 48 anos, natural de Faro, tem o 12.º ano.

Recolha: em Faro, a 25/11/2014.

Coletor: Ana Correia (gravação MVI_0663)

Classificação: ATU 2034C

585

O MACACO DO RABO CORTADO

Havia um macaco que tinha um rabo muito comprido e um dia passou em frente de uma escola e os meninos começaram a fazer troça do macaco a dizer:

– Olha o macaco de rabo comprido, olha o macaco de rabo comprido!

E ele pensou:

– Ah, isto não poder ser.

Passou por junto de um barbeiro e disse ao barbeiro:

– Ó senhor barbeiro, corte-me o rabo.

E o barbeiro cortou o rabo. Ele todo vaidoso passa em frente da escola e pensou:

– Agora, não gozam comigo!

E os meninos da escola começaram a troçar:

– Olha o macaco de rabo cortado, olha o macaco de rabo cortado!

– Bem, bom, isto assim não pode ser.

Voltou ao barbeiro e disse:

– Ó senhor barbeiro, faz favor de me devolver o meu rabo.

E ele disse:

– Ó macaco, eu já deitei o teu rabo fora.

– Ah, não me dás o rabo? Então levo-lhe aqui uma navalha.

Tirou-lhe uma navalha. Foi andando, andando, andando, passou junto duma casa onde estava uma mulher a arranjar peixe. Mas a mulher não tinha faca para arranjar o peixe. E disse:

– Então a senhora está arranjando aí o peixe?

– Ó macaco, pois não vês? Tenho de estar só com os dedos, com as mãos, porque não tenho faca...

– Tome lá esta navalha!

– Então está bem!

Mas o macaco começou a andar e começou:

– Aquela navalha era tão feitosa e eu fui deixar a navalha para a mulher...

Tenho que lá ir buscá-la.

Então, voltou atrás.

– Eu quero aqui a minha navalha!

– Ó senhor macaco, quando fui despejar o alguidar da água a navalha foi pelo cano abaixo.

– Então, vou-lhe roubar uma sardinha!

E lá levou a sardinha. Foi andando, andando, andando, foi para o campo, encontrou um moleiro. Estava lá um moleiro e o moleiro estava a comer pão às secas.

– Ó senhor, então está a comer pão sem nada?

– Ó senhor macaco, então não vê? Estou aqui tão longe, não trouxe nada, só estou comendo o pão que acabei de cozer...

– Então tome lá esta sardinha.

O macaco deu a sardinha. O moleiro ficou todo contente, de comer uma sardinha entalada no pão. E o macaco foi andando. Mais tarde deu-lhe fome e disse:

– Então, mas eu não vou buscar a minha sardinha?

Está-se a ver que o macaco era inconstante...

Voltou e disse:

– Ó senhor moleiro, faz favor quero a minha sardinha!

E ele:

– Ah, homem, então eu já comi a sardinha, nem a espinha sobrou!

– Ah, não me dá a sardinha? Levo-lhe um saco de farinha!

Pega no saco de farinha, põe às costas vai andando. Passa por uma escola onde estavam umas meninas a brincar no recreio, viu a professora e disse:

– Ó senhora professora, trago aqui um saco de farinha. Quer ir fazer uns bolinhos para as suas alunas?

– Olhe, boa ideia!

E a professora levou o saco de farinha e com alegria as crianças todas lá foram preparar os bolinhos. Ora, fizeram uma festa, comeram os bolos, mas às tantas o macaco voltou atrás.

– Faz favor, quero aqui o meu saco de farinha.

– Olhe, fiz uns bolinhos e as meninas comeram todos, não tenho nenhum.

– Então, levo-lhe uma menina.

E lá foi, de mão dada com a menina. Passou adiante, encontrou uma mulher a lavar a roupa.

– Então está lavando aí com tanta roupa e não tem ninguém para a ajudar? Fica esta menina para a ajudar.

A lavadeira conheceu a menina e disse:

– Ah, está bem senhor macaco. Fica aqui a menina para me ajudar.

E disse:

– Olha, tu ficas aqui ao pé de mim, que eu depois levo-te à tua casa, que eu conheço muito bem a tua mãe. A menina ficou e a lavadeira, assim que se despachou, foi levar a menina a casa.

Nisto, o macaco volta e diz:

– Eu quero aqui outra vez a menina!

E ela disse assim:

– Ah, senhor macaco, a menina já foi para casa e eu não tenho aqui a menina.

– Então levo-lhe uma camisa!

Lá roubou uma camisa e foi andando. Encontrou um homem a tocar viola, um homem com uma camisa muito suja, muito velha, e disse:

– Ó homem, essa camisa não está capaz para andar aí. Tome lá esta nova.

Deu a camisa ao homem da viola. Mais tarde quis vir buscar a camisa. O homem da viola já não lhe deu a camisa. Ele roubou-lhe a viola, saltou para cima do telhado e começou o macaco a cantar:

Do rabo fiz navalha,
De navalha fiz sardinha,
De sardinha fiz farinha,
De farinha fiz menina,
De menina fiz camisa,
De camisa fiz viola,
Trum tum tum, que foi pelos telhados fora,
Trum tum tum, que foi pelos telhados fora.

E lá vai ele, cantando e rindo, pelos telhados fora.

Informante: Maria José, 74 anos, professora.

Recolha: em Albufeira, Faro, a 27 de Dezembro de 2010.

Coletor: Lúcia Cristina Alferes Hortas Jesus

Classificação: ATU 2034C

A HISTÓRIA DO MACACO SEM RABO

Era uma vez um macaco que tinha um grande rabo. Certo dia, passou ao pé de crianças, elas gritaram:

– Olha um macaco com um grande rabo!

Então, o macaco pensou ir ao barbeiro cortar o rabo. Chegou à barbearia e disse ao barbeiro:

– Ó senhor barbeiro, faça-me o favor de me cortar o rabo, que eu não quero este rabo tão grande.

O barbeiro cortou-lhe o rabo e o macaco foi-se embora. Depois, chegou a um certo ponto e disse:

– Eu vou buscar o meu rabo.

Quando chegou à do barbeiro, o barbeiro disse-lhe:

– Já não tenho o seu rabo!

Ao que o macaco responde:

– Ai não tem o rabo? Então roubo-lhe a navalha!

E assim foi. Pegou na navalha e fugiu.

Foi andando, foi andando, e encontrou uma senhora que estava a amanho sardinhas e não tinha navalha, e disse-lhe:

– Então a senhora está a amanho as sardinhas sem faca? Olhe, tome lá esta navalha que eu lhe ofereço.

Deu a navalha e foi-se embora. Chegou a um certo ponto, voltou para trás e disse:

– Vou buscar a minha navalha!

Chegou ao pé da senhora e disse-lhe:

– Ó minha senhora, dê-me lá a minha navalha!

E a senhora respondeu-lhe:

– A sua navalha já foi na água do peixe. Já não tenho nenhuma navalha!

E o macaco disse:

– Ai sim? Então roubo-lhe as sardinhas!

Pegou nas sardinhas e roubou-as.

Foi andando, foi andando, e passou ao pé de um moinho e estava um moleiro, sentado à porta a comer pão “sem nada”. Ao que o macaco diz-lhe:

– Então o senhor está comendo o pão às secas?

E o senhor responde:

– Pois, não tenho conduto...

E o macaco diz-lhe:

– Então tome lá estas sardinhas, para comer com o pão.

O macaco foi se embora. Foi andando, foi andando e lembrou-se das sardinhas.

– Vou buscar as minhas sardinhas! – Disse o macaco.

Chegou lá e o homem disse-lhe:

– Você está maluco, as sardinhas, já as comi!

– Então roubo-lhe um saco de farinha. – Diz o macaco.

E foi-se embora, fugiu com o saco da farinha.

Foi andando, foi andando, e encontrou uma escola. E a professora dizia-lhes que não tinha nada para lhes dar de comer. E o macaco ao ver aquilo diz:

– Olhe, não tem nada para dar às meninas, tome lá este saco de farinha e faça umas papas.

E foi-se embora. Chegou a um certo ponto, lembrou-se outra vez da farinha. Foi ter com a professora e disse-lhe:

– Ó senhora professora. Dê-me lá o meu saco de farinha!

E diz a professora:

– Não lhe posso dar a farinha, que já fiz papas para as meninas comerem!

– Ai, então, roubo-lhe uma menina! – Diz o macaco.

Foi andando com a menina e chegou a um ribeiro, onde estava uma senhora a lavar roupa. E disse à senhora:

– Então a senhora está sozinha a lavar a roupa? Não tem ninguém que a ajude?

E a senhora responde-lhe:

– Não, não. Não tenho ninguém que me ajude.

E o macaco disse-lhe:

Então tome lá esta menina, para ajudá-la.

E foi-se embora. Quando chegou a um certo ponto, voltou outra vez para trás e disse à mulher:

– É favor de me dar a minha menina para mim!

E a mulher disse-lhe:

– Já não tenho a menina. Ela foi com os pais.

E o macaco diz assim:

– Ai, sim? Então roubo-lhe uma camisa!

Pegou na camisa da mulher e levou-a.

Foi andando, foi andando, e encontrou um velhote a tocar viola. E o macaco disse para o velhote:

– Ó senhor! Então você está com uma camisa dessas, toda rota, não tem nada para vestir?

– E o senhor responde-lhe:

– Não, não tenho!

E o macaco diz-lhe:

– Então tome lá esta camisa que eu lhe ofereço.

Deu a camisa e foi-se embora. Mais tarde, voltou outra vez e disse para o velhote:

– Agora quero que me dê a minha camisa!

Ao que o velhote lhe responde:

– A sua camisa já não lha dou. Já a vesti.

E o macaco diz-lhe:

– Então roubo-lhe a viola!

Pegou na viola do homem e foi-se embora.

Vai para cima de um telhado e põe-se a cantar:

De rabo fiz navalha,
De navalha fiz sardinha,
De sardinha fiz farinha,
De farinha fiz menina,
De menina fiz camisa,
De camisa fiz viola,
Tingo-laringo, que eu vou para Angola.
Tingo-laringo, que eu vou para Angola.

Informante: Emerentina Graça, 74 anos, natural da Fuseta, Olhão, Faro, 4.ª classe.

Recolha: na Fuseta, Olhão, Faro, a 2 de Dezembro de 2006.

Coletor: Ana Rolão (Cd n.º 1/ faixa n.º 39)

Classificação: ATU 2034C

587

A HISTÓRIA DO MACACO

O macaco que foi à do barbeiro e disse:

– Senhor Barbeiro, corte-me aqui o meu rabo.

E ele disse:

– Ó homem, não!

– Você corta-me o rabo, eu dou-lhe o rabo, e você dá-me uma navalha.

– Ah, mas eu assim fico mal!

Vai ele, pegou na navalha, cortou o rabo, e fugiu com a navalha e deixou lá o rabo. Depois vinha andando, encontrou uma mulher a arranjar sardinhas com os dedos.

Foi ele e disse assim:

– Ó minha senhora, dê-me uma sardinha, que eu dou-lhe uma navalha!

– Para quê?

– Ai, não queres fazer?

Foi ele, roubou-lhe a sardinha e jogou-lhe a navalha para o pé.

Depois vinha andando, encontrou um homem que estava comendo pão às secas.

E disse:

– Olhe, dê-me uma sardinha... dê-me uma saca de farinha que eu lhe dou uma sardinha.

– Ai, eu ficava mal de negócio!

Foi ele, jogou-lhe a sardinha e roubou a saca de farinha.

Foi a uma escola e disse:

– Ó minha senhora, dê-me uma menina que eu dou-lhe uma saca de farinha para dar de comer às outras.

Foi, ela disse:

– Está bem.

Roubou a menina e deu-lhe a saca da farinha.

Depois, vinha andando, encontrou uma mulher a lavar [roupa] sozinha.

Diz-lhe assim:

– Olhe, dê-me uma camisa que eu dou-lhe uma menina para lhe ajudar a lavar a outra roupa.

– Ai, não quero!

– Mas quero eu!

Roubou-lhe a camisa e deu a menina.

E depois vinha andando, encontrou um homem a tocar viola. Disse assim:

– Epá, mas tu tens a camisa toda rasgada, eu dou-te uma camisa e tu dás-me a viola.

E ele [o homem] diz assim:

– Ai, não faço esse negócio!

– Fazes!

Deu-lhe a camisa e roubou a viola. E depois fugiu para cima do telhado e começou:

Do meu rabo fiz navalha

De navalha fiz sardinha

De sardinha fiz farinha

E de farinha fiz menina

De menina fiz camisa

De camisa fiz viola

Tlim-tim-tim, p'los telhados afora!

Informante: Isaura de Jesus Martins, 86 anos, natural da Cabanita, Paderne, Albufeira, Faro, reformada, sabe ler e escrever.

Recolha: em Paderne, Albufeira, Faro, a 13/10/07.

Coletor: Cláudia Marta (CD / faixa n.º 4)

Classificação: ATU 2034C

588

O MACACO

Era uma vez um macaco que tinha o rabo muito grande e não se sentia bem. Então resolveu ir cortar o rabo. Dirigiu-se ao barbeiro e disse:

– Ó senhor barbeiro, eu queria que o senhor barbeiro me cortasse o rabo.

O barbeiro, com alguma dúvida, ainda lhe perguntou:

– Você tem a certeza que quer cortar o seu rabo?

– Sim, eu quero cortar o meu rabo.

Então o barbeiro cortou-lhe o rabo.

Saiu da barbearia e andava a passear pela rua. Entretanto, havia um grupo de crianças que estavam a brincar, que olham para ele e começam a rir e ao mesmo tempo diziam:

– Ah, ah, ah, ai que macaco tão feio, com o rabo cortado!

O macaco, ao ouvir isto, ficou todo aborrecido e pensou: “Ai, eu agora vou voltar ao barbeiro e vou buscar o meu rabo de volta.”

E assim fez. Chegou ao pé do barbeiro e disse:

– Ó senhor barbeiro, eu venho buscar o meu rabo, porque agora quero colocar o meu rabo.

E o barbeiro respondeu:

– Ó senhor macaco, o seu rabo já foi no lixo, eu já não tenho o seu rabo.

– Ai é? Já não tem o meu rabo? Então vou-lhe tirar uma navalha!

E assim o fez, tirou-lhe uma navalha.

la passeando pela rua, com a navalha e pensou: “Bem, eu não preciso para nada desta navalha.”

la passeando, passeando... Entretanto passa ao pé de uma peixaria e entra. Entra, diz:

– Bom dia, como está a senhora? Olhe, eu tenho aqui esta navalha que não preciso. A senhora quer esta navalha? Eu ofereço!

A peixeira pensou:

– Então se o senhor quer-me oferecer, eu vou ficar com ela para arranjar o meu peixe.

E assim foi: o macaco ofereceu a navalha à peixeira.

Sai da peixaria, vai, entretanto, também passeando pelas ruas, vai... Quando ele de repente recorda-se da navalha e diz:

– Agora vou voltar e vou-lhe pedir a minha navalha de volta.

Volta novamente à peixaria e diz:

– Ó senhora peixeira, eu quero a minha navalha de volta.

A peixeira, ficou a olhar para ele e diz-lhe:

– Ó senhor macaco, a sua navalha, com o arranjar de tanto peixe, já a parti.

E o macaco disse:

– Ai é? Já a partiu? Então vou-lhe tirar duas sardinhas.

E assim o fez: tirou as duas sardinhas.

Levou as duas sardinhas e entretanto [diz] assim:

– Mas o que é que eu faço com estas sardinhas?

Passa ao pé de uma padaria, entra e vê o senhor padeiro à porta. E ele diz:

– Ó senhor padeiro, você quer estas duas sardinhas, para grelhar e comer com o seu pãozinho quentinho?

O padeiro diz assim:

– Então você não quer?

– Não, não, eu ofereço.

– Ai é? Então está bem, se o senhor me quer oferecer, eu vou, fico com elas.

Ficou, e então o macaco depois saiu e foi-se embora.

Como ele... Pensou, pensou e ele disse:

– Ah, eu devia de voltar lá e vou-lhe pedir as minhas sardinhas de volta.

Voltou à padaria, foi falar com o padeiro novamente, e diz-lhe:

– Ó senhor padeiro, eu quero as minhas sardinhas de volta!

E o padeiro olha para ele e diz-lhe:

– Ó senhor macaco, então você deu-me as sardinhas... Eu já as grelhei e comi com o meu pão quentinho. Agora já não tenho sardinhas para lhe dar.

– Ai é? Não tem? Então vou-lhe tirar um saco de farinha.

Tirou-lhe o saco de farinha, vai com o saco de farinha às costas, vagueando pelas ruas... Quando ele, entretanto, vê uma senhora a estender roupa. Olha para a senhora e diz:

– Bom dia! Então a senhora tem crianças?

– Tenho, tenho duas meninas.

– Olhe, então eu vou-lhe oferecer este saquinho de farinha, para a senhora fazer bolos e pão para as suas meninas.

– Ai é, senhor macaco? Então muito obrigada.

Então ele deixou o saco de farinha e foi-se embora.

Andava, andava, andava... Quando ele de repente pensou assim: “Oh, não devia ter deixado o saco de farinha. Agora vou voltar lá e vou-lhe tirar o saco de farinha, vou-lhe pedir novamente de volta o saco.”

Ele chega, a senhora, entretanto estava a estender roupa e as meninas andavam ali a brincar, ali em volta. Chega ao pé da senhora e diz-lhe:

– Olhe, eu venho pedir-lhe o meu saco de farinha de volta.

A senhora olha para ele e diz:

– Ó senhor macaco, o senhor ofereceu-me o saco de farinha... E eu fiz bolos para as minhas meninas e pão. Já gastei a farinha, já não tenho.

– Ai, não tem já a farinha? Então agora levo-lhe uma menina.

E assim o fez, levou a menina. Levou a menina, ia andando pelas ruas, quando vê um senhor a tocar viola. Olha para ele e diz-lhe assim:

– Olhe, boa tarde! O senhor não quer esta menina para o ajudar, ficar cá que o senhor está aí sozinho?

– Sim, além de me ajudar, faz-me companhia. Quero, quero, eu aceito.

– Então fique com esta menina.

E entregou a menina ao senhor que estava a tocar viola.

Entretanto saiu dali, anda passeando pelas ruas e de repente lembra-se: “Ai, não devia ter deixado a menina com aquele senhor”.

E volta e vai buscar a menina, pensando: “Ah, e vou entregar a menina à mãe”.

Ele chega lá, o senhor estava lá a tocar viola, e diz-lhe assim:

– Então, vinha buscar a menina que deixei aqui, para entregar à mãe!

Diz o senhor:

– Olhe, a mãe esteve aqui e levou a menina de volta. Já não tenho menina nenhuma.

– Ai é? Ai, já não tem menina? Então vou-lhe tirar a viola.

E assim o fez: tirou-lhe a viola.

Vai com a viola, senta-se mais à frente e começa a tocar a viola e começa a cantar. Então é assim:

De rabo fiz navalha,
De navalha fiz sardinha.
De sardinha fiz farinha,
De farinha fiz menina,
De menina fiz viola.
Tum, tum, tum, que vou para Angola.

Informante: Ana Paula Guerreiro Mendonça, 45 anos, natural de Vila Real de Santo António, funcionária pública, 12.º ano.

Recolha: em Vila Nova de Cacela, V.R.S.A., Faro, a 27 de Dezembro de 2008.

Coletor: Milene Isabel Guerreiro Mendonça (clip 1 / 2'19)

Classificação: ATU 2034C

589

O MACACO DO RABO COMPRIDO

Era um macaco que tinha um rabo muito comprido. E os moços, quando ele passava pela escola, eles estavam num recreio e começavam:

– Olha o macaco do rabo comprido... Olha o macaco do rabo comprido... – A troçarem dele.

“Eh, eu vou mas é ao barbeiro para cortar o rabo.”

– Senhor barbeiro, corte-me o meu rabo.

O barbeiro cortou-lhe o rabo.

Ah, ele pôs-se muito contente, a passar lá pela escola, já não tinha rabo.

Assim que os moços o viram com o rabo cortado:

– Olha o macaco do rabo cortado... Olha o macaco do rabo cortado... –

Fazendo troça dele.

Ele:

– Ai é?

Foi lá ao barbeiro:

– Senhor barbeiro, dê-me lá o meu rabo.

– Ai, agora não posso dar. Então, deitei-o para o lixo.

– Ai, deitou para o lixo? Agora roubo-lhe uma navalha!

Bem, lá foi andando, andando, viu um homem, estava à beira de um ribeiro a arranjar peixe.

– Olhe lá, ti' Homem, você não quer ai esta navalha para arranjar o seu peixe?

– Quero sim, senhor! Dê-me lá, dê-me lá a navalha.

Ah, deu a navalha ao homem. Mas andou, andou, andou durante um certo tempo, lembrou-se da navalha. E foi outra vez, voltou para trás e foi à procura do homem para lhe dar a navalha.

– Eu quero a minha navalha.

– Então, mas já não lhe posso dar. Então, foi por água abaixo...

– Ai, não me dá a navalha? Roubo-lhe uma sardinha.

Lá roubou a sardinha. Andou, andou e chegou a um moinho. Estava um moleiro que estava a comer pão sem nada.

– Então está a comer pão sem nada... Então não quer esta sardinha?

– Ah, quero sim, senhora.

– Então pronto, tome lá a sardinha.

Foi andando, andando, andando, lá se lembrou: oh, foi buscar a sardinha.

Voltou ao moinho:

– Senhor moleiro, eu quero a minha sardinha.

– Não a posso dar que eu já a comi.

– Ai, já a comeu? Então roubo-lhe um saco de farinha.

Lá roubou o saco de farinha. Andou, andou, viu uma escola, uma escola cheia de meninas.

– Senhora professora, então não quer este saco de farinha para fazer bolinhos e pão para as suas meninas?

– Ai, quero sim, senhor! Quero sim senhor, muito obrigada.

Lá deixou o saco de farinha. Depois andou por lá uns tempos, lembrou-se outra vez, de voltar para trás e ir buscar o saco da farinha.

– Senhora professora, eu quero o meu saco de farinha.
 – O saco de farinha? Eu já não o tenho. As minhas meninas já comeram em bolinhos e em pão.
 – Ai é? Não me dá o saco de farinha? Eu roubo-lhe uma menina.
 Lá levou a menina com ele. Andou, andou, viu uma lavadeira ali na ribeira a lavar camisas.
 – Senhora lavadeira, então não quer esta menina para lhe ajudar a lavar as camisas?
 – Quero sim, senhora! Faz muito jeitinho.
 Lá deixou a menina, para ajudar a lavadeira. Bem, foi andando, andando, como era costume, lembrava-se, voltava para trás e veio buscar:
 – Senhora lavadeira, quero a minha menina.
 – A sua menina já não a tenho. A menina foi para a escola.
 – Ai, não me dá a minha menina? Roubo-lhe uma camisa.
 Lá levou a camisa. Lá foi com a camisa, encontrou um homem que fazia violas. Estava a fazer violas com uma camisa toda rota.
 – Senhor violeiro, não quer uma camisa?
 – Quero sim, senhor.
 – Então tome lá. Se essa já está rota, tome lá a camisa.
 Bem, lá deu a camisa ao violeiro. Lá foi andando, andando, esteve para lá muito tempo, lembrou-se: “Oh, eu vou pedir é a minha camisa.”
 Chegou:
 – Senhor violeiro, eu quero a minha camisa.
 – Ora, então eu agora já a rasguei. Já a deitei fora, já estava toda estragada.
 – Ai, não me dá a minha camisa? Roubo-lhe uma viola.
 Roubou-lhe a viola e pôs-se a tocar:

Do rabo fiz navalha,
 Da navalha fiz sardinha,
 Da sardinha fiz farinha,
 Da farinha fiz menina,
 Da menina fiz camisa,
 Da camisa diz viola.
 Tum, tum, tum, que eu agora vou para Angola! [3 X]

Informante: Joaquina Dias, 65 anos, natural de Beja, reformada.

Recolha: em Santa Luzia, Ourique, Beja, a 12 de Outubro de 2008.

Coletor: Ana Rita Mamede Ribeirinho (gravação 1 / faixa n.º 6)

Classificação: ATU 2034C

590

O MACACO SEM RABO

Era uma vez um macaco com o rabo comprido. Ia andando pela rua e os meninos da escola disseram:

– Ai, o macaco do rabo comprido! Ai, o macaco do rabo comprido!

Então o macaco foi ao barbeiro:

– Ó senhor barbeiro, corte-me o meu rabo.

O barbeiro cortou-lhe o rabo e deitou o rabo para cima do telhado. Depois os meninos na escola outra vez:

– Ai, o macaco sem rabo! Ai, o macaco sem rabo!

Voltou ao barbeiro e disse:

– Ó barbeiro, dá-me o meu rabo. Não me dás o meu rabo, roubo-te uma navalha. Roubou a navalha.

O macaco foi andando, encontrou uma mulherzinha escamando sardinhas com as unhas, e disse:

– Ó comadre, você quer esta navalha para escamar o peixe?

– Se me dás macaco...

Então aceitou. Depois foi-se embora.

Voltou outra vez para trás, para a mulherzinha lhe dar a navalha, e disse:

– Não me dá a navalha, roubo-lhe uma sardinha.

Depois, foi andando com a sardinha, encontrou um moleiro comendo pão:

– Ó moleiro, tu queres esta sardinha para comer com o pão?

– Se me dás, macaco, aceito.

Deu-lhe a sardinha.

Depois foi-se embora. Voltou novamente á procura da sardinha. Como o homem não lhe desse a sardinha, roubou-lhe uma saca de farinha.

Depois foi andando novamente e encontrou uma escola, com muitas meninas. E então disse à professora se queria a farinha para fazer pão. A professora disse que sim. Foi-se embora novamente.

Depois lembrou-se da farinha e voltou para trás. Como a professora não lhe desse a farinha, roubou-lhe uma menina.

Depois foi andando, andando e encontrou uma mulherzinha lavando na ribeira, e perguntou:

- Ó comadre, você quer esta menina, para a ajudar?
- Se me dás macaco, aceito.

Foi-se embora. Depois lembrou-se da menina e voltou para trás. Como a mulherzinha não lhe desse a menina, roubou-lhe uma camisa.

Depois foi andando, andando e encontrou um homenzinho tocando viola, sem camisa:

- Ó compadre, você quer esta camisa?
- Se me dás macaco, aceito.

Aceitou a camisa. Depois foi-se embora. Foi-se embora, voltou para trás, lembrou-se da camisa. Como o homem não lhe desse a camisa, roubou-lhe a viola.

Roubou-lhe a viola e depois pôs-se:

De rabo fiz navalha
De navalha fiz sardinha
De sardinha fiz farinha
De farinha fiz menina
De menina fiz viola
Ai trrim, tim, tim, que eu vou para a escola.

Informante: Maria Helena dos Santos Chagas, 58 anos, natural da Manta Rota, V.R.S.A., Faro, 6.º ano.

Recolha: em Manta Rota, V.R.S.A., Faro, a 7/1/1010.

Coletor: Nuno João Gonçalves de Jesus

Classificação: ATU 2034C

591

[O CASTELO DE CHUCHURUMEL]

Aqui está o gato
Que comeu o rato
Que roeu o sebo
Que unta o cordel
Que prende a chave

Que abre a porta
Do castelo de Chuchurumel.

Aqui está o cão
Que mordeu o gato
Que comeu o rato
Que roeu o sebo
Que unta o cordel
Que prende a chave
Que abre a porta
Do castelo de Chuchurumel.

Aqui está o pau
Que bateu no cão
Que mordeu o gato
Que comeu o rato
Que roeu o sebo
Que unta o cordel
Que prende a chave
Que abre a porta
Do castelo de Chuchurumel.

Aqui está o lume
Que queimou o pau
Que bateu no cão
Que mordeu o gato
Que comeu o rato
Que roeu o sebo
Que unta o cordel
Que prende a chave
Que abre a porta
Do castelo de Chuchurumel.

Informantes: Bernardo e Nuno. Ambos de 10 anos.

Recolha: na escola E.B.1 numero 4 de Olhão, Faro, a 5 de Janeiro de 2005.

Coletor: Liliane Nunes Gonçalves.

Classificação: ATU 2035

O CASTELO DE CHUCHUMAREL

Aqui está a chave
 Que abre a porta
 Do castelo de Chuchumarel.

Aqui está o cordel
 Que prende a chave
 Que abre a porta
 Do castelo de Chuchumarel.

Aqui está o sebo
 Que unta o cordel
 Que prende a chave
 Que abre a porta
 Do castelo de Chuchumarel.

Aqui está o rato
 Que roeu o sebo
 Que unta o cordel
 Que prende a chave
 Que abre a porta
 Do castelo de Chuchumarel.

Aqui está o gato
 Que comeu o rato
 Que roeu o sebo
 Que unta o cordel
 Que prende a chave
 Que abre a porta
 Do castelo de Chuchumarel.

Aqui está o cão
 Que mordeu o gato

Que comeu o rato
 Que roeu o sebo
 Que unta o cordel
 Que prende a chave
 Que abre a porta
 Do castelo de Chuchumarel.

Aqui está o pau
 Que bateu no cão
 Que mordeu o gato
 Que comeu o rato
 Que roeu o sebo
 Que unta o cordel
 Que prende a chave
 Que abre a porta
 Do castelo de Chuchumarel.

Aqui está o lume
 Que queima o pau
 Que bateu no cão
 Que mordeu o gato
 Que comeu o rato
 Que roeu o sebo
 Que unta o cordel
 Que prende a chave
 Que abre a porta
 Do castelo de Chuchumarel.

Aqui está a água
 Que apagou o lume
 Que queimou o pau
 Que bateu no cão
 Que mordeu o gato
 Que comeu o rato
 Que roeu o sebo
 Que unta o cordel

Que prende a chave
Que abre a porta
Do castelo de Chuchumarel.

Aqui está o boi
Que bebeu a água
Que apagou o lume
Que queimou o pau
Que bateu no cão
Que mordeu o gato
Que comeu o rato
Que roeu o sebo
Que unta o cordel
Que prende a chave
Que abre a porta
Do castelo de Chuchumarel.

Aqui está o carnicheiro
Que matou o boi
Que bebeu a água
Que apagou o lume
Que queimou o pau
Que bateu no cão
Que mordeu o gato
Que comeu o rato
Que roeu o sebo
Que unta o cordel
Que prende a chave
Que abre a porta
Do castelo de Chuchumarel.

Aqui está a morte
Que levou o carnicheiro
E que entrega a chave
Que abre a porta
Do castelo de Chuchumarel.

Informante: Manuela Dias, 48 anos, natural de Almada, funcionária pública, bacharelato.

Recolha: em Almada, Setúbal, a 23 de Novembro de 2013.

Coletor: Diogo Alberto Rosa Francisco

Classificação: ATU 2035

Nota: Esta composição fazia parte de um jogo infantil.

593

[O MAIS VALENTE]

Mais valente é o rato
Que come o sebo e unta a bota
E leva o vinho à ribeira e volta.

Mais valente é o gato que [apanha o rato,
O rato que] come o sebo e unta a bota
E leva o vinho à ribeira e volta.

Mais valente é o cão que morde no gato,
O gato que apanha o rato,
E o rato que come o sebo e unta a bota
E leva o vinho à ribeira e volta.

Mais valente é o pau que bate no cão,
O cão que morde no gato,
O gato que apanha o rato,
E o rato que come o sebo e unta a bota
E leva o vinho à ribeira e volta.

Mais valente é o lume que corta o pau,
O pau que bate no cão,
O cão que morde no gato,
O gato que apanha o rato,
E o rato que come o sebo e unta a bota
E leva o vinho à ribeira e volta.

Mais valente é a água que apaga o lume,
 O lume que corta o pau,
 O pau que bate no cão,
 O cão que morde no gato,
 O gato que apanha o rato,
 E o rato que come o sebo e unta a bota
 E leva o vinho à ribeira e volta.

Mais valente é a vaca que bebe a água,
 A água que apaga o lume,
 O lume que corta o pau,
 O pau que bate no cão,
 O cão que morde no gato,
 O gato que apanha o rato,
 E o rato que come o sebo e unta a bota
 E leva o vinho à ribeira e volta.

Informante: Maria Teresa Guerreiro, 61 anos, natural de Guedelhas, Almodôvar, Beja.

Recolha: em Almodôvar, Beja, a 3 de Novembro de 2007.

Coletor: Raquel Romão (Gravação 4 / 01'46)

Classificação: ATU 2035

594

A CASA DO JOÃO

Aqui está a casa que fez o João.

Aqui está o saco do grão e feijão,
 Que estava na casa que fez o João.

Aqui está o rato
 Que furou o saco de grão e feijão,
 Que estava na casa que fez o João.

Aqui está o gato,
 Que comeu o rato,

Que furou o saco de grão e feijão,
 Que estava na casa que fez o João.

Aqui está o cão,
 Que mordeu o gato,
 Que comeu o rato,
 Que furou o saco de grão e feijão,
 Que estava na casa que fez o João.

Informante: Tomás Silva, 18 anos, 12.º ano.

Recolha: em Patã de Baixo, Albufeira, Faro, a 7 de Janeiro de 2008.

Coletor: Andreia Pacheco e Rita Martins (faixa 110)

Classificação: ATU 2035

595

[LENGALENGA DA ÁGUA]

Que é da água?
 As patas a beberam.
 O que é das patas?
 Estão a por os ovos.
 Que é dos ovos?
 Os gatos os comeram.
 Que é dos gatos?
 Estão com as ovelhas.
 Que é das ovelhas?
 Estão na mata.
 Que é da mata?
 O lume a acendeu.
 Que é do lume?
 A água o apagou.

Informante: Sérgio Matias, natural do Porto, 33 anos, profissão: agente de compras.

Recolha: em Faro, a 7 de Janeiro de 2005.

Coletor: Liliane Nunes Gonçalves

Classificação: ATU 2043

596

ZUM, ZUM, ZUM

Zum, Zum, Zum, faça-me um bolo.
 Zum, Zum, Zum, não há cá sal.
 Zum, Zum, Zum, mande-o buscar.
 Zum, Zum, Zum, não há por quem.
 Zum, Zum, Zum, pelo Manuel.
 Zum, Zum, Zum, ele está a chorar.
 Zum, Zum, Zum, quem lhe bateu?
 Zum, Zum, Zum, foi a pedrinha.
 Zum, Zum, Zum, cadé a pedrinha?
 Zum, Zum, Zum, saltou para a água.
 Zum, Zum, Zum, cadé a água?
 Zum, Zum, Zum, bebeu-a o boi.
 Zum, Zum, Zum, cadé o boi?
 Zum, Zum, Zum, está a lavar o milho.
 Zum, Zum, Zum, cadé o milho?
 Zum, Zum, Zum, está no altar.
 Zum, Zum, Zum, está no altar?
 Zum, Zum, Zum, está no seu lugar!

Informante: Guilhermina Moreira Miranda, 84 anos, natural de Belmonte, Castelo Branco, reformada, sabe ler e escrever.

Recolha: em Quarteira, Loulé, Faro, a 13/10/2007.

Coletor: Bruna Paiva (cassete n.º 1 / face A)

Classificação: ATU 2043

597

OSTRELIM, JOÃO MARTINS

Ostrelim, João Martins.
 Ostrelim, quem te malhou?
 Ostrelim, foi uma velha,

Ostrelim, que aqui passou.
 Ostrelim, onde está a velha?
 Ostrelim, fugiu para o mato.
 Ostrelim, onde está o mato?
 Ostrelim, o fogo queimou.
 Ostrelim, onde está o fogo?
 Ostrelim, a água apagou.
 Ostrelim, onde está a água?
 Ostrelim, o boi bebeu.
 Ostrelim, onde está o boi?
 Ostrelim, foi malhar o trigo.
 Ostrelim, onde está o trigo?
 Ostrelim, a galinha comeu.
 Ostrelim, onde está a galinha?
 Ostrelim, foi pôr o ovo.
 Ostrelim, onde está o ovo?
 Ostrelim, o padre comeu.
 Ostrelim, onde está o padre?
 Ostrelim, foi dar a missa.
 Ostrelim, onde está a missa?
 Ostrelim, já se acabou.

Informante: não identificado.

Recolha: Olhão, Faro, em 2010.

Coletor: Carina Isabel Silva Mendes

Classificação: ATU 2043

Nota: texto cantado.

598

FUI À CASA DO CONDE

Fui à casa do conde,
 O conde é morto.
 Quem o matou?

Foi o boi.
 Que é do boi?
 Está debulhando trigo.
 Que é do trigo?
 Comeu a choca.
 Que é da choca?
 Está pondo ovos.
 Que é dos ovos?
 Comeu o frade.
 Que é do frade?
 Foi à missa,
 A cavalo numa cortiça.

Informante: Maria Helena dos Santos Chagas, 58 anos, natural da Manta Rota, V.R.S.A., Faro, 6.º ano.

Recolha: em Manta Rota, V.R.S.A., Faro, a 7/1/1010.

Coletor: Nuno João Gonçalves de Jesus

Classificação: ATU 2043

599

TINTERLIM

Tinterlim, João manquinho.
 Tinterlim, quem te mancou?
 Tinterlim, foi uma pedra,
 Tinterlim, que aqui passou.
 Tinterlim, que é dela a pedra?
 Tinterlim, fugiu pró mar.
 Tinterlim, que é dele o mar?
 Tinterlim, anda a regar.
 Tinterlim, que é das galinhas?
 Tinterlim, foram pôr ovos.
 Tinterlim, que é deles os ovos?
 Tinterlim, o padre comeu-os.

Tinterlim, que é dele o padre?
 Tinterlim, foi dizer missa,
 Por a alma da carriça.

Informante: Maria da Conceição Ferreira Faria, 61 anos, natural de Vale São Martinho, Vila Nova de Famalicão, operária têxtil aposentada, 4.ª classe.

Recolha: Vale São Martinho, Vila Nova de Famalicão, Braga, 30 de Dezembro de 2011

Coletor: Sandra Faria da Costa Fontes (DVD 1)

Classificação: ATU 2043

600

O HOMEM QUE FOI A LISBOA

Uma vez um homem foi a Lisboa e estava perdido e foi perguntar a um polícia se sabia onde era a Graça, mas o polícia sabia pouco mais que o homem e disse-lhe:

A Graça?
 Tem graça o senhor. Senhor dos Passos.
 Paços do Concelho, Conselho da Guerra.
 Guerra de Alcântara, Alcântara-Mar,
 Mar tem peixe, peixe-espada
 Espada do alto, alto da serra,
 Serra da Estrela, estrela do céu
 O céu é azul, azul é tinta.
 Tinta é óleo, óleo é linhaça
 Linhaça é papas, papas é para o menino.
 O menino bebe leite, o leite é da vaca.
 A vaca é fêmea do boi,
 E o senhor chamou-me cabrão!

Informante: Maria Georgina Lázaro, 68 anos.

Recolha: em Vilgateira, Santarém, a 26 de Janeiro de 2003.

Coletor: Sara Montez (cassete n.º 1/ Face B)

Classificação: Car-Co *2050

601

A DISPUTA DO PARVO

– O senhor é parvo!
 – Parvo? Parvo é o senhor,
 Senhor, Senhor dos Passos.
 Passos? Paços do Concelho.
 Concelho? Conselho de Ministros.
 Ministro? Ministro da Guerra.
 Guerra? Guerra Junqueiro.
 Junqueiro? Junqueira, Alcântara.
 Alcântara? Alcântara-Mar.
 Mar? Mar da China.
 China? China, Xangai.
 Xangai? Chiang Kai Shek.
 Xeque? Xeque-mate.
 Mate? Mate quem?
 O senhor!
 O senhor é parvo!
 – Parvo é o senhor...

Informante: Maria Filomena Cajada, 49 anos, professora, licenciada em História.

Recolha: Faro, em 2008.

Coletor: José Fernando dos Santos

Classificação: Car-Co *2050

Nota: também se pode classificar como ATU 2013 *Contos em círculo*.

602

A VELHA E O PORQUINHO

Havia uma velha que estava engordando um porquinho. Depois ela disse:
 – Ó Zé, vamos matar o porco que ele já está gordinho.
 E ele disse:

– Não, que ele não tem manteiga no rabo!

Então, o que é que ela fez? Pôs uma colherada de manteiga no rabo do porco, besuntou o porco e disse:

– Olha, o porco já tem manteiga no rabo, Zé!

E pronto! Depois, mataram o porquinho, penduraram o porquinho. O rato começou logo a comer o porquinho que estava pendurado e o gato viu. Deu um pulo e ficou pegado ao cu do rato. O cão viu o gato lá, jogou-se, deu um pulo e ficou pegado ao cu do gato. Depois o velho viu aquilo, ia para enxotar o cão e ficou pendurado no cão (era uma enfieira que estava ali).

Depois foi a velha:

– Ai, mãe! Nas então eu tenho que tirar isto daqui...

E ficou lá também (era uma enfieira).

Então o rato fazia chichi para a boca do gato, o gato fazia chichi para a boca do cão, o cão fazia para a boca do velho, o velho fazia para a boca da velha e a velha fazia para quem tivesse a sorte de eu contar o conto. (risos)

Informante: Isabel Martins Reis, 85 anos, natural de Perna Seca, Silves, Faro, reformada.

Recolha: em Silves, Faro, a 4 de Janeiro de 2008.

Coletor: Cláudia Carriço (clip 3 / 08'02)

Classificação: ATU 2200

603

A PROSTITUTA E AS FRUTAS

É um homenzinho que estava a ler aquelas páginas do jornal e acaba por chegar àquela secção da... Claro, das prostitutas, não é verdade. E ele não é uma pessoa que costuma reparar logo nessa secção do jornal, mas ele repara uma coisa superinteressante que aparece: há uma prostituta que consegue adivinhar qualquer tipo de fruta que lhe metam no rabo, qualquer tipo de fruta. Ele fica: "Não, isto não é possível!"

Ele liga logo à puta e diz:

– Olha, está aqui em casa daqui a uma hora, pode ser?

– Sim, sim.

Ele:

– Bem, puta.

Ele tem uma hora e vai ao supermercado e compra toda a fruta que encontra.
Chega a casa: ok, está pronto. Chega a prostituta e ele:

– Vá de quatro, puta.

– Ok.

– Bem, puta.

Então, vai começar com uma coisinha simples: pega numa uva, mete a uva no rabo:

– O que é isto, puta?

Ela:

– É uma uva.

Ele:

– Bem, puta.

Bem, ele mete uma coisa mais difícil, mete uma pera. Mete-lhe a pera no rabo.

– O que é isto, puta?

– É uma pera.

E ele:

– Muito bem, puta!

Uma coisa mais genérica, pega numa banana.

– O que é isto, puta?

– É uma banana.

– Bem, puta!

Pega numa laranja.

– O que é isto, puta?

– É uma laranja.

– Muito bem, puta!

Depois pega naquelas mais... mais pequeninas, mais doces... Aquelas, como é que são? Aquelas cor de laranja, pequeninas, doces? Não é laranja, é...

Coletora – Não me lembra como é que isso chama-se em português...

Informante – Não é uma laranja, é o quê? Alguém sabe?

Colega (que estava à mesa connosco) – Tangerina.

Informante – Bem, puta! (risos)

E pronto, é assim.

Informante: Daniela Fernandes, 20 anos, estudante universitária.

Recolha: em Faro, a 23 de Novembro de 2017.

Coletor: Olha Vyshynska

Classificação: ATU 2200

604

ERA UMA VEZ A VACA VITÓRIA

Era uma vez a vaca Vitória,

Morreu a vaca, acabou-se a história.

Informante: Daniel Joaquim Casimiro, 81 anos, natural de Évora

Recolha: em Évora, a 11 de Novembro de 2006.

Coletor: Raquel Eunice Casimiro Marques (faixa n.º 3.4)

Classificação: ATU 2271

605

ERA UMA VEZ UM CONDE E UM BISPO

Era uma vez um conde e um bispo

Passaram a ponte, não sei mais que isto.

Informante: Raquel Marques, 19 anos, natural de Évora

Recolha: em Faro, a 15 de Dezembro de 2006.

Coletor: Raquel Eunice Casimiro Marques (faixa n.º 22.24)

Classificação: ATU 2271

606

A GALINHA ATRÁS DO GROU

Era uma vez uma galinha atrás de um grou.

O meu conto era tão grande que já acabou.

Informante: Filomena Pinto, 75 anos, natural de Monchique, doméstica, 2.º ano.

Recolha: em Loulé, Faro, a 4 de Janeiro de 2012.

Coletor: Vera Rodrigues (faixa n.º 81)

Classificação: ATU 2271

607

O CONTO DA CALCINHA VERMELHA

É o conto da calcinha vermelhinha.

Se queres que te conte, conto, se não queres não conto.

Informante: Ascensão Pires, 47 anos, natural de Castelo Branco, doméstica, 9.º ano.

Recolha: em Ninho do Açor, São Vicente da Beira, Castelo Branco, a 4 de Fevereiro de 2010.

Coletor: Sandra Pires

Classificação: ATU 2275

608

O PASTOR E AS OVELHAS

Havia um pastor que tinha muitas ovelhinhas, tinha um rebanho muito grande, muito grande. E naquele ano, o Verão tinha sido grande. A ervinha estava muito seca, não tinha chovido e o pastor viu que daquele lado da herdade não havia pastagem. E resolveu passar para o outro lado da ribeira.

A ribeira levava muita água e não podia passar a pé. Então, como havia um tronco a unir as duas margens, mas que só dava passagem a uma pessoa ou animal de cada vez, o pastor resolveu, mesmo assim, como do outro lado havia um vale com alguma erva ainda fresca, passar para o outro lado o rebanho. Passou, e as ovelhinhas foram atrás dele, mas uma de cada vez. Como o rebanho era muito grande, elas demoraram muito, muito tempo a passar. E todos os dias o teu tio [tio da coletora, filho da informante] me perguntava:

– Mãe, então, as ovelhinhas já passaram?

E eu dizia-lhe:

– Não, ainda não passaram, ainda estão passando!

E nesta altura, o teu tio tem 54 anos e ainda não há muito tempo perguntou-me:

– Mãe, e as ovelhinhas já passaram?

E eu disse-lhe:

– Não, filho. Ainda estão passando...

Informante: Clotilde Angelina Bento Pereira, 77 anos, natural de Évora, professora reformada do ensino básico.

Recolha: em Setúbal, a 28/10/2007.

Coletor: Ana Teresa Gomes Neves (cassete 1 / face A)

Classificação: ATU 2300

Índice de tipos

CONTOS DE ANIMAIS

- 1** O roubo dos peixes [*The Theft of Fish*]: 1, 2, 19, 35, 80
- 2B** O cesto atado à cauda do lobo [*Basquet Tied to Wolf's Tail*]: 1, 19, 35, 80
- 3** Ferimento simulado [*Simulated Injury*]: 2
- 4** A raposa cavaleira [*Sick Animal Carries the Healthy One*]: 2, 3
- 6** A presa convence o predador a falar e escapa [*Animal Captor Persuaded to Talk*]: 4,
- 9** O sócio injusto [*The Unjust Partner*]: 5, 6, 10
- 15** A raposa finge ir a um baptizado [*The Theft of Food by Playing Godfather*]: 7, 8, 9, 10
- 34** O lobo mergulha ao tomar o reflexo da lua por um queijo [*Wolf Dives into Water for Reflected Cheese*]:
11
- 34A** O cão larga a carne que traz na boca para abocanhar o seu reflexo [*The Dog Drops His Meat for the Reflection*]: 12, 13
- 34B (AT)** O lobo bebe a água para apanhar o queijo [*The Wolf Drinks the Water to Get the Cheese*]: 14
- 47B** A égua dá um coice nos dentes do lobo [*The Horse (Mare) Kicks the Wolf in the Teeth*]: 15, 40
- 56A** A raposa ameaça derrubar árvore para comer os passarinhos [*The Fox Threatens to Cut Down the Tree and Gets the Young Birds*]: 16
- 57** O corvo com um queijo no bico [*Raven with Cheese in His Mouth*]: 17, 18
- 59** A raposa e as uvas [*The Fox and the Sour Grapes*]: 19, 20
- 60** Os convites da raposa e da cegonha [*Fox and Crane Invite Each Other*]: 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29,
30

- 62** *A paz entre os animais: a raposa e o galo* [Peace Among the Animals – The Fox and the Rooster]: 31
- 62*A (Car-Co)** *O cão escondido na palha*: 2, 5, 11
- **74D (Hansen)** *O coelho tem sede e quer beber no rio guardado pelo tigre*: 32
- 75** *A ajuda dos fracos* [The Help of the Weak]: 33
- 76** *O lobo e o grou* [The Wolf and the Crane]: 34
- 80A*** *Quem fica com a comida?* [Who Gets the Booty?]: 35
- 92** *O leão (lobo) mergulha no seu reflexo* [The Lion Dives for His Own Reflection]: 36, 37
- 106** *As vozes dos animais* [Animals' Conversation]: 66
- 112** *O rato do campo e o rato do moinho* [Country Mouse Visits Town Mouse]: 38, 39
- 122A** *O lobo em busca do pequeno-almoço* [The Wolf (Fox) Seeks Breakfast]: 40
- *122F (Marz.)** *Fuga dentro da cabaça* [Flucht im Kürbis]: 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60
- 122K*** *O lobo como juiz* [The Wolf as Judge]: 40
- 122R (Ca-Ch)** *O lobo e ovelha glutona*: 61
- 123** *O lobo e os cabritos* [The Wolf and the Kids]: 62, 63, 64
- 124** *Os três porquinhos* [Blowing the House In]: 65
- 130** *Os animais na pousada* [The Animals in Night Quarters]: 66, 67
- 152A*** *A mulher escalda o lobo* [The Wife Scalds the Wolf]: 68
- 155** *A serpente ingrata volta ao cativo* [The Ungrateful Serpent Returned to Captivity]: 69, 70, 71
- 157F (Ca-Ch)** *Porquê a cobra não tem patas?*: 72
- 159A** *Os animais convidados para jantar* [Animals Warm Selves at Charcoal Burner's Fire]: 73, 74
- 185** *O vendedor de barretes e os macacos* [The Nightcap Dealer and the Monkeys]: 75
- 201** *O cão (lobo) magro prefere ser livre* [The Lean Dog Prefers Liberty to Abundant Food and a Chain]: 76, 77
- 219E**** *A galinha dos ovos de ouro* [The Hen that Laid the Golden Eggs]: 78, 79
- 225** *A cegonha ensina a raposa a voar* [The Crane teaches the Fox to Fly]: 22, 27, 80
- 225A** *A tartaruga faz-se levar pelos pássaros* [The Tortoise Lets Itself Be Carried by Birds]: 81
- 236*** *Contos com imitação de sons de pássaros* [Miscellaneous Tales with Imitation of Bird Sounds]: 82
- 247** *Quem feio ama bonito lhe parece* [Each Mother Likes Her Own Children Best]: 83, 84
- 250A** *O linguado (solha) com a boca ao lado* [The Flounder's Crooked Mouth]: 85, 86, 87
- 275A** *Corrida entre a lebre e a tartaruga* [The Race Between Hare and Tortoise]: 88, 89, 90, 91
- 280A** *A cigarra e a formiga* [The Ant and the Cricket]: 92, 93, 94
- 298** *Competição entre o vento e o sol* [Contest of Wind and Sun]: 95, 96

CONTOS MARAVILHOSOS

- 300** *O vencedor do dragão* [The Dragon-Slayer]: 97
- 301B (AT)** *O Mama-na-Burra* [The Strong Man and his Companions]: 98, 99, 100
- 302** *A vida do ogre escondida num ovo* [The Ogre's Heart in the Egg]: 101
- 303** *A Torre da Má Hora* [The Twins or Blood-Brothers]: 102, 103, 104, 105
- 311B*** *O surrão que canta* [The Singing Bag]: 106
- 312** *O assassino de donzelas (Barba-Azul)* [Maiden-Killer (Bluebeard)]: 107, 108
- 327A** *O João e a Maria* [Hansel and Gretel]: 109, 110, 111, 112
- 327B** *Os irmãos e o gigante* [The Brothers and the Ogre]: 113, 114, 115
- 328** *O rapaz que rouba o tesouro do gigante* [The Boy Steals the Ogre's Treasure]: 116
- 328A** *O faveiro que chega ao céu* [Jack and the Beanstalk]: 117, 118, 119, 120
- 330** *O João Soldado* [The Smith and the Devil]: 121
- 330D (AT)** *A Ti' Miséria* [Bonhomme Misère]: 122, 123
- 330*** *(AT) Manhas para entrar no céu* [Heaven Entered by Trick]: 124
- 332** *A Morte madrinha* [Godfather Death]: 125
- 333** *O Capuchinho Vermelho* [Little Red Riding Hood]: 126
- 335** *Os mensageiros da Morte* [Death's Messengers]: 127, 128
- 425A** *O noivo animal* [The Animal Bridegroom]: 129, 130, 131, 132
- 430** *O burro* [The Donkey]: 133
- 470A** *O morto ofendido* [The Offended Skull]: 134
- 480** *A boa menina e a má menina* [The Kind and the Unkind Girls]: 135, 136, 137
- 480B (De-Te)** *A noite com o gato e o cão no castelo assombrado* [La nuit avec le chat ou le chien dans le château hanté]: 138
- 503** *As dádivas das bruxas* [The Gifts of the Little People]: 139
- 506*** *A profecia evitada* [Prophecy Escaped]: 140
- 510A** *A Gata Borralheira* [Cinderella]: 141, 142, 143, 144
- 510B** *A princesa Pele de Burro* [Peau d'Asne]: 145, 146, 147
- 511A (AT)** *O Touro Azul* [The Little Red Ox]: 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155
- 513A** *Seis companheiros vão correr mundo* [Six Go Through the World]: 246
- 514**** *A afilhada de Santo António* [A Young Woman Disguised as a Man is Wooed by the Queen]: 156, 157
- 530** *Os cavalos mágicos* [The Princess on the Glass Mountain]: 158
- 533A (Ca-Ch)** *Cavalo mágico salva a noiva do diabo*: 142
- 545B** *O Gato das Botas* [Puss in Boots]: 159
- 552** *As irmãs que casaram com animais* [The Girls Who Married Animals]: 160

- 563** *A mesa, o burro e o pau* [*The Table, the Donkey and the Stick*]: 117, 118, 120, 161, 162
- 563*A (Car-Co)** *As prendas do vento* : 163
- 570** *O pastor de coelhos* [*The Rabbit-Herd*]: 164
- 580** *Amado pelas mulheres* [*Beloved of Women*]: 165
- 593** *A planta / tosse mágica* [*Fiddevav*]: 166
- 653A** *A coisa mais rara do mundo* [*The Rarest Thing in the World*]: 167, 168
- 700** *O Bago (Grão) de Milho* [*Thumbling*]: 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176
- 707** *Os três meninos com uma estrela na testa* [*The Three Golden Children*]: 177, 178
- 709** *Branca de Neve* [*Snow White*]: 179
- 715** *O Pinto Calçado* [*Demi-cock*]: 180
- 718*** *Com Deus não se brinca* [*God Can't Take a Joke*]: 181, 182
- 720** *Minha mãe me matou, meu pai me comeu (o zimbros)* [*The Juniper Tree*]: 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190
- 729** *O machado de ouro da sereia* [*The Merman's Golden Axe*]: 191, 192
- 729A (Ca-Ch)** *As duas vizinhas e o Crepitus Ventris* : 193
- *746 (Boggs)** *O marido da bruxa* : 194

CONTOS RELIGIOSOS

- 750C** *Deus castiga uma mulher má* [*God Punishes a Bad Woman*]: 195
- 750E** *A fuga para o Egito* [*Flight to Egypt*]: 196, 197, 198
- 750I (Ca-Ch)** *Por que é que a mula não pode ter filhos* : 199
- 751E*** *O homem da Lua Cheia* [*The Man in the Moon*]: 200, 201, 202, 203
- 754** *O sapateiro feliz* [*Lucky Poverty*]: 204, 205
- 756D*** *Quem é o mais devoto?* [*Who is the More Devout?*]: 206, 207, 208, 209
- 759*** *A injusta morte da vaca da viúva* [*The Hospitable Widow's Cow Killed*]: 210
- 763** *Os ladrões que se matam uns aos outros* [*The Treasure Finders Who Murder One Another*]: 211
- 774C** *A lenda da ferradura* [*The Legend of the Horseshoe*]: 212
- 774P** *S. Pedro e as nozes* [*St. Peter and the Nuts*]: 213
- 774R (Ca-Ch)** *Nunca digas "desta água não beberei"* : 214
- 774U (Ca-Ch)** *S. Pedro e os cornos* : 215
- 779F*** *A missa dos mortos* [*Mass of the Dead*]: 216
- 780** *Toca, toca ó pastorinho* [*The Singing Bone*]: 217, 218
- 780B** *O figuinho da figueira* [*The Speaking Hair*]: 219
- 782** *O príncipe com orelhas de burro* [*Midas and the Donkey's Ears*]: 220

- 785A** *A galinha com uma pata só* [*The Goose with One Leg*]: 221
- 791** *Cristo e S. Pedro na pousada* [*Christ and St. Peter in Night-Lodgings*]: 222
- **807 (Haboucha)** *Ir para o Céu ou para o Inferno?* [*The Choice Between Heaven and Hell*]: 223
- 817*A (Car-Co)** *O cabreiro protegido por uma oração* : 224
- 821B** *Pintos nascidos de ovos cozidos* [*Chickens from Boiled Eggs*]: 225
- 823A*** *Salomão testa a castidade da mãe* [*A Mother Dies of Fright when she Learns that she Was About to Commit Incest with her Son*]: 226
- 825*A (Robe)** *As três fases do vinho* [*God Plants Vineyard*]: 227
- 828 (AT)** *O homem e os animais ajustam a duração das suas vidas* : 228
- 830B** *O semeador descortês* ["*My Crops Will Thrive Here without God's Blessing*"]: 229, 230
- 830C** *"Se Deus quiser"* ["*If God Wills*"]: 231
- 836** *Orgulho castigado* [*Pride is Punished*]: 232, 233
- 837** *"Quem faz mal para si o faz"* [*The Beggar's Bread*]: 234, 235, 236
- 839** *Um vício conduz aos demais* [*One Vice Carries Others with It*]: 237
- 841*A (Jason)** *A carta endereçada a Deus* [*Letter to God*]: 238
- 844** *A camisa da felicidade* [*The Luck-Bringing Shirt*]: 239

CONTOS REALISTAS (NOVELESCOS)

- 853** *O herói ganha a princesa respondendo-lhe à letra* [*The Hero Catches the Princess with Her Own Words*]: 240, 241, 242, 243, 244
- 853A** «Não!» ["*No!*"]: 245
- 857** *A pele de piolho* [*The Louse-Skin*]: 246
- 860** *O cesto de "Ais e Uis"* [*Nuts of "Ay, Ay, Ay!"*]: 241, 247
- 875B*** *História salva a esposa de ser morta* [*Storytelling Saves a Wife from Death*]: 248
- 882** *A aposta na castidade da esposa* [*The Wager on the Wife's Chastity*]: 249
- 883B** *O sedutor punido* [*The Punished Seducer*]: 250
- 884B* (AT)** *A Donzela Guerreira* [*The Girl Dressed as a Man Deceives the King*]: 251
- 898** *A Filha do Sol* [*The Daughter of the Sun*]: 252
- 900** *O bago de romã* [*King Thrushbeard*]: 253
- 901** *A fera amansada* [*Taming of the Shrew*]: 254, 255, 256
- 910B** *Os bons conselhos do patrão* [*The Observance of the Master's Precepts*]: 257
- 910E** *"Encontrarás o tesouro na nossa vinha"* ["*Find the Treasure in Our Vineyard!*"]: 258
- 910F** *Os irmãos desavindos e os sete vimes* [*The Quarreling Sons and the Bundle of Twigs*]: 259, 260
- 915** *Mais vale madrasta dura que mãe mole* [*All Depends on How You Take It*]: 261, 262, 263

- 921** *O rei e o filho do camponês* [*The King and the Farmer's Son*]: 264
- 921A** *A partilha do pão ou do dinheiro* [*The Sharing of Bread or Money*]: 265
- 921C*** *Os doutores e o burro da camponesa* [*Astronomer and Doctor at Farmer's House*]: 438
- 921D*** *Respostas engenhosas* [*Witty answers*]: 266
- 921F*** *Depenar os gansos* [*Plucking Geese*]: 267, 268
- 921J (Ca-Ch)** *Aprender até morrer* [*El rey Salomón aprende a llevar brasas sin quemarse*]: 269
- 922** *Frei João sem cuidados* [*The Shepherd Substituting for the Clergyman Answers the King's Questions*]: 270, 271, 272
- 922E (Ca-Ch)** *Com fome o pão sabe a mel* [*El Rey y el Guiso del Pastor*]: 273
- 923** *O Sabor do Sal* [*Love Like Salt*]: 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280
- 926** *Salomão e a verdadeira mãe* [*Judgement of Solomon*]: 281, 282
- 926C** *Sabedoria de Salomão* [*Cases Solved in a Manner Worthy of Solomon*]: 226
- 926D** *O juiz apropria-se do objecto em disputa* [*The Judge Appropriates the Object of Dispute*]: 283
- 935** *O regresso do Filho Pródigo* [*The Prodigal's Return*]: 284, 285
- 939A** *O filho morto ao regressar a casa* [*Killing the Returned Soldier*]: 286
- 956B** *Rapariga esperta sozinha em casa mata os ladrões* [*The Clever Maiden Alone at Home Kills the Robbers*]: 287
- 956D** *O ladrão escondido debaixo da cama* [*How a Young Woman Saves Herself When She Discovers a Robber under Her Bed*]: 288, 289, 290
- 969 (Ca-Ch)** *O Menino da Mata e o seu Cão Piloto*: 291, 292
- 980** *Filho és pai serás* [*The Ungrateful Son*]: 293, 294, 295

CONTOS DO GIGANTE (DIABO) ESTÚPIDO

- 1000** *Ganha quem não se zangar* [*Contest Not to Become Angry*]: 296
- 1004** *Porcos na lama* [*Hogs in the Mud; Sheep in the Air*]: 297, 298, 299
- 1011** *Arrancar o Pomar/ Vinha* [*Tearing Up the Orchard/Vineyard*]: 296
- 1036** *Ovelhas com um buraco debaixo da cauda* [*Hogs with Curly Tails*]: 300, 301, 420
- 1049** *A corda comprida* [*The Heavy Axe*]: 301
- 1062** *Arremesso de uma pedra* [*Throwing a Stone*]: 300
- 1063** *O burro no céu* [*Throwing a Club*]: 301, 420
- 1063A** *Competição de arremesso* [*Throwing Contest*]: 301
- 1085** *Fazendo um buraco na árvore* [*Making a Hole in a Tree*]: 226, 301
- 1142** *Remédio para o burro preguiçoso* [*How the Lazy Horse was Cured*]: 302, 303, 304

CONTOS JOCOSOS

- 1204* (AT)** *O trigo que foge* [*The Run-away Crop*]: 464
- **1205 (Haboucha)** *A morte do gato do tolo* [*Numskull's Cat Dies*]: 305
- 1210** *A vaca é levada para pastar no telhado* [*The Cow is Taken to the Roof to Graze*]: 306
- 1215** *O velho, o rapaz e o burro* [*The Miller, his Son, and the Donkey*]: 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 314
- 1230*** *A promessa da peregrina* [*The Pilgrimage Vow*]: 315, 316
- 1245** *Luz do sol levada num saco para dentro dum casa sem janelas* [*Sunlight Carried in a Bag into the Windowless House*]: 391
- 1453****** *A rapariga com flatos* [*The Flatulent Girl*]: 392, 393, 394
- 1457** *As manas tartamudas* [*The Lispng Maiden*]: 395, 396
- *1469 (Car-Co)** *Criando uma menina inocente*: 397
- 1476A** *Rezando à mãe de Jesus (Santo António)* [*Prayer to Christ Child's Mother*]: 398, 399
- 1485*** *Lábios bonitos* [*Pretty Lips*]: 400
- 1503*A (Noia)** *Confidências entre filha e mãe sobre a lua-de-mel*: 401
- *1524 (Car-Co)** *O traseiro que canta*: 402, 403, 404
- *1524B (Car-Co)** *Lar doce lar*: 405
- 1525E** *Os ladrões roubam-se uns aos outros* [*Thieves Steal from One Another*]: 406
- 1526*E (Car-Co)** *Como ganhar o pão de amanhã, fazendo hoje um mau trabalho*: 407
- 1528** *O pássaro debaixo do chapéu* [*Holding Down the Hat*]: 408, 409, 410
- 1529** *O ladrão transformado em burro* [*Thief as Donkey*]: 411
- 1538** *A vingança do homem enganado* [*The Revenge of the Cheated Man*]: 412, 413
- 1538*A (Jason)** *O segredo dito ao ouvido do burro* [*The Jewish Donkey*]: 414, 415, 416
- 1540A*** *O porco convidado para um casamento* [*Lady Sends Pig as Wedding Hostess*]: 417, 418
- 1541** *Para quando o Maio chegar* [*For the Long Winter*]: 361, 419
- 1541*B (Car-Co)** *Um criado chamado Pedro*: 420, 421, 422
- 1542**** *A honra da donzela* [*The Maiden's Honor*]: 423
- 1548** *A sopa de pedra* [*The Soup Stone*]: 424, 425, 426, 427
- **1552 (Hansen)** *"Nada, puta!"* [*"Su Magestad es Coja"*]: 428, 429
- 1558** *O convite é feito ao fato* [*Welcome to the Clothes*]: 430, 431
- 1562A** *O celeiro está a arder* [*"The Barn is burning!"*]: 266
- 1562C*** *O patrão farto* [*Miser Eats at Night*]: 296
- 1562F*** *A caça aos feijões* [*The Hunt for the Pea*]: 432
- 1563** *Ambas?* [*"Both?"*]: 297, 298, 299, 421, 422
- 1577**** *O cego é enganado* [*The Blind Man Tricked*]: 433, 434

- 1578A*** *A caneca de água* [*The Drinking Cup*]: 435, 436, 437, 438, 439, 440, 441, 442
- 1579** *Transportando o lobo, a cabra e a couve para a outra margem* [*Carrying Wolf, Goat and Cabbage across Stream*]: 443
- 1579**** *As cem pombas* [*A Hundred Animals*]: 444, 445
- **1588A (Haboucha)** *O barqueiro e o sábio* [*The Rabbi and the Ferryman*]: 446, 447
- 1620** *O rei vai nú!* [*The Emperor's New Clothes*]: 448, 449
- 1626** *Pão sonhado* [*Dream Bread*]: 450
- 1626*A (Car-Co)** *Poema sobre um lobo morto* : 451, 452
- 1628** *O filho culto e a linguagem esquecida* [*The Learned Son and the Forgotten Language*]: 400
- 1628*** *Falar em latim* [*So They Speak Latin*]: 453
- 1641** *Dom Grilo* [*Doctor Know-All*]: 454
- 1645** *O tesouro ao pé da porta* [*The Treasure at Home*]: 455, 456, 457, 458
- 1653** *Os ladrões debaixo da árvore* [*The Robbers under the Tree*]: 418, 459, 460, 461
- 1655** *A troca proveitosa* [*The Profitable Exchange*]: 462
- 1681B** *O tolo cuida da casa e dos animais* [*Fool as Custodian of Home and Animals*]: 463, 464, 472
- 1685** *O noivo tolo* [*The Foolish Bridegroom*]: 465
- 1685*C (Car-Co)** *O tolo suja a casa durante a noite* : 466
- 1686** *A noite de núpcias* [*The Wedding Night*]: 467
- 1687** *A palavra esquecida* [*The Forgotten Word*]: 468
- 1689** *Ainda bem que não foram melões* [*Thank God They Weren't Peaches*]: 469, 470
- 1689A** *Dois presentes oferecidos ao rei* [*Two Presents for the King*]: 471
- 1696** *O que é que eu devia ter dito (feito)?* [*"What Should I Have Said (Done)?"*]: 472, 473, 474
- 1698O (Gonz.)** *O lavrador finge-se surdo e come a lebre* : 475, 476, 477
- 1706*F (Car-Co)** *O bêbado e a sardinha* : 478, 479, 480
- **1709C (Hansen)** *O rabo do Bocage* [*Quevedo's Behind*]: 481
- 1717*** *A doença fina* [*The Fancy Ailment*]: 482, 483, 484
- *1719B (Robe)** *Dormindo com a avó* : 485
- 1730** *Os pretendentes encurralados* [*The Entrapped Suitors*]: 486
- 1730A* (AT)** *Tico-taco* [*Seducer Led into Pigsty*]: 487
- 1731** *O sedutor vestido de mulher* [*The Youth and the Pretty Shoes*]: 488
- 1733*C (Car-Co)** *O sapateiro, a mulher e o padre* : 489, 490
- 1735A** *A canção errada* [*The Wrong Song*]: 491
- 1739** *O padre e o vitelo* [*The Clergyman and the Calf*]: 492
- 1740B** *Ladrões como fantasmas* [*Thieves as Ghosts*]: 493

- 1741** *O padre e as perdizes* [*The Priest's Guest and the Eaten Chickens*]: 494
- 1775** *O hóspede esfomeado* [*The Hungry Clergyman*]: 495, 496, 497, 498
- 1776** *O padre e sua irmã são convidados para jantar* [*The Sexton Falls into the Brewing Vat*]: 364, 499
- 1777A*** *"Não se ouve nada!"* [*"I Can't Hear You"*]: 500, 501, 502, 503
- 1781** *O padre indica as suas amantes na procissão* [*Sexton's Own Wife Brings Her Offering*]: 504
- *1787C (Boggs)** *O sacristão veste-se de anjo* [*Sexton Takes Place of Statue of Christ*]: 505
- 1791** *O sacristão leva o padre às cavalitas* [*The Sexton Carries the Clergyman*]: 506
- 1794*B (Noia)** *Molhar o pão no azeite* : 507
- 1805*** *Os filhos do padre* [*The Clergyman's Children*]: 508
- 1806*** *Histórias de confissões* [*Tales of Confessions*]: 509
- 1807** *A confissão equívoca* [*The Equivocal Confession*]: 510, 511, 512
- 1829B* (AT)** *Homem disfarça-se de Cristo para seduzir uma beata* [*Man acts as Statue of Saint to enter Convent*]: 513, 514
- 1829*D (Robe)** *Um pedaço de madeira transforma-se numa imagem de santo* : 515
- 1831A*** *O tolo vai à missa* [*Inappropriate Actions in Church*]: 516
- 1832** *A reacção ao sermão do padre* [*The Sermon about the Rich Man*]: 517
- 1832F*** *Convite para o jantar* [*Invitation to Dinner*]: 518
- 1832S*** *Fazer um polícia de esterco* [*Church of Dung*]: 519, 520, 521, 522
- 1833** *"Somos todos irmãos!"* [*The Clergyman's Rhetorical Question Misunderstood*]: 523
- 1833E** *Cristo morreu* [*God is Dead*]: 524
- 1833H** *O milagre dos pães* [*The Large Loaves*]: 525
- 1843A** *A bicicleta roubada* [*The Stolen Bicycle*]: 526, 527
- 1862** *Anekdotes de médicos* [*Anecdotes about Doctors*]: 528
- 1862D** *A vaca com obstipação* [*The Constipated Cow*]: 529
- 1864** *Anekdotes de doidos* [*Anecdotes about Madmen*]: 530
- 1881** *O homem levado pelo ar pelos pássaros* [*The Man Carried through the Air by Geese*]: 531
- 1889** *Histórias de exageros* [*Münchhausen Tales*]: 532
- 1920H*** *Só se apago o candeeiro se...* [*Will Blow Out Lantern*]: 533
- 1940*E (Boggs)** *A viúva gulosa e o gato chamado Mundo* : 534
- 940*F (Boggs)** *O pranto da viúva* : 535
- 1948** *Demasiada conversa* [*Too Much Talk*]: 536, 537
- 1960** *O grande animal (homem) ou grande objecto* [*The Great Animal or Great Object*]: 358
- 1960D** *O enorme fruto (legume)* [*The Great Vegetable*]: 539, 540
- 1960F** *A grande panela* [*The Great Kettle*]: 540

CONTOS FORMULÍSTICOS

- 2012B (AT)** *As horas da vida* [*Life Story in Ten Hours*]: 541, 542, 543, 544, 545, 546, 547, 548, 549
- 2013** *Contos em círculo* ["*There Was Once a Woman; the Woman Had a Son*"]: 550, 551
- 2014** *Anfiguris ou encadeamentos que envolvem contradições ou extremos* [*Chains Involving Contradictions or Extremes*]: 552, 553, 554, 555, 556, 557
- 2015** *A cabra que não se queria ir embora* [*The Goat Who Would Not Go Home*]: 558, 559, 560, 561
- 2019*** *O casamento da galinha* [*Louse and Flea Wish to Marry*]: 562
- 2023** *A Carochinha* [*Little Ant Marries*]: 563, 564, 565, 566, 567, 568, 569
- 2030A (AT)** *O grão escondido* [*Ant Plants Chickpeas*]: 570, 571, 572, 573, 574, 575
- 2031** *O mais forte* [*Stronger and Strongest*]: 576, 577, 578, 579, 580, 581
- 2031C** *O ser mais poderoso para marido da filha* [*The Mightiest Being as Husband for the Daughter*]: 582
- 2032A (AT)** *Uma seda para coser o papo da comadre pêga* [*Toad Asks Magpie in Tree to Throw Down a Chestnut*]: 583
- 2034C** *O macaco de rabo cortado* [*Lending and Repaying: Progressively Worse (Better) Bargain*]: 584, 585, 586, 587, 588, 589, 590
- 2035** *A casa que o João construiu* [*The House that Jack Built*]: 591, 592, 593, 594
- 2043** *Qui qui ri qui* (*Tinglarim*) ["*Where is the Warehouse?*"]: 595, 596, 597, 598, 599
- *2050 (Car-Co)** *Como um cumprimento se transforma num insulto*: 600, 601
- 2200** *Contos armadilhados* [*Catch Tales*]: 602, 603
- 2271** *Histórias para arrelhar as crianças* [*Mock Stories for Children*]: 604, 605, 606
- 2275** *Histórias com expectativa de resposta* [*Trick Stories*]: 607
- 2300** *Contos sem fim* [*Endless Tales*]: 608

Índice de versões por Localidade

Cada **CONCELHO**, listado alfabeticamente, aparece seguido da indicação do (**Distrito**) ao qual pertence. Este procedimento mostra a distribuição geográfica das versões desta coletânea recolhidos ao longo do território português. As versões são identificadas pelo seu número de ordem na coletânea.

ABRANTES (Santarém): 8, 45, 76, 220, 270, 451, 493

ALBUFEIRA (Faro): 15, 21, 65, 72, 104, 105, 113, 132, 152, 153, 163, 168, 178, 184, 186, 196, 204, 208, 210, 212, 214, 215, 218, 239, 248, 252, 262, 269, 273, 276, 306, 319, 322, 340, 361, 375, 390, 392, 396, 400, 417, 431, 466, 472, 474, 485, 476, 497, 529, 536, 548, 559, 561, 573, 585, 587, 594

ALCOUTIM, (Faro): 300, 330, 349, 357, 409, 415

ALJUSTREL (Beja): 381, 382

ALMADA (Setúbal): 257, 577, 592

ALMODÔVAR (Beja): 58, 188, 314, 395, 593

AMARANTE (Porto): 90, 126, 258, 263, 334, 569

ANGRA DO HEROÍSMO (Ilha Terceira, Açores): 503, 546

ANSIÃO (Leiria): 372

ARRAIÓLOS (Évora): 290, 356, 440, 480, 534, 535

BEJA (Beja): 48, 166, 359, 366, 373, 484

CÂMARA DE LOBOS (Madeira): 368

CARREGAL DO SAL (Viseu): 209, 427

CASCAIS (Lisboa): 69, 289, 413

CASTRO DAIRE (Viseu): 8, 9, 14, 83, 194

CASTRO MARIM (Faro): 39, 121, 223, 230, 302, 320, 410, 432, 464, 470, 502

CASTRO VERDE (Beja): 499

COIMBRA (Coimbra): 133

CUBA (Beja): 578

ESTREMOZ (Évora): 575

ÉVORA (Évora): 34, 93, 179, 554, 566, 604

FARO (Faro): 13, 25, 38, 44, 54, 61, 66, 68, 70, 71, 75, 79, 84, 94, 96, 106, 108, 123, 136, 146, 151, 158, 159, 172, 191, 195, 205, 221, 259, 265, 286, 293, 294, 305, 310, 317, 318, 342, 378, 383, 394, 402, 404, 405, 426, 428, 449, 457, 461, 471, 488, 492, 521, 537, 538, 544, 549, 551, 558, 563, 571, 572, 574, 582, 584, 595, 603, 605

FERREIRA DO ALENTEJO (Beja): 435, 542

FUNCHAL (Madeira): 335, 391

FUNDÃO (Castelo Branco): 157, 296

GRÂNDOLA (Setúbal): 95

LAGOA (Faro): 86, 87, 192, 207, 307, 309, 331, 393, 443, 469, 567

LAGOS (Faro): 53, 85, 355, 452

LEIRIA (Leiria): 201, 271, 297, 364, 501, 510

LISBOA (Lisboa): 145, 251, 258, 403

LOULÉ (Faro): 3, 6, 7, 16, 19, 28, 30, 35, 37, 41, 43, 46, 63, 64, 73, 81, 82, 91, 103, 119, 122, 129, 135, 137, 138, 140, 142, 149, 161, 162, 164, 167, 170, 177, 183, 189, 190, 199, 200, 203, 206, 216, 231, 241, 245, 246, 254, 255, 277, 284, 291, 301, 303, 312, 324, 333, 350, 360, 371, 374, 377, 386, 407, 412, 419, 422, 430, 436, 439, 448, 458, 477, 489, 490, 491, 498, 505, 511, 514, 519, 524, 528, 545, 552, 553, 556, 583, 596, 606

MACEDO DE CAVALEIROS (Bragança): 541

MARVÃO (Portalegre): 155, 304, 328, 362, 418, 429, 445, 465, 522, 557

MÉRTOLA (Beja): 111, 112, 120, 131, 144, 176, 247, 256, 280, 282, 283, 292, 321, 336, 379, 387, 421, 441, 468, 532

MOGADOURO (Bragança): 264

MONCHIQUE (Faro): 26, 36, 482, 581

MONFORTE (Portalegre): 180

MOURA (Beja): 31, 32, 33, 42, 169, 240, 323, 339, 495, 526, 530

NISA (Portalegre): 125, 260, 308, 425

ÓBIDOS (Leiria): 576

ODEMIRA (Beja): 5, 47, 92, 98, 101, 150, 456, 560

OLHÃO (Faro): 17, 49, 51, 60, 88, 89, 114, 117, 134, 147, 154, 181, 197, 243, 249, 253, 261, 272, 274, 279, 281, 352, 363, 399, 406, 408, 450, 454, 460, 486, 487, 494, 506, 520, 533, 565, 570, 586, 591, 597

OURIQUE (Beja): 115, 116, 235, 299, 348, 589

PAMPILHOSA DA SERRA (Coimbra): 99

PONTE DE SÓR (Portalegre): 341

PORTALEGRE (Portalegre): 442

PORTEL (Évora): 397, 512, 523

PORTIMÃO (Faro): 141, 165, 219, 222, 244, 227, 388, 423, 459, 504, 513, 517, 527, 564

PORTO (Porto): 233, 507

S. BRÁS DE ALPORTEL (Faro): 20, 23, 347, 376, 411, 446, 462

SANTA COMBA DÃO (Viseu): 455

SANTARÉM (Santarém): 600

SÃO VICENTE DA BEIRA (Castelo Branco): 11, 453, 509, 516, 525, 607

SEIXAL (Setúbal): 414

SERPA (Beja): 62, 148, 234, 315, 338, 478, 483, 500

SETÚBAL (Setúbal): 77, 508, 608

SILVES (Faro): 10, 22, 29, 52, 80, 109, 139, 173, 185, 198, 227, 275, 298, 325, 329, 346, 351, 367, 370, 467, 531, 562, 579, 602

SINTRA (Lisboa): 543

SOUSEL (Portalegre): 24, 550

TAVIRA (Faro): 2, 40, 57, 59, 74, 110, 118, 124, 143, 187, 226, 311, 316, 332, 345, 354, 385, 389, 438, 447, 518

VIDIGUEIRA (Beja): 232, 475

VILA DO BISPO (Faro): 236

VILA DO CONDE (Porto): 97, 213, 540

VILA FRANCA DE XIRA (Lisboa): 1, 27, 128, 160, 228, 420, 444, 580

VILA NOVA DE FAMALICÃO (Braga): 285, 295, 599

VILA NOVA DE GAIA (Porto): 481

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO (Faro): 67, 130, 156, 171, 174, 182, 193, 202, 211, 224, 237, 242, 250, 267, 268, 288, 337, 344, 369, 398, 416, 463, 473, 479, 515, 588, 590, 598

Índice de informantes por local de recolha

DISTRITO DE BEJA

ALJUSTREL

José Sequeira, 69 anos, natural de Aljustrel, Beja, reformado da construção civil, 4.ª classe. **Rec:** em Aljustrel, Beja, a 22 de Novembro de 2008: 381, 382

ALMODÔVAR

Ana dos Ramos, 75 anos, natural de Gomes Aires, Almodôvar, Beja. **Rec:** em Almodôvar, Beja, a 3 de Novembro de 2007: 188, 395

Maria José, 84 anos, natural dos Cansados, Almodôvar, reformada. **Rec:** em Almodôvar, Beja, a 8 de Novembro de 2008: 58, 314

Maria Teresa Guerreiro, 61 anos, natural de Guedelhas, Almodôvar, Beja. **Rec:** em Almodôvar, Beja, a 3 de Novembro de 2007: 593

BEJA

Olívia Brissos, 78 anos, natural de Santa Vitória, Beja, reformada. **Rec:** em Beringel, Beja, a 23 de Abril de 2011: 48, 166, 359, 366, 373, 484

CASTRO VERDE

Sr. Norberto, 89 Anos, natural de Castro Verde. **Rec:** em Santa Bárbara dos Padrões, Castro Verde, Beja, a 7 de Janeiro de 2007: 499

CUBA

Rita Carneira, 78anos, natural de Cuba, Beja, 4.ªclasse, reformada. **Rec:** Cuba, Beja, em 2014: 578

FERREIRA DO ALENTEJO

Marcos Vilhena Bonito, 21 anos, natural de Faro, estudante. **Rec:** em Ferreira do Alentejo, Beja, a 13 de Fevereiro de 2003: 542

Maria Luísa Barroso, 83 anos. **Rec:** em Gasparões, Ferreira do Alentejo, Beja, a 22/12/2005: 435

MÉRTOLA

Adelaide Pires Martins, 56 anos, natural de Mértola, Beja, doméstica, 4.º ano. **Rec:** em Corte-Sines, Mértola, Beja, a 1 de Novembro de 2008: 282, 441

Ana Mestre, 42 anos, natural de Mértola, Beja, 6.º ano. **Rec:** em Corte-Sines, Mértola, Beja, a 24 de Dezembro de 2008: 283

António Manuel Marques, 82 anos, natural de Roncão do Meio, Mértola, Beja, trabalhador rural, sabe ler e escrever. **Rec:** em Mértola, Beja, a 2 de Fevereiro de 2003: 387

António Mendes Sequeira, 78 anos, natural de Mértola, Beja, 4.ª classe. **Rec:** em Mértola, Beja, a 17 de Novembro de 2005: 336

Conceição Maria Martins, 63 anos, natural de Moinhos de Vento, 4.ª classe. **Rec:** em Mértola, Beja, a 5 de Novembro de 2005: 112, 131

Cristina Rosa Mestre, 48 anos, natural de Mértola, Beja. **Rec:** em Corte-Sines, Mértola, Beja, a 26 de Dezembro de 2008: 120, 247, 468

Francisco Jacinto Mestre, 77 anos, natural da aldeia de Espragosa, S. Miguel do Pinheiro, Mértola, Beja, reformado, sabe ler e escrever. **Rec:** em Espragosa, Miguel do Pinheiro, Mértola, Beja, a 28/10/2006: 256, 321, 379, 532

Maria Guadalupe Mestre Valadas, 51 anos, natural de Mértola, Beja, doméstica, 6.º ano. **Rec:** em Corte-Sines, Mértola, Beja, a 25 de Dezembro de 2008: 111, 144, 176, 280, 292, 421

MOURA

Carlos, 36 anos, natural de Amareleja, Moura, Beja, G. N. R. **Rec:** em Amareleja, Moura, Beja, a 22 de Dezembro de 2005: 323, 526, 530

Edita Marvão, 44 anos, doméstica. **Rec:** Moura, Beja, em 2006: 33

Marcelino Leandro Botelho, 70 anos, natural da Amareleja, Moura, Beja, cabeleireiro, 4.ª classe. **Rec:** em Amareleja, Moura, Beja, a 22 de Dezembro de 2005: 31, 32, 42, 102, 169, 240, 495

Maria Teodora Guinapo Candeias, 67 anos, natural da Amareleja, Moura, Beja, doméstica, 4.ª Classe. **Rec:** em Amareleja, Moura, Beja, a 22 de Dezembro de 2005: 339

ODEMIRA

Augusto Joaquim Guerreiro, 82 anos, natural de Vale da Água, S. Teotónio, agricultor. **Rec:** em S. Teotónio, Odemira, Beja, a 23 de Julho, 2011: 101

Egilde Joaquina da Silva, 77 anos, de Santa Maria, Odemira, Beja, reformada, 4.ª classe. **Rec:** na Freguesia de Santa Maria, Odemira, Beja, a 4 de Janeiro de 2010: 5

Leonor Felício, 76 anos. **Rec:** em Almogrove, Odemira, Beja, a 5/11/2006: 98, 150

Mário Martins Custódio, 80 anos. **Rec:** em Delfeira, S. Teotónio, Odemira, Beja, a 15 de Julho 2011; 560

Natércia Maria da Silva, 51 anos, Casanova da Cruz. **Rec:** em Casanova da Cruz, Odemira, Beja, a 25 de Julho 2011: 456

OURIQUE

Inácia Pacheco Maria Martins, 72 anos, natural de Sabóia, reformada, 4.º ano. **Rec:** em Sabóia, Ourique, Beja, a 20 de Dezembro de 2009: 348

Joaquina Dias, 65 anos, natural de Beja, reformada. **Rec:** em Santa Luzia, Ourique, Beja, a 12 de Outubro de 2008: 235, 589

Maria de Assunção Rodrigues, 66 anos, natural de Ourique, Beja, reformada. **Rec:** em Ourique, Beja, em 2009-2010: 115, 116, 299

SERPA

Ana Maria de Sousa, 55 anos, natural do Funchal, Madeira, doméstica, 4.ª classe. **Rec:** em Vale de Vargo, Serpa, Beja, a 12-09-2005: 315, 338, 478, 483, 500

Ângela Maria Soares Valadas, 21 anos, natural de Vila Nova de S. Bento, estudante do Curso de Ciências da Educação e da Formação. **Rec:** em Vila Nova S. Bento, Serpa, Beja, a 16-12-2005: 234

Guadalupe Batata, 42 anos, natural de Serpa, licenciada em Educação de Infância. **Rec:** em Vila Nova S. Bento, Serpa, Beja, a 28-10-2005: 62, 148

VIDIGUEIRA

António José Pilrito, 60 anos, natural de Vila de Frades, Vidigueira, Beja, soldador. **Rec:** em Vila de Frades, Vidigueira, Beja, a 2 de Junho de 2006: 475

Maria Luísa Bataca Covas Lúcio, de 48 anos, natural de Vidigueira, Beja, licenciada em línguas e literatura moderna na variante de Inglês/ Alemão. **Rec:** na Vidigueira, Beja, a 3 de Junho 2006: 232

DISTRITO DE BRAGA

VILA NOVA DE FAMALICÃO

José Pereira Aleixo, 31 anos, natural de Montalegre, Vila Real, guarda da GNR, 12.º ano. **Rec:** em Vale de São Martinho, V. N. de Famalicão, Braga, a 1 de Janeiro de 2012: 285, 295

Maria da Conceição Ferreira Faria, 61 anos, natural de Vale São Martinho, Vila Nova de Famalicão, operária têxtil aposentada, 4.ª classe. **Rec:** Vale São Martinho, Vila Nova de Famalicão, Braga, 30 de Dezembro de 2011: 599

DISTRITO DE BRAGANÇA

MACEDO DE CAVALEIROS

Ana Isabel Ledesma Fernandes, 19 anos, natural de Macedo de Cavaleiros, Bragança, estudante. **Rec:** em Macedo de Cavaleiros, Bragança, a 3 de Janeiro de 2003: 541

MOGADOURO

Maria Celeste Longo, 74 anos, doméstica. **Rec:** em Meirinhos, Mogadouro, Bragança, a 24 de Dezembro de 2009: 264

DISTRITO DE CASTELO BRANCO

FUNDÃO

António São Martinho, natural da Barroca, Fundão, Covilhã. **Rec:** ao telefone, de Barroca, Fundão, Covilhã, Castelo Branco, em 2007: 157, 296

SÃO VICENTE DA BEIRA

Andreia Duarte, 35 anos, socióloga. **Rec:** em Ninho do Açor, São Vicente da Beira, Castelo Branco, a 3 de Janeiro de 2010: 11, 509, 516

Ascensão Pires, 47 anos, natural de Castelo Branco, doméstica, 9.º ano. **Rec:** em Ninho do Açor, São Vicente da Beira, Castelo Branco, a 4 de Fevereiro de 2010: 607

Sandra Pires, 26 anos, natural de Castelo Branco, estudante. **Rec:** em Ninho do Açor, São Vicente da Beira, Castelo Branco, a 16 de Janeiro de 2010: 453, 525

DISTRITO DE COIMBRA

PAMPILHOSA DA SERRA

Etelvino Fernandes, 70 anos, natural de Dornelas, Pampilhosa da Serra, reformado da mina, 3.ª classe. **Rec:** em Dornelas, Pampilhosa da Serra, Coimbra, a 30/ 10/ 2007: 99

COIMBRA

Vanessa Costa, 22 anos, natural de Coimbra, animadora sociocultural, licenciada. **Rec:** em Eiras, Coimbra, a 18 de Dezembro de 2007: 132

DISTRITO DE ÉVORA

ARRAIOLOS

Ana Maria Estemeha, 77 anos, natural de Arraiolos, costureira, 3.ª classe. **Rec:** em Arraiolos, Évora, a 27 de Fevereiro de 2010: 356, 534, 535

Maria Luísa Correia, 54 anos, natural de Arraiolos, doméstica, 6.º ano. **Rec:** em Arraiolos, Évora, a 27 de Fevereiro de 2010: 480

Raquel Correia, 24 anos, natural de Évora, estudante. **Rec:** em Arraiolos, Évora, a 18 de Janeiro de 2010: 290, 440

ESTREMOZ

Márcia Cabaços, 23 anos, natural de Évora, estudante universitária. **Rec:** em Estremoz, Évora, a 20/12/2017: 575

ÉVORA

Daniel Joaquim Casimiro, 81 anos, natural de Évora. **Rec:** em Évora, a 11 de Novembro de 2006: 604

João Elário Moda, natural de Évora. **Rec:** em Évora, a 11 de Novembro de 2006: 554

Josefina Rosa, 52 anos, natural de Évora, licenciatura. **Rec:** em Évora, a 23 de Dezembro de 2006: 34, 93

Paulo, 11 anos, natural de Évora. **Rec:** em Évora, a 26 de Dezembro de 2006: 566

Vânia Rosado, 25 anos, natural de Évora, licenciatura. **Rec:** em Évora, a 20 de Dezembro de 2006: 179

PORTEL

Carmelinda Maria Alfacinha Fernandes, 54 anos, natural de S. Bartolomeu do Outeiro, Évora, reformada, 4.º ano. **Rec:** em S. Bartolomeu do Outeiro, Portel, Évora, a 1 de Dezembro de 2009: 397, 512, 523

DISTRITO DE FARO

ALBUFEIRA

Amélia Amores Maria, 69 anos, reformada, 1.ª classe. **Rec:** em Patã de Baixo, Albufeira, Faro, a 25 de Novembro de 2007: 104, 208, 214, 215, 239, 248, 262, 269, 273, 319, 322, 396, 400, 417, 431, 536

Arsénio da Silva, 54 anos, natural de Braga, trolha. **Rec:** em Albufeira, Faro, a 6 de Janeiro, 2008: 485

Carina Rodrigues Pacheco, 12 anos, natural de Ferreiras, Albufeira, estudante, 7.º ano. **Rec:** em Albufeira, Faro, a 1 de Novembro de 2009: 72, 548, 573

Carlos Franco, 27 anos, natural de Faro, arquitecto, licenciatura. **Rec:** em Albufeira, Faro, a 8 de Janeiro, 2008: 65

Célia Pereira, 53 anos, natural de Lagos, Faro, balconista, 9.º ano. **Rec:** em Albufeira, Faro, a 20 de Novembro de 2016: 21, 196, 559

Donatilia Carvalho, 54 anos, natural da Guia, Albufeira, Faro. **Rec:** em Albufeira, Faro, a 22 de Outubro de 2007: 340, 361

Elisa Lopes, 37 anos, professora do 3.º ciclo do ensino básico. **Rec:** Albufeira, Faro, em 2012: 497

Fernanda Maria Rodrigues, 44 anos, natural de Sabóia, empregada de andares, 9.º ano. **Rec:** em Albufeira, Faro, a 1 de Novembro de 2009: 474

Ilda de Ramos Arvela, 83 anos, natural do Cerro do Malpique, Albufeira, analfabeta. **Rec:** em Albufeira, Faro, a 16/10/2006: 375

Isaura de Jesus Martins, 86 anos, natural da Cabanita, Paderne, Albufeira, Faro, reformada, sabe ler e escrever. **Rec:** em Paderne, Albufeira, Faro, a 21-10-2007: 105, 132, 153, 168, 178, 186, 252, 276, 466, 496, 587

Lurdes Monteiro; 69 anos, natural de Meda, Guarda, empregada de limpeza, 2.ª classe. **Rec:** em Albufeira, Faro, a 3 de Dezembro de 2016: 212

Maria Alice Mendes Gonçalves, 71 anos, natural de Algoz, agricultora e costureira. **Rec:** em Paderne, Albufeira, Faro, a 19 de Dezembro, 2007: 390

Maria Clementina, 60 anos. **Rec:** em Albufeira, Faro, a 31 de Dezembro de 2010: 561

Maria Dias, 52 anos, 6.ª classe. **Rec:** em Albufeira, Faro, a 7 de Janeiro de 2008: 210, 246, 255

Maria do Carmo Neves, 70 anos, natural de Paderne, agricultora reformada, 4.ª classe. **Rec:** no Purgatório, Albufeira, Faro, a 30 de Janeiro de 2008: 163

Maria José, 74 anos, professora. **Rec:** em Albufeira, Faro, a 27 de Dezembro de 2010: 204, 585

- Maria Juliana Arvela**, 87 anos, natural de Albufeira, sabe ler. **Rec:** nos Caliços, Albufeira, Faro, a 17/10/2006: 152, 218
- Pedro Maria Jacinto**, 48 anos, natural de Faro, dono de café, 9.º ano. **Rec:** em Albufeira, Faro, a 6 de Janeiro, 2008: 529
- Silvia Serápio**, 41 anos, natural de Albufeira, licenciatura. **Rec:** nos Caliços, Albufeira, Faro, a 1/11/2006: 15, 184
- Tomás Silva**, 18 anos, 12.º ano. **Rec:** em Patã de Baixo, Albufeira, Faro, a 7 de Janeiro de 2008: 594
- Vitória Jacinta Dias Pereira**, 84 anos, natural de Patã de Baixo. **Rec:** em Albufeira, Faro, a 7 de Janeiro, 2008: 392

ALCOUTIM

- Cristóvão Custódio**, 18 anos, natural de Portimão, estudante universitário. **Rec:** em Martinlongo, Alcoutim, Faro, a 20 de Outubro de 2006: 415
- Francisco Peleja**, 87 anos, natural de Clarines, Alcoutim, Faro, frequentou a primeira classe antiga. **Rec:** em Clarines, Alcoutim, Faro, a 18/12/2004: 349
- Jorge Pedro**, 42 anos, natural do Pessegueiro, Martinlongo, agricultor, 9.º ano. **Rec:** em Martinlongo, Alcoutim, Faro, no dia 20 de Outubro de 2006: 300, 357, 409
- Paulo**, 15 anos, natural de Faro, estudante. **Rec:** em Barroso, Alcoutim, Faro, a 21 de Outubro de 2006: 330

CASTRO MARIM

- Anália Maria**, 92 anos, natural de Montegordo, V.R.S.A., Faro, aposentada, analfabeta. **Rec:** em Castro Marim, Faro, a 13 de Dezembro de 2009: 121, 230
- Gilberto Martins Teixeira**, 74 anos, natural de Fonte Judeu, agricultor, 4.ª classe. **Rec:** em Fonte Judeu, Castro Marim, Faro, em 2007-2008: 39, 320
- Isilda Martins**, 52 anos, natural de Martinlongo. **Rec:** no Azinhal, Castro Marim, Faro, a 20 de Dezembro de 2005: 464
- Maria Fernanda Bonança Saloio**, 75 anos, natural de Castro Marim, reformada, analfabeta. **Rec:** em Castro Marim, Faro, a 21 de Outubro de 2006: 410, 332
- Nelson Pereira**, 31 anos, natural do Beliche, Castro Marim, Faro, condutor de máquinas agrícolas. **Rec:** no Beliche, Castro Marim, Faro, a 3 de Novembro de 2007: 223, 470, 502
- Válter Afonso**, 37 anos, natural de Fonte do Judeu Morto, Castro Marim, Faro, empregado de mesa, 4.ª classe. **Rec:** em Castro Marim, Faro, a 15 de Novembro de 2013: 302

FARO

- Adriana Tavares**, 19 anos, natural de Vilamoura, estudante. **Rec:** em Faro, a 03/01/2011: 221
- Alunos do ATL Flamingsos.** **Rec:** no Montenegro, Faro, a 2 de Novembro de 2007: 107
- Ana Abrantes**, 19 anos, natural de Viseu, estudante. **Rec:** em Gambelas, Montenegro, Faro, a 11 de Dezembro de 2010: 547
- André Miguel da Palma Pires**, 23 anos, natural de Castro Marim, Faro, estudante universitário. **Rec:** em Faro, a 8 de Novembro de 2017: 394, 404

- Andreia Paquete**, 20 anos, natural de Faro, estudante. **Rec:** em Faro, a 30 de Novembro de 2008: 136
- Carla Cunha**, 38 anos, natural de Faro, professora, pós-graduação. **Rec:** em Faro, a 11 de Novembro de 2012: 158
- Cristina Viegas**, trabalha na biblioteca da Universidade do Algarve. **Rec:** em Faro, a 12/12/2017: 68
- Daniela Alexandra da Silva Fernandes**, 21 anos, natural de Vila Nova de Santo André, Santiago do Cacém, Beja, estudante universitária. **Rec:** em Faro, a 12 de Novembro de 2017: 96
- Daniela Fernandes**, 20 anos, estudante universitária. **Rec:** em Faro, a 23 de Novembro de 2017: 603
- Débora**, 22 anos, estudante de Ciências da Comunicação. **Rec:** em Faro, no dia 18-04-2007: 457
- Dilar da Conceição Gomes**, 70 anos, natural de Ferreira do Alentejo, Beja. **Rec:** em Faro, 2005: 305
- Gabriel Dionel**, 21 anos, natural de Beja, estudante; e **Mónica Duarte**, 20 anos, natural de Évora, estudante. **Rec:** em Faro, a 3 de Dezembro de 2017: 549
- Gonçalo Lourenço**, 20 anos, natural de Lisboa, estudante. **Rec:** em Gambelas, Montenegro, Faro, a 10 de Dezembro de 2010: 266
- Graça Bernardo**, 42 anos, educadora de infância. **Rec:** em Faro, a 8/11/2006: 146, 151
- Helena Correia**, 48 anos, natural de Faro, 12.º ano. **Rec:** em Faro, a 25/11/2014: 44, 191, 558, 584
- Hugo Emanuel Sales Pinto**, 27 anos, natural de Santiago do Cacém, licenciado em Economia, residente em Olhão. **Rec:** em Faro, a 13/10/2007: 293
- Ilda Pirralho**, 54 anos, natural de Moura, Beja. **Rec:** em Faro, a 3 de Janeiro de 2008: 428, 492
- Jacinta**, 50 Anos, natural de Aivados, Ourique. Tem o 5.º ano de escolaridade e é auxiliar de Acção Médica. Mora em Olhão. **Rec:** no Hospital Distrital de Faro, a 21-10-2005: 229
- Jéssica Viana**, 20 anos, estudante universitária. **Rec:** em Faro, a 21 de Novembro de 2017: 108
- Justina Pacheco**, 45 anos, instrutor numa escola de condução, curso técnico. **Rec:** em Faro, a 11 de Janeiro de 2010: 84
- Leandro Carromba**, 71 anos, reformado, 4.ª classe. **Rec:** em Faro, a 2/11/2006: 378
- Lina Maria Guerreiro Jorge**, 51 anos, reside no Vale da Venda, Faro, trabalha na Residência Universitária de Gambelas. **Rec:** em Faro, a 21 de Março de 2015: 38
- Lúcia Cristino**, 23 anos, estudante universitária. **Rec:** em Faro, a 23 de Novembro de 2017: 461
- Lúcia Peixoto**, 20 anos, natural de Ponteira, Montalegre, Vila Real, estudante do 3.º ano de Biologia Marinha e Pescas. **Rec:** em Faro, a 21-12-2005: 61, 488
- Luís**, 27 anos, natural de Faro. **Rec:** em Faro, a 25/10/2007: 75
- Marco Miguel Silva Pereira**, natural de Faro, estudante, 9.º ano. **Rec:** em Faro, a 3 de Novembro de 2008: 342
- Maria Antónia Madeira Costa**, 84 anos, natural de Odeleite, Castro Marim, Faro, bordadeira, 4.ª classe. **Rec:** em Faro, a 11-12-2007: 66, 70
- Maria da Encarnação Branquinho**, 57 anos, natural da Alcaria dos Javazes, Mértola, Beja, comerciante, 4.ª classe. **Rec:** em Faro, a 18/12/05: 563

- Maria da Gloria Sousa**, 70 anos, natural de Castro Marim, professora reformada, licenciatura. **Rec:** em Faro, a 8 de Janeiro de 2010: 426
- Maria de Jesus Batista**, natural de Santana de Cambas, Mértola, Beja. **Rec:** em Faro, a 3 de Janeiro de 2012: 195
- Maria Ferreira Ildfonso**, 50 anos, natural de Dogueno, Santa Cruz, Almodôvar, Beja, doméstica, 12.º ano. **Rec:** em Faro, a 28-12-2007: 54, 205
- Maria Filomena Cajada**, 49 anos, professora, licenciada em História. **Rec:** em Faro, em 2008: 71, 601
- Maria José Alves Romão**, 71 anos, natural de S. Bartolomeu de Messines, Silves, Faro, reformada, 4.ª classe. **Rec:** em Faro, a 3 de Janeiro de 2007: 172, 265, 318, 471
- Mariana Isidro**, 9 anos, natural de Faro, 4.º ano. **Rec:** em Faro, a 14 de Dezembro de 2008: 159
- Mariana Mendes da Luz**, 19 anos, estudante universitário. **Rec:** em Faro, a 16/01/2008: 574
- Marisa Pires**, 21 anos, natural do Barreiro, Setúbal, estudante. **Rec:** em Faro, a 22/10/2006: 13
- Natália**, 79 anos, natural do Montenegro, Faro, reformada (costureira). **Rec:** no Montenegro, Faro, a 29-12-2007: 225
- Otto Michael Pereira**, 24 anos, músico, licenciado. **Rec:** em Faro, a 26/12/2007: 538, 582
- Patrícia Inácio**, 22 anos, natural de Lagos, psicóloga, licenciada. **Rec:** em Gambelas, Faro, a 15 de Novembro de 2007: 100
- Pedro Gomes**, 25 anos, natural do Brasil, estudante universitário. **Rec:** em Faro, a 22 de Dezembro de 2008: 259
- Raquel Marques**, 19 anos, natural de Évora. **Rec:** em Faro, a 15 de Dezembro de 2006: 551, 571, 605
- Ricardo Catarro**, natural de Évora, estudante, 12.º ano. **Rec:** em Faro, a 20/12/2005: 123
- Ricardo Inácio Domingos**, 44 anos, natural de S. Teotónio, Odemira, Beja, carregador de malas, 4.º ano. **Rec:** em Faro, a 08/11/2006: 521
- Ricardo Pires**, 25 anos, natural de Serpa, Beja, licenciado em engenharia civil. **Rec:** em Faro, a Novembro de 2016: 317, 383, 539
- Rosália Cristina**, 42 anos, natural de Alcoutim, empregada de comércio. **Rec:** em Faro, a 18/10/2007: 25, 310
- Sandra Mota**, 19 anos, natural do Porto, estudante de Gestão de Empresas. **Rec:** em Faro, a 23 de Novembro de 2009: 286
- Sérgio Matias**, natural do Porto, 33 anos, profissão: agente de compras. **Rec:** em Faro, a 7 de Janeiro de 2005: 595
- Sónia Cristina Ildfonso Rodrigues**, 26 anos, natural de Santiago Maior, Beja, estudante. **Rec:** em Faro, a 23/02/2008: 106
- Sónia e Tatiana**, 17 e 18 anos, Sónia natural de Faro, e Tatiana natural do concelho de Ourém, Leiria, estudantes de Enfermagem. **Rec:** em Faro, a 22 de Novembro de 2007: 94
- Sónia**, 17 anos, natural de Faro, estudante de Enfermagem. **Rec:** em Faro, a 22 de Novembro de 2007: 572

- Soraia Cristina Gonçalves Manuel**, 19 anos, natural de Bela-Curral, Faro, estudante. **Rec:** em Faro, a 8 de Janeiro de 2010: 79
- Soraia Cristina Gonçalves Manuel**, 19 anos, natural de Bela-Curral, Faro, estudante. **Rec:** em Faro, a 8 de Janeiro de 2010: 449
- Tatiana Catarina da Silva Ramos**, 18 anos, natural de Pombal, Leiria, estudante universitária. **Rec:** em Faro, a 03/11/2006: 544
- Vanessa Santos**, 19 anos, natural de Portimão, Faro, estudante. **Rec:** em Faro, a 4 de Janeiro de 2011: 294
- LAGOA**
- Chico Belarmino**, natural de Mangualde, Viseu. **Rec:** em Lagoa, Faro, a 21 de Novembro de 2010: 307
- Diogo Sousa**, 17 anos, natural de Lagoa, Faro, estudante, 11.º ano. **Rec:** em Porches, Lagoa, Faro, a 19/10/07: 433
- Filomena**, 48 anos. **Rec:** em Lagoa, Faro, a 2 de Dezembro 2006: 192
- Isabel Encarnação Correia**, natural de Lagoa, Faro. **Rec:** em Lagoa, Faro, a 21 de Novembro de 2010: 207, 469
- Luísa Maria das Dores Vaz Borralho**, 47 anos, natural de Silves, Faro. **Rec:** em Lagoa, Faro, no dia 1 de Novembro de 2006: 309, 443
- Luísa Maria Lamim Encarnação Penela**, 51 anos, natural de Lagoa, Faro, guarda-livros, 9.º ano. **Rec:** em Lagoa, Faro, a 27 de Outubro de 2007: 87, 393, 567
- Maria Guia**, 53 anos, natural de Alfanzina, Lagoa, Faro, empregada de escritório. **Rec:** em Lagoa, Faro, a 21 de Outubro de 2007: 86
- Vítor Manuel da Silva Borralho**, 47 anos, natural da Arrentela, Seixal, serralheiro. **Rec:** em Lagoa, Faro, no dia 1 de Novembro de 2006: 331
- LAGOS**
- Fernanda Castelo**, 50 anos, natural de Lagos, Faro, doméstica, 9.º ano. **Rec:** em Odiáxere, Lagos, Faro, a 4 de Novembro de 2006: 355
- Francisca**, 64 anos, natural de Marmeleite, Monchique, Faro. **Rec:** em Odiáxere, Lagos, Faro, a 20/10/2007: 53
- Lina Nascimento**, 47 anos, educadora de infância. **Rec:** em Lagos, Faro, a 09-01-2011: 85
- Maria Augusta**, 68 anos, natural de Marmeleite, Monchique, Faro, analfabeta. **Rec:** em Odiáxere, Lagos, Faro, a 20/10/2007: 452
- LOULÉ**
- Adélia Gago Rosa**, 73 anos, 4.º ano. **Rec:** em Nora de Apra, Loulé, Faro, a 16 de Outubro de 2008: 28, 64, 231, 245, 312, 333
- Almerinda Cavaco Martins**, 50 anos, natural de Freixo Seco de Cima, Salir, Loulé, Faro, 4.ª classe, doméstica. **Rec:** na Cortinhola, Loulé, Faro, a 17-11-2005: 135, 140

- Ana Bela**, 40 anos, natural de Salir, Loulé, Faro, educadora de infância. **Rec:** em Loulé, Faro, a 26 de Novembro de 2010: 46
- Ana Mestre**, 42 anos, natural de Mértola, Beja, 6.º ano. **Rec:** no Esteval, Loulé, Faro, a 23 de Outubro de 2008: 3, 583
- Artur Mendes Ascenso**, 82 anos, natural de Vale-Judeu, Loulé, Faro. **Rec:** em Boliqueime, Loulé, Faro, a 1 de Dezembro de 2005: 164, 177
- Beatriz Olinda Teixeira**, 83 anos, natural do Pessegueiro, Martinlongo, Alcoutim, Faro, doméstica e trabalhadora rural reformada, sabe ler e escrever. **Rec:** em Loulé, Faro, a 22/11/09: 138, 161, 168, 190
- Bertília Nunes Morgado**, 72 anos, natural de Quarteira, Loulé, Faro, reformada, 4.ª classe. **Rec:** em Quarteira, Loulé, Faro, a 13/10/2007: 216
- Cátia Alexandra Camões Zeverino**, 18 anos, natural de Faro, estudante universitária. **Rec:** em Almancil, Loulé, Faro, em 2006: 303, 360
- Cíntia Palma Madeira**, 9 anos, natural de Vale-Judeu, Loulé, Faro, 4.º ano. **Rec:** Vale-Judeu, Loulé, Faro, a 9 de Novembro de 2005: 91
- Elsa de Fátima Nóbrega Lopes Rey**, 32 anos, natural de Lisboa, estudante. **Rec:** em Benafim, Loulé, Faro, a 1 de Dezembro de 2010: 119
- Filomena Pinto**, 75 anos, natural de Monchique, doméstica, 2.º ano. **Rec:** em Loulé, Faro, a 4 de Janeiro de 2012: 606
- Francelina Lopes Pires**, 68 anos, natural de Quarteira, Loulé, Faro, reformada. **Rec:** em Quarteira, Loulé, Faro, a 5 de Novembro de 2005: 41
- Gabriel Palma**, 53 anos, natural de Faro, residente em Salir, Loulé, Faro, desempregado. **Rec:** na Cortinhola, Benafim, Loulé, Faro, a 1 de Dezembro de 2010: 324
- Guilhermina Moreira Miranda**, 84 anos, natural de Belmonte, Castelo Branco, reformada, sabe ler e escrever. **Rec:** em Quarteira, Loulé, Faro, a 13/10/2007: 458, 596
- Isabel Nogueira Mendes**, 82 anos, natural do sítio da Quintã, Salir, Loulé, Faro, doméstica e trabalhadora rural reformada, 3.ª classe. **Rec:** em Quintã, Salir, Loulé, Faro, a 05/11/09: 6, 82, 137, 162, 422
- Isilda Maria Revés Guerreiro**, 65 anos, natural da Cortinhola, Benafim, Loulé, Faro, 3.ª classe, reformada. **Rec:** na Cortinhola, Benafim, Loulé, Faro, a 16-11-2005: 430, 436, 491, 498, 514, 519
- João da Palma Jacinto**, 75 anos, natural de Freixo Seco de Cima, Loulé, Faro, vende tremoços, sabe ler e escrever. **Rec:** em Freixo Seco de Cima, Loulé, Faro, a 18 de Novembro de 2005: 142
- Laurinda**, 67 anos, natural de Quarteira, Loulé, Faro, reformada, sabe ler e escrever. **Rec:** em Quarteira, Loulé, Faro, a 24/10/2007: 189
- Leonardo Viegas**, 69 anos, natural Benafim, Loulé, Faro, foi músico cego, analfabeto. **Rec:** em Salir, Loulé, Faro, a 03/12/10: 556
- Libânia Pinto**, 60 anos, natural de Quarteira, Loulé, Faro, professora aposentada do Primeiro Ciclo do Ensino Básico. **Rec:** em Loulé, Faro, a 12/07/2011: 183, 386

- Manuel de Sousa Silva**, 84 anos, natural da Picota, Parragil, Loulé, Faro, reformado. **Rec:** na Picota, Parragil, Loulé, Faro, a 3-1-2008: 277, 371, 505, 511
- Mara Andreia Diogo Herequechand**, 25 anos, natural de Moçambique, esteticista, 12.º ano. **Rec:** em Quarteira, Loulé, Faro, a 5 de Janeiro de 2008: 545
- Maria Assunção Roses Jeremias**, 77 anos, natural de Quarteira, Loulé, Faro, doméstica, 3.ª classe. **Rec:** em Quarteira, Loulé, Faro, a 26 de Novembro de 2007: 37, 284
- Maria de Fátima de Sousa Almeida Lopes**, 57 anos, natural de Almancil, Loulé, Faro, professora aposentada do Primeiro Ciclo do Ensino Básico. **Rec:** em Loulé, Faro, a 20/03/2011: 199, 200
- Maria de Fátima de Vasconcelos Quadros Abragão Lopes Correia**, natural de Lisboa, 48 anos, assistente técnica, 12.º ano. **Rec:** em Loulé, Faro, a 6/12/2013: 448
- Maria de Fátima Rodrigues Pinto Guerreiro**, 35 anos, natural de Alfarrobeira, Loulé, Faro, animadora cultural, 12.º ano. **Rec:** em Loulé, Faro, a 3 de Maio de 2009: 203
- Maria de Jesus**, 55 anos, natural de Freixo Seco de Cima, Loulé, Faro, cozinheira, 4.ª classe. **Rec:** em Freixo Seco de Cima, Loulé, Faro, a 14-11-2005: 43, 73, 103, 170, 206, 301, 374, 412
- Maria Estêvão Cavaco**, 75 anos, natural de Freixo Seco de Cima, Loulé, Faro, 3.ª classe, reformada. **Rec:** em Freixo Seco de Cima, Loulé, Faro, a 14-11-2005: 7, 19, 129, 149, 254, 291, 350
- Maria Graciete Guerreiro Martins**, 59 anos, natural de Nave dos Cordeiros, Benafim, Loulé, Faro, doméstica. **Rec:** em Benafim, Loulé, Faro, a 7 de Novembro de 2006: 490
- Maria Júlia Guerreiro**, 88 anos, natural de Benafim, Alte, Loulé, Faro, analfabeta. **Rec:** em Loulé, Faro, a 20 de Novembro de 2013: 552, 553
- Maria Martins Gonçalves**, 93 anos, natural da Picota, Parragil, Loulé, Faro, reformada. **Rec:** na Picota, Parragil, Loulé, Faro, a 3-1-2008: 439
- Maria Pires Mendonça**, 76 anos, natural de Almancil, Loulé, Faro, costureira, 2.º ano do liceu. **Rec:** em Almancil, Loulé, Faro, em 2006: 241, 377, 407, 489, 524, 528
- Natividade**, 40 anos, natural de Montargil, Ponte Soure, Portalegre, 9.º ano. **Rec:** na Goncinha, Loulé, Faro, a 24 de Janeiro de 2008: 477
- Ricardo Manuel Ferreira Mendonça**, 30 anos, natural do Canadá. **Rec:** em Quarteira, Loulé, Faro, a 21/03/2011: 122
- Sandra Madeira**, 20 anos, natural de Genebra (Suíça), estudante. **Rec:** em Quarteira, Loulé, Faro, a 9 de Dezembro de 2005: 30, 81
- Serafina da Conceição Martins**, 80 anos, natural de Freixo Seco de Baixo, Loulé, Faro, reformada, analfabeta. **Rec:** em Freixo Seco de Cima, Loulé, Faro, a 14-11-2005: 16, 35
- Tânia Dias**, 24 anos, natural de Albufeira, educadora de infância, licenciatura. **Rec:** na Patã de Baixo, Loulé, Faro, a 15 de Janeiro de 2008: 63
- Vanessa**, 8 anos, 4.º ano. **Rec:** em Vale Judeu, Loulé, Faro, a 14 de Novembro de 2005: 419
- MONCHIQUE**
- Maria de Jesus Duarte**, 92 anos, natural dos Casais, reformada, sabe ler e escrever. **Rec:** na aldeia dos Casais, Monchique, Faro, a 4 de Novembro de 2007: 581

Maria Vicência, 82 anos, natural de Portela dos Gralhos, Marmeleite, Monchique, Faro, reformada, sabe ler e escrever. **Rec:** em Marmeleite, Monchique, Faro, a 7 de Janeiro de 2005: 482

Palmira Rosa Nunes, 71 anos, natural de Monchique, doméstica, analfabeta. **Rec:** em Monchique, Faro, a 14 de Outubro de 2007: 36

Paulina da Conceição Nunes Marques, 72 anos, natural de Monchique, reformada, analfabeta. **Rec:** em Monchique, Faro, a 4 de Novembro de 2007: 26

OLHÃO

Aldina Ferreira, 80 anos, natural de Olhão. **Rec:** em Olhão, Faro, a 8 de Novembro de 2006: 399

Alfredo Costa, 76 anos, natural de Setúbal, reformado. **Rec:** em Olhão, Faro, a 4 de Dezembro de 2012: 181

Ana Cláudia, 17 anos, natural de Olhão, 12.º ano. **Rec:** em Olhão, Faro, a 15-11-06: 88, 565

Bernardo e Nuno. Ambos de 10 anos. **Rec:** na escola E.B.1 numero 4 de Olhão, Faro, a 5 de Janeiro de 2005: 591

Carla Navio, natural de Pechão, Olhão, Faro. **Rec:** em Olhão, Faro, a 10 de Janeiro de 2007: 17

Carlos Lacerna, 57 Anos, natural de Olhão. Tem a 4.ª classe e é pescador. **Rec:** em Olhão, Faro, a 12-10-2005: 450

Célia Martins, 41 anos, natural de Olhão, recepcionista, 12.º ano. **Rec:** em Olhão, Faro, a 9 de Dezembro de 2011: 272

Cristina Maria Martins Nascimento, 41 anos, natural de Alfandanga, Olhão, Faro, 6.º ano. **Rec:** na Fuseta, Olhão, Faro, a 25 de Outubro de 2006: 408, 460

Dídia Ramos, 29 anos, natural de Santiago de Maior, Beja, animadora sociocultural, 12.º ano. **Rec:** no Aldeamento de Marim, Olhão, Faro, a 5 de Janeiro de 2007: 520

Emerentina Graça, 74 anos, natural da Fuseta, Olhão, Faro, 4.ª classe. **Rec:** na Fuseta, Olhão, Faro, a 2 de Dezembro de 2006: 586

Ester Casimiro, 73 anos, natural de Olhão, Faro. **Rec:** em Olhão, Faro, a 15 de Janeiro de 2008: 487

Gregória Cristóvão, 64 anos, natural de Olhão, Faro. **Rec:** em Olhão, Faro, a 29 de Novembro de 2007: 243, 249, 352, 363

Helena Isabel Tomé Sousa, 19 anos, natural de Olhão, Faro, estudante, 12.º ano. **Rec:** em Olhão, Faro, a 8/11/2007: 89

Joana de Madureira Ramos, 19 anos, natural de Olhão, estudante universitária. **Rec:** Olhão, Faro, em 2006: 117, 274

João Luís Sousa Maria, 67 anos, natural de Quelfes, Olhão, Faro, reformado. **Rec:** em Quelfes, Olhão, Faro, a 12 de Janeiro de 2005: 401

João Manuel Menezes Moreira, 48 anos, natural de Angola. **Rec:** em Olhão, Faro, a 3 de Novembro de 2007: 506

José Manuel Correia, 48 anos, natural de Olhão, Faro, professor do 2.º ciclo, bacharelato em Educação Tecnológica. **Rec:** em Olhão, Faro, a 21 de Outubro de 2007: 197, 486

Leonel Candeias, Rec: em Olhão, Faro, a 3 de Dezembro de 2007: 51

Maria do Carmo, 72 anos, natural de Olhão, reformada, licenciada em biologia. **Rec:** Olhão, Faro, em 2006: 49, 147, 454, 494

Maria dos Anjos, 62 anos, natural de Olhão, doméstica, 4.º ano. **Rec:** em Olhão, Faro, a 9 de Dezembro de 2011: 60, 154, 281

Mariana Chumbinho, 74 anos, natural de São Domingos, Santiago do Cacém. **Rec:** em Olhão, Faro, a 14 de Janeiro de 2008: 113, 253, 261

Natalina Correia, 47 anos, natural de Olhão, Faro, doméstica, 6.º ano. **Rec:** em Olhão, Faro, a 1 de Novembro de 2007: 134

Nuno, 10 anos. **Rec:** na escola E.B.1 numero 4 de Olhão, Faro, a 5 de Janeiro de 2005: 570

Sérgio Sousa, 51 anos, natural de Olhão, Faro, técnico de publicidade, 11.º ano. **Rec:** em Olhão, Faro, a 7/11/2007: 406, 533

PORTIMÃO

Albertina Maria Oliveira das Dores do Vale, 60 anos, natural de Portimão, doméstica, 4.ª classe. **Rec:** em Portimão, Faro, em 2010: 219

Antónia Rita, 73 anos, natural de Monte Gordo, Vila Real de Santo António, Faro, reformada, 9.º ano. **Rec:** em Portimão, Faro, a 14/10/07: 244

Artur José Amador Oliveira Segurado, 36 anos, natural de Portimão, Faro, conferidor de mercadorias. **Rec:** em Portimão, Faro, a 7 de Dezembro de 2005: 222, 504, 517

José de Nascimento Tiago, 79 anos. **Rec:** em Portimão, Faro, a 26/12/2010: 327

Lucília Brás de Almeida Nora, 62 anos, natural de Ferragudo, reformada. **Rec:** em Portimão, Faro, a 10/12/2005: 564

Maria do Carmo Laranjeira Duarte, 53 anos, natural de Monchique, cozinheira e empregada de limpeza. **Rec:** Portimão, Faro, em Dezembro de 2016: 527

Maria Teresa Laranjeira Duarte, 83 anos, natural do sítio da Nave, Monchique, Faro, reformada, era costureira. **Rec:** no Alvor, Portimão, Faro, em Outubro de 2016: 165, 459

Mário Inácio, 70 anos, natural de Portimão, Faro, reformado. **Rec:** em Portimão, Faro, a 7 de Dezembro de 2005: 388, 423, 513

Sílvia Alexandra da Silva Martins do Ó, 21 anos, natural de Portimão, 2.º ano do curso de Ciências da Educação e da Formação. **Rec:** em Portimão, Faro, a 25/12/2005: 141

S. BRÁS DE ALPORTEL

Catarina Gaspar, 21 anos, estudante, reside em Odivelas. **Rec:** em São Brás de Alportel, Faro, a 19/12/2005: 287, 424

Josué Martins, 74 anos, natural de Santa Iria, Serpa, Beja, reformado, sabe ler e escrever. **Rec:** em São Brás de Alportel, Faro, a 30/12/10: 326

Noélia da Cruz Fernandes, 51 anos, natural de Moncarapacho, comerciante, 6.º ano. **Rec:** em S. Brás de Alportel, Faro, a 23 de Novembro de 2008: 23

- Noémia**, 41 anos, natural de Parises, professora primária. **Rec:** em São Brás de Alportel, Faro, a 9-11-2007: 55
- Palmira Neves Jesus Brito**, 78 anos, natural de Alportel, reformada da agricultura, 3.ª classe. **Rec:** no sítio do Alportel, S. Brás de Alportel, Faro, dia 2 de Novembro de 2007: 20, 347, 376, 411, 446
- Zeferina Pereira Lourenço**, 24 anos, natural de Tavira, empregada de mesa, 9.º ano. **Rec:** em S. Brás de Alportel, Faro, a 22 de Novembro de 2008: 462
- SILVES**
- Carlos Lapa**, 56 anos, natural de Faro. **Rec:** na Armação de Pêra, Silves, Faro, em Dezembro de 2005: 562
- Henriqueta da Conceição**, 84 anos, analfabeta. **Rec:** em Alcantarilha, Silves, Faro, a 30 de Outubro 2006: 346, 351, 367, 370
- Isabel Martins Reis**, 85 anos, natural de Perna Seca, Silves, Faro, reformada. **Rec:** em Silves, Faro, a 4 de Janeiro de 2008: 52, 80, 109, 173, 185, 275, 579, 602
- Joaquim Vitorino**, 81 anos. **Rec:** em Alcantarilha, Silves, Faro, a 14 de Novembro 2006: 139
- Lurdes Guerreiro**, 43 anos, natural de Santa Clara a Nova, empregada de andares, 9.º ano. **Rec:** em Tunes, Silves, Faro, a 6 de Novembro de 2009: 29, 329, 467
- Manuel Margarido**, 69 anos, natural de Aljezur, reformado. **Rec:** em São Bartolomeu de Messines, Silves, Faro, a 5-1-2011: 325
- Maria Domingas Lapa Pereira**, 56 anos, natural de Armação de Pêra. **Rec:** em Armação de Pêra, Silves, Faro, em Nov./Dez. de 2005: 127, 198, 227
- Maria Lucília Caliço**, 67 anos, natural de Armação de Pêra, Silves, Faro, professora aposentada do primeiro ciclo. **Rec:** em Armação de Pêra, Silves, Faro, a 18 de maio de 2011: 22
- Sr. Silva**, 65 anos. **Rec:** em Silves, Faro, a 4 de Janeiro de 2008: 10, 298, 531

TAVIRA

- Alice Baião**, 71 anos, natural de Pias, Serpa, Beja, chefe de secretaria, 9.º ano. **Rec:** em Tavira, Faro, a 17 de Janeiro de 2008: 316, 385
- Alícia Lopes**, 18 anos, natural de Santo Estêvão, Tavira, estudante. **Rec:** em Santo Estêvão, Tavira, Faro, a 9 de Janeiro de 2010: 59, 175
- Ana Dionísio**, 49 anos, natural de Santo Estêvão, Tavira, 9.º ano, cozinheira. **Rec:** em Santo Estêvão, Tavira, Faro, a 7 de Janeiro de 2010: 40
- Esmeralda da Conceição Clara**, 75 anos, 3.ª classe. **Rec:** em Santa Luzia, Tavira, Faro, a 23 de Março de 2015: 124
- Ilda Francisca**, 67 anos, natural de Várzea, Alcoutim, Faro, doméstica, analfabeta. **Rec:** em Vale de Murta, Tavira, Faro, a 3 de Dezembro de 2006: 354, 438
- Maria da Conceição Romeira**, 50 anos, natural de Tavira, Faro, cozinheira desempregada, 6.º ano. **Rec:** em Tavira, Faro, a 29/12/2004: 518
- Maria do Carmo Salvé Rainha Lopes**, 50 anos, natural de Tavira, Faro, auxiliar de lar. **Rec:** em Tavira, Faro, a 24/02/2008: 447

- Maria Fernandes**, 42 anos, natural de Monte Gordo, Vila Real de Santo António, Faro, empregada de balcão. **Rec:** em Conceição de Tavira, Tavira, Faro, a 28 de Outubro de 2007: 332
- Maria Helena Santos**, 59 anos, natural de Tavira, Faro, auxiliar de lar. **Rec:** em Tavira, Faro, a 21/02/2008: 110, 118, 187
- Mariana Cardeira**, 66 anos, natural de Graíno, Tavira, Faro, doméstica, analfabeta. **Rec:** em Graíno, Tavira, Faro, a 1 de Dezembro de 2006: 389
- Marta Alexandra Branquinho Romeira**, 19 anos, natural de Tavira, Faro, estudante. **Rec:** em Tavira, Faro, a 10 de Outubro de 2008: 311
- Natália Cardeira**, 81 anos, natural de Vale de Odre, Cachopo, Tavira, Faro, doméstica, analfabeta. **Rec:** em Vale de Odre, Cachopo, Tavira, Faro, a 1 de Dezembro de 2006: 2, 143, 226, 345
- Otilia**, **Rec:** em Cachopo, Tavira, Faro, a 04/11/2007: 57
- Salomé**, 49 anos, artesã. **Rec:** em Cachopo, Tavira, Faro, a 06/11/2007: 74

VILA DO BISPO

- Ana Maria**, natural de Monchique. **Rec:** Vila do Bispo, Faro, em 2009: 236

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

- Ana Paula Guerreiro Mendonça**, 45 anos, natural de Vila Real de Santo António, funcionária pública, 12.º ano. **Rec:** em Vila Nova de Cacela, V.R.S.A., Faro, a 27 de Dezembro de 2008: 202, 588
- Catarina Nunes**, 44 anos, natural de Vale Dos Mortos, Serpa, Beja, desempregada. **Rec:** em Manta Rota, VRSA, Faro, a 4 de Dezembro de 2010: 182
- Fernanda Mateus Pires**, 78 anos, natural de Santo Estêvão, Tavira, professora, licenciada em filologia românica. **Rec:** em Vila Real de Santo António, Faro, a 22 de Dezembro de 2008: 211
- Graziela Félix Bota**, 78 anos, natural de Vila Real de Santo António, doméstica, analfabeta. **Rec:** V.R.S.A., Faro, em 2007-2008: 369
- Graziela Félix Bota**, 78 anos, natural de Vila Real de Santo António, doméstica, analfabeta. **Rec:** V.R.S.A., Faro, em 2007-2008: 369
- João José Correia**, 86 anos, natural da Manta Rota, VRSA, Faro, reformado. **Rec:** em Manta Rota, VRSA, Faro, a 11 de Dezembro de 2010: 288, 398, 479
- João Lourenço**, 51 anos, natural da Manta Rota, VRSA, Faro, pescador. **Rec:** na Manta Rota, VRSA, Faro, a 20 de Dezembro de 2010: 344
- José Alexandre Pires**, 81 anos, natural de Portimão, Faro, ligado às pescas, estudos na escola Piaget de Casablanca, Marrocos. **Rec:** em Vila Real de Santo António, Faro, a 23 de Dezembro de 2008: 237
- José Avelino Nunes**, 76 anos, natural de Pocinho, Vila Nova de Cacela, VRSA, Faro. **Rec:** em Vila Nova de Cacela, V.R.S.A., Faro, a 5 de Novembro de 2006: 242, 268, 473, 515
- Maria Adelaide Claudino Maia**, 52 anos, natural de Manta Rota, V.R.S.A., Faro, 5.º ano. **Rec:** em Manta Rota, V.R.S.A., Faro, a 7/1/2010: 416
- Maria Adélia Pedro**, 75 anos, natural de Vila Nova de Cacela. **Rec:** na Vila Nova de Cacela, V.R.S.A., Faro, em 2006: 171, 267

Maria Helena dos Santos Chagas, 58 anos, natural da Manta Rota, V.R.S.A., Faro, 6.º ano. **Rec:** em Manta Rota, V.R.S.A., Faro, a 7/1/1010: 174, 590, 598

Maria Jesus Vicente, 64 anos. **Rec:** em Monte Gordo, V.R.S.A., Faro, a 9-1-2007: 193

Maria Natália Pereira Guerreiro, 78 anos, natural da Manta Rota, VRSA, Faro, reformada. **Rec:** em Manta Rota, VRSA, a 11 de Dezembro de 2010: 437

Maria Paula Henriques, 70 anos, natural do Funchal, Madeira, reformada, 5.º ano dos Liceus. **Rec:** em V.R.S.A., Faro, a 29 de Novembro de 2013: 250

Maria Rosa Cavaco, 68 anos, natural de Corte Sines, Mértola, Beja, reformada. **Rec:** na Manta Rota, VRSA, Faro, no dia 1 de Dezembro de 2010: 224, 337

Maria Vitória Barão, 65 anos, natural de Vila Nova de Cacela, VRSA, Faro. **Rec:** Vila Nova de Cacela, V.R.S.A., Faro, a 4 de Novembro de 2006: 130, 156, 463

Odília Romão Carro, 71 anos, natural do Azinhal, Castro Marim, Faro, doméstica, 4.ª classe. **Rec:** em Vila Real de Santo António, Faro, a 27 de Dezembro de 2011: 67

DISTRITO DE LEIRIA

ANSIÃO

Cristina Baltazar, 42 anos, natural de Avelar, Leiria, auxiliar de enfermagem, 6.º ano. **Rec:** em Avelar, Ansião, Leiria, a 8 de Novembro de 2008: 372

LEIRIA

Inês Santos, natural de Leiria, professora. **Rec:** em Maceira, Leiria, a 12 de Dezembro de 2009: 271

Ivone, 46 anos. **Rec:** Leiria, em 2006: 201

Joaquim Lisboa, 85 anos. **Rec:** na freguesia dos Milagres, Leiria, em 2006: 364, 501

Lourenço do Rosário Pereira. **Rec:** em Leiria, a 29 de Dezembro 2009: 510

Rui Almeida, 49 anos. **Rec:** Souto da Carpalhosa, Leiria, em 2006: 297

ÓBIDOS

Daniel Filipe Mocho Gomes, 10 anos, natural de Lisboa, 5.º ano. **Rec:** em Olho Marinho, Óbidos, Leiria, a 24 de Dezembro de 2003: 576

DISTRITO DE LISBOA

CASCAIS

Francisco Cabrita Anastácio, 85 anos, natural de S. Bartolomeu de Messines, Silves, Faro, trabalhador nos caminhos-de-ferro, 4.ª classe. **Rec:** num lar em S. Domingos de Rana, Cascais, Lisboa, em 2009: 69, 289, 413

LISBOA

Maria Cecília Colaço, 61 anos, natural de Angola, aposentada da Função Pública, 5.º ano dos liceus. **Rec:** na freguesia de Arroios, Lisboa, a 22 de Novembro de 2013: 145

Maria da Conceição, 44 anos, natural de Lisboa, desempregada, 12.º ano. **Rec:** em Lisboa, a 23 de Novembro de 2007: 251, 357

Maria José, 49 anos, natural de Lisboa, empregada de serviços, 12.º ano. **Rec:** em Lisboa, a 23 de Novembro de 2007: 403

VILA FRANCA DE XIRA

Germano, 65 anos, natural de Avis, Portalegre, motorista. **Rec:** em Alverca, Vila Franca de Xira, Lisboa, a 14/10/2007: 1, 27, 128, 160, 228, 420, 580

Maria, 50 anos, natural de Cabeção, Évora. **Rec:** em Alverca, Vila Franca de Xira, Lisboa, a 13/10/2007: 444

DISTRITO DE PORTALEGRE

MARVÃO

Joana Duarte Carrilho Gaspar, 75 anos, natural de Marvão, Portalegre, reformada, analfabeta. **Rec:** em Barretos, Marvão, Portalegre, a 18 de Novembro de 2017: 155, 304, 328, 362, 418, 429, 445, 465, 522, 557

MONFORTE

Rita Serrano, 21 anos, natural de Monforte, Portalegre, estudante. **Rec:** em Monforte, Portalegre, a 6 de Outubro de 2017: 180

NISA

Ana Maria Bragança Costa, professora de português. **Rec:** em Nisa, Portalegre, a 16 de Novembro de 2006: 125, 260, 425

Dulce, natural de Nisa, trabalha na Biblioteca Municipal de Nisa. **Rec:** em Nisa, Portalegre, a 20 de Novembro de 2006: 308

PONTE DE SÔR

Joaquim Manuel Varela, 39 anos, natural de Ponte de Sor, sargento da Armada, 11.º ano. **Rec:** em Galveias, Ponte de Sôr, Portalegre, a 8 de Janeiro de 2011: 341

PORTALEGRE

Maria Alegria, 48 anos, natural de Portalegre, bancária, 12.º ano. **Rec:** em Portalegre, a 19 de Novembro de 2017: 442

SOUSEL

Paulo Mileu, 22 anos, natural de Santo Amaro, Sousel. **Rec:** em Santo Amaro, Sousel, Portalegre, a 28 de Dezembro de 2006: 24, 550

DISTRITO DO PORTO

AMARANTE

Maria Carolina Sampaio Macedo, 6 anos, natural de Amarante, 1.º ano. **Rec:** em Amarante, Porto, a 8 de Dezembro de 2008: 126

Maria Joaquina Oliveira Macedo, 48 anos, natural de Amarante, doméstica. **Rec:** em Amarante, Porto, a 26 de Dezembro de 2008: 90, 258, 263, 334, 569

PORTO

José Manuel de Jesus Cerqueira, 44 anos, natural de Cedofeita, Porto, professor, licenciatura. **Rec:** na freguesia da Vitória, Porto, a 24 de Dezembro de 2009: 233

Maria Celeste de Jesus, 64 anos, natural de São Nicolau, Porto, empregada de balcão, 9.º ano. **Rec:** na freguesia da Vitória, Porto, a 24 de Dezembro de 2009: 507

VILA DO CONDE

Rita Engrácia Marques, 90 anos, natural da Junqueira, reformada, 4.º classe. **Rec:** na Junqueira, Vila do Conde, Porto, em 2007-2008: 97, 213, 540

VILA NOVA DE GAIA

Ana Janeiro de Almada, 68 anos, natural de Pias, Serpa, Beja, doméstica, 4.ª classe. **Rec:** em Vila Nova de Gaia, Porto, a 6 de Novembro de 2009: 481

DISTRITO DE SANTARÉM

ABRANTES

Maria Odete, 55 anos, natural de Abrantes. **Rec:** em Abrantes, Santarém, a 28 de Novembro de 2015: 8, 45, 76, 220, 270, 451, 493

SANTARÉM

Maria Georgina Lázaro, 68 anos. **Rec:** em Vilgateira, Santarém, a 26 de Janeiro de 2003: 600

DISTRITO DE SETÚBAL

ALMADA

Helena Coelho, 55 anos, natural da freguesia dos Anjos, Lisboa, bancária, 7.º ano dos liceus. **Rec:** em Almada, Setúbal, a 23 de Novembro de 2013: 577

Manuela Dias, 48 anos, natural de Almada, funcionária pública, bacharelato. **Rec:** em Almada, Setúbal, a 23 de Novembro de 2013: 592

Maria de Lurdes Pereira Carvidão, 69 anos, natural da freguesia de S. Paulo, Lisboa, reformada (empregada de escritório), curso comercial antigo. **Rec:** em Almada, Setúbal, a 23 de Novembro de 2013: 257

GRÂNDOLA

Joaquim Anacleto, 49 anos, funcionário público. **Rec:** em Grândola, Setúbal, a 10 de Novembro de 2010: 95

SEIXAL

Délio Lopes de Paiva, 58 anos, natural do Beato, Lisboa, professor do ensino secundário, pós-graduação. **Rec:** no concelho do Seixal, Setúbal, a 19 de Abril de 2011: 414

SETÚBAL

Clotilde Angelina Bento Pereira, 77 anos, natural de Évora, professora reformada do ensino básico. **Rec:** em Setúbal, a 28/10/2007: 77, 608

Vitória Isaías, 45 anos, reside no Castelo Ventoso, Setúbal. **Rec:** no Castelo Ventoso, Setúbal, a 27 de Dezembro de 2010: 508

DISTRITO DE VISEU

CARREGAL DO SAL

José Aberto, 70 anos, natural de Beijós, Carregal do Sal, Viseu, reformado, 4.º ano. **Rec:** em Carregal do Sal, Viseu, a 26 de Dezembro de 2009: 209, 427

CASTRO DAIRE

Maria dos Anjos, 81 anos, natural de Campo Benfeito, Castro Daire, Viseu, trabalhou toda a vida no campo, sabe ler e escrever. **Rec:** em Castro Daire, Viseu, a 20 de Setembro de 2010: 4, 9, 14, 83, 194

SANTA COMBA DÃO

Maria do Céu Matos, 78 anos, natural de Pala, Mortágua, Viseu, nunca frequentou a escola, apenas sabendo escrever o seu nome. **Rec:** em Óvoa, Santa Comba Dão, Viseu, a 24 de Abril de 2011: 455

REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES

ANGRA DO HEROÍSMO (Ilha Terceira)

Marina Meneses, 18 anos, natural de Angra do Heroísmo, estudante. **Rec:** em Angra do Heroísmo, Açores, a 03/01/2008: 546

Odete, 80 anos, natural de Angra do Heroísmo, Açores, reformada, 4.ª classe. **Rec:** em Sta. Luzia, Angra do Heroísmo, Açores, a 3 de Janeiro de 2008: 503

REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

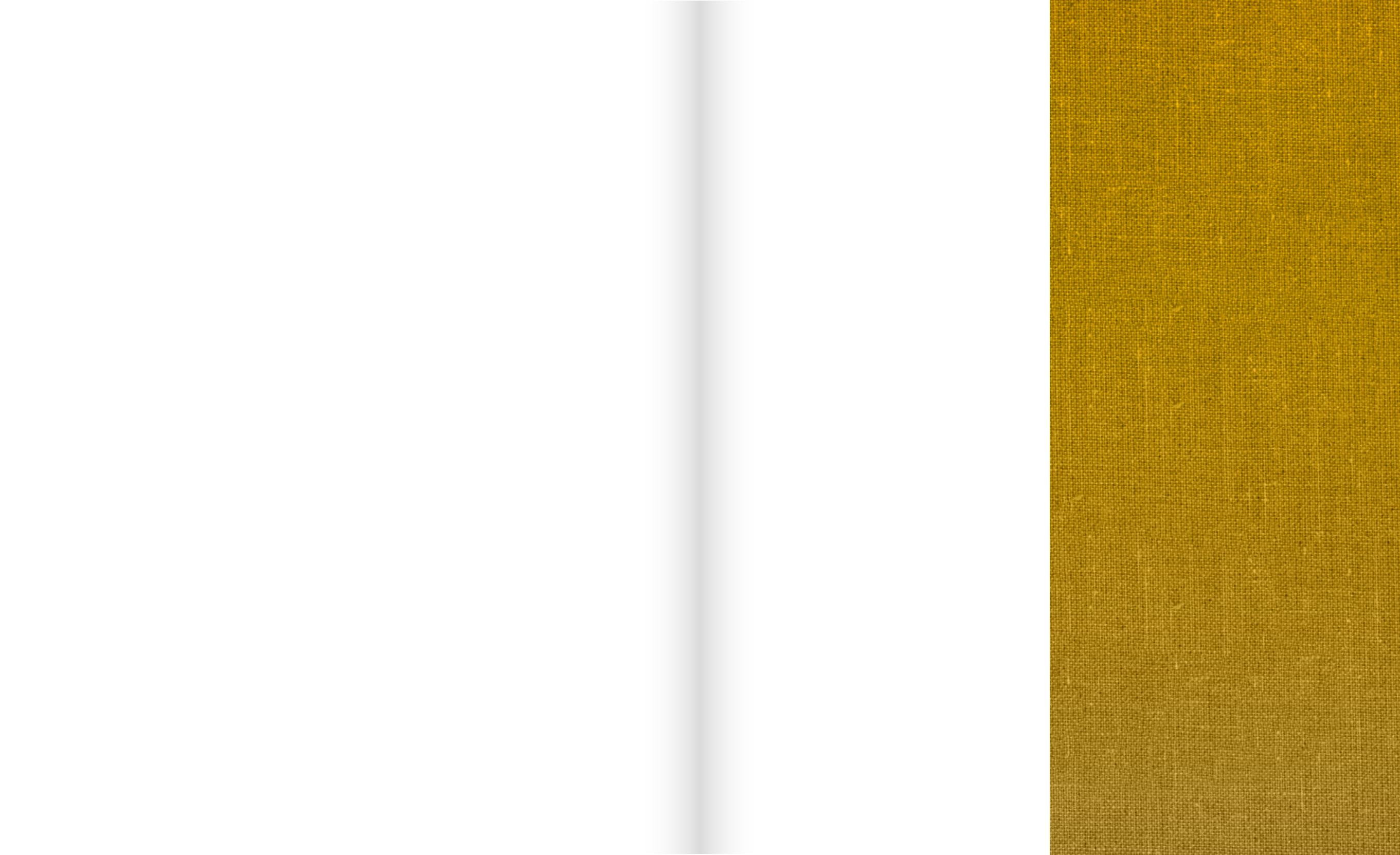
CÂMARA DE LOBOS

Maria de Jesus de Abreu, 82 anos, reformada, 1.ª classe. **Rec:** em Estreito de Camara de Lobos, Madeira, a 4 de Janeiro de 2008: 368

FUNCHAL

Joana Pereira, 22 anos, estudante universitária. **Rec:** no Funchal, Madeira, a 6 de Janeiro de 2008: 335

Maria Teresa Fernandez, 82 anos, reformada, 4.ª classe. **Rec:** no Funchal, Madeira, a 3 de Janeiro de 2008: 391



**O CONTO
TRADICIONAL
PORTUGUÊS
NO SÉC. XXI:**

**VERSÕES RECOLHIDAS
POR ESTUDANTES DA
UNIVERSIDADE DO ALGARVE**

